

AUTOR DE
QUEDA DE GIGANTES

KEN
FOLLETT



*Coluna
de Fogo*





*Coluna
de Fogo*



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande

paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

KEN
FOLLETT



*Coluna
de Fogo*



Título original: *A Column of Fire*

Copyright © 2017 por Ken Follett

Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Flávia Midori e Taís Monteiro

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Tal Goretsky

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagens de capa: Bettmann/ Getty Images (caravela)

Mike Dixon (flor)

© Victoria and Albert Museum, Londres (ramo)

foto do autor: © Olivier Favre

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F724c

Follett, Ken, 1949-

Coluna de fogo [recurso eletrônico]/ Ken Follett; tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: A column of fire

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-735-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

17-42773

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARA EMANUELE:
49 ANOS DO RAIOS DE SOL

Durante o dia o Senhor ia adiante deles, numa coluna de nuvem, para guiá-los no caminho, e de noite, numa coluna de fogo, para iluminá-los, e assim podiam caminhar de dia e de noite.

ÊXODO 13:21

ELENCO DE PERSONAGENS

Espero que você não precise disto. Toda vez que pensei que você já poderia ter esquecido um personagem, incluí um discreto lembrete sobre ele. Sei, porém, que às vezes os leitores largam um livro e só voltam a pegá-lo mais de uma semana depois. Acontece comigo também, então a pessoa pode esquecer. Assim, eis aqui uma lista dos personagens que aparecem mais de uma vez, só por garantia...

Inglaterra

Casa dos Willards

Ned Willard

Barney, seu irmão

Alice, mãe de ambos

Malcolm Fife, cavaleiro

Janet Fife, governanta

Eileen Fife, filha de Malcolm e Janet

Casa dos Fitzgeralds

Margery Fitzgerald

Rollo, seu irmão

Sir Reginald, pai de ambos

Lady Jane, mãe de ambos

Naomi, criada

Irmã Joan, tia-avó de Margery

Casa dos Shirings

Bart, visconde de Shiring

Swithin, seu pai, conde de Shiring
Sal Brendon, governanta

Os puritanos

Philbert Copley, dono de navio
Dan Copley, seu filho
Ruth Copley, filha de Philbert
Donal Gloster, escrevente
Padre Jeremiah, pároco da Igreja de São João em Loversfield
Viúva Pollard

Outros

Frei Murdo, pregador itinerante
Susannah, condessa de Brecknock, amiga de Margery e Ned
Jonas Bacon, capitão do *Hawk*
Jonathan Greenland, imediato do *Hawk*
Stephen Lincoln, padre
Rodney Tilbury, juiz

Personagens históricos reais

Maria Tudor, rainha da Inglaterra
Elizabeth Tudor, meia-irmã de Maria, posterior rainha
Sir William Cecil, conselheiro de Elizabeth
Robert Cecil, filho de William
William Allen, líder dos católicos ingleses exilados
Sir Francis Walsingham, espião-chefe

França

Família Palot

Sylvie Palot
Isabelle Palot, sua mãe
Gilles Palot, seu pai

Outros

Pierre Aumande

Visconde de Villeneuve, colega de Pierre na universidade

Padre Moineau, preceptor de Pierre

Nath, criada de Pierre

Guillaume de Genebra, pastor itinerante

Louise, marquesa de Nîmes

Luc Mauriac, negociante de cargas de navio

Aphrodite Beaulieu, filha do conde de Beaulieu

René Duboeuf, alfaiate

Françoise Duboeuf, sua jovem esposa

Marquês de Lagny, aristocrata protestante

Bernard Housse, jovem cortesão

Alison McKay, dama de companhia de Maria Stuart, rainha da Escócia

Membros fictícios da casa dos Guises

Gaston Le Pin, chefe da guarda pessoal da família Guise

Brocard e Rasteau, dois dos capangas de Gaston

Véronique

Odette, criada de Véronique

Georges Biron, espião

Personagens históricos reais

Casa dos Guises

Francisco, duque de Guise

Henrique, filho de Francisco

Carlos, cardeal de Lorena, irmão de Francisco

Os Bourbons e seus aliados

Antônio, rei de Navarra

Henrique, filho de Antônio

Luiz, príncipe de Condé

Gaspard de Coligny, almirante da França

Outros

Henrique II, rei da França
Catarina de Médici, rainha da França
Filhos de Henrique e Catarina
Francisco II, rei da França
Carlos IX, rei da França
Henrique III, rei da França
Margarida, rainha de Navarra
Charles de Louviers, assassino

Escócia

Personagens históricos reais

Maria Stuart, rainha da Escócia
James Stuart, meio-irmão ilegítimo de Maria
Jaime Stuart, filho de Maria, posteriormente rei Jaime VI da Escócia e rei
Jaime I da Inglaterra

Espanha

Família Cruz

Carlos Cruz
Tia Betsy

Família Ruiz

Jerónima
Pedro, seu pai

Outros

Arquidiácono Romero
Padre Alonso, inquisidor
Capitão Gómez Mão de Ferro

Países Baixos

Família Wolman

Jan Wolman, primo de Edmund Willard

Imke, sua filha

Família Willemsen

Albert

Betje, esposa de Albert

Drike, filha do casal

Evi, irmã viúva de Albert

Matthus, filho de Evi

Outros países

Ebrima Dabo, escravo mandê

Bella, fabricante de rum em Espanhola



PRÓLOGO

Ele foi enforcado em frente à catedral de Kingsbridge. É lá que costumam acontecer as execuções. Afinal, se não se pode matar um homem diante de Deus, é provável que não se deva matá-lo.

O representante da rainha no condado o trouxe da masmorra, no subsolo do salão da guilda, com as mãos amarradas às costas. Ele caminhou ereto, com uma expressão desafiadora e destemida no rosto pálido.

A multidão vaiou e o amaldiçoou. Ele não parecia notá-la. Mas viu a mim. Nossos olhos se encontraram, e nessa rápida troca de olhares se passou toda uma vida.

Era eu o responsável pela sua morte, e ele sabia.

Fazia décadas que eu o caçava. Ele era um malfeitor. Teria matado metade dos governantes do nosso país, inclusive a maior parte da família real, tudo num único ato de selvageria sangrenta... caso eu não o tivesse impedido.

Passei a vida inteira perseguindo esse tipo de assassino em potencial, e muitos deles já foram executados, não só por enforcamento, mas também amarrados a cavalos até serem desmembrados, depois esquartejados. Era a mais terrível das mortes, reservada a quem cometera as piores ofensas.

Sim, fiz isso muitas vezes: ver um homem morrer sabendo que fora eu, mais do que qualquer outra pessoa, que o tinha levado à justa porém pavorosa punição. Fiz isso pelo meu país, que muito estimo; por meu soberano, a quem sirvo; e por algo mais, um princípio, a crença de que cada um tem o direito de pensar o que quiser em relação a Deus.

Ele foi o último dos muitos homens que mandei para o inferno, mas me fez pensar no primeiro...

PARTE UM
1558

CAPÍTULO 1

No dia em que Ned Willard voltou para Kingsbridge, sua cidade natal, caía uma tempestade de neve.

Na cabine de uma lenta barça carregada com tecidos da Antuérpia e vinhos de Bordeaux, ele partiu de Combe Harbour subindo contra a correnteza. Quando avaliou que a embarcação enfim se aproximava de Kingsbridge, apertou mais um pouco a capa francesa em volta dos ombros, cobriu a cabeça com o capuz, saiu para o convés principal e olhou adiante.

Primeiro se frustrou: tudo o que conseguiu enxergar foi neve caindo. Mas o desejo de rever a cidade era como uma dor, e ele continuou a encarar os flocos, esperançoso. Logo a nevasca começou a amainar e seu desejo foi atendido. Um surpreendente pedaço de céu azul surgiu. Ele olhou por cima das copas das árvores próximas e avistou a torre da catedral: 124 metros de altura, como bem sabia qualquer jovem estudante de Kingsbridge. Nesse dia a neve envolvera as asas do anjo de pedra que, do alto da torre, guardava a cidade. Pintara com um branco radioso as pontas cinza-claras de suas penas. Enquanto Ned observava, um raio de sol iluminou a estátua e se refletiu na neve, como uma bênção. Então a nevasca tornou a ganhar força e o anjo sumiu de vista.

Durante algum tempo, ele não viu nada além de árvores, mas a imaginação corria solta. Ele estava prestes a reencontrar a mãe após um ano de ausência. Não diria como sentira a sua falta, pois, aos 18 anos, um homem precisava ser independente e cuidar de si.

Mas a pessoa de quem mais sentira falta era Margery. Apaixonara-se por ela no pior dos momentos, poucas semanas antes de partir de Kingsbridge para passar um ano em Calais, um porto governado pelos ingleses no litoral norte da França. Conhecia a travessa e inteligente filha de sir Reginald Fitzgerald – e gostava dela – desde que eram crianças. Quando ela crescera, sua malícia adquirira outro viés, e Ned se pegava encarando-a na igreja, sentindo a boca seca

e a respiração arfante. Hesitara em fazer mais do que olhar, pois Margery era três anos mais nova, mas ela não tivera a mesma inibição. Os dois haviam se beijado pela primeira vez no cemitério de Kingsbridge, escondidos atrás do túmulo do prior Philip, o monge que quatro séculos antes encomendara a construção da catedral. Demorado e cheio de paixão, o beijo nada tivera de infantil, e ela então rira e saíra correndo.

Mas beijaram-se de novo no dia seguinte. E, na noite anterior à partida de Ned para a França, os dois haviam confessado seu amor.

Durante as primeiras semanas, trocaram cartas de amor. Como não tinham contado aos pais o que sentiam, pois parecia prematuro, não podiam se escrever abertamente, mas Ned se abrira com o irmão mais velho, Barney, que passara a intermediar as correspondências. Porém Barney fora embora de Kingsbridge para Sevilha. Margery também tinha um irmão mais velho, Rollo, mas não confiava tanto nele. Então a comunicação cessara.

A falta de contato pouco influenciara os sentimentos de Ned. Ele sabia o que as pessoas diziam sobre o amor de juventude e sempre parava para analisar os próprios sentimentos, mas eles não mudavam. Após algumas semanas em Calais, sua prima Thérèse havia declarado que o adorava e estava disposta a fazer praticamente qualquer coisa que ele quisesse para provar isso, mas Ned não se sentira tentado. Isso o surpreendera e fizera refletir, pois nunca deixara passar a oportunidade de beijar uma garota bonita com um belo par de seios.

Mas outra coisa o incomodava agora. Após rejeitar Thérèse, Ned teve certeza absoluta de que os seus sentimentos por Margery não iriam mudar enquanto estivesse fora, mas começou a se perguntar o que aconteceria quando a visse. Seria a Margery de carne e osso tão encantadora quanto a de suas lembranças? Será que o amor que sentia sobreviveria ao reencontro?

E ela? Um ano distante era muito tempo para uma garota de 14 anos... 15 agora, claro, mas mesmo assim. Talvez os sentimentos dela tivessem perdido força com o fim da correspondência. Talvez Margery houvesse beijado outro rapaz atrás do túmulo do prior Philip. Ned ficaria muito decepcionado se ela o recebesse com indiferença. Por outro lado, mesmo que ainda o amasse, estaria o Ned real à altura das recordações dela?

A nevasca diminuiu outra vez, e ele notou que a barcaça agora atravessava os

subúrbios do lado oeste de Kingsbridge. Em ambas as margens viam-se as instalações dos ofícios que dependiam de água: tintureiros, pisoadores, fabricantes de papel, abatedouros. Como seus processos de trabalho causavam bastante mau cheiro, os aluguéis custavam mais barato naquela região.

Mais à frente surgiu a ilha dos Leprosos. O nome era antigo: havia séculos não viviam leprosos por ali. Na ponta mais próxima da ilha ficava o hospital de Caris, fundado pela freira que tinha salvado a cidade durante a Peste. Quando a barça chegou mais perto, Ned pôde ver, para além do hospital, as curvas da ponte de Merthin, que, de um lado e de outro da ilha, norte e sul, ligava-a ao continente. O amor de Caris e Merthin fazia parte da história local e era contado de geração em geração em conversas em volta da lareira no inverno.

A barça atracou no cais lotado. O lugar não parecia ter mudado muito. Cidades como Kingsbridge não se modificavam da noite para o dia, supôs Ned: catedrais, pontes e hospitais eram construídos para durar.

Ele vinha com uma bolsa pendurada no ombro e o capitão da barça lhe entregou sua única outra bagagem: um pequeno baú de madeira contendo umas poucas roupas, um par de pistolas e alguns livros. Ele pegou o baú, despediu-se e pisou no cais.

Virou-se para a sede dos negócios da família, o grande armazém de pedra construído à beira d'água. Tinha dado uns poucos passos quando ouviu uma voz escocesa familiar dizer:

– Ora, é o nosso Ned. Bem-vindo de volta!

Era Janet Fife, governanta de sua mãe. Satisfeito em vê-la, Ned abriu um largo sorriso.

– Vim justamente comprar peixe para o almoço da sua mãe – disse ela. – Vai aproveitar também.

Janet era magra feito um palito, mas adorava ver os outros bem-alimentados. Examinou-o com um olhar carinhoso.

– Está mudado – comentou. – O rosto parece mais magro, mas os ombros estão mais largos. Sua tia Blanche lhe deu comida direito?

– Sim, mas tio Dick me mandava cavar pedras com uma pá.

– Isso não é trabalho para um homem de estudo.

– Não me importo.

Janet ergueu a voz:

– Malcolm, Malcolm, veja quem está aqui!

Malcolm era o marido de Janet e cavaleiro dos Willards. Avançou mancando pelo cais: tinha levado um coice de um cavalo anos antes, quando era jovem e inexperiente. Apertou calorosamente a mão de Ned e contou:

– O velho Bolota morreu.

– Era o cavalo preferido do meu irmão.

Ned disfarçou um sorriso; era típico de Malcolm dar notícias dos animais antes de falar das pessoas.

– Minha mãe está bem?

– A senhora está em plena forma, graças a Deus – respondeu o cavaleiro. – E seu irmão também, segundo as últimas notícias que tivemos... Ele não é muito de escrever, e as cartas demoram uns dois meses para chegar da Espanha. Deixe-me ajudá-lo com a bagagem, jovem Ned.

A última coisa em que Ned pensava era ir para casa de imediato. Tinha outros planos em mente.

– Poderia levar meu baú? – pediu a Malcolm. Improvisou uma história para disfarçar: – Avise que vou à catedral agradecer pela boa viagem e que irei para casa em seguida.

– Pois não.

Malcolm se afastou mancando e Ned o seguiu mais devagar, apreciando a visão familiar dos prédios entre os quais crescera. Caía uma neve fraca. Apesar dos telhados todos brancos, no chão havia apenas uma lama escura, resultado da movimentação de pessoas e carroças. Ned passou pela célebre taberna White Horse, cenário de brigas habituais nos sábados à noite, e subiu a rua principal até a praça da catedral. Passou pelo palácio do bispo e se deteve por um momento de nostalgia em frente à escola. Pelas janelas estreitas e pontudas, pôde ver estantes de livros iluminadas por lampiões. Ali aprendera a ler e a contar, a diferenciar a hora de lutar e de fugir e a ser castigado com um feixe de gravetos de bétula sem chorar.

Do lado sul da catedral ficava o priorado. Desde que o rei Henrique VIII abolira os mosteiros, o priorado de Kingsbridge caíra num triste abandono. Exibia telhados esburacados, paredes vergadas e vegetação brotando pelas

janelas. As construções eram agora propriedade do atual prefeito, sir Reginald Fitzgerald, pai de Margery, mas ele não lhes dera nenhuma serventia.

Felizmente a catedral continuava bem-conservada, alta e robusta, o marco de pedra da cidade viva. Ned adentrou a nave pelo grande portão oeste. Iria agradecer a Deus pela boa viagem e, assim, transformar em verdade a mentira contada a Malcolm.

Como sempre, além de um lugar de culto, a igreja era também um local de trabalho: frei Murdo oferecia uma bandeja de frascos contendo terra da Palestina, que garantia ser genuína; por 1 *penny*, um homem que Ned não reconheceu vendia pedras quentes para aquecer as mãos; e Puss Lovejoy, toda trêmula num vestido vermelho, vendia o de sempre.

Ned examinou as nervuras da abóbada, que mais pareciam braços erguidos aos céus. Sempre que entrava ali, pensava nos homens e mulheres que haviam construído a catedral. Muitos eram homenageados no *Livro de Timothy*, uma história do priorado estudada pelas crianças na escola: os pedreiros Tom Builder e seu enteado Jack; o prior Philip; Merthin Fitzgerald, que, além da ponte, construíra também a torre central; e todos os trabalhadores da pedreira, as mulheres fabricantes de argamassa, os carpinteiros e vidraceiros, gente comum que realizara um feito extraordinário, superando as origens humildes para criar algo grandioso e eternamente belo.

Ned se ajoelhou por um minuto em frente ao altar. Uma boa viagem era motivo de gratidão. Mesmo na curta travessia da França até a Inglaterra, navios tinham problemas e pessoas morriam.

Mas ele não se demorou. Sua parada seguinte era a casa de Margery.

No lado norte da praça da catedral, em frente ao palácio do bispo, ficava uma taberna, a Bell Inn. Ao lado dela, uma casa estava sendo erguida e, por estar num terreno que pertencia ao priorado, Ned calculou que a obra fosse a mando do pai de Margery. Viu que seria uma construção impressionante, com janelas altas arredondadas e muitas chaminés. Aquela seria a casa mais luxuosa de Kingsbridge.

Ele continuou a subir a rua principal até o cruzamento. A atual casa de Margery ficava em uma esquina em frente ao salão da guilda, do outro lado da rua. Embora não tão imponente quanto a casa nova prometia ser, era uma

construção grande, com estrutura de madeira que ocupava um pedaço bastante considerável de terra na região mais cara da cidade.

Ned parou na soleira da porta. Passara um ano à espera daquele instante, mas, agora que se encontrava ali, seu coração estava cheio de medo.

Ele bateu.

A porta foi aberta por uma criada idosa, Naomi, que o convidou a entrar no grande salão. Apesar de conhecer Ned a vida toda, a mulher pareceu preocupada, como se ele fosse um tipo suspeito, e, quando ele perguntou por Margery, a criada respondeu que ia ver se ela estava.

Ned olhou para o quadro de Cristo na cruz pendurado acima da lareira. Havia dois tipos de obras artísticas em Kingsbridge: cenas bíblicas e retratos formais de nobres. Nas casas de franceses ricos, Ned ficara surpreso ao ver quadros de deuses pagãos, como Vênus e Baco, retratados em florestas imaginárias e trajando vestes que sempre pareciam estar caindo.

Mas ali havia algo fora do habitual. Na parede oposta à da imagem de Jesus estava pendurado um mapa de Kingsbridge. Ned nunca vira algo assim, e estudou o desenho com interesse. Mostrava claramente a divisão da cidade em quadrantes a partir da rua principal, que ia de norte a sul, e pela rua transversal, que corria de leste a oeste. A catedral e o antigo priorado ocupavam a parte sudeste; o malcheiroso bairro industrial, a parte sudoeste. Todas as igrejas estavam assinaladas, além de algumas residências proeminentes, entre elas a dos Fitzgeralds e a dos Willards. O rio formava o limite leste da cidade e então se dobrava para a esquerda. Antigamente ali ele formava também a fronteira sul, mas, graças à ponte de Merthin, a cidade se estendera, e hoje havia um grande subúrbio na outra margem.

Os dois quadros representavam bem os pais de Margery, observou Ned: o pai, político, devia ter pendurado o mapa; e a mãe, católica devota, a crucificação.

Quem adentrou o salão não foi Margery, mas seu irmão, Rollo. Mais alto do que Ned, era um belo rapaz de cabelos pretos. Apesar de terem estudado juntos na escola, nunca foram amigos: Rollo era quatro anos mais velho. Como era o menino mais inteligente da escola, Rollo fora encarregado de cuidar dos alunos mais jovens, mas Ned se recusara a considerá-lo um mestre e jamais aceitara a

sua autoridade. Para piorar, logo ficara claro que Ned era pelo menos tão inteligente quanto Rollo. Houvera desentendimentos e brigas até o rapaz mais velho partir para fazer os estudos universitários no Kingsbridge College de Oxford.

Ned tentou disfarçar a antipatia e sufocar a irritação. Educadamente, falou:

– Notei um canteiro de obras ao lado da taberna. É seu pai quem está construindo uma casa nova?

– Sim. Esta aqui é um pouco antiquada.

– Os negócios devem estar bons em Combe Harbour.

Sir Reginald era o coletor de impostos do porto. Um cargo lucrativo, para o qual Maria Tudor o nomeara em retribuição ao seu apoio para que se tornasse rainha.

– Então você voltou de Calais – disse Rollo. – Como foi?

– Aprendi muito. Meu pai construiu lá um cais e um armazém administrado pelo meu tio Dick.

Edmund, o pai de Ned, morrera fazia dez anos e, desde então, a mãe cuidava dos negócios.

– Nós despachamos minério de ferro, estanho e chumbo ingleses de Combe Harbour até Calais, e de lá eles são vendidos em toda a Europa – complementou Ned.

A operação de Calais era a base dos negócios da família Willard.

– Como a guerra afetou o porto? – quis saber Rollo.

A Inglaterra estava em guerra com a França. Mas Rollo não estava verdadeiramente preocupado. O risco à fortuna dos Willards o deixava muito satisfeito.

Ned minimizou a situação.

– Calais é bem defendida – falou, soando mais seguro do que de fato se sentia. – É cercada por fortes que a protegem desde que passou a fazer parte da Inglaterra, duzentos anos atrás. – Então ele não aguentou mais esperar: – Margery está?

– Você tem algum motivo para querer falar com a minha irmã?

A pergunta foi grosseira, mas Ned fingiu não notar. Abriu a bolsa.

– Eu trouxe um presente da França para ela – falou.

Pegou uma peça de seda lilás cintilante e cuidadosamente dobrada.

– Acho que a cor vai lhe cair bem.

– Ela não vai querer falar com você.

Ned franziu o cenho. Que história era aquela?

– Tenho certeza de que vai, sim.

– Não consigo imaginar por quê.

Ned escolheu as palavras com cuidado.

– Rollo, eu admiro sua irmã e acredito que ela goste de mim.

– Você vai perceber que as coisas mudaram durante a sua ausência, jovem

Ned – disse Rollo com um ar de superioridade.

Ned não levou a ameaça a sério. Pensou que Rollo apenas estivesse agindo com uma dissimulação maldosa.

– Por favor, pergunte a ela mesmo assim.

Rollo sorriu, o que deixou Ned preocupado. Era o mesmo sorriso que o rapaz exibia quando obtinha permissão para castigar um dos alunos mais novos na escola.

– Margery está noiva. Ela vai se casar – contou Rollo.

– O quê?

Ned o encarou, chocado e ferido, como se houvesse levado uma paulada pelas costas. Não soubera muito bem o que esperar, mas nunca tinha imaginado aquilo.

Rollo apenas o encarou com um sorriso.

Ned disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

– Com quem?

– O visconde de Shiring.

– Com Bart? – perguntou Ned.

Era impossível acreditar naquilo. De todos os rapazes do condado, Bart Shiring, bobo e sem o menor humor, era o menos propenso a conquistar o coração de Margery. A perspectiva de que ele um dia fosse virar o conde de Shiring poderia ter bastado para muitas garotas... mas não para Margery, disso Ned tinha certeza.

Ou pelo menos teria tido certeza um ano antes.

– Você está inventando isso? – indagou.

Percebeu na hora que era uma pergunta tola. Rollo podia ser dissimulado e desdenhoso, mas não era burro: não iria inventar uma história daquelas, ou passaria por bobo quando a verdade viesse à tona.

Rollo deu de ombros.

– O noivado vai ser anunciado amanhã no banquete do conde.

O dia seguinte era a Epifania do Senhor. Se o conde de Shiring daria uma festa, com certeza a família de Ned fora convidada. De modo que, se Rollo estivesse dizendo a verdade, Ned estaria lá para ouvir o anúncio.

– Ela o ama? – deixou escapar.

Por essa pergunta Rollo não esperava, e foi a sua vez de se espantar.

– Não vejo por que eu deveria conversar sobre isso com você.

A esquiva fez Ned desconfiar que a resposta fosse “não”.

– Por que você me pareceu tão evasivo?

Rollo se empertigou.

– É melhor você ir embora antes que eu me sinta obrigado a lhe dar uma surra para relembrar os velhos tempos.

Ned também se eriçou.

– Não estamos mais na escola – rebateu. – Talvez você se espante com qual de nós vai levar a surra.

Ele queria brigar e estava com raiva suficiente para não se importar com quem venceria. Mas Rollo se mostrou mais controlado. Foi até a porta e a abriu.

– Adeus – falou.

Ned hesitou. Não queria ir embora sem ver Margery. Se soubesse onde ficava o quarto dela, talvez tivesse subido correndo a escada. Mas faria papel de bobo abrindo portas de cômodos às cegas numa casa que não era a sua.

Pegou a peça de seda e tornou a guardá-la na bolsa.

– Essa história não terminou – avisou ele. – Vocês não podem mantê-la trancada para sempre. Eu vou falar com ela.

Rollo o ignorou e permaneceu parado junto à porta.

Ned estava com vontade de lhe dar um soco, mas se esforçou para reprimir o impulso: ambos agora eram homens, e ele não podia começar uma briga com tão pouca provocação. Sentia-se manipulado. Hesitou. Não conseguia pensar no que fazer. Então saiu.

– Não se apresse em voltar – disse Rollo.

Ned desceu pela rua principal a curta distância até a casa em que nascera.

A residência dos Willards ficava de frente para a fachada oeste da catedral. Ao longo dos anos, fora ampliada com anexos pouco planejados e agora se esparramava de forma desordenada por centenas de metros quadrados. No entanto, era uma casa confortável, com imensas lareiras, uma grande sala de jantar para refeições coletivas e com camas de penas de boa qualidade. Era o lar de Alice Willard, seus dois filhos, e a Avó, mãe do falecido pai de Ned.

Ned encontrou a mãe na saleta que ela usava como escritório quando não estava no armazém do cais. Alice pulou da cadeira da escrivaninha para abraçar e beijar o filho. Ele percebeu na hora que ela estava mais pesada do que um ano antes, mas decidiu não comentar.

Olhou em volta. O cômodo permanecera igual. O quadro preferido da mãe continuava na parede, um retrato de Jesus e da mulher adúltera cercados por uma multidão de fariseus hipócritas querendo apedrejá-la até a morte. Alice gostava de citar Jesus: “Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra.” Aquele era também um quadro erótico, pois a mulher tinha os seios desnudos, que outrora provocaram sonhos vívidos no jovem Ned.

Ele olhou pela janela da saleta para a praça do mercado e a elegante fachada da grande igreja, com suas longas fileiras de janelas estreitas e arcos pontudos. A catedral estivera ali todos os dias de sua vida; somente o céu mudava conforme as estações. De alguma forma, aquilo o reconfortava. Pessoas nasciam e morriam, cidades se erguiam e vinham abaixo, guerras começavam e chegavam ao fim, mas a catedral de Kingsbridge ficaria de pé até o dia do Juízo Final.

– Quer dizer que você foi à catedral agradecer? – indagou a mãe. – Que bom menino.

Ele não poderia mentir para ela.

– Fui também à casa dos Fitzgeralds – falou.

Viu um ar de decepção atravessar o semblante da mãe e emendou:

– Espero que não se importe por eu ter ido lá primeiro.

– Um pouco – reconheceu ela. – Mas eu devo me lembrar de como é ser jovem e estar apaixonado.

A mãe tinha 48 anos. Após a morte de Edmund, todos disseram que ela

deveria se casar de novo, mas o pequeno Ned, então com 8 anos, ficara apavorado com a perspectiva de ganhar um padrasto cruel. Agora já fazia dez anos que a mãe era viúva, e ele imaginava que fosse continuar assim.

– Rollo me disse que Margery vai se casar com Bart Shiring – contou Ned.

– Ai, ai. Era isso que eu temia. Pobre Ned. Lamento muito.

– Por que o pai tem o direito de dizer com quem ela deve se casar?

– Os pais esperam ter algum nível de controle. Seu pai e eu nunca tivemos de nos preocupar com isso. Eu nunca tive uma filha mulher... que tenha sobrevivido.

Ned sabia. Antes de Barney, a mãe dera à luz duas meninas. Ned visitara as duas pequenas lápides no cemitério do lado norte da catedral.

– Uma mulher precisa amar o marido – contestou ele. – A senhora não teria forçado uma filha sua a se casar com um homem grosseiro feito Bart.

– Não, imagino que não.

– Qual é o problema com essa gente?

– Sir Reginald acredita em hierarquias e autoridade. Acha que o trabalho dos membros do conselho municipal é tomar decisões e depois aplicá-las. Quando seu pai era prefeito, dizia que os membros do conselho deveriam governar a cidade servindo a ela.

– Parecem duas formas de dizer a mesma coisa – falou Ned, impaciente.

– Mas não são – garantiu a mãe. – Estão a mundos de distância.

ii

– Não vou me casar com Bart Shiring! – disse Margery Fitzgerald à mãe.

A moça estava abalada e com raiva. Passara doze meses esperando que Ned voltasse, pensando nele todo santo dia, ansiando por rever aquele sorriso irônico e os olhos castanho-dourados. Agora ficara sabendo pelos criados que ele voltara a Kingsbridge e fora até a sua casa, mas ninguém a avisara e Ned fora embora! Estava uma fera com a família por ser enganada desse jeito. A frustração era tanta que ela chorava copiosamente.

– Não estou pedindo que se case com o visconde de Shiring hoje – disse lady Jane. – Apenas vá lá e converse com ele.

As duas estavam no quarto de Margery. Em um dos cantos ficava o genuflexório onde a moça se ajoelhava duas vezes ao dia, de frente para o crucifixo na parede, e orava usando um rosário de contas de marfim. O restante do quarto era puro luxo: cama de baldaquino com colchão de penas e cortinas de cores vivas, um grande baú de carvalho entalhado para seus muitos vestidos, uma tapeçaria retratando uma cena de floresta.

Ao longo dos anos, aquele cômodo testemunhara muitas discussões suas com a mãe. Só que Margery agora era uma mulher feita. Embora mignon, era um pouco mais alta e encorpada do que a mãe, pequena e temperamental, e já não considerava evidente que a briga terminasse em vitória para lady Jane e humilhação para ela.

– De que adianta isso? – indagou. – Ele veio aqui me cortejar. Se eu conversar com ele, vai se sentir encorajado. E ficar mais bravo ainda quando perceber a verdade.

– Você pode ser educada.

Margery não queria falar sobre Bart.

– Como pôde não me avisar que Ned esteve aqui? – questionou. – Foi desonesto.

– Eu só soube quando ele já tinha ido embora! Rollo foi o único que o viu.

– Rollo fez o que a senhora mandou.

– Os filhos devem fazer o que os pais mandam – justificou a mãe. – Você conhece o mandamento: “Honra teu pai e tua mãe.” É o seu dever perante Deus.

Margery passara a vida inteira esforçando-se para entender aquilo. Sabia que Deus desejava que fosse obediente, mas ela possuía um temperamento decidido e rebelde, como tantas vezes haviam lhe dito, e achava extraordinariamente difícil ser boa. Quando isso lhe era assinalado, porém, sempre reprimia a própria índole e se tornava dócil. A vontade de Deus era mais importante do que qualquer outra coisa, disso ela sabia.

– Desculpe, mãe – corrigiu-se.

– Vá conversar com Bart – ordenou lady Jane.

– Está bem.

– Mas se penteie primeiro, meu bem.

Margery teve um último lampejo de desafio.

– Meu cabelo está bom assim – falou e, antes que a mãe pudesse retrucar, retirou-se do quarto.

Bart estava no salão, usando calças amarelas novas. Provocava um dos cães, oferecendo-lhe um pedaço de presunto e retirando-o no último instante, antes que fosse pego.

Lady Jane seguiu Margery escada abaixo e disse:

– Leve lorde Shiring até a biblioteca e mostre-lhe os livros.

– Ele não tem interesse por livros – disparou a moça.

– Margery!

– Eu gostaria de ver os livros – disse Bart.

Margery deu de ombros.

– Venha comigo, por favor – pediu ela, seguindo na frente até o cômodo ao lado.

Deixou a porta aberta, mas a mãe não se juntou a eles.

Os livros do pai estavam arrumados em três prateleiras.

– Meu Deus, quantos livros vocês têm! – exclamou Bart. – Um homem poderia passar a vida inteira lendo todos eles.

Havia uns cinquenta volumes ao todo, mais do que em geral se via fora de uma universidade ou biblioteca de catedral, e os livros eram sinal de riqueza. Alguns eram em latim ou francês.

Margery se esforçou para fazer as honras da casa. Pegou um volume em inglês.

– Este aqui é *O passatempo do prazer* – disse ela. – Pode ser que lhe interesse.

Ele a encarou com lascívia e chegou mais perto.

– O prazer é um ótimo passatempo.

Pareceu satisfeito com o próprio gracejo. Ela recuou.

– É um longo poema sobre a educação de um cavaleiro.

– Ah.

Bart perdeu o interesse. Foi percorrendo a estante com os olhos até selecionar *O livro da culinária*.

– Este aqui é importante – falou. – Uma mulher precisa se certificar de que o marido se alimente bem, a senhorita não acha?

– Claro.

Margery se esforçava para pensar num tema para conversar. Pelo que Bart se interessava? Pela guerra, talvez.

– As pessoas estão culpando a rainha pela guerra contra a França – tentou ela.

– Por que seria culpa dela?

– Dizem que Espanha e França estão disputando territórios na Itália, um conflito que nada tem a ver com a Inglaterra, em que nós só estamos envolvidos porque nossa rainha Maria é casada com o rei Filipe da Espanha e precisa apoiá-lo.

Bart assentiu.

– Uma mulher deve ser conduzida pelo marido.

– É por isso que uma moça precisa escolher com muito cuidado.

O significado desse comentário passou despercebido por Bart. Margery seguiu falando:

– Há quem diga que nossa rainha não deveria ter se casado com um monarca estrangeiro.

Bart se cansou do assunto.

– Não vamos conversar sobre política. As mulheres devem deixar esses assuntos para os maridos.

– As mulheres têm tantos deveres para com os maridos... – comentou Margery, certa de que Bart não iria notar a ironia. – Precisamos reconfortá-los, ser conduzidas por eles e deixar a política ao seu encargo... Que bom que não tenho marido. A vida é mais simples assim.

– Mas toda mulher precisa de um homem.

– Vamos falar de outra coisa.

– Estou falando sério.

Bart fechou os olhos, concentrou-se, então se lançou num discurso curto ensaiado.

– A senhorita é a mulher mais linda do mundo e eu a amo. Por favor, case-se comigo.

A reação de Margery foi visceral.

– Não!

Bart ficou atônito. Não soube o que dizer. Sem dúvida esperava outra resposta. Após um momento, falou:

– Mas a minha esposa um dia será condessa!

– E o senhor precisa se casar com uma moça que deseje isso de todo o coração.

– A senhorita não deseja?

– Não.

Estava tentando não ser grosseira demais, porém era difícil: o rapaz não entendia as indiretas.

– Bart, o senhor é forte e belo, e tenho certeza de que é corajoso também, mas eu jamais poderia amá-lo.

Ned lhe passou pela cabeça: com ele, Margery nunca se pegava tentando pensar num assunto para manter a conversa.

– Vou me casar com um homem inteligente e sensível, que deseje que a esposa seja mais do que a chefe de seus serviçais.

Pronto, pensou: isso nem mesmo Bart pode deixar de entender.

Ele se moveu com uma rapidez surpreendente e a agarrou pelos braços. Segurou-a com força.

– Mulheres gostam de ser dominadas – falou.

– Quem lhe disse isso? Eu não, acredite!

Ela tentou se desvencilhar, mas não conseguiu. Ele puxou-a para si e a beijou.

Em outro dia, Margery poderia apenas ter virado o rosto. Beijos não machucavam. Mas ainda estava triste e amargurada por ter perdido a visita de Ned. A mente estava tomada por pensamentos sobre o que poderia ter acontecido: como poderia tê-lo beijado, tocado seus cabelos, puxado o corpo dele contra o seu. A presença imaginária de Ned era tão forte que o abraço de Bart a repugnou a ponto de lhe causar pânico. Sem pensar, ela lhe deu uma joelhada nos testículos com o máximo de força que conseguiu.

Ele rugiu de dor e estupefação, soltou-a e se dobrou, grunhindo, com os olhos bem fechados e as mãos entre as pernas.

Margery correu até a porta, mas, antes que a alcançasse, a mãe entrou na biblioteca; era óbvio que estava escutando.

Lady Jane olhou para Bart, entendeu na mesma hora o que acontecera, virou-se para Margery e sentenciou:

– Sua criança tola!

– Não vou me casar com esse bruto! – exclamou Margery.

O pai entrou. Era um homem alto de cabelos pretos como Rollo, mas, ao contrário do filho, tinha muitas sardas. Com uma voz fria, afirmou:

– Você vai se casar com quem seu pai escolher.

A ameaça a assustou. Começou a desconfiar que subestimara a determinação dos pais. Era um erro deixar-se levar pela indignação. Tentou se acalmar e pensar de maneira lógica.

Ainda com paixão, mas agora mais controlada, falou:

– Eu não sou nenhuma princesa! Somos ricos, mas não somos nobres. Meu casamento não seria uma aliança política. Eu sou filha de comerciante. Pessoas como nós não fazem casamentos arranjados.

Isso deixou sir Reginald vermelho de raiva.

– Eu sou cavaleiro!

– Mas não conde!

– Assim como Bart, sou descendente de Ralph Fitzgerald, que se tornou conde de Shiring dois séculos atrás. Ralph Fitzgerald era filho de sir Gerald e irmão do Merthin que construiu a ponte. O sangue da nobreza corre em minhas veias.

Consternada, Margery viu que enfrentava não apenas a determinação do pai, mas também seu orgulho. Não sabia como derrotar essa combinação. Sua única certeza era que não podia demonstrar temor.

Virou-se para Bart. Ele certamente não gostaria de desposar uma noiva rebelde.

– Perdoe-me, lorde Shiring, mas vou me casar com Ned Willard.

Sir Reginald ficou pasmo.

– Pela Santa Cruz, não vai mesmo.

– Estou apaixonada por ele.

– Você é jovem demais para estar apaixonada por quem quer que seja. E os Willards são praticamente protestantes!

– Eles vão à missa, como todo mundo.

– Mesmo assim, você vai se casar com o visconde de Shiring.

– Não vou, não – respondeu ela com uma voz baixa porém firme.

Bart estava se recuperando.

– Sabia que ela iria dar trabalho – balbuciou.

– Ela só precisa de alguém com a mão firme – retrucou sir Reginald.

– Ela precisa é de um açoite.

Lady Jane interveio:

– Pense, Margery. Um dia você será condessa e o seu filho será conde!

– Vocês só ligam para isso, não é? – disse Margery. Ouviu a própria voz ficar mais alta até se transformar num berro desafiador, mas não conseguiu parar. – Só querem que seus netos sejam aristocratas!

Pela expressão no rosto dos pais, teve certeza de que encontrara a verdade.

– Bom, não vou ser uma égua reprodutora só porque vocês têm ilusões de nobreza – arrematou com desprezo.

Assim que terminou de falar, soube que fora longe demais. A ofensa tocara o ponto fraco do pai. Sir Reginald tirou o cinto.

Margery recuou, com medo, e acabou imprensada contra a escrivaninha. O pai a segurou pela nuca com a mão esquerda. Ela viu a fivela de bronze e ficou tão assustada que gritou.

Sir Reginald a fez se curvar sobre a mesa. Ela se contorceu desesperada, mas ele era forte demais e a conteve com facilidade.

– Lorde Shiring, retire-se, por favor – pediu a mãe, o que a assustou mais ainda.

Assim que a porta bateu, ela ouviu o cinto zunir. A correia a acertou na parte de trás das coxas. Seu vestido era fino demais para protegê-la. Ela tornou a gritar, agora de dor. Foi açoitada uma segunda vez, depois uma terceira.

Então a mãe interferiu:

– Reginald, acho que já chega – disse ela.

– Quem poupa a vara estraga o filho – retrucou o pai de Margery.

Era um ditado tristemente conhecido: todo mundo acreditava que os castigos físicos eram bons para as crianças, exceto elas mesmas.

Lady Jane tornou a falar:

– Na verdade, o provérbio da Bíblia diz outra coisa: “Quem se nega a

castigar seu filho não o ama; quem o ama não hesita em discipliná-lo.” Refere-se a meninos, não meninas.

Sir Reginald contrapôs um versículo diferente.

– Outro provérbio bíblico diz “Não evite disciplinar a criança”, não diz?

– Mas ela não é mais uma criança. Além disso, ambos sabemos que essa abordagem não funciona com Margery. Puni-la só vai torná-la mais teimosa.

– Então o que você propõe?

– Deixe que eu cuide disso. Vou conversar com ela quando tiver se acalmado.

– Muito bem – disse sir Reginald.

Margery pensou que tivesse acabado, porém o cinto tornou a zunir, fazendo arder suas pernas já doloridas, e ela deu outro grito. Mas imediatamente depois disso ouviu as botas do pai pisarem o chão com firmeza e saírem do recinto, e então o castigo tinha chegado ao fim.

iii

Ned estava certo de que veria Margery no banquete do conde de Swithin. Os pais não poderiam mantê-la trancafiada. Seria como anunciar que havia algo errado. Todo mundo ficaria especulando sobre o motivo da ausência da moça.

Os sulcos escavados na lama pelas rodas das carroças estavam duros, congelados, e o pônei fêmea de Ned avançava devagar pela superfície traiçoeira. O calor do animal aquecia o corpo dele, mas as mãos e os pés estavam dormentes de frio. Ao seu lado, a mãe montava uma égua de ancas largas.

A residência do conde de Shiring, New Castle, ficava a quase 20 quilômetros de Kingsbridge. A viagem levaria quase metade daquele curto dia de inverno e deixou Ned louco de impaciência. Precisava encontrar Margery, não só porque ansiava por vê-la, mas também para descobrir que diabo estava acontecendo.

New Castle surgiu ao longe mais à frente. Era uma fortaleza medieval de mais de 150 anos, e o conde construíra uma residência nas ruínas dela fazia quatro anos. As muralhas remanescentes, feitas da mesma pedra cinza da catedral de Kingsbridge, estavam enfeitadas com fitas e grinaldas de névoa congelada. Quando eles se aproximaram, Ned ouviu ruídos de festa a flutuar

pelo ar gélido: risadas, saudações feitas aos gritos e uma banda típica da zona rural formada por um tambor grave, uma rabeca animada e flautas de assobio esganiçado. O som trazia consigo a promessa de grandes fogueiras, comida quente e uma bebida para animar.

Impaciente para chegar e pôr fim à sua incerteza, bateu os pés na montaria para fazê-la trotar. Margery poderia estar apaixonada por Bart Shiring? Será que iria se casar com ele?

A estrada os conduziu direto à entrada do castelo. Gralhas patrulhavam os muros e grasnavam de forma malévola para os visitantes. A ponte levadiça ruíra fazia tempos e o fosso fora aterrado, mas ainda restavam seteiras na guarita do portão. Ned passou por elas e adentrou o pátio ruidoso, coalhado de convidados com roupas vistosas, cavalos, carroças e os atarefados criados do conde. Ned confiou seu pônei a um cavaleiro e se juntou à multidão que avançava em direção à casa.

Não viu Margery.

Na extremidade oposta do pátio ficava a mansão nova, feita de tijolos e unida às construções antigas do castelo, tendo uma capela em um dos lados e a cervejaria no outro. Ned estivera ali uma vez, mas tornou a se maravilhar com as linhas de grandes janelas e as fileiras de múltiplas chaminés. Era a maior casa do condado, mais imponente do que as residências dos mais abastados comerciantes de Kingsbridge, embora talvez houvesse outras maiores ainda em Londres, cidade que nunca visitara.

Por ter se oposto ao rompimento de Henrique VIII com o papa, o conde de Swithin perdera status durante o reinado desse monarca, mas sua fortuna tinha se recuperado fazia cinco anos, quando a católica fervorosa Maria Tudor se tornara rainha. Swithin era agora outra vez privilegiado, rico e poderoso. Aquele banquete prometia ser esplêndido.

Ned adentrou a casa por um imenso salão com pé-direito duplo. As janelas muito altas deixavam o espaço iluminado mesmo naquele dia de inverno. As paredes eram revestidas de carvalho envernizado e delas pendiam tapeçarias com cenas de caça. Lenha ardia dentro de duas imensas lareiras em cantos opostos do comprido recinto. Na galeria que margeava três das quatro paredes, a banda que ele escutara da rua tocava de forma animada. Bem alto na quarta parede estava

pendurado um retrato do pai do conde de Swithin segurando um cetro como símbolo de poder.

Alguns convidados se entretinham numa dança animada em grupos de oito: de mãos dadas, as pessoas formavam rodas, giravam, em seguida paravam e começavam a pular para dentro e para fora do círculo. Outras conversavam em pequenos grupos, levantando a voz para se fazerem ouvir apesar da música e do barulho dos dançarinos. Ned pegou um cálice de madeira cheio de sidra quente e correu os olhos pelo salão.

Um grupo se mantinha afastado da dança: o dono de navio Philbert Cobley e sua família, todos trajando cinza e preto. Os protestantes de Kingsbridge eram um grupo parcialmente secreto: todos sabiam que eles existiam e podiam apontar quem eram, mas ninguém comentava nada a respeito. Mais ou menos como acontecia com os homens que amavam outros homens, pensou Ned. Os protestantes não proclamavam suas crenças porque seriam torturados até renunciarem a elas ou queimados na fogueira caso se recusassem. Quando eram perguntados sobre a religião, davam respostas evasivas. Iam às missas católicas como a lei obrigava, mas aproveitavam cada oportunidade possível para se oporem a canções indecentes, padres bêbados e vestidos decotados. E não havia nenhuma lei contra roupas sem graça.

Ned conhecia quase todo mundo ali. Os convidados mais jovens eram os meninos com quem estudara na escola e as meninas de quem puxava o cabelo aos domingos, depois da igreja. E as gerações mais velhas das famílias abastadas do local viviam entrando e saindo da casa de sua mãe.

Na busca por Margery, seu olhar recaiu num desconhecido: um homem de nariz comprido, beirando os 40 anos, com cabelos num tom médio de castanho que já recuavam na testa e a barba cuidadosamente aparada no formato pontudo ditado pela moda. Baixo, magro e com músculos definidos, usava um casaco vermelho-escuro caro, porém sem ostentação. Conversava com o conde de Swithin e sir Reginald Fitzgerald, e Ned se espantou com a linguagem corporal dos dois magnatas da região. Embora estivesse óbvio que não gostavam daquele distinto visitante – Reginald tinha o corpo inclinado para trás e os braços cruzados, enquanto Swithin estava parado com as pernas afastadas e as mãos no quadril –, ambos o escutavam com atenção.

Os músicos encerraram um número com um floreio e, nesse silêncio relativo, Ned se dirigiu ao filho de Philbert Copley, Daniel, um rapaz gordo de rosto redondo, uns dois anos mais velho do que ele.

– Quem é aquele ali? – perguntou, apontando para o desconhecido de casaco vermelho.

– Sir William Cecil. Ele administra as propriedades da princesa Elizabeth.

Elizabeth Tudor era a meia-irmã mais nova da rainha Maria.

– Já ouvi falar nele – disse Ned. – Não foi secretário de Estado por um tempo?

– Isso mesmo.

Na época, Ned era jovem demais para acompanhar a política de perto, mas se lembrava de ter ouvido o nome de Cecil dito com admiração pela mãe. Cecil não era católico o bastante para o gosto da rainha Maria, de forma que ela o dispensara assim que subira ao trono e ele agora tinha a tarefa menos grandiosa de cuidar das finanças de Elizabeth.

Mas o que ele estava fazendo ali?

A mãe de Ned iria querer saber sobre Cecil. Visitantes sempre traziam novidades, e Alice era obcecada por novidades. Sempre ensinara aos filhos que a informação certa podia garantir a fortuna de um homem... ou evitar sua ruína. Mas na hora em que Ned olhou em volta à procura da mãe, viu Margery e se esqueceu de William Cecil no mesmo instante.

Ficou surpreso com a aparência da moça. Margery parecia não um, mas cinco anos mais velha. Seus cabelos castanho-escuros e encaracolados estavam presos num penteado rebuscado e encimados por uma boina masculina com uma pena de cor forte. A pequena gola branca franzida parecia iluminar seu rosto. Ela era uma mulher pequena, mas não magra, e o corpete rígido do vestido de veludo azul na última moda não conseguia de todo esconder o corpo deliciosamente arredondado. O rosto era expressivo como sempre. Ela sorriu, arqueou as sobrancelhas, inclinou a cabeça e fez cara de surpresa, incompreensão, desdém e deleite. Ned se pegou encarando-a exatamente como no passado. Por alguns instantes, foi como se não houvesse mais ninguém no salão.

Despertou do transe e começou a abrir caminho até ela.

Margery o viu se aproximar. Seu semblante se acendeu de prazer, o que o

deixou fascinado. Então sua expressão mudou mais rápido do que o clima num dia de primavera, anuviando-se de preocupação. Conforme ele se aproximava, ela arregalou os olhos com temor, como se lhe dissesse para se afastar, mas ele a ignorou. Precisava conversar com ela.

Ned abriu a boca, mas quem falou primeiro foi ela:

– Siga-me na hora da caça ao cervo – sussurrou em voz baixa. – Não diga nada agora.

Caça ao cervo era uma brincadeira de esconde-esconde praticada pelos jovens nas festas. Ned se animou com o convite. Mas não queria se afastar dela sem pelo menos algumas respostas.

– Você está apaixonada por Bart Shiring? – perguntou.

– Não! Agora vá embora... Conversaremos mais tarde.

Ned ficou felicíssimo, mas não havia terminado ainda.

– Vai se casar com ele?

– Não enquanto tiver fôlego para mandá-lo para o inferno.

Ned sorriu.

– Certo. Agora posso ser paciente.

Ele se afastou feliz.

iv

Rollo observou alarmado a interação da irmã com Ned Willard. A conversa não durou muito, mas foi intensa. Ele ficou preocupado. Ficara escutando atrás da porta da biblioteca na véspera, quando Margery apanhara do pai, e concordava com a mãe em que a punição só deixava a irmã ainda mais obstinada.

Não queria que ela se casasse com Ned. Rollo sempre antipatizara com o rapaz, mas esse era o menor dos problemas. O mais importante era que os Willards mantinham uma postura tolerante em relação ao protestantismo. Haviam ficado bastante satisfeitos quando o rei Henrique se voltara contra a Igreja Católica. Era bem verdade que não pareceram muito incomodados quando a rainha Maria revertera o processo, fato esse que também ofendia Rollo. Ele não suportava gente que não levava a religião a sério. A autoridade eclesiástica deveria significar tudo para eles.

Quase tão importante quanto isso era que um casamento com Ned Willard não traria nenhum benefício para o prestígio dos Fitzgeralds: seria apenas uma aliança entre duas prósperas famílias de comerciantes. Mas Bart Shiring os faria entrar para a nobreza. Para Rollo, o prestígio da família Fitzgerald importava mais do que tudo, exceto talvez a vontade de Deus.

A dança terminou e os empregados do conde trouxeram tábuas e cavaletes para montar uma mesa em formato de T, com a cabeça ocupando uma das extremidades do salão e a haste tomando todo o comprimento. Logo depois começaram a pôr a mesa. Trabalhavam de modo um tanto descuidado, jogando cálices de barro e pães de qualquer maneira sobre a toalha branca, pensou Rollo. Devia ser porque não havia nenhuma mulher no comando da casa: a condessa morrera fazia dois anos e Swithin não tornara a se casar.

Um criado abordou Rollo.

– Mestre Fitzgerald, seu pai o chama. Ele está na saleta do conde.

O homem conduziu Rollo até um recinto adjacente mobiliado com uma escrivaninha e uma prateleira de livros-caixa, evidentemente o local em que Swithin conduzia seus negócios.

O conde estava sentado numa cadeira imensa que era quase um trono. Como Bart, o filho, era um homem bonito e alto, embora muitos anos de boa comida e farta bebida houvessem alargado sua cintura e avermelhado seu nariz. Quatro anos antes, ele perdera quase todos os dedos da mão esquerda na Batalha de Hartley Wood. Não fazia o menor esforço para esconder a deficiência; na verdade, parecia se orgulhar dela.

Junto de Swithin, o magro e sardento sir Reginald, pai de Rollo, parecia um leopardo ao lado de um urso.

Bart Shiring também estava presente e, para consternação de Rollo, Alice e Ned Willard os acompanhavam.

William Cecil estava sentado num banco baixo em frente aos seis moradores locais, mas, apesar do simbolismo da disposição dos assentos, Rollo pensou que Cecil parecia comandar a reunião.

– Importa-se que meu filho se junte a nós? – indagou Reginald a Cecil. – Ele frequentou a Universidade de Oxford e estudou direito em Gray's Inn, em Londres.

– Alegria-me a presença da nova geração – respondeu Cecil, afável. – Faço meu próprio filho participar das reuniões, apesar de ele ter só 16 anos. Quanto mais cedo começam, mais depressa aprendem.

Rollo reparou que Cecil tinha três verrugas na bochecha direita e que a barba castanha começava a ficar grisalha. Ele fora um cortesão poderoso durante o reinado de Eduardo VI, quando ainda tinha 20 e poucos anos, e, embora ainda não houvesse completado 40, exibia a atitude experiente e segura de um homem bem mais velho.

O conde de Swithin se remexeu, impaciente.

– Sir William, tenho uma centena de convidados no salão. É melhor me falar o que tem para dizer de tão importante a ponto de me tirar da minha própria festa.

– Imediatamente, conde – respondeu Cecil. – A rainha não está grávida.

Rollo deixou escapar um grunhido de surpresa e consternação.

A rainha Maria e o rei Filipe estavam desesperados por herdeiros para suas duas coroas, a da Inglaterra e a da Espanha. Só que, ocupados com o governo de reinos tão distantes um do outro, os dois quase não passavam tempo juntos. Assim, houvera comemorações nos dois países quando Maria anunciara estar esperando um filho para março seguinte. Obviamente, algo tinha dado errado.

– Isso já aconteceu antes – comentou sir Reginald, soturno.

Cecil aquiesceu.

– É a segunda gravidez falsa dela.

Swithin adotou um ar atônito.

– Falsa? – repetiu. – Do que se trata?

– Não houve aborto espontâneo – disse Cecil, solene.

– Ela quer tanto um bebê que se convence de que está grávida quando na verdade não está – explicou Reginald.

– Entendo – disse Swithin. – Estupidez feminina.

O comentário fez Alice Willard dar um muxoxo de desdém, mas Swithin não se abalou.

– Precisamos encarar a probabilidade de que nossa rainha jamais dê à luz uma criança – anunciou Cecil.

As consequências daquele fato giravam como um turbilhão na cabeça de

Rollo. O tão desejado filho da católica fervorosa Maria e do igualmente devoto rei da Espanha teria sido criado na fé católica e com certeza favoreceria famílias como os Fitzgeralds. Contudo, se Maria morresse sem herdeiros, a situação seria diferente.

Cecil já compreendia isso havia muito tempo, supôs Rollo.

– A transição para um novo monarca é um momento perigoso para qualquer país – disse Cecil.

Rollo teve de reprimir uma sensação de pânico. A Inglaterra poderia retornar ao protestantismo... e tudo o que a família Fitzgerald conquistara nos últimos cinco anos cairia por terra.

– Quero planejar uma sucessão suave, sem derramamento de sangue – prosseguiu Cecil num tom sensato. – Vim aqui falar com os senhores, três poderosos líderes de província, o conde, o prefeito de Kingsbridge e a principal negociante da cidade, para lhes pedir que me ajudem.

Ele soava como um funcionário zeloso fazendo planos cuidadosos, mas Rollo já podia ver que na verdade era um perigoso revolucionário.

– E como poderíamos ajudá-lo? – indagou Swithin.

– Jurando apoio à minha senhora, Elizabeth.

– Está supondo que Elizabeth vá herdar o trono? – perguntou Swithin num tom desafiador.

– Henrique VIII deixou três filhos – falou Cecil num tom pedante, afirmando o óbvio. – Eduardo VI, o rei-menino, morreu antes de conseguir gerar herdeiros, de modo que a filha mais velha de Henrique, Maria Tudor, se tornou rainha. A lógica é inelutável. Se Maria morrer sem filhos, como o rei Eduardo, a pessoa seguinte na linha de sucessão é a outra filha de Henrique, Elizabeth Tudor.

Rollo decidiu que estava na hora de se pronunciar. Não podia permitir que aquela insanidade fosse dita assim, sem contestação, e ele era o único advogado presente. Tentou falar num tom tão baixo e racional quanto Cecil, mas, apesar do esforço, pôde ouvir o tom de alarme na própria voz.

– Elizabeth é ilegítima! – afirmou. – Henrique nunca chegou a se casar com a mãe dela. O papa jamais autorizou o divórcio dele da primeira esposa.

– Bastardos não podem herdar nem bens nem títulos, todo mundo sabe disso – acrescentou Swithin.

Rollo se encolheu. Chamar Elizabeth de bastarda era uma grosseria desnecessária para com seu conselheiro. Infelizmente, os maus modos eram típicos de Swithin. Mas ele sentia que era difícil antagonizar o seguro e controlado Cecil. O homem podia não gozar do mesmo prestígio de antes, mas ainda conservava um ar de certeza quanto a seu poder.

Cecil ignorou a incivilidade.

– O divórcio foi ratificado pelo Parlamento inglês – afirmou, insistindo de forma educada.

– Ouvi dizer que ela tem tendências protestantes – disse Swithin.

O cerne da questão era esse, pensou Rollo.

– Ela me disse, muitas vezes, que se um dia se tornasse rainha, seu desejo mais sincero era que nenhum inglês perdesse a vida por causa daquilo em que acredita – garantiu Cecil, sorrindo.

– Isso é bom sinal – interveio Ned Willard. – Ninguém quer ver mais gente arder na fogueira.

Um comentário típico dos Willards, pensou Rollo: qualquer coisa por uma vida tranquila.

O conde de Swithin também se irritou com a resposta vaga.

– Ela é católica ou protestante? – perguntou. – Tem de ser um ou outro.

– Pelo contrário – respondeu Cecil. – Seu credo é a tolerância.

Swithin ficou indignado.

– Tolerância? – indagou, com desprezo. – Em relação à heresia? À blasfêmia? À impiedade?

A indignação de Swithin era justificada, avaliou Rollo, porém não venceria um argumento jurídico. A Igreja Católica tinha a própria opinião quanto a quem deveria ser o próximo monarca da Inglaterra.

– Aos olhos do mundo, a verdadeira herdeira do trono seria outra pessoa: Maria, rainha da Escócia.

– Certamente que não – contrapôs Cecil, que na certa previra aquilo. – Maria Stuart é apenas sobrinha-neta de Henrique VIII, enquanto Elizabeth Tudor é sua filha.

– Ilegítima.

– Vi Maria Stuart quando estive em Paris – comentou Ned Willard. – Não

conversei com ela, mas estava num dos cômodos externos do Palácio do Louvre quando ela passou. Ela é alta e formosa.

– O que isso tem a ver com o assunto? – indagou Rollo, impaciente.

– Ela tem 15 anos – insistiu Ned, e encarou o outro rapaz com intensidade. – A mesma idade da sua irmã.

– A questão não é essa...

Ned ergueu a voz para suplantar a interrupção:

– Há quem pense que uma garota de 15 anos não tem idade sequer para escolher o marido, quem dirá para governar um país.

Rollo sorveu o ar num arquejo e seu pai deu um grunhido de indignação. Cecil enrugou a testa, na certa percebendo que aquela afirmação possuía um significado oculto indecifrável a forasteiros.

– Soube que Maria fala francês e escocês, mas quase não fala inglês – acrescentou Ned.

– Essas considerações não têm peso perante a lei.

– Mas isso não é o pior – prosseguiu Ned. – Maria está noiva do príncipe Francisco, herdeiro do trono francês. O povo inglês não aprecia o casamento da atual rainha com o rei da Espanha e vai se mostrar ainda mais hostil para com uma soberana que despose o rei da França.

– Não cabe ao povo inglês tomar esse tipo de decisão – contrapôs Rollo.

– Mesmo assim, onde há incertezas pode haver discórdia e, nesse caso, o povo talvez busque seus machados e foices para expressar sua opinião.

– Justamente o que estou tentando evitar – completou Cecil.

Aquilo na verdade era uma ameaça, pensou Rollo com raiva, mas, antes que pudesse se pronunciar, Swithin tomou a palavra outra vez:

– Como é essa moça Elizabeth? Nunca estive com ela.

Esse afastamento da questão da legitimidade fez Rollo franzir a testa de irritação, mas Cecil respondeu de bom grado:

– É a mulher mais culta que já conheci. Conversa em latim com a mesma fluência do inglês e fala também francês, espanhol e italiano, além de escrever em grego. Não é considerada uma grande beldade, mas tem o dom de encantar um homem e fazer com que ele a ache bonita. Herdou a determinação do rei Henrique, seu pai. Vai ser uma soberana decidida.

Cecil estava apaixonado por ela, pensou Rollo, mas o pior não era isso. Os oponentes de Elizabeth precisavam se amparar em argumentos sobre a legitimidade de sua possível ascensão, porque não tinham muito mais em que se apoiar. Pelo visto, a moça tinha idade, conhecimento e força de caráter suficientes para governar a Inglaterra. Podia até ser protestante, mas era inteligente demais para ostentar esse fato e ninguém tinha provas.

A perspectiva de uma rainha protestante deixou Rollo horrorizado. Ela sem dúvida faria com que as famílias católicas fossem desfavorecidas. Os Fitzgeralds talvez nunca recuperassem sua fortuna.

– Mas se ela viesse a desposar um marido católico forte, capaz de mantê-la sob controle, talvez se tornasse mais aceitável – acrescentou Swithin.

Ele deu uma risadinha lasciva que fez Rollo reprimir um calafrio. Era óbvio que a ideia de manter uma princesa sob controle excitava o conde.

– Não vou me esquecer disso – respondeu Cecil, seco.

Uma sineta tocou para avisar aos convidados que a refeição estava à mesa, então William Cecil se levantou.

– Tudo o que peço é: não façam julgamentos precipitados. Deem uma chance à princesa Elizabeth.

Quando os outros se retiraram, Reginald e Rollo ficaram para trás.

– Acho que fomos bem claros – disse Reginald.

Rollo balançou a cabeça. Às vezes desejava que o pai tivesse um raciocínio mais malicioso.

– Mesmo antes de vir aqui, Cecil já sabia que católicos leais como o senhor e Swithin jamais jurariam apoio a Elizabeth.

– Imagino que sim – concordou Reginald. – Ele é muito bem-informado.

– E um homem inteligente.

– Então o que veio fazer aqui?

– Foi no que fiquei pensando – respondeu Rollo. – Acho que veio avaliar a força dos inimigos.

– Ah – fez seu pai. – Não tinha pensado nisso.

– Vamos para o salão jantar – disse Rollo.

Ned passou o banquete inteiro inquieto. Mal podia esperar o fim dele para que começasse o jogo de caça ao cervo. Na hora em que os doces estavam sendo retirados, sua mãe cruzou olhares com ele e o chamou com um aceno.

Ele havia reparado que Alice estava muito entretida numa conversa com sir William Cecil. Alice Willard era uma mulher vigorosa, roliça, e nesse dia usava um vestido caro de lã no tom que ficara conhecido como Escarlata de Kingsbridge, bordado com fios de ouro. Exibia ainda uma medalha da Virgem Maria no pescoço para rebater as acusações de que fosse protestante. Ned ficou tentado a fingir que não notara a convocação. A brincadeira iria acontecer enquanto a mesa estivesse sendo tirada, e os atores estavam se preparando para encenar a peça. Ned não sabia o que Margery tinha em mente, mas com certeza não iria querer perder. No entanto, apesar de carinhosa, a mãe era também severa e não tolerava desobediência. Então, ele foi até lá.

– Sir William quer lhe fazer algumas perguntas – disse Alice.

– Sinto-me honrado – respondeu Ned com educação.

– Quero saber sobre Calais – começou Cecil. – Pelo que entendi, o senhor acaba de voltar de lá.

– Parti uma semana antes do Natal e cheguei ontem.

– Nem preciso dizer ao senhor e à sua mãe como aquela cidade é vital para o comércio inglês. O fato de ainda governarmos um pequeno pedaço da França também é uma questão de orgulho nacional.

Ned aquiesceu.

– E um profundo incômodo para os franceses, claro – complementou o rapaz.

– Como vai o moral da comunidade inglesa de lá?

– Vai bem – respondeu Ned.

Mas ele começava a ficar preocupado. Cecil não o estava interrogando por simples curiosidade: aquilo tinha um motivo. E, pensando bem, sua mãe exibia uma expressão grave. Mas mesmo assim ele prosseguiu:

– Quando fui embora, ainda comemoravam a derrota dos franceses em St. Quentin em agosto. A vitória fez com que sentissem que a guerra entre a Inglaterra e a França não iria afetá-los.

– Excesso de confiança, talvez – murmurou Cecil.

Ned franziu o cenho.

– Calais é cercada por fortes: Sangatte, Fréthun, Nielles...

– E se as fortalezas fossem tomadas? – interrompeu Cecil.

– A cidade tem 307 canhões.

– O senhor tem a cabeça boa para detalhes. Mas a população poderia suportar um cerco?

– Eles têm comida para três meses.

Ned havia se certificado desses fatos antes de partir, pois sabia que a mãe estaria esperando um relatório detalhado. Virou-se então para Alice.

– O que houve, mãe?

– Os franceses tomaram Sangatte no primeiro dia de janeiro – respondeu ela. Ned ficou chocado.

– Como é possível?

Quem respondeu foi Cecil:

– O exército francês se reuniu em segredo nas cidades vizinhas. O ataque pegou a guarnição de Calais de surpresa.

– Quem lidera as forças francesas?

– Francisco, duque de Guise.

– Balafre! – exclamou Ned. – Ele é uma lenda.

O duque era o maior general da França.

– A esta altura, a cidade já deve estar sitiada.

– Mas não se rendeu – ressaltou Ned.

– Até onde sabemos, mas minhas últimas notícias são de cinco dias atrás.

Ned tornou a se virar para a mãe.

– Nenhuma notícia de tio Dick?

Alice fez que não com a cabeça.

– Ele não vai conseguir mandar uma mensagem da cidade sitiada.

Ned pensou nos parentes em Calais: tia Blanche, que cozinhava bem melhor do que Janet Fife (embora ele jamais pudesse dizer isso a Janet); o primo Albin, que tinha a mesma idade que ele e havia lhe ensinado os termos em francês para designar partes íntimas do corpo e outras coisas indizíveis; e a amorosa Thérèse. Será que eles conseguiriam sobreviver?

– Quase tudo o que temos está preso em Calais – disse Alice baixinho.

Ned estranhou aquilo. Seria possível?

– Não temos nenhum carregamento a caminho de Sevilha?

O porto de Sevilha era a armaria do rei Filipe, e seu apetite por metal era insaciável. Um primo do pai de Ned, Carlos Cruz, comprava tudo o que Alice conseguisse despachar, em seguida transformava o material em canhões e balas de canhão para as intermináveis guerras da Espanha. Barney, irmão de Ned, estava lá, onde morava e trabalhava com Carlos para aprender sobre esse outro aspecto dos negócios familiares, assim como Ned fizera em Calais. Mas a viagem por mar era longa e arriscada, e os navios só eram mandados para lá quando o armazém de Calais, bem mais próximo, estava cheio.

Em resposta à pergunta do filho, Alice falou:

– Não. No momento não temos nenhum navio a caminho de Sevilha ou vindo de lá.

– Quer dizer que se perdermos Calais...

– Perdemos quase tudo.

Ned pensara entender o negócio, mas não se dera conta de que ele pudesse ser arruinado tão depressa. Sentiu o mesmo que sentia quando um cavalo de confiança tropeçava, fazendo-o perder o equilíbrio na sela. Um súbito lembrete de como a vida era imprevisível.

Uma sineta tocou para que a brincadeira começasse. Cecil sorriu e falou:

– Grato pelas informações, Ned. Não é comum rapazes serem tão precisos.

Ned ficou lisonjeado.

– Que bom que eu pude ajudar.

Ruth, a bonita irmã loura de Dan Copley, passou e chamou:

– Venha, Ned, está na hora da caça ao cervo.

– Já vou – disse ele, mas não saiu do lugar.

Sentia-se dividido. Estava desesperado para falar com Margery, mas, depois de notícias como aquelas, não tinha cabeça para brincadeiras.

– Imagino que não haja nada que possamos fazer – falou para a mãe.

– Só aguardar mais informações... que podem demorar a chegar.

Fez-se um silêncio sombrio.

– A propósito – falou Cecil –, estou à procura de um assistente que me auxilie no trabalho para lady Elizabeth, um rapaz que moraria no Palácio de Hatfield como parte do corpo de serviçais dela e agiria em meu nome quando eu

estivesse em Londres ou em algum outro lugar. Ned, sei que o seu destino é trabalhar com sua mãe nos negócios da família, mas se por acaso conhecer um rapaz um pouco parecido com o senhor, inteligente e confiável, com um olhar detalhista... mande me avisar.

Ned aquiesceu.

– Claro – garantiu, desconfiando que Cecil na verdade estivesse oferecendo o cargo a ele.

– Ele teria de compartilhar a atitude tolerante de Elizabeth em relação a assuntos religiosos – continuou Cecil. – A rainha Maria Tudor mandou queimar centenas de protestantes na fogueira.

Ned com certeza se sentia assim, como Cecil devia ter notado durante a discussão sobre a sucessão ao trono na biblioteca do conde. Milhões de ingleses concordavam: fossem as vítimas católicas ou protestantes, o massacre lhes causava repulsa.

– Elizabeth me disse muitas vezes que, caso se torne rainha, seu maior desejo é que nenhum inglês perca a vida por causa daquilo em que acredita – reforçou Cecil. – Acho que esse é um ideal digno da fé de um homem.

Alice exibia um ar levemente ressentido.

– Como o senhor mesmo disse, sir William, o destino de meus filhos é trabalhar nos negócios da família. Pode ir, Ned.

O rapaz se virou e pôs-se a procurar Margery.

vi

O conde de Swithin havia contratado uma companhia itinerante de atores, que agora montavam um palco usando tábuas sobre barris perto de uma das paredes compridas do grande salão. Enquanto Margery os observava, lady Brecknock veio se postar ao seu lado para fazer o mesmo. Mulher atraente beirando os 40, dona de um sorriso caloroso, Susannah Brecknock era prima do conde de Swithin e assídua frequentadora de Kingsbridge, onde possuía uma casa. Margery já a encontrara antes e a considerava afável e não excessivamente pretensiosa.

– Parece meio instável – comentou Margery, indicando o tablado.

– Pensei a mesma coisa! – falou Susannah.

– Sabe o que eles vão encenar?

– A vida de Maria Madalena.

– Ah!

Maria Madalena era a santa padroeira das prostitutas. Os padres sempre corrigiam isso dizendo “prostitutas reformadas”, o que não tornava a santa nem um pouco menos intrigante.

– Mas como é possível? Todos os atores são homens.

– Você nunca assistiu a uma peça?

– Não desse tipo, com palco e atores profissionais. Só vi procissões e cortejos.

– Os personagens femininos são sempre interpretados por homens. Mulheres não podem atuar.

– Por que não?

– Ah, suponho que por sermos seres inferiores, frágeis e intelectualmente desfavorecidos.

Ela estava sendo sarcástica. Margery apreciava a franqueza de Susannah. A maioria dos adultos respondia a perguntas embaraçosas com lugares-comuns sem sentido, mas em Susannah se podia confiar para dizer a verdade como de fato era. Encorajada, Margery falou o que lhe passava pela cabeça:

– A senhora foi obrigada a se casar com lorde Brecknock?

Susannah arqueou as sobrancelhas.

Margery percebeu na hora que fora longe demais.

– Eu sinto muitíssimo, não tenho o direito de lhe perguntar isso – emendou depressa. – Por favor, perdoe-me.

Seus olhos ficaram marejados. Susannah deu de ombros.

– Você com certeza não tem o direito de me fazer uma pergunta dessas, mas eu não esqueci como é ter 15 anos – respondeu e, baixando a voz, perguntou: – Com quem querem que você se case?

– Bart Shiring.

– Ai, meu Deus, pobrezinha – compadeceu-se, embora Bart fosse seu primo de segundo grau.

A empatia da mulher mais velha fez Margery sentir ainda mais pena de si

mesma. Susannah pensou por alguns instantes.

– Não é nenhum segredo que o meu casamento foi arranjado, mas ninguém me obrigou – disse ela. – Eu o conheci e gostei dele.

– A senhora o ama?

Susannah tornou a hesitar, e Margery pôde ver que ela estava dividida entre a discrição e a compaixão.

– Eu não deveria responder a isso.

– Não, claro que não, perdoe-me... mais uma vez.

– Mas posso ver como você está abalada, então vou lhe fazer uma confidência, contanto que você prometa jamais repetir o que vou dizer.

– Eu prometo.

– Brecknock e eu somos amigos – disse ela. – Ele é gentil comigo, e eu faço tudo o que posso para lhe agradar. E nós temos quatro filhos maravilhosos. Sou feliz.

Ela fez uma pausa e Margery ficou esperando a resposta à pergunta. Por fim, Susannah tornou a falar:

– Mas sei que existe outro tipo de felicidade, o êxtase louco de adorar alguém e ser adorada em resposta.

– Sim!

O fato de Susannah entender deixou Margery muito feliz.

– Nem todas nós temos o direito a essa alegria específica – disse a outra mulher num tom solene.

– Mas deveríamos ter!

Margery não conseguia suportar a ideia de alguém não ter amor.

Por alguns instantes, Susannah pareceu perdida.

– Talvez – disse ela baixinho. – Talvez.

Margery olhou por cima do ombro de Susannah e viu Ned chegando com seu gibão verde francês. Susannah acompanhou a direção do seu olhar.

– É Ned Willard quem você quer? – perguntou.

– Sim.

– Boa escolha. Ele é gentil.

– Ele é maravilhoso.

Susannah sorriu com um quê de tristeza.

– Espero que dê tudo certo para você.

Ned fez uma mesura para a mulher mais velha e esta o cumprimentou com um meneio de cabeça, mas logo se afastou.

Os atores agora penduravam uma cortina em um dos cantos do salão.

– Para que você acha que serve isso? – perguntou Margery a Ned.

– Acho que eles vão vestir os figurinos atrás da cortina – disse, e baixou o tom para perguntar: – Onde podemos conversar? Não consigo esperar muito mais.

– A brincadeira já vai começar. Venha comigo.

O bem-apegoado escrevente de Philbert Cobby, Donal Gloster, foi escolhido para ser o caçador. Tinha cabelos pretos ondulados e um rosto sensual. Margery não o achava atraente, julgava-o fraco demais, mas teve certeza de que várias meninas estariam torcendo para serem encontradas por ele.

New Castle era o lugar perfeito para aquele jogo de esconde-esconde. Tinha mais esconderijos do que uma toca de coelho. As partes em que a nova mansão encontrava o antigo castelo eram especialmente fartas de armários inusitados, escadarias inesperadas, nichos e cômodos de formato irregular. Aquilo era uma brincadeira de criança, e Margery, quando mais nova, se perguntava por que moças e rapazes de 19 anos ficavam tão animados em participar. Agora entendia que o jogo era uma oportunidade para jovens se beijarem e trocarem carícias.

Donal fechou os olhos e começou a rezar o pai-nosso em latim, enquanto todos os jovens corriam para se esconder.

Margery já sabia para onde ir, pois procurara esconderijos mais cedo para ter certeza de que ficaria com Ned em um lugar reservado. Saiu do salão e subiu correndo um corredor em direção aos quartos do antigo castelo, confiando que ele a seguiria. Entrou por uma porta no final do corredor.

Ao olhar para trás, viu Ned... e, infelizmente, vários outros. Que chateação: queria-o só para si.

Passou por uma pequena despensa e subiu correndo uma escada com degraus de pedra, em seguida desceu um lance curto. Podia ouvir os outros atrás de si, mas eles já não podiam vê-la. Entrou num corredor que sabia não ter saída. O espaço estava iluminado por uma única vela num suporte de parede. Mais ou menos na metade de seu comprimento ficava uma imensa lareira: a padaria

medieval, abandonada havia tempos, cuja chaminé fora demolida na construção da casa moderna. Bem ao lado, oculta por um contraforte de pedra, ficava a porta do imenso forno, praticamente invisível na penumbra. Margery passou por ela e puxou as saias do vestido atrás de si. Em sua busca prévia por um esconderijo, notara que o local era surpreendentemente limpo. Fechou as portas quase por completo e espiou por uma fresta.

Ned surgiu desabalado no corredor, seguido de perto por Bart, e também pela bela Ruth Copley, que provavelmente tinha interesse em Bart. Margery grunhiu de frustração. Como conseguiria separar Ned dos outros?

Todos passaram correndo pelo forno sem ver a porta. Instantes depois, tendo descoberto que dali não havia saída, retornaram. Primeiro Ruth, depois Bart e, por fim, Ned.

Margery viu sua oportunidade. Assim que Bart e Ruth sumiram de vista, chamou:

– Ned!

O rapaz parou e olhou em volta, intrigado. Ela abriu a porta do forno com um empurrão.

– Aqui dentro!

Não foi preciso pedir duas vezes. Ele entrou e ela fechou a porta.

Estava um breu dentro do forno, mas, deitados ali, seus joelhos e queixos se tocaram e Margery sentiu todo o corpo do rapaz. Ele a beijou.

Ela retribuiu o beijo com sofreguidão. O que quer que viesse a acontecer, ele ainda a amava, e por enquanto era tudo o que importava. Temera que ele a esquecesse em Calais. Pensava que fosse conhecer garotas francesas mais sofisticadas e empolgantes do que a pequena Marge Fitzgerald de Kingsbridge. Mas, pelo jeito como ele a abraçou, beijou e acariciou, ela compreendeu que não era o caso. Louca de felicidade, segurou sua cabeça com as duas mãos, abriu a boca para receber sua língua e arqueou o corpo contra o seu.

Ele rolou para cima dela. Naquele momento, ela teria lhe entregado seu corpo de bom grado e permitido que ele lhe tirasse a virgindade, mas alguma coisa aconteceu. Uma pancada ecoou, como se o pé dele houvesse batido em alguma coisa, e então se ouviu o barulho de algo que poderia ter sido um painel de madeira caindo no chão. De repente Margery conseguiu enxergar as paredes

do forno ao redor.

Ela e Ned ficaram espantados o bastante para interromper o que estavam fazendo e erguer os olhos. Os fundos do forno tinham se aberto, revelando uma ligação com um lugar fracamente iluminado. Alarmada, Margery se deu conta de que talvez houvesse pessoas ali testemunhando o que ela e Ned faziam. Sentou-se e espiou pelo buraco.

Ninguém à vista. Viu uma parede com uma seteira que deixava passar os últimos resquícios da luz vespertina. O pequeno espaço atrás do velho forno fora simplesmente fechado pela construção da nova casa. Não conduzia a lugar nenhum: o único acesso era por dentro do forno. No chão estava o painel de madeira que deveria ter tapado o buraco até que Ned, em sua excitação, o chutasse. Margery ouviu vozes, mas elas vinham do pátio lá fora. Respirou aliviada: ninguém os vira.

Passou engatinhando pelo buraco e ficou em pé no espaço diminuto. Ned fez o mesmo. Ambos olharam em volta com um ar intrigado.

– Poderíamos ficar aqui para sempre – falou Ned.

Aquilo fez Margery cair em si e se dar conta de como chegara perto de cometer um pecado mortal. O desejo quase sobrepujara sua noção de certo e errado. Ela havia escapado por pouco.

Sua intenção ao levar Ned até ali fora conversar com ele, não beijá-lo.

– Ned, querem me obrigar a casar com Bart – disse ela. – O que vamos fazer?

– Não sei – respondeu ele.

vii

Rollo viu que Swithin estava bastante embriagado. Esparramado numa cadeira grande em frente ao palco, o conde segurava um cálice na mão direita. Uma jovem criada foi encher seu copo e, quando o fez, ele segurou-lhe o seio com a mão esquerda aleijada. A moça deu um gritinho horrorizado e pulou para trás, derramando o vinho, e Swithin riu.

Um ator subiu ao palco e iniciou um prólogo, no qual explicou que, para contar uma história de arrependimento, primeiro era preciso mostrar o pecado, e

pediu desculpas de antemão caso ofendesse alguém.

Rollo notou a irmã entrar de fininho no salão acompanhada por Ned Willard e franziu a testa numa expressão reprovadora. Os dois haviam aproveitado a brincadeira de caça ao cervo para saírem juntos, deduziu, e sem dúvida tinham feito todo tipo de coisa que não deviam.

Rollo não entendia a irmã. Margery levava a religião muito a sério, mas sempre fora desobediente. Como era possível uma coisa dessas? Para Rollo, a essência da religião era a submissão à autoridade. Era esse o problema com os protestantes: eles achavam que tinham o direito de pensar o que quisessem. Mas Margery era uma católica fervorosa.

No palco apareceu um personagem chamado Infidelidade, reconhecível pela braguilha avantajada. Piscando muito, falava escondendo a boca com a mão e olhava para a esquerda e para a direita como se quisesse ter certeza de não estar sendo entre ouvido por nenhum dos outros personagens. A plateia riu ao reconhecer uma versão exagerada de um tipo tão comum.

Rollo ficara abalado pela conversa com sir William Cecil, mas agora pensava que talvez sua reação fosse exagerada. A princesa Elizabeth provavelmente era protestante, mas era cedo demais para se preocupar com ela. Afinal, Maria Tudor tinha apenas 41 anos e, com exceção das gestações imaginárias, gozava de boa saúde. Ainda podia reinar por décadas.

Maria Madalena apareceu no palco. Aquela sem dúvida era a santa antes do arrependimento. Entrou requebrando o corpo, de vestido vermelho, mexendo no colar e batendo os cílios para Infidelidade. Os lábios estavam pintados com algum tipo de corante.

Rollo se espantou, pois não vira nenhuma mulher entre os atores. Além disso, embora nunca houvesse assistido a uma peça, tinha quase certeza de que mulheres não podiam atuar. A companhia lhe parecera formada por quatro homens e um menino de seus 13 anos. Intrigado, ele franziu o cenho para Maria Madalena, então lhe ocorreu que esta tinha a mesma altura e estrutura física do menino.

A plateia começou a se dar conta da verdade, e ouviram-se murmúrios de surpresa e admiração. Mas Rollo escutou também ruídos baixos porém distintos de protesto e, ao olhar em volta, constatou que vinham do canto onde Philbert

Cobley estava reunido com a família. Os católicos não se importavam com peças de teatro, contanto que houvesse uma mensagem religiosa, mas alguns protestantes radicais as reprovavam. Um menino vestido de mulher era o tipo de coisa propensa a lhes causar indignação, sobretudo quando o personagem feminino agia de forma sensual. Todos ostentavam um semblante pétreo, com uma exceção, Rollo percebeu: o vivaz e jovem escrevente de Philbert, Donal Gloster, que ria tanto quanto qualquer outra pessoa. Rollo e todos os jovens da cidade sabiam que Donal era apaixonado por Ruth, a bela filha de Philbert. Rollo imaginava que o rapaz só fosse protestante para conquistá-la.

No palco, Infidelidade tomou Madalena nos braços e lhe deu um longo e lascivo beijo. Isso provocou estrondosas gargalhadas, vaias e assobios, sobretudo dos rapazes, que a essa altura já haviam percebido que Madalena era um menino.

Mas Philbert Cobley não viu onde estava a graça. Era um homem corpulento, de baixa estatura porém largo, e tinha cabelos ralos e uma barba desgrenhada. Com o rosto muito vermelho, brandia o punho fechado e gritava, descontrolado, sem que ninguém o escutasse. Porém, quando os atores por fim interromperam o beijo e as risadas arrefeceram, as pessoas se viraram para ver de onde vinham os gritos.

O conde de Swithin percebeu de repente o rebuliço e seu rosto deixou clara sua insatisfação. Lá vêm problemas, pensou Rollo.

Philbert parou de gritar, disse algo às pessoas em volta e se encaminhou para a porta. Sua família foi atrás. Donal também os seguiu, mas Rollo notou seu ar de decepção.

Swithin levantou-se da cadeira e andou até eles.

– Fiquem onde estão! – bradou. – Não autorizei ninguém a se retirar.

Os atores pararam o que estavam fazendo e se viraram para ver o que acontecia na plateia, uma reversão de papéis que Rollo achou bastante irônica.

Philbert estacou, virou-se e gritou para o conde:

– Não vamos ficar neste palácio de Sodoma!

Então recomeçou a marchar em direção à porta.

– Seu protestante exibido! – berrou Swithin e correu na direção de Philbert.

Bart se intrometeu na frente do pai, ergueu a mão num gesto apaziguador e gritou:

– Deixe-os ir, pai, eles não valem a pena.

Swithin afastou-o com um forte empurrão e partiu para cima de Philbert.

– Pela Santa Cruz, eu vou matar esse homem!

Agarrou Philbert pelo pescoço e começou a estrangulá-lo. Ele caiu de joelhos e Swithin se curvou acima dele, aumentando a pressão apesar da mão esquerda aleijada.

Todos começaram a gritar ao mesmo tempo. Vários homens e mulheres se puseram a puxar as mangas de Swithin para tentar fazê-lo largar Philbert, mas foram contidos pelo temor de machucar um conde, mesmo um conde decidido a matar. Rollo se manteve afastado; o fato de Philbert viver ou morrer lhe era indiferente.

Ned Willard foi o primeiro a agir com decisão. Enganchou o braço direito em volta do pescoço de Swithin e deu um puxão para cima e para trás. Swithin não teve alternativa senão se afastar e soltar o pescoço de Philbert.

Ned sempre fora assim, recordou Rollo. Mesmo quando era um menino atrevido na escola, era um lutador impetuoso, sempre disposto a desafiar os garotos mais velhos, e Rollo fora obrigado a lhe dar uma lição ou duas com um feixe de galhos de bétula. Então Ned crescera e ficara com aquelas mãos e pés grandalhões e, ainda que fosse mais baixo do que a média, os rapazes maiores haviam aprendido a respeitar seus punhos.

Ned soltou Swithin e se afastou depressa, misturando-se aos convidados. Rugindo de raiva, o conde se virou para trás à procura de quem o segurara, mas não conseguiu ver quem era. Talvez acabasse descobrindo, pensou Rollo, mas a essa altura já estaria sóbrio.

Philbert se levantou esfregando o pescoço e cambaleou até a porta sem que Swithin visse.

Bart segurou o pai pelo braço.

– Vamos tomar outro cálice de vinho e assistir à peça – disse o rapaz. – Daqui a pouco o Desejo Carnal vai subir ao palco!

Philbert e seu grupo chegaram à porta.

Swithin passou vários instantes encarando o filho com raiva. Parecia ter esquecido a quem endereçava sua fúria.

Os Cobleys saíram do salão e a grande porta de carvalho se fechou atrás

deles com força.

– Continuem a peça! – gritou Swithin.

Os atores recomeçaram do ponto em que haviam parado.

CAPÍTULO 2

Pierre Aumande ganhava a vida aliviando os parisienses do excesso de dinheiro, tarefa facilitada por dias como aquele, em que todos estavam celebrando.

Paris inteira estava em festa. Um exército francês ocupara Calais, recuperando a cidade das mãos dos bárbaros ingleses que a haviam tomado duzentos anos antes. Em todas as tabernas da capital, os homens bebiam à saúde do duque de Guise, conhecido como Balafré, “cara cortada”, o grande general que apagara aquela antiga mácula no orgulho da nação.

A taberna de Saint-Étienne, no bairro chamado Les Halles, não era exceção. Em um dos lados do salão, um pequeno grupo de rapazes jogava dados e fazia um brinde a Balafré toda vez que alguém ganhava. Junto à porta havia uma mesa de soldados comemorando como se eles próprios houvessem tomado Calais. Num canto, uma prostituta desmaiara sobre a mesa, com os cabelos mergulhados numa poça de vinho.

Esse tipo de festejo proporcionava oportunidades de ouro para alguém como Pierre.

Ele estudava na Universidade Sorbonne. Aos colegas, dizia receber uma generosa mesada dos pais, que viviam na região de Champagne. Na realidade, o pai não lhe dava nada. A mãe gastara as economias da vida inteira nas roupas novas que o filho usaria em Paris, e agora não tinha mais o que lhe oferecer. Era de imaginar que ele tentasse sustentar a si mesmo fazendo trabalhos de escrevente, como copiar documentos oficiais, da mesma forma que muitos estudantes. Mas os gastos generosos de Pierre com os prazeres da cidade eram custeados de outra forma. Nesse dia ele usava um gibão azul da última moda, cortado de forma a exhibir o forro de seda. Um ano inteiro copiando documentos não seria suficiente para pagar por roupas como aquela.

Avaliava a partida de dados. Supôs que os jogadores fossem filhos de

cidadãos abastados: joalheiros, advogados, construtores. Um deles, Bertrand, estava limpando a mesa. No início Pierre desconfiou que Bertrand fosse um escroque igual a ele e o observou com cuidado, tentando descobrir como a trapaça era feita. Depois de algum tempo, porém, concluiu que não havia trapaça. Bertrand apenas estava tendo uma maré de sorte.

Por isso Pierre enxergou uma oportunidade.

Depois de Bertrand ganhar pouco mais de 50 libras francesas, seus amigos saíram da taberna com os bolsos vazios. O jovem pediu uma garrafa de vinho e uma rodada de queijo, e foi nessa hora que Pierre agiu.

– O primo do meu avô tinha muita sorte, igual a você – falou no tom amável e casual que já lhe rendera bons frutos no passado. – Toda vez que jogava, ganhava. Ele lutou na Batalha de Marignano e sobreviveu.

Pierre inventava a história conforme a contava.

– Casou-se com uma moça pobre porque ela era linda e ele a amava, depois ela herdou um moinho de um tio. O filho dele virou bispo.

– Não é sempre que eu tenho sorte.

Bertrand não era de todo estúpido, pensou Pierre, mas provavelmente era burro o bastante.

– Aposto que houve uma garota que parecia não gostar de você, mas um dia o beijou.

Pierre tinha descoberto que a maioria dos homens tivera essa experiência na juventude, mas Bertrand achou essa observação incrível.

– Sim! – exclamou. – Clothilde... Como sabia?

– Eu disse que o senhor é um homem de sorte – reafirmou e aproximou-se para falar com uma voz mais baixa, como quem confia um segredo. – Um dia, quando o primo do meu avô já era velho, um mendigo lhe revelou o segredo da sua sorte.

Bertrand não conseguiu resistir.

– E qual era?

– O mendigo disse: “Quando sua mãe o carregava na barriga, ela me deu uma moeda... e é por isso que o senhor teve sorte a vida inteira.” É verdade.

Bertrand adquiriu um ar decepcionado. Pierre levantou um dedo no ar, como se estivesse prestes a executar um truque de mágica.

– Então o mendigo jogou longe as roupas imundas e se revelou... um anjo!

Bertrand hesitava entre o ceticismo e o assombro.

– O anjo abençoou o primo do meu avô, depois saiu voando para o céu – narrou Pierre e baixou a voz até um sussurro para completar: – Eu acho que a *sua* mãe deu esmola a um anjo.

– Talvez – concordou Bertrand, que não estava de todo embriagado.

– Ela é bondosa? – indagou Pierre, sabendo que poucos homens responderiam “não”.

– Praticamente uma santa.

– Pois então.

Por um instante, Pierre pensou na própria mãe e em como ficaria decepcionada se soubesse que ele ganhava a vida enganando as pessoas para tomar seu dinheiro. Bertrand estava pedindo por isso, imaginou-se dizendo a ela. É um jogador e está bêbado. Mas a desculpa não a deixava satisfeita, nem mesmo na sua imaginação.

Afastou aquele pensamento. Não era hora para hesitações: Bertrand começava a morder a isca.

– Houve um homem mais velho... – continuou Pierre – ... que não era o seu pai... Ele lhe deu conselhos importantes pelo menos uma vez.

Os olhos de Bertrand se arregalaram de surpresa.

– Nunca entendi por que monsieur Larivière me ajudou tanto.

– Foi o seu anjo quem o mandou. O senhor nunca escapou por um triz de ser ferido ou morrer?

– Eu me perdi quanto tinha 5 anos. Achei que o caminho de volta para casa fosse atravessando o rio. Quase morri afogado, mas um frade que estava passando me salvou.

– Não era um frade, aquele era o seu anjo.

– Que incrível... O senhor tem razão!

– Sua mãe fez algo por um anjo disfarçado, e esse anjo tem olhado pelo senhor desde então. Eu sei.

Pierre aceitou uma caneca de vinho e uma fatia de queijo. Comida de graça era sempre bem-vinda.

Estava estudando para ser padre porque era uma forma de galgar a escada

social. Mas bastaram poucos dias na universidade para ele entender que os alunos já se dividiam em dois grupos com destinos radicalmente diferentes. Os jovens filhos de nobres e ricos comerciantes virariam abades e bispos; na verdade, alguns já sabiam até qual rica abadia ou diocese iriam administrar, pois esses cargos muitas vezes eram propriedade particular de uma família específica. Já os inteligentes filhos de médicos e comerciantes de vinho do interior se tornariam padres na zona rural.

Pierre pertencia ao segundo grupo, mas estava decidido a entrar para o primeiro.

No início, a divisão era só levemente perceptível, e nesses dias iniciais Pierre se misturara à elite. Perdera depressa o sotaque regional e aprendera a falar com uma cadência aristocrática. Tivera um golpe de sorte quando o rico visconde de Villeneuve, após cometer o descuido de sair de casa sem dinheiro, pedira-lhe 20 libras emprestadas até o dia seguinte. Era todo o dinheiro que Pierre possuía, mas ele viu ali uma oportunidade única. Entregou o dinheiro a Villeneuve como se fossem meros trocados.

No dia seguinte, Villeneuve se esqueceu de lhe pagar. Apesar do desespero, Pierre não disse nada. Comeu mingau, pois não tinha como comprar pão.

No outro dia, Villeneuve se esqueceu outra vez. Mesmo assim, Pierre nada disse. Sabia que, se pedisse o dinheiro de volta, Villeneuve e os amigos entenderiam na hora que ele na verdade não era um dos seus, e Pierre ansiava pela aceitação deles mais do que por alimento.

Foi só um mês depois que o jovem nobre lhe dissera, lânguido: “A propósito, Aumande, acho que nunca lhe paguei aquelas 20 libras, paguei?” Às custas de um imenso esforço, Pierre respondera: “Meu caro colega, não faço a menor ideia. Por favor, esqueça isso.” Então tivera a ideia de arrematar: “É óbvio que você está precisando.”

Os outros estudantes, que sabiam quanto Villeneuve era rico, tinham rido, e a espirotuosidade de Pierre havia consolidado sua entrada no grupo. E quando Villeneuve lhe entregara um punhado de moedas de ouro, ele pusera o dinheiro no bolso sem contar.

Fora aceito, mas isso significava que precisava se vestir como eles, contratar carruagens para se deslocar, jogar com descuido e pedir comida e vinho nas

tabernas como se o preço não importasse.

Pierre pegava dinheiro emprestado o tempo todo, só pagava quando forçado e imitava a distração de Villeneuve para com as finanças. Mas às vezes precisava de numerário.

Dava graças aos céus por haver tolos como Bertrand.

Devagar, mas com firmeza, conforme Bertrand ia dando cabo da garrafa de vinho, Pierre introduziu na conversa uma oportunidade única de negócios.

Cada vez era diferente. Nesse dia, ele inventou um alemão estúpido (pois o bobo da história era sempre estrangeiro), que herdara joias de uma tia e queria vendê-las a Pierre por 50 libras sem perceber que valiam centenas. Pierre não tinha 50 libras, falou para Bertrand, mas quem tivesse poderia multiplicar o dinheiro por dez. A história não precisava ser muito plausível, mas o modo de narrá-la era crucial. Pierre precisava parecer relutante em permitir o envolvimento de Bertrand, nervoso com a possibilidade de que o outro comprasse as joias, perturbado com sua sugestão de que Pierre deveria pegar 50 libras do que ele ganhara no jogo e comprar as joias por ele.

Bertrand já implorava a Pierre que pegasse o dinheiro, e Pierre se preparava para embolsar as moedas e sumir da vida dele para sempre. Foi quando a viúva Bauchene entrou na taberna.

Pierre tentou manter a calma.

Paris era uma cidade de 300 mil pessoas, e ele pensou que não haveria grande perigo de esbarrar com nenhuma de suas antigas vítimas, sobretudo porque tomava o cuidado de não chegar perto dos lugares que elas frequentavam. Aquilo era um tremendo azar.

Virou o rosto, mas não foi rápido o suficiente e ela o viu.

– Você! – guinchou, apontando para ele.

Pierre teria sido capaz de matá-la.

A viúva era uma mulher atraente de 40 anos, dona de um sorriso largo e curvas generosas. Pierre tinha metade da idade dela, mas a seduzira de bom grado. Em troca, ela ensinara com entusiasmo maneiras de fazer amor que eram novas para ele, e, mais importante ainda, lhe emprestara dinheiro sempre que ele pedira.

Quando a emoção do caso começara a arrefecer, ela acabou se cansando de

lhe dar dinheiro. Nesse ponto, uma mulher casada teria limitado suas perdas: daria adeus ao jovem amante e diria a si mesma que aprendera uma cara lição. Uma esposa não poderia expor a desonestidade de Pierre, pois para isso teria de confessar o próprio adultério. Mas ao ver madame Bauchene se voltar contra ele, Pierre entendera que uma viúva era outra história. Ela reclamara em alto e bom som para quem quisesse ouvir.

Será que ele poderia impedi-la de despertar a suspeita de Bertrand? Seria difícil, mas ele já realizara outras coisas improváveis. Precisava tirá-la da taberna o mais rápido possível.

– Essa mulher é completamente louca, coitada – disse a Bertrand em voz baixa.

Então levantou-se, fez uma reverência e se voltou para a mulher com um tom de pura educação.

– Madame Bauchene, como sempre, estou ao seu dispor.

– Então me pague as 112 libras que me deve.

Aquilo era ruim. Pierre queria olhar para Bertrand e avaliar sua reação, mas isso iria revelar o próprio nervosismo, e ele se forçou a não fazê-lo.

– Levarei o dinheiro para a senhora amanhã de manhã, se tiver a bondade de me dizer onde.

– O senhor me disse que não tinha nem 50 libras! – falou Bertrand, com a voz embriagada.

A situação estava piorando.

– Por que amanhã? – indagou madame Bauchene. – Por que não agora?

Pierre esforçou-se para manter um ar despreocupado.

– Quem carrega tanto ouro assim na bolsa?

– Você mente bem, mas a mim não engana mais – disse a viúva.

Pierre ouviu Bertrand dar um grunhido de surpresa. O rapaz começava a entender. Mesmo assim, continuou tentando. Empertigou-se todo e adotou um ar ofendido.

– Madame, eu sou Pierre Aumande de Guise. Talvez a senhora reconheça o nome da minha família. Queira por gentileza acreditar que nossa honra não permite farsas.

Na mesa junto à porta, um dos soldados que brindava à *Calais française*

levantou a cabeça e cravou os olhos em Pierre. O jovem viu que o soldado perdera a maior parte da orelha direita em alguma briga e experimentou um instante de desconforto, mas precisava se concentrar na viúva.

– Não sei nada sobre o seu nome, mas sei que o senhor não tem honra nenhuma, seu desonesto. Quero o meu dinheiro – determinou ela.

– E terá, eu lhe garanto.

– Então me leve agora até sua casa.

– Temo não poder fazer o que me pede. Minha mãe, madame de Châteauneuf, não iria considerá-la uma convidada adequada.

– Sua mãe não é madame de coisa nenhuma – retrucou a viúva com desdém.

– Pensei que o senhor fosse um estudante e que morasse na universidade – disse Bertrand, a voz soando menos embriagada a cada minuto que passava.

Pierre entendeu que era o fim. Perdera a chance com Bertrand. Virou-se para o rapaz.

– Ah, vá para o inferno – falou, furioso.

Tornou a se virar para madame Bauchene. Sentiu uma pontada de saudade do seu corpo cálido e pesado, de sua lascívia alegre. Mas endureceu o próprio coração.

– E a senhora também – completou.

Jogou a capa sobre os ombros. Que perda de tempo fora aquilo tudo. Teria de recomeçar do zero no dia seguinte. Mas e se topasse com outra de suas antigas vítimas? Sentiu-se amargurado. Que péssima noite. Um novo grito de *Calais française* ecoou. Calais que fosse para o diabo, pensou ele. Deu um passo em direção à porta.

Para sua surpresa, o soldado da orelha mutilada se levantou e o impediu de passar.

Pelo amor de Deus, o que foi agora?, pensou ele.

– Afaste-se – ordenou Pierre, altivo. – Isso não tem nada a ver com o senhor. O homem permaneceu onde estava.

– Ouvi o senhor dizer que se chamava Pierre Aumande de Guise.

– Isso, então é melhor sair do meu caminho se não quiser ter problemas com a minha família.

– A família Guise não vai me causar problema nenhum – disse o sujeito, com

uma segurança que incomodou Pierre. – Meu nome é Gaston Le Pin.

Pierre cogitou empurrá-lo para o lado e sair correndo. Avaliou Le Pin dos pés à cabeça. Tinha uns 30 anos e era mais baixo do que Pierre, mas com os ombros largos. Seus olhos azuis eram duros. A orelha danificada sugeria familiaridade com atos de violência. Não seria fácil empurrá-lo.

Pierre se esforçou para manter o tom de superioridade.

– E daí, Le Pin?

– Eu trabalho para a família Guise. Sou chefe da guarda pessoal deles.

Pierre sentiu um peso no peito.

– E o senhor está preso em nome do duque de Guise por usar falsamente um sobrenome aristocrático.

– Eu sabia – disse a viúva Bauchene.

– Meu bom homem, pois saiba o senhor que... – começou Pierre.

– Poupe suas palavras para o juiz – disse Le Pin com desdém. – Rasteau, Brocard, levem o sujeito.

Sem que Pierre houvesse notado, dois dos soldados tinham se levantado da mesa e se postado um de cada lado seu, e nessa hora o seguraram pelo braço. As mãos deles mais pareciam cintas de ferro. Pierre nem sequer tentou lutar. Le Pin aquiesceu para os soldados, e eles saíram da taberna levando o estudante.

Atrás de si, ele escutou a viúva gritar:

– Tomara que o enforcuem!

Estava escuro, mas as sinuosas e estreitas ruas medievais estavam cheias de gente festejando, e ecoavam com canções patrióticas e gritos de “Vida longa a Balafre”. Rasteau e Brocard caminhavam depressa, e Pierre teve de apertar o passo para acompanhá-los e evitar ser arrastado pela rua.

Apavorou-se ao pensar na punição que poderia receber: fazer-se passar por nobre era um crime grave. E, ainda que se safasse, qual seria o seu futuro? Poderia encontrar outros tolos iguais a Bertrand e mulheres casadas para seduzir, mas, quanto mais pessoas trapaceasse, maior a probabilidade de precisar pagar por isso. Por quanto tempo conseguiria manter aquele estilo de vida?

Olhou para os homens que o escoltavam. Rasteau, quatro ou cinco anos mais velho que o outro, não tinha nariz, somente dois buracos rodeados por cicatrizes, sem dúvida resultado de uma briga com facas. Pierre teve esperanças de que eles

se descuidassem, relaxassem a vigilância e diminuíssem a força com que o seguravam, então sairia correndo e se perderia na multidão. Mas os dois permaneceram alertas, segurando firme.

– Para onde estão me levando? – perguntou ele, mas os soldados não se deram ao trabalho de responder.

Em vez disso, ficaram conversando sobre luta com espadas, pelo visto continuando uma conversa iniciada na taberna.

– Esqueça o coração – disse Rasteau. – A ponta da sua espada pode resvalar numa costela e causar só um arranhão.

– No que você mira? Na garganta?

– É um alvo pequeno demais. Eu miro na barriga. Uma facada na barriga não mata na hora, mas paralisa. Dói tanto que o sujeito não consegue pensar em mais nada.

Ele deu uma risadinha aguda, um som inesperado na boca de um homem de aspecto tão rude.

Pierre logo descobriu para onde iam. Dobraram na Rue Vieille du Temple. Sabia que era lá que a família Guise construía seu novo palácio, que ocupava todo um quarteirão. Muitas vezes sonhara subir aqueles degraus encerados e adentrar o salão nobre. Mas foi conduzido até o portão do jardim, pela entrada da cozinha. Os três desceram uma escada até um subsolo abarrotado de barris e caixas e com cheiro de queijo. Atiraram o rapaz com violência para dentro de um cômodo e bateram a porta com força. Pierre ouviu uma barra se encaixar numa alça. Quando tentou abrir a porta, não conseguiu.

A cela estava fria e fedida como o sanitário de uma taberna. Uma vela no corredor lá fora lançava uma luz débil pela janelinha gradeada da porta. Conseguiu distinguir o chão de terra batida e o teto abobadado feito de tijolos. A única mobília era um penico que fora usado e ninguém esvaziara – daí o cheiro.

Era incrível a rapidez com que a vida podia se tornar uma merda.

Presumiu que passaria a noite ali. Sentou-se com as costas apoiadas na parede. Pela manhã, seria levado até um juiz. Precisava pensar no que dizer. Precisava inventar uma história para o tribunal. Talvez ainda conseguisse escapar de uma punição séria, contanto que executasse bem a encenação.

Mas por algum motivo ele estava desanimado demais para conceber uma

história. Não parava de se perguntar o que iria fazer quando aquilo tudo terminasse. Tinha aproveitado a vida como integrante do grupo dos abastados. Perdera dinheiro em brigas de cachorro, dera gorjetas generosas a garçonetes, comprara luvas de pelica... isso tudo lhe proporcionara uma emoção que ele jamais esqueceria. Será que precisaria abrir mão daquilo?

O mais agradável para ele fora o modo como os outros o haviam aceitado. Não faziam a menor ideia de que ele era um bastardo filho de outro bastardo. Não davam o menor indício de condescendência. Até o convidavam com frequência quando saíam para se divertir. Se ele por algum motivo ficasse para trás conforme eles iam de uma taberna a outra no bairro universitário, um deles perguntava “Onde está Aumande?” e todos paravam e esperavam que ele os alcançasse. Ao recordar isso agora, ele quase chorou.

Fechou mais a capa em volta do corpo. Será que conseguiria dormir naquele chão frio? Quando se apresentasse diante do tribunal, queria ter o aspecto de um membro genuíno da família Guise.

A luz em sua cela ficou mais intensa. Um barulho soou no corredor. A barra foi removida, e a porta, aberta.

– De pé – disse uma voz rude.

Pierre levantou-se atabalhoadamente.

Mais uma vez, seguraram seu braço com força suficiente para desencorajar qualquer esperança de fuga.

Gaston Le Pin o aguardava lá fora. Pierre juntou os trapos de sua antiga arrogância.

– Suponho que o senhor vá me soltar – falou. – Exijo um pedido de desculpas.

– Cale a boca – disse Le Pin.

O soldado seguiu na frente, levando-o pelo corredor até a escada dos fundos, depois atravessou o primeiro piso e subiu uma grandiosa escadaria. Pierre ficou estupefato. Embora tratado como um criminoso, estava sendo levado até o piso nobre do palácio como se fosse um convidado.

Le Pin adentrou primeiro um cômodo com tapete estampado, pesadas cortinas de brocado e cores reluzentes e que tinha, acima da lareira, um quadro grande retratando uma voluptuosa mulher nua. Dois homens bem-vestidos

sentados em cadeiras estofadas conversavam baixinho. Entre eles havia uma mesinha com uma jarra de vinho, dois cálices e uma travessa cheia de castanhas, frutas secas e pequenos bolos. Ambos ignoraram o recém-chegado e seguiram conversando sem se importar que alguém escutasse.

Eram evidentemente irmãos, ambos fortes, com cabelo claro e barba loura. Pierre os reconheceu. Depois do rei, eram os homens mais notáveis da França.

Um deles tinha terríveis cicatrizes em ambas as faces, marcas de uma lança que lhe traspassara a boca. Diziam que a ponta da lança ficara cravada na carne e que ele voltara a cavalo até sua barraca e sequer gritara quando o médico retirara a lâmina. Era Francisco, duque de Guise, conhecido como Balafre. Faltavam poucos dias para o seu 39º aniversário.

O irmão mais jovem, nascido no mesmo dia cinco anos depois, era Carlos, cardeal de Lorena. Trajava as vestes carmesim de seu cargo eclesiástico. Aos 14 anos de idade, fora nomeado arcebispo de Reims e agora ocupava tantos cargos religiosos lucrativos que era um dos homens mais ricos da França, com uma renda espantosa de 300 mil libras por ano.

Pierre passara anos sonhando em conhecer aqueles dois. Eram os homens mais poderosos da França depois da família real. Na sua fantasia, valorizavam-no como conselheiro, falavam-lhe quase como se ele fosse um igual e pediam seus conselhos para decisões políticas, financeiras e até militares.

Mas agora estava diante deles como criminoso.

Ficou escutando a conversa. Em voz baixa, o cardeal Carlos falou:

– O prestígio do rei ainda não se recuperou de todo após a derrota em St. Quentin.

– Mas a minha vitória em Calais com certeza ajudou! – disse o duque Francisco.

Carlos balançou a cabeça.

– Nós ganhamos a batalha, mas estamos perdendo a guerra.

Apesar do medo que sentia, Pierre estava fascinado. A França vinha disputando com a Espanha o domínio do reino de Nápoles e de outros estados na península italiana. A Inglaterra havia se aliado aos espanhóis. A França tinha recuperado Calais, mas não os estados italianos. Era uma troca ruim, mas poucas pessoas ousariam dizer isso abertamente. Os dois irmãos tinham extrema

segurança na própria força.

Le Pin aproveitou a pausa para dizer:

– Meus senhores, eis aqui o impostor.

Os irmãos ergueram os olhos.

Pierre se endireitou. Já havia escapado de situações constrangedoras usando sua lábia e mentiras plausíveis. Disse a si mesmo para considerar aquele problema uma oportunidade. Caso se mantivesse alerta e esperto, talvez o encontro pudesse até lhe proporcionar algum ganho.

– Boa noite, meus senhores – falou, num tom digno. – Que honra inesperada.

– Fale apenas quando falarem com você, seu merda – disse Le Pin.

Pierre virou-se para ele.

– Não empregue linguajar rude na presença do cardeal – falou. – Senão vou tomar providências para que aprenda uma lição.

Le Pin se ofendeu, mas hesitou em golpear Pierre na frente dos patrões.

Os dois irmãos se entreolharam e Carlos ergueu uma das sobrancelhas, achando graça. Pierre o surpreendera. Ótimo.

Quem falou foi o duque:

– O senhor anda fingindo ser um membro da nossa família. É uma ofensa séria.

– Imploro-lhes humildemente o seu perdão.

Ele seguiu falando antes que qualquer um dos irmãos conseguisse responder:

– Meu pai é filho ilegítimo de uma leiteira em Thonnance-lès-Joinville.

Detestava ter de contar essa história, pois era verdade e o envergonhava. Mas ele estava desesperado. Continuou desfiando:

– Dizem na família que o amante dela foi um vistoso rapaz de Joinville, primo da família Guise.

O duque Francisco deu um grunhido cético. A base dos Guises era a cidade de Joinville, na região de Champagne, e Thonnance-lès-Joinville ficava lá perto. Mas muitas mães que não eram casadas punham a culpa num amante aristocrata. Por outro lado, muitas vezes era verdade.

– Meu pai estudou e se tornou padre na região graças a uma recomendação do pai dos senhores, hoje no céu, que Deus dê descanso à sua alma – continuou Pierre.

Pierre sabia que isso era perfeitamente plausível. Os nobres não reconheciam filhos ilegítimos, mas era comum ajudá-los com a mesma displicência com que parariam para retirar um espinho da pata de um cão que mancasse.

– Como o senhor pode ser filho de um padre celibatário? – perguntou o duque Francisco.

– Minha mãe era governanta dele.

Padres não podiam se casar, mas com frequência tinham amantes, e “governanta” era o eufemismo aceito por todos.

– Então o senhor é duplamente ilegítimo!

Pierre corou, e a emoção foi genuína. Não precisava fingir se envergonhar das próprias origens. Mas o comentário do duque também o encorajou, pois sugeria que a história estava sendo levada a sério.

– Mesmo que a história da sua família fosse verdade, o senhor não poderia usar nosso sobrenome... como bem deve saber – disse o duque.

– Sei que cometi um erro – falou Pierre. – Mas passei a vida inteira admirando os Guises. Daria minha alma para servir aos senhores. Sei que o seu dever é me punir, mas, por favor... em vez disso, usem meus préstimos. Deem-me uma tarefa, e eu a desempenharei com dedicação. Farei qualquer coisa que os senhores pedirem... qualquer coisa.

O duque balançou a cabeça com desdém.

– Não consigo imaginar nenhum serviço que o senhor pudesse fazer por nós.

Pierre se desesperou. Pusera o coração e a alma naquele discurso... e fracassara.

Foi então que o cardeal Carlos interveio:

– Na verdade, talvez haja alguma coisa sim...

O coração de Pierre se encheu de esperança.

Uma leve irritação atravessou o rosto do duque Francisco.

– É mesmo?

– Sim.

O duque fez um gesto de “prossiga”.

– Há protestantes em Paris – disse o cardeal Carlos.

Carlos era católico fervoroso, o que não era nenhuma surpresa, visto o dinheiro que ganhara com a Igreja. E ele tinha razão em relação aos protestantes.

Embora Paris fosse uma cidade fortemente católica, onde populares pregadores do fogo do inferno se indignavam contra as heresias todos os domingos nos púlpitos, havia uma minoria disposta a ouvir denúncias de padres que embolsavam sua renda eclesiástica sem nada fazer pelos fiéis. Alguns, de tão indignados com a corrupção na Igreja, chegavam a correr o risco de assistir a cultos protestantes clandestinos, muito embora isso fosse crime.

Pierre fingiu ultraje.

– Essa gente deveria ser morta!

– E vai ser – concordou Carlos. – Mas primeiro precisamos encontrá-los.

– Eu posso fazer isso! – disse Pierre depressa.

– E obter também os nomes de suas esposas e filhos, amigos e conhecidos.

– Vários de meus colegas na Sorbonne têm inclinações heréticas.

– Pergunte onde se podem comprar livros e panfletos que criticam a Igreja.

Vender literatura protestante era um crime passível de pena de morte.

– Darei algumas indiretas – disse Pierre. – Fingirei que tenho dúvidas sinceras.

– Mais do que tudo, eu quero saber os lugares onde os protestantes se reúnem para realizar cultos blasfemos.

Uma ideia ocorreu a Pierre e o fez franzir a testa. Era de supor que a necessidade daquelas informações não houvesse ocorrido a Carlos nos últimos minutos.

– Vossa Eminência já deve ter mandado outros obterem essas informações.

– O senhor não precisa saber sobre eles, nem eles sobre o senhor.

Então Pierre estaria se somando a um número desconhecido de espiões.

– Serei o melhor de todos!

– Se for, será recompensado.

O rapaz mal pôde acreditar na própria sorte. Ficou tão aliviado que quis se retirar na mesma hora, antes que Carlos mudasse de ideia. Entretanto, precisava transmitir uma impressão de calma e segurança.

– Obrigado, cardeal, por depositar sua confiança em mim.

– Ah, por favor, não fique imaginando que confio no senhor – disse Carlos com um desdém casual. – Mas, para exterminar os hereges, é preciso usar todas as ferramentas que se tem em mãos.

Pierre não queria se retirar com aquele tom. Precisava dar um jeito de impressionar os irmãos. Lembrou-se da conversa que estavam tendo quando ele entrara. Mandou a cautela às favas e tornou a falar:

– Cardeal, concordo com o que o senhor dizia sobre a necessidade de melhorar a reputação de Sua Majestade, o rei.

Carlos fez uma cara de quem não sabia se ficava ofendido ou apenas achava graça com a afronta de Pierre.

– Concorda mesmo? – falou.

Pierre prosseguiu:

– O que precisamos agora é de uma celebração grande e luxuosa para fazer com que a vergonha de St. Quentin seja esquecida.

O cardeal meneou a cabeça de leve.

– Algo como um casamento real – sugeriu Pierre, encorajado.

Os dois irmãos se entreolharam.

– Sabe de uma coisa? – disse o duque Francisco. – Acho que esse trapaceiro talvez tenha razão.

Carlos aquiesceu.

– Já conheci homens melhores que não entendiam tão bem a política.

Pierre se empolgou.

– Obrigado, eminência.

Então Carlos perdeu o interesse por ele, ergueu seu cálice de vinho e disse:

– Está dispensado.

Pierre foi até a porta e seu olhar recaiu sobre Le Pin. Um pensamento lhe ocorreu e ele tornou a se virar.

– Eminência – disse a Carlos. – Quando eu tiver os endereços dos locais em que os protestantes celebram cultos, devo trazê-los ao senhor ou entregá-los a um de seus criados?

O cardeal se imobilizou com o cálice junto aos lábios.

– Só a mim pessoalmente – falou. – Sem exceções. Agora vá – ordenou, bebendo do cálice em seguida.

Pierre cruzou olhares com Le Pin e abriu um sorriso triunfante.

– Obrigado, eminência – falou e saiu.

Sylvie Palot notara na véspera o belo rapaz no mercado de peixe. Não era um vendedor: estava bem-vestido demais, com um gibão azul cortado de forma a deixar à mostra o forro de seda branca. No dia anterior ela o vira comprar um pouco de salmão, mas ele o escolhera sem cuidado, sem o interesse de quem iria comer o que comprava. Havia lhe sorrido várias vezes.

Sylvie achara difícil não gostar disso.

Ele era um rapaz bonito, com cabelos claros e uma barba loura incipiente. Calculou que tivesse 20 anos, três a mais do que ela. Exibia uma autoconfiança que era um verdadeiro feitiço.

Sylvie já tinha um admirador. Dentre os conhecidos de seus pais estava a família Mauriac. Pai e filho eram baixos, mas compensavam esse fato sendo sujeitos alegres e brincalhões. O pai, Luc, era um sedutor apreciado por todos, motivo que talvez o fizesse ter tanto sucesso como negociante de cargas de navio. Por outro lado, o filho dele e admirador de Sylvie, Georges, era uma pálida imitação do pai e só conseguia contar piadas ruins e fazer comentários canhestros. Ela realmente precisava que ele passasse uns dois anos fora e amadurecesse.

Seu novo admirador no mercado de peixe lhe dirigiu a palavra pela primeira vez numa manhã fria de janeiro. Havia neve às margens do Sena e finas camadas de gelo se formavam na água dentro dos barris dos peixeiros. Gaivotas esfomeadas por causa do inverno voavam em círculos no céu, grasnando de frustração ao ver tanta comida.

– Como se sabe se um peixe está fresco? – perguntou o rapaz.

– Pelos olhos – respondeu ela. – Se estiverem opacos, o peixe é velho. Os olhos devem estar límpidos.

– Como os da senhorita – disse ele.

Ela riu. Pelo menos ele era espirituoso. Georges Mauriac só fazia dizer bobagens do tipo “A senhorita já foi beijada?”.

– E abra as guelras – acrescentou ela. – Elas devem estar rosadas por dentro e úmidas. Ai, não!

Ela levou a mão à boca. Acabara de lhe dar a deixa para um comentário

obsceno sobre outra coisa que poderia estar rosada e úmida. Sentiu-se corar.

O rapaz fez um ar de quem estava achando a conversa engraçada, mas disse apenas:

– Vou me lembrar disso.

Ela apreciou seu tato. Obviamente aquele rapaz não era igual a Georges Mauriac.

Ele ficou parado ao seu lado enquanto ela comprava três trutas pequenas, o pescado favorito do pai, e pagava. Acompanhou-a quando ela se afastou com os peixes dentro da cesta.

– Como o senhor se chama? – perguntou ela.

– Pierre Aumande. Sei que a senhorita se chama Sylvie Palot.

Como ela gostava de conversas diretas, indagou:

– Andou me observando?

Ele hesitou, fez cara de envergonhado e respondeu:

– Sim, acho que sim.

– Por quê?

– Porque a senhorita é muito linda.

Sylvie sabia que tinha um rosto agradável e franco, a pele boa e olhos azuis, mas não acreditava que fosse linda, de modo que retrucou:

– Só por isso?

– A senhorita é muito observadora.

Então havia alguma outra coisa. Ela não pôde evitar certa decepção. Que vaidade a sua ter acreditado, por um instante que fosse, que aquele rapaz estava enfeitiçado pela sua beleza. Talvez no final das contas ela ficasse mesmo com Georges Mauriac.

– É melhor me dizer, então – falou ela, tentando não deixar transparecer a desilusão.

– Já ouviu falar em Erasmo de Roterdã?

É claro que Sylvie já ouvira. Ela sentiu os antebraços se arrepiarem. Por alguns minutos, esquecer-se de que ela e sua família eram criminosos, que seriam executados caso fossem pegos. O medo familiar retornou.

Ela não era burra a ponto de responder àquela pergunta, nem mesmo vinda de um rapaz tão maravilhoso. Após alguns instantes, pensou numa resposta

evasiva.

– Por que o senhor quer saber?

– Sou aluno da universidade. Lá ensinam que Erasmo é um homem mau, o progenitor do protestantismo. Mas fiquei com vontade de ler a obra dele. A biblioteca de lá não tem esses livros.

– E como é que eu iria saber sobre essas coisas?

Pierre deu de ombros.

– Seu pai é impressor, não é?

Quer dizer que ele a havia observado *mesmo*. Mas não tinha como saber a verdade. Sylvie e a família receberam uma missão de Deus. Era seu sagrado dever ajudar os conterrâneos a se informarem sobre a verdadeira religião. Eles faziam isso vendendo livros: principalmente a Bíblia, claro, em francês, de forma que todos pudessem entender os textos com facilidade e ver por si mesmos como a Igreja Católica estava errada. Mas também publicavam comentários de eruditos como Erasmo, que explicavam tudo com clareza para os leitores que porventura demorassem a chegar às conclusões certas sem ajuda.

Toda vez que eles liam um livro desses, corriam um risco terrível: a punição era a morte.

– Por que cargas-d’água o senhor acha que nós vendemos esse tipo de livro?
– indagou ela. – Isso é contra a lei!

– Um colega meu disse que vocês talvez vendessem, só isso.

Então eram boatos... o que já era preocupante o suficiente.

– Bem, por favor, diga a ele que não.

– Está bem.

O rapaz pareceu decepcionado.

– O senhor não sabe que os impressores podem ser revistados a qualquer momento em busca de livros ilegais? Nossa casa já foi inspecionada várias vezes. Não há máculas em nossa reputação.

– Meus parabéns.

Ele ainda caminhou mais alguns passos ao seu lado, então parou.

– De toda forma, prazer em conhecê-la.

– Espere – falou Sylvie.

A maioria dos clientes que compravam publicações proibidas era conhecida

sua, homens e mulheres que louvavam a Deus ao seu lado nos cultos ilícitos organizados em lugares secretos. Outros vinham recomendados por algum conhecido que seguia a mesma religião. Até esses eram perigosos: caso fossem presos e torturados, decerto contariam tudo.

Mas os protestantes precisavam correr um risco ainda maior: falar com desconhecidos sobre a sua fé. Era a única maneira de propagar o evangelho. A obra da vida de Sylvie era converter católicos, e ela estava diante de uma oportunidade para fazer justamente isso. Além do mais, se deixasse Pierre ir embora, talvez nunca mais o visse.

Ele parecia sincero. Também a abordara com cautela, como se estivesse assustado. Não parecia ser um falastrão, nem zombeteiro, tolo ou bêbado: ela não conseguia pensar em nenhum bom motivo para lhe dizer não.

Estaria talvez um pouco mais disposta do que de costume a correr esse risco só pelo fato de aquele convertido em potencial ser um belo jovem que parecia atraído por ela? Resolveu que essa questão não vinha ao caso.

Precisava pôr a vida em risco e rezar pela proteção de Deus.

– Vá à livraria hoje à tarde – disse ela. – Leve 4 libras. Compre um exemplar da *Gramática latina*. Faça o que fizer, não mencione o nome de Erasmo.

Apesar de parecer espantado com aquele comportamento subitamente decidido, Pierre falou:

– Está bem.

– Depois me encontre outra vez no mercado de peixe ao cair da noite – orientou Sylvie, porque a margem do rio estaria deserta a essa hora. – Leve a Gramática.

– E depois?

– Depois confie em Deus.

Ela lhe deu as costas e se afastou sem esperar resposta. No caminho para casa, rezou para ter feito a coisa certa.

Paris era dividida em três partes. A maior delas ficava na margem norte do Sena, conhecida como *rive droite*, margem direita. O assentamento menor ao sul do rio, na margem esquerda, era conhecido como Universidade, ou às vezes Quartier Latin ou Bairro Latino, por causa de tantos estudantes falando latim. A ilha situada entre as duas margens se chamava Cité, e era onde Sylvie morava.

Sua casa ficava na sombra da imensa Catedral de Notre-Dame. A livraria ficava no térreo, onde os livros ficavam trancados em armários com portas de tela. Sylvie e os pais moravam no andar de cima. Nos fundos ficava a oficina de impressão. Sylvie e a mãe, Isabelle, se revezavam na loja, enquanto o pai, Gilles, que não era bom vendedor, trabalhava na oficina.

Sylvie fritou a truta com cebola e alho e pôs pão e vinho na mesa. Sua gata Fifi apareceu do nada e a moça lhe deu a cabeça de um peixe. O animal se pôs a comer delicadamente, começando pelos olhos. Sylvie estava preocupada com o que fizera naquela manhã. Será que o estudante iria aparecer? Ou será que no seu lugar viria um oficial acompanhado por uma guarnição de soldados para prender a família inteira sob acusações de heresia?

Gilles comeu primeiro; a filha o serviu. Era um homem grandalhão, com braços e ombros fortes de tanto erguer as pesadas bandejas de carvalho cheias de peças tipográficas feitas de liga de chumbo. Quando estava de mau humor, era capaz de jogar Sylvie do outro lado da cozinha com o braço esquerdo, mas a carne da truta estava macia e ele estava num dia bom.

Depois de o pai terminar, Sylvie foi para a livraria enquanto Isabelle comia, e as duas se revezaram, mas a moça estava sem fome. Terminada a refeição, ela voltou para a loja.

Não havia nenhum cliente e Isabelle perguntou na mesma hora:

– Com o que está tão preocupada?

A filha lhe contou sobre Pierre Aumande. Isabelle ficou apreensiva.

– Você deveria ter combinado de encontrar com ele de novo para descobrir mais coisas a seu respeito antes de convidá-lo para vir à livraria.

– Eu sei, mas que motivo eu teria para encontrá-lo?

Isabelle a encarou com um ar de provocação e Sylvie arrematou:

– Não sou boa em paquerar, a senhora sabe. Eu sinto muito.

– Que bom que não é – disse Isabelle. – É porque você é uma pessoa sincera. Enfim, nós temos de correr riscos, é a cruz que precisamos carregar.

– Só espero que ele não seja do tipo que depois fica com a consciência pesada e despeja tudo no confessor – falou Sylvie.

– O mais provável é que ele fique com medo e desista. Você provavelmente jamais voltará a vê-lo.

Não era o que Sylvie esperava, mas ela não disse nada.

A conversa entre mãe e filha foi interrompida por um cliente. Sylvie o encarou com curiosidade. A maioria dos que entravam na livraria era bem-vestida, pois gente pobre não tinha como comprar livros. As roupas daquele jovem estavam inteiras, mas eram simples e já bem gastas. Seu pesado casaco exibia manchas de poeira e suas botas estavam opacas. Ele devia estar no meio de uma viagem. Tinha um ar ao mesmo tempo cansado e nervoso. Sylvie sentiu uma pontada de compaixão.

– Gostaria de falar com Gilles Palot – pediu o visitante com um sotaque de fora da cidade.

– Vou chamá-lo – disse Isabelle e saiu da livraria para a oficina nos fundos.

Sylvie ficou curiosa. O que aquele viajante queria com seu pai senão comprar um livro? Para testá-lo, perguntou:

– O senhor veio de longe?

Antes que ele respondesse, outro cliente entrou na loja. Sylvie o reconheceu: era um clérigo da catedral. Ela e a mãe sempre tomavam cuidado para tratar os religiosos com deferência. Gilles não fazia o mesmo, mas ele era rabugento com todos.

– Boa tarde, arquidiácono Raphael – falou Sylvie. – Temos muita satisfação em vê-lo, como sempre.

O rapaz da capa suja pareceu contrariado. Sylvie se perguntou se ele teria algum motivo para não gostar de religiosos.

– A senhorita tem alguma edição dos Salmos? – perguntou Raphael.

– Claro.

Sylvie destrancou um dos armários e pegou uma versão em latim, supondo que Raphael não fosse querer uma tradução em francês, ainda que aprovada pela Faculdade de Teologia da Sorbonne. Imaginou que o arquidiácono estivesse comprando um presente, pois já devia ter a Bíblia inteira.

– Esta aqui daria um lindo presente – falou. – A encadernação é gravada com folha de ouro e a impressão foi feita em duas cores.

Raphael virou as páginas.

– Muito agradável.

– Cinco libras – informou Sylvie. – Um preço bem razoável.

Era uma pequena fortuna para pessoas comuns, mas arquidiáconos não eram pessoas comuns.

Nesse instante um terceiro cliente entrou e Sylvie o reconheceu como Pierre Aumande. Sentiu um calor de prazer ao ver aquele rosto sorridente, mas torceu para ter tido razão ao supor que ele fosse discreto: seria uma catástrofe se ele começasse a falar sobre Erasmo na frente de um arquidiácono e de um desconhecido misterioso.

Sua mãe voltou dos fundos. Dirigindo-se ao viajante, falou:

– Meu marido virá em um instante.

Ao ver que Sylvie atendia o arquidiácono, virou-se para o outro cliente:

– Posso ajudá-lo com alguma coisa, senhor?

Sylvie chamou a atenção da mãe e arregalou os olhos de leve numa expressão de alerta para indicar que o último cliente a entrar era o estudante de quem lhe falara. Isabelle respondeu com um meneio de cabeça quase imperceptível. Morando com Gilles, mãe e filha eram experientes naquela comunicação silenciosa.

– Preciso de um exemplar da *Gramática latina* – pediu Pierre.

– Agora mesmo.

Isabelle foi até o armário certo, encontrou o livro e o levou até a bancada.

Gilles veio lá dos fundos. Eram agora três clientes na livraria, dois deles sendo atendidos, de modo que ele supôs que o terceiro fosse quem pedira para lhe falar.

– Pois não? – disse.

Gilles tinha modos bruscos, por isso Isabelle tentava mantê-lo fora da livraria. O viajante hesitou, parecendo pouco à vontade.

– O senhor pediu para falar comigo? – indagou Gilles, impaciente.

– Hum... o senhor teria um livro de histórias da Bíblia em francês, ilustrado?

– É claro que sim – respondeu Gilles. – É meu maior sucesso de vendas. Mas o senhor poderia ter pedido isso à minha esposa, em vez de me arrastar da oficina até aqui.

Sylvie desejou, não pela primeira vez, que o pai fosse mais simpático com os clientes. Mas era esquisito que o viajante pedisse para chamá-lo e depois quisesse apenas comprar um livro. Ela olhou de relance para a mãe. O leve

franzir de cenho indicou que Isabelle também achara aquilo estranho.

Reparou também que Pierre escutava a conversa tão intrigado quanto ela.

– As pessoas deveriam ouvir histórias bíblicas do padre da sua paróquia – reclamou o clérigo. – Se começarem a ler sozinhas, certamente vão entender errado.

Pôs algumas moedas de ouro na bancada para pagar pelos Salmos.

Ou talvez entendessem certo, pensou Sylvie. Na época em que as pessoas comuns não tinham como ler a Bíblia, os padres podiam dizer qualquer coisa, o que lhes era bastante conveniente. O fato de a luz da palavra de Deus ser lançada sobre seus ensinamentos e práticas os deixava apavorados.

– Vossa Reverência tem razão... se é que permite a um humilde estudante expressar sua opinião – disse Pierre, obsequioso. – Precisamos ser firmes, caso contrário acabaremos tendo uma seita distinta para cada sapateiro e cada tecelão.

Artesãos independentes como sapateiros e tecelões pareciam especialmente propensos a virarem protestantes. Seu trabalho solitário lhes dava tempo para pensar, supunha Sylvie, e eles não tinham tanto medo de padres e nobres quanto os camponeses.

Mas ela se espantou com aquele comentário tão bajulador vindo de Pierre depois de ele ter demonstrado interesse pela literatura subversiva. Olhou-o com curiosidade, e ele lhe deu uma piscadela.

O rapaz tinha mesmo uma atitude muito sedutora.

Sylvie olhou para o outro lado e embalou os Salmos do arquidiácono em um pedaço de tecido, que em seguida amarrou com barbante.

O viajante se ofendeu com a crítica do religioso.

– Metade da população da França jamais vê seu padre – falou, desafiador.

Era um exagero, pensou Sylvie, mas a verdade era que muitos padres embolsavam a renda de seus cargos e nunca sequer visitavam a paróquia.

O arquidiácono sabia disso e não teve resposta. Pegou os Salmos e saiu da livraria bufando.

– Posso embalar a *Gramática* para o senhor? – perguntou Isabelle ao estudante.

– Sim, por gentileza.

Ele lhe entregou 4 libras.

– Vai querer o livro ou não? – perguntou Gilles ao viajante.

O homem se curvou por cima do livro que Gilles lhe mostrava para examinar as ilustrações.

– Não me apresse – respondeu com firmeza.

Não tivera medo de discutir com o arqui-diácono, nem parecia afetado pelo comportamento belicoso de Gilles. Aquele homem tinha algo mais do que sua aparência desleixada sugeria.

Pierre pegou seu embrulho e saiu. A loja agora tinha apenas um cliente. Sylvie teve a mesma sensação de quando a maré baixa.

O viajante fechou o livro com um estalo, empertigou-se e falou:

– Sou Guillaume de Genebra.

Sylvie ouviu a mãe soltar um pequeno arquejo de surpresa.

A atitude de Gilles mudou. Ele apertou a mão de Guillaume e disse:

– Seja muito bem-vindo. Entre.

O impressor subiu na frente a escada em direção à parte residencial do prédio.

Sylvie só entendeu aquilo parcialmente. Sabia que Genebra era uma cidade protestante independente dominada pelo grande João Calvino. Só que ficava a 400 quilômetros de distância, uma viagem de duas semanas ou mais.

– O que esse homem veio fazer aqui? – indagou à mãe.

– A Faculdade de Pastores de Genebra treina missionários e os despacha para toda a Europa para ensinar o novo evangelho – explicou Isabelle. – O último chamava-se Alphonse. Você tinha 13 anos.

– Alphonse! – exclamou a jovem, lembrando-se de um rapaz devoto que a ignorava. – Nunca entendi por que ele morava aqui.

– Eles nos trazem os escritos de Calvino e outras obras para seu pai copiar e imprimir.

Sylvie se sentiu estúpida. Nunca sequer se perguntara de onde vinham as obras protestantes.

– Está escurecendo – disse Isabelle. – É melhor você ir buscar um exemplar de Erasmo para o seu estudante.

– O que achou dele? – perguntou a moça enquanto vestia o casaco.

Isabelle abriu um sorriso cúmplice.

– É danado de bonito, não é?

A pergunta de Sylvie fora sobre a confiabilidade de Pierre, não sua aparência, mas, pensando bem, ela não estava disposta a entrar nessa questão, que poderia assustá-la demais. Resmungou uma resposta qualquer e saiu.

Andou na direção norte e atravessou o rio. Os joalheiros e chapeleiros da ponte de Notre-Dame se preparavam para fechar as lojas. Uma vez na margem direita, subiu a Rue Saint-Martin, principal via no sentido norte-sul. Alguns minutos depois, chegou à Rue du Mur, uma viela que tinha, de um dos lados, o muro da cidade e, do outro, as entradas dos fundos de algumas casas e a cerca alta de um jardim malcuidado. Ela parou ao lado da estrebaria nos fundos de uma casa ocupada por uma senhora que não possuía cavalos. Sem janelas nem pintura, a estrebaria tinha um aspecto ruim, mas a construção era robusta, com uma porta sólida e a tranca discretamente pesada. Gilles a comprara fazia anos.

Junto ao batente da porta, no nível da cintura, um meio tijolo estava solto. Após se certificar de que ninguém a observava, Sylvie o retirou, enfiou a mão dentro do buraco, pegou uma chave e recolocou o tijolo no lugar. Girou a chave na fechadura, entrou, em seguida fechou e travou a porta atrás de si com uma barra.

Da parede pendia um lampião a vela. Sylvie trouxera consigo uma caixa com itens para fazer fogo: um pedaço de sílex, uma peça tipográfica de aço no formato de D maiúsculo que se encaixava direitinho em volta de seus dedos finos, alguns pedaços de madeira seca e uma tira de pano enrolada. Quando bateu com o sílex na letra D, centelhas voaram para dentro da caixa e inflamaram os pedaços de madeira. Ela então passou o fogo para a ponta do pano e o usou para acender o lampião.

A luz bruxuleante iluminou uma parede de velhos barris empilhados do chão até o teto. A maioria estava cheia de areia e era pesada demais para uma pessoa só levantar, mas alguns estavam vazios. Pareciam todos iguais, mas Sylvie sabia a diferença. Depressa, moveu uma das pilhas para o lado e entrou no espaço ali aberto. Atrás dos barris havia caixas de madeira cheias de livros.

O momento de maior perigo para a família Palot era quando os livros contrabandeados estavam sendo impressos e encadernados na oficina de Gilles. Se a oficina fosse invadida na hora errada, eles morreriam. Assim que ficavam

prontos, contudo, os volumes eram empilhados em caixas – no topo, para camuflá-los, havia sempre uma camada de literatura inocente aprovada pela Igreja Católica – e, em seguida, transportados de carroça até aquele armazém, quando então as prensas recomeçavam a produzir livros legítimos. Na maior parte do tempo, a oficina perto da catedral não continha nada sequer remotamente ilegal.

E apenas três pessoas sabiam da existência daquele depósito: Gilles, Isabelle e Sylvie. A moça só fora informada aos 16 anos. Nem mesmo os trabalhadores da oficina sabiam, apesar de serem todos protestantes: a eles se dizia que os livros prontos eram entregues a um revendedor secreto.

Sylvie então localizou uma caixa marcada com as letras “SA”, de *Sileni Alcibiadis*, decerto a obra mais importante de Erasmo. Pegou um exemplar e o embalou num quadrado de pano de uma pilha próxima, então amarrou o embrulho com barbante. Recolocou os barris no lugar de modo que as caixas de livros ficassem outra vez escondidas e tudo o que se pudesse ver fosse um recinto com metade do espaço tomado por barris.

Ao voltar pela mesma Rue Saint-Martin, pensou se o estudante iria aparecer. Fora à livraria conforme o combinado, mas ainda poderia ficar com medo. Ou pior: poderia vir acompanhado de algum oficial pronto para prendê-la. Sylvie não tinha medo da morte, claro que não; nenhum cristão de verdade teria. Mas sentia pavor de ser torturada. Era acometida por visões de pinças em brasa penetrando em sua carne e precisava expulsar as imagens da mente com preces silenciosas.

A beira do rio ficava tranquila à noite. As bancadas dos peixeiros estavam fechadas e as gaivotas tinham ido procurar comida em outro lugar. A água lambia suavemente a margem.

Pierre estava à sua espera, segurando um lampião. Iluminado por baixo, seu rosto exibía uma beleza sinistra.

Estava sozinho. Sylvie ergueu o livro, mas não o entregou.

– O senhor nunca deve dizer a ninguém que possui isto – falou. – Eu poderia ser executada por lhe vender este livro.

– Eu entendo – disse ele.

– E, caso o aceite de mim, vai estar arriscando a vida também.

– Eu sei.
– Se tiver certeza, pegue-o e me devolva a *Gramática*.
Eles trocaram embrulhos.
– Adeus – falou Sylvie. – Lembre-se do que eu disse.
– Vou me lembrar – prometeu ele.
Então a beijou.

iii

Alison McKay percorreu, apressada, os corredores cheios de correntes de ar do Palácio de Tournelles, levando notícias surpreendentes para a melhor amiga.

Sua amiga precisava cumprir uma promessa que jamais fizera. Aquilo já era esperado fazia anos, mas mesmo assim era um choque. Era uma notícia ao mesmo tempo boa e ruim.

A estrutura medieval no lado leste de Paris era grande e decrépita. Apesar dos ricos acabamentos, era fria e desconfortável. Prestigiosa, porém negligenciada, como a atual moradora, Catarina de Médici, rainha da França, esposa de um rei que preferia a amante.

Alison adentrou um cômodo lateral e encontrou quem procurava.

Dois jovens jogavam cartas sentados no chão junto à janela, iluminados pelo hesitante sol de inverno. Apesar de as roupas e joias revelarem que eles estavam entre as pessoas mais ricas do mundo, os dois jogavam animados apostando centavos e se divertiam imensamente.

O rapaz tinha 14 anos, mas parecia mais novo. Já parara de crescer e tinha um ar frágil. Estava quase na puberdade, tinha uma voz esganiçada e gaguejava. Era Francisco, o filho mais velho do rei Henrique II e da rainha Catarina. O herdeiro do trono da França.

A moça era uma ruiva linda, extraordinariamente grande para os seus 15 anos, mais alta do que a maioria dos homens. Chamava-se Maria Stuart e era a rainha da Escócia.

Quando Maria tinha 5 anos e Alison, 8, mudaram-se da Escócia para a França, duas menininhas assustadas chegando a um país onde não entendiam sequer uma palavra do que as pessoas diziam. O adoentado Francisco se tornara

seu companheiro de brincadeiras, e os três haviam criado o forte vínculo de quem atravessa junto a adversidade.

Alison tinha uma atitude afetuosa e protetora para com Maria, que às vezes precisava de alguém para vigiá-la devido a uma tendência a ser temperamental e imprudente. Ambas gostavam de Francisco como poderiam gostar de um indefeso filhote de gato ou cachorro. Já Francisco adorava Maria como se ela fosse uma deusa.

Agora, aquele triângulo de amizade estava prestes a ser abalado, talvez destruído.

Maria ergueu os olhos e sorriu. Então viu a expressão de Alison e ficou alarmada.

– O que foi? – perguntou em francês, sem qualquer vestígio do sotaque escocês. – O que aconteceu?

Alison foi falando de uma vez:

– Vocês dois vão ter que se casar no domingo depois da Páscoa!

– Cedo assim! – exclamou Maria, e as duas olharam para Francisco.

Maria ficara noiva de Francisco aos 5 anos, logo antes de se mudar para a França. Como todos os noivados reais, tratava-se de uma aliança política. O objetivo era consolidar a união de França e Escócia contra a Inglaterra.

À medida que as meninas cresceram, porém, tinham passado a duvidar que o casamento algum dia fosse acontecer. As relações entre os três reinos mudavam com frequência. Os homens influentes de Londres, Edimburgo e Paris viviam falando em outros maridos para Maria Stuart. Nada parecia garantido até então.

Francisco pareceu ansioso.

– Eu a amo – falou para Maria. – Quero me casar com você... quando eu virar homem.

Maria estendeu a mão e segurou a dele com carinho, mas Francisco estava muito abalado. Começou a chorar e se levantou de forma atrapalhada.

– Francisco... – começou Alison.

Ele balançou a cabeça num gesto de impotência e saiu correndo dali.

– Ai, ai – fez Maria. – Pobre Francisco.

Alison fechou a porta. Sozinhas, podiam conversar melhor. Alison estendeu a mão para Maria e a puxou do chão. Ainda de mãos dadas, as duas se sentaram

num sofá forrado com um luxuoso veludo castanho. Passaram alguns instantes caladas, então Alison perguntou:

– Como está se sentindo?

– Passaram minha vida inteira dizendo que eu era rainha – disse Maria. – Na realidade, nunca fui. Virei rainha da Escócia aos 6 dias de idade, e as pessoas nunca pararam de me tratar feito um bebê. Mas se eu me casar com Francisco e ele se tornar rei, serei rainha da França... de verdade.

Seus olhos cintilaram de desejo.

– É o que eu quero.

– Mas Francisco...

– Eu sei. Ele é um encanto e eu o amo, mas me deitar numa cama com ele e... você sabe...

Alison aquiesceu com vigor.

– Mal consigo pensar numa coisa dessas – comentou Alison.

– Talvez Francisco e eu possamos nos casar e simplesmente fingir.

Alison fez que não com a cabeça.

– O casamento poderia ser anulado.

– E eu não seria rainha.

– Exato.

– Por que agora? – indagou Maria. – O que causou isso?

Alison fora avisada pela rainha Catarina, a pessoa mais bem-informada da França.

– Foi Balafré quem sugeriu ao rei.

O duque de Guise era tio de Maria, irmão de sua mãe. A família estava com o prestígio em alta após a vitória em Calais.

– Por que o tio se importa com isso?

– Pense como o prestígio dos Guises seria impulsionado se uma de suas integrantes se tornasse rainha da França.

– Balafré é soldado.

– Sim. Com certeza isso foi ideia de outra pessoa.

– Mas Francisco...

– O problema todo é o pequeno Francisco, não é?

– Ele é *tão* pequeno... – disse Maria. – E tão doentinho... Será que consegue

fazer o que um homem deve fazer com a esposa?

– Eu não sei – respondeu Alison. – Mas você vai descobrir no domingo depois da Páscoa.

CAPÍTULO 3

Quando fevereiro chegou, o impasse entre Margery e seus pais ainda não se resolvera. Sir Reginald e lady Jane estavam decididos a casá-la com Bart, e ela declarara que jamais faria os votos.

Rollo estava bravo com a irmã. Margery tinha a chance de fazer a família entrar para a nobreza católica, mas em vez disso queria se unir aos Willards, de tendência protestante. Como podia sequer cogitar uma traição dessas... sobretudo tendo uma rainha que favorecia os católicos?

Os Fitzgeralds eram a família mais importante da cidade, e sua aparência condizia com o status, pensou Rollo com orgulho enquanto eles vestiam suas roupas mais quentes no salão e o grande sino na torre da catedral tocava convocando todos para a missa. Sir Reginald era alto e esbelto, e as sardas que manchavam seu rosto também lhe davam certa distinção. Ele vestiu uma pesada capa de tecido cor de avelã. Lady Jane era baixa e magra, com um nariz pontudo e olhos penetrantes que não deixavam escapar muita coisa. Usava um casaco debruado de pele.

Margery também era de baixa estatura, só que mais arredondada. Estava muito emburrada. Desde a festa do conde, não tinha autorização para sair de casa. Mas não podia permanecer incomunicável para sempre e, nessa manhã, o sermão seria feito pelo bispo de Kingsbridge, um poderoso aliado que a família não podia se arriscar a perder.

Era óbvio que Margery decidira-se por não aparentar a tristeza que sentia. Escolhera um casaco de lã Escarlata de Kingsbridge e um chapéu do mesmo tom. No ano e pouco anterior, havia se tornado a moça mais bonita da cidade, fato que até seu irmão podia constatar.

O quinto membro da família era a tia-avó de Rollo. Ela fora freira no priorado de Kingsbridge e se mudara para a casa dos Fitzgeralds quando a instituição tivera suas portas fechadas pelo rei Henrique VIII. Transformaram

seus aposentos, no último andar da casa, em um pequeno convento: o quarto era uma cela humilde e a saleta, uma capela. Sua devoção assombrava Rollo. Todo mundo ainda a chamava de irmã Joan. Agora idosa e frágil, ela andava com o auxílio de duas bengalas, mas insistia em ir à igreja sempre que o bispo Julius estava presente. A criada Naomi levaria uma cadeira até a catedral para irmã Joan se sentar, pois ela não conseguia passar uma hora inteira de pé.

Eles saíram da casa todos juntos. Moravam no cruzamento no alto da rua principal, em frente ao salão da guilda, uma situação proeminente, e sir Reginald por um instante parou e olhou para as ruas cheias de casas que desciam como estrelas na direção do rio. Caía uma neve fraca sobre os telhados de sapê e as chaminés que soltavam fumaça. Minha cidade, dizia a expressão do seu rosto.

Conforme o prefeito e a família desciam em procissão a ladeira da rua principal, os vizinhos os cumprimentavam com respeito, os mais prósperos desejando bom-dia, os mais modestos levando a mão ao chapéu sem dizer nada.

À luz do dia, Rollo reparou que o casaco da mãe estava um pouco roído pelas traças e torceu para que ninguém notasse isso. Infelizmente, o pai não tinha dinheiro para roupas novas. Os negócios iam mal em Combe Harbour, o porto onde sir Reginald era coletor de impostos. Os franceses haviam tomado o porto de Calais, a guerra se arrastava e o transporte marítimo pelo Canal da Mancha era mínimo.

Ao se aproximar da catedral, eles passaram pela outra causa da crise financeira familiar: a casa nova, que iria se chamar Priory Gate, “portão do priorado”. Situada no lado norte da praça do mercado, ela ficava em um terreno outrora contíguo à casa do prior, na época em que ainda existia um priorado. A obra agora estava quase parada. A maioria dos construtores fora para outro lugar, trabalhar para pessoas que pudessem pagar. Uma cerca de madeira grosseira fora erguida para desencorajar os curiosos de entrarem na casa em construção.

Sir Reginald também era dono do complexo de estruturas do priorado no lado sul da catedral: o claustro, a cozinha, o dormitório dos monges e o das freiras, além dos estábulos. Quando Henrique VIII ordenara a dissolução dos monastérios, suas propriedades tinham sido doadas ou vendidas para famílias abastadas da região, e sir Reginald ficara com o priorado. Aquelas construções, a maioria delas muito velhas, haviam sofrido décadas de abandono e agora caíam

aos pedaços, com ninhos de aves nos beirais e arbustos espinhosos a brotar no claustro. Reginald provavelmente as venderia de volta para a Igreja.

Entre os dois terrenos abandonados se erguia orgulhosa a catedral, intacta havia centenas de anos, assim como a fé católica que representava. Nas últimas quatro décadas, os protestantes haviam tentado alterar as doutrinas cristãs ensinadas ali por tanto tempo. Rollo se perguntava como podiam ter tamanha ousadia. Era como tentar instalar janelas modernas nas paredes da igreja. A verdade era eterna, assim como a catedral.

Eles entraram pelos grandes arcos da fachada oeste. Parecia fazer ainda mais frio dentro da catedral do que do lado de fora. Como sempre, a visão da nave comprida e suas bem-ordenadas linhas de colunas e arcos repetidos com precisão fez Rollo ser dominado por um sentimento reconfortante de um universo sistemático, regulamentado por uma divindade racional. No outro extremo, a luz de inverno iluminava debilmente a grande roseta, e seus vitrais coloridos mostravam como tudo iria acabar: Deus sentado no trono no dia do Juízo Final, os maus torturados no inferno, os bons adentrando o paraíso, o equilíbrio restaurado.

Enquanto as orações começavam, os Fitzgeralds desceram o corredor até o cruzamento com o transepto. De longe, ficaram observando os padres celebrarem a missa no altar. À sua volta estavam as outras grandes famílias da cidade, entre elas os Willards e os Cobleys, e do condado, em especial o conde de Shiring com o filho Bart e o conde e a condessa Brecknock.

O canto não estava grande coisa. Centenas de anos de um coral de qualidade na catedral de Kingsbridge tinham chegado ao fim com o fechamento do priorado e a dissolução do coro. Alguns dos antigos monges haviam formado um novo coral, mas o ânimo não era mais o mesmo. Não conseguiram recriar a fanática disciplina de um grupo cuja vida inteira era dedicada a louvar a Deus com lindas músicas.

A congregação se imobilizou nos momentos principais, como a consagração da hóstia, e escutou de forma educada o sermão do bispo Julius sobre a obediência, mas passou a maior parte do tempo conversando.

Rollo se irritou ao ver que Margery se afastara da família e conversava animada com Ned Willard, com a pluma do chapéu a se balançar vigorosamente

a cada meneio de cabeça. Ned também estava bem-vestido, com seu casaco azul francês, e encantado com a companhia. Rollo quis lhe dar um chute por tamanha insolência.

Para compensar, foi falar com Bart Shiring e lhe disse que tudo daria certo no final. Os dois conversaram sobre a guerra. A perda de Calais não havia prejudicado só o comércio. A rainha Maria e seu marido estrangeiro estavam cada dia mais impopulares. Rollo ainda não achava que a Inglaterra algum dia fosse voltar a ter um monarca protestante, mas Maria Tudor não vinha ajudando a causa católica.

Quase ao fim da missa, ele foi abordado pelo rechonchudo filho de Philbert Copley, Dan. Rollo sentia que a puritana família Copley estava ali de má vontade. Supunha que odiassem as estátuas e os quadros e que o cheiro do incenso lhes desse vontade de tapar o nariz. Imaginar que pessoas ignorantes, sem educação ou instrução, tivessem o direito de pensar o que quisessem em relação à religião o deixava furioso. Se essa ideia ingênua algum dia se alastrasse, seria a ruína da civilização. Era preciso dizer às pessoas o que fazer.

Dan estava acompanhado de um homem magro e rijo, de rosto marcado pelo tempo, chamado Jonas Bacon: um dos muitos capitães de barco empregados pelos comerciantes de Kingsbridge.

– Temos um carregamento que desejamos vender – disse ele a Rollo. – Por acaso estariam interessados?

Donos de navios como os Cobileys muitas vezes vendiam seus carregamentos antecipadamente, às vezes oferecendo lotes a diferentes investidores. Era um jeito de angariar o dinheiro necessário para financiar a viagem e, ao mesmo tempo, diminuir os riscos. Nessas transações, os acionistas às vezes conseguiam multiplicar por dez o valor de sua parte... ou então podiam perder tudo. Em tempos mais prósperos, sir Reginald embolsara lucros enormes assim.

– Pode ser que tenhamos interesse – respondeu Rollo.

Estava sendo desonesto. O pai não tinha dinheiro em espécie para investir num carregamento, mas mesmo assim ele queria saber do que se tratava.

– O *St. Margaret* está voltando do Mar Báltico com o porão abarrotado de peles no valor de mais de 500 libras esterlinas – disse Dan. – Posso lhe mostrar o manifesto.

Rollo estranhou.

– Como pode saber isso se o barco ainda está no mar?

Quem respondeu à pergunta foi o capitão Bacon, numa voz rouca por causa dos muitos anos que passara gritando para se fazer ouvir apesar do barulho do vento.

– Eu o ultrapassei no litoral dos Países Baixos. O meu navio, o *Hawk*, é mais rápido. Parei e me informei sobre os detalhes. O *St. Margaret* estava a caminho do porto para alguns pequenos reparos. Mas daqui a quinze dias estará em Combe Harbour.

O capitão Bacon não tinha boa reputação. Era o caso de muitos capitães de navio. Não havia ninguém para testemunhar o que marinheiros faziam no mar, e dizia-se que eles eram ladrões e assassinos. Apesar disso, sua história era crível. Rollo assentiu e tornou a se virar para Dan.

– Então por que vender o carregamento agora?

Uma expressão ardilosa se estampou no rosto branco e redondo de Dan.

– Precisamos do dinheiro para outro investimento.

Ele não ia dizer o quê. Era natural: se tivesse encontrado uma boa oportunidade de negócio, não iria dar aos outros a chance de chegar primeiro. Mesmo assim, Rollo ficou desconfiado.

– Tem alguma coisa errada com o seu carregamento?

– Não. E, para provar isso, estamos dispostos a garantir o valor das peles em 500 libras esterlinas. Mas venderemos o carregamento a vocês por 400.

Era uma quantia alta. Um fazendeiro próspero que fosse dono das próprias terras podia ganhar 50 libras por ano; um comerciante de sucesso de Kingsbridge se orgulharia de uma renda anual de 200. Quatrocentas libras era um investimento enorme... mas um lucro garantido de 100 libras em apenas duas semanas era uma oportunidade rara.

E permitiria saldar todas as dívidas da família Fitzgerald.

Infelizmente, eles não tinham 400 libras. Não tinham sequer 4 libras.

Mesmo assim, Rollo disse:

– Vou falar com meu pai.

Tinha certeza de que eles não podiam entrar no negócio, mas sir Reginald talvez se ofendesse caso o filho falasse com autoridade em nome da família.

– Não demorem – disse Dan. – Dei prioridade a vocês por respeito, porque sir Reginald é o prefeito, mas há outras pessoas que podemos procurar. E precisamos do dinheiro amanhã.

Ele e o capitão se afastaram.

Rollo correu os olhos pela nave, viu o pai apoiado numa coluna e foi até lá.

– Eu estava conversando com Dan Copley.

– Ah, é?

Sir Reginald não gostava dos Cobileys. Poucas pessoas gostavam. A família parecia se considerar mais sagrada do que as pessoas comuns, e o fato de eles terem ido embora no meio da peça incomodara a todos.

– O que ele queria?

– Vender um carregamento.

Rollo deu os detalhes ao pai. Quando ele acabou de falar, Reginald perguntou:

– E eles estão dispostos a garantir o valor das peles?

– Em 500 libras... para um investimento de 400. Sei que não temos o dinheiro, mas pensei que o senhor fosse gostar de saber.

– Você tem razão, não temos o dinheiro – falou Reginald, e adotou um ar pensativo. – Mas talvez eu possa conseguir.

Rollo se perguntou como. Mas o pai sabia ser criativo. Não era o tipo de comerciante que construía um negócio gradualmente, e sim um homem alerta a oportunidades e sempre pronto para agarrá-las.

Seria possível resolver todos os problemas da família num golpe só? Rollo mal se atrevia a acreditar nisso.

Para sua surpresa, Reginald foi falar com os Willards. Como Alice era uma das principais comerciantes da cidade, o prefeito muitas vezes tinha assuntos a discutir com ela, mas os dois não se gostavam e as relações não haviam melhorado depois que os Fitzgeralds rejeitaram o jovem Ned como genro em potencial. Intrigado, Rollo foi atrás do pai.

– Posso dar uma palavra com a senhora? – pediu Reginald em voz baixa à Sra. Willard.

Alice era uma mulher baixinha e atarracada, dona de boas maneiras impecáveis.

– Claro – respondeu, educada.

– Preciso de um empréstimo de 400 libras por um curto período.

Alice fez cara de susto.

– Talvez o senhor precise ir a Londres – falou, depois de uma pausa. – Ou mesmo à Antuérpia.

A cidade dos Países Baixos era a capital financeira da Europa.

– Temos um primo na Antuérpia – explicou ela. – Mas não sei se ele emprestaria uma soma tão grande.

– Preciso do dinheiro hoje – disse sir Reginald.

Alice arqueou as sobrancelhas.

Rollo sentiu uma pontada de vergonha. Era humilhante implorar por um empréstimo a uma família que eles haviam desprezado tão recentemente.

Sem se importar com isso, Reginald continuou:

– Alice, a senhora é a única comerciante de Kingsbridge com tanto dinheiro assim disponível.

– Posso saber para que é o dinheiro? – indagou Alice.

– Tenho a oportunidade de comprar um carregamento valioso.

Rollo supôs que o pai não tivesse dito de quem por medo de Alice tentar comprar, ela própria, o carregamento.

– O navio chega a Combe Harbour daqui a duas semanas – acrescentou Reginald.

Foi nessa hora que Ned Willard entrou na conversa. É claro que ele iria gostar de ver os Fitzgeralds pedirem ajuda à sua família, pensou Rollo com amargura. Mas a contribuição de Ned foi profissional.

– Por que o dono da carga quer vender agora? – indagou ele, cético. – Ele só precisa esperar quinze dias para receber o valor integral das mercadorias em terra.

Reginald pareceu irritado com o fato de ser questionado por um garoto, mas reprimiu a insatisfação e respondeu:

– O vendedor precisa do dinheiro agora para outro investimento.

– Não posso correr o risco de perder uma quantia tão grande... como o senhor decerto entende.

– Não há riscos – rebateu Reginald. – Terá seu dinheiro de volta em, no

máximo, duas semanas.

Rollo sabia que aquela afirmação era absurda; sempre existiam riscos.

– Alice, nós somos vizinhos – disse Reginald, em tom mais baixo que antes.
– Ajudamos um ao outro. A senhora sabe que eu facilito a entrada dos seus carregamentos em Combe Harbour. E a senhora me ajuda. É assim que Kingsbridge funciona.

Alice pareceu espantada e, após alguns instantes, Rollo entendeu por quê. As palavras brandas do pai sobre vizinhos que se ajudavam na verdade constituíam uma ameaça velada. A mensagem subentendida era: caso Alice não cooperasse, Reginald poderia causar problemas para ela no porto.

Fez-se um silêncio prolongado enquanto Alice refletia. Rollo podia adivinhar o que ela estava pensando. Não queria fazer o empréstimo, mas não podia se dar ao luxo de contrariar alguém tão poderoso quanto Reginald.

– Eu precisaria de alguma garantia – falou ela por fim.

A esperança de Rollo evaporou. Um homem que não tem nada não pode dar garantias. Aquilo era apenas outra maneira de dizer não.

– A garantia é meu posto de coletor de impostos – disse Reginald.

Alice fez que não com a cabeça.

– O senhor não pode transferir o cargo sem permissão real... e não tem tempo para obtê-la.

Rollo sabia que ela estava certa. Reginald corria o risco de mostrar seu desespero.

– Então que tal o priorado? – indagou Reginald.

Alice tornou a balançar a cabeça.

– Não quero a sua casa em construção.

– Então a parte sul, o claustro, os aposentos dos monges e das freiras.

Rollo teve certeza de que ela não iria aceitar aquilo. As estruturas do antigo priorado estavam abandonadas havia mais de vinte anos; não tinham mais conserto.

No entanto, para sua surpresa, Alice de repente adquiriu um ar interessado.

– Pode ser... – concordou.

Rollo então se pronunciou:

– Mas, pai, o senhor sabe que o bispo Julius quer que o capítulo compre o

priorado de volta... e praticamente já aceitou vender.

A religiosa rainha Maria tentara devolver à Igreja todos os imóveis confiscados por seu ganancioso pai, Henrique VIII, mas, como os membros do Parlamento não tinham aprovado a lei, pois muitos se beneficiaram com ela, a Igreja vinha tentando readquirir as propriedades a um preço baixo. Rollo considerava que era dever dos católicos ajudar nesse processo.

– Não tem problema – disse Reginald. – Pagarei o empréstimo, de modo que a garantia não será confiscada. O bispo terá o que quer.

– Ótimo – disse Alice.

Houve uma pausa então. Alice queria algo além daquela garantia, mas não comentou mais nada. Ficou esperando. Por fim, Reginald compreendeu o que era e falou:

– Eu poderia lhe pagar uma boa taxa de juros.

– Eu iria querer uma taxa alta – disse ela. – Só que cobrar juros para emprestar dinheiro é usura, o que, além de ser pecado, é crime.

Alice tinha razão, mas só em teoria. As leis contra a usura eram ignoradas em todas as cidades comerciais da Europa. Essa objeção excessivamente conservadora só existia para manter as aparências.

– Ora, bem, tenho certeza de que podemos dar um jeito de resolver isso – disse Reginald no tom bem-humorado de quem sugere um engodo inocente.

– O que o senhor tem em mente? – indagou Alice, desconfiada.

– Que tal se eu lhe desse o priorado durante a duração do empréstimo e lhe pagasse um aluguel por ele?

– Eu cobraria 8 libras por mês.

Ned parecia aflito. Era óbvio que desejava ver a mãe recusar aquele negócio. E Rollo podia entender por quê: Alice estaria arriscando 400 libras para ganhar apenas 8.

Reginald se fez de ofendido.

– Ora, isso são 24 por cento ao ano... mais, até, quando os juros de um mês se somarem aos do anterior!

– Então vamos esquecer o assunto.

Rollo começou a ficar esperançoso. Por que Alice estava discutindo a taxa de juros? Provavelmente porque faria o empréstimo. Rollo viu que Ned exibia um

leve ar de pânico e imaginou que ele estivesse pensando a mesma coisa, só que a possibilidade o deixava consternado.

Reginald refletiu por um longo instante. Por fim, falou:

– Muito bem. Que seja, então.

Ele estendeu a mão e Alice a apertou.

Rollo ficou abismado com a esperteza do pai. Para um homem praticamente sem um tostão, investir 400 libras esterlinas era uma proeza. E a carga do *St. Margaret* revigoraria as finanças da família. Graças aos céus pela súbita e urgente necessidade de dinheiro de Philbert Copley.

– Vou preparar os documentos hoje à tarde – disse Alice Willard, dando-lhes as costas.

Ao mesmo tempo, lady Jane apareceu.

– Hora de ir para casa – disse ela. – O almoço deve estar pronto.

Rollo olhou em volta à procura da irmã.

Não viu Margery em lugar nenhum.

ii

Assim que os Fitzgeralds saíram do raio de alcance da sua voz, Ned perguntou à mãe:

– Por que a senhora aceitou emprestar tanto dinheiro a sir Reginald?

– Porque ele teria nos causado problemas caso eu tivesse recusado.

– Mas pode ser que ele não pague! E perderíamos tudo.

– Não, ainda teríamos o priorado.

– Um monte de construções caindo aos pedaços.

– Não são as construções que eu quero.

– Então...

Ned franziu o cenho.

– Raciocine – pediu a mãe.

Se não eram as construções, o que Alice queria?

– O terreno?

– Continue o raciocínio.

– Elas ficam bem no coração da cidade.

– Exato. É o ponto mais caro de Kingsbridge. Vale bem mais que 400 libras esterlinas para alguém que saiba tirar proveito dele.

– Entendi – disse Ned. – Mas o que a senhora faria com o terreno? Construiria uma casa, como Reginald?

Alice adotou um ar de desdém.

– Não preciso de um palácio. Eu construiria um mercado coberto que ficaria aberto todos os dias da semana, independentemente do clima. Alugaria espaços para vendedores: pasteleiros, queijeiros, luvistas, sapateiros. Bem ao lado da catedral, um mercado desses geraria dinheiro por mil anos.

Na avaliação de Ned, o projeto era genial. Por isso a ideia tinha sido da mãe, não dele.

Mesmo assim, um resquício de sua preocupação original permaneceu. Ele não confiava nos Fitzgeralds.

Outro pensamento lhe ocorreu.

– Isso é um plano de contingência para o caso de perdermos tudo em Calais?

Alice fizera um grande esforço para ter notícias de Calais, mas não conseguira saber mais nada desde que os franceses haviam tomado a cidade. Talvez eles houvessem confiscado todas as propriedades inglesas, inclusive o armazém dos Willards e seu valioso estoque. Talvez tio Dick e a família estivessem a caminho de Kingsbridge de mãos vazias. Mas Calais tinha prosperado sobretudo devido aos negócios trazidos por comerciantes ingleses. Existia a possibilidade de que o rei da França entendesse que o mais inteligente era deixar os estrangeiros ficarem com o que lhes pertencia e continuarem a trabalhar.

Infelizmente, a falta de notícias já era em si uma notícia ruim: o fato de nenhum inglês ainda ter escapado de Calais e voltado para casa com informações apesar de um mês ter se passado sugeria que poucos haviam sobrevivido.

– Vale a pena construir o mercado coberto em quaisquer circunstâncias – respondeu Alice. – Mas, sim, estou pensando que talvez nós precisemos mesmo de um negócio novo se as notícias de Calais forem tão ruins quanto temo que sejam.

Ned aquiesceu. A mãe sempre pensava no futuro.

– Mas não é provável que isso aconteça – concluiu ela. – Reginald não teria

se rebaixado a me implorar um empréstimo a menos que tivesse um negócio muito bom em vista.

Ned já estava pensando em outra coisa. A negociação com Reginald o distraíra do único membro da família Fitzgerald que de fato lhe interessava.

Correu os olhos pelos fiéis reunidos, mas não conseguiu encontrar Margery. Ela já se fora, e ele sabia para onde. Desceu a nave tentando não parecer apressado.

Por mais preocupado que estivesse, maravilhou-se como sempre com a harmonia dos arcos, os de baixo como notas graves repetidas em ritmo regular, os menores na galeria e no clerestório como notas mais agudas de um mesmo acorde.

Fechou um pouco mais a capa em volta do corpo ao sair e dobrou na direção norte, como se fosse ao cemitério. A neve agora caía com mais força e cobria o telhado do jazigo do prior Philip. O monumento era tão grande que Ned e Margery costumavam se beijar em pé atrás dele sem medo de serem vistos. Segundo se dizia, o prior Philip costumava perdoar aqueles que cediam às tentações do sexo, de modo que Ned imaginava que a alma do monge morto séculos antes não teria se incomodado muito com dois jovens se beijando junto ao seu túmulo.

Mas Margery havia pensado num ponto de encontro melhor do que o jazigo. Contara a ideia a Ned numa conversa rápida durante a missa. Seguindo suas instruções, ele deu a volta no canteiro de obras do novo palácio do pai dela. Do outro lado, verificou que ninguém o observava. Encontrou uma brecha na cerca e passou.

A casa nova de sir Reginald tinha pisos, paredes, escadas e telhado, mas nenhuma porta ou janela. Ned entrou e subiu correndo a luxuosa escadaria de mármore italiano até um largo patamar. Margery o aguardava ali. Tinha o corpo envolto num volumoso casaco Escarlata de Kingsbridge, mas seu rosto exibía uma expressão ávida. Ned a abraçou e os dois se beijaram com paixão. Ele fechou os olhos e inalou o cheiro dela, um perfume cálido que emanava da pele do pescoço.

Quando eles pararam para tomar ar, falou:

– Estou preocupado. Minha mãe acaba de emprestar 400 libras ao seu pai.

Margery deu de ombros.

– Eles vivem fazendo esse tipo de coisa.

– Empréstimos acarretam brigas. Pode ser que isso piore as coisas para nós.

– Como as coisas poderiam piorar? Me beije outra vez.

Ned já beijara várias garotas, mas nenhuma daquele jeito. Margery era a única que falava francamente e dizia o que queria. Esperava-se que as mulheres se deixassem conduzir pelos homens, sobretudo nos relacionamentos físicos, mas ela não parecia saber disso.

– Adoro o jeito como você beija – disse ele depois de algum tempo. – Quem lhe ensinou?

– Ninguém me ensinou! Quem você acha que eu sou? E não existe jeito certo. Beijar não é como preencher um livro-caixa.

– Acho que você tem razão. Cada garota é diferente. Ruth Copley gosta que apertem os peitos dela com bastante força para ela poder continuar sentindo depois. Já Susan White...

– Pare com isso! Não quero saber sobre as suas outras garotas.

– Estou brincando. Nunca houve ninguém como você. É por isso que eu a amo.

– Eu também amo você – disse ela, e os dois recomeçaram a se beijar.

Ned abriu a própria capa e desabotoou o casaco dela, de modo a poderem encostar seus corpos. Eles mal sentiam o frio.

Foi então que ele ouviu uma voz familiar:

– Parem com isso agora mesmo!

Era Rollo.

Ned reagiu com um sobressalto de culpa, em seguida se controlou: não havia motivos para não beijar uma garota que o amava. Soltou Margery do abraço e se virou com uma lentidão proposital. Não tinha medo de Rollo.

– Não tente me dar ordens, Rollo. Não estamos mais na escola.

O outro rapaz o ignorou e se dirigiu à irmã tomado de indignação.

– Você vai voltar para casa comigo agora mesmo.

Margery morava com aquele irmão truculento fazia tempo suficiente para ter aprendido a contradizê-lo.

– Vá na frente – falou ela, num tom casual que soou apenas levemente

forçado. – Vou daqui a um minuto.

Rollo ficou vermelho.

– Eu disse agora.

E segurou Margery pelo braço.

– Tire as mãos dela, Rollo. Não há motivo para usar força bruta – argumentou Ned.

– Cale essa boca. Ela é minha irmã mais nova e eu faço o que quiser.

Margery tentou soltar o braço, mas Rollo o apertou com mais força.

– Pare, está doendo! – protestou ela.

– Eu avisei, Rollo – disse Ned.

Não queria violência, mas não iria permitir aquilo.

Rollo deu um tranco no braço de Margery. Ned o segurou pela gola, puxou-o para longe da irmã e lhe deu um empurrão que o fez cambalear pelo patamar.

Então Ned viu Bart subindo a escadaria de mármore.

Rollo recuperou o equilíbrio. Ergueu um dedo de alerta, deu um passo em direção a Ned e disse:

– Agora escute aqui!

Então o chutou.

O chute foi mirado no baixo-ventre, mas Ned se moveu e recebeu o golpe na coxa. Doeu, mas ele estava com tanta raiva que mal notou. Partiu para cima de Rollo com os dois punhos fechados e acertou sua cabeça e seu peito três vezes, quatro, cinco. Rollo recuou, então tentou revidar. Era mais alto e tinha os braços mais compridos, mas Ned estava com mais raiva.

Ned ouviu apenas ao longe os gritos de Margery:

– Parem com isso, parem com isso!

Foi obrigando Rollo a recuar pelo patamar quando de repente foi agarrado por trás. Deu-se conta de que era Bart. Seus braços foram imobilizados junto às laterais do corpo como por uma corda: Bart era bem maior e mais forte que Ned e Rollo. Ned se debateu furiosamente, mas não conseguiu se soltar e de repente se deu conta de que iria levar uma surra.

Enquanto Bart o segurava, Rollo começou a espancá-lo. Ele tentou se encolher e se esquivar, mas estava imobilizado, e Rollo conseguiu socá-lo na cara e na barriga e lhe dar vários chutes dolorosos no saco. Bart ria de satisfação.

Margery gritava e tentava conter o irmão, mas não adiantava quase nada: apesar de valente, ela era pequena demais para detê-lo.

Dali a um minuto, Bart se cansou da brincadeira e parou de rir. Empurrou Ned para o lado, e ele caiu no chão. Tentou se levantar, mas por alguns instantes não conseguiu. Um de seus olhos estava fechado, mas com o outro ele viu Rollo e Bart segurarem Margery pelos braços e a escoltarem escada abaixo.

Ele tossiu e cuspiu sangue. Com o olho bom, viu um dente sair junto com o sangue e cair no chão. Então vomitou.

Estava todo dolorido. Tentou se levantar outra vez, mas a dor foi excruciante. Ficou deitado de costas no mármore frio, esperando a dor passar.

– Merda – falou. – Que merda.

iii

– Onde você estava? – perguntou lady Jane a Margery assim que Rollo a fez entrar em casa.

– Rollo espancou Ned enquanto Bart o segurava. Que tipo de animal faz isso? – berrou a moça.

– Acalme-se – falou a mãe.

– Olhe só para ele, esfregando os dedos... Está orgulhoso!

– Estou orgulhoso de ter feito a coisa certa – disse Rollo.

– Você não teria conseguido enfrentar Ned sozinho, não é? – falou e apontou para Bart, que entrara atrás de seu irmão. – Precisou da ajuda dele.

– Vamos deixar isso para lá – disse lady Jane. – Tem uma pessoa querendo falar com você.

– Eu não posso falar com ninguém agora – rebateu Margery.

O que mais queria era ficar sozinha no próprio quarto.

– Não seja desobediente – repreendeu a mãe. – Venha comigo.

A resistência de Margery se evaporou. Tinha visto o homem que amava ser espancado, tudo por culpa do amor que sentia por ele. Sentiu ter perdido a capacidade de fazer a coisa certa. Deu de ombros, sem energia, e saiu atrás da mãe.

Elas foram até a saleta de lady Jane, de onde ela administrava a casa e

gerenciava os empregados domésticos. Era um cômodo austero: cadeiras duras, uma mesa, um genuflexório. Sobre a mesa estava disposta sua coleção de imagens de santos em marfim.

O bispo de Kingsbridge aguardava lá dentro.

Julius era um velho magro que já devia contar seus 65 anos, mas continuava ágil. Era calvo e Margery sempre achara que o seu rosto lembrava uma caveira. Os olhos azul-claros cintilavam de inteligência.

Margery se espantou ao vê-lo. O que o religioso poderia querer com ela?

– O bispo tem algo a lhe dizer – falou lady Jane.

– Sente-se, Margery – pediu Julius.

A moça obedeceu.

– Eu a conheço desde que nasceu – disse ele. – Você foi criada como cristã e boa católica. Seus pais podem se orgulhar de você.

Margery não disse nada. Mal conseguia distinguir o bispo. Na sua mente, tornou a ver Rollo esmurrar o rosto de seu querido Ned.

– Você faz suas orações, vai à missa, confessa seus pecados uma vez por ano. Deus está satisfeito com você.

Era verdade. Tudo o mais na vida de Margery parecia errado: o irmão cheio de ódio, os pais cruéis e o fato de todos esperarem que ela desposasse um animal. Mas pelo menos com Deus ela sentia estar certa. Era certo consolo.

– Mas de repente você parece ter esquecido tudo o que aprendeu – disse o bispo.

Nessa hora ele atraiu sua atenção.

– Não esqueci, não – retrucou ela, indignada.

– Fale apenas quando o bispo pedir, sua criança atrevida – repreendeu a mãe. Julius abriu um sorriso indulgente.

– Não há problema, lady Jane. Eu entendo que Margery esteja chateada.

A moça o encarou. O bispo era uma imagem viva do Cristo e o pastor do rebanho cristão na Terra. Suas palavras vinham de Deus. Do que ele a estava acusando?

– Você parece ter esquecido o quarto mandamento – disse ele.

Subitamente, Margery sentiu vergonha. Entendera o que ele queria dizer. Baixou os olhos para o chão.

– Cite o quarto mandamento, Margery.

– “Honra teu pai e tua mãe.”

– Mais alto e com mais clareza, por favor.

Ela levantou a cabeça, mas não conseguiu encará-lo.

– “Honra teu pai e tua mãe” – repetiu.

Julius aquiesceu.

– No último mês você desonrou seu pai e sua mãe, não foi?

Margery assentiu. Era verdade.

– Seu dever sagrado é fazer o que eles mandam.

– Eu sinto muito – sussurrou ela, arrasada.

– Mas não basta se arrepender, não é, Margery? Você sabe disso.

– O que devo fazer?

– Você deve parar de pecar. Deve obedecer.

Ela finalmente ergueu os olhos e o encarou.

– Obedecer?

– É o que Deus quer.

– É mesmo?

– Sim.

Ele era o bispo. Sabia o que Deus queria. E tinha lhe dito. Ela tornou a baixar os olhos.

– Quero que vá falar com seu pai agora – disse Julius.

– Eu preciso mesmo?

– Você sabe que sim. E acho que sabe o que deve dizer. Não sabe?

Apesar de atordoada demais para responder, ela aquiesceu.

O bispo fez sinal para lady Jane, que foi até a porta e a abriu. Sir Reginald, que aguardava do lado de fora, entrou. Olhou para a filha e falou:

– Então?

– Eu sinto muito, pai – disse ela.

– E deveria sentir mesmo – retrucou ele.

Fez-se uma pausa. Todos aguardavam que ela falasse.

– Eu aceito me casar com Bart Shiring – anunciou a jovem por fim.

– Boa menina – disse Reginald.

Ela se levantou.

– Posso ir?

– Talvez você devesse agradecer ao bispo por ele tê-la conduzido de volta ao caminho das boas graças de Deus.

A jovem se virou para Julius:

– Obrigada, bispo.

– Muito bem – disse lady Jane. – Agora pode ir.

Margery se retirou.

iv

Na segunda-feira de manhã, Ned olhou pela janela e viu Margery. Seu coração acelerou.

Ele estava na saleta, com Maddy, sua gata de pelagem escama de tartaruga, esfregando a cabeça no seu tornozelo. Quando era filhote, ele a batizara de Madcap, “maluquinha”, mas agora a gata era uma velha senhora que demonstrava de modo digno e contido a satisfação em vê-lo voltar para casa.

Ele observou Margery atravessar a praça até a escola. Ela dava aulas para as crianças menores três dias por semana, pela manhã, ensinando-lhes os números, o alfabeto e os milagres de Jesus. Passara o mês de janeiro todo afastada de suas obrigações, mas agora estava retornando, supôs Ned. Rollo vinha com ela, aparentemente como acompanhante.

Ned já imaginava que isso fosse acontecer.

Já tinha tido outros romances. Jamais cometera o pecado da fornicação – embora houvesse chegado perto uma ou duas vezes –, mas com certeza gostara muito de Susan White e Ruth Cobby em momentos distintos. No entanto, assim que se apaixonara por Margery soubera que daquela vez era diferente. Não queria apenas levar Margery para trás do jazigo do prior Philip para beijá-la e acariciá-la. Queria isso, sim, mas queria também passar longas horas com ela sem nenhuma obrigação, conversar sobre quadros e peças de teatro, sobre as fofocas de Kingsbridge e as questões políticas da Inglaterra ou simplesmente ficar deitado sob o sol ao seu lado, na grama à margem de um regato.

Conteve o impulso de sair correndo de casa e abordá-la na praça do mercado. Falaria com ela ao meio-dia, quando a aula terminasse.

Passou a manhã no armazém anotando números em livros-caixa. Barney, seu irmão mais velho, detestava essa parte do trabalho: sempre tivera dificuldade com o alfabeto e só aprendera a ler aos 12 anos. Mas Ned gostava daquilo: as contas e os recibos, as quantidades de estanho e minério de ferro, as viagens para Sevilha, Calais e Antuérpia, os preços e lucros. Sentado à mesa, com uma pena de escrever, um vidro de tinta e um grosso livro de listas, podia vislumbrar todo um império de negócios internacional.

Só que esse império agora estava à beira do colapso. A maior parte dos bens da família Willard estava em Calais e provavelmente fora confiscada pelo rei da França. O estoque de materiais ali em Kingsbridge tinha valor, mas era difícil vendê-lo enquanto o transporte no Canal da Mancha estivesse restrito pela guerra. Vários funcionários haviam sido dispensados por não ter nada para fazer. As contas de Ned agora consistiam em somar o que sobrara e ver se bastava para pagar as dívidas ainda em aberto.

Enquanto trabalhava, foi interrompido diversas vezes por alguém que ia lhe perguntar por que ele estava com o olho roxo. Ele contava a verdade, da mesma forma que contara à mãe: Bart e Rollo o haviam espancando por ter beijado Margery. Ninguém ficava chocado, nem sequer surpreso: brigas entre rapazes não eram raras, sobretudo no final da semana, e ver hematomas na segunda-feira de manhã era algo normal.

Já a avó ficara indignada. “Esse Rollo é mesmo uma raposa dissimulada”, comentara ela. “Foi um menino invejoso, agora é um homem grande e vingativo. Cuidado com ele.”

Alice havia chorado por causa do dente perdido.

Quando a luz se tornou mais intensa com a aproximação do meio-dia, Ned saiu do armazém e subiu a rua principal coberta de neve enlameada. Em vez de ir para casa, foi até a entrada da escola. O sino da catedral deu doze badaladas bem na hora em que ele chegou. Sentia-se décadas mais velho do que o menino que saíra daquela escola três anos antes. Os dramas que tanto o atormentavam naquela época – testes, esportes, rivalidades – agora lhe pareciam ridiculamente banais.

Rollo atravessou a praça do mercado em direção à escola. Ned imaginou que tivesse vindo acompanhar Margery até em casa. Ao ver Ned, pareceu espantado

e um pouco amedrontado. Então disparou:

– Fique longe da minha irmã.

Ned estava preparado para ele.

– Venha me obrigar a ficar longe dela, seu camponês imbecil.

– Quer que eu deixe seu outro olho roxo?

– Quero que tente.

Rollo recuou.

– Não vou brigar num lugar público.

– É claro que não – retrucou Ned com desprezo. – Principalmente agora que seu amigo grandão Bart não está aqui para ajudá-lo.

Margery saiu da escola.

– Rollo! – exclamou ela. – Pelo amor de Deus, está tentando começar outra briga?

Ned a encarou e sentiu o coração na boca. Apesar de pequenina, ela era magnífica: o queixo empinado, os olhos verdes irradiando desafio, um tom de autoridade na voz jovem.

– Você não deve falar com o garoto Willard – ordenou Rollo. – Vamos para casa agora.

– Mas eu quero falar com ele – protestou ela.

– Eu a proíbo.

– Não segure meu braço, Rollo – disse ela, lendo a mente do irmão. – Seja sensato. Vá ficar perto da porta do palácio do bispo. De lá pode nos ver, mas não nos ouvir.

– Você não tem nada para dizer a Willard.

– Deixe de ser idiota. Preciso contar a ele o que aconteceu ontem. Isso você não pode negar, pode?

– É só isso? – indagou Rollo, cético.

– Eu juro. Só preciso contar para Ned.

– Não deixe que ele toque em você.

– Vá ficar perto da porta do bispo.

Ned e Margery observaram Rollo dar vinte passos, em seguida se virar para eles e ficar ali parado, com ar furioso.

– O que aconteceu ontem depois da briga? – perguntou Ned.

– Eu entendi uma coisa – disse Margery, e lágrimas lhe chegaram aos olhos. Ned teve um pressentimento ruim.

– Entendeu o quê?

– Que é meu dever sagrado obedecer aos meus pais.

Ela estava chorando. Ned levou a mão ao bolso e pegou um lenço de linho feito por sua mãe, com bainha e bordado com bolotas de carvalho. Delicadamente, encostou-o no rosto dela para secar as lágrimas, mas ela o arrancou de sua mão, enxugou os olhos com violência e disse:

– Não há nada mais a ser dito, certo?

– Há, sim.

Ned organizou os pensamentos. Sabia que Margery, apesar de arrebatada e decidida, no fundo era muito religiosa.

– Não é pecado se deitar com um homem que você odeia?

– Não, isso não faz parte dos ensinamentos da Igreja.

– Bom, pois deveria.

– Vocês, protestantes, sempre querem rever as leis de Deus.

– Eu não sou protestante! É esse o problema?

– Não.

– O que eles fizeram? Como conseguiram convencê-la? Eles a ameaçaram?

– Fui lembrada do meu dever.

Ned sentiu que ela estava escondendo alguma coisa.

– Por quem? Quem a lembrou do seu dever?

Primeiro ela hesitou, como se não quisesse responder à pergunta, então deu de ombros de leve, como se na verdade não fizesse diferença, e disse:

– O bispo Julius.

Ned ficou indignado.

– Ora, ele só estava fazendo um favor para os seus pais! É um antigo amigo do seu pai.

– Ele é um símbolo vivo de Cristo.

– Jesus Cristo não nos diz com quem devemos nos casar!

– Eu acredito que Jesus queira que eu seja obediente.

– Isso não tem nada a ver com a vontade de Deus. Seus pais estão usando a sua religiosidade para manipular você e obrigá-la a fazer o que eles querem.

- Sinto muito se você pensa assim.
- Você vai mesmo se casar com Bart Shiring porque o bispo mandou?
- Porque Deus assim deseja. Ned, eu vou embora agora. Daqui para a frente, seria melhor se nos falássemos o mínimo possível.
- Por quê? Nós moramos na mesma cidade, frequentamos a mesma igreja... Por que não devemos nos falar?
- Porque o meu coração está se despedaçando – respondeu Margery e então se afastou.

CAPÍTULO 4

Barney Willard percorreu a movimentada beira do rio de Sevilha para tentar ver se algum navio inglês subira o Guadalquivir junto com a maré matinal. Estava desesperado para saber se tio Dick continuava vivo e se a família havia perdido tudo ou não.

Um vento frio soprava do rio, mas o céu estava limpo e muito azul e o sol da manhã esquentava seu rosto queimado de sol. Ele sentia que nunca mais iria se acostumar com o frio, a umidade e os dias nublados do clima inglês.

Sevilha fora erguida numa curva do Guadalquivir. Da parte mais fechada dela, uma vasta praia de lama e areia subia da beira do rio até um terreno mais firme, onde milhares de casas, palácios e igrejas se apinhavam dentro da maior cidade da Espanha.

A margem do rio estava repleta de homens, cavalos e bois. Cargas eram transferidas de navios para carroças e vice-versa, e compradores e vendedores negociavam a plenos pulmões. Barney esquadrinhou as embarcações ancoradas e apurou os ouvidos para distinguir as vogais alongadas e as consoantes suaves do idioma inglês.

Havia algo nos navios que lhe encantava a alma. O momento mais feliz de sua vida fora a viagem até ali. Apesar da comida intragável, da água imunda para beber, do fundo malcheiroso da embarcação e das tempestades assustadoras, ele adorava o mar. A sensação de correr por sobre as ondas com o vento a inflar as velas era tão emocionante quanto se deitar com uma mulher. Bem, quase.

Como as casas na cidade, as embarcações na beira d'água estavam espremidas umas contra as outras. Eram atracadas com a proa para dentro e a popa para fora. Barney se acostumara com o cais de Combe Harbour, onde, num dia movimentado, havia cinco ou dez navios, mas Sevilha apresentava regularmente cinquenta.

O rapaz tinha um motivo prático para visitar o cais tão cedo. Estava morando

com um primo de segundo grau, Carlos Cruz, que forjava metais. Sevilha fornecia armas para as intermináveis guerras do rei Filipe II, e nunca havia metal que bastasse. Carlos comprava tudo o que a mãe de Barney exportava: chumbo da região de Mendip Hills para as balas, estanho da Cornualha para os diversos utensílios usados nos navios e, mais importante de tudo, minério de ferro. Mas os minérios e metais eram trazidos até Sevilha de navio por outros exportadores, alguns do sul da Inglaterra, outros do norte da Espanha, e Carlos precisava comprar deles também.

Barney parou para observar um novo carregamento sendo manobrado até sua posição no cais. A embarcação lhe pareceu familiar. Seu coração se encheu de esperança. Aquele navio tinha uns 30 metros de comprimento e 7 de largura, o formato estreito preferido pelos capitães que gostavam de navegar depressa. Barney calculou que deslocasse umas 100 toneladas. Tinha três mastros e um total de cinco velas quadradas usadas para propulsão, mais uma vela latina no mastro do meio para aprimorar as manobras. Devia ser uma embarcação ágil.

Pensou que aquele talvez fosse o *Hawk* de Philbert Copley de Kingsbridge e, ao ouvir os marinheiros gritarem uns com os outros em inglês, teve certeza. Então um homem baixo de seus 40 anos, com a calva queimada de sol e uma barba loura, atravessou a parte rasa do rio até a margem e Barney reconheceu Jonathan Greenland, que muitas vezes navegava como imediato do capitão Bacon.

Esperou Jonathan amarrar uma corda numa estaca fincada bem fundo na areia da beira do rio. Em Kingsbridge, a mãe sempre oferecia alguns cálices de vinho na casa dos Willards a homens como Jonathan, pois Alice Willard tinha um apetite insaciável por notícias de onde quer que fosse. Quando menino, Barney adorava escutar Jonathan, porque o marinheiro falava sobre a África, a Rússia e o Novo Mundo, lugares onde o sol brilhava sempre ou a neve jamais derretia, e seus relatos sobre preços comerciais e política vinham misturados com histórias de traição e pirataria, motins e sequestros.

A história preferida de Barney era a de como Jonathan tinha se tornado marinheiro. Aos 15 anos, num sábado à noite, ele se embebedara na taberna Jolly Sailor, em Combe Harbour, e acordara na manhã seguinte a mais de 3 quilômetros da costa, a caminho de Lisboa. Não tornara a ver a Inglaterra por

quatro anos, mas, quando finalmente voltara, tinha dinheiro suficiente para comprar uma casa. Contara isso para que servisse de alerta, mas o menino Barney considerara uma grande aventura e desejara que o mesmo acontecesse com ele. Agora, aos 20 anos, ainda achava o mar empolgante.

Uma vez que o *Hawk* tinha sido amarrado com segurança, os dois homens se cumprimentaram com um aperto de mão.

– Você está de brinco – comentou Jonathan com um sorriso surpreso. – Ficou exótico. É moda espanhola?

– Na verdade, não – respondeu Barney. – É mais uma coisa turca. Pode considerar um capricho meu.

Ele usava o brinco porque aquilo o fazia sentir-se romântico e porque as moças ficavam intrigadas.

Jonathan deu de ombros.

– Nunca estive em Sevilha – falou. – Como é a cidade?

– Eu adoro... O vinho é forte e as garotas são bonitas – respondeu Barney. – Mas que notícias você traz da minha família? O que aconteceu em Calais?

– O capitão Bacon lhe trouxe uma carta da sua mãe. Mas não há muito que contar. Ainda esperamos informações confiáveis.

Barney ficou desanimado.

– Se os ingleses de Calais estivessem sendo tratados com clemência e tivessem permissão para continuar morando e trabalhando lá, já teriam mandado alguma mensagem – avaliou. – Quanto mais esperamos, maior a probabilidade de eles terem sido presos, senão coisa pior.

– É o que estão dizendo.

Do convés do *Hawk*, alguém gritou o nome de Jonathan.

– Preciso subir de novo a bordo – disse ele.

– Vocês têm algum minério de ferro para meu primo Carlos?

Jonathan fez que não com a cabeça.

– Este carregamento é todo de lã.

Seu nome tornou a ser chamado num tom de impaciência.

– Levo sua carta mais tarde.

– Venha jantar conosco. Estamos no bairro mais próximo da cidade, onde dá para ver toda a fumaça. Chama-se El Arenal. É onde são fabricadas as armas do

rei. Pergunte por Carlos Cruz.

Jonathan subiu por uma corda e Barney deu as costas. Não estava surpreso com as notícias, ou melhor, com a falta de notícias de Calais, mas ficara desanimado. Sua mãe gastara os melhores anos da vida construindo o negócio da família, e Barney sentia-se zangado e triste ao pensar como tudo podia simplesmente ser roubado.

Terminou de patrulhar a beira do rio sem encontrar nenhum minério de ferro para comprar. Na ponte que unia o centro ao bairro de Triana, deu meia-volta e começou a percorrer as ruas estreitas e em zigue-zague, agora caóticas conforme as pessoas saíam de casa para dar início ao dia de trabalho. Sevilha era bem mais abastada do que Kingsbridge, mas a população parecia mais sóbria. Apesar de ser o país mais rico do mundo, a Espanha era também o mais conservador: lá existiam leis impedindo o vestuário extravagante. Os ricos só trajavam preto, enquanto os pobres usavam roupas marrons desbotadas. Que irônica a semelhança entre os católicos extremistas e os protestantes extremistas, pensou Barney.

Aquele era o horário menos perigoso do dia para percorrer a cidade: ladrões e punguistas em geral dormiam de manhã e deixavam o grosso de suas atividades para a tarde e a noite, quando o vinho tornava os homens descuidados.

Ele diminuiu o passo ao se aproximar da residência da família Ruiz. Era uma casa nova e imponente, com quatro grandes janelas enfileiradas no piso principal. Mais tarde as grades das janelas seriam fechadas e o gordo e ofegante *señor* Pedro Ruiz ficaria sentado atrás delas feito um sapo no meio dos juncos, observando os passantes. Àquela hora, porém, ele ainda estava na cama e todas as janelas e grades tinham sido abertas para que entrasse o ar fresco da manhã.

Barney olhou para cima e avistou quem estava torcendo para encontrar: a filha de 17 anos do *señor* Ruiz, Jerónima. Diminuiu ainda mais o passo e a encarou, devorando com os olhos a pele clara, as luxuriantes ondas de cabelos escuros e, mais do que tudo, os grandes e luminosos olhos castanhos acentuados por sobrancelhas pretas. Ela sorriu e lhe deu um aceno discreto.

Moças bem-criadas não deviam ficar à janela, muito menos acenar para rapazes que passavam na rua, e ela teria problemas caso fosse descoberta.

Apesar disso, corria o risco todas as manhãs naquele mesmo horário. Barney entendia, com um arrepio de emoção, que aquilo era o mais perto que ela iria chegar de um flerte.

Ao passar pela casa, virou-se e começou a fazer o caminho de volta, sem parar de sorrir. Tropeçou, quase caiu e fez uma careta. Jerónima deu uma risadinha e levou a mão aos lábios vermelhos.

Barney não planejava se casar com ela. Aos 20 anos, ainda não estava pronto para o casamento. Mesmo se estivesse, não tinha certeza de que a moça seria sua escolhida. Mas ele queria conhecê-la melhor, sim, acariciá-la discretamente quando ninguém estivesse olhando, roubar-lhe beijos. Só que as moças na Espanha eram vigiadas de modo ainda mais rígido do que na Inglaterra. Ele lhe mandou um beijo, mas não podia ter certeza de que algum dia poderia beijá-la de verdade.

Ela então virou a cabeça, como se tivesse ouvido alguém chamar seu nome, e desapareceu. Com relutância, Barney se afastou.

A casa de Carlos não ficava longe, e seus pensamentos passaram do amor ao café da manhã com uma velocidade que o deixou levemente envergonhado.

A casa da família Cruz era atravessada por um arco que conduzia a um quintal onde ficava a oficina. Havia pilhas de minério de ferro e carvão mineral encostadas nas paredes e separadas por divisórias de madeira. Em um dos cantos havia um boi amarrado. No meio ficava a fornalha.

O escravo africano de Carlos, Ebrima Dabo, atiçava o fogo para a primeira fornada do dia. Sua testa larga estava coberta por gotículas de suor. Barney já vira africanos na Inglaterra, sobretudo em cidades portuárias como Combe Harbour, mas eles lá eram livres: a escravidão não era compatível com a lei inglesa. Na Espanha era diferente. Milhares de escravos viviam em Sevilha. Barney calculava que formassem dez por cento da população. Eram árabes, africanos do norte, alguns índios norte-americanos, e outros, como Ebrima, naturais da região de Mandinga, na África Ocidental. Barney tinha jeito para idiomas e chegara até a aprender algumas palavras na língua dos mandês. Ouvira Ebrima cumprimentar as pessoas dizendo *I be nyaadi?*, que significava “Como vai?”.

Em pé de costas para a entrada, Carlos estudava uma estrutura de tijolos

recém-construída. Ouvira falar num tipo diferente de fornalha, na qual uma corrente de ar quente era soprada por baixo enquanto o minério de ferro e a cal eram alimentados por cima. Nem Barney nem Carlos nem Ebrima jamais tinham visto uma, mas estavam construindo um protótipo experimental no qual trabalhavam quando tinham tempo.

Barney se dirigiu a Carlos em espanhol:

– Não havia nenhum minério de ferro na beira do rio hoje.

Carlos estava pensando na fornalha nova. Coçou a barba preta encaracolada.

– Precisamos arrumar um jeito de atrelar o boi para que ele acione os foles.

Barney franziu a testa.

– Não vejo muito como, mas com rodas suficientes é possível fazer um animal operar qualquer mecanismo.

Ebrima os escutou.

– Dois conjuntos de foles – disse ele. – Um sopra enquanto o outro suga o ar.

– Boa ideia – falou Carlos.

O fogão ficava no quintal, um pouco mais perto da casa. A avó de Carlos mexeu uma panela e disse:

– Lavem as mãos, rapazes. Está pronto.

Aquela era a tia-avó de Barney e ele a chamava de tia Betsy, embora em Sevilha ela fosse conhecida como Elisa. Tinha um coração bondoso, mas não era uma mulher bonita. Seu rosto era dominado por um nariz grande e torto. As costas eram largas, as mãos e os pés, grandes. Embora ela tivesse 65 anos, uma idade considerável, ainda era roliça e ativa. Barney se lembrava de ouvir a avó em Kingsbridge dizer: “Minha irmã Betsy dava muito trabalho quando era menina... por isso tiveram de mandá-la para a Espanha.”

Era difícil imaginar uma coisa assim. Tia Betsy agora era cautelosa e sábia. Discretamente, avisara a Barney que Jerónima Ruiz estava muito atenta aos próprios interesses e com certeza desposaria alguém bem mais rico do que ele.

Betsy criara Carlos, pois a mãe dele morrera no parto. O pai falecera um ano antes, alguns dias antes de Barney chegar. Os três homens moravam em um dos lados do arco e Betsy, a dona da casa, ocupava a outra metade.

A mesa ficava no quintal. Durante o dia, a não ser que o tempo estivesse excepcionalmente frio, eles comiam do lado de fora. Sentaram-se diante de ovos

acebolados, pão de trigo e uma jarra de vinho fraco. Eram homens fortes, que passavam o dia inteiro no trabalho pesado, e comiam bastante.

Ebrima almoçou com eles. Na casa principal de uma família rica, um escravo jamais poderia comer com seus senhores, mas Carlos era um artesão que trabalhava com as mãos e Ebrima labutava lado a lado com ele. O africano mantinha, porém, uma atitude reverente: não havia qualquer fingimento de que eles fossem iguais.

Barney ficara impressionado com a inteligente sugestão de Ebrima na conversa sobre a nova fornalha.

– Você sabe muito sobre o trabalho com metal – comentou com ele enquanto comiam. – Aprendeu com o pai de Carlos?

– Meu pai era ferreiro – explicou Ebrima.

– Ah! – espantou-se Carlos. – Por algum motivo, nunca imaginei que os africanos forjassem ferro.

– Como achava que arrumávamos espadas para travar guerras?

– Claro. Mas então... como você virou escravo?

– Numa guerra contra um reino vizinho. Eu fui capturado. Lá de onde eu venho, é normal os prisioneiros de guerra virarem escravos e ararem os campos do lado vitorioso. Só que o meu senhor morreu e a viúva dele me vendeu para um mercador de escravos árabe. Depois de uma longa viagem, eu vim parar em Sevilha.

Era a primeira vez que Barney perguntava a Ebrima sobre o seu passado. Ficou curioso. Será que ele sentia saudades de casa ou preferia Sevilha? Parecia ter uns 40 anos; com que idade teria sido escravizado? Será que sentia saudades da família? Mas Ebrima então falou:

– Posso lhe fazer uma pergunta, Sr. Willard?

– Claro.

– Existem escravos na Inglaterra?

– Não exatamente.

Ebrima hesitou.

– O que significa “não exatamente”?

Barney passou um tempo pensando.

– Na minha cidade natal, Kingsbridge, há um joalheiro português chamado

Rodrigo. Ele compra tecidos nobres, renda e seda, depois os borda com pérolas para fazer arranjos de cabeça, lenços, véus e outras frivolidades. As mulheres ficam loucas com as coisas dele. Esposas de homens ricos vêm de todo o oeste da Inglaterra para comprá-las.

– E ele tem um escravo?

– Quando chegou, cinco anos atrás, veio com um cavaliço marroquino chamado Achmed que tinha muito jeito com animais adoentados. A notícia se espalhou e a população de Kingsbridge começou a pagar Achmed para cuidar de seus cavalos. Depois de algum tempo, Rodrigo descobriu e pediu o dinheiro, mas Achmed não quis dar. Rodrigo foi ao tribunal do condado e reclamou que o dinheiro era dele porque Achmed era seu escravo, mas o juiz Tilbury determinou: “Achmed não violou nenhuma lei inglesa.” Então Rodrigo perdeu e Achmed ficou com seu dinheiro. Hoje em dia ele tem a própria casa e seu negócio de cuidar de animais vai de vento em popa.

– Quer dizer então que os ingleses podem ter escravos, mas, se o escravo for embora, o dono não pode forçá-lo a voltar?

– Exato.

Barney pôde ver que a ideia intrigara Ebrima. Talvez ele sonhasse em ir para a Inglaterra e se tornar um homem livre.

De repente a conversa cessou. Tanto Carlos quanto Ebrima se mostraram tensos e olharam na direção do arco da entrada.

Barney acompanhou seu olhar e viu três pessoas chegando. Na frente vinha um homem de baixa estatura e ombros largos, trajando roupas caras e com um bigode sebento. De um lado e outro dele, um ou dois passos atrás, vinham dois homens que, pelas roupas baratas, pareciam ser criados ou talvez guarda-costas. Barney nunca vira nenhum dos três, mas reconhecia o tipo. Pareciam bandidos.

Carlos falou com um tom cuidadosamente neutro:

– Sancho Sanchez, bom dia.

– Carlos, meu amigo – disse Sancho.

Barney não achou que os dois parecessem amigos.

Tia Betsy se levantou.

– Queira se sentar, *señor* Sanchez.

As palavras eram hospitaleiras, mas o tom não foi caloroso.

– Deixe-me buscar alguma coisa para o senhor comer – ofereceu a senhora.
– Não, obrigado, *señora* Cruz – disse Sancho. – Mas aceito um cálice de vinho.

Ele se sentou na cadeira de tia Betsy. Seus acompanhantes continuaram de pé.

Sancho iniciou uma conversa sobre os preços do chumbo e do estanho e Barney entendeu que ele também trabalhava com metais. Então começou a discorrer sobre a guerra contra a França, em seguida sobre uma epidemia de febre de calafrios que varria a cidade, ceifando a vida tanto de ricos quanto de pobres. Carlos dava respostas tensas. Ninguém comia nada.

Por fim, Sancho revelou a que viera:

– Você se saiu bem, Carlos – falou, num tom de superioridade. – Quando seu pai morreu, que sua alma descanse, não pensei que conseguiria tocar os negócios sozinho. Contava 21 anos e já havia acabado seu período de aprendiz, de modo que tinha o direito de tentar. Mas eu pensei que não conseguiria. Você surpreendeu a todos nós.

Carlos exibia um ar cauteloso.

– Obrigado – falou, neutro.

– Um ano atrás, eu propus comprar seu negócio por 100 escudos.

Carlos retesou as costas, endireitou os ombros e ergueu o queixo.

Sancho ergueu uma das mãos num gesto defensivo.

– Sei que é um preço baixo, mas era o que eu pensava que valesse sem o seu pai como administrador.

– Aquela oferta foi um insulto – disse Carlos, frio.

Os dois guarda-costas se empertigaram. Falar em insultos podia conduzir rapidamente à violência.

Sancho ainda se mostrava educado – ou o mais educado que conseguia ser, pensou Barney. Não pediu desculpas por ter ofendido Carlos. Em vez disso, falou num tom de quem perdoa, como se fosse Carlos quem o tivesse insultado.

– Entendo que se sinta assim – disse ele. – Mas eu tenho dois filhos e desejo dar um negócio para cada um. Agora estou disposto a lhe pagar 1.000 escudos. – Como se Carlos talvez não soubesse contar, ele arrematou: – É dez vezes a minha proposta original.

– O preço continua baixo demais – disse Carlos.

Pela primeira vez, Barney falou com Sancho:

– Por que o senhor não manda construir outra fornalha para o seu segundo filho?

Sancho o encarou com um ar altivo, como se até então não houvesse notado a presença de Barney. Parecia pensar que o rapaz não deveria se pronunciar até que lhe dirigissem a palavra. Quem respondeu à pergunta foi Carlos:

– Como a maior parte dos ofícios industriais na Espanha, a forja do ferro é controlada. Por uma corporação, que é algo parecido com uma guilda inglesa, só que mais conservador. A corporação limita o número de fornalhas.

– Os regulamentos mantêm os padrões elevados e impedem empreendedores inescrupulosos de entrarem para o ofício – acrescentou Sancho.

– E garantem que os preços não sejam prejudicados por alternativas mais baratas, suponho – disse Barney.

– Sancho faz parte do conselho da corporação de ferreiros de Sevilha, Barney – completou Carlos.

Mas Sancho não estava interessado em Barney.

– Carlos, meu amigo e vizinho, apenas responda a uma pergunta simples: que preço você aceitaria pelo negócio?

Carlos balançou a cabeça.

– Meu negócio não está à venda.

Sancho engoliu uma resposta zangada e forçou um sorriso.

– Talvez eu possa subir até 1.500 escudos.

– Eu não venderia.

Barney viu que tia Betsy ficara alarmada. Ela claramente tinha medo de Sancho e estava preocupada com o tom desafiador de Carlos.

Carlos notou a expressão dela e se forçou a falar de um jeito mais amigável:

– Mas lhe agradeço a cortesia de sua oferta, vizinho Sancho.

Foi uma boa tentativa, mas não soou sincera.

Sancho deixou cair a máscara.

– Você talvez se arrependa disso, Carlos.

A voz de Carlos soou quase desdenhosa:

– Por que dizer uma coisa dessas, Sancho? Soa quase como uma ameaça.

Sancho não confirmou nem negou esse fato.

– Se os negócios ficarem ruins, você vai acabar desejando ter aceitado o meu dinheiro.

– Vou correr esse risco. E agora tenho trabalho a fazer. As armarias do rei precisam de ferro.

Sancho pareceu furioso por ser dispensado. Ele se levantou.

– Espero que tenha apreciado o vinho, *señor*... É o melhor que temos – disse tia Betsy.

Sancho não se dignou a responder a um comentário tão banal feito por uma reles mulher.

– Conversaremos em breve – disse ele a Carlos.

Barney pôde ver o primo reprimir uma réplica sarcástica e responder com um meneio de cabeça.

Sancho já se virava para ir embora quando viu a fornalha nova.

– O que é isso? – indagou. – Outra fornalha?

– Está na hora de substituir a minha antiga – falou Carlos, levantando-se. – Obrigado pela visita, Sancho.

O outro não se mexeu.

– A fornalha antiga me parece em perfeito estado.

– Quando a nova ficar pronta, a antiga será demolida. Eu conheço as regras tão bem quanto você. Adeus.

– Essa fornalha nova parece esquisita – insistiu Sancho.

Carlos deixou transparecer a irritação.

– Estou fazendo algumas melhorias no projeto tradicional. A corporação não tem nenhuma regra contra isso.

– Fique calmo, filho, estou só perguntando.

– E eu estou só dizendo adeus.

Sancho sequer se abalou com a grosseria de Carlos. Continuou olhando para a fornalha nova por um minuto inteiro. Então virou-se e foi embora. Os dois guarda-costas o seguiram. Nenhum deles dissera uma palavra durante todo o tempo.

Quando Sancho saiu do raio de alcance de sua voz, tia Betsy falou:

– Ele é um homem ruim para se ter como inimigo.

– Eu sei – disse Carlos.

ii

Nessa noite, Ebrima dormiu com a avó de Carlos.

No lado da casa reservado aos homens, Carlos e Barney tinham camas no segundo piso, enquanto Ebrima dormia num colchão no térreo. Nessa noite, ele passou meia hora acordado até ter certeza de que a casa estava silenciosa. Então levantou-se e atravessou o quintal pé ante pé até o lado de Elisa. Lá, subiu na cama junto com ela e os dois fizeram amor.

Elisa era uma mulher branca velha e feia, mas estava escuro e seu corpo era macio e quentinho. Mais importante de tudo, ela sempre fora boa com Ebrima. Ele não a amava nem jamais amaria, mas não era difícil lhe dar o que ela queria.

Mais tarde, quando Elisa pegou no sono, Ebrima ficou acordado e se lembrou da primeira vez.

Ele fora levado para Sevilha num navio negreiro e vendido ao pai de Carlos dez anos antes. Estava sozinho, com saudades de casa, desesperado. Num domingo, quando todos os outros estavam na igreja, a avó de Carlos encontrara Ebrima aos prantos, desconsolado. Para surpresa dele, ela beijara suas lágrimas e pressionara o rosto dele contra os seios macios e, na ânsia por afeto, ele fizera amor com ela sofregamente.

Entendia que Elisa o estava usando. Ela poderia terminar o relacionamento a qualquer momento se quisesse, mas ele, não. Apesar disso, ela era o único ser humano que Ebrima podia abraçar. Durante uma década de exílio solitário, tinha lhe proporcionado alívio.

Quando ela começou a roncar, ele voltou para a própria cama.

Todas as noites, antes de dormir, Ebrima pensava em ser livre. Imaginava-se numa casa que fosse sua, com uma mulher com quem fosse casado e talvez com alguns filhos também. Nessa visão, ele tinha dinheiro no bolso, ganho com o próprio trabalho, e usava roupas que ele próprio escolhera e comprara, não peças de segunda mão. Saía de casa quando queria e voltava quando bem entendesse. E ninguém podia açoitá-lo por isso. Sempre torcia para sonhar com isso. Às vezes conseguia.

Dormiu algumas horas e acordou com o dia clareando. Era domingo. Mais tarde iria à igreja com Carlos e, à noite, iria a uma taberna de um africano liberto e jogaria com seu parco dinheiro ganho em gorjetas. Só que antes tinha uma tarefa pessoal a cumprir. Vestiu as roupas e saiu de casa.

Atravessou o portão norte da cidade e seguiu o rio correnteza acima conforme a luz do dia ia ficando mais forte. Após uma hora, chegou a um local isolado que já visitara uma vez, onde o rio era margeado por uma fileira de árvores. Ali executou o ritual da água.

Nunca fora visto ali, mas de toda forma não teria importância, pois parecia estar apenas se banhando.

Ebrima não acreditava no Deus crucificado. Fingia que sim, pois isso tornava a vida mais fácil. Fora batizado na Espanha, mas, no fundo, não acreditava em Cristo. Os europeus não percebiam que havia espíritos por toda parte, nas gaivotas, no vento oeste e nas laranjeiras. O mais poderoso de todos eles era o deus do rio. Ebrima sabia disso porque fora criado numa aldeia situada às margens de um. Aquele rio era outro e ele não sabia a quantos milhares de quilômetros estava do seu lugar de nascimento, mas o deus era o mesmo.

Quando ele entrou na água murmurando as palavras sagradas, a tranquilidade inundou sua alma, e ele permitiu que as lembranças aflorassem do fundo da mente. Recordou o pai, homem forte de pele marcada pelas cicatrizes de queimaduras de metal derretido; a mãe, com os seios desnudos, cuidando da horta; a irmã, com um bebê no colo, seu sobrinho, que ele jamais veria transformado em homem. Nenhum deles sequer sabia o nome da cidade onde Ebrima agora vivia, mas todos veneravam o mesmo espírito.

O deus do rio o reconfortou em sua tristeza. Ao fim do ritual, a divindade lhe concedeu seu presente: força. Ebrima saiu do rio com água escorrendo pela pele e viu que o sol havia nascido. E soube que, durante algum tempo mais, conseguiria suportar o cativo.

No domingo, Barney foi à missa com Carlos, tia Betsy e Ebrima. Os quatro formavam um grupo curioso, pensou. Apesar da barba fornida e dos ombros

largos, Carlos tinha um aspecto jovem demais para um chefe de família. Tia Betsy não aparentava nem ser velha nem ser moça: tinha os cabelos grisalhos, mas conservava as curvas de mulher. Ebrima usava roupas de segunda mão de Carlos, mas caminhava ereto e, de alguma forma, parecia bem-vestido para ir à igreja. Barney, por sua vez, exibia a barba ruiva e os olhos castanho-dourados da família Willard, e seu brinco era peculiar o bastante para atrair olhares de espanto, sobretudo das mulheres jovens; por isso ele o usava.

A catedral de Sevilha era maior do que a de Kingsbridge e refletia a fabulosa riqueza do clero espanhol. A nave central extraordinariamente alta era ladeada por dois pares de corredores laterais e duas fileiras de capelas, o que fazia o edifício parecer quase tão largo quanto comprido. Qualquer outra igreja da cidade caberia com facilidade lá dentro. Mil pessoas aglomeradas em frente ao altar-mor pareciam formar um grupo pequeno e suas respostas durante a liturgia se perdiam no vão das cúpulas do teto. No altar havia um imenso retábulo, uma profusão de madeira esculpida e folheada a ouro, ainda inacabada após 75 anos de trabalho.

Além de servir para purificar a alma, a missa era um evento social. Todos precisavam comparecer, sobretudo os cidadãos mais importantes. Era uma oportunidade de falar com pessoas que de outro modo não se encontrariam. Uma moça respeitável poderia até conversar com um homem solteiro sem comprometer a reputação, tendo os pais a vigiá-la o tempo todo.

Carlos usava um casaco novo com gola de pele. Dissera a Barney que nesse dia pretendia falar com o pai de Valentina Villaverde, a moça de quem gostava. Adiara a conversa por um ano, pois sabia que a comunidade ainda aguardava para ver se ele conseguiria levar adiante o negócio do pai, mas agora sentia ter esperado o suficiente. A visita de Sancho indicava que os outros reconheciam seu sucesso... e que pelo menos um homem queria lhe tirar seu negócio. Era um bom momento para pedir Valentina em casamento. Se ela aceitasse, Carlos não somente iria conquistar a mulher que amava, como também estaria se aliando por matrimônio à elite de Sevilha, o que o protegeria de predadores como Sanchez.

Eles encontraram os Villaverdes assim que passaram pelas grandes portas do lado oeste da catedral. Carlos fez uma profunda reverência para Francisco

Villaverde, em seguida sorriu para Valentina com animação. Barney observou que a moça tinha pele rosada e cabelos claros; mais parecia uma inglesa do que uma espanhola. Carlos lhe confidenciara que, quando os dois estivessem casados, iria construir para ela uma casa alta e fresca, com chafarizes e um jardim cheio de árvores para fazer sombra, de modo que o sol jamais queimasse as pétalas de flor de suas faces.

Valentina retribuiu alegremente o sorriso. Era muito protegida pelo pai e por um irmão mais velho, bem como pela mãe, mas eles não podiam impedi-la de se mostrar feliz ao ver Carlos.

Barney tinha a própria corte a fazer. Correu os olhos pelos fiéis reunidos até localizar Pedro Ruiz e a filha, Jerónima; a mãe havia falecido. Abriu caminho pela congregação até onde eles estavam e fez uma mesura para Pedro, que ofegava após a curta caminhada de casa até a catedral. Pedro era um intelectual, que debatia com Barney se era possível a Terra girar em torno do Sol em vez do contrário.

Barney estava mais interessado na filha dele do que em suas opiniões. Virou-se para Jerónima e abriu seu sorriso mais radiante. A moça lhe sorriu também.

– Vejo que a missa está sendo rezada pelo amigo do seu pai, o arqui-diácono Romero – comentou ele.

Romero era um membro da Igreja em franca ascensão. Diziam ser próximo do rei Filipe. Barney sabia que ele era uma visita frequente na casa da família Ruiz.

– Papai gosta de discutir teologia com ele – falou Jerónima, então fez uma cara de repulsa e baixou a voz. – Ele fica me importunando.

– Romero?

Barney olhou para Pedro com cautela, mas ele estava ocupado fazendo uma mesura para um vizinho e havia desviado os olhos da filha por um instante.

– Importunando como?

– Diz que espera ser meu amigo depois que eu me casar. E fica tocando meu pescoço. Isso me dá arrepios!

Era óbvio que o arqui-diácono havia desenvolvido uma paixão pecaminosa por Jerónima, pensou Barney. Entendia o religioso: ele próprio sentia o mesmo. Mas sabia que não poderia dizer tal coisa.

– Que nojo – comentou. – Um padre lascivo.

Sua atenção foi atraída por uma silhueta que subia ao púlpito trajando as vestes brancas e a capa negra de um monge dominicano. Era hora do sermão. Barney não reconheceu o orador. Era um homem alto e magro, com bochechas pálidas e cabelos cheios, lisos e de fios grossos. Parecia ter uns 30 anos, jovem demais para pregar na catedral. Barney já havia reparado nele durante a missa, pois o dominicano lhe parecera tomado por um êxtase divino e repetira as palavras em latim com paixão, de olhos fechados e com o rosto erguido em direção ao céu, em contraste com a maioria dos outros padres, que se comportavam como se estivessem cumprindo uma tarefa entediante.

– Quem é ele? – perguntou.

Quem respondeu foi Pedro, que tornara a prestar atenção no pretendente da filha.

– Padre Alonso – disse ele. – O novo inquisidor.

Carlos, Ebrima e Betsy apareceram ao lado de Barney e se adiantaram para conseguir ver melhor o pregador.

Alonso começou falando sobre a febre de calafrios que matara centenas de cidadãos durante o inverno. Era uma punição divina, garantiu. O povo de Sevilha precisava tirar daquilo uma lição e examinar as próprias consciências. Que terríveis pecados tinham cometido para deixar Deus tão zangado?

A resposta era que eles haviam tolerado pagãos entre eles. Conforme enumerava as blasfêmias dos hereges, o jovem religioso foi se animando. Cuspiu os termos “judeu”, “muçulmano” e “protestante” como se tivessem um gosto ruim na boca.

Mas a quem ele se referia? Barney conhecia a história da Espanha. Em 1492, Ferdinando e Isabela, os “monarcas católicos”, deram um ultimato aos judeus espanhóis: converter-se ao cristianismo ou deixar o país. Mais tarde, os muçulmanos foram obrigados a encarar a mesma escolha brutal. Desde então, todas as sinagogas e mesquitas tinham virado igrejas. E Barney, até onde sabia, nunca conhecera um protestante espanhol sequer.

Pensou que aquele sermão não passava de fogo de palha, mas tia Betsy ficou preocupada.

– Isso é ruim – comentou, em voz baixa.

Quem respondeu foi Carlos:

– Por quê? Não há hereges em Sevilha.

– Quando se começa uma caça às bruxas, é preciso achar algumas bruxas.

– Como ele vai conseguir encontrar hereges se não há nenhum?

– Olhe em volta. Ele vai dizer que Ebrima é muçulmano.

– Mas Ebrima é cristão! – protestou Carlos.

– Eles vão alegar que ele voltou para sua religião de origem, o que constitui o pecado da apostasia, muito pior do que jamais ter sido cristão.

Barney pensou que ela decerto tinha razão: a cor escura da pele de Ebrima levantaria suspeitas sobre ele, independentemente dos fatos.

Betsy meneou a cabeça em direção a Jerónima e ao pai.

– Pedro Ruiz lê os livros de Erasmo e discute os ensinamentos da igreja com o arqui-diácono Romero.

– Mas Pedro e Ebrima estão aqui assistindo à missa! – exclamou Carlos.

– Alonso vai dizer que eles praticam seus ritos pagãos em casa depois que escurece, com as persianas bem fechadas e as portas trancadas.

– Mas com certeza ele vai precisar de provas, não?

– Eles vão confessar.

Carlos ficou estupefato.

– Por que eles fariam uma coisa dessas?

– Se você fosse despido e amarrado com cordas que fossem apertadas bem devagar até romperem sua pele e começarem a arrancar a carne do seu corpo, também confessaria ter cometido heresia...

– Pode parar, já entendi – pediu Carlos, e estremeceu.

Barney se perguntou quanto Betsy sabia sobre as torturas da Inquisição.

Chegando ao ápice do sermão, Alonso convocou todos os cidadãos a uma nova cruzada contra os infiéis que viviam entre eles. Em seguida começou a comunhão. Barney olhou para o rosto das pessoas e pensou que elas pareciam pouco à vontade em relação ao sermão. Eram bons católicos, mas queriam uma vida tranquila, não uma cruzada. Assim como tia Betsy, previam problemas.

Quando a missa terminou e os religiosos deixaram a nave em procissão, Carlos disse a Barney:

– Acompanhe-me enquanto eu falo com Villaverde. Preciso do apoio de um

amigo.

Barney o seguiu de bom grado. Carlos foi até Francisco e fez uma mesura.

– *Señor*, permite-me solicitar um instante do seu tempo para debater uma questão de grande importância?

Francisco Villaverde tinha a mesma idade de Betsy e Valentina era filha dele com a segunda esposa. Era um homem elegante e altivo, mas não era antipático. Abriu um sorriso caloroso.

– Mas claro que sim.

Barney notou que Valentina ostentava um ar tímido. Ela já podia adivinhar o que iria acontecer, embora o pai, não.

– Um ano se passou desde a morte de meu pai – começou Carlos.

Barney imaginou que fosse ouvir a prece murmurada desejando que sua alma descansasse no paraíso, uma cortesia convencional sempre que o nome de um finado parente era citado na conversa, mas, para sua surpresa, Francisco não disse nada.

– Todos podem ver que minha oficina é bem-administrada e que meu negócio vai de vento em popa – prosseguiu Carlos.

– O senhor merece parabéns – falou Francisco.

– Obrigado.

– Sobre o que deseja me falar, jovem Carlos?

– Estou com 22 anos, sou saudável e tenho uma condição financeira sólida. Estou pronto para me casar. Minha esposa será amada e cuidada.

– Estou certo de que sim. E...?

– Venho lhe pedir humildemente permissão para visitar sua casa na esperança de que sua maravilhosa filha Valentina possa me aceitar como pretendente.

Valentina ficou vermelha. O irmão deu um grunhido que poderia ser entendido como indignação.

A atitude de Francisco Villaverde mudou na mesma hora.

– De jeito nenhum – disse ele, com uma veemência surpreendente.

Carlos ficou pasmo. Por alguns segundos, sequer conseguiu falar.

– Como se atreve? – continuou Francisco. – A minha filha!

Carlos tornou a encontrar a voz:

– Mas... posso saber por quê?

Barney estava se fazendo a mesma pergunta. Francisco não tinha motivo para se sentir superior. Era um fabricante de perfumes, ofício quiçá um pouco mais refinado que o de trabalhar metais. Ainda assim, como Carlos, ele fabricava suas mercadorias e as vendia. Não era nenhum nobre.

Francisco hesitou, então disse:

– Seu sangue não é puro.

Carlos fez uma cara atônita.

– Porque minha avó é inglesa? Isso é ridículo.

O irmão de Valentina se eriçou.

– Preste atenção no que diz! – advertiu.

– Não vou ficar aqui e ainda ser chamado de ridículo – declarou Francisco.

Barney viu que Valentina ficou abalada. A recusa do pai também a surpreendera.

– Espere um instante – disse Carlos, desesperado.

– Esta conversa acabou – sentenciou Francisco, categórico.

O homem deu as costas para Carlos, pegou a filha pelo braço e saiu andando em direção à porta oeste da catedral. A mãe e o irmão de Valentina foram atrás. Barney sabia que nada adiantaria segui-los: isso apenas faria Carlos parecer bobo.

O primo estava magoado e com raiva. A acusação de sangue impuro era uma bobagem, mas provavelmente isso não a tornava menos dolorosa. Naquele país, “impuro” em geral significava “judeu” ou “muçulmano”, e Barney jamais ouvira o termo ser atribuído a alguém com antepassados ingleses, mas as pessoas podiam ser esnobes em relação a qualquer coisa.

Ebrima e Betsy se aproximaram. Betsy percebeu na hora a expressão de Carlos e olhou para Barney com ar inquisitivo.

– O pai de Valentina disse não – murmurou Barney.

– Maldição – praguejou Betsy.

Apesar de brava, ela não pareceu surpresa, e passou pela cabeça de Barney que sua tia-avó de alguma forma já esperava por aquilo.

Ebrima ficou com pena de Carlos e quis fazer algo para alegrá-lo. Quando chegaram em casa, sugeriu que testassem a fornalha nova. Aquele era um momento tão bom quanto outro qualquer, pensou, e talvez distraísse Carlos da humilhação sofrida. É claro que cristãos não podiam trabalhar nem fazer negócios num domingo, mas aquilo não era realmente trabalho: era uma experiência.

Carlos gostou da ideia. Acendeu a fornalha enquanto Ebrima atrelava o boi com o arreio que eles tinham inventado e Barney fazia a mistura de minério de ferro triturado com cal.

Os foles apresentaram um problema, e eles tiveram de reajustar o mecanismo acionado pelo boi. Betsy desistiu dos planos de um almoço dominical elegante e trouxe pão e carne de porco salgada, que os três comeram em pé. A luz da tarde já caía quando eles conseguiram fazer tudo funcionar outra vez. Quando o fogo ficou bem forte, atizado pelos dois foles, Ebrima começou a jogar o minério de ferro e a cal lá dentro com uma pá.

Durante algum tempo, nada aconteceu. O boi seguiu andando em círculos pacientes, os foles bufaram e resfolegaram, a chaminé irradiou calor e os homens aguardaram.

Carlos já tinha ouvido duas pessoas mencionarem aquele modo de forjar ferro: um francês da Normandia e um valão dos Países Baixos. Barney ouvira um inglês de Sussex comentar sobre algo parecido. Todos afirmavam que a produção do ferro caía à metade do tempo com esse método. Talvez fosse exagero, mas era uma ideia empolgante mesmo assim. Segundo eles, o ferro se fundiria no fundo da fornalha, e para isso Carlos construía uma calha de pedra que faria o metal derretido escorrer até depressões em formato de lingotes escavadas no quintal. Mas ninguém conseguira lhes fornecer um desenho da fornalha, de modo que o projeto era pura conjectura.

Nenhum ferro surgiu. Ebrima começou a se perguntar o que poderia ter saído errado. Talvez a chaminé devesse ser mais alta. O segredo era o calor, pensou. Talvez eles devessem ter usado carvão vegetal, que ardia com mais força do que o carvão mineral, embora custasse caro num país em que todas as árvores eram necessárias para construir os navios do rei.

Então começou a dar certo. Uma meia-lua de ferro fundido surgiu na saída

da fornalha e foi avançando devagar em direção à calha de pedra. A protuberância hesitante se transformou numa onda vagarosa, em seguida num jorro. Os homens comemoraram. Elisa veio espiar.

O metal líquido era vermelho no começo, mas logo ficou cinza. Ebrima o examinou com atenção e pensou que aquilo mais parecia ferro-gusa e precisaria ser fundido novamente de modo a ser refinado, mas isso não era um problema grave. Por cima do gusa havia uma camada parecida com vidro derretido que sem dúvida seria escória, e eles teriam de arrumar um jeito de retirá-la.

Mas o processo era rápido. Uma vez que começava a brotar, o ferro saía como se uma torneira houvesse sido aberta. Tudo o que eles precisavam fazer era continuar alimentando a fornalha por cima com carvão, minério de ferro e cal, e a riqueza líquida escorreria da outra ponta.

Os três se parabenizaram. Elisa trouxe uma garrafa de vinho. Em pé com as canecas na mão, eles ficaram observando encantados o ferro se solidificar. Carlos parecia alegre: estava se refazendo do choque da rejeição. Talvez escolhesse aquele momento de celebração para dizer a Ebrima que era um homem livre.

Alguns minutos depois, Carlos falou:

– Ebrima, vá atizar a fornalha.

O africano pousou a caneca.

– Agora mesmo – disse.

V

A nova fornalha foi uma vitória para Carlos, mas nem todos se alegraram com isso.

O mecanismo operava do nascer ao pôr do sol, seis dias por semana. Para poder se concentrar na produção e não ter que refinar o ferro-gusa, Carlos o vendia para uma fundição, enquanto Barney providenciava as quantidades maiores de minério de que eles necessitavam.

O armeiro do rei ficou contente. Vivia no esforço constante de comprar armas suficientes para guerrear na França e na Itália, travar batalhas navais contra a frota do sultão e proteger de piratas os galeões que vinham da América.

As fundições e oficinas de Sevilha não conseguiam produzir o bastante e, como as corporações impediam qualquer expansão da estrutura, o armeiro precisava comprar boa parte do que necessitava no estrangeiro. Por isso a prata americana que chegava à Espanha tornava a sair tão depressa. Ele se animou ao ver o ferro ser produzido com tamanha rapidez.

Já os outros ferreiros de Sevilha não ficaram tão satisfeitos. Podiam ver que Carlos estava ganhando o dobro de dinheiro que eles. Devia haver algum regulamento contra isso, não? Sancho Sanchez registrou uma reclamação formal junto à corporação. O conselho teria de tomar uma decisão.

Barney ficou preocupado, mas Carlos disse que a corporação não teria como se opor ao armeiro do rei.

Então eles receberam a visita de padre Alonso.

Estavam trabalhando no quintal quando o inquisidor entrou a passos firmes, seguido por um pequeno séquito de religiosos mais jovens. Carlos se apoiou na pá e encarou o inquisidor tentando não aparentar preocupação, mas sem conseguir, pensou Barney. Tia Betsy veio de dentro da casa e ficou parada com as mãos grandes no quadril largo, pronta para enfrentar o homem.

Barney não conseguia imaginar como Carlos poderia ser acusado de heresia. Por outro lado, que outro motivo teria levado Alonso até ali?

Antes de dizer qualquer coisa, Alonso correu os olhos lentamente pelo quintal com o nariz estreito e adunco empinado no ar, tal qual uma ave de rapina. Seu olhar pousou em Ebrima, e por fim ele falou:

– Esse negro é muçulmano?

Foi o próprio Ebrima quem respondeu:

– Na aldeia onde eu nasci, padre, o evangelho de Jesus Cristo jamais foi ouvido, nem o nome do profeta muçulmano jamais foi pronunciado. Assim como meus antepassados, fui criado na ignorância pagã. Mas a mão de Deus me guiou numa longa jornada e, quando descobri a verdade sagrada aqui em Sevilha, me tornei cristão e fui batizado na catedral. E por isso dou graças ao Pai celestial todos os dias em minhas preces.

Foi um discurso tão bom que Barney imaginou que Ebrima já o devesse ter proferido antes.

Mas não bastou para Alonso.

– Então por que trabalha aos domingos? – indagou o inquisidor. – Não é porque o seu dia santo muçulmano é a sexta-feira?

– Ninguém aqui trabalha aos domingos – interveio Carlos. – Todos nós trabalhamos o dia inteiro na sexta.

– Seu forno foi visto aceso no domingo em que fiz meu primeiro sermão na catedral.

Barney disse um palavrão entre os dentes. Tinham sido pegos. Olhou para as construções em volta: várias janelas davam para o quintal. Um dos vizinhos fizera a acusação, decerto outro ferreiro invejoso, talvez até o próprio Sancho.

– Mas não estávamos trabalhando – defendeu-se Carlos. – Estávamos fazendo um experimento.

A desculpa soou débil, até mesmo para Barney.

Carlos tornou a falar, agora com um tom desesperado na voz:

– Nesse tipo de fornalha, o ar quente é soprado na parte baixa da chaminé, padre, de modo que...

– Eu sei tudo sobre o seu forno – interrompeu Alonso.

Tia Betsy se manifestou:

– Como um padre poderia saber tudo sobre um forno? Talvez o senhor tenha conversado com os rivais do meu neto. Quem o denunciou ao senhor, padre?

Pela expressão de Alonso, Barney compreendeu que tia Betsy tinha razão, mas o religioso não respondeu à pergunta. O que fez foi assumir uma postura ofensiva.

– Você nasceu na Inglaterra protestante, velha.

– Certamente não – rebateu Betsy com energia. – O bom rei católico Henrique VII ocupava o trono da Inglaterra quando eu nasci. Seu filho protestante, Henrique VIII, ainda mijava na cama quando a minha família deixou a Inglaterra e me trouxe para Sevilha. Nunca mais pisei lá.

Alonso se virou para Barney e o rapaz sentiu o profundo calafrio do medo. Aquele homem tinha o poder de torturar e matar pessoas.

– Isso com certeza não se aplica ao senhor – disse Alonso. – O senhor deve ter nascido e sido criado protestante.

Como o espanhol de Barney não era bom o bastante para uma discussão teológica, ele manteve a resposta simples:

– A Inglaterra não é mais protestante e nem eu. Se o senhor revistar esta casa, padre, verá que não há nenhum livro proibido aqui, nenhum texto herege, nenhum tapete de reza muçulmano. Há um crucifixo pendurado acima da minha cama, e na minha parede um retrato de São Humberto de Liège, patrono dos artesãos que trabalham o metal. Foi esse santo quem...

– Eu conheço a história de São Humberto.

Alonso estava claramente ofendido pela sugestão de que outra pessoa pudesse ter algo a lhe ensinar. Mas seus argumentos talvez tivessem se esgotado, pensou Barney. Todas as acusações haviam sido rebatidas. Tudo o que ele tinha eram homens realizando num domingo algo que podia ou não ser trabalho, e Carlos e sua família com certeza não eram os únicos em Sevilha a violar essa regra.

– Espero que tudo o que vocês me disseram aqui hoje seja a mais pura verdade – disse ele. – Caso contrário, terão o mesmo destino de Pedro Ruiz.

Ele se virou para ir embora, mas Barney o deteve.

– O que houve com Pedro Ruiz?

Pedro era o pai de Jerónima.

Alonso pareceu satisfeito por ter surpreendido o rapaz.

– Ele foi preso – respondeu. – Encontrei em sua casa uma tradução do Antigo Testamento em espanhol, o que é ilegal, e um exemplar do herege *A instituição da religião cristã*, de João Calvino, o líder protestante da abominável cidade de Genebra. Como é normal nesses casos, todos os bens de Pedro Ruiz foram confiscados pela Inquisição.

Carlos não pareceu surpreso com isso, então Alonso devia estar dizendo a verdade ao afirmar que era normal, mas Barney ficou estarelecido.

– Todos os bens? – indagou ele. – Do que a filha dele vai viver?

– Da graça divina, como todos nós – respondeu Alonso, e então se retirou seguido por sua comitiva.

Carlos fez uma cara de alívio.

– Sinto muito pelo pai de Jerónima – falou. – Mas acho que conseguimos derrotar Alonso.

– Não tenha tanta certeza – retrucou Betsy.

– Por que diz isso? – quis saber Carlos.

- Você não se lembra do seu avô, meu marido.
- Ele morreu quando eu era bebê.
- Que Deus tenha sua alma. Ele foi criado como muçulmano.

Todos os três a encararam boquiabertos.

- Seu marido era muçulmano? – indagou Carlos, incrédulo.

– No início, sim.

- Meu avô, José Alano Cruz?

– O primeiro nome dele era Youssef al-Khalil.

- Como pôde se casar com um maometano?

– Quando os muçulmanos foram expulsos da Espanha, ele resolveu se converter ao cristianismo em vez de ir embora. Aprendeu a religião e foi batizado já adulto, igual a Ebrima. Adotou José como novo nome. Para consolidar a conversão, decidiu desposar uma moça católica. Essa moça fui eu. Eu tinha 13 anos.

- Muitos muçulmanos se casavam com cristãos? – quis saber Barney.

– Não. Mesmo depois de se converter, eles se casavam dentro da sua comunidade. O meu José fez diferente.

Carlos estava mais interessado no lado pessoal.

- A senhora sabia que ele tinha sido criado como muçulmano?

– No começo, não. Ele era de Madri e não tinha contado isso a ninguém em Sevilha. Mas muitas pessoas vinham para cá de Madri, e acabou aparecendo alguém que o havia conhecido quando ele era muçulmano. Depois disso, a história deixou de ser segredo, embora tenhamos tentado nos manter discretos sobre ela.

Barney não conseguiu conter a curiosidade.

- Treze anos. A senhora o amava?

– Eu o adorava. Nunca fui uma menina bonita, e ele era lindo e charmoso. Era também afetuoso, gentil, carinhoso. Para mim, foi o céu.

Tia Betsy estava propícia a confidências.

- Então meu avô morreu... – disse Carlos.

– Eu fiquei inconsolável – falou Betsy. – Ele era o amor da minha vida. Nunca quis outro marido. – Ela deu de ombros. – Mas tinha meus filhos para cuidar, de modo que estava ocupada demais para morrer de tristeza. Além disso,

chegou você, Carlos, que ficou órfão de mãe assim que nasceu.

Barney teve a sensação instintiva de que, embora Betsy falasse com franqueza, estava deixando de fora alguma informação. Ela não quisera outro marido, mas qual seria a história completa?

– Por isso Francisco Villaverde não quer que eu me case com a filha dele? – deduziu Carlos.

– Sim. Ele não liga para a sua avó inglesa. É o seu avô muçulmano que considera impuro.

– Maldição.

– E esse não é o pior dos seus problemas. É óbvio que Alonso também sabe sobre Youssef al-Khalil. A visita de hoje foi só o começo. Acredite em mim, ele vai voltar.

vi

Depois da visita de Alonso, Barney foi à casa da família Ruiz ver o que tinha acontecido com Jerónima.

A porta foi aberta por uma jovem escrava que parecia ter nascido no norte da África. Devia ser uma moça linda, pensou ele, mas agora tinha o rosto inchado e os olhos vermelhos de tanto chorar.

– Preciso falar com Jerónima – disse ele numa voz bem alta.

A moça levou o dedo aos lábios como se pedisse que ele se calasse, em seguida acenou para que Barney a seguisse e o conduziu até os fundos da casa.

Ele imaginou que fosse ver uma cozinheira e uma ou duas criadas preparando o almoço, mas a cozinha estava fria e silenciosa. Lembrou que Alonso dissera que a Inquisição confiscava os bens de suspeitos, mas não havia se dado conta da rapidez com que isso podia acontecer. Agora constatava que os empregados de Pedro já tinham sido dispensados. Aquela escrava decerto iria ser vendida, e por isso devia estar chorando.

– Meu nome é Farah – disse ela.

– Por que me trouxe até aqui? – perguntou Barney, impaciente. – Onde está Jerónima?

– Fale baixo – pediu ela. – Jerónima está lá em cima com o arqui-diácono

Romero.

– Não importa, quero falar com ela – retrucou Barney, dando um passo em direção à porta.

– Por favor, não – implorou Farah. – Se Romero vir o senhor, vai haver problemas.

– Estou preparado para problemas.

– Vou trazer Jerónima até aqui. Direi que uma vizinha insiste em falar com ela.

Barney hesitou, mas no fim assentiu e Farah se retirou.

Ele olhou em volta. Não havia facas, panelas, jarras ou pratos. O lugar fora limpo. Será que a Inquisição vendia até os utensílios de cozinha das pessoas?

Jerónima apareceu alguns minutos depois. Estava diferente: de uma hora para outra, parecia bem mais velha do que seus 17 anos. Não havia sinal de lágrimas nos olhos e o lindo rosto era uma máscara impassível, mas a pele morena parecia ter ficado cinzenta e seu corpo esguio tremia inteiro, como se tomado por calafrios. Barney percebeu seu imenso esforço para conter a tristeza e a raiva.

Moveu-se em direção a ela na intenção de abraçá-la, mas ela deu um passo para trás e ergueu as mãos como se fosse empurrá-lo para longe.

Ele a encarou com um ar de impotência e perguntou:

– O que está acontecendo?

– Estou na miséria – respondeu ela. – Meu pai foi preso e não tenho outros parentes.

– Como ele está?

– Não sei. Prisioneiros da Inquisição não têm permissão para se comunicar com a família nem com qualquer outra pessoa. Mas ele tem a saúde frágil... você já o ouviu ofegando mesmo depois de uma curta caminhada... e é provável que eles...

Ela não foi mais capaz de falar, mas apenas por alguns instantes. Baixou os olhos, inspirou fundo e retomou o controle de si mesma.

– É provável que eles o submetam à tortura da água.

Barney já ouvira falar nessa prática. As narinas da vítima eram fechadas para impedi-la de respirar pelo nariz e sua boca era aberta à força, então várias jarras

de água lhe eram despejadas pela garganta abaixo. A água que a pessoa engolia lhe dilatava o estômago de modo excruciante e a que entrava pela traqueia a fazia sufocar.

– Vão matá-lo – falou ele, horrorizado.

– Já levaram todo o dinheiro e os bens dele.

– O que você vai fazer?

– O arqui-diácono Romero se ofereceu para me acolher em sua casa.

Barney ficou atordoado. As coisas estavam acontecendo depressa demais. Várias perguntas lhe ocorreram ao mesmo tempo.

– Em que condição? – indagou ele.

– Estamos conversando sobre isso agora mesmo. Ele quer que eu me encarregue do seu guarda-roupa, de encomendar e cuidar de suas vestes, de supervisionar sua lavadeira.

Falar de questões tão práticas devia ajudá-la a controlar os próprios sentimentos.

– Não vá – disse Barney. – Venha embora comigo.

Era uma proposta impensada, Jerónima sabia disso.

– Para onde? Não há problema com o fato de sua avó morar com três homens, mas eu não posso.

– Eu tenho uma casa na Inglaterra.

Ela fez que não com a cabeça.

– Eu não sei nada sobre a sua família. Mal sei sobre você. Não falo inglês. – Sua expressão se suavizou por um instante. – Talvez, se isso não tivesse acontecido, você um dia me fizesse a corte e pedisse minha mão a meu pai. Talvez eu me casasse com você e aprendesse inglês... Quem pode saber? Reconheço que me passou pela cabeça. Mas fugir com você para um país desconhecido? Não.

Jerónima estava sendo bem mais sensata do que ele. Mesmo assim, Barney falou abruptamente:

– Romero quer transformar você na amante secreta dele.

A moça o encarou, e ele viu em seus olhos grandes uma dureza que jamais percebera. Lembrou-se das palavras de tia Betsy: “Jerónima Ruiz está muito atenta aos próprios interesses.” Mas decerto devia haver limites, não?

– E daí se estiver?
Barney ficou pasmo.
– Como você pode sequer dizer uma coisa dessas?
– Não durmo há 48 horas, só pensando nisso. Eu não tenho alternativa. Você sabe o que acontece com mulheres que não têm onde morar.
– Viram prostitutas.
O termo não pareceu ofendê-la.
– Então minhas alternativas são: uma fuga com você rumo ao desconhecido, a prostituição nas ruas ou um cargo dubio na casa abastada de um religioso corrupto.
– Já lhe ocorreu que Romero pode até ter denunciado ele próprio o seu pai na intenção de obrigá-la a aceitar esse cargo? – indagou Barney com hesitação.
– Tenho certeza de que foi isso que ele fez.
Barney se espantou outra vez. Ela estava sempre um passo à frente.
– Há meses compreendi que Romero me queria como amante – disse ela. – Era a pior vida que eu podia imaginar para mim. Agora, é a melhor que eu poderia ter.
– E o responsável por isso foi ele!
– Eu sei.
– E você vai aceitar? Vai se deitar na cama dele e perdoá-lo?
– Perdoá-lo? – repetiu ela, e uma nova luz surgiu em seus olhos castanhos: uma expressão de ódio que mais parecia ácido fervente. – Não. Posso até fingir que sim. Mas um dia terei poder sobre ele. E, quando esse dia chegar, eu vou me vingar.

Ebrima havia se esforçado tanto quanto os outros para fazer a fornalha nova funcionar e acalentava uma esperança secreta de que Carlos o recompensasse concedendo-lhe a liberdade. No entanto, à medida que o forno passou dias, depois semanas ardendo, suas esperanças foram minguando e ele se deu conta de que a ideia sequer passara pela cabeça de Carlos. Enquanto carregava uma carroça com lingotes de ferro frios, empilhando-os na forma de uma rede

entrelaçada para que não saíssem do lugar durante o transporte, Ebrima ficou pensando no que faria a seguir.

Torcera para que Carlos fizesse a proposta de forma espontânea, mas, como isso não havia acontecido, teria de lhe pedir diretamente. Não gostava dessa opção, pois o simples ato de suplicar sugeriria que ele não tinha direito àquilo que desejava. Só que ele tinha direito, sim, disso estava convicto.

Talvez recrutasse Elisa para apoiá-lo. Ela gostava de Ebrima e queria o melhor para ele, tinha certeza disso. Mas será que o seu afeto iria tão longe a ponto de libertá-lo e não tê-lo à noite, quando precisasse de amor?

Pesando tudo, decerto o melhor seria se confidenciar com ela antes de conversar com Carlos. Pelo menos assim saberia como ela iria se comportar uma vez que a decisão fosse tomada.

Quando deveria lhe falar? À noite, depois de fazer amor? Talvez fosse mais inteligente abordar o assunto *antes* do ato, quando o coração dela estivesse repleto de desejo. Ele assentiu, aprovando a ideia. E foi nessa hora que o ataque começou.

Eram seis homens, todos armados com porretes e martelos. Não disseram nada, mas começaram na mesma hora a espancar Ebrima e Carlos.

– O que houve? – gritou o africano. – Por que estão fazendo isso?

Os homens não disseram nada. Ebrima ergueu um dos braços para se proteger, levou um golpe excruciante na mão, depois outro na cabeça e caiu no chão.

Seu agressor então foi atrás de Carlos, que recuava pelo quintal já tendo três homens atrás de si. Ebrima observava tentando se recuperar da tontura causada pela paulada na cabeça. Carlos empunhou uma pá, mergulhou-a no metal derretido saído da fornalha e lançou uma chuva de gotículas sobre os agressores.

Dois deles gritaram de dor. Por alguns instantes, Ebrima pensou que, apesar da desvantagem numérica, Carlos talvez levasse a melhor, porém, antes que ele conseguisse recolher mais metal, os outros dois homens o alcançaram e o derrubaram no chão.

Então os dois restantes atacaram a nova fornalha, quebrando suas paredes de tijolos com golpes de martelo. Ebrima viu sua criação sendo destruída e conseguiu reunir forças para se levantar. Correu para cima dos homens aos gritos

de “Não... vocês não podem fazer isso!”. Empurrou um deles no chão e puxou o outro para longe da preciosa fornalha. Usou apenas a mão direita, pois não conseguia mais agarrar com a esquerda, mas era um homem forte. Então um golpe de martelo veio em sua direção e ele foi forçado a recuar para não morrer.

No desespero de tentar salvar a fornalha, empunhou uma pá de madeira e tornou a atacá-los. Acertou um deles na cabeça, então foi atingido por trás, um golpe que pegou em seu ombro direito e o fez largar a pá. Virou-se para seu agressor e se esquivou do golpe seguinte.

Enquanto recuava desviando-se aos pulos dos golpes de um porrete, pôde ver com o canto do olho que o forno estava sendo demolido. O conteúdo se derramou, cobrindo o chão com carvões em brasa e minérios incandescentes. O boi começou a dar mugidos roucos de pânico, um barulho de dar pena.

Elisa saiu correndo da casa e começou a gritar com os homens:

– Deixem-nos em paz! Vão embora daqui!

Os agressores riram da velha e um dos que Ebrima derrubara no chão se levantou, agarrou-a por trás e a ergueu do chão. Era um homem grande, todos eram, e conseguiu contê-la sem dificuldade enquanto ela se contorcia e lutava.

O grupo de agressores os controlara. Dois homens estavam sentados em cima de Carlos, um segurava Elisa e um encurralava Ebrima. Os dois outros se puseram a martelar a fornalha. Esmigalharam o mecanismo de foles que Ebrima, Carlos e Barney tinham demorado tanto para bolar. Ebrima sentiu que poderia chorar.

Quando a fornalha e o mecanismo de foles estavam destruídos, um dos homens sacou uma adaga comprida e tentou cortar a garganta do boi. Não foi fácil: os músculos engrossavam o pescoço do animal, e o homem teve de golpear a carne enquanto o boi escoiceava tentando se soltar das ruínas da fornalha. Por fim, conseguiu chegar à jugular. O sangue esguichou da ferida feito uma cascata. Os mugidos cessaram. O boi desabou no chão.

Então, tão depressa quanto haviam surgido, os seis homens foram embora.

Jerónima se transformara numa mulher perversa, pensou Barney ao sair

atarantado da casa dela. Talvez sempre tivesse tido um lado obscuro e ele nunca houvesse reparado. Ou talvez passar por uma terrível provação transformasse as pessoas. Ele não sabia. Tinha a sensação de não saber mais nada. Qualquer coisa poderia acontecer: o rio poderia se erguer de repente e inundar a cidade.

Seus pés o levaram automaticamente de volta à casa de Carlos, e lá ele teve outro choque: Carlos e Ebrima tinham sido espancados.

Carlos estava sentado numa cadeira no quintal enquanto tia Betsy cuidava de seus ferimentos. Tinha um dos olhos fechados, os lábios inchados e ensanguentados, e estava meio curvado, como se lhe doesse a barriga. Ebrima, caído no chão, mantinha uma das mãos sob a axila oposta, com a cabeça envolta por uma atadura ensanguentada.

Atrás deles estavam as ruínas da fornalha. Fora completamente destruída e não passava de uma pilha de tijolos. O mecanismo de foles se tornara um emaranhado de cordas e madeira. O boi jazia morto em uma poça de sangue. Quanto sangue havia num único boi, pensou Barney, sem conseguir raciocinar direito.

Betsy banhava o rosto de Carlos com um pedaço de pano embebido em vinho. Então se levantou e jogou o trapo no chão com um gesto de repulsa.

– Escutem aqui – disse ela.

Barney entendeu que ela esperara por ele para falar. Mesmo assim, impediu-a de começar.

– O que aconteceu?

– Não faça perguntas idiotas – respondeu ela, impaciente. – Dá para ver o que aconteceu aqui.

– Eu quis dizer: quem foi?

– Homens que nunca vimos antes e que, quase com certeza, não são de Sevilha. A verdadeira pergunta é quem os contratou, e a resposta é Sancho Sanchez. Foi ele quem ficou ressentido com o sucesso de Carlos e é ele quem quer comprar o negócio. Não tenho dúvidas de que foi ele quem disse a Alonso que Ebrima é muçulmano e trabalha aos domingos.

– O que vamos fazer?

Quem respondeu à pergunta de Barney foi Carlos. Ele se levantou e disse:

– Recuar.

– O quê?

– Poderíamos enfrentar Sancho ou poderíamos enfrentar Alonso, mas não podemos encarar os dois ao mesmo tempo.

Ele foi até onde Ebrima estava caído, segurou-o pela mão direita, já que a esquerda estava ferida, e pôs o africano de pé com um puxão.

– Vou vender o negócio.

– Talvez isso já não baste – disse Betsy.

Carlos se espantou.

– Por quê?

– Sancho vai se contentar com o negócio, mas Alonso, não. Ele precisa de um sacrifício humano. Não pode admitir que errou. Agora que o acusou, ele precisa puni-lo.

– Acabo de ver Jerónima – disse Barney. – Ela acha que vão submeter o pai dela à tortura da água. Quando isso acontece, todo mundo se confessa culpado de heresia.

– Barney tem razão – concordou Betsy.

– O que podemos fazer? – perguntou Carlos.

Betsy deu um suspiro.

– Ir embora de Sevilha. Ir embora da Espanha. Hoje.

Apesar de consternado, Barney entendeu que Betsy tinha razão. Os homens de Alonso poderiam ir atrás deles a qualquer momento e, quando isso acontecesse, seria tarde demais para fugir. Olhou apreensivo para o arco de entrada do quintal, temendo que eles já estivessem lá. Entretanto não havia ninguém, não ainda.

Mas seria possível ir embora naquele mesmo dia? Talvez... se houvesse um navio zarpando com a maré vespertina e se esse navio precisasse de tripulantes. Eles provavelmente não teriam escolha quanto ao destino. Barney ergueu os olhos para o sol. Passava do meio-dia.

– Se formos mesmo fazer isso, teremos de nos apressar – falou.

Apesar do perigo que corria, a ideia de ganhar o mar o deixou animado.

Ebrima se pronunciou pela primeira vez:

– Se não formos, seremos mortos. E o primeiro a morrer serei eu.

– E a senhora, tia Betsy? – perguntou Barney.

– Sou velha demais para ir longe. Além disso, sou mulher; não sou importante para eles.

– O que vai fazer?

– Tenho uma cunhada em Carmona. Posso chegar lá a pé em uma manhã. Mesmo que Alonso descubra onde estou, duvido que vá se incomodar comigo.

Barney se lembrava de Betsy ter ido passar algumas semanas lá no verão.

Carlos se decidiu.

– Barney, Ebrima, peguem o que for preciso dentro de casa enquanto contam até cem, então voltem e me encontrem aqui.

Nenhum deles tinha muitas posses. Barney guardou uma bolsinha de dinheiro por baixo da camisa, na cintura. Calçou suas melhores botas e vestiu a capa grossa. Não possuía espada: era uma arma pesada, projetada para alcançar os pontos vulneráveis da armadura do inimigo, mas era difícil de manejar em espaços fechados. Então embainhou uma adaga espanhola de 60 centímetros de comprimento, com punho em forma de disco e lâmina de aço com fio duplo. Numa briga de rua, seria mais letal do que uma espada.

Já de volta ao quintal, Carlos estava armado com uma espada debaixo do casaco novo de gola de pele. Abraçou a avó, que chorava. Barney lhe deu um beijo na bochecha.

Tia Betsy então falou para Ebrima:

– Beije-me mais uma vez, meu amor.

Ebrima a tomou nos braços.

Barney franziu o cenho e Carlos falou:

– Ei...

Tia Betsy beijou Ebrima com paixão, a mão enterrada em seus cabelos escuros, enquanto Carlos e Barney assistiam, pasmos. Terminado o beijo, falou:

– Eu o amo, Ebrima, e não quero que você vá. Mas não posso deixar que fique aqui para ser torturado nas câmaras da Inquisição.

– Obrigado por ter sido boa comigo, Elisa – respondeu Ebrima.

Eles se beijaram outra vez, então Betsy se virou e correu para dentro de casa.

Que diabo foi isso?, pensou Barney.

Carlos tinha um ar assombrado, mas não havia tempo para perguntas.

– Vamos – falou.

– Um segundo – pediu Barney.

Ele lhes mostrou a adaga.

– Se toparmos com os homens de Alonso no caminho, não serei capturado vivo.

– Nem eu – disse Carlos, tocando o cabo da espada.

Ebrima afastou a capa que usava e revelou um martelo no cinto.

Os três saíram rumo à beira do rio.

Ficaram alertas para a chegada dos homens de Alonso, mas, conforme se afastavam da casa, o perigo diminuía. Mesmo assim, as pessoas os encaravam, e Barney se deu conta de que eles tinham um aspecto assustador, tanto Carlos quanto Ebrima machucados e sangrando por causa da briga.

Após alguns minutos, Carlos perguntou ao africano:

– Minha avó...?

Ebrima respondeu com calma:

– Escravos sempre são usados para sexo. O senhor deve saber.

– Eu não sabia – disse Barney.

– Os escravos sempre conversam uns com os outros na praça do mercado. Quase todos nós somos a puta de alguém. Não os que estão velhos, mas escravos geralmente não chegam à velhice.

Ele olhou para Barney.

– Pedro Ruiz, pai da sua namorada, gosta de fornicar com Farah, mas ela tem que ficar por cima.

– É por isso que ela estava chorando? Porque o perdeu?

– Ela estava chorando porque agora vai ser vendida e um desconhecido vai abusar dela.

Ebrima se virou para Carlos:

– Francisco Villaverde, que é orgulhoso demais para ser seu sogro, sempre compra meninos e abusa deles até ficarem adultos. Depois os vende para algum dono de fazenda.

Carlos ainda não conseguia acreditar naquilo.

– Quer dizer que todas as noites, enquanto eu dormia, você ia ao quarto da minha avó?

– Não todas as noites. Só quando ela me pedia.

– E você não se importava? – quis saber Barney.

– Elisa é velha, mas é afetuosa e amorosa. E eu ficava feliz pelo fato de não ser um homem.

Barney teve a sensação de que fora criança até esse dia. Sabia que padres podiam pôr um homem na prisão e torturá-lo até a morte, mas não que eles também podiam confiscar todos os seus bens e deixar sua família na miséria. Jamais imaginara que um arquiidiácono fosse levar uma moça para casa e transformá-la em amante. E não tinha ideia do que homens e mulheres faziam com seus escravos. Era como se, até aquele momento, tivesse vivido numa casa sem conhecer todos os seus cômodos, dividindo-a com pessoas que nunca vira antes. Descobrir a própria ignorância o deixou desorientado. Atordoadado. E agora sua vida corria perigo e ele tentava ir embora de Sevilha e da Espanha, tudo com uma pressa desabalada.

Eles chegaram ao cais. Como de hábito, a beira do rio estava movimentada, cheia de estivadores e carroças. À primeira vista, Barney avaliou que houvesse uns quarenta navios atracados. A maré matinal era a preferida para as partidas, pois o navio tinha um dia inteiro de viagem pela frente, mas em geral um ou dois zarpavam à tarde. Só que a maré já estava virando: eles não iriam demorar a sair.

Os três foram depressa até a beira do rio e examinaram as embarcações em busca de sinais de partida iminente: compartimentos de carga fechados, capitão no convés, tripulação no cordame. Um navio chamado *Ciervo* já se afastava do atracadouro, e a tripulação usava varas compridas para afastá-lo dos outros de ambos os lados. Ainda sobrava justo o tempo de subir a bordo. Carlos levou as mãos em concha à boca e gritou:

– Capitão! Precisa de três marujos fortes?

– Não! – foi a resposta. – Estou com a tripulação completa.

– E três passageiros? Nós podemos pagar.

– Não temos lugar!

O homem talvez planejasse algo ilegal, especulou Barney, e não quisesse testemunhas em quem não confiava. Naquelas águas, o crime mais comum era negociar prata americana longe da costa para fugir dos impostos reais em Sevilha. Mas a simples pirataria também não era rara.

Eles seguiram apressados pela margem do rio, mas sua sorte havia acabado.

Ninguém mais parecia estar prestes a zarpar. Barney ficou desesperado. O que iriam fazer agora?

Os três andaram no sentido da correnteza até chegar ao limite do cais, marcado por uma fortaleza chamada Torre del Oro. Nesse ponto, esticavam uma corrente de ferro de uma margem à outra, de modo que piratas vindos do mar não pudessem atacar os navios ancorados.

Em frente à fortaleza, um recrutador militar trabalhava em pé sobre um barril, convocando rapazes para o Exército.

– Uma refeição quente e uma garrafa de vinho para cada homem que se alistar agora! – gritava ele para uma multidão de observadores. – Ali está um navio chamado *José y María*, e os dois santos abençoados olham por ele e protegem todos os que nele viajam.

O homem apontou e Barney percebeu que uma de suas mãos era de ferro, na certa por causa de algum ferimento em combate.

Barney olhou para onde o homem indicara e viu um galeão de três mastros e armado de canhões, o convés já repleto de jovens marujos.

– Zarparemos esta tarde para um lugar cheio de pagãos maus para matar e onde as moças são bonitas e acolhedoras – seguiu dizendo o recrutador. – E falo por experiência própria, rapazes, se é que vocês me entendem.

OuvIU-se uma risada cúmplice da multidão.

– Não quero vocês se forem fracos – disse ele com desdém. – Não quero se forem tímidos. Não quero se forem rapazes que parecem moças, e vocês sabem o que eu quero dizer com isso. Isto aqui é só para os fortes, corajosos e resistentes. Isto aqui é para homens de verdade.

No convés do *José y María*, alguém gritou:

– Todos a bordo!

– Última chance, rapazes – avisou o recrutador. – O que vai ser? Ficar em casa com a mãezinha, comendo pão com leite e fazendo o que mandam? Ou vir comigo, o capitão Gómez Mão de Ferro, e ter uma vida de homem, com viagens e aventura, fama e fortuna? Tudo o que precisam fazer é subir por essa passarela, e o mundo será seu.

Barney, Carlos e Ebrima se entreolharam.

– Sim ou não? – perguntou Carlos.

– Sim – respondeu Barney.

– Sim – concordou Ebrima.

Os três foram até o navio, subiram pela passarela e embarcaram.

ix

Dois dias mais tarde, estavam em alto-mar.

Ebrima já viajara muito, mas sempre como escravo, acorrentado no porão de carga. Ver o mar do convés foi uma experiência nova e emocionante.

Os recrutas não tinham nada a fazer senão especular sobre o seu destino, que ainda não lhes fora revelado: era segredo militar.

E Ebrima tinha outra pergunta sem resposta: qual seria o seu futuro?

Na hora de embarcar no *José y María*, eles foram recebidos por um oficial sentado diante de uma mesa com um livro de registro à sua frente.

– Nome? – perguntara ele.

– Barney Willard.

O oficial anotara no livro e em seguida olhara para Carlos.

– Nome?

– Carlos Cruz.

Ele havia anotado o nome, olhado para Ebrima e então largado a pena. Encarara Carlos, depois Barney, voltara a fitar Carlos e dissera:

– Você não pode ter um escravo no Exército. Oficiais podem, mas precisam alimentar e vestir o escravo com o próprio dinheiro. Mas um soldado recrutado obviamente não tem como fazer isso.

Ebrima observara com atenção o rosto de Carlos. Um olhar de desespero surgira no rosto do espanhol: ele vira sua rota de fuga se fechar. Após hesitar apenas um instante, dera a única resposta possível:

– Ele não é escravo, é um homem livre.

O coração de Ebrima parara de bater.

O oficial aquiescera. Era raro haver escravos libertos, mas não impossível.

– Muito bem – dissera ele, depois olhara para Ebrima e indagara: – Nome?

Fora tudo muito rápido, e no final Ebrima ficara ainda sem ter certeza da sua situação. Barney não o parabenizara por ter sido libertado e Carlos não agira

como um homem que houvesse acabado de conceder um enorme presente.
Ebrima seria *tratado* como liberto no Exército, mas quanto isso era de fato real?

Ele era um homem livre ou não?

Não sabia.

CAPÍTULO 5

O casamento de Margery foi adiado.

Após a queda de Calais, a Inglaterra suspeitava que seria invadida, e Bart Shiring foi incumbido de recrutar uma guarnição de cem soldados em Combe Harbour. O casamento teria de esperar.

Para Ned Willard, esse adiamento significava esperança.

Cidades como Kingsbridge consertavam às pressas suas muralhas, enquanto condes reforçavam castelos. Os portos tiravam a ferrugem dos antigos canhões do cais e se exigia da nobreza que cumprisse o dever de proteger a população contra os temidos franceses.

O povo se voltava contra a rainha Maria Tudor. Era tudo culpa dela, por ter se casado com o rei da Espanha. Se não fosse por ele, Calais ainda seria inglesa, a Inglaterra não estaria em guerra contra a França e não haveria necessidade de muralhas nas cidades ou canhões nos cais.

Ned estava satisfeito. Enquanto Margery e Bart não se casassem, tudo poderia acontecer: Bart mudar de ideia, ser morto em combate ou sucumbir à febre de calafrios que varria o país.

Margery era a mulher que Ned queria e pronto. O mundo estava repleto de moças bonitas, mas nenhuma delas tinha importância: era Margery a escolhida. Ele não entendia muito bem por que tinha tanta certeza. Sabia apenas que ela sempre existiria para ele, como a catedral. Considerava o noivado um revés, não uma derrota.

Bart e seu esquadrão se reuniram em Kingsbridge para zarpar de barça até Combe Harbour no sábado anterior à Semana Santa. Nessa manhã, uma multidão se juntou na beira do rio para se despedir dos soldados. Ned também foi. Queria ter certeza de que Bart iria mesmo partir.

Fazia frio, mas o sol brilhava, e o cais tinha um aspecto festivo. Depois da ponte de Merthin, rio abaixo, havia barcos e barças atracados em ambas as

margens e em volta de toda a ilha dos Leprosos. Na margem mais afastada, no subúrbio de Loversfield, armazéns e oficinas disputavam espaço. A partir de Kingsbridge, o curso do rio era navegável até o litoral em embarcações de calado raso. Durante muito tempo, ela fora uma das maiores cidades mercantes da Inglaterra; agora fazia negócios com a Europa também.

Uma barça atracava na margem mais próxima quando Ned chegou ao cais do Matadouro. Devia ser a embarcação que levaria Bart e sua companhia até Combe Harbour. Vinte homens haviam remado rio acima auxiliados por uma única vela. Agora descansavam apoiados nos remos enquanto a barça era amarrada no cais. Mesmo com cem passageiros a bordo, a viagem rio abaixo seria mais fácil.

Os Fitzgeralds desceram a rua principal para se despedirem de forma entusiasmada do rapaz que iria se tornar seu genro. Sir Reginald e Rollo caminhavam lado a lado, edições antiga e nova do mesmo livro alto, fino e dono da verdade. Ned os encarou com ódio e desdém. Margery e lady Jane vinham logo atrás: uma miúda e sensual, a outra miúda e mesquinha.

Para Ned, Rollo via em Margery nada mais do que uma forma de obter poder e prestígio. Muitos homens da sua família tinham essa atitude em relação às mulheres, mas, para Ned, isso era o contrário do amor. Se Rollo sentia algo pela irmã, não era uma emoção maior do que ele teria por um cavalo: podia até gostar do animal, mas não hesitaria em vendê-lo ou trocá-lo se necessário.

Sir Reginald não era muito melhor. Ned desconfiava que lady Jane não fosse tão implacável assim, mas sempre colocaria os interesses da família na frente da felicidade de qualquer membro individual. No final das contas, isso a conduzia à mesma crueldade.

Observou Margery caminhar até Bart. O rapaz estava todo exibido, orgulhoso de estar noivo da moça mais bonita de Kingsbridge.

Ned a estudou. Vestida com o vistoso casaco de lã Escarlata de Kingsbridge e o pequeno chapéu com a pena, ela quase parecia outra pessoa. Manteve-se ereta e imóvel e, embora falasse com Bart, seu rosto parecia o de uma estátua. Tudo nela expressava resolução, não animação. A centelha da malícia desaparecera.

Mas ninguém podia mudar tão depressa assim. Aquela centelha ainda devia

existir em algum lugar dentro dela. Ele sabia que ela estava infeliz, o que o deixava triste e com raiva. Queria pegá-la e fugir com ela. À noite, ficava fantasiando que os dois iam embora de Kingsbridge de madrugada e desapareciam na floresta. Às vezes eles iam a pé até Winchester e se casavam sob nomes falsos; ou então iam para Londres e montavam algum tipo de negócio; ou rumavam para Combe Harbour, onde embarcavam num navio para Sevilha. Mas ele não poderia salvá-la se ela não quisesse ser salva.

Os remadores desembarcaram e foram saciar a sede na taberna mais próxima, a Slaughterhouse. Um passageiro saltou da barcaça e Ned o encarou com surpresa. Envolto numa capa imunda e com uma bolsa de couro surrado na mão, o homem tinha o aspecto cansado de quem viajara uma longa distância. Era Albin, seu primo de Calais.

Os dois tinham a mesma idade e haviam ficado próximos quando Ned morara com os tios. Ele foi depressa até o cais.

– Albin? – indagou. – É você?

Albin respondeu em francês:

– Ned, até que enfim. Que alívio.

– O que aconteceu em Calais? Ainda não recebemos informações definitivas, nem depois de todo esse tempo.

– As notícias são todas ruins – disse Albin. – Meus pais e minha irmã morreram e nós perdemos tudo. A Coroa francesa confiscou o armazém e entregou tudo aos comerciantes franceses.

– Era o que temíamos.

Ned sentiu um profundo desânimo. Aquela era a notícia que assombrava os Willards fazia tanto tempo. Estava particularmente triste pela mãe, que perdera o trabalho de toda uma vida. Alice ficaria arrasada. Albin, porém, tinha sofrido uma perda bem maior.

– Lamento muitíssimo por seus pais e por Thérèse.

– Obrigado.

– Venha até a casa. Precisa contar tudo à minha mãe.

Ned estava apreensivo quanto àquele momento, mas não havia escolha.

Os dois subiram a rua principal.

– Eu consegui fugir da cidade – começou a contar Albin. – Só que não tinha

dinheiro e, de toda forma, agora é impossível conseguir um transporte da França para a Inglaterra. Por isso vocês não receberam notícias.

– Então como você conseguiu escapar?

– Primeiro eu precisava sair da França, então cruzei a fronteira com os Países Baixos. Mesmo assim, ainda não tinha o dinheiro para chegar à Inglaterra, então procurei nosso tio na Antuérpia.

– Jan Wolman, primo dos nossos pais – confirmou Ned, aquiescendo.

Jan tinha visitado Calais enquanto Ned estava lá, de modo que tanto ele quando Albin o conheciam.

– Então fui andando até a Antuérpia.

– São mais de 150 quilômetros.

– E meus pés sentiram cada metro. Errei o caminho várias vezes e quase morri de fome, mas consegui chegar.

– Você se saiu muito bem. E com certeza tio Jan o acolheu, não?

– Ele foi maravilhoso. Providenciava para que eu sempre tivesse carne para comer e vinho para beber e tia Hennie fez curativos nos meus pés. Depois Jan me comprou a passagem da Antuérpia até Combe Harbour e um par de sapatos novos e me deu dinheiro para a viagem.

– E aqui está você.

Eles chegaram à porta da casa dos Willards. Ned acompanhou Albin até a saleta. Sentada à mesa posicionada junto à janela para receber luz, Alice fazia anotações num livro-caixa. Um fogaréu ardia na lareira, e ela estava envolta numa capa forrada com pele. Cuidar da contabilidade não era uma tarefa que aquecesse a pessoa, dizia ela às vezes.

– Mãe, Albin está aqui. Ele acabou de chegar de Calais.

Alice largou a pena.

– Bem-vindo, Albin.

Ela se virou para o filho:

– Vá buscar alguma coisa para o seu primo comer e beber.

Ned foi até a cozinha pedir que Janet Fife servisse vinho e bolo. De volta à saleta, Albin contou sua história. Falou em francês e Ned traduziu as partes que a mãe não entendeu.

Aquilo trouxe lágrimas aos olhos de Ned e a silhueta robusta de Alice

pareceu encolher na cadeira à medida que ela ouvia os detalhes sombrios: o cunhado morto com a mulher e a filha; o armazém entregue junto com toda a mercadoria para um comerciante francês; desconhecidos morando na casa de Dick.

– Pobre Dick – disse ela baixinho. – Pobre Dick.

– Eu sinto muitíssimo, mãe – falou Ned.

Alice fez um esforço para endireitar as costas e ser positiva.

– Não estamos na miséria, de forma nenhuma. Ainda tenho esta casa e 400 libras. E tenho também seis casas junto à Igreja de Saint Mark.

Herança do pai, os chalés perto da igreja valiam uma pequena renda em aluguéis.

– É mais do que a maioria das pessoas vê durante toda a vida – falou ela, e então lhe ocorreu um pensamento preocupante. – Mas agora preferiria que as 400 libras não estivessem emprestadas a sir Reginald Fitzgerald.

– Melhor assim – falou Ned. – Se ele não pagar a dívida, ficaremos com o priorado.

– Falando nisso, Albin, você sabe alguma coisa sobre um navio inglês chamado *St. Margaret*? – perguntou Alice.

– Sei, sim – respondeu Albin. – Ele entrou em Calais para reparos na véspera do ataque francês.

– E o que aconteceu?

– Foi confiscado pela Coroa francesa, assim como todos os outros bens ingleses em Calais... espólios de guerra. O compartimento de carga estava abarrotado de peles. A mercadoria foi leiloada na beira do cais... rendeu mais de 500 libras.

Ned e Alice se entreolharam. Aquilo era aterrador.

– Então Reginald perdeu o investimento. Meu Deus, não sei se ele conseguirá sobreviver depois disso.

– E ele vai perder o priorado.

– Prevejo problemas – disse Alice, grave.

– Eu sei – concordou Ned. – Ele vai protestar – completou, porém se reanimou: – Mas nós teremos um novo negócio. Podemos recomeçar.

Sempre educada, Alice se virou para o sobrinho:

– Albin, talvez queira se lavar e vestir uma camisa limpa. Janet Fife vai providenciar tudo de que você precisar. E depois nós almoçaremos.

– Obrigado, tia Alice.

– Sou eu quem lhe agradeço por ter feito essa longa viagem e enfim me trazido os fatos, por mais terríveis que sejam.

Ned observou com atenção o rosto da mãe. Embora as notícias não fossem inesperadas, Alice se abalara. Ficou desesperado para fazer algo que pudesse animá-la.

– Poderíamos ir dar uma olhada no priorado agora – falou. – Podemos começar a ver como dividir o espaço, coisas assim.

Apesar do ar apático, Alice fez um esforço.

– Por que não? Aquilo lá agora é nosso.

Ela se levantou, e os dois saíram de casa e atravessaram a praça do mercado até o lado sul da catedral.

Edmund, pai de Ned, era o prefeito de Kingsbridge quando o rei Henrique VIII começara a abolir os monastérios. Alice contara a Ned que Edmund e o prior Paul, que viria a ser o último prior de Kingsbridge, previram o que iria acontecer e tiveram uma ideia para salvar a escola. Eles a dissociaram do priorado e lhe atribuíram uma administração independente e uma verba para manutenção. Duzentos anos antes, algo semelhante fora feito com o hospital de Caris, e Edmund usara isso como modelo. Assim, a cidade tinha até hoje uma escola excelente e um hospital famoso.

O resto do priorado estava em ruínas.

Apesar da porta principal trancada, as paredes estavam desabando, e eles encontraram um lugar nos fundos da velha cozinha onde, passando por cima de escombros, conseguiram entrar.

Outras pessoas já tinham tido a mesma ideia. Ned viu cinzas de um fogo recente, alguns ossos espalhados e um odre de vinho apodrecido: alguém passara a noite ali, provavelmente com algum amante clandestino. Um cheiro pútrido pairava no ambiente e havia dejetos de pássaros e de roedores por toda parte.

– E os monges eram tão asseados – comentou Alice, consternada, ao olhar em volta. – Nada é permanente a não ser a mudança.

Apesar da dilapidação, Ned foi tomado por uma nítida sensação de

expectativa. Tudo aquilo agora pertencia à família. Era possível transformá-lo em algo maravilhoso. Como a mãe fora inteligente por ter tido aquela ideia... e bem na hora em que a família precisava de um plano emergencial.

Eles avançaram até o claustro e pararam no meio do jardim de ervas abandonado, junto à ruína do chafariz onde os monges costumavam lavar as mãos. Ned correu os olhos pelas galerias e viu que muitas das colunas, abóbadas, parapeitos e arcos ainda eram sólidos, apesar do descaso de tantas décadas. Os pedreiros de Kingsbridge tinham feito um bom trabalho.

– Deveríamos começar por aqui – falou Alice. – Vamos abrir um arco na parede oeste para as pessoas poderem ver o interior lá da praça do mercado. Podemos dividir o claustro em lojas, uma para cada cela.

– Teríamos então 24 lojas – calculou Ned. – Vinte e três, se usarmos uma para acesso.

– O público pode entrar no pátio quadrado e olhar tudo.

Ned visualizou a cena e percebeu que a mãe fazia o mesmo, imaginando bancadas com tecidos de cores vivas, frutas e legumes frescos, botas e cintos, queijo e vinho; vendedores anunciando mercadorias, encantando clientes, pegando dinheiro e dando o troco; e compradores vestidos com suas melhores roupas, segurando suas bolsas de dinheiro, olhando, tocando e cheirando enquanto fofocavam com os vizinhos. Ned gostava de mercados: era deles que vinha a prosperidade.

– De início não precisamos fazer grande coisa – continuou Alice. – Vamos ter de limpar tudo, mas os vendedores podem trazer as próprias bancadas e o que mais for preciso para eles. Depois que o mercado estiver funcionando e começar a dar dinheiro, podemos pensar em reformar a cantaria, trocar o telhado e refazer o piso do pátio.

De repente, Ned sentiu que eram observados. Virou-se. A porta sul da catedral estava aberta e o bispo Julius se postara no claustro, as mãos parecendo duas garras no quadril ossudo e os olhos azuis a encará-los com um ar ameaçador. Embora não tivesse nenhum motivo para isso, Ned sentiu culpa. Já havia percebido que padres tinham esse efeito.

Alice viu o bispo segundos depois. Deu um grunhido de surpresa, depois murmurou para o filho:

– Imagino que seja melhor acabar logo com isso.

– O que vocês dois acham que estão fazendo aqui? – bradou Julius, indignado.

– Bom dia, senhor meu bispo – cumprimentou Alice.

Ela caminhou até ele e Ned foi atrás.

– Estou examinando minha propriedade.

– Que raio significa isso?

– O priorado agora pertence a mim.

– Não, não pertence. Ele é propriedade de sir Reginald.

O rosto cadavérico do bispo exibia desprezo, mas Ned pôde ver que, por baixo dessa fachada, o religioso estava preocupado.

– Reginald me deu o priorado como garantia de um empréstimo que não pode pagar. Ele comprou a carga de um navio chamado *St. Margaret*, que foi confiscado pelo rei francês, e nunca vai reaver o dinheiro, de modo que esta propriedade agora é minha. Naturalmente, desejo que sejamos bons vizinhos, bispo, e estou ansiosa para debater meus planos com...

– Espere um minuto. A senhora não pode cobrar essa dívida.

– Muito pelo contrário. Kingsbridge é uma cidade mercantil com reputação de honrar contratos. Nossa prosperidade depende disso. E a sua também.

– Reginald prometeu vender o priorado de volta para a Igreja... à qual este lugar pertence por direito.

– Então sir Reginald quebrou a promessa feita ao senhor ao dar o priorado como garantia de um empréstimo. De todo modo, eu ficaria feliz em lhe vender a propriedade se for esse o seu desejo.

Ned prendeu a respiração. Sabia que a mãe na verdade não queria fazer isso.

– Pague-me a quantia que Reginald me deve e o lugar será seu – falou ela. – São 424 libras esterlinas.

– Quatrocentas e vinte e quatro? – repetiu o bispo Julius, como se o número soasse estranho.

– Sim.

O priorado valia mais do que isso, pensou Ned. Se Julius fosse minimamente sensato, aproveitaria aquela oferta. Mas talvez ele não tivesse o dinheiro.

– Reginald me ofereceu o priorado pelo preço que pagou: 80 libras! –

reclamou o bispo, indignado.

– Isso teria sido o presente de um fiel, não uma transação comercial.

– A senhora deveria fazer o mesmo.

– O hábito de Reginald de vender coisas por menos do que elas valem talvez seja o motivo para que ele hoje esteja na miséria.

O bispo mudou de tática.

– O que a senhora pensa em fazer com estas ruínas?

– Não tenho certeza – mentiu Alice. – Deixe-me desenvolver algumas ideias e irei conversar com o senhor.

Ned imaginou que ela não quisesse dar a Julius a chance de começar uma campanha contra o mercado antes mesmo que o projeto fosse concluído.

– O que quer que tente fazer, eu irei impedi-la.

Aquilo não iria acontecer, pensou Ned. Todos os membros do conselho sabiam como a cidade precisava de mais espaço para os cidadãos venderem suas mercadorias. Vários estavam, eles próprios, desesperados para conseguir locais de comércio. Seriam os primeiros a alugar os espaços no novo mercado.

– Espero que possamos trabalhar juntos – disse Alice, pacífica.

– A senhora deveria ser excomungada por isso – retrucou Julius, alterando-se.

Alice manteve a calma.

– A Igreja tentou de tudo para reaver os bens dos monastérios, mas o Parlamento não permitiu.

– Isso é sacrilégio!

– Os monges se tornaram ricos, preguiçosos e corruptos, e o povo perdeu o respeito por eles. Foi por isso que o rei Henrique conseguiu realizar a dissolução dos monastérios.

– Henrique VIII era um homem mau.

– Senhor meu bispo, quero ser sua amiga e aliada, mas não às custas de empobrecer a mim mesma e minha família. O priorado é meu.

– Não, não é – rebateu Julius. – Isto aqui pertence a Deus.

Rollo pagou bebidas para todos os soldados de Bart Shiring antes da partida para Combe Harbour. Não tinha dinheiro para isso, mas fazia questão de manter boas relações com o noivo da irmã. Não queria que o matrimônio fosse cancelado. Aquele casamento iria transformar a sorte dos Fitzgeralds. Margery se tornaria condessa e, se viesse a ter um filho varão, ele seria conde quando crescesse. Os Fitzgeralds seriam praticamente aristocratas.

Mas ainda não tinham dado esse cobiçado salto: noivado não era casamento. A obstinada Margery poderia se rebelar outra vez, incentivada pelo detestável Ned Willard. Ou então sua relutância evidente poderia ofender Bart a ponto de ferir seu orgulho e ele romper o compromisso. De modo que Rollo desperdiçou um dinheiro importante para ele em troca de alimentar a amizade com o outro rapaz. Não foi fácil.

A relação de camaradagem entre dois cunhados precisava ser misturada com reverência e entremeada de bajulação. Rollo era capaz disso. Erguendo a caneca, falou:

– Meu nobre irmão! Que a graça de Deus proteja seu forte braço direito e o ajude a repelir os franceses imundos!

O discurso foi bem-recebido. Os soldados deram vivas e beberam.

Uma sineta tocou, e os homens esvaziaram suas canecas e embarcaram. Os Fitzgeralds acenaram do cais. Quando a embarcação sumiu de vista, Margery e os pais voltaram para casa, mas Rollo tornou a entrar na Slaughterhouse.

Dentro da taberna, havia reparado que um único homem não comemorava, apenas se mantinha sentado sozinho em um canto, com um ar tristonho. Reconhecera os cabelos escuros lustrosos e os lábios cheios de Donal Gloster. Ficara interessado: Donal era fraco, e homens fracos podiam ser úteis.

Pegou mais duas canecas e foi se sentar com o rapaz. Os dois faziam parte de camadas sociais distantes demais para que fossem grandes amigos, mas tinham a mesma idade e haviam estudado juntos na escola. Rollo ergueu sua cerveja e disse:

– Morte aos franceses.

– Eles não vão nos invadir – disse Donal, mas, mesmo assim, bebeu.

– Como pode ter tanta certeza?

– O rei da França não tem como arcar com uma invasão. Eles podem

ameaçar e até fazer ataques-surpresa, mas uma frota militar de verdade para atravessar o Canal da Mancha custaria mais do que eles podem pagar.

Rollo refletiu que Donal talvez soubesse do que estava falando. Philbert Copley, seu patrão, conhecia mais sobre custos de navios do que qualquer outra pessoa em Kingsbridge e, na condição de comerciante internacional, provavelmente também entendia as finanças da Coroa francesa.

– Então deveríamos comemorar! – exclamou.

Donal grunhiu.

– Meu velho colega, você está parecendo um homem que recebeu más notícias – insinuou Rollo.

– Estou?

– É claro que isso não é da minha conta...

– Não tem problema. Todos logo vão saber de qualquer forma. Pedi Ruth Copley em casamento e ela recusou.

Rollo ficou surpreso. Todo mundo esperava que Donal se casasse com Ruth. Um empregado se casar com a filha do patrão era a coisa mais normal do mundo.

– O pai dela não gosta de você?

– Eu daria um bom genro para ele, pois conheço muito bem o ofício. Mas não sou religioso o bastante para Philbert.

– Ah.

Rollo recordou a peça de teatro no New Castle. Donal claramente estava apreciando o espetáculo e pareceu relutante em seguir os Copleys quando se retiraram indignados.

– Mas você falou que Ruth recusou.

Rollo imaginava que Donal fosse um rapaz atraente para as moças, com sua beleza morena e romântica.

– Ela disse que eu sou como um irmão para ela.

Rollo deu de ombros. O amor não tinha nenhuma lógica.

Donal o encarou com um ar perspicaz.

– Você não se interessa muito por garotas.

– Nem por garotos, se for o que você está pensando.

– É, isso já me passou pela cabeça.

– Não.

A verdade era que Rollo não entendia o porquê daquela algazarra toda em torno do assunto. Para ele, a masturbação era um prazer brando, comparável a comer mel, mas a ideia de fazer sexo com uma mulher ou com outro homem lhe parecia um tanto desagradável. Ele preferia o celibato. Se ainda existissem monastérios, poderia ter se tornado monge.

– Que sorte a sua – comentou Donal com amargura. – Quando penso em todo o tempo que passei tentando ser o marido certo para ela... fingindo não gostar de beber, dançar ou ver peças de teatro, assistindo àqueles seus cultos chatos, conversando com a mãe dela...

Rollo sentiu a nuca se arrepiar. Donal acabara de dizer *assistindo àqueles seus cultos chatos*. Fazia bastante tempo que ele sabia que os Cobleys pertenciam à perigosa classe dos que pensavam ter direito a uma opinião própria sobre religião, mas era a primeira vez que esbarrava em provas de que eles de fato praticavam sua profanação ali, em Kingsbridge. Tentou não demonstrar seu interesse.

– Imagino que esses cultos sejam bem maçantes – falou, esforçando-se para soar casual.

Donal recuou na mesma hora.

– Eu deveria ter dito “reuniões” – rebateu. – É claro que eles não organizam cultos... seria heresia.

– Entendo o que você quer dizer – comentou Rollo. – Mas não existe nenhuma lei que proíba as pessoas de rezarem juntas, lerem trechos da Bíblia ou cantarem hinos.

Donal levou a caneca à boca e tornou a pousá-la.

– Estou falando besteira – disse, os olhos exibindo a sombra do medo. – Devo ter bebido demais.

Com esforço, ele se levantou.

– Vou para casa.

– Não vá – disse Rollo, ansioso para saber mais sobre as tais reuniões de Philbert Cobley. – Termine sua caneca.

Mas Donal estava assustado.

– Preciso tirar um cochilo – balbuciou. – Obrigado pela cerveja.

Ele se afastou cambaleando.

Pensativo, Rollo tomou um gole de cerveja. Havia uma desconfiança generalizada de que Cobley e seus amigos seguissem crenças protestantes em segredo, mas eles sempre tomavam cuidado. Nunca houvera a menor prova de comportamento ilícito. Contanto que guardassem seus pensamentos para si, não estariam cometendo ofensa nenhuma. Mas celebrar cultos protestantes era outra história. Além de pecado, era crime, e a pena era ser queimado vivo.

Bêbado e amargurado, Donal desvelara esse segredo por um instante.

Não havia grande coisa que Rollo pudesse fazer a respeito, pois no dia seguinte Donal com certeza negaria tudo e alegaria embriaguez. Mas aquela informação seria útil um dia.

Ele decidiu contar ao pai. Terminou a bebida e saiu da taberna.

Chegou à casa da família na rua principal junto com o bispo Julius.

– Fizemos uma alegre despedida para nossos soldados – disse ele ao bispo, num tom jovial.

– Isso não tem importância – retrucou Julius, irritado. – Tenho algo a dizer a sir Reginald.

Era óbvio que ele estava zangado, embora felizmente a ira não parecesse dirigida aos Fitzgeralds.

Rollo o conduziu até o salão nobre.

– Vou chamar meu pai agora mesmo – falou. – Queira sentar-se aqui, em frente à lareira.

Julius o dispensou com um aceno e começou a andar de um lado para outro do recinto.

Sir Reginald estava tirando um cochilo. Rollo o acordou e disse que o bispo o aguardava no andar de baixo. Reginald grunhiu e saiu da cama.

– Sirva um cálice de vinho para ele enquanto eu me visto – ordenou.

Poucos minutos depois, os três estavam sentados no salão. Julius não perdeu tempo.

– Alice Willard recebeu notícias de Calais. O *St. Margaret* foi confiscado pelos franceses e a carga leiloadada.

O desespero tomou conta de Rollo.

– Eu sabia – disse o jovem.

Aquele fora o último lance de dados do pai, e Reginald perdera. O que eles iriam fazer agora?

Sir Reginald corou de raiva.

– Que diabo esse navio estava fazendo em Calais?

Quem respondeu foi Rollo:

– Jonas Bacon contou que, quando encontrou a embarcação, o capitão pretendia entrar no porto para fazer alguns pequenos reparos. Daí o atraso.

– Mas Bacon não comentou que o porto era Calais.

– Não.

O rosto sardento de Reginald se contorceu de raiva.

– Não comentou, mas sabia – afirmou ele. – E aposto que Philbert também sabia quando nos vendeu a carga.

– É claro que Philbert sabia, aquele escroque protestante hipócrita e mentiroso.

Rollo fervia de tanta raiva.

– Nós fomos roubados.

– Nesse caso, será que você consegue recuperar o dinheiro com Philbert? – indagou o bispo.

– Jamais – respondeu Reginald. – Uma cidade como esta não pode permitir que as pessoas reneguem seus contratos, mesmo em caso de práticas duvidosas. O contrato é sagrado.

Rollo, que havia estudado direito, sabia que o pai estava certo.

– O tribunal do condado vai sustentar a validade da transação – afirmou.

– Se você perdeu esse dinheiro, vai conseguir pagar Alice Willard? – perguntou Julius.

– Não.

– E deu o priorado como garantia pelo empréstimo.

– Sim.

– Alice Willard me disse hoje de manhã que o priorado agora é dela.

– Maldita seja – praguejou Reginald.

– Então ela tem razão.

– Sim.

– Reginald, você ia deixar a Igreja recuperar o priorado.

– Não venha me pedir para ter pena de você, Julius. Acabei de perder 400 libras.

– Quatrocentas e vinte e quatro, segundo me disse Alice Willard.

– Isso.

Julius parecia pensar que a quantia exata tinha algum significado especial, e Rollo ponderou por quê, mas não conseguiu perguntar. Seu pai se levantou, inquieto, e pôs-se andar de um lado para outro do salão.

– Philbert vai me pagar por isso, eu juro. Vai descobrir que ninguém engana Reginald Fitzgerald e sai ileso. Eu o farei sofrer. Não sei como, mas...

Rollo teve um lampejo de inspiração.

– Eu sei.

– Como?

– Sei como podemos nos vingar de Philbert.

Reginald parou de andar e encarou o filho, estreitando os olhos.

– Qual é a sua ideia?

– Donal Gloster, o escrevente de Philbert, estava bêbado na Slaughterhouse. Ele foi rejeitado pela filha de Philbert. A bebida soltou sua língua e o ressentimento o tornou maldoso. Ele me confessou que os Cobleys e seus amigos celebram cultos.

O bispo Julius ficou indignado.

– Cultos? Sem um padre? Isso é heresia!

– Assim que embarquei no assunto, Donal mudou a história e disse que eram só reuniões, então fez cara de culpado e se calou.

– Há tempos eu já desconfiava que os ratos protestantes realizassem cultos secretos. Mas onde? E quando? E quem participa?

– Não sei – respondeu Rollo. – Mas Donal sabe.

– E vai contar?

– Talvez. Agora que Ruth o rejeitou, ele não deve mais lealdade aos Cobleys.

– Vamos descobrir.

– Deixe-me ir falar com ele. Levarei Osmund.

Osmund Carter era o chefe da guarda. Era um homem grande, com um temperamento violento.

– O que vai dizer a Donal?

– Vou explicar que ele é suspeito de heresia e que será julgado por isso a menos que nos conte tudo.

– Isso vai assustá-lo?

– Ele vai se borrar.

Num tom pensativo, o bispo Julius falou:

– Talvez seja um bom momento para atacar os protestantes. Infelizmente, a Igreja Católica está na defensiva. A rainha Maria Tudor está perdendo popularidade por causa da situação de Calais. Sua herdeira legítima, Maria Stuart, rainha da Escócia, está prestes a se casar em Paris, e ter um marido francês fará os ingleses se voltarem contra ela. Sir William Cecil e seus comparsas estão percorrendo o país de cima a baixo na tentativa de angariar apoio para a ilegítima Elizabeth Tudor subir ao trono. Então, uma repressão a hereges em Kingsbridge agora insuflaria um ânimo útil no moral dos católicos.

Então estaremos cumprindo a vontade de Deus ao mesmo tempo que obtemos nossa vingança, pensou Rollo. Sentiu a ferocidade ferver dentro do coração.

O pai claramente sentia o mesmo.

– Faça isso, Rollo – ordenou Reginald. – Faça isso agora.

Rollo vestiu o casaco e saiu de casa.

O salão da guilda ficava logo do outro lado da rua. Matthewson, o representante da rainha no condado, tinha uma sala no térreo e um escrevente, Paul Pettit, que redigia cartas e mantinha os documentos organizados dentro de um baú. Nem sempre se podia confiar em Matthewson para obedecer às ordens da família Fitzgerald: às vezes desafiava sir Reginald afirmando servir à rainha, não ao prefeito. Por sorte, Matthewson não se encontrava na sala. Rollo não tinha a menor intenção de mandar chamá-lo.

O que fez foi descer até o subsolo, onde Osmund e o restante dos guardas se preparavam para o trabalho de sábado à noite. O chefe usava um elmo de couro justo na cabeça que lhe dava um ar ainda mais belicoso. Estava amarrando os cadarços de botas que iam até os joelhos.

– Preciso que me acompanhe para interrogar uma pessoa – falou Rollo. – Não vai precisar dizer nada.

Só fazer cara de ameaça, ele quase acrescentou, mas era desnecessário.

Os dois saíram caminhando juntos pela rua principal sob a luz do fim de tarde. Rollo se perguntou se tivera razão ao garantir a seu pai e ao bispo que Donal cederia. Se o rapaz agora estivesse sóbrio, talvez se mostrasse mais duro. Poderia se desculpar por ter falado mal dos Cobleys enquanto estava bêbado e negar de pés juntos que algum dia houvesse participado de qualquer tipo de culto protestante. Nesse caso, seria difícil provar alguma coisa.

Ao passar pelo cais, Rollo foi cumprimentado por Susan White, uma filha de padeiro da mesma idade que ele. A moça tinha o rosto em formato de coração e um temperamento encantador. Quando eles eram mais novos, haviam se beijado e tentado outras carícias. Fora nessa época que Rollo se dera conta de que o sexo não o fascinava como aos outros meninos, como Donal Gloster e Ned Willard, e seu flerte com Susan não dera em nada. Algum dia ele talvez se casasse mesmo assim, para ter quem administrasse a casa, mas nesse caso esperava que fosse alguém mais ilustre do que a filha de um padeiro.

Susan ficara ressentida com ele; tivera muitos namorados. Nesse dia, exibiu um ar compadecido ao pará-lo para conversar.

– Sinto muito você ter perdido a sua carga. Parece injusto.

– E é injusto mesmo.

Rollo não se espantou com o fato de a história ter se espalhado. Metade de Kingsbridge estava envolvida de um modo ou de outro no comércio marítimo, e todos se interessavam por boas ou más notícias relacionadas à navegação.

– Você agora vai ter sorte – disse Susan. – Enfim, é o que dizem.

– Espero que seja verdade.

Susan observou Osmund com um olhar curioso, sem dúvida se perguntando o que Rollo e ele estariam aprontando.

Como o rapaz não queria explicar, encerrou a conversa.

– Desculpe, estou com pressa.

– Até a próxima!

Osmund e Rollo recomeçaram a andar. Donal morava na parte sudoeste da cidade, no bairro industrial conhecido como Tanneries, “curtumes”. O norte e o leste da cidade eram as áreas mais valorizadas fazia muito tempo. As terras rio acima, depois da ponte de Merthin, sempre haviam pertencido ao priorado, e a água lá era limpa. O conselho municipal obrigava as indústrias a se instalarem

rio abaixo, e todos os ofícios sujos de Kingsbridge – curtimento de couro, tingimento de tecidos, lavagem de carvão, fabricação de papel – lançavam sua imundície naquela parte do rio, como vinham fazendo havia séculos.

O dia seguinte era domingo, e Rollo refletiu que as pessoas iriam trocar novidades na igreja. À noite, todos em Kingsbridge já saberiam o que acontecera com o *St. Margaret*. Talvez se compadecessem, como Susan, ou talvez pensassem que sir Reginald fora bobo por se deixar enganar, mas de uma forma ou de outra olhariam para os Fitzgeralds com um misto de pena e desdém. Rollo já podia até ouvir os comentários depois da missa: “Aquele Philbert é mesmo astuto. Nunca vendeu uma pechincha para ninguém. Sir Reginald deveria ter sabido disso.” Pensar isso o fez se retrair. Rollo detestava a ideia de as pessoas desprezarem sua família.

Mas a conversa deles mudaria quando Philbert fosse preso por heresia. Isso seria visto como punição. As pessoas diriam: “Enganar sir Reginald nunca vale a pena... Philbert devia saber disso.” A honra da família seria reparada e o peito de Rollo voltaria a inflar de orgulho quando ele dissesse seu nome às pessoas.

Isso se conseguisse fazer Donal falar.

Rollo seguiu na frente até uma casinha depois das docas. A mulher que veio abrir a porta tinha a mesma beleza sensual de Donal. Reconheceu Osmund e exclamou:

– Misericórdia! O que foi que o meu menino fez?

Rollo passou por ela e entrou na casa. Osmund o seguiu.

– Sinto muito por ele ter se embebedado – disse a mulher. – Ele teve uma decepção terrível.

– Seu marido está? – indagou Rollo.

– Meu marido morreu.

Rollo havia esquecido. Aquilo tornava tudo mais fácil.

– E Donal, onde está?

– Vou chamá-lo – falou a mulher, virando-se para sair.

Rollo a segurou pelo braço.

– Quando eu falar com a senhora, precisa escutar o que digo. Eu não pedi que fosse chamá-lo. Perguntei onde ele estava.

Os olhos castanhos da mulher cintilaram de raiva, e por um instante Rollo

pensou que ela lhe diria que podia fazer o que quisesse dentro da própria casa. Mas a mulher se controlou, sem dúvida temendo que resistir só fosse piorar a situação do filho. Com os olhos baixos, respondeu:

– Na cama. Primeira porta subindo a escada.

– Espere aqui. Osmund, venha comigo.

Donal estava deitado de bruços na cama, inteiramente vestido com exceção das botas. Um cheiro de vômito pairava no ar, embora pelo visto a mãe houvesse limpado o grosso. Rollo o sacudiu para acordá-lo. O rapaz despertou atordoado. Assim que viu Osmund, sentou-se num instante e exclamou:

– Jesus Cristo, me salve!

Rollo se sentou na beirada da cama do rapaz.

– Jesus vai salvá-lo se você disser a verdade. Você está encrencado, Donal.

O rapaz ficou atarantado.

– Encrencado por quê?

– Não se lembra do que disse na Slaughterhouse?

Donal fez uma cara de pânico enquanto tentava recordar.

– Hum... vagamente...

– Você contou que participava de cultos protestantes com a família Copley.

– Nunca falei nada desse tipo!

– Eu já conversei com o bispo Julius. Você vai ser julgado por heresia.

– Não!

Era raro os tribunais inocentarem alguém. A opinião generalizada era que, se um homem fosse inocente, não teria se metido em encrenca para começo de conversa.

– Vai ser melhor se disser a verdade.

– Eu estou dizendo a verdade!

– Quer que eu bata nele para fazê-lo falar?

Donal adotou um ar aterrorizado.

Então a voz de sua mãe se fez ouvir da porta:

– Você não vai bater em ninguém, Osmund. Meu filho é um cidadão que respeita a lei e um bom rapaz católico. Se tocar nele, quem vai se encrencar é você.

Era um blefe. Osmund nunca se encrencava por bater em ninguém. Mesmo

assim, aquilo deixou Donal mais animado. Com uma expressão mais corajosa, ele falou:

– Eu nunca participei de nenhum culto protestante, nem com Philbert Copley nem com ninguém.

– Não se pode cobrar um homem pelo que ele disse quando estava embriagado e, se você tentar, vai passar por bobo, jovem Rollo – disse a Sra. Gloster.

Rollo praguejou por dentro. A mulher estava levando a melhor no confronto. Ele viu que tinha cometido um erro ao interrogar Donal ali, em casa, com a mãe presente para lhe dar coragem. Mas poderia consertar isso. Não deixaria que uma mulher se intrometesse no caminho da vingança dos Fitzgeralds. Levantou-se da cama.

– Calce as botas, Donal. Você vai ter de nos acompanhar até o salão da guilda.

– Eu também vou – disse a Sra. Gloster.

– Não vai, não – rebateu Rollo.

Os olhos da mulher chisparam com insubordinação.

– E, se eu a vir por lá, a senhora também será presa – completou Rollo. – Devia saber que Donal estava participando de cultos blasfemos... de modo que é culpada de ocultar o crime dele.

A Sra. Gloster tornou a baixar os olhos.

Donal calçou as botas.

Rollo e Osmund o escoltaram pela rua principal até o cruzamento e o fizeram entrar no salão da guilda pelo acesso do subsolo. Rollo mandou um dos guardas ir chamar sir Reginald, que apareceu em poucos minutos acompanhado pelo bispo Julius.

– Bem, jovem Donal – começou Reginald com uma afabilidade fingida –, espero que tenha entendido que o mais sensato é confessar tudo.

A voz de Donal saiu trêmula, mas suas palavras foram razoavelmente valentes.

– Eu não sei o que disse quando estava bêbado, mas sei qual é a verdade. Nunca participei de nenhum culto protestante.

Rollo começou a ficar com medo de que ele afinal não cedesse.

– Deixe-me lhe mostrar uma coisa – disse Reginald.

Foi até uma imensa porta, levantou a pesada barra e a abriu.

– Venha até aqui e dê uma olhada.

Com relutância, Donal obedeceu. Rollo foi atrás. Eles depararam com um cômodo sem janelas, de pé-direito alto e chão de terra batida. O ar recendia a sangue envelhecido e merda, como um abatedouro.

– Está vendo aquele gancho no teto? – perguntou Reginald.

Todos olharam para cima.

– Suas mãos vão estar amarradas nas costas – prosseguiu Reginald. – Então a corda presa nos seus pulsos vai ser passada naquele gancho e você vai ser suspenso.

Donal grunhiu.

– A dor é insuportável, claro, mas no início seus ombros não vão se deslocar... Isso não acontece tão depressa. Pedras pesadas serão presas aos seus pés, aumentando a dor nas juntas. Quando você desmaiar, vão jogar água fria no seu rosto para fazê-lo acordar... não haverá trégua. Conforme as pedras forem ficando mais pesadas, a dor vai aumentar. Em algum momento, os braços vão soltar das articulações. Parece que é a parte mais terrível.

Apesar de pálido, Donal não se entregou.

– Sou um cidadão de Kingsbridge. Não podem me torturar sem uma ordem real.

Era verdade. O Conselho Privado precisava autorizar a tortura. Essa regra era muitas vezes quebrada, mas o povo de Kingsbridge conhecia seus direitos. Se Donal fosse torturado ilegalmente, haveria protestos.

– Posso conseguir permissão, seu rapaz tolo.

– Então consiga – retrucou Donal com uma voz esganiçada de medo, mas mesmo assim decidida.

Rollo desanimou ao pensar que eles talvez precisassem desistir. Tinham feito todo o possível para assustar Donal e fazê-lo confessar, mas não havia funcionado como previsto. Talvez Philbert no fim das contas não fosse ser punido.

Foi então que o bispo Julius falou:

– Acho melhor você e eu termos uma conversa tranquila, jovem Donal. Mas

não aqui. Venha comigo.

– Está bem – respondeu Donal, nervoso.

Estava apreensivo, mas Rollo calculou que fosse aceitar qualquer coisa que o tirasse daquele calabouço.

Julius conduziu Donal para fora do salão da guilda. Rollo e Reginald os seguiram, alguns metros mais para trás. Rollo se perguntou o que o bispo teria em mente. Será que no fim das contas conseguiria salvar a dignidade dos Fitzgeralds?

Eles desceram a rua principal até a catedral. Julius os fez passar por uma portinha no lado norte da nave. O coro cantava vésperas. Velas forneciam uma luz tênue ao interior da igreja, projetando sombras dançantes nos arcos.

Julius pegou uma vela e levou Donal até uma capela lateral, onde havia um pequeno altar e uma grande pintura da crucificação de Cristo. Pousou a vela sobre o altar de modo a iluminar a imagem. Postou-se de costas para o altar e posicionou Donal de frente para ele, para que o rapaz pudesse ver Jesus Cristo na cruz.

O bispo fez um gesto para Rollo e Reginald manterem distância. Os dois permaneceram do lado de fora da capela, mas podiam ver lá dentro e ouvir o que estava sendo dito.

– Quero que você esqueça as punições terrenas – disse Julius a Donal. – Pode ser que você seja torturado e queimado na fogueira como herege, mas não é isso que deveria temer hoje.

– Não?

Além de assustado, Donal estava desorientado agora.

– Meu filho, sua alma está correndo perigo mortal. O que você disse mais cedo na taberna, seja lá o que tenha sido, pouco importa... porque Deus conhece a verdade. Ele sabe o que você fez. A dor que você sofreria no inferno seria infinitamente pior do que qualquer coisa que poderia lhe acontecer aqui na terra.

– Eu sei.

– Mas Deus, como você sabe, nos dá a esperança do perdão. Sempre.

Donal não comentou nada. Rollo olhou para o rosto dele à luz trêmula das velas, mas não conseguiu interpretar sua expressão.

– Donal, você precisa me dizer três coisas – continuou o bispo. – Se o fizer,

eu perdoarei seus pecados, e Deus também. Se mentir para mim, você irá para o inferno. É essa a decisão que precisa tomar, aqui e agora.

Rollo viu Donal inclinar a cabeça de leve para trás e encarar a imagem de Jesus.

– Onde eles celebram seus cultos? – perguntou Julius. – Quando? E quem participa? Você precisa me dizer, agora.

Donal deixou escapar um soluço. Rollo prendeu a respiração.

– Vamos começar por onde – disse o bispo.

Donal não falou nada.

– Última chance de perdão – avisou Julius. – Não vou perguntar de novo. Onde?

– No estábulo da viúva Pollard – respondeu Donal.

Rollo expirou em silêncio. O segredo acabara de ser revelado.

A Sra. Pollard tinha uma pequena propriedade no limite sul da cidade, na estrada para Shiring. Não havia outras casas por perto, por isso ninguém entreouvira os protestantes.

– E quando? – insistiu Julius.

– Hoje à noite – respondeu Donal. – Sempre no sábado à noite, ao cair do dia.

– Eles se esgueiram pelas ruas à noite para não serem vistos – concluiu o bispo. – Os homens preferem a escuridão à luz porque seus atos são maus. Mas Deus os está vendo.

Ele ergueu os olhos para o arco pontudo da janela.

– A noite está quase caindo. Eles estarão lá agora?

– Sim.

– Quem?

– Philbert, a Sra. Cobley, Dan e Ruth. A irmã de Philbert e o irmão da Sra. Cobley com as famílias. A Sra. Pollard. O cervejeiro Ellis. Os irmãos Masons. Elijah Cordwainer. É tudo o que sei. Pode ser que haja outros.

– Bom menino – disse Julius. – Daqui a alguns minutos eu vou lhe dar minha bênção e você poderá ir para casa. Agora... – ele ergueu um dedo num alerta – ... não conte a ninguém que tivemos esta conversa. Não quero que as pessoas saibam de onde veio a informação. Volte à vida normal. Entendeu bem?

– Sim, senhor meu bispo.

Julius olhou para onde Rollo e Reginald estavam em pé, logo antes da entrada da capela. De baixa e amigável, sua voz adquiriu um tom ríspido e autoritário:

– Vão até esse estábulo agora mesmo – ordenou ele. – Prendam os hereges... todos eles. Vão!

Quando Rollo se virou para sair, ouviu Donal dizer, baixinho:

– Ah, meu Deus, eu traí todos eles, não foi?

O bispo Julius respondeu com uma voz suave:

– Você salvou a alma deles... e a sua.

Rollo e Reginald saíram correndo da catedral. Subiram a rua principal até o salão da guilda e chamaram os guardas no subsolo. Então atravessaram a rua até a casa da família e embainharam suas espadas.

Todos os guardas portavam porretes de diferentes formatos e tamanhos. Osmund levava um rolo de corda resistente para amarrar as pessoas pelos pulsos. Dois deles carregavam lampiões suspensos em varas.

A casa da viúva Pollard ficava a cerca de um quilômetro e meio de distância.

– O mais rápido seria ir a cavalo – comentou Rollo.

– No escuro não é tão mais rápido assim – retrucou o pai. – E o barulho dos animais alertaria os protestantes. Não quero que nenhum daqueles demônios escape por entre os nossos dedos.

O grupo desceu marchando a rua principal e passou em frente à catedral. As pessoas os observavam apreensivas. Alguém claramente estava em fortes apuros.

Rollo se preocupou que algum amigo dos protestantes pudesse deduzir o que estava acontecendo e correr para avisá-los. Apertou o passo.

Eles atravessaram a ponte dupla de Merthin até o subúrbio de Loversfield, então pegaram a estrada para Shiring na direção sul. Os bairros mais distantes da área central de Kingsbridge eram também mais silenciosos e escuros. Por sorte, a rua era reta.

A casa da viúva Pollard dava para a rua, mas seu estábulo ficava recuado pelo menos 1 acre de terra. O finado Walter Pollard criava um pequeno rebanho de vacas leiteiras. Depois que ele morrera, a esposa vendera os animais. Por isso dispunha de um sólido estábulo de tijolos vazio.

Osmund abriu um portão largo e todos pegaram o trajeto que um dia as vacas seguiam a caminho da ordenha. Nenhuma luz emanava da construção: estábulos não precisavam de janelas.

– Dê a volta depressa e veja se tem outra saída – sussurrou Osmund para um dos guardas que levava um lampião.

O restante do grupo foi até a larga porta dupla do estábulo. Sir Reginald levou um dedo aos lábios, no gesto de quem pede silêncio, e todos apuraram os ouvidos. Puderam ouvir lá de dentro um murmúrio de várias vozes entoando alguma coisa. Instantes depois, Rollo reconheceu o pai-nosso.

Em inglês.

Aquilo era heresia. Eles não precisavam de mais nenhuma prova.

O guarda do lampião voltou e disse, num sussurro:

– Nenhum outro jeito de entrar ou sair.

Reginald tentou a porta. Parecia fechada por dentro com uma barra.

O barulho alertou as pessoas no interior do estábulo, que se calaram.

Quatro dos guardas se jogaram sobre a porta, que se escancarou. Reginald e Rollo entraram.

Dentro do estábulo havia vinte pessoas sentadas em quatro bancos de madeira. Na sua frente havia uma mesa simples e quadrada coberta por uma toalha branca, sobre a qual repousavam um pão e uma jarra que devia conter vinho. Rollo ficou horrorizado: eles estavam celebrando a própria versão da Santa Missa! Já ouvira dizer que aquilo acontecia, mas jamais pensara que fosse ver com os próprios olhos.

Em pé atrás da mesa, Philbert trajava uma túnica branca por cima do gibão e dos calções. Estava desempenhando o papel de padre, embora jamais tivesse sido ordenado.

Os intrusos observaram a blasfêmia que ocorria ali, bem diante dos seus olhos. A congregação os encarou. Ambos os grupos estavam estupefatos.

Reginald então recuperou a voz.

– Isto aqui é heresia, heresia evidente. Vocês estão todos presos.

Ele fez uma pausa.

– Principalmente você, Philbert Copley.

CAPÍTULO 6

Na véspera do casamento, Alison McKay foi chamada para falar com a rainha da França.

Quando a convocação chegou, ela estava com Maria Stuart, rainha da Escócia e noiva do príncipe Francisco. Alison havia raspado as axilas de Maria e conseguira remover os pelos sem tirar sangue. Estava passando óleo para aliviar a pele quando uma das damas de companhia de Maria bateu à porta e entrou. Era Véronique de Guise, uma prima distante, portanto não muito importante, mas que compensava esse fato sendo linda, elegante e sedutora já aos 16 anos.

– Chegou um recado da rainha Catarina – disse ela a Alison. – Sua Majestade quer vê-la agora mesmo.

Véronique foi atrás de Alison quando ela saiu dos aposentos de Maria e atravessou apressada os cômodos soturnos do velho Palácio de Tournelles em direção aos de Catarina.

– O que você acha que Sua Majestade quer? – indagou a francesa.

– Não faço a menor ideia – respondeu Alison.

Talvez Véronique estivesse apenas curiosa... ou talvez o motivo fosse algo mais sinistro e ela fosse uma espiã a mando dos poderosos tios de Maria.

– A rainha Catarina gosta de você – comentou Véronique.

– Ela gosta de qualquer um que trate bem o pobre Francisco.

Mesmo assim, Alison estava apreensiva. Os membros da família real não tinham obrigação nenhuma de serem coerentes, e uma convocação podia significar tanto más quanto boas notícias.

Elas foram interceptadas no caminho por um rapaz que Alison não reconheceu. Com uma profunda mesura, ele disse a Véronique:

– Que prazer vê-la, mademoiselle de Guise. A senhorita é um raio de sol neste lúgubre castelo.

Alison com certeza nunca o vira. Teria se lembrado, pois era um rapaz de

aspecto atraente, com cabelos louros ondulados, e estava bem-vestido com um gibão verde e dourado. Era também charmoso, embora estivesse mais interessado em Véronique do que em Alison.

– Posso lhe ser útil de alguma forma, mademoiselle Véronique?

– Não, obrigada – respondeu a moça com um quê de impaciência.

O rapaz se virou para Alison e fez outra reverência.

– E fico honrado em conhecê-la, Srta. McKay. Meu nome é Pierre Aumande. Tenho a honra de servir ao tio de mademoiselle de Guise, o cardeal de Lorena, Carlos.

– É mesmo? – indagou Alison. – Em que função?

– Eu o auxilio com a sua mui farta correspondência.

Pelo visto Pierre era um mero escrevente, e nesse caso era muita ambição da sua parte ter alguma pretensão com Véronique de Guise. Mas a sorte às vezes ajudava os audazes, e isso monsieur Aumande com certeza era.

Alison aproveitou a oportunidade para se livrar da moça que a seguia.

– Não devo deixar Sua Majestade esperando – disse ela. – Até logo, Véronique.

E, assim, esquivou-se antes que a outra pudesse protestar.

Encontrou a rainha reclinada num divã. Ao seu lado, meia dúzia de filhotes de gato rolava, dava cambalhotas e perseguia a ponta de uma fita cor-de-rosa que Catarina balançava na frente deles. Ela ergueu os olhos e abriu um sorriso simpático para Alison, e a moça deu um suspiro silencioso de alívio: pelo visto, não estava encrencada.

A rainha Catarina não fora considerada uma beldade quando jovem; agora, aos 40 anos, era também gorda. Mesmo assim, adorava se arrumar, e nesse dia usava um vestido preto bordado com imensas pérolas que, apesar de não cair bem nela, era extravagante. Deu alguns tapinhas no divã e Alison se sentou nele, com os gatinhos entre as duas. A moça apreciou o gesto de intimidade. Pegou um filhote preto e branco minúsculo. O gato lambeu a joia que ela usava no dedo anular, em seguida lhe deu uma mordidinha exploratória. Seus dentes miúdos eram afiados, mas o maxilar era fraco demais para machucar.

– Como vai a noiva? – indagou Catarina.

– Está surpreendentemente contida – respondeu Alison, acariciando o

gatinho. – Um pouco nervosa, mas animada para amanhã.

– Ela sabe que terá de perder a virgindade na frente de testemunhas?

– Sabe. Está envergonhada, mas vai suportar.

Um pensamento veio à cabeça de Alison: *Se Francisco conseguir*. Por medo de ofender Catarina, ela o reprimiu. Mas a própria rainha verbalizou a apreensão:

– Não sabemos se o pobre Francisco vai conseguir.

Alison não disse nada: aquilo era pisar em território perigoso.

Catarina se inclinou para a frente e falou numa voz baixa e intensa:

– Escute. Aconteça o que acontecer, Maria precisa fingir que o casamento foi consumado.

Alison se sentiu honrada por ter uma conversa tão íntima e confidencial com a rainha da França; no entanto, previa problemas.

– Talvez isso seja difícil – falou Alison.

– As testemunhas não vão conseguir ver tudo.

– Mesmo assim...

Alison viu que o gatinho adormecera no seu colo.

– Francisco deve ficar por cima de Maria. Portanto, das duas, uma: ou faz sexo com ela ou finge que está fazendo.

Alison se espantou com as palavras cruas de Catarina, mas entendeu que aquele assunto era importante demais para eufemismos imprecisos.

– Quem vai dizer a Francisco o que fazer? – indagou, no mesmo tom prático.

– Eu. Mas você precisa conversar com Maria. Ela confia em você.

Era verdade, e Alison ficou satisfeita com o fato de a rainha ter reparado. Sentiu orgulho.

– O que devo lhe dizer?

– Ela precisa anunciar, em voz alta, que perdeu a virgindade.

– E se decidirem mandar que os médicos a examinem?

– Nós vamos nos precaver. Foi por isso que mandei chamá-la.

Catarina tirou do bolso algo pequeno.

– Veja isto.

Ela pôs o objeto na mão de Alison. Era uma bolsa bem pequenina, pouco maior do que a falange do seu polegar, feita de algum tipo de couro macio, com um gargalo estreito dobrado e amarrado por um pequeno cordão de seda.

– O que é isto?

– Uma bexiga de cisne.

Alison ficou confusa.

– Está vazia agora. Amanhã à noite, eu a entregarei a você cheia de sangue – explicou Catarina. – O cordão estará bem amarrado para impedir que vaze. Maria deve esconder a bexiga debaixo da camisola. Em seguida ao ato, seja ele real ou fingido, deve puxar o cordão e sujar os lençóis de sangue, depois se certificar de que todos vejam.

Alison assentiu. Era um bom plano. Sangue nos lençóis era a prova clássica da consumação de um casamento. Todos saberiam o que aquilo significava, não restariam dúvidas.

Era assim que mulheres como Catarina exerciam seu poder, entendeu ela com admiração. Agiam de forma astuta, mas invisível, operando por trás dos panos, gerenciando os acontecimentos enquanto os homens imaginavam ter total controle.

– Maria fará isso? – perguntou Catarina.

– Sim – respondeu Alison, confiante, pois a amiga tinha coragem de sobra. – Mas... pode ser que as testemunhas vejam a bexiga.

– Quando estiver vazia, Maria precisa enfiá-la o mais fundo que puder por no próprio corpo e deixá-la ali até conseguir um instante sozinha para jogá-la fora.

– Tomara que não caia.

– Não vai cair... eu sei.

Catarina deu um sorriso desprovido de humor.

– Ela não vai ser a primeira moça a usar esse truque.

– Está bem.

A rainha pegou o gatinho do colo de Alison e o animal abriu os olhos.

– Entendeu tudo?

Alison se levantou.

– Entendi, sim. É um plano bem direto. Vai requerer sangue-frio, mas isso Maria tem de sobra. Ela não vai decepcioná-la.

Catarina sorriu.

– Ótimo. Obrigada.

Algo ocorreu a Alison, e ela franziu o cenho.

– O sangue terá de estar fresco. Onde vai consegui-lo?

– Ah, não sei.

Catarina amarrou a fita cor-de-rosa num laço em volta do pescoço do gatinho preto e branco.

– Vou pensar em alguma coisa – falou.

ii

Pierre escolheu o dia do casamento real para falar com o intimidador pai de Sylvie Palot sobre se casar com sua amada filha.

Nessa manhã de domingo, 24 de abril de 1558, todos em Paris usaram suas melhores roupas. Pierre vestiu o gibão azul com o forro de seda aparente. Sabia que Sylvie gostava daquele traje. Era bem mais vistoso do que qualquer coisa usada no círculo de sóbrios amigos de seus pais. Desconfiava que seu vestuário fizesse parte da atração que exercia sobre ela.

Saiu da faculdade no bairro universitário, na margem esquerda do rio, e seguiu a pé em direção à Île de la Cité. O ar das ruas estreitas e abarrotadas parecia saturado de expectativa. Vendedores de bolos de gengibre, ostras, laranjas e vinho montavam barraquinhas temporárias para aproveitar o grande fluxo de pessoas. Um deles lhe ofereceu um folheto impresso de oito páginas sobre o casamento, cuja capa era uma xilogravura supostamente retratando o feliz casal, embora a imagem não lhes fosse fiel. Mendigos, prostitutas e músicos de rua rumavam na mesma direção que ele. Paris adorava um cortejo.

Pierre estava satisfeito com o casamento real. Aquele era um belo golpe da família Guise. O duque de Quise e o cardeal Carlos, os dois tios de Maria, eram poderosos, mas tinham inimigos: as famílias aliadas Montmorency e Bourbon. Aquele casamento, porém, alçaria os Guises acima dos outros. No curso natural dos acontecimentos, sua sobrinha Maria iria se tornar rainha da França, e os Guises então passariam a integrar a família real.

Pierre ansiava por ter alguma participação no poder. Para isso, precisava prestar um ótimo serviço ao cardeal Carlos. Já coletara o nome de muitos protestantes parisienses, alguns deles amigos da família de Sylvie. Listara-os num caderno com capa de couro, um caderno preto, como era apropriado, já que

todos nele mencionados decerto iriam morrer queimados na fogueira. Mas o que Carlos queria saber acima de tudo era onde os protestantes celebravam seus cultos, e Pierre ainda não conseguira descobrir o endereço de nenhuma igreja clandestina.

Estava ficando desesperado. O cardeal lhe pagara pelos nomes, mas prometera um suplemento caso ele conseguisse um endereço. E nem era só pelo dinheiro, embora ele sempre precisasse de muito. Carlos tinha outros espiões; Pierre não sabia quantos, mas não queria ser apenas um dos integrantes do time: precisava se destacar como o melhor, ser incomparável. Precisava se tornar não apenas útil, mas essencial ao cardeal.

Sylvie e sua família desapareciam todo domingo à tarde, sem dúvida para assistir a um culto protestante em algum lugar. Para sua frustração, contudo, apesar das indiretas cada vez mais explícitas que fazia ao sogro, Gilles Palot ainda não o convidara para ir com eles. Nesse dia, portanto, Pierre planejava uma atitude drástica. Iria pedir Sylvie em casamento. Calculava que, se a família o aceitasse como noivo da moça, seria obrigada a levá-lo aos cultos.

Já fizera o pedido a Sylvie: a moça estava disposta a se casar com ele no dia seguinte. Já o pai não se deixava enganar com tanta facilidade. Ela concordara que Pierre falasse com Gilles nesse dia. Era uma boa data para um pedido de casamento. A boda real deixaria todos com uma predisposição romântica... talvez até Gilles.

É claro que Pierre não tinha a menor intenção de se casar com Sylvie. Ter uma esposa protestante seria o fim de sua carreira com a família Guise. Além do mais, ele sequer gostava dela: achava-a séria demais. Não, precisava de uma esposa que o fizesse galgar a escada social. Estava de olho em Véronique de Guise, integrante de um ramo desconhecido da família e, supunha ele, uma moça que entendia o que era ter aspirações. Caso ficasse noivo de Sylvie, teria de buscar motivos para adiar o casamento. Mas iria pensar em alguma coisa.

No fundo de sua mente, uma vozinha baixa, porém irritante, ressaltava que ele iria partir o coração de uma boa moça, um ato mau e cruel. Suas antigas vítimas, como a viúva Bauchene, tinham mais ou menos pedido para serem enganadas, mas Sylvie não fizera nada para merecer o que estava acontecendo. Apenas se apaixonara pelo homem que Pierre tão habilmente fingia ser.

A voz não conseguiu fazê-lo mudar de planos. Ele estava na estrada rumo à fortuna e ao poder e não podia permitir que obstáculos como esse atrapalhassem seu caminho. A voz comentou como ele havia mudado desde que trocara Thonnance-lès-Joinville por Paris; era quase como se estivesse virando outra pessoa. Tomara que sim, pensou ele: eu era apenas o filho bastardo de um padre pobre do interior, agora vou virar um homem importante.

Ele atravessou a Petit-Pont até a Cité, a ilha no meio do Sena onde ficava a Catedral de Notre-Dame. Francisco e Maria se casariam na praça em frente à fachada oeste da grandiosa igreja. Um imenso tablado com quase 4 metros de altura fora construído para a celebração, do palácio do arcebispo do outro lado da praça até a porta da catedral, de modo que o povo de Paris pudesse assistir à cerimônia, mas sem tocar a família real ou seus convidados. Espectadores já se aglomeravam em volta do tablado para garantir lugares com vistas desimpedidas. Na extremidade mais perto da catedral, um toldo esvoaçante feito com metros e mais metros de seda azul bordada com flores-de-lis fora montado para proteger do sol o casal de noivos. Pierre estremeceu só de pensar no custo daquilo.

Em cima do tablado, viu Balafré, o duque de Guise: ele seria o mestre de cerimônias do evento. Parecia estar tendo uma discussão com alguns senhores de estirpe menor que haviam chegado cedo para garantir um bom lugar. Ordenava-lhes que saíssem dali. Pierre se aproximou do tablado e fez uma profunda reverência para o duque Francisco, mas ele não o viu.

O rapaz então se encaminhou para a sequência de casas ao norte da catedral. A livraria de Gilles Palot estava fechada para o descanso semanal, e a porta da rua fora trancada, mas Pierre sabia como entrar pelo acesso da oficina, nos fundos.

Sylvie desceu correndo a escada para recebê-lo. Isso lhes deu alguns segundos dentro da oficina de impressão sem que ninguém os visse. Ela o enlaçou pelo pescoço com os dois braços e o beijou com a boca aberta.

Pierre achava surpreendentemente difícil fingir corresponder a essa paixão. Pôs a língua dentro da boca dela e apertou seus seios, mas não ficou excitado.

Ela interrompeu o beijo e falou, animada:

– Ele está de bom humor! Vamos subir.

Pierre a seguiu até a área residencial no andar de cima. Gilles e a mulher, Isabelle, estavam sentados à mesa com Guillaume.

Forte como um touro, Gilles era só pescoço e ombros. Parecia capaz de erguer uma casa. Pelo que Sylvie dera a entender, Pierre sabia que ele às vezes era violento com a família e com os aprendizes. O que aconteceria se um dia descobrisse que Pierre era um espião católico? Tentou não pensar no assunto.

Fez primeiro uma mesura para ele, reconhecendo seu posto de chefe de família, em seguida falou:

– Bom dia, monsieur Palot. Espero que o senhor esteja bem.

Gilles retrucou com um grunhido, o que não foi particularmente ofensivo, visto que era como cumprimentava todo mundo.

Isabelle foi mais receptiva ao charme de Pierre. Sorriu quando ele beijou sua mão e o convidou a se sentar. Assim como a filha, tinha o nariz reto e o queixo marcado, traços que sugeriam força de caráter. As pessoas decerto a julgavam atraente, mas não bonita, e Pierre pôde imaginar que, com a disposição certa, ela pudesse se mostrar sedutora. Mãe e filha tinham personalidades semelhantes, determinadas e corajosas.

Guillaume, por sua vez, era um mistério. Rapaz pálido de 25 anos, tinha uma aura intensa. Visitara a livraria no mesmo dia que Pierre e logo se mudara para a residência da família, no andar de cima. Tinha os dedos manchados de tinta, e Isabelle comentara vagamente que ele era estudante, embora não tivesse vínculo com nenhuma das faculdades da Sorbonne e Pierre jamais o tivesse visto numa aula. Não estava claro se era um hóspede pagante ou um convidado. Nas conversas com Pierre, ele nada revelava. Pierre teria preferido insistir nas perguntas, mas temia ser considerado bisbilhoteiro e despertar suspeitas.

Ao entrar no recinto, havia reparado em Guillaume fechando um livro com um ar casual que não foi muito convincente; o volume agora descansava em cima da mesa com a mão do rapaz sobre a capa, como que para impedir qualquer um de abri-lo. Talvez ele estivesse lendo em voz alta para o restante da família. A intuição de Pierre lhe informou que aquele era um livro protestante ilícito. Ele fingiu não reparar.

Terminados os cumprimentos, Sylvie falou:

– *Papa*, Pierre tem algo a dizer ao senhor.

Ela era sempre assim, direta.

– Bem, rapaz, pode falar – disse Gilles.

Pierre detestava ser tratado com termos condescendentes como “rapaz”, mas aquele não era o momento de mostrar isso.

– Talvez vocês prefiram conversar a sós – sugeriu Sylvie.

– Não vejo por quê – retrucou Gilles.

Pierre teria preferido a privacidade, mas tentou aparentar descontração.

– Eu ficaria feliz em ser ouvido por todos.

– Muito bem, então – concordou Gilles, e Guillaume, que fizera menção de se levantar, tornou a se sentar.

– Monsieur Palot, solicito humildemente a sua permissão para me casar com Sylvie – disse Pierre.

Isabelle deixou escapar um gritinho, não de surpresa, pois já deveria estar prevendo aquilo, mas quem sabe de prazer. Pierre notou uma expressão de perplexidade em Guillaume e se perguntou se ele por acaso nutria sentimentos românticos em relação a Sylvie. Gilles pareceu apenas irritado pelo fato de seu tranquilo domingo ter sido perturbado.

Com um suspiro que mal conseguiu conter, Gilles então se lançou na tarefa que tinha pela frente: a de interrogar Pierre.

– O senhor é estudante – falou, com desdém. – Como pode propor casamento?

– Entendo a sua preocupação – respondeu Pierre, afável.

Não se deixaria abater pela simples grosseria. Começou a mentir, seu maior talento.

– Minha mãe tem algumas terras na região de Champagne... só alguns vinhedos, mas os aluguéis são bons, de modo que dispomos de uma renda.

A mãe não tinha um tostão sequer, era governanta de um padre de interior. Pierre dependia da própria astúcia para viver.

– Quando terminar os estudos, espero abraçar a profissão de advogado, e minha esposa será bem-cuidada.

Essa parte era mais próxima da verdade.

Em vez de comentar sobre a resposta, Gilles emendou em outra pergunta:

– Qual é a sua religião?

– Sou um cristão em busca de iluminação.

Pierre já previra as perguntas de Gilles e ensaiara as respostas falsas. Torceu para que não soassem simplórias demais.

– Me fale sobre essa iluminação que está buscando.

Era uma pergunta ardilosa. Pierre não podia alegar ser protestante, pois jamais fizera parte de uma congregação. Mas precisava deixar claro que estava disposto a se converter.

– Duas questões me preocupam – falou, tentando soar pensativo e atormentado. – Em primeiro lugar, a Santa Missa. Nós aprendemos que o pão e o vinho se transformam no corpo e no sangue de Jesus. Só que eles não parecem carne e sangue, nem têm cheiro nem gosto de carne e sangue, então em que sentido são transformados? Isso mais me parece pseudofilosofia.

Pierre já ouvira esses argumentos na boca de colegas com inclinações protestantes. Pessoalmente, mal conseguia compreender como homens podiam brigar por causa de abstrações como aquela.

Gilles com certeza concordava com essa argumentação, mas não o disse.

– Qual é a segunda questão?

– O modo como os padres tantas vezes pegam a renda paga em dízimos por camponeses pobres e usam o dinheiro para levar uma vida de luxo, sem se importar em desempenhar nenhum de seus deveres sagrados.

Era algo de que até mesmos os católicos mais devotos reclamavam.

– O senhor pode ser posto na cadeia por dizer essas coisas. Como se atreve a falar heresias na minha casa?

A indignação de Gilles foi mal fingida, mas nem por isso menos ameaçadora.

– Não finja, *papa* – falou Sylvie, corajosa. – Ele sabe o que nós somos.

Gilles fez cara de zanga.

– Você contou?

Ele cerrou um punho carnudo.

– Ela não me contou nada – apressou-se em dizer Pierre. – Está óbvio.

Gilles enrubesceu.

– Óbvio?

– Para qualquer pessoa que observe... todas as coisas que a sua casa não tem. Não há crucifixo acima da cama, nem imagem da Virgem num nicho junto à

porta, nem quadro da Sagrada Família acima da lareira. Apesar de não lhe faltar dinheiro, sua mulher não tem um vestido bordado com pérolas. Sua filha usa um casaco marrom.

Ele estendeu a mão por cima da mesa num movimento rápido e arrancou o livro de Guillaume. Abriu-o e arrematou.

– E o senhor lê o Evangelho de São Mateus em francês num domingo de manhã.

Guillaume se pronunciou pela primeira vez:

– O senhor vai nos denunciar?

Ele parecia assustado.

– Não, Guillaume. Se fosse essa a minha intenção, eu teria vindo aqui com oficiais da guarda.

Pierre tornou a olhar para Gilles.

– Eu quero me juntar a vocês. Quero me tornar protestante. E quero me casar com Sylvie.

– Por favor, *papa*, diga sim – pediu Sylvie e se ajoelhou em frente ao pai. – Pierre me ama e eu o amo. Seremos muito felizes juntos. E Pierre vai nos ajudar em nosso trabalho de propagar o verdadeiro evangelho.

Gilles relaxou o punho, e sua cor voltou ao normal.

– O senhor fará isso? – perguntou ele a Pierre.

– Sim – respondeu o rapaz. – Se vocês me aceitarem.

Gilles olhou para a esposa. Isabelle deu um meneio de cabeça quase imperceptível. Pierre desconfiava que, apesar das aparências, o verdadeiro poder da família fosse dela. Gilles sorriu, coisa rara, e se dirigiu à filha.

– Muito bem, então. Case-se com Pierre, e que Deus abençoe essa união.

A moça deu um pulo, abraçou o pai, então deu um beijo exuberante em Pierre. Por coincidência, a multidão em frente à catedral deu vivas.

– Aprovaram o nosso noivado – comentou Pierre, e todos riram.

Eles foram até as janelas que davam para a praça. O cortejo matrimonial avançava pelo tablado elevado. Era conduzido por uma companhia de soldados conhecida como os Cem Suíços, reconhecíveis por suas mangas listradas e pelas penas no elmo. Enquanto Pierre olhava, um grande grupo de músicos apareceu tocando flautas e tambores, sendo seguido pelos nobres da corte, todos

paramentados com roupas novas, numa profusão de vermelho, dourado, azul, amarelo e lilás.

– É como se estivessem fazendo isso para nós, Pierre! – comentou Sylvie, animada.

A multidão se calou e abaixou a cabeça quando os bispos surgiram carregando crucifixos cravejados de pedras preciosas e santas relíquias abrigadas em esplêndidos relicários de ouro. Pierre distinguiu o cardeal Carlos trajando vestes vermelhas e segurando um cálice de ouro decorado com pedras preciosas.

Por fim, o noivo surgiu. Francisco parecia aterrorizado. Aos 14 anos, era magro e frágil, e nem todas as joias em seu chapéu e casaco conseguiam lhe conferir um ar de soberano. Ao seu lado ia Antônio de Navarra, chefe dos Bourbons, família inimiga dos Guises. Pierre supôs que alguém, talvez até a sempre cautelosa rainha Catarina, houvesse dado a Antônio aquele lugar de destaque como contrapeso aos Guises, que ameaçavam dominar a cerimônia.

Os espectadores então foram à loucura quando viram o rei Henrique II em pessoa e seu herói de guerra, o duque de Guise, caminhando de um lado e do outro da noiva.

Maria usava um vestido todo branco.

– Branco? – estranhou Isabelle, posicionando-se atrás de Pierre para espiar por cima de seu ombro. – Ela está de branco? – repetiu.

iii

Alison McKay fora contra o vestido branco. Na França, essa era a cor do luto. Temia que as pessoas ficassem chocadas. E a cor deixava Maria Stuart ainda mais pálida do que o normal. Mas a noiva era teimosa e tinha opiniões tão fortes quanto qualquer pessoa de 15 anos, sobretudo em relação a roupas. Queria branco, e não aceitou sequer cogitar alternativas.

E dera certo. A seda parecia reluzir com a pureza de sua virgindade. Por cima, ela usava um manto de veludo claro, cinza-azulado, que cintilava sob o sol de abril como a superfície do rio que corria junto à catedral. Feita do mesmo tecido, a cauda era pesada, como Alison bem sabia, pois era uma das duas moças responsáveis por carregá-la.

Maria usava um diadema de ouro cravejado com brilhantes, pérolas, rubis e safiras; Alison imaginou que estivesse desesperada para tirar aquele peso da cabeça. Do pescoço pendia um imenso pingente de pedras preciosas que ela apelidara de “grande Henrique”, pois fora presente do rei.

Com seus cabelos ruivos e a pele muito alva, Maria parecia um anjo, e o povo a adorou. Conforme ela avançava pelo tablado mais alto, de braços dados com o rei, o rugido de aprovação se movia como uma lenta onda pelos espectadores apinhados, acompanhando o ritmo de seus passos.

Embora fosse um personagem menor nessa galáxia de realeza e nobreza, Alison se deliciava na glória da melhor amiga. As duas haviam conversado e sonhado com os respectivos casamentos desde que se entendiam por gente, mas aquilo superava qualquer coisa que houvessem imaginado. Aquilo era a razão da vida de Maria. Alison se alegrou por ela e por si mesma.

O cortejo chegou à plataforma coberta por um toldo, onde o noivo aguardava.

Quando os dois noivos se puseram lado a lado, ficou evidente que Maria era uns 30 centímetros mais alta, e ouviram-se risos e algumas zombarias de elementos indisciplinados na multidão. Quando o casal se ajoelhou em frente ao arcebispo de Ruão, a cena se tornou menos risível.

O rei tirou um anel do próprio dedo e o entregou ao arcebispo, dando início à cerimônia.

Maria respondia a tudo numa voz alta e clara, enquanto Francisco falou baixo para que a multidão não risse da sua gagueira.

De repente, Alison lembrou que Maria estava de branco na primeira vez em que as duas se encontraram. Os pais de Alison haviam morrido de peste pouco tempo antes e ela fora morar na fria casa de uma tia viúva, Janice, amiga da mãe de Maria, Marie de Guise. Numa demonstração de gentileza, a órfã fora levada para brincar com a rainha da Escócia, então com 4 anos de idade. O quarto de Maria era um lugar cheio de lareiras acesas, almofadas macias e lindos brinquedos e, enquanto ficou lá, Alison conseguiu esquecer que não tinha mãe.

Suas visitas se tornaram frequentes. A pequena Maria tratava a amiga de 6 anos com admiração. Alison se sentia resgatada do ambiente formal da casa de tia Janice. Após um ano feliz, elas ficaram sabendo que Maria iria morar na

França. Alison ficou com o coração partido. Mas Maria, demonstrando sinais precoces da adulta imperiosa em que iria se transformar, dera um ataque e insistira que Alison tinha de ir para a França com ela. No final, acabara conseguindo o que queria.

As duas dividiram uma cama na turbulenta travessia por mar, abraçando-se à noite para se reconfortarem, algo que ainda faziam quando estavam preocupadas ou com medo. Tinham continuado de mãos dadas ao conhecer dezenas de franceses com roupas coloridas que riam das meninas por falarem o gutural dialeto escocês. Naquele novo mundo estranho e assustador, tinha sido a vez de a amiga mais velha sair em socorro da outra, ajudando-a a aprender as palavras em francês e os modos refinados da corte e reconfortando-a à noite quando ela chorava. Alison sabia que nenhuma das duas jamais esqueceria aquela devoção mútua na infância.

A cerimônia chegou à parte final. O anel de ouro foi posto no dedo de Maria, os noivos foram declarados marido e mulher e a multidão irrompeu em vivas.

Nesse momento, dois arautos do rei com bolsas de couro na mão começaram a lançar punhados de dinheiro para as pessoas. O povo aprovou com um rugido. Homens saltavam no ar para pegar as moedas, em seguida se jogavam no chão para catar as que não tinham conseguido pegar. Pessoas em outros pontos da praça bradaram pedindo o seu quinhão. Brigas começaram. Quem caía era pisoteado, enquanto quem permanecia em pé era esmagado. Os feridos gritavam de dor. Alison achou aquilo de mau gosto, mas muitos dos convidados nobres do casamento riram ao ver os plebeus se engalfinhando violentamente por alguns trocados: achavam aquilo mais divertido do que um embate de touros. Os arautos jogaram dinheiro até suas bolsas ficarem vazias.

O arcebispo liderou o cortejo até a catedral para a missa matrimonial. Atrás dele iam os noivos, que mal passavam de crianças, agora presos num casamento errado para ambos. Alison foi também, ainda segurando a cauda do vestido. Enquanto todos saíam do sol e adentravam a penumbra fria da imensa igreja, refletiu que os filhos da realeza gozavam de tudo o que a vida tinha de melhor, menos de liberdade.

Sylvie segurou o braço de Pierre num gesto possessivo quando os dois atravessaram a Petit-Pont na direção sul. Ele agora era dela. Nunca mais iria largar seu braço. Pierre era inteligente, tanto quanto seu pai, e bem mais charmoso. E maravilhosamente belo, com aqueles cabelos fartos, olhos cor de avelã e sorriso irresistível. Ela gostava até das roupas dele, embora sentisse culpa pelo fato de ser atraída pelo tipo de vestimenta exuberante que os protestantes desdenhavam.

Acima de tudo, amava-o porque ele considerava o verdadeiro evangelho com tanta seriedade quanto ela. Começara sozinho a questionar os ensinamentos traiçoeiros dos padres católicos. Havia chegado à verdade com apenas um leve incentivo de Sylvie. E estava disposto a arriscar a vida acompanhando-o a uma igreja protestante secreta.

O casamento tinha acabado, a multidão se dispersara e a família Palot, que agora incluía Pierre Aumande, estava a caminho da própria igreja, uma igreja protestante.

Agora que estava noiva, Sylvie constatou que tinha novas preocupações. Como seria se deitar com Pierre? Anos antes, quando ela começara a ter seus ciclos mensais, a mãe lhe revelara o que homens e mulheres faziam na cama, mas Isabelle se mostrara estranhamente reticente em relação às sensações que aquele ato proporcionava. Sylvie estava ansiosa para descobrir, para sentir as mãos de Pierre acariciarem seu corpo nu, para saber como eram suas partes íntimas.

Havia conseguido conquistá-lo, mas será que conseguiria conservar seu amor por toda a vida? Segundo Isabelle, Gilles nunca havia sequer flertado com nenhuma outra mulher, mas alguns homens perdiam o interesse pela esposa depois de algum tempo, e Pierre sempre seria atraente para outras. Sylvie talvez tivesse de se esforçar muito para mantê-lo tão encantado quanto ele estava agora. Sua fé iria ajudar, ainda mais que eles iriam trabalhar juntos para propagar o evangelho.

Quando seria o casamento? Ela queria que se realizasse quanto antes. Pierre mencionara que gostaria de trazer a mãe da região de Champagne para a cerimônia se ela estivesse disposta o bastante para viajar. Mostrara-se um tanto vago, e Sylvie hesitara em pressioná-lo, envergonhada por estar tão impaciente.

Isabelle estava encantada com o noivado. Sylvie tinha a sensação de que a mãe bem que teria gostado de se casar ela própria com Pierre. Não de verdade, claro, mas ainda assim...

Supunha que o pai estivesse mais satisfeito do que desejava demonstrar. Parecia relaxado e de bom humor, o que era o mais próximo que chegava da felicidade.

Já Guillaume parecia amargurado, e Sylvie se deu conta de que talvez o jovem se sentisse atraído por ela. Talvez houvesse acalentado planos secretos de pedi-la em casamento. Bem, agora era tarde. Se ela nunca tivesse conhecido Pierre, talvez pudesse ter gostado de Guillaume, um rapaz inteligente e sério. Mas ele jamais a teria olhado daquele jeito que fazia com que ela sentisse a cabeça girar e as pernas bambearem a ponto de precisar sentar-se.

O que mais lhe agradava era ver como Pierre estava feliz naquela manhã. Ele caminhava com um passo enérgico, sorria o tempo todo e, conforme atravessavam o bairro universitário pela Rue Saint-Jacques, fazia comentários irônicos e divertidos sobre pessoas e edifícios por que passavam. Estava visivelmente enlevado por ser seu noivo.

Ela sabia que ele estava satisfeito também por enfim ter sido convidado a assistir a um culto protestante. Mais de uma vez lhe perguntara onde ficava sua igreja, e ficara magoado ao ouvi-la responder que não tinha autorização para contar. Agora o segredo podia ser revelado.

Sylvie estava impaciente para exhibir o noivo. Sentia orgulho dele e estava ansiosa para apresentá-lo a todo mundo. Com certeza todos iriam gostar dele. Torcia para que Pierre gostasse dos outros também.

Atravessaram o portão de Saint-Jacques e adentraram o subúrbio, onde deixaram o caminho pavimentado e dobraram em uma trilha na mata que mal se podia perceber. Cem metros adiante, já fora do campo de visão da rua, estavam postados dois homens parrudos que tinham cara de guardas, embora não estivessem armados. Gilles meneou a cabeça para eles, então indicou Pierre com o polegar e disse:

– Ele está conosco.

O grupo passou pelos guardas sem se deter.

– Quem são aqueles homens? – indagou Pierre a Sylvie.

– Eles param todo mundo que não conhecem – explicou ela. – Se alguém vier nessa direção aleatoriamente durante um passeio casual, dizem que a mata é particular.

– E a quem pertence esta mata?

– Ao marquês de Nîmes.

– Ele faz parte da congregação?

Ela hesitou. Mas agora podia lhe contar. Já bastava de segredos.

– Sim.

Sylvie sabia que muitos aristocratas eram protestantes. Como qualquer outra pessoa, corriam o risco de serem queimados na fogueira. No entanto, fosse por heresia ou outro crime, os nobres tinham mais chances de escapar à punição, desde que algum amigo poderoso interviesse.

O pequeno grupo chegou ao que parecia um pavilhão de caça abandonado. As janelas mais baixas estavam fechadas, e o mato que crescia em volta da porta principal mostrava que a construção não era aberta havia anos.

Sylvie sabia que, nas cidades francesas em que os protestantes eram maioria, eles ocupavam igrejas de verdade e celebravam seus cultos abertamente, ainda que protegidos por guardas armados. Mas não era o caso de Paris. A capital era um bastião católico, cheio de gente que ganhava a vida servindo à Igreja e à monarquia. Ali, os protestantes eram odiados.

Eles deram a volta no pavilhão até uma pequena porta lateral e adentraram um grande salão, onde Sylvie supunha que suntuosos piqueniques fossem outrora organizados para grupos em caçadas. O lugar agora estava silencioso e escuro. Havia cadeiras e bancos dispostos em fileiras diante de uma mesa coberta por uma toalha branca. Cerca de cem pessoas estavam presentes. Como sempre, em cima da mesa havia um pão sobre um prato de barro simples e uma jarra de vinho.

Gilles e Isabelle ocuparam seus lugares, e Sylvie e Pierre fizeram o mesmo. Guillaume se sentou numa cadeira isolada de frente para os fiéis.

– Quer dizer que Guillaume é padre? – sussurrou Pierre.

– Pastor – corrigiu Sylvie. – Mas ele está de visita. O pastor permanente aqui é Bernard.

Ela apontou para um homem alto, de aspecto solene, com 50 e poucos anos e

cabelos grisalhos que rareavam.

– O marquês está aqui?

Sylvie olhou em volta e localizou a silhueta rotunda do marquês de Nîmes.

– Na primeira fila – sussurrou ela. – Com a gola branca grande.

– E aquela de capa verde-escura e chapéu é filha dele?

– Não, aquela é Louise, a marquesa.

– Como é jovem.

– Ela tem 20 anos. É a segunda esposa dele.

A família Mauriac estava presente: Luc, Jeanne e o filho, Georges, admirador de Sylvie. Ela reparou que Georges encarou Pierre com surpresa e inveja. Viu pela sua expressão que ele tinha consciência de que não poderia competir com o outro rapaz. Sylvie se permitiu o pecado do orgulho só por um instante. Pierre era muito mais desejável do que Georges.

Eles começaram entoando um salmo.

– Não tem coro? – estranhou Pierre.

– O coro somos nós.

Sylvie adorava poder cantar hinos em francês a plenos pulmões. Aquela era uma das alegrias de ser um seguidor do verdadeiro evangelho. Nas igrejas normais, ela se sentia como uma espectadora, mas ali podia participar.

– Sua voz é linda – elogiou Pierre.

Era verdade, ela sabia. Na realidade, era tão boa que ela muitas vezes corria o perigo de cometer o pecado do orgulho por esse motivo.

Em seguida vieram as orações e as leituras da Bíblia, tudo em francês. Por fim, chegou a hora da comunhão. Ali, o pão e o vinho não eram carne e sangue de verdade, mas apenas símbolos, o que parecia bem mais sensato. Por fim, Guillaume fez um sermão arrebatado sobre a maldade do papa Paulo IV. Aos 81 anos, Paulo era um conservador intolerante, que havia reforçado a Inquisição e obrigado os judeus de Roma a usarem chapéus amarelos. Era detestado tanto por católicos quanto por protestantes.

Terminado o culto, as cadeiras foram postas em círculo, e um tipo diferente de reunião começou.

– Esta parte se chama fraternidade – explicou Sylvie a Pierre. – Nós trocamos novidades e conversamos sobre todo tipo de coisa. As mulheres podem

falar.

Guillaume deu início aos trabalhos com um anúncio que espantou Sylvie e todos os outros: ele ia embora de Paris.

Afirmou estar satisfeito por ter podido ajudar o pastor Bernard e os conselheiros a reestruturarem a congregação segundo as linhas estabelecidas por João Calvino em Genebra. A notável propagação do protestantismo na França nos últimos anos se devia em parte à estrita organização e disciplina das comunidades calvinistas como aquela do subúrbio parisiense de Saint-Jacques. Guillaume estava especialmente feliz por eles terem tido a segurança de debater a organização do primeiro sínodo nacional protestante no ano seguinte. Mas a sua missão era itinerante, e outras congregações precisavam dele. Ele partiria antes do domingo seguinte.

Ninguém esperava que Guillaume fosse ficar para sempre, mas aquela partida era abrupta. Ele até então não dera o menor indício de que poderia ir embora. Sylvie não pôde evitar pensar que o motivo daquela súbita decisão talvez fosse o seu noivado. Alertou a si mesma que estava chegando perigosamente perto da vaidade e fez uma rápida oração pedindo para ser mais humilde.

Luc Mauriac introduziu um tema polêmico:

– Sinto muito que o senhor vá nos deixar tão cedo, Guillaume, pois há um assunto importante que ainda não debatemos: a questão da heresia dentro do nosso movimento.

Luc tinha o jeito combativo e atrevido de muitos homens de baixa estatura, mas na realidade pregava a tolerância.

– Muitos nesta congregação ficaram chocados quando Calvino ordenou que Michel Servet fosse queimado na fogueira.

Sylvie sabia do que ele estava falando, assim como todos os presentes. Servet era um intelectual protestante que havia entrado em conflito com Calvino por causa da doutrina da Santa Trindade. Fora executado em Genebra, para consternação de protestantes como Luc Mauriac, para quem somente os católicos matavam aqueles que deles discordavam.

– Isso faz cinco anos – retrucou Pierre, impaciente.

– Mas a questão permanece sem solução.

Sylvie assentiu com vigor. Tinha uma opinião arrebatada em relação àquilo. Os protestantes exigiam tolerância de reis e bispos que discordavam deles. Como, então, podiam perseguir alguém? Muitos, porém, desejavam ser tão implacáveis quanto os católicos, ou mais até.

Guillaume descartou o assunto com um aceno da mão.

– É preciso haver disciplina em nosso movimento – disse.

Estava claro que ele não queria ter aquela conversa. Seu tom casual enfureceu Sylvie, e ela disse bem alto:

– Mas nós não devemos matar uns aos outros.

Em geral, não dizia nada durante a fraternidade. Embora as mulheres pudessem se manifestar, os mais jovens não eram encorajados a externarem opiniões. Mas Sylvie agora era quase uma mulher casada, e de todo modo não conseguiria permanecer calada enquanto o tópico fosse aquela questão.

– Quando Servet lutou com a razão e a escrita, deveria ter sido repellido com a razão e com a escrita... não com violência! – continuou ela.

Luc Mauriac aquiesceu com entusiasmo, contente por ser apoiado de modo tão enérgico, mas algumas das mulheres mais velhas encararam Sylvie com ar de reprovação.

– Essas palavras não são suas: você está citando Castellio... outro herege – disse Guillaume com desdém.

Ele tinha razão: Sylvie estava repetindo uma frase do panfleto de Sebastian Castellio intitulado *Os hereges devem ser perseguidos?*, mas ela também tinha outras fontes. Lia os livros impressos pelo pai e sabia tanto quanto Guillaume sobre o trabalho dos teólogos protestantes.

– Posso citar Calvino se o senhor quiser – falou. – Calvino escreveu: “É anticristão usar armas contra aqueles que foram expulsos da Igreja.” Naturalmente, isso foi quando ele próprio estava sendo perseguido como herege.

Ela percebeu que vários dos presentes a censuraram com um franzir de cenho e entendeu que fora um pouco longe demais ao sugerir que o grande João Calvino houvesse cometido heresia.

– Você é jovem demais para entender – disse Guillaume.

– Jovem demais? – indignou-se Sylvie. – O senhor nunca disse que eu era jovem demais para arriscar a vida vendendo exemplares dos livros que traz de

Genebra!

Várias pessoas começaram a falar ao mesmo tempo, e o pastor Bernard se levantou para pedir calma.

– Não vamos resolver essa questão em uma tarde – disse ele. – Vamos pedir a Guillaume que transmita nossas preocupações a João Calvino quando voltar a Genebra.

Insatisfeito, Luc Mauriac falou:

– Mas Calvino vai nos responder?

– É claro que sim – respondeu Bernard, sem dar qualquer motivo para tamanha confiança. – E agora vamos encerrar nossa fraternidade com uma última oração.

Ele fechou os olhos, ergueu o rosto para o céu e começou a fazer uma prece criada na hora.

No silêncio, Sylvie se acalmou. Lembrou como estava ansiosa para apresentar Pierre a todos os presentes e para se ouvir pronunciar as palavras “meu noivo”.

Após o amém final, os fiéis começaram a conversar entre si. Sylvie conduziu Pierre pelo recinto. Estava explodindo de orgulho por ter um homem tão bonito e se esforçou muito para não aparentar uma satisfação excessiva consigo mesma, mas foi difícil: estava feliz demais.

Pierre se mostrou mais encantador do que nunca. Dirigiu-se aos homens com respeito, flertou de modo inofensivo com as mulheres e encantou as moças. Prestou muita atenção em cada uma das apresentações de Sylvie, concentrando-se em recordar cada nome e sendo educado a ponto de demonstrar interesse por onde cada um morava e que trabalho exercia. Os protestantes sempre ficavam felizes com um novo convertido e fizeram com que ele se sentisse acolhido.

As coisas só azedaram quando ela o apresentou a Louise, marquesa de Nîmes. A moça era filha de um próspero comerciante de vinho de Champagne. Era bonita e tinha busto farto, decerto o que chamara a atenção do marquês de meia-idade. Louise era uma jovem tensa e tinha um comportamento arrogante, advindo, supunha Sylvie, do fato de não ser aristocrata de berço, o que a levava a ficar insegura no papel de marquesa. Mas ela podia ser de um sarcasmo fulminante quando contrariada.

Pierre cometeu o erro de tratá-la amigavelmente como uma compatriota.

– Eu também sou de Champagne – falou. – A senhora e eu somos dois provincianos nesta cidade – acrescentou, com um sorriso.

Não era verdade, claro. Nem ele nem Louise deixavam a desejar em matéria de sofisticação. O comentário era uma brincadeira. Mas ele havia escolhido o tema errado para fazer piada. Não tinha como saber, mas Sylvie entendia que o maior medo de Louise era que alguém a considerasse pouco refinada.

A reação da marquesa foi instantânea. Ela empalideceu e uma expressão de desprezo congelou seu rosto. Ela inclinou a cabeça para trás como quem sente um cheiro ruim. Levantando a voz para as pessoas mais próximas poderem ouvir, falou, gélida:

– Até em Champagne deveriam ensinar os rapazes a respeitarem seus superiores.

Pierre ficou vermelho.

Louise se virou e começou a conversar em voz baixa com outra pessoa, deixando Pierre e Sylvie a encarar suas costas.

Sylvie ficou consternada. A marquesa antipatizara com seu noivo e certamente não voltaria atrás. Pior: muitos na congregação haviam escutado, e todos ficariam sabendo disso antes mesmo que o salão esvaziasse. Temeu que jamais aceitassem Pierre como um dos seus. Ficou arrasada.

Então olhou para o noivo e viu uma expressão que ele nunca exibira. Sua boca estava contorcida e os olhos chispavam de ódio. Ele parecia capaz de matar Louise.

Meu Deus, pensou Sylvie, tomara que ele nunca me olhe assim.

v

Quando chegou a hora de dormir, Alison estava exausta. Maria devia estar sentindo a mesma coisa, pensou, mas a maior das provações ainda estava por vir.

As celebrações foram suntuosas, mesmo para os padrões da Paris real. Após o casamento, houve um banquete no palácio do bispo, seguido de um baile. Então todos os convidados se transferiram para o Palais de la Cité, um trajeto curto que levou horas por causa das multidões, e lá houve um baile de máscaras,

com entretenimentos especiais que incluíam doze cavalos mecânicos que os filhos da realeza podiam montar. Por fim, houve um bufê de jantar com mais artigos de confeitaria que Alison já tinha visto reunidos num mesmo recinto. Mas agora tudo enfim estava calmo; restava apenas uma última cerimônia.

Alison não invejava a amiga nesse último dever. A ideia de se deitar com Francisco como uma mulher se deita com um homem era desagradável; era como fazer aquilo com um irmão. E, se algo saísse errado, a catástrofe seria pública, comentada em todas as cidades da Europa. Maria iria querer morrer. Alison nem gostava de pensar na amiga sofrendo tamanha humilhação.

Sabia que os membros da realeza precisavam suportar aquele tipo de fardo; fazia parte do preço a pagar pela vida de privilégio. E Maria precisava passar por tudo sem a mãe. Marie de Guise governava a Escócia como sua substituta, mas não podia se arriscar a sair do país nem para o casamento da filha, pois era frágil demais o domínio da monarquia católica sobre os rebeldes e insurgentes escoceses. Às vezes, Alison se perguntava se não valeria mais a pena ter a vida despreocupada de uma filha de padeiro, que podia trocar carícias num canto com um aprendiz despudorado.

Ela foi uma das damas de companhia reunidas para dar banho na noiva e vesti-la para a defloração. Mas precisava de apenas um minutinho a sós com Maria antes do grande momento.

Despiram a noiva. Apesar de estar nervosa e trêmula, Maria era uma moça linda: alta, esbelta e de pele clara, com seios pequenos perfeitos e pernas compridas. As mulheres a banharam com água morna, apararam seus pelos pubianos claros e a perfumaram. Por fim, ajudaram-na a vestir uma camisola bordada com fios de ouro. Ela calçou chinelos de cetim, pôs um gorro de renda na cabeça e vestiu uma capa de lã fina para mantê-la aquecida entre o quarto de vestir e o de dormir.

Estava pronta, mas nenhuma das mulheres deu o menor indício de que se retiraria. Alison foi forçada a sussurrar para a amiga:

– Diga a elas que esperem lá fora. Preciso falar com você a sós!

– Por quê?

– Confie em mim... por favor!

Maria fez o que era preciso.

– Muito grata, senhoras – falou. – Agora queiram me dar alguns momentos a sós com Alison enquanto eu me preparo.

As mulheres pareceram se ressentir, pois a maioria tinha mais status do que Alison, mas ninguém podia recusar um pedido desses da noiva. Mesmo relutantes, todas se retiraram.

As duas amigas ficaram enfim a sós.

Alison foi direta como a rainha Catarina:

– Se Francisco não fizer sexo com você, o casamento não será consumado, ou seja, poderão anulá-lo.

Maria entendia isso.

– E nesse caso eu jamais serei rainha da França.

– Exato.

– Mas eu não sei se Francisco vai conseguir!

Maria tinha um ar aflito.

– Ninguém sabe – disse Alison. – Então, aconteça o que acontecer hoje, você vai *fingir* que ele conseguiu.

Maria aquiesceu, e seu rosto adquiriu a expressão determinada que era um dos motivos pelos quais Alison a amava.

– Está bem. Mas será que as pessoas vão acreditar em mim?

– Sim, se você seguir o conselho da rainha Catarina.

– Foi para isso que ela convocou você ontem?

– Sim. Ela disse que você precisa conseguir que Francisco fique por cima e pelo menos finja estar metendo.

– Isso eu posso fazer, mas talvez não baste para convencer as testemunhas.

Alison pôs uma das mãos dentro do vestido e pegou o que carregava ali.

– A rainha lhe mandou isto aqui – falou. – Sua camisola tem um bolso para guardá-lo.

– O que tem aqui dentro?

– Sangue.

– De quem?

– Não sei – respondeu Alison, embora pudesse adivinhar. – Pouco importa de onde vem o sangue; o importante é para onde ele vai: para os lençóis do leito nupcial.

Ela mostrou a Maria o cordão que fechava o gargalo.

– Basta puxar para desatar o nó.

– Assim eles vão pensar que eu perdi a virgindade.

– Mas ninguém pode ver a bolsinha, então esconda-a bem debaixo de você na mesma hora e deixe lá até mais tarde.

Maria fez uma cara de repulsa, mas só por um segundo, porque sua valentia logo venceu.

– Está bem – disse ela, e Alison quis chorar.

Alguém bateu à porta e uma voz de mulher chamou:

– O príncipe Francisco está pronto para a senhora, rainha Maria.

– Mais uma coisa – disse Alison em voz baixa. – Se Francisco falhar, você nunca pode contar a verdade a ninguém: nem à sua mãe, nem ao seu confessor, nem mesmo a mim. Vai sempre sorrir envergonhada e dizer que ele fez o que um noivo deve fazer e que o fez com perfeição.

Maria aquiesceu devagar.

– Sim – falou, num tom reflexivo. – Tem razão. O único jeito infalível de guardar um segredo é o silêncio eterno.

Alison deu um abraço em Maria, então falou:

– Não se preocupe. Francisco fará qualquer coisa que você pedir. Ele a adora. Maria se empertigou.

– Vamos.

Cercada por damas de companhia, ela desceu devagar a escadaria até o piso principal. Teve de atravessar a grande sala da guarda dos mercenários suíços, depois a antecâmara do rei, encarada por todos por quem passou, até chegar ao quarto de dormir real.

No meio do quarto havia uma cama de baldaquino forrada por lençóis brancos de luxo. Presas em cada um dos cantos, pesadas cortinas de brocado e renda pendiam dos postes. Francisco aguardava em pé, vestido com um lindíssimo roupão por cima de um camisolão de cambraia. Usava um gorro de dormir grande demais para sua cabeça, o que lhe dava um aspecto infantil.

Em pé e sentados em volta da cama os aguardavam cerca de quinze homens e um punhado de mulheres. Lá estavam os tios de Maria, duque Francisco e cardeal Carlos, bem como o rei, a rainha e uma seleção de cortesãos importantes

e religiosos graduados.

Alison não imaginara que haveria tanta gente.

Todos conversavam em voz baixa, mas se calaram ao ver Maria.

A noiva se deteve.

– Vão fechar as cortinas? – perguntou.

Alison fez que não com a cabeça.

– Só as de renda – respondeu ela. – O ato precisa ser testemunhado.

Maria engoliu em seco, e então, corajosa, avançou. Pegou Francisco pela mão e deu um sorriso encorajador. Ele parecia assustado.

Ela descalçou os chinelos e deixou a capa cair no chão. Em pé diante de todas aquelas pessoas inteiramente vestidas, usando apenas uma camisola branca de tecido fino, parecia a oferenda de um sacrifício, pensou Alison.

Francisco permaneceu paralisado. Maria o ajudou a tirar o roupão, em seguida o guiou até a cama. Os dois jovens subiram no colchão alto e puxaram por cima de si o lençol que o cobria.

Alison fechou as cortinas de renda, o que lhes proporcionou apenas uma privacidade simbólica. Dava para ver suas cabeças, e era fácil distinguir as silhuetas dos corpos sob o lençol.

Alison mal conseguiu respirar enquanto observava Maria se aninhar junto a Francisco e murmurar em seu ouvido palavras que ninguém mais pôde ouvir, decerto lhe dizendo o que ele tinha de fazer ou fingir fazer. Eles se beijaram. O lençol se moveu, mas não foi possível ver bem o que acontecia. Alison sentiu pena da amiga. Imaginou a si mesma fazendo amor pela primeira vez diante de vinte testemunhas. Aquilo lhe parecia impossível. Mas Maria estava seguindo em frente com grande coragem. Ela não conseguia ver as expressões no rosto do casal real, mas imaginou que a amiga estivesse tentando tranquilizar o marido e fazê-lo relaxar.

Maria então rolou de costas e Francisco montou nela, sem jeito.

Alison achou aquela tensão quase insuportável. Será que iria acontecer? E, caso contrário, será que Maria conseguiria fingir que havia acontecido? Será que todas aquelas pessoas mais velhas poderiam ser iludidas?

Um silêncio de morte reinava no quarto, rompido apenas pelas palavras de Maria para Francisco, murmuradas tão baixinho que era impossível decifrá-las.

Podiam ser palavras carinhosas de amor ou podiam também ser instruções detalhadas.

Os dois corpos se moveram desajeitadamente. Pela posição dos braços de Maria, ela pareceu guiar Francisco para dentro de si... ou fingir fazê-lo.

Maria soltou um breve e cortante grito de dor. Alison não soube dizer se fora genuíno, mas a plateia deu murmúrios de aprovação. Francisco pareceu estarecido e parou de se mover, mas Maria o abraçou de modo reconfortante debaixo do lençol e puxou o corpo dele para junto do seu.

O casal então começou a se mexer junto. Alison nunca vira ninguém fazer aquilo, de modo que não tinha ideia se parecia ou não real. Relanceou os olhos para o rosto dos homens e mulheres em volta. Viu expressões tensas, fascinadas e constrangidas, mas não céticas, pensou. Todos pareciam acreditar estar assistindo a uma relação sexual de verdade, não a uma farsa.

Não sabia quanto tempo aquilo devia durar. Não lhe ocorrera fazer tal pergunta. A Maria tampouco. Intuíu que a primeira vez fosse rápida.

Dali a um ou dois minutos, houve um movimento repentino, como se o corpo de Francisco estivesse se convulsionando... ou então Maria estava dando trancos com o próprio corpo para passar essa impressão. Os dois então relaxaram, e o movimento cessou.

A plateia observava em silêncio.

Alison prendeu a respiração. Será que eles tinham conseguido? Se não, será que Maria iria se lembrar da bolsinha?

Após uma pausa, Maria empurrou Francisco de cima de si e sentou-se na cama. Remexeu-se debaixo do lençol, parecendo abaixar a camisola ao redor das pernas, e Francisco fez algo parecido.

Num tom autoritário, ela ordenou:

– Abram as cortinas de renda!

Várias senhoras acorreram para fazer o que ela mandava.

Uma vez as cortinas de renda abertas e amarradas, Maria removeu o lençol com um gesto teatral.

No lençol de baixo havia uma pequena mancha de sangue.

Os cortesãos irromperam em aplausos. Estava feito. O casamento se consumara. Tudo estava bem.

Alison se sentiu fraca de tanto alívio. Enquanto batia palmas e dava vivas junto com os outros, ficou se perguntando o que realmente acontecera. Jamais saberia.

CAPÍTULO 7

Ned ficou furioso quando sir Reginald Fitzgerald se recusou a assinar os documentos que transferiam para Alice Willard a propriedade do antigo priorado.

Reginald era prefeito de uma cidade mercante: aquilo era um golpe terrível para a reputação de Kingsbridge. A maioria dos cidadãos ficou do lado de Alice. Eles também tinham contratos que não podiam se dar ao luxo de ver quebrados.

Alice teria de recorrer à justiça para forçar sir Reginald a cumprir sua promessa.

Ned não tinha dúvidas de que o tribunal defenderia o contrato, mas a espera era enlouquecedora. Ele e a mãe estavam ansiosos para inaugurar seu mercado coberto. Enquanto aguardavam a audiência, semanas transcorriam sem que os Willards ganhassem nenhum dinheiro. Por sorte, Alice recebia uma pequena renda do conjunto de chalés na paróquia de Saint Mark.

– De que adianta tudo isso? – indagou Ned, frustrado. – Reginald não tem como ganhar.

– Ele está tentando enganar a si mesmo – respondeu Alice. – Fez um investimento ruim e quer pôr a culpa em qualquer um, menos nele mesmo.

Quatro vezes por ano, os casos importantes eram ouvidos no tribunal do condado por dois juízes públicos auxiliados por um escrevente. O processo de Alice foi agendado para a sessão de junho e foi o primeiro caso do dia a ser ouvido.

O tribunal de Kingsbridge ficava numa antiga residência na rua principal, ao lado do salão da guilda. As audiências ocorriam no cômodo onde antes ficava a sala de jantar. Os outros aposentos faziam as vezes de escritório para juízes e escreventes. O subsolo servia de cadeia.

Ned chegou com a mãe ao tribunal. Uma multidão de moradores da cidade ocupava o recinto, entretida em conversas. Sir Reginald já estava lá,

acompanhado por Rollo. Ned ficou aliviado por Margery não estar presente: não queria que ela presenciasse a humilhação do pai.

Cumprimentou Rollo com um meneio de cabeça rígido. Não conseguia mais tratar os Fitzgeralds com simpatia: o processo tinha posto um fim à farsa. Ainda cumprimentava Margery ao cruzar com ela na rua. Isso a deixava constrangida. Mas Ned a amava e, apesar de tudo, acreditava que ela sentisse o mesmo por ele.

Dan Copley e Donal Gloster também estavam no tribunal. O desafortunado navio *St. Margaret* poderia ser mencionado no processo, e os Copleys queriam ouvir qualquer coisa que fosse dita a seu respeito.

Dan e os outros protestantes presos no estábulo da viúva Pollard tinham sido soltos sob fiança, todos menos Philbert, que, sem dúvida, era o líder do grupo. Ele se encontrava agora na cadeia do subsolo, sendo interrogado pelo bispo Julius. Todos seriam julgados no dia seguinte, não na sessão do tribunal do condado, mas num tribunal eclesiástico independente.

Donal Gloster conseguira escapar da prisão. Não estava com o patrão no estábulo da viúva Pollard: a história que corria pela cidade era que, para sua sorte, ele estava em casa, bêbado. Ned poderia ter desconfiado de que fora Donal quem revelara o local do culto protestante, mas sua história fora confirmada por várias pessoas que o tinham visto sair trôpego da taberna naquela tarde.

O escrevente Paul Pettit pediu silêncio. Dois juízes entraram e assumiram seus lugares em um dos cantos do recinto. O mais graduado deles era Rodney Tilbury, um comerciante de tecidos aposentado. Ele usava um gibão azul luxuoso e vários anéis grandes nos dedos. Fora nomeado pela rainha Maria Tudor por ser um católico leal, mas Ned não pensava que isso fizesse diferença naquele dia, pois o caso nada tinha a ver com religião. O segundo juiz, Seb Chandler, era amigo de sir Reginald, mas Ned não via como ele poderia se opor aos fatos incontestáveis do caso.

O júri prestou seu juramento: doze homens, todos moradores de Kingsbridge.

Imediatamente depois disso, Rollo deu um passo à frente e disse:

– Com a permissão de Vossas Excelências, eu hoje falarei em nome de meu pai.

Aquilo não espantou Ned. Sir Reginald era irascível; provavelmente prejudicaria a própria defesa com seu temperamento ruim. Rollo era tão

inteligente quanto o pai, mas sabia se controlar melhor.

O juiz Tilbury aquiesceu.

– Pelo que me lembro, Sr. Fitzgerald, o senhor estudou direito em Gray's Inn, em Londres.

– Sim, Excelência.

– Muito bem.

Enquanto a audiência começava, o bispo Julius entrou trajando as vestes eclesiásticas. A presença do religioso não foi de surpreender. Ele cobiçava para si as construções do priorado, e Reginald tinha prometido vendê-las a ele por um preço baixo. O bispo devia estar torcendo para Reginald encontrar um jeito de se livrar daquele contrato.

Alice deu um passo à frente. Ela própria apresentou seu caso, depois entregou ao escrevente o contrato assinado e selado com lacre.

– Sir Reginald não tem como negar os três principais fatos – disse ela, mantendo o tom suave e sensato de quem só deseja assinalar a verdade. – Primeiro, que ele assinou os contratos; segundo, que recebeu o dinheiro; e, terceiro, que não pagou a dívida no prazo prometido. Peço que o tribunal determine que ele perdeu a garantia dada. Afinal, é para isso que serve uma garantia.

Alice estava confiante na vitória, e Ned não via como qualquer tribunal poderia decidir em favor de Reginald, a menos que os juízes houvessem sido subornados... e onde Reginald conseguiria dinheiro para um suborno?

Tilbury agradeceu educadamente a Alice e se virou para Rollo.

– O que tem a dizer em relação a isso, Sr. Fitzgerald? A situação me parece bem clara.

Mas Reginald não deu tempo para o filho responder.

– Eu fui enganado! – explodiu ele, e seu rosto sardento ficou rosa. – Philbert Cobby sabia muito bem que o *St. Margaret* tinha ido para Calais, e era provável que o tivesse perdido.

Ned imaginou que devia ser mesmo verdade. Philbert era esperto como uma raposa. Mesmo assim, o pedido de Reginald era absurdo. Por que a família Willard deveria pagar pela desonestidade de Philbert?

– Isso é mentira! – gritou Dan Cobby, filho de Philbert. – Como poderíamos

saber o que o rei da França faria?

– Vocês deviam saber alguma coisa! – disparou Reginald em resposta.

Dan rebateu com uma citação da Bíblia:

– “O homem prudente não alardeia o seu conhecimento”, diz o livro dos Provérbios.

O bispo Julius apontou um dedo ossudo para Dan.

– É isso que acontece quando se permite que tolos ignorantes leiam a Bíblia: eles citam a palavra de Deus para justificar seus crimes! – acusou-o, feroz.

O escrevente se levantou e gritou pedindo silêncio. Todos se acalmaram.

– Grato, sir Reginald – disse Tilbury. – Ainda que de fato Philbert Copley, ou quaisquer outros, o houvessem trapaceado para ficar com seu dinheiro, isso não o dispensaria do contrato com Alice Willard. Se for essa a base da argumentação, o senhor está errado, e o tribunal tomará uma decisão contrária aos seus interesses.

Exato, pensou Ned, satisfeito.

– Não, Excelência, esse não é o nosso argumento – falou Rollo na mesma hora. – Peço-lhes perdão pela intervenção de meu pai, mas os senhores hão de entender que ele está muito zangado.

– Então *qual* é o seu argumento? Estou ansioso para ouvir e tenho certeza de que o júri também.

Ned também estava ansioso para ouvir. Será que Rollo tinha uma carta na manga? Apesar de truculento e mau, ele não era bobo.

– O simples fato de Alice Willard ser culpada de usura – respondeu Rollo. – Ela emprestou 400 libras a sir Reginald, mas exigiu receber 424 libras de volta. Está cobrando juros, e isso é crime.

De repente, Ned recordou a conversa da mãe com o bispo Julius no claustro do priorado em ruínas. Alice tinha informado a Julius a quantia exata da dívida, e o bispo parecera momentaneamente surpreso com o número, embora no final não houvesse comentado nada. E Julius estava ali no tribunal para a audiência. Nervoso, Ned franziu o cenho. O contrato entre Alice e sir Reginald fora redigido com todo o cuidado de modo a omitir qualquer menção a juros, mas a definição de usura era famosa por constituir uma área nebulosa do direito.

– Nenhum juro era devido – disse Alice com firmeza. – O contrato afirma

que sir Reginald pagaria um aluguel de 8 libras por mês para continuar usando o priorado até o empréstimo ser pago ou a propriedade cedida.

– Por que eu deveria pagar aluguel? – protestou Reginald. – Eu nunca uso aquilo lá! Isso não passou de um subterfúgio para ocultar a usura.

– Mas foi o senhor mesmo quem sugeriu! – rebateu Alice.

– Eu fui ludibriado.

– Por favor! Dirijam-se ao tribunal, não um ao outro – interrompeu o escrevente.

– Obrigado, Sr. Pettit – disse o juiz Tilbury. – Tem toda a razão.

– O tribunal não pode confirmar um contrato que exija que uma das partes cometa um pecado – argumentou Rollo.

– Sim, essa parte eu entendi – respondeu Tilbury. – Portando, os senhores pedem que o tribunal decida se o dinheiro extra devido segundo o contrato é um aluguel genuíno ou uma forma escusa de usura.

– Não, Excelência, não estou lhe pedindo que decida. Com sua permissão, chamarei uma testemunha qualificada para confirmar que se trata de usura.

Ned ficou pasmo. Que conversa era aquela?

Os dois juízes tampouco pareceram entender.

– Testemunha qualificada? Quem o senhor tem em mente?

– O bispo de Kingsbridge.

Um murmúrio de surpresa emanou dos espectadores. Por essa ninguém esperava. O juiz Tilbury pareceu tão espantado quanto os outros. Após alguns instantes, contudo, falou:

– Muito bem. O que tem a dizer, senhor meu bispo?

Ned ficou consternado: todos sabiam de que lado o religioso estava.

O bispo andou devagar até a frente do tribunal com a cabeça calva erguida, expondo ao máximo a dignidade do cargo. Conforme esperado, falou:

– O suposto aluguel é claramente um juro disfarçado. Sir Reginald não usou o terreno nem as construções durante o período em questão, nem nunca pretendeu fazê-lo. Isso não passou de um disfarce tênue para o pecado e o crime de usura.

– Protesto – interveio Alice. – O bispo não é uma testemunha imparcial. Sir Reginald lhe prometeu o priorado.

– Com certeza não está acusando o bispo de ser desonesto – disse Rollo.

– Estou acusando o senhor de perguntar ao gato se o rato deve ser solto – retrucou Alice.

A plateia riu: as pessoas gostavam de uma argumentação espirituosa. Mas o juiz Tilbury, não.

– Este tribunal não tem como contradizer um bispo numa questão relacionada ao pecado – afirmou, severo. – Pelo visto, o júri vai ser obrigado a invalidar o contrato.

O fato pareceu contrariá-lo, pois ele sabia tão bem quanto qualquer um que os contratos feitos por comerciantes de Kingsbridge poderiam ser prejudicados por uma decisão como aquela. Contudo, Rollo o deixara encurralado.

– Não se trata mais apenas de invalidar o contrato, Excelências – prosseguiu Rollo, e a expressão maldosa em seu rosto deixou Ned preocupado. – Ficou provado aqui que Alice Willard é culpada de um crime. Ressalto o dever da corte de impor a punição prevista no Ato de 1552.

Ned não sabia qual era a punição prevista nessa lei.

– Eu me declararei culpada de usura... sob uma condição.

– Certo... qual? – perguntou o juiz.

– Existe outra pessoa neste tribunal tão culpada quanto eu, e ela também deve ser punida.

– Se estiver se referindo a sir Reginald, o crime recai sobre quem concedeu o empréstimo, não sobre quem o tomou.

– Não se trata de sir Reginald.

– Então de quem se trata?

– Do bispo de Kingsbridge.

Julius não gostou nada daquilo.

– Cuidado com o que vai dizer, Alice Willard!

– Em outubro do ano passado, o senhor efetuou a pré-venda dos velos de mil ovelhas para a viúva Mercer por 10 *pence* cada um – começou Alice.

A viúva Mercer era a maior negociante de lã da cidade.

– As ovelhas foram tosquiadas em abril deste ano, e a Sra. Mercer vendeu os velos a Philbert Copley por 12 *pence* cada, dois a mais do que pagou ao senhor. O senhor abriu mão de 2 *pence* por velo de modo a ter o dinheiro seis meses

antes. Pagou quarenta por cento de juros anuais.

Ouviu-se um murmúrio de aprovação. A maioria dos moradores mais importantes da cidade vivia do comércio, e todos entendiam de porcentagens.

– Não sou eu quem está sendo julgado neste tribunal – rebateu Julius. – É a senhora.

Alice ignorou a interrupção.

– Em fevereiro, o senhor comprou pedra da pedreira do conde para a ampliação do seu palácio. O preço era 3 libras, mas o mestre da pedreira lhe ofereceu uma redução de 1 xelim por libra caso o senhor pagasse adiantado, oferta que o senhor aceitou. A pedra foi entregue de barcaça um mês depois. Na realidade, o senhor cobrou do conde sessenta por cento de juros sobre o dinheiro que pagou antecipado.

A plateia começava a gostar daquilo. Ned ouviu risos e palmas.

– Silêncio! – bradou Pettit.

– Em abril, o senhor vendeu uma moenda de farinha em Wigleigh...

– Isso tudo é irrelevante – disse Julius. – A senhora não pode tentar se safar alegando que outros cometeram crimes semelhantes, seja a alegação plausível ou não.

– Nisso o bispo tem razão – disse Tilbury. – Instruo o júri a declarar Alice Willard culpada de usura.

Ned acalentava uma leve esperança de que os negociantes do júri talvez fossem protestar, mas eles não se atreveriam a contestar uma instrução tão clara de um juiz e, após alguns instantes, todos concordaram.

– Agora vamos considerar a questão da punição – disse Tilbury.

Rollo tornou a falar:

– O Ato de 1552 é bem claro, Excelências. O culpado deve perder tanto os juros quanto o valor principal do empréstimo e ainda há “multas e resgates conforme a vontade e o prazer do rei”, para citar os termos exatos.

– Não! – gritou Ned.

Com certeza a mãe não tinha como perder as 400 libras além dos juros, tinha?

O povo de Kingsbridge pensava a mesma coisa, e o recinto foi percorrido por um burburinho de revolta. Paul Pettit teve de pedir silêncio outra vez.

A multidão acabou se calando, mas Tilbury não falou nada. Virou-se para Seb Chandler, seu colega juiz, e os dois tiveram uma conversa aos sussurros. Tilbury então chamou Pettit para se juntar a eles. O silêncio se fez tenso. Os juízes conversaram com Pettit, que, como todos os escreventes públicos, tinha também qualificação de advogado. Eles não pareciam estar de acordo. Pettit balançou a cabeça num gesto de negativa. Por fim, Tilbury deu de ombros e virou as costas, Seb Chandler aquiesceu, concordando, e Pettit retornou ao seu lugar.

Por fim, Tilbury falou:

– Lei é lei – anunciou ele, e na mesma hora Ned compreendeu que a mãe estava arruinada. – Alice Willard perderá tanto o valor do empréstimo quanto o aluguel ou juro adicional cobrado.

Os protestos foram tão ruidosos que o juiz precisou levantar a voz para que a frase final fosse ouvida.

– Não será exigida nenhuma outra punição.

Ned encarou a mãe. Alice estava arrasada. Até então, havia se mostrado combativa. Mas tivera de enfrentar todo o poder da Igreja, e sua resistência fora inútil. Agora, parecia subitamente diminuída: atordoada, pálida, estupefata. Como uma pessoa derrubada no chão por um cavalo a toda.

– Próximo caso – chamou o escrevente.

Ned e a mãe saíram do tribunal e desceram a rua principal até sua casa sem dizer nada. A vida de Ned acabara de virar de cabeça para baixo, e ele mal conseguia digerir todas as implicações daquilo. Seis meses antes, estava certo de que seria comerciante a vida inteira e tinha quase certeza de que se casaria com Margery. Agora estava sem emprego e Margery era noiva de Bart.

Eles entraram na saleta.

– Pelo menos não vamos morrer de fome – disse Alice. – Ainda temos as casinhas na paróquia de Saint Mark.

Ned não imaginava que a mãe fosse se mostrar tão pessimista.

– Não vai procurar um jeito de recomeçar?

Alice fez que não com a cabeça, num gesto cansado.

– Estou com quase 50 anos... Não tenho energia para isso. Além do mais, quando penso no último ano, tenho a impressão de que perdi a capacidade de

fazer bons julgamentos. Eu deveria ter desviado parte do tráfego de mercadorias de Calais em junho passado, quando a guerra eclodiu. Deveria ter investido mais em Sevilha. E jamais deveria ter emprestado dinheiro a Reginald Fitzgerald, por mais que ele houvesse me pressionado. Agora não sobrou negócio nenhum para você e seu irmão herdarem.

– Barney não vai se importar – disse Ned. – Ele prefere estar no mar, de toda forma.

– Onde será que seu irmão está agora? Precisamos avisá-lo se conseguirmos descobrir.

– Deve estar no Exército espanhol.

Tinham recebido uma carta de Tia Betsy. Barney e Carlos haviam tido problemas com a Inquisição e foram forçados a deixar Sevilha às pressas. Betsy não sabia para onde eles tinham ido, mas um vizinho pensava tê-los visto no grupo de um capitão que recrutava soldados no cais.

– Mas não sei o que será de você, Ned – disse Alice, desanimada. – Eu o criei para ser comerciante.

– Sir William Cecil disse que precisava de um rapaz como eu para trabalhar com ele.

Ela se animou.

– Disse mesmo. Tinha esquecido.

– Talvez ele também tenha esquecido.

Alice balançou a cabeça.

– Duvido que aquele homem esqueça alguma coisa.

Ned se perguntou como seria trabalhar para Cecil e fazer parte da casa real de Elizabeth Tudor.

– Será que Elizabeth algum dia será rainha?

Sua mãe respondeu com súbita amargura:

– Se isso acontecer, quem sabe ela se livre de alguns desses bispos arrogantes.

Ned começou a ver um lampejo de esperança.

– Posso escrever para Cecil em seu nome se quiser – sugeriu Alice.

– Não sei – respondeu Ned. – Eu poderia aparecer na porta dele.

– Ele poderia mandá-lo de volta para casa.

– Sim – disse Ned. – Poderia.

ii

No dia seguinte, a vingança dos Fitzgeralds continuou.

Embora o tempo estivesse quente, o transepto sul da catedral de Kingsbridge estava fresco naquela tarde. Todos os moradores importantes da cidade encontravam-se reunidos ali para a sessão do tribunal eclesiástico. Os protestantes presos no estábulo da viúva Pollard seriam julgados por heresia. Todos sabiam que raras eram as pessoas inocentadas de tal acusação. A questão principal era a severidade da punição que receberiam.

Philbert Copley enfrentava as acusações mais sérias. Ele não estava na catedral quando Ned chegou, mas a Sra. Copley, sim, chorando copiosamente. A bela Ruth Copley tinha os olhos vermelhos, e o rosto redondo de Dan exibía uma expressão sombria que não lhe era característica. A irmã de Philbert e o irmão da Sra. Copley tentavam reconfortá-los.

O bispo Julius presidia os trabalhos. Aquele tribunal era seu. Ele desempenhava o papel tanto de advogado de acusação quanto de juiz. E não havia júri. Ao lado dele sentara-se o cônego Stephen Lincoln, um jovem encarregado de lhe entregar documentos e tomar notas. Depois de Stephen estava Luke Richards, deão de Kingsbridge. Os deões eram independentes dos bispos e nem sempre obedeciam às suas ordens, de forma que Luke era a única esperança de misericórdia naquela tarde.

Um a um, os protestantes confessaram seus pecados e renegaram suas crenças. Com isso, escaparam à punição física. Receberam multas, que a maioria pagou ao bispo na hora.

Segundo Julius, Dan Copley era o vice-líder do grupo, por isso recebeu uma sentença adicional e humilhante: teria de percorrer as ruas de Kingsbridge vestido apenas com uma camisola, levando um crucifixo e entoando o pai-nosso em latim.

Mas o líder era Philbert. Todos aguardavam para ver qual seria a sua sentença.

De repente, a atenção dos espectadores se voltou para a nave da igreja.

Ned olhou na mesma direção que eles e viu Osmund Carter entrar com seu elmo de couro e suas botas de cadarço até os joelhos. Com ele vinha outro agente da guarda, e os dois carregavam entre si uma cadeira de madeira sobre a qual havia uma espécie de montinho. Ao observar mais de perto, Ned percebeu que o montinho era Philbert Copley.

Philbert era um homem atarracado, mas, apesar da baixa estatura, tinha um físico imponente. Ou pelo menos costumava ter. Agora as pernas pendiam da cadeira e os braços jaziam pendurados do tronco, flácidos. De olhos fechados, ele não parava de grunhir de dor. A Sra. Copley soltou um grito ao vê-lo.

Os guardas pousaram a cadeira no chão em frente ao bispo Julius e deram um passo para trás.

Os braços da cadeira impediam que Philbert caísse para o lado, mas ele não conseguia sustentar o corpo e começou a afundar no assento. Os parentes correram até ele. Dan o segurou pelas axilas e o ergueu. Philbert urrou de dor. Ruth empurrou o quadril do pai para sentá-lo.

– Phil, ah, meu Phil, o que foi que fizeram com você? – gemeu a Sra. Copley.

Ned entendeu o que acontecera: Philbert fora submetido à tortura no cavalete. Seus pulsos haviam sido amarrados a dois postes, enquanto os tornozelos ficavam atados por cordas presas a uma roda movida a engrenagens. À medida que as engrenagens eram acionadas, a roda retesava a corda e o corpo da vítima era esticado de forma excruciante. Aquele modo de tortura fora inventado porque padres não podiam derramar sangue.

Era óbvio que Philbert resistira e se recusara a renegar suas crenças apesar da dor, de modo que a tortura prosseguira até as articulações dos ombros e quadril serem totalmente deslocadas. Ele estava aleijado.

– Philbert Copley reconheceu ter conduzido tolos ingênuos à heresia – disse o bispo Julius.

O cônego Lincoln brandiu um documento.

– Aqui está sua confissão assinada.

Dan Copley foi até a mesa dos juízes.

– Mostrem – pediu.

Lincoln hesitou e olhou para Julius. O tribunal não tinha nenhuma obrigação para com o filho do acusado. No entanto, Julius decerto não queria provocar

novos protestos da plateia. Ele deu de ombros, e Lincoln entregou os documentos a Dan.

O rapaz examinou a última página.

– Esta não é a assinatura do meu pai – falou.

Mostrou o documento para os homens mais próximos a ele.

– Qualquer um de vocês conhece a caligrafia do meu pai. Não é esta.

Várias cabeças assentiram, concordando.

– Ele não conseguiu assinar sem auxílio, claro – disse Julius, com irritação.

– Quer dizer que vocês o esticaram até... – Dan engasgou. Lágrimas rolaram por suas faces, mas ele se forçou a prosseguir: – Vocês o esticaram até ele não conseguir mais escrever... e mesmo assim continuam fingindo que ele assinou este papel?

– Fingindo? Está acusando um bispo de mentir?

– Estou dizendo que meu pai jamais confessou heresia.

– Como o senhor poderia saber se...

– Ele não se considerava herege, e o único motivo que o teria feito dizer o contrário seria a tortura.

– Foi por meio da prece que ele se convenceu de que havia seguido um caminho errado.

Dan apontou com um gesto teatral para a forma abjeta do pai.

– É isso que acontece com um homem quando o bispo de Kingsbridge reza por ele?

– O tribunal não vai aceitar mais ouvir essas insolências!

Ned Willard interveio:

– Onde está o cavalete?

Os três religiosos o encararam sem dizer nada.

– Philbert foi submetido ao cavalete, isso está claro... mas onde? – tornou a perguntar Ned. – Aqui mesmo, na catedral? No palácio do bispo? No subsolo do tribunal? Onde fica o cavalete? Acredito que os cidadãos de Kingsbridge têm o direito de saber. A tortura é crime na Inglaterra, a não ser quando autorizada pelo Conselho Privado. Quem recebeu autorização para praticar tortura em Kingsbridge?

Após uma longa pausa, Stephen Lincoln se pronunciou:

– Não há cavalete em Kingsbridge – garantiu.

Ned assimilou a informação.

– Então Philbert foi torturado em outro lugar. E os senhores acham que isso justifica o fato?

Ele apontou um dedo para o bispo Julius.

– Pouco importa se ele foi torturado no Egito... se o senhor o mandou para lá, o torturador é o senhor.

– Cale-se!

Ned decidiu que já dissera o que queria. Deu as costas e se afastou.

Nesse ponto, o deão Luke se levantou. Tinha 40 anos e era um homem alto e encurvado, dono de modos suaves e cabelos grisalhos e ralos.

– Senhor meu bispo, imploro-lhe que tenha misericórdia – pediu ele. – Não há dúvidas de que Philbert seja um herege e um tolo, mas ele é também um cristão e, ao seu modo equivocado, busca venerar a Deus. Nenhum homem deveria ser executado por isso.

Ele se sentou. Os cidadãos da plateia emitiram um som coletivo de aprovação. A maioria era católica, mas eles tinham sido protestantes sob os dois monarcas anteriores, e ninguém se sentia inteiramente seguro.

O bispo Julius fulminou o deão com um olhar de desprezo.

– Philbert Copley é culpado, não apenas de heresia, mas de propagar a heresia. Como é o costume nesses casos, sua sentença é a excomunhão seguida pela morte na fogueira. A execução será realizada pelas autoridades seculares amanhã, ao raiar do dia.

Havia diversos métodos de execução. Os nobres costumavam receber as mais rápidas, como decapitação, que era um método instantâneo caso o carrasco fosse experiente e demorava apenas um minuto se ele fosse desajeitado e precisasse dar vários golpes para cortar o pescoço. Traidores eram enforcados, estripados ainda vivos, depois esquartejados. Qualquer um que roubasse da Igreja era esfolado vivo com uma faca bem afiada: um especialista era capaz de remover a pele pedacinho por pedacinho. Hereges eram queimados vivos na fogueira.

Embora não de todo surpresos, os cidadãos receberam a sentença com um silêncio horrorizado. Ninguém jamais fora queimado em Kingsbridge. Ned

ponderou que um limite horroroso estava sendo ultrapassado e sentiu que os vizinhos pensavam o mesmo.

De repente, a voz de Philbert se fez ouvir, alta e surpreendentemente forte: ele devia estar poupando o que lhe restava de energia para aquilo.

– Agradeço a Deus que minha agonia esteja quase no fim, Julius... mas a sua ainda há de começar, seu demônio blasfemo.

O insulto provocou um arquejo de espanto e o bispo se levantou de um pulo, indignado. Mas era costume que um condenado tivesse permissão de pronunciar suas últimas palavras.

– Em breve você irá para o inferno, Julius, que é onde deve ficar, e o seu tormento *nunca* vai ter fim. E que Deus amaldiçoe a sua alma eterna.

A maldição de um homem à beira da morte era poderosa. Embora fosse esperado que Julius desdenhasse superstições, ele ficou tremendo de raiva e medo.

– Levem-no embora daqui! – bradou. – E esvaziem a igreja. A sessão está encerrada!

Com isso, ele se virou e saiu pisando firme pela porta sul.

Ned e a mãe voltaram para casa num silêncio soturno. Os Fitzgeralds tinham vencido. Haviam matado o homem que os enganara; tinham roubado a fortuna dos Willards e impediram a filha de se casar com Ned. Era uma derrota completa de seus adversários.

Janet Fife serviu um desenhado presunto frio como jantar. Alice tomou vários copos de xerez.

– Você vai a Hatfield? – perguntou ao filho depois de Janet tirar a mesa.

– Não consegui me decidir. Margery ainda não se casou.

– Mesmo que Bart caísse morto amanhã, nem assim eles deixariam que ela se casasse com você.

– Ela fez 16 anos semana passada. Daqui a mais cinco, poderá se casar com quem quiser.

– Mas você não pode ficar parado por tanto tempo, como um navio preso numa calmaria. Não deixe isso estragar sua vida.

Ned sabia que a mãe estava certa.

Foi se deitar cedo e não conseguiu dormir. Os terríveis acontecimentos

daquele dia o deixavam mais inclinado a ir para Hatfield, mas nem assim ele conseguia tomar aquela decisão. Partir seria perder a esperança. Já era madrugada quando pegou no sono.

Foi acordado pelo barulho do lado de fora. Olhou pela janela do quarto e viu alguns homens movendo-se na praça do mercado à luz de meia dúzia de tochas. Traziam gravetos secos para a execução. Com uma espada na cinta, o grandalhão Matthewson supervisionava os preparativos: um religioso podia condenar um homem à morte, mas não podia executar ele próprio a sentença.

Ned vestiu um casaco por cima do camisolão e saiu. O ar da manhã recendia a fumaça de madeira.

Os Cobleys estavam todos presentes, e a maioria dos outros protestantes não demorou a chegar. Em poucos minutos, a multidão cresceu. Quando o dia raiou e as chamas das tochas pareciam perder força, já havia no mínimo mil pessoas na praça em frente à catedral. Os agentes da guarda obrigavam os espectadores a manterem distância.

Apesar de ruidosa, a multidão silenciou quando Osmund Carter surgiu no caminho do salão da guilda acompanhado por outro vigia. Os dois carregavam Philbert numa cadeira de madeira. Tiveram de abrir caminho entre as pessoas, que relutavam em se afastar, como se quisessem impedir o avanço da cadeira mas não tivessem coragem suficiente para isso.

Sob os gemidos de dar pena das mulheres da família Cogley, o homem indefeso foi amarrado numa estaca de madeira fincada no chão. Por causa das pernas agora inúteis, ele não conseguia se manter de pé, de modo que Osmund teve de amarrá-lo com força.

Os guardas empilharam madeira em volta dele enquanto o bispo Julius entoava uma oração em latim.

Osmund pegou uma das tochas que haviam iluminado seu trabalho à noite. Postou-se em frente a Philbert e olhou para o representante da rainha no condado, Matthewson, que levantou uma das mãos indicando que aguardasse. Matthewson então olhou para Julius.

A Sra. Cogley irrompeu em gritos e os familiares tiveram de segurá-la.

Julius aquiesceu, Matthewson baixou o braço e Osmund encostou a tocha nos gravetos em volta das pernas de Philbert.

A madeira seca pegou fogo depressa, e as labaredas estalaram com uma alegria infernal. O calor fez Philbert dar um grito débil. A fumaça começou a sufocar as pessoas que estavam mais perto, e elas foram obrigadas a recuar.

Em pouco tempo veio outro cheiro, ao mesmo tempo familiar e nauseante: o cheiro de carne assando. Philbert começou a gritar de dor. Entre um grito e outro, bradava:

– Leve-me, Jesus! Leve-me, Senhor! Agora, por favor, agora!

Mas Jesus não o levou tão depressa.

Ned ouvira dizer que juízes clementes às vezes autorizavam a família a pendurar um saco de pólvora no pescoço do condenado de modo a apressar seu fim. Mas Julius não havia permitido essa bondade. A metade inferior do corpo de Philbert ardia em chamas, mas ele continuava vivo. Os ruídos que produziu em sua agonia foram insuportáveis. Mais pareciam os guinchos de um animal apavorado do que o som de um homem.

Por fim, Philbert se calou. Talvez seu coração não tenha aguentado; talvez a fumaça o tenha sufocado; talvez o calor tenha fervido seus miolos. A fogueira continuou a arder, transformando o corpo em restos carbonizados. O cheiro era nauseante, mas pelo menos o barulho cessara. Ned agradeceu a Deus por aquilo ter enfim terminado.

iii

Em minha curta vida, eu jamais tinha visto algo tão pavoroso. Não entendi como os homens podiam fazer aquelas coisas, nem como Deus podia permitir.

Minha mãe me disse algo que recordei durante todos os anos subsequentes: “Quando um homem tem certeza de saber qual é a vontade de Deus e está decidido a cumpri-la custe o que custar, ele é a pessoa mais perigosa do mundo.”

Quando os espectadores começaram a ir embora da praça, eu fiquei. O sol nasceu, mas seus raios não bateram nos restos mortais fumegantes, protegidos pela sombra fria da catedral. Eu estava pensando em sir William Cecil e em nossa conversa sobre Elizabeth na festa da Epifania do Senhor. Suas palavras tinham sido: “Elizabeth me disse muitas vezes que, caso se torne rainha, seu

maior desejo é que nenhum inglês perca a vida por causa daquilo em que acredita. Acho que esse é um ideal digno da fé de um homem.”

Na época, a frase tinha soado como uma esperança vã. Depois do que eu acabara de presenciar, contudo, mudei de ideia. Seria possível Elizabeth conseguir se livrar de bispos como Julius e pôr fim a cenas como aquela que eu acabara de testemunhar? Será que chegaria o dia em que pessoas de fés distintas não iriam matar umas às outras?

Mas será que Elizabeth iria se tornar rainha quando Maria Tudor morresse? Tudo dependeria da ajuda que recebesse, pensei. Ela já dispunha do formidável William Cecil, mas um homem só não bastava. Ela precisava de um exército de apoiadores.

E eu poderia ser um deles.

Essa possibilidade encheu o meu coração de ânimo. Fiquei encarando as cinzas de Philbert Cobby. Tive certeza de que as coisas não precisavam ser assim. Havia pessoas na Inglaterra que desejavam impedir que aquilo acontecesse.

E eu queria estar ao lado delas. Queria lutar pelos ideais tolerantes de Elizabeth.

Já bastava de mortes na fogueira.

Decidi partir para Hatfield.

CAPÍTULO 8

Ned foi a pé de Kingsbridge até Hatfield, uma viagem de mais de 150 quilômetros, sem saber se seria recebido e arrumaria um emprego ou se seria despachado de volta para casa de forma vergonhosa.

Passou os primeiros dois dias viajando com um grupo de alunos a caminho de Oxford. As pessoas sempre viajavam em grupo: um homem sozinho corria o risco de ser assaltado; uma mulher sozinha estava exposta a perigos ainda piores.

Seguindo o que aprendera com a mãe, puxou conversa com todos os que encontrou, reunindo assim informações que poderiam ou não vir a ter utilidade: os preços da lã, do couro, do minério de ferro e da pólvora; notícias sobre pestes, tempestades e enchentes, falências e rebeliões, bodas e funerais aristocráticos.

Pernoitou em tabernas, muitas vezes dividindo a cama, uma experiência desagradável para um rapaz da classe mercantil acostumado a ter o próprio quarto. Mas os estudantes eram companheiros de viagem animados e conversavam sem esforço sobre vários assuntos, de piadas grosseiras a argumentações teológicas. Além disso, apesar de o clima de julho ser quente, não choveu.

Durante as pausas na conversa, Ned ficava apreensivo pensando no que o aguardava no Palácio de Hatfield. Torcia para ser recebido como o jovem assistente do qual eles vinham precisando. Mas Cecil poderia muito bem dizer: “Ned de quê?” Caso ele fosse rejeitado, não sabia o que faria a seguir. Seria humilhante voltar para Kingsbridge com o rabo entre as pernas. Talvez ele fosse para Londres, tentar a sorte na cidade grande.

Em Oxford, hospedou-se no Kingsbridge College. Fundada pelo prior Philip para ser uma célula do priorado da cidade, a faculdade se tornara independente do monastério, mas ainda proporcionava acomodações para estudantes de Kingsbridge e hospitalidade para os moradores de lá.

Encontrar companheiros de viagem para o trecho entre Oxford e Hatfield era

mais difícil. A maioria dos viajantes ia para Londres, que ficava fora do trajeto de Ned. Enquanto aguardava por companhia, ele sucumbiu ao feitiço da universidade. Apreciou os debates acalorados sobre todo tipo de assunto, de onde ficava o Jardim do Éden a como a Terra podia ser redonda sem que as pessoas caíssem dela. A maioria daqueles estudantes iria virar padre, uns poucos, advogados ou médicos. Sua mãe lhe dissera que não havia nada útil a um comerciante que ele pudesse aprender numa universidade. Imaginou se ela teria razão. A mãe era sábia, mas não conhecia tudo.

Após quatro dias de espera, ele se juntou a um grupo de romeiros a caminho da catedral de St. Albans. A viagem levou mais três dias. Então decidiu arriscar e percorrer sozinho os últimos 11 quilômetros a partir de lá.

O rei Henrique VIII confiscara o Palácio de Hatfield do bispo de Ely e passara a usá-lo como residência ocasional para os filhos. Ned sabia que fora onde Elizabeth passara boa parte da infância. Agora sua meia-irmã mais velha, a rainha Maria Tudor, gostava de mantê-la ali. Hatfield ficava pouco mais de 30 quilômetros ao norte de Londres, um dia de caminhada ou meio dia num cavalo veloz. Elizabeth podia ficar fora de Londres – onde poderia ser um incômodo –, mas perto o suficiente para ser vigiada. Não era prisioneira, mas tampouco tinha liberdade para ir e vir como bem entendesse.

O palácio podia ser avistado de longe, no alto de uma encosta. Parecia um enorme celeiro de tijolos vermelhos e janelas com armação de chumbo. Ao subir o aclive rumo à entrada em arco, Ned viu que eram na verdade quatro construções interligadas que formavam um quadrado em volta de um pátio grande o suficiente para comportar várias quadras de tênis.

Sua apreensão aumentou quando ele viu a multidão atarefada no pátio: cavaleiros, lavadeiras, entregadores. Deu-se conta de que, apesar do pouco prestígio, Elizabeth fazia parte da realeza, portanto sua casa tinha muitos funcionários. Provavelmente várias pessoas gostariam de trabalhar para ela. Talvez os criados dispensassem candidatos todos os dias.

Ele entrou no pátio e olhou em volta. Todos estavam atarefados e ninguém reparou nele. Ocorreu-lhe que Cecil talvez estivesse viajando: um dos motivos pelos quais o homem precisava de um assistente era o fato de não poder estar em Hatfield o tempo todo.

Ned foi até uma mulher mais velha entretida na tarefa de debulhar ervilhas.

– Bom dia, senhora – falou, educado. – Onde eu poderia encontrar sir William Cecil?

– Pergunte ao gordo – respondeu ela, movendo um polegar na direção de uma silhueta pesada e bem-vestida que Ned ainda não notara. – Tom Parry.

Ned se aproximou do sujeito.

– Bom dia, Sr. Parry. Vim falar com sir William Cecil.

– Muitas pessoas gostariam de encontrar sir William – disse Parry.

– Se o senhor puder lhe dizer que Ned Willard de Kingsbridge está aqui, ele ficará satisfeito com a informação.

– Ficaré mesmo? – questionou Parry, incrédulo. – De Kingsbridge?

– Sim. Vim andando até aqui.

Parry não se impressionou.

– Não achei que tivesse vindo voando.

– Poderia fazer a gentileza de dizer meu nome a ele?

– E se ele me perguntar que assunto Ned Willard quer tratar com ele, o que devo responder?

– A questão confidencial que ele e eu discutimos com o conde de Shiring na festa da Epifania do Senhor.

– Sir William, o conde e o senhor? – estranhou Parry. – O que o senhor estava fazendo... servindo o vinho?

Ned abriu um pequeno sorriso.

– Não. Mas o assunto, conforme mencionei, era confidencial.

Ned avaliou que começaria a parecer desesperado caso aceitasse mais alguma grosseria, de modo que decidiu encerrar a conversa.

– Grato pela sua cortesia – falou e deu as costas.

– Certo, não precisa se ofender. Venha comigo.

Ned seguiu Parry para dentro da casa. O interior era lúgubre e um tanto decrépito: Elizabeth podia até dispor de uma renda real, mas o dinheiro não devia ser suficiente para remobiliar um palácio.

Parry abriu uma porta, olhou para dentro e perguntou:

– Sir William, o senhor deseja receber algum Ned Willard, de Kingsbridge?

– Está bem – respondeu alguém lá dentro.

Parry se virou para Ned.

– Pode entrar.

O cômodo era grande, mas a decoração não tinha qualquer luxo. Mais do que uma sala de recepção, era um escritório de trabalho, com prateleiras cheias de livros-caixa. Cecil estava sentado diante de uma mesa com penas e tinta, papel e cera para lacres. Usava um gibão de veludo preto que parecia quente demais para o clima, mas ele estava parado, enquanto Ned viera caminhando debaixo do sol.

– Ah, sim, estou lembrado – disse Cecil ao vê-lo. – O filho de Alice Willard.

O tom não foi amigável nem hostil, apenas um pouco cauteloso.

– Sua mãe vai bem?

– Ela perdeu todo o dinheiro, sir William – respondeu Ned. – A maior parte de nossa fortuna estava em Calais.

– Muitos homens bons tiveram destino semelhante. Foi tolice nossa declarar guerra à França. Mas por que veio me procurar? Eu não tenho como recuperar Calais.

– Quando nos conhecemos, no banquete do conde de Shiring, o senhor comentou que estava à procura de um rapaz um pouco parecido comigo para ajudá-lo em seu trabalho para lady Elizabeth. Minha mãe lhe disse que o meu destino era trabalhar no negócio da família e que, portanto, eu não estava disponível... Só que agora não existe mais negócio nenhum. Não sei se o senhor encontrou alguém...

– Encontrei – disse Cecil, e Ned ficou arrasado. – Mas a pessoa acabou se revelando uma escolha ruim – acrescentou ele, então.

Ned tornou a se animar.

– Eu ficaria honrado e grato se o senhor me considerasse para o cargo – falou, ansioso.

– Não sei – disse Cecil. – Não é um daqueles cargos que existem só para proporcionar renda a um cortesão. É preciso trabalhar de verdade.

– Estou preparado para trabalhar.

– Pode ser, mas, para ser franco, um rapaz de origem rica cuja família está passando por dificuldades não costuma ser um bom assistente: é provável que esteja acostumado a dar as ordens e estranhe ter alguém que espere que faça o que lhe mandam de maneira rápida e cuidadosa. Só está interessado no dinheiro.

– Eu quero mais do que o dinheiro.

– Ah, sim?

– Sir William, duas semanas atrás, queimamos um protestante em Kingsbridge... Foi o primeiro.

Ned sabia que não deveria se deixar levar pelas emoções, mas não pôde evitar.

– Quando o vi morrer aos gritos, lembrei-me do que o senhor havia falado sobre o desejo de Elizabeth de que ninguém morresse por causa da própria fé.

Cecil meneou a cabeça.

– Eu quero que ela seja rainha um dia – disse Ned com arrebatamento. – Quero que o nosso país seja um lugar onde católicos e protestantes não se matem. Quando chegar a hora, quero estar do seu lado para que o senhor ajude Elizabeth a conquistar o trono. É esse o verdadeiro motivo pelo qual estou aqui.

Cecil encarou Ned com intensidade, como se tentasse enxergar dentro do seu coração e determinar se ele estava sendo sincero. Após uma longa pausa, falou:

– Está bem. Vou fazer um teste com o senhor.

– Obrigado – disse Ned, com fervor. – Prometo que não vai se arrepender.

ii

Apesar de apaixonado por Margery Fitzgerald, Ned teria ido para a cama com Elizabeth num piscar de olhos.

Não que ela fosse uma mulher linda. Tinha o nariz grande e o queixo pequeno, e seus olhos eram juntos demais. Por outro lado, era dona de um poder de atração avassalador: inteligente, sedutora como um gatinho e sem o menor pudor para flertar. Sua altivez e o mau humor ocasional em nada reduziam esse efeito. Homens e mulheres a adoravam mesmo depois que ela os repreendia duramente. Ned jamais conhecera ninguém sequer parecido. Elizabeth era irresistível.

Falava com ele em francês, zombava do seu latim capenga e se decepcionou quando ele não conseguiu ajudá-la a treinar seu espanhol. Deixava-o ler qualquer livro seu que ele quisesse, com a condição de que o discutisse com ela depois. As perguntas que lhe fazia sobre as próprias finanças deixavam bem claro que

entendia tanto de contabilidade quanto ele.

Em poucos dias, Ned descobriu a resposta para duas questões cruciais.

Em primeiro lugar, entendeu que Elizabeth não estava tramando um complô contra Maria Tudor. Pelo contrário: expressava um horror da traição que lhe parecia genuíno. Estava, isso sim, preparando-se de modo bastante metódico para tentar conquistar o trono após a morte de Maria, quando quer que isso acontecesse. A ida de Cecil a Kingsbridge no Natal fizera parte de um programa no qual ele, assim como outros aliados de Elizabeth, visitavam as cidades mais importantes da Inglaterra para avaliar o apoio de que ela dispunha e a oposição que enfrentava. A admiração de Ned por Cecil cresceu depressa: seu patrão sabia pensar de maneira estratégica e avaliava cada questão de acordo com o efeito a longo prazo no destino da princesa a quem servia.

Em segundo lugar, viu que, apesar de Cecil fingir que Elizabeth não tinha nenhuma convicção religiosa forte, ela era protestante. Ia à missa e executava todos os rituais católicos necessários, mas isso era só fachada. Seu livro preferido era *Paráfrases do Novo Testamento*, de Erasmo. O mais revelador era sua linguagem chula. Ela usava xingamentos que os católicos consideravam ofensivos. Em companhia distinta, optava por expressões que não chegavam a ser blasfemas: dizia “pelo sangue” em vez de “pelo sangue de Jesus”, “chagas” em vez de “chagas de Cristo” e “Nossa” em vez de “Nossa Senhora”. Na esfera privada, contudo, mostrava-se mais profana, usando expressões como “pela missa” e, sua preferida, “corpo de Deus!”.

Elizabeth passava as manhãs estudando com seu preceptor, enquanto Ned ficava sentado no escritório de Cecil com os livros-caixa. A princesa tinha muitas propriedades, e uma parte importante do trabalho de Ned era garantir que recebesse os devidos aluguéis integralmente e na data certa. Após a refeição do meio-dia, Elizabeth descansava, e às vezes convidava seus criados preferidos a conversar com ela. Eles então se sentavam num cômodo conhecido como “saleta do bispo”, que tinha as cadeiras mais confortáveis, um tabuleiro de xadrez e um virginal em que a princesa às vezes tocava algumas melodias. Sua governanta, Nell Baynsford, estava sempre presente e, às vezes, também Tom Parry, que era o seu tesoureiro.

Ned não fazia parte desse círculo íntimo exclusivo, mas certo dia, durante

uma ausência de Cecil, foi chamado para conversar sobre os planos para o 25º aniversário de Elizabeth, que aconteceria dali a duas semanas, no dia 7 de setembro. Será que eles deveriam tentar organizar uma grande celebração em Londres, que precisaria de autorização da rainha, ou algo mais modesto ali mesmo em Hatfield, onde poderiam fazer o que quisessem?

Estavam entretidos no debate quando um visitante inesperado chegou.

Puderam ouvir as batidas dos cascos de vários cavalos atravessando o portão em arco que conduzia ao pátio central. Ned foi até a janela de múltiplas vidraças encaixadas numa armação de chumbo e espiou pelo vidro fosco. Eram seis cavaleiros, montados em animais robustos e caros. Os cavaleiros de Elizabeth saíram das estrebarias para cuidar dos cavalos. Ned estudou com mais atenção o líder do grupo e se espantou ao reconhecê-lo.

– Conde Swithin! – exclamou. – O que ele deseja?

Seu primeiro pensamento foi que a visita devia ter algo a ver com o iminente casamento de Bart, filho do conde, com Margery, a moça que ele amava. Mas isso não passava de fantasia. Mesmo que o noivado fosse rompido, o conde não se daria ao trabalho de avisar Ned. O que poderia ser, então?

Os visitantes foram conduzidos para dentro da casa e tiraram as capas sujas de poeira. Poucos minutos depois, um criado entrou na saleta e avisou que o conde de Shiring gostaria de falar com lady Elizabeth, e a princesa ordenou que eles entrassem.

Homem grande e dono de uma voz potente, o conde Swithin preencheu o recinto com sua presença. Ned, Nell e Tom se levantaram, mas Elizabeth permaneceu sentada, talvez para salientar que o seu sangue real tinha mais importância do que a idade avançada de Swithin. O conde fez uma profunda reverência, mas usou um tom informal, como um tio que se dirige à sobrinha.

– Folgo em vê-la tão disposta e tão linda – falou.

– Sua visita é um deleite inesperado – respondeu Elizabeth.

O elogio era sincero, mas o tom foi de cautela. Era óbvio que Swithin lhe causava desconfiança. Com razão, pensou Ned. Católicos leais como o conde haviam prosperado no reinado de Maria Tudor e temiam um retorno ao protestantismo, de modo que não desejavam que Elizabeth se tornasse rainha.

– Tão linda e quase com 25 anos! – continuou Swithin. – Um homem de

sangue quente como eu não pode evitar pensar que tal beleza não deveria ser desperdiçada... a senhora há de me perdoar por dizer isso.

– Mesmo? – retrucou Elizabeth, fria.

Ela nunca achava graça em insinuações de natureza sexual feitas em tom jocoso.

Swithin sentiu a frieza de Elizabeth e olhou para os três criados que se mantinham a distância. Era óbvio que estava pensando se não teria mais sucesso caso eles não ouvissem o que tinha a dizer. Espantou-se de leve ao reconhecer Ned, mas não se dirigiu ao rapaz. Virou-se de volta para a princesa e falou:

– Querida, podemos ter uma conversa reservada?

Supor uma familiaridade injustificada não era o jeito certo de conquistar a princesa. Elizabeth era a filha caçula que alguns diziam ilegítima, o que a tornava sensível a qualquer sinal de desrespeito. Mas Swithin era estúpido demais para entender isso.

– Lady Elizabeth nunca deve ficar a sós com um homem. Instruções da rainha – disse Tom Parry.

– Que bobagem! – falou Swithin.

Ned desejou que Cecil estivesse presente. Para um criado, era difícil enfrentar um conde. Passou-lhe pela cabeça que Swithin talvez houvesse organizado de propósito a visita para um dia em que nenhum dos funcionários mais graduados de Elizabeth estivesse em casa.

O que ele estaria tramando?

– Elizabeth não tem por que ter medo de mim – disse Swithin e deu uma sonora gargalhada.

Aquilo deixou Ned arrepiado. Mas Elizabeth se ofendeu.

– Medo? – repetiu ela, levantando a voz. Não gostava de nenhuma sugestão de que fosse uma mulher frágil que precisasse de proteção. – Por que eu deveria ter medo? É claro que falarei com o senhor a sós.

Com relutância, os três criados se retiraram.

Quando a porta foi fechada, Tom perguntou a Ned:

– O senhor o conhece? Como ele é?

– Swithin é um homem violento – respondeu Ned. – Temos de ficar por perto.

Deu-se conta de que Tom e Nell esperavam que ele dissesse o que fazer. Pensou depressa.

– Nell, pode pedir à cozinha que mande subir xerez para o convidado?

Caso viesse a ser necessário entrar na saleta, a bebida serviria de pretexto.

– O que ele vai fazer se tornarmos a entrar? – quis saber Tom.

Ned pensou na reação de Swithin à retirada dos puritanos durante a peça de teatro.

– Já o vi tentar matar um homem que o ofendeu.

– Que Deus nos proteja.

Ned encostou o ouvido na porta. Conseguiu ouvir duas vozes: a de Swithin, alta, a de Elizabeth penetrante. Não distinguiu os termos, mas o tom de ambos era calmo, ainda que não muito amigável, e ele sentiu que por ora a princesa não corria perigo.

Tentou entender o que acontecia. A visita de Swithin devia ter algo a ver com a sucessão ao trono. Esse era o único motivo que levaria um poderoso cortesão a se interessar por Elizabeth.

Recordou que uma solução muito debatida para o problema sucessório era casar Elizabeth com um católico forte. Imaginava-se que o marido a conduzisse nas questões religiosas. Ned agora a conhecia bem o suficiente para entender que esse plano não daria certo, mas outros pensavam que poderia funcionar. O rei Filipe sugerira o próprio sobrinho, duque da Saboia, mas Elizabeth se recusara.

Será que Swithin desejava se casar com ela? Era possível. Talvez tivesse esperança de conseguir seduzi-la durante aquela visita. Mais provavelmente, poderia supor que, se passassem tempo suficiente a sós, a suspeita de fornicação tornaria o casamento a única forma de salvar a reputação dela.

Ele não seria o primeiro a tentar. Quando Elizabeth tinha apenas 14 anos, Thomas Seymour, um homem de 40, lhe fizera carícias de natureza sexual e conspirara para desposá-la. Acabara executado por alta traição, embora as ambições em relação a Elizabeth não tivessem sido o seu único pecado. Ned achava bem possível o temerário conde Swithin estar disposto a se arriscar a ter o mesmo destino.

O tom das vozes dentro da saleta mudou. Elizabeth começou a soar autoritária. Swithin foi na direção oposta, rebatendo a frieza dela com uma voz

tão afável que beirava a lascívia.

Caso algo desagradável acontecesse, Elizabeth poderia gritar por socorro. Só que ela nunca reconhecia que precisava de ajuda. E, de todo modo, Swithin talvez conseguisse silenciá-la.

Nell reapareceu trazendo uma bandeja com uma jarra de xerez, dois cálices e um prato com bolos. Ned ergueu uma das mãos para impedi-la de entrar na saleta.

– Ainda não – murmurou ele.

Um minuto depois, Elizabeth emitiu um som que foi quase um grito. Em seguida veio um estrondo e um tilintar que Ned adivinhou ser uma tigela de maçãs derrubada no chão. Ele hesitou, esperando por um grito da jovem. Mas o silêncio persistiu. Ele não soube o que fazer. Achou aquele silêncio mais sinistro do que qualquer outra coisa.

Sem conseguir suportar a incerteza, escancarou a porta, pegou a bandeja da mão de Nell e entrou.

Do outro lado da saleta, o conde Swithin segurava Elizabeth e a beijava à força. Ned tivera razão ao temer o pior.

A princesa virava a cabeça de um lado para o outro para escapar da boca do conde e, sem sucesso, seus delicados punhos tentavam socar as largas costas de Swithin. Estava óbvio que ela não queria aquilo. Mas aquele devia ser o conceito que Swithin tinha de uma corte amorosa, pensou Ned. Ele decerto imaginava que uma mulher seria subjugada pela força da paixão, cederia aos seus abraços e se apaixonaria por ele graças à sua masculinidade.

Elizabeth não seria conquistada assim nem que Swithin fosse o último homem na face da Terra.

– Conde, trouxe alguns aperitivos para o senhor – falou Ned, bem alto, e, apesar de estar tremendo de medo, conseguiu manter a voz jovial. – Quem sabe aprecie um copo de xerez?

Pousou a bandeja sobre uma mesa ao lado da janela. Swithin virou-se para Ned, mas, com a mão esquerda deformada, continuou segurando com firmeza o fino pulso de Elizabeth.

– Fora daqui, seu bostinha – disse o conde.

Aquela persistência surpreendeu Ned. Como ele podia continuar aquilo,

mesmo depois de ter sido flagrado? Até mesmo um conde podia ser executado por estupro, principalmente se houvesse testemunhas... e tanto Tom quanto Nell observavam da porta, embora o pavor os impedisse de entrar.

Mas Swithin era de fato um homem obstinado.

Ned entendeu que, acontecesse o que acontecesse, não poderia sair dali. Com esforço, controlou o tremor das mãos para servir a bebida num dos cálices.

– E a cozinha teve a gentileza de mandar alguns bolos. O senhor deve estar com fome depois da viagem.

– Swithin, solte o meu braço – ordenou Elizabeth.

Ela puxou. Contudo, embora ele a estivesse segurando com a mão mutilada, à qual faltavam dois dedos e meio, a princesa não conseguiu se libertar.

Swithin levou a mão à adaga no cinto.

– Jovem Willard, saia desta sala agora mesmo, senão eu juro por Deus que corto sua garganta.

Ned sabia que ele seria bem capaz. Em New Castle, durante seus acessos de raiva, já tinha machucado criados em diversos incidentes abafados por uma combinação de ameaças e compensação financeira. E, se Ned se defendesse, poderia ser enforcado por ferir um conde.

Mas ele não podia abandonar Elizabeth.

A menção à faca lhe serviu de inspiração.

– Houve uma briga nas estrebarias – improvisou ele. – Dois de seus companheiros começaram um bate-boca. Os cavaleiros conseguiram separá-los, mas parece que um deles está bastante ferido... um ferimento à faca.

– Seu maldito mentiroso – disse Swithin, mas ficou claro que não tinha certeza, e a indecisão esfriou seu ardor.

Atrás de Ned, com hesitação, Nell e Tom por fim adentraram o recinto. A governanta se ajoelhou e começou a recolher pedaços da tigela de frutas quebrada. Tom reforçou a história de Ned.

– Seu homem está perdendo muito sangue, conde Swithin – comentou.

O bom senso começou a prevalecer. Swithin pareceu se dar conta de que não poderia esfaquear impunemente três dos criados de Elizabeth. E seu plano de sedução havia naufragado. Apesar da expressão furiosa no rosto, ele largou a princesa. Ela se afastou na mesma hora, esfregando o pulso.

Com um grunhido de frustração, Swithin saiu da saleta pisando firme.

Ned quase desabou de tanto alívio. Nell começou a chorar. Tom Parry bebeu um gole de xerez direto da jarra.

– Milady, seria melhor que fosse com Nell para seus aposentos particulares e trancasse a porta – instruiu Ned. – Tom, é melhor você e eu desapareçermos também.

– Concordo – disse Elizabeth.

Mas não se retirou de imediato. Em vez disso, chegou mais perto de Ned.

– Não houve briga nenhuma nas estrebarias, houve? – indagou, em voz baixa.

– Não. Foi a única coisa em que consegui pensar assim, de repente.

Ela sorriu.

– Quantos anos você tem, Ned?

– Dezenove.

– Arriscou sua vida por mim.

Ela ficou na ponta dos pés e deu nos lábios de Ned um beijo rápido, porém afetuoso.

– Obrigada.

Então saiu da saleta.

iii

A maioria das pessoas tomava banho duas vezes por ano, na primavera e no outono, mas princesas tinham mania de asseio, e Elizabeth se lavava com mais frequência. O banho era uma operação de grande porte, na qual criadas traziam do fogareiro da cozinha até seu quarto de dormir grandes caçambas de água quente, subindo apressadas a escada para que a água não esfriasse.

Ela tomou banho no dia seguinte à visita de Swithin, como para se limpar do asco. Não dissera mais nada sobre o conde após beijar Ned, mas o rapaz achava que havia conquistado sua confiança.

Ele sabia que tinha ganhado a inimizade de um conde poderoso, mas torcia para isso não durar: apesar de Swithin ter o pavio curto e ser vingativo, achava que ele devia esquecer as coisas depressa. Com sorte, só guardaria rancor de Ned

até um ódio mais forte aparecer.

Sir William Cecil voltara logo após Swithin partir e, já na manhã seguinte, pusera-se a trabalhar com Ned. Seu escritório ficava na mesma ala dos aposentos particulares da princesa. Ele mandou Ned ir ao escritório de Tom Parry buscar um livro em que registrava as despesas de outra das residências de Elizabeth. Quando o rapaz voltava com o pesado livro nas mãos, passou pelo corredor de Elizabeth, cujas tábuas do piso acumulavam poças por causa da água derramada pelas criadas. Ao passar pelo quarto dela, viu que a porta estava aberta e, estúpido, olhou de relance lá para dentro.

A princesa acabara de sair do banho. A banheira em si era protegida por um biombo, mas ela atravessara o quarto para pegar um grande lençol de linho branco que usaria para se secar. Deveria ter havido uma criada aguardando junto à banheira com a toalha na mão e, naturalmente, a porta deveria estar fechada, mas alguém fora preguiçoso, e Elizabeth não tinha paciência para serviços lentos.

Ned nunca vira uma mulher nua. Não tinha irmãs, nunca chegara a esse ponto com nenhuma namorada e jamais pusera os pés num bordel.

Estacou e ficou ali a encará-la. A água quente do banho ainda fumegava de leve, escorrendo dos ombros delicados até os seios miúdos, o quadril redondo e as coxas fortes, musculosas por causa da equitação. A pele era branca como leite e os pelos pubianos tinham um tom maravilhoso entre o ruivo e o dourado. Ned sabia que deveria ter desviado os olhos na hora, mas ficou fascinado e não conseguiu se mexer.

Elizabeth cruzou o olhar com o dele e se espantou, mas só por um segundo. Estendeu a mão e segurou a borda da porta.

Então sorriu.

No instante seguinte, bateu a porta.

Ned tornou a avançar pelo corredor a passos céleres, com o coração batendo feito um tambor. Poderia ser demitido, preso no tronco ou açoitado... ou as três coisas.

Mas Elizabeth sorria.

Fora um sorriso caloroso, simpático, com um leve quê de sedução. Ned podia imaginar uma mulher nua sorrindo assim para o marido ou o amante. O

sorriso parecia dizer que aquele vislumbre de uma beleza proibida era uma dádiva que ela ficara feliz em lhe conceder.

Ele não contou o ocorrido a ninguém.

Nessa noite, ficou esperando uma explosão de raiva que não veio. Elizabeth não mencionou o incidente, nem a ele nem a ninguém. Aos poucos, Ned teve a certeza de que não seria punido. Então começou a se perguntar se aquilo teria de fato acontecido. Mais parecia algo que ele poderia ter sonhado.

Mas iria se lembrar daquela visão pelo resto da vida.

iv

Margery foi beijada por Bart pela primeira vez na casa nova, Priory Gate.

Sir Reginald Fitzgerald, lady Jane e Rollo estavam orgulhosamente mostrando o lugar ao conde Swithin. Margery seguia atrás com Bart, que havia retornado da missão em Combe Harbour agora que a ameaça de uma invasão francesa parecia ter se dissipado. Margery sabia que, conforme prometido, o pai vendera o resto do priorado à Igreja. O preço fora baixo, mas suficiente para financiar a conclusão da casa nova.

Priory Gate era uma construção grandiosa, impressionante e contemporânea, situada na praça do mercado e feita do mesmo calcário claro usado na catedral. Tinha fileiras de grandes janelas e altas chaminés agrupadas. Lá dentro parecia haver escadarias por toda parte, além de lareiras às dezenas. Um cheiro de tinta nova pairava no ar, algumas das chaminés vazavam fumaça e várias das portas não fechavam direito, mas a casa era habitável, e os criados já estavam trazendo os móveis da antiga residência na rua principal.

Margery não queria morar ali. Para ela, Priory Gate teria para sempre o cheiro de fraude e banho de sangue. Philbert Copley fora queimado na fogueira e Alice Willard arruinada para que aquela casa fosse concluída. Ambos haviam cometido pecados, claro, de forma que precisavam ser punidos, mas Margery tinha valores muito bem definidos e não se deixaria enganar; sabia que os motivos das sentenças tão severas haviam sido imorais. O bispo Julius conseguira o priorado de volta para a catedral e o pai de Margery ganhara muito dinheiro que na realidade não lhe pertencia.

Não cabia a uma simples jovem pensar coisas desse tipo, mas ela não conseguia evitar, e aquilo a deixava com raiva. O mau comportamento de bispos e católicos proeminentes era um dos fatores que impulsionava o protestantismo... Será que eles não viam isso? Mas não havia nada que pudesse fazer a não ser ferver de raiva.

Quando o grupo adentrou a Galeria Longa, Bart atrasou o passo, segurou Margery pelo cotovelo e a puxou. Então, uma vez que os outros saíram do campo de visão, ele a beijou.

Bart era um rapaz alto, bonito e bem-vestido, e Margery sabia que deveria amá-lo, pois ele fora escolhido para ser seu marido por seus pais, cuja autoridade sobre ela fora imposta por Deus. Assim, abriu a boca para retribuir o beijo e permitiu que ele explorasse seu corpo, apalpasse os seios e até pressionasse a mão entre suas pernas. Foi difícil, sobretudo porque ela não parava de lembrar que Ned a beijara naquela mesma casa ainda em obras. Tentou invocar as mesmas sensações que costumavam acometê-la com Ned. Não funcionou de todo, mas o suplício ficou um pouco mais suportável.

Ela interrompeu o abraço e deu com Swithin a observá-los.

– Estávamos nos perguntando aonde vocês dois tinham ido parar – disse o conde, dando então um sorriso cúmplice e uma piscadela lasciva.

Margery ficou muito incomodada com o fato de ele ter ficado ali, observando, até que ela reparasse em sua presença.

O grupo se sentou no cômodo designado como saleta de sir Reginald para conversar sobre o casamento. Faltava apenas um mês. Margery e Bart se casariam na catedral de Kingsbridge e haveria um banquete ali, na casa nova. Ela havia encomendado um vestido de seda azul-clara e um rebuscado arranjo de cabeça no estilo alegre que tanto adorava. O conde Swithin quis saber todos os detalhes da roupa, quase como se ele próprio a fosse desposar. Seus pais também precisavam mandar fazer roupas novas, e havia uma centena de outras decisões a tomar. Além dos divertimentos, haveria também comes e bebes para os convidados, e sir Reginald teria de servir cerveja de graça a todos que aparecessem no portão.

Estavam debatendo qual peça teatral seria adequada para concluir as festividades quando Percy, o chefe dos cavaleiros, entrou acompanhado por um

rapaz de roupas sujas pela poeira da estrada.

– Um mensageiro de Londres, sir Reginald – disse o criado. – Ele me garantiu que o senhor iria querer saber destas notícias imediatamente.

Sir Reginald olhou para o mensageiro.

– O que foi?

– Trago uma carta de Davy Miller, senhor.

Miller era o representante de negócios de Reginald em Londres. O mensageiro lhe estendeu uma carteira de couro fina.

– Diga-me qual é a mensagem, homem – ordenou sir Reginald com impaciência.

– A rainha está doente.

– O que ela tem?

– Segundo os médicos, um tumor maligno em suas partes femininas está fazendo o ventre inchar.

– Ah – fez Rollo. – Aquelas gestações falsas...

– É tão grave que ela às vezes chega a desmaiar.

– Pobre rainha – disse Margery.

Maria Tudor lhe provocava sentimentos dúbios. A rainha era uma mulher admirável por sua força de caráter e devoção, mas era errado queimar protestantes na fogueira. Por que as pessoas não podiam ser ao mesmo tempo devotas e misericordiosas, como Jesus Cristo?

– Qual é o prognóstico? – indagou Rollo, preocupado.

– Ao que parece, talvez leve alguns meses para morrer, mas é certo que ela não vai se recuperar da doença.

Margery viu Rollo empalidecer de leve e, um segundo depois, compreendeu por quê.

– Essa é a pior notícia possível – disse ele. – Maria Tudor não tem filhos, e a jovem Maria Stuart se tornou uma sucessora menos atraente depois de se casar com aquele famigerado menino francês. Isso faz de Elizabeth Tudor a candidata mais forte... e todos os nossos esforços para controlá-la fracassaram.

Rollo tinha razão. Margery não havia entendido isso tão depressa quanto o irmão, mas, assim que o ouviu falar, compreendeu. Seu pai e o conde também. A Inglaterra corria o risco de afundar outra vez no pântano da heresia. Ela

estremeceu.

– Elizabeth não pode virar rainha! – exclamou Swithin. – Seria uma catástrofe!

Margery olhou para Bart, mas ele parecia entediado. Seu futuro marido não tinha paciência para política. Preferia falar sobre cavalos e cachorros. Ela ficou irritada: aquele assunto era o seu futuro!

– Maria Stuart é casada com o delfim francês, e o povo inglês não quer outro rei estrangeiro – raciocinou Reginald.

– O povo inglês não vai poder opinar nessa questão – grunhiu Swithin. – É só dizer a eles agora que a próxima soberana será Maria Stuart. Quando o fato se concretizar, eles já terão se acostumado com a ideia.

Margery pensou que isso era desejar demais, e o comentário seguinte do pai mostrou que ele concordava com ela.

– Nós podemos dizer qualquer coisa ao povo – falou Reginald. – Mas eles vão acreditar?

Quem respondeu foi Rollo.

– Talvez acreditem – disse ele com um ar especulativo.

Margery pôde ver que a linha de raciocínio dele estava sendo improvisada ali; mesmo assim, o que dizia fazia sentido.

– Principalmente se o rei Filipe nos apoiasse – emendou Rollo.

– Pode ser – concordou sir Reginald. – Primeiro teríamos de falar com o rei Filipe.

Margery começou a ver um lampejo de esperança.

– Então vamos fazer isso – disse Rollo.

– Onde ele está agora?

– Em Bruxelas, liderando um exército contra os franceses. Mas a guerra já praticamente acabou.

– Talvez tenhamos de ser rápidos, se a rainha estiver tão doente quanto parece.

– Sim. Podemos conseguir transporte de Combe Harbour até a Antuérpia... Dan Copley tem navios zarpando para lá toda semana. Da Antuérpia até Bruxelas é um dia de viagem. Voltaremos a tempo para o casamento.

Que ironia, pensou Margery, eles serem obrigados a depender de Dan Copley

para transportá-los naquela missão.

– O rei vai nos receber? – indagou Rollo.

Quem respondeu foi Swithin:

– A mim ele receberia. A Inglaterra é um dos seus reinos, e eu sou um dos nobres mais graduados daqui. Além do mais, ele já se hospedou em New Castle uma vez, depois do casamento, durante uma viagem de Winchester até Londres.

Os três homens se entreolharam, Reginald, Rollo e Swithin.

– Muito bem – disse Reginald. – Vamos a Bruxelas.

Margery se sentiu melhor. Pelo menos eles estavam fazendo alguma coisa.

Rollo se levantou.

– Vou conversar com Dan sobre o navio – falou. – Não podemos nos dar ao luxo de perder tempo.

v

Ned Willard não queria ir a Kingsbridge para o casamento de Margery, mas precisava. A cerimônia era um pretexto bom demais para sua missão secreta.

Em outubro, fez o caminho inverso de sua viagem de julho, só que a cavalo dessa vez. A missão não podia esperar. A rainha estava à beira da morte; tudo agora era urgente.

Sua mãe parecia ter encolhido. Não era tanto uma questão física, pois Alice continuava bastante pesada, mas parecia não lhe restar ânimo. Em junho, ele mal tinha acreditado quando ela dissera: “Estou com quase 50 anos... Não tenho energia para isso.” Meses depois, contudo, ela continuava desanimada e letárgica. Foi quando Ned teve certeza de que a mãe jamais iria reerguer o negócio da família. Isso o fez trincar os dentes de raiva.

Mas as coisas iriam mudar. Ned era integrante do grupo que iria vencer homens da laia do bispo Julius e sir Reginald. Fazer parte da casa real de Elizabeth o deixava empolgado. Tanto Cecil quanto a princesa gostavam dele, sobretudo desde que enfrentara Swithin. Uma onda de expectativa e ansiedade o dominava toda vez que pensava em como eles iriam mudar o mundo juntos. Primeiro, porém, precisavam sentar Elizabeth no trono da Inglaterra.

Ficou aguardando a noiva na praça do mercado ao lado da mãe. Um vento

frio e revigorante soprava do norte pelo espaço aberto. Como sempre, o casal trocava os votos sob a marquise da catedral, em seguida entraria para a missa matrimonial. O povo de Kingsbridge proporcionou a Ned uma acolhida calorosa. A maioria sentia que a família do rapaz fora injustiçada.

Swithin e Bart estavam de pé na frente da multidão, e o noivo usava um gibão amarelo novo. Ainda não havia sinal da noiva. Estaria Margery feliz ou triste? Estaria de coração partido, vendo a vida arruinada por não se casar com Ned? Ou a essa altura já teria superado o amor e começado a apreciar o novo papel junto ao visconde de Shiring? Ned não saberia dizer qual dessas alternativas seria mais difícil de suportar.

Mas na verdade não estava ali por causa de Margery. Vasculhou a multidão à procura dos protestantes. Encontrou Dan Copley e deu início à missão.

Fingindo um ar casual, atravessou a praça para falar com Dan, que estava em pé junto ao canto noroeste da catedral. Embora fizesse apenas três meses que Ned não o via, o rapaz parecia mudado: perdera algum peso e seu rosto, além de mais magro, tinha um aspecto mais duro. A mudança deixou Ned satisfeito, pois a missão era transformar Dan num líder militar.

Não seria fácil.

Após trocar amenidades, ele conduziu Dan até atrás de um grosso pilar e disse em voz baixa:

- A rainha está lutando pela vida.
- Foi o que ouvi dizer – respondeu o outro com cautela.

Ned desanimou ao constatar que Dan não confiava nele, mas entendia por quê. Os Willards haviam trocado o catolicismo pelo protestantismo e vice-versa com muita facilidade para o gosto de Dan. Agora, Dan não tinha certeza sobre qual era de fato a sua posição.

– A sucessão está em disputa entre Elizabeth Tudor e Maria Stuart – disse Ned. – Maria tem 15 anos e um marido de saúde frágil mais novo ainda: seria uma rainha fraca dominada pelos tios franceses, os Guises... que são católicos fervorosos. É preciso temê-la.

- Mas Elizabeth frequenta missas.
- E talvez continue a frequentar após se tornar rainha... Ninguém sabe.

Não era verdade. Ned e todos os que eram próximos a Elizabeth tinham

certeza de que ela se tornaria abertamente protestante assim que pudesse, pois era a única forma de se livrar do jugo da Igreja. No entanto, para desarmar a oposição, não diriam isso. Ned havia aprendido que, no mundo dos reis e cortesãos, ninguém dizia a verdade o tempo inteiro.

– Nesse caso, por que eu deveria me importar se a nossa próxima soberana será Elizabeth Tudor ou Maria Stuart? – indagou Dan.

– Se Elizabeth virar rainha, não vai queimar protestantes devido às suas crenças.

Essa parte era verdade.

Diante desse lembrete da terrível morte do pai, a fúria chispou nos olhos de Dan. Mas ele conseguiu se controlar.

– Falar é fácil.

– Seja realista. Você quer o fim da matança de protestantes. Elizabeth não é apenas a melhor esperança para que isso aconteça; é a única esperança.

Ned imaginou que Dan não queria acreditar, mas também viu nos olhos dele que o rapaz reconheceu a verdade. Sentiu-se um passo mais próximo de seu objetivo.

– Por que está me dizendo isso? – questionou Dan, inseguro.

Ned respondeu à pergunta com outra:

– Quantos protestantes existem em Kingsbridge agora?

Dan fez uma cara obstinada e não respondeu.

– Precisa confiar em mim – disse Ned com urgência. – Vamos lá!

– No mínimo dois mil – respondeu Dan por fim.

– O quê? – Aquilo era uma surpresa agradável para Ned. – Imaginei que fossem no máximo umas poucas centenas.

– Existe mais de um grupo – revelou Dan. – E os números aumentaram desde junho.

– Por causa do que aconteceu com o seu pai?

Dan fez uma cara amargurada.

– Mais por causa do que aconteceu com a sua mãe. As pessoas estão com medo de fazer negócios. Agora nenhum acordo é seguro. Muitas dessas pessoas não ligam para um mártir protestante, mas não podem viver com uma Igreja que rouba o seu dinheiro.

Ned aquiesceu. Desconfiava que Dan tivesse razão. Poucas pessoas eram arrebatadas por disputas religiosas, mas todos precisavam ganhar a vida, e uma Igreja que os impedia de fazer isso estava fadada a ter problemas.

– Vim de Hatfield até aqui lhe fazer uma pergunta, Dan, e posso estar correndo perigo pelo simples fato de verbalizá-la, de modo que, por favor, pense bem antes de responder.

Dan pareceu amedrontado.

– Não vá me envolver em nada que possam considerar traição!

Era exatamente o que Ned estava prestes a fazer.

– Desses dois mil protestantes, quantos homens capazes você conseguiria reunir, quando a rainha morrer, para lutar por Elizabeth contra os defensores de Maria Stuart?

Dan olhou para o outro lado.

– Não tenho a menor ideia.

Ned sabia que ele estava sendo evasivo. Chegou mais perto e insistiu:

– E se um grupo de nobres católicos, liderado talvez pelo conde Swithin, reunisse um exército para marchar até Hatfield na intenção de prender Elizabeth enquanto esperam Maria Stuart e os tios chegarem da França? Você ficaria parado e deixaria isso acontecer?

– Quatrocentos homens de Kingsbridge não vão fazer diferença nenhuma.

Então o número era quatrocentos, pensou Ned. Era a informação de que necessitava. Ficou contente: era mais do que ele esperava.

– Acha que vocês são os únicos protestantes valentes da Inglaterra? – instigou Ned, e baixou ainda mais a voz para revelar: – Todas as cidades deste país têm um grupo como o seu pronto para marchar até Hatfield e defender Elizabeth. Basta que ela dê a ordem.

Pela primeira vez, o rosto de Dan se acendeu de esperança... ainda que fosse uma esperança de vingança.

– É verdade? – indagou ele.

Havia certo exagero, porém não era de todo mentira.

– Se você quiser liberdade para cultuar Deus do jeito que acredita tão fervorosamente ser o certo... e fazer isso sem temer ser queimado vivo na fogueira... então você precisa estar disposto a lutar. E, quando digo lutar, estou

falando em espadas.

Dan aquiesceu, pensativo.

– E tem mais uma coisa que você precisa fazer – prosseguiu Ned. – Descubra o que o conde Swithin e Reginald estão tramando. Despache um mensageiro veloz até Hatfield para me avisar se eles fizerem qualquer coisa fora do normal, como estocar armas. O segredo é obter informações com a maior antecipação possível.

Dan não disse nada. Ned o encarou à espera de uma resposta, torcendo para que concordasse.

– Vou pensar no que você propôs – falou Dan por fim e se afastou.

Ned sentiu-se frustrado. Estava confiante de que Dan ficaria ansioso para vingar a morte do pai liderando uma milícia de Kingsbridge para lutar por Elizabeth. Garantira a sir William Cecil que isso iria acontecer. Talvez houvesse sido confiante demais.

Desencorajado, tornou a atravessar a praça de volta ao lugar onde a mãe estava. No meio do caminho, deu de cara com Rollo Fitzgerald, que perguntou:

– Quais as últimas notícias da rainha?

Ninguém pensava em outra coisa, claro.

– Ela está muito doente – respondeu Ned.

– Há boatos de que Elizabeth pretende autorizar o protestantismo caso se torne rainha – disse Rollo, em tom de acusação.

– Boatos? É mesmo?

Ned não tinha a menor intenção de entrar naquele tipo de conversa. Moveu-se para contornar Rollo.

Mas o outro rapaz o impediu de passar.

– Ou mesmo de que ela vá entregar a Inglaterra à heresia, como fez o pai – insistiu e empinou o queixo, agressivo. – É verdade?

– Quem lhe disse isso?

– Pense no seguinte – falou Rollo, capaz de ignorar uma pergunta com a mesma facilidade que Ned. – Se ela tentar, quem vai se opor? Roma, é claro.

– De fato – concordou Ned. – A política do papa em relação aos protestantes é o extermínio.

Rollo levou as mãos ao quadril e inclinou o corpo para a frente numa atitude

beligerante. Ned conhecia aquela postura desde os tempos de escola: era Rollo em sua versão truculenta.

– Ela também vai enfrentar a oposição do rei da Espanha, o homem mais rico e poderoso do mundo.

– Pode ser.

A posição da Espanha não era tão simples, mas com certeza havia certo risco de que o rei Filipe tentasse prejudicar Elizabeth.

– E do rei da França, o segundo mais poderoso.

– Hum.

Esse também era um perigo real.

– Sem falar no rei de Portugal e na rainha da Escócia.

Ned fingia indiferença, mas, por mais consternador que fosse, Rollo tinha razão. Quase toda a Europa iria se voltar contra Elizabeth caso ela fizesse o que Ned sabia perfeitamente que pretendia fazer. Nada daquilo era novidade para ele, mas o resumo de Rollo enfatizava cada elemento a ponto de causar arrepios.

– E quem iria apoiá-la? – prosseguiu Rollo. – O rei da Suécia e a rainha de Navarra.

Navarra era um pequeno reino entre a Espanha e a França.

– O quadro que você pinta é dramático.

Rollo se aproximou dele a ponto de ser inconveniente. Era um rapaz alto e assomou de forma ameaçadora sobre Ned.

– Ela seria extremamente tola de brigar com tantos homens poderosos – sentenciou.

– Dê um passo para trás, Rollo – disse Ned. – Do contrário, prometo que vou agarrá-lo com as duas mãos e derrubá-lo no chão.

Rollo adotou uma expressão de incerteza. Ned levou uma das mãos ao ombro do outro num gesto que poderia ter sido de amizade e falou:

– Não vou falar duas vezes.

Rollo retirou a mão dele com um tranco, mas em seguida lhe deu as costas.

– É assim que Elizabeth e eu lidamos com quem tenta nos intimidar – disse Ned.

Ouviu-se uma fanfarra de clarins, e a noiva surgiu.

Ned prendeu a respiração. Margery estava esplendorosa. Usava um vestido

fino azul-celeste com uma saia de um azul mais escuro por baixo. A roupa tinha um colarinho alto atrás que criava um efeito dramático, como se fosse um leque a emoldurar os cabelos cacheados. O arranjo de cabeça, cravejado de pedras preciosas, tinha uma pluma espetada num ângulo oblíquo.

Ned ouviu um grupo de moças ali perto dar murmúrios de aprovação. Ao olhar de relance para seus rostos, viu principalmente inveja. Ocorreu-lhe que Margery fisgara o homem que todas elas queriam. Bart devia ser o solteiro mais cobiçado de todo o condado. Para aquelas moças, ela ganhara o primeiro prêmio. Como estavam enganadas.

Sir Reginald vinha andando junto com a filha, todo orgulhoso num gibão de lindíssima seda vermelha bordado com fios de ouro. Aquilo fez Ned se contorcer de raiva. Ele pagou tudo isso com o dinheiro da minha mãe, pensou.

Ned observou a expressão de Margery enquanto ela atravessava a praça, parecendo pequenina e indefesa conforme se aproximava das imensas pedras da fachada oeste da catedral. O que ela estaria pensando? Os lábios estavam imobilizados num meio sorriso, e ela não parava de olhar para um lado e outro e menear a cabeça para amigos. Parecia segura e orgulhosa. Mas Ned sabia que não. Serenidade não era uma das características dela. A verdadeira Margery era brincalhona, travessa, bem-humorada e divertida. Nesse dia não restava nenhum vestígio de riso. Ela estava atuando, como o menino que interpretara Maria Madalena na peça de teatro.

Ao passar por Ned, seu olhar cruzou com o dele.

Não sabia que ele estaria presente. Levou um susto e arregalou os olhos. Desviou o olhar na mesma hora, mas havia perdido o autocontrole. Seu sorriso fraquejou e, um segundo depois, ela tropeçou.

Por instinto, Ned chegou a dar um passo à frente para ampará-la, mas eles estavam a metros de distância. Sir Reginald, que estava ao lado da filha, segurou-a pelo braço. Mas ele demorou a reagir e não conseguiu evitar a queda. Ela caiu de joelhos no chão.

A multidão deu um arquejo. Um tombo a caminho do altar era o pior presságio possível para a vida de casado.

Margery passou mais alguns segundos ajoelhada, recobrando o fôlego e tentando recuperar a compostura, com a família reunida à sua volta. Ned era uma

das muitas pessoas que tentavam olhar por cima dos ombros dos parentes para ver se a noiva estava bem. Os mais afastados perguntavam uns aos outros o que havia acontecido.

Então Margery tornou a se levantar e pareceu razoavelmente firme. Seu rosto voltou a adquirir a mesma expressão controlada. Ela olhou em volta com um sorriso desolado, como quem se compadece da própria falta de jeito.

Por fim, deu um passo à frente e prosseguiu em direção à marquise da catedral.

Ned ficou onde estava. Não precisava assistir à cerimônia de perto. A mulher que ele amava estava entregando a vida a outro homem. Margery era uma moça que levava promessas a sério: para ela, um voto era algo sagrado. Quando dissesse o sim, não haveria volta. Ned sabia que a perderia para sempre.

Após a troca de votos, todos entraram na catedral para a missa de casamento.

Ned entou as orações encarando as pilastras esculpidas e os arcos altíssimos, mas nesse dia o ritmo atemporal das colunas e curvas repetidas não conseguiu aplacar sua alma ferida. Sabia que Bart iria fazer Margery infeliz. O pensamento que não parava de lhe ocorrer – e que ele não conseguia reprimir por mais que tentasse – era que, naquela mesma noite, Bart, aquele tolo estúpido de gibão amarelo, iria se deitar com Margery e fazer com ela todas as coisas pelas quais o próprio Ned sempre ansiara.

Então acabou, e eles viraram marido e mulher.

Ned saiu da catedral. Agora não restavam nem incerteza nem esperança. Iria passar a vida sem Margery.

Teve certeza de que nunca mais amaria ninguém. Permaneceria solteiro até o fim da vida. Pelo menos agradeceu por ter uma nova carreira com a qual estava tão comprometido. Era como se o trabalho para Elizabeth o possuísse. Se ele não podia passar a vida com Margery, pelo menos iria se dedicar a Elizabeth. É claro que o ideal de tolerância religiosa da princesa era radical. Quase o mundo inteiro considerava repulsivamente permissivo e totalmente insano deixar que todos louvassem a Deus como bem entendessem. Para Ned, insana era a maioria, e os sãos eram aqueles que pensavam como Elizabeth.

A vida sem Margery seria triste, mas não inútil.

Ele já impressionara Elizabeth uma vez, por seu modo de lidar com o conde

Swithin. Agora precisava fazer isso de novo ao recrutar Dan Copley e os protestantes de Kingsbridge como soldados para seu exército.

Ventava e ele parou na praça para olhar em volta à procura de Dan, que não comparecera ao casamento. Decerto passara a última hora pensando na proposta de Ned. De quanto tempo será que iria precisar? Ned o viu no cemitério e foi se juntar a ele.

Não havia sepultura para Philbert Copley: hereges não tinham direito a um enterro cristão. Dan estava em pé diante do túmulo dos avós, Adam e Deborah Copley.

– Recolhemos algumas cinzas sem ninguém ver depois da execução – disse Dan. Seu rosto estava banhado em lágrimas. – Trouxemos para cá na mesma noite e as enterramos ao anoitecer. Vamos vê-lo de novo no dia do Juízo Final.

Ned não gostava de Dan, mas se compadeceu mesmo assim.

– Amém – falou. – Mas ainda falta muito tempo para o dia do Juízo Final e, até lá, temos de fazer o trabalho de Deus aqui na terra.

– Vou ajudar vocês – declarou Dan.

– Que ótimo!

Ned ficou feliz. Sua missão fora cumprida. Elizabeth ficaria satisfeita.

– Eu deveria ter dito sim na hora, mas agora sou cauteloso.

Era compreensível, pensou Ned. Mas não quis se demorar pensando no passado, não agora que Dan havia se comprometido. Adotou um tom enérgico e prático:

– Você precisa nomear dez capitães, cada um responsável por quarenta homens. Nem todos vão ter espadas, mas diga-lhes que arrumem boas adagas ou martelos. Correntes de ferro também são úteis como arma.

– É esse o conselho que vocês dão a todas as milícias protestantes?

– Exato. Precisamos de homens disciplinados. Você tem de levá-los para um descampado e fazê-los marchar de um lado para outro. Dito assim, parece bobagem, mas qualquer coisa que os acostume a se mover num mesmo ritmo serve.

Ned não estava falando por experiência própria: apenas repetia o que Cecil dissera.

– Pode ser que nos vejam marchando – comentou Dan, incerto.

– Não se forem discretos.

Dan aquiesceu.

– Tem mais uma coisa – disse ele. – Você quer saber o que Swithin e os Fitzgeralds andam fazendo, certo?

– Sim, quero muito.

– Eles foram a Bruxelas.

O mundo de Ned caiu.

– O quê? Quando?

– Quatro semanas atrás. Sei porque viajaram num navio meu. Nós os levamos até a Antuérpia e os ouvimos contratar um guia para levá-los até Bruxelas. Eles voltaram num navio meu também. Tiveram medo de talvez precisarem adiar o casamento, mas chegaram faz três dias.

– O rei Filipe está em Bruxelas.

– Pelo que eu soube, sim.

Ned tentou analisar aquela informação como William Cecil faria e, na sua mente, os dominós foram caindo, um a um. Por que Swithin e os Fitzgeralds procurariam o rei Filipe? Para conversar sobre quem governaria a Inglaterra quando Maria Tudor morresse. O que diriam a Filipe? Que Maria Stuart deveria ser a rainha, não Elizabeth Tudor.

Eles deviam ter pedido que Filipe apoiasse Maria Stuart.

E, se Filipe tivesse concordado, Elizabeth estaria em apuros.

vi

Ned ficou ainda mais preocupado ao ver a reação de Cecil.

– Não esperava que o rei Filipe apoiasse Elizabeth, mas torcia para que ele ficasse fora disso – comentou o patrão, aflito.

– Por que ele não apoiaria Maria Stuart?

– Preocupa-o o fato de a Inglaterra ficar sob controle dos tios franceses dela. Ele não quer uma França poderosa demais. Assim, por mais que deseje que voltemos a ser católicos, está dividido. Não quero que o convençam a apoiar Maria Stuart.

Ned não pensara nisso. Era incrível como Cecil tantas vezes destacava

questões que ele não cogitara. Estava aprendendo depressa, mas tinha a impressão de que jamais dominaria a complexidade da diplomacia internacional.

Cecil passou o dia inteiro de mau humor, tentando pensar em algo que pudesse fazer ou dizer para desencorajar a interferência do monarca espanhol. Então ele e Ned foram falar com o conde de Feria.

Ned já havia encontrado o cortesão espanhol uma vez, no verão, quando ele visitara Hatfield. Elizabeth gostara de recebê-lo e interpretara a sua visita como um sinal de que seu líder, o rei Filipe, talvez não fosse tão implacavelmente contra ela. Jogara todo o seu charme no conde, que fora embora levemente apaixonado por ela. No entanto, nada era bem o que parecia no mundo das relações internacionais. Ned não tinha certeza do que significava Feria sentir-se atraído por Elizabeth. Ele era um diplomata hábil, cortês com todos, mas implacável.

Cecil e Ned se encontraram com Feria em Londres.

A cidade era pequena se comparada a Antuérpia, Paris ou Sevilha, mas constituía o coração da franca expansão comercial da Inglaterra. De Londres, uma estrada rumava para o oeste ao longo do rio, passando por palácios e mansões cujos jardins se estendiam até a margem. A três quilômetros de distância ficava Westminster, sede do governo. Em White Hall, Westminster Yard e no Palácio de St. James nobres, conselheiros e cortesãos se reuniam para criar as leis que possibilitavam aos comerciantes fazer negócios.

Feria tinha aposentos no heterogêneo conjunto de construções conhecido como Palácio de White Hall. Cecil e Ned tiveram sorte: pegaram-no quando estava prestes a voltar para junto de seu rei em Bruxelas.

Cecil não falava espanhol fluente, mas por sorte Feria dominava o inglês. Cecil fingiu que vinha passando ao acaso por sua porta e resolveu aproveitar para lhe apresentar seus cumprimentos. Educado, Feria fingiu acreditar. Os dois passaram alguns minutos nesse balé, trocando banalidades.

Havia muito em jogo por trás daquelas cortesias. O rei Filipe acreditava ser seu dever sagrado apoiar a Igreja Católica, por isso era bastante possível que Swithin e sir Reginald tivessem convencido o monarca espanhol a se opor a Elizabeth.

Uma vez encerradas as formalidades, Cecil disse:

– Unidas, a Inglaterra e a Espanha quase conseguiram derrotar a França e a Escócia.

Ned reparou na estranheza da frase. A Inglaterra pouco tinha a ver com a guerra: quem a estava vencendo era a Espanha. Já a Escócia era quase irrelevante. Mas Cecil estava lembrando a Feria quem eram seus amigos.

– A guerra está quase ganha.

– O rei Filipe deve estar contente.

– E muito agradecido pela ajuda de seus súditos ingleses.

Cecil agradeceu o comentário com um meneio de cabeça e foi direto ao assunto:

– Falando nisso, o senhor recentemente esteve em contato com Maria Stuart, rainha da Escócia?

A pergunta surpreendeu Ned. Cecil não lhe revelara o que planejava dizer.

Feria também se espantou.

– Meu Deus, não – respondeu ele. – Por que cargas-d’água o senhor iria querer que eu me comunicasse com ela?

– Ah, não estou dizendo que deveria... embora eu, no seu lugar, o fizesse.

– Por quê?

– Bem, ainda que não passe de uma menina, ela pode ser a próxima rainha da Inglaterra.

– Isso também poderia ser dito sobre a princesa Elizabeth.

Ned franziu o cenho. Se Feria achava que Elizabeth não passava de uma menina, estava equivocado. Talvez não fosse tão astuto quanto diziam.

Cecil ignorou o comentário.

– Na verdade, soube que o rei Filipe foi convocado a apoiar a escocesa Maria quando ela reivindicar o trono da Inglaterra.

Cecil fez uma pausa para dar uma chance a Feria de negar. O espanhol nada disse, contudo. Ned concluiu que sua suposição estava correta: Swithin e Reginald tinham pedido o apoio de Filipe a Maria Stuart.

– No seu lugar, eu pediria a Maria Stuart um compromisso bem específico – retomou Cecil. – Iria querer uma garantia dela de que, sob o seu reinado, a Inglaterra não mudaria de lado e uniria forças com a França e a Escócia contra a Espanha. Afinal de contas, a esta altura, esse é praticamente o único

acontecimento capaz de impedir que a Espanha ganhe a guerra.

Ned ficou maravilhado. A imaginação de Cecil bolara o cenário perfeito para assustar Feria... e seu líder, o rei da Espanha.

– O senhor não acha isso possível, acha? – indagou o espanhol.

– Acho inevitável – respondeu Cecil, embora Ned tivesse certeza de que ele não pensava assim. – Maria Stuart tecnicamente governa a Escócia, embora quem atue no seu lugar seja a mãe. E o marido de Maria é o herdeiro do trono francês. Como ela poderia ser desleal com seus dois países? Com certeza vai virar a Inglaterra contra a Espanha... a menos que o senhor faça alguma coisa agora para impedir.

Feria aquiesceu, pensativo.

– E imagino que o senhor tenha uma sugestão – disse ele.

Cecil deu de ombros.

– Mal me atrevo a dar conselhos ao mais ilustre diplomata da Europa.

Cecil também sabia ser dissimulado quando necessário.

– Mas, se o rei Filipe estiver mesmo considerando um pedido de católicos ingleses para que apoie Maria Stuart – continuou Cecil –, acredito que seja bastante razoável que Sua Majestade primeiro peça a ela uma garantia de que, como soberana, não vá declarar guerra à Espanha. Ele poderia apresentar isso como condição para seu apoio.

– Poderia – repetiu Feria, num tom neutro.

Ned estava confuso. Cecil deveria convencer Feria a não apoiar Maria Stuart. Em vez disso, parecia estar sugerindo como o rei Filipe poderia contornar o principal problema. Será que havia alguma outra coisa que Ned não estava vendo?

Cecil se levantou.

– Alegro-me por termos tido a oportunidade de conversar – falou. – Só passei para desejar *bon voyage*.

– É sempre um prazer vê-lo. Queira transmitir meus respeitos à formosa Elizabeth.

– Transmitirei. Ela ficará satisfeita.

Assim que eles saíram, Ned falou:

– Não estou entendendo! Por que o senhor deu aquela útil sugestão de pedir

uma garantia a Maria Stuart?

Cecil sorriu.

– Em primeiro lugar, Henrique da França jamais vai permitir que a nora faça uma promessa dessas.

Nisso Ned não pensara. Maria tinha só 15 anos, não podia fazer nada sem aprovação.

– Em segundo lugar, a garantia dela seria inútil – prosseguiu Cecil. – Ela poderia simplesmente voltar atrás depois de subir ao trono. E não haveria nada que qualquer um pudesse fazer para cobrar a promessa.

– E o rei Filipe vai pensar nesses dois problemas.

– Caso não veja, o conde de Feria vai apontá-los.

– Então por que fazer a sugestão?

– Porque era a maneira mais rápida de alertar Feria e Filipe quanto aos riscos de apoiar Maria Stuart. Feria não vai acatar minha sugestão, mas já deve estar tentando descobrir o que mais poderia fazer para proteger a Espanha. E em breve Filipe também estará pensando na mesma coisa.

– E o que eles vão fazer?

– Eu não sei... mas sei o que eles *não* vão fazer. Não vão ajudar o conde Swithin e sir Reginald. Não vão apoiar a campanha em favor de Maria Stuart. E isso nos dá muito mais esperanças.

vii

A despedida da rainha Maria Tudor de sua vida terrena foi gradual e majestosa, como um colossal galeão se afastando devagar do cais.

À medida que Maria ficava mais fraca e passava mais tempo na cama em seus aposentos particulares no Palácio de St. James, Elizabeth recebia cada vez mais visitantes em Hatfield. Representantes de famílias nobres e negociantes prósperos vinham lhe dizer como estavam insatisfeitos com a perseguição religiosa. Outros enviavam mensagens oferecendo-se para fazer tudo o que pudessem por ela. Elizabeth passava metade do dia ditando para secretários, despachando uma chuva de curtos bilhetes de agradecimento às pessoas por sua lealdade e firmando amizades. O recado implícito em cada missiva era: *Serei*

uma rainha decidida e me lembrarei daqueles que me ajudaram desde o início.

Ned e Tom Parry ficaram responsáveis pelos preparativos militares. Requisitaram uma residência próxima chamada Bocket Hall e montaram seu quartel-general nela. De lá mantinham contato com os partidários de Elizabeth nas cidades do interior, preparando-se para enfrentar um levante católico. Ned fazia a soma de quantos soldados poderiam reunir, calculava quanto tempo cada grupo levaria para chegar a Hatfield e tentava providenciar armas para todos.

A astuta intervenção de Cecil junto ao conde de Feria fora eficaz. O espanhol voltara à Inglaterra na segunda semana de novembro. Reunira-se com o Conselho Privado, o mais poderoso grupo de conselheiros reais, e dissera que o rei Filipe apoiava Elizabeth como herdeira do trono. A rainha Maria, até onde era capaz de fazer qualquer coisa, parecia ter aceitado a decisão do marido.

Feria então fora a Hatfield.

Entrou todo sorrisos, um homem trazendo boas-novas para uma mulher cativante. Os espanhóis eram o povo mais rico do mundo, e Feria usava um gibão vermelho cortado de forma a mostrar o forro dourado. Sua capa negra tinha forro vermelho e era bordada a fio de ouro. Ned nunca vira alguém parecer tão satisfeito consigo mesmo.

– Milady, trago-lhe um presente – disse ele.

Junto com Elizabeth e Feria no recinto estavam Cecil, Tom Parry e Ned.

Como gostava de presentes, mas detestava surpresas, Elizabeth respondeu resabiada:

– Quanta gentileza.

– Um presente do meu líder e do seu, o rei Filipe – continuou Feria.

Tecnicamente, Filipe era o líder de Elizabeth, pois Maria Tudor continuava viva e ainda era rainha da Inglaterra, portanto seu marido era o rei. Mas Elizabeth não gostou de ser lembrada disso. Ned observou os sinais: o queixo levemente empinado, um esboço de franzido no cenho pálido, um retesamento quase imperceptível do corpo na cadeira de carvalho. Feria, porém, nada percebeu.

– O rei Filipe lhe concede o trono da Inglaterra – falou o diplomata, que deu um passo para trás e fez uma reverência, como se esperasse uma salva de palmas ou um beijo.

Apesar de Elizabeth exibir um semblante calmo, Ned pôde ver que ela raciocinava depressa. Feria trazia boas notícias, mas dadas com enorme condescendência. O que Elizabeth iria dizer?

– Permita-me ser o primeiro a lhe dar os parabéns... Majestade – falou Feria após alguns instantes.

Elizabeth aquiesceu regamente, mas permaneceu calada. Ned sabia que aquele silêncio era um mau presságio.

– Já informei o Conselho Privado da decisão do rei Filipe – acrescentou Feria.

– Minha irmã está morrendo e eu vou ser rainha – disse Elizabeth. – Sinto uma espécie de alegria derrotada, satisfação e tristeza em igual medida.

Ned pensou que ela decerto preparara essas palavras.

– Apesar da doença, a rainha Maria pôde ratificar a decisão do marido – prosseguiu Feria.

A atitude do conde sofreu uma mudança sutil, que fez Ned desconfiar que ele agora estivesse mentindo.

– Ela a designou sua herdeira, com a condição de que a senhora mantenha a Inglaterra católica – anunciou o espanhol.

O ânimo de Ned tornou a murchar. Se Elizabeth concordasse com aquilo, suas mãos estariam atadas desde o início do reinado. O bispo Julius e sir Reginald continuariam a fazer o que bem entendessem em Kingsbridge.

Ned olhou para Cecil. O chefe não parecia consternado. Talvez ele também achasse que Feria estava mentindo. Sua expressão traía uma leve diversão, e ele encarava Elizabeth com um ar de expectativa.

Fez-se um longo silêncio, quebrado por Feria:

– Posso dizer ao rei e à rainha que a senhora acata sua decisão?

Quando Elizabeth por fim falou, sua voz foi como o estalo de um açoite:

– Não, senhor. Não pode.

Feria pareceu ter levado um tapa.

– Mas...

Elizabeth não lhe deu chance de protestar.

– Se eu me tornar rainha, será porque fui escolhida por Deus, não pelo rei Filipe – disse ela.

Ned quis dar um viva.

– Se eu vier a governar, será com a autorização do povo inglês, não de minha irmã moribunda.

Feria ficou pasmo.

O desprezo de Elizabeth se tornou cáustico.

– E quando eu for coroada, prestarei o juramento que todos os soberanos da Inglaterra sempre prestaram... e não acrescentarei nenhuma promessa sugerida pelo conde de Feria.

O espanhol ficou sem palavras, o que não era do seu feitio.

Ele havia jogado as cartas na ordem errada, entendeu Ned. Deveria ter exigido uma promessa de catolicismo de Elizabeth *antes* de apoiá-la junto ao Conselho Privado. Agora era tarde. Ned pensou que os modos sedutores de Elizabeth em seu primeiro encontro com o diplomata o haviam induzido a acreditar que ela era uma fêmea fraca, propensa a ser manipulada por um homem de caráter forte. Mas tinha sido ela quem o manipulara, não o contrário.

Feria não era tolo, e Ned percebeu que ele decifrou tudo de uma só vez. De repente, o espanhol pareceu murchar como um odre de vinho esvaziado. Repetidas vezes, fez menção de dizer alguma coisa e mudou de ideia. Ned imaginou que ele não tivesse conseguido pensar em nada que pudesse fazer alguma diferença.

Elizabeth pôs fim ao seu tormento.

– Obrigada por ter vindo nos visitar, conde – disse ela. – Queira transmitir nossas mais calorosas saudações ao rei Filipe. E, embora haja pouca esperança, vamos rezar pela rainha Maria.

Ned pensou se ela estaria falando também em nome dos funcionários ou se usara o plural para se expressar como os monarcas. Conhecendo-a, concluiu que a ambiguidade fora intencional.

Feria acatou aquela dispensa com a maior elegância de que foi capaz e se retirou.

Ned abriu um sorriso feliz. Pensou no conde Swithin e disse em voz baixa a Cecil:

– Bem, o conde de Feria não é o primeiro homem a sofrer por ter subestimado Elizabeth.

– Não – concordou Cecil. – E suponho que não vá ser o último.

viii

Quando Margery tinha 9 anos, dissera que queria ser freira.

Ficava admirada com a vida de devoção da tia-avó, a irmã Joan, que morava no último andar da casa da família com seu altar e seu rosário. Joan era digna e independente e tinha um objetivo na vida.

Todos os conventos haviam sido extintos por Henrique VIII junto com os monastérios, e a rainha Maria Tudor não os reabriria. Mas não era por isso que Margery abandonara aqueles planos. A verdade era que, assim que atingira a puberdade, compreendera que jamais poderia levar uma vida de celibato. Gostava de garotos, ainda que se comportassem de modo estúpido. Gostava da ousadia, da força e do humor e ficava empolgada com os olhares que eles pousavam em seu corpo. Gostava até da sua cegueira em relação a sutilezas e sentidos ocultos: seu jeito direto tinha um quê de atraente, e às vezes as garotas eram muito dissimuladas.

De modo que desistira de se tornar freira, mas continuava atraída pela ideia de ter uma missão na vida. Confessou isso à irmã Joan no dia em que deveria se mudar para New Castle, enquanto suas roupas, livros e joias eram postos numa carroça para o transporte.

– Não se preocupe – disse a tia-avó, sentada num banquinho de madeira com as costas retas e alerta apesar da idade. – Deus tem um propósito para você. Ele tem um propósito para todos nós.

– Mas como posso descobrir qual o propósito dele para mim?

– Não pode, ora! – respondeu a irmã Joan. – Precisa esperar que Ele o revele. Não há como apressá-lo.

Margery prometeu se controlar, embora começasse a perceber que sua vida inteira era um exercício de autocontrole. Submetera-se à vontade dos pais casando-se com Bart. Com o novo marido, havia passado as últimas duas semanas numa casa de propriedade do conde na ilha dos Leprosos. Durante esse tempo, Bart deixara claro que esperava de Margery a mesma submissão que ela demonstrara com os pais. Decidia sozinho aonde eles iriam e o que fariam,

depois simplesmente lhe dava instruções, como faria a uma criada. Ela imaginara que o casamento fosse um tipo de parceria, mas esse pensamento sequer parecia ter ocorrido a Bart. Torcia para conseguir mudá-lo, aos poucos e de forma sutil, mas ele era terrivelmente parecido com o pai.

Sua orgulhosa família a acompanharia na viagem até New Castle: sir Reginald, lady Jane e Rollo. Eles agora eram parentes do conde, e essa relação com a aristocracia os deixava felicíssimos.

Além do mais, os dois homens estavam ansiosos para conversar com Swithin. A viagem a Bruxelas fora um fracasso. O rei Filipe parecera escutá-los e concordar com seu ponto de vista, mas alguma outra pessoa devia tê-lo influenciado, pois, no fim das contas, ele apoiara Elizabeth. Margery podia ver que o irmão estava decepcionado.

Durante a viagem, Reginald e Rollo conversaram sobre o que fazer a seguir. O único recurso que lhes restava era um levante armado contra Elizabeth imediatamente após a morte de Maria Tudor. Precisavam saber quantos soldados o conde Swithin conseguiria reunir e em quais membros da nobreza católica podiam confiar para apoiá-lo.

Margery estava preocupada. Considerava o protestantismo uma heresia movida pela arrogância de homens que se imaginavam inteligentes o bastante para criticar séculos de ensinamentos da Igreja, mas também acreditava que cristãos não deveriam matar uns aos outros. À medida que New Castle foi se avultando à frente, porém, sua mente passou a preocupações mais mundanas. O conde Swithin era viúvo, de modo que ela, agora com o título de viscondessa de Shiring, seria a chefe da casa. Tinha apenas 16 anos e mal sabia em que consistia a administração de um castelo. Conversara muito a respeito com lady Jane e fizera alguns planos, mas estava nervosa com a perspectiva de encarar a realidade.

Bart fora na frente e, quando os Fitzgeralds chegaram, havia uns vinte criados à espera no pátio. Eles aplaudiram e deram vivas quando Margery entrou, e ela se sentiu acolhida. Talvez aquelas pessoas não gostassem de trabalhar para uma família composta só de homens e desejassem um toque feminino. Torceu para que isso fosse verdade.

Swithin e Bart saíram para cumprimentá-los. Bart lhe deu um beijo e Swithin

em seguida fez o mesmo, deixando os lábios se demorarem na sua bochecha e pressionando o corpo contra o dela. O conde então lhe apresentou uma mulher voluptuosa de uns 30 anos.

– Sal Brendon é minha governanta e vai ajudá-la com tudo – falou. – Mostre tudo à viscondessa, Sal. Nós, os homens, temos muito sobre o que conversar.

Ao virar as costas para conduzir Reginald e Rollo para dentro da casa, ele deu um tapinha no largo traseiro de Sal. Ela não pareceu nem surpresa nem contrariada. Tanto Margery quanto lady Jane perceberam o gesto e se entreolharam. Aquela mulher era mais do que uma governanta.

– Vou levá-la até seus aposentos – disse Sal. – Por aqui.

Margery queria um tour mais completo. Já estivera ali antes. A última vez fora no dia da Epifania do Senhor, mas o castelo era grande e ela precisava relembrar a disposição dos cômodos.

– Vamos olhar a cozinha primeiro – falou.

Sal hesitou com um ar irritado, então disse:

– Como quiser.

Elas entraram e foram até a cozinha. O recinto estava quente, enfumaçado e não muito limpo. Um criado mais velho sentado num banquinho observava a cozinheira trabalhar enquanto bebia de uma caneca. Quando Margery entrou, levantou-se um tanto devagar.

– Essa é Mave Brown, a cozinheira – apresentou Sal.

Um gato sentado na mesa beliscava os restos de um presunto. Margery recolheu o animal com um gesto rápido e o pôs no chão.

– Essa gata é uma boa caçadora de ratos – falou Mave Brown, ressentida.

– Vai caçar melhor se a senhora não a deixar comer presunto – retrucou Margery.

O criado mais velho começou a preparar uma bandeja com um prato de carne fria, uma jarra de vinho e um pouco de pão. Margery pegou uma fatia da carne e comeu.

– Isso é para o conde – informou o criado.

– E está muito bom – comentou Margery. – Como o senhor se chama?

– Colly Knight – respondeu o homem. – Trabalho para o conde Swithin há quarenta anos, desde que era garoto.

Ele disse isso com um ar de superioridade, como se avisasse Margery de que ela não passava de uma recém-chegada.

– E eu sou a viscondessa – apresentou-se ela. – O senhor deveria dizer “milady” quando se dirigir a mim.

Houve uma longa pausa e, por fim, Colly falou:

– Sim, milady.

– Agora vamos até os aposentos do visconde – disse Margery.

Sal Brendon foi na frente. Elas passaram pelo salão nobre, onde uma menina de cerca de 10 anos varria o chão sem entusiasmo, segurando a vassoura com apenas uma das mãos.

– Ponha as duas mãos no cabo dessa vassoura – disse-lhe Margery rispidamente quando elas passaram.

A menina pareceu levar um susto, mas obedeceu.

Elas subiram a escada e foram até o final do corredor. O quarto de dormir ficava num canto e tinha portas que o interligavam a dois cômodos laterais. Margery gostou na mesma hora dessa disposição: assim Bart poderia ter um quarto de vestir para pôr suas botas enlameadas e ela, um *boudoir* onde criadas poderiam ajudá-la com as roupas e os cabelos.

Só que todos os cômodos estavam imundos. As janelas pareciam não ser lavadas fazia um ano. Dois cães grandes – um, velho; o outro, novo – estavam deitados sobre um cobertor. Margery viu cocô de cachorro no chão. Bart devia deixar seus bichos de estimação fazerem o que bem entendessem. Na parede havia um quadro mostrando uma mulher nua, mas o recinto não tinha nenhuma flor ou planta, nenhum prato de frutas ou passas, nenhuma tigela aromática de ervas secas e pétalas para perfumar o ambiente. Sobre uma cadeira via-se um amontoado de roupas sujas, entre as quais uma camisa manchada de sangue que parecia estar ali havia muito tempo.

– Isso está um nojo! – disse Margery a Sal Brendon. – Vamos limpar tudo antes que eu abra meus baús. Vá buscar vassouras e uma pá. A primeira coisa que vai fazer é limpar a merda de cachorro.

Sal levou a mão ao quadril e adotou um ar rebelde.

– Meu patrão é o conde Swithin – disse ela. – É melhor a senhora falar com ele.

Algo dentro de Margery se rompeu. Ela vinha tratando os outros com deferência havia muito tempo: os pais, o bispo Julius, Bart. Não iria acatar ordens de Sal Brendon. Toda a fúria represada do último ano ferveu dentro dela e se derramou. Ela recuou o braço e desferiu um tapa terrível na cara da governanta. O estalo de sua palma na bochecha da mulher mais velha ecoou tão alto que um dos cães se sobressaltou. Sal cambaleou para trás com um grito.

– Nunca mais fale assim comigo! – retrucou Margery. – Eu conheço o seu tipo. Só porque o conde come você às vezes quando está bêbado, você acha que é a condessa.

Margery viu nos olhos da outra a confirmação dessas suspeitas.

– A patroa desta casa agora sou eu, e você vai me obedecer. Se causar problemas, vai estar no olho da rua tão depressa que os seus pés não vão sequer encostar no chão até que se veja no puteiro de Kingsbridge, onde provavelmente já deveria estar.

Sal ficou visivelmente tentada a enfrentá-la. Exibia uma expressão tão raivosa que talvez fosse até capaz de revidar o golpe. Mas hesitou. Deve ter se dado conta de que, se a nova nora do conde lhe pedisse para se livrar de uma criada insolente, justo naquele dia, ele não teria como recusar. Sal caiu em si e sua expressão se modificou.

– Eu... eu lhe peço perdão, milady – disse ela, humilde. – Vou pegar as vassouras agora mesmo.

E se retirou.

– Muito bem – disse lady Jane à filha em voz baixa.

Margery deu com os olhos num chicote de montaria sobre um banquinho ao lado de um par de esporas. Foi até lá e o pegou. Atravessou o quarto até onde os cachorros estavam deitados.

– Fora daqui, seus bichos imundos – falou, e deu em cada um deles uma chicotada estalada.

Mais assustados do que feridos, os dois cães se levantaram num pulo e saíram do quarto correndo, com uma expressão indignada.

– E fiquem fora – completou ela.

Rollo se recusava a acreditar que a maré estivesse virando contra Maria Stuart. Como era possível?, perguntava a si mesmo, indignado. A Inglaterra era um país católico e Maria tinha o apoio do papa. Nessa mesma tarde, portanto, escreveu uma carta para que o conde Swithin a enviasse ao arcebispo de Canterbury, cardeal Pole.

A carta pedia a bênção do arcebispo para uma insurreição contra Elizabeth Tudor.

A violência agora era a única esperança. O rei Filipe tinha se voltado contra Maria Stuart e estava apoiando Elizabeth. Isso significava tragédia para Rollo, para a família Fitzgerald e para a verdadeira fé católica na Inglaterra.

– Isso é alta traição? – indagou Swithin ao empunhar a pena.

– Não – respondeu Rollo. – Elizabeth ainda não é rainha, então ninguém está conspirando contra o monarca.

Contudo ele sabia que, caso perdessem e Elizabeth conquistasse a coroa, ela jamais levaria esse detalhe em consideração. De modo que todos estavam se arriscando a serem executados. Em momentos como aquele, porém, homens precisavam tomar partido.

Swithin assinou. Não sem dificuldade, pois achava mais fácil domar um cavalo selvagem do que escrever o próprio nome.

Pole estava adoentado, mas com certeza seria capaz de ditar uma carta, pensou Rollo. O que iria responder a Swithin? Era o mais linha-dura de todos os bispos católicos ingleses. Rollo tinha quase certeza de que apoiaria um levante. Desse modo, os atos de Swithin e seus partidários seriam legitimados pela Igreja.

A carta foi entregue a dois homens de confiança de Swithin para ser levada até o Palácio de Lambeth, a residência do bispo próxima a Londres.

Sir Reginald e lady Jane voltaram para Kingsbridge. Rollo ficou com o conde. Queria garantir que não houvesse nenhum recuo. Enquanto aguardavam a resposta do arcebispo, Swithin e Bart se dedicaram a reunir um grupo de homens armados. Outros condes católicos deviam estar fazendo o mesmo por toda a Inglaterra, supunha Rollo, e suas forças somadas seriam imbatíveis.

O conde Swithin era senhor de cem povoados no condado de Shiring, com a mesma autoridade absoluta que seus ancestrais detinham na Idade Média. Swithin e Bart visitaram pessoalmente alguns desses lugares. Em outros, criados

do conde leram um édito dele ou padres de paróquia transmitiram o recado durante o sermão. Homens solteiros entre 18 e 30 anos de idade foram convocados a New Castle com ordens de levar consigo machados, foices e correntes de ferro.

Rollo não tinha experiência em nada desse tipo e não conseguia imaginar o que iria acontecer.

A resposta o deixou animado. Cada aldeia mandou ao menos meia dúzia de rapazes. Todos foram de bom grado. Era novembro, e as armas improvisadas e os jovens que as empunhavam não tinham grande serventia nos campos naquela época do ano. Além disso, o protestantismo era um movimento urbano: jamais se firmara na conservadora zona rural. Para completar, aquilo era a coisa mais empolgante que já acontecera em suas vidas. Ninguém falava em outra coisa. Meninos e idosos choravam por não poderem participar.

Esse exército não podia permanecer muitos dias em New Castle e, considerando que a caminhada até Hatfield era longa, eles partiram, embora ainda não tivessem recebido resposta do cardeal Pole. No caminho, passariam por Kingsbridge, onde seriam abençoados pelo bispo Julius.

Swithin ia na frente da coluna, com Bart ao seu lado e Rollo logo atrás. Eles chegaram a Kingsbridge no terceiro dia. Ao entrar na cidade, foram detidos na ponte de Merthin pelo prefeito, sir Reginald, pai de Rollo. Ele estava acompanhado pelos conselheiros municipais.

– Sinto muito – disse Reginald a Swithin. – Surgiu uma dificuldade.

Rollo fez seu cavalo avançar até onde estavam Swithin e Bart.

– Qual é o problema? – indagou.

O pai parecia desesperado.

– Se apearem e vierem comigo, eu lhes mostro.

– Que jeito horrível de receber uma santa cruzada! – falou o conde, irritado.

– Eu sei – disse Reginald. – Estou mortificado, acredite. Mas venham ver.

Os três líderes desceram de suas montarias. Swithin chamou os capitães, deu-lhes dinheiro e ordenou que mandassem vir barris de cerveja da taberna Slaughterhouse para alegrar os homens.

Reginald seguiu na frente do grupo pela ponte dupla que conduzia à cidade e subiu a rua principal até a praça do mercado.

Lá eles depararam com uma visão espantosa.

As barracas do mercado estavam fechadas e as estruturas temporárias tinham sido removidas; a praça fora inteiramente liberada. Quarenta ou cinquenta sólidos troncos de árvore, todos entre 15 e 20 centímetros de diâmetro, haviam sido fincados com firmeza na terra dura de inverno. Em volta das estacas havia centenas de rapazes, e Rollo viu, cada vez mais espantado, que todos tinham espadas e escudos de madeira.

Aquilo era um exército em treinamento.

Diante dos seus olhos, um líder fez uma demonstração sobre um tablado e atacou uma das estacas com a espada e o escudo de madeira, alternando o uso dos braços num ritmo que, Rollo imaginou, teria sido eficiente no campo de batalha. Terminada a demonstração, todos os outros tentaram imitar seus gestos, revezando-se nas estacas.

Rollo se lembrava de ter visto exercícios parecidos em Oxford, quando a rainha Maria Tudor se preparava para mandar um exército inglês até a França para apoiar os espanhóis. As estacas eram postes usados para treinamento. Eram muito bem fincadas e difíceis de derrubar. No início, recordou ele, os golpes dos homens eram tão desgovernados que às vezes sequer acertavam o poste. Mas eles logo aprendiam a mirar com precisão e a bater com mais força. Ele ouvira militares dizerem que algumas tardes de treinamento no poste podiam transformar um caipira inútil num soldado medianamente perigoso.

Viu Dan Cobley entre os homens que treinavam, e a última peça do quebra-cabeça se encaixou: aquilo era um exército protestante.

Eles não chamariam a si mesmos assim, claro. Deviam alegar que estavam se preparando para uma invasão espanhola. Sir Reginald e o bispo Julius não deviam estar acreditando naquilo, mas o que poderiam fazer? Os cerca de dez homens da guarda de Kingsbridge não teriam como prender e encarcerar centenas de moradores, nem mesmo que os soldados em treinamento estivessem violando a lei, o que com certeza não estavam.

Rollo ficou olhando desesperado enquanto os rapazes atacavam os postes e se tornavam rapidamente mais focados e mais eficientes.

– Isso não é coincidência – falou. – Eles ouviram que nosso exército estava se aproximando e reuniram o próprio grupo para nos atrapar.

– Conde Swithin, se o seu exército entrar na cidade, vai haver uma batalha nas ruas – disse Reginald.

– Meus rapazes bem-armados vão massacrar esses protestantes fracotes.

– Os conselheiros municipais não vão permitir a entrada de seus homens.

– Passe por cima desses covardes – disse Swithin.

– Eu não tenho esse direito. E eles disseram que vão me prender se eu tentar.

– Que prendam. Nós o soltaremos.

– Vamos ter de lutar para atravessar essa maldita ponte – concluiu Bart.

– Nós conseguiremos – rebateu Swithin, sem pensar.

– Poderíamos perder muitos homens.

– É para isso que eles servem.

– Mas, nesse caso, quem levaríamos para Hatfield?

Rollo observou o semblante de Swithin. Ceder não fazia parte da natureza do conde, nem mesmo quando as probabilidades estavam contra ele. Seu rosto exibia uma indecisão matizada de fúria.

– Fico pensando se a mesma coisa está acontecendo em outros lugares... – comentou Bart. – Protestantes preparando-se para lutar, digo.

Isso nunca ocorrera a Rollo. Quando ele propusera a Swithin reunir um pequeno exército, deveria ter previsto que os protestantes teriam a mesma ideia. Imaginara um hábil golpe de Estado; em vez disso, estava diante de uma sangrenta guerra civil. E o instinto lhe dizia que o povo inglês não queria uma guerra civil e poderia muito bem se voltar contra homens que a iniciassem.

Começava a parecer que os jovens camponeses teriam de voltar para casa.

Dois homens emergiram da taberna Bell Inn ali perto e se aproximaram a passos céleres. Ao vê-los, Reginald se lembrou de uma coisa:

– Há um recado para o senhor, conde. Esses dois homens chegaram faz duas horas. Eu pedi que aguardassem, em vez de arriscarem a se desencontrar do senhor no caminho.

Rollo reconheceu os homens que Swithin havia despachado para o Palácio de Lambeth. O que teria dito o arcebispo Pole? Sua resposta seria crucial. Com o incentivo do arcebispo, talvez o exército de Swithin pudesse seguir seu caminho até Hatfield. Sem ele, o mais sensato seria dispersar.

Foi o mais velho dos dois mensageiros quem falou:

– Não houve resposta do cardeal.

Rollo sentiu o coração pesar.

– Como não houve resposta? – indagou Swithin, zangado. – Ele deve ter dito alguma coisa.

– Falamos com seu escrevente, o cônego Robinson. Ele disse que o cardeal estava doente demais para ler sua carta, quanto mais para responder.

– Ora, ele deve estar à beira da morte! – exclamou Swithin.

– Sim, conde.

Aquilo era uma catástrofe, pensou Rollo. O mais fervoroso líder católico dos ingleses estava morrendo num momento decisivo para a história do país. Esse fato mudava tudo. Até então, a ideia de raptar Elizabeth e mandar chamar Maria Stuart parecia uma empreitada esperançosa, com chances de sucesso. Agora, parecia suicídio.

Às vezes era como se o destino ajudasse o diabo, refletiu Rollo.

X

Ned se mudou para Londres e passou a assombrar o Palácio de St. James enquanto esperava notícias sobre Maria Tudor.

O estado da rainha piorou muito em 16 de novembro, data que os protestantes começaram a chamar de Quarta-Feira da Esperança. Na manhã seguinte, antes que o sol raiasse, Ned estava no meio da multidão trêmula diante da alta guarita de tijolos vermelhos do portão quando um criado que saía apressado com um recado lhe sussurrou:

– Ela partiu.

Ele atravessou correndo a rua até a taberna Coach and Horses. Pediu que selassem um animal e foi acordar seu mensageiro, Peter Hopkins. Enquanto Hopkins se vestia e bebia uma jarra de cerveja como desjejum, escreveu um bilhete avisando Elizabeth sobre a morte de Maria Tudor. Então despachou o homem para Hatfield.

A multidão aumentara quando ele voltou para a guarita do portão. Ao longo das duas horas seguintes, observou cortesãos importantes e mensageiros entrarem e saírem às pressas. Ao ver surgir Nicholas Heath, porém, foi atrás

dele.

Heath era decerto o homem mais poderoso da Inglaterra. Era arcebispo de York, chanceler da rainha Maria e guardião do Grande Selo do Reino. Cecil tentara recrutá-lo para a causa de Elizabeth, mas Heath se mantivera neutro. Agora teria de pender para um dos lados.

Heath e sua comitiva percorreram a curta distância até Westminster, onde os integrantes do Parlamento iriam se reunir para a sessão matinal. Ned e outros seguiram correndo atrás deles. Uma nova multidão já se aglomerava lá. Heath anunciou que iria se dirigir aos parlamentares nobres e comuns juntos, e todos se reuniram na Câmara dos Lordes.

Ned tentou se esgueirar para dentro junto com a comitiva de Heath, mas um guarda o impediu.

– Represento a princesa Elizabeth – argumentou ele, fingindo surpresa. – Ela me ordenou que assistisse à sessão e lhe fizesse um relatório.

O guarda estava disposto a criar problemas, mas Heath notou o desentendimento entre eles e interveio.

– Já o encontrei antes, rapaz – disse ele a Ned. – Com sir William Cecil, creio eu.

– Sim, senhor meu arcebispo.

Era verdade, embora fosse espantoso que Heath se lembrasse disso.

– Deixe-o entrar – ordenou Heath ao guarda.

O fato de o Parlamento estar reunido em plenário significava que a sucessão poderia acontecer depressa, principalmente se Heath apoiasse Elizabeth. Ela ganhara popularidade, era irmã da rainha Maria Tudor e estava a pouco mais de 30 quilômetros de distância. Maria Stuart, por sua vez, era desconhecida dos ingleses, tinha um marido francês e estava em Paris. A conveniência favorecia Elizabeth.

Mas a Igreja favorecia Maria Stuart.

Durante o debate, conversas acaloradas ecoaram enquanto todos no recinto debatiam a mesma questão. Os presentes então se calaram e Heath se levantou.

– Na manhã de hoje, Deus chamou para sua misericórdia nossa finada soberana, a rainha Maria – anunciou ele.

Os presentes deram um suspiro coletivo. Todos já sabiam ou tinham ouvido

boatos, mas a confirmação pesava.

– No entanto, temos motivos para nos regozijar e louvar ao Todo-Poderoso por ele ter nos deixado uma herdeira verdadeira, legítima e justa para a coroa.

Um silêncio de morte tomou conta do recinto. Heath estava prestes a dizer o nome da próxima rainha. Mas qual das duas seria?

– Lady Elizabeth... – disse ele – ... *de cujos direito e título mais do que legítimos nós não precisamos duvidar!*

Um rugido irrompeu no recinto. Heath continuou falando, mas ninguém escutou. O arcebispo acabara de apoiar Elizabeth referindo-se ao seu título como “legítimo”, em oposição direta à decisão do papa. Estava feito.

Alguns dos integrantes do Parlamento gritavam em protesto, mas Ned pôde ver que a maioria comemorava. Elizabeth era a escolha do Parlamento. Talvez eles houvessem temido revelar sua posição enquanto a questão ainda estava em aberto, mas agora suas inibições tinham desaparecido. Cecil talvez houvesse até subestimado a popularidade de Elizabeth, constatou Ned. Embora alguns dos presentes exibissem semblantes fechados e não estivessem nem aplaudindo nem comemorando, mas sentados em silêncio com os braços cruzados, esses homens eram minoria. O resto estava radiante. A guerra civil fora evitada, não haveria rei estrangeiro, as execuções na fogueira iriam cessar. Ned percebeu que ele também comemorava.

Heath se retirou, seguido pela maior parte do Conselho Privado, e parou em pé nos degraus em frente ao plenário de modo a repetir sua proclamação para a multidão que aguardava.

Então anunciou que tornaria a lê-la em Londres. Antes de se retirar, porém, acenou chamando Ned.

– Imagino que o senhor agora vá para Hatfield a cavalo com a notícia – falou.

– Sim, meu senhor arcebispo.

– Pode avisar à rainha Elizabeth que estarei com ela antes do anoitecer.

– Obrigado.

– Só pare para comemorar depois de ter transmitido o recado.

– Claro, arcebispo.

Heath se foi.

Ned correu de volta até a Coach and Horses. Alguns minutos depois, já estava na estrada para Hatfield.

Ia montado numa égua boa e firme, que alternava entre o trote e a caminhada. Estava com medo de forçar demais o animal e ele não aguentar. A velocidade não era tão importante, contanto que ele chegasse antes de Heath.

Havia partido no meio da manhã, e a tarde já ia na metade quando avistou os beirais de tijolo vermelho do Palácio de Hatfield.

Era de presumir que Hopkins já estivesse lá, de modo que todos já sabiam da morte da rainha Maria Tudor. Mas ninguém sabia quem era a nova monarca.

Quando ele entrou no pátio, vários cavaleiros gritaram ao mesmo tempo:

– Quais as notícias?

Ned decidiu que a própria Elizabeth deveria ser a primeira a saber. Não disse nada aos cavaleiros e manteve o semblante inexpressivo.

Elizabeth estava em sua saleta com Cecil, Tom Parry e Nell Baynsford. Todos o encararam num silêncio tenso quando Ned entrou, ainda usando a pesada capa de viagem.

Ele foi até Elizabeth. Tentou se manter solene, mas foi impossível não sorrir. Ela percebeu sua expressão, e Ned viu seus lábios se moverem de leve para formar outro sorriso em resposta.

– A senhora é a rainha da Inglaterra – anunciou ele. Tirou o chapéu, dobrou o joelho e fez uma profunda e ampla mesura. – Majestade – completou.

xi

Estávamos felizes, pois não fazíamos ideia de quantos problemas causaríamos. É claro que não era só eu: eu era o jovem parceiro de pessoas mais velhas e muito mais sensatas. Mas nenhum de nós previu o futuro.

Tínhamos sido alertados. Rollo Fitzgerald me fizera um sermão sobre a oposição que a rainha Elizabeth teria de enfrentar e a pífia quantidade de líderes europeus que iriam apoiá-la. Eu não lhe dei ouvidos, mas o patife arrogante tinha razão.

O que fizemos nesse memorável ano de 1558 acarretou conflitos políticos, revoltas, guerra civil e invasão. Nos anos subsequentes, houve momentos em

que, no abismo do desespero, perguntei-me se tinha valido a pena. A simples ideia de que as pessoas deveriam ter liberdade de culto causou mais sofrimento do que as dez pragas do Egito.

Se eu tivesse sabido na ocasião o que sei hoje, teria feito a mesma coisa?

Com toda a certeza.

PARTE DOIS
1559 A 1563

CAPÍTULO 9

Numa ensolarada sexta-feira de junho, enquanto passeavam pelo lado sul da Île de la Cité, com a Catedral de Notre-Dame de um lado e as águas do Sena do outro, Sylvie Palot perguntou a Pierre Aumande:

– Você quer se casar comigo ou não?

Teve a satisfação de ver um lampejo de pânico nos olhos dele. Aquilo era pouco usual. Não era fácil perturbar a placidez do rapaz: Pierre sempre se mostrava controlado.

Ele se recompôs tão depressa que foi quase como se ela houvesse imaginado o deslize do noivo.

– É claro que quero me casar com você, querida – disse ele com uma expressão de mágoa. – Como pode fazer uma pergunta dessa?

Sylvie se arrependeu na mesma hora. Adorava Pierre e não queria vê-lo contrariado de jeito nenhum. Ele lhe pareceu ainda mais adorável naquele instante, com a brisa do rio a bagunçar a cabeleira loura. Mas ela endureceu o coração e insistiu na pergunta:

– Já estamos noivos há mais de um ano. É muito tempo.

Tudo o mais na vida de Sylvie ia bem. A livraria do pai prosperava e ele tinha planos de abrir uma segunda loja do outro lado do rio, no bairro universitário. A venda ilegal de Bíblias em francês e outros livros proibidos andava ainda melhor. Sylvie precisava ir quase todos os dias ao depósito secreto na Rue du Mur para buscar um ou dois volumes encomendados por famílias protestantes. Novas congregações brotavam como flores na primavera, tanto em Paris quanto em outros lugares. Além de espalharem o verdadeiro evangelho, os Palots embolsavam fartos lucros.

Mas o comportamento de Pierre começava a incomodá-la.

– Preciso concluir meus estudos, e o padre Moineau não permitirá que eu continue na universidade depois de casado – disse ele. – Já lhe expliquei isso, e

você aceitou esperar.

– Esperar um ano. E daqui a poucos dias começam as férias de verão. Já recebemos a permissão dos meus pais. Temos dinheiro suficiente. Podemos morar em cima da livraria, pelo menos até termos filhos. Mas você não faz nada.

– Eu escrevi para minha mãe.

– Não comentou nada comigo.

– Estou esperando a resposta dela.

– A qual pergunta?

– Se a saúde dela está boa o suficiente para vir a Paris para o casamento.

– E se não estiver?

– Não vamos nos preocupar com um problema antes que ele exista.

Sylvie não ficou feliz com a resposta, mas deixou a questão de lado temporariamente e perguntou:

– Onde vamos fazer a cerimônia oficial?

Pierre ergueu os olhos para as torres da catedral gótica e Sylvie riu.

– Aí, não. Isso é para a nobreza – comentou.

– Então na igreja da paróquia.

– E depois vamos celebrar o casamento de verdade na nossa igreja.

Ela se referia ao antigo pavilhão de caça na floresta. Os protestantes ainda não podiam celebrar seus cultos abertamente em Paris, embora isso fosse possível em algumas cidades francesas.

– Suponho que teremos de convidar a marquesa – disse Pierre com uma careta de desagrado.

– Como o pavilhão pertence ao marido dela...

Era uma pena que Pierre tivesse começado com o pé esquerdo a relação com a marquesa Louise, pois nunca mais conseguira fazê-la mudar de ideia a seu respeito. Na verdade, quanto mais ele tentava conquistar sua simpatia, mais fria a marquesa se mostrava. Sylvie imaginara que Pierre fosse apenas rir da situação e esquecê-la, mas, pelo visto, ele não conseguia. Aquilo ainda o irritava. Mesmo parecendo sempre tão seguro, Sylvie percebeu que o noivo na verdade era muito sensível a desfeitas.

Essa vulnerabilidade fazia com que o amasse mais ainda, mas também a perturbava, embora ela não soubesse exatamente por quê.

– Imagino que não tenha como ser diferente – disse Pierre num tom leve, mas com o semblante fechado.

– Você vai usar roupas novas?

Sylvie sabia como ele gostava de comprar roupas. Pierre sorriu.

– Deveria usar um casaco sisudo de cor cinza protestante, não é?

– Sim.

Ele era um devoto fiel, que ia ao culto toda semana. Logo ficara conhecendo cada membro da congregação e, de bom grado, se dispusera diversas vezes a ir ao encontro de outros grupos em Paris. Chegara a frequentar cultos em outras congregações. Quisera muito comparecer ao sínodo nacional organizado em maio ali, na cidade, a primeira vez que protestantes franceses se atreviam a fazer uma reunião desse tipo, mas a organização era um segredo muito bem-guardado, e só protestantes mais antigos foram convidados. Apesar dessa recusa, ele era um membro plenamente aceito da comunidade, o que deixava Sylvie muito satisfeita.

– Deve haver um alfaiate especializado em trajes escuros para protestantes – disse ele.

– Há, sim: Duboeuf, na Rue Saint-Martin. Meu pai é cliente dele, embora só compre roupas quando minha mãe o obriga. Ele poderia ter um casaco novo a cada ano, mas não quer gastar dinheiro com o que considera frivolidades. Tenho esperanças de que compre um vestido de noiva para mim, mas sei que ele não vai ficar nada contente com isso.

– Se ele não comprar, eu compro.

Ela o segurou pelo braço, o fez parar de andar e lhe deu um beijo.

– Você é maravilhoso – falou.

– E você é a moça mais linda de toda a Paris. De toda a França.

Ela riu. Não era verdade, embora aquele vestido preto com gola branca de fato lhe caísse bem. As cores usadas pelos protestantes combinavam bem com cabelos escuros e tez rosada. Ela então recordou seu objetivo e tornou a ficar solene.

– Quando você receber a resposta da sua mãe...

– Sim?

– Precisamos marcar uma data. Diga ela o que disser, não quero mais esperar.

– Está bem.

Sylvie hesitou em se alegrar. Não teve certeza se podia mesmo acreditar nele.

– Está falando sério?

– Claro. Vamos marcar uma data. Eu prometo!

Ela riu com deleite.

– Amo você – falou e tornou a beijá-lo.

ii

Não sei por mais quanto tempo consigo sustentar isso, afligiu-se Pierre após deixar Sylvie na porta da loja do pai. Cruzava a ponte de Notre-Dame para a margem direita do Sena, em direção ao norte. Longe do rio não havia brisa e logo ele começou a transpirar.

Já a fizera esperar mais do que seria razoável. O pai andava mais mal-humorado do que de costume e a mãe, que sempre gostara de Pierre, vinha se mostrando ríspida. Até mesmo a apaixonada Sylvie estava descontente. Todos desconfiavam que ele só quisesse um romance casual... e estavam certos, claro.

Mas a moça lhe proporcionava uma colheita muito farta. Seu caderno preto encadernado em couro agora continha centenas de nomes de protestantes de Paris, além dos endereços onde celebravam cultos hereges.

Nesse dia mesmo, ela lhe dera um bônus: um alfaiate protestante! Ele fizera a sugestão meio de brincadeira, mas a boba Sylvie confirmara a suspeita. Aquilo poderia ser uma pista de valor incalculável.

O cardeal já dispunha de um extenso arquivo. Surpreendentemente, ainda não prendera nenhum dos protestantes. Pierre planejava lhe perguntar quando ele pretendia atacar.

Estava a caminho de um encontro com o cardeal agora, mas ainda dispunha de algum tempo. Seguiu a Rue Saint-Martin até encontrar o estabelecimento de René Duboeuf. Por fora, a casa era bastante parecida com qualquer outra de Paris, embora tivesse janelas maiores do que o normal e uma placa acima da porta. Ele entrou.

Espantou-se com o ambiente limpo e bem-arrumado. Apesar de o cômodo estar abarrotado, tudo se encontrava no devido lugar: rolos de seda e lã alinhados

com precisão nas prateleiras; tigelas de botões separadas por cor; gavetas com plaquinhas indicando seu conteúdo.

Um homem careca curvado acima de uma mesa cortava com esmero uma peça de tecido usando uma tesoura enorme e muito afiada. Nos fundos, uma mulher bonita sentada sob um candelabro de ferro costurava à luz de velas. Pierre imaginou se ela estaria identificada com uma etiqueta escrito “Esposa”.

Um casal de protestantes a mais não significava grande coisa, mas Pierre torcia para descobrir alguns clientes.

O homem pousou a tesoura e foi cumprimentá-lo; apresentou-se como Duboeuf. Olhou atentamente para o corte do gibão de Pierre, como se avaliasse a peça, e o rapaz se perguntou se estaria considerando a roupa chamativa demais para um protestante.

Pierre se apresentou e fez seu pedido.

– Preciso de um casaco novo. Nada exuberante. Cinza-escuro, talvez.

– Pois não, monsieur – disse o alfaiate, cauteloso. – Alguém lhe indicou meu trabalho?

– Gilles Palot, o impressor.

Duboeuf relaxou.

– Eu o conheço bem.

– Ele vai ser meu sogro.

– Meus parabéns.

Pierre fora aceito. Era o primeiro passo.

Apesar de ser um homem pequeno, Duboeuf retirou os pesados rolos de fazenda das prateleiras com a desenvoltura conferida pela experiência. Pierre escolheu um cinza quase preto.

Para sua decepção, nenhum outro cliente entrou. Ele se perguntou de que maneira poderia usar aquele alfaiate protestante. Seria impossível passar o dia inteiro no ateliê esperando cruzar com clientes. Poderia mandar vigiar a casa: Gaston Le Pin, o chefe da guarda pessoal dos Guises, conseguiria encontrar um homem discreto. O problema era que não teriam como saber o nome de quem entrasse e saísse, de modo que seria um esforço inútil. Tinha de haver algum outro jeito de explorar aquela descoberta.

O alfaiate pegou uma tira comprida de couro fino e começou a medir o corpo

de Pierre, espetando alfinetes coloridos na tira para registrar a largura dos ombros, o comprimento dos braços e as circunferências do peito e da cintura.

– O senhor tem um belo físico, monsieur Aumande – comentou ele. – O casaco vai ficar muito elegante.

Pierre ignorou aquela conversa de vendedor. Só pensava em como conseguir os nomes dos clientes de Duboeuf.

Uma vez tiradas todas as medidas, o alfaiate pegou um caderninho numa gaveta.

– Se puder me dar seu endereço, monsieur Aumande.

Pierre encarou o caderno. Claro: o alfaiate precisava saber onde os clientes moravam, caso contrário alguém poderia encomendar uma roupa, depois mudar de ideia e não voltar para buscá-la. E, ainda que Duboeuf tivesse uma memória fenomenal e fosse capaz de recordar cada cliente e cada pedido, anotar os pedidos evitava que alguém reclamasse do preço depois. Não: o alfaiate era obcecado demais com organização para não ter tudo registrado.

Pierre precisava ter acesso àquele caderninho. O lugar daqueles nomes e endereços era no seu próprio caderno, o da capa de couro preta, que listava todos os protestantes descobertos por ele.

– Seu endereço, monsieur? – repetiu Duboeuf.

– Moro no Collège des Âmes.

Duboeuf constatou que o tinteiro estava seco.

– Me dê licença um instante – pediu, dando uma risadinha constrangida. – Vou buscar um frasco de tinta.

Então desapareceu por uma porta.

Pierre percebeu que era sua oportunidade para espiar o caderno. Mas seria melhor se livrar da esposa. Foi até os fundos do ateliê e falou com ela. A moça devia ter uns 18 anos, estimou, mais jovem do que o marido, um homem na casa dos 30.

– Será que eu poderia lhe pedir um cálice de vinho? Está quente hoje.

– Mas é claro, monsieur.

Ela pousou a costura e se retirou. Pierre abriu o caderninho do alfaiate. Conforme havia torcido para acontecer, ali estavam listados os nomes e endereços dos clientes, além dos detalhes das peças encomendadas e da fazenda

escolhida, bem como as quantias em dinheiro devidas e pagas. Reconheceu o nome de alguns protestantes. Começou a se animar. Aquele caderninho decerto listava metade dos hereges de Paris. Nas mãos do cardeal, seria um trunfo de valor inestimável. Desejou poder guardá-lo no gibão, mas seria precipitado. Em vez disso, começou a decorar o máximo de nomes que conseguiu.

Ainda estava entretido nisso quando ouviu a voz de Duboeuf atrás de si.

– O que está fazendo?

O alfaiate estava pálido e assustado. E deveria mesmo, pensou Pierre: havia cometido um erro perigoso ao deixar o caderninho sobre a mesa. Pierre o fechou e sorriu.

– Simples curiosidade. Perdoe-me.

– Esse caderno é particular! – disse Duboeuf, severo.

Pierre viu que ele estava abalado.

– Na verdade, conheço a maioria dos seus clientes – falou, soando descontraído. – Fico satisfeito em ver que meus amigos pagam suas contas!

Duboeuf não riu. Mas o que ele podia fazer?

Após alguns instantes, o alfaiate abriu o novo frasco de tinta, molhou a pena e anotou o nome e o endereço de Pierre.

A esposa tornou a aparecer.

– Seu vinho, monsieur – falou, entregando um cálice a Pierre.

– Obrigado, Françoise – disse Duboeuf.

A moça tinha um corpo bonito, reparou Pierre. Perguntou o que a teria atraído em Duboeuf. A perspectiva de levar uma vida confortável ao lado de um marido bem-sucedido, talvez. Ou quem sabe fosse amor mesmo.

– Se tiver a bondade de voltar daqui a uma semana, seu casaco novo estará pronto para o senhor provar – disse Duboeuf. – Custará 25 libras.

– Esplêndido.

Pierre avaliou que não descobriria muito mais coisas com Duboeuf nesse dia. Bebeu o vinho, pediu licença e saiu.

Como a bebida não havia saciado sua sede, ele entrou na taberna mais próxima e pediu uma caneca de cerveja. Comprou também uma folha de papel e pegou pena e tinteiro emprestados. Enquanto bebia, anotou com uma caligrafia caprichada: “René Duboeuf, alfaiate, Rue Saint-Martin. Françoise Duboeuf,

esposa.” Acrescentou então todos os nomes e endereços que conseguiu recordar do caderninho. Secou o excesso de tinta e guardou a folha dentro do gibão. Transferiria as informações para seu caderno preto mais tarde.

Enquanto bebericava a cerveja, perguntou-se com certa impaciência quando o cardeal usaria toda aquela informação. Por enquanto, o religioso parecia satisfeito em acumular nomes e endereços, mas chegaria o momento em que daria o bote. Seria um dia de carnificina.

Pierre seria parte do triunfo de Carlos. No entanto, ele se remexeu no banco, pouco à vontade ao pensar nas centenas de homens e mulheres que seriam presos, torturados, talvez até queimados na fogueira. Muitos dos protestantes eram donos da verdade que ele ficaria contente em ver sofrer, sobretudo a marquesa Louise, mas outros tinham se mostrado gentis com ele, acolhendo-o na igreja do pavilhão de caça, convidando-o a visitar suas casas e respondendo às suas perguntas ardilosas com uma honestidade que o fazia sentir certo remorso por enganá-los. Apenas dezoito meses antes, a pior coisa que ele fizera na vida fora tirar dinheiro de uma viúva libidinosa. Parecia fazer mais tempo do que isso.

Ele esvaziou a caneca e saiu da taberna. A uma curta distância a pé ficava a Rue Saint-Antoine, onde estava sendo realizado um torneio. Paris estava em festa outra vez. O tratado com a Espanha fora assinado e o rei Henrique II celebrava a paz enquanto fingia não ter perdido a guerra.

A Rue Saint-Antoine era a mais larga de Paris, motivo que a levava a ser usada para torneios. Em um dos lados ficava o imenso e mal-conservado Palácio de Tournelles, suas janelas uma sequência de quadros vibrantes formados pelas roupas caras de nobres e aristocratas que assistiam ao torneio. Do outro lado da rua, o povo se acotovelava para conseguir espaço, e suas roupas baratas, em tons de marrom desbotado, pareciam um campo arado no inverno. Ficavam em pé ou sentados em banquinhos trazidos de casa, ou encarapitados em telhados e peitoris de janelas. Um torneio era um espetáculo grandioso, com o atrativo extra de talvez se testemunhar o ferimento ou até mesmo a morte de um dos nobres competidores.

Assim que Pierre entrou no palácio, Odette, uma criada de uns 20 anos um tanto feia, apesar das curvas generosas, ofereceu-lhe bolos de uma bandeja. A

moça tinha reputação de ser fácil e lhe deu um sorriso sedutor, exibindo dentes tortos. Porém Pierre não estava interessado em moças da criadagem; poderia muito bem ter escolhido uma em Thonnance-lès-Joinville. Mesmo assim, ficou feliz em vê-la, pois aquilo significava que a encantadora Véronique estava por perto.

– Onde está sua patroa? – indagou.

– Mademoiselle está lá em cima – respondeu Odette, fazendo biquinho.

A maioria dos cortesãos fora para o andar superior, onde as janelas davam para o terreno da justa. Véronique estava sentada diante de uma mesa com um bando de moças da aristocracia, tomando um refresco de frutas. Prima distante dos irmãos Guises, ela era um dos membros menos importantes da família, mas ainda assim era nobre. Usava um vestido verde-claro feito de seda e linho, tão leve que parecia flutuar ao redor de seu corpo perfeito. Pensar que uma mulher de berço tão nobre poderia estar nua em seus braços deixava Pierre tonto. Era com ela que ele queria se casar, não com a filha burguesa de um impressor protestante.

Na primeira vez em que os dois se encontraram, Véronique o tratara com um leve desdém, mas aos poucos fora se afeiçoando a ele. Todos sabiam que ele não passava do filho de um padre do interior, mas sabiam também que ele era próximo do poderoso cardeal Carlos, e isso lhe conferia um status especial.

Pierre fez uma mesura e perguntou se ela estava gostando do torneio.

– Não muito – respondeu ela.

Ele abriu seu sorriso mais sedutor.

– Não gosta de ver um homem correndo em seu cavalo para derrubar o adversário do dele? Que estranho.

Ela riu.

– Prefiro dançar.

– Eu também. Por sorte, haverá um baile hoje à noite.

– Mal posso esperar.

– Tomara que eu a veja por lá. Preciso falar com seu tio Carlos. Com licença.

Enquanto se afastava, ele se sentiu bem com aquele breve encontro. Conseguiu fazê-la rir, e ela o tratara quase como um igual.

Carlos estava num cômodo adjacente junto com um menino pequeno que

tinha os cabelos louros dos Guises. Era seu sobrinho Henrique, de 8 anos, o filho mais velho de Balafré. Sabendo que o menino talvez um dia se tornasse duque de Guise, Pierre fez uma medida e perguntou se ele estava se divertindo.

– Não me deixam participar da justa – reclamou Henrique. – Mas eu aposto que conseguiria. Eu monto bem.

– Agora vá, Henrique – disse Carlos. – A próxima disputa será daqui a pouco e você não vai querer perder.

Henrique se retirou e o cardeal indicou uma cadeira a Pierre.

Ao longo do ano e meio que Pierre passara espionando para Carlos, o relacionamento entre os dois havia mudado. O cardeal era grato pelos nomes e endereços que o rapaz lhe levava. O arquivo do cardeal sobre os protestantes clandestinos de Paris era hoje muito melhor do que antes de Pierre aparecer. Carlos ainda podia se mostrar desdenhoso e superior, mas era assim com todo mundo, e parecia respeitar o julgamento de Pierre. Os dois às vezes discutiam questões políticas genéricas, e Carlos chegava até a escutar a sua opinião.

– Fiz uma descoberta – informou Pierre. – Muitos dos protestantes são clientes de um alfaiate da Rue Saint-Martin que tem um caderninho com todos os seus nomes e endereços.

– Que mina de ouro! – exclamou Carlos. – Santo Deus, essa gente está ficando descarada.

– Quase peguei o caderno e saí correndo pela rua com ele.

– Não quero que você revele quem é ainda.

– Não. Mas um dia vou pôr as mãos naquele caderno.

Pierre levou a mão até dentro do gibão.

– Enquanto isso, anotei o máximo de nomes e endereços que consegui memorizar.

Ele entregou o papel a Carlos.

O cardeal leu a lista.

– Muito útil.

– Tive de encomendar um casaco ao alfaiate. Quarenta e cinco libras – falou Pierre, aumentando o preço.

O cardeal tirou moedas de uma bolsinha. Entregou a Pierre vinte moedas de ouro, cada qual no valor de 2,50 libras.

– Deve ser um belo casaco – comentou.

– Quando iremos dar o bote nesses pervertidos? – indagou Pierre. – Já temos centenas de protestantes de Paris no nosso arquivo.

– Tenha paciência.

– Mas cada herege é um inimigo a menos. Por que não nos livrar deles?

– Quando agirmos, queremos que todos saibam que são os Guises os responsáveis.

Aquilo fazia sentido para Pierre.

– Assim a família conquistará a lealdade dos católicos mais devotos, suponho.

– E os que defendem a tolerância, os indecisos, os *moyenneurs*... esses serão tachados de protestantes.

Era um raciocínio sutil, pensou Pierre. Os piores inimigos dos Guises eram defensores da tolerância. Eles poderiam minar toda a base da força da família. Essas pessoas precisavam ser empurradas rumo a um ou outro extremo. A astúcia de Carlos não parava de impressioná-lo.

– Mas como ficaremos encarregados de exterminar a heresia?

– Um dia, o jovem Francisco será rei. Não ainda, esperamos... Primeiro precisamos que ele fique independente da rainha Catarina e que passe a ser influenciado pela esposa, nossa sobrinha Maria Stuart. Quando isso acontecer... É nessa que hora que vamos usar isto aqui – falou Carlos, balançando o papel.

Pierre ficou desanimado.

– Não tinha me dado conta de que o senhor estava pensando tão a longo prazo. Isso me causa um problema.

– Por quê?

– Estou noivo de Sylvie Palot há mais de um ano. Minhas desculpas estão acabando.

– Case-se com a garota – disse Carlos.

A sugestão deixou Pierre horrorizado.

– Não quero ficar atrelado a uma esposa protestante.

Carlos deu de ombros.

– Por que não?

– Existe outra pessoa com quem eu gostaria, *essa sim*, de me casar.

– É mesmo? Quem?

Estava na hora de dizer a Carlos qual era a recompensa que ele esperava pelo seu trabalho.

– Véronique de Guise.

O cardeal deu uma sonora risada.

– Seu arrivistazinho atrevido! Você, casando-se com uma parente minha? Mas que topete dos diabos! Não diga bobagens.

Pierre sentiu o rosto inteiro corar. Escolhera o momento errado para falar e fora humilhado.

– Não achei que fosse um desejo ambicioso demais – protestou. – Ela é apenas uma parente distante.

– Ela é prima em segundo grau de Maria Stuart, que decerto será rainha da França um dia! Quem você pensa que é? – Carlos o dispensou com um gesto da mão. – Vá, saia daqui.

Pierre se levantou e foi embora.

iii

Alison McKay estava aproveitando a vida. O status de Maria Stuart aumentara desde que se casara com Francisco; conseqüentemente, o de Alison crescera também. Ambas agora tinham mais criados, mais vestidos, mais dinheiro. As pessoas faziam reverências mais profundas e mais demoradas para Maria. Ela agora era um membro incontestado da família real francesa. Maria adorava aquilo, tanto quanto Alison. E o futuro lhes reservava mais alegrias, pois um dia Maria iria se tornar rainha da França.

Nesse dia, as duas se encontravam no salão mais elegante do Palácio de Tournelles, em frente à maior das janelas, onde a sogra de Maria, Catarina, reunira seu séquito. Catarina usava uma roupa volumosa de tecido dourado e prateado que devia ter custado uma fortuna. Era fim de tarde, mas fazia calor, e a janela aberta deixava entrar uma leve e bem-vinda brisa.

O rei adentrou o recinto, trazendo consigo um forte cheiro de suor. Todos menos Catarina se levantaram. Henrique estava com uma cara feliz. Tinha a mesma idade da esposa, 40 anos, e estava no auge da forma: belo, forte, cheio de

energia. Adorava participar de justas, e nesse dia estava ganhando. Chegara até a derrotar o grande general Balafré, duque de Guise.

– Só mais uma rodada – disse ele a Catarina.

– Está ficando tarde – protestou ela, falando francês com o forte sotaque italiano que jamais perdera. – E você está cansado. Por que não se retira agora?

– Mas é por você que estou lutando! – retrucou ele.

O galanteio não foi bem-recebido. Catarina desviou o olhar e Maria enrugou a testa. Todos já tinham percebido as fitas pretas e brancas que Henrique amarrara à sua lança. Eram as cores de Diane de Poitiers. Ela seduzira o rei um ano após ele se casar, e Catarina passara os últimos 25 fingindo não saber disso. Diane era bem mais velha, completaria 60 anos dali a poucas semanas, e o rei agora tinha outras amantes, mas ela era o amor da sua vida. Catarina já estava acostumada, mas Henrique ainda conseguia feri-la com sua falta de tato.

Quando o rei se retirou para tornar a vestir a armadura, as conversas das senhoras recomeçaram. Catarina acenou chamando Alison. A rainha era sempre calorosa com ela, pois Alison era uma boa amiga para o adoentado Francisco. Catarina então deu as costas parcialmente para o restante do grupo, indicando com isso que a conversa era reservada, e falou em voz baixa:

– Já faz catorze meses.

Alison entendeu a que ela se referia. Era o tempo que Francisco e Maria tinham de casados.

– E ela não engravidou – completou Alison.

– Tem alguma coisa errada? Você saberia.

– Ela diz que não.

– Mas você não acredita.

– Não sei em que acreditar.

– Eu tive dificuldade para engravidar assim que me casei – comentou Catarina.

– É mesmo?

Alison se espantou. Catarina dera dez filhos a Henrique.

A rainha aquiesceu.

– Fiquei aflita. Principalmente depois que meu marido foi seduzido por madame.

Era assim que todos se referiam a Diane.

– Eu o adorava... adoro até hoje. Mas ela roubou o coração dele. Pensei que pudesse reconquistá-lo com um bebê. Ele continuou indo à minha cama... Ela mandava que fosse, fiquei sabendo depois.

Alison fez uma careta; aquilo era doloroso de ouvir.

– Mas eu não engravidava.

– O que a senhora fez?

– Eu tinha 15 anos, e minha família estava a centenas de quilômetros de distância. Fiquei desesperada – contou, e então baixou a voz. – Comecei a espioná-los.

Alison ficou chocada e constrangida com aquela revelação tão íntima, mas Catarina estava disposta a contar a história. Henrique mexera com os sentimentos dela com aquele “É por você que estou lutando”.

– Pensei que talvez eu estivesse fazendo alguma coisa errada com Henrique e quis ver se madame tinha algum método diferente – continuou Catarina. – Eles costumavam se encontrar à tarde. Minhas criadas acharam um lugar de onde eu pudesse vê-los.

Que quadro espantoso, pensou Alison: a rainha espiando o marido ir para a cama com a amante.

– Foi muito difícil olhar, porque estava claro que ele a adorava. E não aprendi nada. Eles fizeram algumas brincadeiras que eu não conhecia, mas no final ele fez sexo com ela do mesmo jeito que fazia comigo. A única diferença foi o prazer que sentiu.

Catarina falava com uma voz seca e amarga. Não demonstrava emoção, mas Alison quase chorou. Pensou que aquilo devia ter partido seu coração. Quis fazer perguntas, mas teve medo de que isso mudasse a boa disposição da rainha para fazer confidências.

– Tentei todo tipo de remédio, alguns repulsivos... cataplasma de estrume na vagina, esse tipo de coisa. Nada deu certo. Então conheci o Dr. Fernel e descobri o que estava me impedindo de engravidar.

Alison estava fascinada.

– E o que era?

– O rei tem o pau curto e gordo... é uma graça, mas não muito comprido. Ele

não entrava fundo o bastante, então não tirava minha virgindade e o sêmen não chegava até onde devia. O médico rompeu a membrana com um instrumento especial e, um mês depois, eu estava grávida de Francisco. *Pronto.*

Ouviram-se vivas entusiasmados da multidão lá fora, como se todos estivessem prestando atenção na história e houvessem escutado seu final feliz. Alison imaginou que o rei devia ter montado no cavalo para o embate seguinte. Catarina pôs uma das mãos no joelho da outra, como para fazê-la ficar mais um pouco.

– O Dr. Fernel já morreu, mas o filho dele é tão bom quanto o pai – falou ela.

– Diga a Maria para procurá-lo.

Alison se perguntou por que a rainha não dava ela própria o recado. Como se lesse seu pensamento, Catarina falou:

– Maria é uma moça orgulhosa. Se eu lhe der a impressão de estar desconfiada de que ela seja estéril, pode ser que se ofenda. Conselhos como esse são mais bem-vindos de uma amiga do que de uma sogra.

– Entendo.

– Faça isso como uma gentileza para mim.

Era uma cortesia da rainha pedir o que poderia ordenar.

– É claro – respondeu Alison.

Catarina se levantou e foi até a janela. As demais pessoas se aglomeraram à sua volta, inclusive Alison, e olharam lá para fora.

Na rua, duas cercas paralelas delimitavam uma pista longa e estreita. Em uma das pontas da trilha estava o cavalo do rei, chamado Malheureux; na outra, a montaria de Gabriel, o conde de Montgomery. Pelo centro da pista corria uma barreira que impedia os animais de colidirem.

O rei conversava com Montgomery no meio do terreno. Não era possível ouvir suas vozes da janela do palácio, mas tudo indicava tratar-se de uma discussão. O torneio estava quase no fim e alguns espectadores já iam embora, mas Alison imaginou que o combativo monarca quisesse travar um embate final. O rei então levantou a voz, e todos o ouviram dizer:

– É uma ordem!

Montgomery fez uma mesura obediente e pôs o elmo. O rei também pôs o seu, e os dois combatentes voltaram cada um para um extremo da pista.

Henrique baixou o visor do elmo. Alison ouviu Catarina murmurar:

– Afivele o visor, *chéri*.

O rei então acionou o fecho que impedia a peça de voar para cima. Impaciente, Henrique esporeou o cavalo e atacou antes mesmo que o clarim soasse. Montgomery fez o mesmo.

Os cavalos eram corcéis criados para a guerra, grandes e fortes, e seus cascos produziam o rugido de um titã golpeando a terra com gigantescas baquetas de tambor. Alison sentiu a pulsação se acelerar de empolgação e medo. Os dois cavaleiros ganharam velocidade. A multidão gritou animada enquanto os cavalos galopavam um ao encontro do outro, com as fitas a esvoaçar. Os dois homens posicionaram suas lanças num ângulo em relação à barreira central. As armas tinham as pontas rombudas: o objetivo não era ferir o oponente, apenas derrubá-lo da sela. Mesmo assim, Alison ficava aliviada pelo fato de só homens terem de praticar aquele esporte. Ela teria ficado aterrorizada.

No último instante, ambos os oponentes seguraram seus cavalos com firmeza entre as pernas e se inclinaram para a frente. Então se chocaram com um terrível estrondo. A lança de Montgomery acertou a cabeça do rei e danificou o elmo. O visor do rei voou para cima, e Alison entendeu na hora que o impacto quebrara o fecho. A lança de Montgomery se partiu ao meio.

Uma fração de segundo depois, por causa do impulso criado pelo movimento dos cavalos, a ponta da lança partida acertou o rosto do rei. Henrique bambeou na sela e pareceu perder os sentidos. Catarina deu um grito de medo.

Alison viu o duque Balafré pular a cerca e correr na direção do monarca. Vários outros nobres fizeram o mesmo. Eles pararam o cavalo e então, com grande esforço por causa da pesada armadura, tiraram Henrique da sela e o puseram no chão.

O cardeal correu atrás de seu irmão, e Pierre seguiu o patrão. Quando o elmo do rei foi cuidadosamente removido, todos viram na mesma hora que o ferimento era grave. Seu rosto estava banhado em sangue. Do olho despontava uma farpa grossa e comprida. Havia outras alojadas no rosto e na cabeça. Ele não se mexia,

parecia insensível à dor e apenas semiconsciente. Seu médico estava ali justo para o caso de haver algum incidente e ajoelhou-se junto ao rei.

Carlos passou vários instantes olhando para Henrique, então recuou.

– Ele vai morrer – murmurou para Pierre.

Pierre ficou desorientado. O que aquilo significava para a família de Guise, cujo futuro também era o seu? O plano de longo prazo que Carlos acabara de lhe esboçar estava arruinado. Pierre sentiu uma ansiedade que beirava o pânico.

– É cedo demais! – falou.

Percebeu que a voz saía estranhamente aguda. Esforçou-se para falar com mais calma.

– Francisco não pode governar este país – completou.

Carlos se afastou mais um pouco da multidão para ter certeza de que ninguém os escutaria, embora no momento ninguém prestasse atenção em nada além do rei.

– Pela lei francesa, um rei pode governar aos 14 anos. Francisco tem 15.

– É verdade.

Pierre começou a pensar. À medida que a lógica dominava sua mente, o pânico foi embora.

– Mas Francisco vai ter ajuda – disse ele. – E aquele que se tornar seu conselheiro mais próximo será o verdadeiro rei da França – falou e, mandando a cautela às favas, chegou mais perto de Carlos e concluiu num tom baixo e urgente: – *Cardeal, o senhor precisa ser esse homem.*

Carlos lhe lançou o olhar incisivo que Pierre já conhecia bem. Era aquele que indicava que sua ideia o surpreendera.

– Tem razão – disse o clérigo devagar. – Mas a escolha natural seria Antoine de Bourbon. Ele é o primeiro príncipe de sangue.

Um príncipe de sangue era um descendente direto do sexo masculino de um monarca francês. Esses homens formavam a mais nobre aristocracia depois da família real em si. Tinham precedência sobre todos os outros nobres. E, de todos eles, Antoine era o mais importante.

– Que Deus não permita – falou Pierre. – Se Antoine se tornar o principal conselheiro do rei Francisco II, vai ser o fim do poder dos Guises.

E da minha carreira também, pensou.

Antoine era rei de Navarra, um pequeno país entre França e Espanha. Mais importante ainda, era o chefe da família Bourbon, os grandes rivais dos Guises, junto com o clã dos Montmorencys. Suas políticas em relação à religião eram fluidas, sendo que a aliança Bourbon-Montmorency tendia a ser menos linha-dura contra heresias do que os Guises, de forma que era preferida pelos protestantes – um apoio nem sempre bem-vindo. Se Antoine passasse a controlar o menino-rei, os Guises ficariam impotentes. Pierre não queria nem pensar nessa possibilidade.

– Antoine é burro – disse Carlos. – E desconfia-se que seja protestante.

– E, mais importante ainda, ele está fora da cidade.

– Sim, está em Pau.

A residência dos monarcas de Navarra ficava no sopé dos montes Pireneus, a quase mil quilômetros de Paris.

– Mas mensageiros já devem estar a caminho para avisá-lo antes do cair da noite – insistiu Pierre. – O senhor pode neutralizar Antoine, mas só se agir depressa.

– Preciso falar com minha sobrinha Maria Stuart. Ela vai ser rainha da França. Tem de convencer o novo rei a rejeitar Antoine como conselheiro.

Pierre balançou a cabeça. Carlos estava raciocinando, mas Pierre estava à sua frente.

– Maria é uma linda criança. Não se pode confiar a ela algo dessa importância.

– Catarina, então.

– Ela é indulgente com os protestantes e talvez não faça objeção a Antoine. Tenho uma ideia melhor.

– Pode falar.

Carlos estava escutando Pierre como teria dado atenção a um igual. O rapaz sentiu um rubor de prazer. Sua sagacidade tinha lhe valido o respeito do político mais hábil da França.

– Diga a Catarina que, se ela aceitar o senhor e seu irmão como os principais conselheiros do rei, o senhor expulsará Diane de Poitiers da corte para sempre.

Carlos pensou durante alguns segundos e, bem devagar, assentiu uma única vez.

Alison ficou secretamente animada com o acidente do rei Henrique. Vestiu roupas simples e brancas de luto e chegou até a conseguir forçar o choro algumas vezes, mas foi tudo só fachada. Por dentro, estava comemorando. Era a melhor amiga de Maria Stuart, que estava prestes a virar rainha da França!

O rei fora levado até o Palácio de Tournelles, e a corte se reunira em torno de seu quarto. Ele demorou muito a morrer, mas poucos duvidaram de que isso aconteceria. Um de seus médicos era Ambroise Paré, o cirurgião que removera a ponta de lança da bochecha de Francisco de Guise, deixando as cicatrizes que tinham valido ao duque seu apelido. Segundo Paré, se a farpa houvesse penetrado apenas no olho de Henrique, ele talvez sobrevivesse, contanto que não houvesse uma forte infecção. Mas a ponta fora mais longe e atingira o cérebro. Paré fez experimentos com quatro criminosos condenados, enfiando farpas em seus olhos para simular o mesmo dano, e todos morreram; não havia esperanças para o rei.

Prestes a se tornar o rei Francisco II, o marido de 15 anos de Maria Stuart passou a se comportar como uma criança. Ficava deitado na cama gemendo palavras incompreensíveis e balançando-se ritmadamente feito um louco e teve de ser contido para que não batesse com a cabeça na parede. Até mesmo Maria e Alison, suas amigas desde a infância, se ressentiram com o fato de ele se mostrar tão covarde.

Embora nunca houvesse sido a dona do próprio marido, a rainha Catarina ficou abalada com a perspectiva de perdê-lo para sempre. No entanto, conseguiu ser implacável ao proibir que Diane de Poitiers ficasse na presença do rei. Em duas ocasiões, Alison viu Catarina muito entretida em uma conversa com o cardeal Carlos, que talvez estivesse lhe proporcionando consolo espiritual, mas mais provavelmente a estivesse ajudando a planejar uma sucessão sem sobressaltos. Em ambas as vezes, os dois estavam acompanhados por Pierre Aumande, o belo e misterioso rapaz que surgira do nada um ano e tanto antes e podia ser visto cada vez com mais frequência ao lado do cardeal.

O rei Henrique recebeu a extrema-unção na manhã do dia 9 de julho.

Nesse mesmo dia, pouco depois da uma da tarde, Maria e Alison almoçavam

em seus aposentos quando Pierre Aumande entrou. Ele fez uma profunda reverência e disse a Maria:

– O rei está piorando depressa. Temos de agir agora.

Era o momento que todos esperavam.

Maria não fingiu estar abalada nem histérica. Engoliu em seco, pousou a faca e a colher, limpou a boca delicadamente com um guardanapo e perguntou:

– O que devo fazer?

Alison se orgulhou do autocontrole de sua senhora.

– Ajudar seu marido – respondeu Pierre. – O duque de Guise está com ele. Vamos todos para o Louvre agora mesmo com a rainha Catarina.

– Para assumir a pessoa do novo rei – disse Alison.

Pierre a encarou com um olhar incisivo. Era o tipo de homem que só via pessoas importantes, constatou ela; as outras eram invisíveis. Ele a avaliou.

– Exatamente – falou. – A rainha-mãe já combinou tudo com os tios de sua senhora, Francisco e Carlos. Nesta hora de perigo, Francisco precisa recorrer à ajuda da esposa, a rainha Maria... e de mais ninguém.

Alison sabia que aquilo era bobagem. Francisco e Carlos queriam que o novo rei recorresse a eles mesmos. Maria era apenas a fachada. Na hora da incerteza que sempre se seguia à morte de um rei, quem detinha o poder não era o novo rei, mas sim quem o tivesse sob a sua custódia. Por isso Alison falara *assumir a pessoa*, uma escolha de palavras que alertara Pierre para o fato de que ela sabia o que estava acontecendo.

Maria não teria entendido isso, supôs Alison, mas pouco importava. O plano de Pierre favorecia Maria. Aliada aos tios, ela seria ainda mais poderosa. Antoine de Bourbon, por sua vez, certamente iria tentar deixá-la de lado caso conseguisse assumir o controle de Francisco. Assim, quando Maria a encarou com um ar de incerteza, Alison deu um leve meneio de cabeça, incentivando-a.

– Muito bem – disse Maria, e se levantou.

A dama de companhia observou o rosto de Pierre e viu que ele notara aquela sutil interação.

Alison acompanhou Maria até o quarto de Francisco e Pierre foi atrás. A porta estava protegida por guardas armados. Alison reconheceu seu líder, Gaston Le Pin, um sujeito com cara de poucos amigos que era o chefe dos capangas

remunerados da família Guise. Deduziu que eles estavam dispostos a levar Francisco à força caso fosse necessário.

Ainda que aos prantos, Francisco deixou que os criados o vestissem. Tanto o duque Balafre quanto o cardeal Carlos já estavam presentes, assistindo inquietos aos preparativos, e instantes depois a rainha Catarina chegou. Era aquele o grupo que iria tomar o poder, compreendeu Alison. A mãe de Francisco fizera um acordo com os tios de Maria.

Alison pensou em quem poderia tentar impedi-los. O principal candidato seria o duque de Montmorency, que detinha o título de condestável da França. Mas o aliado real de Montmorency, Antoine de Bourbon, que nunca reagia depressa, ainda não chegara a Paris.

Ela viu que os Guises estavam numa posição privilegiada. Apesar disso, tinham razão em agir logo. As coisas podiam mudar depressa. De nada adiantaria estar em vantagem se não tirassem proveito dela.

– Os novos rei e rainha vão ocupar os aposentos reais do Palácio do Louvre imediatamente – disse Pierre a Alison. – O duque de Guise se mudará para o antigo quarto de Diane de Poitiers e o cardeal Carlos ocupará os ex-aposentos do duque de Montmorency.

Esperto, pensou Alison.

– Assim a família Guise ficará com o rei e o palácio.

Pierre tinha um ar tão satisfeito consigo mesmo que Alison supôs que a ideia houvesse sido dele.

– Quer dizer que vocês neutralizaram com eficácia o grupo rival – acrescentou ela.

– Não existe grupo rival – retrucou Pierre.

– É claro que não – disse ela. – Que tola eu sou.

Ele a encarou com algo semelhante a respeito. Aquilo a deixou satisfeita e ela percebeu que se sentia atraída por aquele rapaz inteligente e seguro de si. Você e eu poderíamos ser aliados, pensou, talvez até algo mais. Tendo passado a maior parte da vida na corte francesa, Alison via o casamento da mesma forma que os nobres: mais do que um vínculo de amor, uma aliança estratégica. Ela e Pierre Aumande poderiam formar um casal formidável. Além do que, no fim das contas, não seria dificuldade nenhuma acordar de manhã ao lado de um homem

com aquela aparência.

O grupo desceu a grande escadaria, atravessou o saguão e saiu para os degraus da frente do palácio.

Do lado de fora do portão, uma multidão de parisienses esperava para ver o que iria acontecer. Ao avistar Francisco, todos deram vivas. Aquelas pessoas também sabiam que ele em breve seria rei.

No pátio em frente ao palácio, carruagens aguardavam protegidas pelos capangas dos Guises. Alison reparou que os veículos estavam posicionados de modo que todos na multidão pudessem ver quem embarcava.

Gaston Le Pin abriu a porta da primeira carruagem. O duque de Guise avançou sem pressa com Francisco. O povo conhecia Balafré, e todos puderam ver que ele fora encarregado do rei. Aquilo tudo fora cuidadosamente coreografado, entendeu Alison.

Para seu grande alívio, Francisco caminhou até a carruagem, subiu o único degrau e entrou sem fazer papel de bobo.

Catarina e Maria embarcariam a seguir. Perto do degrau, Maria recuou para deixar a rainha-mãe subir primeiro. Mas Catarina fez que não e aguardou.

De cabeça bem erguida, Maria embarcou na carruagem.

vi

– É pecado casar com quem não se ama? – indagou Pierre a seu confessor.

Padre Moineau era um sacerdote de 50 e poucos anos, rosto quadrado e físico pesado. Sua sala no Collège des Âmes continha mais livros do que a loja do pai de Sylvie. Era um intelectual bastante respeitado, que gostava da companhia de rapazes e era popular entre os alunos. Moineau sabia tudo sobre o trabalho que Pierre fazia para o cardeal Carlos.

– Certamente não – respondeu.

Sua voz era um barítono encorpado, levemente enrouquecida devido a uma predileção pelo vinho forte das ilhas Canárias.

– Os nobres precisam fazer isso. Talvez seja até pecado um rei se casar com alguém que *de fato* ame.

Ele deu uma risadinha. Como qualquer professor, adorava um paradoxo. Mas

Pierre falava sério nesse dia.

– Eu vou arruinar a vida de Sylvie.

Moineau tinha afeição por Pierre; teria até gostado que sua intimidade fosse física, mas logo compreendera que o rapaz não apreciava estar com homens, portanto nunca fizera nada além de lhe dar tapinhas afetuoso nas costas. Ele adotou um semblante grave e mudou o tom de voz.

– Entendo – falou. – E quer saber se estaria cumprindo a vontade de Deus.

– Exato.

Não era frequente Pierre ser atormentado pela própria consciência, mas ele nunca fizera tanto mal a alguém quanto estava prestes a fazer a Sylvie.

– Escute o que vou lhe dizer – disse Moineau. – Quatro anos atrás, um erro terrível foi cometido. Ficou conhecido como a Paz de Augsburgo. É um tratado que permite a cada província alemã optar por seguir a heresia do luteranismo caso seu governante assim deseje. Pela primeira vez, existem lugares no mundo em que ser protestante não é crime. Isso é uma catástrofe para a fé cristã.

– *Cuius regio, eius religio* – citou Pierre em latim.

Esse era o lema do tratado assinado em Augsburgo. Significava: “A cada reino sua religião.”

– Ao assinar o acordo, o imperador Carlos V esperava pôr fim aos conflitos religiosos – prosseguiu Moineau. – Mas o que aconteceu? No começo deste ano, a amaldiçoada rainha Elizabeth da Inglaterra impôs o protestantismo a seus pobres súditos, que hoje se veem privados do consolo dos sacramentos. A *tolerância está se propagando*. É essa a terrível verdade.

– E precisamos fazer tudo o que pudermos para detê-la.

– Seus termos são exatos: *tudo o que pudermos*. E agora temos um jovem rei muito sujeito à influência da família Guise. O céu nos enviou uma oportunidade para aumentarmos a repressão. Olhe, eu sei como você se sente: nenhum homem sensível gosta de ver pessoas queimadas na fogueira. Você me falou sobre Sylvie, e ela parece ser uma moça normal. Um pouco lasciva demais, talvez. – O padre deu uma nova risadinha, em seguida retomou o tom grave. – Sob a maioria dos aspectos, a pobre Sylvie nada mais é do que uma vítima dos pais pervertidos que a criaram na heresia. Mas é isso que os protestantes fazem. Eles convertem outros. E as vítimas perdem suas almas imortais.

– Está dizendo, então, que eu não estaria fazendo nada de errado ao me casar com Sylvie e depois traí-la.

– Muito pelo contrário – reforçou Moineau. – Você estará cumprindo a vontade de Deus... e lhe garanto que será recompensado no paraíso.

Era isso que Pierre queria escutar.

– Obrigado – falou.

– Que Deus o abençoe, meu filho – disse o padre Moineau.

vii

Sylvie casou-se com Pierre no último domingo de setembro.

A cerimônia católica foi celebrada no sábado, na igreja da paróquia, mas Sylvie não levou isso em conta: era uma exigência legal, nada mais. Eles passaram a noite de sábado separados. No domingo, celebraram seu verdadeiro casamento no pavilhão de caça que servia de igreja protestante.

Fazia um tempo ameno entre o verão e o outono, nublado, mas sem chuva. O vestido de Sylvie era de um cinza-claro suave, e Pierre comentou que a cor fazia sua pele luzir e os olhos brilharem. Ele próprio estava lindo com o casaco novo feito por Duboeuf. A cerimônia foi celebrada pelo pastor Bernard, e o marquês de Nîmes serviu de testemunha. Ao pronunciar os votos, Sylvie foi tomada por uma sensação de serenidade, como se a vida houvesse enfim começado.

Após a cerimônia, a congregação toda foi convidada a ir à livraria. Pessoas ocuparam a loja e os aposentos da família no andar de cima. Sylvie e a mãe haviam passado a semana inteira preparando comida: caldo de açafão, empadões de porco com gengibre, tortas de queijo com cebola, pastéis de creme, bolinhos de maçã, geleias. Mostrando-se bem mais agradável do que de costume, Gilles serviu vinho e passou bandejas de comida. Todos comeram e beberam em pé, com exceção do casal de noivos e do marquês e a marquesa, que tiveram o privilégio de se sentarem à mesa de jantar.

Sylvie achou que Pierre parecia um pouco tenso, o que não era habitual: em geral, os momentos em que ele se mostrava mais relaxado eram os grandes eventos sociais, quando escutava com atenção os homens e encantava as mulheres, e nunca deixava de chamar de lindo um recém-nascido,

independentemente de como fosse a criança. Nesse dia, porém, estava inquieto. Foi até a janela duas vezes e se sobressaltou a cada vez que os sinos da catedral bateram as horas inteiras. Sylvie supôs que estivesse preocupado por participar de uma reunião de protestantes no coração da cidade.

– Relaxe – disse ela. – É só uma festa de casamento como outra qualquer. Ninguém sabe que somos protestantes.

– É claro – disse ele e abriu um sorriso nervoso.

Sylvie pensava na noite de núpcias. Ansiava por aquele momento, mas também estava um pouco nervosa. “Perder a virgindade não dói muito, e é só por um instante”, dissera-lhe a mãe. “Algumas moças nem sentem. E não se preocupe se você não sangrar... nem todo mundo sangra.” Na verdade não era com isso que ela se preocupava. Ansiava pela intimidade física de se deitar na cama com Pierre, beijá-lo e tocá-lo quanto quisesse, sem precisar se conter. Mas ficava aflita imaginando se ele iria amar seu corpo. Sentia que não tinha um corpo perfeito para o marido. As mulheres das estátuas sempre tinham os dois seios do mesmo tamanho, enquanto os dela não eram idênticos. E as partes íntimas das mulheres nuas dos quadros eram quase invisíveis, às vezes cobertas apenas por uma leve penugem, mas as suas eram gordinhas e peludas. O que ele iria pensar quando a visse nua pela primeira vez?

Tinha vergonha de compartilhar essas preocupações com a mãe. Passou-lhe pela cabeça perguntar à marquesa Louise, que era só três anos mais velha do que ela e tinha um busto particularmente grande. Então, bem na hora em que chegou à conclusão de que Louise não lhe daria abertura para que abordasse tal assunto, seus pensamentos foram interrompidos. Ela ouviu vozes alteradas na livraria, em seguida alguém gritou. Estranhamente, embora o barulho viesse de dentro da casa, Pierre foi de novo até a janela. Ela ouviu vidro se quebrando. O que estaria acontecendo? Aquilo parecia cada vez mais uma briga. Alguém teria se embestado? Como podiam estragar o dia do seu casamento?

O marquês e a marquesa pareciam temerosos. Pierre empalidecera. Estava de costas para a janela, olhando para o patamar da escada e os degraus através da porta aberta. Sylvie correu até a escada. Por uma das janelas dos fundos, viu alguns dos convidados fugirem atravessando o quintal dos fundos. Quando olhou para baixo, um homem que ela não conhecia começava a subir. Usava um colete

de couro e carregava um porrete. Horrorizada, ela entendeu que o que estava acontecendo era pior do que uma briga de bêbados entre os convidados: aquilo era uma batida oficial. Sua raiva se transformou em medo. Assustada com o brutamontes, ela correu de volta para a sala de jantar.

O homem entrou atrás dela. Era baixo, tinha um físico potente e havia perdido a maior parte de uma orelha. Seu aspecto era assustador. Apesar disso, o pastor Bernard, homem frágil de 55 anos, postou-se na sua frente e disse, corajoso:

– Quem é o senhor e o que deseja?

– Eu sou Gaston Le Pin, capitão da guarda residencial da família Guise, e o senhor é um herege blasfemo – respondeu o homem.

Então ergueu o porrete para bater no pastor. Bernard conseguiu desviar um pouco. Ainda assim, o porrete o acertou nos ombros e o derrubou.

Le Pin olhou para os outros convidados, que tentavam se espremer junto às paredes.

– Alguém mais tem alguma pergunta? – indagou.

Ninguém disse nada.

Dois outros capangas entraram e se postaram atrás de Le Pin. Então, de modo incompreensível, Le Pin perguntou a Pierre:

– Qual deles é o marquês?

Sylvie ficou estarrecida. O que estava acontecendo?

De modo mais incompreensível ainda, Pierre apontou para o marquês de Nîmes.

– E imagino que a vaca peituda seja a marquesa – indagou Le Pin.

Pierre aquiesceu sem dizer nada.

Sylvie sentiu que o mundo tinha virado de cabeça para baixo. Seu casamento havia se transformado num pesadelo de violência no qual ninguém era o que parecia ser.

A marquesa Louise se levantou e, indignada, disse a Le Pin:

– Como o senhor se atreve?

Le Pin a esbofeteou com força. Ela gritou e caiu para trás. Sua bochecha ficou vermelha na hora, e ela começou a chorar.

O corpulento e velho marquês fez que ia se levantar da cadeira, entendeu que

era inútil e tornou a se sentar.

Le Pin se dirigiu aos homens que haviam entrado atrás dele.

– Levem esses dois e certifiquem-se de que não fujam.

O marquês e a marquesa foram arrastados para fora da sala.

Ainda caído no chão, o pastor Bernard apontou para Pierre:

– Seu demônio, você é um espião!

Na mente de Sylvie, tudo se encaixou. Horrorizada, entendeu que aquela batida fora responsabilidade de Pierre. Ele se infiltrara na congregação para traí-los. Fingira se apaixonar por ela apenas para conquistar sua confiança. Por isso adiara tanto a data do casamento.

Ela o encarou atônita e, onde antes havia o homem que amava, enxergou um monstro. Foi como se lhe decepassem um braço e ela encarasse o coto ensanguentado. Só que doía mais. Não era só o dia do seu casamento que estava arruinado: era a vida inteira. Ela quis morrer.

Moveu-se na direção de Pierre.

– Como você pôde? – gritou, partindo para cima dele sem saber o que pretendia fazer. – Seu Judas Iscariotes, como você pôde?

Então algo acertou sua cabeça por trás e tudo ficou preto.

viii

– Uma coisa me deixou intrigado na coroação – comentou Pierre com o cardeal Carlos.

Os dois estavam no vasto palácio dos Guises na Rue Vieille du Temple, na opulenta saleta em que Pierre se encontrara pela primeira vez com Carlos e seu irmão mais velho da cicatriz, Francisco. O cardeal tinha comprado mais quadros desde então, todos retratando cenas bíblicas, só que com alto teor sexual: Adão e Eva, Susana e os anciãos, a mulher de Potifar.

Às vezes Carlos se interessava pelo que Pierre tinha a dizer; outras, mandava o rapaz se calar com um gesto desdenhoso e casual dos longos dedos. Nesse dia, estava receptivo.

– Continue.

– “Francisco e Maria, pela graça de Deus feitos rei e rainha de França,

Escócia, Inglaterra e Irlanda” – citou Pierre.

– Como de fato são. Francisco é rei da França. Maria é rainha da Escócia. E, por direito de herança e pela autoridade do papa, Maria é também rainha da Inglaterra e da Irlanda.

– E essas palavras foram talhadas nos seus móveis novos e gravadas no novo serviço de jantar da rainha para todos verem... inclusive o embaixador inglês.

– Aonde você quer chegar?

– Ao incentivar Maria Stuart a dizer ao mundo que é a rainha legítima da Inglaterra, transformamos a rainha Elizabeth em inimiga.

– E daí? Elizabeth não chega a ser uma ameaça para nós.

– Mas o que ganhamos com isso? Quando fazemos um inimigo, deve haver algum benefício. Caso contrário, os únicos prejudicados somos nós mesmos.

Uma expressão de cobiça tomou conta do rosto comprido de Carlos.

– Nós vamos governar o maior império da Europa desde Carlos Magno – disse ele. – Nosso reino será maior do que o de Filipe da Espanha, pois os domínios dele estão espalhados, sendo, portanto, impossíveis de governar, ao passo que o novo império francês será compacto e terá sua riqueza e força concentradas. Dominaremos tudo de Edimburgo até Marselha e controlaremos o oceano do mar do Norte até o golfo da Gasconha.

Pierre correu o risco de argumentar:

– Se estivermos falando sério, melhor teria sido esconder nossas intenções dos ingleses. Agora eles estão avisados.

– E o que vão fazer? Elizabeth governa um país pobre e bárbaro que não tem exército.

– Mas tem força naval.

– Que não é grande coisa.

– Mas considerando a dificuldade de se atacar uma ilha...

Carlos fez o gesto com os dedos para indicar que perdera o interesse.

– Passemos a um tópico mais imediato – falou.

Entregou a Pierre uma folha de papel grosso com um selo oficial.

– Aqui está. A anulação do seu casamento.

Pierre aceitou agradecido o papel. Ainda que seu casamento nunca houvesse se consumado, podia ser difícil conseguir uma anulação. Sentiu-se aliviado.

– Foi rápido.

– Eu não sou cardeal à toa. E foi valente da sua parte ir adiante com a cerimônia.

– Valeu a pena.

Centenas de protestantes haviam sido presos por toda a cidade numa série de ataques coordenados planejada por Carlos e Pierre.

– Mesmo que a maioria tenha sido liberada com fianças – arrematou Pierre.

– Se eles renunciavam às suas crenças, não podemos queimá-los na fogueira... principalmente se forem aristocratas, como o marquês de Nîmes e a esposa. O pastor Bernard vai morrer... ele se recusou a abjurar, mesmo sob tortura. E encontramos trechos de uma Bíblia em francês na oficina de impressão, de modo que o pai da sua ex-mulher não vai conseguir escapar da punição. Gilles Palot vai ser queimado.

– E tudo isso vai transformar os Guises em heróis católicos.

– Graças a você.

Radiante de orgulho, Pierre inclinou a cabeça em agradecimento. Estava muito satisfeito. Era o que ele queria: tornar-se o ajudante de confiança do homem mais poderoso do país. Aquele era seu momento de triunfo. Contudo, tentou não dar mostras do que sentia.

– Mas há outro motivo para eu ter tido pressa em conseguir a anulação – disse Carlos.

Pierre franziu o cenho. O que era agora? Carlos era o único homem em Paris tão ardiloso quanto ele próprio.

– Quero que você se case com outra pessoa – prosseguiu o cardeal.

– Meu bom Deus!

Por essa Pierre não esperava. Na mesma hora, pensou em Véronique de Guise. Teria Carlos mudado de ideia? Seu coração se encheu de esperança. Seria possível que sonhos virassem realidade?

– Meu sobrinho Alain, de apenas 14 anos, seduziu uma criada e a engravidou – disse Carlos. – Ele não pode se casar com ela.

O ânimo de Pierre desabou dolorosamente.

– Uma criada?

– Quando Alain se casar, será um acordo político, como acontece a todos os

homens da família Guise que não são chamados à vocação do sacerdócio. Mas eu gostaria de cuidar dessa criada. Tenho certeza de que você entende isso, já que nasceu em circunstâncias semelhantes.

Pierre ficou nauseado. Pensara que o triunfo conquistado por ele e Carlos talvez elevasse seu status, deixando-o mais próximo ao de um membro da família. Em vez disso, estava sendo lembrado de sua inferioridade.

– O senhor quer que eu me case com uma criada?

Carlos riu.

– Não fale como se fosse uma sentença de morte!

– Está mais para prisão perpétua.

O que ele iria fazer em relação àquilo? Carlos não gostava de ser contrariado. Caso Pierre se recusasse, poderia prejudicar sua carreira em ascensão.

– Vamos lhe dar uma pensão – disse Carlos. – Cinquenta libras por mês...

– Não ligo para dinheiro.

A insolência da interrupção fez o cardeal arquear as sobrancelhas.

– É mesmo? E para que você liga?

Pierre se deu conta de que apenas uma recompensa poderia fazer aquele sacrifício valer a pena.

– Quero o direito de mudar meu nome para Pierre Aumande de Guise.

– Case-se com ela e veremos.

– Não.

Pierre agora estava arriscando tudo.

– Meu nome na certidão de casamento tem de ser Pierre Aumande de Guise.

Caso contrário, eu não a assinarei.

Ele nunca fora tão audacioso assim com Carlos. Prendeu a respiração à espera da reação do cardeal, temendo sua ira.

– Você é um bastardozinho determinado, não é mesmo? – disse Carlos.

– Se não fosse assim, não seria tão útil para o senhor.

– Verdade.

Carlos se calou e passou alguns minutos pensando. Então disse:

– Está bem, concordo.

Pierre sentiu-se fraco de tanto alívio.

– De agora em diante, você se chama Pierre Aumande de Guise – disse

Carlos.

– Obrigado.

– A moça está no próximo cômodo seguindo pelo corredor. Vá vê-la. Travem conhecimento.

Pierre se levantou e foi até a porta.

– Seja gentil com ela – acrescentou Carlos. – Dê-lhe um beijo.

Pierre se retirou sem responder. Do lado de fora da porta, ficou parado um instante, trêmulo. Tentava absorver tudo aquilo. Não sabia se deveria ficar exultante ou infeliz. Escapara de um casamento indesejado só para cair em outro. Mas agora era um Guise!

Recompôs-se. Era melhor dar uma olhada na futura esposa. Ela era de classe baixa, claro. Mas talvez fosse bonita, visto que conseguira seduzir Alain de Guise. Por outro lado, não era preciso grande coisa para conquistar o interesse sexual de um adolescente de 14 anos: nesse caso, o atrativo mais importante era se mostrar receptiva.

Ele seguiu o corredor até a porta ao lado e entrou sem bater.

Sentada no sofá, uma moça chorava segurando a cabeça entre as mãos. Usava o vestido sem ornamentos da criadagem. Era um tanto rechonchuda, constatou Pierre, talvez devido à gravidez.

Quando ele fechou a porta atrás de si, ela ergueu os olhos.

Pierre a conhecia. Era a feiosa Odette, criada de Véronique. Ele estaria para sempre preso à lembrança de quem não pudera ter.

Odette o reconheceu e sorriu corajosamente por entre as lágrimas, deixando à mostra os dentes tortos.

– É o senhor quem vai me salvar? – indagou.

– Que Deus me ajude – respondeu Pierre.

Depois que Gilles Palot foi queimado na fogueira, a mãe de Sylvie entrou em depressão.

Para Sylvie, esse foi o maior de todos os traumas, mais devastador do que a traição de Pierre, mais triste do que a execução do pai. Sempre vira Isabelle

como um rochedo indestrutível, o alicerce de sua vida. Fora ela quem passara bálsamos em seus machucados de menina, quem a alimentara quando sentira fome e quem havia acalmado o temperamento vulcânico de seu pai. Agora a mãe estava perdida. Passava o dia numa cadeira. Se Sylvie acendia a lareira, Isabelle ficava olhando para o fogo; se ela preparava uma refeição, Isabelle comia de modo mecânico; se Sylvie não a ajudasse a se vestir, passava o dia inteiro só com as roupas de baixo.

O destino de Gilles fora selado quando uma pilha de folhas recém-impressas de Bíblias em francês foi encontrada na oficina. As folhas estavam prontas para serem cortadas em páginas e encadernadas para formar livros, que depois disso teriam sido levados para o depósito secreto na Rue du Mur. Só que não houvera tempo para terminá-los. Assim, Gilles era culpado não só de cometer heresia, mas de disseminar a heresia. Não houvera clemência para ele.

Aos olhos da Igreja, a Bíblia era o mais perigoso de todos os livros proibidos – ainda mais se traduzida para o francês ou o inglês, com notas nas margens explicando como determinados trechos provavam que os ensinamentos protestantes estavam corretos. Os padres diziam que as pessoas comuns não eram capazes de interpretar a palavra de Deus, que precisavam ser guiadas. Já para os protestantes, a Bíblia abria os olhos dos homens para os erros dos sacerdotes. Ambos os lados consideravam a leitura da Bíblia a questão central do conflito religioso que tinha varrido a Europa.

Os funcionários de Gilles haviam alegado desconhecer as folhas em questão. Segundo eles, só haviam trabalhado em Bíblias em latim e outras obras permitidas; Gilles devia ter imprimido as outras sozinho, à noite, depois de eles irem para casa. Tiveram de pagar uma multa, mas escaparam da pena de morte.

Quando um homem era executado por heresia, todos os seus bens eram confiscados. A aplicação dessa lei não era consistente e as interpretações podiam variar, mas Gilles perdeu tudo, e a mulher e a filha ficaram na miséria. Conseguiram fugir levando o dinheiro que estava na oficina antes que ela fosse ocupada por um impressor da concorrência. Mais tarde foram lá implorar por suas roupas e descobriram que tinham sido vendidas: o mercado de roupas de segunda mão era grande. As duas viviam agora num quartinho de uma casa de cômodos.

Tendo sido criada para vender livros, não para fazer roupas, Sylvie era má costureira, de modo que não podia sequer começar a costurar para fora, um último recurso comum a mulheres de classe média destituídas. O único trabalho que conseguiu arrumar foi o de lavar a roupa de famílias protestantes. Apesar das batidas, a maioria continuava praticando a verdadeira religião e, após pagar as fianças, tinha voltado a reunir suas congregações e encontrado novos lugares para os cultos. Quem conhecia a Sylvie de antes muitas vezes lhe pagava mais do que a tarifa normal pela roupa, mas nem isso bastava para sustentar duas pessoas em comida e lenha, e aos poucos o dinheiro que elas haviam pegado na oficina de impressão foi acabando. Até que terminou de vez num dezembro de frio intenso, em que um vento gélido cortava feito faca as ruas altas e estreitas de Paris.

Um dia, quando Sylvie estava lavando um lençol para Jeanne Mauriac na água gelada do Sena, sentindo o frio machucar tanto as mãos que não conseguia parar de chorar, um homem que passava lhe ofereceu 5 *sous* para chupar seu pau.

Sylvie balançou a cabeça em silêncio e continuou a lavar o lençol, e o homem foi embora.

Mas ela não conseguiu parar de pensar naquilo. Cinco *sous* eram 60 *deniers*, um quarto de libra. Daria para comprar uma carga de lenha, um pernil de porco e pão para uma semana. Tudo o que ela precisaria fazer seria pôr o negócio de um homem na boca. Como isso poderia ser pior do que o que estava fazendo agora? Seria pecado, claro, mas era difícil se importar com o pecado quando suas mãos doíam tanto.

Ela levou o lençol para casa e o pendurou no quarto para secar. O último lote de lenha estava quase no fim: no dia seguinte, já não poderia secar roupa, e nem protestantes pagariam para receber lençóis molhados.

Não dormiu muito nessa noite. Perguntou-se por que alguém a desejaria. Até mesmo Pierre só fizera fingir. Ela nunca se achara bonita, e agora estava magra e suja. No entanto, o homem na beira do rio a desejara, de modo que outros talvez também desejassem.

Pela manhã, ela comprou dois ovos com suas últimas moedas. Pôs o que restava de lenha no fogo e os cozinhou, depois ela e a mãe comeram um cada, junto com os restos rançosos do pão da semana anterior. Então ficaram sem

nada. Iriam simplesmente morrer de fome.

Deus proverá, diziam sempre os protestantes. Mas ele não tinha provido.

Sylvie penteou os cabelos e lavou o rosto. Como não tinha espelho, não podia saber como estava. Virou as meias do avesso para esconder a sujeira. Então saiu.

Não sabia bem o que fazer. Andou pela rua, mas ninguém lhe fez nenhuma proposta indecente. É claro que não, por que fariam? Era ela quem precisava propor. Tentou sorrir para os homens que passavam, mas nenhum reagiu.

– Cinco *sous* para chupar o seu pau – disse a um deles.

Mas o homem apenas fez uma cara constrangida e apertou o passo. Talvez ela devesse mostrar os seios, mas estava frio.

Viu uma moça usando um casaco vermelho velho andar rapidamente pela rua com um homem de meia-idade bem-vestido, segurando-o pelo braço como se temesse que ele fosse fugir. A mulher lhe lançou um olhar duro, que talvez significasse o reconhecimento de uma rival. Sylvie teria gostado de conversar com ela, mas a moça parecia concentrada em ir com o homem para algum lugar e Sylvie a ouviu lhe dizer:

– É logo depois da esquina, querido.

Foi quando se deu conta de que, caso conseguisse arrumar um cliente, não teria para onde levá-lo.

Acabou indo parar na Rue du Mur, em frente ao depósito onde a família Palot costumava guardar seus livros ilegais. Não era uma rua movimentada, mas talvez os homens se mostrassem mais dispostos a lidar com prostitutas em vias secundárias. Dito e feito: um homem parou e a abordou.

– Belos peitos – disse ele.

O coração de Sylvie acelerou. Ela sabia o que tinha de dizer agora: 5 *sous* para chupar o seu pau. Ficou enjoada. Iria mesmo fazer aquilo? Mas estava com fome e com frio.

– Cobra quanto para foder? – quis saber o homem.

Ela não havia pensado nisso. Não soube o que responder.

Sua hesitação deixou o homem irritado.

– Onde fica o seu quarto? – indagou ele. – Aqui perto?

Sylvie não podia levá-lo para onde a mãe estava.

– Eu não tenho quarto – falou.

– Vaca estúpida! – reclamou o homem e foi embora.

Sylvie poderia ter chorado. Ela era uma vaca estúpida. Não havia planejado aquilo direito.

Então olhou para o depósito do outro lado da rua.

Os livros ilegais deviam ter sido queimados. O novo impressor devia estar usando o espaço ou talvez o tivesse alugado para outra pessoa. Mas talvez a chave continuasse atrás do tijolo solto. Quem sabe o depósito poderia lhe servir de “quarto”?

Ela atravessou a rua.

Puxou o meio tijolo solto junto ao batente da porta e pôs a mão lá dentro. A chave estava ali. Ela a pegou e recolocou o tijolo no lugar. Com o pé, afastou um pouco de lixo da frente da porta. Girou a chave na fechadura, entrou, fechou a porta atrás de si, travou-a com a barra e acendeu o lampião.

Tudo parecia igual. Os barris continuavam ali, do chão até o teto. Entre eles e a parede havia espaço para fazer o que ela planejava. O chão era de pedra áspera. Aquele seria o seu quarto secreto da vergonha.

Os barris pareciam empoeirados, como se o depósito não fosse mais usado com frequência. Ela imaginou se os barris vazios estariam no mesmo lugar. Tentou mover um deles e o levantou sem dificuldade. Viu que ainda havia caixas de livros escondidas atrás dele.

Uma possibilidade extraordinária lhe ocorreu. Abriu uma das caixas. Estava repleta de Bíblias em francês.

Como era possível aquilo ter acontecido? Ela e a mãe imaginaram que o novo impressor houvesse confiscado tudo. Mas claramente ele nunca encontrara o depósito. Sylvie franziu o cenho, pensativa. Seu pai sempre insistira em guardar segredo. Nem mesmo os homens que trabalhavam para ele sabiam do depósito. E Sylvie tinha recebido ordens para não dizer nada a Pierre até depois do casamento.

Ninguém sabia, a não ser ela e a mãe.

Isso queria dizer que todos os livros continuavam lá... centenas deles.

E eram valiosos, se ela conseguisse achar pessoas corajosas o bastante para comprá-los.

Sylvie pegou uma Bíblia em francês. Aquilo valia bem mais do que os 5 *sous* que ela pretendia ganhar na rua. Como antigamente, enrolou o livro num quadrado de tecido e o amarrou com um barbante. Então saiu do depósito, trancou a porta com cuidado atrás de si e escondeu a chave.

Foi embora renovada pela esperança.

Na casa de cômodos, Isabelle encarava um fogo já extinto.

Livros eram caros, mas para quem Sylvie poderia vendê-los? Só para protestantes, claro. Seu olhar recaiu sobre o lençol que lavara na véspera. A peça pertencia a Jeanne Mauriac, uma das integrantes da congregação que antes celebrava seus cultos no pavilhão de caça no subúrbio de Saint-Jacques. Seu marido, Luc, era corretor de cargas, o que quer que isso significasse. Sylvie nunca lhe vendera uma Bíblia, pensou, embora ele com certeza tivesse dinheiro para pagar. Mas será que ela se atreveria a fazê-lo, apenas seis meses depois das batidas do cardeal Carlos?

O lençol estava seco. Ela obrigou a mãe a ajudá-la a dobrar. Então o enrolou em volta do livro e levou a trouxa até a casa dos Mauriacs.

Planejou a visita de modo a surpreender a família durante a refeição do meio-dia. A criada olhou para seu vestido maltrapilho e mandou que esperasse na cozinha, mas Sylvie estava desesperada demais para deixar que seus planos fossem frustrados por uma criada. Foi entrando à força na sala de jantar. O cheiro de costeletas de porco fez seu estômago doer.

Luc e Jeanne estavam à mesa com o filho Georges. Luc cumprimentou Sylvie de modo alegre; ele sempre se mostrava jovial. Jeanne fez uma cara desconfiada. Ela era a âncora da família, e muitas vezes parecia contrariada com as brincadeiras do marido e do filho. O jovem Georges já fora admirador de Sylvie, mas agora mal conseguia olhar para ela. A moça não era mais a bem-vestida filha de um próspero impressor: era uma pobretona encardida.

Sylvie desembrulhou o lençol e mostrou o livro a Luc, que avaliou ser o mais propenso a efetuar a compra.

– Se bem me lembro, o senhor ainda não possui uma Bíblia em francês – disse ela. – Esta é uma edição particularmente bonita. Meu pai tinha orgulho dela. Tome, dê uma olhada.

Ela havia aprendido muito tempo antes que havia mais chances de o cliente

efetuar uma compra depois que pegava o livro nas mãos.

Luc folheou o volume com admiração.

– Nós deveríamos ter uma Bíblia em francês – comentou ele com a mulher.

Sylvie sorriu para Jeanne.

– Isso com certeza agradaria ao Senhor – disse para a mulher.

– É contra a lei – comentou a outra.

– Ser protestante também é – retrucou seu marido. – Nós podemos esconder o livro.

Ele olhou para Sylvie.

– Quanto é?

– Meu pai costumava vender por 6 libras – respondeu ela.

Jeanne emitiu um ruído de reprovação, como se aquele fosse um preço demasiado alto.

– Devido às minhas circunstâncias, posso vendê-la ao senhor por 5 – negociou Sylvie.

Ela prendeu a respiração. Luc parecia indeciso.

– Se pudesse fazer por 4...

– Fechado – falou Sylvie. – O livro é seu, e que Deus abençoe seu coração.

Luc pegou a bolsa e contou oito das moedas de prata chamadas *testons*, cada qual no valor de 10 *sous*, meia libra.

– Obrigada – disse Sylvie. – E 10 *deniers* pelo lençol.

Não precisava mais daquele dinheiro, mas lembrou como suas mãos tinham doído ao lavar o lençol e sentiu que o merecia.

Luc sorriu e lhe deu uma pequena moeda chamada *dixain*, que valia 10 *deniers*.

Ele tornou a abrir o livro.

– Quando meu sócio Radiguet vir isto, vai ficar com inveja.

– Não tenho outras – retrucou Sylvie depressa.

A raridade dos livros protestantes mantinha o preço alto, e o pai lhe ensinara a nunca deixar as pessoas saberem que havia muitos.

– Se eu encontrar outra, procuro Radiguet.

– Por favor, faça isso.

– Mas não conte a ele o preço baixo que pagou!

Luc abriu um sorriso cúmplice.

– Só depois que ele lhe pagar.

Sylvie agradeceu e saiu.

Estava tão fraca de alívio que não conseguiu encontrar forças para ficar exultante. Entrou na primeira taberna que viu e pediu uma caneca de cerveja. Bebeu depressa. A bebida aliviou a dor da fome. Ela saiu sentindo-se tonta.

Mais perto de casa, comprou presunto, queijo, manteiga, pão e maçãs, além de uma jarra pequena de vinho. Comprou também um saco de lenha e pagou 10 *deniers* a um menino para que o carregasse.

Quando entrou no quarto da casa de cômodos e a mãe viu as compras, ficou estupefata.

– Oi, mãe – falou Sylvie. – Nossos problemas acabaram.

X

Foi profundamente emburrado que Pierre se casou pela segunda vez, três dias depois do Natal de 1559.

Estava decidido a transformar a boda num evento sem importância; não iria fingir comemorar. Não convidou ninguém nem planejou um café da manhã especial. Sem querer parecer pobre, usou o casaco novo cinza-escuro: a cor sombria combinava com seu estado de espírito. Chegou à igreja da paróquia quando o relógio batia a hora marcada.

Para seu horror, Véronique de Guise estava presente. Sentara-se nos fundos da pequena igreja junto com meia dúzia de criadas dos Guises, decerto amigas de Odette.

Para Pierre, nada poderia ser pior do que Véronique testemunhar sua humilhação. Ela era a mulher com quem ele queria se casar. Conversara com ela, fora sedutor, dera o melhor de si para lhe passar a impressão de que pertenciam ao mesmo nível social. Mas tudo não passara de fantasia, como o cardeal Carlos deixara brutalmente claro. Mas o fato de Véronique ver Pierre se casar com sua criada lhe causava uma dor atroz. Ele quis dar meia-volta e ir embora da igreja.

Então pensou na recompensa. Ao final daquele suplício, iria assinar a certidão com seu novo nome, Pierre Aumande de Guise. Era seu maior desejo.

Ele seria um membro reconhecido da prestigiosa família Guise; isso ninguém poderia lhe tirar. Estaria casado com uma criada feia, grávida de outro homem, mas seria um Guise.

Ele trincou os dentes e jurou suportar a dor.

A cerimônia foi curta, pois o padre tinha recebido a tarifa básica. Véronique e as outras moças deram risadinhas durante a missa. Pierre não entendeu o que era tão engraçado, mas não pôde evitar a impressão de que riam dele. Odette não parava de olhar para as amigas por cima do ombro e sorrir, mostrando os dentes tortos que pareciam lápides num cemitério velho, apinhados bem junto uns dos outros e apontando em todas as direções.

Quando tudo terminou, ela pareceu orgulhosa por sair da igreja de braços dados com um noivo belo e ambicioso. Como se tivesse esquecido que Pierre fora obrigado a se casar. Será que estava fingindo para si mesma que de alguma forma conquistara seu amor e seu afeto?

Como se isso fosse possível.

Eles foram a pé da igreja até a modesta casinha que o cardeal Carlos arrumara. Ficava perto da taberna de Saint-Étienne, no bairro de Les Halles, onde os parisienses faziam suas compras do dia a dia: carne, vinho e as roupas de segunda mão usadas por todos menos os ricos. Mesmo sem serem convidadas, Véronique e as criadas foram atrás. Uma delas carregava uma garrafa de vinho, e todas insistiram para entrar na casa e beber à saúde da noiva e do noivo.

Por fim, elas foram embora, não sem várias piadas grosseiras sobre o casal estar com pressa para fazer o que se espera que os casais recém-casados façam na noite de núpcias.

Pierre e Odette foram para o piso superior. Havia só um quarto e só uma cama. Até aquele momento, Pierre não tinha pensado em ter ou não relações sexuais com a esposa.

Odette se deitou.

– Ora, nós agora somos casados – falou e levantou o vestido para expor a nudez. – Venha, vamos aproveitar.

A repulsa de Pierre foi total. A vulgaridade daquela pose lhe causou um nojo indescritível. Ele ficou consternado.

Foi quando compreendeu que não poderia fazer sexo com ela. Nem nesse dia, nem nunca.

CAPÍTULO 10

Barney Willard detestava estar no Exército. A comida era horrível, ele vivia com frio – a não ser quando morria de calor –, e por longos períodos as únicas mulheres que via eram as prostitutas desalentadas e tristes que acompanhavam os militares, Gómez, o capitão responsável pela companhia, era um truculento grandalhão e mau, que gostava de usar a mão de ferro para punir faltas de disciplina. Pior de tudo: ninguém recebia o soldo havia meses.

Barney não conseguia entender como o rei Filipe da Espanha podia ter problemas financeiros. Apesar de ser o homem mais rico do mundo, vivia sem dinheiro. Barney vira os galeões carregados de prata do Peru entrarem no porto de Sevilha. Para onde ia tudo aquilo? Não para os soldados.

Após deixar Sevilha, dois anos antes, o *José y María* navegara até um lugar chamado Países Baixos, uma federação de dezessete províncias no litoral norte europeu, entre França e Alemanha. Por motivos históricos que Barney nunca chegara a esclarecer, os Países Baixos eram governados pelo rei da Espanha. O exército de Filipe estacionado ali havia lutado contra a França.

Como Barney, Carlos e Ebrima eram bons em trabalhar com metal e tinham se tornado artilheiros, responsáveis pela manutenção e operação das grandes peças de artilharia. Embora tivessem participado de alguns ataques, não era comum que artilheiros fossem postos no combate direto, e todos os três haviam sobrevivido à guerra sem sofrer ferimentos.

O tratado de paz entre Espanha e França fora assinado em abril de 1559, fazia quase um ano, e Filipe voltara para casa, mas deixara seu exército ali. Barney supunha que ele desejasse garantir que os incrivelmente prósperos habitantes dos Países Baixos pagassem seus impostos. Mas os soldados estavam entediados, ressentidos e rebeldes.

Os marujos do capitão Gómez tinham ficado na cidade de Courtrai, às margens do rio Leie. Os habitantes da região não gostavam dos soldados.

Aqueles homens eram estrangeiros, andavam armados, faziam algazarra quando bêbados e, como não recebiam soldo, roubavam. Os Países Baixos tinham tendência à insubordinação. Queriam o Exército espanhol fora dali e deixavam isso bem claro para os soldados.

Os três amigos desejavam sair do Exército. Barney tinha família e uma casa confortável em Kingsbridge e queria rever os parentes. Carlos inventara um tipo novo de fornalha que poderia fazê-lo ganhar uma fortuna; precisava retornar à indústria do ferro. Quanto a Ebrima, Barney não tinha certeza do que o ex-escravo via no próprio futuro, mas certamente não era uma vida militar. No entanto, fugir não era fácil. Soldados desertavam todos os dias, mas podiam ser fuzilados se fossem pegos. Fazia meses que Barney aguardava uma oportunidade, mas nenhuma surgira e ele começava a pensar se estaria sendo cauteloso demais.

Enquanto isso, eles passavam mais tempo que o recomendável em tabernas.

Ebrima era um jogador. Em nome do sonho de ganhar mais, arriscava obsessivamente o pouco dinheiro que tinha. Carlos bebia vinho sempre que podia pagar. Já o vício de Barney eram as mulheres. A taberna de Saint-Martin, no antigo mercado de Courtrai, tinha algo a oferecer a cada um dos três: uma mesa de carteados, vinho espanhol e uma garçonete bonita.

Barney escutava Anouk, a garçonete, reclamar em francês do marido, enquanto Carlos fazia um único copo durar a tarde inteira. No carteados, Ebrima ganhava dinheiro do capitão Gómez Mão de Ferro e de dois soldados espanhóis. Os adversários bebiam muito e gritavam bem alto sempre que ganhavam ou perdiam, mas Ebrima se mantinha em silêncio. Era um jogador sério, cauteloso, e nunca apostava muito alto nem muito baixo. Às vezes perdia, mas em geral ganhava, porque os outros assumiam riscos desnecessários. E nesse dia ele estava com sorte.

Anouk desapareceu cozinha adentro e Carlos disse a Barney:

– Os calibres das balas de canhão deveriam ser padronizados no Exército e na Marinha da Espanha. É assim que os ingleses fazem. Fabricar mil bolas de ferro do mesmo tamanho é mais fácil do que fabricar vinte tamanhos para vinte armas diferentes.

Como sempre, conversavam entre si em espanhol.

– E você nunca iria se pegar tentando usar uma bala 2 ou 3 centímetros mais larga do que o seu cano... como aconteceu conosco mais de uma vez – disse Barney.

– Exato.

Ebrima se levantou da mesa.

– Para mim chega – avisou ele aos outros jogadores. – Obrigado pela partida, senhores.

– Espere aí um minuto – disse Gómez, mal-humorado. – Você precisa nos dar uma chance de ganhar nosso dinheiro de volta.

Os outros dois jogadores concordaram.

– Sim! – gritou um deles.

O outro deu um soco na mesa.

– Amanhã, quem sabe – falou Ebrima. – Passamos a tarde inteira jogando. Agora que estou com dinheiro, quero comprar algo para beber.

– Vamos lá, só mais uma rodada, o dobro ou nada.

– O senhor não tem dinheiro suficiente para fazer essa aposta.

– Ficarei lhe devendo.

– Dívidas criam inimigos.

– Vamos lá!

– Não, capitão.

Gómez se levantou e derrubou a mesa. Tinha mais de 1,80 metro de altura, uma largura proporcional e estava vermelho de tanto beber xerez.

– Eu digo que sim! – berrou.

Os outros clientes da taberna viram a confusão e se afastaram.

Barney deu um passo em direção a Gómez e falou, em voz bem baixa:

– Capitão, deixe que eu lhe pague outra bebida, a sua derramou.

– Vá para o inferno, seu selvagem inglês – rugiu Gómez.

Os espanhóis consideravam os ingleses uns bárbaros do norte, da mesma forma que os ingleses viam os escoceses.

– Ele tem que continuar jogando – prosseguiu Gómez.

– Não tem, não – falou Barney e abriu os braços num gesto de “sejamos sensatos”. – Alguma hora o jogo precisa acabar, não?

– Eu digo quando é hora de acabar. O capitão sou eu.

Carlos se intrometeu:

– Isso não é justo – protestou, indignado.

A injustiça o deixava com raiva, talvez pelo fato de ele próprio ter sofrido tanto com ela.

– Depois de distribuídas as cartas, somos todos iguais – argumentou.

Ele tinha razão: era essa a regra quando oficiais jogavam com soldados alistados.

– O senhor sabe disso, capitão Gómez, não pode fingir que não.

– Obrigado, Carlos – disse Ebrima e se afastou da mesa derrubada.

– Volte aqui, seu demônio preto – chamou Gómez.

Nas raras ocasiões em que Ebrima entrava numa briga, mais cedo ou mais tarde o oponente usava a cor da sua pele como ofensa. Chegava a ser tedioso de tão previsível. Felizmente, o africano tinha um incrível autocontrole, e nunca mordida a isca. Sua única reação à provocação de Gómez foi dar-lhe as costas.

Como qualquer pessoa truculenta, Gómez odiava ser ignorado. Furioso, ele acertou Ebrima por trás. Foi um soco a esmo, um soco de bêbado que só pegou de raspão na cabeça de Ebrima, mas dado com a mão de ferro. Ebrima cambaleou e caiu de joelhos no chão.

Gómez foi atrás dele com a óbvia intenção de bater outra vez. Carlos segurou o capitão para tentar contê-lo. O homem agora estava descontrolado. Ele se debateu. Carlos era forte, mas Gómez era mais e conseguiu se soltar.

Então, com a mão boa, sacou a adaga.

Foi nessa hora que Barney entrou na briga. Ele e Carlos tentaram desesperadamente conter Gómez enquanto Ebrima, ainda atordoado, se levantava com dificuldade. Gómez se livrou de ambos e deu um passo na direção de Ebrima, brandindo bem alto no ar o braço que segurava a faca.

Barney percebeu que aquilo não era mais uma simples discussão de taberna: Gómez estava decidido a matar.

Carlos tentou segurar-lhe a mão da faca, mas Gómez o afastou com um gesto largo do braço que tinha a mão de ferro.

Mesmo assim, ele conseguiu atrasar o capitão por dois segundos, tempo suficiente para que Barney sacasse a própria arma: a adaga espanhola de 60 centímetros de comprimento com punho em forma de disco.

A faca de Gómez já estava bem alto no ar, e ele estendera a mão de ferro para equilibrar o corpo. Isso deixara seu tronco vulnerável.

Quando o capitão baixou a faca, mirando no pescoço do atordoador Ebrima, Barney brandiu a adaga num arco amplo e o apunhalou do lado esquerdo do peito.

Foi um golpe de sorte – ou talvez de muita má sorte. Embora Barney tivesse golpeado a esmo, a afiada lâmina de fio duplo penetrou com facilidade entre as costelas do capitão e se cravou bem fundo no peito. O rugido de dor durou só meio segundo. Quando Barney puxou a arma de volta, um jorro de sangue vermelho-vivo emergiu. Ele entendeu que a adaga penetrara no coração de Gómez. Um segundo depois, o capitão desabou, os dedos já sem vida soltando a faca. Ele chegou ao chão como uma árvore cortada.

Barney o encarou horrorizado. Carlos soltou um palavrão.

– O que nós fizemos? – falou Ebrima, despertando do torpor.

Barney se ajoelhou e tocou o pescoço de Gómez em busca da pulsação. Não sentiu nada. A ferida tinha parado de jorrar sangue.

– Está morto – constatou Barney.

– Nós matamos um oficial – disse Carlos.

Barney quisera evitar que Gómez assassinasse Ebrima, mas isso seria difícil de provar. Correu os olhos pela taberna e viu que as testemunhas iam embora o mais depressa que podiam.

Ninguém se daria ao trabalho de investigar o que de fato ocorrera. Seria apenas uma briga de taberna na qual um soldado matara um oficial. O Exército não teria piedade.

Barney notou o dono da taberna dar instruções no dialeto flamengo ocidental a um rapaz, que saiu apressado segundos depois.

– Devem ter mandado chamar a guarda – disse Barney.

– Os guardas devem ficar lotados na prefeitura – falou Carlos. – Daqui a cinco minutos nós vamos estar presos.

– E eu, praticamente morto – arrematou Barney.

– Eu também – disse Carlos. – Eu ajudei você.

– Vai haver pouca justiça para um africano – comentou Ebrima.

Sem dizer mais nada, os três correram até a porta e saíram para a praça do

mercado. Barney viu que o sol se punha por trás de um céu nublado. Isso era bom. Faltavam apenas um ou dois minutos para escurecer.

– Sigam para a beira do rio! – gritou.

Os três atravessaram correndo a praça e dobraram na Leiestraat, a rua que descia até o rio Leie. Era uma via movimentada no coração de uma cidade próspera, cheia de pessoas e cavalos, carroças cheias e carregadores vergados sob pesados fardos.

– Mais devagar – instruiu Barney. – Não queremos que todos se lembrem em que direção nós fomos.

Mesmo num passo rápido comum, eles ainda chamavam certa atenção. As pessoas sabiam que eram soldados por causa das espadas. Apesar de estarem usando roupas diferentes entre si e sem qualquer característica especial, Barney era alto, com uma farta barba ruiva, e Ebrima era africano. No entanto, a noite não iria demorar a cair.

Chegaram ao rio.

– Precisamos de um barco – disse Barney.

Ele sabia guiar quase todo tipo de embarcação: sempre adorara navegar. Havia várias à vista, amarradas na margem ou ancoradas mais para o meio do rio. Mas poucas pessoas cometiam a tolice de deixar um barco sem proteção, principalmente numa cidade cheia de soldados estrangeiros. Todas as embarcações de maior porte tinham vigias. Até mesmo os pequenos barcos a remo ficavam presos por correntes e sem remos por perto.

– Abaixem-se – falou Ebrima. – Aconteça o que acontecer, não queremos que ninguém veja.

Eles se ajoelharam na lama.

Barney olhou em volta, desesperado. Eles não tinham muito tempo. Quantos minutos a guarda levaria para começar uma busca na beira do rio?

Poderiam soltar um barco pequeno quebrando a madeira onde as correntes ficavam presas, mas sem remos não conseguiriam fazer nada; seriam levados pela correnteza, tornando-se presas fáceis. Talvez fosse melhor nadar até uma barça, dominar o vigia e puxar a âncora, mas será que tinham tempo suficiente? Além disso, quanto mais valiosa a embarcação, mais intensa seria a perseguição.

– Não sei... talvez fosse melhor atravessarmos a ponte e pegarmos a primeira estrada para fora da cidade.

Foi então que ele viu a jangada.

Era uma embarcação quase inútil, apenas alguns troncos de árvore unidos por cordas, com uma cobertura baixa sob a qual um homem poderia dormir. Em pé no convés, o dono da jangada se deixava levar pela correnteza enquanto usava uma vara comprida para controlar a direção. Ao seu lado havia uma pilha de materiais que, à luz do crepúsculo, pareciam cordas e baldes usados para pesca.

– Ali está nosso barco – disse Barney. – Vamos de mansinho.

Ainda de joelhos, ele entrou na água. Os outros dois o seguiram. O rio ficou fundo depressa, e eles logo estavam mergulhados até o pescoço.

Quando a jangada se aproximou, os três a seguraram pela borda e se içaram. O dono gritou de susto e medo. Carlos se jogou em cima dele, derrubou-o e tapou sua boca para que ele não pedisse socorro. O velho deixou cair a vara com que guiava a jangada, mas Barney conseguiu segurá-la antes que se perdesse de vez e conduziu a embarcação até o meio do rio. Viu Ebrima rasgar uma tira da camisa do homem e enfiá-la em sua boca para silenciá-lo, em seguida pegar um pedaço de corda e amarrar seus pulsos e tornozelos. Os três amigos trabalhavam bem em equipe, refletiu Barney, sem dúvida devido ao tempo que haviam passado juntos manejando e disparando um grande canhão.

Barney olhou em volta. Até onde podia ver, ninguém testemunhara o sequestro da jangada. E agora?

– Vamos ter de... – começou.

– Cale a boca – falou Ebrima.

– O quê?

– Cuidado com o que diz. Não revele nada. Pode ser que ele entenda espanhol.

Barney compreendeu o que ele queria dizer. Mais cedo ou mais tarde, o velho iria contar a alguém o que lhe acontecera... a menos que o matassem, o que nenhum dos três queria fazer. O homem seria questionado sobre seus captores. Quanto menos soubesse, melhor. Ebrima tinha vinte anos a mais do que os outros dois, e aquela não era a primeira vez que seu bom senso refreava os impulsos dos rapazes.

– Mas o que vamos fazer com ele? – indagou Barney.

– Mantê-lo conosco até chegarmos aos campos. Depois largá-lo na margem, amarrado e amordaçado. Ele vai ficar bem, mas só vai ser encontrado de manhã. A essa altura, nós já vamos estar bem longe.

O plano de Ebrima fazia sentido, pensou Barney.

E depois, o que eles fariam? Viajariam à noite e descansariam de dia, pensou. Cada quilômetro que percorressem afastando-se de Courtrai tornaria mais difícil que as autoridades os alcançassem. O que viria a seguir? Se ele bem se lembrava, aquele rio desaguava no Escalda, que ia até a Antuérpia.

Barney tinha um parente na Antuérpia: Jan Wolman, primo de seu falecido pai. Pensando bem, Carlos também era parente de Jan. O eixo comercial entre os portos, Melcombe-Antuérpia-Calais-Sevilha, fora estabelecido por primos: o pai de Barney, Edmund Willard; Jan; o irmão de Edmund, tio Dick; e o pai de Carlos.

Se os três fugitivos conseguissem chegar à Antuérpia, decerto estariam a salvo.

A noite caiu. Barney imaginara que eles viajariam à noite, mas era difícil conduzir uma jangada no escuro. O velho não tinha lampião e, de toda forma, o medo de que fossem vistos os impediria de acender uma chama. A luz das estrelas que atravessava as nuvens era tênue demais. Às vezes Barney conseguia ver o rio à frente, outras vezes batia com a jangada às cegas na margem e tinha de se afastar de novo.

Estava com uma sensação esquisita e se perguntou por quê. Então lembrou que havia matado um homem. Estranho como uma coisa tão terrível desaparecia da consciência da pessoa e retornava de repente, deixando-a atordoada. Sentia-se inquieto e sombrio como a noite. Não parava de pensar no modo como Gómez caíra, como se a vida o houvesse deixado antes mesmo de ele bater no chão.

Não era a primeira vez que Barney matava. Ele havia disparado balas de canhão de longe sobre soldados que avançavam na sua direção e os vira cair às dezenas, mortos ou fatalmente feridos. Porém, de alguma forma, isso não tocara sua alma, talvez porque ele não tivesse visto o rosto dos homens na hora da morte. Matar Gómez, por outro lado, fora um ato de uma intimidade terrível. Barney ainda carregava no pulso a sensação da lâmina da adaga encostando,

depois penetrando no corpo do capitão. Podia ver o sangue jorrar de um coração que ainda batia. Gómez fora um homem detestável e sua morte era uma bênção para a raça humana, mas Barney não conseguia se sentir bem com aquilo.

A luz do luar surgia aqui e ali por entre as nuvens. Num momento de melhor visibilidade, eles largaram o velho num ponto que, até onde puderam julgar, parecia distante de qualquer moradia. Ebrima o carregou até um lugar seco bem acima do rio e o deixou confortável. Da jangada, Barney o ouviu falar com o jangadeiro em voz baixa, talvez pedindo desculpas. Era razoável: o velho nada fizera para merecer aquilo. Barney ouviu o tilintar de moedas.

Ebrima tornou a subir na jangada e Barney os afastou da margem com o auxílio da vara.

– Você deu a ele o dinheiro que ganhou de Gómez, não foi? – perguntou Carlos a Ebrima.

O africano deu de ombros sob a luz do luar.

– Nós roubamos a jangada dele. Era o seu ganha-pão.

– E agora estamos sem nada.

– Você já estava sem nada antes – retrucou Ebrima, incisivo. – Agora eu também estou.

Barney pensou um pouco mais sobre a situação deles. Não sabia se haveria um grande empenho naquela perseguição. As autoridades de Courtrai não ficariam felizes com um assassinato, mas tanto a vítima quanto os responsáveis eram soldados espanhóis, e o conselho municipal não se disporia a gastar muito dinheiro perseguindo assassinos estrangeiros de outro estrangeiro. O Exército espanhol os executaria se tivesse oportunidade, mas novamente Barney se perguntou se o caso teria importância suficiente para justificar uma caçada. Era bem possível que o Exército tomasse as providências iniciais, mas desistisse em seguida.

Ebrima passou algum tempo calado e pensativo. Quando falou, foi num tom solene:

– Carlos, tem uma coisa que precisamos esclarecer.

– O quê?

– Agora não estamos mais no Exército.

– Verdade. Desde que não nos encontrem.

– Quando embarcamos no *José y María*, você disse ao oficial que eu era um homem livre.

– Eu sei – disse Carlos.

Barney sentiu a tensão. Durante dois anos, Ebrima fora tratado como um soldado comum: exótico, sim, mas não mais escravo do que os outros. Qual seria sua condição agora?

– Carlos, eu sou um homem livre aos seus olhos? – perguntou o africano.

Barney registrou a expressão *aos seus olhos*. Ela significava que, segundo o entendimento do próprio Ebrima, ele era um homem livre. Desconhecia a opinião de Carlos. A escravidão de Ebrima não fora abordada desde aquele instante no *José y María*.

Houve uma longa pausa, até que Carlos respondeu:

– Você é um homem livre, Ebrima.

– Obrigado. Que bom que nós dois nos entendemos.

Barney se perguntou o que o africano teria feito se o espanhol tivesse dito não.

As nuvens começaram a se abrir. Com mais luminosidade, Barney conseguiu manter a jangada no meio do rio e eles avançaram mais depressa.

Após algum tempo, Carlos perguntou:

– Para onde este rio leva, afinal?

– Para a Antuérpia – respondeu Barney. – Estamos indo para a Antuérpia.

ii

Ebrima não sabia se devia confiar em Carlos. Qualquer escravo de Sevilha diria que não era sensato acreditar em palavras amigáveis saídas da boca do seu senhor. Um homem que mantinha outro como prisioneiro, que o forçava a trabalhar de graça, que o açoitava se lhe desobedecesse e estuprava sempre que tinha vontade não hesitaria em mentir para ele. Carlos fugia a essa regra, mas até que ponto? A resposta a essa pergunta determinaria o curso do restante da vida de Ebrima.

Sua cabeça doía por causa do golpe de Gómez. Ao tocar o crânio com cuidado, percebeu um calombo no ponto em que a mão de ferro o acertara. Mas

não se sentia nem desorientado nem tonto, portanto achava que iria se recuperar.

Quando o dia raiou, eles pararam num trecho em que o rio atravessava um bosque. Tiraram a jangada da água e usaram galhos para escondê-la. Revezaram-se, deixando um de vigia enquanto os outros dois dormiam. Ebrima sonhou que acordava acorrentado.

Na manhã do terceiro dia, viram ao longe a torre alta da catedral na Antuérpia. Abandonaram a jangada, soltando-a na correnteza, e percorreram os últimos poucos quilômetros a pé. Ainda não estavam fora de perigo, avaliou Ebrima. Poderiam ser detidos a qualquer momento e jogados na cadeia, depois entregues ao Exército espanhol para serem julgados às pressas e executados pelo assassinato de Gómez Mão de Ferro. Nas estradas movimentadas que conduziam à cidade, porém, ninguém parecia ter ouvido falar em três soldados espanhóis, entre eles um de barba ruiva e um africano, que haviam matado um capitão em Courtrai e depois fugido.

As notícias se espalhavam de cidade em cidade levadas sobretudo pelos boletins mercantes, que continham principalmente informações comerciais. Ebrima não sabia ler, mas, pelo que Carlos dizia, ele compreendera que esses informes só incluíam detalhes de crimes quando estes tinham alguma relevância política: assassinatos de personagens importantes, rebeliões, golpes de Estado. Uma simples escaramuça de taberna em que todos os envolvidos eram soldados estrangeiros despertaria pouco interesse.

A Antuérpia era cercada por água, percebeu ele à medida que os três foram explorando os arredores da cidade. A oeste ficava a vasta extensão do rio Escalda. Nas outras três direções, a cidade era separada do continente por um canal murado. O canal tinha várias pontes, cada qual conduzindo a um portão fortificado. Dizia-se que a Antuérpia era a cidade mais rica do mundo, portanto era natural que fosse bem defendida.

Ainda que os guardas nada soubessem do ocorrido em Courtrai, será que deixariam entrar três homens maltrapilhos e famintos, e ainda por cima armados? Os amigos se aproximaram nervosos do portão.

Para alívio de Ebrima, porém, os guardas não deram nenhum sinal de estarem à procura de três fugitivos. Olharam torto para o aspecto dos três, sim, que usavam as mesmas roupas com as quais haviam embarcado no *José y María*

dois anos antes, mas Barney então disse que eles eram parentes de Jan Wolman e a desconfiança se evaporou. Os guardas chegaram até a lhes ensinar o caminho até a casa de Jan, perto da grande catedral que eles tinham visto de tão longe.

A ilha era recortada por cais compridos e estreitos e entremeada por sinuosos canais. Enquanto andava pelas ruas movimentadas, Ebrima se perguntou como Jan Wolman iria receber dois primos de segundo grau que chegavam sem um tostão no bolso e ainda trazendo um africano. Talvez eles não fossem muito bem recebidos.

Em uma sequência de belos prédios altos, encontraram a casa de Jan. Bateram à porta apreensivos e foram observados com desconfiança pelos criados. Mas então Jan apareceu e os recebeu de braços abertos.

– Você é igualzinho ao meu falecido pai quando ele era jovem e eu, um menino – disse a Barney.

O próprio Jan também tinha os cabelos ruivos e os olhos castanho-dourados dos Willards.

Os três amigos haviam decidido não sobrecarregar Jan com toda a verdade sobre sua fuga de Courtrai. Em vez disso, disseram que tinham desertado do Exército espanhol por falta de pagamento. Jan acreditou e pareceu até defender que a falta de salário era um motivo justo para a deserção.

Ele lhes ofereceu vinho, pão e carne, pois estavam famintos. Depois os fez se lavarem e lhes emprestou camisas limpas – pois, segundo disse de um jeito afável e sincero, eles estavam fedendo.

Ebrima nunca tinha entrado numa casa como a de Jan. Ainda que não fosse grande a ponto de ser considerada um palácio, era muito espaçosa, sobretudo para uma moradia de cidade. Mas estava abarrotada de móveis e objetos caros: grandes espelhos emoldurados nas paredes, tapetes turcos, vidros moldados de Veneza, instrumentos musicais, além de delicados vasos e tigelas de cerâmica que pareciam feitos mais para serem exibidos do que para serem usados. Os quadros também eram diferentes de tudo o que ele já vira. Os habitantes dos Países Baixos pareciam apreciar pinturas que retratavam pessoas como eles, distraíndo-se com livros, cartas e instrumentos musicais em cômodos confortáveis parecidos com aqueles nos quais viviam, como se achassem a própria vida mais interessante do que a dos profetas bíblicos e personagens

mitológicos mais frequentes na arte espanhola.

Ebrima recebeu um quarto menor do que os de Barney e Carlos, mas não lhe pediram para dormir com os criados, o que o levou a concluir que Jan não tinha certeza sobre a situação dele.

Nessa noite, eles se sentaram em volta da mesa com a família: a esposa de Jan, Hennie, sua filha Imke e três meninos pequenos, Frits, Jef e Daan.

Conversaram numa mistura de idiomas. O francês era a principal língua no sul e no oeste dos Países Baixos, e em outros lugares falavam-se numerosos dialetos do holandês. Como muitos comerciantes, Jan era capaz de se virar em várias línguas, incluindo inglês e espanhol.

A filha de Jan, Imke, tinha 17 anos e era uma moça bonita, de sorriso largo e feliz e cabelos claros encaracolados, uma versão mais nova de Hennie. Gostou na hora de Barney, e Ebrima notou que Carlos disputou em vão a atenção da moça. Barney tinha um sorriso matreiro que as garotas adoravam. Na opinião de Ebrima, o firme e confiável Carlos daria um marido melhor, mas poucas moças eram sensatas o bastante para ver isso. Ebrima, por sua vez, não tinha interesse em moças jovens, mas gostou de Hennie, que lhe pareceu inteligente e bondosa.

Hennie lhes perguntou o que os levava a se alistarem no Exército espanhol, e Ebrima começou a contar a história num misto de espanhol e francês, com algumas palavras no dialeto da região quando as conhecia. Dramatizou ao máximo, e logo a mesa inteira o escutava. Incluiu detalhes da fornalha nova e enfatizou o fato de ter sido parceiro de Carlos na invenção dela. Explicou como o jato de vapor quente deixava o fogo tão intenso que o ferro se fundia e fluía de modo contínuo, permitindo à fornalha produzir uma tonelada de metal por dia. Reparou que Jan o observava com um respeito renovado.

Embora fossem católicos, os Wolmans ficaram horrorizados ao saber como a Igreja de Sevilha tratara Carlos. Jan afirmou que aquele tipo de coisa jamais aconteceria na Antuérpia, mas Ebrima teve suas dúvidas, considerando que a Igreja dos dois países era liderada pelo mesmo papa.

Animado com a fornalha a vapor, Jan disse que Ebrima e Carlos precisavam conhecer o mais rápido possível – na verdade, já no dia seguinte – seu principal fornecedor de metal, Albert Willemsen.

Pela manhã, eles foram a pé até um bairro menos abastado perto do cais.

Albert vivia numa casa modesta com a esposa, Betje; uma séria filha de 8 anos, Drike; a bela irmã viúva, Evi; e Matthus, filho de Evi, que tinha uns 10 anos. A estrutura de que Albert dispunha era muito parecida com a antiga casa de Carlos em Sevilha: um corredor conduzia a uma oficina no quintal dos fundos, onde havia uma fornalha e estoques de minério de ferro, cal e carvão. Ele concordou na hora em que Carlos, Ebrima e Barney construíssem uma fornalha a vapor no seu quintal e Jan prometeu emprestar o dinheiro necessário.

Eles passaram os dias e semanas seguintes conhecendo melhor a cidade. Ebrima ficou impressionado com quanto os habitantes dos Países Baixos trabalhavam: não os pobres, que trabalhavam muito em todo lugar, mas os ricos. Embora fosse um dos homens mais abastados da cidade, Jan trabalhava seis dias por semana. Um espanhol com tanto dinheiro assim teria se aposentado, ido para o campo, comprado uma *hacienda* e pagado um intendente para recolher os impostos dos camponeses, de modo que seus dedos branquinhos nem precisassem tocar em dinheiro encardido – tudo isso enquanto procurava um noivo aristocrático para a filha, na esperança de que os netos tivessem títulos de nobreza. Nos Países Baixos, ninguém parecia se importar muito com títulos de nobreza, e todos gostavam de dinheiro. Jan comprava ferro e bronze e fabricava armas e munição; comprava velos da Inglaterra e os transformava em tecidos de lã, que vendia de volta para os ingleses; adquiria lucrativas participações em carregamentos, oficinas, fazendas e tabernas e emprestava dinheiro a negócios em expansão, bispos que haviam gastado mais do que ganhavam e até mesmo a príncipes. Cobrava juros, claro. A proibição da usura pela Igreja era ignorada ali.

Heresia era outra coisa que não incomodava a população da Antuérpia. A cidade era abarrotada de judeus, muçulmanos e protestantes, todos alegremente identificáveis por suas roupas e todos fazendo negócios de igual para igual. Havia gente de todas as cores: ruivos como Barney, africanos como Ebrima, turcos moreno-claros com bigodes retorcidos e chineses de pele amarelada e cabelos escorridos tão pretos que beiravam o azul. Os moradores da Antuérpia não odiavam ninguém, a não ser quem não pagava as próprias dívidas. Ebrima estava gostando daquele lugar.

Nada foi dito sobre sua liberdade. Todos os dias ele acompanhava Carlos e Barney até o quintal de Albert e todas as noites eles comiam na casa de Jan. Aos

domingos, Ebrima ia à igreja com a família, então saía de fininho à tarde, enquanto os outros homens dormiam por causa do vinho bebido junto com a refeição do meio-dia, e encontrava um lugar no campo onde podia executar o ritual da água. Ninguém o chamava de escravo, mas sob outros aspectos sua vida era preocupantemente parecida com a que ele levava em Sevilha.

Enquanto os homens trabalhavam no quintal, Evi, irmã de Albert, muitas vezes ia se sentar com eles em seus intervalos. Com cerca de 40 anos, tinha um físico mais para pesado, assim como muitas mulheres de meia-idade bem-nutridas dos Países Baixos, e um notável brilho nos olhos verde-azulados. Conversava com todos, sobretudo com Ebrima, que tinha uma idade próxima da sua. Dona de uma curiosidade vivaz, questionava-o sobre a vida na África, insistindo para saber detalhes que ele às vezes achava difícil lembrar. Viúva e mãe de um menino, ela devia estar à procura de um marido, e como Carlos e Barney eram jovens demais para se interessarem por ela, Ebrima se perguntou se Evi o considerava um pretendente. Não tinha relações íntimas com uma mulher desde a última noite com Elisa, mas torcia para isso ser só uma fase: com certeza não pretendia levar uma vida de monge.

A construção da fornalha a vapor demorou um mês. Quando ela ficou pronta para ser testada, tanto a família de Jan quanto a de Albert foram assistir.

Nessa hora Ebrima se deu conta de que eles só haviam feito aquilo uma vez e que não podiam ter certeza de que o mecanismo iria funcionar agora. Caso não funcionasse, ficariam os três com cara de bobos. Pior: um fiasco prejudicaria o futuro deles, o que levou Ebrima a se dar conta de que vinha torcendo para ficar na Antuérpia e ganhar a vida ali. Além do mais, detestava pensar em passar por tolo na frente de Evi.

Carlos acendeu o fogo, Ebrima despejou o minério de ferro e a cal, e Barney açoitou os dois cavalos atrelados que iriam acionar o mecanismo de foles.

Como da primeira vez, houve uma espera longa e aflitiva.

Barney e Carlos se remexiam, nervosos. Ebrima se esforçava para manter a serenidade habitual. Tinha a sensação de ter apostado tudo em uma única carta.

Os espectadores foram ficando entediados. Evi começou a conversar com Hennie sobre os problemas de ter filhos jovens. Os três meninos de Jan perseguiram a filha de Albert pelo quintal. Betje, esposa de Albert, ofereceu

laranjas numa bandeja. Ebrima estava tenso demais para comer.

Então o ferro começou a surgir.

O metal derretido foi avançando lentamente da base da fornalha para dentro dos sulcos escavados na pedra. No início, foi um fluxo doloroso de tão lento, mas que logo se intensificou e começou a preencher os vãos em forma de lingote no chão. Ebrima despejou mais matéria-prima no alto da fornalha.

– Olhem só para isso... Não para de escorrer! – comentou Albert, num tom de assombro.

– Exatamente – falou Ebrima. – Enquanto você alimentar a fornalha, ela continuará a fundir o ferro.

– É ferro-gusa – alertou Carlos. – Tem de ser purificado antes do uso.

– Estou vendo – disse Albert. – Mesmo assim, é impressionante.

– E você está me dizendo que o rei da Espanha torceu o nariz para essa invenção? – comentou Jan, incrédulo.

– Não acho que o rei Filipe tenha chegado a ouvir falar nela – respondeu Carlos. – Mas os outros fabricantes de ferro de Sevilha se sentiram ameaçados. O povo espanhol não gosta de mudanças. As pessoas que administram nossa indústria são muito conservadoras.

Jan aquiesceu.

– Imagino que seja por isso que o rei compra tantos canhões de estrangeiros como eu: porque a indústria espanhola não produz o suficiente.

– E depois eles reclamam que a prata da América chega à Espanha e vai embora na mesma hora.

Jan sorriu.

– Bom, como somos comerciantes dos Países Baixos, não nobres da Espanha, que tal entrarmos para beber alguma coisa e falar de negócios?

Eles entraram e se sentaram ao redor da mesa. Betje lhes serviu cerveja e linguiça. Imke deu passas às crianças para mantê-las quietas.

– Os lucros dessa nova fornalha serão usados primeiro para pagar o meu empréstimo, com juros – disse Jan.

– Claro – concordou Carlos.

– Em seguida, o dinheiro deverá ser dividido entre Albert e vocês. Vocês também pensam assim?

Ebrima notou que a palavra “vocês” era propositalmente vaga. Jan não sabia se o africano deveria ser incluído, junto com Carlos e Barney, como um sócio igualitário.

Não era hora de ser humilde.

– Nós três construímos a fornalha juntos: Carlos, Barney e eu – disse ele.

Todos olharam para Carlos. Ebrima prendeu a respiração. O espanhol hesitou. Aquele era o verdadeiro teste, entendeu Ebrima. Quando eles estavam na jangada, não custara nada a Carlos dizer “Você é um homem livre, Ebrima”. Mas aquilo era diferente. Se Carlos o reconhecesse como um igual diante de Jan Wolman e Albert Willemsen, selaria o compromisso.

E Ebrima seria livre.

– Uma divisão em quatro partes, então – falou Carlos por fim. – Albert, Barney, Ebrima e eu.

O coração de Ebrima deu um pulo, mas ele manteve o rosto inexpressivo. Cruzou olhares com Evi e notou que ela parecia satisfeita.

– Podem me tirar da partilha – falou Barney, surpreendendo a todos.

– Que história é essa? – estranhou Carlos.

– Quem inventou essa fornalha foram você e Ebrima – disse o inglês. – Eu não fiz quase nada. De todo modo, não vou ficar na Antuérpia.

Ebrima ouviu Imke dar um arquejo. A moça se apaixonara por Barney.

– Para onde você vai? – quis saber Carlos.

– Para casa – respondeu Barney. – Faz mais de dois anos que não tenho contato com minha família. Depois que chegamos à Antuérpia, Jan confirmou que minha mãe perdeu tudo com a queda de Calais. Meu irmão não trabalha mais no negócio da família... não existe mais negócio da família... e agora é algum tipo de secretário na corte da rainha Elizabeth. Eu quero ver os dois. Quero me certificar de que estão bem.

– Como vai chegar a Kingsbridge?

– Tem um barco de Combe Harbour atracado aqui na Antuérpia agora, o *Hawk*, de Dan Copley. O capitão se chama Jonas Bacon.

– Você não tem como pagar a passagem... não tem dinheiro nenhum.

– Conversei ontem com o imediato, Jonathan Greenland, que conheço desde que eu era menino. Um membro da tripulação morreu na viagem para cá, o

ferreiro e carpinteiro do navio. Vou assumir o lugar dele no trajeto até minha casa.

– Mas como vai ganhar a vida na Inglaterra se o negócio da sua família não existe mais?

Barney abriu aquele sorriso cheio de malícia que despedaçava o coração de moças como Imke.

– Não sei – respondeu. – Vou pensar em alguma coisa.

iii

Assim que o *Hawk* zarpou e a tripulação pôde pensar em outras coisas além de manobrar o navio, Barney começou a interrogar Jonathan Greenland.

O imediato passara o inverno anterior em Kingsbridge e só embarcara de novo no navio fazia poucas semanas, de modo que tinha notícias recentes. Fizera uma visita à mãe de Barney, imaginando que Alice fosse se mostrar tão ávida quanto de costume por notícias de além-mar. Encontrara-a sentada na saleta da frente da grande casa, com os olhos grudados na fachada oeste da catedral, sem fazer nada, cercada por velhos livros-caixa que já não abria. Ao que parecia, ela participava das reuniões do conselho municipal, mas não dizia nada. Barney achou difícil imaginar a mãe longe dos negócios. Até onde sua memória alcançava, a vida de Alice eram acordos, porcentagens e lucros; o desafio de ganhar dinheiro com o comércio a absorvia por completo. Aquela transformação não era boa notícia.

Segundo Jonathan, sir Reginald Fitzgerald, responsável por arquitetar a ruína de Alice, continuava sendo prefeito de Kingsbridge e morava agora em seu novo e vasto palácio, Priory Gate. Mas o bispo Julius fora derrotado. A rainha Elizabeth quebrara todas as promessas e devolvera a Inglaterra ao protestantismo. Agora exigia que todos os padres jurassem lealdade a ela como autoridade máxima da Igreja da Inglaterra; recusar-se era crime de traição. Quase todo o baixo clero havia concordado, mas a maioria dos antigos bispos católicos, não. Eles poderiam ter sido executados, mas Elizabeth jurara não matar ninguém por causa de sua fé, e essa era uma promessa que vinha cumprindo... pelo menos até o momento. A maioria dos bispos fora apenas

exonerada do cargo. Julius agora vivia com dois ou três ex-monges numa casa anexa à Igreja de Saint Mark, na parte norte de Kingsbridge. Jonathan o vira bêbado na taberna de Bell Inn numa noite de sábado, dizendo a quem quisesse ouvir que a verdadeira fé católica iria voltar em breve. Segundo o imediato, ele era uma figura de causar pena, mas Barney pensava que o velho e malévolo bispo merecia um destino pior.

Jonathan lhe explicou também os atrativos da vida no mar. O imediato se sentia à vontade a bordo de um navio: bronzeado, magro e rijo, com mãos e pés calejados, ágil como um esquilo no manejo do velame. Por volta do final da guerra contra a França, o *Hawk* havia capturado uma nau francesa. A tripulação dividira os lucros com o capitão Bacon e Dan Copley. Com isso, além do salário, Jonathan recebera um bônus de 60 libras. Comprara uma casa em Kingsbridge para a mãe viúva, depois tornara a se juntar à tripulação na esperança de conseguir mais.

– Mas não estamos mais em guerra – argumentou Barney. – Se vocês capturarem um navio francês agora, serão culpados de pirataria.

Jonathan deu de ombros.

– Não vai demorar muito tempo para estarmos em guerra contra alguém.

Ele puxou uma corda para verificar a segurança de um nó, que estava tão apertado quanto possível, e Barney sentiu que ele não queria ser questionado a fundo sobre a questão da pirataria. Então mudou de assunto e perguntou sobre o irmão.

Ned fora a Kingsbridge no Natal usando um casaco preto novo e aparentando mais do que apenas 20 anos. O imediato sabia que ele trabalhava com sir William Cecil, o secretário de Estado, e as pessoas da cidade comentavam que, apesar da pouca idade, Ned era um personagem cada vez mais poderoso na corte. Jonathan falara com ele na catedral no dia de Natal, mas não conseguira descobrir muita coisa: o irmão de Barney se mostrara vago em relação ao que de fato fazia para a rainha, e ele calculara que estivesse envolvido no mundo secreto da diplomacia internacional.

– Mal posso esperar para vê-los – comentou Barney.

– Imagino.

– Devem faltar só um ou dois dias agora.

Jonathan verificou outra corda e desviou o olhar.

Como qualquer embarcação, os navios mercantes precisavam de armamentos. A navegação marítima era uma atividade perigosa. Em tempos de guerra, navios de uma das nações em conflito podiam legitimamente atacar embarcações do inimigo, e os países mais importantes viviam em guerra. Em tempos de paz, esse tipo de ataque era chamado de pirataria, mas era igualmente frequente. Todo navio precisava ser capaz de se defender.

Indo da Antuérpia para Combe Harbour pelo Canal da Mancha, ninguém esperava entrar num combate, mas Barney decidira que faria valer sua passagem garantindo que as armas do *Hawk* estivessem prontas para a ação.

O *Hawk* tinha doze peças de artilharia, todas elas canhões de bronze de pequeno porte que disparavam balas de 2 quilos. As peças ficavam no convés de artilharia, situado imediatamente abaixo do convés aberto, seis delas de cada lado. As balas eram disparadas por buracos quadrados no casco. A construção naval havia se modificado para atender a essa necessidade. Em navios mais antigos, tais buracos teriam comprometido seriamente sua estrutura. Mas o *Hawk* fora construído com um esqueleto interno de pesados troncos de madeira que proporcionava solidez, recoberto por pranchas presas a ele como uma pele sobre costelas. Esse tipo de construção tinha ainda a vantagem de que, mesmo que balas de canhões inimigos abrissem vários rombos no casco, a embarcação não necessariamente afundaria. Barney limpou e lubrificou os canhões, certificando-se de que as rodas girassem livremente, e fez alguns pequenos reparos usando as ferramentas deixadas pelo falecido ferreiro. Verificou os estoques de munição: todas as peças tinham canos do mesmo tamanho e disparavam balas de ferro forjado.

Sua tarefa mais importante era manter a pólvora em boa condição. A substância tendia a absorver umidade, principalmente no mar, e ele se certificou de que houvesse bolsas com carvão penduradas no teto do convés de artilharia para deixar o ar mais seco. O outro grande risco era que os ingredientes da pólvora – salitre, carvão e enxofre – se separassem com o tempo e o salitre, que era mais pesado, se acumulasse no fundo e tornasse a mistura ineficaz. No Exército, ele aprendera a virar os barris de cabeça para baixo uma vez por semana.

Chegou até a testar a pontaria dos canhões. Não queria desperdiçar munição, mas o capitão Bacon lhe permitiu disparar alguns tiros. Todos os canos dos canhões repousavam sobre munhões, que eram como duas alças nas laterais do cano que se encaixavam em sulcos no berço para facilitar a inclinação do cano para cima e para baixo. Com o cano num ângulo de 45 graus, posição para o alcance máximo do tiro, aqueles canhões disparavam bolas de 2 quilos a quase 1.500 metros. O ângulo podia ser modificado elevando-se a parte traseira do cano com cunhas. Com o cano na horizontal, a bola caía na água a uns 275 metros de distância. Isso levou Barney a concluir que cada 7 graus de elevação a partir da linha horizontal acrescentavam pouco mais de 180 metros ao alcance do tiro. Ele trouxera consigo do Exército um transferidor de metal com uma linha de chumbo e uma escala curva para medir ângulos. Posicionando seu braço comprido dentro do cano, podia medir com precisão o ângulo do canhão. Em terra, o cálculo funcionava bem. No mar, o movimento constante do navio tornava a pontaria menos certa.

No quarto dia, sem mais nada para fazer, Barney acabou outra vez no convés com Jonathan. Eles estavam atravessando uma baía. A linha da costa estava na amura de bombordo, como desde que o *Hawk* saíra do estuário do rio Escalda e adentrara o Canal da Mancha. Barney não era nenhum especialista em navegação, mas pensou que àquela altura o litoral inglês já deveria ter surgido na proa estibordo. Franziu o cenho.

– Quanto tempo você acha que falta para chegarmos a Combe Harbour?

Jonathan deu de ombros.

– Não sei.

Uma possibilidade desagradável passou pela cabeça de Barney.

– Nós vamos para Combe Harbour, não vamos?

– Em algum momento, sim.

Barney ficou ainda mais alarmado.

– Em algum momento?

– O capitão Bacon não me revela seus planos. Nem a mim nem a ninguém, aliás.

– Mas você parece pensar que talvez não estejamos indo para casa.

– Estou olhando para a linha da costa.

Barney observou com mais atenção. Bem dentro da baía, perto da costa, uma ilhota se erguia abruptamente da água, exibindo um pequeno morro no qual uma imensa igreja se encarapitava feito uma gigantesca gaivota. Aquilo lhe era familiar, e ele se deu conta, consternado, de que já tinha visto a ilhota antes... duas vezes. Chamava-se Mont Saint-Michel, e ele havia passado por ali uma vez a caminho de Sevilha, três anos antes, e depois na viagem da Espanha até os Países Baixos, havia dois anos.

– Estamos indo para a Espanha, não é? – perguntou ele a Jonathan.

– É o que parece.

– Você não me falou.

– Eu não sabia. Além do mais, precisamos de um artilheiro.

Barney podia imaginar para quê. E isso explicava por que Bacon o contratara mesmo havendo tão pouco serviço para ele como ferreiro no navio.

– Quer dizer que você e Bacon me enganaram para que eu entrasse para a tripulação.

Jonathan deu de ombros outra vez.

Barney olhou para o norte. Combe Harbour ficava a quase 100 quilômetros naquela direção. Voltou o olhar para a igreja na ilha. Uns 2 ou 3 quilômetros os separavam de lá, com ondas de pelo menos 1 metro. Ele sabia que não conseguiria atravessar a nado. Seria suicídio.

Após vários instantes, perguntou:

– Mas depois de Sevilha nós vamos voltar para Combe Harbour, não?

– Pode ser que sim – respondeu Jonathan. – Pode ser que não.

CAPÍTULO 11

Enquanto Odette dava à luz em meio a gritos de dor, Pierre planejava uma forma de se livrar do bebê.

Ela estava sofrendo a punição de Deus por sua falta de castidade. Uma punição merecida. Existia alguma justiça no mundo, afinal, pensou ele.

E, tão logo o bebê chegasse, partiria em seguida.

Sentado no andar térreo da pequena casa, ele folheava seu caderninho de capa preta de couro enquanto a parteira cuidava de Odette no quarto. Na mesa à sua frente viam-se os resquícios de um desjejum interrompido: pão, presunto, alguns rabanetes colhidos antes do tempo. O cômodo era deprimente: paredes nuas, chão de lajotas, uma lareira fria e uma janelinha que dava para uma rua estreita e escura. Pierre detestava aquele lugar.

Costumava sair logo após o café da manhã. Em geral, ia primeiro ao palácio dos Guises na Rue Vieille du Temple, que tinha pisos de mármore e paredes enfeitadas com esplêndidos quadros. Frequentemente passava o dia lá ou no Palácio do Louvre, auxiliando o cardeal Carlos ou o duque Francisco. No final da tarde, muitas vezes fazia reuniões com alguém de sua rede de espiões em rápida expansão, que contribuía para completar a lista de protestantes no caderninho de couro preto. Raramente voltava para a casa em Les Halles antes da hora de dormir. Nesse dia, porém, estava esperando o bebê chegar.

Era maio de 1560; fazia cinco meses que eles estavam casados.

Durante as primeiras semanas, Odette tentara convencê-lo a terem um relacionamento sexual. Esforçara-se ao máximo para ser coquete – algo que não lhe era natural – e, toda vez que rebojava o largo traseiro e lhe dava um sorriso de dentes tortos, Pierre sentia repulsa. Depois disso, ela começara a provocá-lo chamando-o de impotente ou então de homossexual. Nenhuma das duas ofensas fazia sentido – ele recordava com nostalgia as longas tardes na cama de penas da viúva Bauchene –, mas mesmo assim eram irritantes.

O ressentimento mútuo foi se transformando em ódio à medida que o ventre dela crescia ao longo de um final de inverno árduo e um início de primavera chuvosa. A conversa entre eles passou a se limitar a frases sucintas sobre a comida, a lavagem da roupa, o dinheiro para as despesas domésticas e o desempenho de sua criada jovem e emburrada, Nath. Pierre se pegou nutrindo uma raiva que parecia uma pústula. O simples fato de pensar em sua detestável esposa envenenava tudo. A perspectiva de ter de morar não só com Odette, mas também com um bebê, filho de outro homem, passou a lhe parecer tão odiosa a ponto de se tornar impensável.

Talvez o pirralho nascesse morto. Ele torceu para que isso se tornasse verdade. Tudo ficaria mais fácil.

Odette parou de berrar e, poucos instantes depois, Pierre ouviu o choro de um bebê. Deu um suspiro: seu desejo não fora atendido. O pequeno bastardo soava repulsivamente saudável. Num gesto cansado, ele esfregou os olhos com as mãos. Nada era fácil, nada nunca acontecia do jeito que ele queria. Sempre havia decepções. Às vezes ele imaginava se talvez toda a sua filosofia de vida estivesse errada.

Guardou o caderno num baú de documentos, trancou-o e pôs a chave no bolso. Não podia manter o caderno na casa dos Guises, pois lá não tinha um cômodo só seu.

Levantou-se. Já planejava o que fazer a seguir.

Subiu a escada.

Odette estava deitada na cama, de olhos fechados. Apesar de pálida e banhada de suor, respirava normalmente: ou estava dormindo ou descansando. A criada Nath enrolava um lençol sujo de sangue e muco. A parteira segurava com o braço esquerdo o minúsculo bebê enquanto, com a mão direita, limpava sua cabeça e o rosto com um pano umedecido numa tigela com água.

A criança era uma criatura feia, vermelha, enrugada e com um chumaço de cabelos escuros empapados. Produzia um barulho irritante.

Enquanto Pierre observava, a parteira enrolou o bebê em uma pequena manta azul – presente de Véronique de Guise, Pierre se lembrou.

– É um menino – informou.

Embora tivesse visto o bebê sem roupa, Pierre não percebera o sexo.

– O nome dele é Alain – falou Odette, sem abrir os olhos.

Pierre teria sido capaz de matá-la. Além de criar a criança, ela ainda queria que todo dia ele se lembrasse de Alain de Guise, jovem e mimado aristocrata que era o verdadeiro pai do bastardo. Bem, ela iria ter uma surpresa.

– Tome, pegue-o no colo – disse a parteira e entregou a trouxa a Pierre.

Ele reparou que a manta de Véronique era feita de uma lã cara e macia.

– Não dê o bebê para ele – balbuciou Odette.

Mas ela falou tarde. Pierre já estava com o pequeno no colo. O menino não pesava quase nada. Por um instante, ele teve uma sensação estranha, uma súbita ânsia de proteger aquele pequeno ser humano indefeso, mas logo reprimiu esse impulso. Não vou deixar minha vida ser prejudicada por este pedacinho inútil de gente, pensou.

Odette sentou-se na cama.

– Me dê o bebê – pediu.

A parteira estendeu as mãos para pegar a criança, mas Pierre não a entregou.

– Como você disse mesmo que ele se chamava, Odette? – indagou ele, num tom desafiador.

– Não importa, me dê o bebê.

Ela afastou as cobertas, na óbvia intenção de sair da cama, mas então deu um grito, como se houvesse tido um espasmo de dor, e tornou a desabar sobre o travesseiro.

A parteira adquiriu um ar preocupado.

– O bebê deveria mamar agora – disse.

Pierre viu que a boca da criança se franzira, como se sugasse algo, embora sorvesse apenas ar. Mesmo assim, continuou a segurá-lo.

A parteira fez uma tentativa mais determinada de tirar o bebê dele. Segurando a criança com um só braço, ele usou a outra mão para dar um tapa com força na cara dela, e a mulher caiu para trás. Nath gritou. Odette tornou a se sentar, lívida de dor. Pierre chegou até a porta com o recém-nascido no colo.

– Volte aqui! – esgoelou-se Odette. – Pierre, por favor, não leve meu filho embora!

Ele saiu e bateu com força a porta do quarto.

Desceu a escada. O bebê começou a chorar. Embora a noite de primavera

estivesse amena, ele vestiu uma capa de modo a poder esconder a criança debaixo dela. Então saiu de casa.

O bebê pareceu gostar de movimento, pois parou de chorar quando Pierre começou a caminhar com passos regulares. Foi um alívio, e Pierre se deu conta de que o barulho da criança o incomodava, como se ele devesse tomar alguma providência em relação àquilo.

Foi em direção à Île de la Cité. Livrar-se da criança seria fácil. Havia um lugar específico na catedral onde as pessoas abandonavam bebês indesejados, aos pés da estátua de Sant'Ana, mãe de Maria e padroeira das mães. Os padres colocavam o bebê num berço à vista de todos. Às vezes, num ato de caridade, a criança era adotada por algum casal de coração mole. Caso contrário, era criada por freiras.

O bebê se mexeu em seu braço e ele outra vez teve de reprimir uma sensação irracional de que deveria amá-lo e tomar conta dele.

Mais difícil seria justificar o desaparecimento de um bebê Guise, ainda que bastardo, mas Pierre já tinha uma história pronta. Assim que voltasse, iria dispensar a parteira e a criada. Em seguida diria ao cardeal Carlos que a criança nascera morta, mas que o trauma fizera Odette enlouquecer e ela se recusava a acreditar que o filho tivesse morrido. Enquanto caminhava, ele foi inventando alguns detalhes: a mulher chegara a tentar amamentar o cadáver, vestira-o com roupas novas, colocara-o no berço e dissera que ele estava dormindo.

Carlos ficaria desconfiado, mas a história era plausível, e não haveria prova de nada. Pierre achava que conseguiria se safar. Em algum momento daqueles últimos dois anos, percebera que Carlos não gostava dele e jamais gostaria, mas o considerava útil demais para ser descartado. Havia aprendido bem a lição: contanto que fosse indispensável, estaria seguro.

As ruas estavam lotadas como sempre. Ele passou por um grande monte de lixo: cinzas, ossos de peixe, dejetos humanos, sujeira de estábulos, sapatos gastos. Ocorreu-lhe que poderia simplesmente deixar o bebê numa pilha daquelas, embora fosse preciso ter certeza de que ninguém o visse. Então reparou num rato mordiscando a cara de um gato morto e entendeu que a criança sofreria o mesmo destino, só que viva. Não tinha estômago para isso. Não era um monstro.

Atravessou o rio pela ponte de Notre-Dame e entrou na catedral. Quando chegou à nave, porém, começou a ficar inseguro. Como sempre, a grande igreja estava cheia: padres, fiéis, romeiros, ambulantes, prostitutas. Seguiu devagar pela nave até chegar em frente à capela lateral dedicada a Sant'Ana. Será que conseguiria pousar o bebê no chão em frente à estátua sem que ninguém percebesse? Não via como. Para uma mulher miserável, talvez pouco importasse que alguém a visse: ninguém saberia quem ela era, e talvez ela pudesse sumir antes que alguém tivesse a presença de espírito de interrogá-la. Mas para um rapaz bem-vestido a situação era outra. Bastaria o bebê chorar para ele ter problemas. Por baixo da capa, pressionou um pouco mais contra si o corpo cálido, torcendo tanto para mantê-lo escondido quanto para abafar qualquer som. Percebeu que deveria ter ido à catedral tarde da noite ou bem cedo pela manhã. Mas o que teria feito com o bebê nesse meio-tempo?

Uma moça magra de vestido vermelho cruzou o olhar com o dele e Pierre teve uma ideia. Iria oferecer dinheiro a uma das prostitutas para que levasse o bebê para a capela. Uma mulher dessas saberia quem ele era, e o bebê permaneceria anônimo. Estava prestes a abordar a de vestido vermelho quando, para seu espanto, ouviu uma voz familiar:

– Pierre, meu caro rapaz, como vai você?

Era seu antigo preceptor.

– Padre Moineau! – disse ele, horrorizado.

Aquilo era uma calamidade. Se o bebê chorasse, como poderia se explicar?

O rosto quadrado e avermelhado do padre era só sorrisos.

– Que prazer em vê-lo. Ouvi dizer que você está se tornando um homem importante!

– De certa forma – respondeu Pierre. – O que significa, infelizmente, que o meu tempo anda curto e preciso ir – arrematou, desesperado.

Moineau pareceu furioso com essa dispensa.

– Por favor, não permita que eu o atrase – disse ele, sucinto.

Apesar da ânsia de confessar a enrascada em que se encontrava, Pierre precisava com urgência ainda maior sair da catedral e levar o bebê consigo.

– Peço-lhe perdão, padre – falou ele. – Irei visitá-lo em breve.

– Se tiver tempo – retrucou Moineau com sarcasmo.

– Eu sinto muito. Adeus!

Moineau não se despediu, apenas virou-se com petulância.

Pierre voltou às pressas pela nave e saiu pela porta oeste. Estava consternado por ter ofendido o antigo preceptor, a única pessoa no mundo a quem podia contar seus problemas. Tinha mestres e criados, não cultivava amizades. Moineau era a única exceção. E agora ele o ofendera.

Tirou o preceptor da cabeça e tornou a atravessar a ponte, agora em sentido oposto. Desejou poder jogar o bebê no rio, mas seria visto. De toda forma, sabia que nem mesmo o padre Moineau lhe asseguraria que esse assassinato seria a vontade de Deus. Era aceitável que se cometessem alguns pecados em nome de uma boa causa, mas havia limites.

Se ele não podia deixar o bebê na catedral, iria levá-lo direto para as freiras. Sabia de um convento que funcionava como orfanato e ficava na parte leste abastada de Paris, não muito longe do palácio dos Guises. Virou nessa direção. Provavelmente deveria ter optado por esse plano desde o início; ir à catedral fora um erro.

O lugar em que estava pensando era o Convento da Sagrada Família. Além do orfanato, as freiras administravam uma escola para meninas e meninos pequenos. Ao chegar perto, Pierre ouviu o barulho inconfundível de crianças brincando. Subiu os degraus da frente até uma porta alta de madeira entalhada e adentrou um saguão fresco e silencioso, com piso de pedra.

Tirou o bebê de baixo da capa. Os olhos do menino estavam fechados, mas ele ainda respirava. Agitou os punhos minúsculos na frente do rosto, como se tentasse pôr o polegar na boca.

Após alguns instantes, uma jovem freira entrou no saguão sem fazer barulho. Ela encarou o bebê.

Pierre usou seu tom de voz mais autoritário:

– Preciso falar com a madre superiora imediatamente.

– Pois não, senhor – respondeu a freira.

Foi educada, mas não se mostrou intimidada. Pierre entendeu que um homem com um bebê no colo não tinha como inspirar medo.

– Posso perguntar quem deseja falar com ela? – indagou a moça.

Pierre já previra essa pergunta.

– Sou o Dr. Jean de la Rochelle. Trabalho na Faculdade da Santa Trindade, na universidade.

A freira abriu uma porta.

– Por gentileza, queira aguardar aqui.

Pierre entrou num cômodo pequeno e agradável, com uma escultura em madeira representando Maria, José e o Menino Jesus. A única outra peça de mobília era um banco, mas ele não se sentou.

Dali a poucos minutos, uma freira mais velha apareceu.

– Dr. Roche? – indagou ela.

– De La Rochelle – corrigiu Pierre.

Talvez ela houvesse errado o sobrenome de propósito, para testá-lo.

– Perdoe-me. Sou a madre Ladoix.

– A mãe deste menino está possuída pelo demônio – falou Pierre, num tom dramático.

Madre Ladoix ficou tão chocada quanto ele pretendia que ficasse. Fez o sinal da cruz.

– Que Deus proteja todos nós.

– A mãe não tem condição de criar o bebê – acrescentou Pierre. – Ele iria morrer.

– E a família?

– O menino é ilegítimo.

Madre Ladoix começou a se recuperar do choque e encarou Pierre com um quê de ceticismo.

– E o pai?

– Não sou eu, posso lhe garantir, caso seja o que a senhora está pensando – disse ele com arrogância.

A madre pareceu constrangida.

– Certamente não.

– Mas o pai é um rapaz nobre. Eu sou o médico da família. Naturalmente, não posso revelar os nomes.

– Entendo.

O bebê começou a chorar. Num gesto quase automático, madre Ladoix pegou a trouxa do colo de Pierre e se pôs a ninar a criança.

- Ele está com fome – afirmou.
- Deve estar – concordou Pierre.
- Esta manta é muito macia. Deve ter custado caro.

Aquilo era uma indireta. Pierre sacou a bolsa. Não se preparara para aquela eventualidade, mas, felizmente, tinha dinheiro. Contou dez moedas de ouro, totalizando 25 libras, o suficiente para alimentar uma criança durante anos.

– A família me pediu que lhe entregasse essa quantia e lhe dissesse que eles doarão o mesmo valor a cada ano que a criança passar aqui.

Madre Ladoix hesitou. Pierre calculou que ela não sabia até que ponto acreditar na história. Entretanto, cuidar de crianças indesejadas era sua missão na vida. E dez moedas de ouro eram muito dinheiro. Ela aceitou.

- Obrigada – falou. – Vamos cuidar bem deste menininho.
- Rezarei por ele e pelas senhoras.
- E eu espero vê-lo daqui a um ano.

Por um instante, Pierre ficou desorientado. Então entendeu que ela esperava vê-lo voltar com mais dinheiro, conforme prometido. Isso jamais aconteceria.

- Estarei aqui – mentiu ele. – Daqui a um ano a contar de hoje.

Ele abriu a porta e a segurou para a freira. A madre desapareceu no convento.

Pierre saiu com o coração leve e se afastou depressa. Estava exultante. Tinha se livrado do bastardo. Uma tormenta o aguardava em casa, mas isso não era problema. Nada mais o vinculava à repulsiva Odette. Talvez ele conseguisse se livrar dela também.

Para adiar o confronto, entrou numa taberna e pediu um cálice de xerez para comemorar. Sentado sozinho, enquanto bebericava a bebida forte e amarronzada, começou a pensar em trabalho.

As coisas agora estavam mais difíceis do que quando ele começara. Francisco II aumentara os julgamentos de protestantes, talvez guiado pela esposa escocesa, Maria Stuart, porém, mais provavelmente, influenciado pelos tios Guises da rainha. A perseguição acirrada deixara os protestantes mais cautelosos.

Vários dos espões de Pierre eram protestantes que haviam sido presos e ameaçados com tortura a menos que traissem os amigos. Mas os hereges começavam a perceber isso e já não confiavam automaticamente nos outros protestantes. Agora eles conheciam uns aos outros apenas pelo primeiro nome e

não revelavam seus endereços. Era como um jogo em que os movimentos da Igreja eram sempre respondidos com outra estratégia dos hereges. Mas Carlos era paciente e Pierre, incansável; e aquele era um jogo que só terminava na morte.

Ele terminou seu xerez e foi caminhando para casa.

Quando abriu a porta, tomou um susto. Sentado na sala à sua espera, usando um gibão de seda vermelha, estava o cardeal Carlos.

Em pé atrás do religioso, de braços cruzados e queixo empinado, a parteira desafiava Pierre.

– O que você fez com o bebê? – inquiriu Carlos, sem nenhum preâmbulo.

Pierre se recuperou rápido do choque e raciocinou com cuidado. Odette havia agido mais depressa do que ele previra. Ele subestimara as artimanhas de uma mulher desesperada. Ela devia ter se recuperado o suficiente do parto para mandar um recado ao cardeal implorando socorro. A criada, Nath, devia ter levado a mensagem e tivera sorte de encontrar o cardeal em casa e disposto a ir até lá. Conclusão: Pierre estava encrencado.

– Está em um lugar seguro – disse ele, respondendo à pergunta.

– Se você tiver matado uma criança Guise, por Deus, vai morrer por isso, pouco importa o seu talento para capturar blasfemos.

– O bebê está vivo e em boa saúde.

– Onde?

De nada adiantava resistir. Pierre se entregou.

– No Convento da Sagrada Família.

A parteira fez cara de triunfo. Pierre se sentiu humilhado. Agora estava arrependido daquele tapa na cara.

– Volte lá para buscá-lo.

Pierre hesitou. Era difícil se forçar a voltar, mas não podia desafiar o cardeal sem estragar tudo.

– É melhor trazê-lo vivo – emendou Carlos.

Pierre se deu conta de que, agora, caso o bebê morresse de causas naturais, como muitas vezes acontecia nas primeiras horas de vida, ele seria culpado. Provavelmente o executariam por assassinato.

Virou-se e foi até a porta.

– Espere – disse Carlos. – Escute o que vou dizer. Você vai morar com Odette e cuidar dela e do filho dela pelo resto da sua vida. Essa é a minha vontade.

Pierre se calou. Ninguém podia contrariar a vontade de Carlos, nem mesmo o rei.

– E o nome da criança é Alain – arrematou o cardeal.

Pierre concordou com um meneio de cabeça e saiu.

ii

A vida de Sylvie correu bem durante seis meses.

Com a venda dos livros, ela e a mãe alugaram uma agradável casinha de dois quartos na Rue de la Serpente, que ficava ao sul do rio no bairro universitário, e abriram uma loja na saleta da frente. Ali vendiam papel, tinta e outros materiais de escrita para professores, estudantes e o público letrado em geral. Sylvie comprava o papel em Saint-Marcel, subúrbio situado fora dos muros da cidade, ao sul, onde os fabricantes tiravam do rio Bièvre toda a água de que necessitavam. Ela própria fabricava a tinta a partir de pedaços de casca de carvalho que retirava das árvores na floresta. O pai lhe ensinara a receita. A tinta usada na impressão de livros era diferente, levava óleo para ficar mais viscosa, mas Sylvie também sabia fabricar uma versão mais diluída que era usada para escrever. A loja na verdade não gerava dinheiro suficiente para manter mãe e filha, mas era um disfarce plausível para suas atividades mais importantes.

Isabelle saiu da depressão, porém estava envelhecida. O horror vivido pelas duas parecia ter enfraquecido a mãe e fortalecido a filha. Agora, quem tomava a frente de tudo era Sylvie.

Apesar de levar uma vida perigosa, de crime e heresia, a moça era feliz. Ao refletir sobre as razões disso, desconfiou que fosse porque, pela primeira vez na vida, não tinha um homem lhe dizendo o que fazer. Fora ela quem quisera abrir a loja, fora ela quem resolvera entrar outra vez para a congregação protestante, fora ela quem continuara a vender livros proibidos. Conversava com a mãe sobre tudo, mas quem tomava as decisões era ela. Estava feliz porque era livre.

Ansiava por um homem para abraçar à noite, mas não ao custo da própria

liberdade. A maioria dos homens tratava as esposas como crianças; a única diferença era que as mulheres trabalhavam mais. Talvez, em algum lugar, existissem homens que não considerassem as esposas um bem, mas ela nunca conhecera nenhum.

Sylvie inventara novos nomes para a mãe e ela, de modo que as autoridades não as vinculassem ao herege executado Gilles Palot. Agora se chamavam Thérèse e Jacqueline Saint-Quentin. Os protestantes entendiam isso e mantinham a farsa. As duas não tinham nenhum amigo que não fosse protestante.

Suas identidades falsas conseguiram enganar o representante do governo que fora visitar a loja pouco depois da inauguração. Ele inspecionara todas as instalações e fizera muitas perguntas. Talvez fosse até um dos informantes de Pierre Aumande, pensava Sylvie, embora qualquer loja de papel pudesse ser verificada em busca de literatura ilegal. Não havia nenhum livro na casa, apenas cadernos de anotações e livros-caixa, e o inspetor fora embora satisfeito.

Os livros proibidos ficavam todos no armazém da Rue du Mur, e Sylvie só pegava um deles quando já tinha um comprador em vista, de modo que os objetos incriminadores nunca ficavam mais do que poucas horas dentro da casa. Então, num domingo de manhã no verão de 1560, ela foi ao armazém buscar uma Bíblia em francês e constatou que restava apenas uma na caixa.

Ao verificar as outras caixas, descobriu que a maioria continha textos pouco conhecidos, como as obras de Erasmo, que ela só conseguia vender de vez em quando, para padres de mente aberta ou estudantes universitários curiosos. Devia ter desconfiado antes: se os livros ainda estavam no armazém, era porque não vendiam tanto. Tirando a Bíblia, o único outro título de sucesso moderado era o manifesto *A instituição da religião cristã*, de João Calvino. Era por isso que pai estava imprimindo mais Bíblias em setembro do ano anterior, quando os Guises fecharam o cerco. Só que essas Bíblias jamais ficaram prontas, ainda que a mera existência de trechos dela tivesse incriminado Gilles.

Ela percebeu que não tinha se preparado com planos de longo prazo. O que iria fazer agora? Pensou horrorizada na profissão que quase abraçara no inverno, quando ela e a mãe chegaram perto de morrer de fome. Nunca mais, jurou.

A caminho de casa, passou por Les Halles, bairro em que Pierre morava. Apesar da sua ojeriza pelo rapaz, tentava ficar de olho nele. Seu patrão, o cardeal

Carlos, era o responsável pela repressão real aos protestantes de Paris, e Sylvie tinha certeza de que Pierre ainda se dedicava a encontrá-los. Não podia mais ser um espião ele próprio, pois muitas pessoas já sabiam quem ele era, mas muito provavelmente devia chefiar uma rede de espionagem.

Sylvie observara discretamente a casa de Pierre e conversara com pessoas na taberna próxima, chamada Saint-Étienne. Integrantes da guarda dos Guises bebiam lá com frequência, e ela às vezes escutava conversas úteis sobre o que a família andava fazendo. Também descobrira que Pierre tinha se casado logo após a anulação do primeiro matrimônio. Agora tinha uma esposa chamada Odette, um filhinho chamado Alain e uma criada chamada Nath. Segundo as fofocas da taberna, tanto Odette quanto Nath o detestavam. Sylvie ainda não falara nem com uma nem com a outra, mas já cumprimentava as duas com meneios de cabeça e tinha esperança de que um dia pudesse convencê-las a revelar os segredos de Pierre. Enquanto isso, o rapaz era vigiado na corte pela marquesa de Nîmes, que anotava os nomes das pessoas com quem o via falar. Até então, seu único registro razoavelmente interessante fora Gaston Le Pin, capitão da guarda dos Guises, que era conhecido demais para ter algum papel clandestino.

Quando ela chegou em casa, contou à mãe que as Bíblias tinham acabado.

– Nós poderíamos esquecer os livros e simplesmente vender artigos de papelaria – sugeriu Isabelle.

– A papelaria não dá dinheiro suficiente – respondeu Sylvie. – De toda forma, não quero passar a vida vendendo papel e tinta. Temos a missão de ajudar nossos semelhantes a ler a palavra de Deus e descobrir o caminho do verdadeiro evangelho. Quero continuar a fazer isso.

A mãe sorriu.

– Você é uma boa moça.

– Mas como vou conseguir os livros? Não podemos imprimi-los. As máquinas de papai agora pertencem a outra pessoa.

– Deve haver outros impressores protestantes em Paris.

– Há, sim. Já vi livros deles nas casas dos clientes. E o dinheiro das vendas que já fizemos seria suficiente para comprarmos um novo estoque. Mas não sei onde ficam as oficinas... é segredo, claro. Enfim, eles mesmos podem vender os livros, então por que precisariam de mim?

– Só existe um lugar onde é possível comprar grandes quantidades de livros protestantes, e esse lugar é Genebra.

Isabelle falou como se Genebra fosse tão distante quanto a lua. Sylvie, contudo, não titubeou.

– Genebra fica a que distância daqui?

– Você não pode ir até lá! O caminho é longo e a viagem é perigosa. E você nunca foi além dos arredores de Paris.

Sylvie fingiu estar menos apreensiva do que na realidade estava.

– Outras pessoas já fizeram isso. Lembra-se de Guillaume?

– É claro que lembro. Você deveria ter se casado com ele.

– Eu não deveria ter me casado com ninguém. Como se vai de Paris até Genebra?

– Não faço ideia.

– Luc Mauriac talvez saiba – falou Sylvie, lembrando-se da família que conhecia bem.

– Ele é corretor de cargas – completou Isabelle, dando força à ideia.

– Nunca entendi direito o que um corretor de cargas faz.

– Imagine que um navio vá de Bordeaux até Paris pelo Sena levando um carregamento de vinho. Então ele recebe uma carga de tecido para levar de volta até Bordeaux, mas a carga só preenche metade da capacidade de transporte dele. O capitão não quer esperar; precisa completar o espaço disponível o mais rápido possível. Então ele procura Luc, que conhece todos os comerciantes de Paris e todos os portos da Europa. Luc lhe encontra uma carga de carvão, couro ou chapéus da moda que alguém em Bordeaux queira.

– Então Luc sabe ir a qualquer lugar, inclusive a Genebra.

– Ele vai dizer que isso é impossível para uma jovem.

– O tempo em que os homens me diziam o que fazer já passou.

Isabelle encarou a filha. Para espanto de Sylvie, a mãe ficou com os olhos marejados.

– Como você é corajosa – comentou Isabelle. – Mal consigo acreditar que saiu de mim.

Sylvie ficou comovida com a emoção da mãe.

– Mas eu sou igualzinha à senhora – conseguiu dizer.

Isabelle fez que não com a cabeça.

– Como uma catedral é igualzinha a uma igreja de paróquia, talvez.

Sylvie não soube como reagir a esse comentário. Não era natural um pai ou uma mãe admirarem um filho ou filha; o correto seria o contrário. Após alguns instantes de constrangimento, falou:

– Está na hora de ir para o culto.

A congregação que antes se reunia no pavilhão de caça encontrara outro local para o que às vezes chamava de templo. Sylvie e Isabelle adentraram um pátio grande onde se podiam alugar cavalos e carruagens. Usavam roupas simples, de modo que não pareciam vestidas para ir à igreja. Era domingo e a loja – que pertencia a um protestante – estava fechada, mas as portas não haviam sido trancadas. Elas entraram no estábulo, uma grande estrutura de pedra. Um jovem e robusto cavaleiro escovava a crina de um cavalo. Encarou-as com firmeza, prestes a detê-las, mas em seguida as reconheceu e deu um passo para o lado de forma a deixá-las passar.

Nos fundos do estábulo, uma porta escondia uma escada que levava a um grande sótão. Era ali que o grupo fazia seus cultos. Como de costume, o recinto não tinha nem quadros nem estátuas e era mobiliado apenas com cadeiras e bancos. Uma das grandes vantagens dali era não haver janelas, o que proporcionava isolamento acústico. Sylvie testara sua eficiência: ficara parada na rua lá fora enquanto a congregação cantava a plenos pulmões e não conseguira ouvir nada mais do que um burburinho musical distante, que poderia ter vindo de qualquer um dos prédios próximos: a igreja da paróquia, o monastério ou a faculdade.

Todos na congregação a conheciam. Por ser vendedora de livros, ela era um membro fundamental do grupo. Além do mais, durante as sessões de debates conhecidas como fraternidade, muitas vezes ela expunha opiniões fortes, principalmente sobre o delicado tema da tolerância. Era impossível ignorar sua voz, fosse cantando ou expressando suas opiniões. Ela jamais viria a ser uma conselheira, pois esse papel era reservado aos homens; mesmo assim, era tratada como líder.

Ela e a mãe se acomodaram em bancos na primeira fileira. Sylvie adorava os cultos, embora, ao contrário de vários protestantes, não desprezasse os ritos

católicos. Ela compreendia que, para muitas pessoas, o cheiro de incenso, as palavras em latim e o canto misterioso de um coro faziam parte da experiência espiritual. No seu caso, outras coisas a comoviam: a linguagem simples, as crenças racionais e os hinos que ela mesma podia cantar.

Apesar disso tudo, nesse dia ela se pegou impaciente para que o culto terminasse. Luc Mauriac estava presente junto com a família, e ela estava ansiosa para lhe fazer algumas perguntas.

Nunca se esquecia dos negócios. Imediatamente após o amém final, entregou sua última Bíblia em francês a Françoise Duboeuf, a jovem esposa do alfaiate, e recebeu 5 libras como pagamento.

Então foi abordada por Louise, a jovem marquesa de Nîmes.

– A corte está de mudança para Orléans – disse Louise.

Era normal o rei e sua corte viajarem pelo país de vez em quando.

– Talvez haja uma trégua para os protestantes de Paris – falou Sylvie, esperançosa. – O que está acontecendo em Orléans?

– O rei convocou uma reunião dos Estados Gerais.

Tratava-se de uma assembleia nacional tradicional.

– O cardeal Carlos e Pierre Aumande vão acompanhar a corte.

Sylvie franziu o cenho.

– Imagino que nova maldade esses dois demônios estarão tramando.

– Seja o que for, não vai ser bom para nós.

– Que o Senhor nos proteja.

– Amém.

Sylvie se afastou de Louise e procurou Luc.

– Preciso ir a Genebra – falou.

Luc era um homem miúdo, de modos alegres, mas enrugou a testa numa expressão reprovadora.

– Posso perguntar por quê, Sylvie? Ou será que eu deveria dizer Thérèse?

– Vendemos todas as nossas Bíblias em francês. Preciso comprar mais.

– Que Deus a abençoe – comentou ele. – Admiro a sua coragem.

Pela segunda vez naquela manhã, Sylvie foi surpreendida pela admiração de alguém. Ela não era corajosa; estava com medo.

– Só faço o que precisa ser feito – falou.

– Mas isso você não pode fazer – disse Luc. – Não existe rota segura, e você é uma jovem sem recursos para uma escolta de homens armados que a proteja de salteadores, taberneiros ladrões e camponeses lascivos armados com pás de madeira.

A imagem do camponês lascivo a fez franzir a testa. Por que os homens tantas vezes falavam sobre estupro como se fosse uma piada? No entanto, recusou-se a perder o foco.

– Me faça essa gentileza – pediu. – Como se chega a Genebra?

– O caminho mais rápido é subir pelo Sena até Montereau, que fica a uns 100 quilômetros daqui. A maior parte do resto da viagem, uns 400 quilômetros, é feita por terra, e não apresenta dificuldade se você não estiver transportando mercadorias. Duas ou três semanas se não houver grandes atrasos, embora sempre possa haver contratempos. Sua mãe irá com você, claro.

– Não. Ela precisa ficar aqui e manter a loja aberta.

– Sério, Sylvie, você não pode fazer isso sozinha.

– Talvez eu seja obrigada.

– Então você tem de se unir a um grupo grande em cada etapa da viagem. O mais seguro são famílias. Evite grupos só de homens por motivos óbvios.

– Claro.

Tudo aquilo era novidade para Sylvie. A perspectiva a deixava aterrorizada. Ela se sentiu tola por ter falado de forma tão irrefletida sobre ir a Genebra.

– Mesmo assim, eu quero ir – repetiu, tentando soar confiante.

– Nesse caso, qual vai ser a sua história?

– Que história?

– Você vai encontrar gente. Viajantes não têm nada para fazer a não ser conversar. Vão lhe fazer perguntas. Você não vai admitir que está a caminho de Genebra para comprar livros ilegais. Na verdade, é melhor nem dizer que vai a Genebra, já que todo mundo sabe que lá é a capital mundial da heresia. Você precisa de uma história.

Sylvie estava perplexa.

– Vou pensar em alguma coisa.

Luc fez uma cara pensativa.

– Pode dizer que está seguindo uma romaria.

– Para onde?

– Para Vézelay, que fica a meio caminho entre Paris e Genebra. A abadia abriga relíquias de Maria Madalena. Mulheres vivem indo lá.

– Perfeito.

– Quando você quer partir?

– Em breve.

Ela não queria passar muito tempo se preocupando com a viagem.

– Esta semana – completou.

– Vou arrumar um capitão de confiança para levá-la até Montereau. Pelo menos até lá você vai chegar em segurança. Depois é só ficar atenta.

– Obrigada.

Ela supôs que deveria dizer algo educado após fazer tantas perguntas.

– Como vai Georges? Faz um tempo que não o vejo.

– Vai bem, obrigado. Agora está abrindo uma filial do nosso negócio em Ruão.

– Ele sempre foi inteligente.

Luc deu um sorriso irônico.

– Eu amo muito meu filho, mas ele nunca foi páreo para você, Sylvie.

Apesar de ser verdade, isso era constrangedor, de modo que ela deixou passar sem comentários.

– Obrigada pela ajuda. Passo no seu escritório amanhã, se não for incômodo.

– Vá na terça de manhã. Até lá já terei encontrado um capitão para você.

Sylvie chamou a mãe, que conversava com um grupo de mulheres. Estava impaciente para ir para casa e começar os preparativos.

No caminho de volta até a Rue de la Serpente, encontrou uma casa de tecidos barata e comprou uma peça de fazenda cinza grosseira e feia, porém resistente.

– Quando chegarmos em casa, preciso que a senhora faça um hábito de freira para mim – disse à mãe.

– Claro... embora eu costure quase tão mal quanto você.

– Não tem problema. Quanto mais grosseiro ficar, melhor, contanto que não se desfaça.

– Está bem.

– Mas primeiro preciso que corte o meu cabelo. Todo. Não pode ficar com

mais que um dedo de comprimento.

– Você vai ficar horrorosa.

– Exatamente – falou Sylvie. – É isso que eu quero.

iii

Em Orléans, Pierre planejava um assassinato.

Não iria empunhar a faca, mas se certificaria de que outra pessoa a empunhasse.

Tinha sido esse o motivo de o cardeal o levar até lá. Apesar de Carlos ainda estar zangado com Pierre por causa da tentativa de se livrar do bebê de Odette, ele fora salvo por sua utilidade, conforme calculara.

Em outras circunstâncias, assassinato teria sido algo muito além do que se disporia a fazer. Ele jamais cometera um pecado tão terrível, embora houvesse chegado perto: sentira-se muito tentado a matar o bebê Alain, mas não vira como poderia se safar. Já fora responsável por muitas mortes, inclusive a de Gilles Palot, mas todas tinham sido execuções legítimas. Sabia que estava prestes a cruzar uma linha terrível.

No entanto, precisava reconquistar a confiança de Carlos, e aquele era o jeito. Torcia também para que o padre Moineau concordasse que aquilo era a vontade de Deus. Caso contrário, Pierre estaria condenado.

A vítima pretendida era Antônio de Bourbon, rei de Navarra. E o assassinato era o elemento-chave de um golpe que neutralizaria a um só tempo os dois outros inimigos mais importantes da família Guise: o irmão mais novo de Antônio, Luiz, príncipe de Condé; e o aliado mais importante dos Bourbons, Gaspard de Coligny, almirante da França e membro mais ativo da família Montmorency.

Esses três, que raramente iam a qualquer lugar juntos justamente por medo daquele tipo de complô, tinham sido atraídos até Orléans pela promessa de um debate sobre a liberdade de culto durante uma reunião dos Estados Gerais. Como eram líderes da facção tolerante, não havia como deixarem de participar de uma ocasião tão importante. Precisavam correr o risco.

Orléans ficava na margem norte do Loire. Apesar de estar a mais de 300

quilômetros do mar, o rio tinha um tráfego intenso, composto sobretudo por chatas com mastros dobráveis capazes de enfrentar as águas rasas e passar por baixo de pontes. No coração da cidade, de frente para a catedral, ficava um palácio de construção recente chamado Château Groslot. Seu orgulhoso proprietário, Jacques Groslot, fora enxotado dali de modo a abrir espaço para a comitiva real.

Era um prédio esplêndido, pensou Pierre, ao se aproximar do palácio no raiar do dia do assassinato. Os tijolos vermelhos se misturavam a outros pretos em um padrão de losangos que cercava fileiras de janelas altas. Lances de escada idênticos subiam em curvas espelhadas até a entrada principal. O palácio tinha uma arquitetura inteligente e inovadora, mas de um jeito conservador que Pierre admirava.

Ele não iria se hospedar ali. Como sempre, ainda que agora se chamasse Guise, ficaria com os criados. Mas algum dia seria dono de um palácio como aquele.

Entrou junto com Charles de Louviers, o assassino.

Sentia-se estranho na companhia dele. Louviers era bem-vestido e tinha modos corteses, contudo havia algo de truculento em sua postura e em seu olhar. Existiam muitos assassinos, claro, e várias vezes Pierre vira esses homens serem enforcados na Place de Grève de Paris. Mas Louviers era diferente. Ele era um nobre e se dispunha a matar pessoas da mesma classe social que a sua. Apesar de parecer estranho, todos concordavam que um príncipe de sangue, como Antônio, não podia ser morto por um criminoso comum.

O interior do palácio reluzia de tanta riqueza nova. Os painéis que revestiam as paredes brilhavam, as cores vibrantes das tapeçarias não haviam tido tempo para desbotar e os imensos candelabros não revelavam uma mancha sequer. As intrincadas pinturas dos tetos rebaixados estavam vívidas e frescas. Monsieur Groslot era um político e negociante local. Queria que o mundo soubesse quanto havia prosperado.

Pierre levou Louviers até o conjunto de aposentos ocupado pela rainha. Uma vez lá, pediu a uma criada que avisasse Alison McKay da sua chegada.

Alison era uma mulher de fato muito distinta agora que sua amiga íntima, Maria Stuart, se tornara rainha da França. Pierre tinha observado as duas moças,

envoltas em vestidos caríssimos e cintilando com muitas joias, receberam as profundas reverências e amplas medidas da nobreza e responderem com um meneio de cabeça casual ou um sorriso condescendente. Isso o fizera refletir sobre quão rapidamente as pessoas se acostumavam com uma posição de destaque na qual todos se curvavam a elas. Ele próprio ansiava por ser venerado dessa forma.

Era muito atrevimento da parte dele mandar chamar Alison tão cedo de manhã. No entanto, fazia mais de um ano – desde o dia em que ele fora dar a Maria a notícia sobre a morte iminente do rei Henrique II – que ele a conhecia bem. O futuro de Alison, assim como o dele, estava atrelado ao destino dos Guises. Ela confiava em Pierre e sabia que vinha a mando do cardeal Carlos e que não iria desperdiçar seu tempo.

Poucos minutos depois, a criada os conduziu até um pequeno cômodo lateral. Alison estava sentada diante de uma mesa redonda. Era óbvio que tinha se vestido às pressas, jogando um casaco de brocado por cima da camisola. Com os cabelos escuros apenas escovados e os olhos azuis pesados de sono, tinha um aspecto desalinhado encantador.

– Como vai o rei Francisco? – perguntou Pierre.

– Não muito bem – respondeu ela. – Mas ele nunca está bem. Teve varíola quando criança, o senhor sabe, e isso prejudicou seu crescimento e o deixou para sempre com a saúde frágil.

– E a rainha Maria? Imagino que ainda deva estar de luto pela mãe.

Marie de Guise, mãe de Maria, tinha morrido em Edimburgo em junho.

– Até onde se pode ficar de luto por uma mãe que mal se conhecia.

– Suponho que Maria ir para a Escócia esteja fora de cogitação.

Aquela era uma preocupação constante para Pierre e os irmãos Guises. Se Maria Stuart decidisse que desejava governar a Escócia, talvez fosse difícil impedi-la, já que ela era a rainha dos escoceses.

Alison não concordou na hora, o que aumentou a aflição de Pierre.

– Os escoceses certamente precisam de alguém com a mão firme – disse ela.

Embora não fosse a resposta que Pierre desejava, era verdade. O Parlamento escocês, dominado pelos protestantes, acabara de aprovar uma lei que tornava crime celebrar missas católicas.

– Mas com certeza o primeiro dever de Maria é para com a França.

Felizmente, com isso Alison concordou:

– Maria precisa ficar com Francisco até lhe dar um filho. De preferência, dois. Ela entende que assegurar a sucessão na França é mais importante do que pacificar os subversivos escoceses.

– Além do mais, por que alguém que é rainha da França iria querer trocar essa posição pela de rainha da Escócia? – acrescentou Pierre com um sorriso aliviado.

– De fato. Nós duas só guardamos lembranças muito vagas da Escócia: quando saímos de lá, Maria tinha 5 anos e eu, 8. Nem ela nem eu falamos o dialeto escocês. Mas o senhor não me tirou da cama assim tão cedo para conversar sobre a Escócia.

Pierre se deu conta de que estava evitando o verdadeiro assunto. Não tenha medo, disse a si mesmo. Você é Pierre Aumande de Guise.

– Está tudo pronto – falou para Alison. – Nossos três inimigos estão na cidade.

Ela sabia a que ele estava se referindo.

– Vamos agir imediatamente?

– Já agimos. Luiz de Bourbon foi detido, acusado de traição. Corre o risco de ser condenado à morte.

Do que provavelmente era culpado, pensou Pierre, não que isso fizesse diferença.

– O lugar em que Gaspard de Coligny se hospedou está cercado por homens armados que o seguem por toda parte – prosseguiu. – Na prática, ele é prisioneiro.

Gaston Le Pin organizara essa parte com a guarda pessoal dos Guises, um exército particular com centenas de soldados.

– Antônio de Bourbon foi convocado para falar com o rei Francisco hoje de manhã – falou Pierre e indicou o homem a seu lado com um gesto ao concluir: – E Charles de Louviers vai matá-lo.

Alison não se abalou. Pierre ficou impressionado com sua frieza.

– O que posso fazer pelo senhor? – indagou ela.

Louviers falou pela primeira vez. Sua voz era culta, precisa, e seu sotaque, o

da classe nobre.

– O rei precisa me dar um sinal quando estiver pronto para que eu aja.

– Por quê? – quis saber Alison.

– Porque um príncipe de sangue só pode ser morto por ordem do rei.

O que Louviers queria dizer era que precisava ficar claro para todos no recinto que o responsável pelo assassinato era o rei Francisco. Caso contrário, o monarca poderia repudiar o assassinato depois, proclamar inocência e mandar executar Louviers, Pierre, o cardeal Carlos e qualquer outra pessoa que pudesse ser vinculada ao complô de forma plausível.

– Claro – disse Alison, entendendo a questão depressa, como de hábito.

– Louviers precisa de alguns momentos a sós com Sua Majestade para que os dois combinem um sinal – disse Pierre. – O cardeal Carlos já explicou isso ao rei.

– Muito bem. – Alison se levantou. – Acompanhe-me, monsieur Louviers.

Louviers a seguiu até a porta. Ali, ela se virou.

– Está com sua arma?

Ele levou a mão até debaixo do casaco e revelou uma adaga comprida pendurada numa bainha em seu cinto.

– É melhor deixá-la com monsieur Aumande de Guise por enquanto.

Louviers soltou do cinto a adaga e a bainha, pôs em cima da mesa e seguiu Alison para fora da sala.

Pierre foi até a janela e olhou para os arcos pontudos da fachada oeste da catedral, do outro lado da praça. Estava nervoso e tomado pela culpa. Estou fazendo isso por essa igreja, falou para si mesmo, e pelo Deus cuja casa ela representa e pela fé antiga e autêntica.

Ficou aliviado quando Alison reapareceu. Ela veio se postar perto dele, com o ombro encostado no seu, e olhou na mesma direção que ele.

– Foi aí que Joana d’Arc rezou durante o cerco a Orléans – disse ela. – Ela salvou a cidade da selvageria do Exército inglês.

– Alguns dizem que ela salvou a França – falou Pierre. – Como estamos tentando salvar a França hoje.

– Sim.

– Tudo bem entre o rei Francisco e Louviers?

– Sim. Eles estão conversando.

Pierre se animou.

– Estamos prestes a nos livrar da ameaça dos Bourbons... de uma vez por todas. Pensei que jamais fosse ver esse dia. Todos os nossos inimigos vão desaparecer.

Alison não respondeu. Pareceu incomodada com algo.

– Não concorda? – perguntou ele.

– Cuidado com a rainha-mãe – disse Alison.

– Por que está dizendo isso?

– Eu a conheço. Ela gosta de mim. Quando éramos crianças, eu costumava tomar conta de Francisco e Maria... sobretudo dele, que era tão fraco. A rainha Catarina sempre foi grata por isso.

– E...?

– Ela conversa comigo. E acha que o que nós estamos fazendo é errado.

Com “nós”, Pierre sabia, ela se referia aos Guises.

– Errado? – repetiu ele. – Como?

– Ela acredita que nunca vamos eliminar o protestantismo queimando pessoas na fogueira. Isso apenas cria mártires. O que deveríamos fazer, isso sim, é eliminar o impulso que cria protestantes, reformando a Igreja Católica.

Ela estava certa em relação aos mártires. Ninguém nunca gostara do autoritário Gilles Palot em vida, mas agora, segundo os espiões de Pierre, ele era quase um santo. Contudo, a reforma da Igreja era uma ideia muito boa, mas impraticável.

– Isso significaria tirar a riqueza e o privilégio de homens como o cardeal Carlos. Nunca vai acontecer; eles são poderosos demais.

– Catarina acha que é justamente esse o problema.

– As pessoas sempre vão achar algum defeito na Igreja. A resposta é lhes ensinar que elas não têm o direito de criticar.

Alison deu de ombros.

– Eu não disse que a rainha estava certa. Só acho que precisamos ficar atentos.

Pierre fez cara de quem duvidava.

– Se ela tivesse algum poder, sim. Mas, com o rei casado com a sobrinha dos

Guises, quem está no controle somos nós. Não acho que haja nada a temer da rainha-mãe.

– Não a subestime por ela ser mulher. Lembre-se de Joana d’Arc.

Pierre achava que Alison estava errada, mas falou:

– Eu nunca subestimo uma mulher.

E abriu-lhe seu sorriso mais encantador. Alison se virou um pouco, de modo que seu seio ficou encostado no peito de Pierre. Ele acreditava piamente que as mulheres nunca faziam esse tipo de coisa por acidente.

– Nós somos parecidos, você e eu – disse ela. – Dedicamos a vida a servir a pessoas muito poderosas. Somos conselheiros de gigantes. Deveríamos trabalhar juntos sempre.

– Eu gostaria disso.

Ela estava se referindo a uma aliança política, mas havia outra mensagem oculta em suas palavras. O tom da voz e a expressão do rosto revelavam que ela se sentia atraída por Pierre.

Pierre não pensava em romance fazia um ano. A decepção com Véronique e a repulsa pela pavorosa Odette não deixavam espaço em seu coração para sentimentos em relação a outras mulheres.

Por um instante, ele não conseguiu pensar em como deveria reagir. Então entendeu que aquela conversa sobre os dois trabalharem juntos não eram apenas palavras sem significado para disfarçar um interesse romântico. O mais provável era que fosse o contrário: ela estava flertando com ele de modo a atraí-lo para uma parceria de trabalho. Em geral era Pierre quem fingia estar apaixonado por uma mulher para conseguir algo dela. A ironia o fez sorrir, e Alison entendeu isso como um incentivo. Inclinou a cabeça para trás bem de leve, virando o rosto em direção ao dele. O convite era claro.

Ainda assim, ele hesitou. O que poderia ganhar com aquilo? A resposta veio na hora: controle da rainha da França. Se a melhor amiga de Maria Stuart fosse a sua amante, ele poderia se tornar ainda mais poderoso do que o duque Francisco e o cardeal Carlos.

Beijou-a. Os lábios macios de Alison cederam aos seus. Ela levou a mão até sua nuca, puxou-o mais para perto e abriu a boca para receber sua língua. Então se afastou.

– Agora não – comentou. – Aqui não.

Pierre tentou entender o que ela queria dizer com aquilo. Será que desejava ir para a cama com ele em algum outro lugar, mais tarde? Uma moça solteira como Alison não podia sacrificar a virgindade. Se o fato viesse a público, como em geral acontecia com tais coisas na corte, isso arruinaria para sempre as suas perspectivas de um bom casamento.

No entanto, uma virgem de classe alta podia muito bem permitir liberdades a um homem com quem esperasse se casar.

Foi então que ele entendeu.

– Ah, não – falou.

– O quê?

– A senhorita não sabe, sabe?

– Não sei o quê?

– Que eu sou casado.

A expressão dela mudou.

– Meu Deus, não.

– O cardeal Carlos organizou tudo. Uma mulher que precisava de um marido depressa, pelo motivo habitual.

– Quem?

– Alain de Guise engravidou uma criada.

– Sim, ouvi falar... Ah! Foi o senhor quem se casou com Odette?

Pierre sentiu-se tolo e envergonhado.

– Sim.

– Mas por quê?

– Minha recompensa foi o direito de passar a me chamar Pierre Aumande de Guise. O nome está na certidão de casamento.

– Que inferno.

– Eu sinto muito.

– Eu também. Embora talvez houvesse feito a mesma coisa em troca de um nome desses.

Pierre se sentiu um pouco melhor. Havia rapidamente ganhado e perdido uma oportunidade notável de se aproximar da rainha, mas pelo menos Alison não o desprezava por ter desposado Odette. Tal sentimento vindo dela teria sido

uma agonia.

A porta se abriu, e Pierre e Alison se afastaram, culpados.

– Está tudo combinado – disse Louviers.

O assassino pegou sua adaga em cima da mesa, tornou a prender a bainha no cinto e fechou o casaco para ocultar a arma.

– Vou me vestir – disse Alison. – Vocês dois devem ficar esperando na sala de recepção.

Ela se retirou pela porta interna.

Pierre e Louviers seguiram por um corredor e atravessaram um saguão até um recinto ornamentado com painéis folheados a ouro, papéis de parede em cores vibrantes e um tapete oriental. Aquilo era só uma sala de espera. Mais além ficavam a câmara presencial, onde o rei concedia audiências, uma sala da guarda ocupada por vinte ou trinta soldados e, por fim, o quarto de dormir real.

Era cedo, mas alguns cortesãos já estavam reunidos ali.

– Ele vai demorar uma ou duas horas – falou Louviers. – Ainda nem se vestiu.

Pierre se acomodou para esperar, imerso em pensamentos. Ao lembrar a conversa com Alison, seu estômago queimou diante da ideia de que a melhor amiga da rainha da França talvez o tivesse desposado caso ele fosse solteiro. Que equipe eles teriam formado: ambos inteligentes, belos, ambiciosos. Ele poderia vir a se tornar duque um dia. Sentiu a perda dessa oportunidade como se estivesse de luto. E detestou Odette ainda mais. Ela era tão vulgar, tão baixa, que o puxava de volta até o nível social do qual ele tanto se esforçara para escapar. Ela ia contra o trabalho de toda a sua vida.

A sala foi se enchendo aos poucos. Antônio de Bourbon chegou no meio da manhã. Seu rosto, apesar de bonito, era fraco, com olhos de pálpebras pesadas e um bigode virado para baixo que lhe dava um aspecto letárgico e emburrado. Com o irmão preso e Coligny praticamente detido, Antônio tinha de saber que havia um sério complô sendo tramado contra ele. Ao observá-lo, Pierre teve a sensação de que ele sabia que iria morrer. Seu comportamento parecia dizer: *Façam o seu pior, não me importo.*

O duque Balafre e o cardeal Carlos chegaram. Meneando a cabeça para conhecidos, seguiram na direção dos aposentos internos sem se deter.

Alguns minutos depois, os cortesãos que aguardavam foram chamados para entrar na câmara onde o rei os receberia. Francisco estava sentado num trono intrincadamente esculpido. Seu corpo estava inclinado para um dos lados, como se ele precisasse se amparar no braço da cadeira. Seu rosto estava pálido e úmido. “Ele nunca está bem”, dissera Alison, mas aquilo parecia pior do que sua fragilidade habitual.

O cardeal Carlos estava em pé junto ao trono.

Pierre e Louviers se posicionaram na frente dos outros, garantindo que o rei os visse com clareza. Antônio de Bourbon estava a alguns passos de distância.

Agora só precisavam que o rei desse o sinal.

Em vez disso, Francisco fez um gesto para chamar um cortesão, que deu um passo à frente e respondeu a uma pergunta irrelevante. Pierre não conseguiu ouvir a conversa. O rei deveria ter ordenado a execução imediatamente. Era estranho que lidasse primeiro com outro assunto qualquer, como se o assassinato de um adversário fosse apenas um item corriqueiro numa agenda cheia. Contudo, o rei em seguida convocou outro cortesão a discutir sobre mais uma questão igualmente rotineira.

O cardeal Carlos sussurrou no ouvido de Francisco, decerto lhe dizendo para agilizar o ato, mas o rei fez com a mão um gesto de quem descarta o assunto, como quem diz: *Já vou chegar nisso*.

O bispo de Orléans começou a fazer um discurso. Pierre teria sido capaz de esganar o sujeito. O rei se recostou no trono e fechou os olhos. Provavelmente imaginou que as pessoas fossem achar que ele estava se concentrando nas palavras do bispo. Porém, mais parecia que ele iria pegar no sono... ou mesmo desmaiar.

Após um minuto, ele abriu os olhos e observou as pessoas ao redor. Seu foco se deteve em Louviers, e Pierre teve certeza de que a hora chegara, mas o olhar do rei seguiu em frente.

Então ele começou a tremer.

Pierre o encarou horrorizado. A febre de calafrios era uma peste que havia assolado a França e outros países europeus durante três anos. Às vezes, era fatal. Dê o sinal, pelo amor de Deus, pensou. Depois, pode desabar!

Em vez disso, o rei tentou ficar de pé. Parecendo fraco demais para se erguer,

caiu sentado de volta no trono. O bispo seguiu falando, sem perceber ou se importar com o fato de o rei talvez estar passando mal, mas o cardeal Carlos reagiu mais depressa. Murmurou algo a Francisco, que balançou a cabeça debilmente numa negativa. Com uma expressão de impotência, Carlos o ajudou a ficar em pé.

O rei seguiu para a porta interna de braços dados com o cardeal.

Pierre olhou para Antônio de Bourbon. O nobre parecia tão surpreso quanto os outros. Claramente aquilo não era resultado de nenhum complô seu. Ele estava fora de perigo por ora, mas era óbvio que não sabia por quê.

Carlos acenou chamando o irmão, o duque Balafre. Contudo, para espanto de Pierre, Francisco de Guise parecia enojado e deu as costas para Carlos e para o rei – uma descortesia que teria feito um monarca mais forte jogá-lo na prisão.

Apoiando-se em Carlos, o rei Francisco se retirou.

iv

O tempo foi ficando mais frio conforme Sylvie subia o sopé dos Alpes em direção a Genebra. Era inverno, e ela não previra que precisaria de um casaco de pele.

Havia muitas coisas que ela não previra. Não imaginara a rapidez com que os sapatos iriam se desgastar se ela passasse o dia inteiro caminhando, todo dia. Ficara estarecida com a ganância dos donos de taberna, sobretudo nos lugares em que eles não tinham nenhum concorrente: cobravam preços exorbitantes, até mesmo de uma freira. Preparara-se para abordagens masculinas indesejadas e lidara com elas de modo enérgico, mas fora surpreendida certa noite ao ser agredida por outra mulher no quarto coletivo de uma hospedaria.

Ficou profundamente aliviada quando viu surgirem ao longe os pináculos das igrejas protestantes de Genebra. Sentiu também orgulho de si mesma. Tinham lhe dito que aquilo era impossível, mas ela conseguira, com a ajuda de Deus.

A cidade ficava na ponta sul do lago Léman, no ponto em que o rio Ródano percebeu do lago a caminho do distante mar Mediterrâneo. Ao chegar mais perto, ela percebeu que era uma cidade pequena em comparação com Paris. Mas todas as cidades que ela vira eram pequenas em comparação com Paris.

Além de uma vista bem-vinda, era um belo cenário. O lago era límpido; as montanhas em volta, azuis e brancas; o céu tinha um tom de cinza perolado.

Antes de se apresentar no portão da cidade, Sylvie tirou o capuz de freira, escondeu sob o vestido a cruz que trazia no peito, amarrou um lenço amarelo em volta da cabeça e do pescoço. Assim não pareceria uma freira, apenas uma mulher comum malvestida. Deixaram-na entrar sem problemas.

Encontrou vaga para pernoitar numa hospedaria que pertencia a uma mulher. No dia seguinte, comprou um gorro vermelho de lã. Ele cobria seus cabelos curtos de freira e era mais quente do que o lenço amarelo.

Um vento forte e frio soprava do vale do Ródano, criando pequenas ondas na superfície do lago e gelando a cidade. O povo era tão frio quanto o clima, constatou Sylvie. Quis lhes dizer que ninguém precisava ser carrancudo para ser protestante.

A cidade era cheia de livrarias e oficinas de impressão. Ali se produziam Bíblias e outros livros em inglês, alemão e também francês, que depois eram despachados para serem vendidos Europa afora. Ela entrou na oficina mais próxima da hospedaria e deparou com um homem e seu aprendiz trabalhando numa prensa com livros empilhados a toda a volta. Perguntou quanto custava uma Bíblia em francês.

O impressor encarou seu vestido grosseiro antes de responder:

– Caro demais para a senhora.

O aprendiz deu uma risadinha.

– Estou falando sério – disse Sylvie.

– Pela sua aparência, não – retrucou o sujeito. – Duas libras.

– E se eu comprar cem?

Ele deu-lhe as costas parcialmente para demonstrar falta de interesse.

– Eu não tenho cem Bíblias.

– Bem, não vou fazer negócio com alguém tão apático – disse ela, insolente, e saiu.

Mas o impressor seguinte agiu da mesma forma. Aquilo era de enlouquecer. Ela não conseguia entender por que eles não queriam vender os livros. Tentou lhes dizer que viera de Paris, mas ninguém acreditou. Disse que tinha a sagrada missão de levar a Bíblia aos católicos franceses equivocados, mas riram dela.

Após um dia infrutífero, voltou para a hospedaria sentindo-se frustrada e impotente. Teria percorrido aquele caminho todo a troco de nada? Exausta, dormiu um sono pesado e acordou decidida a tentar uma abordagem diferente.

Procurou a Faculdade de Pastores. Se a missão deles era propagar o verdadeiro evangelho, certamente iriam querer ajudá-la. Lá, no saguão do prédio modesto, avistou alguém conhecido. Levou alguns instantes para atinar que era o jovem missionário que aparecera na livraria de seu pai quase três anos antes e se apresentara: “Sou Guillaume de Genebra.” Cumprimentou-o aliviada.

Ele, por sua vez, considerou a súbita aparição de Sylvie em Genebra uma espécie de presente divino. Após duas temporadas cumprindo os deveres de missionário na França, ele agora ensinava rapazes mais jovens a seguirem seus passos. Esse estilo de vida mais fácil o fizera desacelerar, e ele já não era magro feito um varapau; na verdade, tinha um aspecto roliço e satisfeito. E a chegada de Sylvie completou sua felicidade.

Guillaume ficou estupefato ao saber da traição de Pierre, mas não conseguiu esconder um sentimento de satisfação pelo fato de o rival elegante ter se revelado uma fraude. Então lágrimas brotaram de seus olhos quando Sylvie lhe contou sobre o martírio de Gilles.

Quando ela relatou as experiências que tivera com os livreiros de Genebra, ele não demonstrou surpresa.

– É porque você os está tratando como iguais – disse ele.

Sylvie aprendera a parecer destemida e no comando, pois era o único jeito de desencorajar os homens de tentarem explorá-la.

– O que há de errado nisso? – perguntou ela.

– Eles esperam que uma mulher seja humilde.

– Em Paris os homens também gostam de mulheres submissas, mas nem por isso dispensam clientes. Se uma mulher tiver dinheiro e eles tiverem mercadorias para vender, fazem negócio.

– Paris é diferente.

Claro, pensou ela.

Guillaume ficou feliz em ajudá-la. Cancelou as aulas do dia e a levou para visitar um impressor conhecido seu. Sylvie se manteve afastada e deixou que ele conduzisse a conversa.

Ela queria dois tipos de Bíblia: uma barata o bastante para que praticamente qualquer pessoa pudesse comprar e uma edição de luxo, com impressão e encadernação caras, para clientes mais ricos. Seguindo suas instruções, Guillaume negociou pesado, e ela conseguiu ambas a preços que poderia triplicar em Paris. Comprou cem edições de luxo e mil edições baratas.

Animou-se ao ver, na mesma oficina, exemplares dos Salmos na tradução do poeta francês Clément Marot. Aquele fora um grande sucesso comercial para seu pai, e ela sabia que poderia vender muitos mais. Comprou quinhentos.

Ficou emocionada ao ver as caixas serem trazidas do estoque nos fundos da oficina. Sua viagem ainda não terminara, mas ela conseguira vencer mais uma etapa. Havia se recusado a abandonar a missão e tivera razão em fazê-lo. Aqueles livros iriam levar a verdadeira religião ao coração de centenas de pessoas. Iriam também alimentar Sylvie e a mãe durante um ano ou mais. Era um triunfo.

Mas primeiro ela precisava fazer os livros chegarem a Paris, o que requeria algum disfarce.

Comprou cem resmas de papel que poderia vender na loja da Rue de la Serpente. Segundo suas instruções, Guillaume orientou o impressor a cobrir os livros de cada caixa com pacotes de papel, de modo que, caso alguma caixa fosse aberta por qualquer motivo, os livros não fossem vistos de imediato. Ela mandou também marcar as caixas com as palavras em italiano “Carta di Fabriano”. A cidade de Fabriano era famosa por fabricar papéis de alta qualidade. Aquela farsa poderia satisfazer uma inspeção casual. E, claro, se as caixas fossem submetidas a uma revista mais séria, seria o seu fim.

Nessa noite, Guillaume a levou à casa dos pais para jantar.

Ela não pôde recusar o convite, pois ele fora gentil e, sem a ajuda dele, Sylvie talvez houvesse fracassado. Mas não se sentiu à vontade. Sabia que ele nutrira sentimentos em relação a ela; fora embora de Paris de uma hora para outra assim que ela ficara noiva de Pierre. Estava claro que esses sentimentos agora ressurgiam... ou talvez nunca o houvessem deixado.

Guillaume era filho único, e os pais o amavam muito. Eram pessoas calorosas e gentis, e obviamente sabiam que o filho estava apaixonado. Sylvie teve de repetir a história do martírio do pai e de como ela e a mãe haviam

reconstruído a vida. O pai de Guillaume, que era joalheiro, ficou tão orgulhoso de Sylvie quanto se ela fosse sua nora. Já a mãe admirou sua coragem, mas seus olhos exibiam a consciência, triste porém incontestável, de que o filho não conseguira conquistar o coração da moça francesa.

Eles a convidaram a ficar hospedada em sua casa, mas Sylvie recusou, pois não queria alimentar falsas esperanças.

Nessa noite, ficou se perguntando por que não amava Guillaume. Os dois tinham muito em comum. Vinham de famílias prósperas de classe média. Eram ambos comprometidos com a propagação do verdadeiro evangelho. Havia passado pelas privações e pelos riscos das viagens de longa distância. Ambos conheciam o perigo e tinham visto a violência. Apesar disso, ela recusara aquele homem corajoso, inteligente e decente em troca de um espião mentiroso de fala mansa. Será que havia alguma coisa errada com ela? Talvez o amor e o casamento simplesmente não fossem o seu destino.

No dia seguinte, Guillaume a levou até o cais e a apresentou a um condutor de barça que julgava ser de confiança. O homem, a esposa e os filhos frequentavam a mesma igreja que ele. Sylvie avaliou que, até onde um homem merecia confiança, podiam confiar naquele.

Como ela agora tinha uma carga pesada, muito difícil de transportar por carroça em estradas rurais, precisava voltar para Paris de navio. A barça a levaria rio abaixo até Marselha, onde ela transferiria os livros para uma embarcação marítima com destino a Ruão, no litoral norte da França. De lá, ela subiria os rios até Paris.

Suas caixas foram embarcadas no dia seguinte. Na outra manhã, Guillaume a acompanhou até o barco. Ela sentiu-se mal por aceitar tanta ajuda dele sem ter a menor intenção de corresponder da forma como ele esperava. Disse a si mesma que Guillaume fora um voluntário entusiasmado e que não o enganara, mas isso não aliviou sua culpa.

– Escreva avisando quando tiver vendido todos os livros – pediu ele. – Diga-me o que quer, e eu mesmo levo o próximo carregamento até Paris.

Sylvie não queria que Guillaume fosse a Paris. Ele faria uma corte insistente, e ela não conseguiria se livrar da companhia dele com tanta facilidade. Viu esse cenário constrangedor na mesma hora, mas nem assim conseguiu recusar a

oferta. Ela teria um carregamento de livros sem precisar fazer aquela viagem longa e difícil.

Seria falsidade aceitar? Sabia muito bem por que ele estava fazendo aquilo. No entanto, não podia pensar apenas em si mesma. Ela e Guillaume compartilhavam um dever sagrado.

– Seria maravilhoso – falou. – Escreverei, sim.

– Vou ficar esperando pela carta – disse ele. – Rezarei para que ela chegue logo.

– Adeus, Guillaume – disse Sylvie.

V

Alison estava com medo de que Francisco morresse. Maria ficaria viúva e viraria uma ex-rainha. E Alison seria apenas a amiga da ex-rainha. Com certeza elas mereciam mais tempo ao sol, não?

Todos estavam aflitos com a doença de Francisco. A morte de um rei era sempre um momento de terrível incerteza. Mais uma vez os irmãos Guises iriam disputar a primazia com os Bourbons e os Montmorencys. Mais uma vez a verdadeira religião teria de combater a heresia. Mais uma vez o poder e a riqueza ficariam com aqueles que agissem mais depressa e lutassem com mais afinco.

Enquanto Francisco perdia suas forças, Catarina convocou Alison McKay. A rainha-mãe estava usando um vestido de seda preto imponente e joias de brilhante de valor incalculável.

– Leve um recado para seu amigo Pierre – disse ela.

Catarina tinha uma boa intuição feminina e sem dúvida notara o afeto que Alison nutria por Pierre. Como a rainha-mãe sabia todas as fofocas, provavelmente entendia também que Pierre era casado e que o romance estava fadado ao fracasso.

Alison ficara abalada quando Pierre lhe fizera essa revelação. Permitira a si mesma se apaixonar por ele. Além de inteligente e encantador, o rapaz era também bonito e bem-vestido. Ela acalentara fantasias nas quais os dois eram o poderoso casal por trás do trono, dedicados um ao outro e ao rei e à rainha. Agora precisava esquecer esse sonho.

– Claro, Majestade – respondeu a Catarina.

– Diga a ele que preciso falar com o cardeal Carlos e o duque Balafre na câmara presencial daqui a uma hora.

– Qual assunto devo anunciar?

A rainha-mãe sorriu.

– Se perguntarem, diga que não sabe – falou.

Alison saiu dos aposentos de Catarina e percorreu os corredores do Château Grosloot. Homens se curvavam e mulheres faziam mesuras enquanto ela passava. Gostava daquela deferência, sobretudo agora que suspeitava que ela logo teria fim.

Enquanto caminhava, perguntou-se o que Catarina estaria tramando. Sabia que a rainha-mãe era astuta e dura. Quando Henrique morrera, Catarina sentira-se fraca, então se aliara aos irmãos Guises; mas isso agora parecia um erro, pois Carlos e Francisco a haviam posto de lado e dominado o rei por intermédio da rainha Maria. Alison tinha a sensação de que Catarina não se deixaria enganar tão facilmente uma segunda vez.

Os irmãos Guises tinham aposentos no palácio junto com a família real. Entendiam a importância de permanecerem próximos do rei. Pierre, por sua vez, sabia que precisava ficar próximo do cardeal Carlos. Hospedara-se na St. Joan Tavern, ao lado da catedral, mas Alison sabia que ele chegava ao Château Grosloot todos os dias antes que os irmãos Guises se levantassem e ficava até que eles fossem se deitar. De modo que não perdia nada.

Encontrou-o na saleta do cardeal Carlos, acompanhado de vários outros auxiliares e criados. Pierre usava um gibão azul sem mangas por cima de uma camisa branca bordada de azul e com uma gola bufante. Era sempre vistoso, sobretudo quando usava azul.

Embora continuasse no quarto, o cardeal já deveria estar vestido e recebendo pessoas; Carlos era tudo, menos preguiçoso.

– Vou interrompê-lo – disse Pierre, levantando-se. – O que Catarina quer?

– Ela fez mistério – respondeu Alison. – Ambroise Paré examinou o rei hoje de manhã.

Paré era o médico da realeza.

– Mas até agora só Catarina sabe o que ele falou – completou Alison.

– Pode ser que o rei esteja se recuperando.

– E pode ser que não.

A felicidade de Alison, bem como a de Maria Stuart, dependia da saúde instável de Francisco. Talvez fosse diferente se Maria tivesse um filho, mas ela ainda não engravidara. Tinha se consultado com o médico recomendado por Catarina, mas não queria contar a Alison o que ele dissera.

– Se o rei Francisco morrer sem um herdeiro, seu irmão Carlos vira rei – falou Pierre num tom pensativo.

Alison assentiu.

– Só que Carlos tem 10 anos, então outra pessoa teria de governar como regente em seu lugar.

– E esse posto recai automaticamente para o primeiro príncipe de sangue, que por acaso é Antônio de Bourbon.

– Nosso grande inimigo.

Alison previu um pesadelo em que os Guises perdiam toda a influência, e ela e Maria Stuart se tornavam duas pessoas insignificantes para quem os outros mal se davam ao trabalho de se curvar.

Teve certeza de que Pierre partilhava o mesmo pesadelo, mas viu que já estava pensando em como lidar com a situação. Ele nunca parecia intimidado pelos acontecimentos; ela gostava disso. Então ele falou:

– Portanto, caso Francisco morra, nosso desafio será neutralizar Antônio. Você acha que é sobre isso que Catarina quer conversar com os irmãos Guises?

Alison sorriu.

– “Se perguntarem, diga que não sabe.”

Uma hora depois, Alison e Pierre estavam em pé junto com o duque Balafré e o cardeal Carlos em meio à decoração suntuosa da câmara presencial. O fogo ardia numa imensa lareira. Para surpresa de Alison, Antônio de Bourbon também estava presente. Os rivais se encaravam de cantos opostos do cômodo. Balafré estava vermelho de raiva, e Carlos cofiava a barba até formar uma ponta, como sempre fazia quando estava irado. Antônio parecia assustado.

Por que Catarina estava reunindo aqueles inimigos mortais? Será que iria instigar um combate de gladiadores para decidir que facção prevaleceria caso Francisco morresse?

As outras pessoas presentes no recinto eram cortesãos importantes, a maioria deles integrantes do Conselho Privado do rei, e todas exibiam um ar de assombro. Ninguém parecia fazer ideia do que acontecia. Será que Antônio ia ser assassinado na frente de toda aquela gente? Charles Louviers, o assassino, não fora convocado.

Era óbvio que algo importante estava prestes a acontecer, mas Catarina se esforçara para guardar segredo. Nem mesmo Pierre sabia, e ele em geral sabia tudo.

Alison refletiu que era pouco usual que Catarina tomasse a iniciativa daquele jeito. Mas a rainha-mãe podia ser ardilosa. Ela recordou o pequeno frasco de sangue fresco que Catarina providenciara para a noite de núpcias de Maria Stuart. Recordou os filhotes de gato também e se deu conta de que Catarina tinha uma frieza que costumava esconder.

A rainha-mãe entrou e todos se curvaram. Alison nunca a vira com um ar tão imponente, então entendeu que a seda preta e os diamantes haviam sido escolhidos de propósito para lhe conferir um ar de autoridade. Ela agora acrescentara ao traje um arranjo de cabeça que parecia uma coroa. Atravessou o recinto seguida por quatro homens armados que Alison nunca tinha visto. De onde eles teriam saído? Junto com ela vinham também dois escreventes trazendo uma mesa, papel, pena e tinta.

Catarina sentou-se no trono usado por Francisco. Alguém deu um arquejo.

Ela segurava duas folhas de papel na mão esquerda.

Os escreventes posicionaram a mesa de escrever e os guarda-costas se postaram atrás da rainha-mãe.

– Meu filho Francisco está muito enfermo – começou ela.

Alison e Pierre trocaram olhares. Meu filho? Não Sua Majestade, o rei?

– Os médicos nada podem fazer por ele – continuou Catarina. Sua voz falhou num momento de fraqueza materna, e ela encostou nos olhos um lenço rendado.

– O Dr. Paré me disse que Francisco morrerá nos próximos dias.

Ah, pensou Alison: ela vai falar sobre a sucessão.

– Mande trazer do Château de Saint-Germain-en-Laye meu segundo filho, Carlos Maximiliano, e ele está aqui comigo agora – disse Catarina.

Aquilo era novidade para Alison. Catarina agira depressa e com astúcia. No

perigoso momento que advinha quando um rei sucedia ao outro, o poder podia ficar com quem quer que assumisse a pessoa do novo monarca. Catarina havia ganhado uma vantagem sobre todos os outros.

Alison tornou a olhar para Pierre. O rapaz estava de queixo caído.

Ao lado dele, o cardeal Carlos sussurrou, irado:

– Nenhum dos seus espiões nos contou isso!

– Eles são pagos para espionar protestantes, não a família real – retrucou Pierre, na defensiva.

Catarina separou as duas folhas em sua mão e ergueu uma delas.

– No entanto, Francisco conseguiu reunir força suficiente para assinar a sentença de morte de Luiz de Bourbon, príncipe de Condé.

Vários cortesãos arquejaram. Embora Luiz houvesse sido condenado por traição, até então o rei hesitara em mandar executá-lo. Matar um príncipe de sangue era uma medida extrema: a Europa inteira ficaria horrorizada. Só os irmãos Guises desejavam ver Luiz morto. Mas pelo visto eles iriam conseguir o que queriam, como em geral acontecia. Aparentemente, Catarina iria garantir a continuação da primazia dos Guises.

Catarina acenou com o papel. Alison se perguntou se o rei teria mesmo assinado. Ninguém conseguia ver de fato.

– Majestade, eu lhe imploro – disse Antônio. – Por favor, não execute o meu irmão. Eu juro que ele é inocente.

– Nenhum de vocês dois é inocente! – disparou Catarina.

Alison nunca a ouvira usar aquele tom de voz.

– A principal pergunta que o rei está fazendo a si mesmo é se *ambos* deveriam morrer.

Antônio era audaz no campo de batalha e tímido em todos os outros contextos, e nessa hora se mostrou submisso.

– Poupe nossas vidas, Majestade, eu lhe imploro. Juro que somos leais ao rei.

Alison relanceou os olhos para os irmãos Guises. Eles mal continham a animação. Seus inimigos estavam sendo severamente repreendidos... e na hora certa.

– Se o rei Francisco morrer e meu segundo filho de 10 anos de idade subir ao trono como Carlos IX, como o senhor, Antônio, poderia assumir o cargo de

regente tendo participado de uma conspiração contra o seu predecessor? – indagou Catarina.

Não havia provas de que nem Antônio nem Luiz houvessem conspirado contra o rei Francisco, mas Antônio optou por uma argumentação diferente.

– Eu não quero ser regente – falou, desesperado. – Eu renuncio à regência. Só poupe a vida do meu irmão e a minha.

– O senhor abriria mão da regência?

– É claro, Majestade. O que a senhora desejar.

Alison desconfiou que o objetivo de Catarina, desde o início da reunião, fosse fazer com que Antônio pronunciasse aquelas palavras. Esse palpite foi confirmado pelo que Catarina fez a seguir.

A rainha-mãe brandiu a segunda folha de papel.

– Nesse caso, quero que o senhor assine este documento diante da corte reunida aqui hoje. O texto afirma que abre mão do seu direito de regência em favor de... outra pessoa.

Ela lançou um olhar expressivo para o duque Balafré, mas não citou seu nome.

– Eu assino qualquer coisa – disse Antônio.

Alison viu que o cardeal Carlos estampava um largo sorriso. Aquilo era exatamente o que os irmãos Guises queriam. Eles iriam controlar o novo rei e continuar o extermínio de protestantes. Pierre, porém, tinha o cenho franzido.

– Por que ela fez isso sozinha? – sussurrou ele para Alison. – Por que não envolver os Guises no complô?

– Talvez ela queira lhes dar uma lição – disse Alison. – Eles a ignoraram bastante desde que o rei Henrique morreu.

Catarina entregou o papel ao escrevente e Antônio se aproximou para ler o documento, que era curto. Em determinado trecho, pareceu surpreso e ergueu a cabeça para fitar Catarina.

– Assine logo! – ordenou ela, incisiva.

Um escrevente mergulhou uma pena em tinta e a passou para Antônio.

Ele assinou.

Catarina se levantou do trono com a sentença de morte na mão. Andou até a lareira e jogou o documento nas chamas. O papel pegou fogo por um segundo,

então desapareceu.

Agora, ninguém vai saber se o rei Francisco realmente assinou, pensou Alison.

Catarina retomou seu lugar no trono. Estava claro que ainda não terminara.

– A ascensão do rei Carlos IX será o início de uma era de reconciliação na França – falou.

Reconciliação? Aquilo não parecia a Alison nenhum tipo de aliança. Pelo contrário: parecia-lhe mais uma vitória retumbante para a família Guise.

– Antônio de Bourbon – prosseguiu Catarina. – Em reconhecimento pela sua disposição em cooperar, o senhor será nomeado lugar-tenente do reino da França.

Aquela era a sua recompensa, pensou Alison, o prêmio de consolação. Mas talvez o posto fosse útil para impedir que ele se rebelasse. Ela olhou para os irmãos Guises. Eles não estavam satisfeitos com aquele desdobramento, embora fosse algo insignificante em comparação a obter a regência.

– Antônio, queira por favor ler o documento que o senhor acabou de assinar diante da corte – ordenou Catarina.

Ele pegou a folha de papel e se virou para os espectadores. Parecia satisfeito. Talvez o posto de lugar-tenente da França fosse aquele pelo qual ansiava. Começou a ler:

– Eu, Antônio de Bourbon, rei de Navarra...

– Pule para a parte importante – interrompeu Catarina.

– Renuncio às minhas aspirações à regência e transfiro todos os poderes a ela relativos para Sua Majestade real, rainha Catarina, a rainha-mãe.

Alison deu um arquejo.

O duque Balafré se levantou com um pulo.

– O quê? – rugiu ele. – Não para mim?

– Não para você – disse Antônio baixinho.

Balafré deu um passo em direção a ele. Antônio entregou o documento a Catarina. O duque se virou para ela. Os guarda-costas chegaram mais perto; obviamente tinham sido alertados quanto a essa possibilidade. Francisco de Guise ficou sem ter como agir. A fúria o fez enrubescer, e as cicatrizes de seu rosto ficaram púrpura.

– Isso é um escândalo! – gritou ele.

– Calado! – disparou Catarina. – Não ordenei que falasse!

Alison estava atônita. Catarina enganara a todos e assumira o controle. Havia conseguido se tornar a verdadeira soberana da França. O novo poder no país não seria dos Guises, nem do grupo Bourbon-Montmorency: o novo poder seria a própria Catarina. De forma sorrateira, ela havia desarmado dois gigantes. Quanta dissimulação! Não houvera nenhum indício daquele plano. Com habilidade e segurança, ela executara uma manobra que era nada menos do que um golpe de Estado. Por mais brava e decepcionada que Alison estivesse, uma parte dela admirava a estratégia da rainha.

Mas Catarina ainda não havia terminado:

– E agora, para selar a paz hoje conquistada, o duque de Guise vai abraçar o rei de Navarra.

Para Balafré, essa era a derradeira humilhação.

O duque e Antônio se entreolharam com fúria.

– Vamos, por favor – repetiu Catarina. – Eu assim ordeno.

Antônio foi o primeiro a se mover e cruzou o piso de lajotas multicoloridos na direção de Balafré. Os dois homens tinham quase a mesma idade, mas a semelhança parava por aí. Antônio tinha um ar apático, e agora, por baixo do bigode, exibia um sorriso conformado. Balafré era queimado de sol, emaciado, desfigurado e cruel. Mas Antônio não era burro. Parou a um metro de Balafré, abriu bem os braços e disse:

– Eu obedeço à Sua Majestade, a rainha-mãe.

Balafré não tinha como dizer *Eu, não*.

Ele deu um passo na direção de Antônio, e os dois homens trocaram o abraço mais breve possível, em seguida se separaram como se temessem ser contaminados com a peste.

Catarina sorriu e bateu palmas, e o restante da corte a imitou.

No movimentado porto mediterrâneo de Marselha, Sylvie transferiu sua carga da barça de rio para um navio mercante que seguiria por mar. Nele, Sylvie

atravessou o estreito de Gibraltar, cruzou o golfo da Gasconha – onde ela passou mal como nunca –, margeou o Canal da Mancha e, por fim, subiu o rio Sena até Ruão, o mais importante porto setentrional da França.

Um terço da cidade era protestante. No domingo, Sylvie participou de um culto que as pessoas mal se davam ao trabalho de ocultar, celebrado numa igreja de verdade. Ela poderia ter vendido todos os seus livros em Ruão. No entanto, a necessidade era maior na católica Paris. E os preços lá também eram mais altos.

Corria o mês de janeiro de 1561 e, na França, as notícias eram boas. Após a morte do rei Francisco II, sua mãe, a rainha Catarina, assumira o governo e dispensara os irmãos Guises de alguns cargos políticos. Ela promulgara novas regulamentações, que tornavam mais fácil a vida dos protestantes, embora elas ainda não houvessem sido formalizadas em lei. Todos os prisioneiros religiosos deviam ser liberados; os julgamentos por heresia, suspensos; e a pena de morte por heresia foi abolida. Os protestantes, a quem agora chamavam de huguenotes, estavam em festa.

Apesar disso, vender livros proibidos era uma grande heresia, ainda considerada crime.

Já no barco que subia a correnteza em direção a Paris, com o compartimento de carga tomado por suas caixas, ela se sentia dominada em igual medida pela esperança e pelo medo. Numa fria manhã de fevereiro, chegou ao Quai de la Grève, ocupado por dezenas de navios e embarcações menores atracados no cais ou ancorados no meio do rio.

Mandou recado para a mãe avisando que chegara e um bilhete para Luc Mauriac dizendo que esperava vê-lo em breve para lhe agradecer pessoalmente pela ajuda no planejamento da bem-sucedida viagem. Então percorreu a pé a curta distância até a alfândega da Place de Grève. Se houvesse problemas, eles começariam ali.

Levou consigo as notas falsas, cuidadosamente forjadas com a ajuda de Guillaume, mostrando que havia comprado 110 caixas de papel de um fabricante fictício em Fabriano. Levou também a bolsa de dinheiro, pronta para pagar a taxa de importação.

Mostrou as notas para um escrevente.

– Papel? – estranhou ele. – Papel comum, sem nada escrito nem impresso?

– Minha mãe e eu vendemos papel e tinta para estudantes – explicou ela.

– A senhorita comprou bastante.

Ela ensaiou um sorriso.

– Há muitos estudantes em Paris... felizmente.

– E foi bem longe para fazer a compra. Não temos nossos próprios fabricantes de papel aqui, em Saint-Marcel?

– O papel italiano é melhor... e mais barato.

– A senhorita vai ter que falar com o chefe.

Ele lhe devolveu as notas e apontou para um banco.

– Espere ali.

Sylvie se sentou com a sensação de estar condenada, esperando apenas pela sentença. Tudo o que eles precisavam fazer era abrir as caixas e olhar com cuidado! A tensão foi difícil de suportar. Quase desejou que eles a pusessem na cadeia e acabassem logo com aquilo.

Tentou se distrair observando o modo como eram conduzidos os negócios ali e se deu conta de que a maioria dos homens que entravam pela porta era conhecida dos escreventes. Seus documentos eram manuseados de forma casual, eles pagavam o montante devido e iam embora. Que sorte a deles.

Após uma dolorosa espera de uma hora, ela foi conduzida até o andar de cima, a um escritório maior ocupado pelo vice-coletor de impostos, Claude Ronsard. O homem tinha cara de poucos amigos e usava gibão marrom e uma boina de veludo. Enquanto ele lhe fazia as mesmas perguntas, ela pensou, aflita, se deveria subornar alguma daquelas pessoas. Não notara isso acontecer no andar de baixo, mas imaginou que não seria o tipo de negociação feita às claras.

– Sua carga terá de ser inspecionada – falou Ronsard por fim.

– Muito bem – disse ela, tentando manter um tom de voz leve, como se aquilo fosse uma chateação menor.

No entanto, o coração lhe socava o peito. Ela chacoalhou a bolsa discretamente, numa alusão à propina, mas Ronsard não pareceu notar. Talvez só aceitasse suborno de conhecidos. Agora ela não sabia mais o que fazer para salvar sua carga... e talvez sua vida.

Ronsard se levantou e eles saíram juntos da sala. Sylvie estava trêmula e andava com passos trôpegos, mas Ronsard pareceu alheio a qualquer sinal de

nervosismo dela. Chamou o funcionário com quem Sylvie havia falado antes e, juntos, os três margearam o cais até a embarcação.

Para surpresa de Sylvie, a mãe estava lá. Isabelle contratara uma pesada carroça de quatro rodas para levar as caixas até o armazém na Rue du Mur. Sylvie explicou o que estava acontecendo e Isabelle pareceu assustada.

Ronsard e o funcionário subiram a bordo e escolheram uma caixa para ser desembarcada e inspecionada. O carregador a tirou da embarcação e a depositou no cais. A caixa era feita de madeira leve e pregos e, na lateral, estava escrito “Carta di Fabriano”.

Eles não iriam se dar todo aquele trabalho sem abrir a caixa, pensou Sylvie. Então encontrariam lá dentro quarenta Bíblias em francês, cheias de comentários protestantes inflamados nas margens.

O carregador abriu a caixa com um pé de cabra. Por cima havia vários pacotes de papel comum.

Foi nessa hora que Luc Mauriac chegou trazendo na mão uma garrafa.

– Ronsard, meu amigo, eu estava à sua procura – disse ele, casual. – Chegou um carregamento de vinho espanhol e pensei que o senhor quisesse experimentar, só para ter certeza de que está a seu gosto.

Ele deu uma piscadela exagerada para o vice-coletor.

Sylvie não conseguia tirar os olhos da caixa. Logo abaixo daquelas resmas de papel estavam as Bíblias que iriam condená-la.

Ronsard apertou calorosamente a mão de Luc, pegou a garrafa e lhe apresentou seu funcionário.

– Estamos só inspecionando o carregamento desta senhora – falou e apontou para Sylvie.

Luc olhou para ela e fingiu surpresa.

– Olá, mademoiselle, já de volta? Não precisa se preocupar com ela, Ronsard. Eu a conheço bem... ela vende papel e tinta para os estudantes da Rive Gauche.

– É mesmo?

– Ah, sim, eu respondo por ela. Escute, amigo, acabei de receber um carregamento de peles do Báltico e tem um lobo claro que ficaria maravilhoso em madame Ronsard. Posso ver perfeitamente os cabelos dela junto daquela gola

de pele. Se o senhor quiser, o capitão pode lhe dar a pele... um gesto de boa vontade, se é que o senhor me entende. Venha comigo e dê uma olhada.

– Mas claro – disse Ronsard, animado, e se virou para o funcionário. – Assine os papéis da moça.

Ele e Luc se afastaram de braços dados.

Sylvie quase desmaiou de alívio.

Pagou os custos alfandegários ao funcionário. Ele pediu uma moeda de ouro “para a tinta”, uma extorsão evidente, mas ela pagou sem reclamar e ele foi embora feliz.

Então o carregador começou a pôr as caixas na carroça.

vii

No início de 1561, Ned Willard foi incumbido de sua primeira missão internacional para a rainha Elizabeth. O peso da responsabilidade o intimidava, e ele estava desesperado para se sair bem na tarefa.

Os detalhes da missão lhe foram comunicados por sir William Cecil na bela casa do chefe na Strand, com ambos sentados de frente para uma ampla janela nos fundos, com vista para os campos de Covent Garden.

– Nós queremos que Maria Stuart fique na França – disse Cecil. – Se ela for para a Escócia como rainha, vai haver confusão. O equilíbrio religioso lá é delicado, e é provável que um monarca fortemente católico dê início a uma guerra civil. E depois disso, caso ela consiga derrotar os protestantes e vencer a guerra civil, pode ser que volte suas atenções para a Inglaterra.

Ned compreendia. Para muitos líderes europeus, Maria Stuart era a rainha legítima da Inglaterra. Ela constituiria uma ameaça ainda maior para Elizabeth caso atravessasse o canal da Mancha.

– E por esse mesmo motivo eu suponho que a família Guise a queira na Escócia – falou Ned.

– Exato. De modo que sua tarefa será convencê-la de que ela ficará melhor onde já está.

– Darei o melhor de mim – disse Ned, embora ainda não conseguisse imaginar como faria aquilo.

– Vamos mandá-lo junto com o irmão dela.

– Mas ela não tem irmão!

Ned sabia que Maria era a única filha do rei Jaime V da Escócia e de sua rainha, Marie de Guise.

– Ela tem muitos irmãos – discordou Cecil com um muxoxo de reprovação. – O pai traía a mãe numa escala espetacular até mesmo para os padrões reais. Teve pelo menos nove filhos bastardos.

Cecil, neto de um taberneiro, nutria um desdém típico da classe média pelas prevaricações dos monarcas.

– Esse, no caso, chama-se James Stuart. Maria gosta dele, apesar de ele ser protestante. Ele também quer que a irmã fique na França, onde não pode causar grandes problemas. Você se fará passar por secretário dele; não queremos que os franceses saibam que a rainha Elizabeth está interferindo nessa questão.

James se revelou um homem solene, de cabelos claros e quase 30 anos, vestido com um gibão cor de avelã cravejado de pedras preciosas. Todos os nobres escoceses falavam francês, mas alguns o faziam melhor do que outros. O francês de James era hesitante e tinha um forte sotaque, mas Ned conseguiria ajudá-lo com isso.

Eles foram de navio até Paris, uma viagem relativamente tranquila agora que Inglaterra e França não estavam mais em guerra. Lá, Ned ficou decepcionado ao descobrir que Maria Stuart fora passar a Páscoa em Reims.

– A dinastia Guise se refugiou em massa em Champagne para lamber as feridas – informou-lhe sir Nicholas Throckmorton, o embaixador inglês.

Throckmorton era um homem de olhar arguto, na casa dos 40 anos, cuja barba ainda exibia um tom castanho arruivado juvenil. Usava um gibão preto com gola e punhos levemente franzidos e ricamente bordados.

– A rainha Catarina os derrotou em Orléans com uma manobra brilhante e, desde então, não encontrou nenhuma oposição séria, o que deixou os Guises frustrados.

– Ouvimos dizer que houve rebeliões protestantes na Páscoa – comentou Ned.

Throckmorton assentiu.

– Em Angers, Le Mans, Beauvais e Pontoise.

Ned ficou impressionado com o nível dos detalhes oferecido pelo embaixador.

– Como o senhor sabe, os supersticiosos católicos gostam de organizar procissões em que objetos sagrados são carregados pelas ruas. Nós, protestantes esclarecidos, sabemos que venerar imagens e relíquias é incorrer no pecado da idolatria. Alguns de nós, os mais arrebatados, atacaram as procissões.

Protestantes violentos deixavam Ned com raiva.

– Por que eles não podem se contentar simplesmente em dispensar os ídolos nos próprios locais de culto? Deveriam deixar a cargo de Deus o julgamento de quem discorda disso.

– Pode ser – disse Throckmorton.

Ele era um protestante mais extremo do que Ned... a exemplo de muitos dos principais homens de Elizabeth, entre os quais o próprio Cecil, embora a rainha em si fosse moderada.

– Mas Catarina parece ter conseguido controlar a situação – disse Ned.

– Sim. Ela reluta em reagir à violência com mais violência. Tenta sempre evitar uma escalada. Depois da Páscoa, as pessoas se acalmaram.

– Mulher sensata.

– Pode ser – repetiu Throckmorton.

Quando Ned estava de saída, o embaixador disse:

– Em Reims, cuidado com Pierre Aumande de Guise. É um sujeito alguns anos mais velho do que o senhor e faz o trabalho sujo para a família.

– Com o que eu deveria tomar cuidado?

– Ele é absolutamente venenoso.

– Obrigado pelo alerta.

Ned e James viajaram até Reims numa embarcação fluvial que subiu o Sena, depois o Marne: era um meio de transporte lento, porém mais confortável do que passar três ou quatro dias em cima de uma sela. No entanto, outra decepção os aguardava na grande cidade de Champagne: Maria Stuart fora embora; estava a caminho de uma visita ao primo Carlos, duque da Lorena.

No seu encalço, agora a cavalo, como sempre Ned conversou com todos para coletar notícias. Ficou desconcertado ao descobrir que James e ele não eram os únicos em busca de Maria Stuart. Na sua frente, com cerca de um dia de

vantagem, ia John Leslie, padre escocês que, supôs ele, devia ter sido enviado pelos católicos. Era de presumir que sua mensagem para Maria fosse oposta à de Ned.

Ned e James enfim alcançaram Maria no castelo real de Saint-Dizier, uma fortaleza murada com oito torres. Deram seus nomes e foram conduzidos até o salão nobre. Poucos minutos depois, foram confrontados por um belo rapaz de modos arrogantes que pareceu contrariado em vê-los.

– Sou Pierre Aumande de Guise – apresentou-se ele.

James e Ned se levantaram. Quem respondeu foi James:

– Parente da minha irmã, a rainha Maria?

– Claro – disse Pierre, e se virou para Ned. – E o senhor?

– Ned Willard, secretário de James Stuart.

– E o que dois protestantes escoceses fazem aqui?

Ned ficou contente por Pierre aceitar seu disfarce. Deveria ser mais fácil convencer Maria se ela acreditasse que o recado vinha de um parente escocês, não de um rival inglês.

James não reagiu aos modos grosseiros de Pierre.

– Vim falar com minha irmã.

– Por quê?

James sorriu.

– Apenas diga a ela que James Stuart está aqui.

Pierre empinou o nariz.

– Vou perguntar se a rainha Maria está disposta a lhes conceder uma audiência.

Para Ned, ficou claro que o rapaz faria todo o possível para impedir esse encontro.

James sentou-se e virou-se para o outro lado. Tinha sangue real, afinal de contas, e já demonstrara mais cortesia do que o estritamente necessário ao tratar com um jovem assessor.

Isso deixou uma expressão de ira no rosto de Pierre, mas ele saiu sem dizer mais nada.

Ned se acomodou para esperar. O castelo estava movimentado, e criados levando e trazendo coisas para os hóspedes reais ziguezagueavam pelo salão.

Uma hora se passou, depois duas.

Uma jovem mais ou menos da idade de Ned entrou no recinto. A julgar pelo vestido de seda rosa e o arranjo de pérolas que enfeitava seus cabelos escuros, não se tratava de uma criada. Havia uma expressão alerta e sagaz nos olhos azuis que ela mirou em Ned. Ao ver James, porém, a moça sorriu.

– Que surpresa! – exclamou. – Lorde James! Lembra-se de mim? Alison McKay... Nós nos conhecemos no casamento de Maria.

James se pôs de pé e fez uma mesura. Ned o imitou.

– É claro que me lembro da senhorita – respondeu James.

– Não sabíamos que o senhor estava aqui!

– Dei meu nome a um homem chamado Pierre não sei de quê.

– Ah! Mandaram que ele mantivesse pessoas como o senhor longe de Maria. Mas ela vai recebê-lo, é claro. Deixe-me avisar que o senhor está aqui, depois mando alguém buscá-lo... buscar vocês dois.

Ela encarou Ned com um olhar curioso.

– Meu secretário, Ned Willard – explicou James.

Ned se curvou de novo. Alison respondeu com um meneio de cabeça quase imperceptível e se retirou.

– Aquele tal Pierre sequer disse a Maria que tínhamos chegado! – exclamou James.

– Fui alertado sobre ele.

Alguns minutos mais tarde, uma criada os conduziu do salão até uma sala pequena e confortável. Ned estava nervoso. Aquele era o encontro que o fizera viajar até tão longe. Tanto sua rainha quanto seu mestre e mentor haviam depositado suas esperanças nele. Queria ter a mesma fé em si mesmo.

Pouco depois, Maria Stuart entrou.

Ned já a vira uma vez. Mesmo assim, espantou-se com sua altura e sua beleza. Maria tinha a pele alvíssima e os cabelos ruivos. Apesar de ter apenas 18 anos, era dona de enorme altivez e se movia feito um barco num mar calmo, com a cabeça bem erguida sobre um pescoço comprido e gracioso. Embora seu período oficial de luto houvesse terminado, ela ainda trajava branco, um símbolo de pesar.

Alison McKay e Pierre Aumande de Guise entraram atrás dela.

James fez uma profunda reverência, mas Maria precipitou-se imediatamente na sua direção e o beijou.

– Que esperto você é, James – disse ela. – Como soube que eu estava em Saint-Dizier?

– Levei algum tempo para alcançá-la – respondeu ele, sorrindo.

Maria se sentou e pediu a todos que fizessem o mesmo.

– Disseram-me que eu deveria voltar à Escócia como um sol nascente, para dissipar as nuvens do tumulto religioso que pairam sobre aquela terra – contou ela.

– Andou conversando com John Leslie, suponho – disse James.

Era o que Ned temia. Leslie chegara primeiro e a fascinara com suas palavras.

– Você sabe tudo! – exclamou Maria.

Era óbvio que admirava o meio-irmão.

– Ele disse que, se eu for de navio até Aberdeen, vai mandar um exército de 20 mil homens me esperar para marchar comigo até Edimburgo e derrubar o Parlamento protestante num clarão de glória cristã.

– Você não acredita nisso, acredita? – indagou James.

Ned temia muito que ela acreditasse. Começava a pensar que Maria era uma moça impressionável. Sua altivez e sua graciosidade eram de uma rainha, mas até ali não houvera sinal de que ela possuísse a sensatez e o ceticismo essenciais aos soberanos constantemente adulados.

Maria ignorou a pergunta de James.

– Se eu voltar mesmo para a Escócia, farei de você um arcebispo – disse ela.

Todos no recinto se espantaram. Diferentemente do rei da França, a rainha da Escócia não teria o poder de indicar bispos. Mas foi outro obstáculo que James mencionou:

– Eu não sou católico.

– Mas precisa se tornar – retrucou Maria, jovial.

James resistiu àquele comportamento despreocupado. Com gravidade, falou:

– Vim aqui pedir que você se torne protestante.

Ned franziu o cenho. Aquela *não era* a missão.

A resposta de Maria foi firme:

– Eu sou católica e minha família é católica. Não posso mudar.

Ned viu Pierre assentir. Sem dúvida, a ideia de uma Guise virar protestante devia enchê-lo de horror.

– Se não vai se tornar protestante, pode ao menos ser tolerante com eles? – continuou James. – Os protestantes seriam leais a você caso os deixasse em paz para venerarem como lhes aprouver.

Ned não estava gostando daquela linha de argumentação. A missão era convencer Maria a permanecer na França. Pierre também parecia pouco à vontade, mas decerto por outro motivo: os católicos radicais tinham ojeriza ao conceito de tolerância.

– E os protestantes tratariam os católicos com a mesma tolerância? – indagou Maria a James.

Ned se manifestou pela primeira vez:

– De jeito nenhum. Hoje, celebrar a missa católica na Escócia é crime.

Pierre o contradisse:

– O senhor está enganado, monsieur Willard. A missa não é crime.

– O Parlamento escocês aprovou uma lei!

– O Parlamento autoconstituído pode ter aprovado um *projeto* – contrapôs Pierre. – Mas só o monarca pode transformar esse projeto em lei, e Sua Majestade, a rainha Maria, não deu seu consentimento real.

– Tecnicamente, o senhor tem razão – admitiu Ned. – Só não quero que Sua Majestade seja mal-informada quanto à tolerância praticada em terras escocesas.

– E em nome de quem está falando ao argumentar isso, monsieur Willard?

Pierre parecia ter adivinhado que Ned era mais do que um secretário. O inglês não respondeu à pergunta. Dirigiu-se diretamente a Maria.

– Majestade, a senhora aqui na França é duquesa, possui terras e dinheiro e tem o apoio de parentes ricos e poderosos. Na Escócia, tudo o que a aguarda é conflito.

– Na França eu sou a viúva do rei – disse Maria. – Na Escócia, sou rainha.

Ned viu que não estava conseguindo convencê-la.

– O que a rainha Elizabeth iria pensar, monsieur Willard, se Sua Majestade, a rainha Maria, retornasse à Escócia? – perguntou Pierre.

Era uma pergunta capciosa. Se Ned respondesse com conhecimento de

causa, iria se denunciar como enviado de Elizabeth. Ele fingiu ignorância.

– Nós, escoceses, só sabemos o que escutamos. Lembre-se de que, em Reims, vocês estão mais perto de Londres do que nós, em Edimburgo.

Pierre não iria se deixar distrair por distâncias.

– E o que vocês, escoceses, têm escutado?

Ned respondeu com cuidado:

– Nenhum monarca gosta de ouvir que outra pessoa está reivindicando o trono, e parece que a rainha Elizabeth ficou abalada quando o rei Francisco e a rainha Maria se autointitularam monarcas da Inglaterra e Irlanda, além de França e Escócia. Apesar disso, entendemos que Elizabeth tem plena convicção do direito de Maria a governar a Escócia, e não tentaria impedi-la.

Não era de todo verdade. Elizabeth estava dividida. Sua crença ideológica na primazia da hereditariedade real estava em conflito com seu medo de que Maria tentasse tomar seu trono. Por isso ela desejava que Maria permanecesse tranquila na França.

Pierre decerto sabia disso, mas fingiu levar Ned a sério.

– Bom saber, pois os escoceses amam sua rainha – disse ele, e se virou para Maria. – Eles a acolherão com vivas e fogueiras.

Maria sorriu.

– Sim – falou. – Acredito que farão isso.

Ned pensou: *Sua tola, coitada de você.*

James começou a falar, sem dúvida na intenção de dizer com tato o que Ned pensara com agressividade, mas Maria o interrompeu:

– É meio-dia. Vamos almoçar. Podemos continuar nossa conversa depois.

Ela se levantou e os outros a seguiram.

Apesar de saber que havia perdido, Ned fez uma última tentativa.

– Majestade – chamou. – Eu acredito que seria muito insensato da sua parte voltar à Escócia.

– É mesmo? – disse Maria, num tom régio. – Mesmo assim, acho que vou voltar.

Pierre passou a maior parte do ano seguinte em Champagne. Foi detestável. Na zona rural, seu poder era nulo. Os Guises haviam perdido toda a influência na corte; a rainha Catarina vinha conseguindo manter, por um fio, a paz entre católicos e protestantes; e ele nada podia fazer em relação a isso enquanto estivesse a mais de 150 quilômetros de Paris. Além do mais, não gostava de estar tão perto do lugar em que nascera, onde as pessoas conheciam suas origens humildes.

No final de fevereiro de 1562, quando o duque Balafre partiu de sua propriedade em Joinville rumo à capital, Pierre se juntou a ele, animado. Era sua chance de entrar no jogo outra vez.

A viagem começou por estradas de terra estreitas que serpenteavam entre campos recém-arados e vinhedos desfolhados pelo inverno. O dia estava frio e ensolarado. Balafre ia escoltado por duzentos homens armados chefiados por Gaston Le Pin. Alguns dos soldados portavam as longas espadas que haviam se popularizado pouco tempo antes, as rapieiras. Não estavam propriamente uniformizados, mas muitos trajavam as vivas cores do duque, vermelho e amarelo. Pareciam um exército invasor.

Balafre passou a última noite de fevereiro no vilarejo de Dommartin. Lá se uniu a ele um irmão mais novo, o cardeal Luiz, apelidado de cardeal Garrafas devido a seu amor pelo vinho. A força armada foi acrescida do corpo de soldados de Luiz, que traziam arcabuzes, armas de fogo com cano longo e uma extremidade curva, como o formato da letra J, para dar apoio. Eram leves o bastante para serem disparadas do ombro, ao contrário dos mosquetes, que precisavam de um suporte em V fincado no chão.

O dia seguinte, 1º de março, era um domingo, e eles partiram cedo. Haviam planejado se unir a um esquadrão de cavalaria pesada na cidade de Wassy. Quando Balafre chegasse a Paris, teria soldados suficientes para desencorajar os inimigos a tentarem qualquer ação contra ele.

Wassy era uma pequena cidade às margens do rio Blaise, com fundições nos subúrbios e moinhos d'água ao longo do canal. Quando o exército de Guise se aproximou do portão sul, ouviu-se o badalar de sinos. Tocados na hora errada, sinos indicavam problemas, e Balafre perguntou o que estava acontecendo a um homem que passava.

– Devem ser os protestantes, convocando os seus para o culto – respondeu o homem.

O duque enrubescou de raiva, e as cicatrizes de seu rosto escureceram.

– Sinos protestantes? – disse ele. – Como eles conseguiram sinos?

O homem ficou assustado.

– Não sei, meu senhor.

Aquele era o tipo de provocação protestante que dava início a revoltas. Pierre começou a se sentir esperançoso. Aquilo poderia conduzir a um incidente que inflamaria o ânimo de todos.

– Mesmo que o édito de tolerância se torne lei, o que talvez jamais venha a acontecer, eles deveriam executar seus ritos blasfemos com discrição! – falou Balafré. – O que esses sinos têm de discretos?

O homem nada disse, mas Balafré não estava mais se dirigindo a ele, apenas manifestando retoricamente sua indignação. Pierre sabia por que ele estava tão bravo. A cidade de Wassy pertencia a Maria Stuart. Agora que ela retornara à Escócia, o duque, na condição de seu tio mais velho, ficara encarregado das suas propriedades. Assim, aquele território era dele.

Pierre enfiou o dedo na ferida.

– Como todos na cidade, os protestantes devem saber que Vossa Graça chegaria aqui hoje de manhã – disse ele. – Isso está me cheirando a um insulto pessoal.

Gaston Le Pin estava escutando. Ele era um soldado que acreditava em evitar a violência se possível... talvez por isso ainda estivesse vivo aos 33 anos.

– Nós poderíamos contornar a cidade, duque – falou. – Não queremos correr o risco de perder homens antes mesmo de chegarmos a Paris. Precisamos dar uma boa demonstração de força lá.

Pierre não gostou dessa linha de argumentação.

– Vossa Graça, o senhor não pode ignorar essa afronta – murmurou ele. – Iria parecer fraqueza.

– Não tenho a intenção de parecer fraco – disse Balafré, exaltado, e esporeou o cavalo.

Le Pin lançou um olhar ameaçador a Pierre, mas seus soldados seguiram Balafré com empolgação, animados com a perspectiva de um combate. Pierre

decidiu incentivá-los com tato. Ficou um pouco para trás e disse a um grupo:

– Sinto cheiro de saques.

Todos riram. Ele lembrava que, onde havia violência, em geral havia também pilhagem.

Quando eles entraram na cidade, os sinos pararam de tocar.

– Mandem chamar o padre da paróquia – ordenou o duque.

O exército avançou devagar pelas ruas até o centro da cidade. Dentro de uma área murada ficavam um tribunal real, um castelo e uma igreja. Na praça do mercado, a oeste da igreja, encontraram à sua espera o esquadrão de cavalaria pesada que tinham ido buscar: cinquenta homens, cada qual com dois cavalos de guerra e um animal de carga portando as armaduras. Os grandes cavalos relincharam e se agitaram ao sentir o cheiro dos recém-chegados.

Gaston Le Pin mandou que os soldados do duque apeassem no mercado parcialmente coberto e posicionou os artilheiros do cardeal Luiz no cemitério do lado sul da igreja. Alguns dos homens entraram na taberna Swan, na praça, para fazer um desjejum de presunto e cerveja.

O padre da paróquia chegou apressado, com a roupa toda suja de migalhas de pão. O preboste do castelo o seguia de perto.

– Agora me digam: há protestantes celebrando um culto blasfemo aqui, em Wassy, nesta manhã? – indagou Balafré.

– Sim – respondeu o padre.

– Não posso impedi-los – disse o preboste. – Eles não me escutam.

– O édito de tolerância, que ainda não foi ratificado, só permitiria esses cultos fora da cidade – argumentou Balafré.

– Estritamente falando, eles não estão na cidade – afirmou o preboste.

– Estão onde, então?

– Dentro dos limites do castelo, que, juridicamente, não é considerado parte da cidade. Pelo menos é esse o argumento deles.

– Um jogo de palavras controverso – atizou Pierre.

– Mas onde eles estão exatamente? – questionou Balafré.

O preboste apontou para o outro lado do cemitério, na direção de um celeiro grande e em mau estado, com buracos no telhado, construído rente ao muro do castelo.

– Ali. Aquele celeiro fica dentro do terreno do castelo.

– Ou seja, o celeiro é meu! – retrucou Balafre, zangado. – Isso é intolerável.

Pierre viu um jeito de agravar a situação.

– Duque, o édito de tolerância dá aos oficiais do rei o direito de supervisionar assembleias protestantes. O senhor estaria dentro dos seus direitos se quisesse inspecionar o culto que está acontecendo ali.

Mais uma vez, Le Pin tentou evitar um conflito:

– Isso com certeza causaria problemas desnecessários.

Mas o preboste gostou da ideia.

– Se o senhor falasse com eles hoje, duque, com seus soldados atrás, talvez isso os assustasse e os fizesse obedecer à lei no futuro.

– Sim – concordou Pierre. – É o seu dever, duque.

Le Pin esfregou a orelha mutilada como se ela estivesse coçando.

– É melhor não mexer em vespeiro – recomendou.

Balafre pareceu refletir, pesando os conselhos contraditórios, e Pierre temeu que ele estivesse se acalmando e tendendo a adotar a abordagem cautelosa de Le Pin.

Então os protestantes começaram a cantar. Cantos comunitários não faziam parte dos cultos católicos normais, mas os protestantes os adoravam e cantavam os salmos numa voz alta e entusiasmada... e em francês. O som de centenas de vozes erguidas se propagou pelo cemitério, até a praça do mercado. A indignação de Balafre chegou ao ápice.

– Eles acham que são todos padres! – protestou ele.

– Que insolência! – acrescentou Pierre.

– Com certeza – disse Balafre. – E vou falar isso para eles.

– Nesse caso, permita que eu vá na frente com apenas um ou dois homens para avisá-los da sua chegada – pediu Le Pin. – Se eles entenderem que o senhor tem o direito de abordá-los e estiverem preparados para escutar em paz, talvez seja possível evitar um banho de sangue.

– Está bem – concordou Balafre.

Le Pin apontou para dois homens armados com rapieiras.

– Rasteau e Brocard, venham comigo.

Pierre os reconheceu como os dois que o haviam conduzido pelas ruas de

Paris da taberna em Saint-Étienne até o palácio da família Guise. Já fazia quatro anos, mas ele jamais esqueceria aquela humilhação. Sorriu ao pensar em como agora estava acima daqueles capangas. Como sua vida mudara!

Eles cruzaram o cemitério e Pierre foi atrás.

– Não pedi que o senhor me acompanhasse – resmungou Le Pin.

– Eu não perguntei o que o senhor queria – rebateu Pierre.

O celeiro era uma construção precária. Algumas das toras que formavam as paredes estavam faltando, a porta pendia um pouco e, no chão, havia uma grande pilha de restos de alvenaria. Enquanto se aproximavam, eles tiveram consciência de que os soldados em frente à igreja e os artilheiros no cemitério os observavam com atenção.

O salmo terminou e um silêncio se fez na hora em que eles chegaram à porta do celeiro.

Le Pin fez um gesto para os outros se manterem afastados, então abriu a porta.

Dentro do celeiro estavam cerca de quinhentas pessoas, homens, mulheres e crianças, todos de pé; não havia bancos. Pelas roupas, ficou claro que ricos e pobres se misturavam de modo promíscuo, ao contrário do que acontecia nas igrejas católicas, nas quais a elite tinha lugares especiais. Em um dos cantos do celeiro, Pierre pôde ver um púlpito improvisado e, enquanto ele observava, um pastor trajando batina começou a fazer um sermão.

Instantes depois, vários homens junto à porta perceberam os recém-chegados e se moveram para impedir sua entrada. Le Pin deu alguns passos para trás de modo a evitar um confronto. Rasteau e Brocard fizeram o mesmo.

– O duque de Guise está vindo falar com vocês – avisou Le Pin. – Preparem a congregação para recebê-lo.

– Calado! – disse um rapaz de barba negra. – O pastor Morel está falando!

– Cuidado – alertou Le Pin. – O duque não gostou de vocês estarem celebrando cultos ilegalmente neste celeiro. Recomendo não deixá-lo ainda mais zangado.

– Espere o pastor terminar.

– O duque não espera por gente como vocês! – gritou Pierre.

Mais membros da congregação olharam na direção da porta.

– Vocês não podem entrar! – disse Barbanegra.

Le Pin deu um passo à frente, lenta e deliberadamente, movendo-se bem na sua direção.

– Eu vou entrar – falou, decidido.

O rapaz o empurrou com uma força surpreendente. Le Pin cambaleou um passo para trás.

Pierre ouviu gritos indignados dos soldados que observavam da praça. Com o canto do olho, viu alguns deles começarem a entrar no cemitério.

– O senhor não deveria ter feito isso – contestou Le Pin.

Seu punho acertou o rapaz bem no maxilar. A barba era uma proteção insignificante contra um soco tão potente. O homem caiu no chão.

– Agora eu vou entrar – disse Le Pin.

Para espanto e deleite de Pierre, os protestantes não tiveram o bom senso de deixá-lo entrar. Em vez disso, todos pegaram pedras, e Pierre percebeu que tinha errado ao imaginar que a pilha de escombros fosse apenas entulho. Ficou olhando, incrédulo. Será que eles iriam mesmo começar uma briga com centenas de homens armados?

– Saiam da minha frente – disse Le Pin, e deu um passo à frente.

Os protestantes atiraram suas pedras.

Le Pin foi atingido por várias. Uma delas pegou na cabeça, e ele caiu.

Pierre, que não tinha espada, recuou um passo e saiu do caminho.

Ao verem seu capitão atingido, Rasteau e Brocard rugiram de indignação. Ambos sacaram as rapieiras e partiram para o ataque.

Os protestantes jogaram mais entulho. Os dois soldados foram atingidos por uma chuva de pedras. Uma delas raspou na bochecha de Rasteau, o mais velho dos dois, que não tinha nariz. Outra acertou Brocard no joelho e o derrubou. Mais homens saíram da igreja e pegaram pedras.

Rasteau correu adiante, com a ferida no joelho sangrando e a rapieira erguida, e cravou a lâmina no ventre do rapaz de barba negra. O homem soltou um grito horrível de dor. A lâmina fina atravessou seu corpo, e a ponta ensanguentada saiu do outro lado. Num clarão de lembrança, Pierre recordou Rasteau e Brocard debatendo a luta com espadas naquele dia fatídico, quatro anos antes. *Esqueça o coração*, dissera Rasteau. *Uma facada na barriga não*

mata na hora, mas paralisa. Dói tanto que o sujeito não consegue pensar em mais nada. Os dois então tinham rido.

Rasteau puxou a rapieira dos intestinos do rapaz com um barulho de sucção que deixou Pierre com ânsia de vômito. Então os protestantes o cercaram, uns seis ou sete, e começaram a bater nele com pedras. Em desespero, Rasteau recuou.

Os soldados do duque agora corriam pelo cemitério na velocidade máxima, pulando por cima de lápides, desembainhando as armas no caminho, clamando por vingança pelos companheiros caídos. Os artilheiros do cardeal Luiz aprontavam seus arcabuzes. Mais homens saíram do celeiro e, com um destemor suicida, cataram pedras para lançar nos soldados que se aproximavam.

Pierre viu que Le Pin se recuperara da pedrada na cabeça e já se levantava. Pela forma como se esquivou de duas pedradas, ele voltara ao estado normal. Então sacou a rapieira.

Para consternação de Pierre, Le Pin fez uma nova tentativa de impedir mais derramamento de sangue. Levantou a espada bem no alto e berrou:

– Parem! Abaixem as armas! Embainhem as espadas!

Ninguém prestou atenção. Uma pedra grande foi atirada em Le Pin. Ele se esquivou, em seguida atacou.

Pierre ficou estupefato com a rapidez e a violência do ataque de Le Pin. Sua rapieira cintilava sob o sol. Ele apunhalou, rasgou e cortou, e a cada golpe de seu braço um homem ficava aleijado ou morria.

Então os outros soldados chegaram. Pierre lhes gritou incentivos:

– Matem os hereges! Matem os blasfemos!

A carnificina se generalizou. Os homens do duque entraram à força no celeiro e começaram a massacrar homens, mulheres e crianças. Pierre viu Rasteau atacar uma moça com uma selvageria medonha e cortar seu rosto várias vezes com a espada.

Pierre foi seguindo o avanço dos soldados, sempre tomando cuidado para não ficar na linha de frente: arriscar a vida na batalha não era o seu papel. Lá dentro, protestantes reagiam com espadas e adagas, mas a maioria estava desarmada. Centenas de pessoas gritavam de pânico ou de dor. Em segundos, as paredes do celeiro ficaram banhadas de sangue.

Bem no fundo do celeiro, Pierre notou uma escada de madeira que levava até um jirau de feno. Os degraus estavam abarrotados de pessoas, algumas com bebês no colo. Do jirau, elas fugiam pelos buracos no telhado. Bem na hora em que reparou nisso, ele ouviu uma saraivada de tiros. Duas pessoas caíram de volta através do telhado e despencaram no chão do celeiro. Os arcabuzeiros do cardeal Garrafas haviam começado a usar seus armamentos.

Pierre se virou, andou contra o mar de soldados que ainda entrava no celeiro e conseguiu sair para ver melhor.

Os protestantes continuavam a fugir pelo telhado, alguns tentando descer até o chão, outros pulando para as muralhas do castelo. Os artilheiros do cardeal atiravam nos fugitivos. As armas leves, com seus mecanismos de disparo modernos, eram fáceis de manejar e rápidas de recarregar, resultando numa chuva constante de projéteis que derrubavam praticamente todos os que se aventuravam pelo telhado.

Pierre olhou para além do cemitério, para a praça do mercado. Moradores da cidade corriam para lá, alertados pelo barulho dos tiros. Ao mesmo tempo, mais soldados saíam da taberna, alguns ainda mastigando o desjejum. Conflitos começaram quando os soldados tentaram impedir os moradores de salvar os protestantes. Um soldado da cavalaria tocou um clarim para reunir os companheiros.

Então tudo acabou com a mesma rapidez com que havia começado. Gaston Le Pin saiu do celeiro com o pastor, segurando o prisioneiro com toda a força. Outros soldados saíram atrás deles. A fuga de pessoas pelos buracos do telhado cessou e os arcabuzeiros pararam de disparar. Na praça do mercado, capitães reuniam seus homens em esquadrões para mantê-los sob controle e ordenavam aos moradores que voltassem para casa.

Ao olhar para o celeiro, Pierre viu que o combate terminara. Os protestantes que ainda conseguiam se mexer tentavam ajudar os feridos e pranteavam os mortos. O chão era uma poça de sangue. Gemidos de dor e soluços de tristeza haviam tomado o lugar dos gritos.

Pierre não poderia ter desejado nada melhor. Calculou que uns cinquenta protestantes tivessem morrido e mais de cem houvessem ficado feridos. A maioria estava desarmada, e entre eles havia mulheres e crianças. A notícia iria

se espalhar pela França inteira em poucos dias.

Ocorreu-lhe que, quatro anos antes, ele teria ficado horrorizado com o massacre que acabara de presenciar, mas nesse dia estava satisfeito. Como ele havia mudado! Por algum motivo, era difícil ver como Deus poderia aprovar aquele aspecto do novo Pierre. Um medo sombrio e indescritível começou a gotejar nas profundezas de sua mente, feito o sangue que já escurecia no chão do celeiro. Ele reprimiu esse pensamento. Era a vontade de Deus; tinha de ser.

Já podia imaginar os panfletos de oito páginas que logo começariam a ser produzidos pelos impressores protestantes, todos com uma medonha xilogravura na capa ilustrando o massacre no celeiro. A desconhecida cidadezinha de Wassy seria tema de milhares de sermões por toda a Europa. Os protestantes formariam milícias armadas, alegando que só assim poderiam ficar seguros. Em reação a isso, os católicos reuniriam suas forças.

Iria haver uma guerra civil.

Justamente como Pierre desejava.

ix

Sentada na taberna de Saint-Étienne diante de um prato de peixe defumado e um cálice de vinho, Sylvie estava desalentada.

Será que aquela violência nunca iria terminar? A maioria dos franceses só queria viver em paz com os vizinhos de ambas as religiões, mas todos os esforços de reconciliação eram sabotados por gente como os irmãos Guises, para quem a religião era um trampolim para o poder e a riqueza.

Sylvie e seus amigos precisavam descobrir até que ponto as autoridades sabiam sobre eles. Sempre que podia, ela ia a lugares como aquela taberna e conversava com gente envolvida em tentar capturar hereges: membros da milícia da cidade, sanguessugas da família Guise e qualquer pessoa ligada a Pierre. Conseguia captar muitas informações a partir de fofocas. O ideal, contudo, seria que tivessem um simpatizante infiltrado.

Ergueu os olhos do almoço e viu Nath, a criada de Pierre, entrar na taberna com um olho roxo.

Sylvie cumprimentava Nath quando a via, mas nunca lhe dissera mais do que

um olá. Nesse dia, reagiu depressa.

– Isso deve estar doendo – comentou. – Deixe que eu lhe pague uma bebida para aliviar a dor.

Nath desatou a chorar.

Sylvie passou o braço em volta da moça. Sua empatia não era fingida: tanto ela quanto a mãe já tinham sido agredidas pelo violento Gilles Palot.

– Pronto, pronto – murmurou.

A garçonete trouxe um pouco de vinho, e Nath tomou um longo gole.

– Obrigada – falou.

– O que houve com você? – quis saber Sylvie.

– Pierre me bateu.

– Ele bateu em Odette também?

Nath fez que não com a cabeça.

– Ele tem medo. Ela revidaria.

Nath era uma moça de seus 16 anos, pequena e magra, provavelmente incapaz de bater num homem, da mesma forma que Sylvie fora incapaz de fazer frente ao pai. Essa lembrança a deixou com raiva.

– Beba mais um pouco de vinho – disse ela.

Nath deu outro gole.

– Eu o odeio – confessou.

A pulsação de Sylvie se acelerou. Fazia mais de um ano que ela vinha esperando um momento como aquele. Sabia que a hora iria chegar se tivesse paciência, pois todos odiavam Pierre. Mais cedo ou mais tarde, alguém o trairia.

Agora a oportunidade havia chegado, enfim, mas ela precisava administrá-la do jeito certo. Não podia ser muito afoita nem muito óbvia. Mesmo assim, teria de assumir riscos.

– Você não é a única que odeia Pierre – começou, com cautela. – Dizem que ele é o principal espião por trás da perseguição aos protestantes.

Não era uma informação privilegiada: metade de Paris sabia disso.

– É verdade – disse Nath. – Ele tem uma lista.

Sylvie de repente ficou sem ar. É claro que ele tinha uma lista, mas o que Nath sabia sobre isso?

– Uma lista? – repetiu Sylvie, numa voz tão baixa que foi quase um sussurro.

– Como você sabe?

– Eu vi. Um caderno preto, cheio de nomes e endereços.

Aquilo era ouro puro. Tentar subverter a criada seria arriscado, mas a recompensa era irresistível. Sylvie tomou uma decisão na hora e se lançou. Fingindo um tom leve, falou:

– Se você quiser se vingar, deveria entregar o caderno aos protestantes.

– Se tivesse coragem, eu entregaria.

Entregaria mesmo?, pensou Sylvie. Ou ficaria com dor na consciência?

– Isso seria ir contra a Igreja, não? – instigou Sylvie, cautelosa.

– Eu acredito em Deus – respondeu Nath. – Mas Deus não é a Igreja.

Sylvie mal conseguiu respirar.

– Como você pode dizer uma coisa dessas?

– O padre da paróquia me violentou quando eu tinha 11 anos. Nem pelos entre as pernas eu tinha. Deus estava lá? Acho que não.

Sylvie esvaziou o cálice, pousou-o sobre a mesa e disse:

– Tenho um amigo que pagaria dez moedas de ouro para dar uma olhada nesse caderno.

Sylvie podia arrumar o dinheiro: seu negócio vinha dando lucro, e a mãe concordaria que aquele era um bom jeito de gastá-lo.

Nath arregalou os olhos.

– Dez moedas de ouro?

Era mais do que ela ganhava em um ano... muito mais.

Sylvie assentiu. Então acrescentou uma justificção moral ao incentivo monetário.

– Imagino que meu amigo ache que esse caderno poderia salvar muita gente de morrer na fogueira.

Nath estava mais interessada no dinheiro.

– Mas está falando sério em relação às dez moedas?

– Ah, certamente – garantiu Sylvie, e fingiu se dar conta de repente de que a outra falava sério. – Mas você... você não conseguiria pôr as mãos no caderno... conseguiria?

– Sim.

– Onde fica?

- Ele o guarda dentro de casa.
- Onde dentro de casa?
- Num baú de documentos trancado.
- Se o baú fica trancado, como você conseguiria pegar o caderno?
- Posso destrancar o baú.
- Como?
- Com um grampo – respondeu Nath.

X

A guerra civil era tudo o que Pierre esperava. Um ano depois do massacre de Wassy, os católicos, liderados pelo duque Balafré, estavam a ponto de ganhar. No início de 1563, Balafré sitiou o último bastião protestante, Orléans, onde Gaspard de Coligny havia se refugiado. Em 18 de fevereiro, uma quinta-feira, Balafré supervisionou as defesas e anunciou que o ataque final seria lançado no dia seguinte.

Pierre estava com ele e sentiu que a vitória completa estava agora ao seu alcance.

No crepúsculo, eles tomaram o caminho de volta para seu alojamento no Château des Vaslins. Balafré usava um gibão bege-claro e um chapéu com uma grande pena branca. A roupa era visível demais para ser um traje adequado ao campo de batalha, mas esta noite ele esperava encontrar a esposa, Ana. Seu filho mais velho, Henrique, agora com 12 anos, também estaria no *château*. Pierre havia tomado o cuidado de cair nas boas graças do herdeiro do duque desde seu primeiro encontro, quatro anos antes, no torneio em que o rei Henrique II sofrera seu ferimento fatal no olho.

Eles tinham de atravessar um pequeno rio numa balsa que só transportava três pessoas. Pierre, Balafré e Gaston Le Pin ficaram para trás, enquanto outros membros da comitiva conduziam os cavalos até o outro lado.

– Vocês souberam que a rainha Catarina quer que selemos a paz – comentou Balafré, num tom descontraído.

Pierre riu com desdém.

– Sela-se a paz quando se está perdendo, não quando se está ganhando.

Balafré aquiesceu.

– Amanhã vamos tomar Orléans e consolidar o domínio do curso do rio Loire. De lá, rumaremos para o norte em direção à Normandia e esmagaremos o que resta do exército protestante.

– E é isso que Catarina teme – disse Pierre. – Quando conquistarmos o país e eliminarmos os protestantes, o senhor, duque, será mais poderoso do que o rei. O senhor vai governar a França.

E eu farei parte do seu círculo mais íntimo de conselheiros, pensou.

Depois que todos os cavalos estavam seguros na margem oposta, os três homens embarcaram na pequena balsa.

– Não tive notícias do cardeal Carlos – falou Pierre.

Carlos estava na Itália, na cidade de Trento, participando de um concílio convocado pelo papa Pio IV.

– Eles conversam, conversam, conversam – zombou Balafré. – Enquanto isso, nós matamos hereges.

Pierre ousou discordar:

– Precisamos nos certificar de que a Igreja adote um posicionamento duro. Caso contrário, nossos triunfos poderão ser comprometidos por homens fracos com ideias sobre tolerância e meios-termos.

O duque pareceu pensativo. Tanto ele quanto o irmão escutavam o que Pierre falava. Por diversas vezes o rapaz já demonstrara o valor de seu julgamento político e já não era tratado como um arrivista atrevido. Refletir sobre isso lhe causava profunda satisfação.

Balafré abriu a boca para responder ao argumento de Pierre, mas nessa hora um tiro ecoou.

O estouro pareceu vir da margem do rio que eles tinham acabado de deixar para trás. Pierre e Le Pin se viraram na mesma hora. Embora já tivesse escurecido, Pierre viu com bastante clareza a silhueta na beira do rio. Era a de um homem de baixa estatura e 20 e poucos anos, moreno, com um tufo de cabelos espetados no meio da testa. Instantes depois, ele saiu correndo, e Pierre viu que carregava uma pistola.

O duque Balafré desabou.

Le Pin soltou um palavrão e se curvou acima dele.

O duque tinha sido alvejado nas costas. Fora um tiro fácil a curta distância, auxiliado pelas roupas claras que ele usava.

– Ele está vivo – afirmou Le Pin.

Tornou a olhar para a margem, e Pierre supôs que estivesse calculando se conseguiria andar pelo rio ou nadar os poucos metros até a margem e capturar o atirador antes que escapasse. Ouviu-se então um barulho de cascos, e ele entendeu que o homem devia ter amarrado um cavalo não muito longe dali. Todas as suas montarias já estavam na outra margem. Le Pin não poderia capturá-lo agora. O atentado fora bem planejado.

– Em frente, em frente! – gritou Le Pin para o barqueiro.

O homem se pôs a empurrar a vara da balsa com mais vigor, sem dúvida por medo de ser acusado de cumplicidade com o ataque.

O ferimento estava localizado logo abaixo do ombro direito do duque. A bala não devia ter atingido o coração. O sangue vazava pelo gibão, o que era um bom sinal, sabia Pierre, pois mortos não sangravam.

Mesmo assim, o duque talvez não se recuperasse. Até mesmo ferimentos superficiais podiam infeccionar, causando febre e muitas vezes a morte. Pierre sentiu que estava prestes a chorar. Como podiam perder seu heroico líder quando estavam quase vencendo a guerra?

Quando a balsa se aproximou da outra margem, os homens que lá aguardavam começaram a gritar várias perguntas. Pierre os ignorou. Tinha as próprias questões. O que iria acontecer se Balafré morresse?

O jovem Henrique se tornaria duque aos 12 anos, mesma idade do rei Carlos IX, jovem demais para ter qualquer participação na guerra civil. O cardeal Carlos estava longe; o cardeal Luiz bebia demais. De uma hora para outra, a família Guise iria perder toda a influência. O poder era algo terrivelmente frágil.

Pierre reprimiu o desespero e se obrigou a seguir pensando de maneira lógica. Com os Guises impotentes, a rainha Catarina, maldita fosse, selaria a paz com Gaspard de Coligny e ressuscitaria o édito de tolerância. Os Bourbons e os Montmorencys recuperariam seu prestígio, e os protestantes poderiam cantar seus salmos tão alto quanto bem entendessem. Tudo pelo que Pierre lutara ao longo dos cinco últimos anos cairia por terra.

Mais uma vez, ele reprimiu a sensação de desespero e impotência. O que

poderia fazer?

A primeira necessidade era preservar sua posição de principal conselheiro da família.

Assim que a balsa tocou a margem oposta, começou a dar ordens. Numa crise, as pessoas assustadas obedeciam a qualquer um que parecesse seguro do que fazer.

– O duque precisa ser levado para o *château* o mais depressa possível sem ser muito sacudido – avisou Pierre. – Qualquer solavanco pode fazê-lo sangrar até a morte. Precisamos de uma prancha reta.

Ele olhou em volta. Se necessário, tirariam a madeira da pequena balsa. Foi então que viu um chalé ali perto e apontou para a entrada.

– Arranquem aquela porta e ponham-no em cima dela. Depois quero seis homens para carregá-lo.

Os homens se apressaram em obedecer, satisfeitos por receberem instruções.

Como Gaston Le Pin não se deixava comandar com tanta facilidade, Pierre lhe deu sugestões em vez de ordens.

– Acho que o senhor deveria pegar um ou dois homens e cavalos, atravessar o rio e ir atrás do assassino. Deu uma boa olhada nele?

– Baixo, moreno, uns 25 anos, com um pequeno tufo de cabelos na testa.

– Foi o que eu percebi também.

– Vou atrás dele.

Le Pin se virou para seus capangas.

– Rasteau, Brocard, ponham três cavalos de volta na balsa.

– Preciso do melhor cavalo – falou Pierre. – Qual destes é mais veloz?

– O cavalo de combate do duque. Mas por que precisa dele? Sou eu que vou perseguir o atirador.

– Nossa prioridade é a recuperação do duque. Vou na frente a cavalo até o *château* chamar os médicos.

Le Pin viu que fazia sentido.

– Está bem.

Pierre montou no garanhão e o esporeou. Não era um cavaleiro experiente, e o animal era arisco, mas felizmente estava cansado ao final de um longo dia e obedeceu ao comando de Pierre. Começou a trotar e Pierre o esporeou até que

galopasse.

Chegou ao *château* em poucos minutos. Pulou do lombo do cavalo e entrou correndo no salão nobre.

– O duque foi ferido! – gritou. – Vai chegar ao *château* daqui a pouco. Mandem chamar agora mesmo os médicos do rei! Depois preparem uma cama aqui embaixo.

Teve de repetir as ordens várias vezes para os criados atônitos.

Ana d’Este, a duquesa, desceu as escadas às pressas ao ouvir aquela comoção. A esposa de Balafré era uma italiana de 31 anos e beleza pouco notável. O casamento fora arranjado, e o duque era tão fiel quanto qualquer homem rico e poderoso. Mesmo assim, ele gostava de Ana e ela, dele.

O jovem Henrique estava bem atrás dela, um garoto bonito de cabelos louros encaracolados.

A duquesa jamais havia dirigido a palavra a Pierre ou sequer notado sua existência, de modo que era importante se apresentar a ela como uma figura de autoridade que merecia confiança naquela crise. Curvando-se, ele disse:

– Madame, jovem monsieur, sinto lhes informar que o duque foi alvejado.

Henrique pareceu assustado. Pierre se lembrou dele aos 8 anos, reclamando por ser considerado jovem demais para participar da justa. Era um menino valente e talvez viesse a se tornar um sucessor digno do pai guerreiro, mas esse dia estava muito distante. Com uma voz cheia de pânico, Henrique então perguntou:

– Como? Onde? Quem foi?

Pierre o ignorou e falou com a duquesa:

– Mandei chamar os médicos reais e ordenei aos seus criados que preparassem um leito no andar térreo para que o duque não precise ser carregado pelas escadas.

– Qual a gravidade do ferimento? – indagou ela.

– Ele levou um tiro nas costas e, quando o deixei para vir para cá, ele estava desacordado.

A duquesa deu um soluço, então se controlou.

– Onde ele está? Preciso vê-lo.

– Chegará aqui em alguns minutos. Mandei os homens improvisarem uma

maca. Ele não deve ser sacudido.

– Como isso aconteceu? Houve uma batalha?

– Meu pai nunca teria levado um tiro nas costas durante uma batalha! – exclamou Henrique.

– Shh – fez sua mãe.

– Tem toda a razão, príncipe Henrique – concordou Pierre. – Seu pai nunca deixa de encarar o inimigo durante a batalha. Preciso lhes dizer que houve traição.

Ele contou que o assassino havia se escondido e disparado assim que a balsa se afastara da margem.

– Mandeí um grupo de soldados atrás do vilão.

– Quando o pegarmos, ele tem de ser esfolado vivo! – disse Henrique, choroso.

Num clarão, Pierre viu que, se Balafré morresse, a catástrofe ainda poderia ser transformada em vantagem. Ardiloso, falou:

– Esfolado, sim... mas só depois de nos dizer a mando de quem fez aquilo. Prevejo que o homem que puxou o gatilho vai se revelar um zé-ninguém. O verdadeiro criminoso é aquele que o contratou.

Antes que ele dissesse a quem se referia, a duquesa falou por ele e cuspiu o nome com ódio:

– Gaspard de Coligny.

Coligny era sem dúvida o suspeito número um, já que Antônio de Bourbon morrera e seu irmão, Luiz, estava preso. Mas a verdade não tinha tanta importância. Coligny seria útil como alvo do ódio dos Guises, principalmente do menino impressionável cujo pai acabara de levar um tiro. O plano de Pierre estava se consolidando em sua mente quando gritos vindos de fora lhe informaram que o duque chegara.

Ele permaneceu perto da duquesa enquanto o duque era trazido para dentro e acomodado numa cama. Toda vez que Ana expressava algum desejo, Pierre o repetia bem alto, em tom de comando, para dar a impressão de ter se tornado o seu braço direito. Abalada demais para se importar com o que ele pudesse estar tramando, ela na verdade pareceu satisfeita por ter alguém que parecesse saber o que precisava ser feito.

Balafré recobrou a consciência e pôde falar com a mulher e com o filho. Os médicos chegaram. Disseram que o ferimento não parecia fatal, mas todos sabiam que ele ainda podia ficar putrefato, portanto ninguém chegou a comemorar.

Gaston Le Pin e seus dois capangas voltaram à meia-noite, de mãos abanando. Pierre chamou Le Pin num canto e disse:

– Retome a busca quando o dia raiar. Amanhã não vai haver batalha: o duque não vai se recuperar numa noite. De modo que você terá muitos soldados para ajudá-lo. Comece cedo e jogue uma rede grande. Precisamos encontrar o homenzinho do tufo de cabelos.

Le Pin concordou com um meneio de cabeça.

Pierre passou a noite inteira à cabeceira do duque. Quando veio a aurora, tornou a se reunir com Le Pin no salão.

– Se você pegar o vilão, ficarei encarregado de interrogá-lo – afirmou. – A duquesa assim decretou.

Não era verdade, mas Le Pin acreditou.

– Tranque-o em algum lugar aqui perto e venha falar comigo.

– Está bem.

Pierre o viu partir junto com Rasteau e Brocard. Eles poderiam recrutar toda a ajuda de que necessitassem ao longo do caminho.

Foi se deitar logo depois. Precisaria ter o raciocínio claro e o passo firme nos próximos dias.

Le Pin o acordou ao meio-dia.

– Encontrei – falou, satisfeito.

Pierre se levantou na hora.

– Quem é?

– Ele se apresentou como Jean de Poltrot, senhor de Méré.

– Suponho que não o tenha trazido aqui para o *château*.

– Não. O jovem Henrique talvez tente matá-lo. Acorrentamos o sujeito na casa do padre.

Pierre se vestiu depressa e acompanhou Le Pin até o vilarejo ali perto. Assim que ficou sozinho com Poltrot, ele disse:

– Foi Gaspard de Coligny quem mandou você matar o duque Balafré, não

foi?

– Sim – respondeu Poltrot.

Logo ficou claro que o rapaz diria qualquer coisa. Ele era de um tipo que Pierre conhecia bem: um homem dado a devaneios.

Poltrot na certa era um espião dos protestantes, mas ninguém poderia afirmar quem lhe encomendara a morte de Balafré. Poderia ter sido Coligny, como o próprio Poltrot às vezes dizia; poderia ter sido outro líder protestante; ou então Poltrot podia ter tido a ideia ele mesmo.

Naquela tarde e ao longo dos dias seguintes, ele falou sem parar. Era bem provável que metade do que dizia fossem mentiras para agradar ao seu interrogador e a outra metade, invenções para valorizar a si próprio. A história que ele contava num dia era contradita pelo que falava no outro. O rapaz não merecia a menor confiança.

O que não era problema.

Pierre redigiu a confissão de Poltrot afirmando que Gaspard de Coligny o pagara para assassinar o duque de Guise, e o homem assinou.

No dia seguinte, Balafré teve uma febre alta, e os médicos lhe disseram que se preparasse para encontrar o Criador. Seu irmão, cardeal Luiz, lhe deu a extrema-unção, e ele então se despediu de Ana e do jovem Henrique.

Quando a duquesa e o futuro duque saíram aos prantos do quarto do moribundo, Pierre falou:

– Coligny matou o duque Balafré.

E mostrou-lhes a confissão.

A reação superou suas expectativas.

A duquesa começou a proferir ofensas, cuspendo:

– Coligny tem de morrer! Ele tem de morrer!

Pierre contou que a rainha Catarina vinha falando em selar a paz com os protestantes, e qualquer tratado decerto faria Coligny escapar da punição.

Ao ouvir isso, Henrique ficou quase histérico e se pôs a berrar com sua voz aguda de menino:

– Eu vou matá-lo! Vou matá-lo com minhas próprias mãos!

– Acredito que um dia vá mesmo, príncipe Henrique – disse Pierre. – E, quando o fizer, eu estarei ao seu lado.

O duque Balafré morreu no dia seguinte.

O cardeal Luiz ficou responsável pelas providências do funeral, mas, como era raro ele estar sóbrio por tempo suficiente para organizar muita coisa, Pierre assumiu o comando sem dificuldade. Com o apoio de Ana, planejou uma despedida esplendorosa. O corpo do duque seria levado primeiro até Paris, onde seu coração seria sepultado na Catedral de Notre-Dame. O caixão seria então transportado num cortejo público pelo país até Champagne e o corpo seria enterrado em Joinville. Ritos fúnebres dessa magnitude eram em geral reservados aos reis. Sem dúvida a rainha Catarina teria preferido algo menos ostentatório, mas Pierre não a consultou. Ela, por sua parte, evitava uma briga sempre que podia, e provavelmente calculou que Balafré agora não pudesse causar problemas, mesmo que tivesse um funeral de rei.

Mas o plano de Pierre para transformar Coligny num alvo de ódio não correu tão bem. Mais uma vez, Catarina se demonstrou tão ardilosa quanto ele. Mandou uma cópia da confissão de Poltrot para Coligny, que havia se refugiado no interior da Normandia protestante, e pediu que respondesse. Já planejava sua salvação.

Mas os Guises jamais iriam esquecer.

Pierre chegou a Paris antes do corpo do duque para finalizar as providências. Já mandara Poltrot para lá e o encarcerara na Conciergerie, na ponta ocidental da Île de la Cité. Insistira na presença de uma guarda pesada. O povo católico extremamente devoto de Paris venerava Balafré. Se a turba pusesse as mãos em Poltrot, iria rasgá-lo em pedaços.

Enquanto o corpo do duque estava a caminho de Paris, Coligny fez um depoimento negando qualquer ligação com o assassinato e despachou cópias para a rainha Catarina e outros. Foi uma defesa vigorosa, e Pierre teve de admitir, só para si mesmo, é claro, que tinha fundamento. Gaspard era um herege, não um tolo. Caso houvesse planejado assassinar Balafré, era provável que tivesse escolhido para a tarefa alguém melhor do que o instável Poltrot.

A última parte do depoimento de Gaspard era particularmente perigosa. Ele assinalava que, pelo curso natural da justiça, tinha o direito de confrontar seu acusador num tribunal e suplicava à rainha Catarina que garantisse a segurança de Poltrot e se certificasse de que ele sobrevivesse para prestar depoimento em

uma investigação formal.

Um inquérito imparcial era a última coisa que Pierre queria.

Para piorar ainda mais as coisas, enquanto estava na Conciergerie, Poltrot retirou sua confissão.

Pierre foi obrigado a agir rápido. Foi à corte suprema de Paris e sugeriu que Poltrot fosse julgado sem demora. Assinalou que, se o assassino ficasse sem punição, haveria revoltas quando o corpo do herói chegasse a Paris. Os juízes concordaram.

Nas primeiras horas de 18 de março, o caixão do duque chegou aos subúrbios, ao sul da cidade, e foi alojado num mosteiro.

Na manhã seguinte, Poltrot foi considerado culpado e condenado à morte por esquartejamento.

A pena foi cumprida na Place de Grève diante de uma multidão em festa. Pierre compareceu para ter certeza de que ele morreria. Os braços e pernas de Poltrot foram amarrados a quatro cavalos virados cada qual para um dos pontos cardeais, que foram então açoitados para que avançassem. Em teoria, Poltrot deveria ter sido desmembrado, e ele sangraria até morrer. Mas os carrascos não deram os nós como deveriam, e as cordas escorregaram. Pierre mandou buscar uma espada, e o carrasco então começou a decepar os braços e as pernas do condenado. A multidão o incentivou, mas foi um procedimento canhestro. Em determinado momento da meia hora que o esquartejamento durou, Poltrot parou de gritar e perdeu os sentidos. Por fim, sua cabeça, com o tufo característico na frente, foi cortada e espetada numa estaca.

No dia seguinte, o corpo do duque Balafre foi conduzido para o coração da cidade.

Sylvie Palot assistiu ao cortejo tomada de otimismo.

Ele entrou em Paris pelo sul, pelo portão de Saint-Michel, e cruzou o bairro universitário, onde ficava a loja. Começou com 22 pregoeiros municipais, vestidos com o branco do luto, tocando sinetas solenes e convocando os cidadãos enlutados a rezarem pela alma de seu grande herói. Depois vieram

padres de todas as paróquias da cidade, todos segurando cruzes. Duzentos cidadãos de elite se uniram a eles, trazendo tochas acesas que criavam uma cortina de fumaça fúnebre que escureceu a cidade. Os exércitos que haviam acompanhado Balafré em tantas vitórias estavam representados por seis mil soldados com estandartes a meio mastro, tocando tambores surdos que soavam como tiros distantes. Por fim veio a milícia da cidade, com uma profusão de bandeiras negras flutuando ao vento frio de março que soprava do rio.

As ruas estavam coalhadas pela multidão de parisienses enlutados, mas Sylvie sabia que alguns eram como ela e, por dentro, comemoravam a morte de Balafré. O assassinato trouxera a paz, pelo menos por ora. Em poucos dias, a rainha Catarina havia se encontrado com Gaspard de Coligny para conversar sobre um novo édito de tolerância.

A perseguição tinha aumentado durante a guerra civil, embora os protestantes do círculo de Sylvie agora tivessem alguma proteção. Ela se sentara à escrivaninha de Pierre um dia, quando ele estava fora com Balafré e Odette jantava com as amigas, e copiara cada palavra de seu pequeno caderno preto enquanto Nath brincava com o menino Alain, de 2 anos, ainda incapaz de falar o suficiente para revelar sua visita secreta.

A maioria dos nomes lhe eram desconhecidos. Muitos deviam ser falsos, pois os protestantes sabiam que poderiam ser espionados e muitas vezes criavam nomes e outras informações para si. Ela mesma e a mãe se faziam chamar Thérèse e Jacqueline e não contavam a ninguém sobre sua loja. Sylvie não tinha como saber quais dos nomes desconhecidos eram reais.

No entanto, muitos no caderno eram seus amigos e companheiros de culto. Essas pessoas haviam sido alertadas. Algumas, por medo, abandonaram a congregação e se converteram ao catolicismo. Outras se mudaram e trocaram de nome; várias saíram de Paris em busca de cidades mais tolerantes.

Mais importante ainda a longo prazo fora o fato de Nath se tornar uma integrante assídua da congregação no sótão acima do estábulo, onde cantava os salmos com uma voz alta e desafinada. Com as dez moedas de ouro na mão, pensara em deixar a casa de Pierre, mas Sylvie a convencera a ficar e continuar a espioná-lo para os protestantes.

A atmosfera mais segura favorecia a venda de livros, e Sylvie ficou satisfeita

quando Guillaume lhe trouxe um novo estoque de Genebra. Pobre rapaz: continuava apaixonado por ela. Ela gostava dele e ficava feliz em tê-lo como aliado, mas não conseguia retribuir seu amor. Isabelle ficava frustrada pelo fato de a filha recusar aquele homem. Guillaume era um rapaz inteligente, próspero e bonito, que compartilhava a sua religião e os seus ideais: o que mais ela poderia querer? Essa pergunta intrigava tanto Sylvie quanto a mãe.

O caixão enfim apareceu, envolto num estandarte com o brasão e as armas dos Guises e transportado sobre um berço de canhão puxado por seis cavalos brancos. Sylvie não rezou pela alma de Balafre. Em vez disso, agradeceu a Deus por ter posto fim à sua vida. Agora ousava ter esperança de que haveria paz e tolerância.

A cavalo atrás do caixão vinha a viúva, Ana, toda de branco, ladeada por damas de companhia. Por fim, um menino de rosto bonito e cabelos claros que devia ser Henrique, herdeiro de Balafre. Ao seu lado, usando um gibão branco com uma gola de pele clara, vinha um belo homem de 25 anos com fartos cabelos louros.

O choque, a repulsa e o horror tomaram conta de Sylvie quando ela reconheceu o cavaleiro à direita do novo duque de Guise.

Era Pierre.

CAPÍTULO 12

Barney achava que a ilha de Espanhola, no Caribe, devia ser o lugar mais quente do planeta.

No verão de 1563, três anos depois de ter embarcado no *Hawk* na Antuérpia apenas para ir até Combe Harbour, ele ainda era mestre artilheiro no navio. Ansiava por voltar para casa e ver a família, porém, por mais estranho que fosse, não se enfurecera por ter sido enganado e convencido a se unir à tripulação. A vida no mar era perigosa e muitas vezes cruel, mas havia nela algo que lhe convinha. Ele gostava de acordar pela manhã sem saber o que aconteceria depois. Cada vez mais, sentia que a triste ruína dos negócios da mãe significara a liberdade para ele.

Sua principal reclamação era só ter homens por companhia. Sempre adorara estar perto das mulheres e elas, por sua vez, costumavam achá-lo atraente. Ao contrário de muitos membros da tripulação, ele não recorria a putas do cais, que muitas vezes contaminavam os homens com infecções horríveis. Ansiava apenas por passear pela rua lado a lado com uma moça, flertar e tentar encontrar uma brecha para lhe roubar um beijo.

O *Hawk* havia navegado da Antuérpia até Sevilha, depois até as ilhas Canárias. Em seguida houvera uma série de lucrativas viagens de ida e volta, levando facas, azulejos e roupas de Sevilha para as ilhas e trazendo de volta barris do forte vinho das Canárias. Como se tratava de um comércio pacífico, a perícia de Barney como artilheiro não se fizera necessária, embora ele houvesse mantido os armamentos sempre de prontidão. A tripulação diminuía de cinquenta para quarenta membros devido a acidentes e doenças – riscos de uma vida normal no mar –, mas não houvera confrontos.

O capitão Bacon então decidira que o maior lucro estava no comércio de escravos. Em Tenerife, encontrara um piloto português chamado Duarte que conhecia tanto o litoral da África quanto a travessia transatlântica. A tripulação

ficara inquieta prevendo o perigo, principalmente depois de tanto tempo no mar, então Bacon prometera que voltariam para casa depois de uma única viagem e que os marujos ganhariam um bônus.

O comércio de escravos era uma indústria importante na África ocidental. Até onde a memória de qualquer um alcançava, os reis e chefes das tribos da região vendiam seus conterrâneos a compradores árabes, que os levavam para os mercados de escravos do Oriente Médio. Os novos comerciantes europeus se intrometeram num negócio já existente.

Bacon comprou 320 homens, mulheres e crianças em Serra Leoa. O *Hawk* então ganhou o oceano Atlântico rumo a oeste e ao imenso território ainda não mapeado chamado Nova Espanha.

A tripulação não gostou do comércio de escravos. As pobres vítimas iam apinhadas no compartimento de carga, acorrentadas em condições insalubres. Todos podiam ouvir as crianças chorando e as mulheres gemendo. Às vezes eles cantavam para não esmorecer, e nessas horas era ainda pior. A intervalos de poucos dias, morria algum deles, e o corpo era jogado no mar sem qualquer cerimônia.

– Eles são só gado – dizia Bacon se alguém reclamasse.

Só que o gado não cantava seus lamentos.

Ao chegarem a terra firme, os primeiros europeus a cruzarem o Atlântico haviam pensado estar na Índia, portanto batizaram aquelas ilhas de Índias Ocidentais. Agora se sabia que Fernão de Magalhães e Juan Sebastián Elcano na realidade tinham circum-navegado o globo, mas o nome ficara inalterado.

Espanhola era a mais desenvolvida de uma série de ilhas, poucas das que tinham nome. A capital, Santo Domingo, era a primeira cidade europeia da Nova Espanha e tinha até catedral, mas, para decepção de Barney, ele não conseguiu vê-la. O piloto Duarte guiou o *Hawk* para longe da cidade, pois o navio estava praticando uma atividade ilegal. Espanhola era governada pelo rei da Espanha; mercadores ingleses eram proibidos de negociar ali. Duarte então aconselhou o capitão Bacon a rumar para o litoral norte, o mais longe possível das forças da lei.

Os plantadores de cana precisavam desesperadamente de mão de obra. Barney ouvira dizer que cerca de metade dos europeus que emigravam para as

Índias Ocidentais morria em menos de dois anos e que a taxa de mortalidade era quase tão alta quanto entre os africanos, que pareciam resistentes a algumas doenças da Nova Espanha. Assim, os donos dos canaviais não tinham escrúpulo em comprar escravos de comerciantes ingleses ilícitos e, um dia depois de o *Hawk* atracar em um lugarzinho sem nome, Bacon vendeu oitenta escravos e foi pago em ouro, pérolas e peles.

Jonathan Greenland, o imediato, comprou mantimentos na cidade e a tripulação saboreou sua primeira refeição fresca em dois meses.

Na manhã seguinte, Barney estava em pé no poço, a parte do convés entre os castelos, entretido numa conversa com Jonathan. De onde eles estavam, podiam ver a maior parte da cidadezinha onde finalmente atracaram. Um píer de madeira conduzia a uma pequena praia, depois da qual havia uma praça. Todas as construções eram de madeira, menos uma: um pequeno palácio feito de arenito de coral dourado.

– Não gosto de estarmos na ilegalidade – confessou Barney a Jonathan em voz baixa. – Poderíamos ir parar numa prisão espanhola. E quem pode imaginar quanto tempo levaríamos para sair?

– E em troca de nada – disse Jonathan.

A tripulação não tinha participação em lucros do comércio, apenas em espólios de navios capturados, e ele estava decepcionado com o fato de a viagem ter sido pacífica.

Enquanto os dois conversavam, um jovem usando roupas negras de sacerdote saiu pela porta principal do palácio, atravessou a praça com um ar importante, desceu até a praia e avançou pelo píer. Ao chegar à prancha, hesitou, então subiu e andou até o convés.

– Preciso falar com seu líder – disse em espanhol.

Barney respondeu na mesma língua:

– O capitão Bacon está na sua cabine. Quem é o senhor?

O homem pareceu se ofender por ser questionado.

– Sou o padre Ignacio, e trago um recado de dom Alfonso.

Barney imaginou que Alfonso fosse o representante local da autoridade espanhola e Ignacio, seu secretário.

– Diga-me o recado, e garantirei que o capitão o receba.

– Dom Alfonso está convocando seu capitão para ir ter com ele imediatamente.

Como Barney fazia sempre questão de evitar ofender as autoridades locais, fingiu não reparar na arrogância de Ignacio. Num tom suave, falou:

– Então tenho certeza de que meu capitão irá. Se puder esperar um instante, vou chamá-lo.

Barney foi até o compartimento de Bacon. O capitão estava vestido e comendo bananas fritas com pão fresco. Barney lhe deu o recado.

– Você pode vir comigo – disse Bacon. – Seu espanhol é melhor que o meu.

Poucos minutos depois, eles desciam do navio para o píer. Barney sentiu no rosto a queimadura do sol nascente: seria mais um dia de calor forte. Subiram a praia seguindo Ignacio. Uns poucos moradores da cidade que tinham acordado cedo os encararam com interesse: forasteiros eram raros e suficientes ali para serem fascinantes.

Quando atravessaram a praça poeirenta, o olhar de Barney foi atraído para uma moça de vestido amarelo. Era uma africana de pele dourada, mas estava bem-vestida demais para ser escrava. Ela rolou um pequeno barril de um vão de porta até uma carroça que aguardava, em seguida ergueu os olhos para os visitantes. Encarou Barney com uma expressão destemida, e ele se espantou ao constatar que a moça tinha olhos azuis.

Com esforço, tornou a prestar atenção no palácio. Dois guardas armados, com os olhos semicerrados devido à forte claridade, observaram em silêncio quando ele e Bacon seguiram Ignacio portão adentro. Barney se sentiu um criminoso, o que de fato era, e se perguntou se eles iriam sair dali com a mesma facilidade com que haviam entrado.

O palácio era fresco por dentro, tinha pé-direito alto e pisos de pedra. As paredes eram revestidas por azulejos em vivos tons de azul e amarelo-dourado que Barney reconheceu terem saído das fábricas de cerâmica de Sevilha. Ignacio os fez subir uma ampla escadaria e pediu que se sentassem num banco de madeira. Barney entendeu que aquilo era uma desfeita. O dono da casa não tinha uma fila de pessoas à sua espera. Ele os estava fazendo esperar apenas porque podia. Barney pensou que aquilo era um bom sinal. Ninguém se dava ao trabalho de insultar alguém se estivesse prestes a jogá-lo na prisão.

Quinze minutos depois, Ignacio reapareceu.

– Dom Alfonso irá recebê-los agora – anunciou.

Ele os conduziu até um cômodo espaçoso, com janelões altos fechados por venezianas.

Alfonso era um homem obeso. Com cerca de 50 anos, cabelos grisalhos e olhos azuis, estava sentado numa cadeira que parecia ter sido fabricada para acomodar seu volume fora do normal. Duas robustas bengalas sobre uma mesa ao seu lado sugeriam que ele era incapaz de se locomover sem auxílio.

O espanhol estava lendo um maço de papéis, e mais uma vez Barney achou que aquilo fosse apenas fachada. Ele e Bacon ficaram em pé com Ignacio esperando que Alfonso se pronunciasse. Barney sentiu que o capitão se enfurecia. Aquele tratamento desdenhoso afetava o seu orgulho. Torceu para Bacon manter a calma.

Por fim, Alfonso ergueu o rosto.

– O senhor está preso – falou. – Está praticando comércio ilegal.

Era isso que Barney temia. Ele traduziu para o capitão.

– Se ele tentar me prender, o *Hawk* vai arrasar esta cidade – retrucou Bacon.

Era um exagero. As armas do *Hawk* eram canhões de pequeno porte, sem força para destruir qualquer estrutura de alvenaria bem-construída. Eram pequenos demais até para afundar um navio, a não ser com uma sorte extraordinária. As balas de 2 quilos eram projetadas para que detivesse uma embarcação inimiga derrubando mastros e velame e para matar ou desmoralizar seus marujos, privando o capitão de qualquer controle. Mesmo assim, o *Hawk* poderia causar danos bem desagradáveis à pequena praça da cidade.

Barney se esforçou para encontrar um jeito mais conciliatório de formular a resposta de Bacon. Após alguns instantes, disse a Alfonso em espanhol:

– O capitão Bacon sugeriu que o senhor mande um recado para a sua tripulação dizendo aos homens que ele foi detido de maneira totalmente legal, assim eles não vão disparar as armas do navio contra a sua cidade, por mais zangados que estejam.

– Não foi isso que ele falou.

Ficou claro que Alfonso entendia um pouco de inglês.

– Foi o que ele quis dizer.

– Pergunte de quanto ele precisa para ser subornado – pediu Bacon, impaciente.

De novo, a tradução de Barney teve mais tato:

– O capitão Bacon quer saber quanto custaria comprar uma licença para fazer comércio aqui.

Houve uma pausa. Será que Alfonso iria se recusar e prendê-los por corrupção, além de comércio ilegal?

– Cinco escudos por escravo, pagáveis a mim – disse o gordo.

Graças aos céus, pensou Barney.

Era um preço alto, mas não exorbitante. Um escudo espanhol era uma moeda que continha 4 gramas de ouro.

– Não posso pagar mais que um escudo – respondeu Bacon.

– Três.

– Fechado.

– Mais uma coisa.

– Maldição – resmungou Bacon. – Concordei cedo demais. Agora vai haver alguma cobrança adicional.

– O capitão Bacon não vai pagar mais – avisou Barney em espanhol.

– Vocês precisam ameaçar destruir a cidade – disse Alfonso.

Por essa Barney não esperava.

– O quê?

– Quando as autoridades de Santo Domingo me acusarem de permitir o comércio ilícito, minha defesa será que fui obrigado a isso para salvar a cidade da ira dos selvagens piratas ingleses.

Barney traduziu, e Bacon disse:

– Está acertado.

– Preciso da ameaça por escrito.

Bacon concordou com um meneio de cabeça.

Barney franziu o cenho. Não gostava da ideia de confessar um crime por escrito, ainda que fosse verdade. No entanto, não viu como poderia evitar aquilo.

A porta se abriu e a moça de vestido amarelo entrou. Ignacio a olhou sem interesse. Alfonso abriu um sorriso carinhoso. Ela atravessou o recinto até sua cadeira com a despreocupação de alguém da família e lhe deu um beijo na testa.

– Bella, minha sobrinha – disse Alfonso.

Barney imaginou que “sobrinha” fosse um eufemismo para “filha ilegítima”. Pelo visto, Alfonso tinha tido uma filha com uma linda escrava. Barney recordou as palavras de Ebrima: *Escravos sempre são usados para sexo*.

Bella trazia uma garrafa, que pousou sobre a mesa onde estavam as bengalas.

– Achei que o senhor pudesse precisar de um pouco de rum – falou, usando o espanhol de uma mulher educada com o toque de um sotaque que Barney não reconheceu.

Ela lhe lançou um olhar direto, e Barney percebeu que seus olhos tinham o mesmo azul vivo dos de Alfonso.

– Saúde e bom proveito – disse ela e retirou-se.

– A mãe dela tinha um temperamento e tanto, que Deus a tenha – comentou Alfonso com nostalgia.

Passou alguns segundos calado, recordando. Então tornou a falar:

– Os senhores deveriam comprar o rum de Bella. É o melhor que há. Vamos provar.

Barney começou a relaxar. A atmosfera havia mudado. Eles agora eram colaboradores, não adversários.

O secretário pegou três copos num armário, sacou a rolha da garrafa e serviu doses generosas para os outros três. Eles beberam. Era um rum de muito boa qualidade, saboroso porém suave, com um efeito estimulante na garganta.

– É um prazer fazer negócios com o senhor, Dom Alfonso – disse Bacon.

Alfonso sorriu.

– Soube que o senhor já vendeu oitenta escravos.

Barney começou a dar uma desculpa.

– Nós não estávamos cientes de nenhuma proibição...

Alfonso o ignorou.

– Ou seja, já me deve 240 escudos. Pode acertar essa conta aqui mesmo, agora.

Bacon franziu o cenho.

– É um pouco difícil...

Alfonso o interrompeu antes que Barney tivesse tempo de traduzir:

– O senhor recebeu 400 escudos pelos escravos.

Barney ficou surpreso: não sabia que Bacon tinha ganhado tanto assim. O capitão guardava segredo em relação a dinheiro.

– Então tem dinheiro para me pagar 240 agora – prosseguiu Alfonso.

Ele estava certo. Bacon sacou uma pesada bolsa de moedas e começou a contar o dinheiro, a maior parte na forma das moedas maiores chamadas dobrões, cada qual contendo 8 gramas de ouro e valendo, portanto, 2 escudos. Exibia uma expressão de desconforto, como se estivesse com dor de barriga. Doía-lhe pagar uma propina tão alta.

Ignacio conferiu a quantia e aquiesceu para Alfonso.

Bacon se levantou para ir embora.

– Mande sua carta de ameaça antes de vender mais escravos – disse Alfonso.

O capitão deu de ombros.

Barney se retraiu. Maus modos irritavam os espanhóis, que valorizavam as formalidades. Não queria que Bacon estragasse tudo ofendendo Alfonso logo antes de sair. Eles ainda estavam sob jurisdição espanhola. Com educação, falou:

– Obrigado, dom Alfonso, por sua gentileza em nos receber. Ficamos honrados com a sua cortesia.

Alfonso fez um gesto magnânimo de dispensa, e Ignacio os acompanhou até o lado de fora.

Barney estava se sentindo melhor, embora não tivesse certeza de que eles houvessem se safado por completo. No entanto, queria ver Bella outra vez. Imaginou se ela seria casada ou se estaria sendo cortejada por alguém. Calculou que tivesse uns 20 anos... poderia ter menos, mas a pele escura sempre tinha um aspecto mais jovem. Estava ansioso para descobrir mais sobre ela.

Lá fora, na praça, falou para Bacon:

– Precisamos de rum a bordo... o nosso quase acabou. Devo comprar um barril daquela mulher, Bella, sobrinha dele?

O capitão não se deixou enganar.

– Vá lá, seu jovem pilantra depravado.

Bacon seguiu de volta na direção do *Hawk* e Barney foi até a porta pela qual tinha visto Bella sair mais cedo. A casa era de madeira, mas, fora isso, tinha a mesma estrutura da residência de Carlos Cruz em Sevilha, com um arco central que conduzia a uma oficina num quintal: uma típica casa de artesão.

Barney sentiu o cheiro terroso de melaço, o amargo xarope negro produzido na segunda fervura da cana-de-açúcar e usado principalmente para fabricar rum. Calculou que o cheiro viesse dos imensos barris enfileirados junto a uma das paredes do quintal. Do outro lado ficavam barris menores e pilhas de garrafas, provavelmente usados para o rum. O quintal terminava num pequeno pomar de limoeiros.

No meio do espaço havia dois tanques grandes. O primeiro era um quadrado na altura da cintura feito de tábuas calafetadas, cheio de uma mistura pegajosa que um africano mexia com o auxílio de uma grande pá de madeira. A mistura exalava um cheiro que lembrava pão, e Barney imaginou que fosse um tanque de fermentação. Ao lado havia um caldeirão de ferro suspenso acima de um fogo. O caldeirão tinha uma tampa cônica com um bico bem comprido, e um líquido escuro pingava do bico para dentro de um balde. Barney supôs que naquele caldeirão o mosto fermentado fosse destilado para produzir a bebida.

Em pé junto ao balde, Bella farejava o líquido. Barney a observou, admirando sua concentração. Apesar de magra, ela era robusta, com pernas e braços fortes – sem dúvida devido ao manejo dos barris. Algo em sua testa alta o fez pensar em Ebrima e, por impulso, ele lhe falou em mandê.

– *I be nyaadi?* – perguntou. – Como vai?

A moça se sobressaltou e se virou. Ao se recuperar, disparou uma fieira de palavras no mesmo idioma.

Barney respondeu em espanhol.

– Na verdade eu não falo a língua, me desculpe. Apreendi algumas palavras com um amigo em Sevilha.

– Minha mãe falava mandê – disse Bella em espanhol. – Ela já morreu. O senhor me assustou.

– Peço desculpas.

Ela o encarou com um ar pensativo.

– São raros os europeus que se dão ao trabalho de aprender sequer umas poucas palavras de qualquer idioma africano.

– Meu pai nos ensinou a aprender o máximo possível de qualquer língua com a qual cruzássemos. Segundo ele, isso é melhor do que dinheiro no banco.

– O senhor é espanhol? Não parece, com essa barba ruiva.

– Sou inglês.

– Nunca conheci nenhum inglês.

Ela pegou o balde a seus pés, cheirou-o e despejou o conteúdo no chão.

– Alguma coisa errada com o rum? – indagou Barney.

– Sempre se devem descartar as primeiras frações do destilado. É um veneno. Pode-se guardar o líquido e usar para limpar botas, mas, nesse caso, mais cedo ou mais tarde algum idiota vai tentar beber e acabar morrendo. Então eu jogo fora.

Ela tocou o bico com a ponta de um dedo fino e o cheirou.

– Agora está melhor.

Rolou um barril vazio para baixo do bico, em seguida tornou a dar atenção a Barney.

– O senhor quer comprar rum?

– Sim, por favor.

– Venha comigo. Quero lhe mostrar o melhor jeito de beber.

Ela o levou até os fundos do quintal. Começou a colher alguns pequenos limões verde-claros das árvores e foi lhe passando. Barney a observava com fascínio. Todos os seus movimentos eram fluidos e graciosos. Quando ele estava segurando mais ou menos uma dúzia de frutos, ela parou.

– Suas mãos são grandes – comentou ela. Então olhou mais de perto. – Mas estão machucadas. O que houve?

– São queimaduras de pólvora – disse ele. – Fui artilheiro no Exército espanhol. É como ser cozinheiro... sempre acontecem pequenas queimaduras.

– Que pena – comentou ela. – Isso as deixa feias.

Barney sorriu. Ela era atrevida, mas ele gostava disso.

Seguiu-a até o interior da casa. A sala tinha chão de terra batida e os móveis eram de fabricação caseira, mas ela havia alegrado o ambiente com flores e almofadas coloridas. Não havia sinal de um marido: nenhum par de botas no canto, nenhuma espada pendurada em um gancho, nenhum chapéu de pena alta. Ela apontou para uma cadeira de madeira grosseira e Barney se sentou.

Bella pegou dois copos altos num armário. Barney ficou surpreso: o vidro era um luxo bastante caro. Mas vender rum era o seu ofício, e todas as bebidas ficavam com um gosto melhor em recipientes de vidro.

Ela pegou os limões que ele segurava e os partiu com uma faca, em seguida espremeu o suco numa jarra de cerâmica. Sabia que ele a estava encarando, mas não pareceu se importar.

Então serviu dois dedos de rum em cada copo, acrescentou uma colherada de açúcar e completou os copos com suco de limão.

Barney pegou um dos copos e deu um gole. Era a bebida mais deliciosa que ele já provara.

– Ah, minh'alma – comentou. – Essa é mesmo a melhor maneira de se beber rum.

– Mando um pouco de rum para o *Hawk* hoje à tarde, então? O barril de 150 litros do meu melhor custa meio escudo.

Barato, pensou Barney; mais ou menos o mesmo preço da cerveja em Kingsbridge. O melaço não devia custar quase nada naquela ilha onde se cultivava cana.

– Mande dois, então – disse ele.

– Feito.

Ele tomou um pouco mais da bebida refrescante.

– Como a senhorita começou nessa atividade?

– Quando minha mãe estava à beira da morte, dom Alfonso lhe ofereceu qualquer coisa que ela quisesse. Ela pediu que ele me libertasse e me garantisse um jeito de ganhar a vida.

– E foi isso que ele inventou.

Ela riu, abrindo bem a boca.

– Não, ele sugeriu a costura. O rum foi ideia minha. E o senhor? O que o trouxe a Espanha?

– Um acidente.

– É mesmo?

– Bom, uma série de acidentes, melhor dizendo.

– E como foram?

Barney pensou em Sancho em Sevilha, no *José y María*, na morte de Gómez Mão de Ferro, na jangada no rio Leie, na família Wolman na Antuérpia e no engodo do capitão Bacon.

– É uma longa história.

- Eu adoraria escutar.
 - E eu adoraria lhe contar, mas precisam de mim a bordo.
 - O capitão nunca lhe dá folga?
 - À noite, em geral.
 - Se eu lhe preparar o jantar, o senhor me conta sua história?
- O coração de Barney bateu mais depressa.
- Está bem.
 - Hoje à noite?
 - Sim.
- Ele se levantou.
- Para seu espanto, ela o beijou nos lábios, um beijo rápido e suave.
- Venha ao pôr do sol – disse ela.

ii

- Você acredita em amor à primeira vista? – perguntou Barney a Bella três semanas mais tarde.
 - Pode ser. Não sei.
- Eles estavam na cama, na casa dela, e o sol acabara de nascer. Como o novo dia já estava quente, tinham jogado longe as cobertas. Dormiam nus: não havia por que usar roupas de dormir naquele clima.
- Barney nunca tinha visto nada tão lindo quanto o corpo moreno de Bella jogado displicentemente sobre um lençol de linho à luz da manhã. Nunca se cansava de olhar para ela, e ela nunca se importava.
- No dia em que fui falar com dom Alfonso, olhei para o outro lado da praça e vi você sair de casa rolando um barril, e você levantou o rosto e olhou na minha direção. Eu me apaixonei por você ali mesmo, sem saber nada a seu respeito.
 - Eu poderia ter me revelado uma bruxa.
 - E você, o que pensou quando me viu encarando?
 - Ora, não posso falar demais, senão você vai ficar muito cheio de si.
 - Vamos, arrisque.
 - Naquele momento, eu nem consegui pensar direito. Meu coração começou

a bater depressa, e foi como se eu não conseguisse recuperar o fôlego. Pensei comigo mesma que era só um homem branco com os cabelos de uma cor esquisita e uma argola na orelha, nada por que valesse a pena me empolgar. Aí você olhou para o outro lado, como se não tivesse reparado em mim, e eu pensei que não era mesmo nada por que valesse a pena me empolgar.

Barney estava apaixonado por ela, e ela por ele, e ambos sabiam. Mas não tinham ideia do que fazer a respeito.

Bacon já vendera quase todos os escravos, e os que tinham sobrado dificilmente seriam adquiridos por alguém: homens que haviam adoecido na viagem, mulheres grávidas, crianças que haviam definhado após serem separadas dos pais. O compartimento de carga do *Hawk* estava abarrotado de ouro, açúcar e peles. O navio em breve iria zarpar rumo à Europa e, ao que tudo indicava, dessa vez Bacon tinha intenção de ir para Combe Harbour.

Será que Bella iria para casa com Barney? Isso significaria deixar para trás tudo o que conhecia, inclusive um negócio de sucesso. Ele estava com medo de lhe perguntar. Sequer sabia se Bacon permitiria uma mulher a bordo durante a viagem de volta.

Nesse caso, será que ele deveria abrir mão de sua antiga vida e se instalar ali, em Espanhola? O que iria fazer? Poderia ajudar Bella a expandir o comércio de rum. Poderia plantar cana-de-açúcar, mas não tinha capital para investir. Era um passo grande após menos de um mês num lugar. Mas ele queria passar a vida com Bella.

Precisava conversar com ela sobre o futuro. A pergunta não formulada assombrava sua mente, e talvez também a dela. Precisavam enfrentá-la.

Abriu a boca para falar e, nessa hora, Jonathan Greenland entrou.

– Barney! – exclamou ele. – Você tem de vir agora!

Então viu Bella.

– Meu bom Deus, mas como ela é linda...

Foi um comentário impensado, mas a beleza de Bella era capaz de distrair um homem inteligente até mesmo quando ela estava vestida. Barney reprimiu um sorrisinho.

– Saia daqui! Este é o quarto de uma dama!

Jonathan virou-se, mas não se retirou.

- Sinto muito, *señorita*, mas é uma emergência – disse ele.
- Não faz mal – retrucou Bella, cobrindo-se com o lençol. – Qual é a crise?
- Um galeão está se aproximando. Depressa.
- Barney pulou da cama e vestiu as calças.
- Eu vou voltar – falou para Bella enquanto enfiava os pés nas botas.
- Cuidado! – avisou ela.

Barney e Jonathan saíram correndo da casa e atravessaram a praça. O *Hawk* já levantava âncora. A maior parte da tripulação estava no convés e no cordame, desfraldando as velas. As cordas que prendiam o navio haviam sido desamarradas do píer, e os dois retardatários tiveram de pular um vão de um metro para embarcar.

Uma vez seguro a bordo, Barney olhou para o mar. Cerca de um quilômetro e meio para o leste, um galeão espanhol avançava na sua direção seguindo depressa graças a um vento de popa, com as peças de artilharia a fulgurar. Por três semanas, havia esquecido o perigo que ele próprio e o resto da tripulação corriam. Mas agora as forças da lei haviam chegado.

Os marinheiros usaram longas varas para afastar o *Hawk* do píer em direção a águas mais profundas. O capitão Bacon virou o navio para o oeste, e o vento inflou as velas.

O galeão singrava alto, o que sugeria pouca ou nenhuma carga a bordo. Tinha quatro mastros e mais velas do que Barney conseguiu contar com uma olhada só, o que lhe conferia velocidade. Era largo e tinha um castelo de popa alto, o que devia torná-lo relativamente desajeitado nas curvas; numa perseguição em linha reta, porém, ele com certeza conseguiria alcançar o *Hawk*.

Barney ouviu um estouro distante que reconheceu na hora como um tiro de canhão. Ouviu-se um estrondo próximo, uma cacofonia de madeira se partindo e um coro de gritos da tripulação. Uma imensa bala de canhão passou perto de Barney, destroçou a madeira do castelo de proa e desapareceu.

A bala era bem maior do que as de 2 quilos com que o *Hawk* estava equipado, e o galeão, portanto, devia ter peças de artilharia mais pesadas. Mesmo assim, Barney pensou que deviam ter tido sorte por acertar um tiro àquela distância.

Um segundo depois, o *Hawk* fez uma curva acentuada e Barney perdeu o

equilíbrio. De repente temeu que o navio houvesse sido gravemente danificado e estivesse fora de controle, talvez até afundando. A perspectiva de morrer no mar o aterrorizou... mas só por alguns instantes. Ele viu que o capitão Bacon girava o leme, virando de propósito para o norte, para se pôr de lado em relação ao vento. Seu medo foi substituído por perplexidade. Bacon devia saber que não conseguiria escapar do galeão espanhol... mas qual seria o seu plano alternativo?

– Pare de encarar, seu idiota – rugiu Jonathan para Barney. – Desça para o convés de artilharia, onde é o seu lugar!

Barney se deu conta de que estava prestes a vivenciar sua primeira batalha no mar. Pensou se porventura seria também a última. Desejou ter conseguido voltar a Kingsbridge mais uma vez antes de morrer.

Já se vira sob fogo antes. Ficara com medo, mas soubera controlá-lo e fazer seu trabalho.

Foi primeiro à cozinha, no castelo de proa. O cozinheiro sangrava devido a um ferimento causado por uma farpa, mas a cozinha não fora destruída, e Barney conseguiu acender uma vela fina no fogo. Ouviu um segundo estouro e se preparou para o impacto, mas a bala errou o alvo.

No compartimento de carga, os poucos escravos remanescentes entenderam o que acontecia e começaram a gritar de pânico, com medo de estarem prestes a morrer acorrentados a um navio que iria afundar.

Ouviu-se uma terceira explosão, mais uma vez sem impacto, e o palpite de Barney se confirmou: o primeiro tiro fora sorte. O artilheiro do galeão devia ter deduzido o mesmo e decidido poupar munição para oportunidades melhores, pois não houve uma quarta explosão.

Barney voltou para a meia-nau protegendo a chama da vela com a mão. A maioria dos tripulantes estava no convés ou trepada no velame, ajustando as velas conforme as ordens gritadas pelo capitão Bacon. Barney correu até a escada no alçapão coberto que conduzia aos conveses inferiores e desceu correndo os degraus levando a vela acesa.

A tripulação já tinha aberto as vigias dos canhões e desamarrado as cordas que os prendiam no lugar quando não estavam sendo usados. Agora os pesados berços das peças podiam rolar para trás sobre as rodas com o coice do tiro. Homens sensatos tomavam muito cuidado ao andar pelo convés de artilharia

quando os canhões estavam desamarrados: uma pessoa que estivesse atrás de um canhão na hora do disparo podia ficar aleijada ou morrer.

Cada canhão tinha a seu lado um baú contendo a maioria dos itens necessários para atirar: um recipiente de pólvora tampado, feito de couro; uma pilha de trapos para servir de bucha; um estopim de combustão lenta feito com três fios entrelaçados de corda de algodão e embebido em salitre e lixívia; ferramentas para carregar o canhão e limpá-lo entre um disparo e outro; e um balde d'água. A munição ficava armazenada num grande baú no meio do convés, junto a um barril de pólvora.

Cada canhão era manejado por dois homens. Um deles usava uma concha de cabo comprido para recolher a quantidade exata de pólvora, o mesmo peso da bala, embora os mais talentosos fizessem ajustes quando conheciam o armamento. O outro então socava um pano dentro do cano para servir de bucha, em seguida inseria a bala.

Em poucos minutos, os canhões de boreste estavam todos carregados. Barney os percorreu com sua chama para acender os pavios. A maioria dos homens usava um tipo de corda como estopim, para poderem ficar bem afastados do canhão na hora de atear fogo à pólvora.

Barney espiou por uma das vigias de tiro. O *Hawk* estava agora de lado em relação à forte brisa leste, avançando a 8 ou 9 nós, enquanto o galeão mais veloz, a uns 800 metros de distância, vinha na direção de seu costado de boreste.

Barney aguardou. Àquela distância, poderia até acertar o galeão e infligir alguns danos leves, mas esse não seria o melhor uso de seus armamentos.

Como o navio agressor se aproximava de frente para o *Hawk*, não tinha como usar seus potentes canhões laterais. Duas explosões indicaram que o artilheiro estava testando os canhões do convés de proa, mas Barney viu, pelos espirros na água, que ambas as balas haviam acertado o mar sem apresentar risco.

No entanto, a embarcação mais veloz em breve chegaria perto o suficiente para virar e poder usar suas peças laterais, e o *Hawk* estaria em apuros. Qual diabo seria o plano do capitão Bacon? Talvez o velho tolo não tivesse plano nenhum. Barney reprimiu o pânico.

– Devemos disparar, senhor? – indagou um tripulante chamado Silas,

impaciente.

Barney se esforçou para manter o autocontrole.

– Ainda não – respondeu, com mais segurança do que sentia. – Eles estão longe demais.

Lá em cima, no convés, Bacon berrou:

– Artilheiros, segurar fogo!

O capitão não tinha como ter escutado Silas, mas seus instintos lhe diziam que o convés de artilharia devia estar ficando nervoso.

À medida que o galeão chegava mais perto, o ângulo de tiro melhorava. A 600 metros, ele atirou.

OuvIU-se um estouro, seguido de uma nuvem de fumaça. A bala se moveu devagar o suficiente para ser visível, e Barney a viu subir numa trajetória alta. Resistiu à tentação de se encolher. Antes mesmo que o projétil chegasse perto, percebeu que iria acertá-los. Mas o artilheiro espanhol havia mirado um pouco alto demais, e a bala atravessou o velame. Barney ouviu lona e cordas se rasgarem, mas nenhum madeiramento pareceu ser danificado.

Estava a ponto de revidar o tiro, mas hesitou ao ouvir Bacon gritar uma sequência de ordens. O *Hawk* então deu outro tranco e virou a sotavento. Por alguns instantes, ficou com o vento por trás, mas Bacon continuou a virá-lo até um ângulo de 180 graus, e então avançou para o sul, de volta em direção à ilha.

Sem precisar de instrução, todos os artilheiros passaram para bombordo do convés de artilharia e carregaram os outros seis canhões.

Mas qual seria a intenção de Bacon?

Barney olhou para fora e viu o galeão mudar de direção, e a proa dar uma guinada de modo a interceptar a nova trajetória do *Hawk*. Então entendeu o que Bacon estava fazendo.

O capitão estava lhe proporcionando o alvo perfeito.

Dali a um ou dois minutos, o *Hawk* iria ficar com a lateral bem de frente para a proa do navio inimigo, a 300 metros de distância. Barney poderia atacar com tiros em sequência, disparar uma bala de canhão após a outra na vulnerável proa do galeão e em toda a extensão de seu convés até a popa, causando o máximo de danos ao velame e à tripulação.

Isso se fizesse tudo certo.

A distância era tão pequena que não foi preciso usar as cunhas que levantavam os canos dos canhões. Com tiros retos, o alcance já seria perfeito. No entanto, o alvo era estreito.

– Agora, senhor? – perguntou Silas.

– Não – respondeu Barney. – Calma, fiquem firmes.

Ele se ajoelhou ao lado do canhão mais avançado e, com o coração aos pulos, olhou para fora e observou o ângulo do galeão. Aquilo era bem mais fácil em terra, quando o canhão e o alvo não ficavam subindo e descendo junto com as ondas.

O navio inimigo pareceu virar lentamente. Barney resistiu à tentação de começar a disparar cedo demais. Observou os quatro mastros. Iria atirar quando eles ficassem alinhados de tal modo que o primeiro ocultasse os outros. Ou pouco antes, de modo a dar tempo de a bala chegar lá.

– Pronto quando o senhor estiver! – falou Silas.

– Preparar!

Os mastros estavam quase alinhados.

– Disparar um!

Ele deu um tapinha no ombro de Silas.

O artilheiro inseriu a ponta do estopim de corda no buraco do cano em que ficava a pólvora.

A explosão dentro do espaço restrito do convés de artilharia foi ensurdecadora.

O coice do tiro jogou o canhão para trás.

Barney olhou para fora e viu a bala acertar o castelo de proa do galeão. A tripulação do *Hawk* deu vivas.

Barney passou ao canhão seguinte e deu um tapinha no ombro do artilheiro.

– Fogo!

Esse segundo tiro saiu mais alto e acertou os mastros do galeão.

Barney podia ouvir altos vivas vindos de cima, no convés. Foi avançando em direção à popa, concentrado em tentar cronometrar os tiros num intervalo de uma fração de segundo, até todos os seis canhões terem disparado.

Então voltou ao primeiro, onde esperava encontrar Silas recarregando. Para sua consternação, em vez de prosseguir o trabalho, o artilheiro e seu

companheiro de canhão parabenizavam um ao outro.

– Recarregar! – berrou Barney. – Os porcos ainda não morreram!

Às pressas, Silas pegou uma ferramenta de cabo comprido com uma lâmina em espiral na ponta. Usou-a para remover o que restara da bucha no cano. Os detritos saíram fumegantes. Silas pisoteou as fagulhas com um pé descalço e calejado, aparentemente sem sentir dor. Seu companheiro então pegou uma vara longa envolta em várias camadas de trapos. Mergulhou-a no balde d'água, em seguida a inseriu no cano para apagar qualquer faísca restante que pudesse acender antes da hora a carga de pólvora seguinte. Retirou a esponja e o calor do cano fez qualquer resto de água evaporar rapidamente. Os dois homens então recarregaram a peça.

Barney olhou para fora. A proa do galeão apresentava dois rombos e seu mastro dianteiro estava adernado. Do convés, agora a apenas 200 metros de distância, ouviam-se os lamentos dos feridos e os gritos de pavor dos sobreviventes. Mas o navio não fora mortalmente atingido, e o capitão manteve o sangue-frio. O galeão continuou avançando quase sem reduzir velocidade.

Barney ficou preocupado com o tempo que seus artilheiros demoravam para recarregar. Pela experiência no campo de batalha, sabia que uma única saraivada jamais venciam um combate. Exércitos podiam se recuperar. Mas saraivadas seguidas, uma depois da outra, que dizimavam suas fileiras e derrubavam seus companheiros, arruinavam o moral e faziam os soldados fugirem ou se entregarem. O segredo estava na repetição. Só que a tripulação do *Hawk* era composta por marinheiros, não por artilheiros, e ninguém havia lhes ensinado a importância de recarregar com disciplina.

O galeão vinha direto para cima do *Hawk*. Seu capitão não tinha mais a intenção de disparar as armas laterais. É claro que não, pensou Barney: os espanhóis não queriam afundar o *Hawk*. Prefeririam capturar o navio e confiscar seu tesouro adquirido ilegalmente. Estavam disparando os pequenos canhões de proa, e alguns tiros acertavam as velas do *Hawk*; mas o navio inglês era estreito, o que tornava mais fácil errar um tiro para menos ou para mais. Barney agora via que a tática do galeão seria abordar o *Hawk* e então subir a bordo.

Quando os canhões ficassem prontos, o galeão estaria a menos de 100 metros de distância. Mas ele era mais alto do que o *Hawk* e, como Barney queria acertar

o convés, não o casco, tinha de elevar ligeiramente os seus canhões. Correu pela fila de peças ajustando as cunhas.

Os poucos instantes seguintes pareceram longos. Embora o galeão se aproximasse depressa, a 9 ou 10 nós, com a proa juntando espuma nas ondas, parecia se arrastar na sua direção. Tinha o convés abarrotado de marinheiros e soldados aparentemente ansiosos para pular a bordo do *Hawk* e matar todo mundo. Silas e os outros artilheiros não paravam de olhar do galeão para Barney e de volta para o galeão: não estavam se aguentando para encostar suas mechas na pólvora.

– Aguardem a minha ordem! – bradou ele.

Disparos prematuros eram o melhor presente possível para o inimigo, pois lhe permitiam aproximar-se em segurança enquanto os artilheiros estivessem recarregando.

Mas então o galeão chegou a 100 metros de distância, e Barney disparou.

Mais uma vez, o capitão Bacon havia lhe proporcionado um alvo perfeito. O galeão vinha direto para cima dos canhões do *Hawk*. A uma distância tão curta, era impossível Barney errar. Ele disparou todos os seis canhões em rápida sucessão, em seguida berrou:

– Recarregar! Recarregar!

Então olhou para fora e constatou que os tiros tinham saído ainda melhor do que esperava. Uma das balas devia ter acertado o mastro principal, pois, diante de seus olhos, ele caiu para a frente, empurrado pelo vento. A velocidade do galeão foi diminuindo à medida que algumas de suas velas desabavam. O mastro principal tombou em cima do cordame do mastro dianteiro danificado, e este também começou a adernar. O navio estava agora a apenas 50 metros, mas ainda distante demais para seus homens abordarem o *Hawk*. Não conseguia mais navegar, mas Barney viu que continuava numa rota de colisão com o *Hawk*, que nesse caso seria atingido de toda forma.

Mas Bacon tornou a agir: virou o *Hawk* a sotavento. O vento leste inflou as velas. A embarcação ganhou velocidade. Em segundos, o *Hawk* já singrava veloz em direção ao oeste.

O galeão danificado não conseguia alcançá-lo.

Estaria tudo acabado?

Barney subiu ao convés e foi recebido com vivas pela tripulação. Tinham vencido. Derrotaram uma embarcação maior e mais veloz. Embora todos soubessem que a batalha na verdade fora ganha pela perícia de Bacon e por seu navio veloz e ágil, Barney era seu herói.

O inglês olhou para trás. O galeão seguia aos trancos e barrancos na direção do porto. Espanhola já ia ficando para trás.

Junto com Bella.

Barney foi até Bacon, no leme.

– Para onde vamos, capitão?

– Para casa – respondeu Bacon. – Para Combe Harbour.

Como Barney não disse nada, ele arrematou:

– Não era o que você queria?

Barney tornou a olhar para Espanhola, que já desaparecia na névoa sob o sol do Caribe.

– Era.

CAPÍTULO 13

Margery sabia que estava cometendo um crime sério ao empunhar uma vassoura e começar a varrer o chão da capela, preparando-a para a missa.

A pequena aldeia de Tench não tinha igreja, mas aquela capela fazia parte do complexo da casa senhorial. O conde Swithin raramente ia ao vilarejo, e a construção estava em péssimo estado, suja e úmida. Para limpar o chão, Margery abriu uma janela para deixar entrar ar puro e, com a luz da manhã, a capela começava a dar mais a sensação de ser um lugar sagrado.

Stephen Lincoln pôs velas no altar de um lado e outro de um pequeno crucifixo cravejado de pedras preciosas que havia surrupiado da catedral de Kingsbridge logo nos primeiros dias do reinado de Elizabeth, antes de abandonar oficialmente o sacerdócio. Ao redor dos ombros, usava uma magnífica casula resgatada de uma fogueira de vestes clericais. A peça era lindamente bordada com fios de ouro, prata e seda colorida. Os bordados representavam o martírio de Tomás Becket. Havia também folhagens e, por algum motivo, diversos papagaios.

Margery trouxe uma cadeira de madeira do salão e sentou-se para se preparar para a missa.

Não havia relógios em Tench, mas todos podiam ver o sol nascendo e, quando a luz fraca da manhã de verão começou a entrar pela janela leste e a pintar de dourado as paredes de pedra cinza, os aldeões foram entrando na capela em grupos familiares, cumprimentando silenciosamente os vizinhos. Stephen se manteve de costas para a congregação e todos admiraram, fascinados, as imagens coloridas de sua casula.

Margery sabia quantas pessoas viviam em Tench, pois a aldeia pertencia aos domínios do conde de Shiring, e ficou satisfeita ao ver que todos os moradores apareceram, inclusive a mais idosa de todos, a avó Harborough, que chegou carregada e foi o único membro da congregação a assistir sentada ao culto.

Stephen deu início às preces. Margery fechou os olhos e deixou o som conhecido das palavras em latim penetrar sua mente e submergir sua alma na tranquilidade preciosa de sentir que estava no lugar certo no mundo e com Deus.

Ao percorrer o condado de Shiring, às vezes com o marido, Bart, outras vezes sem ele, Margery conversava com os moradores sobre seus sentimentos religiosos. As pessoas gostavam dela e se mostravam mais dispostas a se abrirem por ela ser uma jovem que não constituía ameaça. Seu alvo em geral era o intendente da aldeia, um homem pago para cuidar dos interesses do conde. Ele sabia que a família de Swithin era católica fervorosa e, caso fosse tratado com delicadeza, não demorava a revelar a Margery qual era a posição dos aldeões. Em lugares pobres e afastados como Tench, não era raro descobrir que eram todos católicos. E ela então combinava com Stephen de levar a eles os sacramentos.

Isso era crime, mas Margery não tinha certeza se de fato representava algum perigo. Nos cinco anos desde que Elizabeth subira ao trono, ninguém fora executado por catolicismo. Por ter conversado com outros padres, Stephen tinha a impressão de que missas clandestinas como aquela na verdade eram comuns, mas não havia nenhuma reação oficial, nenhuma campanha para eliminá-los.

Pelo visto, a rainha Elizabeth estava disposta a tolerar aquele tipo de coisa. Fora o que Ned Willard dera a entender. Ele visitava Kingsbridge uma ou duas vezes por ano, e Margery costumava vê-lo na catedral e falava com ele, embora seu rosto e sua voz lhe provocassem pensamentos errados. Segundo ele, Elizabeth não tinha interesse em punir católicos. No entanto, acrescentara Ned, como se estivesse lhe fazendo um alerta pessoal, qualquer um que desafiasse a autoridade da rainha como líder da Igreja da Inglaterra ou, pior ainda, que questionasse o seu direito ao trono seria tratado com dureza.

Margery não buscava fazer afirmações políticas. Ainda assim, não conseguia se sentir segura. Achava que seria um erro relaxar a vigilância. Monarcas podiam mudar de ideia.

O medo era uma presença constante em sua vida, como o sino tocando em um funeral distante, mas isso não a impedia de cumprir seu dever. Empolgava-a o fato de ter sido escolhida como a responsável por preservar a verdadeira religião no condado de Shiring, e ela aceitava que o perigo fazia parte da missão.

Se aquilo um dia a pusesse em sérios apuros, tinha certeza de que encontraria forças para lidar com a questão. Ou quase certeza.

Sua congregação se protegeria indo a pé, ainda naquela manhã, até a aldeia seguinte, onde um sacerdote celebraria um culto protestante usando o livro de preces autorizado por Elizabeth e a Bíblia em língua inglesa introduzida por seu herege pai, o rei Henrique VIII. De toda forma, eles tinham de ir: a multa por não frequentar a igreja era de 1 xelim, e ninguém em Tench tinha 1 xelim sobrando.

Margery foi a primeira a receber a comunhão, de modo a dar coragem aos outros. Então se pôs de lado para observar os fiéis. Seus rostos castigados de camponeses se iluminavam ao receber o sacramento que lhes fora negado por tanto tempo. Por fim, a avó Harborough foi carregada até a frente da capela. Quase certamente aquela seria sua última vez. Seu rosto enrugado foi tomado pela alegria. Margery pôde imaginar o que ela estava pensando. Sua alma estava salva, e ela estava em paz.

Agora podia morrer feliz.

ii

Certa manhã, na cama, Susannah, viúva do conde de Brecknock, falou:

– Se eu fosse vinte anos mais jovem, me casaria com você, Ned Willard, me casaria mesmo.

Susannah tinha 45 anos e era prima do conde Swithin. Ned a conhecia de vista desde a infância, porém jamais sonhara em virar seu amante. Ela estava deitada ao seu lado, com a cabeça sobre o seu peito e uma coxa roliça jogada por cima dos seus joelhos. Ned podia se imaginar casado com ela. Susannah era inteligente, engraçada e libidinosa feito um gato vadio. Fazia coisas na cama das quais ele nunca ouvira falar, e o levava a fazer brincadeiras que ele sequer imaginara. Tinha um rosto sensual, olhos castanhos afetuosos e fartos seios macios. E, principalmente, ela o ajudava a parar de pensar em Margery na cama com Bart.

– Mas é claro que isso é uma péssima ideia – disse ela. – Já passei da idade de gerar filhos. Poderia ajudar na carreira de um rapaz, mas, com sir William

Cecil como mentor, você não precisa de ajuda. E eu sequer tenho uma fortuna para lhe deixar.

E eles não estavam apaixonados, pensou Ned, embora não tenha dito. Gostava muito de Susannah, e ela havia lhe proporcionado um prazer intenso durante um ano, mas não chegava propriamente a amá-la, e tinha quase certeza de que ela tampouco o amava. Antes, sequer sabia que um relacionamento como aquele era possível. Aprendera muito com ela.

– Além do mais, não tenho certeza de que você algum dia vá esquecer a pobre Margery – completou ela.

A única desvantagem de uma amante mais velha, aprendera Ned, era que não podia esconder nada dela. Não sabia como Susannah fazia isso, mas ela adivinhava tudo, até mesmo coisas que ele não queria que soubesse. *Principalmente* coisas que ele não queria que soubesse.

– Margery é uma moça linda e merecia você – continuou Susannah. – Mas a família dela estava desesperada para entrar para a nobreza, então simplesmente a usou.

– Os homens da família Fitzgerald são a escória da Terra – disse Ned, arrebatado. – Eu os conheço bem demais.

– Sem dúvida. Infelizmente, casamento é mais do que estar apaixonado. Eu, por exemplo, preciso muito me casar de novo.

Ned ficou estarrecido.

– Por quê?

– Uma viúva é um estorvo. Eu poderia morar com meu filho, mas na verdade nenhum rapaz quer a mãe por perto o tempo todo. A rainha Elizabeth gosta de mim, mas uma mulher solteira na corte é sempre vista como enxerida. E, se for bonita, deixa as casadas nervosas. Não, eu preciso de um marido, e Robin Twyford será perfeito.

– Vai se casar com lorde Twyford?

– Vou, acho que sim.

– Ele já sabe?

Ela riu.

– Não, mas ele me acha maravilhosa.

– Você é maravilhosa, mas seria um desperdício se casar com Robin

Twyford.

– Não seja condescendente. Ele tem 55 anos, mas é ativo, inteligente e me faz rir.

Ned entendeu que deveria se mostrar elegante.

– Minha querida, eu espero que você seja muito feliz.

– Que Deus o abençoe.

– Vai ao teatro hoje?

– Sim.

Assim como ele, Susannah adorava peças teatrais.

– Nós nos veremos lá, então.

– Se Twyford estiver lá, seja agradável com ele. Nada de ciúmes bobos.

O ciúme de Ned tinha outro foco, mas ele não disse isso.

– Eu prometo.

– Obrigada.

Ela chupou seu mamilo.

– Que gostoso.

Ned ouviu o sino da igreja de St. Martin-in-the-Fields.

– Mas preciso ir falar com Sua Majestade – lembrou-se ele.

– Ainda não precisa, não.

Susannah chupou seu outro mamilo.

– Mas em breve precisarei.

– Não se preocupe – disse ela, rolando para cima dele. – Serei rápida.

Meia hora mais tarde, Ned estava andando a passos rápidos pela Strand.

A rainha Elizabeth ainda não tinha nomeado outro bispo para substituir Julius em Kingsbridge e Ned queria que ela escolhesse para o cargo o deão da cidade, Luke Richards. O deão Luke era o homem certo... além de ser também amigo dos Willards.

Todos na corte queriam cargos para seus amigos, contudo Ned hesitava em importunar a rainha com suas preferências. Nos anos desde que começara a trabalhar para Elizabeth, havia aprendido com que rapidez sua amizade podia azedar quando um cortesão perdia de vista quem servia a quem. Assim, havia esperado a hora certa. Mas nesse dia a rainha planejava conversar sobre bispos com seu secretário de Estado, sir William Cecil, e Cecil dissera a Ned para estar

presente.

O palácio chamado White Hall era um complexo de dezenas de edifícios, pátios e jardins que incluía uma quadra de tênis. Ned sabia o caminho até os aposentos reais e passou rapidamente pela sala da guarda até uma grande sala de espera. Ficou aliviado ao constatar que Cecil ainda não chegara. Susannah fora rápida, conforme prometido, e não o atrasara além da conta.

Na antecâmara estava também o embaixador da Espanha, Álvaro de la Quadra. Irrequieto, o espanhol andava de um lado para outro com um ar zangado, embora Ned desconfiasse que a emoção talvez fosse pelo menos em parte fingida. Que trabalho difícil o de um embaixador, refletiu: quando seu líder ficava impaciente, ele precisava transmitir essa emoção, quer partilhasse dela ou não.

Passaram-se apenas alguns minutos até o secretário de Estado entrar e levar Ned consigo até a câmara presencial.

Aos 30 anos, a rainha Elizabeth havia perdido o frescor juvenil que outrora a tornava quase bonita. Estava mais gorda, e seu gosto por doces lhe estragara os dentes. Mas nesse dia ela estava de bom humor.

– Antes de passarmos aos bispos, vamos mandar entrar o embaixador espanhol – falou.

Ned imaginou que ela estivesse esperando Cecil, pois não queria estar sozinha na hora de confrontar Quadra, que representava o monarca mais poderoso da Europa.

Os cumprimentos de Quadra à rainha foram tão sucintos que beiraram a ofensa, e ele então falou:

- Um galeão espanhol foi atacado por piratas ingleses.
- Lamento muito ouvir isso – disse a rainha.
- Três nobres morreram! Vários marinheiros também, e o navio foi seriamente danificado antes que os piratas fugissem.

Ned leu nas entrelinhas e adivinhou que o galeão houvesse levado a pior no confronto. O orgulho do rei Filipe estava ferido, daí sua ira.

– Infelizmente, temo não ser capaz de controlar o que meus súditos fazem quando estão no mar e longe de casa – disse Elizabeth. – Nenhum monarca consegue fazer isso.

Aquilo era apenas meia verdade. Era difícil controlar navios no mar, mas o outro lado da história era que Elizabeth não tentava com muito afinho. Navios mercantes conseguiam se safar após assassinatos por causa do papel que desempenhavam na segurança do reino. Em tempos de guerra, o soberano podia convocar as embarcações mercantes a unirem forças com a Marinha real. Juntos, esses navios formavam a principal defesa de um país insular sem um exército regular. Elizabeth era como a dona de um cão bravo útil na hora de afugentar intrusos.

– Mas, enfim, onde isso aconteceu? – quis saber ela.

– Ao largo de Espanhola.

Cecil, que havia estudado direito em Gray's Inn, perguntou:

– E quem disparou o primeiro tiro?

Era uma pergunta astuta.

– Não tenho essa informação – respondeu Quadra.

Ned interpretou isso como uma admissão de que tinham sido os espanhóis. Quadra chegou perto de confirmar essa suspeita ao deixar escapar a frase seguinte.

– Embora um navio de Sua Majestade, o rei Filipe, estivesse plenamente justificado a atirar em qualquer embarcação envolvida em atividades criminosas.

– De que tipo de crime estamos falando? – indagou Cecil.

– O navio inglês não tinha permissão para ir até a Nova Espanha. Nenhum navio estrangeiro pode fazer isso.

– E sabemos o que o capitão estava fazendo no Novo Mundo?

– Vendendo escravos!

– Deixe eu me certificar de que estou acompanhando – disse Elizabeth, e Ned se perguntou se Quadra podia ouvir, com a mesma clareza que ele, o tom perigoso em sua voz. – Uma embarcação inglesa, que está inocentemente fazendo negócios em Espanhola com compradores receptivos, é alvejado por um galeão espanhol... e o *senhor* vem reclamar *comigo* porque os ingleses revidaram?

– Eles estavam cometendo um crime pelo simples fato de estarem lá! Vossa Majestade sabe muito bem que o papa concedeu aos reis de Espanha e Portugal jurisdição sobre todo o Novo Mundo.

A voz da rainha se fez gélida:

– E Sua Majestade, o rei Filipe, sabe muito bem que o papa não tem autoridade para conceder esta ou aquela parte da Terra de Deus a um ou outro monarca ao seu bel-prazer!

– O santo padre, em sua sabedoria...

– Corpo de Deus! – explodiu Elizabeth, usando uma interjeição que ofendia profundamente católicos como Quadra. – Se vocês alvejam ingleses pelo simples fato de estarem no Novo Mundo, seus navios precisam assumir os riscos! Não venha reclamar comigo das consequências. Está dispensado.

Quadra curvou-se, em seguida adotou um ar dissimulado.

– Não quer saber o nome do navio inglês?

– Diga-me.

– Era o *Hawk*, baseado em Combe Harbour e capitaneado por Jonas Bacon.

Quadra olhou para Ned.

– O mestre de artilharia é alguém chamado Barnabas Willard.

– Meu irmão! – arquejou Ned.

– Seu irmão – disse Quadra com uma satisfação evidente. – E, segundo as leis aceitas por todos, um pirata.

Ele tornou a se curvar diante da rainha.

– Desejo humildemente um bom dia a Vossa Majestade.

Depois que ele saiu, Elizabeth perguntou a Ned:

– Você sabia?

– Sabia em parte – respondeu ele, tentando organizar os pensamentos. – Três anos atrás, meu tio Jan, da Antuérpia, me escreveu dizendo que Barney estava a caminho de casa a bordo do *Hawk*. A esta altura, já tínhamos adivinhado que o seu curso fora desviado. Mas não fazíamos ideia de que ele poderia ter cruzado o Atlântico!

– Espero que ele chegue em casa com segurança – disse a rainha. – Agora, falando em Kingsbridge, quem podemos nomear bispo?

Ainda atarantado com as notícias de Barney, Ned deixou passar sua deixa. Após uma pausa, contudo, Cecil o instigou:

– Ned conhece um candidato adequado.

O rapaz disse:

– Luke Richard. Quarenta e cinco anos de idade. Ele já é o deão.
– Amigo seu, suponho – disse a rainha com desdém.
– Sim, Majestade.
– Como ele é?
– Um moderado. É um bom protestante... embora a honestidade me obrigue a revelar a Vossa Majestade que cinco anos atrás ele era um bom católico.
Cecil desaprovou o comentário com um franzir de cenho, mas a rainha Elizabeth riu com gosto.
– Excelente – disse ela. – Exatamente o tipo de bispo que me agrada!

iii

Margery estava casada havia cinco anos, e em todos os dias de todos esses anos havia pensado em fugir.

Pelos padrões vigentes, Bart Shiring não era um mau marido. Nunca batera nela. Ela precisava se submeter a relações sexuais com ele de vez em quando, mas na maior parte do tempo ele obtinha seu prazer em outro lugar, de modo que nesse quesito era igual à maioria dos nobres. Decepcionava-o que os dois não tivessem filhos, e todos os homens acreditavam que essa falha fosse culpa da mulher, mas ele não a acusava de bruxaria, como teriam feito alguns maridos. Mesmo assim, ela o detestava.

Seu sonho de fuga assumia muitas formas. Ela pensou em entrar para um convento francês, mas é claro que Bart a encontraria e a traria de volta. Poderia cortar os cabelos, vestir-se de homem e fugir para o mar, mas não existia privacidade num navio, e ela seria descoberta em apenas um dia. Poderia selar seu cavalo preferido um dia de manhã e simplesmente nunca mais voltar, mas para onde iria? Londres a atraía, mas como conseguiria ganhar a vida? Tinha alguma ideia de como o mundo funcionava, e todos sabiam que moças que fugiam para a cidade grande em geral acabavam se prostituindo.

Havia momentos em que ela se sentia tentada pelo pecado do suicídio.

O que a mantinha viva era seu trabalho clandestino para os católicos tão carentes da Inglaterra. Aquilo dava sentido à sua existência – além de ser empolgante, ainda que assustador. Sem essa atividade, ela não teria sido nada

além de uma triste vítima das circunstâncias. Com ela, era uma aventureira, uma fora da lei, uma agente secreta de Deus.

Quando Bart estava longe de casa, sentia-se quase feliz. Gostava de ter a cama só para si: ninguém roncando, arrotando ou saindo da cama no meio da noite para mijar no penico. Gostava de ficar sozinha de manhã enquanto se lavava e se vestia. Gostava do seu *boudoir*, com sua pequena prateleira de livros e as plantas em jarras. Podia voltar para o quarto à tarde e ficar sentada lendo poesia ou estudando sua Bíblia em latim sem que lhe perguntassem com desprezo por que qualquer pessoa normal iria querer fazer uma coisa dessas.

Isso não acontecia com frequência suficiente. Quando Bart viajava, em geral era para Kingsbridge, e nesse caso Margery o acompanhava, aproveitando a oportunidade para visitar amigos e fazer contato com os católicos clandestinos de lá. Mas dessa vez Bart fora a Combe Harbour, e ela estava aproveitando os momentos sozinha.

Aparecia na hora do jantar, claro. O conde Swithin havia tornado a se casar, com uma moça mais jovem do que ela, mas a jovem condessa morrera dando à luz o primogênito natimorto. Assim, Margery se tornara novamente a chefe da casa, e as refeições eram responsabilidade sua. Nessa noite, ela encomendara um cordeiro com mel e canela. À mesa estavam apenas o conde e Stephen Lincoln, que agora vivia em New Castle: oficialmente, era o secretário do conde, mas na realidade era seu padre. Todos os domingos, rezava a missa na capela para a família e a criadagem, exceto quando ele e Margery estavam fora fazendo a mesma coisa em algum outro lugar.

Embora todos fossem discretos, não havia como uma prática dessas continuar escondida para sempre. A essa altura, várias pessoas já sabiam ou desconfiavam que missas católicas fossem celebradas em New Castle e provavelmente por toda a Inglaterra. Os puritanos do Parlamento, todos homens, claro, ficavam furiosos com isso. Mas a rainha Elizabeth se recusava a aplicar as leis. Era um compromisso que Margery começava a reconhecer como típico dela. A rainha era uma herege, mas era também uma mulher sensata, e Margery agradecia a Deus por isso.

Retirou-se da mesa do jantar assim que a educação permitiu. Tinha uma desculpa genuína: sua governanta estava doente, provavelmente à beira da

morte, e queria se certificar de que a pobre mulher estivesse o mais confortável possível para passar a noite.

Encaminhou-se para a ala dos criados. Sal Brendon estava deitada numa alcova situada em uma das laterais da cozinha. Ela e Margery tinham tido um começo atribulado cinco anos antes, mas a viscondessa aos poucos fizera dela uma aliada e, no fim das contas, as duas haviam passado a administrar a casa como uma equipe.

Infelizmente, Sal desenvolvera um caroço em um dos volumosos seios e, ao longo do último ano, passara de uma mulher de meia-idade carnuda e sensual a um esqueleto coberto de pele. O tumor de Sal rompera a pele e se espalhara pelo ombro. Ficava enfaixado por camadas de ataduras, numa tentativa de conter o mau cheiro.

Margery a incentivou a beber um pouco de xerez e passou algum tempo conversando com ela. Com resignação e amargura, Sal confessou que havia semanas o conde não se dava ao trabalho de ir vê-la. Sentia que desperdiçara a vida tentando fazer feliz um homem ingrato.

Margery se recolheu ao seu quarto e tentou se alegrar com um engraçadíssimo livro francês chamado *Pantagruel*, a história de uma raça de gigantes, alguns dos quais tinham testículos tão grandes que três davam para encher um saco. Stephen Lincoln não teria aprovado aquele livro, mas na verdade o texto era inofensivo. Ela passou uma hora sentada junto à vela, rindo baixinho de vez em quando, então se despiu.

Dormia vestida com uma camisola na altura do joelho. A cama era de baldaquino, mas ela mantinha as cortinas abertas. A casa tinha janelas altas, e a lua era crescente, de modo que o quarto não estava de todo às escuras. Ela se enfiou debaixo das cobertas e fechou os olhos.

Teria gostado de mostrar *Pantagruel* a Ned Willard. Ele adoraria as fantásticas invenções cômicas do autor, do mesmo jeito que havia adorado a peça sobre Maria Madalena ali em New Castle. Sempre que deparava com algo interessante ou fora do comum, ela se perguntava o que Ned teria dito a respeito.

Muitas vezes pensava nele à noite. Como uma boba, sentia que seus pensamentos eram mais secretos quando estava deitada no escuro. Lembrou-se então da primeira vez que Ned e ela haviam se beijado e se acariciado, no velho

forno, e desejou que tivessem ido mais longe. A lembrança a fez sentir um calor aconchegante por dentro. Sabia que era pecado se tocar lá embaixo, mas, como às vezes acontecia, nessa noite a sensação a dominou mesmo sem o toque, e ela pressionou as coxas uma contra a outra e navegou nas ondas do prazer.

Depois, ficou triste. Pensou nos arrependimentos de Sal Brendon e se imaginou no próprio leito de morte. Imaginou se estaria tão amargurada quanto a governanta. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela estendeu a mão para um pequeno baú onde guardava seus pertences pessoais, ao lado da cama, e pegou um lenço de linho bordado com bolotas de carvalho. Era o lenço de Ned: ela nunca o devolvera. Enterrou o rosto ali e imaginou que estava com ele outra vez e que ele encostava o tecido delicadamente em suas faces para secar seu pranto.

Foi então que ouviu uma respiração.

Não havia trancas em New Castle, mas ela em geral fechava a porta do quarto. Só que não a ouvira se abrir. Talvez a houvesse deixado entreaberta. Mas quem iria entrar sem fazer barulho?

A respiração podia ser de um cachorro: os cães de caça do conde tinham permissão para perambular pelos corredores durante a noite. Um deles podia ter entrado por curiosidade. Ela escutou com atenção: a respiração estava contida, como a de um homem se esforçando para ser silencioso... Cães não conseguiam fazer isso.

Abriu os olhos e sentou na cama, o coração acelerado. Na claridade prateada do luar, distinguiu a forma de um homem de camisolão.

– Saia do meu quarto – ordenou com firmeza, mas houve um tremor em sua voz.

Seguiu-se um instante de silêncio. Estava escuro demais para identificar o homem. Teria Bart chegado sem avisar? Não... Ninguém viajava depois de escurecer. Não podia ser um criado: qualquer um deles arriscaria a morte entrando no quarto de uma nobre à noite. Não podia ser Stephen Lincoln, pois Margery tinha certeza de que ele não era atraído por camas de mulheres... Se fosse pecar dessa forma, seria com um garoto bonito.

Então o homem falou:

– Não tenha medo.

Era Swithin.

– Vá embora – pediu Margery.

Ele se sentou na beirada da cama.

– Estamos os dois solitários.

Suas palavras saíam um pouco arrastadas, como sempre acontecia ao final da noite.

Margery se mexeu para ficar em pé, mas ele a deteve com um braço forte.

– Você sabe que quer.

– Não quero, não!

Ela se debateu para se desvencilhar, mas o conde era um homem grande e forte e não havia bebido o suficiente para fraquejar.

– Gosto de um pouco de resistência – falou.

– Me solte! – gritou ela.

Com a mão livre, ele puxou as cobertas da cama. A camisola de Margery estava embolada em volta do quadril, e ele encarou suas coxas com um ar de luxúria. Irracionalmente, ela sentiu vergonha e tentou cobrir a nudez com as mãos.

– Ah – disse ele, com prazer. – Tímida.

Ela não sabia o que fazer para se livrar.

Com uma rapidez surpreendente, ele a segurou pelos dois tornozelos e deu um forte puxão. Ela foi arrastada para o pé da cama, e caiu de costas no colchão. Enquanto ainda estava paralisada pelo susto, o sogro pulou na cama e se deitou por cima dela. Era pesado, e seu hálito fedia. Apalpou seus seios com a mão mutilada.

A voz de Margery saiu num ganido agudo.

– Vá embora agora, senão eu grito e todos vão saber.

– Direi a eles que você me seduziu – retrucou Swithin. – Eles vão acreditar em mim, não em você.

Ela congelou. Sabia que ele estava certo. As pessoas diziam que as mulheres, diferentemente dos homens, eram incapazes de controlar os próprios desejos. Margery achava que fosse o contrário. Mas podia imaginar as cenas de acusação, todos os homens defendendo o conde e todas as mulheres olhando-a desconfiadas. Bart ficaria dividido, pois conhecia bem o pai, mas no fim das contas talvez não tivesse coragem de contrariar o conde.

Ela sentiu Swithin levantar o camisolão. Talvez ele sofresse de impotência, pensou, com uma ponta de esperança. Isso às vezes acontecia com Bart, geralmente quando exagerava no vinho, embora ele sempre a culpasse por deixá-lo sem vontade. Swithin com certeza havia bebido bastante.

Mas não demais. Ela sentiu a pressão do pênis dele contra si, e a esperança se evaporou.

Apertou as pernas uma contra a outra. O conde tentou separá-las à força. Mas foi uma tentativa sem jeito: teve de apoiar o peso considerável em um dos cotovelos enquanto enfiava a outra mão entre as coxas dela. A frustração o fez grunhir. Talvez ela conseguisse dificultar tanto as coisas que ele perderia a ereção e desistiria, enojado.

– Abra as pernas, vadia – sibilou ele.

Margery as fechou mais ainda.

Com a mão livre, ele lhe deu um soco na cara.

Foi como uma explosão. Swithin era um homem forte fisicamente, com ombros largos e braços musculosos, e já tinha desferido muitos socos na vida. Margery não fazia ideia de que um golpe daqueles pudesse doer tanto. Teve a sensação de que sua cabeça iria se desprender do pescoço. A boca se encheu de sangue. Por um instante, ela perdeu a capacidade de resistir e, nesse momento, ele separou suas coxas à força e enfiou o pênis nela.

Depois disso, não demorou muito. Ela suportou as arremetidas dele tomada de torpor. Seu rosto doía tanto que ela mal conseguia sentir o restante do corpo. Ele acabou e rolou para longe dela, arfante.

Ela se levantou da cama, foi até o canto do quarto, sentou-se no chão e segurou a cabeça dolorida. Um minuto depois, ouviu-o sair pisando macio e ainda arfando.

Limpou o rosto com o lenço que, para sua surpresa, ainda estava em sua mão. Quando teve certeza de que ele fora embora, voltou para a cama. Ficou deitada, chorando baixinho, até o sono lhe trazer uma abençoada inconsciência.

Pela manhã, poderia ter pensado que fora um sonho, não fosse a dor excruciante na lateral do rosto. Olhou-se num espelho e viu a face inchada e roxa. Durante o desjejum, inventou uma história de que tinha caído da cama: não se importava se acreditassem, mas acusar o conde lhe causaria ainda mais

problemas.

Swithin fez um desjejum farto e agiu como se nada houvesse acontecido.

Assim que ele saiu da mesa, Margery disse ao criado para se retirar e foi se sentar ao lado de Stephen.

– Swithin foi ao meu quarto ontem à noite – falou, em voz baixa.

– Para quê? – indagou Stephen.

Ela o encarou. Ele era padre, mas tinha 28 anos e estudara em Oxford, de modo que não podia ser de todo inocente.

Após alguns instantes, ele fez:

– Ah!

– Ele me forçou.

– A senhora se debateu?

– Claro, mas ele é mais forte do que eu.

Margery tocou o rosto inchado com a ponta dos dedos, tomando cuidado para não pressionar.

– Eu não caí da cama. Isto aqui foi o punho dele.

– A senhora gritou?

– Ameacei gritar. Ele falou que diria para todo mundo que eu o seduzi. E que as pessoas iriam acreditar nele, não em mim. Nisso ele tem razão... como o senhor deve saber.

Stephen pareceu constrangido.

Houve um silêncio. Por fim, Margery perguntou:

– O que devo fazer?

– Orar pelo perdão – respondeu Stephen.

Ela franziu o cenho.

– O que disse? Não entendi.

– Peça perdão pelo pecado. Deus terá misericórdia.

A voz de Margery se elevou:

– Que pecado? Não cometi pecado nenhum! Eu fui vítima de um pecado...

Como o senhor pode me dizer para pedir perdão?

– Não grite! Estou lhe dizendo que Deus vai perdoar o seu adultério.

– E o pecado dele?

– Do conde?

– Sim. Ele cometeu um pecado muito maior do que o adultério. O que o senhor vai fazer a respeito?

– Eu sou padre, não representante da rainha no condado.

Ela o encarou, incrédula.

– É isso? É essa a sua resposta para uma mulher que foi violentada pelo sogro? Dizer que o senhor não é o representante da rainha?

Stephen olhou para o outro lado.

Margery se levantou.

– Seu verme! – falou. – Seu verme imundo!

E saiu da sala.

Teve vontade de renunciar à religião, mas isso não durou muito. Pensou em Jó, cujas tribulações tinham sido um teste para sua fé. “Maldiga Deus e morra”, dissera-lhe sua mulher, mas Jó havia recusado. Se todos que cruzassem com um padre abominável rejeitassem Deus, não sobrariam muitos cristãos. Mas o que ela iria fazer? Bart só voltaria no dia seguinte. E se Swithin aparecesse de novo naquela noite?

Passou o dia fazendo planos. Pediu a uma jovem criada, Peggy, que dormisse no seu quarto, numa esteira ao pé da cama. Era comum mulheres solteiras terem uma criada consigo à noite, mas Margery nunca havia gostado desse costume. Agora via que havia motivos para isso.

Arrumou um cachorro. Havia sempre alguns filhotes espalhados pelo castelo, e ela encontrou um jovem o bastante para aprender a lhe ser leal. O cãozinho não tinha nome, e ela o apelidou de Mick. Ele poderia fazer barulho à noite e, com o tempo, poderia protegê-la.

Ficou assombrada com o comportamento de Swithin durante o dia. Tornou a vê-lo no almoço e no jantar. Ele mal lhe dirigiu a palavra, o que era normal, e conversou com Stephen Lincoln sobre assuntos da atualidade: o Novo Mundo, construção naval e a indecisão da rainha Elizabeth em relação a quem deveria desposar. Era como se ele houvesse esquecido o crime cruel que cometera à noite.

Ao ir para a cama, ela fechou a porta com firmeza e então, com a ajuda de Peggy, arrastou uma cômoda para a frente da porta. Desejou que o móvel fosse mais pesado, mas nesse caso elas não teriam conseguido movê-lo.

Por fim, pôs um cinto por cima da camisola e prendeu ali uma pequena faca numa bainha. Decidiu arrumar uma adaga maior assim que conseguisse.

A pobre Peggy ficou apavorada, mas Margery não explicou o que estava fazendo, pois isso exigiria que acusasse o conde.

Peggy apagou as velas e se enroscou sobre a esteira. Mick ficou intrigado com aquele novo ambiente, mas suportou a mudança com uma indiferença canina e foi se deitar em frente à lareira.

Margery se deitou na cama. Não conseguia se apoiar no lado esquerdo porque o contato fazia doer demais seu rosto machucado, mesmo com um travesseiro de penas. Deitou-se de costas e manteve os olhos bem abertos. Sabia que não iria dormir, do mesmo jeito que sabia que não sairia voando pela janela.

Se pelo menos conseguisse passar por aquela noite, pensou. No dia seguinte, Bart voltaria para casa. Depois disso ela se certificaria de jamais ficar sozinha com Swithin. Mas na mesma hora em que disse isso a si mesma entendeu que não era possível. Quem decidia se ela o acompanharia ou não era Bart, e ele nem sempre consultava seus desejos. Provavelmente a deixava no castelo quando o plano era visitar alguma amante ou levar os amigos a um bordel ou se dedicar a algum outro entretenimento no qual seria embaraçoso ter a companhia da esposa. Margery não podia contrariar seus desejos sem motivo, nem podia revelar sua razão. Estava encurralada, e Swithin sabia disso.

O único jeito era matá-lo. Mas, se fizesse isso, seria enforcada. Nenhuma desculpa a ajudaria a escapar da punição.

A menos que ela conseguisse fazer parecer um acidente...

Será que Deus a perdoaria? Talvez. Com certeza não era sua intenção ser estuprada.

Enquanto refletia sobre isso, a maçaneta da porta foi sacudida.

Mick deu um latido nervoso.

Alguém estava tentando entrar. Com uma voz assustada, Peggy indagou:

– Quem pode ser?

A maçaneta tornou a girar, e ouviu-se então um barulho de batida quando a porta se chocou contra a cômoda.

– Vá embora! – disse Margery, alto.

Ouviu um grunhido lá fora, como o de um homem fazendo esforço, e então a

cômoda se moveu.

Peggy deu um grito e Margery pulou da cama.

A cômoda se arrastou no piso, a porta se abriu o suficiente para um homem passar e Swithin entrou vestido apenas com seu camisolão.

Mick latiu para ele. Swithin desferiu um chute e acertou o peito do filhote. O cachorro soltou um ganido aterrorizado e saiu chispando pela brecha da porta.

Swithin viu Peggy e falou:

– Vá embora antes que eu chute você também.

A garota saiu correndo.

Swithin deu um passo na direção de Margery.

Ela sacou a faca do cinto.

– Se não for embora, eu o mato.

Swithin atacou com o braço esquerdo, um movimento largo que atingiu o pulso direito de Margery com a mesma força de um martelo. A faca saiu voando da mão dela. Ele a segurou pela parte superior dos braços, levantou-a do chão sem qualquer esforço e a jogou de volta na cama. Então montou nela.

– Abra as pernas – falou. – Você sabe que quer.

– Eu odeio você – disse ela.

Ele ergueu o punho.

– Abra as pernas ou eu lhe dou um soco no mesmo lugar de antes.

Margery não conseguia suportar ser tocada no rosto e sentiu que, se ele lhe desse um soco, iria morrer. Começou a chorar, impotente, e afastou as coxas.

iv

Rollo Fitzgerald fazia todo o possível para controlar os movimentos dos puritanos de Kingsbridge. Sua maior fonte de informação era Donal Gloster, o principal escrevente de Dan Copley. A motivação de Donal era dupla: ele detestava os Cobileys por ter sido rejeitado como pretendente à mão de sua filha e cobiçava o dinheiro de Rollo porque Dan o pagava mal.

Rollo tinha encontros regulares com Donal numa taberna chamada Cock, que ficava em Gallows Cross. Na verdade, a taberna era um bordel, de modo que Rollo podia alugar um quarto privativo onde os dois conseguiam conversar sem

que ninguém os observasse. Se algumas das moças fofocasse sobre os encontros, todos partiriam do princípio de que eles eram amantes. Isso era pecado e crime, mas homens que fofocavam com prostitutas não estavam em condições de acusar ninguém.

– Dan está zangado porque o deão Luke virou bispo – afirmou Donal certo dia, no outono de 1563. – Os puritanos acham que Luke vai aonde o vento soprar.

– Eles têm razão – disse Rollo com desdém.

Mudar as próprias crenças a cada troca de monarca era chamado de “política”, e as pessoas que agiam assim eram conhecidas como “políticos”. Rollo as detestava.

– Imagino que a rainha tenha escolhido Luke devido à sua maleabilidade. Quem Dan queria que fosse o bispo?

– Padre Jeremiah.

Rollo aquiesceu. Jeremiah era o pároco da Igreja de São João em Loversfield, um bairro no sul de Kingsbridge. Embora sempre houvesse sido um reformista, havia permanecido na Igreja. Ele teria sido um bispo altamente intolerante a quem sentisse saudade dos antigos costumes.

– Graças a Deus Dan não conseguiu o que queria.

– Ele não desistiu.

– Do que está falando? A decisão está tomada. A rainha já anunciou. Luke vai ser sagrado depois de amanhã.

– Dan tem planos. Foi por isso que pedi para encontrá-lo. Você vai se interessar.

– Continue.

– Para a sacração do novo bispo, o clero sempre manda buscar Santo Adolfo.

– Ah, sim.

Havia séculos que a catedral de Kingsbridge abrigava a ossada de Santo Adolfo. Os ossos ficavam num relicário cravejado de pedras preciosas exposto na chancela da igreja. Romeiros vinham de toda a Europa ocidental rezar ao santo pedindo saúde e sorte.

– Mas talvez Luke desta vez deixe os ossos onde estão – falou Rollo.

Donal fez que não com a cabeça.

– Luke vai levá-los na procissão, porque é isso que o povo de Kingsbridge quer. Segundo ele, como ninguém vai venerar os ossos, não é idolatria. Eles só estão reverenciando a memória do santo.

– Sempre com meios-termos, esse Luke.

– Os puritanos acham isso uma blasfêmia.

– Nenhuma surpresa nisso.

– No domingo, eles vão intervir.

Rollo arqueou as sobrancelhas. Aquilo era interessante.

– O que eles vão fazer?

– Quando os ossos forem levantados durante a cerimônia, vão se apoderar do relicário e profanar os restos mortais do santo... enquanto clamam a Deus para abatê-los ali mesmo, caso os reprove.

Rollo ficou chocado.

– Eles fariam isso com as relíquias que os padres de Kingsbridge guardam com tanto amor há quinhentos anos?

– Sim.

Até mesmo a rainha Elizabeth reprovava esse tipo de coisa. Houvera muita iconoclastia durante o reinado de Eduardo VI, mas Elizabeth fizera aprovar uma lei que tornava crime destruir quadros e objetos pertencentes à Igreja. No entanto, a proibição tivera apenas sucesso parcial: havia muitos protestantes extremistas.

– Eu não deveria estar tão surpreso assim – disse Rollo.

– Pensei que fosse gostar de saber.

Nisso Donal tinha razão. Um segredo era uma arma. Mais do que isso, porém, ter um conhecimento que os outros não tinham sempre deixava Rollo exultante. À noite, ele podia pensar no que descobrira e se sentir poderoso.

Levando a mão ao bolso, ele entregou a Donal cinco das moedas de ouro chamadas *angels*, cada qual no valor de 10 xelins, ou meia libra esterlina.

– Muito bem – elogiou.

Donal embolsou o dinheiro com um ar satisfeito.

– Obrigado.

Rollo não pôde evitar pensar em Judas Iscariotes e suas trinta moedas de prata.

– Mantenha contato – falou e saiu.

Atravessou a ponte de Merthin até o centro da cidade e subiu a rua principal. O ar de outono trazia um frio cortante que parecia intensificar sua empolgação. Ao erguer os olhos para as antiquíssimas pedras sagradas da catedral, ele estremeceu de horror ao pensar na blasfêmia que estava sendo planejada e jurou impedi-la.

Então lhe ocorreu que ele talvez pudesse fazer mais do que isso. Será que haveria um jeito de transformar o incidente em vantagem?

Caminhando devagar e mergulhado em pensamentos, entrou em Priory Gate, o palácio de seu pai. Aquela construção quase levava os Fitzgeralds à falência. No final, porém, quem perdera tudo foram os Willards. Agora com cinco anos, a casa havia perdido seu brilho de nova e se assentado. O cinza-claro das pedras, extraídas da mesma pedreira que as da catedral, haviam escurecido um pouco com a chuva da Inglaterra e a fumaça das duas mil lareiras de Kingsbridge.

O conde Swithin estava visitando a residência, acompanhado por Bart e Margery. Tinham vindo assistir à sagração do novo bispo. Estavam hospedados na casa do conde na ilha dos Leprosos, mas passavam a maior parte do tempo em Priory Gate, e Rollo torceu para estarem lá ainda, pois estava louco para contar as novidades a Swithin. O conde ficaria ainda mais indignado do que ele.

Subiu a escadaria de mármore e entrou na saleta de sir Reginald. Embora houvesse cômodos mais grandiosos na casa, era ali que todos se reuniam para falar sobre negócios. Sir Reginald, agora idoso o bastante para ser sensível ao frio, acendera a lareira. Seus hóspedes estavam presentes, e havia uma jarra de vinho sobre uma mesinha.

Rollo sentiu orgulho ao ver o chefe do condado à vontade naquela casa. Sabia que o pai estava igualmente orgulhoso, embora Reginald nunca comentasse nada. Na presença de Swithin, contudo, ele se tornava mais contido e mais judicioso em suas conversas, apresentando-se como um conselheiro sábio e experiente e reprimindo seu lado impulsivo e beligerante.

Bart estava ao lado de Swithin. Fisicamente, era uma versão mais jovem do conde, embora não tivesse um temperamento tão forte. Bart tinha adoração pelo pai poderoso e assertivo, mas talvez jamais conseguisse se equiparar a ele.

A velha guarda continua aqui, pensou Rollo, apesar de Elizabeth. Eles

havam sofrido revezes, mas não foram derrotados.

Ele se sentou ao lado de Margery e aceitou um copo de vinho oferecido pela mãe. Estava um pouco preocupado com a irmã. Apesar de ter só 20 anos, ela parecia mais velha. Havia emagrecido, perdido a cor das faces, e estava com um hematoma no maxilar. A irmã sempre tivera orgulho da própria aparência, chegando a ser até vaidosa, na sua opinião, mas nesse dia usava um vestido sem graça e tinha os cabelos ensebados e desalinhados. Rollo não tinha dúvida de que ela era infeliz, mas não sabia por quê. Havia lhe perguntado se Bart era cruel com ela, mas ela só fizera responder: “Bart é um marido decente.” Talvez estivesse decepcionada por ainda não ter um filho. Qualquer que fosse o motivo da infelicidade, ele só torceu para ela não causar problemas.

Deu um gole no vinho e falou:

- Recebi notícias perturbadoras. Andei conversando com Donal Gloster.
- Sujeitinho desprezível – comentou sir Reginald.
- Desprezível, porém útil. Sem ele nós não saberíamos que Dan Cobley e os puritanos então planejando um ultraje no domingo, durante a sagração de Luke Richards, que consideram insuficientemente herege para o seu gosto.

- Ultraje? – repetiu seu pai. – O que eles vão fazer?

Rollo contou:

- Profanar a ossada do santo.

Houve alguns instantes de silêncio e estarrecimento.

- Não – sussurrou Margery.

- Eu enfio minha espada na pança dele se ele tentar – disse o conde Swithin.

Rollo arregalou os olhos. A violência talvez não fosse unilateral: nisso ele não havia pensado.

Sua mãe se manifestou, aflita:

- Swithin, se matar um homem na igreja, vai ser executado. Nem mesmo um conde pode se safar disso.

O charme atrevido de lady Jane permitia que ela falasse sem rodeios.

Swithin pareceu murchar.

- A senhora está certa. Maldição.

- Milorde, acho que ela talvez esteja errada – contestou Rollo.

- Como disse?

– Sim – falou lady Jane, arqueando as sobrancelhas. – Diga-nos como estou errada, meu filho tão inteligente.

Rollo se concentrou, e o plano foi se formando conforme ele falava:

– Cometer um crime premeditado numa igreja: sim, até mesmo um conde pode ser executado por isso. Mas continuem pensando. O prefeito de Kingsbridge poderia contar uma história diferente.

Swithin pareceu não entender, mas Reginald disse:

– Continue, Rollo... Isso é interessante.

– Qualquer acontecimento pode ser bom ou mau, dependendo do ponto de vista. Pensem o seguinte. Um grupo de valentões armados entra numa cidade, mata os homens, estupra as mulheres e foge com todos os objetos de valor. Eles são criminosos maus... a menos que a cidade seja assíria e as vítimas, muçulmanas. Nesse caso, os homens armados não são criminosos, mas cruzados e heróis.

– E você está falando sério – disse Margery com repulsa.

Rollo não entendeu o comentário.

– E daí? – indagou sir Reginald com impaciência.

– O que vai acontecer no domingo é que os puritanos vão atacar o clero e tentar roubar as relíquias, contrariando a lei aprovada pela rainha Elizabeth. Então os cristãos fiéis da congregação vão partir em defesa do novo bispo de Elizabeth e salvar a ossada do santo. Melhor ainda se nenhuma espada for usada, embora naturalmente os homens terão consigo as facas do dia a dia que usam para cortar a carne à mesa. Infelizmente, na confusão que vai se seguir, o líder dos puritanos de Kingsbridge, Dan Cobley, levará uma facada fatal. Como ele é o principal instigador da revolta, porém, todos sentirão que foi a vontade de Deus. De toda forma, não será possível determinar quem desferiu o golpe mortal. E o senhor, pai, prefeito de Kingsbridge, escreverá um relatório para Sua Majestade, a rainha, contando essa história simples.

Num tom pensativo, sir Reginald falou:

– A morte de Dan Cobley seria um presente dos deuses. Ele é o líder dos puritanos.

– E o maior inimigo da nossa família – acrescentou Rollo.

– Muitas outras pessoas podem ser mortas – disse Margery, severa.

Rollo não ficou surpreso com a reprovação da irmã. Ela era leal, mas acreditava que a fé católica deveria ser promovida por todos os meios, exceto a violência.

– Ela tem razão, é arriscado – concordou o conde Swithin. – Mas não podemos deixar isso nos impedir.

Ele sorriu.

– As mulheres se preocupam com essas coisas... por isso Deus fez do homem o líder.

V

Ao repensar os acontecimentos do dia, deitada na cama, Margery sentiu desprezo por Dan Copley e os puritanos por planejarem aquela profanação, mas sentiu quase o mesmo desprezo pelo pai e pelo irmão. A reação deles era explorar o sacrilégio para desferir um golpe político.

Tanto Reginald quanto Rollo poderiam se ferir na confusão, mas ela constatou que era praticamente indiferente a esse perigo. Já não nutria nenhum sentimento por eles. Os dois a haviam usado de maneira implacável para a própria ascensão... do mesmo jeito que agora planejavam usar o sacrilégio dos puritanos. O fato de terem arruinado sua vida não significava nada para eles. O cuidado que haviam tido com ela quando criança fora o mesmo que poderiam ter tido por um potro que promettesse um dia virar um útil cavalo de carroça. Ela ficou com os olhos marejados ao pensar com nostalgia na época da infância, quando acreditava que os dois a amassem.

Já a possibilidade de Swithin se ferir estava longe de lhe causar indiferença. Ela ansiava de todo o coração que ele morresse, ou pelo menos ficasse tão aleijado que nunca mais pudesse possuí-la à força. Em suas preces, implorou a Deus que levasse o sogro para o inferno na manhã de domingo. Foi dormir imaginando o dia em que estaria livre daquele tormento.

Ao acordar, entendeu que cabia a ela fazer seu desejo virar realidade.

Swithin estava se colocando em perigo, mas devia haver um jeito de ela aumentar as chances de que ele se ferisse. Por causa de seu trabalho clandestino com Stephen Lincoln, Rollo e Reginald a consideravam uma sólida aliada, de

modo que jamais lhes ocorrera esconder nada dela. Margery conhecia o segredo e tinha de usá-lo.

Acordou cedo. Sua mãe já estava na cozinha, dando ordens aos criados para as refeições do dia. Como lady Jane era observadora, com certeza sabia que havia algo de muito errado na vida de Margery, mas não comentara nada. Daria conselhos caso fosse solicitada, mas não iria se intrometer sem ser chamada. Talvez houvesse coisas no próprio casamento que ela preferisse guardar para si.

Ela pediu à filha que fosse até a beira do rio ver se havia algum peixe bom sendo vendido. A manhã de sábado estava chuvosa, e Margery vestiu um casaco velho. Pegou um cesto para pôr o peixe e saiu. Na praça, os comerciantes do mercado estavam montando suas barracas.

Margery precisava alertar os puritanos quanto à armadilha que os aguardava, de modo que eles fossem à catedral armados para se defender. Mas não podia bater à porta de Dan Copley e dizer que tinha um segredo para lhe contar. Para começar, seria vista por alguém, e o fato de Margery de Shiring ter procurado Dan Copley seria uma notícia surpreendente que iria se espalhar pela cidade em minutos. Além do mais, Dan não acreditaria nela, desconfiaria que fosse um truque. Ela precisava achar algum jeito dissimulado de alertá-lo.

Não conseguiu encontrar uma saída para esse dilema. Profundamente entretida em pensamentos, atravessou a praça. Seu devaneio foi interrompido por uma voz que fez sua pulsação acelerar.

– Que prazer em vê-la!

Ela ergueu os olhos, surpresa e animada. Ali na sua frente, vestido com um casaco preto caro, com a mesma aparência de sempre, estava Ned Willard. O rapaz lhe pareceu um anjo da guarda enviado por Deus.

Consternada, ela se deu conta de que estava um trapo, usando um casaco desajeitado e com os cabelos presos por um pano. Felizmente, Ned pareceu não se incomodar. Ficou ali parado como se pudesse passar o resto da vida sorrindo para ela.

– Você agora usa uma espada – comentou ela.

Ned deu de ombros.

– Cortesãos usam espadas – disse ele. – Tive até aulas de esgrima, só para saber o que fazer com ela.

Uma vez superada a surpresa, ela começou a pensar de forma lógica. Aquela era sua oportunidade de usar o segredo. Se as pessoas a vissem conversando com Ned, apenas meneariam a cabeça e comentariam entre si que ela na verdade nunca o esquecera; e sua família pensaria o mesmo caso ficasse sabendo.

Não estava certa de quanto deveria lhe contar.

– Vai haver uma briga durante a sagração – começou. – Dan Copley vai pegar a ossada do santo.

– Como você sabe?

– Donal Gloster contou para Rollo.

Ned arqueou as sobrancelhas. Ficou óbvio que ele não sabia que o braço direito de Dan Copley era um espião dos católicos. Apesar disso, não comentou nada e pareceu deixar para avaliar a revelação depois.

– Rollo contou a Swithin, que vai usar isso como desculpa para começar uma briga e matar Dan.

– Na igreja?

– Sim. Ele acha que vai conseguir se safar por estar protegendo o clero e as relíquias.

– Swithin não é esperto o suficiente para pensar nisso.

– Não, foi ideia de Rollo.

– Que demônio.

– Eu estava tentando arrumar um jeito de avisar aos puritanos para que eles cheguem lá armados. Mas agora você pode avisar.

– Sim – disse Ned. – Deixe comigo.

Ela resistiu à tentação de abraçá-lo e lhe dar um beijo.

vi

– Precisamos cancelar a cerimônia – disse o deão Luke quando Ned lhe contou o que iria acontecer.

– Mas para quando você a remarcaria?

– Não sei.

Os dois estavam na chancela, em pé ao lado de um dos portentosos pilares que sustentavam a torre. Ned olhou para cima e lembrou que aquela era a torre

de Merthin, reconstruída por ele depois de a torre antiga causar um desabamento, segundo a história de Kingsbridge conhecida como *Livro de Timothy*. Merthin devia ter construído bem, pois isso já fazia mais de duzentos anos.

Ned voltou o olhar para a expressão aflita e os olhos azuis suaves de Luke. Aquele era um padre que faria de tudo para evitar o conflito.

– Não podemos adiar a sagração – falou Ned. – Isso seria um golpe político para a rainha Elizabeth. As pessoas diriam que os puritanos de Kingsbridge a impediram de nomear o bispo. Protestantes radicais de outras cidades iriam pensar que têm o direito de dizer quem deveria ser o seu bispo e poderiam iniciar revoltas semelhantes. A rainha crucificaria a você e a mim por deixarmos isso acontecer.

– Ai, ai – fez Luke. – Nesse caso, teremos de deixar o santo atrás das grades.

Ned olhou de relance para a tumba de Santo Adolfo. O monumento era protegido por uma grade de ferro trancada. Um pequeno grupo de peregrinos, de joelhos, olhava para o relicário por entre as barras. Este era um caixão de ouro no formato de uma igreja, com arcos, torretas e um pináculo. Cravejados no ouro, pérolas, rubis e safiras reluziam à tênue luz do sol que entrava pela grande janela leste.

– Não tenho certeza de que isso vá bastar – disse Ned. – Agora que eles já planejaram tudo, pode ser que quebrem a grade.

Luke entrou em pânico.

– Não posso enfrentar uma revolta durante a minha sagração!

– Não, de fato. Do ponto de vista da rainha, isso seria quase tão ruim quanto anular.

– O que vamos fazer então?

Ned sabia o que queria fazer, mas hesitou. Havia alguma coisa que Margery não estava lhe contando. Ela queria que ele armasse os puritanos, não que evitasse a confusão. Era surpreendente ter adotado essa estratégia, pois se opunha à violência religiosa de qualquer tipo. Esse pensamento havia lhe ocorrido de modo vago durante a conversa com ela, mas agora, em retrospecto, ele o via com mais clareza. Alguma outra coisa estava acontecendo, mas ele não sabia o quê.

No entanto, não podia basear suas ações em conceitos tão nebulosos. Afastou

os pensamentos sobre Margery. Precisava oferecer uma saída segura a Luke.

– Precisamos tirar a pólvora do canhão – falou.

– O que isso significa?

– Precisamos nos livrar das relíquias.

Luke ficou estarecido.

– Não podemos simplesmente jogá-las fora!

– É claro que não. Mas podemos enterrá-las... com toda a devida cerimônia.

Fazer um rito fúnebre amanhã, assim que o dia clarear... só você e um ou dois padres. Hoje à noite, pediremos a George Cox para cavar um buraco em algum lugar dentro da catedral... e não dizer a ninguém onde fica.

George Cox era o coveiro.

– Enterraremos o caixão de ouro e George recolocará as pedras do piso para ninguém perceber que foram mexidas.

Luke refletiu sobre isso tudo com o cenho franzido de preocupação.

– Quando as pessoas chegarem para a sagração, tudo já estará feito. Mas o que elas dirão? Vão ver que o santo sumiu.

– Colocaremos uma plaquinha na grade de ferro dizendo que Santo Adolfo está enterrado aqui, na catedral. Depois você vai explicar, no seu sermão, que o santo continua aqui, abençoando-nos com sua presença, mas que foi enterrado num túmulo secreto para proteger seus restos mortais de pessoas que possam querer profaná-los.

– Que esperteza – disse Luke com admiração. – As pessoas ficarão satisfeitas, mas não haverá nada a que os puritanos possam se opor. Seus protestos serão como a pólvora que separou.

– Boa imagem. Use-a no seu sermão.

Luke aquiesceu.

– Então está decidido – falou Ned.

– Preciso discutir a questão com o capítulo.

O rapaz reprimiu uma resposta impaciente.

– Na verdade, não precisa. Você é o bispo eleito – argumentou e sorriu em seguida. – Pode simplesmente ordenar.

Luke pareceu pouco à vontade.

– É sempre melhor explicar às pessoas os motivos para nossas ordens.

Ned resolveu não travar uma batalha hipotética.

– Faça do seu jeito. Virei de madrugada assistir ao enterro.

– Está bem.

Ned não tinha certeza de que Luke iria até o fim. Talvez um lembrete de quanto ele lhe devia pudesse ajudar.

– Que bom que pude convencer a rainha de que você era o homem certo para ser nomeado o bispo de Kingsbridge – falou.

– Sou-lhe profundamente grato, Ned, por sua fé em mim.

– Acredito que iremos trabalhar bem juntos, nos anos vindouros, para impedir o ódio religioso.

– Amém.

Luke ainda poderia mudar de ideia em relação ao plano, caso um de seus colegas se opusesse a enterrar as relíquias, mas por enquanto Ned não podia fazer mais nada. Decidiu falar com Luke novamente antes do anoitecer para ter certeza da sua posição.

Pediu licença e se pôs a descer a nave por entre as colunas regulares, os arcos altos e as janelas resplandecentes. Pensou em quanto bem e quanto mal aquele edifício havia presenciado nos últimos quatrocentos anos. Ao sair pela porta oeste, tornou a ver Margery, que voltava para casa com o cesto de peixe no braço. Ela cruzou olhares com ele e foi encontrá-lo.

Sob a marquise da catedral, perguntou:

– Está feito?

– Acho que evitei a violência – respondeu ele. – Convenci Luke a enterrar os ossos clandestinamente amanhã de manhã, assim não haverá motivo nenhum para briga.

Imaginava que ela fosse ficar satisfeita e grata, mas, para sua consternação, ela o encarou horrorizada.

– Não! Não é isso!

– Que história é essa?

– Tem que haver uma briga.

– Mas você sempre foi contra a violência.

– Swithin tem que morrer!

– Shh!

Ele a segurou pelo ombro e tornou a conduzi-la para dentro da igreja. No corredor norte havia uma capela lateral dedicada a Santa Dinfná. A santa não era uma figura popular, e o pequeno espaço estava vazio. O quadro retratando a sua decapitação fora tirado da parede para aplacar os puritanos.

Ned se postou em frente a Margery, segurou sua mão e disse:

– É melhor você me contar qual é o problema. Por que Swithin tem que morrer?

Ela não respondeu, mas ele ficou observando seu rosto e pôde ver que uma luta se travava dentro dela, então aguardou.

Por fim, ela contou seu motivo:

– Quando Bart está fora, Swithin vai à minha cama à noite.

Ned a encarou estupefato. Margery estava sendo estuprada, e pelo próprio sogro. Que coisa mais obscena... e brutal. Uma fúria ardente o dominou, e ele teve de conter as próprias emoções e pensar de modo racional. Várias perguntas lhe vieram à mente, mas as respostas eram óbvias.

– Você resiste, mas ele é forte demais e diz que, se você gritar, vai alegar que você o seduziu, e todos vão acreditar nele.

Lágrimas escorreram pelas faces dela.

– Eu sabia que você iria entender.

– Aquele homem é um animal.

– Eu não deveria ter lhe contado. Mas talvez Deus tire a vida de Swithin amanhã.

E se Deus não o fizer, farei eu, jurou Ned, mas não disse isso em voz alta. O que disse foi:

– Vou falar com Luke outra vez. Vou garantir que haja uma briga.

– Como?

– Não sei. Preciso pensar.

– Não arrisque a própria vida. Seria ainda pior.

– Leve seu peixe para casa – disse Ned.

Margery hesitou por vários instantes. Então falou:

– Você é a única pessoa em quem eu posso confiar. A única.

Ele aquiesceu.

– Eu sei – respondeu. – Vá para casa.

Margery enxugou os olhos na manga do casaco e saiu da catedral. Ned a seguiu um minuto depois.

Se houvesse cruzado com Swithin nessa hora, teria partido para cima do conde e o esganado com as próprias mãos... ou quem sabe morreria trespassado por sua espada, embora estivesse irado demais para temer isso ou qualquer outra coisa.

Virou-se e olhou para trás na direção da imponente fachada oeste da catedral, agora molhada com a persistente e vagarosa chuva inglesa. Aquela era a porta pela qual as pessoas entravam para encontrar Deus: como ele podia contemplar um assassinato lá dentro? No entanto, não conseguia pensar praticamente em mais nada.

Esforçou-se para raciocinar. Encare os fatos, falou para si mesmo: numa briga com Swithin, você pode não ganhar. E, se ganhasse, seria enforcado por matar um nobre. Mas você é inteligente e Swithin, burro, então encontre um jeito de dar fim nele.

Tornou a se virar e atravessou a praça do mercado. O lugar sempre ficava cheio aos sábados, mas nesse dia fervilhava com todos os visitantes vindos para a cerimônia do dia seguinte. Em um dia normal, ao serpentear por entre as barracas, ele teria reparado nas altas e baixas de preços, nas faltas e nos excessos, em quanto dinheiro as pessoas tinham e com o que o gastavam. Mas não nesse dia. Teve consciência de conhecidos que o cumprimentaram, mas estava mergulhado demais em pensamentos para reagir com mais do que um vago aceno ou um meneio distraído de cabeça. Chegou à porta da frente da casa de sua família e entrou.

Vencida pela tristeza, a mãe se deixara levar pela velhice. Alice parecia ter murchado dentro da própria pele e agora andava com as costas encurvadas. Era como se tivesse perdido o interesse pelo mundo fora de casa: fazia perguntas a Ned sobre seu trabalho com a rainha, porém mal escutava as respostas. Antigamente, teria se mostrado ávida para descobrir sobre as manobras políticas e querido saber tudo sobre como Elizabeth administrava sua casa.

No entanto, algo parecia ter mudado desde que Ned saíra de casa pela manhã. A mãe estava no salão principal com os três criados: a governanta Janet Fife, o marido dela, o manco Malcolm, e Eileen, a filha de 16 anos do casal.

Todos pareciam animados. Ned adivinhou na hora que haviam recebido boas notícias. Assim que o viu, Alice exclamou:

– Barney voltou para a Inglaterra!

Algumas coisas davam certo, afinal, refletiu Ned, e conseguiu abrir um sorriso.

– Onde ele está?

– Atracou em Combe Harbour com o *Hawk*. Recebemos um recado: ele vai vir para casa, só está esperando receber... três anos de salário!

– E ele está bem? Eu disse a vocês que ele tinha ido ao Novo Mundo.

– Mas voltou para casa são e salvo!

– Bem, precisamos nos preparar para comemorar... matar o bezerro gordo.

A alegria de Alice murchou.

– Não temos um bezerro, gordo ou não gordo.

A jovem Eileen, que antigamente nutria uma paixonite infantil por Barney, falou animada:

– Nós temos um leitão de seis meses lá atrás que minha mãe planejava usar para fazer toucinho no inverno. Poderíamos assá-lo no espeto.

Ned ficou satisfeito. A família toda estaria unida outra vez.

Contudo, assim que se sentou com a mãe para a refeição do meio-dia, o tormento de Margery lhe voltou à mente. Alice tagarelou animada, imaginando que tipo de aventuras Barney poderia ter vivido em Sevilha, na Antuérpia e em Espanhola. Ned deixou que a conversa fluísse sem suas opiniões enquanto continuava divagando sobre o outro assunto.

A ideia de Margery tinha sido avisar os puritanos, de modo que eles fossem armados, torcendo para que Swithin morresse na confusão. Mas Ned antes não conhecia a história toda e, apesar de ter tido as melhores intenções, arruinara as esperanças dela. Agora não haveria briga nenhuma: as relíquias não estariam na cerimônia de sagração, os puritanos não protestariam e Swithin não teria pretexto para começar uma briga.

Será que poderia desfazer tudo o que planejara? Era quase impossível. O deão Luke certamente se recusaria a voltar ao plano original e garantir uma revolta.

Ned entendeu que poderia recriar o contexto da briga, bastando apenas

informar aos dois lados que as relíquias agora seriam enterradas ao raiar do dia. Só que havia outro empecilho. Uma briga era imprevisível. Swithin poderia ser ferido, mas também poderia não ser. Para o bem de Margery, ele precisava ter mais certeza do que isso.

Será que haveria um jeito de transformar a cerimônia de enterro do dia seguinte numa armadilha para Swithin?

E se Ned conseguisse manter o plano violento de Rollo, mas remover a justificativa?

Um estratagema começou a tomar forma em sua mente. Talvez conseguisse atrair Swithin para a catedral com informações falsas. Mas é claro que os católicos não iriam confiar nele. Em quem iriam confiar?

Então lembrou-se do que Margery lhe dissera sobre Donal Gloster ser um espião. Rollo confiaria em Donal.

Ned começou a ficar esperançoso outra vez.

Saiu da mesa do almoço assim que pôde. Desceu a rua principal, dobrou no cais de Slaughterhouse e passou pelos atracadouros até o bairro ribeirinho onde ficavam os ofícios malcheirosos e as residências mais simples. Lá chegando, bateu à porta da frente da casa de Donal Gloster. Quem atendeu foi a mãe dele, uma bela mulher de meia-idade com os mesmos lábios carnudos e fartos cabelos escuros do filho. Ela fez uma cara desconfiada.

– O que o traz aqui, Sr. Willard?

– Boa tarde, viúva Gloster – disse Ned, educado. – Gostaria de falar com Donal.

– Ele está no trabalho. O senhor sabe onde fica o escritório de Dan Cobley.

Ned assentiu. Dan tinha um armazém no cais.

– Não vou incomodar Donal no trabalho. A que horas ele deve chegar?

– Ele termina quando o sol se põe. Mas em geral passa na taberna Slaughterhouse antes de vir para casa.

– Obrigado.

– O que o senhor quer com meu filho?

– Não tenho a intenção de fazer nenhum mal a ele.

– Obrigada – disse ela, insegura, e Ned desconfiou que não acreditasse nele.

Voltou para o cais, sentou-se num rolo de corda e ficou remoendo seu plano,

que era incerto e perigoso, enquanto observava a movimentação do comércio: os barcos e carroças que chegavam e partiam, carregando e descarregando cereais e carvão, pedras da pedreira e madeira da floresta, peças de tecido e barris de vinho. Era assim que sua família havia prosperado: comprando num lugar, vendendo em outro e embolsando a diferença de preço. Era uma atividade simples, mas era o jeito de ficar rico... o único jeito, a menos que você fosse nobre e pudesse obrigar as pessoas a lhe pagarem pela terra que usavam.

A tarde virou noite. As escotilhas foram fechadas e os armazéns, trancados. Os homens começaram a deixar o cais ansiosos por uma casa e um jantar, ou uma taberna e música, ou um beco escuro e uma amante. Ned viu Donal sair do armazém dos Cobileys e seguir em direção à Slaughterhouse com cara de quem não precisava tomar decisão nenhuma, porque fazia a mesma coisa todos os dias.

Ned entrou na taberna atrás dele.

– Donal, posso dar uma palavrinha discreta com você?

Ultimamente, ninguém se recusava a dar uma palavrinha com Ned. Ele havia se tornado um homem poderoso e importante. Todos em Kingsbridge sabiam disso. Por mais estranho que parecesse, isso não lhe proporcionava nenhuma grande satisfação. Alguns homens ansiavam por deferência, outros por vinho, pelo corpo de belas mulheres ou por uma vida monástica de ordem e obediência. Pelo que Ned ansiava? A resposta lhe veio à mente com uma rapidez e uma facilidade que o pegaram de surpresa: justiça.

Teria de pensar sobre isso.

Pagou por duas canecas de cerveja e levou Donal até um canto. Assim que eles se sentaram, falou:

– Você leva uma vida perigosa, Donal.

– Ned Willard, sempre o menino mais inteligente da turma – alfinetou Donal com uma careta.

– Não estamos mais na escola. Lá éramos só açoitados por nossos erros. Agora somos mortos.

Donal pareceu intimidado, mas estampou um ar corajoso.

– Nesse caso, que bom que não cometo erro nenhum.

– Se Dan Copley e os puritanos descobrirem sobre você e Rollo, vão rasgá-lo em pedaços.

Donal ficou branco.

Após vários instantes, ele abriu a boca para falar, mas Ned o impediu:

– Não negue. Não perca seu tempo nem o meu. Concentre-se no que precisa fazer para garantir que eu guarde o seu segredo.

Donal engoliu em seco e conseguiu menear a cabeça.

– O que você disse a Rollo Fitzgerald ontem estava correto na ocasião, mas agora mudou.

A boca de Donal se escancarou.

– Como...?

– Pouco importa como sei o que você disse a Rollo. Tudo o que você precisa entender é que as relíquias do santo serão profanadas na catedral amanhã... mas o horário mudou. Agora tudo vai acontecer de madrugada, com poucas pessoas presentes.

– Por que está me contando isso?

– Para você contar a Rollo.

– Você odeia os Fitzgeralds... Eles arruinaram sua família.

– Não tente entender. Apenas faça o que estou mandando e salve sua pele.

– Rollo vai perguntar como eu fiquei sabendo sobre a mudança.

– Diga que ouviu Dan Copley comentando.

– Está bem.

– Vá falar com Rollo agora. Vocês devem ter algum jeito de avisar um ao outro que precisam de um encontro urgente.

– Vou só terminar minha cerveja.

– Não preferiria estar completamente sóbrio?

Donal encarou sua caneca com um ar desolado.

– Agora, Donal – disse Ned.

O outro rapaz se levantou e saiu.

Ned foi embora poucos minutos depois. Tornou a subir a rua principal. Estava nervoso. Tinha um plano, mas ele dependia de muitas pessoas fazerem o que ele esperava que fizessem: o deão Luke, Donal Gloster, Rollo Fitzgerald e, o mais importante de todos – e aquele a quem mais seu propósito se voltava –, o conde Swithin. Se um elo da corrente se rompesse, o plano todo iria por água abaixo.

E agora ele precisava acrescentar mais um elo.

Passou pela catedral, pela taberna Bell Inn e pelo novo palácio dos Fitzgeralds, chamado Priory Gate, e entrou no salão da guilda. Lá, bateu à porta da sala do representante da rainha no condado e entrou sem esperar que o autorizassem. Matthewson estava jantando – pão e carne. Pousou a faca e limpou a boca.

– Boa noite, Sr. Willard. Espero que esteja bem.

– Muito bem, obrigado.

– Em que posso ajudar?

– Ajudando a rainha. Sua Majestade tem um trabalho para o senhor... hoje à noite.

vii

Nervoso, Rollo tocou o cabo da espada. Nunca havia participado de uma batalha. Quando era menino, treinava com uma espada de madeira, como a maioria dos filhos de famílias abastadas, mas não tinha experiência em combates mortais.

O quarto de sir Reginald estava cheio de gente e às escuras, mas ninguém dormia. Das janelas se viam as fachadas norte e oeste da catedral de Kingsbridge. O céu estava claro e, para os olhos de Rollo, acostumados à escuridão, a luz das estrelas revelava o tênue contorno da igreja. Sob os arcos pontudos, as portas e janelas eram poços de escuridão, como órbitas oculares de um homem cegado por falsificar dinheiro. Mais acima, as torretas com seus arabescos se destacavam contra o céu noturno.

Junto com Rollo estavam seu pai, sir Reginald, seu cunhado, Bart Shiring, o pai de Bart, conde Swithin, e dois dos soldados de maior confiança do conde. Todos portavam espadas e adagas.

Quando o sino da catedral batera às quatro, Stephen Lincoln tinha rezado a missa e absolvido todos os seis pecados que estavam prestes a cometer. Depois, eles se puseram a observar.

As mulheres da casa, lady Jane e Margery, tinham ido para a cama. Mas Rollo duvidava que estivessem dormindo.

A praça do mercado, tão movimentada e ruidosa durante o dia, estava agora

vazia e silenciosa. Do lado mais afastado ficavam a escola e o palácio do bispo, ambos agora às escuras. Mais além, a cidade descia num declive até o rio. Os telhados apinhados das casas pareciam os degraus de tijolos de uma gigantesca escadaria.

Rollo torceu para que Swithin, Bart e os soldados, cuja profissão era a violência, se encarregassem de qualquer luta que fosse necessária.

A primeira luz penetrou no domo de estrelas e fez a catedral passar de negra a cinza. Pouco depois, alguém sussurrou:

– Ali.

Rollo viu uma procissão silenciosa emergir do palácio do bispo: seis silhuetas escuras, cada qual levando uma lanterna a vela. Eles atravessaram a praça e entraram na igreja pela porta oeste e suas lanternas sumiram como se houvessem sido apagadas.

Rollo franziu o cenho. Imaginou que Dan Cobley e os outros puritanos já devessem estar dentro da catedral. Talvez houvessem se esgueirado pelas construções do monastério em ruínas e entrado por um dos portões do outro lado, sem serem vistos pelo grupo em Priory Gate. Não ter certeza o deixava nervoso, mas se ele confessasse isso, àquela altura dos acontecimentos, suas dúvidas seriam atribuídas à simples covardia, de modo que se calou.

– Vamos aguardar mais um minuto – murmurou o conde Swithin. – Dar tempo para que eles comecem suas atividades satânicas.

Ele tinha razão. Seria um erro se antecipar e invadir a igreja antes de as relíquias terem sido trazidas e a profanação, começado.

Rollo imaginou os padres seguindo pelo corredor da igreja até a extremidade leste, destrancando as grades de ferro e pegando o relicário. O que fariam a seguir? Jogariam os ossos no rio?

– Certo, vamos lá – disse Swithin.

Ele foi na frente. Os outros o seguiram escada abaixo e pela porta. Assim que saíram, começaram a correr e seus passos soaram como estrondos no silêncio da noite. Rollo se perguntou se quem estava dentro da catedral podia ouvir e se eles teriam uma reação rápida o suficiente para interromper o que estivessem fazendo e fugir.

Swithin escancarou a porta, eles sacaram as espadas e entraram correndo.

Chegaram bem a tempo. O deão Luke estava em pé no meio da nave, de frente para o altar baixo sobre o qual ardiam algumas velas. Tinha o relicário de ouro nas mãos e o segurava bem alto, enquanto os outros entoavam algum canto que sem dúvida fazia parte do seu ritual de veneração do diabo. Com a luz fraca, era difícil ver quantas pessoas havia nas sombras da grande igreja. Enquanto os intrusos corriam pela nave em direção ao grupo espantado no altar, Rollo reparou que um buraco fora cavado no chão da igreja, e ao lado deste uma grande pedra do calçamento estava apoiada contra um pilar. Ao lado do mesmo pilar, segurando uma pá, estava postado George Cox, o coveiro. Aquela não era exatamente a cena que Rollo imaginara, mas pouco importava: a atitude do deão Luke revelava sua intenção blasfema.

À frente do grupo, o conde Swithin atacou Luke com a espada erguida. Luke se virou, ainda com o relicário no alto.

Então George Cox ergueu sua pá e correu para cima do conde.

Nessa hora, Rollo ouviu um grito incompreensível:

– Parem, em nome da rainha!

Não conseguiu identificar de onde vinha a voz.

Swithin brandiu a espada contra Luke. O deão pulou para trás no último segundo, mas a lâmina atingiu seu braço esquerdo, rasgou suas vestes negras e abriu um talho profundo na carne de seu antebraço. Ele deu um grito de dor e deixou cair o relicário, que acertou o chão com um baque e um estrondo, desalojando pedras preciosas que saíram rolando pelo piso de pedra.

Com o canto do olho, Rollo notou um movimento difuso no transepto sul. Segundos depois, um grupo de dez ou doze homens irrompeu na nave, armado com espadas e porretes. Eles correram para cima dos intrusos. A mesma voz repetiu a ordem para “parar em nome da rainha”, e Rollo viu que o homem que gritava essa instrução inútil era Matthewson, o representante da monarca no condado. O que ele estava fazendo ali?

George Cox desferiu um golpe da pá mirando na cabeça do conde, mas Swithin se mexeu e a ferramenta o atingiu no ombro esquerdo. Enfurecido, ele usou a espada para perfurar o coveiro, e Rollo testemunhou, horrorizado, a lâmina penetrar no ventre de George e sair por suas costas.

Os outros padres se ajoelharam junto ao relicário caído para protegê-lo.

Matthewson e seus homens corriam para cima do conde e de seu grupo e Rollo reconheceu entre os vultos o elmo de couro de Osmund Carter. E seriam aqueles os cabelos castanhos meio ruivos de Ned Willard?

O lado de Swithin estava em desvantagem numérica de dois para um. Vou morrer, pensou Rollo, mas Deus vai me recompensar.

Estava prestes a correr para o meio da briga quando algo lhe ocorreu. A presença de Ned Willard o deixou desconfiado. Aquilo não podia ser uma armadilha, podia? Onde estavam os puritanos? Se estivessem escondidos nas sombras, a essa altura já teriam atacado e saído para a luz. Mas tudo o que Rollo via eram os homens do conde de um lado, os de Matthewson do outro e os padres apavorados no meio.

Talvez a informação de Donal Gloster estivesse errada. Mas os padres estavam ali no raiar do dia, como ele previra, e, sem sombra de dúvida, fariam algo sinistro com as relíquias. O mais provável era que Dan Copley houvesse mudado de ideia e decidido que um protesto numa igreja vazia não valia a pena. Mais intrigante ainda: por que o representante da rainha estava ali? Será que de alguma forma ele ficara sabendo das intenções do conde? Parecia impossível: os únicos que sabiam, tirando a família, eram os dois soldados e Stephen Lincoln, todos de absoluta confiança. O deão Luke devia ter decidido ser extremamente cauteloso. Uma consciência culpada era sempre muito temerosa.

Seria uma armadilha ou uma aventura temerária que se transformara num fiasco? Pouco importava: a briga havia começado.

Matthewson e o conde foram os primeiros a se enfrentarem. Swithin estava puxando a espada para tentar soltá-la do corpo de George Cox quando a arma do representante da rainha o acertou na mão direita. Com um rugido de dor, o conde soltou o cabo da espada, e Rollo viu um polegar decepado cair no chão em meio às pedras preciosas.

Ned Willard se separou dos homens de Matthewson e partiu para Swithin com a espada erguida bem alto. Rollo se adiantou e se pôs na frente de Ned para proteger o conde ferido. Ned estacou, e os dois rapazes se encararam.

Rollo era mais alto e mais pesado. Na escola, sempre conseguira perseguir o pequeno Neddy Willard, mas só até que o outro crescesse. Agora, algo na postura de Ned e em sua expressão minou o sentimento de superioridade de

Rollo.

Eles se rodearam, espadas em riste, ambos à procura de uma brecha. Rollo viu no rosto de Ned algo próximo do ódio. O que eu fiz para você me detestar?, perguntou-se. As respostas vieram numa enxurrada: forcei Margery a se casar com Bart; fiz a acusação de usura que levou os Willards à ruína; participei da tentativa fracassada de impedir Elizabeth de se tornar rainha; tudo isso, além das agressões na escola.

Rollo ouviu um rugido atrás de si e olhou depressa por cima do ombro. Notou que o conde Swithin, apesar de ferido, seguia lutando. Segurava a espada de modo desajeitado com a mão esquerda, mas mesmo assim conseguira abrir um corte na testa de Matthewson. Apesar de superficial, a ferida sangrava muito, e o sangue atrapalhava a visão do representante da rainha. Feridos, os dois lutavam como dois bêbados.

Rollo errou ao olhar para trás. Ned atacou de modo súbito e furioso. Partiu para cima de Rollo depressa, e sua pesada espada reluziu à luz das velas conforme ele a estocava, brandia e girava. Rollo se defendeu como pôde, aparando os golpes e recuando, então algo se moveu sob a sola de sua bota direita. Apesar do medo, ele se deu conta de que eram as joias do relicário. Rollo escorregou. Caiu de costas e largou a espada. Seus braços se abriram, deixando o corpo indefeso. Na fração de segundo seguinte, ele anteviu a própria morte.

Para seu espanto, Ned passou por cima dele.

Rollo se ajoelhou num pulo e olhou para trás. Ned atacava o conde com uma ferocidade ainda maior enquanto Matthewson se afastava e tentava tirar o sangue dos olhos. Swithin recuou até que uma coluna o obrigou a parar. Um golpe de Ned derrubou a arma da sua mão esquerda e então, de repente, Ned estava com a ponta da espada encostada na garganta do conde.

– Prenda-o! – berrou o representante da rainha no condado.

A ponta da lâmina de Ned furou a pele da garganta de Swithin e fez escorrer um filete de sangue, mas o rapaz se conteve. Swithin estava a um passo da morte. Então Ned falou:

– Mande seus homens largarem as armas.

– Entreguem-se! Entreguem-se! – gritou o conde.

O barulho da luta arrefeceu depressa, sendo substituído pelo de espadas

caindo no chão de pedra. Rollo olhou em volta e viu o pai, sir Reginald, ajoelhado e segurando a cabeça ensanguentada.

Ned não desgrudava os olhos de Swithin.

– O senhor está preso em nome da rainha por blasfêmia, profanação e assassinato.

Rollo se levantou com um pulo.

– Nós não somos blasfemos!

– Não? – indagou Ned, com um autocontrole espantoso. – Mas aqui estão vocês, na igreja, com as espadas em riste. Feriram o bispo eleito, assassinaram o coveiro e fizeram as santas relíquias serem derrubadas no chão.

– E vocês?

– O representante da rainha e seus homens vieram aqui proteger o clero e as relíquias, e ainda bem que fizemos isso.

Rollo estava perplexo. Como aquilo dera tão errado?

– Osmund, amarre-os, depois leve-os para o salão da guilda e tranque-os na cadeia – ordenou Ned.

O chefe da guarda sacou na hora um rolo de corda grossa.

– Depois mande chamar o médico e certifique-se de que ele trate primeiro o deão Luke – continuou Ned.

Enquanto as mãos de Rollo eram amarradas atrás das costas, ele encarou Ned, que exibia uma satisfação selvagem. Ficou quebrando a cabeça à procura de explicações. O representante da rainha teria sido avisado sobre as intenções de Swithin ou o tímido Luke teria convocado as autoridades apenas por nervosismo? Será que os puritanos haviam sido alertados ou simplesmente decidido não ir?

Será que Ned Willard planejara aquele desastre todo?

Rollo não sabia.

viii

O conde Swithin foi executado, e o responsável por sua morte fui eu. Na época, não fazia ideia de que ele seria o primeiro de tantos.

Rollo, Bart e sir Reginald foram punidos com muitas altas, mas um

integrante do grupo precisava morrer, e o conde, afinal, tinha assassinado um homem na igreja. Essa foi a justificativa. Porém o que na verdade selou seu destino foi o fato de ele haver tentado desafiar a vontade de Elizabeth. A rainha queria que a Inglaterra entendesse com perfeita clareza que ela, e só ela, tinha o direito de nomear bispos e que qualquer um que interferisse nisso poria a vida em risco. Por mais abominável que fosse matar um conde, ela precisava que Swithin morresse.

Eu garanti que o juiz entendesse a sua vontade.

Quando a multidão se reuniu em frente à catedral de Kingsbridge para a execução, Rollo me encarou com firmeza. Sei que ele desconfiava que tivesse havido uma armadilha, mas não creio que algum dia tenha chegado a entender o que aconteceu.

Sir Reginald também compareceu, com uma cicatriz comprida na cabeça onde os cabelos jamais tornaram a crescer. Além dos cabelos, o ferimento prejudicou seu cérebro, e ele nunca mais recuperou de todo a capacidade intelectual. Sei que Rollo me culpou por isso.

Bart e Margery também foram assistir à execução.

Bart chorou. Swithin era um homem mau, mas era seu pai.

Margery parecia alguém que havia saído de uma terrível masmorra e encontrado luz do sol e ar puro. Tinha perdido aquele ar doentio e estava vestida com a antiga exuberância, ainda que com o branco do luto. Mas o chapéu preto com uma pena preta podia ter um ar brincalhão. Aquele que a atormentava estava a caminho do inferno, onde era o seu lugar, e ela estava livre.

Swithin foi levado até o salão da guilda, e não tive dúvidas de que a pior parte da sua punição foi a humilhante caminhada pela rua principal até a praça sob as vaías de uma multidão formada por gente que ele sempre desprezara. Então, como a decapitação era a morte rápida e misericordiosa reservada à nobreza, sua cabeça foi cortada. Imagino que seu fim tenha sido um alívio.

A justiça foi feita. Swithin era um assassino e estuprador que merecia morrer. No entanto, constatei que minha consciência não estava em paz. Eu o havia atraído para uma armadilha. De certa forma, a morte do pobre coveiro George Cox era minha responsabilidade. Eu havia me intrometido em assuntos

que deveriam ser deixados ao encargo da lei ou, quando esta falhasse, de Deus.

Talvez eu ainda venha a padecer no inferno por causa do meu pecado. No entanto, se tivesse de reviver tudo outra vez, faria o mesmo para pôr fim à provação de Margery. Prefери sofrer com a culpa a saber que o tormento dela iria perdurar. Seu bem-estar era mais importante do que o meu.

Ao longo da vida, aprendi que é esse o significado do amor.

PARTE TRÊS
1566 A 1573

CAPÍTULO 14

Ebrima Dabo estava vivendo seu sonho. Era um homem livre, rico e feliz.

Num domingo à tarde, no verão de 1566, ele e o sócio, Carlos Cruz, saíram da área central da Antuérpia rumo à zona rural. Eram dois prósperos e bem-vestidos moradores de uma das cidades mais ricas do mundo, donos da maior fundição de ferro local. Em matéria de inteligência, eram mais ou menos equivalentes, pensava Ebrima: ele era mais velho e mais sábio, mas Carlos possuía a criatividade e a ousadia da juventude. O espanhol era casado com Imke, filha de seu primo distante Jan Wolman, e tinha dois filhos pequenos. Ebrima, que completaria meia década de vida no ano seguinte, havia desposado Evi Dirks, viúva da mesma idade que ele, e tinha um jovem enteado que trabalhava na fundição.

Ebrima muitas vezes recordava com nostalgia o lugar onde nascera. Se pudesse voltar no tempo e nunca ser um prisioneiro de guerra vendido como escravo, teria levado uma vida longa, tranquila e plenamente satisfatória naquela aldeia. Sentia tristeza quando pensava nisso. Só que ele já não podia retornar às origens. Para começar, não fazia ideia de como chegar à terra natal. Mas havia outro motivo: ele agora sabia demais. Comera do fruto da árvore do conhecimento – como Eva no mito em que os cristãos acreditavam – e nunca mais poderia retornar ao paraíso. Falava espanhol, francês e o dialeto brabanção local, e não pronunciava uma palavra sequer em mandê fazia anos. Escolhia quadros pintados a óleo para as paredes de sua casa, adorava ouvir grupos de música tocarem partituras complexas e era muito exigente em relação à qualidade do vinho. Tornara-se outro homem.

Com inteligência, trabalho e sorte, solidificara uma nova vida. Tudo o que desejava agora era manter o que conquistara. Mas temia que não fosse possível.

Ele e Carlos não tinham sido os únicos que deixaram a cidade naquela manhã. Os moradores da Antuérpia costumavam visitar o campo quando o

tempo estava bom, mas nesse dia havia uma quantidade incomum de pessoas na estreita estrada rural. Eram centenas, muitas conhecidas de Ebrima: homens que lhe vendiam minério de ferro, outros que compravam seu metal, famílias que moravam na sua rua, fornecedores de carne, luvas, artigos de vidro. Todos rumavam para o mesmo lugar: uma vasta campina conhecida como Pasto de Lorde Hubert. O lugar era o preferido dos filhos de Carlos para piqueniques. Mas as pessoas na estrada não estavam a caminho de nenhum piquenique.

Iam a um culto protestante.

Muitas delas levavam exemplares do mesmo pequeno livro: os Salmos traduzidos para o francês pelo poeta Clément Marot, impressos na Antuérpia. Embora possuir esse livro fosse crime e a pena por vendê-lo fosse a morte, era fácil encontrá-lo e ele custava 1 *penny*.

A maioria dos homens mais jovens também portava armas.

Ebrima supôs que o Pasto de Lorde Hubert fora escolhido para a reunião por se encontrar fora da jurisdição do conselho municipal da Antuérpia, de modo que a guarda da cidade não tinha autoridade ali. E a polícia rural não dispunha de efetivo para dispersar uma multidão tão grande. Mesmo assim, a violência era sempre um risco: todos já tinham ouvido falar no massacre de Wassy. E alguns dos mais jovens sem dúvida exibiam certa disposição para a agressividade.

Carlos era católico. Ebrima era o que os cristãos chamariam de pagão caso descobrissem em que ele acreditava, mas ele fingia ser um católico tão devoto quanto Carlos, de modo que ninguém conhecia seu segredo. Nem mesmo Evi, sua esposa, sabia disso; se por acaso ficava curiosa sobre o motivo de o marido sair para caminhar na beira do rio bem cedo todo domingo, tinha tato suficiente para não lhe perguntar nada. Ebrima e Carlos, acompanhados pelas respectivas famílias, eram frequentadores assíduos da igreja da paróquia e, nas grandes ocasiões, da catedral da Antuérpia. Ambos temiam que os conflitos religiosos nos Países Baixos pudessem destruir sua felicidade, como acontecera com tanta gente do outro lado da fronteira com a França.

Filosoficamente, Carlos era um homem simples, que não conseguia entender por que alguém buscaria outra religião. Ebrima, porém, com tristeza e temor, sabia o que atraía tantos habitantes dos Países Baixos para o protestantismo. O catolicismo era a fé de seus senhores, os espanhóis, e muitos no país se

ressentiam do domínio estrangeiro. Além disso, os nativos dos Países Baixos eram inovadores, ao passo que a Igreja Católica era conservadora em tudo, rápida em condenar ideias novas e morosa em mudar doutrinas antigas. O pior era que seu clero não apreciava as atividades comerciais que tinham feito a fortuna de tantas pessoas nos Países Baixos, em especial o sistema bancário, que não podia existir a menos que se cometesse o pecado da usura. Em contrapartida, o influente João Calvino, líder dos protestantes de Genebra até sua morte, dois anos antes, permitira a cobrança de juros em caso de empréstimos.

Naquele verão, à medida que uma nova leva de pastores calvinistas itinerantes chegava de Genebra para fazer sermões informais nas florestas e campinas dos Países Baixos, a antes gotejante expansão do protestantismo se transformara numa enxurrada.

A perseguição, embora feroz, não era constante. Quem governava os Países Baixos era Margarida, duquesa de Parma, meia-irmã ilegítima do rei Filipe da Espanha. Enquanto o irmão decidira exterminar a heresia em todos os seus domínios, ela estava mais inclinada a dar um tratamento brando aos hereges e garantir uma vida tranquila. Toda vez que a duquesa começava a parecer tolerante demais, Pieter Titelmans, o inquisidor-chefe sedento de sangue, apertava o cerco: protestantes eram torturados, mutilados ou queimados na fogueira. Mas essa abordagem mais linha-dura tinha pouco apoio, mesmo entre os católicos. Na maior parte do tempo, as leis eram aplicadas de modo frouxo. Homens como Carlos estavam mais interessados em fabricar e vender coisas. Nesse meio-tempo, a nova religião crescia.

Quão grande estaria agora? Ebrima e Carlos estavam a caminho da reunião a céu aberto para descobrir. Os conselheiros municipais queriam ter a noção exata da popularidade dessa religião alternativa. Em geral era difícil saber, uma vez que o protestantismo era uma prática semioculta. Assim, a reunião desse dia seria uma rara chance de ver quantos protestantes de fato existiam, e um dos conselheiros pedira extraoficialmente a Carlos e Ebrima – que eram dois sólidos cidadãos católicos sem cargo oficial – que fizessem uma discreta contagem.

A julgar pela quantidade de pessoas na estrada, o total seria mais alto do que se esperava.

Enquanto eles caminhavam, Ebrima perguntou:

– Como vai o quadro?

– Está quase pronto.

Carlos encomendara um quadro para a catedral a um dos melhores artistas da Antuérpia. Ebrima sabia que, em suas preces, Carlos agradecia a Deus pelos presentes que recebera e pedia que lhe fosse permitido conservá-los. Assim como Ebrima, ele valorizava muito a prosperidade alcançada. Muitas vezes mencionava a história de Jó, o homem que tinha tudo e tudo perdera, e citava: “O Senhor o deu, o Senhor o levou.”

Ebrima considerava intrigante o fato de Carlos não ter rejeitado a Igreja após a perseguição sofrida em Sevilha. Carlos não se abria muito em relação à vida espiritual, mas, ao longo dos anos, graças a comentários casuais, Ebrima deduzira que os cultos católicos lhe proporcionavam um grande consolo, uma experiência semelhante à de Ebrima em seu rito da água. Nenhum dos dois sentia isso num arrebatado culto protestante celebrado numa igreja caiada.

– Que tema você escolheu para o quadro, afinal? – perguntou Ebrima.

– As bodas de Caná, quando Jesus transformou água em vinho.

Ebrima riu.

– Sua história bíblica preferida. Por que será?

O amor de Carlos pelo vinho era notório. O mais jovem sorriu.

– A pintura vai ser mostrada pela primeira vez na catedral semana que vem.

O quadro seria um presente dos fundidores da cidade, mas no fundo todos sabiam que fora comprado com o dinheiro de Carlos. Isso demonstrava quão rapidamente o espanhol se tornara um dos cidadãos de maior prestígio da Antuérpia. Era um homem afável, sociável e muito inteligente, e talvez um dia viesse a se tornar conselheiro municipal.

Ebrima tinha um temperamento distinto, introvertido e cauteloso. Era tão inteligente quanto Carlos, mas não nutria ambições políticas. Além do mais, preferia guardar o dinheiro que ganhava.

– Depois daremos uma grande festa – disse Carlos. – Espero que você e Evi compareçam.

– Claro.

Eles ouviram o canto antes de chegarem ao seu destino. Ebrima sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. O som era assombroso. Estava acostumado com o

canto dos coros nas igrejas católicas, coros bastante grandes no caso das catedrais, mas aquilo era outra coisa. Era a primeira vez que ele ouvia milhares de vozes erguidas numa mesma canção.

A estrada passava por uma pequena mata, levando ao topo de um leve aclave, de onde se podia avistar toda a campina. A encosta descia até um regato raso e tornava a subir, e todo aquele espaço – 4 hectares ou mais – estava apinhado de homens, mulheres e crianças. Do lado mais afastado, sobre uma plataforma improvisada, um pastor comandava o canto.

O hino era em francês: *Si seurement, que quand au val viendroye d'ombre de mort, rien de mal ne craindroye.*

Ebrima entendeu as palavras e as reconheceu: eram uma tradução do Salmo 23, que ele já escutara na igreja... embora em latim, não daquele jeito. O som parecia um fenômeno da natureza e o fez pensar numa tempestade sobre o mar. Eles acreditavam mesmo no que estavam cantando: que não temeriam o mal quando percorressem o vale das sombras da morte.

Não muito longe, Ebrima avistou o enteado. Matthus ainda ia à missa aos domingos com a mãe e o padrasto, mas ultimamente começara a criticar a Igreja. A mãe lhe recomendara que guardasse as dúvidas para si, mas o rapaz não conseguia: tinha 17 anos e, para ele, o certo era o certo e o errado, errado. Ebrima ficou preocupado ao vê-lo junto de um grupo de jovens, todos portando porretes.

Carlos viu o rapaz na mesma hora.

– Esses meninos parecem estar procurando briga – falou, nervoso.

Apesar disso, o clima na campina era de paz e felicidade.

– Então acho que eles vão se decepcionar – disse Ebrima, esperançoso.

– Quanta gente – comentou Carlos.

– Quantas pessoas você acha que são?

– Milhares.

– Não sei como vamos contar.

Carlos tinha talento para números.

– Digamos que metade esteja deste lado do regato e metade, do outro. Agora imagine uma linha daqui até o pastor. Quantas pessoas há na quarta parte mais próxima? Divida-a de novo em quatro.

Ebrima arriscou um palpite:

– Quinhentas pessoas em cada décima sexta parte?

Carlos não deu resposta a isso, mas disse:

– Lá vem encrenca.

Ele estava olhando por cima do ombro de Ebrima, e o africano se virou para ver qual era o motivo do comentário. Percebeu na mesma hora o que alertara o amigo. Pela estrada, cruzando a mata, um grupo de clérigos e soldados se aproximava.

Se tinham vindo dispersar a reunião, eram poucos. Aquela multidão armada e tão certa de sua retidão iria massacrá-los.

No meio do grupo vinha um padre de 60 e poucos anos usando uma ostentatória cruz de prata por fora das vestes negras. Quando ele chegou mais perto, Ebrima viu que tinha olhos escuros e fundos, nariz pronunciado e a boca contraída numa linha dura e decidida. Não o reconheceu, mas Carlos disse:

– Aquele é Pieter Titelmans, deão de Ronse. O inquisidor-geral.

Ebrima olhou aflito para Matthus e seus amigos. Os jovens ainda não tinham visto o recém-chegado. O que fariam ao se dar conta de que o inquisidor-geral viera espionar sua reunião?

– Vamos ficar fora do caminho... Ele me conhece – falou Carlos, quando o grupo chegou mais perto.

Mas era tarde. Titelmans cruzou o olhar com o dele.

– Que decepção encontrá-lo neste ninho de impiedade – atalhou, surpreso.

– Eu sou um bom católico! – protestou Carlos.

Titelmans inclinou a cabeça para trás como um gavião faminto que percebe um movimento na grama.

– O que um bom católico estaria fazendo cantando salmos numa orgia protestante?

Quem respondeu foi Ebrima.

– O conselho municipal precisa saber quantos protestantes existem na Antuérpia. Fomos enviados para contá-los.

Titelmans não se convenceu.

– Por que eu acreditaria na palavra desse etíope? – perguntou a Carlos. – Ele provavelmente é muçulmano.

Ah, se o senhor soubesse!, pensou Ebrima. Então reconheceu um dos integrantes do séquito de Titelmans, um homem de meia-idade, cabelos grisalhos e com a compleição vermelha de quem ama vinho.

– O padre Huus me conhece – falou.

Huus era cônego na catedral da Antuérpia.

– Esses dois homens são bons católicos, deão Pieter – disse Huus em voz baixa. – Frequentam a igreja da paróquia de Saint James.

O salmo chegou ao fim e o pastor começou a falar. Algumas pessoas chegaram mais perto para ouvir as palavras que ele gritava para a campina. Outros repararam em Titelmans com sua grande cruz de prata e ouviram-se murmúrios de irritação.

– Senhor, há mais protestantes aqui do que imaginávamos – observou Huus, nervoso. – Se houver violência, não teremos homens suficientes para protegê-lo.

Titelmans o ignorou.

– Se vocês são o que alegam, podem me dizer o nome de alguns desses homens maus – disse o inquisidor, com uma expressão ardisosa, e indicou a congregação com um gesto amplo do braço.

Ebrima não ia trair seus vizinhos para um torturador e sabia que Carlos devia pensar o mesmo. Viu que o amigo estava prestes a protestar, então o impediu:

– É claro, deão Pieter. Ficaremos satisfeitos em lhe dar nomes.

Olhou em volta, então tornou a falar:

– No momento, infelizmente, não vejo ninguém que eu conheça.

– Isso é improvável. Deve haver 7 ou 8 mil pessoas aqui.

– A Antuérpia é uma cidade de 80 mil habitantes. Eu não conheço todos eles.

– Mesmo assim, deve reconhecer alguns.

– Não creio. Talvez porque todos os meus amigos sejam católicos.

Titelmans não soube o que dizer, e Ebrima ficou aliviado. Havia sobrevivido ao interrogatório. Foi então que ouviu uma voz chamar no dialeto brabanção local:

– Carlos! Ebrima! Bom dia!

Ebrima olhou para trás e deu de cara com o cunhado, Albert Willemsen, o fundidor que os ajudara quando chegaram à Antuérpia, seis anos antes. Albert construía uma fornalha igual à de Carlos e Ebrima e vinha ganhando um bom

dinheiro. Com ele estavam sua esposa, Betje, e Drike, a filha magra e de rosto angelical, agora com 14 anos. Albert e a família haviam abraçado o protestantismo.

– Não acha isto aqui incrível? – perguntou Albert a Carlos, entusiasmado. – Todas essas pessoas cantando a palavra de Deus, e ninguém para mandá-las calar a boca!

– Cuidado com o que diz – alertou-o Carlos, baixinho.

Mas o empolgado Albert não reparara em Titelmans nem na sua cruz.

– Ora, vamos, Carlos, por favor, você é um homem tolerante, não um repressor. Não é possível que veja algo aqui que desagrade ao Deus do amor.

– Cale a boca – disse Ebrima com urgência.

O cunhado fez uma cara de mágoa e incompreensão, então, quando Betje apontou para o inquisidor-geral, Albert ficou lívido.

Mas outros começavam a reparar em Titelmans, e a maioria dos protestantes próximos já tinha dado as costas ao pastor para encará-lo. Matthus e os amigos se aproximavam empunhando seus porretes.

– Fiquem longe, meninos, não quero vocês aqui – disse Ebrima bem alto.

Matthus ignorou o padrasto e se postou próximo a Drike. Era um rapagão que ainda não se acostumara ao próprio tamanho. Seu rosto jovem exibia uma expressão em parte ameaçadora, em parte amedrontada. A atitude em relação a Drike, porém, pareceu protetora, e Ebrima se perguntou se o enteado estaria apaixonado. Preciso perguntar a Evi, pensou.

– O melhor seria voltarmos para a cidade agora, deão Pieter – sugeriu o padre Huus.

Titelmans parecia decidido a não ir embora com as mãos abanando. Apontou para Albert.

– Diga-me, padre Huus, qual é o nome desse homem?

– Desculpe, deão, eu não o conheço – respondeu Huus.

Ebrima sabia que aquilo era uma mentira corajosa.

Titelmans se virou para Carlos.

– Bem, o *senhor* evidentemente o conhece... Ele lhe falou como quem se dirige a um velho amigo. Quem é ele?

Carlos hesitou.

Titelmans tinha razão, pensou Ebrima: Carlos não podia fingir não conhecer Albert após um cumprimento tão efusivo.

– Vamos, vamos! – disse o inquisidor-geral. – Se o senhor é tão bom católico quanto alega, vai ficar feliz em identificar um herege. Se não o fizer, será questionado em outro lugar, onde temos meios para torná-lo honesto.

Carlos estremeceu, e Ebrima imaginou que estivesse pensando em Pedro Ruiz sendo submetido à tortura da água em Sevilha.

– Não vou permitir que meus amigos sejam torturados por minha causa – pronunciou-se Albert, com valentia. – Meu nome é Albert Willemsen.

– Profissão?

– Fundidor.

– E as mulheres?

– Deixe-as fora disso.

– Nada fica fora da misericórdia de Deus.

– Não sei quem são – disse Albert, desesperado. – São duas prostitutas que encontrei na estrada.

– Elas não parecem prostitutas. Mas vou descobrir a verdade.

Titelmans se virou para Huus.

– Anote este nome: Albert Willemsen, fundidor.

Ele catou as saias das vestes, virou as costas e voltou por onde chegara, seguido por sua pequena comitiva.

Os outros o observaram partir.

– Merda! – disse Carlos.

ii

A torre norte da catedral da Antuérpia tinha quase 130 metros de altura. Havia sido projetada para fazer par com a sul, que nunca fora construída. Ebrima a achava mais impressionante sozinha, um único dedo a apontar para o céu.

Não pôde evitar o assombro ao adentrar a nave. O estreito corredor central tinha um teto abobadado cuja altura parecia impossível. Aquilo às vezes o fazia pensar se o deus dos cristãos talvez não fosse real, no fim das contas. Então lembrava-se de que nada do que construíam podia se comparar à força e à

majestade de um rio.

Acima do altar principal ficava o orgulho da cidade: uma grande escultura de Jesus crucificado entre os dois ladrões. A Antuérpia era uma cidade rica e culta, por isso a catedral era repleta de pinturas, esculturas, vitrais e objetos preciosos. E nesse dia o amigo e parceiro de Ebrima, Carlos, iria aumentar esse tesouro.

Ebrima torceu para que aquilo compensasse o malfadado encontro com o detestável Pieter Titelmans. Era ruim ter o inquisidor-geral como inimigo.

Do lado sul da igreja ficava a capela dedicada a Urbano, o santo padroeiro dos fabricantes de vinho. Era ali que estava pendurado o quadro novo, coberto por um pano de veludo vermelho. Assentos tinham sido reservados na pequena capela para os amigos e parentes de Carlos, bem como para os homens ilustres da guilda dos fundidores. Em pé ali perto, ansiosos para ver o quadro novo, estavam uns cem vizinhos e colegas de profissão, todos trajando suas melhores roupas.

Ebrima constatou que Carlos reluzia de felicidade. O amigo estava sentado num lugar de honra na igreja que era o centro daquela grande cidade. A cerimônia desse dia iria confirmar que ali era o seu lugar. Ele se sentia amado, respeitado e seguro.

Padre Huus chegou para rezar a missa de consagração. Em seu curto sermão, descreveu Carlos como um bom cristão, que criava os filhos na fé e usava seu dinheiro para embelezar a catedral. Chegou até a sugerir que Carlos estivesse destinado a um dia fazer parte do governo da cidade. Ebrima gostava de Huus. O padre muitas vezes pregava contra o protestantismo, mas era o máximo que se mostrava disposto a fazer. Ebrima tinha certeza de que ele relutava em ajudar Titelmans e que só o fazia por não haver alternativa.

As crianças começaram a ficar inquietas durante as preces. Já era difícil para elas passarem muito tempo escutando alguém que falasse a própria língua, quem dirá latim. Carlos ordenou que ficassem caladas, mas com delicadeza: era um pai tolerante.

Quando a missa terminou, Huus pediu a Carlos que se aproximasse e retirasse o pano do quadro.

Carlos segurou uma ponta do tecido de veludo, então hesitou. Ebrima pensou que ele talvez estivesse a ponto de fazer um discurso, o que seria um erro:

pessoas comuns não discursavam na igreja, a menos que fossem protestantes. Carlos então puxou o veludo, primeiro de modo nervoso, depois com mais vigor. Por fim, o tecido caiu feito uma cascata escarlata e a pintura foi revelada.

O pintor retratara a boda sendo celebrada numa casa de cidade luxuosa, que poderia muito bem ser a residência de um banqueiro da Antuérpia. Jesus aparecia sentado à cabeceira de uma mesa, trajando vestes azuis. Ao seu lado, o anfitrião do banquete era um homem de ombros largos e barba preta cerrada muito parecido com Carlos e acompanhado por uma mulher loura sorridente que poderia ser Imke. Um burburinho de comentários emanou do grupo em pé na nave da igreja, e houve sorrisos e risadas à medida que outros rostos eram identificados: ali estava Ebrima com um chapéu em estilo árabe, ladeado por Evi num vestido que lhe realçava o busto farto; um homem ricamente vestido ao lado de Imke era sem dúvida Jan Wolman, seu pai; e as jarras de vinho vazias estavam sendo examinadas por um serviçal alto, magro e de ar consternado parecido com Adam Smits, o mais conhecido comerciante de vinho da Antuérpia. Havia até um cachorro igualzinho ao sabujo de Carlos, Sansão.

O quadro ficava bem na capela, sobre o fundo de pedras antiquíssimas da catedral, bem-iluminado por uma janela voltada para o sul. As vestes dos ricos convidados reluziam em tons vivos de laranja, azul e verde contra o branco da toalha de mesa e as paredes claras da sala de jantar.

Carlos ficou visivelmente encantado. Padre Huus apertou sua mão, em seguida se retirou. Todos os outros quiseram parabenizar Carlos, e ele percorreu a multidão sorrindo e aceitando os elogios de seus concidadãos. Após algum tempo, bateu palmas e disse:

– Estão todos convidados para irem à minha casa! E prometo que o vinho não vai acabar!

O grupo seguiu junto pelas ruas sinuosas do centro da cidade até a residência de Carlos. Ele conduziu os demais até o andar de cima, onde comida e vinho os aguardavam em mesas na luxuosa sala de estar. Os convidados se serviram com entusiasmo. A eles se juntaram vários protestantes que não tinham comparecido à catedral, incluindo Albert e a família.

Ebrima pegou um cálice e tomou um grande gole. O vinho de Carlos sempre era bom. Limpou a boca com a manga. O vinho aqueceu seu sangue e o fez

relaxar. Ele conversou de forma amistosa com Jan Wolman sobre negócios, com Imke sobre os filhos dela e com Carlos, rapidamente, sobre um cliente que vinha protelando uma conta: o homem estava ali, aproveitando a hospitalidade do espanhol, e Ebrima achava que aquele era o momento de confrontá-lo e pedir o dinheiro, mas Carlos não queria estragar o clima. Os convidados começaram a ficar um pouco ruidosos. Crianças se desentendiam, jovens tentavam conquistar moças, homens casados flertavam com esposas de amigos. As festas eram iguais por toda parte, pensou Ebrima, até mesmo na África.

Foi então que Pieter Titelmans apareceu.

O primeiro sinal que Ebrima percebeu foi um silêncio que se abateu sobre o recinto, começando pela porta e espalhando-se pelos quatro cantos. Estava conversando com Albert sobre as vantagens dos canhões de ferro fundido em comparação com os de bronze quando ambos perceberam algo errado e ergueram os olhos. Postado à porta, com a grande cruz de prata no pescoço, Titelmans estava outra vez acompanhado por padre Huus e quatro soldados.

– O que esse demônio quer? – indagou Ebrima.

– Quem sabe ele veio parabenizar Carlos pelo quadro? – respondeu Albert, aflito, porém esperançoso.

Carlos abriu caminho pela multidão silenciosa e se dirigiu a Titelmans com um semblante de amabilidade.

– Bom dia, deão Pieter. Bem-vindo à minha casa. Aceita um cálice de vinho? Titelmans ignorou a oferta.

– Tem algum protestante aqui? – perguntou ele.

– Acho que não – respondeu Carlos. – Acabamos de chegar da catedral, onde expusemos o...

– Eu sei o que vocês fizeram na catedral – interrompeu Titelmans de modo rude. – Tem algum protestante aqui?

– Posso lhe garantir que até onde eu saiba...

– O senhor está prestes a mentir para mim. Sinto o cheiro da mentira.

A afabilidade de Carlos começou a perder força.

– Se não acredita em mim, por que pergunta?

– Para testá-lo. Agora cale a boca.

– Eu estou na minha casa! – cuspiu Carlos.

Titelmans levantou a voz para todos escutarem:

– Vim aqui falar com Albert Willemsen.

Titelmans parecia não ter certeza de quem era Albert, pois só o vira durante poucos minutos no Pasto de Lorde Hubert. Por alguns instantes, Ebrima teve esperança de que todos pudessem fingir que Albert não estava presente. Mas nem todos os convidados foram espertos o bastante: muitos deles cometeram a estupidez de se virar e olhar diretamente para Albert.

Após um instante de hesitação causada pelo medo, Albert deu um passo à frente. Numa demonstração de coragem e intimidação, perguntou:

– O que o senhor quer comigo?

– E com sua esposa – disse Titelmans, apontando para ela.

Infelizmente, Betje estava em pé junto ao marido, e a suposição do deão foi correta. Com um ar pálido e assustado, ela deu um passo à frente.

– E a filha.

Drike não estava perto dos pais, e Titelmans com certeza não iria se lembrar de uma menina de 14 anos.

– A menina não está aqui – mentiu Carlos, corajosamente.

Talvez ela conseguisse se salvar, pensou Ebrima, esperançoso. Mas Drike não queria ser salva.

– Eu sou Drike Willemsen – ecoou uma voz feminina.

Ebrima sentiu um peso no coração.

Então a viu, junto à janela, num vestido branco, conversando com Matthus e segurando no colo o gato de estimação de Carlos.

– Ela é só uma criança, deão – argumentou o anfitrião. – Com certeza...

Mas Drike não havia terminado.

– E sou protestante – falou, num tom de desafio. – Algo por que agradeço a Deus.

Os convidados produziram um murmúrio que foi um misto de admiração e agonia.

– Venha cá – ordenou Titelmans.

Drike atravessou a sala de cabeça erguida, e Ebrima pensou: Ah, não.

– Levem os três embora – ordenou Titelmans à sua comitiva.

– Por que não nos deixa em paz? – gritou alguém.

O deão olhou com raiva na direção de onde viera o grito, mas não conseguiu identificar quem tinha se manifestado. Ebrima sabia, porém: reconhecera a voz do enteado.

– É, volte para Ronse! – gritou outro homem.

Os outros convidados começaram a manifestar sua aprovação e vaiar o religioso. Os soldados de Titelmans escoltaram os Willemsens para fora da sala. Quando o deão se virou para segui-los, Matthus atirou um pãozinho, que acertou Titelmans nas costas. O deão fingiu não notar. Então um cálice voou pelos ares e foi bater na parede ao seu lado, salpicando de vinho suas vestes. As vaias se tornaram mais altas e mais grosseiras. Titelmans mal conseguiu manter a dignidade enquanto saía apressado antes que mais alguma coisa o atingisse.

A multidão riu e bateu palmas quando ele se retirou. Mas Ebrima sabia que não havia motivo para comemorar.

iii

A morte da jovem Drike foi marcada para dali a duas semanas.

A execução foi anunciada na catedral. Segundo Titelmans, Albert e Betje haviam renegado o protestantismo, pedido perdão a Deus e implorado para serem acolhidos outra vez no seio da Igreja. Ele decerto sabia que as confissões do casal eram insinceras, mas era obrigado a liberá-los com uma multa. Para horror de todos, porém, Drike se recusara a abjurar sua religião.

Titelmans não permitia que ninguém a visitasse na prisão, mas Albert subornou os guardas e entrou mesmo assim. No entanto, não conseguiu fazer a filha mudar de ideia. Com o idealismo dos jovens, Drike insistiu que estava disposta a morrer para não trair seu Senhor.

Ebrima e Evi foram visitar Albert e Betje na véspera da execução. Queriam apoiar e reconfortar os amigos, mas de nada adiantou. Betje chorava sem parar, Albert mal conseguia falar. Drike era sua única filha.

Nesse dia, um poste foi fincado no centro da cidade, numa rua calçada visível da catedral, do elegante prédio do Grande Mercado e da luxuosa e inacabada sede da prefeitura. Um carregamento de lenha seca foi despejado ao lado do poste por uma carroça.

A execução foi marcada para o raiar do dia, e a multidão começou a se formar antes do alvorecer. Ebrima notou que todos chegavam abatidos. Quando criminosos vis, como ladrões e estupradores, eram executados, os espectadores zombavam deles e davam vivas à sua agonia; mas isso não iria acontecer nesse dia. Muitos na multidão eram protestantes e temiam ter o mesmo destino. Os católicos, como Carlos, sentiam raiva dos problemas causados pelos protestantes e tinham medo de que as guerras religiosas se alastrassem da França para os Países Baixos; poucos, entretanto, acreditavam que fosse correto queimar uma menina na fogueira.

Drike foi conduzida da prefeitura pelo carrasco Egmont, um homem grande trajado com uma blusa de couro e carregando uma tocha acesa. A jovem usava o mesmo vestido branco com o qual fora presa. Ebrima percebeu na hora que, na sua arrogância, Titelmans cometera um erro. A menina parecia uma virgem, o que devia mesmo ser, e exibia a mesma beleza pálida dos quadros de Maria. Ao vê-la, a multidão deu um arquejo coletivo.

– Isso vai se tornar um martírio – falou à esposa, Evi.

Ele olhou para Matthus e notou os olhos marejados.

Uma das portas do lado oeste da catedral se abriu, e Titelmans surgiu à frente de um pequeno grupo de padres que pareciam corvos negros.

Dois soldados amarraram Drike ao poste e empilharam a lenha ao redor de seus pés.

Titelmans começou a falar para a multidão sobre verdade e heresia. O homem não tinha a melhor noção do efeito que surtia sobre as pessoas, percebeu Ebrima. Tudo nele as ofendia: o tom de intimidação, a expressão arrogante e o fato de ele não ser natural da cidade.

Então Drike começou a falar. Sua voz aguda se ergueu acima dos gritos de Titelmans. Ela gritou em francês:

– *Mon Dieu me paist sous sa puissance haute: c'est mon berger, de rien je n'aurai faute.*

Era o Salmo 23, que fora cantado no Pasto de Lorde Hubert e começava com “O Senhor é meu pastor”. A emoção varreu os presentes feito um maremoto. Ebrima sentiu lágrimas nos olhos. Outros começaram a chorar abertamente. Todos sentiam estar diante de uma tragédia sagrada.

Titelmans ficou irado. Dirigiu-se ao carrasco, e Ebrima estava próximo o suficiente para ouvir o que ele disse:

– Você deveria ter arrancado a língua dela!

Existia uma ferramenta especial para remover línguas, no formato de uma garra. Fora inventada para punir mentirosos, mas às vezes era usada para silenciar hereges e impedi-los de pregar para a multidão na hora da morte.

– Só mediante instruções específicas – rebateu Egmont, contrariado.

– *En tect bien seur joignant les beaux herbages* – continuou Drike. – *Coucher me faict, me meine aux clairs rivages.*

Ela olhava para cima, e Ebrima teve certeza de que a jovem já via os verdes pastos e as águas calmas que aguardavam na vida após a morte de todas as religiões.

– Desloque o queixo dela – ordenou Titelmans.

– Está bem – respondeu Egmont.

Naturalmente, o carrasco era um homem de pouca sensibilidade, mas mesmo ele se ofendeu com essa instrução e não se deu ao trabalho de disfarçar o desagrado. Mesmo assim, passou a tocha que segurava para um dos soldados.

– Vão deslocar o queixo dela! – gritou Matthus para a multidão.

– Cale a boca! – ordenou sua mãe, aflita, mas a voz portentosa do rapaz já se propagara.

Um rugido coletivo de raiva ecoou. As palavras de Matthus foram repetidas pela multidão até todos ficarem sabendo.

– Deixem-na rezar! – berrou o jovem.

E seu grito foi repetido por outras pessoas:

– Deixem-na rezar! Deixem-na rezar!

– Você vai ter problemas! – alertou-o Evi.

Egmont foi até Drike e levou as duas mãos até seu rosto. Enfiou os polegares na boca da jovem e segurou firme o maxilar, para poder soltar o osso das articulações.

Ebrima sentiu um movimento brusco ao seu lado, e então Egmont foi atingido na parte de trás da cabeça por uma pedra atirada por Matthus.

Foi uma pedra grande, bem mirada, e lançada pelo braço forte de um rapaz de 17 anos. Ebrima ouviu a pancada quando o projétil acertou o crânio de

Egmont. O carrasco cambaleou como quem perde momentaneamente a consciência e soltou o rosto de Drike. Todos deram vivas.

Titelmans viu que a execução fugia ao controle.

– Certo, deixe estar, acendam o fogo! – ordenou ele.

– Não! – berrou Matthus.

Mais pedras foram lançadas, mas erraram o alvo.

Egmont tornou a pegar sua tocha e a encostou na lenha. Os gravetos secos se acenderam depressa.

Matthus empurrou Ebrima para passar e correu em direção a Drike.

– Pare! – gritou Evi.

O filho a ignorou.

Os soldados sacaram as espadas, mas Matthus agiu rápido demais. Chutou a lenha acesa para longe dos pés de Drike, em seguida saiu correndo e tornou a desaparecer no meio da multidão.

Os soldados partiram atrás com as espadas erguidas. A multidão se abriu diante deles, aterrorizada.

– Eles vão matá-lo! – gritou Evi.

Ebrima viu que só havia um jeito de salvar o rapaz: começando uma revolta generalizada. Não seria difícil, pois a multidão já estava a um passo disso.

Ele avançou aos empurrões e outros o seguiram e cercaram o poste que agora ninguém mais guardava. Ebrima sacou a adaga e cortou as cordas que prendiam Drike. Albert surgiu, pegou no colo a filha, que não pesava muito, e os dois desapareceram na multidão.

As pessoas se voltaram contra os padres e começaram a empurrá-los. Os soldados desistiram de procurar Matthus e voltaram para defender os membros do clero.

Titelmans se afastou apressado em direção à catedral, e os padres foram atrás. Sua caminhada se transformou em corrida. Vaiando-os sem parar, a multidão os deixou partir e os observou passar pelo arco de pedra elaboradamente esculpido, empurrar a grande porta de madeira para abri-la e, por fim, sumir dentro da escuridão da igreja.

Albert e a família foram embora da Antuérpia naquela noite.

Ebrima fazia parte do pequeno grupo de pessoas que sabia seu destino: Amsterdã. A cidade era menor, mas ficava mais ao nordeste, afastada do centro do poder espanhol em Bruxelas e, por esse motivo, prosperava e crescia depressa.

Ebrima e Carlos compraram a fundição de Albert e lhe pagaram em ouro, que ele levou em alforjes fechados no lombo de um cavalo forte.

O jovem Matthus quis ir com eles, e Ebrima, que tinha a vaga recordação do poder de uma história de amor naquela idade, teria deixado, mas Albert ponderou que a filha era nova demais para se casar e que o melhor seria esperarem um ano. Então Matthus iria a Amsterdã e pediria a mão dela, caso ainda quisesse. O rapaz jurou que assim faria, mas sua mãe só disse: “Veremos.”

Titelmans se acalmou. Não houve mais nenhum confronto, mais nenhuma prisão. Talvez ele houvesse entendido que os católicos da Antuérpia não apreciavam o extremismo. Ou talvez estivesse apenas esperando o momento certo para agir.

Ebrima preferiria que os protestantes também se acalmassem, mas eles pareciam ter ficado mais confiantes, para não dizer arrogantes. Exigiam tolerância e o direito de adorar a Deus como bem entendessem, mas nunca se contentavam com isso, pensou, exasperado. Para eles, os católicos não estavam apenas equivocados: eram pessoas más. As práticas religiosas que os europeus seguiam fazia centenas de anos eram blasfemas, diziam, e deviam ser abolidas. Eles não exercitavam a tolerância que pregavam.

O fato de os senhores espanhóis e seus aliados no clero perderem autoridade preocupava Ebrima. Sob a aparente calma, o ódio e a violência fervilhavam na cidade. Como qualquer empreendedor, ele só queria paz e estabilidade para poder conduzir seus negócios.

Era exatamente isso que estava fazendo, negociando com um comprador na fundição e transpirando por causa do calor do verão, no vigésimo dia de agosto, quando os problemas recomeçaram.

Ouviu uma confusão na rua: gente correndo, vidro se quebrando e gritos de homens alterados. Correu para ver o que estava acontecendo, e Carlos e Matthus o acompanharam. Uns duzentos jovens, entre eles algumas moças, corriam pelas

ruas. Carregavam escadas, polias e cordas, marretas, barras de ferro e pedaços de corrente.

– O que vocês estão fazendo? – gritou Ebrima, mas ninguém respondeu.

O vidro que ele ouvira se quebrar fora de uma janela da casa do padre Huus, que morava na mesma rua da fundição. No entanto, pelo visto isso fora apenas um capricho, porque a turba rumava decidida para o centro da cidade.

– Que diabo eles vão aprontar? – indagou Carlos.

Ebrima podia adivinhar. Torceu para estar errado.

Os três seguiram a multidão até a praça em que Drike havia sido resgatada. Lá, os jovens se reuniram no centro e um deles pediu a bênção de Deus no dialeto brabanção. Entre os protestantes, todos podiam rezar, não só os padres, e podia-se usar o próprio idioma em vez do latim. Ebrima temia que eles fossem à praça do mercado porque era lá que ficava a catedral e logo viu que seu medo tinha fundamento. Quando a prece terminou, todos se viraram ao mesmo tempo, obviamente seguindo um plano, e marcharam em direção à igreja.

A entrada era um arco gótico pontudo feito sob uma cornija emoldurada. A sequência de arcos internos trazia anjos e santos esculpidos na pedra e, no tímpano, via-se uma representação de Deus no céu. Ao lado de Ebrima, Carlos deu um arquejo de horror quando o grupo começou a atacar os relevos com suas marretas e armas improvisadas. À medida que eles destruíam as esculturas, gritavam citações da Bíblia, fazendo as escrituras soarem como maldições.

– Parem com isso! – gritou Carlos. – Vai haver retaliação!

Ninguém lhe deu ouvidos.

Ebrima percebeu que o enteado também queria participar. Quando o rapaz deu um passo à frente, segurou-o pelo braço com sua mão forte de fundidor.

– O que sua mãe iria dizer? – falou. – Ela reza nesta igreja! Pare e pense.

– Eles estão fazendo o trabalho de Deus! – berrou Matthus.

Porém as portas da grande catedral estavam trancadas: os padres tinham previsto o destino dos jovens. Ebrima ficou aliviado: isso limitava os danos que eles poderiam causar. Talvez agora o movimento perdesse fôlego. Ele soltou o braço de Matthus.

Mas a turba correu para o norte da igreja buscando outro acesso. Quem observava o grupo foi atrás. Para consternação de Ebrima, uma porta lateral

estava destrancada: no pânico, os padres deviam tê-la esquecido. A turba entrou na igreja por ali, e Matthus se afastou do padrao.

Quando Ebrima conseguiu entrar, os protestantes corriam em todas as direções gritando em triunfo e atacando qualquer imagem esculpida ou pintada. Pareciam embriagados, só que não de vinho. Estavam possuídos por um frenesi de destruição. Tanto Carlos quanto Ebrima gritaram que parassem, e outros cidadãos mais velhos pediram o mesmo, mas de nada adiantou.

Havia alguns padres no coro, e Ebrima os viu fugir pelo pórtico sul. Um deles fez o contrário e foi na direção dos intrusos, com as duas mãos erguidas como se assim pudesse detê-los. Era o padre Huus.

– Vocês são filhos de Deus – ele não parava de dizer, enquanto seguia direto para os jovens descontrolados. – Parem com isso e vamos conversar.

Um rapagão trombou com ele e o derrubou no chão, e os outros passaram por cima.

Eles arrancaram tapeçarias valiosas das paredes e as atiraram no meio do transepto, onde, aos gritos, algumas jovens tocaram fogo nelas usando velas de um altar. Imagens de madeira foram quebradas; livros antigos, rasgados; vestes eclesiásticas preciosas, transformadas em farrapos; depois tudo foi parar no fogo.

Ebrima ficou arrasado não só pela destruição, mas também por suas consequências inevitáveis. Aquilo não seria tolerado. Era uma provocação e um ultraje para o rei Filipe e o papa Pio, os dois homens mais poderosos da Europa. A Antuérpia seria punida. Talvez demorasse muito, pois as engrenagens da política internacional giravam devagar, mas, quando isso acontecesse, seria terrível.

Alguns integrantes do grupo estavam dispostos a fazer algo ainda mais grave. Reuniram-se em volta do altar-mor e, bem depressa, colocaram escadas e polias em posições que já deviam ter combinado. O alvo era obviamente a imensa escultura.

Carlos ficou estarecido.

– Vão mutilar o Cristo na cruz! – falou.

Horrorizado, viu-os amarrarem cordas em volta de Jesus e atacarem suas pernas a machadadas para enfraquecer a estrutura. Não paravam de gritar frases sobre idolatria, mas até mesmo para o pagão Ebrima ficou claro que, naquele

caso, quem estava cometendo a heresia eram os protestantes. Eles manejaram as polias com destreza, esticando as cordas, até que, por fim, o Jesus crucificado pendeu para a frente, partiu-se na altura dos joelhos e foi jogado no chão, de bruços. Não satisfeitos, os jovens deram marretadas na estátua caída, esmigalhando seus braços e a cabeça com um júbilo que parecia satânico.

Na escultura, os dois ladrões que antes ladeavam Jesus agora pareciam encarar com tristeza seu corpo despedaçado.

Alguém encontrou um frasco de vinho da comunhão e um cálice de ouro, e todos se parabenizaram e beberam.

Um grito vindo do lado sul fez Ebrima e Carlos se virarem. Chocado, Ebrima viu que um pequeno grupo se reunira na capela de Santo Urbano e mirava o quadro das bodas de Caná encomendado por seu amigo.

– Não! – rugiu Carlos, mas ninguém escutou.

Os dois atravessaram correndo a igreja, mas, antes que pudessem chegar à tela, um rapaz já a havia rasgado de fora a fora com uma adaga. Carlos se jogou em cima do garoto e o derrubou no chão; a faca voou longe. Mas outros agarraram tanto Carlos quanto Ebrima. Eles se debateram, mas não conseguiram se soltar.

O rapaz que Carlos havia atacado se levantou, aparentemente ileso. Pegou a faca e tornou a atacar o quadro, várias vezes, esfarrapando as imagens de Jesus e dos discípulos e as representações de Carlos e seus parentes e amigos entre os convidados do casamento.

Uma moça trouxe uma vela e encostou a chama na tela rasgada. O tecido embebido de tinta primeiro se chamuscou e soltou fumaça. Pouco depois, o fogo surgiu. Espalhou-se depressa, e logo o quadro inteiro ardia.

Ebrima parou de se debater. Fitou Carlos, que fechara os olhos. Os jovens arruaceiros soltaram os dois e se afastaram para buscar outro alvo.

Carlos caiu de joelhos e chorou.

CAPÍTULO 15

Alison McKay estava na prisão junto com Maria, rainha da Escócia.

As duas estavam confinadas num castelo escocês construído numa ilha no meio de um lago, o Loch Leven. Eram vigiadas dia e noite por quinze soldados, mais do que suficientes para manter duas mulheres sob controle.

E iriam fugir.

Maria era indomável e não tinha bom senso. Alison admitia para si mesma que quase todas as decisões que a rainha já tomara se revelaram erros. Mas Maria não desistia nunca. Alison adorava isso nela.

Loch Leven era um lugar lúgubre. A parte em que moravam era uma torre quadrada de pedra cinza, com janelas pequenas para não deixar entrar o vento frio que soprava com força ali, até mesmo no verão. A construção fazia parte de um complexo que tinha menos de 100 metros de ponta a ponta. Do lado de fora havia uma pequena faixa de vegetação rasteira, seguida pelo lago. Durante as tempestades, a relva ficava submersa e as ondas lambiam as pedras do muro. O lago era grande, e um homem forte gastava meia hora para remar até o continente.

Seria difícil escapar daquela prisão, mas elas precisavam tentar. Estavam infelizes demais. Alison nunca imaginara que o tédio pudesse levá-la a contemplar o suicídio.

As duas tinham sido criadas na esfuziante corte francesa, cercadas por pessoas com roupas esplendorosas e joias de valor incalculável e sendo convidadas para banquetes, cortejos e peças de teatro todos os dias. Suas conversas rotineiras tinham por tema complôs políticos e intrigas sociais. Os homens que as cercavam iniciavam e encerravam guerras; as mulheres eram rainhas e mães de reis. Depois disso, Loch Leven era um purgatório.

Corria o ano de 1568. Alison estava com 27 anos e Maria, com 25. Fazia quase um ano que elas estavam ali e Alison passara a maior parte desse tempo

avaliando em que elas teriam errado.

O primeiro equívoco de Maria fora se apaixonar e em seguida se casar com Henrique, lorde Darnley, primo da rainha Elizabeth e um homem charmoso, sifilítico e afeito a bebidas alcoólicas. Alison ficara dividida: feliz por Maria se apaixonar, mas consternada com a escolha da amiga.

O amor logo se esgotou e, quando Maria engravidou, Darnley assassinou o secretário particular dela, que desconfiava ser o pai da criança.

Na opinião de Alison, se havia um nobre na Escócia ainda pior do que o marido de Maria, era o violento conde de Bothwell, e o segundo erro da amiga fora incentivá-lo a matar Darnley. Bothwell conseguira, mas todos souberam ou deduziram o que ocorrera.

Nem Maria nem Alison estavam preparadas para a reação dos escoceses. A Escócia era um país honrado, de forma que tanto católicos quanto protestantes reprovaram a imoralidade da realeza. O prestígio de Maria com seu povo despencou.

Alison sentira que uma nuvem de má sorte se abatia sobre elas quando Bothwell as raptou e forçou Maria a passar a noite com ele. Em outras circunstâncias, a nação teria se indignado com esse ataque à rainha e saído em sua defesa, mas a essa altura a honra de Maria já estava maculada, e ela não tinha certeza do apoio popular. Juntas, as duas decidiram que o único jeito de recuperar sua reputação era ela se casar com Bothwell e fingir que ele na verdade não a violentara. A esposa do conde, já farta dele, conseguiu um divórcio rápido – que não foi reconhecido pela Igreja Católica –, e a rainha se casou sem demora.

Esse foi o terceiro erro.

Vinte e seis nobres escoceses indignados recrutaram um exército e venceram as tropas de Bothwell e Maria. Capturaram a rainha, forçaram-na a abdicar em favor de Jaime, seu filho de 1 ano, e a aprisionaram em Loch Leven... sem a criança.

Todos esses acontecimentos foram sem dúvida acompanhados de perto pela rainha Elizabeth da Inglaterra. Em princípio, Elizabeth apoiava Maria como soberana legítima e incontestável da Escócia, mas na prática nenhuma equipe de resgate despontou no horizonte. A verdadeira atitude de Elizabeth era decerto a

mesma de alguém que ouve dois bêbados brigando na rua durante a noite: pouco importava quem saísse vencedor, contanto que nenhum deles tentasse entrar na casa.

Enquanto Maria estava com Darnley, Alison se casara com um bom católico, um rapaz louro de olhos cor de avelã que lhe lembrava Pierre Aumande. O marido era gentil e afetuoso, mas esperava que ela servisse a ele, não a Maria – o que Alison achou muito difícil, embora soubesse que deveria ter previsto essa possibilidade. Ela engravidou, mas perdeu o bebê aos quatro meses de gestação. Pouco depois, o marido morreu num acidente de caça, e foi quase um alívio para Alison retornar ao seu conhecido papel de braço direito da rainha.

E agora, aquilo. “Ninguém mais me amou como você me ama”, dissera Maria numa das longas e escuras noites em Loch Leven, e Alison enrubescera com uma emoção indistinta porém intensa. “Meu pai morreu quando eu era bebê, minha mãe quase sempre morou em outro lugar. Meus três maridos foram lamentavelmente fracos, cada qual ao seu modo. Você foi minha mãe, meu pai e meu marido. Não é estranho?” Alison chorara ao ouvir isso.

Seu carcereiro era sir William Douglas, proprietário de Loch Leven. Maria tinha uma capacidade notável de conquistar afeição, e sir William sucumbira ao seu charme. Agia como um anfitrião zeloso cuidando de uma hóspede distinta. Suas filhas adoravam Maria e achavam extremamente romântica a ideia de haver uma rainha aprisionada, mas lady Agnes, mãe delas, não se deixava seduzir. Dona de um forte senso de dever, Agnes se mantinha alerta.

No entanto, ela acabara de dar à luz o sétimo filho e ainda estava confinada ao quarto, um dos motivos que faziam daquele o momento certo para uma tentativa de fuga.

Maria ainda estava sendo vigiada pelo capitão Drysdale e seus soldados. No entanto, por ser domingo, dia 2 de maio, os homens estavam se esbaldando no Festival da Primavera e bebendo mais do que de costume. Alison torceu para eles se descuidarem no final da tarde, quando ela e Maria executariam sua fuga.

Seria difícil, mas elas tinham colaboradores.

Em Loch Leven moravam também o bonito meio-irmão de sir William, George, e Willie Douglas, um órfão alto de 15 anos que, achava Alison, devia ser filho ilegítimo de sir William.

Maria decidira conquistar o coração de George. Ela não pudera mandar buscar suas joias, mas recebera autorização para as roupas, de modo que podia se vestir bem. Em todo caso, George não se mostrara um grande desafio: Maria sempre fora bonita, e ali, naquela pequena ilha, não tinha rivais. Além disso, com um grupo de pessoas tão reduzido vivendo naquele espaço confinado, os sentimentos românticos podiam surgir depressa. Alison supunha que fazer aquele jogo não fosse difícil para Maria, já que o belo George era também encantador. Os sentimentos de Maria por ele podiam até ser genuínos.

Alison não sabia ao certo que tipo de intimidades a amiga permitia a George: mais do que meros beijos, supunha, pois George era um homem feito, mas menos do que relações sexuais, pois Maria, com a reputação já maculada, não podia se arriscar a incorrer na desgraça ainda maior de uma gravidez ilegítima. Alison não lhe perguntava os detalhes. Distantes eram agora os dias felizes em Paris, quando as duas eram moças que contavam tudo uma à outra. No entanto, o que importava no momento era George estar tão perdidamente apaixonado que ansiava por desempenhar o papel do cavaleiro medieval e resgatar sua amada do castelo.

Já a própria Alison se dedicara a seduzir o jovem Willie. Nesse caso também não fora nenhum grande desafio, embora ela tivesse quase o dobro da idade dele. Recém-saído da puberdade, Willie teria se apaixonado por qualquer mulher bonita que prestasse atenção nele. Alison só precisara conversar e lhe perguntar sobre sua vida, mantendo-se sempre um pouco próxima demais; beijá-lo de um modo quase fraterno, mas não exatamente; sorrir quando o surpreendia encarando seus seios; e fazer comentários sugestivos sobre “você, homens” para alavancar sua coragem. Não precisara conceder favores sexuais àquele menino que acabara de virar homem. No fundo, isso lhe causava um leve pesar e ela sentia vergonha de admitir aquelas artimanhas até para si mesma. Mas Willie sucumbira com facilidade, e agora estava a seus pés.

George e Willie vinham contrabandeando as cartas de Maria para dentro e para fora da prisão havia alguns meses, mas com dificuldade. Uma fuga seria ainda mais difícil.

Maria não poderia atravessar o pequeno complexo sem ser vista, pois ali viviam cerca de cinquenta pessoas: além da família e dos soldados, havia os

secretários de sir William e um grande número de serviçais. O portão ficava fechado; qualquer um que quisesse entrar ou sair teria de mandar destrancá-lo ou escalar o muro. Havia sempre três ou quatro barcos atracados na praia, mas seria necessário um cúmplice forte para remar, e Maria ainda poderia ser seguida. Então, uma vez no continente, precisaria de amigos com cavalos para levá-la até um esconderijo onde não fosse perseguida.

Eram muitas as coisas que podiam dar errado.

Alison teve dificuldade em se manter quieta durante a missa matinal na capela. Apesar de estar desesperada para fugir, também temia as consequências caso ela e a amiga fossem pegas: provavelmente ficariam confinadas num cômodo e talvez fossem até proibidas de fazer caminhadas pela muralha, que, embora deprimentes, pelo menos lhes proporcionavam ar puro e uma visão distante do mundo lá fora. Pior de tudo: elas poderiam ser separadas.

Maria era valente e estava disposta a correr o risco, assim como Alison. Mas a punição para o fracasso seria dura.

Depois da missa houve comemorações do Festival da Primavera. O jovem William se superou liderando as diversões e interpretou um hilariante personagem bêbado enquanto, astutamente, era um dos poucos na ilha a se manter sóbrio.

George estava no continente – àquela altura, já deveria ter chegado à aldeia de Kinross, situada às margens do lago. Sua tarefa era reunir cavalos e homens de modo a escoltar Maria e Alison para longe antes que pudessem ser recapturadas. Alison aguardava ansiosa por um sinal de que ele conseguira executar sua parte do plano.

Maria almoçou no início da tarde com sir William e a família dele, e Alison e Willie ajudaram a servir a refeição. A sala de jantar ficava num andar superior da torre quadrada e, de suas pequenas janelas, se avistava o continente, algo imprescindível à defesa. Alison teve de se conter para não ficar olhando na direção da água.

Ao final do almoço, Willie se retirou. Segundo o plano, ele deveria pular a muralha e esperar lá fora o barco que traria o aviso de George de que tudo estava pronto.

Durante o planejamento da fuga, o jovem Willie sugerira que Maria pulasse

do muro para o chão do lado de fora, uma altura de pouco mais de 2 metros que ele saltava sem dificuldade. Alison fizera o teste, mas torcera o tornozelo. Como eles não podiam correr o risco de que Maria se atrasasse por causa de uma lesão, a ideia de Willie fora descartada. Assim, seria preciso sair pelo portão, o que significava conseguir uma chave.

Alison, que além de criada era também nobre, tinha permissão para ficar com os outros à mesa enquanto conversavam após o almoço, saboreando castanhas e frutas, e sir William bebericava vinho. Não havia muito assunto em Loch Leven, mas, por falta de algo melhor para fazer, conversar era a principal forma de diversão.

Foi a mãe de sir William, lady Margaret, quem olhou pela janela e reparou em algo na margem oposta.

– Quem serão aqueles cavaleiros? – indagou, num tom de curiosidade branda.

Alison gelou. Como George podia ser tão descuidado? Ele deveria manter seus homens fora de vista! Caso sir William desconfiasse, poderia simplesmente trancar Maria no quarto, e o plano iria por água abaixo. Seria possível isso já ter acontecido?

Sir William olhou para fora e franziu o cenho.

– Não imagino o que estejam fazendo ali.

Maria reagiu à situação de forma brilhante:

– Lady Margaret, preciso lhe falar sobre seu filho James, meu irmão – disse ela num tom desafiador.

Isso atraiu a atenção de todos. Na juventude, lady Margaret fora uma das muitas amantes do rei Jaime V, pai de Maria. Ela dera à luz um filho ilegítimo do monarca, James Stuart, o meio-irmão que Alison encontrara em Saint-Dizier junto com o enigmático Ned Willard quando os dois haviam tentado convencê-la a não voltar para a Escócia. Abordar o assunto não era uma demonstração de bons modos.

– James está na França – falou lady Margaret, constrangida.

– Visitando o almirante Coligny... o herói dos huguenotes!

– Como a senhora certamente sabe, não há nada que eu possa fazer em relação a James.

Maria manteve todos com os olhos cravados nela, em vez de na janela.

– Eu gostava dele! – exclamou, indignada. – Tornei-o conde de Moray!

Margaret pareceu intimidada pela súbita ira da jovem rainha.

– Sei como ele é grato por sua bondade – falou a senhora, numa voz nervosa.

Agora ninguém olhava pela janela.

– Então por que James conspirou contra mim? – lamentou-se Maria.

Alison sabia que, embora calculada, sua raiva era genuína.

– Desde que fui trazida para cá, ele me forçou a assinar documentos abdicando ao trono, coroou meu filho pequeno como rei Jaime VI e nomeou a si mesmo regente. Para todos os efeitos, mesmo que não legitimamente, ele é o atual rei da Escócia!

Apesar de sentir pena de Maria, a família Douglas sem dúvida aprovava o que James Stuart fizera, e todos pareceram constrangidos. Não havia problema nenhum nisso, pensou Alison, desde que eles se esquecessem dos cavaleiros na outra margem.

Sir William tentou apaziguar.

– É claro que esse não seria o seu desejo, senhora – disse ele a Maria. – Por outro lado, seu filho é rei e seu irmão, regente, de modo que o arranjo todo tem um inegável grau de legitimidade.

Alison relanceou os olhos discretamente para a janela. Já não havia sinal de cavaleiros. Imaginou que George devesse ter lhes dito com raiva para se afastarem da margem. Talvez eles houvessem passado uma ou duas horas em Kinross, ficado impacientes e afrouxado a disciplina. Mas tudo indicava que as coisas haviam voltado ao normal.

A crise fora superada, mas ressaltara até que ponto o plano dependia da sorte, o que deixou Alison ainda mais nervosa.

A paciência de Maria pareceu se esgotar.

– As comemorações do Festival da Primavera me deixaram cansada – declarou ela, levantando-se. – Vou me retirar.

Alison a acompanhou. Do outro lado da porta, uma escura e estreita escadaria de pedra em espiral levava aos outros andares. Elas subiram até os aposentos da rainha.

Maria não estava nem um pouco cansada. Pelo contrário: animada e

irrequieta, não parava de se levantar da cadeira e ir até a janela, depois voltava e tornava a se sentar.

Alison verificou seus disfarces, dobrados dentro de um baú por baixo dos vestidos de Maria. Elas conseguiram túnicas grosseiras de fabricação caseira feitas de lã e linho – do tipo que as criadas do castelo usavam por cima das anáguas – e, para a cabeça, tinham um capelo que escondia seu rosto de qualquer um que não estivesse bem de frente para elas e também lhes cobria o cabelo. As criadas às vezes usavam botas de couro pesadas, mas Maria e Alison sequer conseguiram caminhar com elas. Felizmente, as serviçais também usavam os chinelos de seda e cetim descartados pelas patroas. Alison e Maria haviam passado semanas com os mesmos calçados sempre que estavam sozinhas, de modo a deixá-los com um aspecto surrado o suficiente para terem sido doados.

A maior dificuldade seria a altura de Maria. Isso não era possível disfarçar. Nenhuma outra mulher na ilha tinha nem de longe a mesma estatura. Era difícil para Alison imaginar que elas conseguissem se safar nesse quesito.

Tornou a guardar os disfarces. Elas tiveram de ser pacientes por mais uma hora. Então, às seis da tarde, o jantar de Maria foi trazido até seu quarto.

Como sempre, quem serviu a refeição foi sir William, uma cortesia do carcereiro para com sua prisioneira da realeza. Alison saiu do quarto à procura de Willie para descobrir o que estava acontecendo. Por causa das comemorações, soldados e criados jogavam bola uns contra os outros lá fora, com torcidas animadas para ambos os times. Ela reparou que Drysdale, que deveria ficar sempre de olho em Maria, era o capitão do time dos soldados. Isso era bom, pensou: ele estava distraído.

Willie atravessou o pátio na sua direção. Parecia animado.

– Chegou! – sussurrou ele e mostrou-lhe um brinco de pérola.

Aquele era o sinal de George no continente. O brinco significava que estava tudo pronto para a fuga de Maria. Alison ficou empolgada. Mas Willie não tinha sido lá muito discreto.

– Feche essa mão! – sibilou ela. – Não queremos ninguém fazendo perguntas.

Felizmente, todos no pátio estavam concentrados no jogo.

– Desculpe – disse Willie.

Ele fechou os dedos em volta da joia, em seguida a passou para Alison aparentando casualidade.

– Agora pule a muralha e sabote todos os barcos, menos um – instruiu ela.

– Estou pronto! – falou ele, mostrando um martelo pendurado no cinto.

Alison voltou para os aposentos de Maria. A amiga não tinha comido muito. Consequia imaginar por quê: ela própria estava tão tensa que teria sido incapaz de engolir o que quer que fosse. Entregou a joia a Maria.

– Aqui está o brinco que você perdeu – falou. – Um dos rapazes o encontrou. Maria sabia o que aquilo significava.

– Que bom! – disse ela, radiante.

Sir William olhou pela janela e soltou um grunhido de surpresa.

– O que esse rapaz tolo está fazendo com os barcos? – indagou, num tom que mesclava afeto e irritação.

Alison acompanhou a direção de seu olhar. Willie estava na margem do lago, ajoelhado dentro de um dos três barcos na praia. Suas ações não eram óbvias para um observador distante, mas Alison sabia que ele estava abrindo um buraco no casco de modo que a embarcação não pudesse ser usada para perseguir as fugitivas. Foi um instante de pânico. Não tinha a menor ideia do que fazer. Virou-se para Maria e avisou, movendo apenas os lábios:

– Willie!

Maria sabia o que Willie devia fazer com os barcos. Mais uma vez, deu mostras da sua capacidade de pensar depressa numa emergência.

– Acho que vou desmaiar – falou a rainha e afundou na cadeira com os olhos fechados.

Alison entendeu a tentativa e entrou no jogo.

– Ah, meu Deus, o que houve? – indagou, num tom assustado.

Ela sabia que Maria estava fingindo, mas sir William, não. Com uma expressão de medo, ele acorreu na mesma hora até junto da rainha. Se a jovem morresse sob os seus cuidados, ele estaria em apuros. James Stuart, o regente, seria obrigado a negar sua convivência com a morte dela, e para demonstrar que estava sendo sincero poderia muito bem mandar executar sir William.

– O que foi? O que houve? – perguntou ele.

– Seria bom que ela tomasse um vinho forte para se revigorar – disse Alison.

– O senhor tem vinho das Canárias, sir William?

– Claro. Vou buscar agora mesmo.

Ele saiu do quarto.

– Muito bem – disse Alison baixinho para Maria.

– Willie ainda está lá? – indagou a outra.

Alison olhou pela janela. O rapaz repetia a tarefa de antes, agora em outro barco.

– Ande logo, Willie! – murmurou ela.

Quanto tempo era preciso para fazer um furo no casco?

Sir William voltou com um criado que trazia uma jarra de vinho e um cálice.

– Minhas mãos estão tremendo – disse Alison. – Sir William, poderia levar o cálice à boca da rainha?

Com uma das mãos, o dono da casa deu o vinho a Maria, enquanto aproveitava para amparar sua cabeça delicadamente com a outra. Não lhe ocorreu olhar pela janela.

Maria tomou um gole, tossiu, depois fingiu se revigorar um pouco. Alison tocou sua testa e tomou seu pulso.

– A senhora vai ficar bem, Majestade, mas talvez fosse melhor se recolher por hoje.

– Está bem – disse Maria.

Sir William pareceu aliviado.

– Nesse caso, vou deixá-las – falou. – Boa noite, senhoras.

Ele olhou de relance pela janela. Alison fez o mesmo. Willie não estava mais na praia. Não era possível ver se ele havia conseguido furar os barcos.

Sir William se retirou sem comentar nada.

O criado tirou a mesa e saiu, então as duas ficaram sozinhas.

– Conseguimos nos safar? – indagou Maria.

– Acho que sim. Sir William talvez esqueça o que viu pela janela: ele passou a tarde inteira bebendo. A esta altura deve estar pelo menos um pouco confuso.

– Espero que a suspeita não o deixe vigilante. Willie ainda precisa roubar a chave.

Sir William mantinha a chave do portão sempre consigo. Quando alguém ia ou voltava do continente, ele próprio abria o portão ou então confiava a chave a

um guarda apenas por alguns minutos. Tirando isso, ninguém saía: não havia nada lá fora exceto os barcos.

Maria e Alison precisavam sair do complexo e, como já sabiam que não poderiam pular o muro, seria preciso destrancar o portão. Willie garantira às duas que conseguiria roubar a chave sem que sir William notasse. Elas dependiam dele.

– É melhor ficarmos prontas – disse Alison.

Elas despiram seus vestidos caros e puseram as túnicas grosseiras, em seguida trocaram os sapatos por outros, velhos e gastos. Os capelos cobriam suas cabeças e eram úteis para ocultar os marcantes cabelos ruivos de Maria.

Agora só lhes restava esperar.

Sir William gostava que Willie lhe servisse o jantar. Sua afeição pelo rapaz órfão era o que levava todos a especularem que eles fossem pai e filho. Mas a lealdade do jovem fora minada por Alison.

Ela imaginou que, naquele exato momento, um andar abaixo, Willie estivesse posicionando ou recolhendo pratos, guardanapos e jarras. Talvez a chave estivesse na mesa junto ao cálice de vinho de sir William. Visualizou Willie deixando um guardanapo cair em cima da chave, depois pegando ambos. Será que ele iria conseguir? Sir William estaria bêbado o bastante? Tudo o que elas podiam fazer era esperar para ver.

Se o plano desse certo, a fuga de Maria seria um verdadeiro terremoto político. Ela refutaria os documentos de abdicação que fora obrigada a assinar e reivindicaria o trono que era seu por direito. Seu meio-irmão James recrutaria um exército protestante e os católicos se uniriam em defesa de Maria... ao menos os que não houvessem perdido a fé nela. A guerra civil iria recomeçar. A rainha seria saudada pelo cunhado, o rei da França, que também vinha travando uma longa guerra contra os huguenotes. Para apoiá-la, o papa anularia de bom grado seu casamento com Bothwell. Especulações sobre possíveis maridos para ela recomeçariam em todas as cortes reais, de Roma a Estocolmo. O equilíbrio de poder na Europa sofreria um abalo sísmico. Elizabeth da Inglaterra ficaria furiosa.

E tudo isso dependia de Willie Douglas, um rapaz de 15 anos.

Elas ouviram uma batida à porta, suave porém insistente. Alison foi abrir. Ali

estava Willie, com um ar radiante, segurando uma grande chave de ferro. Ele entrou e Alison fechou a porta.

– Vamos, sem demora – disse Maria, levantando-se.

– Eles ainda estão à mesa – falou Willie. – Sir William pegou no sono com o vinho, mas lady Margaret está conversando com as netas. Elas talvez nos vejam pela porta aberta quando formos descer.

A escadaria em espiral passava pelas portas de todos os andares do castelo.

– Mas agora é um bom momento... os soldados ainda estão jogando bola – avaliou Alison.

– Precisamos arriscar – decidiu Maria. – Vamos.

Willie fez uma cara desconsolada.

– Eu deveria ter fechado a porta da sala de jantar. Não me ocorreu.

– Deixe estar, Willie – disse Alison. – Você está se saindo maravilhosamente bem.

Ela o beijou de leve nos lábios. Ele pareceu ir ao céu.

Alison abriu a porta e os três saíram. Willie foi na frente, seguido por Maria, com Alison por último. Tentaram pisar de leve nas pedras da escada, torcendo para não atrair atenção. Ao se aproximarem das portas da sala de jantar, as duas mulheres puxaram os capelos para a frente.

Uma luz escapava pelo vão da porta, e Alison ouviu vozes femininas falando baixo. Willie passou sem olhar para dentro. Maria o seguiu, levando a mão ao rosto quando a luz recaiu sobre ela. Alison se preparou para ouvir um grito de alarme. Passou pela porta e desceu a escada atrás dos outros. Ouviu uma risada melodiosa e imaginou lady Margaret zombando da sua patética tentativa de se disfarçarem. No entanto, a diversão da dona da casa parecia ter outro motivo. Ninguém as notara, ou então, se por acaso lady Margaret tivesse erguido os olhos, talvez não houvesse avistado nada além de criados a caminho de alguma tarefa.

Eles saíram.

A porta da torre ficava a apenas alguns passos do portão do complexo, mas a distância pareceu maior. O pátio estava cheio de pessoas assistindo ao jogo. Alison viu Drysdale acertar a bola com as duas mãos, muito concentrado.

Então Willie chegou ao portão.

O rapaz inseriu a chave na grande fechadura e a girou. Alison se manteve de costas para os outros, escondendo o rosto, mas assim também não tinha como saber se alguém a observava. Foi preciso muita força de vontade para resistir à tentação de olhar para trás por cima do ombro. O imenso portão de madeira rangeu alto quando Willie o abriu. Em meio a tantos vivas da torcida, será que alguém tinha escutado o barulho?

Os três saíram. Ninguém os seguiu. Willie fechou o portão depois de passarem.

– Tranque – disse Alison. – Talvez isso os atrase.

Willie trancou o portão, em seguida largou a chave dentro do cano do canhão que ladeava a entrada.

Ninguém os vira.

Eles desceram correndo até a praia.

Willie empurrou para a água rasa o único barco não danificado, depois o segurou, mantendo a quilha na margem. Alison embarcou, depois se virou para ajudar Maria. A rainha subiu a bordo e sentou-se. Willie afastou a embarcação da praia, pulou para dentro e começou a remar.

Alison olhou para trás. Não havia nenhum sinal de que tivessem dado pela sua falta: ninguém no alto das muralhas, ninguém debruçado nas janelas do castelo, ninguém correndo em direção à praia.

Seria possível elas terem conseguido escapar?

O sol ainda não havia se posto, e eles tinham pela frente um longo início de noite. A brisa, embora forte, estava morna. Willie manjava os remos com vigor. Tinha braços e pernas compridos e agia motivado pelo amor. Mesmo assim, seu avanço pelo vasto lago pareceu de uma lentidão agonizante. Alison não parava de olhar para trás, mas por ora ninguém os perseguia. Mesmo se percebessem que a rainha tinha fugido, o que poderiam fazer? Teriam de consertar um dos barcos antes de poderem sair atrás deles.

Começava a acreditar que estivessem livres.

Quando eles se aproximaram do continente, Alison viu a silhueta de um homem que não conhecia à sua espera na margem.

– Maldição. Quem é aquele? – indagou.

Foi tomada por um medo terrível de que elas só houvessem chegado até ali

para serem novamente encurraladas.

Willie olhou por cima do ombro.

– Aquele é Alistair Hoey. Ele está com George.

O coração de Alison se acalmou outra vez.

Eles chegaram à margem e saltaram do barco. Alistair os conduziu por uma trilha entre casas. Alison ouviu cavalos batendo cascos e resfolegando de impaciência e logo o grupo chegou à estrada principal que cortava o vilarejo. Ali, cercado por homens armados e exibindo um sorriso triunfal, estava George. Cavalos selados os aguardavam. George ajudou Maria a montar e Willie teve a felicidade de segurar o pé de Alison enquanto ela subia na sela.

Então todos saíram do vilarejo a cavalo rumo à liberdade.

ii

Exatamente duas semanas depois, Alison tinha certeza absoluta de que Maria estava prestes a cometer o maior erro da vida.

As duas estavam na abadia de Dundrennan, no litoral sul escocês, onde apenas o fiorde de Solway as separava da Inglaterra. Aquele já tinha sido o mosteiro mais grandioso de toda a Escócia. Embora os monastérios houvessem sido secularizados, Dundrennan conservava uma esplêndida igreja gótica e uma grande quantidade de alojamentos confortáveis. Sentadas sozinhas no que antes eram os luxuosos aposentos do abade, Maria e Alison pensavam desanimadas no futuro.

Tudo dera errado para a rainha Maria... mais uma vez.

Seu exército enfrentara as forças de seu irmão James Stuart em um vilarejo chamado Langside, próximo de Glasgow. Maria acompanhara os soldados e demonstrara tanta coragem que eles haviam sido obrigados a impedi-la de liderar o ataque. Mesmo assim, fora derrotada, e agora fugia outra vez. Rumara para o sul cruzando terrenos pantanosos desolados e castigados pelo vento, queimando as pontes que atravessava de modo a retardar qualquer perseguição. Em uma triste noite, Alison cortara os lindos cabelos ruivos da rainha para que não fosse tão fácil reconhecê-la, e ela agora usava uma peruca castanha sem graça. Aquilo parecia completar sua infelicidade.

Maria queria ir para a Inglaterra e Alison tentava dissuadi-la.

– Você ainda tem milhares de defensores – falou, animada. – A maioria do povo escocês é católica. Apenas os novos-ricos e comerciantes se converteram ao protestantismo.

– É um exagero, mas tem um fundo de verdade – rebateu Maria.

– Você pode se reorganizar, reunir um exército maior e tentar outra vez.

Maria fez que não com a cabeça.

– Em Langside, meu exército era o maior. Pelo visto, não posso vencer uma guerra civil sem ajuda externa.

– Então vamos voltar para a França. Lá você tem terras e dinheiro.

– Na França eu sou uma ex-rainha. Sinto-me jovem demais para esse papel.

Maria era uma ex-rainha em qualquer lugar, pensou Alison, mas não o disse.

– Seus parentes franceses são a família mais poderosa do reino. Se você pedir pessoalmente, eles talvez reúnam um exército para apoiá-la.

– Se eu for para a França agora, nunca mais voltarei à Escócia. Eu sei.

– Quer dizer então que está decidida...

– Eu vou para a Inglaterra.

Aquela era uma conversa recorrente entre elas, e toda vez Maria chegava à mesma conclusão.

– Elizabeth pode até ser protestante, mas acredita que um soberano ungido com óleos santos como eu fui aos 9 meses de idade tem o direito divino de governar – falou Maria. – Ela não pode dar seu aval a um usurpador como meu irmão James... pois arriscaria expor o próprio trono.

Alison não saberia dizer se Elizabeth estava numa situação tão frágil quanto Maria descrevera. Ela já reinava havia uma década, sem nenhuma oposição séria. Mas talvez todos os monarcas se sentissem vulneráveis.

– Elizabeth precisa me ajudar a recuperar meu trono – prosseguiu Maria.

– Ninguém mais acha isso.

Era verdade. Todos os nobres que haviam combatido em Langside e acompanhado Maria em sua fuga rumo ao sul se opunham àquele plano.

Como sempre, contudo, ela iria decidir sozinha.

– Eu estou certa – falou. – E eles estão errados.

Maria sempre fora teimosa, pensou Alison, mas aquilo era quase suicídio.

– Está na hora de ir – sentenciou Maria, e se levantou.

Elas saíram. George e Willie aguardavam em frente à igreja, com um grupo de nobres que se despediria da rainha e outro, menor, de criados que iriam acompanhá-la. Montaram nos cavalos e seguiram por uma trilha gramada paralela a um regato que atravessava o terreno da abadia em direção ao mar. Passaram por matas primaveris coalhadas de flores silvestres, e a vegetação então se transformou em arbustos ásperos salpicados de botões amarelo-ouro. As flores da primavera significavam esperança, mas Alison não tinha nenhuma.

Chegaram a uma larga praia de seixos, onde o regato desaguava no mar. Um barco de pesca aguardava junto a um píer simples de madeira.

No píer, Maria parou e se virou para Alison.

– Você não precisa vir – disse ela, em voz baixa.

Era verdade. Alison poderia ir embora. Os inimigos de Maria a deixariam em paz, pois não consideravam que ela representasse perigo: avaliariam que era uma simples dama de companhia, incapaz de organizar uma contrarrevolução, e estariam certos. Alison tinha um tio amável em Stirling que a acolheria. Poderia se casar de novo – com certeza ainda era jovem o bastante para isso.

Mas a perspectiva de liberdade sem Maria lhe parecia o mais desolador de todos os desfechos possíveis. Ela passara a vida inteira servindo à amiga. Mesmo durante as longas e vazias semanas e meses em Loch Leven, não ansiara por nada além disso. Estava aprisionada, não por paredes de pedra, mas pelo amor que sentia.

– E então? – indagou Maria. – Você vem?

– É claro que eu vou – respondeu Alison.

As duas embarcaram.

– Ainda podemos ir para a França – disse Alison, desesperada.

Maria sorriu.

– Há um fator que você não está considerando – disse ela. – O papa e todos os monarcas europeus consideram Elizabeth uma filha ilegítima. Assim, ela nunca teve direito ao trono inglês.

Ela fez uma pausa e deixou os olhos se perderem nos mais de 30 quilômetros de água que as separavam da outra margem do estuário. Alison acompanhou seu olhar e avistou, dissimulado pela bruma, o verde das baixas colinas da Inglaterra.

– E se Elizabeth não é rainha da Inglaterra, então a rainha sou eu – concluiu Maria.

iii

– Maria, a escocesa, chegou a Carlisle – informou Ned Willard à rainha Elizabeth na câmara presencial do palácio de White Hall.

A rainha esperava que Ned lhe fornecesse esse tipo de informação, tarefa que ele se esforçava ao máximo para cumprir. Era por isso que ela o honrara com o título de sir.

– Ela se instalou no castelo – continuou Ned. – E o vice-administrador de Carlisle escreveu para a senhora perguntando o que deve fazer a respeito.

Carlisle ficava no extremo noroeste da Inglaterra, perto da fronteira com a Escócia, motivo pelo qual a cidade tinha uma fortaleza.

Elizabeth andou de um lado para outro do recinto, e os passos impacientes fizeram farfalhar suas esplêndidas vestes de seda.

– Que diabo devo dizer a ele?

Elizabeth estava com 34 anos. Governava a Inglaterra com pulso firme fazia uma década. Tinha segurança de sua posição na política europeia e navegava essas águas traiçoeiras tendo sir William Cecil como capitão. No entanto, não sabia o que fazer em relação a Maria. A rainha dos escoceses era um problema sem nenhuma solução satisfatória.

– Não posso permitir que Maria fique pela Inglaterra fomentando descontentamento entre os católicos – disse Elizabeth com frustração. – Eles começariam a dizer que a rainha por direito é ela, e seríamos obrigados a lidar com uma rebelião antes mesmo de conseguirmos pronunciar a palavra “transubstanciação”.

Cecil, que era advogado, manifestou-se:

– A senhora não precisa deixá-la ficar. Ela é uma soberana estrangeira que se encontra em solo inglês sem sua permissão. Trata-se no mínimo de uma descortesia, e essa atitude poderia até ser interpretada como invasão.

– As pessoas diriam que sou desalmada – disse Elizabeth. – Que a atirei aos lobos da Escócia.

Ned sabia que Elizabeth podia ser desalmada quando lhe convinha. No entanto, ela era sempre sensível ao que o povo inglês iria pensar de seus atos.

– O que Maria quer é que a senhora mande um exército inglês à Escócia para ajudá-la a reconquistar o trono que é seu por direito – falou Ned.

– Não tenho dinheiro para isso – rebateu Elizabeth depressa.

Nem Ned nem Cecil ficaram surpresos com essa rejeição imediata. Ela detestava a guerra tanto quanto detestava gastar dinheiro.

– Sem o seu auxílio, ela talvez peça ajuda aos parentes franceses – disse Cecil. – E nós não queremos um exército francês na Escócia.

– Deus nos livre disso.

– Amém – falou Cecil. – E não vamos esquecer que, quando ela se casou com Francisco, os dois se autointitularam rei e rainha da França, Escócia, Inglaterra e Irlanda. A inscrição constava até em suas louças e nos talheres. Na minha opinião, a ambição da família francesa de Maria não tem limites.

– Ela é uma pedra no meu sapato – afirmou Elizabeth. – Pelo corpo de Deus, o que devo fazer?

Ned recordou o encontro com Maria sete anos antes, em Saint-Dizier. A escocesa era muito vistosa, mais alta do que ele, e dona de uma beleza etérea. Ele a considerara corajosa, mas impulsiva, e imaginara que ela fosse dada a decisões ousadas, porém insensatas. Ir para a Inglaterra não parecia a decisão certa. Ned se lembrava também da amiga dela, Alison McKay, uma mulher mais ou menos da mesma idade que ele, de cabelos escuros e olhos azuis, não tão bonita quanto Maria, mas provavelmente mais sensata. E havia um jovem e arrogante cortesão junto com elas chamado Pierre Aumande de Guise; Ned antipatizara com ele de imediato.

Cecil e Ned já sabiam qual decisão Elizabeth precisava tomar. No entanto, conheciam a rainha tão bem que nunca lhe diziam diretamente o que fazer. Assim, haviam lhe citado primeiro as opções ruins, deixando que ela as descartasse. Cecil então adotou um tom de voz casual ao apresentar o que desejava que ela escolhesse:

– A senhora poderia simplesmente encarcerá-la.

– Aqui, na Inglaterra?

– Sim. Deixe-a ficar, mas como prisioneira. Isso teria certas vantagens.

Cecil e Ned haviam compilado previamente essa lista, mas o secretário de Estado falou como se a ideia houvesse acabado de lhe ocorrer.

– A senhora sempre saberia onde ela está. Maria não estaria livre para fomentar uma rebelião. E os católicos escoceses ficariam enfraquecidos tendo sua líder presa num país estrangeiro.

– Mas ela estaria aqui, e os católicos ingleses saberiam.

– Essa é uma desvantagem – falou Cecil. – Mas talvez possamos tomar providências para impedi-la de se comunicar com os descontentes. Ou com qualquer outra pessoa, aliás.

Ned desconfiava que seria difícil manter a prisioneira totalmente incomunicável. Mas o raciocínio de Elizabeth foi em outra direção.

– Eu teria justificativa para prendê-la – refletiu. – Ela se autointitulou rainha da Inglaterra. O que Filipe faria com um homem que alegasse ser o legítimo rei da Espanha?

– Mandaria executar, claro – respondeu Cecil na hora.

– Na realidade, eu estaria sendo misericordiosa ao apenas prendê-la – ponderou Elizabeth, convencendo a si mesma a fazer o que desejava.

– Creio que é assim que seu ato será visto – falou Cecil.

– Acho que essa é a solução – disse ela. – Obrigada, Cecil. O que eu faria sem você?

– Vossa Majestade é muito gentil.

A rainha se virou para Ned.

– É melhor você ir a Carlisle e garantir que tudo seja feito como deve ser – disse ela.

– Muito bem, Majestade – respondeu Ned. – Qual motivo devo usar para prender Maria? Não queremos ninguém dizendo que a prisão dela não tem amparo legal.

– Bom argumento – falou Elizabeth. – Eu não sei.

– Com relação a isso, tenho uma sugestão – disse Cecil.

Carlisle era uma fortaleza formidável, com uma longa muralha defensiva

interrompida apenas por um estreito portão. O castelo era feito de uma pedra vermelha rosada obtida na região, a mesma da catedral situada logo em frente. Dentro das muralhas ficava uma torre quadrada com canhões no telhado. Todas as peças apontavam para a Escócia.

Alison e Maria estavam abrigadas numa torre menor num dos cantos do complexo. O lugar era tão inclemente quanto Loch Leven, e mesmo em junho fazia frio. Alison desejou que elas tivessem cavalos ali, pois Maria sempre adorara cavalgar e sentira muita falta disso em Loch Leven. No entanto, tinham de se contentar em caminhar, sempre acompanhadas por uma tropa de soldados ingleses.

Maria decidira não reclamar sobre nada com Elizabeth. O importante era que a rainha da Inglaterra a ajudasse a recuperar seu trono na Escócia.

Nesse dia, ela esperava ansiosa por se encontrar com o emissário da corte de Elizabeth. O homem chegara tarde na noite anterior e se recolhera em seguida.

Alison conseguira entrar em contato com amigos de Maria na Escócia, que lhes enviaram algumas de suas roupas e perucas, porém as joias – boa parte delas presenteada pelo rei Francisco II quando Maria era rainha da França – continuavam em poder de seu irmão protestante. Nessa manhã, contudo, Maria conseguira se arrumar de forma régia. Após o desjejum, as duas ficaram sentadas em seu diminuto quarto no castelo, esperando para descobrir qual seria seu destino.

Já fazia um mês que passavam dias e noites falando sobre Elizabeth, debatendo suas convicções religiosas, suas crenças em relação à monarquia, sua notória erudição e sua personalidade autoritária. Tentavam prever que decisão ela tomaria: ajudaria Maria a reconquistar o trono ou não? Não chegaram a nenhuma conclusão, ou melhor, chegaram a uma conclusão diferente a cada dia. Mas agora teriam a resposta.

O mensageiro de Elizabeth era um pouco mais velho do que Alison; ela calculou que tivesse uns 30 anos. Era esbelto, tinha um sorriso agradável e olhos castanho-dourados. Usava roupas de boa qualidade, mas sem ostentação. Ao observar mais de perto, Alison se espantou ao reconhecê-lo. Olhou de relance para Maria e viu sua testa levemente franzida, como se ela também tentasse situá-lo na memória. Quando ele fez uma mesura diante da rainha e meneou a

cabeça para Alison, ela se lembrou de onde os dois se encontraram.

– Saint-Dizier! – exclamou.

– Seis anos atrás – completou ele.

Falou em francês. Sabia – ou supunha – que Maria se sentiria mais à vontade nesse idioma, já que o escocês era sua segunda língua e o inglês, uma distante terceira. Apesar de manter a formalidade, estava relaxado.

– Sou sir Ned Willard.

Alison pensou que aquelas cuidadosas boas maneiras ocultavam uma dureza perigosa, como uma bainha de veludo usada para guardar uma espada afiada. Falou num tom caloroso para tentar abrandá-lo:

– Sir Ned agora! – exclamou. – Meus parabéns.

– A senhora é muito gentil.

Alison recordou que Ned fingira ser apenas o secretário de James Stuart, um disfarce posto à prova pelo tom de desafio com que Ned se dirigira a Pierre Aumande.

– O senhor tentou me convencer a não ir para a Escócia – falou Maria.

– A senhora deveria ter escutado o meu conselho – retrucou ele, sem sorrir.

Maria ignorou o comentário e foi direto ao assunto.

– Sou a rainha da Escócia – falou. – A rainha Elizabeth não nega isso.

– De fato, não – concordou Ned.

– Fui aprisionada por traidores entre os meus súditos. Mais uma vez, sinto que minha prima Elizabeth há de concordar.

As duas não eram primas; na verdade, tinham um parentesco mais distante: o avô de Elizabeth, Henrique VII da Inglaterra, era bisavô de Maria. Mas sir Ned não objetou.

– E vim para a Inglaterra por livre e espontânea vontade – prosseguiu Maria.

– Tudo o que peço é uma oportunidade para falar com Elizabeth pessoalmente e implorar por sua ajuda.

– Eu certamente lhe transmitirei essa mensagem – disse Ned.

Alison reprimiu um grunhido de decepção. Ele estava se esquivando. Aquilo era mau sinal.

Maria se ofendeu.

– Transmitir a mensagem? – ecoou, indignada. – Esperava que o senhor já

houvesse me trazido sua decisão!

Ned não se abalou. Não devia ser a primeira vez que era obrigado a lidar com a ira de uma rainha.

– Sua Majestade não pode tomar uma decisão dessas no momento – disse ele, num tom calmo e racional.

– Por que não?

– Antes é preciso resolver outras questões.

Maria não se deixaria tapear tão facilmente.

– Quais questões?

– A morte do seu marido, lorde Darnley, rei consorte da Escócia e primo da rainha Elizabeth, permanece... sem explicação – respondeu Ned, com relutância.

– Isso não tem nada a ver comigo!

– Acredito na senhora – disse Ned.

Alison desconfiou que não fosse o caso.

– E Sua Majestade, a rainha Elizabeth, acredita na senhora – emendou Ned.

Isso tampouco era verdade.

– Mas precisamos esclarecer os fatos de modo satisfatório perante o mundo antes que a senhora possa ser recebida na corte de Elizabeth. Sua Majestade espera que a senhora, sendo rainha também, compreenda isso.

Aquilo era uma rejeição, pensou Alison, e sentiu vontade de chorar. O assassinato de Darnley não era a verdadeira questão, e sim um pretexto. O fato era que Elizabeth não queria encontrar Maria. E isso significava que não queria ajudá-la.

Maria chegou à mesma conclusão.

– Que crueldade, que injustiça! – exclamou, pondo-se de pé. Seu rosto ficou vermelho e lágrimas lhe subiram aos olhos. – Como minha prima pode me tratar com tamanha frieza?

– Ela está pedindo que tenha paciência. No meio-tempo, vai suprir todas as suas necessidades.

– Essa decisão é inaceitável. Pegarei um navio para a França. Meus parentes lá darão a ajuda que Elizabeth está me negando.

– A rainha Elizabeth não iria querer que a senhora trouxesse um exército francês para a Escócia.

– Nesse caso, voltarei a Edimburgo e correrei o risco de enfrentar meu traiçoeiro meio-irmão, seu amigo James Stuart.

Ned hesitou. Alison notou que ele empalideceu um pouco e uniu as mãos nas costas, como se tentasse impedir qualquer movimento desnecessário. A ira de uma rainha era algo terrível de se presenciar. No entanto, era Ned quem estava em posição superior ali. Quando ele falou, sua voz saiu forte e suas palavras não admitiram negociação:

– Infelizmente isso não será possível.

Foi a vez de Maria adotar uma expressão assustada.

– Que raios o senhor quer dizer?

– As ordens da rainha são que a senhora permaneça aqui até que os tribunais da Inglaterra a inocentem de qualquer cumplicidade no assassinato de lorde Darnley.

Alison sentiu as lágrimas inundarem seus olhos.

– Não! – exclamou.

Aquele era o pior desfecho possível.

– Sinto muito lhe trazer notícias tão indesejadas – disse Ned.

Alison acreditou que estivesse sendo sincero. Ele era um homem gentil entregando uma mensagem nada agradável.

– Quer dizer que a rainha Elizabeth não vai me receber na corte? – perguntou Maria, a voz falhando.

– Não – respondeu Ned.

– Nem vai me deixar ir para a França?

– Não – repetiu ele.

– E não posso voltar para minha casa, a Escócia?

– Não – disse Ned pela terceira vez.

– Quer dizer que sou prisioneira? – concluiu Maria.

– Sim.

– De novo.

CAPÍTULO 16

A morte da mãe fez Ned se sentir triste, desorientado e sozinho, mas, acima de tudo, ele sentiu raiva. Os últimos anos de Alice Willard deveriam ter transcorrido em meio ao luxo e ao triunfo. Em vez disso, ela fora arruinada por uma contenda religiosa e morrera considerando-se uma fracassada.

Era a Páscoa de 1570. Por acaso Barney estava na Inglaterra para um curto intervalo entre viagens de navio. Na segunda-feira depois da Páscoa, os dois irmãos comemoraram na Catedral de Kingsbridge a ressurreição de Cristo e, no dia seguinte, estavam lado a lado no cemitério enquanto o caixão da mãe era baixado para o mesmo jazigo em que o pai deles repousava. Ned sentiu o ressentimento lhe queimar o estômago e mais uma vez jurou dedicar a vida a fazer com que homens como o bispo Julius não tivessem poder para destruir comerciantes honestos como Alice Willard.

Quando se afastavam do túmulo, Ned tentou pensar em questões práticas.

– A casa é sua, claro – disse ele ao irmão.

Barney era o primogênito. Tinha 32 anos, mas, se não fosse a barba cerrada, seu rosto pareceria envelhecido pela maresia, o vento e o sol.

– Eu sei, mas não tenho muita serventia para ela – respondeu ele. – Por favor, fique lá quando estiver em Kingsbridge.

– Então sua vida vai ser viajar pelos mares?

– Sim.

Barney havia prosperado. Depois do *Hawk*, fora nomeado capitão de outro navio, com participação nos lucros, e em seguida comprara a própria embarcação. Tinha o talento da mãe para ganhar dinheiro.

Ned olhou para a casa em que nascera, situada do outro lado da praça do mercado. Adorava aquela velha residência com sua vista para a catedral.

– Ficarei feliz em cuidar dela para você. Os Fifes se encarregarão do serviço, mas ficarei de olho neles.

Janet e Malcolm Fife eram a governanta e o cavaleiro.

– Eles estão ficando velhos – disse Barney.

– Têm 50 e poucos anos. Mas Eileen tem só 22.

– E talvez se case com um homem que queira assumir o trabalho de Malcolm.

Ned sabia que não era o caso.

– Eileen nunca se casaria com ninguém além de você, Barney.

O irmão deu de ombros. Muitas mulheres haviam se apaixonado perdidamente por ele; a pobre Eileen era apenas mais uma.

– Você não se sente nem tentado a se casar? – quis saber Ned.

– Não faz sentido. Um marinheiro mal vê a esposa. E você?

Ned refletiu por alguns instantes. A morte da mãe o fizera perceber que seu tempo na terra era limitado. É claro que ele já sabia disso, mas agora se questionava se a vida que vinha levando era a que realmente desejava. Sua resposta à pergunta de Barney surpreendeu a ele próprio.

– Eu quero o que eles tiveram – falou, olhando para trás na direção do túmulo onde os pais jaziam. – Uma parceria para a vida.

– Eles começaram cedo – disse Barney. – Casaram-se aos 20 anos, algo assim, não foi? Você já está uma década atrasado.

– Não levo uma vida de monge...

– Folgo em saber.

– Mas por algum motivo jamais cruzei com uma mulher com quem quisesse passar a vida.

– Com uma exceção – disse Barney, olhando por cima do ombro do irmão.

Ned olhou naquela direção e avistou Margery Fitzgerald. Ela devia ter estado na igreja durante o culto, mas ele não a vira entre os fiéis. Sentiu o coração parar por um segundo. Ela usava as roupas sóbrias de ritos fúnebres, mas, como sempre, um chapéu – uma boina de veludo roxo presa sobre os cachos fartos num ângulo um pouco inclinado. Conversava de forma animada com o velho padre Paul, antigo monge do priorado de Kingsbridge e atual cônego da catedral, decerto católico em segredo. O obstinado catolicismo de Margery deveria causar repulsa em Ned, mas, pelo contrário, ele admirava seu idealismo.

– Infelizmente ela é uma só e se casou com outra pessoa – ressaltou Ned.

Aquele era um assunto infrutífero, pensou com impaciência.

– Para onde irá na próxima viagem? – perguntou, mudando o rumo.

– Quero ir ao Novo Mundo outra vez. Não gosto do comércio de escravos... muitas chances de que a carga morra na viagem. Mas lá precisam de praticamente tudo, menos de açúcar.

Ned sorriu.

– E acho que me lembro de você ter comentado sobre uma moça...

– Comentei? Quando?

– Isso está me soando como um sim.

Barney pareceu encabulado, como se não quisesse reconhecer um sentimento mais profundo.

– Bem, é verdade que eu nunca conheci ninguém como Bella.

– Isso faz sete anos.

– Eu sei. A esta altura ela já deve estar casada com um canavieiro rico e ser mãe de dois ou três filhos.

– Mas você quer ter certeza – concluiu Ned, nada surpreso. – Não é tão diferente assim de mim, no fim das contas.

Eles foram andando na direção do mosteiro em ruínas.

– A Igreja nunca fez nada com estas velhas construções – comentou Ned. – Nossa mãe sonhava em transformá-las num mercado coberto.

– Ela era inteligente. É uma boa ideia. Devíamos fazer isso um dia.

– Eu nunca vou ter dinheiro suficiente.

– Mas eu talvez tenha, se o mar for bom comigo.

Margery se aproximou seguida por uma dama de companhia e um soldado. Agora que era condessa de Shiring, raramente saía sozinha. Sua pequena comitiva se manteve afastada alguns metros enquanto ela apertava a mão de Barney, em seguida a de Ned.

– Que dia mais triste – falou ela.

– Obrigado, Margery – disse Barney.

– Quanta gente no funeral... Sua mãe era muito querida.

– De fato.

– Bart pediu perdão por não ter vindo... Ele precisou ir a Winchester.

– Podem me dar licença? – falou Barney. – Preciso falar com Dan Copley.

Quero que ele invista na minha próxima viagem... para diluir o risco.

Ele se afastou e deixou Ned sozinho com Margery.

– Como você está, Ned? – perguntou ela, a voz agora num tom baixo e íntimo.

– Minha mãe tinha quase 60 anos, então não foi um choque para mim – respondeu ele.

Dizia isso a todo mundo, mas era uma resposta superficial. Ele sentiu um impulso de revelar mais a Margery.

– Mas só se tem uma mãe na vida – acrescentou, desolado.

– Eu sei. Eu nem gostava do meu pai, principalmente depois que ele me obrigou a me casar com Bart. Mesmo assim, chorei quando ele morreu. Essa geração foi quase toda embora.

Ned sorriu.

– Você se lembra daquela festa da Epifania do Senhor doze anos atrás, quando William Cecil apareceu? Naquela época eles pareciam governar o mundo: seu pai, minha mãe e o pai de Bart.

Os olhos dela cintilaram, travessos.

– É claro que eu me lembro.

Ned sabia que ela estava pensando nos minutos ardentes que os dois passaram beijando-se dentro do antigo forno. A lembrança o fez sorrir.

– Venha tomar um cálice de vinho comigo em casa – convidou, num impulso. – Conversaremos sobre os velhos tempos. Hoje é um dia para recordações.

Eles atravessaram o mercado devagar. O lugar estava cheio: os negócios não paravam por causa de um funeral. Cruzaram a rua principal e entraram na residência dos Willards. Ned conduziu Margery até a pequena saleta da frente, onde a mãe costumava sentar e de onde se via a fachada oeste da catedral.

Margery se virou para os dois criados que haviam entrado junto com ela.

– Podem ir para a cozinha.

– Janet Fife lhes dará uma caneca de cerveja e algo para comer – disse Ned.

– E, por favor, peçam a ela que traga vinho para sua patroa e para mim.

Eles saíram e Ned fechou a porta.

– Como vai seu bebê? – indagou.

– Bartlet não é mais um bebê – respondeu ela. – Está com 6 anos, já anda e fala como um adulto e carrega uma espada de madeira.

– E Bart não faz a menor ideia de...

– Nem diga uma coisa dessas – repreendeu Margery, e baixou a voz para um sussurro: – Agora que Swithin morreu, você e eu somos os únicos que sabemos. Temos que guardar esse segredo para sempre.

– Claro.

Margery tinha quase certeza de que Bartlet era filho de Swithin, não de Bart, e Ned imaginava que ela estava certa. Em doze anos de casamento, ela havia concebido somente uma vez, e justo na época em que o sogro a estuprava.

– Isso muda o que você sente? – indagou ele.

– Em relação a Bartlet? Não. Eu o adorei desde o instante em que o vi.

– E Bart?

– Ele também o cobre de mimos. A semelhança de Bartlet com Swithin parece bastante natural, claro. Bart quer transformar o menino em uma cópia de si mesmo sob todos os aspectos...

– Mas isso também é natural.

– Escute, Ned. Sei que os homens pensam que as mulheres só concebem um filho quando têm prazer.

– Eu não acredito nisso.

– Porque não é verdade. Pergunte a qualquer mulher.

Ned compreendeu a necessidade dela de que alguém a apoiasse.

– Não preciso perguntar a ninguém. Mesmo.

– Você não acha que eu seduzi Swithin, acha?

– Certamente não.

– Espero que não tenha dúvidas.

– Tenho mais certeza disso do que do meu próprio nome.

Ela ficou com os olhos marejados.

– Obrigada.

Ned segurou sua mão.

Ela levou um minuto para voltar a falar.

– Posso lhe fazer outra pergunta? – pediu.

– Pode.

– Houve mais alguém?

Ele hesitou. A pausa foi resposta suficiente para ela.

– Quer dizer que houve.

– Desculpe, não sou um monge.

– Mais de uma, então.

Ned não falou nada.

– Anos atrás, Susannah Brecknock me contou que tinha um amante com metade da idade dela – disse Margery. – Era você, não era?

Ned ficou assombrado com a precisão da intuição dela.

– Como você adivinhou?

– Parece fazer sentido, só isso. Ela comentou que ele não a amava, mas que ela não se importava porque era muito divertido se deitar com ele.

Ned se sentiu constrangido com o fato de duas mulheres terem conversado assim a seu respeito.

– Está zangada? – perguntou.

– Não tenho o direito de estar. Eu me deito com Bart, por que você deveria viver no celibato?

– Mas você foi forçada a se casar.

– E você foi seduzido por uma mulher de coração quente e corpo macio. Não estou zangada, apenas a invejo.

Ned levou a mão dela aos lábios. A porta se abriu, e Ned afastou a mão depressa.

A governanta entrou com uma jarra de vinho e um prato de castanhas e frutas secas.

– Hoje é um dia triste para você também, Janet – disse Margery, gentil.

Janet desatou a chorar e saiu sem dizer nada.

– Pobrezinha – comentou Margery.

– Ela trabalhava para minha mãe desde menina.

Ned queria segurar a mão de Margery de novo, mas se conteve. Em vez disso, abordou outro assunto:

– Preciso falar com Bart sobre um pequeno problema.

– Mesmo? Qual?

– A rainha me tornou senhor de Wigleigh.

– Meus parabéns! Você agora vai ficar rico.

– Rico não, mas numa situação confortável.

Ned receberia valores de arrendamento de todos os agricultores do vilarejo. Com frequência era assim que os monarcas remuneravam seus conselheiros, principalmente os soberanos avarentos como Elizabeth.

– Quer dizer que você agora é sir Ned Willard de Wingleigh – comentou Margery.

– Meu pai sempre dizia que Wingleigh tinha sido propriedade da nossa família. Ele achava que éramos descendentes de Merthin, o que construiu a ponte. Segundo o *Livro de Timothy*, Ralph, irmão de Merthin, foi senhor de Wingleigh e Merthin construiu o moinho de água que ainda existe lá.

– Então você tem ascendência nobre.

– Da pequena nobreza, pelo menos.

– Mas sobre que problema você precisa conversar com Bart?

– Um dos meus arrendatários desmatou parte da floresta do outro lado do regato, em terras que pertencem a vocês. Ele não tinha esse direito, claro.

Os arrendatários viviam tentando aumentar sorrateiramente o tamanho de suas propriedades.

– Como não gosto de punir o trabalho árduo, quero chegar a algum acordo que compense Bart pela perda daquela parte do terreno.

– Por que não vai almoçar em New Castle um dia da semana que vem e conversa com ele?

– Está bem.

– Na sexta, ao meio-dia?

De repente, Ned sentiu-se feliz.

– Sim – falou. – Na sexta está ótimo.

Margery estava envergonhada pela empolgação que a visita de Ned lhe causava.

Defendia a fidelidade. Mesmo tendo sido forçada a se casar com Bart, tinha o dever de lhe ser fiel. Ainda que ele viesse ficando cada vez mais parecido com o finado pai: bronco, agressivo e promíscuo. Para Margery, não havia desculpas:

pecado era pecado.

A onda de desejo que sentira diante da promessa de Ned de visitar New Castle a deixava constrangida. Ela jurou tratá-lo com cortesia, porém com cautela, de modo não mais caloroso do que qualquer anfitriã educada se comportaria com um convidado importante. Queria que ele se apaixonasse por outra pessoa, que se casasse e perdesse o interesse por ela. Então, quem sabe, os dois poderiam pensar um no outro com serenidade, como uma antiga paixão que havia muito perdera a força.

Na véspera, ordenara à cozinheira que matasse e depenasse dois gansos gordos e, pela manhã, estava a caminho da cozinha para dar instruções em relação ao preparo quando viu uma moça saindo do quarto de Bart.

Era Nora Josephs, de 15 anos, a mais jovem das criadas responsáveis pela faxina. Seus cabelos estavam desalinhados, e ela obviamente se vestira às pressas. Não era bonita, mas tinha o tipo de corpo jovem e roliço que agradava a Bart.

O casal já dormia em quartos separados fazia uns cinco anos. Margery preferia assim. Bart ainda ia à sua cama de vez em quando, mas cada vez com menos frequência. Ela sabia que ele tinha outras mulheres, mas dizia a si mesma que não fazia diferença, pois não o amava. Mesmo assim, desejava de todo o coração ter tido outro tipo de marido.

Até onde ela sabia, nenhuma das amantes dele já engravidara. Apesar disso, Bart nunca parecera se questionar sobre o motivo. Não era dado a grandes raciocínios, e, caso lhe ocorresse pensar no assunto, ele devia achar que era a vontade de Deus.

Margery estava preparada para fingir que não tinha reparado no que acabara de ocorrer, mas a jovem Nora lhe lançou um olhar impertinente, o que era um mau sinal. Ela não estava disposta a ser humilhada, e decidiu que era melhor lidar com a questão imediatamente. Não era a primeira vez que se encontrava naquela situação; sabia o que fazer.

– Venha comigo, menina – ordenou, com sua voz mais autoritária, e Nora não se atreveu a desobedecer.

Elas entraram no *boudoir* de Margery. A condessa se sentou e deixou Nora de pé. A moça agora parecia assustada, então talvez houvesse esperança para ela.

– Ouça-me com atenção, pois o resto da sua vida vai depender de como você se comportar agora – começou Margery. – Está me entendendo?

– Sim, senhora.

– Se você assim decidir, poderá expor seu relacionamento com o conde. Poderá tocá-lo na frente de outras criadas. Poderá exhibir os presentes que ele lhe der. Poderá até me envergonhar beijando-o na minha presença. Todo mundo nesta casa e metade do condado de Shiring vai saber que você é a amante do conde. Você vai sentir orgulho.

Ela fez uma pausa. Nora não conseguia encará-la.

– Mas o que vai acontecer quando ele se cansar de você? Eu a expulsarei desta casa, claro, e Bart não vai se incomodar. Você tentará arrumar trabalho como criada em outra residência, e então perceberá que nenhuma mulher vai aceitá-la, pois todas pensarão que você vai seduzir seu marido. E sabe onde você vai parar?

Ela fez outra pausa, e a menina sussurrou:

– Não, senhora.

– Num bordel em Combe Harbour, chupando o pau de dez marinheiros por noite, e vai morrer de uma doença horrível.

Margery na verdade não sabia o que acontecia nos bordéis, mas conseguiu dar a impressão de que sim, e Nora teve de segurar o choro.

– Ou você pode me tratar com respeito – prosseguiu Margery. – Se o conde a levar para a cama dele, saia assim que ele pegar no sono e volte para a ala dos criados. Recuse-se a responder às perguntas que os outros lhe fizerem. Durante o dia, não olhe para ele nem lhe dirija a palavra. E jamais o toque na minha presença ou na de mais ninguém. Assim, quando ele se cansar, você ainda vai ter um lugar nesta casa e sua vida voltará ao normal. Está entendendo a escolha que tem diante de si?

– Sim, senhora – sussurrou Nora.

– Pode ir.

Quando a moça abriu a porta, Margery tornou a falar:

– E quando chegar a hora de se casar, escolha um marido que não seja igual ao meu – disse ela com amargura.

A jovem se afastou quase correndo e Margery foi tratar do preparo dos

gansos.

Ned chegou ao meio-dia, usando uma veste com gola de renda branca e um casaco preto caro, traje que Margery reparara estar se tornando o uniforme dos protestantes ricos. As roupas pareciam um pouco austeras em Ned; ela gostava de vê-lo usando cores quentes, verde e dourado.

Mick, seu cachorro, lambeu a mão de Ned. Bart também o acolheu com simpatia e mandou trazer o melhor vinho para a refeição. Foi um alívio. Talvez Bart houvesse esquecido que Margery quisera se casar com Ned. Ou talvez não ligasse, porque conseguira ficar com ela mesmo assim. Para homens como Bart, o mais importante era vencer.

Seu marido não era um homem de pensar muito e nunca desconfiara que Ned houvesse planejado a ruína e execução de Swithin. Bart tinha outra teoria. Estava convencido de que Dan Cobby, o líder dos puritanos, montara a armadilha para se vingar de sir Reginald e Rollo pela morte do próprio pai. E era verdade que Dan ainda guardava um rancor venenoso em relação a Rollo.

Margery também estava nervosa por causa de Stephen Lincoln, que se juntou a eles à mesa. Ned iria adivinhar o papel de Stephen na residência do conde, mas não diria nada. A presença de padres nas casas de nobres católicos era universalmente conhecida, mas nunca admitida. Margery em geral franzia o cenho para a hipocrisia: o órfão cujo pai todos conheciam, mas cujo nome nunca era dito; freiras que viviam uma paixão que todos fingiam não perceber; a governanta solteira que dava à luz uma penca de filhos, todos parecidos com o padre seu patrão. Nesse caso, porém, a farsa operava a seu favor.

Entretanto, não poderia garantir que Stephen teria tanto tato quanto Ned. O padre detestava a rainha Elizabeth, a quem Ned devia sua carreira. E Ned tinha motivos para odiar a Igreja Católica, que punira sua mãe tão severamente por usura. O almoço talvez fosse tenso.

– Então, Ned, segundo me disseram, você agora é um dos conselheiros mais importantes da rainha – falou Bart de forma afável.

Houve apenas um leve toque de ressentimento em seu tom. Ele achava que condes deviam ser conselheiros da rainha, não filhos de comerciantes. Porém, no fundo, sabia também que jamais seria capaz de orientar a monarca em relação às complexidades da política europeia.

– Eu trabalho com sir William Cecil há doze anos – disse Ned. – O personagem importante é ele.

– Mas ela o tornou cavaleiro e agora o nomeou senhor de Wigleigh.

– Sou muito grato a Sua Majestade.

Uma sensação pouco usual tomou conta de Margery enquanto, sentada à mesa, ela observava Ned falar. Ele tinha uma inteligência sagaz e seus olhos se vinculavam com frequência devido ao bom humor. Ela bebericou o vinho e desejou que aquele almoço durasse para sempre.

– O que exatamente o senhor faz para Elizabeth, sir Ned? – quis saber Stephen Lincoln.

– Tento alertá-la com antecedência sobre problemas nascentes.

Margery pensou que a resposta soava simplista, como se Ned houvesse escutado aquela pergunta muitas vezes e respondesse sempre da mesma forma.

Stephen abriu um sorriso torto.

– Isso significa que o senhor espiona pessoas que discordam dela?

Margery reprimiu um grunhido. Stephen iria se comportar de modo combativo e estragar o almoço.

Ned se recostou na cadeira e endireitou os ombros.

– Ela não se incomoda que as pessoas discordem dela, contanto que guardem as opiniões para si. Imaginava que o senhor soubesse disso, já que o conde Bart paga regularmente a multa de 1 xelim por semana por não frequentar a igreja.

– Eu vou aos grandes eventos na catedral de Kingsbridge – disse Bart, mal-humorado.

– O que é muito sensato da sua parte, se me permite dizer. Mas na Inglaterra de Elizabeth ninguém é torturado por causa da religião e ninguém foi queimado na fogueira... em forte contraste com o reinado da rainha Maria, sua antecessora.

– E a Rebelião do Norte? – aludiu Bart.

Margery sabia a que ele estava se referindo. Pouco antes do Natal, um grupo de condes católicos pegara em armas contra a rainha Elizabeth, a única rebelião em seu reinado até então. Havia celebrado uma missa em latim na catedral de Durham, ocupado várias outras cidades do norte e marchado em direção a Tutworth para libertar Maria, rainha da Escócia, e proclamá-la rainha da Inglaterra. Mas o levante tivera pouco apoio, as forças da rainha o sufocaram

rapidamente e Maria Stuart continuava prisioneira.

– A rebelião perdeu força – respondeu Ned.

– Quinhentos homens foram enforcados! – exclamou Bart, com indignação.

– Pela rainha que reclama da crueldade de Maria Tudor!

– Homens que tentam derrubar um monarca geralmente são executados – argumentou Ned, num tom brando. – Em todos os países do mundo, creio eu.

Assim como o pai, Bart não sabia escutar. Respondeu como se não tivesse ouvido Ned:

– O norte já é pobre o suficiente, mas foi saqueado sem dó. Terras foram confiscadas e todo o gado foi levado para o sul!

Margery imaginou se isso faria Ned refletir sobre como a própria família fora saqueada pelo pai dela. Se ele pensou nisso, no entanto, disfarçou a dor. Não ficou desestabilizado com a frase sem tato de Bart, e Margery supôs que, por passar a vida entre os conselheiros da rainha, houvesse aprendido a se manter calmo durante discussões exaltadas.

– Posso lhe garantir que a rainha não ganhou muito com isso – disse ele, com um tom de voz controlado. – Com certeza nada que chegue perto do custo de conter a insurreição.

– O norte faz parte da Inglaterra... não deveria ter sido saqueado feito um país estrangeiro.

– Nesse caso seus habitantes deveriam se comportar como ingleses e obedecer à rainha.

Margery decidiu que era um bom momento para mudar de assunto:

– Ned, conte a Bart sobre o problema em Wigleigh.

– É um assunto rápido, Bart. Um dos agricultores que são meus arrendatários invadiu as suas terras e desmatou 1 hectare de floresta do seu lado do rio.

– Então expulse-o de lá – disse Bart.

– Se você assim desejar, simplesmente ordenarei que ele deixe de usar essas terras, claro.

– E se ele desobedecer?

– Queimarei a safra dele.

Margery sabia que Ned fingia ser duro para tranquilizar Bart. O marido não percebeu que estava sendo manipulado.

– É o que ele merece – disse Bart, num tom satisfeito. – Esses camponeses conhecem as divisas melhor do que ninguém. Se ele invadiu, foi de propósito.

– Concordo, mas pode ser que haja uma solução melhor – rebateu Ned, como se não ligasse para qual das duas coisas acontecesse. – Afinal, quando os camponeses prosperam, seus senhores prosperam também. E se eu lhe desse 2 hectares de floresta em outro lugar em troca do hectare já desmatado? Assim nós dois sairíamos ganhando.

Bart pareceu relutante, mas ficou claro que não conseguia pensar num contra-argumento. Aceitou negociar.

– Vamos juntos fazer uma visita a Wingleigh – falou.

Não tinha muito talento para o pensamento abstrato, Margery sabia: preferiria decidir enquanto estivesse olhando para as terras em questão.

– Claro, com prazer, principalmente se puder ser logo – disse Ned. – Agora que minha mãe foi sepultada, preciso voltar para Londres.

Margery sentiu uma pontada de decepção e percebeu que torcera para que Ned ficasse mais tempo em Kingsbridge.

– Que tal sexta-feira que vem? – sugeriu Bart.

Ned ficou impaciente, mas se conteve. Embora ninguém mais houvesse notado isso, Margery percebeu pela expressão do seu rosto. Era óbvio que ele teria preferido solucionar aquele assunto trivial sem demora, para poder retornar às grandes questões de Estado.

– Seria possível na segunda? – perguntou.

O rosto de Bart deixou óbvia sua irritação. Margery sabia que ele se ofenderia pelo fato de um reles cavaleiro pedir que ele, um conde, se apressasse.

– Não, infelizmente não – falou, teimoso.

– Está bem – disse Ned. – Na sexta, então.

iii

Nos dias seguintes ao funeral, Ned pensou no futuro, no dia em que encontraria o Criador, e avaliou se teria orgulho da vida que levava. Ele se dedicara ao ideal que compartilhava com a rainha Elizabeth: uma Inglaterra em que ninguém era morto por causa da religião. Será que podia afirmar ter feito todo o possível para

defender essa causa?

O maior perigo talvez fosse o rei Filipe, da Espanha. Filipe vivia em guerra, muitas vezes por causa de divergências religiosas. Combatia os turcos muçulmanos no mar Mediterrâneo e os protestantes holandeses nos Países Baixos. Mais cedo ou mais tarde, Ned tinha certeza, iria voltar sua atenção para a Inglaterra e para a Igreja Anglicana.

E ninguém sabia como defender a Inglaterra do país mais rico e poderoso do mundo.

Ned compartilhou sua preocupação com o irmão.

– A única coisa com a qual Elizabeth gasta dinheiro de bom grado é a Marinha – contou. – Mas jamais teremos uma frota à altura dos galeões do rei Filipe.

Os dois estavam sentados na sala de jantar, terminando o desjejum. Barney estava prestes a sair para Combe Harbour, onde seu navio vinha sendo carregado para a próxima viagem. Havia rebatizado a embarcação de *Alice* em homenagem à mãe.

– A Inglaterra não precisa de galeões – disse ele.

Isso surpreendeu Ned. Ele estava dando um pedacinho de peixe defumado para Maddy, a gata de pelagem escama de tartaruga – filha ou, talvez, neta do bicho de estimação de sua infância –, e parou o gesto no meio, ergueu os olhos para Barney e perguntou:

– De *que* nós precisamos, na sua opinião?

– A ideia dos espanhóis é ter navios grandes, capazes de transportar centenas de soldados. Sua tática é abalroar, para os soldados poderem embarcar no navio inimigo e subjugar a tripulação.

– Faz sentido.

– E muitas vezes funciona. Mas os galeões têm um castelo de popa alto, com cabines para todos os oficiais e nobres a bordo. Essa estrutura funciona como uma vela que não pode ser ajustada, e empurra o navio na direção do vento, independentemente de aonde o capitão queira ir. Em outras palavras, ela torna o navio mais difícil de manobrar.

A gata miou, reclamando, e Ned lhe deu o peixe.

– Se não precisamos de galeões, do que precisamos para nos proteger?

– A rainha deveria construir navios estreitos e baixos, mais fáceis de manobrar. Uma embarcação ágil consegue dançar em volta de um galeão e alvejá-lo sem deixar que ele se aproxime o suficiente para todos os soldados subirem a bordo.

– Preciso dizer isso a ela.

– O outro fator-chave nas batalhas navais é a velocidade de recarregamento.

– É mesmo?

– Isso é mais importante do que ter peças de artilharia pesadas. Meus marinheiros são treinados para limpar o cano e recarregar o canhão de forma rápida e segura. Com prática, conseguem fazer isso em menos de cinco minutos. Quando se chega perto o suficiente para acertar o navio inimigo com todos os tiros, o mais importante passa a ser quantas vezes você consegue atirar. Uma sequência constante de tiros de canhão desmoraliza e destrói o inimigo muito depressa.

Ned estava fascinado. Elizabeth não tinha um Exército regular, de modo que a Marinha era sua única força militar permanente. O país não era rico pelos padrões europeus, mas toda a prosperidade que tinha viera do comércio ultramarino. Sua Marinha era uma presença formidável em alto-mar, que fazia com que qualquer um pensasse duas vezes antes de atacar navios mercantes da Inglaterra. Em especial, a Marinha proporcionava ao país o domínio do Canal da Mancha, o trecho de mar que o separava da Europa. Elizabeth não gostava de desperdiçar dinheiro, porém sabia distinguir onde ele era de fato importante e dava toda a atenção a seus navios.

Barney se levantou.

– Não sei quando tornarei a vê-lo – falou.

Eu não sei se *um dia* tornarei a vê-lo, pensou Ned. Pegou o pesado casaco de viagem do irmão e o ajudou a vesti-lo.

– Vá em segurança, Barney.

Eles se separaram com pouca cerimônia, como costumam fazer os irmãos.

Ned foi até a saleta da frente e sentou-se à escrivaninha que a mãe usara por tantos anos. Enquanto a conversa estava fresca em sua lembrança, anotou tudo o que Barney dissera sobre os navios de guerra.

Ao terminar, olhou pela janela para a fachada oeste da catedral. Estou com

30 anos, pensou. Nessa idade, meu pai já tinha dois filhos. Daqui a trinta anos eu talvez esteja enterrado junto com meus pais. Mas quem ficará em pé junto ao meu túmulo?

Ele viu Dan Copley aproximando-se da casa e afastou da mente os pensamentos mórbidos.

Dan entrou.

– Barney acabou de sair – informou Ned, imaginando que Dan tivesse ido falar sobre seu investimento na viagem do irmão. – Ele vai de barça até Combe Harbour. Mas talvez você ainda o encontre no cais, se andar depressa.

– Meus negócios com Barney estão decididos, de modo satisfatório para ambos – disse Dan. – Vim falar com você.

– Nesse caso, sente-se, por favor.

Aos 32 anos, Dan Copley estava mais roliço do que nunca e ainda exibia um ar de sabichão que Ned considerava juvenil. Era um bom mercador, porém, e havia expandido os negócios herdados do pai. Agora devia ser o homem mais rico de Kingsbridge. Estava à procura de uma casa maior e oferecera um bom preço por Priory Gate, embora Rollo não quisesse vender. Era também o líder incontestado dos puritanos da cidade, que gostavam de celebrar seus cultos na Igreja de São João, em Loversfield.

Como Ned temia, Dan tinha ido até lá falar sobre religião. Copley se inclinou para a frente de modo dramático.

– Há um católico entre os clérigos da catedral de Kingsbridge – revelou.

– É mesmo? – Ned suspirou. – Como é possível você saber uma coisa dessas?

Dan ignorou a pergunta.

– É o padre Paul.

Paul Watson era um velho padre bondoso. Fora o último prior de Kingsbridge e provavelmente nunca aceitara a religião reformada.

– E qual seria o crime do padre Paul?

– Ele celebra a Santa Missa em segredo, na cripta, com as portas trancadas! – falou Dan, triunfante.

– Ele é um velho – disse Ned, num tom cansado. – Para essas pessoas, é difícil mudar de convicção religiosa.

– Ele é um blasfemo!

– Sim, é.

Ned concordava com Dan no que dizia respeito à teologia; só discordava no que dizia respeito à aplicação de seus preceitos.

– Você chegou a testemunhar esses ritos ilegais?

– Vi pessoas se esgueirarem furtivamente para dentro da catedral por uma porta lateral na madrugada de domingo... entre elas várias que desconfio há muito tempo terem retornado à idolatria: Rollo Fitzgerald, por exemplo, e a mãe dele, lady Jane, também.

– Falou com o bispo Luke?

– Não! Tenho certeza de que ele tolera o fato.

– Então o que você propõe?

– O bispo Luke precisa ser deposto.

– E imagino que você queira que o padre Jeremiah, da Igreja de São João, assumo o bispado.

Dan hesitou, surpreso com o fato de Ned ter adivinhado tão facilmente as suas intenções. Limpou a garganta com um pigarro.

– Essa decisão cabe a Sua Majestade – falou, fingindo deferência. – Como você sabe, apenas o soberano pode nomear ou destituir bispos na igreja anglicana. Mas quero que diga à rainha o que está acontecendo... e, se não o fizer, farei eu.

– Deixe-me explicar uma coisa, Dan... embora você não vá ficar contente. Elizabeth pode não gostar de católicos, mas detesta puritanos. Se eu a procurar com essa história, ela vai me expulsar da câmara presencial. Tudo o que ela quer é paz.

– Mas a missa é herege, além de ser ilegal!

– E a lei não é aplicada com rigor. Como você pode não ter percebido?

– De que adianta ter uma lei se ela não é aplicada?

– A ideia é manter todos razoavelmente satisfeitos. Os protestantes ficam felizes porque a missa é ilegal. Os católicos ficam felizes porque, mesmo assim, podem assistir a ela. E a rainha fica feliz porque as pessoas cuidam de seus afazeres sem ficar matando umas às outras por causa de religião. Aconselho-o fortemente a não reclamar com a rainha. Ela não fará nada em relação a padre

Paul, mas talvez faça algo em relação a você.

– Isso é um ultraje – disse Dan, levantando-se.

Ned não queria brigar.

– Sinto muito que saia daqui com uma resposta insatisfatória, Dan – retrucou ele. – Mas é assim que as coisas são. Eu o estaria induzindo ao erro se dissesse qualquer outra coisa.

– Agradeço a sua franqueza – falou Dan, contrariado, e eles se despediram pelo menos com uma aparência de cordialidade.

Cinco minutos depois, Ned saiu de casa. Subiu a rua principal e passou por Priory Gate, a casa em que pensaria para sempre como aquela que fora construída com o dinheiro roubado de sua mãe. Viu Rollo Fitzgerald saindo. Rollo agora era um homem de 30 e poucos anos e seus cabelos escuros já recuavam, deixando-o com a testa larga. Quando sir Reginald morrera, Rollo se candidatara a ocupar seu lugar de coletor de impostos em Combe Harbour, mas esses cargos eram usados pelo monarca para recompensar lealdade, e o posto, de modo nada surpreendente, fora concedido a um protestante convicto. No entanto, os Fitzgeralds ainda tinham um negócio importante de comércio de lã, que Rollo vinha administrando bastante bem, com mais competência do que o pai demonstrara.

Ned não falou com Rollo, apenas apertou o passo pela rua principal e foi até uma grande casa velha perto da igreja de Saint Mark. Lá viviam os últimos monges de Kingsbridge. Depois de tomar as posses da Igreja, o rei Henrique VIII concedera uma pequena renda a alguns religiosos, e os poucos ainda vivos continuavam recebendo as pensões. Um velho curvado, de nariz vermelho e cabelos ralos atendeu à porta: era o padre Paul.

Ele convidou Ned a ir até a saleta.

– Sinto muito que tenha perdido sua mãe – disse ele apenas. – Ela era uma boa mulher.

O ex-bispo, Julius, também morava ali. Estava sentado num canto, com os olhos pregados no vazio. Agora senil, havia perdido completamente a fala, mas seu rosto exibía uma expressão de fúria e ele resmungava algo ininteligível para a parede.

– Que bondade a sua cuidar de Julius – comentou Ned com padre Paul.

– É o que os monges devem fazer: cuidar dos doentes, dos pobres e dos enlutados.

Se mais deles houvessem se lembrado disso, talvez ainda tivéssemos um mosteiro, pensou Ned, mas guardou o pensamento para si.

– É claro – comentou. – A lendária Caris, fundadora do hospital, foi freira em Kingsbridge.

– Que Deus tenha sua alma – falou o padre. – Um cálice de vinho? – ofereceu.

Ned detestava o efeito entorpecedor do vinho pela manhã.

– Não, obrigado. Não vou ficar muito tempo. Vim apenas alertá-lo.

Uma ruga de aflição marcou o rosto vincado do idoso.

– Ah, não... Isso me soa como um mau presságio.

– E é, de certa forma. Soube que algo anda acontecendo na cripta nas madrugadas de domingo.

O monge empalideceu.

– Não faço ideia do que...

Ned ergueu uma das mãos para impedir a interrupção.

– Não estou lhe perguntando se é verdade, e o senhor não precisa dizer nada.

Paul se acalmou com um visível esforço.

– Muito bem.

– Quem quer que esteja usando a cripta a essa hora, seja por que motivo for, deve ser alertado de que os puritanos da cidade estão desconfiados. Para evitar problemas, talvez os cultos... se é que é disso que se trata... talvez eles possam ser transferidos para outro local.

O clérigo engoliu em seco.

– Eu compreendo.

– Sua Majestade, a rainha, acredita que a religião nos foi dada como consolo nesta vida e salvação na vida eterna e que podemos discordar dela, mas nunca devemos deixar que isso seja motivo para violência entre um inglês e outro.

– Sim.

– Acho que não preciso dizer mais nada.

– Creio que entendi perfeitamente.

– E talvez seja melhor o senhor não dizer a ninguém que vim procurá-lo.

– É claro.

Ned apertou a mão de Paul.

– Fico feliz por termos tido a oportunidade de conversar.

– Eu também.

– Adeus, padre Paul.

– Deus o abençoe, Ned.

iv

Na sexta-feira, o marido de Margery amanheceu passando mal. Não era algo incomum, sobretudo após um belo jantar regado a vinho. Nesse dia, porém, o conde Bart combinara de se encontrar com sir Ned Willard em Wigleigh.

– Você não pode falhar com Ned – disse Margery. – Ele terá ido até lá a cavalo só para isso.

– Você terá de ir no meu lugar – sugeriu Bart da cama. – Poderá me dizer do que se trata.

Ele então enfiou a cabeça debaixo do cobertor.

Margery se animou com a perspectiva de passar uma ou duas horas com Ned. Seu coração pareceu bater mais depressa e sua respiração se tornou curta e arquejante. Que bom que Bart não a estava vendo.

No entanto, essa reação lhe mostrou quanto seria imprudente fazer aquilo.

– Eu não quero ir – mentiu. – Tenho muito a fazer aqui no castelo.

A voz de Bart saiu abafada pelo cobertor, mas suas palavras soaram nítidas:

– Deixe de tolice – disse ele. – Vá.

Margery precisava obedecer ao marido. Mandou selar sua melhor montaria, uma égua alta chamada Russet. Convocou a dama de companhia e o soldado que em geral a acompanhavam: eles deveriam bastar para mantê-la longe de problemas. Vestiu roupas de viagem: um casaco azul comprido e lenço e chapéu vermelhos para proteger os cabelos da poeira. Era um traje prático, pensou, e não tinha culpa se as cores combinavam com seu tom de pele e o chapéu a deixava bonita.

Deu um beijo de despedida em Bart e, com um assobio, chamou o cachorro, Mick, que adorava acompanhá-la em cavalgadas. Então partiu.

Fazia um lindo dia de primavera, e ela decidiu parar de se preocupar e aproveitar o sol e o ar puro. Tinha 27 anos e era condessa, rica, saudável e bonita: se não conseguia ser feliz, quem conseguiria?

Parou numa hospedaria da estrada para tomar uma caneca de cerveja e comer um pedaço de queijo. Mick, que parecia incansável, bebeu água no laguinho. O soldado deu a cada cavalo um punhado de aveia.

Eles chegaram a Wigleigh no início da tarde. O lugar era próspero, com alguns campos ainda cultivados segundo o antigo plantio em faixas e outros pertencentes a agricultores individuais. Um riacho veloz movia o velho moinho de Merthin, usado para fuloar tecidos. No centro do vilarejo havia uma taberna, uma igreja e uma pequena residência senhorial. Ned a aguardava na taberna.

– Onde está Bart? – indagou.

– Ele não está se sentindo bem – respondeu Margery.

Enquanto Ned assimilava a notícia, a expressão em seu rosto foi da surpresa à alegria, depois apreensão, tudo num piscar de olhos. Margery sabia por que ele poderia estar apreensivo: era o risco da tentação. Ela própria sentia a mesma ansiedade.

– Espero que não seja nada sério – disse ele.

– Não. É o tipo de doença da qual um homem padece após exagerar no vinho.

– Ah.

– No lugar dele, você terá a mim... uma péssima substituta – disse ela, brincalhona.

Ele abriu um sorriso.

– Não estou reclamando.

– Vamos até o local?

– Não quer beber nem comer nada?

Margery não queria ficar sentada num recinto abafado, sendo encarada por meia dúzia de camponeses.

– Não estou cansada – falou.

Eles percorreram uma trilha entre campos de trigo e cevada, todos verdes por causa da primavera.

– Você vai morar na casa senhorial? – quis saber Margery.

– Não. Sou apegado demais à velha casa de Kingsbridge. Só usarei esta para passar uma noite ou duas quando precisar vir aqui.

Margery foi acometida por uma visão de si mesma esgueirando-se para dentro da casa de Ned à noite e teve de afastar esse pensamento.

Eles chegaram à floresta. O riacho que movia o moinho também demarcava parte dos limites de Wigleigh: as terras para além dele pertenciam ao conde. Ned e Margery margearam o riacho durante algum tempo até chegarem ao lugar certo. Margery entendeu na hora o que acontecera. Um camponês mais dedicado do que a maioria – ou mais ganancioso, ou as duas coisas – desmatara a floresta na margem do riacho pertencente ao conde e pusera ovelhas para pastar na grama áspera que ali brotara.

– Logo adiante fica o trecho que estou oferecendo a Bart em troca deste – falou Ned.

Margery avistou uma área de Wigleigh ainda ocupada pela floresta.

Eles atravessaram o riacho a cavalo, desmontaram e conduziram os animais para dentro da mata. Margery reparou em carvalhos maduros que seriam uma fonte valiosa de madeira. Eles pararam junto ao riacho numa bonita clareira com flores silvestres e um trecho de grama.

– Não vejo por que Bart iria se opor à troca – falou ela. – Na verdade, acho que ele vai sair ganhando.

– Ótimo – disse Ned. – Vamos descansar aqui um pouco?

A ideia pareceu encantadora a Margery.

– Sim, por favor.

Eles amarraram os cavalos num lugar onde os animais pudessem pastar um pouco.

– Poderíamos mandar seus acompanhantes até a taberna para buscar comida e bebida – sugeriu Ned.

– Boa ideia.

Margery se virou para o soldado e a dama de companhia:

– Voltem ao vilarejo, vocês dois. Vão a pé... Os cavalos precisam descansar. Tragam uma jarra de cerveja e um pouco de presunto e pão. E o bastante para vocês também, claro.

Os dois desapareceram mata adentro.

Margery sentou na grama junto ao riacho e Ned deitou ao seu lado. A mata estava silenciosa; tudo o que se ouvia era o ruído da água correndo e o sopro de uma brisa leve nas folhas de primavera. Mick se deitou e fechou os olhos, mas acordaria e daria o alarme caso alguém se aproximasse.

– Ned, sei o que fez por padre Paul – disse Margery.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– As notícias correm depressa.

– Queria lhe agradecer.

– Imagino que seja você quem forneça as hóstias consagradas.

Ela não soube como responder, mas ele logo emendou:

– Não quero os detalhes. Por favor, esqueça que mencionei isso.

– Contanto que você saiba que eu jamais conspiraria contra a rainha Elizabeth.

Margery queria que ele entendesse isso.

– Ela é nossa governante ungida. Posso até me perguntar por que Deus, na sua sabedoria, escolheria uma herege para o trono, mas não cabe a mim questionar essa escolha.

Ainda deitado, Ned ergueu os olhos para ela e sorriu.

– Fico muito feliz em ouvir isso.

Ele tocou seu braço. Margery encarou aquele rosto gentil e inteligente e o que viu em seus olhos foi um desejo tão forte que poderia ter lhe partido o coração. Sabia que ninguém mais no mundo sentira aquilo por ela. Nesse instante, pareceu-lhe que o único pecado possível seria rejeitar a paixão dele. Baixou a cabeça e o beijou nos lábios.

Fechou os olhos e se rendeu ao amor que a dominou, preenchendo a alma como o sangue preenchia o corpo. Vinha pensando naquilo desde a última vez que os dois se beijaram, mas, depois de uma espera tão longa, foi ainda mais delicioso. Ela sugou o lábio inferior dele, depois correu a ponta da língua por seu lábio superior para por fim colocá-la inteira dentro da boca de Ned. Não conseguia se saciar dele.

Ned a segurou pelos ombros e a puxou para si até que ela se deitasse sobre ele. Margery sentiu a ereção através das roupas. Ficou com medo de machucá-lo e ameaçou sair daquela posição, mas ele a segurou no lugar. Ela relaxou na

sensação de estar tão próxima que eles poderiam se dissolver um no outro. Parecia não haver mais nada no mundo exceto eles, nada além de seus corpos.

Mas nem mesmo aquilo a satisfazia por muito tempo; tudo o que eles faziam a levava a querer mais. Ela se ajoelhou, com uma perna de cada lado das pernas de Ned, e abriu a frente da sua calça para libertar seu pênis. Encarou o órgão e o acariciou com delicadeza. Era branco, levemente curvo, e emergia de um tufo de pelos ruivos encaracolados. Ela se curvou e o beijou. Ned soltou um arquejo de prazer e uma minúscula gota de líquido surgiu na ponta do órgão. Sem conseguir resistir à tentação, ela a lambeu.

Não conseguia mais esperar. Inflando a saia do vestido como uma tenda, montou nele e então enterrou, guiando o pênis dele para dentro de si. Estava encharcada, e ele penetrou nela sem dificuldade. Margery se curvou para a frente de modo que pudesse beijá-lo outra vez. Os dois ficaram se movendo delicadamente por muito tempo, e ela desejou fazer aquilo para sempre.

Então foi ele quem quis mais. Sem sair de dentro dela, rolou-a de costas. Margery abriu bem as pernas e ergueu os joelhos. Queria que ele penetrasse mais fundo, que a preenchesse por completo. Sentiu que ele estava perdendo o controle. Encarou-o bem nos olhos e disse:

– É você, Ned, é você.

Sentiu o espasmo brusco e o jato de fluido, e isso fez com que ela também se rendesse ao prazer.

Pela primeira vez em muitos anos, Margery se sentiu feliz. Feliz de verdade.

V

Rollo Fitzgerald teria preferido morrer a mudar de religião. Na sua mente não havia espaço para meios-termos. A Igreja Católica estava certa e seus rivais, errados. Isso era óbvio e Deus não perdoaria quem ignorasse tal verdade. Cada homem trazia a própria alma na mão como se fosse uma pérola. Se a deixasse cair no mar, jamais poderia recuperá-la.

Mal conseguia acreditar que Elizabeth Tudor já durasse doze anos como rainha ilegítima da Inglaterra. Ela concedera às pessoas uma liberdade religiosa relativa e, por mais incrível que fosse, aquele seu arranjo religioso ainda se

sustentava. Os condes católicos não tinham conseguido derrubá-la e todos os monarcas da Europa haviam hesitado enquanto ela fingia estar disposta a se casar com um bom católico. Que terrível decepção. Se não fosse blasfêmia, Rollo até pensaria que Deus estava dormindo.

Então, em maio de 1570, tudo mudou, não só para Rollo, mas para todos no país.

Ele recebeu a notícia durante o desjejum em Priory Gate. Sua irmã, Margery, estava à mesa com ele. Viera fazer uma visita prolongada a Kingsbridge para cuidar de lady Jane, que estivera adoentada. A mãe melhorara um pouco e estava agora à mesa com os filhos, mas Margery não parecia ter pressa em voltar para casa. A criada Peggy entrou e entregou a Rollo uma carta, dizendo que um mensageiro a trouxera de Londres. A carta era um pedaço grande de papel grosso, dobrado nos cantos em direção ao centro e lacrado com um punhado de cera no qual estava gravado o brasão dos Fitzgeralds. A caligrafia era a de Davy Miller, responsável pelos negócios da família em Londres.

A correspondência de Davy costumava discorrer sobre o preço da lã, mas nesse dia foi diferente. Contava da última bula papal, o pronunciamento formal do papa. Naturalmente, tais documentos não circulavam na Inglaterra. Rollo escutara boatos a respeito deles, mas agora, segundo Davy, alguém se atrevera a pregar uma cópia no portão do palácio do bispo de Londres para que todos soubessem o que a bula continha. Rollo arquejou ao ler o resumo de Davy.

O papa Pio V havia excomungado a rainha Elizabeth.

– Que ótima notícia! – exclamou Rollo. – O papa descreve Elizabeth como “a pretensa rainha da Inglaterra e serva do crime”. Até que enfim!

– Elizabeth deve estar irada – comentou Margery. – Será que Ned Willard já sabe disso?

– Ned Willard sabe de tudo – disse lady Jane num tom sombrio.

– E fica ainda melhor – continuou Rollo, exultante. – Os ingleses estão dispensados de sua lealdade a Elizabeth, mesmo os que lhe prestaram juramento.

Margery franziu o cenho.

– Não tenho certeza se você deveria ficar tão contente – comentou. – Isso significa problemas.

– Mas é verdade! Elizabeth é uma herege e uma rainha ilegítima. Ninguém

deveria lhe prestar obediência.

– Sua irmã tem razão, Rollo – falou lady Jane. – Isso talvez não seja uma boa notícia para nós.

Rollo continuou a ler:

– Na verdade, a ordem é para que as pessoas *não* obedeçam, e quem quer que a siga está também incluído na sentença de excomunhão.

– Isso é uma catástrofe! – exclamou Margery.

Rollo não estava entendendo as duas.

– Alguém precisava dizer isso, e o papa disse! Como isso pode ser uma notícia ruim?

– Você não entende o que essa bula significa, Rollo? – indagou Margery. – O papa transformou todos os católicos ingleses em traidores!

– Ele só está deixando claro o que todos sabem.

– Às vezes é melhor não dizer o que todos sabem.

– Como é possível uma coisa dessas?

– Todo mundo sabe que o padre Paul celebra a missa para nós, assim como Stephen Lincoln e todos os outros padres secretos... mas ninguém diz nada. Esse é o único motivo pelo qual nós conseguimos continuar. E agora isso está ameaçado. Somos todos traidores em potencial.

Rollo entendeu o que elas queriam dizer, mas a mãe e a irmã estavam erradas. As pessoas eram burras, e a liberdade era algo extremamente perigoso. Era preciso lutar contra a heresia de Elizabeth, mesmo que isso tornasse a vida desconfortável ou até perigosa.

– Vocês, mulheres, não entendem de política – retrucou.

Bartlet, filho de Margery, entrou na sala. Rollo olhou para ele com orgulho. Seu sobrinho um dia seria o conde de Shiring.

– Podemos brincar com os filhotinhos de gato hoje? – perguntou Bartlet.

– Claro, meu amor – respondeu Margery. – A gata de Ned deu cria. Bartlet está fascinado com os gatinhos – explicou ela.

– Se eu fosse você, não passaria muito tempo na casa dos Willards – comentou lady Jane.

Rollo se perguntou por que a mãe teria usado um tom tão glacial, então se lembrou da luta para fazer Margery desposar Bart em vez de Ned. Era uma

história antiga, mas talvez lady Jane temesse que as pessoas pensassem que Margery tinha algum motivo oculto para ir à casa de Ned.

E talvez tivesse.

Rollo deixou a desconfiança de lado; tinha coisas mais importantes em que pensar.

– Preciso ir a uma reunião do conselho municipal – falou. – Vejo vocês no almoço.

Deu um beijo na mãe e saiu.

Kingsbridge era governada por um conselho formado por doze comerciantes da cidade, além do prefeito. Rollo assumira o lugar do pai como conselheiro ao herdar o negócio de lã da família, mas o atual prefeito era Elijah Cordwainer, um assecla de Dan Cobby. O conselho se reunia no salão da guilda, como acontecia havia séculos.

Rollo caminhou pela rua principal até o cruzamento, entrou no salão da guilda e subiu a escada até a câmara do conselho ciente de que estava prestes a participar de uma honrada tradição. O recinto tinha as paredes forradas com madeira escurecida pela fumaça. Cadeiras de couro estavam dispostas ao redor de uma mesa de conferência marcada por antigos rabiscos. Sobre um aparador estavam uma peça de carne e uma jarra de cerveja à disposição de quem não houvesse tido tempo de preparar o desjejum.

Rollo sentou no seu lugar. Era o único católico no recinto: nenhum dos outros conselheiros participava das missas clandestinas do padre Paul. Sentiu-se vagamente intimidado, como se fosse um espião entre inimigos. Nunca se sentira assim antes, e pensou se seria por causa da bula papal. Talvez Margery tivesse razão. Torceu para não ser o caso.

O conselho regulava o comércio e as fábricas da cidade, e as pautas daquela manhã eram pesos e medidas, salários e preços, e mestres e aprendizes. Relatou-se que alguns comerciantes de fora vinham usando no mercado a libra *tower*, que era proibida por ser mais leve do que a libra *troy*. Debateu-se o boato de que a rainha Elizabeth talvez padronizasse a milha em 5.280 pés em vez de 5 mil. O conselho estava a ponto de interromper a reunião para a refeição do meio-dia quando o prefeito Cordwainer anunciou um adendo de última hora à pauta: a bula papal.

Rollo ficou intrigado. O conselho nunca abordava assuntos de religião. Que história seria aquela?

– Infelizmente, o papa em Roma achou por bem ordenar aos ingleses que não obedecessem a Sua Majestade, a rainha Elizabeth – começou Cordwainer.

– O que isso tem a ver com o conselho? – indagou Rollo, irritado.

Cordwainer pareceu pouco à vontade.

– Bem, hã, o conselheiro Cobley pensa que isso talvez levante algumas questões...

Então Dan Cobley estava tramando alguma coisa, pensou Rollo. Isso o deixou nervoso. Dan ainda o culpava pela execução de seu pai e ansiava por vingança.

Todos olharam para Dan.

– Seria muito ruim se a sombra da alta traição recaísse sobre Kingsbridge – disse ele, obviamente citando um discurso ensaiado. – Tenho certeza de que todos concordam.

Um murmúrio de aprovação percorreu a mesa. Durante o desjejum, Margery dissera que a bula transformava todos os católicos em traidores. Rollo começou a ter um mau pressentimento.

– Para evitar qualquer suspeita, tenho uma sugestão simples – prosseguiu Dan. – Todos os comerciantes de Kingsbridge devem prestar juramento aos Trinta e Nove Artigos.

O silêncio tomou conta do recinto. Todos sabiam o que aquilo significava. Era um ataque direto a Rollo. Os Trinta e Nove Artigos de Religião definiam a doutrina da igreja anglicana. Qualquer católico que as aceitasse estaria traindo sua fé. Rollo preferiria morrer a aceitar aquilo.

E todos naquela sala sabiam disso.

Nem todos os protestantes de Kingsbridge eram inflexíveis como Dan. A maioria queria apenas tocar seus negócios em paz. Mas Dan sabia ser dissimulado e persuasivo.

– Por diversas vezes o Parlamento tentou obrigar todos os funcionários públicos a prestarem juramento aos Artigos, mas a rainha Elizabeth sempre se recusou a ratificar tal lei – comentou Paul Tinsley, o advogado que era o escrivão de paz da cidade.

– Da próxima vez que o Parlamento a puser em plenário, ela não vai recusar... não depois dessa bula – falou Dan. – Ela será obrigada a endurecer suas práticas.

– Pode ser – disse Tinsley. – Mas nós poderíamos esperar até que o Parlamento decida, em vez de assumirmos nós mesmos a questão.

– Esperar por quê? – indagou Dan. – Com certeza não há ninguém neste recinto que negue a verdade dos Artigos. Se houver, será que essa pessoa deveria ter permissão para fazer negócios em Kingsbridge depois dessa bula papal?

Tinsley insistiu com um tom de voz brando:

– Pode ser que o senhor tenha razão, conselheiro Copley. Estou sugerindo apenas que não ajamos de maneira precipitada.

– O conselheiro Tinsley tem razão – pronunciou-se Rollo. – Eu, por exemplo, não assinaria uma declaração religiosa apresentada a mim pelo conselheiro Copley – declarou, arrematando então com uma inverdade: – Mas o caso seria diferente se quem me pedisse isso fosse Sua Majestade, a rainha.

Não seria nada diferente, mas Rollo estava desesperado: era o seu ganha-pão que estava em jogo.

– E se a notícia se espalhar de que tivemos este debate e decidimos não agir? – ponderou Dan. – Isso não iria fazer de *nós* suspeitos?

Vários meneios de cabeça relutantes foram dados em volta da mesa. Rollo começou a acreditar que Dan talvez conseguisse o que queria.

– Acho que devemos votar – disse Cordwainer. – Os que forem a favor da proposta do conselheiro Copley queiram, por favor, levantar a mão.

Dez mãos se ergueram. Apenas Rollo e Tinsley foram contra.

– A resolução está aprovada – disse Cordwainer.

Rollo se levantou e saiu da sala.

Era uma manhã de julho, bem cedo, e Margery estava deitada em sua cama em New Castle ouvindo o canto dos pássaros. Sentia-se feliz, culpada e amedrontada.

Estava feliz porque amava Ned e Ned a amava. Ele passara o mês de maio

inteiro em Kingsbridge, e os dois tinham se encontrado várias vezes por semana. Ele então recebera a ordem de fazer um relatório sobre as defesas do litoral sul. Margery costumava partir com Stephen Lincoln pelo menos uma vez por semana para celebrar clandestinamente a santa missa em vilarejos afastados e celeiros de subúrbio, então ela e Ned deram um jeito de fazer seus caminhos se cruzarem. Conseguiram pernoitar na mesma cidade ou então em aldeias próximas. Depois de escurecer, quando a maioria das pessoas já tinha ido para a cama, eles se encontravam. Se ela estivesse hospedada numa taberna, Ned se esgueirava até seu quarto. Nas noites quentes, eles às vezes se encontravam na mata. O segredo tornava esses encontros quase insuportavelmente emocionantes. Naquele exato momento, ele estava a apenas alguns quilômetros de New Castle, e ela torcia para descobrir algum pretexto e encontrá-lo nas próximas horas. Vivia num estado de contínua empolgação que quase a impossibilitava de comer. Sobrevivia à base de pão com manteiga e vinho diluído em água.

Bart parecia não perceber. Jamais lhe ocorreria que a esposa pudesse ser infiel, assim como não esperaria que o próprio cão o mordesse. A mãe de Margery, lady Jane, provavelmente tinha lá suas suspeitas, mas jamais diria nada, por medo de causar problemas. No entanto, Margery sabia que ela e Ned não conseguiriam manter aquele comportamento incólumes para sempre. Talvez levasse uma semana, talvez um ano, mas mais cedo ou mais tarde eles seriam descobertos. Apesar disso, ela não conseguia parar.

Estava feliz, mas ao mesmo tempo torturada pela culpa. Muitas vezes ficava pensando em onde errara. Fora no momento em que mandara a dama de companhia e o soldado voltarem a Wigleigh para buscar comida. No fundo do coração, já devia saber que iria se deitar com Ned em meio às flores silvestres na beira do riacho, e essa oportunidade fora deliciosa demais para que ela pudesse resistir. Margery avistara o íngreme e espinhoso caminho que conduzia ao paraíso, mas escolhera a trilha florida do romance. Estava cometendo um pecado, sentindo prazer com isso e repetindo. Todos os dias jurava terminar tudo e, cada vez que via Ned, sua determinação evaporava.

Temia as consequências, tanto nesta vida quanto na próxima. Deus com certeza iria puni-la. Talvez a infectasse com uma doença terrível ou então a fizesse enlouquecer ou, ainda, a cegasse. Ela às vezes ficava com dor de cabeça

de tanto pensar nisso. E tinha motivos adicionais para sentir medo. Sua previsão sobre os efeitos da bula papal se revelara tragicamente exata. Os puritanos agora podiam apontar para os católicos como um perigo para a segurança nacional. A intolerância ganhara um pretexto.

Bart agora era obrigado a pagar a vultosa quantia semanal de 1 libra, e não mais 1 xelim, por não frequentar a igreja. Uma libra era o preço de um mosquete, uma camisa elegante ou um pônei pequeno. A multa diminuía a renda ganha por Bart com seus arrendamentos, que somavam cerca de 50 libras por semana. O administrador da igreja da paróquia temia o conde, ainda assim, uma vez por semana, reunia coragem para ir ao castelo cobrar o dinheiro, e Bart era obrigado a pagar.

Muito pior fora o efeito da bula para Rollo. Depois de se recusar a prestar juramento aos Trinta e Nove Artigos, ele perdera seu negócio. Fora forçado a vender Priory Gate, que Dan Cobley comprara com toda a felicidade. Lady Jane agora vivia em New Castle com Margery e Bart. Rollo fora embora da cidade, e nem mesmo a mãe sabia para onde.

Ned ardia de tanta raiva. A rainha Elizabeth arriscara tudo em nome do ideal da liberdade religiosa e conseguira mantê-lo por uma década, provando que era possível. Agora seus esforços estavam sendo minados, enfurecia-se ele, e pelo papa. Embora no fundo concordasse com ele, Margery não gostava de ouvi-lo criticar o pontífice, de modo que tentava simplesmente evitar o assunto.

Na verdade, evitava qualquer reflexão séria demais e deixava a cabeça se ocupar do amor. Quando não estava com Ned, ficava sonhando acordada com a próxima vez que se encontrariam e com o que fariam.

Sua imaginação começou a representá-los juntos e, à medida que ela escutava em sua mente as palavras que ele murmuraria ao tocá-la, suas partes íntimas reagiram com uma sensação conhecida e ela deslizou a mão por entre as pernas, até o ponto de onde vinha o prazer. Por mais incrível que fosse, seus encontros com Ned não saciavam aquele desejo. Na verdade, ela agora se acariciava com mais frequência, como se um pecado alimentasse o outro.

Seu cão, Mick, deitado junto à cama, acordou e deu um rosnado.

– Shh – murmurou ela, mas o cachorro então latiu.

Um segundo depois, alguém esmurrou a porta da casa.

O barulho por si só foi suficiente para que Margery compreendesse que haveria problemas. As batidas eram altas, repetidas, exigentes, autoritárias. Poucos se atreviam a bater à porta de um conde daquele modo agressivo e arrogante. Ela pulou da cama e correu até a janela. Lá fora, viu Matthewson, o representante da rainha no condado, acompanhado por um grupo de cerca de dez homens.

Não conseguiu adivinhar exatamente o que ele poderia querer, mas não teve dúvidas de que tinha a ver com religião.

Saiu correndo do quarto ao mesmo tempo que vestia um roupão por cima da camisola. No corredor, Bart pôs a cabeça para fora do próprio quarto.

– O que houve? – indagou ele, com a voz grogue de sono.

– Não abra a porta – falou Margery.

As batidas continuaram.

Margery atravessou depressa o patamar da escada até o quarto de Stephen Lincoln. Entrou sem bater: não havia tempo para boas maneiras. Mas ele já estava de pé, vestido, e ajoelhado no genuflexório.

– O representante da rainha está à porta – disse ela. – Venha comigo. Traga as hóstias.

Stephen pegou uma caixa contendo tudo o que usavam para as missas e saiu atrás de Margery.

Ela viu Bartlet, de roupa de dormir, seguido por uma jovem babá sonolenta.

– Volte para o quarto, Barty – falou. – Irei chamá-lo quando o desjejum estiver pronto.

Desceu correndo a escada rezando para que os criados já não houvessem aberto a porta para Matthewson. Quase chegou tarde: a jovem Nora Josephs estava a ponto de remover a barra aos gritos de:

– Está bem! Está bem! Já estou indo!

– Espere! – sibilou Margery.

Todos os criados eram católicos. Iriam entender o que estava acontecendo e guardar segredo sobre o que sabiam.

Com Stephen em seu encalço, Margery seguiu pelo corredor às carreiras e atravessou uma despensa até uma escadaria em espiral. Subiu os degraus, em seguida desceu um lance mais curto até chegar a um corredor sem saída que era

a padaria do antigo castelo, agora abandonada. Com um puxão, abriu a porta de ferro do imenso forno onde, tantos anos antes, havia beijado Ned.

– Venha! – falou para Stephen. – Esconda-se!

– Eles não vão procurar aqui?

– Vá até o fundo e empurre a parede. A passagem vai dar num cômodo secreto. Depressa!

Stephen entrou lá com sua caixa e Margery fechou a porta.

Ofegante, voltou por onde tinha vindo até o saguão de entrada. Lá encontrou a mãe com os cabelos presos numa touca e um ar preocupado. Enrolou-se mais no roupão, então meneou a cabeça para Nora.

– Agora pode abrir.

Nora abriu a porta.

– Bom dia! – disse Margery, animada, ao representante da rainha. – Como o senhor bateu forte! Está com pressa?

Matthewson era um homem grande que costumava tratar malfeitores de modo brusco, mas ficou sem jeito ao confrontar uma condessa. Empinou o queixo, desafiador, e disse num tom de voz alto:

– Sua Majestade, a rainha, ordenou a prisão de Stephen Lincoln, suspeito de conspirar traiçoeiramente com a rainha da Escócia.

Era uma acusação ridícula. Stephen jamais estivera com Maria, rainha da Escócia, e de toda forma não teria sangue-frio para uma conspiração. A acusação era maldosa, e Margery desconfiou que Dan Cobley estivesse por trás dela. No entanto, sorriu e disse:

– Nesse caso não precisava ter nos acordado tão cedo. Stephen não é padre, tampouco está aqui.

– Ele mora aqui!

– Ele era o escrevente do conde, mas foi embora – falou Margery, começando a improvisar em desespero. – Talvez tenha ido para Canterbury. – Isso bastava como detalhe, decidiu. – De toda forma, tenho certeza absoluta de que ele jamais teve nenhum envolvimento com a rainha da Escócia – completou ela. – Sinto muito que tenha perdido a viagem. Mas, agora que está aqui, o senhor e seus homens aceitam um desjejum?

– Não, obrigado.

O representante da rainha se virou para os soldados.

– Revistem a casa – ordenou.

– Não vão revistar, não.

Era Bart. Margery se virou e viu o marido descendo a escada. Além de estar de calça e de botas, a espada estava presa no cinto.

– Que diabo você pensa que está fazendo, Matthewson?

– Cumprindo ordens da rainha, conde, e espero que não ofenda Sua Majestade ao tentar me impedir.

Margery se interpôs entre Bart e o representante e falou em voz baixa ao marido:

– Não brigue com ele. Não seja executado como seu pai. Deixe que revistem a casa. Não vão encontrar nada.

– Ao diabo com isso.

– O senhor é suspeito de abrigar um padre católico chamado Stephen Lincoln, culpado de traição – falou Matthewson. – Será melhor para o senhor se entregá-lo agora.

– Já expliquei que Stephen não é padre e que não está mais aqui – falou Margery a Bart, elevando a voz de propósito.

Ele não compreendeu. Deu um passo na direção da esposa e sussurrou:

– Mas e...

– Confie em mim! – sibilou ela.

Bart se calou.

– Talvez devêssemos permitir que eles vejam por si mesmos que estamos dizendo a verdade – disse Margery, elevando de novo a voz. – Então todos ficarão satisfeitos.

Bart enfim compreendeu.

– O forno abandonado? – articulou ele sem emitir som.

– Sim, é isso que eu penso – continuou Margery. – Deixe que façam a revista.

Bart olhou para Matthewson.

– Está bem, mas não vou me esquecer disto... sobretudo da sua participação.

– Não sou eu quem decide, conde, como o senhor sabe.

Bart emitiu um grunhido de desdém.

– Vamos lá, homens – disse Matthewson. – Prestem atenção especial nas alas do antigo castelo... com certeza devem ser cheias de esconderijos.

Ele não era nada bobo.

– Sirva o desjejum na sala de jantar – disse Margery a Nora. – Só para a família, mais ninguém.

Agora de nada adiantava fingir hospitalidade.

Mal-humorado, Bart rumou para a sala de jantar e lady Jane foi atrás, mas Margery não tinha sangue-frio suficiente para se sentar e comer enquanto os soldados procuravam Stephen, de modo que se pôs a seguir o representante da rainha pela casa.

A equipe de Matthewson revistou os salões e saletas da casa nova, porém ele estava mais interessado no antigo castelo e carregava um lampião para iluminar os lugares escuros. Examinou primeiro a igreja. O túmulo de um antepassado esquecido chamou sua atenção e ele segurou a efígie do cavaleiro que enfeitava a lápide e tentou movê-la, para testar se poderia ter sido aberta. A lápide estava firme.

O forno foi quase o último lugar que ele revistou. Depois de abrir a porta de ferro, iluminou o interior com o lampião, e Margery prendeu a respiração e fingiu tranquilidade. Matthewson se inclinou para a frente, com a cabeça e os ombros dentro do forno, e moveu o lampião lá dentro. Será que a porta nos fundos era tão invisível quanto Margery recordava? O homem soltou um grunhido, mas ela não conseguiu interpretar o que isso significava.

Ele então recuou e bateu à porta.

– Achou que guardássemos padres no forno? – falou Margery, num tom alegre, mas torcendo para que ele não percebesse o leve tremor em sua voz.

Parecendo contrariado, Matthewson não se deu ao trabalho de responder àquela pergunta espirituosa.

Eles voltaram ao saguão de entrada. Matthewson estava com raiva. Desconfiava que tivesse sido tapeado, mas não conseguia atinar como.

Bem na hora em que ele estava prestes a ir embora, a porta da frente se abriu e sir Ned Willard entrou.

Margery o encarou horrorizada. Ned conhecia o segredo da antiga padaria. O que ele estaria fazendo ali?

Uma fina camada de suor cobria sua testa e ele ofegava: com certeza viera cavalgando depressa. Ela adivinhou que de alguma forma ele houvesse ficado sabendo sobre a missão de Matthewson. Qual seria o seu objetivo ali? Sem dúvida estaria preocupado com Margery. Mas ele também era protestante; será que ficaria tentado a encontrar o padre fugitivo? Sua lealdade à rainha Elizabeth era profunda, quase como um amor. Será que o amor por Margery iria suplantá-la?

Ele encarou Matthewson com um olhar hostil.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou.

O outro se explicou mais uma vez:

– Stephen Lincoln é suspeito de traição.

– Nunca ouvi falar nessa suspeita – retrucou Ned.

– Até onde sei, sir Ned, o senhor não vai a Londres desde a Páscoa, então talvez não tenha ficado sabendo.

As palavras foram educadas, mas ditas com desdém. Ned sentiu-se tolo. Margery percebeu isso no seu rosto. Ele se orgulhava de sempre saber de tudo primeiro. Havia deixado aquilo escapar... e sem dúvida era por causa dela.

– Stephen Lincoln não está aqui – disse Margery. – Esses homens vasculharam minha casa de alto a baixo. Se tivéssemos um camundongo católico na despensa, acho que teriam encontrado.

– Folgo em saber que as ordens da rainha estão sendo executadas de forma tão meticulosa – disse Ned, mudando aparentemente de lado. – Muito bem, senhores.

A tensão de Margery foi tanta que ela quis gritar. As próximas palavras de Ned seriam: “Mas vocês encontraram o cômodo secreto atrás do forno abandonado?” Controlando a voz com esforço, ela se dirigiu ao representante da rainha:

– Se isso for tudo...

Matthewson hesitou, mas não lhe restava nada a fazer. Com um ar furioso, afastou-se sem nem ao menos se despedir. Um a um, seus homens o seguiram porta afora.

Bart surgiu da sala de jantar.

– Eles já foram? – perguntou.

Margery não conseguiu responder. Começou a chorar.

Bart a abraçou.

– Pronto, pronto – falou. – Você foi magnífica.

Ela olhou por cima do ombro do marido e viu Ned. Seu rosto era a própria definição de um homem dilacerado.

vii

Rollo teria sua vingança.

Em junho de 1570, ao chegar à cidade universitária de Douai, no sudoeste dos Países Baixos, ele estava cansado, empoeirado e fervilhando de ódio e ressentimento. O lugar o fez recordar Oxford, onde estudara: muitas igrejas, belos prédios universitários, além de jardins e pomares onde professores e alunos podiam caminhar e conversar. Aquela tinha sido uma época de ouro, pensou, amargurado: o pai ainda era vivo e próspero, uma rainha católica forte ocupava o trono da Inglaterra e Rollo parecia ter o futuro garantido.

Ele caminhara uma longa distância pela paisagem plana de Flandres. Ainda assim, não eram os pés o que mais lhe doía. Era o coração. Os protestantes nunca ficariam satisfeitos, pensou, furioso. A Inglaterra agora tinha uma rainha protestante, bispos complacentes, uma Bíblia em inglês e um livro de preces reformado. As telas com imagens sacras haviam sido removidas; as estátuas, decapitadas; os crucifixos de ouro, derretidos. E nem isso bastara. Eles tiveram de se apoderar dos negócios de Rollo e expulsá-lo do próprio país.

Um dia iriam se arrepender.

Naquela região se falava francês, mas, usando um misto desse idioma e inglês, Rollo conseguiu chegar a uma casa de tijolos situada numa rua com lojas e pensões. A construção era grande, mas não bonita, e todas as esperanças dele agora repousavam naquele prédio decepcionante de tão comum. Se fosse possível que um dia a Inglaterra retornasse à verdadeira fé e se Rollo conseguisse sua vingança, tudo começaria ali.

A porta estava aberta.

No saguão, ele encontrou um homem de aspecto jovial e rosto rosado, uns dez anos mais novo do que ele; Rollo tinha 35 anos.

- *Bonjour, monsieur* – falou, educado.
- O senhor é inglês, não? – disse o outro homem.
- Aqui é a Faculdade Inglesa?
- Sim, com certeza.
- Graças a Deus.

Rollo ficou aliviado. Fora uma longa viagem, mas ele chegara. Agora precisava descobrir se o lugar iria corresponder às suas expectativas.

– Sou Leonard Price – apresentou-se o rapaz. – Pode me chamar de Lenny. O que o traz aqui?

– Perdi meu sustento em Kingsbridge porque me recusei a assinar os Trinta e Nove Artigos.

– Fez muito bem!

– Obrigado. Eu gostaria de ajudar a restaurar a verdadeira fé na Inglaterra e soube que essa é a missão da faculdade.

– Acertou outra vez. Nós treinamos padres e os mandamos de volta para lá, clandestinamente, é claro, para levar os sacramentos aos católicos leais da Inglaterra.

Era essa a ideia que entusiasmava Rollo. Agora que a rainha Elizabeth começava a revelar sua tirania, a Igreja iria revidar. E Rollo também. Ele não tinha nada a perder. Ainda deveria ser um próspero conselheiro de Kingsbridge, dono da melhor casa da cidade e destinado a um dia se tornar prefeito, como o pai. Em vez disso, era um pária que percorria a pé as estradas poeirentas de uma terra estrangeira. Mas um dia ele iria virar a mesa.

Lenny baixou a voz.

– Se o senhor perguntar a William Allen, nosso fundador, ele vai dizer que treinar padres é nossa única missão. Mas alguns de nós temos ideias mais ambiciosas.

– Do que se trata?

– É preciso que Elizabeth seja deposta e Maria, da Escócia, se torne rainha. Era o que Rollo queria escutar.

– Vocês estão mesmo planejando isso?

Lenny hesitou, decerto consciente de ter cometido uma indiscrição.

– Um devaneio, pode-se dizer – falou. – Mas um devaneio que muitas

pessoas compartilham.

Era um fato incontestável. O direito de Maria ao trono era tema constante à mesa entre católicos.

– Posso falar com William Allen? – indagou Rollo, ansioso.

– Vamos entrar e perguntar. Ele está recebendo uma visita muito importante, mas talvez ambos queiram falar com um novo recruta em potencial. Acompanhe-me.

Lenny conduziu Rollo até o piso superior. Rollo se sentia tomado pela empolgação e pelo otimismo. Talvez, no fim das contas, sua vida não tivesse acabado. Lenny bateu a uma porta que, após aberta, revelou um cômodo espaçoso e claro, com as paredes repletas de livros e dois homens entretidos numa conversa. Lenny se dirigiu a um deles, de rosto magro e alguns anos mais velho do que Rollo, vestido de um modo desleixado que o fez pensar em seus professores de Oxford.

– Perdoe-me a interrupção, mas achei que o senhor talvez quisesse conhecer uma pessoa que acabou de chegar da Inglaterra.

Allen se virou para o homem com quem conversava antes.

– Se o senhor me permite...? – disse, em francês.

O outro era mais jovem, mas estava mais ricamente vestido, com uma túnica verde bordada de amarelo. Era bonito, tinha olhos castanho-claros e fartos cabelos louros. Deu de ombros e disse:

– Como quiser.

Rollo deu um passo à frente e estendeu a mão.

– Meu nome é Rollo Fitzgerald, de Kingsbridge.

– Sou William Allen – falou, apertando a mão do outro, então, com um gesto, indicou o convidado. – Este é um grande amigo aqui da faculdade, monsieur Pierre Aumande de Guise, de Paris.

O francês meneou a cabeça para Rollo de modo frio e não lhe estendeu a mão.

– Rollo perdeu seu sustento por ter se recusado a assinar os Trinta e Nove Artigos – contou Lenny.

– Fez muito bem – elogiou Allen.

– E ele quer se juntar a nós.

– Sentem-se, vocês dois.

– Qual o seu nível de instrução, Rollo? – perguntou monsieur Aumande de Guise, num inglês cuidadoso.

– Eu frequentei Oxford, depois estudei direito em Gray’s Inn antes de assumir o negócio do meu pai. Não entrei para o sacerdócio, mas é o que desejo fazer agora.

– Ótimo.

Aumande estava se tornando um pouco menos frio.

– A missão que aguarda nossos alunos ao final do treinamento é arriscar suas vidas – disse Allen. – O senhor compreende isso? Se for pego, poderá ser executado. Por favor, não se junte a nós caso não esteja preparado para esse destino.

Rollo pensou antes de responder.

– Seria tolice encarar com leviandade uma possibilidade como essa.

Allen aprovou sua resposta com um meneio de cabeça.

– Mas, com a ajuda de Deus, acredito que possa enfrentar esse risco – completou Rollo.

– Como o senhor se sente em relação aos protestantes? – inquiriu Aumande.

– Pessoalmente, quero dizer.

– Pessoalmente?

Rollo começou a elaborar outra resposta ponderada, mas acabou dominado pelas emoções. Cerrou os punhos.

– Eu os odeio – falou, tão abalado que foi difícil pronunciar as palavras. – Quero exterminá-los, matar cada um deles até não sobrar nenhum. É assim que eu me sinto.

Aumande quase sorriu.

– Sendo assim, acho que o senhor talvez tenha um lugar aqui.

Rollo entendeu que dissera a coisa certa.

– Bem, espero que o senhor passe pelo menos alguns dias conosco, para nos conhecermos melhor – disse Allen, com mais cautela. – Depois disso poderemos falar um pouco mais sobre seu futuro.

– Ele precisa de um pseudônimo – lembrou Aumande.

– Já? – estranhou Allen.

- Quanto menos pessoas souberem seu verdadeiro nome, melhor.
 - Acho que o senhor tem razão.
 - Vamos chamá-lo de Jean Langlais – decidiu Aumande.
 - João Inglês... em francês. Está bem – concordou Allen, então olhou para Rollo. – De agora em diante, seu nome é Jean Langlais.
 - Mas por quê? – quis saber Rollo.
- Quem respondeu foi Aumande:
- O senhor vai ver – disse ele. – Tudo no devido tempo.

viii

Naquele verão, o pânico de uma invasão tomou conta da Inglaterra. As pessoas viram na bula papal uma incitação a que os países católicos atacassem e imaginavam que os galeões inimigos pudessem surgir no horizonte a qualquer momento, trazendo soldados armados até os dentes, todos prontos para incendiar, saquear e estuprar. Por todo o litoral sul, pedreiros executavam reparos em muralhas de castelos que o tempo fizera desmoronar. Nos portos, canhões enferrujados eram limpos, lubrificados e testados. Robustos ajudantes de fazenda se uniam a milícias locais e praticavam arco e flecha nas tardes ensolaradas de domingo.

A condessa de Shiring estava tomada por outro tipo de aflição. A caminho de um encontro com Ned, Margery visualizava as coisas que os dois fariam e já sentia a umidade que essa expectativa lhe provocava. Certa vez ouvira alguém dizer que as cortesãs francesas lavavam e perfumavam suas partes íntimas todos os dias para o caso de os homens quererem beijá-las ali. Na época, não acreditara na história; Bart jamais a beijara ali. Ned, porém, fazia isso o tempo todo, então ela agora se lavava como uma cortesã. Toda vez que fazia isso, tinha consciência de ser a preparação para um repetido pecado mortal e sabia, também, que um dia a punição iria chegar. Mas esses pensamentos lhe davam dor de cabeça, e ela os deixava de lado.

Foi para Kingsbridge e se hospedou na casa de Bart na ilha dos Leprosos. Seu pretexto para ir à cidade foi o de encontrar Guillaume Forneron, o protestante francês refugiado que fabricava a melhor cambraia do sul da

Inglaterra. Margery comprava dele as camisas de Bart e as próprias túnicas e camisolas.

Na segunda manhã, saiu de casa sozinha e foi encontrar Ned na casa da amiga Susannah, agora lady Twyford. Susannah ainda possuía a casa em Kingsbridge que herdara do pai, e em geral era lá que ficava quando o marido ia viajar. Fora Ned quem sugerira o encontro, e tanto ele quanto Margery tinham certeza de poderem confiar em Susannah para guardar seu segredo.

Margery já se acostumara à ideia de que a amiga fora amante de Ned primeiro. A outra ficara encabulada quando Margery lhe contara que tinha adivinhado a verdade. “O coração dele era seu”, respondera Susannah. “Eu fiquei só com o corpo, que felizmente era tudo o que eu queria.” Margery andava tão atordoada de paixão que mal conseguia pensar nisso ou em qualquer outra coisa.

Susannah a recebeu na saleta, cumprimentando-a com um rápido beijo.

– Suba lá, sua menina de sorte.

Uma escadaria fechada conduzia ao *boudoir* da dona da casa, onde Ned a aguardava.

Margery o enlaçou e eles se beijaram com urgência, como se estivessem famintos de amor. Ela interrompeu o beijo para dizer:

– Cama.

Eles foram para o quarto de Susannah e tiraram a roupa. O corpo de Ned era esguio. A pele era clara e o peito, coberto por pelos grossos e escuros. Margery adorava o simples fato de olhar para ele.

Mas alguma coisa estava errada. Seu pênis permaneceu flácido, sem esboçar reação. Isso era bastante frequente com Bart quando ele ficava bêbado, mas com Ned era a primeira vez. Margery se ajoelhou na frente dele e o chupou, como Bart lhe ensinara. Às vezes dava certo com o marido, mas nesse dia, com Ned, não fez diferença. Ela se levantou, segurou o rosto dele entre as mãos e encarou seus olhos castanho-dourados. Viu que ele estava constrangido.

– O que foi, meu amor? – perguntou.

– Estou preocupado com uma coisa – respondeu ele.

– O quê?

– O que vamos fazer? Qual é o nosso futuro?

– Por que pensar nisso? Vamos apenas nos amar.

Ned fez que não com a cabeça.

– Preciso tomar uma decisão.

Levando a mão ao casaco que jogara de lado, ele pegou uma carta.

– É da rainha? – indagou Margery.

– De sir William Cecil.

Margery teve a mesma sensação de quando um dia de verão é fustigado por um súbito vento invernal.

– Más notícias?

Ned jogou a carta em cima da cama.

– Não sei se são boas ou más.

Margery encarou o papel. A carta jazia sobre a colcha feito um pássaro morto, com os cantos dobrados apontando para cima como asas endurecidas e o selo de cera vermelha rompido parecendo um pingo de sangue. A intuição lhe disse que aquela carta anunciava sua ruína.

– Fale o que a carta diz – pediu em voz baixa.

Ned sentou na cama e cruzou as pernas.

– É sobre a França. Os protestantes de lá, os huguenotes, parecem estar ganhando a guerra civil, com a ajuda de um imenso empréstimo da rainha Elizabeth.

Isso Margery já sabia. O incansável sucesso da heresia a deixava horrorizada, mas para Ned era motivo de satisfação. Ela tentava não pensar nisso nem em qualquer outra coisa que os afastasse.

– Então, felizmente, o rei católico está disposto a negociar a paz com o líder protestante, um homem chamado Gaspard de Coligny – continuou Ned.

Pelo menos quanto a isso Margery podia compartilhar sua aprovação. Ambos queriam que os cristãos parassem de se matar. Mas como aquilo poderia atrapalhar seu amor?

– A rainha Elizabeth vai mandar um representante nosso, sir Francis Walsingham, para participar da conferência como mediador.

Isso Margery não entendeu.

– Os franceses precisam mesmo de um inglês em suas discussões de paz?

– Não, isso é fachada.

Ned hesitou.

– Cecil não diz mais nada na carta, mas posso adivinhar a verdade. Posso lhe dizer o que acho, mas você não pode contar a mais ninguém.

– Está bem.

Margery participava sem entusiasmo daquela conversa, cujo efeito era adiar o fatídico instante em que conheceria o próprio destino.

– Walsingham é um espião. A rainha quer saber o que o rei da França pretende fazer em relação à escocesa Maria. Se católicos e huguenotes realmente selarem a paz, o rei talvez volte sua atenção para a Escócia, ou mesmo para a Inglaterra. Elizabeth sempre quer saber o que as pessoas podem estar tramando.

– Então a rainha vai mandar um espião para a França.

– Falando desse jeito, não é nenhum grande segredo.

– Mesmo assim, não vou contar para ninguém. Mas, por favor, tenha piedade de mim e diga: o que isso tem a ver com nós dois?

– Walsingham precisa de um assistente, um homem que seja fluente em francês. Cecil quer que eu vá. Acho que ele está contrariado por eu passar tanto tempo fora de Londres.

– Quer dizer que você vai me deixar – disse Margery, arrasada.

Era isso que significava o pássaro morto.

– Eu não preciso fazer isso. Poderíamos continuar como estamos, nos amando e nos encontrando em segredo.

Margery fez que não com a cabeça. Pela primeira vez em semanas, seus pensamentos estavam claros, e ela finalmente conseguia ser racional.

– Corremos riscos terríveis a cada vez. Um dia vamos ser descobertos. Nesse dia Bart vai matar você, se divorciar de mim e levar Bartlet embora.

– Então vamos fugir. Diremos que somos casados: Sr. e Sra. Weaver. Podemos pegar um navio para a Antuérpia. Tenho um primo distante lá, Jan Wolman, que me dará trabalho.

– E Bartlet?

– Levaremos o menino conosco... Ele não é filho de Bart mesmo...

– Seremos culpados de raptar o herdeiro de um conde. Isso deve ser uma ofensa gravíssima. Poderíamos ser executados.

– Se formos a cavalo até Combe Harbour, poderíamos estar no mar antes que

qualquer um percebesse nossa ausência.

Margery estava louca para dizer sim. Nos últimos três meses, tinha sido feliz pela primeira vez desde os 15 anos. A ânsia de estar com Ned dominava seu corpo feito uma febre. Mas ela sabia, mesmo que o próprio Ned não tivesse consciência disso, que ele jamais conseguiria ser feliz trabalhando para o primo na Antuérpia. Ele passara toda a vida adulta profundamente comprometido com o governo da Inglaterra e gostava disso mais do que tudo. Adorava a rainha Elizabeth, tinha imensa admiração por William Cecil e era fascinado pelos desafios que sua posição na corte lhe proporcionava. Se Margery o afastasse disso, iria arruiná-lo.

E ela também tinha o seu trabalho. Nas últimas semanas, vergonhosamente, utilizara sua missão sagrada como disfarce para encontros adúlteros, mas mesmo assim era dedicada à tarefa que lhe fora atribuída por Deus. Desistir disso seria uma transgressão tão grave quanto o adultério.

Chegara a hora de acabar com aquilo. Ela confessaria seu pecado e pediria a misericórdia de Deus. Voltaria a se dedicar ao dever sagrado de levar os sacramentos aos católicos ingleses necessitados. Quem sabe, com o tempo, viesse a se sentir perdoada.

Com a decisão tomada, ela começou a chorar.

– Não chore – disse Ned. – Podemos pensar em alguma coisa.

Mas ela sabia que não. Abraçou-o e o puxou para junto de si. Eles tornaram a se deitar na cama.

– Ned, meu amado Ned – sussurrou.

Suas lágrimas molharam o rosto dele quando os dois se beijaram. De repente, o pênis dele ficou ereto.

– Só mais uma vez – falou ela.

– Não vai ser a última – disse ele e rolou para cima dela.

Vai, sim, pensou Margery, mas não conseguiria dizer nada, então apenas se rendeu à tristeza e ao prazer.

Seis semanas depois, Margery descobriu que estava grávida.

CAPÍTULO 17

Sir Francis Walsingham confiava em listas do mesmo jeito que confiava no Evangelho. Anotava quem encontrara na véspera e quem iria encontrar no dia seguinte. E ele e sir Ned Willard tinham uma lista de todos ingleses suspeitos que chegavam a Paris.

Em 1572, Walsingham era o embaixador da rainha Elizabeth na França, e Ned, seu vice. Ned respeitava o atual superior da mesma forma que respeitara sir William Cecil, mas não tinha a mesma devoção. Sentia lealdade em vez de veneração, admirava, mas não ficava impressionado. Os dois eram diferentes, claro. Contudo, além disso, o homem que agora trabalhava com Walsingham não era o mesmo jovem ansioso que fora o protegido de Cecil. Ned havia amadurecido.

Vinha realizando missões clandestinas para Elizabeth desde o início, mas agora ele e Walsingham faziam parte do serviço secreto de informações cada vez mais extenso montado para proteger a rainha e seu governo de uma derrubada violenta.

A paz entre católicos e protestantes que reinara na Inglaterra durante a primeira década do governo de Elizabeth fora posta em risco pela bula papal. Já houvera uma conspiração grave contra a rainha. Roberto Ridolfi, um enviado do papa, conspirara para assassinar Elizabeth, pôr Maria Stuart no trono, depois casar Maria com o duque de Norfolk. O serviço secreto desmascarara o plano e, poucos dias antes, o duque fora decapitado. Mas ninguém acreditava que esse fosse o fim da história.

Como todos os conselheiros de Elizabeth, Ned temia novas conspirações. Tudo pelo que ele trabalhara nos últimos catorze anos estava ameaçado. Da noite para o dia, o sonho da liberdade religiosa poderia se transformar no pesadelo da inquisição e da tortura, e a Inglaterra mais uma vez teria homens e mulheres queimados vivos na fogueira.

Dezenas de católicos ricos haviam abandonado o país, a maioria com destino à França. Ned e Walsingham acreditavam que o próximo complô contra Elizabeth seria tramado ali, em Paris. Sua missão era identificar os conspiradores, descobrir quais eram suas intenções e frustrar seus planos.

A embaixada inglesa ficava num casarão na margem esquerda do Sena, ao sul do rio, no bairro universitário. Walsingham não era um homem endinheirado nem a Inglaterra era um país rico, de modo que eles não tinham como pagar para se instalarem na margem direita, onde ficavam os palácios da aristocracia francesa.

Nesse dia, Ned e Walsingham iam à corte real no Palácio do Louvre. Ned aguardava a visita com grande expectativa. O encontro dos homens e mulheres mais poderosos da França era uma rica oportunidade para coletar informações. Cortesãos eram fofoqueiros e alguns deixavam escapar segredos. Ned conversaria com todos e mapearia as intrigas.

Estava apenas um pouco nervoso, não por causa de si mesmo, mas por causa do chefe. Aos 40 anos, Walsingham era um homem brilhante, mas lhe faltava elegância. Sua primeira aparição diante do rei francês Carlos IX fora constrangedora. Em suas habituais vestes de puritano, ele trajara preto da cabeça aos pés. Na colorida corte francesa, isso fora interpretado como uma reprimenda protestante.

Nessa primeira ocasião, Ned reconhecera Pierre Aumande de Guise, que encontrara em Saint-Dizier com Maria Stuart. Embora já fizesse doze anos, recordava-se muito bem. Apesar de bonito e bem-vestido, havia algo sinistro nele.

O rei Carlos perguntara sem rodeios a Walsingham se era realmente necessário que Elizabeth mantivesse prisioneira Maria Stuart, ex-rainha da França, soberana deposta da Escócia e sua cunhada. Walsingham deveria ter recorrido ao livro dos Provérbios, que assegura que “A resposta calma desvia a fúria”. No entanto – ainda que tivesse motivos –, ele respondera de forma indignada, uma fraqueza dos puritanos, e o resultado foi uma postura gélida do rei.

Desde então, Ned vinha fazendo um esforço extra para ser mais descontraído e afável do que seu intransigente chefe. Começara a se vestir como se fosse um

diplomata não muito importante e sem convicções religiosas rígidas. Nesse dia, escolheu um gibão azul-claro com fendas que deixavam à mostra um forro bege. Não era um traje extravagante para os padrões de Paris, mas, torceu ele, seria agradável o bastante para desviar as atenções da aparência de Walsingham, que se atinha teimosamente ao preto.

De sua janela no sótão, Ned podia ver as torres da Catedral de Notre-Dame do outro lado do Sena. Ao lado de seu espelho embaçado ficava um pequeno retrato que Margery lhe dera. Era uma representação um pouco idealizada, com a pele de uma alvura impossível e bochechas rosadas, mas o artista soubera captar os cachos que caíam em cascata e o sorriso provocante que ele tanto adorava.

Ele ainda a amava. Dois anos antes, fora forçado a aceitar que ela jamais deixaria o marido. Sem esperança, o fogo da paixão se transformara em meras brasas, mas não se apagara, e talvez jamais se apagasse.

Não tinha notícias de Kingsbridge. Não soubera mais de Barney, que ainda devia estar no mar. Ele e Margery haviam concordado em não se torturar escrevendo um para o outro. A última coisa que Ned fizera antes de partir da Inglaterra fora anular o mandado de prisão de Stephen Lincoln, emitido com base em provas falsas apresentadas por Dan Copley. Se Margery achava que era seu dever sagrado levar consolo aos católicos desvalidos, Ned não iria deixar Dan Copley impedi-la.

Ele ajeitou a gola rendada em frente ao espelho e sorriu ao recordar a peça à qual assistira na noite anterior, chamada *Os rivais*. Era uma comédia muito original, sobre gente comum e com texto apresentado de modo natural, não em rimas, e contava a história de dois rapazes que planejavam raptar a mesma moça... que acabava se revelando, num final surpreendente, irmã de um deles. A coisa toda transcorria num único local, um trecho curto de rua, durante um período de menos de 24 horas. Ned nunca vira nada tão inteligente em Londres ou Paris.

Já estava quase saindo quando um criado entrou.

– Uma mulher quer lhe falar. Diz que vende papel e tinta mais barato do que em qualquer outro lugar de Paris – falou o homem, em francês. – O senhor pode recebê-la?

Ned usava enormes quantidades de papel e tinta caros para rascunhar e

codificar as cartas confidenciais de Walsingham destinadas à rainha e a Cecil. E Elizabeth aplicava aos gastos com seus espiões a mesma parcimônia que tinha com todo o resto, de modo que ele vivia em busca de preços mais baixos.

– O que sir Francis está fazendo agora?

– Lendo a Bíblia.

– Então tenho tempo. Mande-a subir.

Um minuto depois, uma mulher com cerca de 30 anos apareceu. Ned a observou com interesse. Era mais atraente que bonita, estava vestida com modéstia e tinha uma expressão decidida suavizada por olhos azuis. Ela se apresentou como Thérèse Saint-Quentin. Tirou de uma bolsa de couro amostras de papel e tinta e convidou Ned a experimentá-las.

Ele se sentou à escrivaninha. Tanto o papel quanto a tinta lhe pareceram bons.

– Onde ficam os seus fornecedores? – quis saber ele.

– O papel é fabricado aqui perto de Paris, no subúrbio de Saint-Marcel – respondeu ela. – Também tenho um lindo papel de Fabriano, na Itália, para suas cartas de amor.

Foi um comentário ousado, mas a mulher não insinuava nada, de modo que Ned calculou que aquilo fizesse parte de seu discurso de vendas.

– E a tinta?

– Eu mesma fabrico. Por isso é tão barata... mas é muito boa.

Ele comparou os preços com o que estava acostumado a pagar e constatou que de fato eram melhores. Fez uma encomenda.

– Trarei tudo hoje mesmo – disse ela. Então baixou a voz: – O senhor tem a Bíblia em francês?

Ned levou um susto. Será que aquela jovem mulher de ar tão respeitável poderia estar envolvida com literatura ilícita?

– Isso é contra a lei!

Ela reagiu com calma.

– Mas, de acordo com o Tratado de Paz de Saint-Germain, essa violação da lei não é mais punida com a morte.

Ela estava se referindo ao acordo resultante da conferência de paz à qual Ned e Walsingham tinham sido enviados, em Saint-Germain, de modo que ele

conhecia bem os detalhes. O tratado dava aos huguenotes uma liberdade de culto limitada. Para Ned, um país católico que tolerava protestantes valia tanto quanto um país protestante que tolerava católicos: o que importava era haver liberdade. No entanto, essa liberdade era frágil. A França já tivera outros tratados de paz, todos com vida curta. Os pregadores de Paris, notórios por seus discursos inflamados, vociferavam contra qualquer tentativa de conciliação. Aquele tratado seria selado por um casamento: a irmã de vida desregrada do rei, princesa Margarida, estava noiva do despreocupado Henrique de Bourbon, rei protestante de Navarra, mas já haviam se passado dezoito meses e a união não fora sacramentada.

– O tratado de paz pode ser abandonado, e a qualquer momento poderia haver uma repressão surpresa a pessoas como a senhora – disse Ned.

– Provavelmente não seria surpresa.

Ned estava prestes a perguntar por quê, mas ela não lhe deu oportunidade.

– E acho que posso confiar no senhor – prosseguiu ela. – É enviado de Elizabeth, então deve ser protestante.

– Mas por que me fez essa pergunta? – indagou Ned, cauteloso.

– Se quiser uma Bíblia em francês, posso lhe arrumar uma.

Ned ficou pasmo com o sangue-frio dela. Por acaso, ele queria mesmo uma Bíblia em francês. Falava a língua bem o bastante para passar por nativo, mas era comum, em conversas, não entender as citações e alusões bíblicas que os protestantes usavam o tempo todo, e muitas vezes pensara que seria bom ler os capítulos mais conhecidos, de modo a se familiarizar com a tradução. Sendo um diplomata estrangeiro, não teria problemas tão graves por possuir o livro, na eventualidade de ser descoberto.

– Quanto custa? – perguntou.

– Tenho duas edições, ambas impressas em Genebra: uma comum, que custa a bagatela de 2 libras, e outra lindamente encadernada, impressa em duas cores e ilustrada, por 7 libras. Posso trazer ambas para lhe mostrar.

– Está bem.

– Vejo que está de saída... para o Louvre, imagino, a julgar por esse belo casaco.

– Sim.

– Estará de volta na hora do almoço?

– Provavelmente.

Ned estava intrigado. Ela havia assumido as rédeas da conversa. Só o que ele fizera fora concordar com o que propunha. A mulher era assertiva, mas tão franca e agradável que ele não conseguiu se ofender.

– Trarei seu papel e tinta a essa hora, além das duas Bíblias para que o senhor possa escolher.

Ned não achava que houvesse de fato se comprometido a comprar uma Bíblia, mas deixou isso passar.

– Estou ansioso para vê-las.

– Voltarei hoje à tarde.

A tranquilidade dela era notável.

– A senhora é muito corajosa – comentou Ned.

– O Senhor me dá forças.

Com certeza devia dar, pensou Ned, mas ela já devia ter bastante força para começo de conversa.

– Diga-me uma coisa – falou, tomando enfim a iniciativa na conversa. – Como começou a negociar livros de contrabando?

– Meu pai era impressor. Ele foi queimado como herege em 1559 e todos os seus bens foram confiscados, então minha mãe e eu ficamos na miséria. Tudo o que tínhamos eram algumas Bíblias que ele havia imprimido.

– Quer dizer que a senhora faz isso há treze anos?

– Quase.

A coragem dela deixou Ned sem ar.

– Durante a maior parte desse período, poderia ter sido executada como seu pai.

– Sim.

– E com certeza vocês poderiam levar uma vida tranquila vendendo apenas papel e tinta.

– Sim, poderíamos, mas acreditamos no direito das pessoas de ler a palavra de Deus por si mesmas e decidir sozinhas qual é o verdadeiro evangelho.

Ned também acreditava nisso.

– E a senhora está disposta a arriscar a vida por essa crença.

Não mencionou que, caso ela houvesse sido pega, com certeza teria sido torturada antes da execução.

– Sim – disse ela.

Ned a encarou, fascinado. Ela o encarou também, com ousadia, por vários instantes, então disse:

– Até hoje à tarde, então.

– Até.

Assim que ela saiu, Ned foi até a janela e olhou para a movimentada feira de frutas e legumes da Place Maubert. A mulher não temia uma repressão súbita aos protestantes, como seria de esperar. *Provavelmente não seria surpresa*, dissera. Ele se perguntou que meios ela teria de conhecer com antecedência as intenções dos católicos mais radicais.

Instantes depois, ela surgiu à porta da rua e se afastou, uma silhueta pequena e ereta, com um passo veloz e firme, disposta a morrer pelo ideal de tolerância que Ned compartilhava. Que mulher!, pensou ele. Que heroína!

Ficou observando até que ela sumisse de vista.

ii

Pierre Aumande de Guise aparou a barba loura, preparando-se para ir à corte no Palácio do Louvre. Sempre deixava a barba num formato pontudo, de modo a ficar mais parecido com seu jovem patrão e parente distante, Henrique, de 21 anos, o atual duque de Guise.

Estudou o próprio rosto. Estava com uma doença de pele que o deixava com descamações e manchas vermelhas nos cantos dos olhos, na boca e no couro cabeludo. As manchas também haviam aparecido na parte de trás dos joelhos e na face interna dos cotovelos, onde causavam uma coceira enlouquecedora. O médico dos Guises diagnosticara excesso de calor e lhe receitara um unguento que parecia piorar os sintomas.

Seu enteado de 12 anos, Alain, entrou no recinto. Era um menino desafortunado, menor do que o normal e tímido, mais parecido com uma menina. Pierre o mandara à leiteria comprar leite e queijo, e ele agora trazia uma jarra e um cálice.

– E o queijo? – indagou Pierre.

O menino hesitou.

– Eles não tinham hoje – respondeu por fim.

Pierre o encarou.

– Mentiroso. Você esqueceu.

Alain ficou apavorado.

– Não esqueci, não. Verdade!

Ele começou a chorar.

Nath, a criada magrela, entrou.

– O que houve, Alain? – perguntou ela.

– Ele mentiu para mim, agora está com medo de apanhar. O que você quer?

– Um padre deseja lhe falar... Jean Langlais.

Era o pseudônimo que Pierre dera a Rollo Fitzgerald, o mais promissor dos exilados que estudavam na Faculdade Inglesa.

– Mande subir. Leve esse menino choramingão daqui. E vá buscar um pouco de queijo para o meu desjejum.

Pierre vira Rollo outras vezes depois daquele primeiro encontro e também ficara impressionado em ambas. O inglês era inteligente e dedicado, e em seus olhos ardia a luz de uma missão sagrada. Ele odiava os protestantes com fervor, sem dúvida porque a família fora arruinada pelos puritanos de Kingsbridge, sua cidade natal. Pierre tinha grandes expectativas em relação a ele.

Instantes depois, o inglês apareceu, usando uma batina que ia até o chão e um crucifixo de madeira num cordão.

Os dois se cumprimentaram com um aperto de mão e Pierre fechou a porta.

– Aquela jovem é sua esposa? – quis saber Rollo.

– Certamente não – respondeu Pierre. – Madame Aumande de Guise era dama de companhia de Véronique de Guise.

Não era verdade. Odette era criada, não dama de companhia, mas Pierre não gostava que as pessoas soubessem.

– Ela saiu – falou. A esposa tinha ido ao mercado de peixe. – A mulher que o recebeu é só uma criada.

Rollo ficou constrangido.

– Queira me desculpar.

– Imagine. Bem-vindo à nossa humilde morada. Eu passo a maior parte do tempo no palácio dos Guises na Rue Vieille du Temple, mas se tivéssemos nos encontrado lá teríamos sido vistos por vinte pessoas. Este lugar tem uma grande vantagem: é tão simples que ninguém se daria ao trabalho de espioná-lo.

Na verdade, Pierre estava desesperado para se mudar daquele pardieiro, mas ainda não conseguira convencer o jovem duque a lhe ceder um quarto no palácio. Ele era agora o mais importante dos conselheiros dos Guises, mas, como sempre, a família demorava a lhe conceder o status que seu trabalho merecia.

– Como vão as coisas em Douai?

– Excelentes. Desde que o papa excomungou Elizabeth, mais quinze bons jovens ingleses católicos se juntaram a nós. Na verdade, William Allen me mandou aqui para dizer que estamos quase prontos para enviar um grupo deles de volta à Inglaterra.

– E como isso vai ser organizado?

– Padre Allen me pediu que assumisse o comando da operação.

Pierre pensou que era uma boa decisão. Rollo obviamente tinha capacidade para ser mais do que apenas um padre clandestino.

– Qual é o seu plano?

– Vamos fazê-los desembarcar numa praia afastada, ao crepúsculo, e durante a noite eles viajarão até o castelo da minha irmã, que é a condessa de Shiring. Ela vem organizando missas católicas secretas há anos e já tem uma rede de padres clandestinos. De lá eles irão se espalhar por toda a Inglaterra.

– E podemos confiar na sua irmã?

– Com certeza, desde que não haja derramamento de sangue. Isso, infelizmente, está além dos limites dela. Nunca entendeu que a violência às vezes é necessária para servir à Igreja.

– Ela é mulher.

Pierre estava satisfeito pelo fato de Rollo, por sua vez, compreender a necessidade da violência.

– E em Paris? – perguntou Rollo. – Lá em Douai, andamos preocupados com as notícias daqui.

– O Tratado de Paz de Saint-Germain foi uma grande derrota para nós, não há como negar. A política do papa Pio V é exterminar todos os protestantes, mas

o rei Carlos IX optou por uma coexistência pacífica.

Rollo aquiesceu.

– Em alguma medida, o rei foi forçado a isso pela derrota militar.

– Sim. É um grande infortúnio Coligny ter se revelado um general tão disciplinado e talentoso dos exércitos huguenotes. E Catarina, a rainha-mãe, é outra força a favor da tolerância da vil heresia.

Às vezes Pierre sentia que todos estavam contra ele.

– Mas já vimos éditos de tolerância antes, e eles nunca duraram – acrescentou Pierre, otimista.

– A princesa Margarida vai se casar com Henrique de Bourbon?

Rollo fazia as perguntas certas. Henrique era filho do finado Antônio de Bourbon e, na condição de rei de Navarra, era o mais importante membro da aliança Bourbon-Montmorency a favor da tolerância religiosa. Caso ele desposasse uma integrante da família real dos Valois, talvez conseguisse preservar o Tratado de Paz de Saint-Germain. E uma união das famílias Bourbon, Montmorency e Valois bastaria para aniquilar o poder dos Guises.

– Estamos fazendo todo o possível para adiar esse casamento – disse Pierre.

– Mas Coligny fica sempre à espreita, é uma ameaça constante.

– Pena que ninguém seja capaz de cravar uma faca no coração dele.

– Muitos gostariam de fazer isso, acredite – disse Pierre, incluindo-se na lista. – Mas Coligny não é burro e não dá muitas oportunidades. Raramente vem a Paris.

O sino da igreja de Saint-Étienne bateu as dez horas.

– Preciso ir à corte – falou Pierre. – Onde vai se hospedar?

Rollo olhou em volta. Obviamente planejara ficar na casa de Pierre, mas agora descobria não haver espaço.

– Não sei.

– O conde de Beaulieu sempre recebe católicos ingleses. Lá é possível que o senhor conheça pessoas que lhe sejam úteis. Mas cuidado com os protestantes ingleses também.

– Há muitos em Paris?

– Alguns, sobretudo na embaixada. O embaixador é sir Francis Walsingham. Um homem rabugento, mas muito arguto.

– E um puritano blasfemo.

– Estou de olho nele. Mas o vice é mais perigoso porque, além de inteligente, é charmoso. O nome dele é sir Ned Willard.

Rollo reagiu.

– É mesmo? Ned Willard é o vice-embaixador?

– O senhor obviamente o conhece.

– Ele é de Kingsbridge. Não sabia que tinha se tornado tão importante.

– Ah, sim.

Pierre se lembrou do jovem que fingira ser um protestante escocês em Saint-Dizier. Mais tarde soubera, numa carta enviada secretamente por Alison McKay, que Willard fora ao castelo de Carlisle informar Maria Stuart de que ela era prisioneira. E agora ele aparecera em Paris.

– Ned Willard não deve ser subestimado – ressaltou Pierre.

– Eu costumava castigá-lo na escola.

– É mesmo?

– Devia tê-lo matado de pancadas.

Pierre se levantou.

– O conde de Beaulieu mora na Rue Saint-Denis. Vou lhe indicar a direção certa.

Pierre conduziu Rollo até o andar de baixo e a rua.

– Venha falar comigo de novo antes de ir embora de Paris. Eu talvez tenha cartas para William Allen.

Ele explicou a Rollo como chegar ao palácio de Beaulieu e os dois se despediram com um aperto de mão. Enquanto Rollo se afastava, Pierre reparou nas costas de uma mulher que andava na mesma direção. Ela lhe pareceu familiar, mas dobrou a esquina e sumiu de vista antes que ele conseguisse se lembrar de quem se tratava. De toda forma, não usava roupas caras, então não devia ser ninguém importante.

Ele voltou para dentro de casa e a esqueceu. Encontrou Alain na cozinha. Com um tom de voz mais gentil do que o habitual, falou:

– Alain, tenho uma notícia triste para lhe dar. Houve um acidente. Sua mãe levou um coice de um cavalo. Infelizmente ela morreu.

O menino o encarou com os olhos esbugalhados por vários instantes, então

seu rosto foi tomado pela tristeza e ele começou a chorar.

– Mamãe! – berrou. – Mamãe, mamãe!

– De nada adianta chamá-la – disse Pierre, voltando ao tom irritado que em geral usava com o menino. – Ela não pode escutar você. Ela morreu. Foi embora, nunca mais a veremos.

Alain urrava de tristeza. O engodo de Pierre foi tão bem-sucedido que ele quase se arrependeu.

Um minuto depois, Odette entrou correndo com seu cesto de peixe.

– O que houve, Alain, o que foi? – perguntou, aos gritos.

O menino abriu os olhos, viu a mãe e se jogou em seus braços.

– Ele disse que você tinha morrido! – lamentou-se.

– Seu porco cruel! – gritou Odette para o marido. – Por que fez isso?

– Para ensinar uma lição ao menino – respondeu Pierre, satisfeito consigo mesmo. – Ele mentiu para mim, então eu menti para ele. Não voltará a fazer isso tão cedo.

iii

O Louvre era uma fortaleza medieval quadrada, ladeada de torres redondas com telhado cônico. Walsingham e Ned atravessaram uma ponte levadiça por sobre um fosso para entrar no pátio. Ned estava alerta, animado, ansioso. Era ali que residia o poder. Naquele prédio estavam os homens que comandavam exércitos e começavam guerras, que podiam alçar os amigos a cargos de prestígio e destruir os inimigos, que decidiam quem deveria viver e quem deveria morrer. E Ned iria falar com eles.

O finado Henrique II mandara demolir o muro oeste do pátio e o substituíra por um palácio moderno em estilo italiano, com pilastras estriadas, janelas muito altas e esculturas em profusão. Não existia nada como aquilo em Londres, refletiu Ned. Mais recentemente, Carlos IX, filho de Henrique, ampliara o prédio novo, que agora tinha o formato de um L.

Como sempre, na reunião da corte se percebiam os espaços de cada grupo, todos interligados, mas obedecendo a uma hierarquia social. Cavalariços, criadas e guarda-costas permaneciam do lado de fora, no pátio, qualquer que fosse o

clima ou a estação. Ned e Walsingham entraram pela porta central no salão de baile, que ocupava todo o andar térreo da ala oeste. Ali ficavam os ajudantes de mais prestígio, como as damas de companhia. Ao passar pelo recinto a caminho do nível seguinte, Ned se surpreendeu ao notar uma mulher lindíssima a encará-lo com uma expressão que foi um estranho misto de choque, esperança e incompreensão.

Olhou para ela. Mais ou menos da sua idade, a mulher tinha uma beleza mediterrânea clássica, com fartos cabelos escuros, sobrancelhas bem marcadas e lábios sensuais. De vermelho-vivo e preto, era de longe a dama de trajes mais exuberantes do salão, embora as roupas não fossem as mais caras que se viam ali. Algo nela fez Ned pensar que não se tratava de uma simples dama de companhia.

Quando ela falou, foi com um sotaque que não era nem francês nem inglês:

– Não, o senhor com certeza não é Barney.

Foi uma afirmação confusa, mas Ned entendeu.

– O nome do meu irmão é Barney, mas ele é mais alto e mais bonito do que eu.

– O senhor deve ser Ned!

Ele identificou o sotaque como espanhol.

– Sou, sim, *señorita* – falou e lhe fez uma medida.

– Barney falava sempre no senhor. Ele gostava muito do irmão caçula.

Walsingham os interrompeu com impaciência:

– Vou na frente. Não demore.

– Sou Jerónima Ruiz – apresentou-se a mulher.

O nome lhe soou familiar.

– A senhora conheceu Barney em Sevilha?

– Se eu o conheci? Eu quis me casar com ele. Mas não estava escrito nas estrelas.

– E agora a senhora está em Paris.

– Sou sobrinha do cardeal Romero, que está aqui em missão diplomática para o rei Filipe, da Espanha.

Ned teria ouvido falar de uma missão dessas caso fosse algo oficial, de modo que aquilo devia ser informal.

– Imagino que o rei Filipe não queira que a princesa Margarida despose um huguenote – comentou Ned, tentando obter alguma informação.

No jogo de xadrez da diplomacia internacional, o rei da Espanha apoiava os católicos na França, assim como a rainha da Inglaterra ajudava os protestantes.

– Como sou apenas uma mulher, não me interesso por esses assuntos.

Ned sorriu.

– Resposta digna de uma hábil diplomata.

Ela manteve a farsa.

– Meu papel é servir de anfitriã à mesa para meu tio. O cardeal não tem esposa, naturalmente – falou e lançou um olhar provocante a Ned. – Ao contrário dos padres ingleses, que têm permissão para fazer qualquer coisa.

Ned a achou atraente.

– Por que não se casou com meu irmão?

Uma expressão dura tomou conta do rosto dela.

– Meu pai morreu enquanto estava sendo “interrogado” pela Inquisição. Minha família perdeu tudo. O arqui-diácono Romero... esse era o cargo dele na época... me convidou para fazer parte da casa dele. Ele me salvou... mas eu não podia pensar em me casar, é claro.

Ned compreendeu. Ela não era sobrinha de Romero, mas amante. O padre se aproveitara dela num momento em que seu mundo parecia ter ruído. Encarou-a e viu a dor em seus olhos.

– A senhora foi tratada de forma cruel – concluiu.

– Tomei minhas próprias decisões.

Ned cogitou se ela teria se voltado contra a Igreja Católica após aquela experiência... e se, nesse caso, ela poderia se vingar ajudando a causa protestante. Mas hesitou em perguntar isso diretamente.

– Gostaria de conversar com a senhora outra vez – falou.

Jerónima o olhou de cima a baixo e Ned teve a perturbadora sensação de que ela interpretara seus pensamentos.

– Está bem – concordou ela.

Ned fez uma mesura e se afastou. Passou sob a galeria dos músicos, sustentada por quatro cariátides, e subiu a escada. Que mulher bonita!, pensou, embora ela fizesse mais o tipo de Barney do que o seu. Qual é o meu tipo?,

perguntou a si mesmo. Alguém como Margery, claro.

Ele atravessou a sala da guarda dos mercenários suíços que formavam o esquadrão de proteção pessoal do rei e, por fim, adentrou um recinto grande e claro conhecido como guarda-roupa. Ali ficavam aqueles que poderiam ou não ser conduzidos à presença do rei, membros da pequena nobreza e cidadãos com requerimentos.

– Você demorou com aquela prostituta espanhola – ralhou Walsingham, mal-humorado.

– Mas valeu a pena – retrucou Ned.

– É mesmo? – falou Walsingham num tom cético.

– Ela é amante do cardeal Romero. Acho que talvez consiga recrutá-la como informante.

Walsingham mudou de tom:

– Ótimo! Eu gostaria de saber o que aquele verme espanhol anda tramando.

Seus olhos pousaram no marquês de Lagny, homem gordo e afável que escondia o crânio calvo com uma boina incrustada de joias. Lagny era protestante e próximo de Gaspard de Coligny. Os aristocratas huguenotes tinham de ser tolerados na corte, pelo menos até fazerem algo que fosse abertamente contra a vontade do rei.

– Venha comigo – disse Walsingham a Ned, e os dois atravessaram o recinto.

O embaixador inglês cumprimentou Lagny num francês fluente e preciso: tinha vivido no exílio durante a maior parte do reinado da irmã mais velha e católica de Elizabeth, a sanguinária Maria Tudor, e falava diversos idiomas.

Ele interrogou Lagny sobre o tema em que todos andavam pensando: os Países Baixos espanhóis. O duque de Alba, implacável general de Filipe, vinha esmagando sem dó os rebeldes protestantes holandeses. Um exército protestante francês liderado por Jean de Hangest, senhor de Genlis, estava a caminho para ajudá-los.

– Coligny ordenou a Hangest que unisse forças com Guilherme de Orange – disse Lagny.

O príncipe de Orange era o líder dos holandeses.

– Orange pediu à rainha Elizabeth um empréstimo de 30 mil libras – continuou Lagny. – Será que ela vai aceitar, sir Francis?

– Talvez – respondeu Walsingham.

Ned achava pouco provável. Elizabeth nem devia ter 30 mil libras sobrando e, se tivesse, poderia pensar em usos melhores para o dinheiro.

Ele foi afastado da conversa por uma mulher de meia-idade ricamente vestida que se dirigiu a ele em inglês.

– Sir Ned! – exclamou ela. – Que belo gibão!

Ned fez uma mesura para Marianne, condessa de Beaulieu, católica inglesa casada com um nobre francês. Ela estava acompanhada da filha, uma moça roliça de 18 anos e modos vivazes. Seu nome era Aphrodite; o pai estudava grego. A condessa gostava de Ned e o incentivou a conversar com Aphrodite. Jamais deixaria a filha se casar com um protestante, claro, mas com certeza pensava que Ned poderia se converter. Ele, por outro lado, gostava de Aphrodite, mas não de forma romântica: ela era uma moça alegre, despreocupada e sem qualquer interesse sério, o que o deixava entediado rapidamente. Mesmo assim, ele flertou tanto com a mãe quanto com a filha, pois ansiava por entrar na mansão dos Beaulieus na Rue Saint-Denis, que servia de refúgio para católicos ingleses exilados e poderia muito bem ser o local onde era tramado o próximo complô contra a rainha Elizabeth. Por enquanto, contudo, ainda não fora convidado.

Conversou então com as Beaulieus sobre o segredo menos bem-guardado de Paris: o caso entre a princesa Margarida e o duque Henrique de Guise.

– O duque Henrique não é o primeiro homem a “cortejar” a princesa – comentou a condessa.

A jovem Aphrodite se mostrou chocada e empolgada com a sugestão de que uma princesa pudesse ser promíscua.

– Mãe! – exclamou. – A senhora não deveria repetir essas calúnias. Margarida está noiva de Henrique de Bourbon.

– Talvez ela tenha só confundido os dois Henriques – murmurou Ned.

A condessa deu uma risadinha.

– Há Henriques de mais neste país.

Ned não mencionou o boato ainda mais escandaloso de que Margarida também mantinha um relacionamento com o irmão de 17 anos, Hércules Francisco.

As duas mulheres foram distraídas pela chegada de Bernard Housse, um jovem cortesão inteligente, que sabia ser útil ao rei. Aphrodite o cumprimentou com um sorriso satisfeito e Ned pensou que ele seria um ótimo partido para ela.

Ao se virar, cruzou olhares com a marquesa de Nîmes, uma aristocrata protestante. Mais ou menos da sua idade, a voluptuosa Louise de Nîmes era a segunda esposa do bem mais velho marquês. Seu pai, assim como o de Ned, tinha sido um comerciante rico. Ela imediatamente lhe contou a última fofoca:

- O rei descobriu sobre Margarida e Henrique de Guise!
- É mesmo? O que ele fez?
- Arrastou-a para fora da cama e a açoitou.
- Meu Deus! Ela tem 18 anos, não? Um pouco grandinha para apanhar.
- Um rei pode fazer o que bem entender.

Louise olhou por cima do ombro de Ned. O sorriso desapareceu e sua expressão foi de nojo, como se ela acabasse de ver um rato morto.

A mudança foi tão notável que Ned se virou para descobrir o que a causara. Avistou Pierre Aumande.

- Vejo que a senhora não gosta de monsieur Aumande de Guise – comentou.
- Ele é uma cobra. E não é um Guise. Eu venho da mesma região que ele, conheço suas origens.
- Ah, sim? Por favor, me conte.
- O pai dele é filho ilegítimo de um dos homens dos Guises. A família mandou o bastardo para a escola e fez dele o padre da paróquia de Thonnance-lès-Joinville.
- Se ele é padre, como pode ser pai de Pierre?
- A mãe de Pierre é a “governanta” do padre.
- Quer dizer então que Pierre é filho ilegítimo do filho ilegítimo de um Guise.
- E, para completar, eles o obrigaram a se casar com uma criada grávida de outro Guise despudorado.
- Impressionante.
- Ned tornou a se virar e se demorou alguns instantes estudando Pierre. O francês estava elegantemente vestido com um lilás de forro roxo.
- Pelo visto, isso não o deteve.

– Ele é um homem horrível. Foi grosseiro comigo uma vez e eu o coloquei no devido lugar. Desde então ele me odeia.

Ned percebeu que Pierre conversava com um homem de aspecto truculento que não parecia suficientemente bem-vestido para estar ali.

– Sempre achei Pierre um pouco sinistro – comentou ele.

– Um pouco?!

Walsingham chamou Ned com um aceno e ele deixou Louise para juntar-se ao chefe no caminho até a porta do último e mais importante recinto: os aposentos do rei.

iv

Pierre Aumande viu Walsingham entrar na área privativa acompanhado de seu assecla Ned Willard. Sentiu uma onda de repulsa quase semelhante à náusea: aqueles dois eram inimigos de tudo o que garantia o poder e a riqueza dos Guises. Não eram nobres, vinham de um país pobre e atrasado e eram hereges... mas mesmo assim ele os temia e detestava.

Pierre estava ao lado de seu principal espião, Georges Biron, senhor de Montagny, pequeno vilarejo em Poitiers. Biron era membro da pequena nobreza quase sem renda. Só o que lhe valia era poder circular entre os nobres. Sob a tutela de Pierre, ele se tornara ardiloso e cruel.

– Faz um mês que mandei espionar Walsingham, mas ele não está envolvido em nada que possamos usar contra ele – informou Biron. – Não tem amantes, nem homens nem mulheres; não joga nem bebe; e não faz nenhuma tentativa de subornar os criados do rei, ou qualquer outra pessoa, aliás. Ou ele é inocente ou é muito discreto.

– Discreto, é o meu palpite.

Biron deu de ombros.

O instinto de Pierre lhe dizia que os protestantes ingleses deviam estar tramando alguma coisa. Ele tomou uma decisão:

– Troque a vigilância para o vice.

– Willard.

O sobrenome era difícil de pronunciar em francês.

– Mesmo procedimento. Vinte e quatro horas. Descubra as fraquezas dele.

– Muito bem, senhor.

Pierre o deixou e entrou atrás de Walsingham na câmara de audiência. Tinha orgulho de ser um dos privilegiados. Por outro lado, recordava com amarga nostalgia a época em que ele e os irmãos Guises residiam no palácio junto com a família real.

Nós voltaremos, jurou.

Atravessou a sala e se curvou diante de Henrique, o jovem duque de Guise. O rapaz tinha 12 anos quando Pierre lhe dera a notícia do assassinato do pai e lhe garantira que o responsável pelo crime fora Gaspard de Coligny. Agora com 21 anos, Henrique não esquecera essa vingança... Pierre se certificara disso.

O duque Henrique era bem parecido com o falecido pai: alto, louro, belo e agressivo. Aos 15 anos, fora para a Hungria combater os turcos. Só o que lhe faltava era a cicatriz que valera ao duque Francisco o apelido de Balafre. Henrique crescera aprendendo que seu destino era proteger a Igreja Católica e a família Guise e jamais questionara essas ideias.

Seu caso com Margarida, segundo as zombarias na corte, era um indício claro de coragem, pois a princesa não era fácil. Pierre supôs que os dois deviam formar um casal tempestuoso.

Uma porta se abriu, uma corneta soou, todos se calaram e o rei Carlos apareceu.

Carlos tinha 10 anos quando se tornara rei, e na época todas as decisões eram tomadas por outras pessoas, sobretudo sua mãe, a rainha Catarina. Agora, aos 21, ele podia dar as próprias ordens, mas tinha a saúde ruim: peito fraco, diziam. Continuava a ser conduzido sem relutância, às vezes por Catarina, às vezes por outros; infelizmente não pela família Guise nos últimos tempos.

O rei começou cuidando de cortesias e assuntos rotineiros, dando de vez em quando uma tossida rouca e pouco saudável, sentado numa cadeira entalhada e pintada enquanto todas as outras pessoas no recinto permaneciam de pé. Mas Pierre notou que ele tinha um anúncio a fazer, e não demorou muito.

– O casamento entre nossa irmã Margarida e Henrique de Bourbon, rei de Navarra, foi acordado em agosto do ano retrasado – disse ele.

Pierre sentiu Henrique de Guise se reter ao seu lado. Não era só por ser

amante de Margarida. Os Bourbons eram inimigos ferrenhos dos Guises. As duas famílias já disputavam o poder abaixo do monarca francês muito antes que qualquer daqueles dois Henriques nascesse.

– O casamento irá reforçar a reconciliação religiosa de nosso reino – prosseguiu o rei.

Era o que os Guises temiam. Pierre sentiu, por trás das palavras formais do rei, a mente pacificadora da rainha Catarina.

– Então eu decidi que o casamento será celebrado no próximo dia 18 de agosto.

Um burburinho correu pela sala: aquela era uma notícia e tanto. Muitos esperavam ou temiam que o casamento jamais acontecesse. Agora uma data havia sido marcada. Aquilo era um triunfo para os Bourbons e um golpe para os Guises.

Henrique de Guise ficou uma fera.

– Um Bourbon blasfemo, casar-se com uma integrante da família real da França – falou, enojado.

Pierre estava desanimado. Uma ameaça aos Guises era uma ameaça à sua pessoa. Ele poderia perder tudo o que conquistara.

– Quando sua prima escocesa, Maria Stuart, se casou com Francisco, isso nos tornou a família mais importante – disse ele ao duque Henrique, num tom sombrio.

– Agora serão os Bourbons.

O cálculo político de Henrique estava correto, mas o ciúme sem dúvida também contribuía para sua raiva. Margarida devia ser uma amante excitante: tinha uma expressão selvagem que sugeria isso. E agora ela fora tirada de Henrique... por um Bourbon.

Pierre conseguiu se acalmar e pensar com mais clareza. E constatou algo que não ocorrera ao jovem Henrique.

– O casamento ainda pode jamais vir a acontecer – falou.

Henrique tinha a mesma impaciência do pai com relação a mensagens subentendidas.

– Que diabo você está querendo dizer?

– O casamento vai ser o maior acontecimento da história do protestantismo

francês. O triunfo dos huguenotes.

– Como isso pode ser uma boa notícia?

– Eles virão a Paris de todo o país... os que forem convidados para o casamento e milhares de outros que vão querer apenas assistir ao cortejo e comemorar.

– Será um espetáculo imundo. Posso até vê-los passeando pelas ruas, exibindo aquelas roupas pretas.

– E então vamos ver problemas – falou Pierre em voz baixa.

A expressão de Henrique mostrou que ele começava a entender.

– Você acha que pode haver violência entre os protestantes que vierem comemorar e os cidadãos católicos ressentidos de Paris.

– Acho – respondeu Pierre. – E essa vai ser a nossa chance.

v

A caminho do armazém, Sylvie parou na taberna de Saint-Étienne e pediu um prato de enguia defumada para sua refeição do meio-dia. Comprou também uma caneca de cerveja fraca e deu gorjeta ao garoto que lhe serviu para que levasse a bebida até a porta dos fundos da casa de Pierre Aumande, que ficava depois da esquina. Era esse o sinal para Nath, criada de Pierre, ir à taberna se pudesse, e poucos minutos depois ela apareceu.

Com 20 e poucos anos, Nath continuava magra como sempre, mas observava o mundo com olhos que já não eram temerosos. Ela era um dos pilares da congregação protestante no cômodo acima da estrebaria, e ter um grupo de amigos a tornara modestamente segura de si. A amizade de Sylvie também havia ajudado.

Sylvie foi direto ao assunto.

– Hoje de manhã, vi Pierre com um padre que não reconheci – disse ela. – Por acaso estava passando pela porta quando eles saíram.

Algo no homem a marcara. Apesar dos traços comuns, cabelos escuros que recuavam na testa e barba castanho-arruivada, a expressão dele tinha uma intensidade que a fizera pensar nele como um fanático perigoso.

– Sim, eu já ia lhe contar – disse Nath. – Ele é inglês.

– Ah! Interessante. Conseguiu ouvir o nome dele?

– Jean Langlais.

– Isso me soa como um nome falso para um inglês.

– Ele nunca esteve na casa antes, mas Pierre parecia conhecê-lo, então eles devem ter se encontrado em algum outro lugar.

– Você ouviu sobre o que falaram?

Nath fez que não com a cabeça.

– Pierre fechou a porta.

– Que pena.

Nath fez uma cara aflita.

– Pierre a viu quando você passou?

A moça tinha razão em se preocupar, pensou Sylvie. Elas não queriam que Pierre desconfiasse que vinha sendo vigiado pelos protestantes.

– Acho que não. Com certeza não cruzei olhares com ele. E não tenho certeza se ele me reconheceria de costas.

– Não é possível que ele a tenha esquecido.

– Não. Afinal, ele se casou comigo.

Essa lembrança detestável lhe provocou uma careta.

– Por outro lado, ele nunca a mencionou.

– Ele acha que não sou mais importante. O que me convém.

Depois que Sylvie terminou de comer, as duas saíram da taberna separadamente. Sylvie rumou para o norte, em direção à Rue du Mur. Imaginou que Ned Willard fosse ficar interessado em saber sobre o padre inglês que visitara Pierre.

Gostara de Ned. Muitos homens consideravam uma mulher que estivesse vendendo alguma coisa um alvo fácil para brincadeiras de cunho sexual, ou coisa pior, como se ela fosse chupar um homem só para que ele comprasse um frasco de tinta. Ned, porém, se dirigira a ela com interesse e respeito. Apesar de ser um homem de certo poder e importância, não demonstrava arrogância. Na verdade, seu charme estava também na modéstia. Mesmo assim, ela desconfiava que não fosse nenhum fraco. Notara uma espada e uma comprida adaga espanhola penduradas junto ao seu casaco, e elas não pareciam estar ali apenas como decoração.

Não se via mais ninguém na Rue du Mur quando Sylvie pegou a chave atrás do tijolo solto e entrou no velho estábulo sem janelas que lhe servia havia tantos anos como esconderijo para os livros ilegais.

Seu estoque estava baixo outra vez. Ela teria de encomendar mais de Guillaume, em Genebra.

Sua negociação com Guillaume era administrada por um banqueiro protestante de Ruão que tinha um primo em Genebra. O banqueiro recebia o dinheiro de Sylvie e pedia ao primo que pagasse Guillaume. Ela ainda precisava descer o Sena até Ruão para fechar o negócio, mas era bem mais fácil do que ir a Genebra. Recolhia o carregamento pessoalmente e subia o rio com ele até Paris. Com a ajuda do corretor de cargas Luc Mauriac, pagava todos os subornos necessários para garantir que os caixotes de “papel” não fossem inspecionados pela alfândega. Como qualquer outra atividade criminosa, era arriscado, mas ela sobrevivera até ali.

Encontrou duas Bíblias, pôs na bolsa, então foi até a loja na Rue de la Serpente, uma ruazinha estreita no bairro universitário. Entrou pela porta dos fundos e avisou à mãe em voz alta:

– Sou eu.

– Estou com um cliente.

Sylvie pegou o papel e a tinta encomendados por Ned e empilhou os embrulhos num carrinho de mão. Pensou em contar à mãe sobre a grande encomenda que conseguira do charmoso inglês, mas hesitou. Sentiu-se tola por estar tão encantada com ele após um único e breve encontro. Isabelle era decidida e tinha temperamento forte: Sylvie precisava sempre estar pronta ou para concordar ou para dar bons argumentos para discordar. Elas não tinham segredos entre si: à noite, uma contava à outra tudo o que lhe acontecera durante o dia. A essa hora, porém, Sylvie já teria encontrado Ned de novo. Talvez não gostasse dele na segunda vez.

– Tenho uma entrega a fazer – falou, alto, e saiu da loja.

Foi empurrando o carrinho pela Rue de la Serpente, passou pela grandiosa igreja de Saint-Séverin, atravessou a larga Rue Saint-Jacques, margeou a pálida igreja de Saint-Julien-le-Pauvre e cruzou o mercado lotado da Place Maubert com seu patíbulo até chegar à embaixada inglesa. As ruas calçadas de pedra

tornavam a tarefa árdua, mas ela estava acostumada.

Levou apenas alguns minutos e, quando chegou, Ned ainda não voltara do Louvre. Descarregou o papel e a tinta do carrinho de mão e um criado a ajudou a levar tudo para o andar de cima.

Sylvie então ficou aguardando no saguão de entrada. Sentou-se num banco e pôs a bolsa a seus pés. Ela costumava enrolar a alça no pulso para impedir que a roubassem: livros eram caros, e Paris estava cheia de ladrões. No entanto, calculou que estivesse segura ali.

Poucos minutos depois, Walsingham entrou. Tinha um rosto duro e inteligente e Sylvie o classificou na mesma hora como uma força a ser levada em consideração. Estava vestido de preto, e a gola branca em seu pescoço era de tecido simples, não de renda. Seu chapéu era uma boina comum, sem penas ou outros enfeites. Com certeza queria ser reconhecido como puritano.

Ned entrou logo atrás, vestido com seu gibão azul. Sorriu ao vê-la.

– Esta é a jovem sobre quem lhe falei – disse ele a Walsingham, tendo a cortesia de falar francês para que Sylvie entendesse. – Mademoiselle Thérèse Saint-Quentin.

Walsingham apertou a mão dela.

– A senhorita é uma moça de coragem – disse ele. – Continue com seu bom trabalho.

Walsingham desapareceu num cômodo contíguo e Ned conduziu Sylvie até o andar de cima e a sala que parecia lhe servir a um só tempo de escritório e quarto de vestir. Seu papel e tinta estavam sobre a escrivaninha.

– O rei anunciou uma data para o casamento – disse ele.

Sylvie não precisou perguntar sobre o que estava falando.

– Que boa notícia! – exclamou. – Quem sabe esse tratado de paz dure.

Ned ergueu uma das mãos num gesto de cautela.

– Ainda não aconteceu. Mas está marcado para o dia 18 de agosto.

– Mal posso esperar para contar à minha mãe.

– Sente-se.

Sylvie se acomodou.

– Tenho notícias que podem lhe interessar – disse ela. – O senhor conhece um homem chamado Pierre Aumande de Guise?

– É claro que sim – respondeu Ned. – Por quê?

– Um padre católico inglês que usa o nome Jean Langlais o visitou hoje de manhã.

– Obrigado – disse Ned. – A senhorita tem razão em achar que isso me interessa.

– Por acaso eu estava passando pela casa quando o padre saiu.

– Como ele é?

– Estava de batina e usava um crucifixo de madeira. É um pouco mais alto do que a média, mas, tirando isso, não reparei em nenhum sinal particular. Só o vi de relance.

– Poderia reconhecê-lo?

– Acho que sim.

– Obrigado por me contar. A senhorita é muito bem-informada. Como conhece Pierre Aumande?

A resposta a essa pergunta era pessoal e dolorosa. Sylvie não conhecia Ned o suficiente para entrar nesse tema.

– É uma longa história – retrucou e, para mudar de assunto, fez uma pergunta: – Sua esposa está aqui em Paris com o senhor?

– Não sou casado.

Ela fez cara de surpresa.

– Houve uma moça com quem eu quis me casar, em Kingsbridge, minha cidade natal – disse ele.

– A moça do retrato?

Ned pareceu espantado, como se não houvesse lhe ocorrido que Sylvie pudesse ver o pequeno retrato junto ao espelho e chegar à conclusão óbvia.

– Sim, mas ela se casou com outro.

– Que triste.

– Já faz muito tempo.

– Quanto?

– Catorze anos.

Sylvie quis perguntar: *E o senhor ainda tem o retrato dela?* No entanto, engoliu o comentário e abriu a bolsa.

Tirou os dois livros.

– A Bíblia comum é excelente – falou. – Boa tradução, impressão nítida, perfeita para uma família sem dinheiro sobrando.

Ela abriu a edição de luxo, a que de fato queria lhe vender.

– Já esta aqui é esplêndida. Parece realmente o que é: um livro que contém a palavra de Deus.

Sylvie gostava de Ned, mas mesmo assim precisava ganhar dinheiro e, pela sua experiência, o jeito de conseguir isso era fazer o homem pensar que o livro caro faria as outras pessoas considerarem-no um homem distinto.

Embora Ned fosse modesto, não conseguiu resistir ao seu discurso de vendedora. Comprou a Bíblia mais cara.

Ela somou o total devido, ele pagou, então a acompanhou até a porta da frente da casa.

– Onde fica sua loja? – quis saber. – Talvez eu passe lá um dia.

– Na Rue de la Serpente. Adoráramos vê-lo – falou com sinceridade. – Até logo.

Enquanto empurrava o carrinho de mão vazio de volta para casa, Sylvie sentiu-se leve. Uma princesa católica iria desposar um rei protestante ali mesmo, em Paris! Talvez os dias de perseguição tivessem mesmo chegado ao fim.

Ela encontrara um novo cliente e fizera uma boa venda. As libras de ouro de Ned tilintavam no seu bolso.

Ele era tão agradável. Pensou se realmente apareceria na loja. Será que ainda amava muito a moça do retrato que guardava havia tanto tempo?

Estava ansiosa para dar a notícia sobre o casamento real à mãe. Não tinha certeza do que dizer em relação a Ned. As duas eram muito próximas, sem dúvida por terem atravessado juntas o perigo e a miséria. Sylvie raramente tentava esconder qualquer coisa de Isabelle. Mas o problema era que não sabia ao certo o que estava sentindo.

Em casa, levou o carrinho de mão para o galpão dos fundos e entrou.

– Cheguei – avisou.

Um cliente estava de saída. Sua mãe se virou e a encarou.

– Ora, que cara feliz! – comentou. – Você se apaixonou?

CAPÍTULO 18

Barney Willard ancorou o *Alice* na baía da cidadezinha sem nome no litoral norte de Espanhola. Tinha ido ver Bella.

Não levou o navio até o píer: isso facilitaria que alguma força hostil em terra firme embarcasse nele. Deixou os canhões de boreste na direção do pequeno palácio de pedra clara que ainda era a principal construção do lugar. As peças de bombordo apontavam para o mar – e qualquer outra embarcação que porventura se aproximasse.

Ele estava sendo cauteloso. Na realidade não esperava ter problemas ali.

O *Alice* era um navio mercante de três mastros, com 160 toneladas de peso e 90 pés de comprimento. Barney reformulara seu projeto e abaixara os castelos de proa e de popa. Mandara instalar dezesseis dos canhões de peso médio chamados colubrinhas, que disparavam balas de 8 quilos. Fizera questão de que tivessem canos longos, de 5 metros. Como o navio tinha apenas 10 metros na parte mais larga, as peças precisavam ser alternadas no convés de artilharia para não baterem umas nas outras com o coice do tiro. No entanto, canos longos disparavam mais longe e com maior precisão, e Barney sabia, por experiência própria, que o único modo de se derrotar um imponente galeão espanhol era avariá-lo antes que ele chegasse perto.

A tripulação do *Alice* era formada por apenas vinte homens. A maioria dos navios de mesmo porte tinha quarenta tripulantes ou mais. A embarcação não precisava de tanta gente, mas os capitães em geral deixavam uma generosa margem para mortes durante a viagem, não só devido a batalhas, mas também às febres que tantas vezes irrompiam. Barney adotava uma abordagem distinta. Na sua opinião, os homens tinham uma probabilidade maior de se infectar em navios abarrotados, e ele vinha comprovando que era melhor começar com menos homens em condições mais salubres. Também transportava animais para abate e barris de maçãs e peras para que os marinheiros tivessem comida fresca,

uma prática copiada do pirata sir John Hawkins. E quando, apesar das precauções, acontecia de perder algum homem, ele o substituía nas cidades portuárias, onde sempre havia recrutas disponíveis. Era por isso que o *Alice* agora contava com três marinheiros africanos de pele escura, que embarcaram em Agadir.

Mais para o fim da tarde, ele despachou um destacamento até a praia num bote. Os tripulantes compraram frangos e abacaxis e escovaram e encheram os barris de água do navio no límpido riacho que atravessava a cidade. Relataram que os moradores tinham ficado animados ao ouvirem sobre o carregamento do *Alice*: tesouras e facas feitas de aço de Toledo, peças de finas fazendas holandesas, chapéus, sapatos e luvas. Todos itens de luxo ou essenciais impossíveis de fabricar naquela ilha do Caribe.

Barney ficou muito tentado a desembarcar sem demora e sair à procura de Bella. Durante a longa travessia do oceano, sua curiosidade se transformara em anseio. Apesar disso, obrigou-se a aguardar. Não sabia o que esperar. Seria pouco digno invadir o que talvez fosse uma aconchegante cena doméstica. Quando ele saíra de Espanhola, Bella era jovem e bonita: por que não teria se casado? Por outro lado, a moça tinha um negócio próprio e lucrativo, de modo que não precisava de um homem para sustentá-la. A esperança de Barney era que ela talvez tivesse relutado em abrir mão da independência em troca de ter um marido. Bella com certeza era voluntariosa o bastante para adotar uma atitude assim.

Se ele a procurasse como um velho amigo, poderia lidar com qualquer situação que viesse a encontrar. Caso ela tivesse um marido, Barney ocultaria a decepção, apertaria a mão dela e parabenizaria o homem por sua boa sorte. Caso estivesse solteira e sozinha – por favor, Deus, que seja isso! –, ele a tomaria nos braços.

Pela manhã, vestiu um casaco verde com botões dourados. A roupa lhe dava um ar formal e ocultava em parte a espada pendurada no cinto, sem escondê-la, mas tornando-a menos ostentatória. Então ele e John Greenland foram falar com o prefeito.

A cidade tinha crescido, mas, tirando isso, parecia igual. Pessoas os encararam num cruzamento na praça central da mesma forma que haviam feito

nove anos antes, provavelmente as mesmas. Dessa vez, Barney procurou entre elas uma bela africana de olhos azuis. Não a encontrou.

No frescor do palácio, eles foram obrigados a esperar por um período longo o suficiente para que compreendessem o status elevado do indivíduo que desejavam ver. Foram então escoltados até o andar de cima por um jovem de batina que ou era padre Ignacio ou então um substituto; Barney não se recordava direito do original.

No entanto, lembrava-se vividamente do obeso Alfonso, pai de Bella. E o jovem sentado na sala do prefeito com certeza não era ele.

– Dom Alfonso morreu – disse o homem sentado na cadeira do finado prefeito. – Cinco anos atrás.

Barney não se espantou: imigrantes que iam para o Caribe eram muito vulneráveis a doenças tropicais.

– O prefeito agora sou eu.

O substituto de Alfonso era jovem, mas talvez também tivesse a vida curta, pois exibia a pele amarelada que era um dos sintomas da icterícia.

– Meu nome é Dom Jordi. E os senhores, quem são?

Barney fez as apresentações, e eles então iniciaram a dança ritual em que Dom Jordi fingia não querer um suborno e Barney fingia não estar lhe oferecendo um. Após concordarem com um preço para uma “licença comercial temporária”, o padre trouxe uma garrafa e copos.

Barney deu um golinho e perguntou:

– Esse é o rum de Bella?

– Não faço ideia – respondeu Dom Jordi. – Quem é Bella?

Aquilo era mau sinal.

– Ela produzia o melhor rum daqui – falou Barney, escondendo a decepção. – Talvez tenha se mudado...?

– É muito provável. Não gostou deste rum?

– Pelo contrário. À amizade.

Ao saírem do palácio, Barney e Jonathan atravessaram a praça até a casa onde antes ficavam a residência e a destilaria de Bella. Passaram sob o arco central e adentraram o quintal dos fundos. Os negócios tinham se expandido: agora havia dois alambiques pingando rum dentro de barris.

Um homem com ar autoritário veio na sua direção. Tinha cerca de 30 anos, pele escura e cabelos lisos, uma combinação que levava a crer que ele talvez fosse filho de um canavieiro com uma escrava. Sorriu de um jeito simpático.

– Bom dia – disse ele. – Suponho que tenham vindo comprar um pouco do melhor rum do mundo.

Barney pensou, apreensivo, que aquele era o tipo de homem com quem Bella teria se casado.

– Com certeza viemos – falou. – E quem sabe lhe vender um par de pistolas espanholas.

– Entrem e provem a mercadoria – convidou o homem. – Sou Pablo Trujillo, o dono da destilaria.

Barney não conseguiu controlar a impaciência:

– O que houve com Bella?

– Comprei o negócio dela dois anos atrás. Mas ainda uso as suas receitas.

Ele os conduziu para dentro da casa, onde começou a espremer limões, assim como Bella fizera anos antes.

– Onde ela está agora? – indagou Barney.

– Mora numa casa na propriedade de Dom Alfonso. Ele morreu e a fazenda agora tem outro dono, mas Alfonso deixou uma casa para ela.

Barney teve a sensação de que Pablo estava escondendo alguma coisa.

– Ela é casada? – perguntou.

– Acho que não.

Pablo pegou copos e uma garrafa.

Barney ficou envergonhado por estar fazendo tantas perguntas sobre Bella. Não queria que as pessoas pensassem que tinha o coração mole a ponto de atravessar o oceano por causa de uma mulher. Evitou querer saber mais enquanto eles provavam a bebida e combinavam um preço absurdamente baixo para dois barris.

Quando estavam prestes a ir embora, Barney engoliu o orgulho e disse:

– Talvez eu faça uma visita a Bella. Sabe de alguém na cidade que possa me levar até lá?

– Bem aqui do lado. Mauricio Martinez vai à fazenda várias vezes na semana levando uma mula carregada de mantimentos.

– Obrigado.

A construção ao lado era um aromático armazém de secos e molhados abastecido com barris de arroz, feijão, ervas em maços, panelas, pregos e fitas coloridas. Mauricio aceitou fechar a loja na hora e levar Barney até a fazenda.

– Tenho de ir logo mesmo – falou. – Precisam de farinha e azeite.

Ele falava em frases abreviadas, como se quisesse dizer o máximo possível no tempo disponível.

Barney mandou Jonathan de volta para cuidar do *Alice*.

Mauricio arreou um cavalo para Barney, mas ele próprio foi a pé, conduzindo a mula carregada. Eles pegaram uma trilha de terra batida que saía da cidade e subia pelos morros. Barney não estava inclinado a conversar, mas Mauricio, ao seu estilo condensado, tinha bastante coisa a dizer. Felizmente, não pareceu se importar se Barney respondia ou mesmo se o entendia. Isso deixou a mente do inglês livre para passear por suas lembranças.

Eles logo começaram a margear plantações de cana de hastes verdes que chegavam à altura da cabeça de Barney. Africanos cuidavam do canavial movendo-se por entre as fileiras da plantação. Os homens usavam calças curtas esfarrapadas; as mulheres, vestidos retos simples; as crianças estavam nuas. Todos usavam chapéus de palha feitos em casa. Em um dos canaviais, cavavam buracos e plantavam mudas novas, suando sob o sol. Barney viu outro grupo operando uma imensa moenda de madeira que esmagava os caules de cana para que o caldo escorresse para um tanque mais abaixo. Eles então passaram por uma construção de madeira onde o fogo crepitava e o vapor subia.

– Casa da fervura – explicou Mauricio.

– Neste calor, não sei como as pessoas sobrevivem trabalhando num lugar como esse – comentou Barney.

– Muitos não sobrevivem – retrucou Mauricio. – Problema grave, escravos morrendo na casa da fervura. Caro.

Por fim, a sede da fazenda surgiu, uma casa de dois andares feita do arenito amarelado usado no palácio do centro. Quando eles chegaram mais perto, Mauricio apontou para uma pequena casa de madeira à sombra de um agradável palmeiral.

– Bella – falou.

O homem seguiu com a mula em direção à casa grande. Barney sentiu a garganta apertada enquanto apeava e amarrava seu cavalo a um tronco de palmeira. Nove anos, pensou. Tudo pode mudar em nove anos.

Foi até a casa. A porta estava aberta. Ele entrou.

Uma senhora idosa estava deitada numa cama estreita num canto. Não havia mais ninguém no recinto.

– Onde está Bella? – perguntou Barney, em espanhol.

A mulher o encarou por vários instantes, então disse:

– Eu sabia que você iria voltar.

A voz lhe causou um choque profundo. Ele encarou a senhora com um ar de incredulidade.

– Bella? – quis confirmar.

– Estou morrendo – disse ela.

Barney atravessou o pequeno cômodo em dois passos e se ajoelhou junto à cama.

Era mesmo Bella. Seus cabelos, de tão ralos, a deixavam quase careca, sua pele havia adquirido a cor de um pergaminho velho, e seu corpo antes robusto definhara. Mas ele reconheceu os olhos azuis.

– O que houve com você? – perguntou.

– Dengue.

Barney nunca ouvira falar naquilo, mas pouco importava: qualquer um podia ver que ela estava à beira da morte.

Inclinou-se para beijá-la. Ela virou a cabeça.

– Estou horrível.

Ele a beijou na bochecha.

– Minha amada Bella – murmurou.

Estava tão subjugado pela tristeza que mal conseguia falar. Reprimiu lágrimas nada másculas. Por fim, conseguiu encontrar a voz:

– Há alguma coisa que eu possa fazer por você?

– Sim – respondeu ela. – Preciso de um favor.

– Qualquer coisa.

Antes que ela pudesse dizer o que era, Barney ouviu uma voz de criança atrás de si.

– Quem é o senhor?

Virou-se. Um menino estava em pé no vão da porta. Tinha a pele dourada, os cabelos encaracolados dos africanos, mas castanho-arruivados, e olhos verdes.

Barney olhou para Bella.

– Ele tem uns 8 anos... – calculou.

Ela aquiesceu.

– Chama-se Barnardo Alfonso Willard. Cuide dele.

Barney teve a sensação de ter sido derrubado por um cavalo a galope. Mal conseguiu recuperar o fôlego. Dois choques: Bella estava à beira da morte e ele era pai. Sua vida tinha virado de cabeça para baixo em um minuto.

– Alfo, este é seu pai – disse Bella. – Já falei com você sobre ele.

Alfo encarou Barney. Seu rosto era uma máscara de raiva infantil.

– O que veio fazer aqui? – explodiu ele. – Ela estava esperando você... e agora vai morrer!

– Alfo, calado! – ordenou Bella.

– Vá embora! – berrou o menino. – Volte para a Inglaterra! Não queremos você aqui!

– Alfo! – repreendeu Bella.

– Não faz mal, Bella – falou Barney. – Deixe-o gritar.

Ele olhou para o filho.

– Minha mãe morreu, Alfo. Eu entendo.

A raiva do menino se transformou em dor. Ele irrompeu em prantos e se jogou na cama ao lado da mãe.

Bella passou um braço ossudo em volta dos ombros do filho. Ele enterrou o rosto na mãe e soluçou.

Barney acariciou seus cabelos. Eram macios, elásticos. Meu filho, pensou. Meu pobre filho.

O tempo passou sem ninguém dizer nada. Depois de algum tempo, Alfo parou de chorar. Começou a chupar o dedo enquanto encarava Barney.

Bella fechou os olhos. Que bom, pensou Barney. Ela está descansando.

Durma bem, meu amor.

CAPÍTULO 19

Sylvie estava ocupada... perigosamente ocupada.

Paris se encontrava repleta de huguenotes vindos para o casamento real, e eles compravam muito papel e tinta na loja da Rue de la Serpente. Queriam também livros proibidos, não só a Bíblia em francês, mas também as obras inflamatórias de João Calvino e Martinho Lutero que atacavam a Igreja Católica. Sylvie ficou assoberbada de tanto ir ao armazém na Rue du Mur e entregar os livros contrabandeados em casas de protestantes e hospedarias por toda a cidade.

E tudo devia ser feito com total discrição. Ela estava acostumada, mas não naquele nível de atividade. Agora corria o risco de ser presa três vezes por dia, em vez de três vezes por semana. O aumento de tensão era exaustivo.

Passar algum tempo com Ned era como repousar num oásis de calma e segurança. O inglês demonstrava preocupação, não ansiedade. Jamais entrava em pânico. Considerava-a corajosa; na verdade, dizia que ela era uma heroína. Sylvie ficava contente com essa admiração, embora soubesse que era apenas uma garota assustada.

Na terceira visita de Ned à loja, Isabelle lhe revelou seus verdadeiros nomes e o convidou a ficar para o almoço. Não consultou a filha em relação a isso. Simplesmente fez o convite, pegando Sylvie de surpresa. Ned aceitou na hora. Apesar de um pouco espantada, Sylvie ficou satisfeita.

Eles trancaram a porta da rua e se recolheram ao cômodo atrás da loja. Isabelle preparou abobrinhas e funcho perfumado, junto com trutas frescas pescadas no rio naquela manhã. Ned comeu com gosto. Depois da refeição, ela trouxe uma tigela de ameixas maduras e uma garrafa de conhaque de um tom dourado. Elas não costumavam ter conhaque em casa: nunca bebiam nada mais forte do que vinho, e em geral diluído em água. Era óbvio que Isabelle havia planejado aquela refeição.

Ned lhes deu notícias sobre os Países Baixos, todas ruins.

– Hangest desobedeceu às ordens de Coligny, caiu numa armadilha e sofreu uma derrota retumbante. Ele agora está preso.

Mas Isabelle estava interessada em Ned, não em Hangest.

– Quanto tempo o senhor acha que vai ficar em Paris? – indagou.

– Pelo tempo que a rainha Elizabeth quiser que eu fique.

– E depois imagino que vá voltar para a Inglaterra...

– Provavelmente irei para onde a rainha quiser me mandar.

– O senhor é dedicado a ela.

– Sinto-me afortunado por servir a ela.

Isabelle mudou a tática do interrogatório.

– As casas inglesas são diferentes das francesas? – perguntou. – A sua, por exemplo?

– Eu nasci numa casa grande em frente à catedral de Kingsbridge. Ela agora pertence ao meu irmão mais velho, Barney, mas, quando estou na cidade, me hospedo lá.

– Em frente à catedral... deve ser uma localização agradável.

– É um ponto maravilhoso. Adoro me sentar na saleta da frente e ficar olhando a igreja.

– Seu pai trabalhava com o quê?

– Mãe, a senhora parece a Inquisição! – protestou Sylvie.

– Eu não me importo – disse Ned. – Meu pai era comerciante e tinha um armazém em Calais. Depois que ele morreu, minha mãe passou dez anos tocando os negócios. – Ele deu um sorriso triste. – Mas perdeu tudo depois que os franceses tomaram Calais de volta dos ingleses.

– Há algum francês em Kingsbridge?

– Huguenotes perseguidos buscaram abrigo por toda a Inglaterra. Guillaume Forneron tem uma fábrica que produz cambráia no subúrbio chamado Loversfield. Todos cobiçam uma camisa de Forneron.

– E seu irmão, como ganha a vida?

– Ele é capitão de navio. Tem uma embarcação chamada *Alice*.

– Um navio próprio?

– Sim.

– Mas Sylvie disse alguma coisa sobre uma casa senhorial.

– A rainha Elizabeth me nomeou senhor de um vilarejo chamado Wigleigh, não muito longe de Kingsbridge. É um lugar pequeno, mas tem uma casa senhorial onde me hospedo de duas a três vezes por ano.

– Na França nós o chamaríamos de *sieur de Wigleigh*.

– Sim.

O nome era difícil para os franceses pronunciarem, assim como Willard.

– O senhor e seu irmão se recuperaram bem dos infortúnios da família. O senhor é um diplomata importante e Barney tem o próprio navio.

Ned devia ter percebido que Isabelle tentava estabelecer seu status social e financeiro, pensou Sylvie. Mas ele não parecia se importar. Na verdade, parecia ansioso para demonstrar a própria respeitabilidade. Mesmo assim, Sylvie estava constrangida. Ned poderia pensar que havia alguma expectativa de que ele a pedisse em casamento.

– Precisamos abrir a loja – falou ela, para encerrar o interrogatório.

Isabelle se levantou.

– Eu faço isso. Fiquem conversando por mais alguns minutos. Eu a chamo se precisar de você.

Ela se retirou.

– Desculpe por ela ter sido tão enxerida – falou Sylvie.

– Não se desculpe – disse Ned, e sorriu. – Uma mãe tem o direito de saber tudo sobre um rapaz que estreite relações com sua filha.

– Que gentileza a sua.

– Não posso acreditar que eu seja o primeiro homem interrogado por ela dessa forma.

Sylvie sabia que mais cedo ou mais tarde teria de lhe contar a história.

– Houve uma pessoa, muito tempo atrás. Quem o interrogou foi meu pai.

– Posso perguntar o que deu errado?

– O homem era Pierre Aumande.

– Meu bom Deus! Ele era protestante na época?

– Não, mas nos enganou para espionar a congregação. Uma hora depois do casamento, fomos todos presos.

Ned estendeu a mão por sobre a mesa e segurou a dela.

– Que crueldade!

– Ele partiu meu coração.
– Eu descobri as origens dele, sabia? O pai é um padre da zona rural, filho ilegítimo de um homem da família Guise. A mãe é a governanta do padre.
– Como o senhor sabe?
– A marquesa de Nîmes me contou.
– Louise? Ela é da nossa congregação... mas nunca me contou nada disso.
– Talvez ela tenha ficado com medo de constranger a senhorita.
– Pierre me contou tantas mentiras... Deve ser por isso que não confio em ninguém desde então...

Ned a encarou com um ar intrigado. Ela sabia que aquela expressão significava: *Nem em mim?* Mas ainda não estava pronta para responder a essa pergunta.

Ele aguardou alguns segundos, então entendeu que ela não diria mais nada.

– Bem, foi um almoço delicioso. Obrigado.

Sylvie se levantou para se despedir. Ned pareceu triste e ela sentiu o coração se encher de empatia por ele. Por impulso, contornou a mesa e o beijou.

Pretendia que fosse um beijo rápido, de amigos, mas não foi assim que aconteceu. Por algum motivo, pegou-se tomando a boca dele. Foi como comer um doce: um bocado só já a deixou desesperada por mais. Ela segurou a cabeça dele por trás e pressionou a boca contra a sua com voracidade.

Ned não precisou de outro incentivo. Enlaçou-a com os dois braços e a puxou para si. Sylvie foi tomada por uma sensação que havia esquecido: a alegria de amar o corpo de outra pessoa. Não parava de dizer a si mesma que iria largá-lo dali a só mais um segundo.

Ned levou as mãos aos seios dela e os apertou de leve ao mesmo tempo que produzia um leve ruído na garganta. A sensação a deixou arrepiada, mas a trouxe de volta a si. Sylvie interrompeu o beijo e o empurrou para longe. Estava arfando.

– Não foi minha intenção – comentou ela.

Ned não disse nada, apenas sorriu feliz.

Sylvie entendeu que acabara de revelar algo que pretendia manter em segredo. Mas agora não importava mais.

– É melhor que vá embora antes que eu faça algo de que me arrependa –

falou ela.

Essa ideia pareceu deixá-lo ainda mais feliz.

– Está bem – disse ele. – Quando a verei de novo?

– Em breve. Vá se despedir da minha mãe.

Ned tentou beijá-la outra vez, mas ela levou uma das mãos ao seu peito.

– Chega.

Ele aceitou. Passou pela loja e disse:

– Obrigado pela hospitalidade, madame Palot.

Sylvie deixou-se cair pesadamente na cadeira. Segundos depois, ouviu a porta da loja se fechar.

A mãe entrou na sala dos fundos com um ar satisfeito.

– Ele foi embora, mas vai voltar.

– Eu o beijei – falou Sylvie.

– Imaginei, pelo sorriso no rosto dele.

– Não devia ter feito isso.

– Não sei por quê. Eu mesma o teria beijado se tivesse vinte anos a menos.

– Não seja vulgar, mãe. Agora ele vai pensar que quero me casar com ele.

– Eu faria isso depressa, se fosse você. Antes que outra o agarre.

– Pare com isso. A senhora sabe muito bem que eu não posso me casar com ele.

– Eu não sei de nada disso! Que história é essa?

– Nós temos a missão de levar o verdadeiro Evangelho ao mundo.

– Talvez já tenhamos feito o suficiente.

Sylvie ficou chocada. A mãe nunca falara assim. Isabelle percebeu a reação da filha e disse, num tom defensivo:

– Até Deus descansou no sétimo dia depois de criar o mundo.

– Nosso trabalho não acabou.

– E pode ser que não acabe até soarem as trombetas do Juízo Final.

– Mais motivo ainda para continuar.

– Eu quero que você seja feliz. Você é minha menininha.

– Mas e Deus, o que ele quer? A senhora sempre me ensinou a fazer essa pergunta.

Isabelle suspirou.

- Sim, ensinei. Eu era mais dura quando jovem.
 - Era sábia. Não posso me casar. Tenho uma missão.
 - Mesmo assim, independentemente de Ned, um dia talvez tenhamos de encontrar outras formas de cumprir a vontade de Deus.
 - Não vejo como.
 - Talvez isso nos seja revelado.
 - Quer dizer que está nas mãos de Deus, não é, mãe?
 - Sim.
 - Então devemos ficar satisfeitas.
- Isabelle tornou a suspirar.
- Amém – disse ela, mas Sylvie não teve certeza se estava sendo sincera.

ii

Quando Ned saiu da loja, reparou num jovem maltrapilho sentado em frente a uma taberna do outro lado da rua, sozinho, sem fazer nada. Dobrou para o leste em direção à embaixada inglesa. Quando olhou para trás, viu que o homem maltrapilho seguia na mesma direção.

Ned estava animado. Sylvie o beijara como se estivesse certa daquilo. Ele a adorava. Pela primeira vez, conhecera uma moça à altura de Margery. Sylvie era inteligente e corajosa, além de calorosa e sensual. Mal podia esperar para revê-la.

Não esquecera Margery. Nunca iria esquecê-la. Mas ela se recusara a fugir com ele, e restava-lhe toda uma vida pela frente sem ela. Ele tinha o direito de amar outra pessoa.

Gostava da mãe de Sylvie também. Isabelle continuava atraente, ao estilo da meia-idade: curvas generosas, rosto bonito e rugas ao redor dos olhos azuis que lhe davam personalidade. Ela havia deixado bem claro que aprovava Ned.

Ele sentiu raiva ao pensar na história que Sylvie lhe contara sobre Pierre Aumande. O sujeito chegara a se casar com ela! Não era de espantar que ela houvesse passado tanto tempo solteira depois disso. Pensar em Sylvie traída desse jeito no dia do casamento fez Ned querer esganar Pierre com as próprias mãos.

Mas ele não se deixou abater. Tinha muitos motivos para estar feliz. Havia até uma chance de a França se tornar o segundo país importante do mundo a adotar a liberdade de religião.

Quando atravessava a Rue Saint-Jacques, olhou para trás e viu o rapaz maltrapilho da Rue de la Serpente.

Teria de fazer alguma coisa em relação àquilo.

Fez uma pausa do outro lado da rua e olhou para trás na direção da magnífica igreja de Saint-Séverin. O rapaz maltrapilho atravessou correndo a rua, evitou cruzar olhares com ele e se esgueirou para dentro de um beco.

Ned dobrou em direção ao terreno da pequena igreja de Saint-Julien-le-Pauvre. Atravessou o cemitério deserto. Ao dar a volta na quina leste da igreja, enfiou-se no vão de uma porta que o ocultou. Então sacou a adaga e a inverteu, fazendo o cabo se projetar entre o polegar e o indicador da mão direita.

Quando o rapaz maltrapilho chegou, Ned deu um passo à frente e esmurrou seu rosto com o cabo da adaga. O homem deu um grito e cambaleou para trás, sangrando pelo nariz e pela boca. Entretanto, recuperou o equilíbrio depressa e se virou para correr. Ned foi atrás dele e o fez tropeçar. O homem se estatelou no chão. O inglês então se ajoelhou nas suas costas e encostou a ponta na adaga em seu pescoço.

– Quem o mandou? – perguntou.

O homem engoliu sangue e disse:

– Não sei do que o senhor está falando... Por que me atacou?

Ned pressionou a adaga até a lâmina romper a pele suja do homem e o sangue começar a escorrer.

– Não, por favor! – implorou ele.

– Ninguém está olhando. Eu mato você e vou embora... a menos que me diga quem o mandou me seguir.

– Está bem, está bem! Foi Georges Biron.

– Quem diabo é esse?

– Senhor de Montagny.

O nome soou conhecido.

– Por que ele quer saber aonde eu vou?

– Eu não sei, juro por Deus! Ele nunca diz por quê, só nos manda seguir.

Então aquele homem fazia parte de um grupo. Biron devia ser seu líder. Ele ou alguém para quem ele trabalhava havia posto Ned sob vigilância.

– Quem mais você segue?

– Antes era Walsingham, depois tivemos de trocar para o senhor.

– Biron trabalha para algum grande senhor?

– Talvez, mas ele nunca diz nada. Por favor, é verdade.

Fazia sentido, pensou Ned. Não havia por que revelar suas motivações a um pobre coitado daqueles.

Ned se levantou, embainhou a adaga e se afastou. Atravessou a Place Maubert até a embaixada e entrou. Walsingham estava no salão.

– Sabe alguma coisa sobre Georges Biron, senhor de Montagny? – perguntou Ned.

– Sei – respondeu Walsingham. – Ele está na lista das pessoas que trabalham com Pierre Aumande de Guise.

– Ah, então está explicado.

– O que está explicado?

– Por que ele mandou seguir nós dois.

iii

Pierre olhou para a pequena loja na Rue de la Serpente. Conhecia a rua: aquele fora seu bairro quando ele era estudante, tanto tempo atrás. Costumava frequentar a taberna em frente, mas na época a loja não existia.

Estar ali o fez refletir sobre sua vida desde então. Aquele jovem estudante ansiava por muitas coisas que ele conseguira conquistar, pensou, com satisfação. Era o conselheiro de maior confiança da família Guise. Tinha roupas de qualidade e as usava para ver o rei. Tinha dinheiro e algo ainda mais valioso: poder.

Mas tinha também preocupações. Os huguenotes não haviam sido exterminados. Ao contrário, pareciam estar ficando mais fortes. Os países escandinavos e algumas das províncias alemãs eram firmemente protestantes, bem como o diminuto reino de Navarra. Na Escócia e nos Países Baixos, a batalha ainda estava sendo travada.

As notícias dos Países Baixos eram boas: o líder huguenote Hangest fora derrotado em Mons e estava agora numa masmorra junto com alguns de seus oficiais, sendo torturado pelo brutal duque de Alba. Católicos parisienses em triunfo haviam inventado um canto que podia ser ouvido todas as noites nas tabernas: *Enforquem Hangest! Ha! Ha! Ha! Enforquem Hangest! Ha! Ha! Ha!*

Mas Mons não era uma cidade decisiva, e a rebelião não fora esmagada.

Pior, feito um bêbado tentando avançar mas sempre cambaleando para trás, a França titubeava em direção ao mesmo tipo nojento de meio-termo que a rainha Elizabeth inaugurara na Inglaterra: nem católica nem protestante, mas uma mistura permissiva. Faltavam apenas alguns dias para o casamento real, e o evento ainda não provocara o tipo de rebelião que o impedisse.

Mas iria provocar. E, quando isso acontecesse, Pierre estaria pronto. Seu caderno preto de protestantes de Paris crescera com os visitantes. E nos últimos dias ele e o duque Henrique tinham feito planos extras e compilado uma lista de nobres católicos radicais em quem se poderia confiar para cometer assassinato. Quando o levante huguenote começasse, o sino da igreja de Saint-Germain-l'Auxerrois começaria a tocar continuamente. Seria o sinal para que cada nobre católico matasse o protestante que lhe fora designado.

Em princípio, todos haviam concordado. Pierre sabia que nem todos manteriam a promessa, mas um número suficiente o faria. Assim que os huguenotes se rebelassem, os católicos atacariam. Matariam a besta decependo-lhe a cabeça. Então a milícia da cidade cuidaria dos subalternos. O movimento huguenote ficaria aleijado, talvez de modo fatal. Seria o fim da malvada política real de tolerância em relação ao protestantismo. E os Guises voltariam a ser a família mais poderosa da França.

Ali, bem diante de Pierre, estava um novo endereço para seu caderno preto.

– O inglês se apaixonou – dissera-lhe Georges Biron.

– Por quem? Alguém que podemos chantagear? – quisera saber ele.

– Por uma mulher que tem uma papelaria na margem esquerda do Sena.

– Nome?

– Thérèse Saint-Quentin. Ela toca a loja com a mãe, Jacqueline.

– Devem ser protestantes. O inglês não iria se relacionar com uma moça católica.

– Devo investigá-las?

– Talvez eu próprio vá dar uma olhada.

Ele agora via que as Saint-Quentins tinham uma casa modesta, com apenas um andar superior. Uma passagem da largura de um carrinho de mão decerto conduzia a um quintal nos fundos. A fachada estava em bom estado e todas as peças de madeira haviam sido pintadas recentemente, então pelo visto elas vinham prosperando. A porta estava aberta por causa do calor de agosto. Em uma das janelas havia uma vitrine disposta com apuro artístico: folhas de papel em leque, um buquê de penas de escrever num vaso, frascos de tinta de tamanhos diferentes.

– Esperem aqui – disse ele a seus guarda-costas.

Entrou na loja e ficou pasmo ao deparar com Sylvie Palot.

Com certeza era ela. Tinha 31 anos, calculou ele, mas parecia um pouco mais velha, sem dúvida devido a tudo por que passara. Estava mais magra do que antes e perdera o viço da juventude. Tinha pequenas rugas no maxilar bem-marcado, mas os olhos conservavam o mesmo azul. Usava um vestido simples de linho azul e, por baixo dele, o corpo ainda era forte e esbelto.

Por alguns instantes, foi como se ele houvesse sido transportado por um passe de mágica para aquela época, catorze anos antes: o mercado de peixe onde havia falado com Sylvie pela primeira vez; a livraria à sombra da catedral; a igreja clandestina no pavilhão de caça; e um Pierre mais jovem e menos experiente que não tinha nada, mas queria tudo.

Sylvie encontrava-se sozinha na loja. Em pé diante de uma mesa, estava ocupada somando uma coluna de números num livro-caixa e não o percebeu de início.

Pierre a estudou. De algum modo, ela conseguira sobreviver à morte do pai e ao confisco de seu negócio. Havia adotado um nome falso e iniciado um empreendimento próprio, que prosperara. Ele ficava intrigado que Deus permitisse a tantos protestantes blasfemos terem sucesso. Eles usavam seus lucros para pagar pastores, construir salas de reunião e comprar livros proibidos. Às vezes era difícil compreender o plano de Deus.

E Sylvie agora tinha um admirador... que era inimigo de Pierre.

– Olá, Sylvie – falou ele, após algum tempo.

Embora houvesse usado um tom amigável, ela deu um gritinho de medo. Devia ter reconhecido a voz, mesmo depois de tantos anos.

Ele saboreou o medo no rosto dela.

– O que está fazendo aqui? – indagou ela com uma voz trêmula.

– Puro acaso. Uma deliciosa surpresa para mim.

– Não tenho medo de você – disse ela, e ele soube, com prazer, que era mentira. – O que você pode fazer comigo? Já arruinou minha vida.

– Poderia arruinar outra vez.

– Não poderia, não. Temos o Tratado de Paz de Saint-Germain.

– Mas continua sendo contra a lei vender livros proibidos.

– Nós não vendemos livros.

Pierre olhou em volta. Não parecia haver nenhum livro impresso à venda, apenas livros-caixa em branco iguais àquele em que ela estava escrevendo e cadernos menores chamados *livres de raison*. Talvez seu zelo evangélico houvesse sido sufocado ao ver o pai ardendo na fogueira; era o que a Igreja sempre torcia para acontecer. Mas às vezes as execuções tinham o efeito contrário e criavam mártires que passavam a servir de inspiração. Ela poderia ter dedicado a vida a continuar a missão do pai. Talvez tivesse uma loja de literatura herege em algum outro lugar. Ele poderia mandar segui-la noite e dia para descobrir, mas infelizmente ela agora estava avisada e tomaria precauções.

Ele mudou sua linha de ataque:

– Você costumava me amar.

Sylvie empalideceu.

– Que Deus me perdoe.

– Ora, vamos. Você gostava de me beijar.

– Mel com cicuta.

Pierre deu um passo à frente, ameaçador. Na verdade não queria beijá-la, nunca quisera. Era mais excitante amedrontá-la.

– Sei que você me beijaria outra vez.

– Eu arrancaria o seu nariz com uma mordida.

Ele teve a sensação de que ela estava falando sério, mas continuou a provocação:

– Eu ensinei tudo o que você sabe sobre o amor.

– Você me ensinou que um homem pode ser ao mesmo tempo cristão e um mentiroso imundo.

– Somos todos pecadores. Por isso precisamos da graça de Deus.

– Alguns pecadores são piores do que outros... e alguns vão para o inferno.

– Você beija o seu admirador inglês?

Para sua satisfação, Pierre viu que isso a assustou de verdade. Não teria lhe ocorrido que ele pudesse saber sobre sir Ned.

– Não sei do que você está falando – mentiu ela.

– Sabe, sim.

Com esforço, Sylvie recobrou o autocontrole.

– Está satisfeito com sua recompensa, Pierre? – perguntou ela, indicando com um gesto o casaco que ele usava. – Você tem roupas elegantes, e já o vi cavalgando lado a lado com o duque de Guise. Conseguiu o que queria. Valeu a pena ter feito todo o mal que você fez?

Ele não pôde resistir à tentação de se gabar.

– Eu tenho dinheiro e mais poder do que sonhei.

– Na verdade não era isso que você queria. Não se esqueça de que eu o conheço muito bem.

De repente, Pierre ficou nervoso.

– Tudo o que você queria era ser um deles – prosseguiu Sylvie, sem remorso.

– Um membro da família Guise que o rejeitou quando bebê.

– E eu sou – disse ele.

– Não é, não. Todos eles sabem sobre as suas origens, não sabem?

Uma sensação de pânico começou a tomar conta de Pierre.

– Eu sou o conselheiro de maior confiança do duque!

– Mas não é primo dele. Eles olham para você com essas roupas elegantes, lembram que é o filho ilegítimo de outro filho ilegítimo e riem das suas pretensões, não é?

– Quem lhe contou essas mentiras?

– A marquesa de Nîmes sabe tudo sobre você. Ela vem da mesma região. Você se casou de novo, não foi?

Ele se retraiu. Será que ela estava arriscando um palpite ou sabia a verdade?

– Um casamento infeliz, talvez? – insistiu Sylvie.

Pierre não conseguiu esconder o que estava sentindo, e ela interpretou corretamente a sua expressão.

– Mas não com uma nobre. Com alguém de baixa estirpe... e é por isso que você a odeia.

Ela estava certa. Se ele algum dia esquecesse como conquistara o direito de usar o nome dos Guises, tinha uma esposa detestável e um enteado irritante para lhe lembrarem o preço que pagara por isso. Não conseguiu conter a careta de ressentimento que contorceu seu semblante.

Sylvie percebeu a reação.

– Pobre mulher – falou.

Ele deveria ter contornado a mesa, derrubado a moça no chão e chamado os guarda-costas para lhe darem uma surra, mas não conseguiu reunir energia para isso. Em vez de ser instigado pela raiva, pegou-se duvidando de si mesmo, impotente. Sylvie tinha razão: conhecia-o bem demais. Ela o atingira, e tudo o que ele queria era rastejar para fora dali e ir lamber as próprias feridas.

Ele se virou para sair e, nesse instante, a mãe dela entrou pelos fundos. Isabelle o reconheceu na hora. De tão chocada, deu um passo para trás. Tinha uma expressão de medo e nojo, como se tivesse visto um cão raivoso. Então, com uma rapidez surpreendente, o choque se transformou em fúria.

– Seu demônio! – gritou ela. – Você matou meu Gilles! Arruinou a vida da minha filha.

Sua voz foi se transformando num berro agudo, quase como se ela houvesse sido dominada por um acesso de insanidade, e Pierre recuou em direção à porta.

– Se eu tivesse uma faca, arrancaria as suas entranhas fedidas! – gritou ela. – Seu lixo! Seu aborto de uma prostituta pestilenta! Você não é homem, é um cadáver nauseabundo e odioso! Eu vou esganar você!

Pierre saiu depressa e bateu a porta com força atrás de si.

A atmosfera do casamento foi ruim desde o princípio.

A multidão se reuniu cedo na manhã de segunda-feira, pois os parisienses jamais iriam perder um espetáculo assim. Na praça em frente à Catedral de

Notre-Dame fora construído um anfiteatro de madeira coberto com tecido de fios de ouro, com passarelas elevadas que conduziam à igreja e ao palácio do bispo ali perto. Como era um dignitário não muito importante, Ned ocupou seu lugar na arquibancada horas antes do horário marcado para a cerimônia. Era um dia de agosto sem uma nuvem no céu, e todos sentiam calor. A praça em volta da estrutura temporária estava abarrotada de cidadãos suados. Outros espectadores assistiam das janelas e telhados das casas próximas. Todos guardavam um silêncio ameaçador. Os católicos radicais parisienses não queriam que sua querida princesa travessa se casasse com um protestante imprestável. E todos os domingos sua raiva era insuflada por pregadores que afirmavam que aquele casamento era uma abominação.

Ned ainda não estava convencido de que o matrimônio fosse acontecer. A multidão poderia causar um motim e parar a cerimônia. E havia boatos de que a princesa Margarida vinha ameaçando desistir.

A arquibancada foi enchendo durante o dia. Por volta das três da tarde, ele se viu lado a lado com Jerónima Ruiz. Havia planejado falar com ela novamente após sua intrigante conversa no Palácio do Louvre, mas desde então não tivera oportunidade. Cumprimentou-a de forma calorosa e ela comentou, com nostalgia:

– O senhor sorri igualzinho a Barney.

– O cardeal Romero deve estar decepcionado – comentou Ned. – Pelo visto o casamento vai acontecer.

– Ele me contou uma coisa que vai lhe interessar – disse ela, num tom mais baixo.

– Ótimo!

Ned vinha torcendo para que conseguisse convencer Jerónima a lhe dar informações privilegiadas. Pelo visto, ela não precisava ser convencida.

– O duque de Guise tem uma lista de nomes e endereços de protestantes parisienses importantes. Um nobre católico de confiança foi incumbido de cada um. Se houver motins, todos os huguenotes serão assassinados.

– Meu Deus! Eles têm tanto sangue-frio assim?

– Os Guises, sim.

– Obrigado por me contar.

– Eu queria matar Romero, mas não posso, pois preciso dele – disse ela. – Mas essa era a segunda melhor coisa que eu podia fazer.

Ned a encarou, fascinado e um pouco horrorizado. Os Guises não eram os únicos a ter sangue-frio.

A conversa foi interrompida por um burburinho dos espectadores. Ambos se viraram e viram a procissão do noivo saindo do Palácio do Louvre e atravessando a ponte de Notre-Dame da margem direita do rio até a ilha. Henrique de Bourbon, rei de Navarra, usava um traje de cetim amarelo bordado com prata, pérolas e pedras preciosas. Vinha escoltado por nobres protestantes, entre os quais o marquês de Nîmes. Os cidadãos de Paris ficaram assistindo contrariados e em silêncio.

Ned se virou para falar com Jerónima, mas ela se afastara. Quem estava ao lado dele agora era Walsingham.

– Acabei de saber uma coisa horripilante – disse ele e repetiu o que Jerónima lhe contara.

– Talvez não devêssemos ficar surpresos – comentou Walsingham. – Eles fizeram planos... naturalmente.

– E agora nós sabemos que planos são esses, graças àquela prostituta espanhola.

Walsingham abriu um raro sorriso.

– Está certo, Ned. Você provou o que queria.

O rei Carlos saiu do palácio do bispo de braço dado com a noiva, sua irmã. Trajava o mesmo cetim amarelo-claro de Henrique de Bourbon, um sinal de irmandade. Suas joias eram maiores, contudo, e mais numerosas. Quando eles se aproximaram, Walsingham se inclinou em direção a Ned.

– Disseram-me que a roupa do rei custou 500 mil moedas de ouro – revelou, com desdém.

Ned mal conseguiu acreditar.

– São 150 mil libras esterlinas!

– Ou seja, metade do orçamento anual do governo inglês.

Dessa vez Ned compartilhou a reprovação de Walsingham quanto a esbanjar dinheiro.

A princesa Margarida usava uma túnica de veludo num tom de roxo

luminoso e uma capa azul com uma cauda comprida carregada por três damas. Iria sentir calor, pensou Ned. Sempre se dizia que as princesas eram lindas, mas, naquele caso, era a mais pura verdade. Margarida tinha um rosto sensual, olhos grandes realçados por sobrancelhas escuras e lábios vermelhos que pareciam querer ser beijados. Nesse dia, porém, esse rosto bonito estava imobilizado numa expressão de ressentimento.

– Ela não está feliz – disse Ned a Walsingham.

O chefe deu de ombros.

– Ela sabe desde criança que não poderia escolher o próprio marido. Há um preço a se pagar pela vida obscenamente extravagante que a realeza da França leva.

Ned pensou no casamento arranjado de Margery.

– Tenho empatia por ela – comentou.

– Se os boatos a respeito dela forem verdade, Margarida não vai deixar que os votos matrimoniais restrinjam seu comportamento.

Atrás do rei vinham seus irmãos, todos vestidos com o mesmo cetim amarelo. Estavam se certificando de que a multidão entendesse o recado: daquele dia em diante, os homens das famílias Valois e Bourbon seriam irmãos. A noiva foi seguida por pelo menos cem mulheres da nobreza. Ned nunca vira tantos diamantes e rubis num só lugar. Cada uma daquelas mulheres usava mais joias do que a rainha Elizabeth possuía.

A multidão continuava sem aplaudir.

O cortejo avançou devagar pela passarela elevada até o anfiteatro, onde a noiva se posicionou ao lado do noivo. Aquele era o primeiro casamento real em que um católico se unia a um protestante, e uma celebração complexa fora elaborada de modo a evitar ofender qualquer um dos lados.

De acordo com o costume, a cerimônia foi realizada do lado de fora da igreja. O cardeal de Bourbon a celebrou. À medida que os segundos passavam e as palavras eram ditas, Ned sentiu a solenidade daquele instante: um grande país avançava, um doloroso centímetro de cada vez, rumo ao ideal de liberdade religiosa. Ele ansiava por isso. Era o que a rainha Elizabeth queria, e era do que Sylvie Palot necessitava.

Por fim, o cardeal perguntou à princesa Margarida se ela aceitava o rei de

Navarra como marido.

A noiva o encarou inexpressiva, com os lábios contraídos.

Com certeza ela não iria sabotar o casamento inteiro àquela altura, pensou Ned. Ou será que iria? Mas as pessoas diziam que ela era uma moça decidida.

Impaciente, o noivo moveu o peso do corpo de um pé para o outro.

A princesa e o cardeal passaram vários instantes se entreolhando.

Então o rei Carlos, em pé atrás da irmã, estendeu o braço, levou a mão atrás da cabeça dela e a empurrou.

A princesa Margarida pareceu assentir.

Aquilo não era nenhum sim, pensou Ned. Deus sabia disso, e a multidão que assistia, também. No entanto, foi o suficiente para o cardeal, que, às pressas, os pronunciou marido e mulher.

Os dois estavam casados... mas se algo desse errado antes que o casamento se consumasse, ele ainda poderia ser anulado.

O cortejo matrimonial entrou na catedral para a missa de casamento. O noivo não ficou para o rito católico, tornando a sair quase na mesma hora.

Do lado de fora da igreja, dirigiu-se a Gaspard de Coligny, o general huguenote. Talvez eles não tivessem a intenção de ofender ninguém, mas deram a impressão de que desdenhavam a missa celebrada dentro da catedral. Com certeza foi o que a multidão pensou, pois começou a gritar protestos. Então puseram-se a entoar seu canto de vitória: *Enforquem Hangest! Ha! Ha! Ha! Enforquem Hangest! Ha! Ha! Ha!*

Isso enfureceu os huguenotes, cujos líderes estavam sendo torturados nas masmorras do duque de Alba.

Os homens e mulheres ilustres na arquibancada conversavam em grupos, mas, conforme o canto foi aumentando de volume, as conversas morreram e eles começaram a olhar em volta, nervosos.

Um grupo de huguenotes no telhado de uma casa próxima retaliou cantando um salmo, e outras vozes se uniram às suas. Entre os espectadores na rua, alguns jovens de ar belicoso começaram a se mover em direção à casa.

A cena tinha todos os indícios de um motim. Se isso acontecesse, em vez de pacificar, o casamento poderia ter o efeito contrário.

Ned viu o marquês de Lagny, amigo de Walsingham, com sua boina

incrustada de pedras preciosas, e falou-lhe com urgência:

– Não pode fazer esses huguenotes pararem de cantar? Estão deixando a multidão com raiva. Se houver um motim, vamos perder tudo o que conquistamos.

– Eu poderia parar o salmo se os católicos parassem de cantar – respondeu Lagny.

Ned olhou em volta à procura de um rosto católico amigo e viu Aphrodite Beaulieu. Deteve-a e falou:

– A senhorita conseguiria um padre ou alguém que faça a multidão cessar o canto sobre Hangest? Estamos no rumo de uma confusão perigosa.

Aphrodite era uma moça sensata e percebeu o risco que corriam.

– Vou entrar na igreja e falar com meu pai – disse ela.

Ned deu com os olhos em Henrique de Bourbon e Gaspard de Coligny e percebeu que eles eram a raiz do problema. Voltou a falar com Lagny.

– Poderia dizer àqueles dois para saírem daqui? – pediu. – Tenho certeza de que não é por querer, mas eles estão provocando as pessoas.

Lagny aquiesceu.

– Vou falar com eles. Nenhum dos dois quer problemas.

Alguns minutos depois, Henrique e Gaspard desapareceram dentro do palácio do bispo. Um padre saiu da catedral e disse aos espectadores que eles estavam atrapalhando a missa, então o canto dos católicos cessou. Os huguenotes nos telhados também pararam de cantar. A praça silenciou.

A crise havia passado, pensou Ned... por enquanto.

v

O casamento foi seguido por três dias de suntuosas comemorações, mas sem motins. Pierre ficou amargamente decepcionado.

Houve brigas de rua e escaramuças de taberna quando protestantes jubilosos entraram em conflito com católicos enfurecidos, mas nenhum desses acontecimentos se transformou na batalha generalizada pela qual ele torcia.

A rainha Catarina não tinha estômago para um confronto violento. Coligny, a exemplo de todos os huguenotes mais sagazes, acreditava que a melhor

estratégia era evitar o derramamento de sangue. Juntos, os moderados insípidos de ambos os lados mantinham a paz.

A família Guise estava desesperada. Via o poder e o prestígio lhe escorrerem das mãos para sempre. Pierre então bolou um plano.

Eles iriam assassinar Gaspard de Coligny.

Na quinta-feira, enquanto a nobreza assistia ao torneio que constituía o clímax das festividades, Pierre se encontrou com Georges Biron em um dos cômodos medievais na parte antiga do Palácio do Louvre. O chão era de terra batida, com paredes de pedra bruta.

Biron arrastou uma mesa até uma janela para ter mais luz. De uma bolsa de lona, tirou uma arma de fogo de cano longo.

– Um arcabuz – falou Pierre. – Só que com dois canos.

– Assim, se ele errar Coligny com a primeira bala, terá uma segunda chance.

– Muito bom.

Biron apontou para o mecanismo de gatilho.

– Tem disparo a rodete – falou.

– Então a pólvora acende sozinha. Mas o arcabuz vai matá-lo?

– A uma distância de até 100 metros, sim.

– Um mosquete espanhol faria melhor – disse Pierre.

Mosquetes eram maiores e mais pesados. Um tiro de uma arma dessas tinha maior probabilidade de ser fatal.

Biron fez que não com a cabeça.

– Difícil demais de esconder. Todos saberiam a intenção do sujeito. E Louviers não é jovem. Não tenho certeza de que consiga manejar um mosquete.

Era preciso força para erguer uma arma dessas: por isso os mosqueteiros eram famosos por serem grandes.

Pierre havia trazido Charles Louviers até Paris. Em Orléans, o assassino mantivera a calma: a morte de Antônio de Bourbon fracassara devido à indecisão de Francisco II, não por culpa dele. Alguns anos depois, Louviers assassinara um líder huguenote conhecido como capitão Luzé e ganhara uma recompensa de 2 mil moedas de ouro. Além disso, Louviers era nobre, o que significava que manteria sua palavra, pensava Pierre, enquanto um assassino de rua comum poderia mudar de lado pelo preço de uma garrafa de vinho. Ele torceu para ter

tomado as decisões certas.

– Está bem – falou. – Vamos dar uma olhada no trajeto.

Biron tornou a guardar a arma na bolsa e eles saíram para o pátio. Dois dos lados eram formados pelos muros do castelo medieval, os outros dois eram ocupados por palácios mais recentes em estilo italiano.

– Quando Gaspard de Coligny anda de casa até aqui e também na volta, está sempre acompanhado por uma guarda pessoal de uns vinte homens armados – falou Biron.

– Isso vai ser um problema.

Pierre percorreu o caminho que Coligny teria de fazer, saindo pelo portão medieval que ia dar na Rue des Poulies. Os Bourbons tinham um palácio bem em frente ao Louvre. Ao seu lado ficava a mansão do irmão do rei, Hércules Francisco. Pierre espiou a rua.

– Onde Coligny está alojado?

– Depois da esquina, na Rue de Béthisy. É bem perto.

– Vamos olhar.

Eles seguiram em direção ao norte, para longe do rio.

A tensão nas ruas continuava forte. Até agora se viam huguenotes passeando como se fossem os donos da cidade com seus sóbrios porém caros trajes cinza e pretos. Se tivessem algum bom senso, não estariam com uma expressão tão triunfante. Mas, enfim, se tivessem algum bom senso, não seriam protestantes, pensou Pierre.

Os católicos mais ferrenhos de Paris odiavam aqueles visitantes. Sua tolerância era frágil, uma ponte de palha a sustentar uma carroça com rodas de ferro.

Com um pretexto realmente bom, qualquer dos dois lados poderia se descontrolar. Então, caso um número suficiente de pessoas morresse, a guerra civil iria recomeçar, e o Tratado de Paz de Saint-Germain seria rasgado mesmo tendo havido casamento.

Pierre iria fornecer esse pretexto.

Vasculhou a rua com os olhos em busca de uma boa posição da qual um atirador pudesse disparar em alguém que estivesse passando: uma torre, uma árvore grande, uma janela de sótão. O problema era que o assassino precisaria de

uma rota de fuga, pois os guarda-costas certamente iriam persegui-lo.

Parou em frente a uma casa que reconheceu. Pertencia a Ana d'Este, mãe de Henrique de Guise. Ela se casara novamente e agora era duquesa de Nemours, mas ainda detestava Coligny, a quem culpava pela morte do primeiro marido. Na verdade, ela contribuíra tanto quanto Pierre para manter viva a sede de vingança do jovem duque Henrique. Sem dúvida iria cooperar.

Ele examinou a fachada. As janelas do andar superior tinham treliças de madeira com trepadeiras, um toque bonito na certa escolhido pela duquesa. Nesse dia, porém, as treliças estavam cobertas por roupas secando, o que sugeria que ela não se encontrava na casa. Melhor ainda, pensou Pierre.

Ele bateu à porta e um criado veio abrir. O homem o reconheceu e lhe falou num tom respeitoso mesclado de temor:

– Bom dia, monsieur de Guise. Espero poder lhe ser útil.

Pierre gostava que fossem corteses com ele, mas sempre fingia não reparar. Nesse dia, passou pelo homem empurrando-o sem ao menos responder. Subiu a escada e Biron foi atrás, ainda carregando a bolsa comprida com o arcabuz.

Na parte da frente do andar de cima havia uma grande sala de estar. Pierre abriu a janela. Apesar da roupa balançando ao vento, podia ver com clareza os dois lados da rua em direção ao Louvre.

– Me passe essa arma – ordenou.

Biron tirou o arcabuz da bolsa. Pierre o apoiou no peitoril da janela e acertou a mira olhando rente ao cano. Viu um casal bem-vestido aproximando-se de braços dados. Mirou no homem. Para sua surpresa, reconheceu o idoso marquês de Nîmes. Moveu a arma para o lado e observou a mulher, que usava um vestido amarelo-vivo. Sim, era a marquesa Louise, que por duas vezes o fizera sofrer humilhações: na primeira, muito tempo antes, ao esnobá-lo durante o culto protestante no antigo pavilhão de caça; e na segunda, apenas uma semana antes, na loja da Rue de la Serpente, quando Sylvie o provocara com segredos revelados por Louise. Ele poderia obter sua vingança agora: bastava puxar o gatilho. Mirou no busto da mulher. Apesar de já ter 30 e poucos anos, Louise continuava voluptuosa e tinha seios ainda maiores do que antes. Pierre ansiava por manchar aquele vestido amarelo com seu sangue. Quase pôde escutar seus gritos.

Um dia, pensou; ainda não. Balançou a cabeça e se levantou.

– Aqui está bom – falou para Biron, entregando-lhe a arma.

Saiu da sala. No patamar, o criado aguardava ordens.

– Deve haver uma porta dos fundos – questionou Pierre.

– Sim, senhor. Posso lhe mostrar?

Eles desceram e passaram pela cozinha e pela lavanderia externa até chegarem a um quintal. Pierre abriu o portão e se viu dentro do terreno da igreja de Saint-Germain-l’Auxerrois.

– Está perfeito – disse a Biron em voz baixa. – Podemos deixar um cavalo selado aqui e Louviers pode ir embora um minuto após disparar o tiro fatal.

Biron concordou com um meneio de cabeça.

– Vai dar certo.

Eles tornaram a atravessar a casa. Pierre deu uma moeda de ouro ao criado.

– Eu não estive aqui hoje – falou. – Ninguém esteve. Você não viu nada.

– Obrigado, senhor – disse o homem.

Pierre pensou por mais alguns instantes e se deu conta de que dinheiro só não bastava.

– Não preciso lhe dizer como os Guises punem a deslealdade – lembrou.

O criado fez uma cara aterrorizada.

– Eu entendo, senhor, entendo mesmo.

Pierre assentiu e se afastou. Mais valia ser temido do que amado.

Ele avançou um pouco pela rua até chegar a um pequeno cemitério atrás de um muro baixo margeado por árvores. Atravessou a rua e olhou para trás. Dali tinha uma visão desimpedida da casa dos Nemours.

– Perfeito – repetiu.

Na sexta-feira de manhã, Gaspard de Coligny teve de ir a uma reunião do conselho real no Palácio do Louvre. O comparecimento era obrigatório, e qualquer ausência considerada um ato ofensivo ao rei. Se alguém estivesse doente demais para levantar da cama e mandasse um pedido de desculpas, o rei fazia um muxoxo e perguntaria por que, se a doença era tão grave, o homem

ainda não tinha morrido.

Caso Coligny seguisse sua rotina habitual, passaria pela casa dos Nemours na volta do Louvre.

No meio da manhã, Charles Louviers se postou na janela do andar de cima. No portão de trás, Biron segurava um cavalo veloz já arreado. Pierre estava no pequeno cemitério, protegido por árvores, observando atrás do muro baixo.

Só o que eles precisavam fazer era aguardar.

Henrique de Guise dera seu consentimento para o plano de Pierre. O único arrependimento do duque era não ter ele próprio a oportunidade de disparar a bala que mataria o responsável pelo assassinato do pai.

Um grupo de quinze ou vinte homens surgiu no fim da rua. Pierre ficou tenso.

Coligny era um belo homem de 50 e poucos anos, com uma cabeleira grisalha encaracolada bem-aparada e uma barba no mesmo feitio. Andava com a postura ereta de um soldado, mas naquele exato momento lia enquanto caminhava, avançando devagar – o que seria útil para Louviers, pensou Pierre, com uma animação e uma apreensão crescentes. Coligny estava cercado por soldados e outros acompanhantes, mas eles não pareciam especialmente atentos. Conversavam entre si e só às vezes relanceavam o olhar em volta, como se não temessem muito pela segurança de seu líder. Haviam relaxado a vigilância.

O grupo caminhava pelo meio da rua. Ainda não, pensou Pierre. Não dispare ainda. De longe, Louviers teria dificuldade para atingir Coligny, pois os outros estavam na frente. Conforme o grupo se aproximasse da casa, porém, sua posição no piso superior lhe proporcionaria um ângulo favorável.

Coligny chegou mais perto. Em poucos segundos o ângulo estaria perfeito, pensou Pierre. Louviers já devia estar com o general na mira.

Agora, pensou Pierre. Não espere demais...

De repente, Coligny parou de andar e se virou para falar com um dos companheiros. Nesse momento, um tiro ecoou. Pierre prendeu a respiração. O grupo de Coligny congelou. Nesse instante de silêncio e choque, o general rugiu um palavrão e segurou o braço esquerdo. Fora atingido.

Pierre sentiu uma intensa frustração. Aquela parada súbita salvara a vida de Coligny.

Mas o arcabuz de Louviers tinha dois canos, e um segundo tiro se seguiu imediatamente. Dessa vez, Coligny foi ao chão. Pierre não conseguia vê-lo. Será que ele morrerá?

Os companheiros fecharam o círculo ao seu redor. A confusão foi total. Embora desesperado para saber o que acontecia, Pierre não conseguia ver. A cabeça grisalha de Coligny surgiu no meio do grupo. Será que haviam erguido seu cadáver? Pierre então viu que o general estava de olhos abertos e falando. Ele estava de pé. E vivo!

Recarregue, Louviers, e atire outra vez, rápido, pensou Pierre. Mas alguns dos guarda-costas de Coligny finalmente caíram em si e começaram a olhar em volta. Um deles apontou para o andar de cima da casa dos Nemours, onde uma cortina branca se agitou numa janela aberta, e quatro homens correram nessa direção. Louviers teria sangue-frio o bastante para recarregar a arma naquele momento? Os homens entraram correndo na casa. Pierre continuou a olhar por cima da mureta do cemitério, petrificado, à espera de outro estouro. Mas não veio barulho nenhum. Se Louviers ainda estivesse lá dentro, os outros a essa altura já o deviam ter dominado.

Pierre voltou sua atenção para Coligny. O general estava de pé, mas talvez seus homens o estivessem amparando. Embora apenas ferido, ainda podia morrer. Dali a um minuto, porém, ele pareceu se desvencilhar dos homens e pedir um pouco de espaço, e os outros se afastaram um pouco. Isso permitiu a Pierre ver melhor, e ele constatou que Coligny caminhava sem ajuda. Tinha os dois braços apertados junto ao corpo e sangue nas mangas e no gibão, mas, para consternação de Pierre, os ferimentos pareciam superficiais. De fato, assim que os homens lhe deram espaço, ele começou a andar, obviamente na intenção de voltar para seu alojamento sozinho antes mesmo de se submeter aos cuidados de um médico.

Os homens que haviam entrado na casa dos Nemours tornaram a sair. Um deles trazia o arcabuz de cano duplo. Pierre não conseguiu escutar o que eles diziam, mas interpretou seus gestos: cabeça balançada numa negativa, ombros erguidos em sinal de impotência, braços agitados para indicar uma fuga rápida. Louviers conseguira escapar.

O grupo se aproximou do seu esconderijo. Ele deu meia-volta, saiu depressa

do cemitério pelo portão mais afastado e foi embora, amargamente decepcionado.

vii

Assim que ouviram a notícia, Ned e Walsingham souberam que aquilo poderia ser o fim de tudo por que eles e a rainha Elizabeth torciam.

Correram na mesma hora para a Rue de Béthisy. Encontraram Coligny deitado numa cama cercado por alguns dos huguenotes mais importantes, entre eles o marquês de Lagny. Vários médicos estavam presentes, até mesmo Ambroise Paré, o médico do rei, homem na casa dos 60 com uma calvície avançada e uma comprida barba escura que lhe conferia um ar pensativo.

Ned sabia que a técnica usual para desinfetar ferimentos era cauterizá-los ou com óleo fervente ou com um ferro em brasa. Doía tanto que o paciente às vezes morria de choque. Paré preferiu aplicar um unguento com terebintina para evitar infecções. Tinha escrito um livro, *O método para curar ferimentos causados por arcabuzes e flechas*. Apesar do sucesso da publicação, sua técnica não havia se popularizado: médicos eram conservadores.

Coligny estava pálido e obviamente com dor, mas parecia estar de plena posse de suas faculdades. Paré explicou que uma das balas lhe arrancara a ponta do indicador direito. A outra se alojara no cotovelo esquerdo. Paré a tinha removido – um procedimento doloroso que decerto justificava a palidez do general – e lhes mostrou o projétil, uma esfera de chumbo com cerca de 1 centímetro de diâmetro.

O médico afirmou que Coligny iria sobreviver, o que foi um imenso alívio. Mesmo assim, os huguenotes ficariam indignados com aquele atentado contra seu herói. Impedi-los de se revoltar seria um desafio.

Mesmo ali, em volta da cama dele, vários já estavam prontos para uma luta. Os amigos de Coligny estavam sedentos por vingança. Todos tinham certeza de que o duque de Guise estava por trás da tentativa de assassinato. Queriam ir até o Louvre sem demora e confrontar o rei. Exigiriam a prisão imediata de Henrique de Guise e ameaçariam um levante huguenote nacional caso isso não acontecesse. Houve até conversas tolas sobre fazer o rei prisioneiro.

O próprio Coligny recomendou que os ânimos se acalmassem, mas foi a voz fraca de um homem ferido e deitado.

Walsingham fez um esforço para conter o grupo.

– Tenho informações que talvez sejam importantes – falou.

Ele representava o único grande país protestante do mundo. A nobreza huguenote o escutou com atenção.

– Os católicos radicais estão preparados para a sua rebelião. O duque de Guise tem um plano para sufocar qualquer demonstração de força dos protestantes depois do casamento. Para cada pessoa neste quarto... – Ele olhou em volta com uma expressão intensa. – Para cada pessoa neste quarto, foi designado um assassino entre os membros mais fanáticos da aristocracia católica.

Era uma notícia chocante, e ouviu-se um zumbido de horror e indignação.

O marquês de Lagny tirou a boina enfeitada com joias e coçou a cabeça calva.

– Perdoe-me, embaixador Walsingham, mas como é possível o senhor saber uma coisa dessas? – indagou, cético.

Ned ficou apreensivo, mas tinha quase certeza de que Walsingham não revelaria o nome de Jerónima Ruiz. Ela ainda poderia fornecer outras informações.

Felizmente, o embaixador não entregou sua fonte.

– Tenho um espião na casa dos Guises, é claro – mentiu.

Apesar de em geral ser defensor da paz, Lagny falou num tom de desafio:

– Então precisamos estar todos preparados para nos defendermos.

– A melhor defesa é o ataque! – disse alguém.

Com isso, todos concordaram.

Ned era pouco importante em comparação com os outros presentes, mas tinha algo que valia a pena ser dito, de modo que se manifestou:

– O duque de Guise está *torcendo* por uma insurreição protestante para forçar o rei a invalidar o Tratado de Paz de Saint-Germain. Vocês fariam exatamente o que ele quer.

Nada funcionou. Eles estavam com o sangue quente.

Então o rei Carlos chegou.

Aquilo foi um choque. Ninguém esperava sua visita. Ele entrou sem avisar. Vinha acompanhado pela mãe, a rainha Catarina, e Ned supôs que a visita fosse ideia dela. Atrás dos dois entrou um grande grupo de cortesãos importantes, incluindo a maioria dos nobres católicos que detestava Coligny. Mas Ned percebeu que o duque de Guise não estava com eles.

Havia onze anos que Carlos era rei, mas ele ainda tinha apenas 21 anos, e Ned pensou que nesse dia exibia um aspecto particularmente jovem e vulnerável. Com um bigode ralo e uma barba que mal era visível, seu rosto pálido demonstrava preocupação e aflição genuínas.

A esperança de Ned cresceu um pouco. O rei aparecer assim era uma demonstração de empatia extraordinária, que seria difícil os huguenotes ignorarem.

As palavras de Carlos reforçaram seu otimismo. Dirigindo-se a Coligny, o rei falou:

– A dor é sua, mas o ultraje é meu.

Era obviamente um comentário ensaiado com o objetivo de ser repetido por toda a Paris, mas nem por isso foi menos favorável.

Uma cadeira foi providenciada às pressas, e o rei se sentou de frente para a cama.

– Juro que vou descobrir o responsável...

– Henrique de Guise – murmurou alguém.

– ... seja ele quem for – continuou o rei. – Já nomeei uma comissão de inquérito. Neste exato momento, os investigadores estão interrogando os criados da casa em que o assassino ficou de tocaia.

Aquilo era uma providência de fachada, avaliou Ned. Um inquérito formal nunca era uma tentativa genuína de revelar a verdade. Nenhum rei sensato permitiria que homens independentes controlassem uma investigação de potencial tão explosivo. A comissão era uma tática não para descobrir fatos, mas para protelar e acalmar os ânimos... o que era positivo.

– Eu lhe imploro, venha para o Palácio do Louvre convalescer junto da nossa real presença – prosseguiu o rei. – Lá estará seguro de qualquer outra agressão.

Já aquilo não era uma ideia tão boa, pensou Ned. Coligny não estava seguro em lugar nenhum, mas era melhor ficar ali, entre amigos, do que sob a dúvida

proteção do rei Carlos.

O semblante do general traiu reservas semelhantes, mas ele não podia verbalizá-las por medo de ofender o rei.

Foi Ambroise Paré quem salvou o general.

– Ele precisa ficar aqui, Majestade – disse o cirurgião real. – Qualquer movimento poderia reabrir as feridas, e ele não pode se dar ao luxo de perder mais sangue.

O rei acatou a decisão do médico com um meneio de cabeça.

– Nesse caso, vou lhe mandar o senhor de Cosseins com uma companhia de cinquenta lanceiros e arcabuzeiros para reforçar sua pequena guarda pessoal.

Ned franziu o cenho. Cosseins era um homem do rei. Guardas leais a outra pessoa tinham um valor altamente duvidoso. Será que Carlos estava apenas sendo ingenuamente generoso no desespero de fazer um gesto de reconciliação? Ele era jovem e inocente o bastante para não perceber que aquela oferta não era bem-vinda.

No entanto, um gesto de conciliação do rei já tinha sido rejeitado, e a boa educação obrigou Coligny a dizer:

– É muita gentileza de Vossa Majestade.

Carlos se levantou para ir embora.

– Eu vou vingar essa afronta – falou, decidido.

Ned correu os olhos pelos líderes huguenotes reunidos e viu, pelas posturas e expressões faciais, que muitos deles estavam inclinados a acreditar na sinceridade do rei e pelo menos lhe dar uma chance de evitar o derramamento de sangue.

O rei se retirou. Quando saía atrás dele, a rainha Catarina cruzou olhares com Ned. Ele respondeu com um sutil meneio de cabeça para lhe agradecer por ter mantido a paz ao levar o rei até lá. Por um instante, os cantos da boca dela se contraíram num sorriso quase imperceptível.

Ned passou boa parte do sábado codificando uma longa carta de Walsingham para a rainha Elizabeth na qual descrevia em detalhes os acontecimentos de uma

semana preocupante e a luta da rainha Catarina para manter a paz. Terminou no final da tarde, então saiu da embaixada e seguiu em direção à Rue de la Serpente.

O início da noite estava ameno, e grupos de rapazes bebiam em frente a tabernas implicando com mendigos e assobiando para moças, em nada diferentes dos ruidosos jovens de Kingsbridge com dinheiro no bolso e energia de sobra. Haveria brigas mais tarde; isso sempre acontecia no sábado à noite. Mas Ned não viu ninguém que fosse claramente protestante. Pelo visto, os huguenotes mantinham-se sensatamente fora das ruas, e decerto jantavam em casa atrás de portas trancadas. Com sorte, uma rebelião poderia ser evitada naquela noite. E o dia seguinte era domingo.

Ned foi para os fundos da loja com Sylvie e Isabelle. Depois de todos se sentarem, elas lhe contaram sobre a visita de Pierre Aumande.

– Pensávamos que ele tivesse nos esquecido – disse Isabelle, aflita. – Não sabemos como nos encontrou.

– Eu sei – rebateu Ned, sentindo-se culpado. – Um dos homens dele estava me seguindo. Devo tê-lo conduzido até aqui quando vim almoçar na semana passada. Sinto muito. Não sabia que estava sendo vigiado, mas descobri depois de sair daqui.

– Como sabe que o homem que o seguiu trabalhava para Pierre? – indagou Sylvie.

– Eu o derrubei, encostei minha faca no seu pescoço e ameacei cortar sua garganta se ele não me contasse.

– Ah.

As duas ficaram caladas durante um minuto e Ned se deu conta de que até então não o haviam imaginado envolvido em atos violentos. Por fim, ele mesmo rompeu o silêncio:

– O que acham que Pierre vai fazer?

– Não sei – respondeu Sylvie. – Terei de tomar cuidado extra por algum tempo.

Ned lhes descreveu a visita do rei a Coligny ferido. Na hora, Sylvie focou a atenção no fato de haver uma lista de protestantes com seus assassinos designados.

– Se o duque de Guise tem uma lista assim, ela deve ter sido compilada por Pierre – comentou.

– Não sei, mas parece provável – concordou Ned. – Ele obviamente é o principal espião do duque.

– Nesse caso, eu sei onde está a lista – falou Sylvie.

Ned se empertigou na cadeira.

– Sabe? Onde?

– Ele tem um caderno que guarda em casa. Acha que é mais seguro do que no palácio dos Guises.

– A senhorita já viu esse caderno?

Ela aquiesceu.

– Muitas vezes. É assim que eu sei quais protestantes estão correndo perigo.

Ned ficou intrigado. Então era lá que Sylvie obtinha suas informações.

– Mas o caderno nunca incluiu uma lista de assassinos – acrescentou ela.

– Será que eu teria como vê-lo?

– Talvez.

– Agora?

– Não posso ter certeza, mas o início da noite de sábado em geral é uma boa hora. Vamos tentar.

Ela se levantou.

– Não é seguro nas ruas – protestou Isabelle. – A cidade está cheia de homens furiosos, e eles estão todos bebendo. Fique em casa.

– Mãe, nossos amigos podem ser assassinados. Precisamos alertá-los.

– Então, pelo amor de Deus, tome cuidado.

Ainda não havia escurecido quando Ned e Sylvie saíram da loja e atravessaram a Île de la Cité. À luz do fim do dia, a massa escura da catedral pesava sobre a cidade turbulenta. Quando chegaram à margem direita, Sylvie conduziu Ned pelas casas imprensadas do bairro de Les Halles até uma taberna junto à igreja de Saint-Étienne.

Ela pediu uma caneca de cerveja, que mandou entregar na porta dos fundos de uma casa na rua ao lado. Ned entendeu que aquilo era um sinal. Como o estabelecimento estava movimentado e não havia lugar para sentar, eles ficaram de pé num canto. Ned estava ansioso. Conseguiria mesmo dar uma espiada na

lista secreta de Pierre Aumande?

Alguns minutos depois, uma mulher magra de 20 e poucos anos se juntou a eles. Sylvie a apresentou como Nath, criada de Pierre.

– Ela é da nossa congregação – falou.

Ned entendeu. Ela subvertera a criada de Pierre e, assim, ganhara acesso a seus documentos. Sylvie era esperta.

– Este é Ned – disse Sylvie a Nath. – Podemos confiar nele.

Nath abriu um sorriso.

– Vai se casar com ele? – disparou.

Ned reprimiu um sorriso. Sylvie adquiriu uma expressão consternada, mas fez o comentário passar com uma brincadeira.

– Não esta noite – respondeu e mudou depressa de assunto. – O que anda acontecendo lá na sua casa?

– Pierre está de mau humor... Algo deu errado ontem à noite.

– Coligny não morreu, foi isso que deu errado – falou Ned.

– De todo modo, ele saiu para o palácio dos Guises agora no final do dia.

– Odette está em casa? – quis saber Sylvie.

– Ela foi visitar a mãe e levou Alain.

– Odette é a esposa de Pierre e Alain, o enteado – explicou Sylvie.

Ned ficou intrigado com aquela janela para a vida privada de um canalha tão notório.

– Nem sabia que ele era casado.

– É uma longa história. Outro dia eu conto – falou Sylvie e se virou de volta para Nath. – Ned precisa olhar o caderno.

Nath se levantou.

– Então venham. Agora é a hora perfeita.

Eles deram a volta no quarteirão. O bairro era pobre e Pierre morava numa casa pequena situada numa fileira de outras iguais. Aquela moradia tão modesta surpreendeu Ned: Pierre era um homem rico, que usava roupas e joias caras. Mas nobres como o duque de Guise às vezes gostavam de manter seus conselheiros em alojamentos humildes para desencorajá-los de tentativas de se portarem como alguém acima do seu nível. E um lugar como aquele podia ser útil para encontros clandestinos.

Nath os conduziu discretamente pela porta dos fundos. O térreo tinha apenas dois cômodos, a sala e a cozinha. Ned mal podia acreditar que estava dentro da residência do temido Pierre Aumande. Sentiu-se como Jonas no ventre da baleia.

No chão da sala havia um baú de documentos. Nath pegou uma bolsa de costura e tirou lá de dentro um grampo que fora cuidadosamente dobrado até ficar com o formato de um gancho. Usou o grampo para destrancar o baú.

Incrível, pensou Ned. Simples assim. Tão fácil.

Nath abriu a tampa do baú.

Estava vazio.

– Ué! – exclamou ela. – O caderno sumiu!

Houve alguns instantes de silêncio estarecido.

– Pierre o levou consigo para o palácio dos Guises – deduziu Sylvie, pensativa. – Mas por quê?

– Decerto porque vai usá-lo – disse Ned. – Isso significa que ele está prestes a colocar em ação o plano de assassinar todos os nobres protestantes que estiverem em Paris... provavelmente esta noite.

O medo se estampou no rosto de Sylvie.

– Que Deus nos ajude! – disse ela.

– Você precisa avisar as pessoas – lembrou Ned.

– Elas têm de sair de Paris... se puderem.

– Se não puderem, diga-lhes para irem para a embaixada inglesa.

– Devem ser centenas, contando todos os visitantes que vieram para o casamento. Vocês não vão conseguir fazer todo mundo caber na embaixada.

– Não. Mas de toda forma a senhorita não vai conseguir alertar centenas de pessoas... Iria demorar dias.

– O que podemos fazer?

– Devemos fazer o que for possível e salvar quantos pudermos.

CAPÍTULO 20

No início da noite de sábado, o jovem duque de Guise estava descontrolado, tomado pela ira de quem acabou de descobrir que o mundo nem sempre funciona da maneira como ele quer.

– Suma da minha vista! – berrou para Pierre. – Você está demitido. Nunca mais quero vê-lo na minha frente.

Pela primeira vez, Pierre teve tanto medo de Henrique quanto costumava ter do pai dele, o duque Balafre. Sentiu uma dor nas entranhas que pareceu uma ferida.

– Compreendo sua raiva – falou, desesperado.

Sabia que aquilo seria o fim de sua carreira, a menos que conseguisse dar um jeito de contornar a situação.

– Você previu rebeliões – rugiu Henrique. – E elas não aconteceram.

Pierre abriu os braços num gesto de impotência.

– A rainha-mãe manteve a paz.

Eles estavam no palácio dos Guises na Rue Vieille du Temple, no opulento cômodo em que Pierre encontrara pela primeira vez o duque Balafre e o cardeal Carlos. Sentia-se hoje tão humilhado quanto se sentira naquele mesmo recinto catorze anos antes, quando era um reles estudante acusado de usar desonestamente o sobrenome Guise. Estava a ponto de perder tudo o que conquistara desde então. Imaginou as expressões de prazer e desprezo nos rostos de seus inimigos e lutou para conter as lágrimas.

Desejou que o cardeal Carlos estivesse ali. A família precisava da sua implacável astúcia política. Mas Carlos fora para Roma a serviço da Igreja. Pierre estava só.

– Você tentou assassinar Coligny... e fracassou! – vociferou Henrique. – É um incompetente.

Pierre se remexeu.

– Mandei Biron dar um mosquete a Louviers, mas ele disse que seria grande demais.

– Você disse que os huguenotes se rebelariam ainda que Coligny tivesse apenas se ferido.

– A visita do rei ao leito de Coligny os acalmou.

– Nada do que você faz dá certo! Em breve todos os nobres huguenotes que vieram visitar Paris voltarão para casa triunfantes, e teremos perdido essa oportunidade... porque dei ouvidos a você. Coisa que jamais tornarei a fazer.

Pierre fez um esforço tremendo para pensar com clareza sob o ataque da fúria de Henrique. Sabia o que precisava ser feito... mas, naquela disposição, será que o duque o escutaria?

– Tenho me perguntado qual seria o conselho do seu tio Carlos – falou.

A ideia chamou a atenção de Henrique. Sua expressão de fúria se tornou um pouco mais moderada, e ele pareceu interessado.

– Bem, e o que ele diria?

– Acho que ele talvez sugerisse que simplesmente agíssemos como se a rebelião protestante houvesse de fato começado.

Henrique não tinha o raciocínio veloz.

– O que você quer dizer com isso?

– Vamos tocar o sino de Saint-Germain-l’Auxerrois.

Pierre ergueu o caderno preto com capa de couro no qual listara os nomes das duplas de assassinos e vítimas.

– Os nobres leais vão pensar que os huguenotes se rebelaram e vão matar os líderes para salvar a vida do rei.

Henrique ficou impressionado com a audácia daquele plano, mas não o rejeitou de imediato, o que reforçou as esperanças de Pierre.

– Os huguenotes vão retaliar – disse o duque.

– Arme a milícia.

– Isso só pode ser feito pelo preboste dos mercadores.

O título era equivalente ao de prefeito.

– E ele não vai fazer isso só porque eu mandei – deduziu Henrique.

– Deixe isso comigo.

Pierre tinha apenas uma vaga noção de como conseguiria aquilo, mas agora

estava embalado e convencendo Henrique; não podia permitir que detalhes o atrapalhassem.

– Podemos ter certeza de que a milícia irá derrotar os huguenotes? – perguntou Henrique. – Há outros milhares hospedados nos subúrbios. E se todos eles acorrerem à cidade para defender seus companheiros? Talvez seja uma batalha apertada.

– Fecharemos os portões da cidade.

Paris era cercada por uma muralha e, na maior parte de sua circunferência, por um canal. Cada portão da muralha conduzia a uma ponte. Com os portões fechados, era difícil entrar ou sair da cidade.

– Isso também só o preboste pode fazer.

– Mais uma vez, deixe isso comigo.

A essa altura, Pierre estava disposto a prometer qualquer coisa para cair outra vez nas graças do duque.

– Tudo o que o senhor precisa fazer é manter seus homens prontos para ir a cavalo até a casa de Coligny e matá-lo assim que eu lhe disser que está tudo pronto.

– Coligny está sendo vigiado pelo senhor de Cosseins e cinquenta homens da guarda do rei, além dos seus próprios guarda-costas.

– Cosseins é leal ao rei.

– Será que o rei vai lhe dar uma contraordem?

Pierre disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

– Cosseins vai *pensar* que o rei lhe deu uma contraordem.

Henrique passou vários instantes encarando Pierre com atenção.

– Tem certeza de que consegue realizar tudo isso?

– Sim – mentiu Pierre. Simplesmente precisava arriscar. – Mas para o senhor não há risco – falou, ansioso. – Se eu falhar, o senhor terá apenas reunido seus homens, nada mais.

Isso convenceu o jovem duque.

– De quanto tempo você precisa?

Pierre se levantou.

– Volto antes da meia-noite – prometeu.

Ele se retirou, levando consigo o caderno preto.

Georges Biron o aguardava do lado de fora.

– Arreie dois cavalos – avisou Pierre. – Temos muito a fazer.

Por causa da multidão de huguenotes aos gritos em frente ao palácio, eles não podiam sair pelo portão principal. Assim como todo mundo, a turba acreditava que Henrique fosse o responsável pela tentativa de assassinato e estava sedenta por seu sangue, embora ainda não estivesse fazendo nada grave a ponto de justificar que os homens do duque abrissem fogo. Felizmente, a casa era imensa e ocupava um quarteirão inteiro da cidade, e havia maneiras alternativas de entrar e sair. Pierre e Biron se retiraram por um portão lateral.

Foram em direção à Place de Grève, a praça central onde vivia o preboste. As ruas estreitas e sinuosas de Paris estavam tão revoltas quanto o plano que ia se consolidando na mente de Pierre. Fazia tempo que ele planejava aquilo, mas a hora chegara de modo inesperado, e ele precisava improvisar. Respirou fundo para manter a calma. Aquela era a aposta mais arriscada de sua vida. Muitas coisas podiam sair errado. Bastava que uma única parte do plano falhasse para que tudo fosse por água abaixo. Ele não conseguiria se livrar de mais um desastre só com a lábia. Sua vida de riqueza e poder como conselheiro da família Guise teria um fim vergonhoso.

Ele tentou não pensar nisso.

O preboste era um rico impressor e vendedor de livros chamado Jean Le Charron. Pierre o interrompeu quando ele estava jantando com a família e lhe disse que o rei desejava vê-lo.

Não era verdade, claro. Será que Le Charron iria acreditar?

Na realidade, fazia apenas uma semana que o homem era preboste, e ele ficou estarecido ao ser visitado pelo famoso Pierre Aumande de Guise. Mostrou-se animadíssimo por ter sido convocado pelo rei, tanto que sequer questionou a autenticidade do recado, e concordou na mesma hora em ir. O primeiro obstáculo fora superado.

Le Charron selou seu cavalo, e os três atravessaram o crepúsculo até o Palácio do Louvre.

Biron permaneceu no pátio quadrado enquanto Pierre conduzia Le Charron para dentro. Seu status era alto o bastante para que ele pudesse entrar no vestíbulo, a sala de espera contígua à câmara de audiência, mas não mais além.

Aquele era outro momento perigoso. O rei Carlos não tinha pedido para falar nem com Pierre nem com Le Charron. Pierre não tinha nem de longe o berço necessário para ter acesso direto ao rei.

Deixando Le Charron em um dos cantos do aposento, ele se dirigiu ao guarda que vigiava a porta num tom de voz confiante e sem pressa que sugeria não haver a menor possibilidade de desobediência.

– Queira ter a bondade de avisar a Sua Majestade que trago uma mensagem de Henrique, duque de Guise.

O rei Carlos não falava com Henrique, nem o via, desde a fracassada tentativa de assassinato. Pierre apostou que ele devesse estar curioso para saber o que Henrique poderia ter a dizer em sua defesa.

Houve uma longa espera, então Pierre foi chamado lá para dentro.

Disse a Le Charron que aguardasse no vestíbulo e entrou na câmara de audiência.

O rei Carlos e a rainha Catarina estavam à mesa, terminando o jantar. Pierre lamentou a presença da rainha-mãe. Poderia ter enganado Carlos facilmente, mas a mãe do rei era mais inteligente e mais desconfiada.

– Meu nobre patrão, o duque de Guise, implora humildemente o perdão de Sua Majestade por não ter comparecido ele próprio à corte – começou.

Carlos meneou a cabeça para aceitar o pedido de desculpas, mas Catarina, sentada à sua frente, não se deixou satisfazer com tanta facilidade.

– Qual é o motivo dele? – indagou ela, incisiva. – Consciência pesada, talvez?

Pierre já esperava essa pergunta e tinha preparado a resposta.

– O duque teme pela própria segurança, Majestade. Há uma multidão de huguenotes armados em frente aos seus portões dia e noite. Ele não pode sair de casa sem correr risco de vida. Os huguenotes estão tramando sua vingança. Há milhares deles na cidade e nos subúrbios, armados, sedentos de sangue...

– O senhor está errado – interrompeu a rainha-mãe. – Sua Majestade, o rei, acalmou os temores dos huguenotes. Ele mandou investigar o atentado e prometeu uma punição. Visitou Coligny em seu leito. Pode até haver alguns homens mais exaltados na Rue Vieille du Temple, mas seus líderes ficaram satisfeitos.

– Foi exatamente o que eu disse ao duque Henrique – falou Pierre. – Mas ele acredita que os huguenotes estejam prestes a se rebelar e teme que a única esperança talvez seja planejar um ataque preventivo e minar sua capacidade de ameaçá-lo.

– Diga a ele que eu, rei Carlos IX, garanto a sua segurança – falou o rei.

– Obrigado, Majestade. Com certeza comunicarei a ele essa poderosa garantia.

Na verdade, a garantia era praticamente inútil. Um rei forte, temido por seus nobres, poderia ter conseguido proteger o duque, mas Carlos era física e psicologicamente fraco. Catarina devia entender isso, mesmo que Carlos não, de modo que foi a ela que Pierre dirigiu sua frase seguinte:

– Mas o duque Henrique quer saber se poderia sugerir mais uma coisa.

Prendeu a respiração. Estava sendo ousado: o rei podia atender a conselhos de nobres, mas em geral não ouvia um recado trazido por um subalterno.

Um silêncio se fez. Pierre temeu que fosse expulso dali por insolência.

Catarina o encarou estreitando os olhos. Sabia que aquele devia ser o verdadeiro motivo para a visita de Pierre. No entanto, não o repreendeu. Isso por si só foi uma mostra de quão tênue era o seu controle e quão próxima a cidade estava do caos.

– O que vocês querem? – perguntou por fim o rei.

– Algumas precauções de segurança simples que evitariam a violência de ambos os lados.

Catarina pareceu desconfiada.

– Por exemplo...?

– Trancar os portões da cidade para que ninguém possa vir de fora da muralha... nem os huguenotes nos subúrbios nem reforços católicos.

Ele fez uma pausa. Os reforços católicos eram imaginários. Eram os huguenotes que ele queria manter afastados. Mas será que Catarina iria perceber isso?

– Na verdade, é uma ideia bastante boa – disse o rei Carlos.

Catarina ficou calada. Pierre continuou como se tivesse recebido autorização:

– E também prender as embarcações na margem e subir as correntes do rio que impedem navios hostis de se aproximarem da cidade. Assim arruaceiros não

poderão entrar em Paris pela água.

E os huguenotes não poderiam sair.

– Outra proteção sensata – disse o rei.

Pierre sentiu que vencia e seguiu em frente:

– Mande o preboste armar a milícia e pôr guardas em todos os cruzamentos importantes da cidade, com ordens para repelir qualquer grupo grande de homens armados, independentemente da religião a que alegarem pertencer.

Catarina viu na hora que aquilo não era uma ação neutra.

– Ainda que a milícia seja toda católica – ressaltou ela.

– É claro – admitiu Pierre. – Mas ela é a nossa única maneira de manter a ordem.

Não disse mais nada. Preferia não entrar num debate sobre parcialidade, pois na verdade nada naquele plano era neutro. Mas manter a ordem era a principal preocupação de Catarina.

– Não vejo mal nenhum em medidas tão claramente defensivas – disse Carlos à mãe.

– Talvez não – respondeu Catarina.

Ela desconfiava da família Guise inteira, mas o que Pierre sugeria fazia sentido.

– O duque tem mais uma sugestão – falou Pierre.

Henrique de Guise não sugerira nada daquilo, mas a hierarquia social exigia que Pierre fingisse que as ideias vinham do patrão aristocrata.

– Posicionar os canhões da cidade. Se alinharmos as peças de artilharia na Place de Grève, elas estarão prontas para defender a prefeitura... ou para serem realinhadas de outra forma caso necessário.

Ou para abater uma multidão protestante, pensou.

O rei aquiesceu.

– Deveríamos fazer tudo isso. O duque de Guise é um bom estrategista militar. Por favor, agradeça a ele por mim.

Pierre fez uma medida.

– Será preciso convocar o preboste – disse Catarina a Carlos.

Sem dúvida pensava que, nesse intervalo, teria a oportunidade de refletir sobre as sugestões de Pierre e procurar empecilhos.

Mas Pierre não iria lhe dar essa chance.

– Majestade, tomei a liberdade de trazer comigo o preboste. Ele está ali fora, à espera das suas ordens – disse ele.

– Muito bem – falou Carlos. – Mande-o entrar.

Le Charron entrou fazendo uma reverência profunda, animado e intimidado pela presença real.

Pierre assumiu a tarefa de falar pelo rei e instruiu Le Charron a executar todas as medidas que havia proposto. Durante essa enumeração, temeu que Carlos ou – mais provavelmente – Catarina pudessem mudar de ideia, mas eles só fizeram assentir com meneios de cabeça. Catarina parecia não acreditar de todo que o duque Henrique quisesse apenas se proteger e impedir rebeliões, mas não conseguia atinar qual poderia ser o propósito escuso de Pierre, por isso não se opôs.

Le Charron agradeceu profusamente ao rei pela honra de suas instruções, prometeu executá-las de modo meticuloso, e eles então foram dispensados. Ao se retirar de costas, fazendo medidas, Pierre mal conseguia acreditar que conseguira se safar. Imaginava que Catarina pudesse chamá-lo de volta a qualquer segundo. Então saiu, a porta foi fechada e ele ficou um passo mais próximo da vitória.

Junto com Le Charron, atravessou o vestíbulo e a sala da guarda, em seguida desceu a escada.

A noite havia caído quando eles saíram para o pátio quadrado onde Biron aguardava com os cavalos.

Antes de se separar de Le Charron, Pierre tinha apenas mais um engodo a perpetrar.

– Uma coisa que o rei esqueceu de mencionar – falou.

Essa expressão por si só já teria despertado suspeita imediata em um cortesão experiente, mas Le Charron estava subjugado pela aparente proximidade de Pierre com o monarca e ansioso para agradar.

– Claro, qualquer coisa – falou.

– Se a vida do rei estiver em perigo, o sino de Saint-Germain-l’Auxerrois vai tocar continuamente e outras igrejas com padres católicos de confiança vão seguir seu exemplo por toda a Paris. Esse será o sinal para que o senhor saiba

que os huguenotes se rebelaram contra o rei e que deve atacá-los.

– Isso poderia mesmo acontecer? – indagou Le Charron.

– Poderia acontecer hoje à noite mesmo, então esteja preparado.

Não ocorreu a Le Charron duvidar de Pierre. Ele aceitou o que lhe foi dito como um fato.

– Estarei pronto – jurou.

Pierre tirou do alforje o caderno de capa preta. Rasgou as páginas que continham os nomes dos assassinos nobres e suas vítimas. O restante das páginas listava protestantes comuns da cidade. Ele entregou o caderno a Le Charron.

– Aqui está uma lista de todos os protestantes conhecidos de Paris, com endereços – falou.

Le Charron ficou assombrado.

– Não tinha ideia de que um documento assim existisse!

– Venho preparando essa lista há muitos anos – disse Pierre, não sem orgulho. – Hoje à noite ela vai servir ao seu propósito.

Le Charron pegou o caderno com uma atitude reverente.

– Obrigado.

– Se o senhor ouvir os sinos, seu dever é matar todos os listados nesse caderno – disse Pierre, solene.

Le Charron engoliu em seco. Até então, não havia entendido que talvez estivesse envolvido num massacre. Mas Pierre o conduziu até ali com tanto cuidado, em estágios tão graduais e sensatos, que ele concordou com um meneio de cabeça. Chegou a acrescentar uma sugestão:

– Caso a situação chegue a um confronto, mandarei a milícia se identificar, talvez com uma braçadeira branca, para que seus membros possam se reconhecer entre si.

– Ótima ideia – falou Pierre. – Direi a Sua Majestade que ela partiu do senhor.

Le Charron ficou empolgadíssimo.

– Seria uma grande honra.

– É melhor ir andando. O senhor tem muito a fazer.

– Sim.

Charron montou seu cavalo, ainda segurando com força o caderno preto.

Antes de ir embora, teve um instante de preocupação.

– Vamos torcer para nenhuma dessas precauções se revelar necessária.

– Amém – disse Pierre, falso.

Le Charron se afastou trotando. Biron montou seu cavalo.

Pierre parou um instante e olhou para trás, na direção do palácio em estilo italiano do qual acabara de sair. Mal conseguia acreditar que enganara seus ocupantes. Quando governantes chegavam tão perto do pânico, porém, ficavam desesperados para agir e ansiosos para concordar com qualquer plano que se mostrasse minimamente promissor.

Mas ainda não havia terminado. Todos os seus esforços nos últimos dias tinham fracassado, e havia tempo suficiente para que o esquema mais complicado daquela noite desse errado.

Ele subiu na sela.

– Rue de Béthisy – falou para Biron. – Vamos lá.

O lugar em que Coligny ficava não era longe. Os guardas do rei vigiavam o portão. Alguns formavam uma fila com arcabuzes e lanças; outros, decerto descansando, estavam sentados no chão ali por perto, com as armas ao alcance. Eles formavam uma barreira formidável.

Pierre puxou as rédeas e disse a um guarda:

– Um recado de Sua Majestade, o rei, para o senhor de Cosseins.

– Darei o recado a ele – disse o guarda.

– Não dará, não. Vá chamá-lo.

– Ele está dormindo.

– Quer que eu volte para o Louvre e diga que o seu patrão não quis sair da cama para receber um recado do rei?

– Não, senhor, é claro que não, me perdoe.

O homem se retirou e voltou dali a um minuto com Cosseins, que obviamente fora se deitar com as roupas do dia.

– Houve uma mudança de planos – disse Pierre a Cosseins. – Os huguenotes conspiraram para se apoderar da pessoa do rei e assumir o controle do governo. O complô foi frustrado por homens leais, mas o rei quer que Coligny seja preso.

Cosseins não era tão ingênuo quanto Le Charron. Talvez ponderasse que o conselheiro do duque de Guise fosse uma escolha improvável para portar uma

mensagem do rei.

– Há alguma confirmação disso? – indagou, preocupado e cético.

– Não precisa prendê-lo o senhor mesmo. O rei mandará alguém.

Cosseins deu de ombros. Isso não exigia um comprometimento seu com nada.

– Muito bem – falou.

– Apenas esteja pronto – disse Pierre e se afastou.

Havia feito o que podia. Com uma série de pequenos engodos – todos plausíveis –, preparara o caminho para o Apocalipse. Agora só lhe restava torcer para que as pessoas que tentava manipular, desde o rei até o padre de Saint-Germain-l’Auxerrois, se comportassem de acordo com os seus cálculos.

O número de pessoas na Rue Vieille du Temple diminuía com o cair da noite, mas ainda restavam huguenotes zangados em número suficiente para obrigar Pierre e Biron a entrarem no palácio pela porta lateral.

A primeira questão era saber se Henrique estaria preparado. O jovem duque em geral se mostrava ávido para agir, mas havia perdido a fé em Pierre, e era possível que tivesse mudado de ideia e decidido não reunir seus homens.

Pierre sentiu um misto de alívio e empolgação ao ver cinquenta homens armados agrupados no pátio interno, com cavaleiros segurando seus cavalos selados. Notou Rasteau, o homem sem nariz, e seu eterno companheiro, Brocard. Tochas flamejantes se refletiam em armaduras peitorais e capacetes. Aquilo era um grupo disciplinado de aristocratas e soldados, e todos mantinham silêncio enquanto aguardavam, numa cena que transmitia uma sensação de ameaça muda.

Pierre abriu caminho pelo grupo até o centro, onde estava o duque. Assim que o viu, Henrique indagou:

– Então?

– Tudo pronto – respondeu Pierre. – O rei concordou com tudo o que nós queríamos. O preboste está armando a milícia e posicionando a artilharia da cidade neste exato momento.

Ou assim espero, pensou.

– E Cosseins?

– Eu disse a ele que o rei vai mandar alguém para prender Coligny. Se ele não acreditou em mim, o senhor terá de entrar à força.

– Que seja.

Henrique se virou para seus homens e levantou a voz:

– Vamos sair pelo portão da frente. Morte a qualquer um que fique no nosso caminho!

Eles montaram. Um cavaleiro passou para Pierre um cinto com uma espada embainhada. Ele o prendeu e subiu na sela. Tentaria não se envolver na luta se conseguisse, mas era melhor estar equipado.

Olhou pelo arco para a saída que dava na rua e viu dois criados abrindo os imensos portões de ferro. Por alguns instantes, a turba do lado de fora não se abalou. Não tinham planos para uma situação como aquela: não esperavam que os portões se abrissem. O duque Henrique então esporeou seu cavalo e o esquadrão avançou com um rumor súbito de cascos que pareceu um terremoto. A turba se espalhou, aterrorizada, mas nem todos conseguiram fugir. Em meio a gritos, os grandes cavalos partiram para cima das pessoas e os cavaleiros brandiram suas espadas, ferindo ou matando dezenas.

A carnificina havia começado.

Eles seguiram por Paris numa velocidade perigosa, causando um grande alarido. As poucas pessoas que permaneciam na rua tão tarde correram para sair do caminho, temendo pela própria vida. Pierre estava empolgado e apreensivo. Aquele era o momento pelo qual vinha trabalhando desde que o rei Carlos assinara o vergonhoso Tratado de Paz de Saint-Germain. As ações daquela noite mostrariam a todo mundo que a França jamais iria tolerar a heresia... e que a família Guise não podia ser ignorada. Pierre estava com medo, mas tomado por uma louca animação.

Cosseins o preocupava. Pierre queria ter conseguido uma promessa de cooperação dele, mas o homem não era nenhum bobo. Se ele e seus homens resistissem, haveria uma luta violenta que poderia dar a Coligny tempo de fugir. O plano todo poderia naufragar por causa desse detalhe.

O palácio dos Guises ficava no lado leste da cidade, e a residência temporária de Coligny, no extremo oeste, mas a distância era pequena e, àquela hora da noite, havia poucas obstruções na rua. Em minutos, os cavaleiros chegaram à Rue de Béthisy.

Os homens de Cosseins deviam ter ouvido os cascos de longe, pois, quando

Pierre distinguiu a residência de Coligny à luz das estrelas, os guardas apresentavam uma cena mais ordenada e mais formidável do que meia hora antes, todos alinhados em fileiras diante do portão, com lanças e armas em riste.

O duque Henrique puxou as rédeas de seu cavalo e gritou:

– Vim prender Gaspard de Coligny. Abram o portão, em nome do rei!

Cosseins deu um passo à frente. As tochas dos homens de Guise iluminavam diabolicamente seu rosto.

– Não recebi essas instruções – disse ele.

– Cosseins, o senhor é um bom católico e um leal servo de Sua Majestade, o rei Carlos, mas não vou aceitar um não como resposta – falou Henrique. – Tenho minhas ordens do rei e vou executá-las, mesmo que antes tenha de matá-lo.

Cosseins hesitou. Como Pierre calculara, ele estava numa posição difícil. Fora incumbido de proteger Coligny, mas era bastante plausível que o rei tivesse mudado de ideia e ordenado a sua prisão. E se Cosseins resistisse a Henrique agora e os dois grupos de homens armados se enfrentassem, muito sangue seria derramado, incluindo, provavelmente, o seu.

Como Pierre torcia para acontecer, Cosseins decidiu salvar a própria vida e suportar quaisquer consequências depois.

– Abram! – gritou.

Os portões se abriram e os homens de Guise adentraram o pátio em júbilo.

A entrada principal da casa era uma grande porta dupla de madeira pesada reforçada com metal. Pierre viu que ela foi fechada com força no momento em que entrou com seu cavalo no pátio. Calculou que os guardas pessoais de Coligny estivessem do outro lado dela. Os homens do duque começaram a atacar a porta com espadas, e um deles destruiu a fechadura com um tiro. Frustrado, Pierre pensou em como eles tinham sido tolos de não trazer um ou dois martelos. Mais uma vez, preocupou-se que o atraso fosse permitir a fuga de Coligny. Ninguém pensara em verificar se havia algum acesso nos fundos.

Mas a porta cedeu ao ataque e se abriu de supetão. Houve uma luta feroz escada acima quando meia dúzia de guardas tentaram conter os Guises, mas os homens de Coligny estavam em desvantagem numérica, e em minutos jaziam todos mortos ou à beira da morte.

Pierre saltou do cavalo e subiu correndo a escada. Os soldados seguiram

abrindo portas.

– Aqui! – gritou um deles, e Pierre seguiu a voz até um quarto luxuoso.

Coligny estava ajoelhado ao pé da cama, usando um camisolão, com os cabelos grisalhos cobertos por um gorro e o braço ferido apoiado por uma tipoia. Rezava em voz alta.

Os soldados hesitavam em assassinar um homem em plena oração.

Mas eles já tinham feito coisas piores.

– Estão com medo de quê? – berrou Pierre. – Matem-no, maldição!

Besme, um dos homens da família Guise, cravou a espada no peito de Coligny. Quando a puxou de volta, o sangue brotou da ferida. Coligny emborcou para a frente.

Pierre correu até a janela e a escancarou. Viu Henrique lá embaixo no pátio, ainda montado.

– Duque Henrique! – chamou. – Tenho orgulho de lhe informar que Coligny está morto!

– Mostre-me o corpo! – gritou Henrique.

Pierre se virou para dentro do quarto.

– Besme, traga o corpo até aqui.

O homem segurou Coligny pelas axilas e arrastou o cadáver pelo chão.

– Levante-o até a janela – disse Pierre.

Besme obedeceu.

– Não consigo ver o rosto dele! – berrou Henrique.

Impaciente, Pierre agarrou o corpo pelo quadril e o suspendeu. O cadáver passou pelo peitoril, despencou e, com um baque, caiu de bruços nas pedras do calçamento.

Henrique apeou. Com um movimento cheio de desprezo, virou o corpo com o pé.

– É ele – falou. – O homem que matou meu pai.

Os outros em volta deram vivas.

– Está feito – disse Henrique. – Podem tocar o sino de Saint-Germain-l’Auxerrois.

Sylvie desejou ter um cavalo.

Ao correr de casa em casa para falar com membros da congregação que se reunia no sótão acima do estábulo, sentiu uma frustração tão grande que beirou a histeria. A cada vez, precisava encontrar a casa certa, explicar a situação para a família, convencê-los de que não estava imaginando coisas, depois correr até a casa protestante seguinte. Tinha um plano lógico: avançava rumo ao norte pela Rue Saint-Martin, principal via que cortava a cidade ao meio, e ia virando em ruas laterais para percorrer distâncias curtas. Mesmo assim, só conseguia avisar três ou quatro casas por hora. Se tivesse um cavalo, teria ido duas vezes mais depressa.

Também teria ficado menos vulnerável. Era difícil para um bêbado tirar uma mulher jovem e forte de cima de um cavalo. A pé e sozinha no escuro pelas ruas de Paris, contudo, ela temia que qualquer coisa pudesse acontecer e ninguém visse.

Quando se aproximava da casa do marquês de Lagny, não muito longe de seu depósito e perto dos muros da cidade, ouviu sinos ao longe. Franziu o cenho. O que seria aquilo? Sinos em horas inesperadas costumavam sinalizar problemas. O som foi ficando mais forte, e ela percebeu que, sucessivamente, todas as igrejas se juntavam ao coro. Uma emergência que abarcasse a cidade inteira só podia significar uma coisa: tudo o que ela e Ned temeram ao descobrir que o caderno de Pierre sumira estava se concretizando.

Poucos minutos depois, chegou à casa do marquês e bateu à porta com força. Ele próprio veio abrir: devia estar acordado, e os criados, dormindo. Sylvie se deu conta de que era a primeira vez que o via sem a boina enfeitada de joias. Sua cabeça era calva, com uma franja de monge.

– Por que estão tocando os sinos? – indagou ele.

– Porque vão matar todos nós – respondeu ela e entrou.

Ele a conduziu até a saleta. Era viúvo, e os filhos, já crescidos, não moravam com ele, de modo que devia estar sozinho com os criados em casa. Ela notou que ele estivera lendo à luz de um candelabro de ferro forjado. Reconheceu o livro como um dos que lhe vendera. Havia uma jarra de vinho junto à cadeira, e ele lhe ofereceu um gole. Sylvie percebeu que estava com fome e com sede; fazia horas que não parava. Bebeu um copo inteiro de uma vez só, mas recusou o

segundo.

Explicou que descobrira que os católicos radicais estavam prestes a lançar um ataque e que ela vinha correndo pela cidade para avisar os protestantes, mas agora temia que a ofensiva houvesse começado e fosse tarde demais para alertas.

– Preciso ir para casa – falou.

– Tem certeza? Talvez seja mais seguro ficar aqui.

– Preciso me certificar de que minha mãe está bem.

Ele a acompanhou até a entrada da casa. Quando girava a maçaneta, alguém bateu à porta.

– Não abra! – disse Sylvie, mas já era tarde.

Olhou por cima do ombro de Lagny e viu um nobre em pé diante da porta acompanhado por vários outros. Lagny o reconheceu.

– Visconde Villeneuve! – exclamou, surpreso.

Villeneuve usava um casaco vermelho caro. Sylvie ficou com medo ao ver que trazia a espada na mão.

Lagny manteve a calma.

– O que o traz à minha casa a esta hora da noite, visconde?

– A obra de Cristo – respondeu Villeneuve e, com um gesto rápido, cravou a espada na barriga do marquês.

Sylvie gritou.

Lagny também gritou, de dor, e caiu de joelhos.

Enquanto Villeneuve lutava para soltar a espada das entranhas de Lagny, Sylvie saiu em disparada em direção aos fundos da casa. Escancarou uma das portas, passou por ela correndo e se viu dentro de uma ampla cozinha.

Em Paris, assim como em todos os outros lugares, os criados não dispunham do luxo de uma cama; dormiam de modo improvisado no chão da cozinha. Ali, uma dezena de empregados despertados pelo barulho se perguntavam, com vozes amedrontadas, o que estaria acontecendo.

Sylvie atravessou a cozinha correndo, esquivando-se dos homens e mulheres que acordavam, e chegou à porta do outro lado. Estava trancada, sem sinal da chave.

Viu uma janela aberta para arejar o recinto lotado na noite de agosto. Sem pensar duas vezes, escalou-a e pulou.

Foi dar num quintal onde havia um pombal e um galinheiro. Nos fundos ficava um muro alto de pedra com portão. Empurrou o portão, mas estava trancado. Quis chorar de frustração e terror.

Ouviu gritos vindos da cozinha: Villeneuve e seus homens deviam ter entrado. Iriam supor que todos os criados eram protestantes como o patrão, como em geral acontecia, e provavelmente matariam todos eles antes de partir no seu encalço.

Ela subiu no telhado do galinheiro, provocando uma cacofonia de cacarejos lá dentro. O vão entre o telhado e o muro da propriedade era de mais ou menos um metro. Ela pulou. Ao pisar no alto do muro, perdeu o equilíbrio e caiu dolorosamente sobre os joelhos, mas conseguiu se reequilibrar. Pulou para um beco fétido que ficava do outro lado.

Saiu em disparada pela ruela, que ia dar na Rue du Mur. Seguiu na direção de seu armazém correndo o mais depressa que pôde. Chegou lá sem ver ninguém. Abriu a porta, entrou e trancou-a.

Estava segura. Apoiou-se na porta com a bochecha encostada na madeira. Tinha conseguido escapar, pensou, com uma estranha sensação de alegria. E o pensamento seguinte a surpreendeu: *Não quero morrer agora que conheci Ned Willard.*

iii

Walsingham entendeu na hora a importância do caderno sumido e encarregou Ned e vários outros de irem à casa dos protestantes proeminentes de Paris e lhes avisarem que buscassem refúgio na embaixada. Não havia cavalos suficientes para todos, então Ned foi a pé. Apesar da noite quente, usava botas de montaria de cano alto e um gibão de couro e estava armado com uma espada e uma adaga de lâmina afiada de 60 centímetros.

Quando saía da última casa que fora encarregado de avisar, ouviu o badalar dos sinos.

Ficou preocupado com Sylvie. O plano de Pierre exigia o assassinato somente de protestantes aristocratas, mas, quando homens começavam a matar, era difícil fazê-los parar. Duas semanas antes, ela talvez tivesse ficado segura,

pois sua vida de vendedora de livros protestantes era um segredo bem-guardado, mas na semana anterior Ned inadvertidamente conduziu Pierre à casa de Sylvie, e ela agora decerto fazia parte da lista. Queria levá-la junto com a mãe para a embaixada.

Foi até a Rue de la Serpente e bateu à porta da loja com força.

A janela do andar de cima se abriu e uma silhueta se debruçou para fora.

– Quem é? – perguntou Isabelle.

– Ned Willard.

– Espere, vou descer.

A janela se fechou e, instantes depois, a porta da frente se abriu.

– Entre – disse Isabelle.

Ned entrou e ela fechou a porta. Uma única vela iluminava as prateleiras de livros-caixa e frascos de tinta.

– Onde está Sylvie? – perguntou ele.

– Ainda na rua, avisando as pessoas.

– Não há mais tempo para avisos.

– Ela pode ter se abrigado.

Ned ficou decepcionado e preocupado.

– Onde acha que ela pode estar?

– Ela ia subir a Rue Saint-Martin e terminar na casa do marquês de Lagny.

Pode ser que esteja lá. Ou então...

Isabelle hesitou.

– Onde mais? A vida dela está correndo perigo! – questionou Ned, impaciente.

– Existe um lugar secreto. O senhor precisa jurar que nunca vai revelar onde fica.

– Eu juro.

– Na Rue du Mur, a 200 metros da esquina com a Rue Saint-Denis, tem um velho estábulo de tijolos com apenas uma porta e sem janelas.

– Já é o bastante – disse ele, mas não saiu de imediato. – A senhora vai ficar bem?

Isabelle abriu uma gaveta da mesa e lhe mostrou duas pistolas de um tiro só com mecanismo de disparo a rodete, além de meia dúzia de balas e uma caixa de

pólvora.

– Guardo isto para quando algum bêbado sai da taberna do outro lado da rua imaginando que pode ser fácil assaltar uma loja administrada por duas mulheres.

– Já atirou em alguém?

– Não. Exibir as pistolas sempre bastou.

Ele pôs a mão na maçaneta.

– Trave a porta com a barra depois que eu sair.

– Claro.

– Certifique-se de que todas as suas janelas fiquem bem fechadas e travadas por dentro.

– Sim.

– Apague a vela. Não abra para ninguém. Se alguém bater, não diga nada. Deixe que pensem que a casa está vazia.

– Está bem.

– Sylvie e eu voltaremos para buscar a senhora, depois nós três iremos juntos para a embaixada inglesa.

Ned abriu a porta. Isabelle o segurou pelo braço.

– Cuide dela – pediu, e sua voz falhou. – Aconteça o que acontecer, cuide da minha menininha.

– É o que pretendo fazer – garantiu ele e saiu apressado.

Os sinos continuavam a tocar. Não havia muita gente nas ruas da margem esquerda. No entanto, ao atravessar a ponte de Notre-Dame com suas lojas caras, Ned ficou chocado ao ver dois cadáveres na rua. Um homem e uma mulher tinham sido mortos a punhaladas ainda trajando as roupas de dormir. Ficou nauseado com a domesticidade daquela cena: marido e mulher deitados lado a lado, como se estivessem na cama, a não ser pelo fato de suas roupas estarem encharcadas de sangue.

A porta de uma joalheria ali perto estava aberta, e ele viu dois homens saírem lá de dentro carregando dois sacos, decerto cheios de objetos de valor saqueados. Os homens o encararam com olhares agressivos e ele seguiu em frente depressa. Não queria ser atrasado por uma alteração qualquer, e os saqueadores devem ter pensado o mesmo, pois não foram atrás dele.

Na margem direita, viu um grupo de homens esmurrando uma porta. Tinham

tiras de tecido branco amarradas nos braços, o que Ned supôs ser um modo de identificação. A maioria estava armada com adagas e porretes, mas um deles, mais bem-vestido do que os outros, portava uma espada. Com uma voz da classe superior, ele gritou:

– Abram, protestantes blasfemos!

Eram católicos, portanto, e formavam um esquadrão comandado por um oficial. Ned imaginou que deveriam fazer parte da milícia da cidade. A informação de Jerónima sugerira um massacre de protestantes nobres, mas a residência pela qual ele estava passando era simples, de algum artesão ou pequeno comerciante. Como ele temia, a matança se ampliava para além dos alvos aristocráticos originais. O resultado poderia ser horripilante.

Sentiu-se um covarde ao se esgueirar dali torcendo para que os homens de braçadeira branca não o vissem. Mas nenhuma outra ação fazia sentido. Sozinho, ele não conseguiria salvar de seis agressores os ocupantes da residência. Caso enfrentasse o grupo, eles iriam matá-lo, depois voltar sua atenção para a casa de toda forma. E ele precisava encontrar Sylvie.

Seguiu pela larga Rue Saint-Martin em direção ao norte, mantendo os olhos alertas sob a luz das estrelas e espiando as ruas laterais na esperança de avistar uma mulher de baixa estatura com uma postura ereta e passos céleres vindo na sua direção com um sorriso aliviado. Ao relancear os olhos para uma ruela, viu outro grupo de homens de braçadeira branca, três deles dessa vez, todos com ar violento, nenhum com espadas na mão. Estava prestes a passar depressa quando algo na cena lhe chamou a atenção.

Os homens estavam de costas para ele, olhando para o chão, e Ned distinguiu algo que lhe pareceu horrivelmente semelhante à forma graciosa de uma perna de mulher jovem.

Parou e ficou olhando. Estava escuro, mas um dos homens segurava um lampião. Ao olhar mais atentamente, Ned percebeu que havia uma moça deitada no chão, com um homem ajoelhado entre suas coxas. Ela gemia e, após alguns instantes, Ned compreendeu suas palavras:

– Não, não, não...

Sentiu um impulso de sair correndo, mas não conseguiu. O estupro de fato não parecia ter começado. Se ele interviesse nos próximos segundos, poderia

evitá-lo.

Ou poderia ser morto.

Os homens estavam concentrados na mulher e não o tinham visto, mas a qualquer momento um deles poderia olhar para trás. Não havia tempo para pensar.

Ned pousou seu lampião e sacou a espada.

Aproximou-se de fininho do grupo. Antes que seu medo pudesse detê-lo, cravou a ponta da espada na coxa do homem mais próximo.

O homem rugiu de dor.

Ned puxou a espada de volta. Quando o homem seguinte se virava para ver o que acontecera, Ned brandiu a espada. Foi um golpe de sorte, e a ponta da lâmina abriu um talho no rosto do homem, do queixo até o olho esquerdo. Ele berrou de dor e levou as duas mãos à face. O sangue esguichou por entre seus dedos.

O terceiro agressor viu os companheiros machucados, entrou em pânico e saiu correndo pela ruela. Após alguns instantes, os dois feridos fizeram o mesmo. Então o que estivera ajoelhado se levantou com um pulo e saiu atrás dos outros, segurando a calça com as duas mãos.

Ned embainhou a espada ensanguentada, ajoelhou-se junto à moça e puxou seu vestido para lhe cobrir a nudez.

Só então olhou para seu rosto e percebeu que era Aphrodite Beaulieu.

Ela nem era protestante. Ned se perguntou o que estaria fazendo na rua à noite. Seus pais não permitiriam que saísse sozinha nem mesmo durante o dia. Imaginou que ela poderia ter tido um encontro e recordou a felicidade com que a vira sorrir para Bernard Housse no Louvre. E ela provavelmente teria se safado, não fosse aquela a noite em que alguém decidira soltar os cães de guerra.

Aphrodite o encarou.

– Ned Willard? Graças a Deus! Mas como...?

Ele segurou a mão da moça e a puxou para que se levantasse.

– Não há tempo para explicações – falou.

A mansão dos Beaulieus ficava na Rue Saint-Denis, não muito longe dali.

– Deixe-me levá-la para casa.

Ned pegou seu lampião e lhe deu o braço. A menina parecia chocada demais

para dizer qualquer coisa ou mesmo chorar.

Ned foi olhando em volta com cautela à medida que eles avançavam. Ninguém estava seguro.

Haviam quase chegado à casa dela quando quatro homens com braçadeiras brancas saíram de uma rua lateral e os abordaram.

– Estão fugindo, protestantes? – indagou um deles.

O coração de Ned gelou. Ele pensou em sacar a espada, mas eles também estavam armados, e eram quatro. Havia pegado o outro grupo de surpresa e tinha conseguido amedrontá-los, mas aqueles ali o encaravam com as mãos no cabo da arma, prontos para agir. Ele não teria nenhuma chance. Precisaria sair daquela situação usando a astúcia.

Eles suspeitariam de qualquer estrangeiro. O sotaque de Ned era bom o bastante para enganar as pessoas, e os parisienses costumavam pensar que ele era de Calais, mas às vezes cometia erros de gramática infantis. Rezou para que suas palavras não o denunciassem.

Conseguiu fingir uma expressão de desdém.

– Esta é mademoiselle Beaulieu, seu tolo – falou. – Ela é uma boa católica, e a mansão do conde Beaulieu fica logo ali. Se encostar um dedo nela, eu acordo a casa inteira.

Não era uma ameaça vazia: da casa daria para escutar um grito seu. No entanto, Aphrodite apertou seu braço com mais força, e ele entendeu que ela não queria que os pais soubessem sobre a sua saída.

O líder do grupo adotou um ar astuto.

– Se ela é uma nobre católica, o que está fazendo na rua a esta hora da noite?

– Que tal pedirmos ao pai dela para responder a essa pergunta? – rebateu Ned, sustentando com esforço a atitude arrogante. – Então ele vai poder perguntar a vocês que diabo acham que estão fazendo importunando a filha dele.

Ele inspirou fundo e levantou a cabeça como se estivesse prestes a gritar por socorro.

– Está bem, está bem – disse o líder. – Mas os huguenotes se rebelaram contra o rei, e a milícia recebeu ordens para localizá-los e matar todos eles, então é melhor vocês dois entrarem em casa e ficarem lá.

Ned não deixou seu alívio transparecer.

– E é melhor vocês tomarem mais cuidado com o modo como se dirigem aos nobres católicos – falou e passou pelos milicianos escoltando Aphrodite.

O líder não disse mais nada.

Assim que se distanciaram, Aphrodite disse:

– Tenho de entrar pelos fundos.

Ele assentiu. Já imaginara isso.

– Tem uma porta destrancada?

– Minha criada está esperando.

Aquela era a história mais antiga do mundo. A criada de Aphrodite estava ajudando a patroa a ter um romance clandestino. Bem, não era da conta de Ned. Ele a acompanhou até os fundos da casa, onde ela bateu a um portão de madeira alto. Uma menina veio abrir na mesma hora.

Aphrodite segurou com força a mão de Ned e beijou seus dedos.

– Devo-lhe a minha vida – falou.

Então entrou, e o portão se fechou atrás dela.

Ned seguiu rumo à casa de Lagny, mais cauteloso ainda do que antes. Estava sozinho agora, portanto despertaria mais suspeitas. Nervoso, tocou o cabo da espada.

Muitas casas agora estavam iluminadas. Alarmados pelos sinos, os moradores decerto haviam acordado e acendido velas. Rostos pálidos apareciam às janelas para espiar a rua, aflitos.

Felizmente, a casa de Lagny não ficava longe. Ao subir os degraus que conduziam à porta da frente, notou a escuridão e o silêncio. Talvez Lagny e seus criados estivessem fingindo que a casa estava vazia, como Ned recomendara a Isabelle.

Quando bateu à porta, ela se moveu um pouco, depois se abriu, revelando um corredor escuro. Ned sentiu um cheiro nauseante, como o de um açougue. Ergueu o lampião e arquejou.

Havia corpos por toda parte. Sangue cobria o chão de lajotas e as paredes revestidas de madeira. Ele reconheceu o marquês, deitado de costas, ferido a punhaladas na barriga e no peito. Seu coração parou. Ele segurou o lampião acima do rosto dos outros cadáveres, temendo que um deles fosse Sylvie. Eram todos desconhecidos e, pelas roupas, deduziu que fossem criados.

Foi até a cozinha, onde havia mais corpos. Viu uma janela aberta que ia dar num quintal e torceu para que alguns dos empregados tivessem fugido por ali.

Revistou a casa, aproximando a luz de cada rosto. Para seu imenso alívio, Sylvie não estava ali.

Agora precisava encontrar seu lugar secreto. Se ela não estivesse lá, temia o pior.

Antes de sair da casa, arrancou a gola de renda da camisa e a amarrou no braço esquerdo para ficar parecido com um dos membros da milícia. Haveria o risco de ele ser confrontado e desmascarado como impostor, mas, pesando os prós e contras, pareceu-lhe valer a pena.

Começava a entrar em desespero. Nas poucas semanas desde que conhecera Sylvie, ela passara a significar tudo para ele. Já perdi Margery; não posso perder Sylvie também, pensou. O que ele iria fazer?

Andou até a Rue du Mur e localizou uma construção de tijolos simples sem janelas. Foi até a porta e bateu na madeira.

– Sou eu – falou, com uma voz baixa e urgente. – Sou eu, Ned. Sylvie, você está aí?

Silêncio. Ele sentiu o coração perder o ritmo. Então ouviu o arrastar de uma barra e o clique de uma fechadura. A porta se abriu e ele entrou. Sylvie a trancou e recolocou a barra no lugar, então se virou para ele. Ned ergueu o lampião para examinar seu rosto. Ela estava abalada, chorando e com medo, mas estava viva e, pelo visto, ilesa.

– Eu amo você – declarou ele.

Ela se atirou nos seus braços.

Pierre ficou impressionado com o resultado de suas maquinações. A milícia de Paris vinha se dedicando ao massacre de protestantes com ainda mais força e crueldade do que ele esperava.

Sabia que a causa daquilo na verdade não era a sua esperteza. Os parisienses estavam revoltados com o casamento da princesa Margarida, e seus párocos lhes diziam que eles tinham motivos para sua ira. A cidade já andava prestes a

explodir de ódio, à espera apenas de alguém que ateasse fogo à pólvora. Pierre só criara a faísca.

Quando chegou o domingo, dia de São Bartolomeu, as ruas da cidade amanheceram coalhadas de centenas de huguenotes mortos ou agonizantes. Talvez fosse possível matar todos os protestantes da França. Com uma sensação de triunfo mesclada de assombro, ele compreendeu que aquela poderia ser a solução final.

Pierre reunira para si um pequeno esquadrão de malfeitores e lhes prometera que poderiam roubar qualquer coisa que quisessem daqueles que matassem. No grupo estavam Brocard e Rasteau, seu espião-chefe, Biron, e um punhado dos marginais de rua que Biron usava para tarefas como seguir suspeitos.

Pierre entregara seu caderno preto ao preboste Le Charron, mas recordava muitos dos nomes e endereços. Fazia catorze anos que vinha espionando aquelas pessoas.

Eles foram primeiro ao ateliê de René Duboeuf, o alfaiate da Rue Saint-Martin.

– Não o matem nem a esposa até que eu autorize – ordenou Pierre.

Eles arrombaram a porta e entraram na loja. Alguns dos homens foram direto até o andar de cima.

Pierre abriu uma gaveta e encontrou o caderno de anotações do alfaiate com os nomes e endereços dos clientes. Sempre cobiçara aquele caderno. E poderia fazer uso imediato dele.

Os homens desceram arrastando o casal Duboeuf, ambos em roupas de dormir.

René era um homem baixote com cerca de 50 anos. Já era careca na primeira vez em que Pierre cruzara seu caminho, treze anos antes. A mulher na época era jovem e bonita. Mesmo agora, com um ar aterrorizado, continuava atraente. Pierre sorriu para ela.

– Françoise, se bem me lembro – falou e virou-se para Rasteau. – Corte o dedo dela.

Rasteau deu sua risadinha aguda.

Enquanto a mulher chorava e o alfaiate implorava, um soldado segurou a mão esquerda de Françoise sobre a mesa e Rasteau cortou fora seu mindinho e

parte do anular. O sangue esguichou pela mesa e sujou uma peça de lã cinza-clara. A mulher deu um grito e desmaiou.

– Onde está seu dinheiro? – perguntou Pierre ao alfaiate.

– Na cômoda, atrás do penico – disse Duboeuf. – Por favor, não a machuquem mais.

Pierre meneou a cabeça para Biron, que subiu a escada.

Viu que Françoise tornara a abrir os olhos.

– Façam-na ficar em pé – falou.

Biron voltou com uma bolsa de couro que esvaziou sobre a mesa por cima de uma poça do sangue de Françoise. Uma pilha de moedas variadas se formou.

– Ele tem mais dinheiro do que isso – disse Pierre. – Rasguem a camisola dela.

A mulher era mais jovem do que o marido e tinha um belo corpo. Os homens se calaram.

– Onde está o resto do dinheiro? – perguntou Pierre ao alfaiate.

Duboeuf hesitou.

– Quer que eu corte fora os peitos dela? – indagou Rasteau, animado.

– Na lareira, dentro da chaminé – revelou Duboeuf. – Por favor, deixem-na em paz.

Biron enfiou a mão dentro da chaminé, fria naquele mês de agosto, e pegou uma caixa de madeira trancada. Arrebentou a fechadura com a ponta da espada e despejou o dinheiro sobre a mesa, uma bela pilha de moedas de ouro.

– Cortem a garganta deles e dividam o dinheiro – disse Pierre e saiu sem esperar para assistir.

As pessoas que ele mais queria como vítimas eram o marquês e a marquesa de Nîmes. Teria adorado matar o marido na frente da mulher. Que vingança! Entretanto, eles moravam do outro lado dos muros da cidade, no subúrbio de Saint-Jacques. Como os portões estavam fechados, o casal ficara a salvo da ira de Pierre. Por ora.

Na falta deles, Pierre pensou na família Palot.

Isabelle Palot fizera mais do que ofendê-lo quando ele estivera na loja alguns dias antes: ela o assustara. E Sylvie percebera. Estava na hora de puni-las.

Os homens demoraram bastante para dividir o dinheiro. Pierre imaginou que

estivessem violentando a mulher antes de matá-la. Durante a guerra civil, havia observado que, quando homens começavam a matar, eles sempre estupravam também. Suspender uma proibição parecia suspender todas elas.

Por fim, eles saíram do ateliê. Pierre os conduziu rumo ao sul pela Rue Saint-Martin e pela Île de la Cité. Recordou a forma como Isabelle se dirigira a ele: *lixo, aborto de uma prostituta pestilenta, cadáver nauseabundo e odioso*. Iria fazê-la recordar essas palavras quando ela estivesse morrendo.

v

Ned observou que o estoque de livros de Sylvie ficava bem escondido. Qualquer um que entrasse no armazém veria apenas barris empilhados do chão até o teto. A maioria estava cheia de areia, mas Sylvie tinha mostrado a Ned que alguns estavam vazios e podiam ser afastados com facilidade para revelar o espaço onde ficavam as caixas de livros. Ela lhe contou que ninguém nunca descobrira seu segredo.

Por medo de que uma tênue claridade pudesse escapar por entre as frestas do esconderijo e ser vista do lado de fora, eles apagaram a chama do lampião de Ned e ficaram sentados no escuro de mãos dadas. Os sinos tocavam loucamente. Ruídos de combate chegavam aos seus ouvidos: gritos, os brados roucos de homens lutando, um tiro ocasional. Sylvie estava preocupada com a mãe, mas Ned a convenceu de que Isabelle corria menos perigo em casa do que Sylvie e ele nas ruas.

Passaram horas sentados, escutando e esperando. Os barulhos da rua começaram a esmorecer por volta da hora em que uma luz débil emoldurou a porta, sinalizando a aurora.

– Não podemos ficar aqui para sempre – disse Sylvie então.

Ned abriu a porta alguns centímetros, pôs a cabeça para fora com cautela e olhou para um lado e outro da Rue du Mur sob a luz da manhã.

– Vazia – falou.

Saiu. Sylvie foi atrás dele e trancou a porta atrás de si.

– Quem sabe a matança tenha acabado – disse ela.

– Talvez eles hesitem em cometer atrocidades em plena luz do dia.

Sylvie citou um versículo do evangelho de João:

– “Os homens amaram as trevas, e não a luz, porque as suas obras eram más.”

Eles partiram pela rua lado a lado, a passos rápidos. Ned ainda usava a braçadeira branca, se é que adiantaria alguma coisa. Tinha mais confiança na espada em seu cinto e caminhava com a mão no cabo por garantia. Eles seguiram para o sul, em direção ao rio.

Ao dobrarem a primeira esquina, viram dois homens mortos em frente a uma loja que vendia selas. Ned ficou intrigado ao vê-los seminus. Os cadáveres estavam parcialmente ocultos por uma senhora de cabelos grisalhos e casaco sujo curvada sobre eles. Após alguns instantes, Ned percebeu que ela estava despindo os cadáveres.

Roupas de segunda mão eram valiosas: apenas os ricos podiam comprar vestimentas novas. Até mesmo peças íntimas usadas e imundas poderiam ser vendidas como trapo para os fabricantes de papel. Aquela mulher miserável roubava as roupas dos cadáveres para vendê-las. Ela puxou as calças das pernas de um dos corpos e saiu correndo com uma trouxa debaixo do braço. A nudez dos corpos apunhalados tornou a cena ainda mais imoral. Ned reparou que Sylvie desviou os olhos quando eles passaram.

Evitando as ruas principais largas e retas, que os deixariam mais expostos, eles ziguezaguearam pelas ruelas estreitas e tortuosas de Les Halles. Mesmo nessas ruazinhas havia cadáveres. A maioria fora despida, e em alguns lugares os corpos tinham sido empilhados de modo a abrir espaço na rua para as pessoas passarem. Ned viu rostos bronzeados de homens que trabalhavam ao ar livre, mãos brancas e macias de mulheres ricas, braços e pernas finos de crianças. Perdeu a conta de quantos. Parecia um quadro do inferno numa igreja católica, só que era real e estava diante dos seus olhos numa das grandes cidades do mundo. A sensação de horror nauseante foi crescendo dentro dele. Se não estivesse de estômago vazio, teria vomitado. Ao olhar de relance para Sylvie, viu que estava pálida e que seu rosto se imobilizara numa expressão ao mesmo tempo determinada e sombria.

Havia coisa pior pela frente.

Na beira do rio, a milícia se livrava dos corpos. Os mortos, além de alguns

dos moribundos indefesos, eram lançados no Sena sem mais cerimônia do que teriam merecido ratos envenenados. Alguns saíam boiando, mas outros mal se moviam, e a margem rasa do rio já estava coalhada de cadáveres. Com uma vara comprida, um homem tentava empurrar os corpos para o meio da correnteza de modo a abrir espaço para outros, mas os mortos pareciam vagarosos, como se relutassem em partir.

Os homens estavam entretidos demais para reparar em Ned e Sylvie, que passaram apressados e seguiram em direção à ponte.

vi

A animação de Pierre aumentava conforme ele se aproximava da pequena papelaria na Rue de la Serpente.

Pensou se deveria incentivar os homens a violentarem Isabelle. Seria uma punição condizente. Então teve uma ideia melhor: que eles estupassem Sylvie na frente da mãe. As pessoas sentiam mais dor quando os filhos sofriam; aprendera isso com a esposa, Odette. Passou-lhe pela cabeça estuprar Sylvie ele próprio, mas talvez isso desgastasse sua autoridade aos olhos dos homens. Eles que fizessem o trabalho sujo.

Não bateu à porta da loja. Ninguém mais em Paris atendia à porta. Bater só dava tempo para que as pessoas se armassem. Os homens de Pierre levaram apenas alguns segundos para derrubar a porta com martelos e invadiram a loja.

Quando Pierre entrou, ouviu um tiro. Isso o surpreendeu. Seus homens não tinham armas de fogo: elas eram caras e, em geral, apenas a aristocracia as possuía, para uso pessoal. Um segundo depois, viu Isabelle em pé nos fundos da loja. Um dos homens de Pierre jazia a seus pés, aparentemente morto. Enquanto ele olhava, ela ergueu uma segunda pistola e apontou com cuidado na sua direção. Antes que ele tivesse tempo de se mover, outro de seus homens a traspassou com a espada. A mulher caiu sem disparar.

Pierre soltou um palavrão. Havia planejado uma vingança mais elaborada. Mas ainda restava Sylvie.

– Tem outra mulher! – gritou ele para os homens. – Revistem a casa.

Não demorou muito. Biron foi correndo até o andar de cima e desceu dali a

um minuto.

– Não tem mais ninguém aqui – falou.

Pierre olhou para Isabelle. Na penumbra, não conseguiu ver se estava viva ou morta.

– Arrastem-na para fora – ordenou.

À luz do dia, viu que Isabelle sangrava por um ferimento profundo no ombro. Ajoelhou-se junto dela e berrou, com raiva:

– Onde está Sylvie? Diga, sua vadia!

Ela devia estar morrendo de dor, mas mesmo assim lhe abriu um sorriso retorcido.

– Seu demônio – sussurrou ela. – Vá para o inferno, que é o seu lugar.

Pierre urrou de raiva. Levantou-se e deu um chute no ombro ferido de Isabelle. Mas foi um gesto inútil: ela já havia parado de respirar e seus olhos o fitavam sem nada ver.

Sylvie escapara.

Ele tornou a entrar na papelaria. Os homens procuravam dinheiro. A loja estava repleta de artigos de papel de todo tipo. Pierre a percorreu tirando livros-caixa de prateleiras, esvaziando armários e gavetas e empilhando os papéis no meio do chão. Então pegou um lampião de Brocard, abriu-o e encostou a chama numa folha da pilha. O fogo pegou na hora, e as chamas saltaram.

vii

Ned sentiu que ele e Sylvie tinham tido sorte por chegarem à margem esquerda sem serem abordados. De modo geral, a milícia não tinha atacado pessoas aleatoriamente: parecia seguir os nomes e endereços obtidos, sem dúvida, de Pierre. Mesmo assim, Ned fora interpelado uma vez, quando estava com Aphrodite Beaulieu, e isso poderia voltar a acontecer, com resultados imprevisíveis. Por isso, foi com uma sensação de alívio que ele dobrou na Rue de la Serpente ao lado de Sylvie e se apressou em direção à papelaria.

Viu o corpo na rua e teve a horrível sensação de saber quem era. Sylvie também teve. Ela deixou escapar um arquejo e começou a correr. Segundos depois, ambos estavam curvados por cima do corpo inerte sobre as pedras

ensanguentadas do calçamento. Ned compreendeu de imediato que Isabelle estava morta. Tocou o rosto da mulher: ainda quente. Não fazia muito tempo que ela havia morrido, o que explicava o fato de suas roupas ainda não terem sido roubadas.

– Você consegue carregá-la? – perguntou Sylvie, aos prantos.

– Sim – respondeu Ned. – É só você me ajudar a colocá-la no ombro.

Isabelle pesaria bastante, mas a embaixada não ficava longe. E ocorreu-lhe que ele iria passar por um miliciano livrando-se de um cadáver, e consequentemente correria menos risco de ser interpelado.

Já tinha posto as mãos sob os braços sem vida de Isabelle quando sentiu cheiro de fumaça e hesitou. Olhou em direção à loja e viu movimentos lá dentro. A papelaria estava pegando fogo? Uma labareda subiu, iluminando o interior, e ele viu homens se movendo com um ar decidido, como se procurassem alguma coisa; objetos de valor, talvez.

– Eles ainda estão aqui! – gritou para Sylvie.

Nessa hora, dois homens saíram pela porta. Um deles tinha o rosto mutilado e, no lugar do nariz, só dois buracos rodeados por uma cicatriz repuxada. O outro tinha fartos cabelos louros e uma barba pontuda. Era Pierre, Ned reconheceu.

– Precisamos deixá-la... Vamos! – chamou.

Sylvie hesitou por um segundo cheio de dor, então começou a correr. Ned a seguiu, mas ambos tinham sido reconhecidos. Ele ouviu Pierre gritar:

– Lá está ela! Vá atrás dela, Rasteau!

Ned e Sylvie correram lado a lado até o final da Rue de la Serpente. Ao passarem pelas imensas janelas da igreja de Saint-Séverin, ele olhou por cima do ombro e viu Rasteau atrás deles com a espada em punho.

Atravessaram a larga Rue Saint-Jacques e entraram no cemitério de Saint-Julien-le-Pauvre. Mas Sylvie estava ficando cansada e Rasteau ganhava terreno. Ned tentou pensar. Rasteau tinha 30 e poucos anos, mas era grande e forte, e obviamente perdera o nariz em alguma escaramuça. Decerto era um hábil espadachim, com experiência em combate. Seria um adversário difícil. Em qualquer briga que durasse mais que uns poucos segundos, seu tamanho e habilidade iriam se sobressair. A única esperança de Ned era surpreendê-lo e

acabar com ele depressa.

Conhecia bem os arredores. Era ali que havia encurralado o homem que o seguira. Ao dobrar a quina leste da igreja, saiu por um instante da linha de visão de Rasteau. Parou de repente e puxou Sylvie para dentro do abrigo profundo de um vão de porta.

Ambos ofegavam. Ned podia ouvir os passos pesados do homem que os perseguia correndo. Empunhou a espada com a mão direita e a adaga com a esquerda. Tinha de fazer o cálculo perfeito; não podia deixar que Rasteau passasse. Só que teve pouco tempo para pensar. Quando pareceu que o homem devia estar quase na altura deles, Ned saiu do vão.

Não era o momento ideal. Um segundo antes, Rasteau havia diminuído o passo, talvez desconfiado de uma armadilha, e por um triz Ned não o atingiu. Mesmo sem ter conseguido parar, o algoz deu um jeito de se esquivar da espada de Ned.

Ned se moveu depressa. Projetou o corpo para a frente, e a ponta da espada penetrou no flanco de Rasteau, que, no embalo, passou direto por Ned, fazendo a lâmina se soltar. Rasteau deu um meio giro, cambaleou e desabou no chão. Ned o golpeou às cegas. Com um movimento amplo da espada, o capanga o desarmou. A espada de Ned saiu voando e foi cair em cima de um túmulo.

Rasteau se levantou num segundo, movendo-se depressa para um homem grande. Ned viu Sylvie sair do vão da porta e berrou:

– Corra, Sylvie, corra!

Rasteau então o atacou com estocadas e golpes da espada. Ned foi recuando e usou a adaga para aparar um golpe, depois outro, mas sabia que não poderia sustentar aquilo. O homem fingiu um golpe de cima para baixo e, com uma agilidade surpreendente, mudou o movimento e espetou a espada por sob a guarda de Ned.

Então Rasteau se imobilizou. A ponta de uma espada surgiu em sua barriga. Ned pulou para trás de modo a se esquivar do golpe do adversário, mas já não era preciso: a estocada perdera todo o ímpeto. Rasteau deu um grito de dor e tombou para a frente, revelando uma pequenina Sylvie, que puxava de suas costas a espada que Ned deixara cair.

Eles não esperaram para vê-lo morrer. Ned pegou Sylvie pela mão e os dois

atravessaram correndo a Place Maubert, passaram pelo patíbulo e chegaram à embaixada.

Dois guardas armados estavam postados em frente ao edifício. Não eram funcionários da embaixada; Ned nunca os vira antes. Um deles deu um passo para ficar na sua frente e disse:

– O senhor não pode entrar aí.

– Eu sou o vice-embaixador e esta é minha esposa – falou Ned. – Agora saia do meu caminho.

De uma janela no andar de cima veio a voz cheia de autoridade de Walsingham:

– Eles estão sob a proteção do rei... Deixem passar!

O guarda deu um passo para o lado. Ned e Sylvie subiram os degraus. A porta se abriu antes mesmo que os dois a alcançassem.

Eles entraram rumo à segurança.

viii

Casei-me com Sylvie duas vezes: a primeira na pequena igreja de Saint-Julien-le-Pauvre, junto à qual ela havia matado o homem sem nariz; e a segunda numa cerimônia protestante na capela da embaixada inglesa.

Aos 31 anos, Sylvie era virgem e, para recuperar o tempo perdido, fizemos amor toda noite e toda manhã durante meses. Quando eu me deitava por cima dela, ela me agarrava como se eu a estivesse salvando de um afogamento, e depois muitas vezes adormecia chorando nos meus braços.

Jamais encontramos o corpo de Isabelle, e isso dificultou o luto de Sylvie. No fim das contas, passamos a tratar a loja incendiada como um túmulo, e todo domingo íamos nos postar em frente a ela por alguns minutos, de mãos dadas, para recordar uma mulher forte e valente.

Por incrível que possa parecer, os protestantes se recuperaram do dia de São Bartolomeu. Três mil pessoas tinham sido mortas em Paris, e mais milhares delas em massacres do mesmo tipo em outros lugares, mas os huguenotes reagiram. Cidades com maioria protestante acolheram multidões de refugiados e fecharam os portões para os representantes do rei. Na condição de católicos

poderosos aliados da monarquia, os Guises voltaram a ser acolhidos no círculo real enquanto a guerra civil eclodia mais uma vez.

Os cultos foram retomados no sótão acima do estábulo e em outros locais clandestinos por todo o país.

Walsingham foi chamado de volta a Londres, e nós partimos com ele. Antes de irmos embora de Paris, Sylvie mostrou a Nath o depósito na Rue du Mur e a jovem assumiu a tarefa de vender literatura ilegal para os protestantes da cidade. Apesar disso, minha esposa não se mostrou disposta a abandonar sua missão. Anunciou que continuaria a encomendar livros de Genebra. Cruzaria o Canal da Mancha até Ruão, receberia os carregamentos lá, os escoltaria até Paris, pagaria os subornos necessários e entregaria os livros na Rue du Mur.

Apesar de me preocupar com ela, eu havia aprendido com a rainha Elizabeth que algumas mulheres não podiam ser conduzidas por homens. De toda forma, não sei se a teria detido mesmo que pudesse. Sylvie tinha uma missão sagrada, e eu não lhe tiraria isso. Se ela continuasse por tempo suficiente, é claro que um dia seria pega. E então iria morrer, eu sabia.

Era esse o seu destino.

CAPÍTULO 21

Rollo estava em pé no convés do *Petite Fleur* quando o cargueiro se aproximou do litoral da Inglaterra. Aquela era a hora de maior perigo.

A embarcação, procedente de Cherbourg, seguia em direção a Combe Harbour carregada com barris de conhaque de maçã, queijos, além de oito jovens padres da Faculdade Inglesa de Douai.

Rollo usava uma batina de padre e uma cruz no peito. Seus cabelos já rareavam bastante, mas, para compensar, ele deixara crescer uma barba cerrada. Nos ombros, usava uma capa branca não muito típica do clero: era um sinal combinado.

Organizara tudo com cuidado, mas na prática havia muitas coisas que podiam dar errado. Sequer tinha certeza se o capitão era confiável. O homem recebera uma quantia generosa em troca de levá-los ali, mas outra pessoa – Ned Willard ou algum outro homem da rainha – podia ter lhe oferecido mais para trair Rollo.

Desejou não ter de confiar tanto na irmã. Margery era inteligente, organizada e destemida, mas era mulher. No entanto, ele próprio não queria pisar em solo inglês, não ainda, de modo que tinha de usá-la.

Ao crepúsculo, o capitão lançou âncora numa baía sem nome a 5 quilômetros de Combe Harbour. Felizmente, o mar estava calmo. Na baía, perto da praia, estava ancorado um pequeno barco de pesca com a extremidade arredondada, um mastro e remos. Rollo o conhecia de quando o pai era coletor de impostos em Combe Harbour: aquele antes era o *Saint Ava*, mas agora se chamava apenas *Ava*. Depois da praia, na fenda de um penhasco, um sólido chalé de pedra clara soltava fumaça pela chaminé.

Rollo aguardou aflito, observando o chalé em busca de um sinal. Sua esperança era tão intensa que beirava a ansiedade. Ele sentiu que poderia até vomitar de tanto medo do fracasso. Aquele era o início do fim. Os rapazes que

ele escoltava eram agentes secretos de Deus. Eram um pequeno grupo avançado, mas seriam seguidos por outros. Um dia, em breve, os anos sombrios chegariam ao fim, a Inglaterra desistiria daquelas ideias tolas sobre liberdade religiosa e a imensa massa de camponeses e trabalhadores braçais ignorantes voltaria a se curvar de bom grado ante a autoridade da única Igreja verdadeira. Os Fitzgeralds voltariam à sua posição de direito ou, talvez, a uma melhor: Rollo talvez se tornasse bispo e seu cunhado, Bart, duque. Em Kingsbridge, haveria um expurgo dos puritanos como o que ocorrera em Paris no dia de São Bartolomeu, muito embora Rollo devesse manter essa parte do sonho escondida de Margery, que teria se recusado a participar caso soubesse a violência que ele tinha em mente.

Por fim, Rollo viu a resposta combinada à sua capa branca: um lençol branco foi agitado em uma janela do andar de cima.

Podia ser um truque. Mal Roper, o pescador católico ferrenho que morava no chalé, poderia ter sido preso por Ned Willard e torturado para revelar informações, e o lençol branco seria a isca de uma armadilha. Mas não havia nada que Rollo pudesse fazer em relação a isso. Ele e aqueles que o acompanhavam estavam arriscando suas vidas, todos sabiam disso.

Sob um céu que já escurecia, Rollo reuniu os padres no convés, cada qual com uma bolsa contendo objetos pessoais mais os itens necessários para levar os sacramentos às famílias inglesas necessitadas: hóstias, vinho, óleo consagrado e água benta.

– Silêncio total até chegarem à casa – instruiu ele num sussurro. – Até mesmo vozes baixas se propagam acima da água. Esta baía costuma ser deserta a não ser pela família do pescador, mas nunca se sabe... Sua missão poderia terminar antes mesmo que vocês chegassem à Inglaterra.

Um dos padres era o agitado Lenny Price, a primeira pessoa que ele conhecera na faculdade em Douai e o mais velho do grupo.

– Lenny, quando vocês chegarem a terra firme, o comando é seu.

O capitão baixou um barco, que fez barulho ao bater no mar. Os padres desceram usando uma escada de corda, Rollo por último. Dois marinheiros empunharam os remos. O barco avançou por entre as ondas com um leve chapinhar. Na praia, Rollo pôde discernir vagamente a silhueta de uma mulher pequena com um cachorro: era Margery. Respirou mais aliviado.

O barco chegou à praia. Os padres saltaram para a água rasa. Margery os cumprimentou com um aperto de mão sem dizer nada. Seu cão bem-treinado se manteve igualmente em silêncio.

Rollo permaneceu no barco. Margery fitou o irmão, cruzou olhares, sorriu e levou a mão ao queixo como quem cofia uma barba; nunca o vira daquele jeito. Sua tola, pensou ele, e virou as costas rapidamente. Os padres não deveriam descobrir que os dois eram irmãos; conheciam-no apenas como Jean Langlais.

Os marinheiros se afastaram da praia e começaram a remar de volta em direção ao *Petite Fleur*. Rollo olhou da popa do barco e viu Margery conduzir os padres por entre seixos até o chalé. Eles passaram pela porta da frente e sumiram de vista.

ii

Mal Roper, sua esposa, Peg, e seus três filhos crescidos se ajoelharam no chão de pedra do único cômodo térreo do chalé enquanto Lenny Price rezava a missa. Margery quase chorou ao presenciar a alegria daqueles fiéis ao receber os sacramentos. Se perdesse a vida por causa daquele instante, teria valido a pena.

Muitas vezes pensava na tia-avó já falecida, irmã Joan. Aos 16 anos, atormentada pelo noivado, Margery subira ao último andar da casa do pai, onde a velha Joan transformara dois pequenos cômodos em uma cela humilde e uma capela. Fora lá que Joan lhe dissera: Deus tinha um propósito para Margery, mas ela precisava esperar que Ele o revelasse. Bem, Joan tinha razão. Ela esperara, e Deus havia revelado o seu propósito, e era aquele ali.

A demanda por padres católicos era imensa. Margery conversava com católicos aristocratas e ricos em Londres sempre que Bart ia participar de alguma reunião do Parlamento. Sondava-os discretamente, e não demorava a descobrir que muitos estavam desesperados pelos sacramentos. Em Londres, tomava cuidado para manter distância das embaixadas francesa e espanhola, de modo a evitar a suspeita de conspiração. Convencera Bart a ser igualmente cauteloso. Ele apoiava sua missão. Detestava o protestantismo, mas a meia-idade o tornara preguiçoso e passivo, e ele ficava feliz em deixar todo o trabalho por conta da esposa, desde que ela o fizesse se sentir um herói. Margery não se importava.

Depois da missa, Peg Roper serviu a todos um espesso ensopado de peixe em tigelas de madeira, acompanhado por um pão caseiro. Margery ficou satisfeita ao ver os padres comerem; eles tinham um longo caminho pela frente antes que o dia raiasse.

Os Ropers não eram ricos, mas mesmo assim Mal recusou dinheiro.

– Agradeço, milady, mas não precisamos de pagamento para cumprir a vontade de Deus – disse ele.

Margery viu que ele se orgulhava em dizer isso, então aceitou a recusa.

Era meia-noite quando eles partiram. Margery tinha dois lampiões. Foi na frente com um, enquanto Lenny fechava a retaguarda com o outro. Seguiu na direção norte por uma estrada conhecida. Pedia silêncio aos homens sempre que eles se aproximavam de algum vilarejo ou casa de fazenda, pois não queria que fossem ouvidos nem vistos. Um grupo de nove pessoas caminhando à noite levantaria suspeitas e causaria hostilidade. Margery tomava um cuidado especial perto de casas senhoriais maiores, onde talvez houvesse soldados que poderiam ser enviados com tochas para interrogar os viajantes.

A noite estava amena e a estrada, seca. Mesmo assim, Margery achou a caminhada difícil. Desde o nascimento de Roger, seu segundo filho, sofria de dores ocasionais nas costas, sobretudo quando percorria longas distâncias a pé. Foi obrigada a cerrar os dentes e aguentar.

A cada duas ou três horas, parava num ponto previamente escolhido, longe de qualquer moradia, onde eles podiam descansar, beber água de um regato, comer um pouco do pão que Peg Roper lhes dera para o trajeto e fazer suas necessidades antes de prosseguirem.

Margery caminhava com os ouvidos aguçados, atenta a ruídos de pessoas na estrada. Na cidade, teria havido gente a se esgueirar por ruelas, em geral por causa de alguma atividade criminosa, mas ali na zona rural havia pouca coisa para roubar, portanto menos fora da lei. Mesmo assim, ela mantinha a cautela.

Tinha chorado um dia inteiro ao saber do massacre do dia de São Bartolomeu. Todas aquelas pessoas assassinadas por católicos! Era muito pior do que uma batalha, em que soldados matavam outros soldados. Em Paris, os cidadãos haviam massacrado mulheres e crianças indefesas aos milhares. Como Deus podia permitir uma coisa dessas? E depois, para piorar, o papa mandara

uma carta parabenizando o rei da França. Aquela não podia ser a vontade de Deus. Por mais que fosse difícil acreditar, o que o papa fizera era errado.

Sabia que Ned estava em Paris na época e temera pela sua vida, mas logo fora anunciado que todos na embaixada inglesa haviam sobrevivido. Pouco depois chegara a notícia de que Ned se casara com uma francesa. Isso a deixou triste, de um modo injustificado, na sua opinião. Ela tivera a chance de fugir com ele e se recusara. Ned não podia passar a vida a desejá-la. Queria uma esposa e uma família. Ela deveria ter ficado contente por ele encontrar a felicidade sem ela. Mas não conseguiu.

Perguntou-se como seria a nova Sra. Willard. Dizia-se que as francesas eram extremamente sofisticadas. Será que ela usava roupas lindas e uma profusão de joias? Margery se pegou torcendo para que fosse uma moça frívola, que logo deixaria Ned entediado. Que pensamento indigno!, pensou. Eu deveria lhe desejar felicidade. E desejo.

Uma luz débil já despontava ao leste quando eles chegaram perto de New Castle, e ela conseguiu distinguir o contorno das ameias contra o céu. Uma sensação de alívio e cansaço a invadiu; fora uma longa caminhada.

A estrada conduzia direto à propriedade. Como sempre, as gralhas nos muros grasnaram para os visitantes.

Margery bateu com força no portão. Um rosto apareceu por um breve instante numa seteira da guarita e, um minuto depois, uma sentinela sonolenta abriu a pesada porta de madeira. Depois que o grupo entrou, a porta foi travada com uma barra. Margery se sentiu enfim segura.

Fez seus convidados atravessarem o pátio e os guiou até a capela.

– Daqui a alguns minutos, os criados do castelo lhes trarão desjejum e roupa de cama – disse-lhes. – Vocês podem dormir... o dia e a noite inteiros se assim desejarem. Mas lembrem-se da necessidade de guardar segredo. As pessoas aqui são todas católicas, mas mesmo assim vocês não devem perguntar o nome delas nem lhes revelar o seu. Não façam perguntas sobre onde estão ou quem é o dono do castelo. O que não souberem não poderão revelar... nem mesmo sob tortura.

Eles já tinham ouvido aquilo tudo antes, de Rollo, mas nunca era demais repetir.

No dia seguinte, ela os levaria da capela em duplas e os poria na estrada em

direção a seus diferentes destinos. Dois deles iriam para Exeter, a oeste, dois para Wells, ao norte, dois para Salisbury, a nordeste, e dois para Arundel, a leste. Quando se despedissem de Margery, estariam por sua conta.

Ela saiu da capela e atravessou o pátio até a casa. A chegada dos padres provocara uma explosão de atividade, e os criados estavam acordados e atarefados. Subiu até o quarto dos meninos. Os dois dormiam em camas dispostas lado a lado. Curvou-se acima de Bartlet, agora com 7 anos e grande para a idade, e beijou sua cabeça. Então foi até o pequeno e louro Roger, que ainda não havia completado 2 anos, e beijou sua bochecha macia.

O menino abriu os olhos. Eram castanho-dourados. Os mesmos olhos de Ned.

iii

Sylvie aguardava sua primeira visita a Kingsbridge com grande expectativa. Aquela era a cidade onde o homem que ela amava se formara. Os dois estavam casados fazia menos de um ano, e ela sentia que ainda havia muito a descobrir em relação ao marido. Sabia que ele era corajoso, gentil e inteligente. Conhecia e amava cada centímetro do seu corpo e, quando os dois faziam amor, tinha a sensação de saber tudo o que se passava na cabeça dele. Porém existiam alguns lapsos nas informações de que dispunha, tópicos que ele não costumava mencionar, épocas da vida às quais raramente se referia. Ele falava muito sobre Kingsbridge, e ela estava ansiosa para conhecer a cidade. Mais do que tudo, queria conhecer as pessoas que tinham sido importantes para ele, pessoas que ele amava e odiava, especialmente a mulher do pequeno retrato que ficava junto do espelho de barbear no seu quarto em Paris.

A visita fora provocada por uma correspondência de Barney, irmão de Ned. Ele dizia que tinha voltado para casa, para Kingsbridge, junto com o filho.

– Eu não sabia que ele tinha um filho – disse Ned ao ler a carta na saleta da pequena casa que os dois haviam alugado perto da catedral de St. Paul.

– Ele tem esposa? – perguntou Sylvie.

– Imagino que sim. Sem uma esposa não seria possível ter filhos. Mas é estranho ele não comentar nada sobre ela.

– Você consegue permissão de Walsingham para deixar Londres?

Sylvie sabia que Ned e Walsingham estavam ocupados ampliando o serviço secreto de Elizabeth, fazendo listas de homens que poderiam vir a conspirar para derrubar a rainha e substituí-la por Maria Stuart.

– Sim – respondeu Ned. – Ele vai querer que eu faça perguntas discretas sobre católicos no condado de Shiring, em especial sobre o conde Bart, mas isso eu consigo fazer com facilidade.

Eles foram de Londres até Kingsbridge a cavalo e, para não terem pressa, reservaram cinco dias para a viagem. Sylvie ainda não tinha engravidado, de modo que montar não representava nenhum perigo. Estava decepcionada por levar tanto tempo para conceber, mas felizmente Ned não reclamava.

Sylvie estava acostumada com capitais: vivera em Paris até se casar e, desde que chegara à Inglaterra, o casal morava em Londres. Cidades do interior davam uma sensação de mais segurança, mais tranquilidade, menos frenesi. Ela gostou de Kingsbridge na hora.

Ficou impressionada com o anjo de pedra no alto do pináculo da catedral. Ned lhe contou que, segundo a lenda, o anjo tinha o rosto de Caris, a freira fundadora do hospital. Sylvie imaginou, com certa censura, por que a estátua não fora decapitada assim como todas as outras imagens idólatras de santos e anjos.

– Não alcançam – explicou Ned. – Precisariam construir andaimes.

Ele falava no assunto em tom leve; era um tanto indulgente em relação a isso.

– Mas você deveria subir a torre um dia – falou ele. – A vista da cidade é magnífica.

Kingsbridge fez Sylvie lembrar-se de Ruão, com seu cais na beira do rio e a grande catedral no centro. Ambas tinham o mesmo ar de prosperidade e animação. Pensar em Ruão a fez recordar seu plano de continuar o contrabando de literatura protestante até Paris. Ela recebera uma carta de Nath, encaminhada pela embaixada inglesa. Fora uma missiva entusiasmada: a moça estava prosperando como vendedora clandestina de livros, mas por ora tinha estoque suficiente; escreveria para Sylvie assim que ele começasse a baixar.

Enquanto isso, Sylvie fizera outro plano para ser implementado paralelamente ao primeiro. Em Londres havia milhares de refugiados

huguenotes, muitos com dificuldades para aprender inglês, e ela pensou que poderia lhes vender livros em francês. Como Ned lhe informou que uma estrangeira não teria permissão para abrir uma livraria dentro de Londres, ela vinha procurando um local fora dos muros da cidade, talvez no subúrbio de Southwark, onde muitos dos refugiados viviam.

Sylvie gostou de Barney na hora. A maioria das mulheres gostava, dissera Ned com um sorriso. Barney usava uma calça folgada de marinheiro com sapatos de cadarço apertado e um chapéu de pele. A volumosa barba ruiva cobria a maior parte de seu rosto castigado pelo clima. Ele tinha um sorriso travesso que devia deixar muitas moças de pernas bambas, imaginou Sylvie. Quando eles chegaram à casa em frente à catedral, Barney deu um abraço caloroso em Ned e a beijou com um pouco mais de entusiasmo do que teria sido apropriado.

Tanto Ned quanto Sylvie imaginavam que o filho dele fosse ser um bebê, mas Alfo tinha 9 anos. Usava uma versão em miniatura da roupa de marinheiro de Barney, incluindo o chapéu. O menino tinha pele morena, cabelos encaracolados como os de Barney e os mesmos olhos verdes. Era evidentemente africano e mais evidentemente ainda filho de Barney.

Sylvie se agachou para falar com ele.

– Como você se chama? – perguntou.

– Meu nome é Barnardo Alfonso Willard.

– Nós o chamamos de Alfo – completou Barney.

– Olá, Alfo. Sou sua tia Sylvie – apresentou-se ela.

– Prazer em conhecê-la – disse o menino, formal.

Tinham lhe ensinado bons modos.

– E a mãe dele? – perguntou Ned a Barney.

Barney ficou com os olhos marejados.

– A mulher mais linda que eu já conheci.

– Onde ela está?

– Num cemitério em Espanhola, na Nova Espanha.

– Eu sinto muito, irmão.

– Eileen cuida de mim – disse Alfo.

A casa era mantida pelos Fifes, um casal idoso cuja filha, Eileen, tinha 20 e poucos anos.

Ned sorriu.

– E em breve você vai entrar para a escola de Kingsbridge, como seu pai e eu, e vai aprender a escrever em latim e contar dinheiro.

– Eu não quero ir à escola – disse Alfo. – Quero ser marinheiro, como o capitão.

– Veremos – disse Barney. – Ele sabe que eu sou pai dele, mas a bordo do navio adquiriu o hábito de me chamar de capitão, como os tripulantes – explicou ele a Ned.

No dia seguinte à sua chegada, Ned levou Sylvie para conhecer os Fornerons, a mais importante família huguenote de Kingsbridge, e todos conversaram em francês. O inglês de Sylvie estava melhorando depressa, mas foi um alívio poder relaxar e conversar sem que fosse preciso se esforçar para encontrar as palavras. Os Fornerons tinha uma filha precoce de 10 anos, Valérie, que, para o divertimento de todos, decidiu ensinar a Sylvie algumas expressões úteis em inglês.

Os Fornerons quiseram saber tudo sobre o massacre do dia de São Bartolomeu, que continuava a ser debatido com horror por toda a Europa. Todos que Sylvie encontrava lhe perguntavam a respeito.

No terceiro dia, Sylvie ganhou um presente caro: um corte de tecido da Antuérpia, o bastante para um vestido, dado por Dan Copley, o homem mais rico da cidade. Já havia escutado aquele nome antes: ela e Ned tinham vindo de Paris para Londres em um dos navios de Dan.

– Ele quer cair nas minhas boas graças, só para o caso de algum dia precisar de um favor real – disse Ned.

Dan os visitou no dia seguinte e Sylvie o levou até a saleta da frente, de onde se via a catedral, e lhe serviu vinho e bolos. Dan era um homem gordo e pomposo, e Ned se dirigia a ele num tom seco que não lhe era característico. Depois que ele saiu, Sylvie perguntou ao marido por que ele antipatizava tanto com Dan.

– Ele é um puritano hipócrita – respondeu Ned. – Veste-se de preto e reclama de beijos em peças de teatro, depois engana as pessoas nos negócios.

Uma lacuna mais importante na história da vida de Ned foi preenchida quando eles foram convidados para almoçar na casa de lady Susannah Twyford,

uma voluptuosa mulher de 50 e poucos anos. Sylvie levou cerca de um minuto para entender que Susannah já tinha sido amante de Ned. A mulher conversava com ele com uma intimidade tão espontânea que só podia advir de um relacionamento sexual. Ned parecia feliz e relaxado na sua companhia. Sylvie ficou incomodada. Sabia que Ned não era virgem quando se casaram, mas vê-lo sorrir com carinho para uma antiga paixão era um pouco difícil de suportar.

Susannah decerto percebeu a ansiedade de Sylvie, pois sentou ao seu lado e segurou suas duas mãos.

– Ned está muito feliz por ter se casado com você, Sylvie, e posso ver por quê – assegurou ela. – Sempre torci para que ele encontrasse uma mulher corajosa e inteligente, além de linda. Ele é um homem especial e merece uma mulher especial.

– Ele parece gostar muito de você.

– Sim – reconheceu Susannah. – E eu dele. Mas por você ele está apaixonado, e isso é bem diferente. Espero que você e eu possamos ser amigas.

– Também espero que sim – respondeu Sylvie. – Quando conheci Ned, ele tinha 32 anos, de modo que eu seria tola de imaginar que era a primeira mulher por quem ele se apaixonava.

– Mas é engraçado como nós às vezes imaginamos coisas tolas quando estamos apaixonados.

Sylvie percebeu que aquela mulher era sábia e gentil e ficou mais tranquila.

Entrou na catedral pela primeira vez no domingo de Pentecostes, para o culto de celebração dessa data.

– Que maravilha – comentou quando percorriam a nave.

– É uma igreja magnífica – concordou Ned. – Nunca me canso de estudá-la.

– É, sim, mas não foi isso que eu quis dizer. Não há estátuas de mármore, nem quadros berrantes ou caixas incrustadas de pedras preciosas cheias de ossos antigos.

– Suas igrejas e salões de reunião huguenotes também são assim.

Sylvie passou para o francês de modo a se expressar melhor.

– Mas isto aqui é uma catedral! É imensa, linda, e tem centenas de anos, como as igrejas devem ter, e ainda é protestante! Na França, um culto huguenote é sempre uma coisa escusa em algum espaço improvisado, que nunca parece de

fato adequado. Ter um culto protestante num lugar em que as pessoas veneram a Deus há séculos me deixa muito feliz.

– Que bom – disse Ned. – Você passou por mais infelicidade do que muita gente. Tem direito a um pouco de alegria.

Eles se aproximaram de um homem alto mais ou menos da idade de Sylvie, com o rosto bonito avermelhado por causa da bebida e o físico robusto vestido com um caro casaco amarelo.

– Sylvie, este é Bart, conde de Shiring.

Sylvie se lembrou de que Ned precisava verificar os católicos locais, entre os quais Bart era o mais proeminente. Fez uma mesura.

Bart sorriu, inclinou a cabeça num leve meneio e a encarou com ar brincalhão.

– Que astuto você, Ned, voltar para casa com uma bela rapariga francesa – disse ele.

Sylvie tinha noção de que a palavra “rapariga” não era exatamente educada, mas decidiu ignorar isso. O conde estava acompanhado por um menininho vestido com roupas caras, e ela perguntou:

– E este rapaz, quem é?

– Meu filho Bartlet, o visconde – respondeu Bart. – Ele acabou de fazer 9 anos. Aperte a mão dela, Bartlet, e pergunte como vai.

O menino obedeceu. Apesar de pequeno, tinha a mesma presença física vigorosa do pai. Sylvie sorriu ao ver uma espada de madeira no seu cinto.

– E esta é a condessa Margery – apresentou Ned.

Sylvie ergueu os olhos e deparou, espantada, com a mulher do pequeno retrato. A segunda surpresa foi perceber que na vida real ela era muito mais bonita. Embora mais velha do que no retrato, com algumas finas rugas ao redor dos olhos e da boca que fizeram Sylvie avaliar sua idade em 30 anos, a mulher de carne e osso tinha um ar de vivacidade e um carisma que lembravam a atmosfera carregada que precede um temporal. Tinha uma linda cabeleira encaracolada, domada de modo imperfeito, e usava um pequeno chapéu de lado. Não é de espantar que ele tenha amado você, pensou Sylvie.

Margery agradeceu a mesura de Sylvie enquanto a estudava com interesse; então olhou para Ned, e Sylvie viu amor nos seus olhos. Margery irradiava

felicidade ao cumprimentá-lo. Você não o esqueceu, pensou Sylvie. Nunca vai esquecê-lo. Ele é o amor da sua vida.

Olhou para Ned. Ele também parecia feliz. Margery tinha um grande espaço no seu coração, disso não restava dúvida.

Sylvie ficou consternada. Susannah Twyford fora um pouco surpreendente, mas a mulher mais velha sentia apenas carinho por Ned. O sentimento de Margery era bem mais forte e deixou Sylvie apreensiva. Ela quer o meu marido, pensou.

Bom, mas não vai ter.

Foi então que reparou num menino de seus 2 anos, meio escondido pela saia volumosa do vestido vermelho de Margery. A condessa acompanhou o olhar de Sylvie e disse:

– E este é meu segundo filho, Roger.

Abaixou-se e pegou a criança no colo com um gesto ágil.

– Roger, este é sir Ned Willard – falou. – Ele é uma pessoa muito importante que trabalha para a rainha.

Roger apontou para Sylvie.

– É ela a rainha? – perguntou.

Todos riram.

– Ela é a *minha* rainha – disse Ned.

Obrigada, Ned, pensou Sylvie.

– Seu irmão está aqui? – perguntou ele a Margery.

– Não temos visto Rollo ultimamente – respondeu ela.

– Então onde ele está?

– Tornou-se conselheiro do conde de Tyne.

– Estou certo de que a formação jurídica e a experiência profissional dele o tornam muito útil ao conde. Ele mora em Tyne Castle?

– Sua base é lá, mas o conde tem propriedades por todo o norte da Inglaterra e, pelo que entendi, Rollo viaja muito para ele.

Ned continuava verificando os católicos da região, mas Sylvie olhava para o menino Roger. Algo nele a intrigava. Dali a um minuto, ela entendeu: o menino lhe era familiar. Ele se parecia com Ned.

Sylvie olhou para o marido e o viu estudando o rosto de Roger com a testa

levemente franzida. Ele também notara alguma coisa. Sylvie conseguia interpretar suas expressões sem esforço e viu que ele ainda não tinha entendido o que o intrigava. Os homens não eram tão rápidos quanto as mulheres para perceber semelhanças. Sylvie cruzou olhares com Margery e as duas se compreenderam na hora, mas Ned estava apenas intrigado e o conde Bart, alheio.

O culto começou com um hino, e não houve mais conversas até o final da cerimônia. Depois disso eles receberam convidados para almoçar e, em meio a uma coisa e outra, Sylvie só ficou sozinha com Ned na hora de dormir.

Era primavera, e ambos se deitaram nus. Sylvie tocou os pelos do peito de Ned.

– Margery ama você – falou.

– Ela é casada com o conde.

– Isso não a impede.

– Como você pode dizer isso?

– Porque ela já se deitou com você.

Ned fez uma cara contrariada e não disse nada.

– Deve ter sido uns três anos atrás, logo antes de você ir para Paris – completou Sylvie.

– Como você sabe?

– Porque Roger tem 2 anos.

– Ah. Você reparou.

– Ele tem os seus olhos. – Sylvie o encarou. – Esse castanho-dourado maravilhoso.

– Você não está brava?

– Quando me casei, sabia que não era a primeira mulher que você tinha amado. Só que...

– Continue.

– Só que eu não sabia que você talvez ainda a amasse ou que ela tinha tido um filho seu.

Ned segurou as duas mãos de Sylvie.

– Não posso dizer a você que sou indiferente ou que não sinto nada por ela – confessou. – Mas, por favor, entenda que é só você que eu quero.

Era a coisa certa a dizer, mas Sylvie não teve certeza se acreditava. Tudo o que sabia era que o amava e não deixaria ninguém levá-lo embora.

– Faça amor comigo – pediu.

Ned a beijou.

– Nossa, você só me pede coisas difíceis! – brincou ele.

Então a beijou outra vez.

Mas aquilo não bastava. Ela queria ter algo com ele que nem Susannah Twyford nem Margery Shiring tivessem experimentado.

– Espere – falou, pensativa. – Tem alguma coisa que você sempre tenha desejado fazer com uma mulher? – Era a primeira vez que ela falava assim com ele... ou com qualquer outra pessoa. – Algo que o deixa excitado quando você imagina, mas que nunca tenha feito?

Sylvie prendeu a respiração. O que ele iria dizer?

Ned adquiriu um ar pensativo e um pouco envergonhado.

– Tem – disse ela, triunfante. – Estou vendo que tem.

Ficou contente por saber interpretar tão facilmente as expressões dele.

– O que é?

– Estou com vergonha de dizer.

Agora ele exibia um ar tímido. Era encantador. Sylvie se remexeu para chegar mais perto dele e pressionou o corpo contra o seu. Baixinho, falou:

– Então sussurre.

Ele sussurrou no seu ouvido.

Ela o encarou sorrindo, um pouco surpresa, mas excitada também.

– É mesmo?

Ned balançou a cabeça.

– Não, esqueça. Eu não devia ter falado.

Sylvie estava animada, e pôde ver que ele também.

– Não sei – falou. – Mas nós poderíamos tentar.

Então eles tentaram.

PARTE QUATRO
1583 A 1589

CAPÍTULO 22

Ned estudou o rosto do filho. Sentia o coração tão cheio de amor que mal conseguia falar. Roger era quase um rapaz; começava a ficar mais alto, mas ainda tinha as faces lisas e uma voz aguda. Tinha o cabelo escuro encaracolado e o ar travesso de Margery, mas os olhos castanho-dourados de Ned.

Os dois estavam na saleta da casa em frente à catedral. O conde Bart fora a Kingsbridge para as sessões de primavera do tribunal regional e levava consigo os dois meninos que acreditava serem seus filhos: Bartlet, agora com 18 anos, e Roger, de 12. Ned também estava ali para as sessões do tribunal: ele agora era o representante de Kingsbridge no Parlamento.

Ned não tinha outros filhos. Ele e Sylvie vinham fazendo amor havia mais de uma década com um fervor que praticamente não arrefecera, mas ela nunca engravidara. Isso era motivo de tristeza para ambos e tornava Roger dolorosamente precioso para ele.

Ned também estava recordando a própria juventude. Sei o que você tem pela frente, pensou ao olhar para o filho, e gostaria de poder lhe contar tudo e facilitar as coisas para você. Mas, quando eu tinha a sua idade, não acreditava quando os mais velhos diziam saber como era a vida dos mais novos e não imagino que você vá acreditar.

A atitude de Roger com Ned era bastante casual. Ele era um amigo de sua mãe, e o menino o considerava como a um tio. Ned só podia demonstrar seu afeto escutando-o com atenção, levando-o a sério e respondendo com cuidado às suas perguntas. Talvez fosse por isso que Roger de vez em quando confiasse nele para assuntos pessoais... algo que para Ned era motivo de grande alegria.

– Sir Ned, o senhor conhece a rainha – falou Roger. – Por que ela odeia os católicos?

Por essa Ned não esperava, embora talvez devesse. Roger sabia que os pais eram católicos num país protestante e acabara de chegar a uma idade suficiente

para se perguntar por quê. Tentou ganhar tempo.

– A rainha não odeia os católicos – falou.

– Ela obriga meu pai a pagar uma multa por não frequentar a igreja.

Roger tinha o raciocínio rápido, constatou Ned, e a leve onda de prazer que sentiu foi acompanhada por uma dolorosa pontada de arrependimento por ter de esconder de todos – dele em especial – o orgulho que sentia.

Optou por dizer a Roger o que dizia a todo mundo:

– Quando era jovem, a princesa Elizabeth disse que, caso se tornasse rainha, nenhum inglês morreria por causa da religião.

– Ela não manteve essa promessa – rebateu Roger depressa.

– Ela tentou.

Ned buscou palavras capazes de explicar as complexidades da política a um menino de 12 anos.

– Por um lado, há puritanos no Parlamento lhe dizendo todos os dias que ela é branda demais e que deveria queimar católicos na fogueira como a rainha anterior, Maria Tudor, queimava protestantes. Por outro lado, ela precisa lidar com católicos traidores como o duque de Norfolk, que querem matá-la.

Roger seguiu argumentando com teimosia:

– Padres são executados só por trazerem pessoas de volta à fé católica, não são?

Ned percebeu que ele vinha acumulando aquelas questões. Provavelmente tinha medo de confrontar os pais em relação àqueles temas. Ficou feliz com o fato de o menino confiar nele o bastante para compartilhar essas preocupações. Mas por que Roger estava tão preocupado? Imaginou que Stephen Lincoln ainda morasse de maneira mais ou menos clandestina em New Castle. Ele devia ser o preceptor de Bartlet e Roger e, quase com certeza, rezava a santa missa regularmente para a família. Roger devia ter medo de que o professor pudesse ser descoberto e executado.

Agora existiam mais padres assim do que antes. Stephen era um dos antigos, que resistiram após a revolução religiosa da rainha Elizabeth, mas agora havia dezenas de novos padres, centenas talvez. Ned e Walsingham tinham capturado dezessete deles. Todos foram executados por traição.

Ned interrogara a maioria antes da morte. Não descobrira tanto quanto

gostaria, em parte porque eles eram treinados para resistir ao interrogatório, mas sobretudo porque não sabiam grande coisa. Seu líder trabalhava sob o pseudônimo Jean Langlais e lhes dava apenas o mínimo necessário de informações sobre a operação da qual faziam parte. Eles não conheciam o ponto no litoral onde desembarcavam nem o nome das misteriosas pessoas que os recebiam e os punham na estrada rumo a seus destinos.

– Os padres são treinados no estrangeiro e trazidos ilegalmente até a Inglaterra – disse Ned. – Prestam obediência ao papa, não à nossa rainha. Alguns pertencem a um grupo católico fervoroso chamado jesuíta. Elizabeth teme que eles possam conspirar para derrubá-la.

– E eles conspiram? – indagou Roger.

Se estivesse argumentando com um adulto, Ned teria reagido de forma mais agressiva àquelas perguntas. Talvez zombasse da ingenuidade de alguém que imaginasse os padres clandestinos inocentes de traição. Mas não queria ganhar uma discussão com o próprio filho. Só queria que o menino soubesse a verdade.

Os padres todos acreditavam que Elizabeth era ilegítima e que a verdadeira rainha da Inglaterra era Maria Stuart, rainha da Escócia; no entanto, nenhum deles chegara a fazer nada a respeito... pelo menos até ali. Não haviam tentado entrar em contato com Maria Stuart na prisão, nem reunido grupos de nobres católicos descontentes, nem conspirado para assassinar Elizabeth.

– Não – disse ele a Roger. – Até onde eu sei, eles não conspiram contra Elizabeth.

– Então são executados pelo simples fato de serem padres católicos.

– De um ponto de vista moral, você tem razão – concordou Ned. – E para mim é uma grande tristeza Elizabeth não ter sido capaz de manter sua promessa da juventude. Politicamente, porém, ela não pode tolerar, dentro do seu reino, uma rede de homens leais a um senhor estrangeiro, o papa, que se declarou inimigo dela. Nenhum monarca toleraria isso.

– E quem esconde um padre católico em casa é condenado à morte.

Então era esse o pensamento no cerne da preocupação de Roger. Se Stephen Lincoln fosse surpreendido rezando a santa missa, ou mesmo se ficasse provado que ele guardava objetos religiosos em New Castle, tanto Bart quanto Margery poderiam ser executados.

Ned também temia por Margery. Talvez não conseguisse protegê-la da ira da lei.

– Eu acredito que todos nós devemos venerar a Deus da forma que julgamos correta, sem nos preocuparmos com o que os outros fazem – falou. – Não odeio os católicos. Sou amigo da sua mãe... e do seu pai... desde que me conheço por gente. Não acho que cristãos deveriam matar uns aos outros por questões de teologia.

– Não são só os católicos que queimam pessoas. Os protestantes de Genebra queimaram Michel Servet.

Ned pensou em dizer que o nome de Servet era conhecido na Europa inteira justamente por ser tão incomum que protestantes queimassem pessoas; no entanto, decidiu não adotar essa linha de argumentação com Roger.

– Isso é verdade, e irá macular o nome de João Calvino até o dia do Juízo Final – arrematou. – Mas existem algumas pessoas que lutam pela tolerância, de ambos os lados. A rainha Catarina, mãe do rei da França, é uma delas, e é católica. A rainha Elizabeth é outra.

– Mas as duas matam gente!

– Nenhuma das duas é santa. Tem uma coisa que você precisa tentar entender, Roger. Na política não existem santos. Mas pessoas imperfeitas também podem mudar o mundo para melhor.

Ned tinha dado o melhor de si, mas Roger exibia um ar insatisfeito. O menino não queria escutar que a vida era complicada. Tinha 12 anos; precisava de certezas absolutas. Teria de aprender devagar, como todo mundo.

A conversa foi interrompida quando Alfo entrou. Roger se calou na mesma hora e, alguns instantes depois, pediu licença educadamente e se retirou.

– O que ele queria? – indagou Alfo a Ned.

– Ele está com umas questões típicas de jovens. E me trata como um inofensivo amigo da família. Como anda a escola?

Alfo sentou. Tinha agora 19 anos, braços e pernas compridos e os modos descontraídos de Barney.

– A verdade é que um ano atrás a escola já tinha me ensinado tudo o que podia. Agora eu passo metade do meu tempo lendo e a outra metade ensinando aos mais novos.

– Ah, é?

Aquele devia ser o dia de Ned aconselhar os jovens. Tinha apenas 43 anos, pouca idade para uma responsabilidade assim.

– Talvez você devesse ir para Oxford estudar na universidade. Poderia morar no Kingsbridge College.

Ned era apenas parcialmente a favor dessa ideia. Ele mesmo nunca estudara numa universidade e não podia dizer que houvesse sofrido muito por causa disso. Era tão inteligente quanto a maioria dos membros do clero que conhecera. Por outro lado, às vezes notava que homens educados na universidade eram mais ágeis do que ele nas argumentações e sabia que haviam aprendido isso nos debates estudantis.

– Não tenho vocação para o clero.

Ned sorriu. Alfo gostava de garotas... e elas também gostavam dele. herdara o charme natural de Barney. As moças tímidas se ressabiavam com seu aspecto africano, mas as mais impetuosas ficavam intrigadas.

Na opinião de Ned, os ingleses não tinham nenhuma lógica em relação aos estrangeiros: detestavam os turcos e achavam os judeus uma gente má, mas viam os africanos como seres exóticos e inofensivos. Homens como Alfo que por algum motivo fossem parar na Inglaterra costumavam conseguir casamento dentro da comunidade, onde seus traços físicos acabavam desaparecendo da família ao longo de três ou quatro gerações.

– Ir à universidade não significa que você seja obrigado a entrar para o clero. Mas sinto que você tem outra coisa em mente.

– Minha avó Alice sonhava transformar o velho mosteiro em um mercado coberto.

– É verdade.

Já fazia muito tempo, mas Ned não se esquecera do dia em que visitara as ruínas com a mãe e imaginara as barracas montadas no claustro.

– Continua sendo uma boa ideia – falou Ned.

– Eu poderia usar o dinheiro do capitão para comprar aquilo lá?

Ned pensou um pouco. Enquanto Barney estivesse no mar, o responsável pela sua riqueza era o irmão. Ned guardava boa parte em espécie, mas também fizera alguns investimentos, como um pomar em Kingsbridge e uma leiteria em

Londres, e vinha ganhando dinheiro para o irmão.

– Talvez sim, se o preço for justo – respondeu, cauteloso.

– Posso consultar o capítulo?

– Pesquise um pouco primeiro. Pergunte sobre vendas recentes de terrenos próprios para a construção na cidade... e o preço por hectare.

– Farei isso – disse Alfo, animado.

– Seja discreto. Não revele às pessoas o que está planejando. Finja que lhe pedi que procurasse um terreno para eu construir. Em seguida conversaremos sobre quanto oferecer pelo mosteiro.

Eileen Fife entrou na saleta com um embrulho na mão. Sorriu com afeto para Alfo e entregou o pacote a Ned.

– Um mensageiro trouxe isto de Londres para o senhor, sir Ned. Ele está na cozinha, se quiser lhe falar.

– Ofereça algo para ele comer – pediu Ned.

– Já ofereci – respondeu Eileen, indignada por Ned pensar que ela poderia ter esquecido essa cortesia.

– É claro que já, me perdoe.

Ned abriu o embrulho. Dentro havia uma carta para Sylvie, endereçada na caligrafia infantil de Nath e sem dúvida encaminhada pela embaixada inglesa em Paris. Provavelmente devia ser um pedido de mais livros, coisa que acontecera três vezes na última década.

Pelas cartas de Nath e pelas visitas de Sylvie a Paris, Ned sabia que a moça assumira o papel da esposa dele em mais do que a venda de livros. Ela ainda trabalhava como criada para a família de Pierre Aumande de Guise e continuava a vigiá-lo e a passar informações para os protestantes da capital francesa. Pierre se mudara para o palácio dos Guises junto com Odette, seu filho, Alain, agora um estudante de 22 anos, e Nath. Isso dava à criada mais oportunidades de espionagem, sobretudo de católicos ingleses em Paris. Nath também convertera Alain ao protestantismo sem o conhecimento de Odette ou de Pierre. Todas as informações obtidas por ela chegavam a Sylvie em cartas.

Ned a pôs de lado para a esposa abrir.

A outra carta era para ele. Fora escrita numa caligrafia nítida e inclinada para a direita, obra de um homem metódico num momento de pressa, e Ned

reconheceu a letra de seu chefe, sir Francis Walsingham. No entanto, não conseguiu ler a carta na hora, pois ela estava codificada.

– Preciso de tempo para redigir uma resposta – falou para Eileen. – Providencie uma cama para o mensageiro passar a noite.

Alfo se levantou.

– Vou começar a trabalhar no nosso novo projeto! Obrigado, tio Ned.

Ned começou a decodificar a carta. Havia apenas três frases. Era tentador escrever o texto oculto logo acima da mensagem codificada, mas essa prática era estritamente proibida. Se uma carta codificada com a respectiva solução fosse parar nas mãos erradas, o inimigo teria uma chave para todas as outras mensagens escritas no mesmo código. Os decodificadores de Ned, que trabalhavam com a correspondência interceptada nas embaixadas estrangeiras em Londres, haviam se beneficiado mais de uma vez de tal descuido por parte das pessoas que espionavam. Ned escreveu a mensagem decodificada com um marcador de ferro numa ardósia que podia ser apagada usando um pano úmido.

Sabia o código de cabeça, por isso conseguiu decifrar sem demora a primeira frase: *Notícias de Paris*.

Sua pulsação acelerou. Ele e Walsingham estavam ansiosos para descobrir o que os franceses fariam a seguir. Durante as décadas de 1560 e 1570, a rainha Elizabeth conseguira conter os inimigos fingindo considerar propostas de casamento de príncipes católicos. Sua última vítima fora Hércules Francisco, irmão do rei Henrique III da França. Elizabeth estava prestes a completar 50 anos, mas ainda podia fascinar os homens e enfeitiçara Hércules Francisco apesar de ele ser um rapaz de 20 e poucos anos. Chamava-o de “meu pequeno sapo”. Havia brincado com ele por três anos até que o homem por fim chegou à mesma conclusão de todos os pretendentes anteriores: Elizabeth não tinha a intenção de se casar com ninguém. Mas Ned sentia que aquela era a última vez que ela havia jogado a carta do casamento e temia que seus inimigos pudessem agora fazer o que vinham ameaçando havia tanto tempo: uma tentativa séria de se livrar dela.

Começava a decodificar a segunda frase quando a porta se abriu de supetão e Margery irrompeu saleta adentro.

– Como você se atreve? – perguntou ela. – Como se atreve?

Ned ficou estarelecido. Os ataques de fúria de Margery eram muito temidos por seus empregados, mas ele jamais passara por um. O relacionamento entre os dois era amigável a ponto de ser afetuoso.

– Que diabo eu fiz? – indagou ele.

– Como se atreve a dizer heresias protestantes para o meu filho?

Ned franziu o cenho.

– Roger me fez perguntas – falou, contendo a indignação. – Tentei responder de forma honesta.

– Eu crio meus filhos na fé dos antepassados e não vou permitir que sejam corrompidos por você.

– Muito bem – disse Ned, com alguma irritação. – Mas mais cedo ou mais tarde alguém vai dizer a eles que existe um ponto de vista alternativo. Fique grata por ter sido eu, não algum puritano como Dan Copley.

Embora estivesse contrariado, não pôde deixar de notar como ela estava atraente, agitando os cabelos abundantes e com os olhos chispando de raiva. Ela era mais bonita aos 40 anos do que tinha sido aos 14, quando ele a beijava atrás do túmulo do prior Philip.

– Eles iriam reconhecer Copley como o blasfemo idiota que ele é – disse ela.

– Você posa como um homem sensato enquanto envenena a mente deles.

– Ah! Entendi. Não é ao meu protestantismo que você se opõe, mas à minha sensatez. Não quer que seus filhos saibam que é possível debater religião de modo tranquilo e discordar sem ter de assassinar um ao outro.

Mesmo enquanto discutiam, Ned compreendeu de forma difusa que ela na verdade não pensava que ele estivesse envenenando a cabeça de Roger. Na verdade, vociferava contra o destino que a separara dele e impedira que criassem o filho juntos.

Mas ela parecia um cavalo no ataque e era impossível contê-la.

– Ah, como você é inteligente, não é? – esbravejou.

– Não, mas não finjo que sou burro, que é o que você está fazendo agora.

– Não vim aqui discutir. Estou lhe dizendo para não falar com meus filhos.

Ned baixou a voz:

– Roger também é meu.

– Ele não deve ser obrigado a sofrer pelos meus pecados.

– Então não imponha a sua religião a ele. Diga-lhe no que você acredita e reconheça que homens bons podem discordar. Ele a respeitará mais por isso.

– Não se atreva a me dizer como criar meus filhos.

– Então não me diga o que posso e não posso dizer ao meu.

Margery foi até a porta.

– Eu o mandaria para o inferno, mas você já está a caminho de lá.

Ela saiu da saleta e, um segundo depois, ele ouviu a porta da frente bater. Olhou pela janela e, pela primeira vez, não admirou a beleza da catedral. Lamentou ter brigado com Margery.

Em uma coisa os dois concordavam: jamais iriam contar a Roger a verdade sobre suas origens. Ambos sentiam que o menino ficaria profundamente perturbado, ou mesmo o homem, caso ele fosse mais velho, se descobrisse que tinha sido tão enganado durante toda a vida. Ned jamais teria a alegria de reconhecer o único filho, mas precisava fazer esse sacrifício pelo bem do menino. O bem-estar de Roger era mais importante do que o seu; era isso que significava ser pai.

Ele baixou os olhos para a carta e transcreveu a segunda frase: *O cardeal Romero voltou, trazendo junto a amante*. Aquilo era importante. Romero era um emissário informal do rei da Espanha. Ele devia estar tramando alguma coisa com os católicos radicais franceses. E sua amante Jerónima Ruiz dera informações vitais a Ned antes do massacre do dia de São Bartolomeu. Talvez estivesse disposta a revelar o que Romero fazia agora.

Enquanto ele decodificava a terceira frase, Sylvie entrou na saleta. Ned lhe entregou a carta que havia chegado junto com a sua. Ela não a abriu na hora.

– Ouvi um pouco da sua conversa com Margery – disse ela. – As partes mais altas. Não soou nada agradável.

Ned segurou sua mão, pouco à vontade.

– Não tentei convencer Roger de nada. Só quis responder com honestidade às perguntas dele.

– Eu sei.

– Sinto muito se você ficou constrangida com minha antiga paixão.

– Não estou constrangida – falou Sylvie. – Há tempos me dei conta de que você ama nós duas.

Aquilo deixou Ned espantado. Era verdade, mas ele nunca admitira.

Sylvie leu seus pensamentos.

– Não se pode esconder esse tipo de coisa de uma esposa – afirmou ela e abriu a carta.

Ned tornou a olhar para a sua. Ainda com as palavras de Sylvie na cabeça, decodificou a terceira frase. *Jerónima só aceita falar com você.*

Ergueu os olhos para Sylvie e as palavras certas lhe ocorreram.

– Contanto que você saiba que eu a amo.

– Sim, eu sei. A carta é de Nath. Ela precisa de mais livros. Tenho de ir a Paris.

– Eu também – falou Ned.

ii

Sylvie ainda não subira a torre da catedral para apreciar a vista. Depois do culto de domingo, com um sol de primavera a brilhar pelos vitrais coloridos, procurou a escada que levava até lá. Na parede do transepto sul ficava uma portinha que dava para uma escada em espiral. Ela se perguntava se deveria pedir permissão ou simplesmente seguir pela porta quando Margery a abordou.

– Eu não tinha o direito de invadir sua casa e fazer uma cena como aquela – disse Margery. – Estou envergonhada.

Sylvie fechou a portinha. Aquilo era importante, e a vista da torre estaria sempre lá. Sentia que a sortuda era ela e que, portanto, deveria ser gentil com Margery.

– Entendo por que a senhora ficou tão chateada – falou. – Pelo menos acho que entendo. E não a culpo, não mesmo.

– O que disse? – falou Margery, surpresa.

– A senhora e Ned deveriam ter podido criar Roger juntos. Só que não podem, e isso parte seu coração.

Margery estava estupefata.

– Ned jurou jamais contar a ninguém.

– Ele não contou. Eu adivinhei, e ele não conseguiu negar. Mas o segredo está seguro comigo.

– Bart me mataria se descobrisse.

– Ele não vai descobrir.

– Obrigada.

Margery estava com lágrimas nos olhos.

– Se Ned tivesse desposado a senhora, teria tido uma casa cheia de crianças.

Mas pelo visto eu não consigo conceber. E não é por falta de tentativa.

Sylvie não sabia por que começara uma conversa tão franca com a mulher que amava seu marido. Simplesmente parecia inútil fingir.

– Sinto muito ouvir isso... embora eu tivesse suposto.

– Se eu morrer antes de Ned e Bart antes da senhora, deveria se casar com ele.

– Como pode dizer uma coisa dessas?

– Eu vou olhar lá de cima e abençoar seu casamento.

– Isso não vai acontecer... mas obrigada por suas palavras. A senhora é uma mulher boa.

– A senhora também – retribuiu Sylvie e sorriu. – Que sorte a dele, não?

– De Ned?

– Por ter o amor de nós duas.

– Não sei – disse Margery. – Será?

iii

Rollo ficou impressionado com o palácio dos Guises. Era maior do que o Louvre. Com seus pátios e jardins, ocupava pelo menos 1 hectare. Vivia lotado de criados, soldados, parentes distantes e sanguessugas, todos alimentados durante o dia e alojados durante a noite. A ala dos estábulos sozinha era maior do que a casa inteira que o pai de Rollo construía em Kingsbridge no auge de sua prosperidade.

Ele foi convidado a ir lá em junho de 1583, para um encontro com o duque de Guise.

O duque Francisco, Balafre, falecera havia tempos, bem como o cardeal Carlos, seu irmão. Henrique, filho de Francisco, agora com 32 anos, era o atual duque. Rollo o estudou, fascinado. Por uma coincidência que a maioria dos

franceses considerava obra divina, Henrique se ferira no rosto igualzinho ao pai. Francisco fora desfigurado por uma lança, enquanto Henrique levava um tiro de arcabuz, mas ambos haviam ficado com cicatrizes. Agora Henrique também respondia pelo apelido Balafre.

O notoriamente astuto cardeal Carlos fora substituído no conselho dos Guises por Pierre Aumande de Guise, o parente distante de origem humilde que fora o protegido de Carlos. Pierre era patrono da Faculdade Inglesa e fora ele quem dera a Rollo o pseudônimo Jean Langlais, nome pelo qual o inglês era conhecido em seu trabalho secreto.

Rollo encontrou o duque num cômodo pequeno, porém opulento, com paredes cobertas por quadros de cenas bíblicas nos quais muitos dos homens e mulheres apareciam nus. Aquele recinto tinha uma atmosfera de decadência que deixou Rollo desconfortável.

Ele ficou lisonjeado, mas um pouco intimidado, com o alto status dos outros presentes. O cardeal Romero estava ali representando o rei da Espanha e Giovanni Castelli, o papa. Claude Matthieu era o provincial dos jesuítas na França. Aqueles homens eram a nata entre os cristãos ortodoxos, e ele ficou admirado por estar na companhia deles.

Pierre se sentava ao lado do duque Henrique. Sua doença de pele havia piorado ao longo dos anos. Agora, além dos cantos dos olhos e da boca, as mãos e o pescoço também exibiam placas vermelhas descamadas e ele não parava de se coçar.

Três empregados dos Guises serviram vinho e doces enquanto as figuras importantes se acomodavam, então foram se postar junto à porta para aguardar novas ordens. Rollo supôs que eles fossem de total confiança, mas mesmo assim os teria feito aguardar do lado de fora. Manter segredos havia se tornado uma obsessão. A única pessoa naquele recinto que conhecia seu verdadeiro nome era Pierre. Na Inglaterra acontecia o contrário: ninguém sabia que Rollo Fitzgerald era Jean Langlais, nem mesmo Margery. Teoricamente, Rollo trabalhava para o conde de Tyne, um católico tímido, devoto porém temeroso demais para participar de conspirações. O conde lhe pagava um salário, concedia-lhe licenças de duração indefinida e não fazia perguntas.

O duque Henrique iniciou o debate com uma afirmação que deixou Rollo

empolgado:

– Estamos aqui para tratar da invasão à Inglaterra.

Aquele era o seu sonho. O trabalho que ele vinha executando ao longo dos últimos dez anos – levar padres católicos de forma clandestina até a Inglaterra – era importante, mas paliativo: mantinha viva a verdadeira fé, mas nada fazia para mudar a situação. Seu verdadeiro valor era como preparação para aquele momento. Uma invasão liderada pelo duque Henrique poderia fazer com que o país retornasse ao catolicismo e os Fitzgeralds tivessem de volta sua posição legítima na elite governante.

Ele imaginou a coisa toda: a frota invasora com seus estandartes ao vento; os homens de armadura invadindo as praias; a entrada triunfal em Londres, saudada pelas multidões; a coroação de Maria Stuart; e ele próprio, trajando vestes de bispo, celebrando a santa missa na catedral de Kingsbridge.

Pelas conversas que tivera com Pierre, Rollo entendia que a rainha Elizabeth era um grande estorvo para os Guises. Toda vez que os católicos mais radicais conseguiam a liderança na França, hordas de huguenotes buscavam asilo na Inglaterra, onde eram bem-recebidos devido às suas habilidades como artesãos e empreendedores. Ao prosperarem lá, eles mandavam dinheiro para os amigos franceses na terra natal. Elizabeth também interferia nos Países Baixos espanhóis, permitindo a voluntários ingleses irem para lá lutar ao lado dos rebeldes.

Mas Henrique tinha outra motivação.

– É inaceitável que Elizabeth, declarada ilegítima pelo papa, governe a Inglaterra e mantenha a verdadeira rainha, Maria Stuart, na prisão – disse ele.

Maria Stuart, rainha da Escócia, era prima dele. Caso viesse a se tornar rainha da Inglaterra, os Guises seriam a família mais importante de toda a Europa. Sem dúvida era aquilo que movia Henrique e Pierre.

Rollo experimentou um instante de dúvida em relação ao fato de seu país ser dominado por uma família estrangeira. No entanto, era um preço pequeno a pagar pelo retorno à verdadeira fé.

– Eu vejo a invasão como um garfo de dois dentes – disse Henrique. – Uma força de 12 mil homens irá desembarcar num porto da costa leste, reunir os nobres católicos da região e assumir o controle do norte do país. Uma segunda

força, quem sabe menor, irá desembarcar no litoral sul e lá também agrupará os católicos para assumir o controle. Ambos os grupos, abastecidos e reforçados por partidários ingleses, marcharão rumo a Londres.

– Muito bem, mas quem vai pagar por isso? – quis saber o líder jesuíta.

Quem respondeu foi o cardeal Romero:

– O rei da Espanha prometeu custear metade dos gastos. Filipe está farto de piratas ingleses atacando seus galeões e roubando cargas de ouro e prata da Nova Espanha.

– E a outra metade?

– Acredito que o papa vá contribuir, principalmente se lhe mostrarem um plano de guerra possível – falou Castelli.

Rollo sabia que reis e papas eram mais propensos a fazer promessas do que a dar dinheiro. No entanto, no presente momento o dinheiro não tinha tanta importância. O duque Henrique acabara de herdar meio milhão de libras da avó, de modo que poderia arcar com parte do custo ele próprio se fosse preciso.

– A força invasora precisará de mapas dos portos adequados para o desembarque – voltou a se pronunciar o duque.

Rollo se deu conta de que Pierre coreografara aquele encontro. Ele já sabia a resposta a todas as perguntas. O objetivo era cada participante saber que todos os outros estavam dispostos a desempenhar seu papel.

– Eu consigo os mapas – garantiu Rollo.

Henrique olhou para ele.

– Sozinho?

– Não, duque. Sozinho, não. Tenho uma grande rede de católicos ricos e poderosos na Inglaterra.

A rede era de Margery, não dele, mas ninguém ali percebia isso. E Rollo sempre insistira em saber para onde os padres eram mandados, sob o pretexto de garantir que fossem compatíveis com seus protetores.

– O senhor pode confiar nessa gente? – indagou Henrique.

– Vossa Graça, eles não são apenas católicos. São homens que já estão arriscando a pena de morte por abrigar os padres que venho levando para a Inglaterra nos últimos dez anos. São de total confiança.

O duque pareceu impressionado.

– Entendo.

– Eles não vão apenas fornecer mapas: vão também formar o núcleo do levante que irá apoiar a invasão.

– Muito bem – falou Henrique.

Pierre se manifestou pela primeira vez:

– Resta um elemento essencial: Maria Stuart, a rainha da Escócia. Não podemos embarcar nessa empreitada a menos que tenhamos um compromisso claro dela de apoiar a rebelião, autorizar a execução de Elizabeth e assumir a coroa.

Rollo inspirou fundo.

– Eu me encarrego de garantir o apoio dela – falou.

Rezou em silêncio para que conseguisse manter essa ambiciosa promessa.

– Mas ela está na prisão, e suas cartas são monitoradas – ressaltou Henrique.

– É um problema, mas não intransponível.

O duque pareceu se contentar com isso. Correu os olhos pela sala. Com a impaciência e rispidez comum aos poderosos, falou:

– Acho que é só. Cavalheiros, obrigado por terem comparecido.

Rollo olhou de relance para a porta e viu, para sua surpresa, que aos três criados se juntara uma quarta pessoa, um rapaz de 20 e poucos anos de cabelos cortados no estilo curto em voga entre os estudantes. O jovem pareceu-lhe vagamente familiar. Quem quer que fosse, provavelmente ouvira Rollo prometer trair seu país. Incomodado, o inglês apontou para ele e perguntou bem alto:

– Quem é esse homem?

Foi Pierre quem respondeu:

– Meu enteado. Que diabo está fazendo aqui, Alain?

Rollo o reconhecia agora. Já vira o garoto várias vezes ao longo dos anos. Ele tinha os cabelos e a barba louros da família Guise.

– Minha mãe está doente – disse Alain.

Rollo observou com interesse o desfile de emoções no semblante de Pierre. No início, de modo fugidio, houve uma expressão de esperança, que foi rapidamente reprimida; então veio uma máscara de preocupação que não chegou de todo a convencer Rollo; por fim, uma expressão de eficiência quando ele disse:

– Chame um médico agora mesmo. Corra até o Louvre e busque Ambroise Paré... não me importa o custo. Minha amada Odette precisa ter o melhor atendimento possível. Vá, menino, depressa!

Pierre voltou-se para o duque.

– Vossa Graça, se não precisar mais de mim...

– Pode ir, Pierre – disse Henrique.

Pierre saiu da sala e Rollo pensou: Ora, mas que encenação foi essa?

iv

Ned Willard tinha ido a Paris encontrar Jerónima Ruiz, mas precisava tomar muito cuidado. Se alguém desconfiasse que ela lhe passava informações secretas, a mulher seria executada... e talvez ele também.

Ele estava agora em uma livraria à sombra da catedral de Notre-Dame. A loja tinha pertencido ao pai de Sylvie. Ned não a conhecia na época, mas, em 1572, quando ele e a esposa ainda estavam se conhecendo, ela lhe indicara o local. Agora a livraria tinha outro dono e Ned a usava como um local conveniente para se manter à espreita.

Ficou estudando os títulos nas lombadas dos livros ao mesmo tempo que mantinha um olho na ampla fachada oeste da catedral. Assim que as altas portas da igreja se abriram, parou de fingir que fazia compras e saiu apressado.

A primeira pessoa a emergir da catedral foi Henrique III, que se tornara rei da França após a morte do irmão Carlos IX, nove anos antes. Ned o observou sorrir e acenar para os parisienses reunidos na praça. Aos 31 anos, o rei tinha olhos escuros e cabelos no mesmo tom e que começavam a rarear nas têmporas, deixando-o com os cabelos pontiagudos no meio da cabeça. Ele era o que os ingleses chamavam de “político”: tomava decisões relacionadas à religião segundo o que pensava que seria bom para o país, em vez do contrário.

Logo atrás dele vinha a mãe, a rainha Catarina, agora uma rotunda senhora de 64 anos com um chapéu tipicamente usado por viúvas. A rainha-mãe tivera cinco filhos, mas todos tinham a saúde frágil, e até então três tinham morrido jovens. Pior ainda, nenhum deles tivera herdeiros, motivo pelo qual os irmãos haviam se sucedido no trono da França. No entanto, essa má sorte fizera de

Catarina a mulher mais poderosa da Europa. Assim como a rainha Elizabeth, ela usara seu poder para arbitrar conflitos religiosos fazendo concessões em vez de usar a violência; assim como Elizabeth, tivera um sucesso limitado.

Enquanto a comitiva real desaparecia na margem direita do outro lado da ponte, uma multidão começou a deixar a catedral por suas três portas em arco e Ned se juntou à turba na esperança de passar despercebido entre as muitas pessoas que tinham ido ver o rei.

Demorou apenas alguns segundos para avistar Jerónima Ruiz. Não era difícil distingui-la. Como de hábito, ela estava de vermelho. Tinha agora 40 e poucos anos. O corpo em forma de ampulheta havia engrossado, os cabelos não eram mais tão fartos e a boca já não era carnuda. Mesmo assim, ela caminhava balançando o quadril e detinha um olhar sob os cílios pretos. Ainda irradiava sexo de modo mais poderoso do que qualquer outra mulher à vista, embora Ned tenha sentido que o poder que um dia lhe fora natural era agora obtido com esforço.

O olhar dela cruzou o de Ned. Houve uma centelha de reconhecimento e ela então desviou os olhos.

Ele não podia abordá-la; o encontro precisava parecer acidental. Precisava também ser breve.

Deu um jeito de chegar perto. Ela estava acompanhada pelo cardeal Romero, ainda que, pelo bem das aparências, não ficasse de braços dados com ele, mas caminhando um pouco atrás. Quando o cardeal parou para falar com o visconde Villeneuve, Ned andou casualmente até o lado dela.

Sem parar de sorrir para ninguém em especial, Jerónima falou:

– Estou arriscando minha vida. Só podemos conversar por uns poucos segundos.

– Está bem.

Ned olhou em volta, fingindo distração ao mesmo tempo que ficava de olho vivo para conferir se alguém reparava nos dois.

– O duque de Guise está planejando invadir a Inglaterra – disse ela.

– Pelo corpo de Deus! – exclamou Ned. – Como...

– Cale-se e escute – disparou ela. – Do contrário não terei tempo de contar tudo.

- Desculpe.
- Haverá duas incursões, uma na costa leste, outra na costa sul.
- Quantos homens? – Ned teve de perguntar.
- Não sei.
- Por favor, continue.
- Não há muito mais. Ambos os exércitos vão reunir apoio local e marchar rumo a Londres.
- Essa informação tem um valor incalculável.

Ned agradeceu a Deus por Jerónima odiar a Igreja Católica que torturara seu pai. Ocorreu-lhe que a motivação deles era semelhante: ele detestava a religião autoritária desde que a família fora arruinada pelo bispo Julius e seus asseclas. Sempre que sua determinação fraquejava, ele pensava em como aquelas pessoas roubaram tudo pelo que a mãe lutara a vida inteira e em como uma mulher forte e inteligente parecera definhando até ser levada misericordiosamente pela morte. A dor da lembrança ardeu como um ferimento antigo, reforçando a determinação de Ned.

Ele olhou de esguelha para Jerónima. De perto, pôde ver as rugas em seu rosto e pressentiu um cinismo duro por baixo do rosto sensual. Ela se tornara amante de Romero aos 18 anos. Saíra-se bem ao conseguir sustentar o afeto dele até a casa dos 40, mas devia ser um esforço.

- Obrigado por me contar – disse ele.

A gratidão era genuína. No entanto, havia mais uma coisa que ele precisava saber.

- O duque de Guise deve ter colaboradores ingleses.
- Estou certa de que sim.
- Sabe quem eles são?
- Não. Lembre-se: minha fonte são conversas ao travesseiro. Não tenho oportunidade para fazer perguntas detalhadas. Se fizesse, levantaria suspeitas.
- Claro, eu entendo.
- Que notícias tem para me dar de Barney? – indagou ela, e Ned detectou um viés de nostalgia em sua voz.
- Ele passa a vida no mar. Nunca se casou. Mas tem um filho de 19 anos.
- Dezenove anos – repetiu ela, impressionada. – Como o tempo passa.

– O nome dele é Alfo. Ele já demonstra alguns sinais da mesma aptidão do pai para ganhar dinheiro.

– Um rapaz inteligente, então... como todos os Willards.

– Sim, ele é inteligente.

– Mande lembranças afetuosas minhas a Barney, Ned.

– Mais uma coisa.

– Seja rápido... Romero está vindo.

Ned precisava de um canal de comunicação permanente com Jerónima. Improvisou:

– Quando a senhora voltar a Madri, um homem irá à sua casa lhe vender um creme para rejuvenescer o rosto.

Estava quase certo de poder organizar isso com a ajuda de comerciantes ingleses na Espanha.

– Uso bastante esse tipo de coisa – comentou ela com um sorriso triste.

– Qualquer informação que a senhora lhe der chegará até mim em Londres.

– Entendido.

Ela virou as costas para Ned e olhou para o cardeal com uma expressão radiante e inflando o busto. Os dois se afastaram juntos, com Jerónima gíngando o generoso traseiro. Ned pensou que eles tinham um aspecto triste: uma prostituta que já não era jovem usando ao máximo seu charme cansado para conservar o afeto de um velho padre corrupto e barrigudo.

Às vezes Ned tinha a sensação de viver num mundo podre.

V

A doença de Odette deixou Pierre mais entusiasmado do que a invasão à Inglaterra.

A esposa era o único obstáculo em seu trajeto rumo à grandiosidade. Ele era o principal conselheiro do duque, ouvido com mais atenção e digno de mais confiança do que nunca. Morava numa série de cômodos no palácio da Rue Vieille du Temple junto com Odette, Alain e sua criada de sempre, Nath. Fora nomeado senhor de um pequeno vilarejo na região de Champagne, o que lhe permitia apresentar-se como *sieur de Mesnil*, um membro da classe superior,

ainda que não da nobreza. Talvez Henrique de Guise jamais fizesse dele um conde, mas a aristocracia francesa conquistara o direito de nomear membros do alto clero sem a aprovação oficial de Roma, e ele poderia pedir ao duque que o fizesse abade de um mosteiro ou mesmo bispo... isso se não fosse casado.

Mas talvez agora Odette morresse. Pensar nisso o encheu com uma esperança quase dolorosa. Ele ficaria livre, livre para crescer em importância nos conselhos dos poderosos, quase sem limite de aonde poderia chegar.

Os sintomas da esposa eram dor após se alimentar, diarreia, sangue nas fezes e cansaço. Odette sempre fora uma mulher pesada, mas sua gordura derreteria, decerto porque a dor lhe tirava a vontade de comer. O Dr. Paré diagnosticara uma febre estomacal complicada por calor seco e lhe recomendara que bebesse muita cerveja fraca e vinho diluído em água.

O único temor de Pierre era que ela se recuperasse.

Infelizmente, Alain cuidava bem da mãe. Largara os estudos e raramente deixava a cabeceira dela. Pierre desprezava o rapaz, mas os funcionários do palácio nutriam um apreço surpreendente por ele e sentiam pena por causa da doença da mãe. Alain organizara a entrega de refeições nos aposentos de Odette e dormia no chão do quarto dela.

Sempre que possível, Pierre dava a Odette todas as coisas que Paré lhe recomendara evitar: conhaque e vinho forte, especiarias, comida salgada. Isso muitas vezes lhe causava câibras e dores de cabeça, e ela ficava com o hálito fétido. Se ele pudesse assumir os cuidados da esposa, talvez conseguisse matá-la desse modo, mas Alain nunca se ausentava por tempo suficiente.

Quando ela começou a melhorar, Pierre viu a possibilidade de um bispado se afastar do seu destino e entrou em desespero.

Na visita seguinte do Dr. Paré, o médico afirmou que Odette estava se recuperando. Ele desanimou ainda mais. A doce possibilidade de se ver livre daquela mulher vulgar começava a desvanecer e a decepção provocou nele a mesma dor de uma ferida.

– Ela agora precisa de um tônico para se fortalecer – disse o médico.

Pediu pena, papel e tinta, providenciados rapidamente por Alain.

– Giglio, o boticário italiano do outro lado da rua, consegue fabricar isso em poucos minutos... É apenas mel, alcaçuz, alecrim e pimenta.

Paré anotou tudo e entregou o pedaço de papel a Alain.

Uma ideia absurda surgiu na mente de Pierre. Sem pensar nos detalhes, ele decidiu se livrar de Alain. Deu uma moeda ao rapaz e disse:

– Vá buscar o tônico agora mesmo.

Alain relutou. Olhou para a mãe, que pegara no sono sobre o travesseiro de penas.

– Não gosto de sair de perto dela.

Será que ele poderia ter adivinhado a ideia louca que inspirara Pierre? Com certeza não.

– Mande Nath – disse o rapaz.

– Nath foi ao mercado de peixe. Vá à botica. Eu ficarei com ela. Não a deixarei sozinha, não se preocupe.

Ainda assim, Alain hesitou. Como a maioria das pessoas, tinha medo de Pierre, mas às vezes podia ser teimoso.

– Vá logo, rapaz – ordenou Paré. – Quanto antes ela tomar essa poção, mais cedo vai se recuperar.

Alain não podia desafiar o médico, de modo que se retirou.

Num tom de dispensa, Pierre falou:

– Obrigado pela sua diligência, doutor. Sou muito grato.

– É sempre um prazer ajudar um membro da família Guise, é claro.

– Com certeza direi isso ao duque Henrique.

– Como vai ele?

Pierre estava louco para tirar Paré do quarto antes que Alain voltasse.

– Muito bem – respondeu.

Odette produziu um leve ruído enquanto dormia.

– Acho que ela quer o penico – comentou Pierre.

– Vou deixá-los, então – disse Paré e saiu.

Aquela era a chance de Pierre. Seu coração estava na boca. Ele poderia resolver todos os seus problemas agora, em poucos minutos.

Poderia matar Odette.

Duas coisas o impediam de fazer isso antes que ela adoecesse. Uma delas era sua força física: não tinha certeza se conseguiria subjugar-lá. A outra era o temor da ira do cardeal Carlos. Ele lhe avisara que iria destruí-lo se Odette morresse,

quaisquer que fossem as circunstâncias.

Mas agora sua esposa estava fraca e Carlos, morto.

Será que a suspeita mesmo assim recairia sobre Pierre? Ele se esforçava para desempenhar o papel de marido dedicado. Carlos não se deixara enganar e Alain tampouco, mas outros, sim – entre eles Henrique, que nada sabia sobre a história. Alain talvez o acusasse, mas ele poderia fazê-lo passar por um filho enlutado e histérico culpando o padrasto por uma morte totalmente natural. Henrique iria acreditar.

Pierre fechou a porta do quarto.

Olhou com repulsa para Odette. Ser forçado a se casar com ela fora sua maior humilhação. Pegou-se tremendo com um desejo arrebatado. Aquela seria sua vingança.

Arrastou uma pesada cadeira até o outro lado do quarto e a empurrou contra a porta para que ninguém entrasse.

O barulho despertou Odette. Ela levantou a cabeça e perguntou, aflita:

– O que está acontecendo?

Pierre tentou manter um tom tranquilizador ao responder:

– Alain foi buscar um tônico para você na botica.

Ele atravessou o quarto até a cama. Odette pressentiu o perigo.

– Por que você travou a porta? – perguntou com uma voz assustada.

– Para que ninguém a incomode – respondeu Pierre.

Ao dizer isso, arrancou o travesseiro de penas de baixo da cabeça dela e o pôs em cima do seu rosto. Foi rápido o bastante para sufocar o grito que começara a subir pela garganta da mulher.

Ela lutou com uma energia surpreendente. Conseguiu tirar a cabeça de baixo do travesseiro e inspirar aterrorizada, mas Pierre o pressionou de novo sobre seu nariz e sua boca. Ela se contorceu de tal forma que ele teve de subir na cama e se ajoelhar sobre o seu peito. Mesmo assim, ela começou a socá-lo nas costelas e na barriga, obrigando-o a cerrar os dentes para suportar a dor enquanto continuava empurrando o travesseiro para baixo com toda a força.

Sentiu que Odette poderia levar a melhor e que ele talvez não conseguisse acabar com ela. Esse pensamento apavorante lhe deu energia extra e ele segurou o travesseiro com toda a força de que foi capaz.

Ela começou a relaxar. Seus socos se tornaram fracos, então os braços penderam inertes junto ao corpo. As pernas ainda chutaram mais algumas vezes, até que por fim Odette ficou imóvel. Pierre continuou a apertar o travesseiro. Não queria correr o risco de que ela se reanimasse. Torceu para que Alain não voltasse ainda. Com certeza Giglio levaria mais tempo do que aquilo para preparar a poção, não?

Pierre nunca matara ninguém. Fora responsável pela morte de milhares de hereges e muitos inocentes que apenas estavam próximos deles e ainda tinha sonhos em que surgiam as pilhas de cadáveres nus nas ruas de Paris durante o massacre do dia de São Bartolomeu. Agora mesmo, vinha planejando uma guerra contra a Inglaterra que mataria outros milhares de pessoas. Mas aquela era a primeira vez que matava alguém com as próprias mãos. Era diferente. A alma de Odette havia abandonado o corpo enquanto ele a impedia de respirar. Era uma coisa terrível.

Depois de alguns minutos que ela passou imóvel, Pierre ergueu cuidadosamente o travesseiro e olhou para o rosto emaciado pela doença. Ela não respirava. Encostou a mão no peito dela e não sentiu o coração. Odette estava morta.

A exultação o dominou. Morta!

Recolocou o travesseiro sob sua cabeça. Odette exibia um aspecto tranquilo. Seu rosto não demonstrava nenhum sinal da violência que sofrera no fim.

A empolgação do triunfo começou a diminuir. Pierre se pôs a pensar no perigo de ser descoberto. Tirou a cadeira da frente da porta. Não tinha certeza de onde ela ficava antes. Ninguém iria perceber. Ou será que iria?

Ao olhar em volta à procura de qualquer coisa que pudesse parecer suspeita, notou as roupas de cama amarfanhadas, então as alisou por cima do corpo de Odette.

Depois disso, não soube mais o que fazer.

Queria sair do quarto, mas prometera a Alain que ficaria e, caso fugisse, pareceria culpado. O melhor era fingir inocência. Mas era difícil demais permanecer no mesmo cômodo do cadáver. Odiava Odette e estava feliz com sua morte, mas cometera um pecado terrível.

Deu-se conta de que Deus saberia o que ele tinha feito, mesmo que ninguém

mais soubesse. Ele assassinara a própria esposa. Como poderia obter o perdão por um pecado assim?

Os olhos dela continuavam abertos. Teve medo de encará-los, temendo que eles o encarassem também. Teria preferido fechá-los, mas tocar o cadáver lhe causava horror.

Tentou se controlar. Padre Moineau sempre lhe dera o perdão, garantindo que o que ele fazia era um trabalho de Deus. Será que a mesma coisa não se aplicava ali? Não, claro que não. Aquele fora um ato de total egoísmo. Ele não tinha desculpa.

Sentiu-se condenado. Constatou que as mãos tremiam... as mesmas mãos que haviam segurado o travesseiro por cima do rosto de Odette com tanta força a ponto de sufocá-la. Foi se sentar num banco junto à janela e olhou para fora de modo a não ter de encarar a mulher. Mesmo assim, precisou se virar de tantos em tantos segundos para ter certeza de que ela continuava deitada e imóvel, pois imaginava o cadáver sentando na cama, virando para ele os olhos vazios, apontando um dedo acusador e articulando sem som as palavras: *Ele me assassinou*.

Por fim, a porta se abriu e Alain entrou no quarto. Pierre experimentou um instante de puro pânico e quase gritou “Fui eu, eu a matei!”. Então sua calma habitual retornou.

– Shh – disse ele, embora Alain houvesse feito pouco barulho. – Ela está dormindo.

– Não está, não – retrucou o rapaz. – Os olhos estão abertos.

Alain franziu o cenho.

– Você alisou as cobertas.

– Estavam meio amarfanhadas.

A voz de Alain revelou uma leve surpresa.

– Foi gentil da sua parte – falou, então tornou a franzir o cenho. – Por que mudou a cadeira de lugar?

Pierre ficou consternado com o fato de o rapaz reparar nesses detalhes sem importância. Como não conseguiu pensar num motivo inocente para ter mudado a cadeira de lugar, recorreu à negação:

– A cadeira está onde sempre esteve.

Apesar de parecer intrigado, Alain não insistiu. Pousou uma garrafa sobre a mesinha lateral e entregou a Pierre um punhado de moedas que recebera de troco. Então falou para o cadáver:

– Trouxe o seu remédio, mãe. Você pode tomar um pouco agora mesmo. É preciso misturar com água ou vinho.

Pierre quis gritar: “Olhe para ela... está morta!”

Sobre a mesa lateral havia uma jarra de vinho e um cálice. Alain serviu um pouco da poção no recipiente, completou com vinho e mexeu a mistura com uma faca. Por fim, aproximou-se da cama.

– Vamos sentar você – falou.

Então encarou Odette com atenção e franziu o cenho.

– Mãe? – chamou, num sussurro. – Maria abençoada, não!

Deixou cair o cálice no chão, e a poção se espalhou pelas lajotas, untuosa.

Pierre o observou com um horrendo fascínio. Após um instante paralisado pelo choque, Alain deu um pulo para a frente e se curvou acima do corpo inerte.

– Mãe! – gritou, como se um tom mais alto pudesse trazê-la de volta.

– Alguma coisa errada? – indagou Pierre.

Alain segurou Odette pelos ombros e a ergueu. Sua cabeça pendeu para trás, sem vida.

Pierre andou até a cama, tomando o cuidado de se posicionar do lado oposto ao de Alain, fora do alcance de seus braços. Não achava que o enteado conseguisse feri-lo; muito pelo contrário, na verdade, mas seria melhor evitar uma briga.

– Qual é o problema? – indagou.

Alain o encarou com ódio.

– O que você fez?

– Só fiquei tomando conta dela – respondeu Pierre. – Mas ela parece estar inconsciente.

Com delicadeza, Alain tornou a pousar Odette na cama, apoiando a cabeça sobre o travesseiro que a matara. Tocou-lhe o peito à procura dos batimentos cardíacos, em seguida o pescoço em busca da pulsação. Por fim, aproximou a bochecha do seu rosto para ver se detectava alguma respiração. Sufocou um soluço.

– Ela está morta.

– Tem certeza?

Pierre tocou ele próprio o peito da mulher, então meneou a cabeça com tristeza.

– Que coisa terrível – falou. – E nós achando que ela estivesse se recuperando...

– Ela *estava* se recuperando! Você a matou, seu demônio.

– Alain, você está muito abalado.

– Não sei o que fez, mas você a matou.

Pierre foi até a porta e gritou pelos criados:

– Venham aqui! Qualquer um! Depressa!

– Eu vou matar você – disse Alain.

A ameaça era risível.

– Não diga coisas da boca para fora.

– Eu vou – insistiu Alain. – Desta vez você foi longe demais. Assassinou a minha mãe, e eu vou me vingar. Nem que leve a vida inteira, vou matá-lo com minhas próprias mãos e ficar assistindo enquanto você morre.

Por um instante, Pierre sentiu um arrepio de medo. Então afastou a sensação. Alain não iria matar ninguém.

Olhou para o corredor e viu que Nath se aproximava com um cesto na mão, chegando do mercado.

– Venha cá, Nath – falou. – Depressa. Aconteceu uma coisa muito triste.

vi

Sylvie pôs um chapéu preto com um véu pesado e foi ao funeral de Odette Aumande de Guise.

Queria estar com Nath e Alain, ambos terrivelmente abalados. Sentia também um estranho vínculo emocional com Odette, pois ambas haviam desposado Pierre.

Ned não compareceu. Fora à Catedral de Notre-Dame ver quais católicos ingleses importantes se encontravam em Paris; talvez os colaboradores do duque de Guise fossem tolos o suficiente para se revelar.

O dia estava chuvoso e o cemitério, enlameado. Pareceu a Sylvie que a maior parte dos presentes era de empregados e membros de menor relevância da família Guise. Os únicos mais importantes a comparecer foram Véronique, que conhecia Odette desde que as duas eram moças, e o próprio Pierre, que fingiu estar transtornado de dor.

Sylvie o observou com nervosismo, embora estivesse bastante segura de que ele não poderia desmascarar seu disfarce. Tinha razão: ele sequer olhou na direção dela.

Apenas Nath e Alain choraram.

Terminada a cerimônia, depois que Pierre e a maioria dos outros foram embora, Sylvie, Nath e Alain foram conversar debaixo de um carvalho.

– Acho que ele a matou – disse Alain.

Sylvie reparou que o rapaz tinha a beleza dos Guises, apesar dos olhos vermelhos de tanto chorar.

– Mas ela estava doente – comentou ela.

– Eu sei. Mas eu a deixei sozinha com ele só por alguns minutos, para buscar um tônico na botica, e quando voltei ela estava morta.

– Eu sinto muitíssimo – falou Sylvie.

Não fazia ideia se o que o rapaz dizia era verdade, mas tinha certeza de que Pierre era capaz de cometer assassinato.

– Eu vou sair do palácio – anunciou Alain. – Não tenho motivo para ficar lá agora que minha mãe não está mais entre nós.

– Para onde você vai?

– Posso me mudar para a faculdade.

– Também vou ter de ir embora – disse Nath. – Fui demitida. Pierre sempre me odiou.

– Ah, puxa! O que você vai fazer?

– Não preciso de trabalho. De toda forma, a venda de livros me mantém ocupada.

Nath era indomável. Desde que Sylvie a transformara em espiã, muitos anos antes, só fizera se tornar mais forte e mais astuta. Mas Sylvie ficou preocupada.

– Você precisa mesmo ir embora? É nossa fonte de informação mais importante sobre Pierre e os Guises.

- Não tenho escolha. Ele me colocou para fora.
- Você não pode implorar a ele? – insistiu Sylvie, desesperada.
- Você sabe que não.

Sylvie sabia. Súplica nenhuma fazia Pierre reverter um ato de maldade.

Aquilo era um problema sério... mas ela viu na mesma hora que havia uma solução evidente. Virou-se para Alain.

- Você poderia ficar com ele, não?
- Não.
- Precisamos saber o que ele está tramando!

Alain exibiu uma expressão torturada.

- Não posso morar com o homem que matou minha mãe!
- Mas você crê na verdadeira religião.
- É claro.
- E, como fiéis, é nosso dever propagar a palavra.
- Eu sei.

– A melhor forma de você servir à causa pode ser me informando do que o seu padrasto anda fazendo.

O rapaz pareceu dividido.

- Será?
- Virar seu secretário, tornar-se indispensável para ele.
- Semana passada eu lhe jurei que o mataria para me vingar.

– Ele logo vai esquecer... Muitas pessoas já juraram matar Pierre. Mas com certeza o melhor jeito de vingar a morte dela, e o jeito que agradaria ao Senhor, seria neutralizar os esforços dele em destruir a verdadeira religião.

- Isso iria honrar a memória da minha mãe – afirmou o rapaz, pensativo.
- Exato.

Ele então tornou a fraquejar.

- Preciso pensar no assunto.

Sylvie olhou de relance para Nath, que discretamente apontou para si mesma com um gesto que dizia *Deixe comigo, eu cuido disso*. Provavelmente poderia cuidar mesmo, concluiu Sylvie: ela havia sido uma segunda mãe para o rapaz.

– É importante demais para nós sabermos sobre os católicos ingleses que entram em contato com os Guises – falou ela, dirigindo-se a Alain.

– Houve uma grande reunião no palácio semana passada – informou ele. – Estão falando em invadir a Inglaterra.

– Isso é terrível!

Sylvie não comentou que já sabia sobre o encontro. Ned lhe ensinara a jamais revelar a um espião que dispunha de outras fontes de informação; essa era uma das regras mais importantes do ofício.

– Havia algum inglês nessa reunião?

– Sim, um padre da Faculdade Inglesa. Meu padrasto já se encontrou várias vezes com ele. Ele vai entrar em contato com Maria Stuart e garantir seu apoio à invasão.

Jerónima Ruiz não tinha essa informação crucial. Sylvie mal podia esperar para contar a Ned. No entanto, precisava de mais um detalhe.

– Quem é esse padre? – indagou, prendendo a respiração.

– As pessoas o chamam de Jean Langlais – respondeu Alain.

Sylvie deu um suspiro satisfeito.

– É mesmo? – falou. – Ora, vejam só.

CAPÍTULO 23

O castelo de Sheffield era uma das prisões mais desconfortáveis nas quais Alison passara os últimos quinze anos com Maria Stuart. A construção tinha 300 anos, e dava para perceber. Fora erguida na confluência de dois rios, com um fosso nos dois outros lados. Dizer que o lugar era úmido era minimizar bastante a situação. Seu dono, o conde de Shrewsbury, havia brigado com a rainha Elizabeth por causa do valor irrisório recebido para manter Maria no castelo, consequentemente lhes servia a comida e a bebida mais baratas possíveis.

O único aspecto bom de Sheffield era um terreno de caça com 1 hectare do outro lado do fosso.

Maria podia cavalgar nessa área, embora escoltada por guardas armados. Nos dias em que a rainha não queria cavalgar, Alison tinha autorização para sair sozinha; ninguém se incomodaria com uma eventual fuga sua. Ela possuía um cavalo preto chamado Garçon, que na maior parte do tempo se comportava bem.

Assim que via a aleia de nogueiras à sua frente, ela fazia Garçon galopar por quase meio quilômetro para gastar o excesso de energia do animal. Depois disso, ele se mostrava mais obediente.

Cavalgar depressa lhe dava uma breve e ilusória sensação de liberdade. Ao diminuir o ritmo do animal para um simples trote, ela se lembrava de que vivia numa prisão. Perguntava a si mesma por que continuava ali. Ninguém iria detê-la caso retornasse à Escócia ou à França. Mas ela era prisioneira da esperança.

Passara a vida cultivando a esperança... e a decepção. Havia esperado Maria se tornar rainha da França e isso durara menos de dois anos. Maria voltara à Escócia para governar seu país natal, mas nunca fora de fato aceita como rainha e, no final, fora obrigada a abdicar. Agora, era a rainha da Inglaterra por direito, reconhecida por todos como tal... menos pelos ingleses. Apesar disso, havia milhares, milhões talvez, de católicos leais dispostos a lutar por ela e aclamá-la soberana.. Agora Alison esperava e torcia pela hora em que eles teriam a chance

de fazer isso.

Esse momento estava demorando a chegar.

Quando ela passava por um arvoredor, um homem que não reconheceu saiu de trás de um imenso carvalho e se postou na sua frente.

Ele assustou Garçon. Alison logo conseguiu controlar o pônei, mas não antes de o desconhecido se aproximar o suficiente para segurar o animal.

– Solte o meu cavalo ou mando chicoteá-lo – disse ela com firmeza.

– Não tenho a intenção de machucá-la – explicou o homem.

– Então solte.

O homem soltou Garçon e recuou um passo.

Tinha pouco menos de 50 anos, avaliou ela. Os cabelos já rareavam no topo e a barba avermelhada era cerrada. Não lhe pareceu muito ameaçador, talvez só tivesse segurado o cavalo para ajudá-la a controlá-lo mais rápido.

– A senhora é Alison McKay? – indagou ele.

Ela empinou o queixo, no gesto universal de superioridade.

– Quando me casei, me tornei lady Ross e quando enterrei meu marido, um ano depois, me tornei a viúva lady Ross, mas já fui Alison MacKay muito tempo atrás. E o senhor, quem é?

– Jean Langlais.

Alison reagiu ao escutar esse nome.

– Já ouvi falar no senhor. Mas o senhor não é francês.

– Sou um mensageiro da França. De Pierre Aumande de Guise, para ser mais exato.

– Eu o conheço.

Ela recordava um homem jovem de cabelos louros ondulados com um ar de competência implacável. Quisera-o do seu lado e imaginara os dois como uma equipe, mas não fora o seu destino. E ele já não era jovem, claro.

– Como vai Pierre?

– Ele é o braço direito do duque de Guise.

– Um bispo, talvez, ou quem sabe até um arcebispo? Não, claro que não, ele é casado.

Com uma criada que engravidara de um dos despudorados rapazes da família Guise, recordava ela. Para seu grande desgosto.

– A esposa dele morreu faz pouco tempo.

– Ah. Agora veja como ele vai subir. Pode até acabar virando papa. Que recado ele mandou?

– Sua clausura está quase no fim.

O otimismo fez o coração de Alison dar um pulo, mas ela conteve a animação. Era fácil dizer *Sua clausura está quase no fim*. Fazer com que isso acontecesse era outra história. Ela manteve a expressão neutra ao indagar:

– O que isso significa exatamente?

– O duque de Guise planeja invadir a Inglaterra com o apoio de Filipe da Espanha e do papa Gregório XIII. Maria Stuart deve ser a líder simbólica desse exército. Eles vão libertá-la e colocá-la no trono.

Será que poderia ser verdade? Alison mal se atreveu a pensar em tal possibilidade. Ponderou o que deveria dizer. Para ganhar tempo, fingiu devanear:

– Na última vez em que vi Henrique de Guise, ele era um menininho louro de 10 anos de idade, e agora quer conquistar a Inglaterra.

– Na França, os Guises só perdem em importância para a família real. Se ele disse que vai conquistar a Inglaterra, vai conseguir. Mas ele precisa saber que sua prima Maria vai desempenhar até o fim seu papel nessa revolução.

Alison o estudou. Tinha um rosto fino e bonito, mas transmitia dureza e implacabilidade. De certa forma, ele lhe lembrava Pierre. Ela tomou sua decisão.

– Posso lhe dar essa garantia aqui e agora.

Jean Langlais balançou a cabeça.

– O duque Henrique não vai aceitar sua palavra como garantia... nem a minha, aliás. Ele quer uma confirmação de Maria por escrito.

As esperanças de Alison tornaram a murchar. Isso seria difícil.

– O senhor sabe que toda a correspondência enviada e recebida é lida por um homem chamado sir Ned Willard.

Alison encontrara o jovem Ned Willard em Saint-Dizier, junto com o meio-irmão de Maria, James Stuart, e depois novamente no castelo de Carlisle. Assim como Pierre, Ned tinha subido muito na vida.

A centelha do reconhecimento brilhou nos olhos de Langlais e Alison adivinhou que ele também conhecia Ned.

– Precisamos montar um canal de comunicação secreto – disse ele.

– O senhor e eu podemos nos encontrar aqui. Tenho permissão para cavalgar sozinha cerca de uma vez por semana.

Ele fez que não com a cabeça.

– Por enquanto isso talvez sirva. Estive observando o castelo. Pelo que vi, a segurança em torno da rainha é frouxa. Mas ela pode ser reforçada. Precisamos de um jeito mais difícil de detectar.

Alison assentiu. Ele tinha razão.

– O que o senhor sugere?

– Era o que eu ia lhe perguntar. Existe algum criado, alguém que saia regularmente do castelo de Sheffield e possa ser convencido a contrabandear cartas?

Alison pensou um pouco. Já tinha feito isso antes, em Loch Leven, e poderia fazer outra vez. Muitas pessoas visitavam o castelo diariamente. Era preciso trazer comida, bebida e tudo o mais de que a rainha Maria e seu séquito de trinta pessoas necessitavam. Até mesmo uma soberana aprisionada tinha sua corte. E isso sem contar a família e os agregados do conde de Shrewsbury. Mas quais desses visitantes poderia ser seduzido, intimidado ou subornado para cumprir aquele perigoso papel?

Alison pensou em Peg Bradford, uma moça de 18 anos e estrutura larga que vinha recolher a roupa suja e a levava para lavar em casa. Ela nunca vira uma rainha na vida e não fazia segredo da veneração que nutria por Maria Stuart. A rainha da Escócia já passara dos 40 anos e sua beleza ficara no passado: o cativo a tornara pesada e seu lindo cabelo se deteriorara tanto que ela agora usava uma peruca ruiva sempre que estava acompanhada. Mesmo assim, continuava a ser a mesma figura de conto de fadas, tão sedutora para alguns: a rainha de triste destino que suportava com nobreza a crueldade e a injustiça. Quase sem nem pensar a respeito, Maria correspondera às expectativas de Peg: com gente como aquela jovem, ela sempre se portava de modo régio, porém simpático, de modo que elas a considerassem incrivelmente calorosa e humana. Alison sabia que, quando se era rainha, não era preciso fazer muita coisa para ser amada.

– Uma lavadeira chamada Peg Bradford – disse Alison. – Ela mora em Brick Street, ao lado da Igreja de São João.

– Entrarei em contato. Mas a senhora precisa prepará-la.

– Claro.

Isso seria fácil. Alison já podia ver Maria segurando a mão de Peg e conversando com ela baixinho num tom de confiança. Pôde imaginar a alegria e a devoção no rosto da moça quando ela lhe confiasse uma tarefa especial.

– Avise a ela que um desconhecido vai aparecer – disse Langlais. – Com uma bolsa cheia de ouro.

ii

Em Shoreditch, logo depois do muro leste da cidade de Londres, entre um abatedouro e um laguinho usado para lavar e dar de beber aos cavalos, ficava uma construção conhecida como Teatro.

Na época em que fora erguida, ninguém jamais tinha visto uma estrutura como aquela. Um pátio central calçado com pedras era cercado por um octógono de galerias de madeira em vários níveis sob uma cobertura de telhas. De um dos oito lados uma plataforma chamada palco se projetava para dentro do pátio. O Teatro fora construído especialmente para a apresentação de peças dramáticas e era bem mais adequado do que os pátios de hospedarias e salões nos quais esses eventos em geral ocorriam.

Rollo Fitzgerald foi lá numa tarde de outono em 1583, seguindo Francis Throckmorton. Precisava assegurar mais um elo na corrente de comunicação entre o duque de Guise e a rainha da Escócia.

Margery não sabia que o irmão estava na Inglaterra. Ele preferia assim. Ela jamais deveria sequer desconfiar do que ele fazia. Apesar de continuar a receber padres da Faculdade Inglesa, Margery detestava a ideia de ter cristãos brigando entre si. Poderia causar problemas se soubesse que ele vinha fomentando uma insurreição. Sua crença na não violência era tamanha que ela poderia até trair a conspiração.

No entanto, tudo corria bem. Ele mal podia acreditar que o plano estivesse funcionando sem percalços. Devia ser a vontade de Deus.

A lavadeira Peg Bradford havia se revelado tão fácil de convencer quanto Alison previra. Teria contrabandeado cartas no meio da roupa suja só para

agradar a Maria, de modo que o suborno pago por Rollo fora quase desnecessário. A moça não fazia ideia de que os seus atos poderiam conduzi-la ao patíbulo. Rollo sentira uma pontada de culpa por convencer uma jovem tão ingênua e bem-intencionada a se tornar traidora.

No outro extremo da corrente, Pierre Aumande de Guise providenciara para que suas cartas a Maria chegassem à embaixada francesa em Londres.

Tudo de que Rollo precisava agora era alguém que pegasse as cartas na capital inglesa e as entregasse a Peg em Sheffield. Seu escolhido fora Throckmorton.

O ingresso do Teatro custava 1 *penny*. Throckmorton pagou mais um para ter acesso à galeria coberta e um terceiro para alugar um banquinho. Rollo o seguiu, posicionou-se atrás e acima dele, e ficou à espreita de uma oportunidade para lhe falar de modo discreto.

Throckmorton vinha de uma família rica e distinta cujo lema era *A virtude é a única nobreza*. Seu pai – que era um dos que alegremente abrigara padres enviados por Rollo – prosperara durante o reinado da falecida Maria Tudor, mas, assim como o de Rollo, perdera os privilégios no reino de Elizabeth.

O rapaz trajava roupas caras, com um extravagante colarinho branco franzido. Ainda não completara 30 anos, mas a calvície avançada já deixara um V de cabelos no meio de sua testa, que, junto com o nariz afilado e a barba pontuda, fazia com que ele lembrasse um pássaro. Após estudar em Oxford, ele viajara para a França, onde entrara em contato com católicos ingleses exilados, e era assim que Rollo conhecia as ideias com que simpatizava. Mas os dois nunca haviam se encontrado, e Rollo estava longe de ter certeza se conseguiria convencê-lo a arriscar a vida pela causa.

A peça desse dia se chamava *Ralph Roister Doister*, que era também o nome do personagem principal, um fanfarrão cujos atos nunca correspondiam às próprias palavras. Cada vez que ele se gabava de algo, o malicioso Matthew Merrygreek o envolvia em situações absurdas que faziam o teatro inteiro urrar de tanto rir. Aquilo fez Rollo lembrar-se das obras de Terêncio, o dramaturgo africano que havia escrito em latim no século II a.C. Todos os estudantes tinham de ler as peças dele. Rollo gostou tanto do espetáculo que por alguns minutos chegou até a esquecer sua missão mortal.

Então anunciaram um intervalo e ele se lembrou.

Seguiu Throckmorton até o lado de fora e ficou atrás dele numa fila para comprar uma caneca de vinho. Ao chegar mais perto, falou em voz baixa:

– Que Deus o abençoe, meu filho.

Throckmorton pareceu levar um susto.

Rollo não estava vestido como padre, mas levou a mão discretamente dentro da gola da camisa, mostrou por um segundo a cruz de ouro que usava debaixo das roupas e voltou a escondê-la. A cruz o identificava como católico; protestantes achavam que usar crucifixo era uma superstição.

– Quem é o senhor? – indagou Throckmorton.

– Jean Langlais.

Já passara pela cabeça de Rollo usar outros pseudônimos, de modo a embaralhar ainda mais seu rastro. Mas o nome Jean Langlais começara a adquirir certa aura. Representava uma figura de poder misterioso, um ser fantasmagórico a se mover em silêncio entre a Inglaterra e a França, obrando em segredo para a causa católica. O nome se transformara num trunfo.

– O que o senhor quer?

– Deus tem um trabalho para o senhor.

O semblante de Throckmorton exibiu animação e medo conforme ele refletia sobre o que isso poderia significar.

– Que tipo de trabalho?

– O senhor precisa ir à embaixada francesa... depois de escurecer, de capa e capuz... e pedir as cartas de monsieur de Guise, em seguida levar essas cartas até Sheffield e entregá-las a uma lavadeira chamada Peg Bradford. Depois disso, precisa esperar até Peg também lhe entregar algumas cartas, que o senhor levará de volta até a embaixada. Só isso.

Throckmorton aquiesceu devagar.

– Sheffield é onde está presa Maria, rainha da Escócia.

– Sim – confirmou Rollo.

Fez-se uma pausa.

– Eu poderia ser enforcado por isso.

– Nesse caso, entraria no céu ainda mais cedo.

– Por que o senhor mesmo não faz?

– Porque o senhor não foi o único escolhido por Deus para Sua obra. Há milhares de outros jovens ansiosos por mudanças na Inglaterra. Minha parte é dizer a todos o que fazer para restaurar a verdadeira fé. Também posso ir cedo para o céu.

Eles chegaram ao começo da fila e compraram suas bebidas. Rollo conduziu Throckmorton para longe das pessoas. Eles foram até a beira do lago e ficaram olhando para a água negra.

– Preciso pensar a respeito – disse Throckmorton.

– Não, não precisa.

Essa era a última coisa que Rollo queria. Ele precisava que o outro se comprometesse.

– O papa excomungou a falsa rainha Elizabeth e proibiu os ingleses de lhe prestarem obediência. É seu sagrado dever ajudar a verdadeira rainha da Inglaterra a recuperar o trono. O senhor sabe disso, não sabe?

Throckmorton tomou um gole de vinho.

– Sim, sei – respondeu.

– Então me dê sua mão e diga que vai desempenhar o seu papel.

Throckmorton hesitou por vários instantes. Então olhou Rollo nos olhos e disse:

– Eu o farei.

Eles trocaram um aperto de mão.

iii

Ned levou uma semana para chegar a Sheffield.

Uma forma mais rápida de percorrer aqueles 275 quilômetros era trocando de cavalo ao longo do caminho. Comerciantes que precisavam de um serviço regular de mensageiro mantinham animais em vários estábulos ao longo do percurso, de modo a ter sempre uma montaria descansada disponível. Era algo comum entre cidades como Paris e Antuérpia, já que agilidade significava dinheiro. Porém não havia serviço de mensageiro entre Londres e Sheffield.

A viagem lhe proporcionou tempo de sobra para se preocupar.

Seu pior pesadelo podia virar realidade. Os católicos radicais franceses, o rei

da Espanha e o papa haviam por fim organizado uma ação conjunta. Eles formavam uma combinação mortal. Juntos, tinham poder e dinheiro para lançar uma invasão à Inglaterra. Espiões já estavam fazendo mapas dos portos nos quais os invasores iriam atracar. Ned não tinha dúvidas de que nobres católicos descontentes como o conde Bart já afiavam suas espadas e poliam as armaduras.

E agora, para piorar, Maria Stuart estava envolvida.

Ned recebera um recado de Alain de Guise em Paris por intermédio da embaixada inglesa na capital da França. Alain continuava a morar com Pierre e a espioná-lo; era sua vingança. Pierre, por sua vez, tratava o enteado como um laçao inofensivo, obrigando-o a servir de leva e traz, e aparentemente gostava de tê-lo por perto como serviçal.

O recado de Alain dizia que Pierre estava radiante por ter conseguido estabelecer contato com a rainha da Escócia.

Aquilo era má notícia. Ter a participação de Maria cobriria todo o plano de traição com um manto de respeitabilidade sagrada. Para muitos, a rainha legítima da Inglaterra era ela e Elizabeth era a usurpadora. Apoiado por Maria, um bando de capangas estrangeiros se transformava, aos olhos do mundo, num exército defendendo a justiça.

Era de enlouquecer. Depois de tudo o que Elizabeth conquistara para proporcionar paz religiosa e prosperidade comercial à Inglaterra durante 25 anos, ainda não a deixavam em paz.

A tarefa de Ned de proteger a rainha era dificultada mais ainda por rivalidades pessoais na corte, como acontecia tão frequentemente na política. Seu chefe puritano Walsingham vivia entrando em conflito com o *bon vivant* Robert Dudley, conde de Leicester. “Códigos secretos e tinta invisível!”, zombava Leicester ao cruzar com Walsingham no palácio de White Hall ou no jardim de Hampton Court. “O poder se conquista com armas e balas, não com canetas e tinta!” Ele não conseguia convencer a rainha a se livrar de Walsingham, pois ela era inteligente demais para isso, mas seu ceticismo reforçava a mesquinhez dela, e o trabalho feito por Walsingham e seus homens nunca tinha o devido financiamento.

Ned poderia ter chegado a Sheffield no final do sexto dia de viagem. No entanto, caso fosse preciso impor sua autoridade, não queria aparecer sujo e

cansado. Assim, parou numa hospedaria a 3 quilômetros da cidade. No dia seguinte, acordou cedo e vestiu uma roupa limpa. Chegou ao portão do castelo às oito da manhã.

O castelo era uma boa fortaleza, mas ele ficou irritado ao constatar o desleixo da segurança. Atravessou a ponte sobre o fosso junto com três outras pessoas: uma garota com dois baldes tampados que deviam conter leite, um musculoso ajudante de construtor com um tronco de árvore comprido no ombro, provavelmente para algum conserto, e um carroceiro com um carregamento altíssimo de feno. Três ou quatro pessoas vinham na outra direção. Nenhuma foi detida pelos dois guardas armados no portão, que permaneceram entretidos comendo costeletas de cordeiro e lançando os ossos dentro do fosso.

Sentado em seu cavalo no meio do pátio interno, Ned olhou em volta para se situar. Havia uma pequena torre onde supôs que devia ficar o cárcere de Maria. A carroça de feno passou sacolejando até uma construção que servia de estábulo. Uma terceira estrutura, que parecia a menos confortável das três, devia ser onde morava o conde.

Ele fez o cavalo seguir até o estábulo. Com sua voz mais arrogante, gritou para um jovem cavaleiro:

– Ei, você! Pegue o meu cavalo.

Ele apeou. O menino assustado segurou os arreios.

– Suponho que eu vá encontrar o conde naquela estrutura – falou Ned, apontando.

– Sim, senhor. Posso perguntar seu nome?

– Sir Ned Willard, e é melhor não esquecer.

Com isso, Ned se afastou pisando firme. Abriu a porta de madeira da casa com um empurrão e adentrou um pequeno saguão onde uma lareira produzia fumaça. Em um dos lados, uma porta aberta revelava um escuro salão nobre medieval sem ninguém dentro.

O idoso porteiro não foi tão fácil de intimidar quanto o cavaleiro. Ficou parado impedindo a entrada.

– Bom dia para o senhor – disse apenas.

Tinha bons modos, mas como guarda era praticamente inútil. Ned teria conseguido derrubá-lo com apenas uma das mãos.

– Sou sir Ned Willard e trago um recado da rainha Elizabeth. Onde está o conde de Shrewsbury?

O porteiro olhou Ned de cima a baixo. Alguém que só tinha o título de sir ficava abaixo de um conde na escala social. Por outro lado, não era prudente ofender um representante da rainha.

– É uma honra recebê-lo nesta casa, sir Ned – disse o porteiro com tato. – Vou verificar imediatamente se o conde está pronto para vê-lo.

Ele abriu uma das portas do saguão e Ned viu de relance uma sala de jantar.

A porta se fechou, mas Ned ouviu a voz do porteiro:

– Conde, o senhor pode receber sir Ned Willard com um recado de Sua Majestade, a rainha Elizabeth?

Ned não esperou. Abriu a porta e foi entrando, passando pelo porteiro espantado. Viu-se dentro de um cômodo pequeno com uma mesa redonda e uma grande lareira, mais quente e mais confortável do que o salão nobre. Das quatro pessoas sentadas à mesa do desjejum, duas ele conhecia. A mulher extraordinariamente alta de 40 e poucos anos, com uma papada e uma peruca ruiva, era Maria, rainha da Escócia. Ele a encontrara quinze anos antes, quando fora ao castelo de Carlisle lhe informar que a rainha Elizabeth fizera dela prisioneira. A outra ligeiramente mais velha ao seu lado era sua amiga Alison, lady Ross, que estivera com ela em Carlisle e antes até, em Saint-Dizier. Ned nunca vira as outras duas pessoas, mas pôde adivinhar quem eram. O homem já meio careca de 50 e poucos anos e barba em formato quadrado devia ser o conde, e a bela mulher da mesma idade que ele, a esposa, a condessa, conhecida como Bess de Hardwick.

A raiva de Ned redobrou. O conde e a condessa eram dois tolos negligentes que punham em risco tudo o que Elizabeth havia conquistado.

– Que diabo...? – começou o conde.

– Sou um espião jesuíta enviado pelo rei da França para raptar Maria Stuart – disse Ned. – Debaixo do meu casaco tenho duas pistolas, uma para matar o conde, a outra, a condessa. Lá fora, seis dos meus homens estão escondidos num carregamento de feno, armados até os dentes.

Ninguém soube até que ponto levá-lo a sério.

– Isso é um tipo de piada? – perguntou o conde.

– Isso é um tipo de inspeção – retrucou Ned. – Sua Majestade, a rainha Elizabeth, me pediu que visse como o senhor estava vigiando Maria. O que devo dizer a ela, conde? Que consegui chegar até a presença de Maria sem ser questionado ou revistado sequer uma vez... e que poderia ter trazido seis homens comigo?

O conde pareceu encabulado.

– Devo admitir que seria melhor o senhor não lhe dizer isso.

Maria se pronunciou com uma voz plena de autoridade régia:

– Como se atreve a agir desse modo na minha presença?

Ned seguiu falando com o conde:

– De agora em diante, ela fará as refeições na torre.

– Sua insolência é intolerável – continuou Maria.

Ned a ignorou. Não era obrigado a cortesias com a mulher que desejava assassinar sua rainha.

Maria se levantou e foi até a porta, e Alison se apressou em segui-la.

– Queira acompanhá-las, milady – falou Ned, dirigindo-se à condessa. – No momento não há espiões jesuítas no pátio, mas a senhora não saberá quando houver, e o melhor é criar bons hábitos.

Apesar de não estar acostumada a receber ordens, a condessa compreendeu que a situação era delicada e hesitou apenas um segundo antes de obedecer.

Ned aproximou uma cadeira da mesa.

– Agora, conde, vamos conversar sobre o que o senhor precisa fazer antes que eu apresente um relato satisfatório à rainha.

iv

De volta a Londres, na casa de Walsingham em Seething Lane, Ned relatou que Maria Stuart estava agora sendo mais bem-vigiada do que antes.

Seu chefe foi sem demora ao cerne da questão:

– Você pode garantir que ela não está se comunicando com ninguém fora do castelo?

– Não – respondeu Ned, frustrado. – Só se tirarmos todos os seus criados e a mantivermos sozinha numa masmorra.

– Como eu queria que isso fosse possível – disse Walsingham com fervor. – Mas a rainha Elizabeth não vai permitir um tratamento duro assim.

– Nossa rainha tem o coração mole.

A visão de Walsingham sobre Elizabeth era mais cínica:

– Ela sabe que poderia ser prejudicada por histórias sobre o tratamento cruel com uma parente da realeza.

Ned não iria discutir.

– Seja como for, não podemos fazer mais nada em Sheffield.

Walsingham cofiou a barba.

– Nesse caso, precisamos nos concentrar nesta ponta do sistema – disse ele. – A embaixada francesa deve estar envolvida. Veja quais ingleses católicos estiveram lá. Temos uma lista.

– Cuidarei disso agora mesmo.

Ned foi ao andar de cima, à sala trancada onde Walsingham guardava os preciosos registros, e sentou-se para uma sessão de estudo.

A lista mais longa era a de nobres católicos ingleses. Não fora difícil compilar. Todas as famílias que haviam prosperado sob Maria Tudor e perdido privilégios sob Elizabeth eram suspeitas. Elas confirmavam essa tendência de várias maneiras, muitas vezes abertamente. Muitas pagavam a multa por não frequentar a igreja. Vestiam-se com cores alegres, desdenhando o preto e o cinza dos protestantes devotos. Nunca se encontrava uma Bíblia em língua inglesa numa casa católica. Essas coisas eram relatadas a Walsingham por bispos e chefes dos magistrados dos condados.

Tanto o conde Bart quanto Margery constavam dessa lista.

Mas ela era comprida demais. A maioria daquelas pessoas não era culpada de traição. Ned às vezes sentia que dispunha de informação em excesso. Poderia ser difícil separar o joio do trigo. Voltou a atenção para o registro em ordem alfabética dos católicos residentes em Londres. Além dos que viviam lá, Walsingham recebia relatórios diários sobre católicos que entravam e saíam da cidade. Os visitantes em geral se hospedavam na casa dos residentes ou então em hospedarias frequentadas por outros católicos. A lista sem dúvida estava incompleta. Londres era uma cidade com 100 mil habitantes, e era impossível ter espiões em todas as ruas. No entanto, Walsingham e Ned tinham informantes em

todos os locais frequentados por católicos e conseguiam acompanhar a maior parte das idas e vindas.

Ned folheou o livro. Conhecia centenas daqueles nomes, pois as listas eram sua vida, mas seria bom refrescar a memória. Mais uma vez, Margery e Bart apareciam: o casal vinha se hospedar em Shiring House, na Strand, quando o Parlamento se reunia.

Ned passou ao registro diário de visitantes à embaixada francesa em Salisbury Square. A casa era vigiada dia e noite da taberna Salisbury, situada do outro lado da rua, e isso desde que Walsingham voltara de Paris, em 1573. Começando pela véspera e recuando cada vez mais no tempo, Ned foi cruzando cada nome com o registro alfabético.

Nessa lista Margery não apareceu. Na verdade, nem ela nem Bart jamais foram vistos entrando em contato com embaixadores estrangeiros ou personagens suspeitos enquanto estavam em Londres. Socializavam com outros católicos, é claro, e seus criados frequentavam uma taberna católica perto de sua casa chamada The Irish Boy. Mas não havia nada que os ligasse a atividades subversivas.

Mas muitos visitantes da embaixada francesa não podiam ser identificados pelo nome. Para frustração de Ned, o registro tinha entradas demais do tipo *entregador de carvão desconhecido, mensageiro não identificado com cartas, mulher não vista com nitidez no escuro*. Mesmo assim, Ned insistiu na esperança de encontrar uma pista, qualquer uma.

Foi então que uma entrada de quinze dias antes lhe chamou a atenção: *madame Aphrodite Housse, esposa do vice-embaixador*.

Em Paris, ele havia conhecido certa mademoiselle Aphrodite Beaulieu, que parecia gostar de um jovem cortesão chamado Bernard Housse. Tinha de ser a mesma pessoa. E, caso fosse, Ned a salvara de um estupro coletivo naquele terrível dia de São Bartolomeu.

Tornou a analisar o registro alfabético e descobriu que monsieur Housse, o vice-embaixador da França, tinha uma casa na Strand.

Vestiu o casaco e saiu.

Duas perguntas o atormentavam enquanto ele seguia apressado rumo ao oeste. Será que Aphrodite sabia o nome do mensageiro que ia a Sheffield? E, em

caso positivo, será que se sentiria endividada o suficiente com Ned para lhe revelar esse segredo?

Estava prestes a descobrir.

Saiu da cidade murada de Londres pelo portão de Ludgate, atravessou o fétido rio Fleet e encontrou a residência dos Housses, uma casa modesta e agradável situada na parte menos cara da Strand, o lado norte. Bateu à porta e deu seu nome a uma criada. Aguardou alguns minutos, cogitando a possibilidade remota de Bernard Housse ter desposado alguma outra Aphrodite. Então foi conduzido até uma confortável saleta no andar de cima.

Lembrava-se de uma espevitada e coquete moça de 18 anos, mas o que viu foi uma graciosa mulher de 29 cuja silhueta sugeria ter dado à luz recentemente e talvez ainda estar amamentando. Ela cumprimentou-o calorosamente em francês.

– É você *mesmo* – falou. – Depois de tanto tempo!

– Então você se casou com Bernard – comentou Ned.

– Sim – respondeu ela com um sorriso satisfeito.

– Têm filhos?

– Três... por enquanto!

Eles se sentaram. Ned estava pessimista. Pessoas que traíam seus países em geral eram indivíduos atormentados, zangados e ressentidos, caso de Alain de Guise e Jerónima Ruiz. Aphrodite era uma mulher casada, feliz, com filhos e um marido de quem parecia gostar. As chances de ela revelar segredos eram pequenas. Mas Ned precisava tentar.

Contou-lhe que havia se casado com uma francesa e que trouxera a esposa consigo para Londres. Aphrodite afirmou querer conhecê-la. Revelou o nome dos três filhos, que ele decorou, pois tinha o hábito de memorizar nomes. Após alguns minutos atualizando-se sobre a vida um do outro, ele guiou a conversa na direção que desejava.

– Eu salvei sua vida uma vez, lá em Paris – falou.

Ela se tornou solene.

– Serei-lhe eternamente grata. Mas, por favor... Bernard não sabe nada sobre isso.

– Agora estou tentando salvar a vida de outra mulher.

– É mesmo? Quem?

– A rainha Elizabeth.

Aphrodite pareceu constrangida.

– Você e eu não deveríamos conversar sobre política, Ned.

Ele insistiu:

– O duque de Guise planeja matar Elizabeth e colocar no trono a prima dela, Maria Stuart. Não é possível que você seja a favor de assassinato.

– É claro que não, mas...

– Existe um inglês que vem à sua embaixada recolher cartas enviadas por Henrique de Guise e as leva até Maria em Sheffield.

Ned detestava revelar quanto sabia, mas aquela era sua única chance de convencê-la.

– Ele então traz de volta as respostas de Maria – prosseguiu ele.

Enquanto falava, encarou Aphrodite com intensidade para estudar sua reação e pensou ter visto nos seus olhos uma centelha de reconhecimento.

– Você deve saber quem é – afirmou, insistente.

– Ned, isso não é justo.

– Preciso saber o nome dele – disse Ned.

Ficou consternado ao detectar um tom de desespero na própria voz.

– Como você pode fazer isso comigo?

– Preciso proteger a rainha Elizabeth de homens maus, como um dia protegi você.

Aphrodite se levantou.

– Sinto muito por você ter vindo aqui com o objetivo de conseguir informações de mim.

– Estou lhe pedindo para salvar a vida de uma rainha.

– Você está me pedindo para trair meu marido, meu país e um homem que foi hóspede na casa do meu pai!

– Você me deve!

– Devo-lhe a minha vida, não a minha alma.

Ned fora derrotado. Sentiu vergonha do que acabara de fazer. Tentara corromper uma mulher decente, que gostava dele. Às vezes odiava o próprio trabalho. Levantou-se.

– Vou deixá-la – falou.

– Infelizmente, acho que deveria mesmo.

No fundo de sua mente, algo o atormentava. Sentia que Aphrodite dissera alguma coisa importante, que no calor da discussão ele deixara passar. Quis prolongar a visita para fazer mais perguntas até que ela a mencionasse de novo, mas Aphrodite agora o encarava com raiva, louca para vê-lo fora dali, e ele compreendeu que, se não fosse embora, ela simplesmente iria se retirar do recinto.

Despediu-se e voltou para a cidade cabisbaixo. Subiu a Ludgate Hill e passou pelo vulto gótico da catedral de St. Paul, cujas pedras cinzentas haviam enegrecido graças à fuligem de milhares de lareiras londrinas. Chegou a um ponto de onde se avistava a Torre de Londres, onde os traidores eram interrogados e torturados, e dobrou em Seething Lane.

Quando entrava na casa de Walsingham, lembrou-se do que Aphrodite tinha dito: “Você está me pedindo para trair meu marido, meu país e um homem que foi hóspede na casa do meu pai!”

Um homem que foi hóspede na casa do meu pai.

A primeiríssima lista compilada por Ned assim que chegara a Paris com Walsingham, dez anos antes, fora um registro dos católicos ingleses que visitavam a casa do conde de Beaulieu na Rue Saint-Denis.

Walsingham nunca jogava nada fora.

Ned subiu a escada correndo até a sala trancada. O livro que continha a lista de Paris estava no fundo de um baú. Ele o pegou e soprou a poeira da capa.

Ela devia estar se referindo à casa do pai em Paris, não? O conde tinha uma casa de campo na França, mas, até onde Ned sabia, nunca fora ponto de encontro de exilados ingleses. E Beaulieu nunca figurara no registro de católicos residentes em Londres.

Nada era certo.

Ned abriu o livro ansiosamente e começou a ler com cuidado os nomes escritos uma década antes na sua própria caligrafia. Forçou-se a ir devagar e a recordar o rosto daqueles jovens ingleses raivosos que tinham ido para a França por se sentirem sem espaço no próprio país. Ao fazê-lo, foi acometido por lembranças de Paris: o brilho das lojas, as roupas esplêndidas, o fedor das ruas, a

extravagância dos divertimentos reais, a selvageria do massacre.

Um dos nomes o atingiu como um soco. Nunca encontrara esse homem pessoalmente, mas conhecia seu nome.

Foi como se seu coração parasse. Tornou a consultar a lista de católicos em Londres. Sim, um dos homens que visitara a casa do conde Beaulieu em Paris estava agora em Londres.

Seu nome era sir Francis Throckmorton.

– Peguei você, seu demônio – disse Ned.

v

– Faça o que fizer, não o prenda – disse Walsingham.

Ned se espantou.

– Achei que fosse esse o objetivo.

– Pense melhor. Sempre haverá outro Throckmorton. É claro que faremos todo o possível para proteger a rainha Elizabeth... mas algum dia um desses traidores vai escapular por entre os nossos dedos.

Ned admirava a capacidade do chefe de pensar um passo à frente, mas não compreendeu aonde ele queria chegar com aquilo.

– O que podemos fazer, além de ficar sempre vigilantes?

– Vamos estabelecer como missão obter provas de que Maria Stuart está conspirando para usurpar a rainha Elizabeth.

– Como Throckmorton ameaçou o trono, a rainha provavelmente vai autorizar sua tortura, e ele deve confessar – falou Ned. – Mas todos sabem que não se pode confiar de todo em confissões.

– De fato. Precisamos conseguir provas incontrovertidas.

– E julgar Maria Stuart?

– Exato.

Ned ainda não sabia o que a mente ardilosa de Walsingham tramava, mas estava intrigado.

– Qual seria a vantagem?

– No mínimo, isso tornaria Maria impopular com o povo inglês. Apenas os católicos mais extremados aprovariam alguém que desejasse derrubar uma

rainha tão querida.

– Isso não vai deter os assassinos.

– Mas vai enfraquecer seu apoio. E fortalecer nossos argumentos quando pedirmos que as condições da prisão de Maria sejam endurecidas.

Ned concordou com um meneio de cabeça.

– E Elizabeth se preocuparia menos em ser acusada de crueldade para com a prima. Mesmo assim...

– Seria melhor ainda se conseguíssemos provar que Maria tramou não só derrubar a rainha Elizabeth, mas também assassiná-la.

Ned finalmente começou a entender o rumo do raciocínio de Walsingham. Ficou espantado com a implacabilidade do chefe.

– O senhor quer que Maria seja condenada à morte?

– Sim.

Ned achou aquilo arrepiante. Executar uma rainha era praticamente um sacrilégio.

– Mas Elizabeth jamais mandaria executar Maria.

– Mesmo se provássemos que ela conspirou para assassiná-la?

– Não sei – respondeu Ned.

– Nem eu – disse Walsingham.

vi

Ned ordenou que Throckmorton fosse vigiado 24 horas por dia.

Aphrodite com certeza contara ao marido sobre sua visita, e a embaixada francesa devia ter alertado Throckmorton. Assim, o homem estaria ciente de que Ned desconfiava de uma troca de correspondências com Maria. No entanto, com base na mesma conversa, era provável que Throckmorton acreditasse que ele desconhecia a identidade do mensageiro.

A equipe encarregada de segui-lo era trocada duas vezes por dia, mas mesmo assim havia riscos de que ele percebesse os espiões. Não pareceu ser o caso, porém. Ned imaginou que Throckmorton não estivesse acostumado com o trabalho clandestino e simplesmente não lhe ocorresse verificar se era seguido.

Alain de Guise escreveu de Paris dizendo que Pierre mandara uma carta

importante para Maria Stuart por mensageiro. Ela teria de ser contrabandeada por Throckmorton até a prisioneira. Caso ele fosse pego de posse da carta de Pierre, haveria uma prova objetiva de sua traição.

Só que Walsingham queria Maria, não Throckmorton. Assim, Ned decidiu esperar para ver se o mensageiro iria receber uma resposta da rainha. Caso ela concordasse com um complô, sobretudo se escrevesse palavras de incentivo, estaria condenada.

Em um dia do mês de outubro, enquanto Ned esperava ansiosamente para ver o que Throckmorton faria, um cavaleiro da corte chamado Ralph Ventnor apareceu em Seething Lane dizendo que a rainha Elizabeth queria falar com ele e Walsingham sem demora. Ventnor não soube dizer o motivo.

Os dois vestiram o casaco e percorreram a pé a curta distância até a Torre, onde Ventnor deixara uma balsa no cais para levá-los até White Hall.

Ned ficou apreensivo durante a travessia a remo rio acima. Convocações súbitas raramente eram bom sinal. E Elizabeth sempre fora instável. O céu de anil da sua aprovação podia se transformar em nuvens negras num segundo... e depois mudar outra vez.

Em White Hall, Ventnor os fez passar pela sala da guarda lotada de soldados e pela câmara presencial, repleta de cortesãos à espera, em seguida por um corredor até a câmara privativa.

A rainha estava sentada numa cadeira de madeira entalhada e folheada a ouro. Usava um vestido vermelho e branco com um sobrevestido de gaze prateada por cima, com detalhes abertos nas mangas que deixavam à mostra um forro de tafetá vermelho. Era um traje jovial, mas que não conseguia esconder a passagem do tempo. Elizabeth acabara de comemorar seu quinquagésimo aniversário e, apesar da pesada maquiagem branca, o rosto deixava transparecer a idade. Quando ela falava, exibia uma dentição marrom e irregular, com vários dentes faltando.

O conde de Leicester também estava presente. Tinha a mesma idade da rainha e o mesmo gosto por trajes de jovens ricos. Nesse dia usava uma roupa de seda azul-clara bordada a ouro e a camisa tinha babados nos punhos e na gola. Ned avaliou que aquelas vestimentas teriam sido absurdamente caras.

Reparou com apreensão que Leicester parecia satisfeito consigo mesmo.

Provavelmente estava prestes a marcar pontos contra Walsingham.

Ned e Walsingham se curvaram lado a lado.

Quando a rainha falou, sua voz saiu fria como o inverno:

– Um homem foi preso numa taberna de Oxford dizendo que estava a caminho de Londres para dar um tiro na rainha.

Ah, maldição, deixamos passar um, pensou Ned. Recordou as palavras de Walsingham: “Algum dia um desses traidores vai escapulir por entre os nossos dedos.”

Leicester se manifestou com uma atitude de superioridade que parecia sugerir que tudo aquilo era absurdo.

– Ele estava armado com uma pesada pistola e disse que a rainha era uma víbora e que iria fincar a cabeça dela numa estaca.

Leicester não iria perder a oportunidade de pôr o dedo na ferida, pensou Ned. Na verdade, porém, se era indiscreto a ponto de ser detido a 100 quilômetros da rainha, o assassino não soava tão perigoso.

– Por que eu pago tanto dinheiro se não é para me proteger de gente assim? – questionou Elizabeth.

Aquilo era um acinte: ela pagava apenas 750 libras por ano, nem de longe o bastante, e Walsingham financiava do próprio bolso grande parte do trabalho. Mas rainhas não precisavam ser justas.

– Quem é o homem? – quis saber Walsingham.

– John Somerfield – respondeu Leicester.

Ned reconheceu o nome: ele fazia parte da lista.

– Nós conhecemos Somerfield, Majestade. É um dos católicos de Warwickshire. Ele é louco.

O conde de Leicester deu uma risada sarcástica.

– Então isso significa que ele não representa nenhum perigo para Sua Majestade?

Ned corou.

– Isso significa, conde, que não é provável que ele seja parte de uma conspiração séria.

– Ah, que bom! Nesse caso, é óbvio que as balas dele não podem matar ninguém, não é?

– Não foi isso que eu...

Leicester não deixou Ned terminar.

– Majestade, eu gostaria que a senhora incumbisse outra pessoa da tarefa de proteger sua preciosa pessoa – disse e arrematou com uma voz untuosa: – Essa é a tarefa mais importante do reino.

O conde era um bajulador de talento, e infelizmente Elizabeth se deixou encantar.

Walsingham se manifestou pela primeira vez:

– Eu falhei com a senhora, Majestade. Não reconheci o perigo representado por Somerfield. Sem dúvida existem muitos homens na Inglaterra capazes de fazer melhor esse trabalho. Suplico-lhe que confie a responsabilidade a um deles. De minha parte, ficaria grato por largar o fardo que carreguei durante tanto tempo e sossegar meus ossos cansados.

Ele não estava sendo sincero, claro, mas provavelmente era a melhor maneira de lidar com a rainha na sua atual disposição. Ned percebeu que fora tolice sua argumentar. Se Elizabeth estava irritada, dizer-lhe que ela não precisava se preocupar só pioraria a situação. Uma atitude humilde e abnegada tinha mais probabilidade de lhe agradar.

– Você tem a mesma idade que eu – disparou a rainha em resposta.

No entanto, as desculpas de Walsingham pareceram fazê-la amolecer. Ou talvez ela houvesse sido levada a refletir que, na realidade, não havia homem nenhum na Inglaterra capaz de fazer um trabalho tão árduo e tão cuidadoso quanto ele para protegê-la das muitas pessoas, loucas e sãs, que desejavam assassiná-la. Mesmo assim, ainda não estava disposta a liberá-lo.

– O que vai fazer para me deixar mais segura? – exigiu saber.

– Majestade, estou prestes a dismantelar uma bem-organizada conspiração contra a senhora, liderada por inimigos de um naipe inteiramente diferente do de John Somerfield. Essas pessoas não vão brandir suas armas no ar nem alardear suas intenções em tabernas. Elas têm como cúmplices o papa e o rei da Espanha, coisa que, posso lhe garantir, Somerfield não tem. São determinadas, bem-financiadas e sabem se manter em segredo. Mesmo assim, espero prender seu líder nos próximos dias.

Foi uma defesa enérgica contra a maldade de Leicester, mas mesmo assim

Ned ficou consternado. Uma prisão agora acabaria de forma prematura com a conspiração, conseqüentemente eles não conseguiriam provas da cumplicidade de Maria Stuart. Uma rivalidade pessoal havia interferido mais uma vez.

– Quem são essas pessoas? – quis saber a rainha.

– Por medo de que elas sejam alertadas, Majestade, hesito em mencionar nomes... – Ele olhou na direção de Leicester. – ... em público.

O conde já ia protestar, mas a rainha falou primeiro:

– Tem razão, eu não deveria ter perguntado. Muito bem, sir Francis, é melhor o senhor nos deixar e voltar ao seu trabalho.

– Grato, Majestade – respondeu Walsingham.

vii

Rollo Fitzgerald estava nervoso por causa de Francis Throckmorton.

O mensageiro não era como os homens treinados na Faculdade Inglesa. Os padres assumiam o compromisso de se submeterem pela vida inteira à autoridade da Igreja. Compreendiam a obediência e a dedicação. Haviam deixado a Inglaterra, passado anos estudando, feito votos e voltado ao seu país para executar o trabalho para o qual tinham sido preparados. Sabiam que sua vida corria perigo; sempre que um deles era capturado por Walsingham e executado, sua morte era exaltada na faculdade como um martírio.

Throckmorton não fizera nenhum voto. Era um jovem e rico aristocrata com um apego romântico ao catolicismo. Passara a vida agradando a si mesmo, não a Deus. Sua coragem e determinação nunca tinham sido postas à prova. Ele poderia simplesmente recuar.

Mesmo que aguentasse até o fim, havia outros riscos. Ele saberia ser discreto o suficiente? Não tinha experiência em trabalhos clandestinos. Será que, num momento de bebedeira, iria se gabar com os amigos mencionando sua missão secreta?

Rollo também se preocupava com Peg Bradford. Segundo Alison, Peg faria qualquer coisa pela rainha da Escócia, mas Alison podia estar enganada e Peg talvez se revelasse indigna de confiança.

Contudo, a maior preocupação era a própria Maria. Será que ela iria

cooperar? Sem ela, o complô inteiro se reduzia a nada.

Uma coisa de cada vez, disse a si mesmo. Primeiro Throckmorton.

Por questões de segurança, teria preferido não ter mais contato com o mensageiro, mas isso não era possível. Precisava saber se tudo corria conforme o planejado. Assim, com relutância, ao crepúsculo, quando era mais difícil distinguir rostos, ele foi à casa de Throckmorton em St. Paul's Wharf, que ficava na colina abaixo vindo da catedral.

Segundo o criado de Throckmorton, por falta de sorte seu patrão tinha saído. Rollo cogitou ir embora e voltar em outra hora, mas a impaciência para saber o que vinha acontecendo o fez dizer ao homem que ele iria esperar.

Foi conduzido até uma saleta com janela para a rua. Nos fundos do recinto, uma porta dupla entreaberta deixava ver um cômodo mais luxuoso, confortável e ricamente mobiliado, mas no qual pairava um cheiro forte de fumaça: o criado estava queimando lixo no quintal dos fundos.

Rollo aceitou um cálice de vinho e, enquanto esperava, ficou pensando em seus agentes secretos. Assim que houvesse estabelecido a comunicação entre Pierre, em Paris, e Maria, em Sheffield, teria de fazer uma turnê pela Inglaterra para visitar os padres. Precisava coletar mapas com eles ou seus protetores e confirmar garantias de apoio para o exército invasor. Tinha tempo, pois a invasão só iria acontecer na primavera do próximo ano, mas havia muito a fazer.

Throckmorton chegou em casa ao cair da noite. Rollo ouviu o criado abrir a porta e dizer:

– Há um cavalheiro à sua espera na saleta, senhor... Ele preferiu não dizer seu nome.

Throckmorton ficou contente ao ver Rollo. Tirou do bolso do casaco um pacote que depositou sobre a mesa com um estalo, num gesto de triunfo.

– Cartas para a rainha Maria! – falou, exultante. – Acabo de chegar da embaixada francesa.

– Muito bem!

Rollo se levantou com um pulo e começou a examinar as cartas. Reconheceu o selo do duque de Guise e o de John Leslie, o homem que representava Maria em Paris. Apesar de ansiar por ler o conteúdo, não podia romper os lacres sem causar problemas.

– Quando poderá levá-las até Sheffield?

– Amanhã – respondeu Throckmorton.

– Excelente.

Alguém bateu à porta da frente. Os dois homens congelaram e apuraram os ouvidos. Não era a batida cortês de uma visita amigável, mas o murro arrogante de alguém hostil. Rollo foi até a janela e viu, à luz do lampião acima da porta, dois indivíduos bem-vestidos. Um deles virou a cabeça naquela direção, e ele o reconheceu na hora como Ned Willard.

– Maldição! Homens de Walsingham.

Entendeu num instante que Ned devia ter mandado vigiar Throckmorton. O mensageiro devia ter sido seguido até a embaixada francesa, e Ned sem dúvida concluíra o que o levava até lá. Mas como ele conseguira encontrar Throckmorton? Rollo entendeu que o serviço secreto de Walsingham era muito mais eficaz do que qualquer um imaginava.

E dali a um minuto Rollo estaria nas suas mãos.

– Vou mandar meu criado dizer que saí – falou Throckmorton.

Ele abriu a porta da saleta, mas era tarde: Rollo ouviu a porta da frente ser aberta e o ruído de vozes autoritárias. Tudo estava acontecendo depressa demais.

– Vá atrasá-los – disse Rollo.

Throckmorton foi até o saguão de entrada.

– Ora, ora, mas que estardalhaço é esse? – foi dizendo.

Rollo olhou para as cartas sobre a mesa. Eram incontestavelmente incriminatórias. Caso contivessem o que ele imaginava, condenariam tanto ele quanto Throckmorton à morte.

O plano todo estava em risco, a menos que Rollo conseguisse sair daquela situação no último segundo.

Recolheu as cartas e passou pela porta entreaberta até a sala dos fundos. Lá havia uma janela que dava para o quintal. Ele a abriu depressa e passou. Enquanto o fazia, ouviu da saleta a voz de Ned Willard, que conhecia desde a infância.

No meio do quintal havia uma fogueira de folhas secas, restos do fogo da cozinha e palha suja do estábulo. Ao olhar mais adiante, ele viu, à luz vermelha bruxuleante das chamas, o contorno de um homem se aproximando por entre as

árvores. Imaginou que devesse ser um terceiro integrante da equipe: Ned era meticoloso, não teria deixado de cobrir a saída dos fundos da casa.

– Ei, você! – gritou o homem para Rollo.

Ele teve de tomar uma decisão numa fração de segundo.

Throckmorton estava perdido. Seria preso e torturado e, antes de morrer, diria tudo o que sabia. Mas ele não conhecia a verdadeira identidade de Jean Langlais. Não poderia trair ninguém com exceção da lavadeira Peg Bradford, e ela era uma trabalhadora ignorante que nada faria com sua vida inútil a não ser parir mais trabalhadores ignorantes. O mais crucial de tudo era que Throckmorton não podia incriminar Maria Stuart. A única prova contra ela eram as cartas que Rollo tinha na mão.

Ele as amassou e jogou bem no centro amarelo-vivo da fogueira.

O terceiro homem começou a correr na sua direção.

Rollo permaneceu onde estava por preciosos segundos, até ver o papel pegar fogo, enegrecer e começar a virar cinzas.

Uma vez destruídas as provas, surpreendeu o terceiro homem ao correr direto na direção dele. Deu-lhe um violento empurrão que o fez cair e passou por ele.

Seguiu para o limite da propriedade. O terreno dava na margem lamacenta do Tâmisa.

Ele dobrou na beira do rio e continuou a correr.

viii

Na primavera de 1584, Pierre foi assistir à marquesa de Nîmes ser despejada.

Mesmo sendo protestante, seu marido, o marquês, conseguira escapar durante décadas. Mas Pierre fora paciente. A casa de campo no subúrbio de Saint-Jacques continuara sendo um centro de atividades hereges mesmo depois da grande batida de Pierre em 1559, quando ele fizera a congregação inteira ser presa. Agora, porém, Paris estava sob o jugo de um grupo extraoficial chamado Liga Católica, dedicado a eliminar o protestantismo. Pierre conseguira arrastar o marquês até diante de uma corte suprema e fazê-lo ser condenado à morte.

Na realidade, nunca tivera interesse pelo velho. A pessoa a quem odiava era a marquesa Louise, agora uma glamorosa viúva de 40 e poucos anos. Como os

bens de hereges eram confiscados, a execução do marido a deixara na miséria.

Pierre havia esperado 25 anos por aquele momento.

Chegou bem na hora em que a marquesa confrontava o oficial de justiça no saguão de entrada. Ficou junto com os homens do oficial, e ela não reparou na sua presença.

Louise estava cercada pelos indícios da riqueza que perdera: pinturas a óleo de cenas campestres nas paredes revestidas de madeira, cadeiras de luxo entalhadas e enceradas, piso de mármore e lustres no teto. Usava um vestido de seda verde que parecia fluir feito água sobre seu generoso quadril. Quando era mais nova, todos os homens encaravam seu busto farto, e ela ainda tinha um belo corpo.

– Como o senhor se atreve? – dizia ela ao oficial de justiça com uma voz cheia de autoridade. – Não pode obrigar uma nobre a sair da própria casa.

Ficou claro que o oficial já tinha feito aquilo antes. Ele foi educado, mas não cedeu.

– Aconselho a senhora a sair sem fazer alarde, marquesa – disse ele. – Se não sair andando, será carregada, o que é indigno.

Ela chegou mais perto dele e empinou os ombros para trás, chamando atenção para os seios.

– O senhor pode usar seu poder de decisão – disse ela, num tom mais brando.

– Volte daqui a uma semana, quando terei tido tempo de tomar minhas providências.

– A corte lhe deu tempo, marquesa, e esse tempo agora acabou.

Nem a altivez nem o charme haviam funcionado, e ela deixou o desespero transparecer.

– Eu não posso sair de casa... Não tenho para onde ir! – lamentou-se. – Não posso nem alugar um quarto porque não tenho dinheiro, nem uma moeda. Meus pais já morreram e meus amigos têm medo de me ajudar ou também serão acusados de heresia!

Pierre a observou, alegrando-se com as lágrimas em seu rosto e com o viés de pânico na voz. Aquela era a marquesa que 25 anos antes esnobara o jovem Pierre. Sylvie o apresentara orgulhosamente à jovem Louise, ele dissera alguma amenidade que lhe desagradara, e ela respondera: “Até em Champagne deveriam

ensinar os rapazes a respeitarem seus superiores.” Então fizera questão de lhe virar as costas. A lembrança ainda o fazia se encolher de vergonha.

Ele agora se deliciava com a inversão de papéis. Fora recentemente nomeado abade de Holy Tree, um mosteiro com milhares de hectares de terras na região de Champagne. Guardava a renda para si e deixava os monges viverem na pobreza, de acordo com seus votos. Ele era rico e poderoso, ao passo que Louise era miserável e indefesa.

– Está calor – falou o oficial de justiça. – A senhora pode dormir na floresta. Ou, caso chova, o convento de Sainte-Marie-Madeleine, na Rue de la Croix, acolhe mulheres desabrigadas.

Louise pareceu chocada.

– Aquele lugar é para prostitutas!

O oficial deu de ombros.

Louise começou a chorar. Seus ombros afundaram, ela cobriu o rosto com as mãos e os soluços convulsionaram seu peito.

Pierre ficou excitado com a sua consternação.

Foi nesse ponto que saiu em seu socorro. Destacou-se do pequeno grupo junto à porta e foi se postar entre o oficial de justiça e a marquesa.

– Acalme-se, madame – começou ele. – A família Guise não vai permitir que uma nobre durma na floresta.

Ela afastou as mãos do rosto e o encarou por entre as lágrimas.

– Pierre Aumande – começou ele. – Veio aqui zombar de mim?

Louise iria sofrer mais ainda por não o ter chamado de Pierre Aumande de Guise.

– Estou aqui para ajudá-la na sua emergência – disse ele. – Se tiver a bondade de vir comigo, eu a levarei até um local seguro.

Ela continuou em pé no mesmo lugar.

– Que local?

– Aposentos já foram reservados e estão pagos, num bairro tranquilo. Há uma criada. Não é nada luxuoso, mas não lhe faltará conforto. Venha dar uma olhada. Estou seguro de que vai lhe servir, pelo menos temporariamente.

Ela não sabia se deveria acreditar nele. Os Guises detestavam os protestantes. Por que iriam ser bons com ela? No entanto, após vários instantes

de hesitação, entendeu que não tinha nenhuma alternativa.

– Deixe-me arrumar uma bolsa.

– Nada de joias – disse o oficial de justiça. – Vamos inspecionar a bolsa quando a senhora sair.

Ela nada respondeu, apenas deu meia-volta e se retirou com a cabeça erguida.

Pierre mal conseguia conter a própria impaciência. Em breve iria ter aquela mulher sob seu controle.

A marquesa não era parente dos Guises e estava do lado oposto ao deles na guerra religiosa, mas, por algum motivo, na cabeça de Pierre, os dois eram iguais. Os Guises o usavam como conselheiro e o incumbiam das tarefas desagradáveis, mas ainda o desprezavam socialmente. Ele era seu criado mais influente e mais bem-remunerado, mas, ainda assim, um criado. Era sempre convidado para um conselho de guerra, mas nunca para um jantar de família. Não teria como se vingar dessa rejeição. Mas teria como punir Louise.

Ela voltou com uma bolsa de couro abarrotada. Fiel à ameaça feita, o oficial de justiça a abriu e a esvaziou por completo. A marquesa havia posto lá dentro dezenas de peças íntimas lindas feitas de seda e linho, bordadas e com várias fitas. Aquilo fez Pierre pensar no que ela poderia estar usando por baixo do vestido verde.

Com a arrogância que lhe era característica, ela passou a bolsa para Pierre como se ele fosse um laçao.

Ele não a repreendeu. Essa hora iria chegar, no devido tempo.

Conduziu-a até o lado de fora. Biron e Brocard aguardavam com os cavalos. Havia trazido uma montaria extra para a marquesa. O grupo saiu da propriedade dos Nîmes, entrou em Paris pelo portão de Saint-Jacques e seguiu a Rue Saint-Jacques até a Petit Pont. Eles então atravessaram a Île de la Cité e foram até uma casa modesta localizada junto a uma sequência de outras no mesmo estilo não muito longe do palácio dos Guises. Pierre dispensou Biron e Brocard e ordenou que levassem os cavalos para casa, em seguida escoltou Louise para dentro.

– O último andar é seu – falou.

– Quem mais mora aqui? – perguntou ela, nervosa.

Ele respondeu a verdade:

– Um inquilino diferente em cada andar. A maioria já fez trabalhos para os Guises no passado: um preceptor aposentado, uma costureira que perdeu a visão, uma espanhola que fazia traduções de vez em quando. Todos muito respeitáveis.

E nenhum disposto a se arriscar a perder a moradia por desagradar a Pierre.

Louise pareceu um pouco mais tranquila.

Eles subiram a escada. Quando chegaram ao topo, ela ofegava.

– Essa subida vai me cansar – reclamou.

Pierre ficou satisfeito: ela já aceitara o fato de que iria morar ali.

A criada os acolheu com uma mesura. Pierre mostrou a Louise o salão, a cozinha, a lavanderia e, por fim, o quarto. Ela ficou agradavelmente surpresa.

Pierre tinha dito que não seria nenhum luxo, mas na verdade havia mobiliado o pequeno apartamento com peças caras, pois planejava passar tempo ali.

Louise estava claramente confusa. Alguém que ela considerava um inimigo se mostrava generoso com ela. Pelo seu semblante, Pierre pôde ver que nada daquilo fazia sentido para ela. Ótimo.

Quando fechou a porta do quarto, ela começou a entender.

– Lembro-me de que ficava olhando para eles – disse Pierre, e segurou os seios dela.

Louise deu um passo para trás.

– Você imaginou que eu fosse virar sua amante? – indagou, com desprezo.

Pierre sorriu.

– Você é minha amante – afirmou, e as palavras o deleitaram. – Tire o vestido.

– Não.

– Eu vou arrancá-lo.

– Eu vou gritar.

– Pode gritar à vontade. A criada está avisada.

Ele a empurrou com força e ela caiu de costas na cama.

– Não, por favor – pediu ela.

– Você nem se lembra – rosnou Pierre. – “Até em Champagne deveriam ensinar os rapazes a respeitarem seus superiores”, foi o que me disse 25 anos atrás.

Louise o encarou, horrorizada e incrédula.

– E por isso você vai me punir deste jeito?

– Abra as pernas – ordenou ele. – Está só começando.

ix

Mais tarde, enquanto voltava a pé para o palácio dos Guises, Pierre se sentiu como às vezes ficava após um banquete: saciado mas ligeiramente enjoado. Adorava humilhar um aristocrata, mas aquilo fora quase excessivo. Iria voltar, claro, mas talvez só dali a alguns dias. Louise era uma refeição pesada.

Ao chegar em casa, encontrou Rollo Fitzgerald, o inglês conhecido pelo codinome Jean Langlais, à espera na saleta de seus aposentos.

Ficou irritado. Queria uma hora para si, a fim de se recuperar do que acabara de fazer e permitir que os pensamentos se acalmassem. Mas não: tinha de voltar ao trabalho.

Rollo carregava um estojo de lona que abriu para revelar um maço de mapas.

– Todos os principais portos nos litorais sul e leste da Inglaterra – falou, com orgulho.

Pôs os mapas sobre a escrivaninha de Pierre, que os examinou. Tinham sido confeccionados por mãos distintas, algumas com mais talento artístico do que outras, mas todos pareciam admiravelmente nítidos, com atracadouros, cais e partes rasas perigosas assinalados com precisão.

– Estão bons – elogiou. – Embora tenham demorado muito a chegar.

– Eu sei, e sinto muito – disse Rollo. – Mas a prisão de Throckmorton nos atrasou.

– O que aconteceu com ele?

– Foi considerado culpado de traição e condenado à morte.

– Mais um mártir.

– Espero que a morte dele não seja em vão – declarou Rollo com ênfase.

– O que quer dizer com isso?

– O duque de Guise continua decidido a invadir a Inglaterra?

– Sem dúvida. Ele quer ver Maria Stuart no trono inglês, assim como quase todos os líderes europeus importantes.

– Ótimo. Os carcereiros de Maria aumentaram a segurança em torno dela, mas vou encontrar um jeito de restabelecer a comunicação.

– Então podemos começar a planejar a invasão para o ano que vem?

– Sem dúvida.

O enteado de Pierre entrou no recinto.

– Notícias da Picardia – disse ele. – Hércules Francisco morreu.

– Deus meu! – exclamou Pierre.

Hércules Francisco era o mais jovem dos filhos do finado rei Henrique e da rainha Catarina.

– Que catástrofe! – exclamou a Rollo. – Ele era o herdeiro do trono.

Rollo franziu o cenho.

– Mas não há nada de errado com o rei Henrique III – disse ele. – Por que o senhor está preocupado com o herdeiro dele?

– Henrique é o terceiro irmão a subir ao trono. Os dois anteriores morreram jovens e sem filhos, de modo que talvez aconteça o mesmo com ele.

– Então quem é o herdeiro do trono, agora que Hércules Francisco morreu?

– É essa a catástrofe. O herdeiro é o rei de Navarra. E ele é protestante.

– Mas a França não pode ter um rei protestante! – rebateu Rollo, indignado.

– Certamente não.

O rei de Navarra também era membro da família Bourbon, antiga inimiga dos Guises, outro motivo forte para mantê-lo afastado do trono.

– Temos de conseguir que o papa desautorize qualquer reivindicação do rei de Navarra – falou Pierre, pensando em voz alta.

O duque Henrique iria convocar um conselho de guerra antes do final do dia. Precisava elaborar um plano até lá.

– Vai haver outra guerra civil, e o duque de Guise vai liderar as forças católicas. Devo falar com ele – disse Pierre, levantando-se.

Rollo apontou para os mapas.

– Mas e a invasão da Inglaterra?

– A Inglaterra vai ter de esperar.

CAPÍTULO 24

No quadragésimo terceiro aniversário da rainha da Escócia, Alison saiu para cavalgar com ela. Sua respiração se condensava no ar frio da manhã, e ela se sentiu grata pelo calor do cavalo Garçon sob seu corpo. As duas iam acompanhadas por um esquadrão de soldados. Maria e toda a sua comitiva estavam proibidas de falar com qualquer um fora do grupo. Se uma criança oferecesse uma maçã à rainha, a fruta seria arrancada por um soldado.

Elas tinham um novo carcereiro, sir Amias Paulet, um puritano tão rígido que fazia Walsingham parecer libertino. Alison jamais conhecera um homem imune ao charme de Maria. Paulet foi o primeiro. Quando a rainha tocava seu braço ou lhe dava um sorriso encantador ou então falava de modo casual sobre coisas como beijos, bustos ou camas, ele a encarava como se ela estivesse louca e não respondia.

Paulet não tinha vergonha de ler toda a correspondência de Maria: entregava-lhe as cartas abertas sem ao menos se desculpar. Ela podia escrever para os parentes e amigos na França e na Escócia, mas nessas condições é claro que nada podia ser dito sobre invadir a Inglaterra, resgatá-la, executar Elizabeth e colocá-la no trono.

Apesar de revigorada pela cavalgada, Alison sentiu a conhecida depressão retornar assim que elas tomaram o caminho de casa. Aquele era o vigésimo aniversário sucessivo que Maria passava na prisão. A própria Alison estava com 45 anos e passara todos esses aniversários com a amiga na esperança de que fosse o último em que estariam encarceradas. Sentia que as duas haviam passado a vida inteira esperando e torcendo. Já fazia um tempo insuportavelmente longo que tinham sido as moças mais bem-vestidas de Paris.

Jaime, filho de Maria, tinha agora 21 anos e era rei da Escócia. Não via a mãe desde que tinha 1 ano de idade. Não demonstrava interesse por ela e nada fazia para ajudá-la, mas, afinal, por que faria? Ele nem a conhecia. Maria nutria

uma raiva feroz da rainha Elizabeth por mantê-la afastada do próprio filho durante quase a vida inteira do rapaz.

Elas se aproximaram do cárcere atual. Chartley Manor tinha um fosso e ameias, mas, tirando isso, era mais uma casa senhorial do que um castelo: uma mansão com estrutura de madeira, várias lareiras alegres e fileiras de janelas a clarear o interior. Não chegava a ser grande o bastante para a comitiva de Maria e os membros da família Paulet, de modo que os soldados se instalavam em casas próximas. Maria e Alison não se sentiam cercadas por guardas o tempo todo; mesmo assim o lugar continuava sendo uma prisão.

Os cavaleiros atravessaram a ponte sobre o fosso, adentraram o amplo pátio e puxaram as rédeas junto ao poço no centro. Alison apeou e deixou Garçon beber do coxo. Em um dos lados do poço estava a carroça de um cervejeiro e homens fortes rolavam barris de cerveja em direção aos aposentos da rainha pela porta da cozinha. Perto da porta principal, Alison reparou num pequeno grupo de mulheres. Lady Margaret Paulet estava ali com algumas de suas criadas, todas reunidas em volta de um homem que trajava um casaco sujo de poeira. Lady Margaret era mais simpática do que o marido, e Alison atravessou o pátio para ver o que estava acontecendo.

O homem no centro do pequeno grupo segurava uma mala de viagem aberta cheia de fitas, botões e joias baratas. Maria se aproximou e ficou atrás de Alison. As mulheres tocavam os artigos à venda, perguntavam preços e debatiam animadamente sobre os itens de que mais gostavam.

– O senhor tem alguma poção de amor? – perguntou uma delas, brincalhona.

Foi um comentário coquete, e mascates em geral eram hábeis em seduzir as clientes, mas aquele pareceu constrangido e resmungou algo sobre fitas serem melhores do que poções.

Sir Amias Paulet surgiu pela porta da frente e foi investigar o que acontecia. Com 50 e poucos anos, era um homem careca, com uma franja de cabelos grisalhos e um farto bigode ruivo.

– O que está havendo? – perguntou ele.

Lady Margaret adotou um ar contrito.

– Ah, nada – respondeu.

– Lady Margaret não se interessa por frivolidades – disse Paulet ao vendedor.

A dona da casa e suas criadas se afastaram, relutantes, e Paulet ainda arrematou com desdém:

– Leve-o até a rainha escocesa. Essas futilidades são mais o tipo de coisa que lhe agrada.

Maria e as mulheres de sua comitiva ignoraram o comentário grosseiro, que já era comum. Desesperadas por alguma diversão, aglomeraram-se em volta do vendedor e substituíram as decepcionadas criadas dos Paulets.

Foi nessa hora que Alison olhou com mais atenção para o mascate e reprimiu um arquejo ao reconhecê-lo. O homem tinha cabelos ralos e uma volumosa barba castanho-avermelhada. Era Jean Langlais, o mesmo que falara com ela no terreno do castelo de Sheffield.

Ela olhou para Maria e se lembrou de que a rainha nunca o vira. Alison era a única com quem ele conversara. Sentiu um arrepio de animação e esperança. Sem dúvida ele estava ali para falar novamente com ela.

Também sentiu uma pequena pontada de desejo. Desde que o conhecera no jardim do castelo, acalentava a fantasia na qual o desposava e os dois se tornavam o casal mais importante da corte enquanto Maria era coroada rainha da Inglaterra católica. Sabia que era bobagem pensar essas coisas de um homem que só encontrara por alguns minutos, mas talvez uma prisioneira tivesse direito a sonhos bobos.

Precisava tirar Langlais daquele pátio exposto demais e levá-lo a um lugar onde ele pudesse tirar o disfarce de vendedor itinerante e falar com franqueza.

– Estou com frio – falou. – Vamos entrar.

– Ainda estou aquecida por causa da cavalgada – respondeu Maria.

– Por favor, senhora, lembre-se do seu peito fraco. Vamos entrar em casa – insistiu Alison.

Maria pareceu ofendida que Alison se atrevesse a insistir, mas então talvez tenha detectado o viés de urgência em sua voz, pois arqueou uma das sobrancelhas numa expressão intrigada e, por fim, olhando direto para ela, compreendeu a mensagem nos olhos arregalados da amiga.

– Pensando bem, vamos entrar, sim.

Elas levaram Jean Langlais direto para os aposentos privativos de Maria, e Alison dispensou todas as outras pessoas.

– Majestade, este é Jean Langlais, o mensageiro do duque de Guise – apresentou-o em francês.

Maria ficou animada.

– O que o duque tem a me dizer? – indagou, ansiosa.

– A crise passou – respondeu Langlais, falando francês com um leve sotaque inglês. – O Tratado de Nemours foi assinado e o protestantismo é novamente ilegal na França.

Maria deu um aceno impaciente.

– Essa notícia é velha.

Langlais foi imune à descortesia da rainha. Prosseguiu sem se abalar:

– O tratado é um triunfo para a Igreja, bem como para o duque de Guise e o restante da família francesa de Vossa Majestade.

– Sim, eu sei.

– Ou seja, seu primo, o duque Henrique, está livre para retomar o plano que tem sido seu desejo mais caro por tanto tempo: pôr Vossa Majestade no trono da Inglaterra, que lhe pertence por direito.

Alison hesitou em se alegrar. Muitas vezes comemorara de forma prematura. Mesmo assim, seu coração pulou de esperança. Ela viu o rosto de Maria se iluminar.

– Mais uma vez, nossa primeira tarefa é estabelecer um canal de comunicação entre o duque e Vossa Majestade – prosseguiu Langlais. – Encontrei um bom rapaz católico inglês para ser nosso mensageiro. Mas precisamos arrumar um jeito de fazer as mensagens entrarem e saírem desta casa sem que Paulet as leia.

– Já fizemos isso antes, mas a cada vez fica mais difícil – disse Alison. – Não podemos usar de novo as lavadeiras. Walsingham descobriu esse stratagem.

Langlais assentiu.

– Throckmorton deve ter revelado o segredo antes de morrer.

Alison se espantou com a frieza com que ele se referiu ao martírio de sir Francis Throckmorton. Perguntou-se quantos dos outros colaboradores de Langlais teriam suportado a tortura e a execução.

Afastou esse pensamento e disse:

– De toda forma, Paulet não permite que mandemos lavar nossa roupa fora.

As criadas da rainha precisam esfregar as roupas no fosso.

– Precisamos pensar em outra coisa – disse Langlais.

– Ninguém da nossa comitiva tem permissão para manter qualquer contato com o mundo externo sem supervisão – afirmou Alison, pessimista. – Fiquei surpresa por Paulet não expulsar o senhor.

– Reparei em barris de cerveja sendo trazidos aqui para dentro.

– Ah – fez Alison. – É uma ideia. O senhor é muito perspicaz.

– De onde eles vêm?

– Da hospedaria Lion's Head, em Burton, a cidade mais próxima.

– Paulet os inspeciona?

– A cerveja? Não.

– Ótimo.

– Mas como poderíamos pôr cartas dentro de um barril de cerveja? O papel ficaria molhado, a tinta iria borrar...

– E se puséssemos os papéis dentro de garrafas lacradas?

Alison assentiu devagar.

– E poderíamos fazer o mesmo com as respostas da rainha.

– Vocês poderiam colocar as respostas dentro das mesmas garrafas e lacrá-las outra vez... tem cera de lacre aqui.

– As garrafas fariam barulho dentro de barris vazios. Alguém poderia investigar.

– É possível evitar isso enchendo o barril de palha. Ou enrolando as garrafas em trapos e pregando-as na madeira para impedir que se movam.

Alison estava ficando cada vez mais empolgada.

– Vamos pensar em alguma coisa. Mas teríamos de convencer o cervejeiro a cooperar.

– Sim – concordou Langlais. – Deixem essa parte comigo.

Gilbert Gifford tinha um ar inocente, mas na opinião de Ned Willard essa impressão era enganosa. O rapaz parecia mais novo do que seus 24 anos: o rosto liso exibia a barba e o bigode finos, isso porque ele provavelmente nunca tinha

se barbeado. Mas, numa carta enviada por meio da embaixada inglesa, Alain de Guise contara a Sylvie que Gifford se encontrara recentemente com Pierre Aumande em Paris. Na opinião de Ned, Gifford era um agente muito perigoso dos inimigos da rainha Elizabeth.

Apesar disso, o rapaz se comportava de forma ingênua. Em dezembro de 1585, cruzou o Canal da Mancha vindo da França e desembarcou em Rye. Como naturalmente não tinha a permissão real exigida de um inglês para viajar ao estrangeiro, oferecera um suborno ao capitão do porto de Rye. Em outros tempos, teria se safado, mas as coisas haviam mudado. Ultimamente, qualquer oficial dos portos que deixasse passar um indivíduo suspeito poderia ser condenado à morte, pelo menos em teoria. O capitão do porto prendera Gifford e Ned ordenara que o homem fosse levado até Londres para interrogatório.

Enquanto ele e Walsingham encaravam Gifford do outro lado de uma mesa na casa de Seething Lane, Ned tentava decifrar aquele enigma.

– Por que diabo o senhor pensou que ia escapar depois de fazer uma coisa dessas? – perguntou Walsingham. – Seu pai é um católico notório. A rainha Elizabeth o tratou com grande indulgência, chegando até a nomeá-lo seu representante em Staffordshire... Ainda assim, ele se recusou a comparecer a um culto na paróquia tendo a própria rainha na igreja!

Gifford parecia apenas levemente nervoso para alguém diante de um interrogador que condenara tantos católicos à morte. Ned imaginou que o rapaz não fizesse ideia da encrenca em que se metera.

– É claro que eu sei que foi errado sair da Inglaterra sem autorização – falou, no tom de quem confessa um pecado menor. – Imploro que o senhor não se esqueça de que eu tinha só 19 anos na ocasião.

Ele tentou abrir um sorriso conspiratório.

– Não cometeu tolices na juventude, sir Francis?

Walsingham não retribuiu o sorriso.

– Não, não cometi – respondeu, numa voz sem entonação.

Ned quase gargalhou. Provavelmente era verdade.

– Por que o senhor voltou para a Inglaterra? – perguntou ele ao suspeito. – Qual é o objetivo da viagem?

– Faz quase cinco anos que não vejo meu pai.

– Por que agora? – insistiu Ned. – Por que não no ano passado ou no ano que vem?

Gifford deu de ombros.

– Agora me pareceu um bom momento.

Ned decidiu mudar a linha do interrogatório:

– Onde planeja se hospedar em Londres, caso não seja preso?

– Na Plough.

Plough era uma hospedaria situada logo depois do portão de Temple Bar, na parte oeste da cidade, frequentada por visitantes católicos. O cavalariaço-chefe do estabelecimento era pago por Walsingham para fornecer relatórios confiáveis sobre todas as chegadas e partidas.

– Para onde mais na Inglaterra pretende viajar? – indagou Ned.

– Para Chillington, claro.

Chillington Hall era a residência do pai de Gifford em Staffordshire. Ficava a meio dia de viagem a cavalo de Chartley, atual cárcere de Maria Stuart. Seria coincidência? Ned não acreditava em coincidências.

– Quando foi a última vez que o senhor viu Jean Langlais?

Gifford não respondeu.

Ned lhe deu algum tempo. Estava louco para saber mais sobre aquele misterioso personagem. Sylvie vira Langlais de relance em Paris em 1572, mas tudo o que conseguira descobrir fora que ele era inglês. Nath e Alain o tinham visto algumas vezes ao longo dos anos e descreviam um homem de estatura pouco maior do que a média, barba castanho-avermelhada e cabelos ralos, que falava francês com a fluência de quem tinha muito tempo de prática, mas com um sotaque inglês inconfundível. Dois dos padres ilícitos interrogados por Ned o haviam identificado como organizador de seu ingresso clandestino na Inglaterra. E só. Ninguém sabia seu nome verdadeiro, nem de que parte da Inglaterra ele vinha.

– Então? – insistiu Ned.

– Estou tentando pensar, mas tenho certeza de que não conheço ninguém com esse nome.

– Acho que já ouvi o suficiente – disse Walsingham.

Ned foi até a porta e chamou um oficial.

- Leve o Sr. Gifford para a saleta e fique com ele, por gentileza.
- Gifford se foi, e Walsingham perguntou:
 - O que você acha?
 - Ele está mentindo – respondeu Ned.
 - Concordo. Alerta todos os nossos agentes para ficarem atentos à sua aparição.
 - Muito bem – disse Ned. – E talvez esteja na hora de eu fazer uma visita a Chartley.

iii

Alison achou sir Ned Willard irritantemente simpático durante a semana que ele passou em Chartley Manor. Agora na casa dos 40, ele se mostrava cortês e encantador mesmo quando fazia as coisas mais desagradáveis. Ia a toda parte e tudo via. Quando ela olhava pela janela de manhã, lá estava ele no pátio, sentado junto ao poço, comendo pão e observando idas e vindas com olhos que nada deixavam escapar. Nunca batia a nenhuma porta. Entrava no quarto de dormir de qualquer um, fosse homem ou mulher, falando educadamente: “Espero mesmo não estar incomodando.” Caso dissessem que, sim, ele estava incomodando, ele se desculpava com um “Vou sair daqui a um minutinho”, depois ficava o tempo que quisesse. Se alguém estivesse escrevendo uma carta, ele a lia por cima do ombro da pessoa. Falar francês não ajudava, pois ele era fluente. Se alguém protestasse, ele dizia: “Eu sinto muito, mas a senhora sabe que prisioneiros não têm direito a privacidade.” Todas as mulheres comentavam que ele era um encanto e uma chegou a confessar que andava nua pelo quarto na esperança de que ele entrasse.

Sua meticulosidade era particularmente frustrante porque, nas últimas semanas, Maria começara a receber cartas de Burton dentro de barris da hospedaria Lion’s Head. Desde a prisão de Throckmorton, mais de um ano antes, uma imensa quantidade de correspondência secreta vinha se acumulando na embaixada francesa de Londres. Ela e seu secretário de longa data, Claude Nau, passavam dia após dia trabalhando na avalanche de cartas para atualizar as relações confidenciais de Maria com partidários poderosos na Escócia, na

França, na Espanha e em Roma. Era um trabalho importante: Alison e Maria sabiam que as pessoas podiam se esquecer rápido de um herói que sumisse de vista. Agora, as cortes da Europa estavam recebendo lembretes enfáticos de que Maria estava viva, com saúde e pronta para assumir o trono que era seu por direito.

Quando sir Ned Willard chegou, tudo isso teve de parar. Nenhuma carta pôde ser escrita, quanto mais codificada, por medo de que ele entrasse quando estivessem no meio da redação de algum documento revelador. Várias cartas já tinham sido lacradas dentro de garrafas e postas dentro de um barril vazio, prontas para serem recolhidas pela carroça da Lion's Head. Alison e Maria tiveram uma longa conversa sobre o que fazer em relação a isso. Decidiram que, se abrissem o barril para pegar as cartas, isso talvez chamasse atenção, de modo que as deixaram onde estavam. Pelo mesmo motivo, porém, não acrescentaram nenhuma.

Alison rezou para que Ned fosse embora antes da próxima entrega de cerveja. O homem conhecido como Jean Langlais tivera a ideia de esconder mensagens em barris ao ver a cerveja sendo entregue. Ned não poderia pensar isso também, com a mesma rapidez? Suas preces não foram atendidas.

Alison e Maria estavam na janela, observando Ned no pátio, quando a pesada carroça chegou com três barris de 150 litros.

– Vá falar com ele – disse Maria com urgência. – Distraia-o.

Alison saiu apressada e foi até Ned.

– Então, sir Ned – falou, num tom descontraído. – Está satisfeito com as providências de segurança de sir Amias Paulet?

– Ele é bem mais meticoloso do que o conde de Shrewsbury.

Alison deu uma risada tilintante.

– Jamais me esquecerei de quando o senhor invadiu nosso desjejum no castelo de Sheffield – falou. – Parecia um anjo vingador. Aterrorizante!

Ned sorriu, mas Alison viu que era um sorriso astuto. Ele sabia que ela estava flertando. Não pareceu se importar, mas ela teve certeza de que não acreditava nas suas palavras elogiosas.

– Foi a terceira vez que o encontrei, mas nunca o tinha visto daquele jeito antes – continuou ela. – Por que estava tão bravo, afinal?

Ele passou alguns instantes sem responder. Olhou para além dela, para os homens do cervejeiro que descarregavam os barris cheios da carroça e os levavam rolando até os aposentos de Maria. Alison sentiu o coração na boca: aqueles barris quase com certeza continham mensagens secretas incriminatórias dos inimigos da rainha Elizabeth. Tudo o que Ned precisaria fazer seria deter aqueles homens com a inflexibilidade e a educação que lhe eram características e exigir que abrissem os barris para verificar o conteúdo. Seria o fim dessa tática e mais um conspirador seria torturado e executado.

Mas Ned nada fez. Seu rosto bonito não demonstrou mais emoção do que na entrega de carvão que ocorrera antes. Ele tornou a olhar para Alison.

– Posso lhe responder com uma pergunta?

– Está bem.

– O que a senhora está fazendo aqui?

– O que quer dizer?

– Maria Stuart é prisioneira, não a senhora. Não constitui nenhuma ameaça para a coroa da Inglaterra. Não se comporta como se tivesse direito ao trono inglês. Não tem nenhum parente poderoso na corte do rei da França. Não escreve cartas para o papa nem para o rei da Espanha. Poderia ir embora de Chartley Manor e ninguém iria se importar. O que a faz ficar aqui?

Era uma pergunta que às vezes ela fazia a si mesma.

– A rainha Maria e eu passamos a infância juntas – falou. – Eu sou um pouco mais velha e costumava cuidar dela. Então ela cresceu e virou uma jovem linda e atraente e eu de certa forma me apaixonei por ela. Quando voltamos para a Escócia, eu me casei, mas meu marido morreu pouco depois. Servir à rainha simplesmente pareceu ser o meu destino.

– Eu entendo.

– Entende mesmo?

Com o rabo do olho, Alison viu os homens voltarem com os barris vazios, inclusive o que continha cartas secretas em garrafas, e colocá-los na carroça. Mais uma vez, tudo o que Ned teria de fazer seria dar uma ordem para que os barris fossem abertos, revelando assim o seu segredo. Mas ele não esboçou qualquer sinal de que abordaria os entregadores.

– Eu entendo porque sinto o mesmo em relação à rainha Elizabeth – disse ele

para Alison, continuando a conversa. – E foi por isso que fiquei tão bravo quando descobri que o conde de Shrewsbury a estava decepcionando.

Os homens do cervejeiro entraram na cozinha para almoçar antes de seguir viagem. A crise havia passado. Alison respirou mais aliviada.

– E agora está na hora de eu partir – falou Ned. – Preciso voltar para Londres. Adeus, lady Ross.

Alison não sabia que ele estava de partida.

– Adeus, sir Ned.

Ele entrou na casa.

Alison voltou para perto da rainha Maria. As duas olharam juntas pela janela. Ned saiu da casa com um par de alforjes que deviam conter seus poucos artigos de primeira necessidade. Dirigiu-se a um cavaleiro, que foi buscar seu cavalo.

Ele partiu antes que os entregadores terminassem o almoço.

– Que alívio! – disse a rainha Maria. – Graças a Deus!

– Sim – concordou Alison. – Parece que conseguimos nos safar.

iv

Ned não voltou para Londres. Foi a cavalo até Burton e alugou um quarto na Lion's Head.

Deixou o cavalo para que cuidassem dele, desfez as malas e começou a explorar a hospedaria. Havia um bar aberto para a rua. Uma entrada em arco conduzia a um pátio com estábulos em um dos lados e quartos para hóspedes no outro. Nos fundos do local ficava uma cervejaria, e um cheiro de levedura pairava no ar. Era um negócio de tamanho considerável: a taberna estava cheia de gente bebendo, viajantes chegavam e partiam e carroças não paravam de entrar e sair.

Ned reparou que os barris que chegavam nas carroças eram rolados até um canto, onde um menino retirava as tampas, limpava o interior com uma escova e os empilhava para secarem de cabeça para baixo.

O dono daquilo tudo era um homem grandalhão cuja pança sugeria um consumo generoso do próprio produto. Ned ouviu os homens o chamarem de Hal. Ele não parava de andar de um lado para outro, da cervejaria até o estábulo,

instigando os empregados e bradando ordens.

Após memorizar a disposição do local, Ned se sentou num banco do pátio com uma jarra de cerveja e aguardou. O lugar era movimentado e ninguém prestou qualquer atenção nele.

Tinha quase certeza de que as mensagens entravam e saíam de Chartley Manor nos barris de cerveja. Passara uma semana lá e observara praticamente tudo o que ocorria, e aquela era a única possibilidade que conseguia ver. Na hora em que a cerveja havia chegado, fora parcialmente distraído por Alison. Podia ter sido coincidência ela decidir conversar com ele justo naquele momento. Mas Ned não acreditava em coincidências.

Imaginou que os entregadores fossem demorar mais tempo do que ele para chegar de Chartley, pois seu cavalo estava descansado e os da carroça, não. No fim das contas, foi só no final do dia que a carga esperada adentrou o pátio da Lion's Head. Ned continuou onde estava e observou. Um dos homens se afastou e voltou com Hal enquanto os outros desatrelavam os cavalos. Eles então rolaram os barris vazios até o menino que manejava a escova.

Hal ficou observando o garoto retirar as tampas com um pé de cabra. Recostou-se na parede com um ar despreocupado. Talvez estivesse mesmo tranquilo. Devia ter calculado que, se abrisse os barris em segredo, os empregados desconfiariam de algo criminoso, ao passo que, se fingisse despreocupação, eles deduziriam que aquilo não era nada de especial.

Retiradas as tampas, Hal espiou dentro de cada um dos barris. Curvando-se acima de um deles, estendeu o braço lá para dentro e pegou dois objetos no formato de garrafas enrolados em trapos e amarrados com barbante.

Ned se permitiu um suspiro satisfeito.

Hal meneou a cabeça para o menino, então atravessou o pátio até uma porta que não usara antes e entrou.

Ned foi atrás dele depressa.

A porta conduzia a uma série de aposentos que parecia ser a residência do dono da hospedaria. Ned passou por uma sala e chegou a um quarto de dormir. Hal estava em pé diante de um armário aberto, guardando os dois itens que acabara de retirar do barril.

Ao ouvir os passos de Ned no piso de madeira, girou na direção dele cheio

de fúria:

– Saia daqui, estes aposentos são privativos!

– O senhor agora está mais perto do que nunca de ser enforcado – respondeu Ned, mantendo a voz baixa.

A expressão de Hal mudou na mesma hora. Ele empalideceu e a boca se escancarou. Incerteza e pavor transpareceram em seu rosto. Foi uma transformação surpreendente num sujeito tão grande e intimidador. Ao contrário da pobre Peg Bradford, ele tinha plena consciência do crime que cometia, deduziu Ned.

– Quem é o senhor? – perguntou Hal, com uma voz assustada, após hesitar por um longo instante.

– O único homem do mundo capaz de salvá-lo da forca.

– Que Deus me ajude!

– Pode ser que Ele o ajude se o senhor me ajudar.

– O que devo fazer?

– Diga quem vem recolher as garrafas de Chartley e lhe dá outras para que o senhor mande para lá.

– Eu não sei o nome dele... É verdade! Eu juro!

– Quando é a próxima vez que ele virá?

– Não sei... Ele nunca me avisa, e as visitas são irregulares.

É natural que sejam, pensou Ned. O homem é precavido.

– Deus, como fui tolo! – gemeu Hal.

– Com certeza foi. Por que fez isso? O senhor é católico?

– Eu sou da religião que me pedirem para ser.

– Foi ganância, então.

– Que Deus me perdoe.

– Ele já perdoou coisa pior. Agora escute. O senhor só precisa deixar as coisas como estão. Entregue as garrafas ao mensageiro, pegue as novas que ele trouxe, mande-as para Chartley e traga de volta as respostas, como vem fazendo. Não diga nada sobre mim a ninguém, em lugar algum.

– Não estou entendendo.

– Não precisa entender. Apenas esqueça que me encontrou. Está claro?

– Sim. Obrigado por sua clemência.

Você não a merece, seu traidor ganancioso, foi o que Ned pensou. Mas o que disse foi:

– Vou ficar hospedado aqui até o mensageiro chegar, seja quando for.

O homem apareceu dali a dois dias. Ned o reconheceu na hora.

Era Gilbert Gifford.

V

Recrutar homens para uma conspiração que tinha por objetivo matar a rainha era uma tarefa perigosa. Rollo precisava tomar muito cuidado. Se escolhesse o homem errado, poderia ter sérios problemas.

Por isso, tinha aprendido a procurar certa expressão nos olhos dos candidatos: um misto de propósito nobre e total inconsequência. Não era loucura, mas uma espécie de irracionalidade. Rollo às vezes pensava se ele próprio teria esse olhar. Achava que não: era tão cauteloso que beirava a obsessão. Talvez o tivesse quando jovem, mas devia tê-lo perdido, do contrário já teria sido enforcado, desmembrado e esquartejado, como Francis Throckmorton e todos os outros jovens católicos idealistas capturados por Ned Willard. Estaria no céu como eles; mas o momento de embarcar nessa jornada não era algo que se pudesse escolher.

Achava que Anthony Babington tinha o olhar certo.

Fazia três semanas que o observava, mas de longe. Ainda não falara com ele. Sequer entrara nas casas e tabernas que Babington frequentava, pois sabia que eram vigiadas pelos espiões de Ned. Só se aproximava dele em locais que não fossem redutos católicos e em meio a grupos tão grandes que uma pessoa a mais não se fazia notar: terrenos para a prática de boliche; lugares em que havia rinhas de galo ou brigas de cães contra ursos; em meio aos espectadores das execuções públicas. Mas não poderia manter essa cautela para sempre. Chegara a hora em que precisava arriscar o próprio pescoço.

Babington era um jovem de uma rica família católica de Derbyshire que abrigava um dos padres secretos de Rollo. Conhecera Maria Stuart: fora pajem na casa do conde de Shrewsbury na época em que a rainha estava aprisionada lá. O menino se encantara com o charme da soberana. Mas isso bastaria? Só havia

um jeito de ter certeza.

Numa briga de cães contra um touro, Rollo por fim o abordou. O evento foi em Paris Gardens, no bairro de Southwark, ao sul do Tâmesa. O ingresso custava 1 *penny*, mas Babington pagou 2 por um lugar na galeria, longe do empurra-empurra e do cheiro do povo nas arquibancadas.

O touro estava preso num ringue, mas sem nada que o amarrasse. Seis cães de caça grandes foram trazidos e partiram para cima dele na mesma hora, tentando morder suas patas. Surpreendendo a todos com sua agilidade, o animal mexia com vigor o pescoço musculoso, girava a cabeça e se defendia com os chifres. Os cães se esquivavam, nem sempre a tempo. Os mais sortudos eram apenas arremessados no ar, os menos afortunados eram trespassados pelo chifre antes de serem atirados longe. O cheiro de sangue tomou conta do ambiente.

A plateia urrava, gritava palavras de incentivo e apostava em qual deles sucumbiria primeiro: o touro ou todos os cães.

Ninguém olhando para nenhum outro lugar que não fosse o ringue.

Como sempre, Rollo começou informando ao alvo que era um padre católico.

– Que Deus o abençoe, filho – falou baixinho para Babington e, quando o rapaz lhe lançou um olhar de espanto, mostrou-lhe de relance a cruz de ouro.

O jovem ficou estarecido e empolgado.

– Quem é o senhor?

– Jean Langlais.

– O que quer comigo?

– Chegou a hora de Maria Stuart.

Babington arregalou os olhos.

– O que o senhor quer dizer com isso?

Ele entendera perfeitamente, pensou Rollo.

– O duque de Guise está pronto com um exército de 60 mil homens – retomou ele.

Era um exagero: o duque não estava pronto e talvez jamais conseguisse reunir 60 mil soldados, mas Rollo precisava inspirar confiança.

– Tem também mapas de todos os principais portos dos litorais sul e leste onde poderá desembarcar com suas forças. Além disso, está de posse de uma

lista de nobres católicos, entre eles o seu padrasto, nos quais pode confiar para que se unam aos invasores e lutem pela restauração da verdadeira fé.

Essa parte era verdadeira.

– Será que tudo isso pode mesmo ser verdade? – indagou Babington, ansioso para acreditar.

– Falta apenas uma coisa, e precisamos de um bom homem para suprir essa carência.

– Continue.

– Um católico de estirpe nobre cuja fé seja inquestionável precisa reunir um grupo de amigos semelhante para libertar a rainha Maria da prisão na hora da crise. O senhor, Anthony Babington, foi escolhido para ser esse homem.

Rollo deu as costas para o rapaz de modo a lhe dar tempo de assimilar tudo aquilo. No ringue, o touro e os cães mortos ou agonizantes haviam sido levados embora e um macaco montando um cavalo velho entrou na arena para dar início à atração principal daquela tarde. A multidão deu vivas: aquela era sua parte preferida. Seis cães jovens foram soltos. Começaram a atacar e morder o cavalo – que tentava em desespero escapar de seus dentes –, mas também investiam contra o macaco, que parecia tentá-los mais. Os espectadores rugiam de tanto rir enquanto o primata, enlouquecido de medo, tentava fugir pulando de uma ponta à outra do cavalo e se manter em pé sobre a sua cabeça.

Rollo encarou Babington. A diversão fora esquecida. O rapaz irradiava orgulho, empolgação e medo. Rollo podia ler sua mente. Ele tinha 23 anos, aquele era seu momento de glória.

– A rainha Maria está presa em Chartley Manor, em Staffordshire. O senhor precisa ir até lá e fazer um reconhecimento... mas não chame atenção para si tentando falar com ela. Depois que fizer seus planos, o senhor irá lhe escrever fornecendo os detalhes e confiar a carta a mim. Posso fazer com que a correspondência chegue às mãos dela em segredo.

A luz do destino brilhou nos olhos de Babington.

– Eu o farei – disse ele. – E farei de bom grado.

No ringue, o cavalo caiu, e os cães capturaram o macaco e o despedaçaram.

Rollo apertou a mão de Babington.

– Como posso entrar em contato com o senhor? – indagou o rapaz.

– Não pode – respondeu Rollo. – Eu é que entrarei em contato.

vi

Ned levou Gifford para a Torre de Londres com o braço direito amarrado ao punho esquerdo de um soldado.

– É aqui que os traidores são torturados – falou, num tom casual, enquanto subiam a escadaria de pedra.

Gifford parecia aterrorizado. Seguiu até um cômodo no qual havia uma mesa e uma lareira, fria até no verão. Sentaram-se de lados opostos da mesa, Gifford ainda amarrado ao guarda, que se postou atrás dele.

No recinto contíguo, um homem gritou.

Gifford empalideceu.

– Quem foi esse? – indagou.

– Um traidor chamado Launcelot – respondeu Ned. – Planejava atirar na rainha Elizabeth quando ela estivesse cavalcando no St. James’s Park. Propôs seu plano assassino a outro católico, que, por acaso, era um súdito leal da rainha.

O segundo homem também era, por acaso, um agente de Ned.

– Achamos que Launcelot provavelmente é um maluco agindo sozinho, mas sir Francis Walsingham precisa ter certeza.

O rosto liso de menino de Gifford estava branco feito o de um cadáver e as mãos tremiam.

– Se o senhor não quiser passar pelo mesmo que Launcelot, basta que coopere comigo – disse Ned. – Nada muito difícil.

– Nunca – recusou Gifford, mas a voz saiu trêmula.

– Depois de coletar as cartas na embaixada francesa, o senhor deve trazê-las para mim, para que eu as copie, e só então as levará até Chartley.

– O senhor não vai conseguir ler as cartas – avisou Gifford. – Nem eu consigo. Elas estão escritas em código.

– Deixe que com isso me preocupo eu.

Ned tinha um decodificador chamado Phelippes que era um gênio.

– A rainha Maria verá os lacres rompidos nas cartas e saberá o que eu fiz.

– Os selos serão refeitos.

Phelippes era também um hábil falsificador.

– Ninguém conseguirá notar a diferença – assegurou Ned.

Gifford ficou espantado com essas revelações. Não imaginara que o serviço secreto da rainha Elizabeth fosse tão complexo e profissional. Como Ned desconfiara desde o princípio, Gifford não fazia ideia do que enfrentava.

– O senhor fará a mesma coisa quando recolher as cartas de Chartley – prosseguiu Ned. – Irá trazê-las para mim, e eu mandarei que sejam copiadas antes que o senhor as entregue na embaixada francesa.

– Eu jamais trairei a rainha Maria.

Launcelot tornou a gritar, então de repente o grito se dissipou e ele começou a chorar e implorar por clemência.

– O senhor é um homem de sorte – disse Ned a Gifford.

Gifford deu um muxoxo de incredulidade.

– Ah, é, sim – insistiu Ned. – O senhor não sabe muita coisa, entende? Sequer sabe o nome do inglês que o recrutou em Paris.

Gifford não disse nada, mas, pela sua expressão, Ned adivinhou que ele conhecia um nome.

– Ele dizia se chamar Jean Langlais – falou Ned.

Gifford não sabia esconder os próprios sentimentos. Deixou a surpresa transparecer.

– É um pseudônimo, claro, mas foi o que ele lhe disse – prosseguiu.

Mais uma vez, Gifford pareceu desalentado ao perceber quanto Ned sabia.

– O senhor tem sorte porque ainda pode me ser útil e, se fizer o que eu lhe disser, não vai ser torturado no tronco.

– Eu não vou fazer.

Launcelot gritou como se estivesse no inferno.

Gifford virou o rosto e vomitou no chão de pedra. O cheiro azedo de vômito tomou conta do pequeno recinto.

Ned se levantou.

– Providencie para que seja torturado hoje à tarde. Virei vê-lo amanhã. O senhor já terá mudado de ideia.

– Não, não, pare, por favor – pediu Launcelot aos soluços.

Gifford limpou a boca.

- Eu vou fazer – decidiu-se.
- Preciso ouvi-lo melhor – provocou Ned.
- Eu vou fazer, seu maldito! – falou Gifford, mais alto.
- Ótimo – disse Ned e então se dirigiu ao guarda. – Desamarre a corda.

Solte-o.

Gifford mal pôde acreditar.

- Posso ir embora?

– Contanto que faça o que mandei. Será vigiado, então não pense que pode me enganar.

Launcelot começou a gritar pela mãe.

– Na próxima vez em que vier para cá, não haverá escapatória – ressaltou Ned.

- Entendi.

- Pode ir.

Gifford saiu e Ned ouviu seus passos apressados estalarem nos degraus de pedra enquanto ele descia. Meneou a cabeça para o guarda, que também se retirou. Então se recostou na cadeira, exausto. Fechou os olhos, mas um minuto depois Launcelot tornou a gritar e ele foi obrigado a ir embora.

Saiu da Torre e foi andando pela margem do rio. Uma brisa fresca vinda da água levou embora o cheiro de vômito ainda preso em suas narinas. Ele olhou em volta para os condutores de barco, pescadores, vendedores de rua, pessoas ocupadas e ociosas, centenas de rostos falando, gritando, rindo, bocejando, cantando... mas nenhum urrando de dor ou suando de medo. Vida normal.

Atravessou a ponte de Londres até a margem sul. Era lá que morava a maioria dos huguenotes. Com as sofisticadas tecnologias têxteis que haviam trazido dos Países Baixos e da França, eles tinham logo prosperado em Londres. Eram bons clientes para Sylvie.

A loja da esposa ficava no térreo de uma casa londrina típica: uma construção com estrutura de madeira que fazia parte de um conjunto de várias outras iguais, todas elas com a fachada de cada piso ressaltada em relação à do andar inferior. A porta da frente estava aberta e ele entrou. Foi tranquilizado pelas fileiras de livros e pelo cheiro de papel e tinta.

Sylvie estava abrindo uma caixa vinda de Genebra. Endireitou-se ao ouvir os

passos do marido. Ele encarou seus olhos azuis e beijou seus lábios macios.

Ela o manteve um pouco afastado e perguntou em inglês com um leve sotaque francês:

– Mas o que foi que aconteceu?

– Tive de cumprir uma tarefa desagradável. Vou lhe contar, mas preciso me lavar.

Ele foi até o quintal dos fundos, mergulhou uma tigela num barril de água de chuva e lavou o rosto e as mãos.

Entrou de volta na casa, subiu para a parte residencial e se deixou afundar em sua cadeira favorita. Quando fechou os olhos, ouviu Launcelot gritando pela mãe.

Sylvie subiu. Foi até a despensa, pegou uma garrafa de vinho e serviu dois cálices. Entregou um deles a Ned, deu-lhe um beijo na testa e se sentou bem perto do marido. Ele bebericou o vinho e segurou a mão da mulher.

– Conte – pediu ela.

– Um homem foi torturado hoje na Torre. Por ameaçar a vida da rainha. Não fui eu quem torturou... não conseguiria fazer isso, não tenho estômago para esse trabalho. Mas eu precisava interrogar uma pessoa, então providenciei para que fosse na sala ao lado, para que ela pudesse ouvir os gritos.

– Que horror!

– Deu certo. Transformei um agente inimigo em agente duplo. Ele agora serve a mim. Mas eu não consigo parar de escutar aqueles gritos.

Sylvie apertou sua mão e não disse nada. Depois de algum tempo, ele tornou a falar:

– Às vezes odeio o meu trabalho.

– Por sua causa, homens como o duque de Guise e Pierre Aumande não podem fazer na Inglaterra o que fazem na França: queimar pessoas na fogueira por causa de suas crenças.

– Só que, para derrotá-los, eu me tornei um deles.

– Não se tornou, não – corrigiu-o Sylvie. – Você não luta para que o protestantismo seja obrigatório, como eles fazem com o catolicismo. Você defende a tolerância.

– No início era isso que defendíamos. Mas agora, quando capturamos padres,

nós os executamos, independentemente de eles ameaçarem ou não a rainha. Sabe o que fizemos com Margarida Clitherow?

– Aquela que foi executada em York por abrigar um padre católico?

– Sim. Ela foi despida, amarrada e deitada no chão. Depois a porta da frente da própria casa foi posta em cima dela e carregada de pedras até que a mulher morresse esmagada.

– Ai, meu Deus! Eu não sabia.

– Repulsivo.

– Mas você nunca quis que fosse assim! Você queria que pessoas com crenças diferentes pudessem viver no mesmo lugar de forma harmoniosa.

– Sim, mas talvez isso seja impossível.

– Roger me contou uma coisa que você lhe disse um dia. Não sei se você se lembra da vez que ele lhe perguntou por que a rainha odiava os católicos.

Ned sorriu.

– Lembro, sim.

– Ele não esqueceu o que você falou.

– Talvez alguma coisa eu tenha feito certo. O que eu disse a ele?

– Que não existem santos na política, mas que pessoas imperfeitas podem fazer do mundo um lugar melhor.

– Eu disse isso?

– Foi o que Roger me contou.

– Que bom – comentou Ned. – Espero que seja verdade.

vii

O verão renovou as esperanças de Alison, que foi revivendo junto com a estação. Apenas o círculo mais íntimo de Chartley Manor sabia da correspondência secreta com Anthony Babington, mas o ânimo revigorado de Maria alegrava a todos.

No entanto, o otimismo de Alison não a deixava cega. Ela desejava saber mais sobre Babington. O rapaz vinha de uma boa família católica, mas essa era quase a única coisa que podia ser dita a seu favor. Tinha apenas 24 anos. Elizabeth estava no poder fazia 27. Ele seria mesmo capaz de liderar uma

rebelião contra ela? Alison queria saber qual era o plano.

Os detalhes chegaram em julho de 1586.

Após a troca inicial de cartas destinada a estabelecer contato e garantir a ambos os lados que o canal de comunicação fora estabelecido, Babington enviou um esboço completo de sua proposta. A carta chegou dentro de um barril de cerveja e foi decodificada pelo secretário de Maria, Claude Nau. Sentada junto com a rainha e Nau no quarto de Maria em Chartley Manor, Alison examinou o papel.

O conteúdo era empolgante.

– Babington escreve sobre “essa grandiosa e honrada ação” e sobre “a derradeira esperança de recuperar a fé de nossos antepassados”, mas ele diz mais – falou Nau, observando o texto decifrado. – Lista seis ações independentes necessárias para um levante bem-sucedido. A primeira é a invasão da Inglaterra por uma força estrangeira. A segunda, a necessidade de que essa força seja grande o bastante para assegurar uma vitória militar.

– Soubemos que o duque de Guise tem 60 mil homens – disse Maria.

Alison torcia para isso ser verdade.

– Em terceiro lugar, é preciso escolher portos onde os exércitos possam desembarcar e ser reabastecidos.

– Isso está resolvido faz tempo, acho, e os mapas já foram enviados para meu primo, o duque Henrique – acrescentou Maria. – Embora Babington talvez não saiba.

– Em quarto lugar, quando os homens chegarem, é necessário que recebam reforços de uma expressiva tropa local, de modo que seu desembarque fique protegido de qualquer contra-ataque imediato.

– O povo agirá espontaneamente – afirmou Maria.

Alison supunha que o povo talvez precisasse de algum incentivo, mas isso poderia ser providenciado.

– Babington já pensou nisso – disse Nau. – Ele selecionou homens que descreve como “seus defensores” no oeste, no norte, em Gales do Sul, Gales do Norte e nos condados de Lancaster, Derby e Stafford.

Alison ficou impressionada com aquele nível de organização.

– “Em quinto lugar, a rainha Maria precisa ser libertada” – leu Nau em voz

alta. – “Eu mesmo, junto com dez cavalheiros e cem de nossos seguidores, me encarregarei da libertação de sua real pessoa das mãos de nossos inimigos.”

– Ótimo! – exclamou Maria. – Sir Amias Paulet não tem nem cem guardas aqui e, de todo modo, a maioria fica alojada em casas nos arredores, não na casa senhorial. Estaremos longe antes que eles possam ser convocados.

Alison se sentia cada vez mais revigorada.

– E em sexto lugar, é claro, Elizabeth precisa ser morta. Babington escreveu: “Para despachar a usurpadora, a quem a excomunhão nos liberou da obrigação de obedecer, haverá seis cavalheiros, todos meus amigos pessoais, que, pelo zelo nutrido em relação à causa católica e ao serviço de Vossa Majestade, irão se encarregar dessa trágica execução.” Acho que está tão claro quanto seria possível.

Com certeza estava, pensou Alison, e por um instante sentiu um arrepio ao pensar no assassinato de uma rainha.

– Preciso responder depressa – disse Maria.

Nau pareceu aflito.

– Devemos ter cuidado com o que vamos dizer.

– Só existe uma coisa que eu posso dizer, e é sim.

– Caso sua carta caia nas mãos erradas...

– Ela será depositada em mãos de confiança e estará escrita em código.

– Mas se algo sair errado...

Maria ficou vermelha, e Alison compreendeu que eram a raiva e a frustração dos últimos vinte anos vindo à tona.

– Preciso aproveitar essa oportunidade. Caso contrário, não haverá esperança para mim.

– Sua resposta para Babington será uma prova de traição.

– Que assim seja.

viii

O ofício da espionagem exigia muita paciência, refletiu Ned em julho de 1586.

Três anos antes, ele esperava que Francis Throckmorton pudesse conduzi-lo a provas concretas da traição de Maria Stuart. Essa esperança se frustrara quando

a perversidade do conde de Leicester os forçara a prender Throckmorton prematuramente. Então, em 1585, ele encontrara um novo Throckmorton: Gilbert Gifford. Dessa vez o conde de Leicester não estava na Inglaterra para causar problemas: a rainha Elizabeth o despachara para os Países Baixos espanhóis no comando de um exército para lutar junto aos protestantes holandeses rebeldes. Como seus talentos eram o flerte e o charme, não o combate e a matança, Leicester vinha fracassando na tarefa, mas a distância o impedia de prejudicar os esforços de Walsingham e Ned.

Consequentemente, a posição de Ned era vantajosa. Maria acreditava estar mandando e recebendo cartas secretas, mas Ned lia todas.

No entanto, já corria o mês de julho e, apesar de seis meses de vigilância, ele ainda não encontrara o que buscava.

A traição, é claro, estava *sugerida* em todas as cartas que Maria recebia ou escrevia, quer estivesse se correspondendo com Pierre Aumande ou com o rei da Espanha. Entretanto, Ned precisava de algo que ninguém pudesse contestar. A carta enviada por Babington a Maria no início de julho era explícita, e o rapaz sem dúvida seria enforcado por isso. Ned aguardara ansiosamente para ver o que Maria responderia. Com certeza agora ela seria obrigada a deixar claras suas intenções, não? Os termos exatos de sua resposta talvez por fim a condenassem.

A resposta dela chegou às mãos de Ned no dia 19 de julho. Tinha sete páginas.

Como sempre, a carta fora escrita e codificada por seu secretário, Claude Nau. Ned a entregou a Phelippes para ser decodificada e ficou aguardando. Sua impaciência era tamanha que ele não conseguia se concentrar em mais nada. Leu três vezes uma longa carta que Jerónima Ruiz lhe enviara de Madri contando sobre a política interna da corte espanhola, porém não compreendeu uma palavra sequer. Desistiu, saiu da casa de Walsingham, em Seething Lane, e atravessou a ponte até a própria residência, em Southwark, para a refeição do meio-dia. Estar com Sylvie sempre lhe tranquilizava a alma.

Ela fechou a loja e preparou um salmão ao vinho com alecrim. Enquanto eles comiam na sala de jantar acima da loja, ele lhe contou sobre a carta de Babington e a resposta de Maria. Não guardava nenhum segredo de Sylvie: os dois eram espiões juntos.

Quando terminavam o peixe, um dos assistentes de Ned chegou com a transcrição.

O texto estava em francês. Ned não lia no idioma com a mesma facilidade com que falava, mas leu a carta junto com Sylvie.

Maria começava elogiando as intenções de Babington em termos genéricos.

– Isso já basta para condená-la por traição – comentou Ned, satisfeito.

– Que tristeza! – lamentou Sylvie.

Ned a encarou com as sobrancelhas erguidas. Sylvie defendia o protestantismo e muitas vezes arriscara a própria vida em nome de suas crenças, contudo sentia pena de Maria Stuart.

Ela percebeu o olhar do marido.

– Lembro-me do casamento de Maria. Ela era apenas uma menina, mas linda, com um futuro maravilhoso pela frente. Iria se tornar rainha da França. Parecia a moça mais sortuda do mundo. E veja só o que lhe aconteceu.

– A responsável por todos esses problemas é ela mesma.

– Você tomava boas decisões quando tinha 17 anos?

– Imagino que não.

– Eu me casei com Pierre Aumande aos 19. Que tal isso em matéria de causar problemas a si mesmo?

– Entendo o que você quer dizer.

Ned continuou a leitura. Maria ia além dos elogios genéricos. Respondia a cada elemento do plano de Babington, instando-o a fazer preparativos mais detalhados para acolher os invasores, reunir o apoio de rebeldes locais e armar e abastecer a todos. Pedia um detalhamento mais preciso do plano para libertá-la de Chartley Manor.

– Cada vez melhor – comentou Ned.

Mais importante de tudo, ela instava Babington a refletir com cuidado sobre como exatamente os assassinos de Elizabeth iriam levar a cabo sua tarefa.

Ao ler essa parte, Ned teve a sensação de que um peso era tirado de suas costas. Aquilo era uma prova inconteste. Maria estava planejando ativamente um regicídio. Era tão culpada quanto se empunhasse ela própria a faca.

De uma forma ou de outra, aquele era o fim de Maria Stuart.

Rollo encontrou Anthony Babington em meio a uma comemoração.

O rapaz estava na grandiosa residência londrina de Robert Pooley junto com vários aliados, todos ao redor de uma mesa sobre a qual estavam dispostos frangos assados, tigelas de cebolas quentes com manteiga, pães frescos e jarras de xerez.

Rollo ficou incomodado com aquela leviandade. Homens envolvidos em uma conspiração para derrubar a rainha não deveriam se embriagar no meio do dia. No entanto, ao contrário dele, aqueles não eram conspiradores aguerridos, apenas idealistas amadores que haviam embarcado numa grande aventura. A autoconfiança suprema da juventude e da nobreza os tornava descuidados com a própria vida.

Ele estava violando as próprias regras ao ir à casa de Pooley. Em geral se mantinha distante dos redutos católicos. Esses lugares eram vigiados por Ned Willard. No entanto, fazia uma semana que ele não via Babington; precisava saber o que estava acontecendo.

Olhou para dentro do recinto, cruzou olhares com o mensageiro e o chamou com um aceno. Por não se sentir à vontade na casa de um conhecido católico, levou Babington até o lado de fora. Ali havia um amplo jardim, abrigado do sol de verão por um pequeno pomar de amoreiras e figueiras. Nem aquilo era seguro o suficiente para Rollo, pois apenas um muro baixo separava o espaço da rua movimentada, ruidosa devido a carroças, vendedores ambulantes e as batidas e o vozerio vindos de uma construção próxima. Insistiu para que saíssem do jardim e fossem se abrigar na marquise sombreada da igreja ao lado.

– O que está acontecendo? – perguntou por fim. – Tudo parece ter se acalmado.

– Não precisa franzir a testa, monsieur Langlais – disse Babington num tom alegre. – Tenho aqui boas notícias.

Ele tirou do bolso um maço de papéis e os entregou a Rollo com um floreio.

Era uma carta codificada acompanhada por uma decodificação escrita por Babington. Rollo foi até debaixo do arco e a leu. A carta estava em francês e fora escrita por Maria Stuart para Babington. Ela aprovava todos os planos e o

instava a tomar providências mais detalhadas.

A ansiedade que Rollo sentia desapareceu. A carta era tudo por que ele torcia, o último e decisivo elemento do plano. Iria levá-la para o duque de Guise, que na mesma hora reuniria seu exército para a invasão. A ímpia tirania de 28 anos imposta por Elizabeth estava quase no fim.

– Parabéns! – falou, guardando a carta no bolso. – Vou para a França amanhã. Quando voltar, vai ser junto com o exército de libertação de Deus.

Babington lhe deu um tapinha nas costas.

– Muito bem! Agora venha almoçar conosco.

Rollo estava prestes a recusar, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, seus instintos o alertaram. Ele franziu a testa. Algo estava errado. A rua ficara silenciosa. As carroças tinham parado, os vendedores já não gritavam anunciando seus produtos e o canteiro de obras estava quieto. O que teria acontecido?

Segurou Babington pelo cotovelo.

– Precisamos sair daqui – falou.

Babington riu.

– Por que faríamos isso? Há um barril do melhor vinho na sala de jantar de Pooley e ele ainda está só pela metade!

– Cale a boca, seu tolo, e venha comigo se tiver amor à vida.

Rollo entrou na igreja silenciosa e escura e atravessou às pressas a nave até uma pequena entrada na parede dos fundos. Entreabriu a porta: dava para a rua. Espiou lá fora.

Como ele temera, a casa de Pooley seria revistada. Soldados se espalhavam pela rua, observados num silêncio nervoso por trabalhadores, ambulantes e passantes. A poucos metros de Rollo, dois homens fortes com espadas se postaram no portão para capturar qualquer um que tentasse fugir. Enquanto ele olhava, Ned Willard apareceu e bateu à porta da frente de Pooley.

– Maldição! – praguejou Rollo.

Um dos soldados começou a se virar na sua direção, e ele rapidamente fechou a porta.

– Fomos descobertos – falou.

Babington ficou assustado.

– Por quem?

– Por Willard. Ele é o braço direito de Walsingham.

– Podemos ficar escondidos aqui.

– Não por muito tempo. Willard não deixa escapar nada. Se ficarmos aqui, ele vai nos encontrar.

– O que vamos fazer?

– Não sei.

Rollo tornou a olhar para fora. A porta da frente de Pooley estava agora aberta e Willard sumira. Provavelmente entrara. Tensos, os soldados aguardavam o momento de agir e olhavam em volta com ar desconfiado. Rollo fechou de novo a porta.

– O senhor corre depressa? – perguntou ao mais jovem.

Babington arrotou e pareceu prestes a vomitar.

– Vou ficar e lutar – afirmou, nada convincente.

O rapaz tateou o cinturão em busca da espada, mas não estava armado. Rollo supôs que a arma tivesse ficado pendurada no hall de entrada de Pooley.

Então ouviu uma ovelha.

Franziu o cenho. Ao apurar os ouvidos, percebeu que não era apenas uma, e sim um rebanho. Lembrou que havia um abatedouro mais adiante na rua. Algum fazendeiro agora conduzia seus animais para o abate, algo corriqueiro em todas as cidades do mundo.

O barulho chegou mais perto.

Rollo olhou para fora uma terceira vez. Agora podia ver o rebanho e sentir seu cheiro. Eram uns cem animais e ocupavam a rua de um lado a outro. Pedestres praguejavam e se abrigavam em vãos de portas para sair do caminho. Os animais da dianteira chegaram à frente da casa de Pooley e de repente Rollo viu como aquelas ovelhas poderiam salvá-los.

– Prepare-se – falou para Babington.

Os soldados ficaram bravos ao serem empurrados por ovelhas, mas nada puderam fazer. Se pessoas fizessem o mesmo, seriam retaliadas com armas, porém ovelhas já assustadas não poderiam fazer outra coisa além de seguir umas às outras rumo à morte. Se não estivesse com medo de perder a própria vida, Rollo teria rido disso.

Quando os primeiros animais do rebanho passaram pelos dois homens postados no portão do jardim, todos os soldados já estavam encurralados por ovelhas. Foi nessa hora que Rollo instou Babington:

– Agora!

Ele escancarou a porta e saiu da igreja, com Babington em seu encalço. Dois segundos depois, as ovelhas os teriam impedido de passar. Pôs-se a correr pela rua, ouvindo as passadas de Babington atrás de si.

Os soldados começaram a gritar “Parem, parem!”. Rollo olhou para trás e viu alguns deles tentando abrir caminho entre as ovelhas. Atravessou a rua em disparada na diagonal e passou em frente a uma taberna. Um desocupado que bebia uma caneca de cerveja esticou um pé para fazê-lo tropeçar, mas ele se esquivou. Outros ficaram apenas observando. Londrinos em geral não demonstravam grande simpatia por soldados, que muitas vezes eram truculentos, principalmente quando bêbados, e alguns dos que assistiam incentivaram os fugitivos.

Um segundo depois, Rollo ouviu o estrondo de um arcabuz, mas não sentiu nenhum impacto e os passos de Babington não falharam, de modo que compreendeu que o tiro errara o alvo. Um segundo tiro ecoou com a mesma ineficiência, tendo como único efeito fazer com que os observadores corressem para se abrigar dentro de casa, pois sabiam muito bem que balas nem sempre iam apenas para onde a arma fora apontada.

Rollo dobrou numa rua lateral. Um homem que segurava um porrete ergueu uma das mãos para detê-lo.

– Guarda de Londres! Pare!

Integrantes da guarda tinham o direito de abordar qualquer pessoa suspeita. Rollo tentou driblar o guarda, mas o homem brandiu o porrete. Rollo sentiu uma pancada no ombro, perdeu o equilíbrio e caiu. Rolou de costas e olhou para trás a tempo de ver o braço de Babington traçar um semicírculo que se concluiu com um soco fortíssimo na lateral da cabeça do guarda, derrubando-o.

O homem tentou ficar de pé, mas pareceu zozinho demais e tornou a desabar no chão.

Babington ajudou Rollo a se levantar e eles recomeçaram a correr.

Dobram outra esquina, esgueiraram-se para dentro de um beco, que deu

num mercado de rua, e diminuíram o passo para um ritmo normal. Foram abrindo caminho por entre as pessoas que faziam compras. Um ambulante tentou vender a Rollo um panfleto sobre os pecados do papa e uma prostituta se ofereceu para deitar com os dois ao mesmo tempo pelo preço de um. Rollo olhou por cima do ombro e não viu ninguém atrás deles. Haviam conseguido escapar. Talvez alguns dos outros também tivessem fugido em meio à confusão.

– Deus mandou Seus anjos para nos ajudar – falou, solene.

– Na forma de ovelhas – emendou Babington e deu uma sonora gargalhada.

X

Alison se espantou quando o carrancudo sir Amias Paulet sugeriu a Maria que talvez ela gostasse de acompanhá-lo numa caçada ao cervo junto com alguns membros da elite local. Como Maria adorava cavalgar e socializar, agarrou-se à oportunidade de fazer as duas coisas.

Alison a ajudou a se vestir. Maria queria exibir uma aparência ao mesmo tempo bonita e régia para pessoas que em breve seriam seus súditos. Pôs uma peruca por cima dos cabelos grisalhos e a prendeu bem firme com um chapéu.

Alison também recebeu permissão para ir, assim como o secretário Nau. Eles saíram a cavalo do pátio de Chartley, atravessaram o fosso, então seguiram na direção dos terrenos alagadiços rumo ao vilarejo onde o grupo da caçada iria se encontrar.

Alison ficou entusiasmada com o sol, a brisa e os pensamentos sobre o futuro. Já houvera diversas conspirações com o objetivo de libertar Maria, e Alison tinha suportado uma série de amargas decepções, mas aquela vez parecia diferente, pois tudo fora levado em conta.

Fazia três semanas que Maria respondera a Anthony Babington aprovando seu plano. Quanto tempo mais elas teriam de esperar? Tentou calcular quantos dias o duque de Guise levaria para reunir seu exército. Duas semanas? Um mês? Talvez ela e Maria ouvissem boatos antecipados sobre a invasão. Mais dia, menos dia, a Inglaterra poderia ouvir a respeito de uma frota de navios que se reunia no litoral norte da França, com milhares de soldados embarcando com seus cavalos e armaduras. Ou quem sabe o duque fosse sutil e dissimulasse a

frota em rios e portos escondidos até o último minuto, de modo que a invasão fosse um baque.

Enquanto ela ponderava essas questões, avistou ao longe um grupo de homens cavalcando depressa. Seu coração deu um salto. Seria aquela a equipe que as resgataria?

O grupo se aproximou. Eram seis homens. O coração de Alison disparou. Paulet enfrentaria uma briga? Ele levaria seus dois soldados consigo, mas estaria em desvantagem numérica.

O líder dos cavaleiros era um homem que ela não reconheceu. Apesar da animação que a dominava, reparou que ele vestia roupas caras, um conjunto de sarja verde com bordados exuberantes. Aquele devia ser Anthony Babington.

Então olhou para Paulet e se perguntou por que seu carcereiro exibia um ar tão relaxado. A aproximação de um grupo de cavaleiros a galope em campo aberto deveria ser preocupante, mas ele parecia estar à sua espera.

Tornou a olhar para os cavaleiros e, com um terrível espanto, notou que a silhueta esbelta de Ned Willard fechava a retaguarda do grupo. Isso significava que aqueles homens não eram uma equipe de resgate. Fazia 25 anos que Willard era a nêmesis de Maria. Agora próximo dos 50, exibia rugas no rosto e riscas grisalhas nos cabelos escuros. Embora viesse por último, Alison sentiu que ele era o verdadeiro líder do grupo.

Paulet apresentou o homem de sarja verde como sir Thomas Gorges, emissário da rainha Elizabeth, e Alison foi tomada por um medo frio como um túmulo.

Gorges se dirigiu a Maria com uma frase obviamente ensaiada:

– Senhora, a rainha, a quem eu sirvo, considera muito estranho que a senhora, contrariando o pacto e o compromisso entre as duas, tenha conspirado contra ela e seu reino, algo em que ela não teria acreditado se não tivesse visto as provas com os próprios olhos.

Alison entendeu que não havia nenhuma caçada ao cervo. Paulet inventara aquilo para afastar Maria da maior parte de sua comitiva.

A rainha foi tomada pela surpresa e pelo horror. Sua compostura se desfez. Enrubescida, ela mal conseguiu falar de forma coerente.

– Eu nunca... Sempre fui uma boa irmã... Eu sou amiga de Elizabeth.

Gorges não lhe deu atenção.

– Seus criados, que também sabemos serem culpados, serão afastados da senhora.

– Eu preciso ficar com ela! – protestou Alison.

Gorges olhou para Willard, que deu um breve meneio de cabeça.

– A senhora ficará junto com os outros criados – disse Gorges a Alison.

Maria se virou para Nau.

– Não deixe que façam isso.

Nau parecia aterrorizado. Alison entendeu sua posição. Afinal, o que um secretário poderia fazer?

Maria apeou do cavalo e se sentou no chão.

– Eu não vou! – declarou.

Willard se pronunciou pela primeira vez.

– Vá até aquela casa – ordenou a um membro de seu grupo, apontando para uma fazenda bastante grande e não muito distante, semioculta pelas árvores. – Devem ter uma carroça. Traga-a até aqui. Se for preciso, amarraremos Maria Stuart e a poremos na carroça.

Maria cedeu e tornou a se levantar.

– Eu vou montada – falou, sem ânimo, e subiu no cavalo.

Gorges entregou a Paulet um pedaço de papel, que devia ser um mandado de prisão. Paulet leu e assentiu. Ficou com o papel, talvez por querer uma prova de que recebera a ordem de permitir a saída de Maria, caso algo desse errado.

A rainha estava pálida e tremia.

– Eu vou ser executada? – perguntou, com uma voz trêmula.

Alison queria chorar.

Paulet olhou para Maria com desdém. Após uma pausa cruelmente longa, respondeu à pergunta:

– Hoje não.

A equipe de prisão se preparou para ir embora. Um dos homens chutou o cavalo de Maria por trás e fez o animal se sobressaltar, sacudindo a rainha, mas ela era boa amazona e conseguiu se manter na sela enquanto o cavalo seguia adiante. Os outros a acompanharam, mantendo-a cercada.

Alison chorou ao ver Maria se afastar, provavelmente rumo a alguma outra

prisão. Como aquilo acontecera? O plano de Babington devia ter sido descoberto por Ned Willard, só podia ser.

Virou-se para Paulet.

– O que vai ser dela?

– Ela será julgada por alta traição.

– E depois?

– Depois será punida pelos seus crimes. Que seja feita a vontade de Deus.

xi

Babington se revelou um homem ardiloso. Ned revistou todas as casas em que o conspirador se hospedara, mas não descobriu nenhuma pista. Montou uma caçada em nível nacional, enviando uma descrição de Babington e seus cúmplices a representantes da rainha, capitães de portos e magistrados-chefes de condados. Despachou dois agentes para a casa dos pais de Babington em Derbyshire. Em todas as comunicações, ameaçava com pena de morte qualquer um que ajudasse conspiradores a escapar.

Na realidade, não estava tão preocupado com Babington. O jovem aristocrata já não representava muito perigo. Seu plano fora destruído. Maria havia sido transferida, a maior parte dos conspiradores estava sendo interrogada na Torre de Londres e o próprio Babington estava foragido. Todos os nobres católicos que antes se preparavam para apoiar a invasão deviam agora estar guardando de volta as velhas armaduras.

Apesar disso, graças a uma longa e desoladora experiência, Ned sabia que um novo complô talvez ressurgisse das cinzas do último. Precisava encontrar um jeito de impedi-lo. Na sua opinião, o julgamento de Maria Stuart por alta traição deveria desacreditá-la aos olhos de todos, exceto seus defensores mais fanáticos.

E havia um homem que Ned estava desesperado para capturar. Todos os prisioneiros interrogados mencionavam Jean Langlais. Garantiam que ele não era francês, e sim inglês, e alguns tinham se encontrado com ele na Faculdade Inglesa. Descreviam-no como um homem alto, de cerca de 50 anos, com o topo da cabeça já meio calvo; não havia nada muito singular na sua aparência. Ninguém sabia seu nome verdadeiro nem de onde ele vinha.

O simples fato de se conhecer tão pouco sobre alguém tão importante sugeria a Ned que ele era extraordinariamente competente, portanto perigoso.

Graças ao interrogatório de Robert Pooley, Ned descobrira que tanto Langlais quanto Babington tinham estado na casa dele minutos antes da batida. Decerto eram os dois que foram vistos pelos soldados fugindo da igreja próxima à casa e escapando por causa de um rebanho de ovelhas que bloqueara a rua. Ned os perdera por pouco. Mas eles provavelmente continuavam juntos, bem como os poucos conspiradores ainda foragidos.

Ned levou dez dias para encontrar seu rastro.

Em 14 de agosto, um cavaleiro assustado e recoberto de suor chegou à casa de Seething Lane montado num cavalo. Era um jovem membro da família Bellamy, católicos conhecidos, mas que não eram suspeitos de traição. Babington e seus companheiros fugitivos tinham aparecido na casa da família, Uxendon Hall, situada perto do vilarejo de Harrow-on-the-Hill, uns 20 quilômetros a oeste de Londres. Exaustos e famintos, imploraram por abrigo. Os Bellamys, que alegavam terem sido obrigados mediante ameaça, lhes deram comida e bebida, mas depois insistiram para que os fugitivos deixassem a casa e seguissem viagem. Agora, todos os membros da família estavam apavorados pelo risco de ir para a forca por tê-los ajudado e ansiosos por provar sua lealdade auxiliando na captura dos conspiradores.

Ned mandou preparar cavalos na mesma hora.

Galopando a toda a velocidade, ele e os soldados levaram menos de duas horas para chegar a Harrow-on-the-Hill. Como sugeria seu nome, “ancinho sobre a colina”, o vilarejo ficava encarapitado no alto de um morro cercado por campos. Exibia uma pequena escola aberta fazia pouco tempo por um fazendeiro local. Ned parou na hospedaria e descobriu que um grupo de desconhecidos com roupas enlameadas e aparência suspeita passara por lá mais cedo, a pé, e seguira rumo ao norte.

Guiado pelo jovem Bellamy, o grupo de Ned seguiu a estrada até a divisa com a paróquia de Harrow, assinalada por um antigo rochedo, e chegou ao vilarejo seguinte, que Bellamy disse se chamar Harrow Weald. Depois desse vilarejo, numa hospedaria chamada The Hart, eles alcançaram sua presa.

Ned e seus homens adentraram o local com espadas em riste, prontos para

um combate, mas o pequeno grupo de Babington não ofereceu resistência.

Ned os examinou com atenção. Dava pena de ver: tinham cortado os cabelos de qualquer maneira e pintado o rosto com alguma espécie de sumo, numa pífia tentativa de se disfarçarem. Eram jovens nobres acostumados a camas macias, mas haviam passado dez dias dormindo no chão duro. Pareceram quase aliviados ao serem capturados.

– Qual de vocês é Jean Langlais? – perguntou Ned.

Durante alguns segundos, ninguém respondeu.

– Ele não está aqui – falou Babington por fim.

xii

Em fevereiro de 1587, Ned quase não aguentava mais de tanta frustração. Contou a Sylvie que pensava em abandonar o serviço da rainha. Iria se aposentar da vida na corte, continuar como representante de Kingsbridge no Parlamento e ajudá-la a administrar a livraria. Seria uma vida mais morosa, porém mais feliz.

O motivo dessa exasperação era a própria Elizabeth.

Ned fizera todo o possível para libertar a rainha da ameaça de Maria Stuart. Maria estava agora presa no castelo de Fotheringhay, em Northamptonshire, e, embora no final houvesse conseguido permissão para levar junto os criados, Ned se certificara de que o duro sir Amias Paulet também fosse com ela, para impôr uma rígida segurança. Em outubro, as provas que Ned reunira foram apresentadas no julgamento de Maria, e ela fora considerada culpada de alta traição. Em novembro, o Parlamento a condenara à morte. No início de dezembro, a notícia da sentença fora divulgada em todo o país, para alegria geral. Walsingham redigira na mesma hora o mandado de execução que Elizabeth precisaria assinar para autorizar a morte. William Cecil, o antigo mentor de Ned e agora lorde Burghley, aprovara os termos.

Quase dois meses depois, Elizabeth ainda não o assinara.

Para surpresa de Ned, Sylvie simpatizava com a rainha. “Ela não quer matar outra rainha”, explicara. “Isso estabeleceria um precedente ruim. Ela própria é rainha. E não é a única que pensa assim. Todos os monarcas da Europa vão ficar indignados se ela executar Maria. Quem pode saber qual será sua vingança?”

Ned não conseguia ver a situação dessa forma. Dedicara a vida a proteger Elizabeth e sentia que ela estava rejeitando seus esforços.

Como para apoiar o ponto de vista de Sylvie, os embaixadores da França e da Escócia visitaram Elizabeth no Palácio de Greenwich em 1º de fevereiro para implorar pela vida de Maria. Elizabeth não queria brigar com nenhum dos dois países. Assinara recentemente um tratado de paz com o rei Jaime VI da Escócia, filho de Maria. Por outro lado, sua vida continuava sob ameaça. Em janeiro, um homem chamado William Stafford confessara ter conspirado para envenená-la. De modo a aumentar o apoio público à execução de Maria, Walsingham divulgara essa informação e fizera o complô parecer mais próximo do sucesso do que na realidade chegara. Exageros à parte, aquilo ainda era um lembrete arrepiante de que Elizabeth jamais poderia se sentir segura enquanto Maria vivesse.

Depois que os embaixadores foram embora, Ned decidiu apresentar o mandado de execução à rainha outra vez. Talvez nesse dia ela se mostrasse disposta a assiná-lo.

Ele estava trabalhando com William Davison, que substituíra Walsingham como secretário de Estado porque o outro adoecera. Davison concordou com o plano de Ned; todos os conselheiros da rainha estavam desesperados para encerrar aquele assunto. Os dois puseram o mandado de execução no meio de um monte de papéis para ela assinar.

Ned sabia que Elizabeth não se deixaria enganar por aquele pequeno subterfúgio. Mas ela poderia fingir que sim. Sentia que a rainha procurava um jeito de assinar o mandado e depois alegar que não pretendia fazê-lo. Se era isso que ela queria, iria lhe facilitar as coisas.

Elizabeth pareceu estar de bom humor, constatou ele, aliviado, ao adentrar a câmara presencial junto com Davison.

– Que tempo ameno para o mês de fevereiro – comentou ela.

A rainha costumava sentir calor. Segundo Sylvie, era por causa da idade: tinha 53 anos.

– Como vai, Davison? – indagou ela. – Está se exercitando o suficiente? O senhor trabalha demais.

– Estou muito bem. É muita bondade de Vossa Majestade perguntar –

respondeu Davison.

Com Ned ela não jogou conversa fora. Sabia que ele andava irritado por causa do seu comportamento evasivo. Ele nunca conseguia esconder da rainha o que sentia. Ela o conhecia bem demais, talvez tão bem quanto Sylvie.

Elizabeth possuía uma intuição notável e, nesse dia, demonstrou-a.

– Essa pilha de papéis que o senhor está segurando junto ao peito como uma criança amada... ela por acaso inclui um mandado de execução? – perguntou, ainda se dirigindo a Davison.

Ned se sentiu tolo. Não tinha a menor ideia de como ela poderia ter sabido.

– Sim – confessou Davison.

– Então me dê aqui.

Davison extraiu o papel da pilha e o entregou à rainha, curvando-se ao fazê-lo. Ned pensou que ela fosse repreendê-los por tentar fazê-la assinar o documento sem que notasse, mas ela não o fez. Leu o mandado, segurando-o com o braço esticado para compensar a visão que começava a falhar.

– Tragam-me pena e tinta – ordenou.

Estupefato, Ned foi até uma mesa lateral e pegou o material necessário.

Será que ela iria mesmo assinar? Ou será que brincava com ele, do mesmo jeito que brincara com todos os príncipes europeus que tentaram se casar com ela? Elizabeth nunca se casara; talvez nunca assinasse o mandado de execução de Maria Stuart.

Ela mergulhou a pena que Ned lhe entregou no frasco de tinta que ele lhe estendeu. Hesitou, olhou para ele com um sorriso que ele não conseguiu interpretar, então assinou o mandado com um floreio.

Quase sem conseguir acreditar que ela enfim houvesse feito aquilo, Ned pegou o papel de sua mão e o entregou a Davison.

– Você não lamenta ver uma coisa dessas ser feita? – perguntou a rainha, com ar triste.

– Prefiro ver Vossa Majestade viva, mesmo ao custo da vida de outra rainha – afirmou Davison.

Boa resposta, pensou Ned: lembrava à rainha que Maria a mataria se pudesse.

– Leve esse papel para o lorde chanceler e peça-lhe que ponha o Grande Selo

do Reino – ordenou ela.

Melhor ainda: ela estava claramente ansiosa.

– Sim, Majestade – disse Davison.

– Mas use esse documento da forma mais secreta possível – acrescentou ela.

– Sim, Majestade.

Não havia nenhum problema em Davison dizer “sim, Majestade”, pensou Ned, mas que diabo ela quisera dizer ao lhe recomendar que usasse o documento de forma secreta? Decidiu não perguntar.

Elizabeth se virou para ele.

– Diga a Walsingham o que eu fiz. Ele vai ficar tão aliviado que é provável que morra – arrematou ela, com sarcasmo.

– Ele não está tão doente assim, graças a Deus – falou Ned.

– Diga a ele que a execução precisa ser dentro de Fotheringhay, não no terreno do castelo... não deve ser pública.

– Muito bem.

De repente a rainha pareceu parar para refletir.

– Se ao menos um amigo leal pudesse desferir o golpe em segredo – falou, sem olhar nem para Ned nem para Davison. – Os embaixadores da França e da Escócia não me culpariam por isso.

Ned ficou estarrecido. Ela estava sugerindo um assassinato. Decidiu na mesma hora não ter nenhum envolvimento com um plano desses; nem sequer o mencionaria a ninguém. Seria cômodo demais para uma rainha negar ter feito tal sugestão e provar sua inocência mandando enforcar o assassino.

Ela o encarou diretamente. Parecendo pressentir sua resistência, voltou o olhar para Davison. Ele também não se manifestou. Elizabeth suspirou.

– Escreva para sir Amias em Fotheringhay. Diga que a rainha lamenta que ele não tenha encontrado um jeito de encurtar a vida de Maria Stuart, considerando o grande perigo que eu corro em todas as horas do dia.

Aquilo era cruel mesmo para os padrões de Elizabeth. “Encurtar a vida” nem chegava a ser um eufemismo. Mas Ned conhecia Paulet melhor do que isso. Apesar de ser um carcereiro duro, a rígida moral que o levava a tratar sua prisioneira com severidade também o impediria de matá-la. Ele não seria convencido de que um assassinato fosse a vontade de Deus. Recusaria o pedido

de Elizabeth... e ela decerto o puniria por isso. Tinha pouca paciência com homens desobedientes.

A rainha dispensou Davison e Ned.

Lá fora, na sala de espera, Ned falou baixinho com o colega:

– Assim que o mandado for selado, sugiro que o leve para lorde Burghley. Ele provavelmente irá convocar uma reunião de emergência do Conselho Privado. Estou certo de que serão a favor de despachar o mandado até Fotheringhay sem mais nenhuma consulta à rainha Elizabeth. Todo mundo quer isso resolvido quanto antes.

– E você, o que vai fazer? – quis saber Davison.

– Eu? Vou contratar um carrasco.

xiii

O único membro da pequena corte de Maria Stuart sem lágrimas nos olhos era a própria Maria.

As mulheres passaram a noite inteira sentadas em volta de sua cama. Ninguém dormiu. Do salão nobre, podiam ouvir os carpinteiros, sem dúvida ocupados na construção de algum tipo de cadafalso. Do lado de fora da apertada série de aposentos ocupada por Maria, pesadas botas passaram a noite inteira marchando de um lado a outro do corredor: o nervoso Paulet temia uma tentativa de resgate e reforçara a guarda.

Maria acordou às seis. Ainda estava escuro. Alison a vestiu à luz de velas. A rainha escolheu uma anágua vermelho-escura e um corpete de cetim vermelho decotado. Vestiu ainda uma saia de cetim preto e um manto do mesmo tecido bordado em fios de ouro e com fendas nas mangas que deixavam à mostra um forro roxo. Pôs uma gola de pele para combater o frio do soturno castelo de Fotheringhay. Alison a ajudou a colocar um arranjo de cabeça branco com um comprido véu de renda que caía por suas costas até o chão. Aquilo a fez pensar na linda cauda de veludo cinza-azulado que carregara no casamento de Maria em Paris, tantos tristes anos antes.

Maria então foi rezar sozinha na pequena capela. Alison e os outros ficaram do lado de fora. Enquanto aguardavam, o dia raiou. Alison olhou por uma janela

e viu que aquele seria um belo e ensolarado dia de verão. Por algum motivo, esse detalhe a deixou com raiva.

O relógio anunciou as oito horas. Pouco depois, batidas altas e insistentes soaram na porta dos aposentos de Maria.

– Os lordes estão aguardando a rainha! – avisou uma voz masculina.

Até esse momento, Alison não acreditava realmente que Maria seria morta. Imaginava que tudo talvez não passasse de uma encenação, um teatro montado por Paulet com algum objetivo vil, ou então por Elizabeth, que concederia um indulto de última hora. Lembrou que William Appletree, que atirara em Elizabeth quando ela estava a bordo de uma balsa no Tâmbisa, recebera um indulto quando já estava em pé no cadafalso. No entanto, se os nobres da região estavam ali para assistir à execução, devia ser verdade. O coração pesou no peito e as pernas fraquejaram. Queria deitar, fechar os olhos e dormir para sempre.

Mas precisava cuidar de sua rainha.

Bateu à porta da capela e olhou lá dentro. Maria estava ajoelhada em frente ao altar, segurando seu livro de preces em latim.

– Preciso de mais um instante para terminar minhas orações – disse ela.

Alison passou o recado da rainha sem abrir a porta, mas os homens do outro lado não estavam dispostos a fazer concessões. A porta foi escancarada, e o representante de Elizabeth no condado entrou.

– Espero que ela não nos obrigue a arrastá-la – disse ele, com uma voz entremeada de pânico, e Alison sentiu, num instante de compaixão que a deixou surpresa, que ele também estava abalado.

O homem abriu a porta da capela sem bater. Maria se levantou na mesma hora. Apesar de pálida, estava calma, e Alison, que a conhecia bem, sentiu-se reconfortada pelo fato de a amiga manter sua postura régia durante a provação que tinha pela frente. Ficou aliviada: teria detestado ver Maria perder, além da vida, a dignidade.

– Acompanhe-me – disse o homem.

Maria virou as costas por um instante e pegou um crucifixo de marfim de um gancho na parede acima do altar. Com a cruz pressionada contra o pesado busto e o livro de preces na outra mão, foi andando atrás do representante de Elizabeth, e Alison a seguiu.

Maria era mais alta do que o homem. A doença e o confinamento a haviam deixado robusta e com os ombros arredondados, mas Alison viu, com um orgulho pesaroso, que ela fazia questão de caminhar ereta, com o semblante orgulhoso e os passos firmes.

Na pequena antecâmara depois do corredor, elas foram detidas.

– A partir daqui a rainha vai sozinha – anunciou o oficial.

As criadas de Maria protestaram, mas o homem foi inflexível.

– Ordens da rainha Elizabeth – afirmou apenas.

– Eu não acredito no senhor – disse Maria com uma voz alta e firme. – Uma rainha virgem, como Elizabeth, jamais condenaria outra mulher a morrer sem damas de companhia para cuidar dela.

O homem a ignorou e abriu a porta do corredor.

Alison viu de relance um tablado com cerca de meio metro de altura, forrado com um tecido preto e cercado por um grupo de nobres.

Maria passou pela porta, então parou, de modo a impedir que a fechassem. Com uma voz portentosa que ecoou pelo corredor, falou:

– Imploro aos senhores lordes que autorizem minhas criadas a ficarem comigo, para que elas possam relatar o modo como morri.

– Elas podem mergulhar os lenços no sangue dela, para serem usados como relíquias blasfemas por tolos supersticiosos – falou alguém.

Já estavam preocupados com a repercussão da morte de Maria, percebeu Alison. Independentemente do que fizessem, pensou ela, aqueles que participassem daquele vil espetáculo seriam lembrados com ódio e repulsa por toda a eternidade.

– Elas não farão isso – garantiu Maria. – Eu lhes dou minha palavra.

Os nobres se juntaram para conversar aos murmúrios, até que um deles se pronunciou:

– Está bem, mas só seis delas.

Maria cedeu, apontou uma por uma as pessoas que queria consigo, a começar por Alison, e então avançou.

Alison agora podia ver o salão inteiro. O tablado estava bem no centro. Sentados sobre ele em dois banquinhos encontravam-se dois homens que ela reconheceu como os condes de Kent e de Shrewsbury. Um terceiro banquinho,

com uma almofada, era obviamente destinado a Maria. Em frente a ele, também envolto em preto, estava o bloco de execução, e no chão repousava um imenso machado de madeireiro, com a lâmina recém-afiada.

Em frente ao tablado havia dois outros assentos, um ocupado por Paulet, o outro por um homem que Alison não conhecia. Em pé um pouco afastado estava um homem de roupas simples, o único no recinto vestido dessa forma, e após alguns instantes Alison se deu conta de que devia ser o carrasco. Um enorme contingente de soldados armados formava um círculo ao redor do tablado. Fora do círculo havia uma multidão de espectadores: uma execução precisava de testemunhas.

No meio das pessoas, Alison identificou sir Ned Willard. Ele se esforçava mais do que qualquer outro para tornar realidade o horror daquele dia. Superara os inimigos de Elizabeth em astúcia a cada passo. Sequer exibia um ar triunfante. Na verdade, parecia entristecido diante do tablado, do machado e da rainha condenada. Alison teria preferido vê-lo exultante: assim poderia detestá-lo mais.

Lenha ardia na imensa lareira, mas Alison teve a impressão de que ali dentro devia estar mais frio do que no pátio iluminado pelo sol que se via pelas janelas.

Maria se aproximou do tablado. Quando ela o fez, Paulet se levantou e lhe estendeu a mão para ajudá-la a subir os degraus.

– Obrigada – disse ela.

Entretanto a ironia cruel dessa cortesia não lhe passou despercebida, pois ela arrematou a frase com amargura:

– É a última vez que o senhor precisará se incomodar comigo.

Maria subiu os três degraus de cabeça erguida.

Então ocupou calmamente seu lugar no banquinho.

Enquanto a ordem de execução era lida em voz alta, ficou sentada sem se mexer, com o rosto inexpressivo, mas quando um clérigo começou a rezar numa voz alta e pomposa, pedindo a Deus que a convertesse na última hora, ela protestou.

– Sigo firme na antiga religião católica romana – falou, com uma determinação régia. – E tenho a intenção de dar meu sangue em sua defesa.

O homem não lhe deu ouvidos e seguiu falando.

Maria se virou no banquinho de modo a ficar de costas para ele e abriu o livro de preces em latim. Começou a ler em voz alta para si mesma, enquanto o clérigo esbravejava. Alison pensou com orgulho que Maria era indiscutivelmente a mais elegante dos dois. Um minuto depois, Maria deixou seu banquinho, ajoelhou-se diante do bloco de execução e continuou suas orações, como se ali fosse um altar.

Por fim, as preces terminaram. Maria então precisou tirar as peças de roupa externas. Alison subiu no tablado para ajudá-la. A rainha parecia querer se despir depressa, como se estivesse impaciente para acabar com aquilo, e Alison tirou seu manto e sua saia o mais depressa que conseguiu, seguidos do arranjo de cabeça com o véu.

Parada ali com suas vestes vermelhas, Maria era o próprio retrato de um mártir católico, e Alison entendeu que ela escolhera aquela cor exatamente para causar esse efeito.

Suas criadas choravam e rezavam em voz alta, mas Maria as repreendeu e disse, em francês:

– Não chorem por mim.

O carrasco empunhou o machado.

Outra dama de companhia trouxe uma venda branca e cobriu os olhos da rainha.

Maria se ajoelhou. Sem conseguir ver o bloco de execução, tateou em busca dele, então desceu a cabeça até a posição adequada, expondo o pescoço branco nu. Dali a segundos, o machado iria cortar aquela carne macia. Alison se sentiu horrorizada até a alma.

Com uma voz bem alta, Maria exclamou em latim:

– Em tuas mãos, ó Senhor, entrego meu espírito.

O carrasco ergueu o machado bem alto e o baixou com força.

Errou o alvo. O golpe não cortou o pescoço de Maria, penetrou na parte de trás da cabeça. Alison não conseguiu se conter e deixou escapar um soluço alto. Aquela era a cena mais terrível que já presenciara em toda a sua longa vida.

Maria não se mexeu, e Alison não soube dizer se ainda estava consciente. Ela não emitia nenhum som.

O carrasco ergueu o machado e tornou a desferir um golpe. Dessa vez a mira

foi melhor. A lâmina de aço penetrou no pescoço no lugar certo e o traspassou quase por completo. No entanto, um tendão não foi cortado, e a cabeça não caiu.

Num gesto horrível, o carrasco segurou o machado com as duas mãos e serrou o tendão.

Por fim, a cabeça de Maria caiu do bloco sobre o tapete de palha que fora posto ali para recebê-la. O homem a pegou pelos cabelos e ergueu para que todos a vissem.

– Deus salve a rainha! – falou.

Só que Maria estava de peruca e, nessa hora, para horror e repulsa de Alison, ela se soltou. Os cabelos ruivos encaracolados ficaram na mão do carrasco, enquanto a cabeça de Maria caiu sobre o tablado, deixando à mostra seus fios curtos e grisalhos.

Aquela era a última e derradeira infâmia, e Alison nada pôde fazer além de fechar os olhos.

CAPÍTULO 25

Sylvie sentia náuseas só de pensar numa invasão espanhola. Imaginava outro massacre como o do dia de São Bartolomeu. Em sua mente, revia as pilhas de corpos nus exibindo suas medonhas feridas pelas ruas de Paris. Acreditara ter escapado daquilo tudo. Não era possível que tornasse a acontecer. Ou era?

Os inimigos da rainha Elizabeth haviam mudado de tática. Em vez de conspirações secretas, agora preferiam agir abertamente. O rei Filipe da Espanha estava reunindo uma armada. Filipe passara muito tempo mantendo discrição sobre esse plano, mas, aos olhos dos líderes europeus, a decapitação de Maria Stuart dava total legitimidade à invasão. O avarento papa Sisto V ficara tão chocado com a execução que prometera 1 milhão de ducados de ouro para contribuir com as despesas de guerra.

Ned ficara sabendo antes sobre a armada, que agora era o segredo menos bem-guardado da Europa. Sylvie já ouvira conversas a respeito na igreja protestante de Londres. Filipe não poderia esconder um agrupamento de centenas de navios e milhares de soldados dentro e ao redor de Lisboa, o ponto de partida. Sua Marinha vinha comprando milhões de toneladas de suprimentos: comida, pólvora, balas de canhão e barris onde guardar tudo isso. Seus agentes eram forçados a percorrer a Europa inteira em busca de material. Chegaram até a se abastecer na Inglaterra, Sylvie sabia, pois um comerciante de Kingsbridge chamado Elijah Cordwainer fora enforcado por vender para eles.

Ned estava desesperado para descobrir o plano de batalha do rei espanhol. Sylvie já pedira a seus contatos em Paris que ficassem atentos a qualquer pista. Enquanto isso, eles receberam notícias de Barney. A caminho de Combe Harbour, seu navio, o *Alice*, passara um breve período ancorado em Dover e ele aproveitara a oportunidade para escrever ao irmão e avisar que estaria em Kingsbridge dali a poucos dias e que tinha um motivo especial para querer encontrá-lo lá.

Sylvie tinha um bom assistente, capaz de tocar a livraria em sua ausência. Ned também podia se ausentar de Londres por alguns dias. Os dois chegaram a Kingsbridge antes de Barney. Sem saber ao certo quando ele iria aparecer, foram ao cais todos os dias para receber a barcaça matinal vinda de Combe Harbour. Alfo, que agora tinha 23 anos, os acompanhava à espera do pai. Valérie Forneron completava o grupo.

Alfo e Valérie estavam juntos. Valérie era a bela filha de Guillaume Forneron, o imigrante huguenote que produzia cambraia. Tinha sido uma das muitas moças de Kingsbridge atraídas pela beleza exótica de Alfo e o charme que ele herdara do pai. Sylvie imaginara se Guillaume teria alguma ressalva em relação a um pretendente de aparência tão incomum. No entanto, pelo visto tudo o que importava a Guillaume era o fato de Alfo ser protestante. Se Valérie houvesse se apaixonado por um rapaz católico, teria havido uma explosão.

Alfo confidenciou a Sylvie que ele e Valérie estavam extraoficialmente noivos.

– Você acha que o capitão vai se importar? – perguntou, ansioso. – Não consegui pedir a permissão dele.

Sylvie passou um minuto pensando.

– Diga que lamenta não ter conseguido pedir a permissão dele, já que não o vê há três anos, mas que sabe que ele vai gostar dela. Não acho que ele vá se importar.

Barney apareceu na terceira manhã, trazendo uma surpresa. Saltou da barcaça acompanhado por uma mulher de faces rosadas e cerca de 40 anos, dona de uma cabeleira loura encaracolada e de um largo sorriso.

– Esta é Helga – apresentou, com um ar satisfeito. – Minha esposa.

Helga foi direto até Alfo. Usou as duas mãos para segurar a do rapaz.

– Seu pai me contou tudo sobre sua mãe, e sei que nunca vou tomar o lugar dela – falou, com sotaque alemão. – Mas espero que você e eu aprendamos a nos amar. E vou tentar não ser como a madrasta má das histórias.

Era a coisa certa a dizer, pensou Sylvie.

A história foi resumida para todos de forma entrecortada. Helga era de Hamburgo e ficara viúva sem filhos. Havia se tornado uma próspera comerciante do vinho alemão dourado que os ingleses chamavam de vinho do Reno. Barney

primeiro fora seu cliente, depois amante, e então noivo. Ela vendera o negócio para se casar com ele, mas tinha planos de começar uma nova empreitada ali em Kingsbridge, importando o mesmo vinho.

Alfo apresentou Valérie e, enquanto gaguejava em busca das palavras certas para dizer que os dois estavam noivos, Barney se antecipou:

– Ela é maravilhosa, Alfo. Case-se com ela, depressa.

Todos riram.

– É o que planejo fazer, capitão – conseguiu dizer por fim o rapaz.

Sylvie gostou muito desse encontro: todos se abraçando, trocando apertos de mão, contando novidades, várias pessoas falando ao mesmo tempo, risos, alegria. Como sempre acontecia nessas ocasiões, não pôde evitar comparar a família de Ned com a que ela tivera antes. Primeiro eram apenas três pessoas, os pais e ela, depois duas. No início ela ficara desnorteada com tantos parentes pelo lado de Ned, mas agora os adorava, e aquilo fazia sua família original parecer limitada.

Por fim, todos iniciaram a curta caminhada pela rua principal. Quando chegaram em casa, Barney olhou para a praça do mercado.

– Vejam só! – falou ele. – O que aconteceu com as ruínas do mosteiro?

– Venha ver – chamou Alfo.

Ele conduziu o grupo pela entrada nova, no muro oeste do claustro. Mandara calçar o pátio quadrado para que as multidões não o deixassem enlameado. Consertara as arcadas e as abóbadas do teto, e agora cada seção do claustro abrigava uma barraca. O lugar estava lotado de clientes fazendo compras.

– Ora, mas é o sonho da minha mãe. Quem fez isso? – quis saber Barney.

– O senhor, capitão – respondeu Alfo.

– Comprei as ruínas com o meu dinheiro – explicou Ned. – E Alfo as transformou no mercado coberto que nossa mãe planejou trinta anos atrás.

– Que maravilha! – comentou Barney.

– E está rendendo muito dinheiro – emendou Alfo, orgulhoso.

Sylvie, que sabia muito sobre as necessidades dos comerciantes, dera vários conselhos a Alfo sobre o mercado coberto. Como era típico dos jovens, Alfo não mencionou a ajuda que recebera. Como era típico das tias bondosas, ela não lhe lembrou esse detalhe.

Era preciso reconhecer que Alfo tinha um bom instinto comercial. Sylvie imaginou que houvesse herdado isso da mãe, de quem diziam produzir o melhor rum da Nova Espanha.

– Está lotado – observou Barney.

– Quero expandir para dentro do antigo refeitório dos monges – disse Alfo. – Quero dizer, se o senhor aprovar, capitão – apressou-se em ressaltar.

– Parece uma boa ideia – falou Barney. – Mais tarde, juntos, daremos uma olhada nos números. Há tempo de sobra.

Eles tornaram a cruzar a praça e por fim entraram na casa. A família se reuniu ao redor da mesa de jantar para a refeição do meio-dia e a conversa acabou sendo direcionada para a iminente invasão espanhola.

– Depois de tudo o que fizemos – disse Ned, com um pessimismo que fez doer o coração de Sylvie. – Só queríamos ter um país onde um homem pudesse ter a própria relação com Deus, em vez de repetir preces feito um papagaio. Mas não nos deixam.

– Existe escravidão na Espanha, capitão? – perguntou Alfo a Barney.

De onde viera aquela pergunta?, pensou Sylvie. Lembrou-se do momento em que Alfo tomara consciência do que significava escravidão. Ele devia ter uns 13, 14 anos. Ainda na Nova Espanha, a mãe lhe contara que a avó dele fora escravizada e que muitos escravos tinham a pele escura como ele. O menino ficara aliviado ao descobrir que a escravidão era ilegal na Inglaterra. Desde então não voltara a tocar no assunto, mas agora Sylvie percebia que o tema nunca lhe saíra da cabeça. Para ele, a Inglaterra era a liberdade. A perspectiva de uma invasão espanhola renovara seus temores.

– Sim – respondeu Barney. – Existe escravidão na Espanha. Em Sevilha, onde morei, toda família rica tinha escravos.

– E os escravos tinham a pele escura?

Barney suspirou.

– Sim. Alguns são prisioneiros de guerra europeus, em geral remadores de galés, mas a maioria é africana ou turca.

– Se os espanhóis invadirem, eles vão mudar nossas leis?

– Certamente. Vão nos tornar todos católicos. O objetivo é esse.

– E vão autorizar a escravidão?

– Talvez.

Alfo aquiesceu com um ar sombrio e Sylvie imaginou se ele passaria a vida inteira ameaçado pela possibilidade da escravidão.

– Não podemos fazer alguma coisa para impedir a invasão?

– Já fizemos essa proposta à rainha: um ataque preventivo – respondeu Ned.

– Detê-los antes que eles nos ataquem.

– Atacá-los antes que embarquem – falou Ned, mostrando-se mais moderado. – Com o objetivo de causar danos suficientes para levar o rei Filipe a pensar melhor.

– E a rainha concordou? – indagou Barney, animado.

– Ela decidiu mandar seis embarcações: quatro navios de guerra e duas pinaças.

Pinaças eram embarcações menores e mais velozes, muitas vezes usadas para reconhecimento e mensagens, sem grande serventia num combate.

– Quatro navios de guerra... contra o país mais rico e mais poderoso do mundo? Isso não basta! – protestou Barney.

– Não podemos arriscar nossa Marinha inteira! A Inglaterra ficaria sem defesas. Mas estamos convocando navios mercantes armados para se unirem à frota. Se a missão for bem-sucedida, haverá saques.

– Eu vou – disse Barney na hora.

– Ah – fez Helga, que até então mal abrira a boca. Tinha um ar consternado.

– Tão cedo assim?

Sylvie sentiu pena, mas Helga se casara com um marinheiro, e marinheiros tinham uma vida perigosa.

– Levarei os dois navios – prosseguiu Barney.

Agora ele possuía duas embarcações, o *Alice* e o *Bella*.

– Quem está no comando da frota?

– Sir Francis Drake – respondeu-lhe Ned.

– Ele é o homem certo! – exclamou Alfo, entusiasmado.

Drake era um herói para os jovens ingleses: fora o segundo capitão na história a circum-navegar a Terra. Era o tipo de feito audaz que conquistava o coração dos jovens, pensou Sylvie.

– Na companhia de Drake o senhor vai estar seguro – completou Alfo.

– Pode ser – falou Sylvie. – Mas vou rezar para que Deus também o acompanhe.

– Amém – disse Helga.

ii

Ninguém deveria amar o mar, mas Barney amava. Ficava empolgado com a sensação de navegar, o vento batendo nas velas, as ondas a cintilar sob o sol.

Esse sentimento tinha um quê de loucura. O mar era perigoso. Embora a frota inglesa ainda não houvesse avistado o inimigo, já perdera um navio, o *Marengo*, durante uma tempestade violenta no golfo da Biscaia, que os espanhóis chamavam de golfo da Gasconha. Mesmo com tempo bom, havia ainda o risco constante de ataque por embarcações de países hostis ou mesmo por piratas, que se faziam passar por amigos até o último minuto. Poucos marinheiros chegavam a uma idade avançada.

O filho de Barney quisera acompanhá-lo naquela viagem. Alfo queria estar na linha de frente para defender seu país. Ele amava a Inglaterra, Kingsbridge em especial. Mas Barney o proibira. A verdadeira paixão de Alfo era o comércio. Nisso ele diferia do pai, que sempre detestara os livros-caixa. Além do mais, arriscar a própria vida era uma coisa, pôr seu amado filho em risco era outra.

As traiçoeiras águas do Atlântico haviam se tornado mais calmas à medida que a frota se aproximava do cáldo Mediterrâneo. Pelos cálculos de Barney, a frota estava a uns 15 quilômetros de Cádiz, na ponta sudoeste da Espanha, perto de Gibraltar, quando um sinalizador foi disparado e um galhardete de conferência foi erguido pela nau capitânia *Elizabeth Bonaventure*, convocando todos os capitães para um conselho de guerra com o vice-almirante sir Francis Drake.

Eram quatro horas de uma bela tarde, quarta-feira, 29 de abril de 1587, e uma brisa vinda de sudoeste soprava os 26 navios em direção ao seu destino a uma célere velocidade de 5 nós. Com relutância, Barney recolheu as velas do *Alice* e o navio diminuiu o ritmo até parar, pondo-se a subir e descer nas ondas do jeito que fazia as pessoas passarem mal.

Apenas seis embarcações da frota eram navios de guerra pertencentes à

rainha. Os outros vinte, entre os quais os dois de Barney, eram navios mercantes munidos de peças de artilharia. O rei Filipe sem dúvida os acusaria de não passarem de piratas. Na opinião de Barney, ele teria certa razão. Porém, ao contrário de Filipe, Elizabeth não dispunha das inesgotáveis minas de prata da Nova Espanha para financiar a Marinha. Aquela era sua única forma de reunir uma frota ofensiva.

Barney mandou a tripulação baixar um bote e levá-lo a remo até o *Elizabeth Bonaventure*. Pôde ver os outros capitães fazendo o mesmo. Poucos minutos depois, a pequena embarcação bateu de leve no costado da capitânia e Barney subiu a escada de corda até o convés.

O navio era grande, 30 metros de comprimento, e fortemente armado: 47 peças de artilharia, entre as quais dois canhões que disparavam balas de 27 quilos. Mas não havia nenhum camarote grande o suficiente para abrigar todos os comandantes. Ficaram todos em pé no convés, ao redor de uma solitária cadeira entalhada na qual ninguém ousou se sentar.

Alguns navios da frota haviam ficado 2 ou 3 quilômetros para trás, de modo que nem todos os capitães tinham chegado quando o impaciente Drake apareceu.

O vice-almirante era um homem corpulento de 40 e poucos anos, com cabelos ruivos encaracolados, olhos verdes e a tez clara e rosada que algumas pessoas definiam como “fresca”. A cabeça parecia pequena para o corpo.

Barney tirou o chapéu e os outros capitães fizeram o mesmo. Drake tinha fama de orgulhoso, talvez por ter subido tanto na vida apesar da criação em uma fazenda humilde em Devon. Mas o respeito dos capitães por ele era genuíno. Todos conheciam cada detalhe de sua viagem de três anos ao redor do mundo.

Ele se sentou na cadeira entalhada e ergueu os olhos para o céu.

– Podemos estar em Cádis antes de o sol se pôr – começou.

O alvo deles era Cádis, não Lisboa, onde a frota espanhola se reunia. Como a falecida mãe de Barney, Drake tinha obsessão por notícias. Interrogara os capitães de dois navios mercantes holandeses com os quais cruzara ao largo de Lisboa. Graças a eles, descobrira que os navios de suprimentos para a invasão estavam sendo carregados em Cádis. Ele dera atenção a essa informação porque navios repletos de provisões eram mais fáceis de derrotar que os de guerra e – talvez mais importante ainda para o ambicioso Drake – ofereciam saques de

maior valor.

– Mas não estamos com nosso contingente completo... Há vários navios quilômetros atrás de nós – falou William Borough, braço direito de Drake e famoso navegador, além de autor de um livro sobre a bússola.

Barney refletiu que dificilmente dois homens poderiam ter temperamentos tão opostos quanto aqueles dois. Borough era um homem culto, estudado e cauteloso, afeito a registros, documentos e cartas náuticas. Já Drake era impulsivo, desprezava a timidez e valorizava a ação.

– O vento e o clima estão favoráveis – disse Drake. – Precisamos aproveitar a oportunidade.

– Cádiz é um porto grande, mas a entrada da baía é traiçoeira – argumentou Borough.

Ele acenou com uma carta náutica para a qual Drake sequer se dignou a olhar. Mesmo assim, insistiu:

– Há apenas um canal de águas mais fundas, que passa perto da ponta da península... onde existe uma fortaleza cheia de canhões.

– Não entraremos com bandeiras hasteadas – disse Drake. – Eles só saberão quem somos quando for tarde demais.

– Não temos ideia de quais navios poderão estar no porto – contrapôs Borough.

– Segundo os capitães holandeses, navios mercantes.

– Pode ser que haja navios de guerra também.

– Esses estão todos em Lisboa, motivo pelo qual vamos para Cádiz.

O total destemor de Drake estava enlouquecendo Borough.

– Então qual é nosso plano de batalha? – indagou o navegador, irritado.

– Plano de batalha? – repetiu o vice-almirante, sem dar importância à pergunta. – Seguir as minhas ordens!

Na mesma hora, ele começou a gritar para a tripulação. Barney e o restante dos capitães desceram às pressas pelos costados até seus navios, rindo de prazer diante da ousadia de Drake, eles mesmos ansiosos para entrar em ação. Algo no fundo da mente de Barney lhe sussurrou que Borough tinha razão em ser cauteloso, mas o espírito combativo de Drake era contagioso demais.

Assim que voltou para bordo do *Alice*, Barney ordenou à tripulação que

erguesse as velas. Eram seis, duas em cada mastro, todas quadradas. Os marinheiros subiram nos mastros feito macacos e, menos de um minuto depois, a brisa enchia a lona das velas, a proa do navio rasgava as ondas e Barney olhava feliz adiante.

Ele prestou atenção. Um borrão surgiu no horizonte e aos poucos se revelou uma fortaleza.

Barney conhecia Cádiz. A cidade ficava perto da foz do rio Guadalquivir, a uns 130 quilômetros de Sevilha, onde ele morara com Carlos e Ebrima fazia quase trinta anos. Alguns quilômetros em direção ao interior ficava Xerez, berço do vinho fortificado. A cidade de Cádiz, com sua fortaleza, estava situada na ponta de uma comprida península que formava um grande porto natural. Dois rios desaguavam numa larga baía rodeada por vilarejos e moradias litorâneas.

Ágeis, as embarcações da frota formaram uma fila atrás da nau de Drake: primeiro os navios de guerra, depois os mercantes. Sem ordens específicas, alinharam um navio atrás do outro para que o inimigo situado diretamente à frente – que era onde os espanhóis estavam por enquanto – só pudesse alvejar um deles de cada vez. Isso significava também que, se Drake encontrasse a passagem certa nas águas rasas, todos encontrariam.

Barney estava com medo, mas essa sensação tinha nele um efeito estranho: deixava-o animado. Era melhor do que vinho. Quando corria perigo, ele se sentia mais vivo do que em qualquer outro momento. Não era nenhum tolo: conhecia a dor que os ferimentos causavam e já vira o pânico e o terror de homens afogando-se quando um navio afundava. Por algum motivo, porém, nada disso diminuía a empolgação que ele sentia ao entrar numa batalha e se preparar para matar ou morrer.

Avaliou que faltasse uma hora para o pôr do sol quando o *Elizabeth Bonaventure* adentrou o porto de Cádiz.

Estudou a fortaleza. Não percebeu nenhum movimento em torno das peças de artilharia, ninguém alojando balas em canhões nem correndo para buscar pólvora ou baldes para extinguir o fogo dos disparos e as compridas ferramentas usadas para limpar os canos. Tudo o que conseguiu distinguir foram alguns soldados nas ameias observando com branda curiosidade a frota que se aproximava. Estava claro que nenhum alarme soara.

Quando o *Alice* entrou no porto atrás dos outros navios da frota, Barney voltou seu olhar para a cidade. Pôde ver o que parecia uma praça principal lotada de gente. Ali não havia peças de artilharia, do contrário atingiriam as embarcações apinhadas umas ao lado das outras ao longo do cais.

Ficou intrigado ao notar que alguns dos navios tinham todos os mastros nus. Por que teriam retirado todas as velas? Elas precisavam de reparos de vez em quando, mas não todas ao mesmo tempo. Lembrou-se de Ned ter dito que o rei Filipe requisitara dezenas de embarcações estrangeiras para sua armada, com ou sem a permissão dos donos. Talvez aquilo fosse uma medida para dificultar que as embarcações fossem recapturadas, especulou Barney. Agora, contudo, elas estavam imobilizadas, sem poder escapar dos canhões ingleses. Eram duplamente azaradas.

Estreitando os olhos à luz do sol poente, Barney teve a impressão de que a maior parte das pessoas na praça estava de costas para a água. Elas formavam grupos e, à medida que a frota se aproximou, ele viu que um dos grupos parecia assistir a uma peça representada num palco, enquanto outro rodeava uma trupe de acrobatas. Barney não se lembrava de ter havido batalhas em Cádiz desde que ele nascera, nem anos e anos antes disso. Era de imaginar que as pessoas dali se sentissem seguras. Não iriam se virar para observar algo tão corriqueiro quanto a chegada de alguns navios.

Dali a poucos minutos, elas sofreriam um abalo terrível.

Olhou para a baía em volta. Calculou que havia uns sessenta navios ao todo. Cerca de metade eram grandes cargueiros e o restante, embarcações menores variadas, todas atracadas no cais ou ancoradas mais para dentro da baía. A maioria das tripulações devia estar em terra, aproveitando a comida fresca, bebendo em tabernas ou desfrutando de companhia feminina. Muitos dos marinheiros sem dúvida faziam parte da multidão na praça. Os navios ingleses eram como raposas num galinheiro, prestes a dar o bote. Barney experimentou uma onda de empolgação: que golpe devastador seria para o plano de invasão do rei Filipe se a frota inglesa conseguisse destruir todas aquelas naus!

Havia descrito quase um círculo completo e olhava para o norte quando viu as galés.

Eram duas, ambas vindas de Porto de Santa Maria, na foz do rio Guadalete.

Sabia que eram galés por seu perfil estreito e pelas linhas oblíquas dos remos a despontar dos costados e mergulhar na água em perfeita cadência. Numa tempestade no Atlântico, uma galé poderia virar, mas aquelas embarcações eram muito usadas nas águas mais calmas do Mediterrâneo. Tripuladas por escravos, eram rápidas e fáceis de manobrar, além de não dependerem do vento, uma grande vantagem em relação aos navios a vela.

Barney observou sua aproximação veloz pela baía. Como possuíam canhões montados na proa, só podiam disparar de frente. Em geral a proa era pontiaguda e feita de ferro ou bronze, usada para atacar frontalmente o inimigo. Depois disso seus lanceiros e arcabuzeiros subiam a bordo da nau avariada para dizimar sua tripulação. Mas ninguém mandaria duas galés para atacar 26 navios, por isso Barney concluiu que a missão delas era investigativa. Estavam ali apenas para questionar o líder da frota que se aproximava quanto a suas intenções.

Elas nunca sequer tiveram essa chance.

Drake virou o *Elizabeth Bonaventure* em direção às galés numa manobra perfeita. Poderia ter enfrentado problemas caso houvesse pouca ou nenhuma brisa na baía, pois embarcações a vela se tornavam inúteis sem vento, enquanto galés não precisavam dele. Mas Drake teve sorte.

Os outros navios de guerra o imitaram com precisão.

As embarcações mercantes mantiveram o curso em que estavam, seguindo pelo caminho de águas profundas diante do forte, depois se espalhando pelo porto.

Barney ficou observando as galés. Avaliou que cada uma tivesse cerca de 24 remos. Cada remo era manejado por cinco escravos. Esses homens não tinham vida longa: acorrentados aos bancos, castigados pelo sol, chapinhando nos próprios dejetos, viviam afligidos por doenças infecciosas. Os frágeis duravam poucas semanas; os fortes, um ano ou dois. Quando morriam, os corpos eram lançados ao mar sem a menor cerimônia.

Enquanto as galés se aproximavam do *Elizabeth Bonaventure*, Barney esperou para ver Drake agir. Assim que começou a temer que o vice-almirante estivesse esperando demais para disparar, uma lufada de fumaça se ergueu da nau capitânia e, instantes depois, o barulho de um tiro de canhão ribombou pela baía. A primeira bala caiu na água sem causar nenhum dano, pois o artilheiro

estava medindo o alcance. Como Barney bem sabia, a artilharia era uma arte inexata. Mas o segundo e o terceiro tiros também erraram o alvo, o que fez Barney temer que talvez o artilheiro de Drake fosse incompetente.

As galés não revidaram os tiros: suas peças de artilharia, menores, ainda estavam longe demais do alvo.

O artilheiro de Drake não era incompetente. Seu quarto tiro acertou uma das galés no centro do convés e um quinto atingiu a proa.

Foram tiros mortais de munição pesada, e a galé começou a afundar na mesma hora. Barney pôde ouvir os lamentos dos feridos e os gritos de pânico dos que tiveram a sorte de não serem atingidos. Alguns soldados largaram suas armas, pularam no mar e começaram a nadar em direção à segunda galé. Os que não sabiam nadar se agarraram a pedaços de madeira. Em instantes, a tripulação começou a imitá-los. Um coro de gritos e súplicas se fez ouvir quando os remadores imploraram para serem desacorrentados, mas ninguém teve tempo para eles. Com gritos de dar pena, todos foram deixados a afundar junto com os destroços.

A segunda galé diminuiu a velocidade e começou a recolher sobreviventes. Drake parou de atirar, talvez por consideração aos homens indefesos na água, porém mais provavelmente para poupar munição.

Quase na mesma hora, outras galés surgiram de Porto de Santa Maria, com os remos a mergulhar e subir com a mesma graça repetitiva de patas de cavalos de corrida. Barney contou seis avançando a toda a velocidade pelas águas calmas do porto. Deu crédito a quem quer que estivesse no comando: era preciso ser valente para mandar seis embarcações enfrentarem 26.

As galés avançaram enfileiradas lado a lado, sua tática normal, pois desse modo cada uma podia proteger as laterais vulneráveis das duas embarcações adjacentes.

Os navios de guerra tornaram a virar e todos os quatro começaram a disparar assim que as galés entraram no seu raio de alcance.

Iniciada a batalha, Barney viu que alguns dos navios na baía levantavam âncora e içavam velas. Suas tripulações ainda não tinham desembarcado, presumiu ele, e capitães de raciocínio rápido se deram conta de que Cádiz estava sob ataque e decidiram sair dali. Mas a maioria das embarcações estava presa:

não haveria tempo de chamar seus tripulantes em tabernas e bordéis, e um navio não podia zarpar sem tripulação.

Na praça do mercado, as pessoas começavam a entrar em pânico. Algumas se afastavam do cais em direção a suas casas, mas a maioria corria em direção à fortaleza para se proteger.

Barney estava interessado nos navios que continuavam ancorados na baía. Provavelmente seriam vigiados por apenas um ou dois guardas noturnos. Começou a avaliá-los e focou numa embarcação não muito grande, de proa redonda e três mastros, que parecia projetada para transporte, em vez de combate. Não constatou nenhuma atividade no convés.

Instruiu a tripulação do *Alice* a reduzir as velas para diminuir a velocidade e seguir na direção do cargueiro. Enquanto seus homens cumpriam as ordens, ele viu dois marinheiros abandonarem a embarcação atracada: eles desceram às pressas por uma corda até um bote, que desamarraram, e começaram a remar com energia em direção a terra firme. Aquilo confirmou seu instinto. O cargueiro agora devia estar vazio.

Tornou a olhar para os navios de guerra do outro lado da baía e viu que estes haviam forçado as galés a recuarem.

Poucos minutos depois, o *Alice* chegou perto o bastante do cargueiro para recolher as velas e praticamente parar. A tripulação de Barney aproximou as duas embarcações com a ajuda de ganchos e cordas. Por fim, os marinheiros conseguiram pular de uma para outra.

Não havia ninguém a bordo.

Jonathan Greenland, o imediato de Barney, desceu até o porão para investigar a carga.

Voltou cabisbaixo, trazendo pedaços de madeira numa das mãos e, na outra, aros de metal.

– Ripas de barril – explicou, revoltado. – E aros de ferro para reforço.

Barney ficou decepcionado. Como saque, aquilo não valia muito. Por outro lado, destruir aquela carga prejudicaria a invasão espanhola, deixando o inimigo com menos barris para o aprovisionamento da armada.

– Ponham fogo no navio – ordenou.

A tripulação pegou terebintina no *Alice* e despejou o líquido inflamável no

convés do cargueiro e no porão. Os homens então tocaram fogo em diversos lugares e saltaram depressa de volta para o próprio navio.

Já estava escurecendo, mas o cargueiro em chamas iluminou as embarcações próximas, e Barney selecionou um segundo alvo. Mais uma vez, ao se aproximar, descobriu que os vigias haviam fugido. A tripulação subiu a bordo e, dessa vez, Jonathan Greenland voltou feliz do porão.

– Vinho – anunciou. – De Xerez. Lagos e oceanos dele.

Marinheiros ingleses recebiam cerveja para beber, mas os sortudos espanhóis tinham direito a vinho, e a frota invasora precisaria de milhares de litros. No entanto, aquele era um carregamento que a armada de Filipe jamais receberia.

– Peguem tudo – falou Barney.

A tripulação acendeu tochas e começou a passar os pesados barris do porão do cargueiro para o *Alice*. Todos trabalhavam alegres, pois sabiam que ficariam com parte do dinheiro arrecadado com a venda daquela valiosa carga.

A embarcação inimiga estava com as provisões completas para zarpar, e a tripulação de Barney pegou também toda a carne salgada, todo o queijo e todos os biscoitos a bordo para guarnecer o *Alice*. Além disso, o navio era armado, e Barney se apoderou da pólvora. Como as balas não cabiam nos seus canhões, mandou a tripulação atirá-las no mar, assim elas nunca seriam disparadas contra marinheiros ingleses.

Depois de esvaziar o porão, pôs fogo no navio.

Olhou para o porto em volta e viu mais cinco ou seis embarcações em chamas. Em terra firme, tochas haviam sido acesas ao longo da beira do mar, e ele viu peças de artilharia da fortaleza sendo rebocadas por pares de cavalos até a beira do cais. Os ingleses continuariam fora do alcance de qualquer tiro, mas Barney imaginou que o objetivo dos espanhóis fosse desencorajar seu desembarque. Teve a impressão de que os soldados se reuniam na praça. Os habitantes da cidade deviam supor que o ataque a seus navios fosse apenas o primeiro passo de uma invasão, de forma que, sabiamente, decidiram cuidar de suas defesas em terra. Não podiam saber que as ordens de Drake eram destruir as naus da Espanha, não conquistar suas cidades.

Dessa forma, quase não houve resistência. Um imenso navio revidou com tiros contra várias embarcações inglesas, mas foi um caso isolado. Tirando isso,

houve um ou outro disparo, e em grande parte a frota de Elizabeth pôde saquear e incendiar à vontade.

Barney olhou em volta à procura de outro navio para destruir.

iii

A Inglaterra comemorou a notícia do ataque sorrateiro de Drake a Cádiz, mas o conde Bart, marido de Margery, não se juntou às celebrações.

Os relatos eram variados, mas todos diziam que cerca de 25 navios importantes haviam sido destruídos e que milhares de toneladas de suprimentos foram roubados ou jogados no mar. A armada espanhola fora neutralizada antes mesmo de zarpar. Nenhum marinheiro inglês fora morto e apenas um ficara ferido, por um tiro de sorte de uma das galés. A rainha Elizabeth chegara até a lucrar com a expedição.

– Foi um dia infame – vociferou Bart à mesa do almoço em New Castle. – Sem aviso, sem declaração de guerra, apenas assassinato e roubo puros e simples cometidos por um bando de piratas sem vergonha.

Aos 50 anos, Bart lembrava dolorosamente a Margery o sogro que costumava violentá-la, com a diferença de que o marido tinha o rosto mais vermelho e era mais gordo do que o falecido pai.

– Aqueles navios estavam vindo para cá para matar todos nós... inclusive meus dois filhos – falou ela, com irritação. – Estou feliz por terem sido afundados.

O jovem Bartlet, como sempre, ficou do lado do pai. Aos 23 anos, o rapaz alto e sardento lembrava o avô materno na aparência, mas infelizmente tinha todas as atitudes de Bart. Ela o amava, mas gostar dele no dia a dia exigia certo esforço e isso a fazia se sentir culpada.

– O rei Filipe só quer restaurar o catolicismo na Inglaterra – argumentou o rapaz. – A maioria da população inglesa acharia isso bom.

– Muita gente, sim, mas não à custa de sermos conquistados por um país estrangeiro – contrapôs Margery.

Stephen Lincoln ficou estupefato.

– Como pode dizer uma coisa dessas, milady? O papa aprovou o plano do rei

da Espanha.

Stephen não era amigo de Margery, mas ainda assim ela nutria certa simpatia por ele. O homem passara trinta anos servindo em segredo como padre, rezando missas furtivas após escurecer e escondendo hóstias como se fossem algo vergonhoso. Dedicara a vida a Deus, mas a passara como um criminoso, e isso o tinha deixado com o rosto vincado e emaciado e com a alma amargurada. Mas ele estava errado em relação àquilo, assim como o papa.

– Eu acho que é um erro – disse ela, incisiva. – Uma invasão na realidade faria as pessoas virarem as costas para o catolicismo por vinculá-lo a um domínio estrangeiro.

– Como a senhora pode saber isso?

A vontade de Stephen era dizer: *A senhora, uma reles mulher*, mas não se atreveu.

– Eu sei porque foi o que aconteceu nos Países Baixos – respondeu Margery. – Holandeses patriotas lutam pelo protestantismo não porque se importam com doutrinas, mas porque querem a independência da Espanha.

Roger entrou na conversa. Tinha sido um bebê lindo, pensou Margery, mas agora estava com 17 anos e exibia uma barba escura encaracolada que crescia depressa. O ar travesso da mãe passara ao filho em forma de uma segurança juvenil vigorosa que fazia todos sorrirem. O rapaz tinha os olhos castanho-dourados de Ned, seu pai biológico. Por sorte, Bart, como a maioria dos homens do seu tipo, nunca reparava na cor dos olhos das pessoas, e qualquer outro que desconfiasse da ascendência de Roger jamais diria nada, por medo de ser traspassado pela espada do conde.

– Então, mãe, como *a senhora* acha que poderíamos restaurar o catolicismo em nosso país?

Ela sentiu orgulho pelo fato de o filho fazer uma pergunta tão perspicaz e desafiadora. Roger tinha um intelecto vivaz e planejava estudar no Kingsbridge College de Oxford. Era um católico ferrenho, ativamente envolvido no desembarque ilegal de padres. Apesar disso, Stephen, que era o seu preceptor, fora incapaz de domar o jeito independente que o menino herdara de Ned.

– Se deixarem o povo inglês em paz, aos poucos e de forma tranquila ele encontrará o caminho de volta à antiga fé – respondeu Margery.

Mas os ingleses não seriam deixados em paz.

Em 1587 não existia uma armada espanhola, mas, à medida que o verão foi se transformando em outono, Margery e todos os outros começaram a se dar conta de que haviam comemorado cedo demais. Imaginaram que Drake houvesse evitado a invasão. No entanto, o ataque a Cádiz só fizera adiá-la. O rei Filipe era tão rico que, para consternação dos ingleses, simplesmente começara a construir novas naus e a comprar mais suprimentos.

A rainha Elizabeth e seu governo começaram a se organizar para uma luta de vida ou morte.

No inverno, defesas foram consertadas por todo o litoral inglês. Castelos ganharam reforços e novos muros de terra foram erguidos em volta de cidades que não viam batalhas fazia séculos. As muralhas de Kingsbridge foram reconstruídas, pois as antigas haviam sido demolidas tempos antes pela expansão urbana. Os velhos canhões enferrujados de Combe Harbour foram limpos e testados. Faróis foram montados no alto de morros do litoral até Londres, prontos para transmitir a terrível notícia de que galeões tinham sido avistados.

Margery ficou consternada. Católicos iriam matar protestantes e vice-versa. Contudo, ser um seguidor de Jesus Cristo não deveria ter nada a ver com canhões e espadas, nem com matar e mutilar. Nas histórias do evangelho, apenas os inimigos de Jesus derramavam sangue.

Não podia evitar refletir sobre o fato de que Ned acreditava na mesma coisa, que cristãos não deveriam se matar por questões de doutrina. Segundo ele, a rainha Elizabeth pensava assim também, embora ele mesmo reconhecesse que a soberana nem sempre se mostrara fiel aos próprios ideais.

Margery passou os primeiros meses de 1588 agoniada, à medida que iam chegando detalhes sobre o tamanho e a força da nova armada espanhola. Segundo os boatos, a frota tinha mais de cem naus, número que aterrorizava os ingleses, cuja Marinha inteira consistia de 38 embarcações.

Por precaução, o governo começou a prender católicos notórios. Margery torceu para que os homens da sua família fossem postos na prisão, onde ficariam seguros. Mas Bart não era considerado perigoso. Jamais fizera parte de nenhuma conspiração. A agente secreta de New Castle era Margery e ela tomava tanto cuidado que ninguém desconfiava dela.

Foi então que as armas chegaram.

Duas carroças carregadas de feno entraram no castelo, mas quando o feno foi retirado descobriu-se que escondia meia dúzia de machados de batalha, umas quarenta espadas, dez arcabuzes, um saco de balas e um pequeno barril de pólvora. Margery viu os armamentos serem levados para dentro da casa e estocados no velho forno de pão.

– Para quem são essas armas? – perguntou a Bart.

Ela de fato não sabia. O marido iria lutar por sua rainha e seu país ou pela Igreja Católica?

Ele esclareceu depressa a questão:

– Vou reunir um exército de senhores e camponeses católicos leais e dividi-los em dois grupos. Levarei metade deles até Combe Harbour para acolher os libertadores espanhóis. Bartlet conduzirá a outra parte até Kingsbridge, onde eles tomarão a cidade e celebrarão a santa missa na catedral... em latim.

Um protesto horrorizado subiu aos lábios de Margery... e ela o reprimiu. Se deixasse Bart perceber como se sentia, ele não lhe daria mais informações. O marido acreditava que ela apenas não suportava o derramamento de sangue. No entanto, Margery levava a questão mais a sério do que isso. Não se contentaria em simplesmente olhar para o outro lado. Precisava fazer alguma coisa para impedir aquilo.

Em vez de protestar, procurou saber mais.

– Você não vai conseguir sozinho.

– Não vou estar sozinho. Nobres católicos de todo o país farão a mesma coisa.

– Como você pode saber?

– Seu irmão está cuidando disso.

– Rollo?

Aquilo era novidade para Margery.

– Mas ele está na França – argumentou ela.

– Não mais. Ele está organizando a nobreza católica.

– Mas como ele sabe quem convocar?

Ao mesmo tempo que fazia a pergunta, ela deduziu, horrorizada, qual era a resposta. Bart confirmou seu temor:

– Todos os nobres que arriscaram a vida abrigando padres estão dispostos a lutar contra Elizabeth Tudor.

Foi como se alguém lhe desse um soco. Margery sentiu que o ar lhe faltava. Lutou para disfarçar a reação e, felizmente, Bart não era observador.

– Quer dizer...

Ela engoliu em seco, inspirou fundo e recomeçou:

– Quer dizer que Rollo usou minha rede secreta de padres para organizar uma insurreição armada contra a rainha Elizabeth?

– Isso – respondeu Bart. – Achamos melhor não dizer nada a você.

É claro que acharam, pensou ela com amargura.

– Mulheres não gostam de ouvir falar em derramamento de sangue – prosseguiu Bart, como se fosse especialista na natureza feminina. – Mas você acabaria descobrindo.

Margery estava zangada e nauseada com aquilo, mas não podia deixar transparecer. Fez uma pergunta banal:

– Onde vão guardar as armas?

– No antigo forno de pão.

– Não há armas suficientes para um exército.

– Ainda vão chegar mais. E há muito espaço atrás do forno.

Bart se virou para dar instruções aos criados e Margery aproveitou a oportunidade para se retirar.

Teria sido burra? Sabia que Rollo não hesitaria em mentir para ela – assim como Bart. Mas pensara que a intenção do irmão e a dela fosse a mesma: apenas ajudar os católicos leais a receberem os sacramentos. Será que deveria ter adivinhado seu verdadeiro intento?

Talvez tivesse desmascarado Rollo caso houvesse conseguido falar com ele. No entanto, já fazia muitos anos que apenas lhe acenava da praia quando ele trazia um novo grupo de padres da Faculdade Inglesa. A falta de contato tornara mais fácil o embuste.

De uma coisa estava certa: não iria mais trazer padres da faculdade de Rollo para a Inglaterra. Fizera isso por ignorar o papel duplo do irmão, mas agora que sabia a verdade não teria mais nada a ver com aquilo, nem com nada do que ele quisesse. Assim que fosse possível, lhe enviaria uma mensagem em código

dizendo isso. Rollo ficaria uma fera, o que seria uma pequena satisfação para Margery.

Passou essa noite e várias das seguintes sem conseguir dormir, então decidiu parar de se recriminar e partir para a ação. Não era obrigada a guardar os segredos de Rollo, e os de Bart tampouco. Haveria alguma coisa que ela pudesse fazer para evitar o derramamento de sangue e manter os filhos seguros?

Resolveu falar com Ned Willard.

Faltavam alguns dias para a Páscoa e, como sempre, ela iria a Kingsbridge com Bart e os filhos para a Feira da Páscoa. Eles assistiriam aos cultos de datas festivas na catedral. Bart não podia mais evitar os ritos protestantes: era muito perigoso e caro – agora a multa por não ir à igreja era de 20 libras.

Ela sentiu uma pontada na consciência ao se aproximar de Kingsbridge com a família e avistar a torre da catedral por cima das copas das árvores. Será que deveria apoiar a invasão espanhola e a rebelião católica? Afinal de contas, o resultado poderia ser a volta ao catolicismo, e isso só podia ser a vontade de Deus.

Com os protestantes, a Páscoa perdera a graça. A ossada de Santo Adolfo já não era carregada pelas ruas da cidade numa colorida procissão. A ressurreição de Cristo não era mais encenada na catedral. Em vez disso, uma trupe de atores apresentava todas as tardes, no pátio da taberna Bell Inn, uma peça chamada *Everyman*. Os protestantes não entendiam a necessidade que as pessoas tinham de ver cor e emoção na igreja.

Aos 45 anos, contudo, Margery não acreditava mais que o protestantismo fosse mau e o catolicismo, perfeito. Para ela, a divisão mais importante era entre a tirania e a tolerância, entre as pessoas que tentavam impor seu ponto de vista e as que respeitavam a fé dos que discordavam delas. Rollo e Bart pertenciam ao grupo autoritário que ela desprezava. Ned era um dos raros a acreditar na liberdade religiosa. Ela iria confiar nele.

Não esbarrou em Ned no primeiro dia em Kingsbridge, nem no segundo. Talvez ele não fosse à cidade naquela Páscoa. Viu seu sobrinho, Alfo, o orgulhoso marido de Valérie Forneron. Viu também sua cunhada alemã, Helga, mas não Barney, que trouxera de Cádiz mais uma pequena fortuna em saques e voltara ao mar após uma curta licença. Relutou em perguntar aos parentes de

Ned sobre seus planos para aqueles dias. Não queria dar a impressão de que estava desesperada para falar com ele. Embora estivesse.

No sábado de Aleluia, estava no mercado erguido no antigo claustro, agora coberto por um telhado. Alisava uma peça de tecido num tom escuro de vinho que talvez lhe caísse bem agora que ela já não era tão jovem. Então relanceou os olhos para o outro lado do pátio quadrado e viu a silhueta forte e baixa de Sylvie, esposa de Ned.

Sylvie era como ela, e ambas sabiam disso. Margery não precisava ser modesta consigo mesma e podia ver que tanto ela quanto a francesa eram mulheres bonitas, inteligentes e decididas. Na verdade, pareciam-se bastante com a formidável Alice, mãe de Ned. Sylvie era protestante, claro, e lutava por essa causa; mas até Margery podia enxergar a semelhança, pois ambas se arriscavam em nome da fé.

Margery queria falar com Ned, não com Sylvie, mas a outra mulher então cruzou olhares com ela, sorriu e foi na sua direção.

Ocorreu-lhe que ela poderia levar um recado para Ned. Na verdade talvez isso fosse até melhor, pois nesse caso ninguém lançaria suspeitas sobre Margery dizendo a Bart que ela andara conversando com Ned.

– Que chapéu bonito! – comentou Sylvie com seu suave sotaque francês.

– Obrigada.

Margery estava usando uma boina de veludo azul-celeste. Mostrou a Sylvie o tecido que estava pensando em comprar.

– Gosta desta cor?

– Você é jovem demais para usar vinho – falou Sylvie com um sorriso.

– Que gentileza a sua dizer isso.

– Vi seus dois filhos. Roger agora está de barba!

– Eles crescem depressa demais.

– Eu invejo você. Nunca engravidei. Sei que é uma decepção para Ned, embora ele não reclame.

O fato de Sylvie conhecer tão bem os sentimentos que o marido sequer expressava a ponto de falar disso de modo casual provocou uma onda de ciúme em Margery. Você não tem filhos, pensou ela, mas tem Ned.

– Estou preocupada com meus meninos – disse Margery. – Se os espanhóis

invadirem, eles serão obrigados a lutar.

– Ned disse que os navios da rainha vão tentar impedir os soldados espanhóis de desembarcarem.

– Não estou certa de que tenhamos navios suficientes.

– Talvez Deus fique do nosso lado.

– Não tenho tanta certeza quanto costumava ter sobre de que lado Deus está. Sylvie abriu um sorriso triste.

– Nem eu.

Com o canto do olho, Margery viu Bart entrar no mercado coberto. Foi forçada a tomar uma decisão.

– Você poderia dar um recado meu para Ned?

– Claro. Mas ele está aqui em algum lugar...

– Desculpe, não há tempo. Peça a ele para dar uma batida em New Castle e prender Bart, Bartlet e Roger. Vai encontrar armas estocadas no antigo forno de pão... São para dar apoio aos invasores.

Ela sabia que o plano era arriscado, mas confiava em Ned.

– Vou dar o recado a ele – disse Sylvie com os olhos arregalados. – Mas por que você quer que seus filhos sejam presos?

– Para que eles não tenham de lutar. Antes na prisão do que no cemitério.

Sylvie pareceu espantada com esse raciocínio. Talvez não houvesse imaginado que filhos pudessem trazer dor, além de alegria.

Margery olhou de relance para Bart. Ele ainda não percebera a presença da esposa. Caso ela se afastasse de Sylvie agora, ele sequer saberia que as duas tinham conversado.

– Obrigada – falou e saiu dali.

No dia seguinte, avistou Ned na celebração de Páscoa na catedral. Mesmo depois de tantos anos, ver sua silhueta esguia ainda fazia seu coração perder o compasso. Ela foi inundada por um misto de amor e arrependimento que lhe causou alegria e dor em igual medida. Ficou contente por ter vestido um belo casaco azul naquela manhã. No entanto, não falou com ele. A tentação foi forte: ansiava por encará-lo e ver os vincos nos cantos de seus olhos quando ele dizia algo espirituoso. No entanto, resistiu.

Deixou Kingsbridge e voltou para New Castle com a família na terça-feira

depois da Páscoa. Na quarta, Ned Willard apareceu.

Ela estava no pátio quando uma sentinela nas ameias avisou:

– Cavaleiros na estrada de Kingsbridge! Doze... quinze... talvez vinte!

Entrou em casa correndo. Bart, Bartlet e Roger estavam no salão nobre, já prendendo espadas no cinto.

– Deve ser o representante da rainha em Kingsbridge – disse Bart.

– O esconderijo está cheio de armas! – alertou Stephen Lincoln, que apareceu na hora, muito assustado. – O que devo fazer?

Margery já tinha pensado naquilo de antemão.

– Pegue as hóstias e saia pelo portão dos fundos. Vá para a taberna do vilarejo e espere notícias nossas de que o caminho está livre.

Os moradores do vilarejo eram todos católicos; não iriam traí-lo. Stephen se retirou correndo.

– Vocês dois não devem dizer nem fazer nada, estão me ouvindo? – ordenou Margery, dirigindo-se aos filhos. – Deixem seu pai falar. Fiquem sentados quietos.

– A menos que eu lhes diga o contrário – emendou Bart.

– A menos que seu pai lhes diga o contrário – repetiu ela.

Bart não era pai de nenhum dos dois, mas ela guardava bem esse segredo.

Deu-se conta de que fazia trinta anos que ela e Ned haviam se encontrado naquele salão depois de ele voltar de Calais. Qual era mesmo a peça à qual tinham assistido? *Maria Madalena*. Ela ficara tão animada depois de beijá-lo que assistira ao espetáculo sem assimilar nada. Estava cheia de esperança de uma vida feliz ao lado dele. Se eu soubesse na época como minha vida iria se desenrolar, pensou, poderia ter me jogado das ameias.

Ouviu os cavalos entrarem no pátio e, um minuto depois, o representante da rainha adentrou o salão nobre. Era Rob Matthewson, filho do finado representante Matthewson. Como o pai, Rob era um homem grande e determinado a não receber ordens de ninguém exceto da rainha.

Matthewson foi seguido por um grupamento de soldados, além de Ned Willard. Ao ver Ned de perto, Margery reparou que seu rosto começava a exibir sinais de tensão ao redor do nariz e da boca e que os cabelos escuros tinham fios grisalhos.

Ele deixou que o oficial assumisse a dianteira.

– Conde Bart, preciso revistar sua casa – disse Matthewson.

– Que diabo está procurando, seu cão insolente? – retrucou Bart.

– Tenho informações de que um padre católico chamado Stephen Lincoln mora aqui. O senhor e sua família devem permanecer neste recinto enquanto procuro por ele.

– Eu não vou a lugar nenhum – disse Bart. – Esta é minha casa!

O oficial saiu e os soldados foram atrás. Ned parou junto à porta.

– Sinto muitíssimo por isso estar acontecendo, condessa Margery – disse ele. Ela entrou na farsa.

– Não, não sente – rebateu, como se estivesse brava com ele.

– Mas, com o rei da Espanha preparando-se para nos invadir, não se pode considerar garantida a lealdade de ninguém.

Bart deu um muxoxo de repulsa. Sem dizer mais nada, Ned se retirou.

Poucos minutos depois, ouviram-se gritos de triunfo. Margery calculou que Ned houvesse guiado Matthewson até o esconderijo.

Olhou para o marido, que evidentemente fizera a mesma suposição. Consternação e raiva surgiram no semblante do conde, e Margery soube que haveria problemas.

Os homens da rainha começaram a arrastar as armas para dentro do salão nobre.

– Espadas – disse o oficial Matthewson. – Dezenas de espadas! Armas e munição. Machados de batalha. Arcos e flechas. Tudo escondido num cômodo secreto. Conde Bart, o senhor está preso.

Bart ficou estarrecido. Fora desmascarado. Levantou-se e começou a ter um ataque.

– Como se atreve? – berrou. – Eu sou o conde de Shiring. Você não pode fazer isso e esperar continuar vivo. – Com o rosto muito vermelho, ele ergueu ainda mais a voz: – Guardas! Aqui!

Então sacou a espada.

Bartlet e Roger fizeram o mesmo.

– Não! – gritou Margery.

Tinha feito aquilo para garantir a segurança dos filhos... mas em vez disso

pusera a vida deles em risco.

– Parem!

O representante da rainha e seus homens também sacaram as armas.

Ned foi o único a não puxar uma espada. Em vez disso, ergueu os braços e gritou:

– Parem, todos vocês! Brigar não vai adiantar nada, e qualquer um que atacar os homens da rainha será enforcado.

Os dois grupos se encararam de um lado e outro do salão. Os soldados de Bart foram se posicionar atrás do conde e mais soldados da rainha apareceram. Margery mal conseguia acreditar na rapidez com que a situação fugira do controle. Se os dois grupos se enfrentassem, seria um massacre.

– Matem todos eles! – berrou Bart.

Então despencou. Caiu como uma árvore, primeiro devagar, depois mais depressa, e atingiu o piso de pedra com um baque nauseante.

Margery já o vira cair de bêbado muitas vezes, mas aquilo foi diferente e mais sinistro.

Todos congelaram.

Margery se ajoelhou atrás do marido e encostou a palma da mão em seu peito. Então tomou-lhe a pulsação no pulso e no pescoço. Não havia sinal de vida.

Encarou o marido. Bart era um homem indulgente, que, ao longo de seus cinquenta anos na Terra, nunca fizera nada a não ser agradar a si mesmo, sem jamais pensar nos outros.

– Ele morreu – constatou ela.

E tudo o que sentiu foi alívio.

Pierre Aumande foi ao apartamento onde instalara Louise de Nîmes, sua amante nos últimos quatro anos. Encontrou-a num traje luxuoso e com os cabelos arrumados num penteado complexo, como se fosse à corte, algo que naturalmente não tinha permissão para fazer. Ele sempre a obrigava a se vestir de modo formal, pois isso intensificava o prazer de degradá-la. Qualquer um podia

humilhar uma criada, mas Louise era marquesa.

Não se cansara daquele jogo e sentia que jamais se cansaria. Não batia nela com frequência, pois isso lhe machucava as mãos. Sequer fazia sexo muita vezes com ela. Havia modos mais prazerosos de lhe infligir dor. O que mais lhe agradava era destruir sua dignidade.

Louise havia fugido uma vez. Ele rira: já sabia o que iria acontecer. Seus poucos amigos e parentes ficaram apavorados e temeram que, ao lhe dar abrigo, também se tornassem suspeitos de heresia, de modo que ela não tivera para onde ir. Nascida num mundo de privilégios, era incapaz de ganhar o próprio sustento. Como tantas mulheres arruinadas, acabara se prostituindo para evitar morrer de fome. Após uma noite num bordel, ela lhe pedira que a aceitasse de volta.

Só por diversão, ele fingira relutar e a forçara a ajoelhar-se e implorar. Mas Louise era boa demais para que ele a perdesse.

Nesse dia, Pierre ficou levemente surpreso ao deparar com o enteado Alain no apartamento, sentado junto a Louise num sofá e entretido numa íntima conversa com ela.

– Alain e Louise! – exclamou.

Os dois se levantaram com um pulo.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Pierre ao rapaz.

Alain apontou para um vestido pendurado no encosto de uma cadeira.

– O senhor me mandou trazer esse vestido para ela.

Era verdade, recordou Pierre.

– Eu não lhe disse para passar a tarde aqui fofocando – falou. – Volte para o palácio. Diga ao duque Henrique que estou indo falar com ele e que fique sabendo sobre o plano de batalha do rei da Espanha para invadir a Inglaterra.

Alain arqueou as sobrancelhas.

– Quem lhe informou?

– Não importa. Espere por mim na porta dos aposentos do duque. Você poderá tomar notas.

Ele foi até Louise e acariciou-lhe os seios com um gesto casual.

Alain se retirou. Tanto ele quanto Louise tinham medo de Pierre. Nos momentos em que tinha consciência, Pierre admitia para si que era por isso que os mantinha por perto. Não por causa da utilidade de Alain como serviçal, nem

pelos atrativos sexuais de Louise. Essas coisas eram secundárias. Ele gostava do medo que os dois sentiam dele. Isso o estimulava.

O fato de eles serem amigos o incomodava? Ele não via problema nisso. Até entendia o que poderia levar Alain a ter empatia por Louise. Ela era uma mulher mais velha, uma substituta da mãe.

Apertou os seios dela com mais força.

– Estes sempre foram o seu melhor atributo – falou.

Ela fez uma careta de desagrado. Foi uma expressão passageira que reprimiu na mesma hora, mas ele viu e lhe deu um tapa.

– Tire essa expressão da cara – ordenou.

– Sinto muito – disse ela, submissa. – Quer que eu chupe você?

– Não tenho tempo. Vim lhe dizer que convidei uma pessoa para jantar aqui amanhã. Quero recompensar o homem que me revelou o plano de batalha espanhol. Você vai nos servir o jantar.

– Muito bem.

– Nua.

A marquesa o encarou.

– Nua – repetiu ela. – Na frente de um desconhecido?

– Vai agir de modo normal, exceto pelo fato de estar sem roupa. Acho que isso vai diverti-lo.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Nenhuma roupa?

– Pode usar sapatos.

Louise conseguiu não chorar, mas com algum esforço.

– Alguma outra exigência?

– Não. Apenas nos sirva.

– Muito bem.

A consternação dela o excitou e ele se sentiu tentado a ficar mais tempo, mas queria falar com o duque Henrique sem demora. Virou as costas e saiu. Quando estava fechando a porta, ouviu-a chorar. Sorriu de prazer enquanto descia a escada.

Ned ficou empolgado ao receber uma carta de Paris assinada por Alain de Guise revelando-lhe o plano de batalha do rei da Espanha.

A armada espanhola atravessaria o Canal da Mancha e ancoraria ao largo de Dunquerque, no litoral norte da França. Lá se encontraria com o exército espanhol dos Países Baixos, liderado por Alexandre Farnésio, duque de Parma, o mais bem-sucedido general que o rei da Espanha já enviara aos Países Baixos. A armada reforçada então navegaria rumo ao oeste, direto para a foz do rio Tâmis.

Ned recebeu também uma carta de Jerónima Ruiz dizendo que a armada espanhola tinha 129 navios.

Jerónima estava em Lisboa. Vira a armada com os próprios olhos e contara as embarcações no porto. Fora lá com o cardeal, que integrava um grande contingente de padres necessários para abençoar os navios e absolver cada um dos 26 mil marinheiros dos pecados que eles iriam cometer na Inglaterra.

A rainha Elizabeth ficou arrasada. Sua Marinha inteira consistia em 38 embarcações. Ela não sabia como poderia derrotar os invasores, e Ned tampouco. Elizabeth seria destruída, o rei Filipe passaria a governar a Inglaterra e os católicos radicais dominariam a Europa.

Ned estava mortificado. Sentia que era tudo culpa sua, por ter incentivado a execução de Maria Stuart.

As informações de Jerónima foram confirmadas por outros espões. Os números só mudavam um pouco de uma mensagem para a outra.

Elizabeth queria saber quantos soldados o duque de Parma tinha nos Países Baixos e como ele planejava fazê-los atravessar o Canal da Mancha. Ned recebera relatos de vários espões, mas como as informações eram contraditórias, decidiu ver com os próprios olhos.

Estaria arriscando a vida. Caso fosse capturado e identificado como espião inglês, o enforcamento seria o melhor que poderia esperar. Mas ele ajudara a criar a catástrofe que os ameaçava; era seu dever fazer o que pudesse para impedi-la, inclusive arriscar a vida.

Pegou um navio para a Antuérpia. Encontrou uma cidade movimentada e cosmopolita e imaginou que todos fossem bem-vindos ali, contanto que pagassem as próprias contas.

– E não existe aquela besteira de usura ser pecado – contou-lhe Carlos Cruz.

Ned ficou intrigado ao conhecer o primo distante sobre quem tanto ouvira falar. Carlos era um homem de 51 anos, pesado, com uma barba cerrada que começava a ficar grisalha. Ned pensou que ele parecia um lépido camponês num daqueles quadros holandeses que representavam comemorações em vilarejos. Era difícil imaginar que aquele homem e seu irmão Barney tivessem matado um homem numa briga por causa de uma partida de cartas.

Carlos morava numa casa espaçosa na beira do rio, com uma enorme fundição no quintal dos fundos. Tinha uma bela esposa, Imke, dona de um sorriso largo e acolhedor. Moravam com ele uma filha e o genro, além de dois netos. Os homens usavam roupas sóbrias, mas as das mulheres exibiam lindas cores: azul-vivo e escarlata, pêssego e lilás. A casa continha muitos objetos valiosos: pinturas a óleo emolduradas, instrumentos musicais, espelhos, jarras e tigelas decorativas, vidros, livros encadernados em couro, tapetes, cortinas. O povo dos Países Baixos parecia centrado no lar e exibia sua riqueza de um modo curiosamente doméstico que Ned nunca vira em outros lugares.

Precisava da ajuda de Carlos para aquela missão, mas não tinha certeza de que conseguiria obtê-la. O primo era espanhol e católico. Por outro lado, fora forçado pela Igreja a fugir do próprio país. Será que agiria contra a armada? Ned logo iria descobrir.

No dia da chegada de Ned, Ebrima Dabo, sócio de longa data de Carlos, foi jantar na casa dele com a esposa, Evi. Ebrima tinha 70 anos e os cabelos brancos. Evi usava um colar de ouro com pingente de brilhante. Ned se lembrava de Barney ter dito que, na época em que Ebrima era escravo, fora amante de sua tia Betsy. Que vida tivera aquele homem: primeiro agricultor na África Ocidental, depois soldado, prisioneiro de guerra, escravo em Sevilha, soldado de novo nos Países Baixos e, por fim, um rico produtor de ferro na Antuérpia.

Carlos serviu vinho com generosidade e bebeu bastante ele próprio. Durante a refeição, ficou claro que tanto ele quanto Ebrima estavam apreensivos em relação à armada espanhola.

– É em parte por causa da rainha Elizabeth que os espanhóis não conseguiram pacificar os Países Baixos – disse Carlos em francês, língua que todos compreendiam. – Quando o rei da Espanha conquistar a Inglaterra, estará livre da interferência dela aqui.

– Quando padres assumem o governo, os negócios sofrem – comentou Ebrima.

– E, se nosso movimento de independência for derrotado, não haverá nada para deter a Santa Inquisição – completou Carlos.

Ned se animou. Que bom que eles estavam preocupados. Avaliou que aquele era o momento de fazer sua proposta.

Havia refletido a respeito. Estaria mais seguro se viajasse com Carlos, que falava holandês fluentemente, conhecia o país e era também conhecido por centenas de pessoas na região. Mas o primo estaria arriscando a vida.

Respirou fundo.

– Se quiserem ajudar a Inglaterra, há algo que poderiam fazer – anunciou.

– Pode falar – disse Carlos.

– Eu vim aqui avaliar a força do contingente espanhol que está se preparando para embarcar rumo à Inglaterra.

– Ah – fez Ebrima, no tom de quem de repente entende tudo. – Estava me perguntando.

– O Exército espanhol está concentrado sobretudo em volta de Dunquerque e Nieuwpoort – contou Carlos.

– Pensei se você aceitaria vender um carregamento de balas de canhão para os espanhóis. Eles devem precisar de milhares para a batalha que se aproxima. E, se você e eu chegássemos com caixotes de munição, seríamos bem-recebidos em vez de levantar suspeitas.

– Não contem comigo – falou Ebrima. – Desejo-lhes sorte, mas estou velho demais para esse tipo de aventura.

Era um mau começo, pensou Ned, desanimado. Aquilo poderia incentivar Carlos a desistir. Mas o primo sorriu e disse:

– Vai ser como nos velhos tempos.

Ned relaxou e bebeu um pouco mais de vinho.

No dia seguinte, Carlos pôs em carroças todo o seu estoque de balas de canhão, em seguida revirou a Antuérpia em busca de outras. No fim das contas, conseguiu oito carroças cheias. Uniu-as de duas em duas, cada par puxado por uma parilha de bois. Eles partiram no terceiro dia.

A estrada para Nieuwpoort margeava o litoral. Em pouco tempo Ned

começou a avistar o que buscava: preparativos para a invasão. Havia embarcações novas de fundo chato ancoradas por toda a costa e todos os estaleiros estavam atarefados construindo outras. Eram embarcações grosseiras, ruins de manobrar, e só poderiam ter um objetivo: transportar uma grande quantidade de tropas. Parecia haver centenas delas, e Ned avaliou que cada uma comportasse de cinquenta a cem soldados. Quantos milhares de homens o duque de Parma teria à espera? O destino de seu país dependia da resposta a essa pergunta.

Ele logo começou a ver os soldados, acampados mais para o interior, sentados ao redor de fogueiras para cozinhar ou jogando dados e cartas, tão entediados quanto os exércitos geralmente ficavam. Um grupo cruzou com eles na estrada, viu as carroças carregadas e deu vivas. Ned ficou aliviado com essa confirmação de que as balas de canhão seriam seu passaporte.

Começou a estimar números, mas os acampamentos nunca pareciam chegar ao fim. Por quilômetros a fio, à medida que os bois puxavam as pesadas carroças pela estrada de terra batida, viam-se cada vez mais soldados.

Eles passaram por Nieuwpoort e continuaram na direção de Dunquerque, mas o cenário não se modificou.

Não tiveram problemas para entrar na cidade fortificada de Dunquerque. Foram até a praça do mercado, situada à beira-mar. Enquanto Carlos discutia com um capitão do Exército o preço das balas de canhão, Ned seguiu para a praia e ficou encarando o mar, pensativo.

O número de soldados ali devia mais ou menos corresponder ao contingente que embarcaria em Lisboa, calculou. No total, devia haver mais de 50 mil homens prestes a invadir a Inglaterra. Era um exército imenso, maior do que qualquer coisa que a Europa tivesse visto em muitos séculos. A maior batalha de que Ned conseguia se lembrar era o cerco de Malta, que envolvera 30 mil ou 40 mil invasores turcos. Sentiu-se soterrado pela sensação de uma força poderosa, inexoravelmente decidida a destruir seu país.

Mas primeiro eles precisavam chegar à Inglaterra.

As barcas que ele vira conseguiriam conduzir os soldados por mar aberto até lá? Seria arriscado demais. Elas virariam e afundariam em quaisquer condições que não fossem águas calmas. O mais provável era que

transportassem os soldados até navios grandes, ancoradas perto da costa, um processo que levaria semanas se todos os galeões tivessem de atracar.

Ned encarou aquele porto, imaginou milhares de homens sendo transportados até os galeões ancorados perto da costa... e compreendeu que aquele era o ponto fraco do plano de batalha do rei da Espanha. Depois que todo o exército embarcasse, os invasores seriam uma força irrefreável.

Era um prognóstico desanimador. Se a invasão fosse bem-sucedida, as execuções na fogueira iriam recomeçar. Ned jamais esqueceria os gemidos de Philbert Copley ao ser queimado vivo em frente à catedral de Kingsbridge. A Inglaterra com certeza não voltaria a isso, certo?

A única esperança era deter a armada no Canal da Mancha antes que os soldados pudessem embarcar. Com a desvantagem numérica da Marinha de Elizabeth, a chance era pequena. Mas era tudo o que lhes restava.

CAPÍTULO 26

Às quatro da tarde de sexta-feira, 29 de julho de 1588, Rollo Fitzgerald avistou de novo a Inglaterra. Sentiu o coração inflar de contentamento.

Estava em pé no convés da nau capitânia espanhola, o *San Martín*, e suas pernas se adaptavam ao sobe e desce das ondas sem o menor esforço. A Inglaterra ainda não passava de um borrão ao norte no horizonte, mas os marinheiros tinham modos de verificar onde estavam. O prumador deixou cair uma corda com um peso na ponta pela amurada de popa e mediu a distância conforme foi soltando-a. O prumo desceu uns 60 metros para bater no fundo e voltou trazendo areia branca. Para um navegador experiente, isso demonstrava que o navio estava adentrando a boca ocidental do Canal da Mancha.

Rollo fugira da Inglaterra após o fracasso do complô para libertar Maria Stuart. Passara vários e aflitivos dias apenas um passo à frente de Ned Willard, mas conseguira sair do país antes de ser pego.

Fora direto para Madri, pois era lá que o destino da Inglaterra seria decidido. Sempre se apresentando como Jean Langlais, trabalhara de modo incansável para ajudar e incentivar a invasão espanhola. Tinha bastante credibilidade. Os relatórios de Bernardino de Mendoza, embaixador da Espanha primeiro em Londres, depois em Paris, haviam deixado claro para o rei Filipe que Langlais fizera mais do que qualquer um para manter viva a fé católica na Inglaterra protestante. Seu status era inferior apenas ao de William Allen, que viraria arcebispo de Canterbury após a invasão.

A partida da armada fora adiada inúmeras vezes, mas, no dia 28 de maio de 1588, os navios por fim haviam zarpado – com Rollo a bordo.

O rei da Espanha apresentava aquela invasão como uma guerra para defender seu país, uma retaliação aos ataques de piratas ingleses a comboios transatlânticos, à ajuda concedida por Elizabeth aos rebeldes holandeses e ao ataque de Drake a Cádiz. Mas Rollo se sentia um cruzado. Libertaria sua terra

natal dos infiéis que a conquistaram fazia trinta anos. Era um dos muitos católicos ingleses a retornar junto com a armada. A bordo das naus havia também 180 padres. Rollo acreditava que os libertadores seriam bem-recebidos pelos ingleses, que, no fundo, continuavam fiéis à antiga fé. E ele se tornaria bispo de Kingsbridge, uma recompensa por todos os anos que passara por dificuldades e se arriscara executando seu trabalho secreto debaixo do nariz de Ned Willard. A catedral de sua cidade voltaria a ter as verdadeiras missas católicas, com crucifixos e incenso, e Rollo presidiria tudo aquilo trajando as gloriosas vestes eclesiásticas adequadas ao seu cargo.

O almirante da armada era o duque de Medina-Sidonia, um homem de 38 anos e já calvo. Era o mais rico proprietário de terras da Espanha e tinha pouca experiência do mar. Seu lema era a cautela.

Depois de confirmar a posição da armada, Medina-Sidonia hasteou no mastro principal uma bandeira que fora abençoada pelo papa e levada em procissão até a catedral de Lisboa. Em seguida hasteou no mastro de proa a bandeira do rei, uma cruz vermelha em diagonal. Outras bandeiras subiram nas demais naus da esquadra: castelos de Castela, dragões de Portugal, galhardetes dos nobres a bordo de cada navio e emblemas de santos protetores. Todas tremulavam e estalavam ao vento, proclamando a nobreza e a força da frota.

O *San Martín* fez três disparos de canhão para assinalar uma prece de graças, em seguida recolheu as velas e lançou âncora, e Medina-Sidonia convocou um conselho de guerra.

Rollo participou do conselho. Havia aprendido espanhol suficiente nos dois anos anteriores para acompanhar uma conversa ou até participar dela, se preciso.

O vice-almirante da frota era o garboso dom João Martins Ricalde, que comandava o *San Juan de Portugal*. Oficial da Marinha a vida inteira, tinha agora 62 anos e era o mais experiente comandante da armada. Mais cedo naquele dia, capturara um pescador inglês e interrogara a tripulação. Durante a reunião, revelou que a frota inglesa estava abrigada em Plymouth, na foz do rio Plym, onde ficava o primeiro grande porto no litoral sul.

– Se formos depressa e os surpreendermos lá, poderemos destruir toda a Marinha inglesa – disse Ricalde. – Será a vingança pelo ataque de Drake a Cádiz.

O coração de Rollo pulsou de esperança. Seria mesmo possível tudo terminar assim tão depressa?

Contudo, o duque de Medina-Sidonia se mostrou inseguro.

– Temos ordens estritas de Sua Majestade, o rei Filipe – contrapôs ele. – Devemos ir direto ao ponto de encontro com o duque de Parma e seu exército espanhol dos Países Baixos em Dunquerque, e não nos desviarmos do curso. O rei quer uma invasão, não uma batalha naval.

– Mesmo assim, sabemos que vamos deparar com navios ingleses – argumentou Ricalde. – Eles certamente vão tentar nos impedir de chegar ao ponto de encontro. Seria tolice ignorar uma oportunidade tão perfeita de dizimá-los.

Medina-Sidonia se virou para Rollo:

– O senhor conhece esse lugar?

– Conheço.

Muitos ingleses agora veriam Rollo simplesmente como um traidor. Se pudessem tê-lo visto ali, na nau capitânia da força invasora, ajudando e aconselhando o inimigo, teriam-no condenado à morte. Eles não iriam entender. Mas Rollo seria julgado por Deus, não pelos homens.

– A entrada do porto de Plymouth é estreita – disse ele. – Apenas dois ou três navios podem passar lado a lado, não mais do que isso. E a passagem é protegida por canhões. No entanto, uma vez dentro do porto, alguns galeões poderiam provocar o caos. Os hereges não teriam para onde correr.

Os navios espanhóis eram armados com canhões pesados e de cano curto, inúteis a distância, mas destruidores de perto. Além disso, os conveses da armada estavam apinhados de soldados loucos pelo combate, enquanto os navios de guerra ingleses eram tripulados sobretudo por marinheiros. Seria um massacre, pensou Rollo, animado.

– E a cidade de Plymouth tem uma população próxima de 2 mil habitantes... menos de um décimo do nosso contingente – completou. – Eles não teriam como se defender.

O duque passou vários instantes pensativo até se decidir.

– Não. Vamos aguardar aqui até que os retardatários nos alcancem.

Rollo ficou decepcionado. Mas talvez Medina-Sidonia tivesse razão. A força

dos espanhóis era esmagadoramente superior à dos ingleses, de modo que o almirante não tinha por que correr riscos. Pouco importava quando ou onde eles enfrentariam a Marinha de Elizabeth: a vitória espanhola era garantida.

ii

Barney Willard estava em Plymouth Hoe, um parque no alto de suaves colinas, de onde se avistava a entrada do porto. Fazia parte de um pequeno grupo que acompanhava lorde Howard, o almirante da frota inglesa. Do alto podiam ver suas naus, muitas das quais se abasteciam de água potável e comida. Às poucas embarcações de guerra da Marinha Real haviam se unido navios mercantes menores armados, entre eles os dois de Barney, o *Alice* e o *Bella*. Agora cerca de noventa ocupavam o porto.

A brisa soprava do sudoeste. Trazia um cheiro de maresia, o que sempre deixava Barney animado, mas infelizmente sua direção era perfeita para a armada espanhola que adentrava o Canal da Mancha vindo do Atlântico em direção ao leste.

A rainha Elizabeth fizera uma aposta alta. Na reunião com seus comandantes navais – lorde Howard, sir Francis Drake e sir John Hawkins –, decidira enviar a maior parte da Marinha ao encontro dos espanhóis no extremo oeste do canal. O extremo leste, que o duque de Parma pretendia atravessar com seu exército invasor, fora deixado com uma fraca defesa feita por uns poucos navios de guerra. Todos tinham consciência de quanto isso era arriscado.

O clima em Plymouth Hoe era de tensão. O destino da Inglaterra dependia daquilo, e os homens tinham pela frente um inimigo muitíssimo mais forte. Barney sabia que, numa batalha no mar, todas as expectativas podiam ser alteradas pela imprevisibilidade do tempo, mas as chances estavam contra eles, o que os deixava apreensivos... todos, menos um: o vice-almirante Drake, cuja notória despreocupação se fez evidente quando ele disputou uma partida de bocha com alguns homens da região.

Enquanto Barney observava ansioso o mar, um galhardete surgiu no canal. Era uma embarcação pequena com cerca de 50 toneladas e vinha com todas as velas hasteadas, voando feito um pássaro sobre a água. Barney conhecia aquele

navio.

– É o *Golden Hind* – falou.

Um murmúrio de interesse percorreu os homens reunidos. O *Golden Hind* era uma de várias embarcações velozes incumbidas de patrulhar as aproximações da costa inglesa pelo oeste e ficar atentas à chegada dos invasores. Só podia haver um motivo para aquele navio correr de volta até ali, pensou Barney, e sentiu a pele se eriçar de apreensão.

Viu o navio adentrar o porto, baixar velas e atracar na praia. Antes mesmo de as cordas serem amarradas, dois homens desembarcaram e seguiram às pressas para a cidade. Poucos minutos depois, dois cavalos subiram rápido a encosta até o parque. Drake abandonou o jogo e, mancando devido ao antigo ferimento à bala no tornozelo direito, atravessou o gramado para ouvir o que eles tinham a dizer.

O mais graduado dos dois se apresentou como Thomas Fleming, capitão do *Golden Hind*.

– Cruzamos com os espanhóis no raiar do dia – informou ele, ofegante. – Estamos correndo com um vento de popa desde então.

– Muito bem – elogiou o almirante Charles Howard, um homem vigoroso de 52 anos e barba grisalha. – Conte-nos o que viu.

– Cinquenta navios espanhóis perto das ilhas Sorlingas.

– De que tipo?

– A maioria eram galeões grandes, mais algumas embarcações de suprimentos e umas poucas galeaças pesadamente armadas e com velas além de remos.

De repente, Barney se sentiu tomado por uma curiosa sensação de calma. O acontecimento tantas vezes ameaçado e por tanto tempo temido por fim se materializava. O país mais poderoso do mundo estava atacando a Inglaterra. O fim da incerteza provocou um estranho alívio. Agora não restava mais nada a fazer exceto lutar até a morte.

– Em que direção os espanhóis estão indo? – indagou Howard.

– Nenhuma, almirante. As velas estão abaixadas. Eles devem estar aguardando a chegada de outras embarcações.

– Tem certeza dos números, homem? – perguntou lorde Parminter.

– Não chegamos perto por medo de sermos capturados e não conseguirmos trazer as notícias.

– Muito bem, Fleming – disse lorde Howard.

Barney calculou que as ilhas Sorlingas ficassem a uns 150 quilômetros de Plymouth. Fleming havia percorrido essa distância em menos de um dia. A armada não conseguiria atingir a mesma velocidade, mas poderia chegar ali antes do cair da noite, sobretudo se deixassem para trás as embarcações de suprimento mais vagarosas.

Parminter estava adotando a mesma linha de raciocínio.

– Temos de zarpar agora mesmo! – falou. – É preciso enfrentar a armada antes que eles possam desembarcar.

Parminter não era marinheiro. Barney sabia que uma batalha frontal era a última coisa que os ingleses queriam.

– A maré está subindo e o vento sopra do sudoeste. É muito difícil uma embarcação sair do porto indo ao mesmo tempo contra o vento e contra a maré... para uma frota inteira, é impossível – explicou lorde Howard, com paciência e educação. – Mas a maré vai virar às dez da noite de hoje. Esse será o momento de zarpar.

– A essa altura os espanhóis já poderiam ter chegado!

– Sim, poderiam. Que sorte o comandante deles pelo visto ter decidido reagrupar as naus antes.

Drake se manifestou pela primeira vez:

– Eu não esperaria. – Ele era sempre o primeiro a se gabar. – Quem hesita está perdido.

Howard sorriu. Drake era exibido, mas era um bom homem para se ter ao lado num combate.

– Os espanhóis hesitaram, mas, infelizmente, ainda não estão perdidos – observou.

– Mesmo assim, estamos numa posição ruim – insistiu Drake. – A armada tem o vento a seu favor. Isso lhes dá a vantagem.

Barney aquiesceu com um ar sóbrio. Na sua experiência, o vento era tudo num combate naval.

– É possível ficarmos com o vento a *nosso* favor? – ponderou Howard.

Barney sabia como era difícil navegar contra o vento. Quando um navio ficava com o vento de través e as velas oblíquas, podia avançar depressa a 90 graus em relação à direção do vento. Assim, com um vento do norte, ia com facilidade para o leste ou para o oeste, bem como para o sul. Um navio de estrutura sólida e com uma tripulação experiente podia fazer ainda melhor e seguir para nordeste ou noroeste com as velas bem recolhidas junto aos mastros. Isso se chamava navegar à bolina cerrada e era um desafio, pois o mais leve erro de julgamento poderia levar a embarcação para a zona proibida na qual ela diminuiria a velocidade e pararia. Se a frota inglesa quisesse ir para o sudoeste num vento que soprava do sudoeste, portanto, precisaria primeiro navegar para o sul e em seguida para o oeste, em zigue-zague, um processo lento e cansativo chamado bordejar.

Drake adotou uma expressão cética.

– Além de bordejar contra o vento, precisaríamos nos manter fora do campo de visão do inimigo, caso contrário eles mudariam de curso para nos interceptar.

– Eu não perguntei se seria difícil. Perguntei se é possível.

Drake abriu um sorriso. Gostava daquele tipo de conversa.

– É, é possível – respondeu.

Barney se animou com a atitude ousada de Drake. Era tudo o que eles tinham.

– Então vamos fazer isso – disse lorde Howard.

iii

Rollo passou boa parte do sábado na amurada de popa do *San Martín*, com o navio avançando a favor do vento pelo Canal da Mancha em direção a Portsmouth. A armada formava uma larga coluna, com os melhores navios de combate na dianteira e na retaguarda e as embarcações de suprimentos no meio, protegidas.

Ao ver passarem as margens rochosas da Cornualha, ele foi invadido por sentimentos conflitantes de exultação e culpa. Aquele era o seu país, e ele o atacaria. Sabia que era a vontade de Deus sendo cumprida, mas uma sensação bem lá no fundo lhe dizia que aquilo talvez não trouxesse honra para ele e sua

família. Na verdade, não se incomodava com o fato de homens morrerem durante a batalha; nunca havia se importado com esse tipo de coisa. Homens morriam o tempo todo; o mundo era assim. Mas não conseguia se livrar do temor de que a invasão fracassasse e ele entrasse para a história como traidor. Isso o perturbava profundamente.

Aquele era o momento que as sentinelas inglesas vinham esperando: sinalizadores de fogo se acenderam nos cumes distantes das colinas, um depois do outro, um alarme de chamuscas disparando pelo litoral mais depressa do que navios seriam capazes. Rollo temeu que a Marinha inglesa, devidamente alertada, pudesse sair do porto de Plymouth e rumar para o leste de modo a evitar que os espanhóis a encurrassem. A cautela extrema de Medina-Sidonia lhe custara uma boa oportunidade.

À medida que a armada se aproximava um pouco mais da costa, Rollo via pessoas reunidas nos penhascos, de olhos vidrados, imóveis e silenciosas como se estivessem paralisadas de tanto assombro: em toda a história do mundo, ninguém jamais vira tantas embarcações navegando juntas.

Por volta do início da noite, os marinheiros espanhóis observaram as águas rasas e as ameaçadoras rochas negras do perigoso recife chamado Eddystone e desviaram para evitá-lo. A célebre ameaça estava situada ao sul de Plymouth. Pouco depois, refletindo o sol do fim do dia, algumas velas distantes a leste deram a Rollo a primeira e emocionante visão da frota inglesa.

Medina-Sidonia ordenou à armada que lançasse âncoras, de modo a garantir que seus navios continuassem com o vento a favor em relação aos ingleses. Certamente haveria confronto no dia seguinte, e ele não queria dar nenhuma vantagem ao inimigo.

Nessa noite, poucos homens a bordo do *San Martín* dormiram. Ficaram ajustando suas armas, verificando e reverificando pistolas e cantis de pólvora, polindo armaduras. Os artilheiros empilharam balas dentro de baús e apertaram as cordas que prendiam os canhões, em seguida encheram os barris com água do mar para apagar fogo. Obstáculos foram removidos das laterais dos navios para que os carpinteiros pudessem chegar mais depressa aos rombos no casco e consertá-los.

A lua surgiu às duas da manhã. Rollo estava no convés e deixou o olhar se

perder ao longe, em busca da Marinha inglesa, mas tudo o que viu foram formas vagas que poderiam ser apenas névoa. Rezou pela armada espanhola e por si próprio, para que pudesse resistir à batalha do dia seguinte e viver o suficiente para se tornar bispo de Kingsbridge.

O dia raiou cedo e confirmou que havia cinco navios ingleses à frente. Quando a luz ficou mais forte, porém, Rollo olhou para trás e teve um choque. A Marinha inglesa estava *atrás* da armada. Como diabo isso acontecera?

Os cinco navios localizados na sua frente deviam ser para despistar. O corpo principal da Marinha inglesa dera um jeito de bordejar ao redor da armada, desafiando o vento, e agora estava em posição de vantagem, pronta para o combate.

Os marinheiros espanhóis ficaram estarecidos. Ninguém se dera conta de que o novo desenho dos navios ingleses, mais baixo e mais estreito, fizesse tamanha diferença para facilitar suas manobras. Rollo desanimou. Que revés... e logo no começo da batalha!

Ao norte, pôde ver os últimos navios da frota inglesa avançando ao longo da costa para se juntar aos outros, executando bordejos curtos para o sul e para o norte na estreita passagem disponível. Para seu espanto, quando a embarcação que vinha na frente chegou ao ponto mais ao sul do zigue-zague, abriu fogo contra o flanco norte da armada de Filipe. Esvaziou seus canhões, em seguida bordejou rapidamente para o norte outra vez. Nenhum dos navios espanhóis foi atingido, de modo que os ingleses desperdiçaram munição, mas os espanhóis ficaram duplamente assombrados, primeiro pela perícia da navegação, em seguida pela audácia do capitão inglês.

E os primeiros tiros da batalha tinham sido disparados.

O duque de Medina-Sidonia deu o sinal para que a armada entrasse em formação de combate.

Foi a vez de os ingleses se assombrarem. Os navios espanhóis se afastaram da frota de Howard na direção leste e se posicionaram em formação defensiva com uma precisão que frota inglesa nenhuma já alcançara. Como se guiados por mão

divina, formaram uma curva perfeita, com vários quilômetros de extensão, como uma lua crescente com as pontas viradas de modo ameaçador na direção dos ingleses.

Ned Willard assistia a tudo do convés do *Ark Royal*. Ele era o homem de Walsingham a bordo da nau capitânia. O *Ark* era um galeão de quatro mastros e pouco mais de 30 metros de comprimento. O explorador sir Walter Raleigh o construía, depois o vendera para a rainha Elizabeth, embora a parcimoniosa soberana não houvesse lhe pagado, mas deduzido 5 mil libras da suposta dívida dele para com o reino. A nau estava fortemente armada, com 32 canhões dispostos em dois conveses de artilharia e um castelo de proa. Ned não tinha uma cabine só para si, mas dispunha do luxo de um catre num compartimento com quatro outros homens. Os marinheiros dormiam no convés, e a tripulação de trezentas pessoas, somada a mais de uma centena de soldados, lutava para encontrar espaço numa embarcação de apenas 11 metros no ponto mais largo.

Ao contemplar a manobra quase mágica dos espanhóis, Ned observou que as embarcações de abastecimento estavam no meio, tendo os galeões de combate ou na vanguarda ou nas pontas. Viu na hora que os ingleses só poderiam alvejar as pontas da lua crescente, pois qualquer embarcação que entrasse na curva estaria vulnerável a um ataque por trás, sem o impulso do vento nas velas. Todos os navios, com exceção do último, estavam protegidos pela embarcação situada mais atrás. Era uma formação cuidadosamente pensada.

A armada espanhola tinha outras características que deixavam Ned apreensivo. Os navios reluziam com tintas de cores brilhantes, e mesmo de longe ele podia ver que os homens no convés estavam todos usando suas melhores roupas, gibões e calções rubros, azul-real, roxos e dourados. Até mesmo os escravos nos remos das galeças trajavam casacos vermelho-vivo. Que tipo de gente se vestia para a guerra como se fosse a uma festa? Nos navios ingleses, apenas os nobres usavam roupas elegantes. Até mesmo comandantes, como Drake e Hawkins, trajavam calças de lã e gibões de couro comuns do dia a dia.

Lorde Howard estava em pé no convés do tombadilho do *Ark*, uma posição elevada atrás do mastro principal, de onde podia ver a maior parte de seus navios e também o inimigo. Ned estava ao seu lado. Atrás de ambos, a frota inglesa formava uma linha irregular e nada impressionante.

Ned reparou num marinheiro que espalhava serragem pelo convés principal. Levou alguns instantes para entender que era uma medida para evitar que a madeira ficasse escorregadia de sangue.

Howard ladrou uma ordem e o *Ark* conduziu a frota rumo à batalha.

O almirante foi em direção à ponta norte da lua crescente. Bem mais ao sul, o *Revenge* de Drake atacou a extremidade oposta.

O *Ark* chegou por trás do último navio espanhol da formação, um portentoso galeão que, pelo que Howard supunha, devia ser o *Rata Coronada*. Quando o *Ark* começou a passar pela popa do *Rata*, o capitão espanhol virou o galeão, fazendo as duas embarcações ficarem costado contra costado. Nesse momento, ambos os navios dispararam todas as peças de artilharia a bordo.

O estrondo dos canhões assim tão perto era como um soco, pensou Ned, e a fumaça de tanta pólvora era pior do que um nevoeiro. Quando o vento clareou o ar, contudo, ele viu que nenhum dos navios fora atingido. Ao ficar longe o suficiente para que os espanhóis não conseguissem subir a bordo, Howard sem querer também impedira o *Ark* de lhes infligir qualquer dano. Os tiros espanhóis, disparados por canhões mais pesados e de alcance mais curto, foram igualmente inócuos.

Ned passara por sua primeira escaramuça no mar, e na verdade nada acontecera.

Os navios que vinham atrás do *Ark* então atacaram o *Rata* e três ou quatro galeões próximos a ele, mas pouco adiantou. Alguns dos tiros ingleses prejudicaram o velame dos navios inimigos, mas nenhum dano importante foi sofrido pelos adversários.

Ned olhou para o sul e viu que o ataque de Drake vinha obtendo resultado semelhante.

A batalha avançou para o leste até que os espanhóis já não tivessem chance de atacar Plymouth. Alcançado esse objetivo, os ingleses recuaram.

Mas foi um ganho pequeno, pensou Ned, desanimado. A armada seguia avançando, mais ou menos intacta, rumo ao ponto de encontro com o exército espanhol dos Países Baixos em Dunquerque. O perigo para os ingleses não diminuía em nada.

O otimismo de Rollo foi aumentando a cada dia daquela semana.

A armada continuou singrando majestosa rumo ao leste, perseguida e importunada pela marinha inglesa, mas não foi detida nem seriamente atrasada. Um cão mordendo as patas de um cavalo que puxa uma carroça é um incômodo, mas mais cedo ou mais tarde leva um coice na cabeça. Os espanhóis perderam dois navios em acidentes, e Drake, sem surpresa para ninguém, desertou seu posto por tempo suficiente para capturar um deles, um valioso galeão chamado *Rosario*. Mas a armada era impossível de conter.

No sábado, 6 de agosto, Rollo olhou adiante dos gurupés do *San Martín* e viu o conhecido contorno do porto francês de Calais.

O duque decidiu parar ali. A armada ainda estava a 38 quilômetros de Dunquerque, onde o duque de Parma devia estar à espera com seu exército e uma flotilha de navios prontos para se juntarem à invasão. Havia um problema, porém. A leste de Calais, as águas rasas e bancos de areia se estendiam até 24 quilômetros para dentro do mar, mortais para qualquer navegador que não as conhecesse bem, e havia o perigo de a armada ser forçada a avançar demais nessa direção pelo vento oeste e pelas marés. O cauteloso Medina-Sidonia decidiu mais uma vez que não precisava correr riscos.

A um sinal de canhão do *San Martín*, os navios da imensa frota baixaram todas as velas ao mesmo tempo e pararam como numa coreografia, em seguida lançaram âncora.

Quase um quilômetro atrás, os ingleses fizeram uma parada menos impressionante.

Durante o trajeto ao longo do Canal da Mancha, Rollo observara com inveja as pequenas embarcações que surgiam do litoral inglês levando mantimentos, barris de pólvora e peças de toucinho para sua frota. Os espanhóis não eram reabastecidos desde La Coruña; os franceses tinham ordens para não fazerem negócios com a armada, pois o rei desejava permanecer neutro naquela guerra. No entanto, Rollo passara por Calais muitas vezes durante suas viagens e sabia que o povo da cidade detestava os ingleses. O governador perdera uma perna trinta anos antes na batalha para retomar Calais da Inglaterra. Ele então

aconselhou o duque de Medina-Sidonia a despachar uma pequena delegação até terra firme, com saudações e presentes. Dito e feito: a armada conseguiu permissão para comprar tudo de que precisasse. Infelizmente, isso não chegou nem perto de bastar: não existia pólvora suficiente em toda a cidade para substituir um décimo do que a armada gastara na última semana.

Chegou então um recado que deixou Medina-Sidonia louco de raiva: o duque de Parma não estava pronto. Nenhum de seus navios sequer tinha suprimentos, e o embarque não começara. Seriam necessários vários dias para que se preparassem e navegassem até Calais.

Rollo não achou que a fúria do comandante fosse justificada. Afinal, não seria sensato que Parma alojasse seu exército em pequenos barcos e aguardasse por um período indeterminado. Fazia muito mais sentido esperar até saber que os espanhóis haviam chegado.

Mais tarde nesse dia, Rollo teve a desagradável surpresa de ver uma segunda frota inglesa vir da direção nordeste rumo a Calais. Era a outra parte da patética Marinha de Elizabeth, raciocinou ele: as naus que não tinham sido mandadas para Plymouth ao encontro da armada de Filipe. A maioria das embarcações que ele viu não eram navios de guerra, e sim pequenos navios mercantes, armados, mas não fortemente, e não eram páreo para os potentes galeões espanhóis.

A armada espanhola continuava bem mais forte. E o atraso não era um desastre. Já vinham repelindo a Marinha inglesa havia uma semana. Precisavam apenas esperar o duque. Podiam fazer isso. E então a vitória estaria ao seu alcance.

vi

Ned sabia que a Marinha inglesa havia fracassado. A armada espanhola, quase intacta e agora reabastecida, estava prestes a encontrar o duque de Parma e seu exército dos Países Baixos. Depois disso, estaria a menos de um dia do litoral inglês.

No domingo de manhã, lorde Howard convocou um conselho de guerra no convés do *Ark Royal*. Era sua última chance de deter a invasão.

Um ataque frontal seria suicídio. A armada tinha mais navios e mais armas, e

os ingleses sequer teriam sua pequena vantagem de maior facilidade de manobra. No mar, em movimento, a lua crescente da força espanhola parecia invulnerável.

Será que havia algo que eles pudessem fazer?

Vários homens começaram a falar ao mesmo tempo e sugeriram brulotes: navios de fogo.

Na opinião de Ned, era uma atitude desesperada. Embarcações caras seriam sacrificadas: incendiadas e lançadas na direção do inimigo. Ventos caprichosos e correntezas aleatórias poderiam desviar seu curso ou então os navios inimigos poderiam ser ágeis o bastante para sair da frente, de modo que não havia como ter certeza de que os navios de fogo atingiriam seus alvos e incendiariam a frota inimiga.

Mas ninguém teve uma ideia melhor.

Oito embarcações mais antigas foram escolhidas para serem sacrificadas, depois movidas até o meio da frota inglesa na esperança de se ocultarem os preparativos.

Os porões desses navios foram abarrotados de piche, trapos e madeiras velhas, enquanto os mastros foram lambuzados de alcatrão.

Ned se lembrou de ter conversado com Carlos sobre o cerco à Antuérpia, no qual uma tática parecida fora usada pelos rebeldes holandeses, e sugeriu a Howard que os canhões dos brulotes fossem carregados. O calor do fogo inflamaria a pólvora e faria as peças de artilharia dispararem, com sorte bem na hora em que os navios estivessem no meio da frota inimiga. Howard gostou da ideia e deu a ordem.

Ned supervisionou o carregamento dos canhões da maneira que Carlos havia explicado, com uma carga dupla em cada um: uma bala de canhão, mais outras munições de calibre menor.

Um pequeno bote foi amarrado à popa de cada navio, para que as corajosas pequenas tripulações que navegassem em direção ao inimigo pudessem fugir na última hora.

Para consternação de Ned, as tentativas de esconder essa atividade fracassaram. Os espanhóis entenderam o que acontecia. Ned viu várias pinaças e botes espanhóis sendo manobrados para formar uma barreira entre as duas marinhas e calculou que o duque de Medina-Sidonia tivesse um plano para

proteger sua armada. Só não conseguiu entender como esse plano iria funcionar.

A noite caiu, o vento esfriou e a maré virou. À meia-noite, vento e maré estavam perfeitos. As pequenas tripulações içaram as velas e guiaram os navios ainda apagados em direção aos lampiões bruxuleantes da armada espanhola. Ned estreitou os olhos para tentar ver, mas ainda não havia lua, e as embarcações eram borrões negros num mar igualmente escuro. A distância entre as duas frotas era de menos de um quilômetro, mas a espera pareceu interminável. Ned sentiu o coração disparar. Tudo dependia daquilo. Não tinha o costume de rezar, mas nessa hora enviou um pedido fervoroso aos céus.

De repente, uma luz se acendeu. Um depois do outro, os oito navios pegaram fogo. À luz dessa conflagração vermelha, Ned pôde ver os marinheiros pulando para seus botes de fuga. Os oito incêndios separados pareceram se unir e se transformar num só braseiro. E o vento soprou essa bomba de fogo inexoravelmente para cima da frota inimiga.

vii

Rollo observava com o coração batendo forte e a respiração arquejante. Os brulotes se aproximaram da barreira de pequenas embarcações que Medina-Sidonia posicionara para atrapalhar seu avanço. A fumaça que encheu as narinas de Rollo recendia a madeira e alcatrão. Ele podia até sentir o calor das chamas.

Duas pinaças então deixaram a barreira e se moveram cada uma para um dos extremos da linha de navios de fogo. Arriscando a própria vida, as tripulações lançaram ferros com ganchos para dentro das embarcações incendiadas. Assim que conseguiram prendê-las, cada tripulação rebocou um brulote para longe. Ao mesmo tempo que temeu pela própria vida, Rollo se assombrou com a coragem e a perícia daqueles marinheiros espanhóis. Eles foram em direção ao mar aberto, onde os brulotes poderiam se consumir sem causar danos.

Sobraram seis. Duas outras pinaças, repetindo a ação das anteriores, aproximaram-se dos que estavam mais para fora na formação. Com sorte, pensou Rollo, todos os seis poderiam ser levados da mesma forma, dois de cada vez, e seriam neutralizados. A tática do duque estava dando certo. Rollo se animou.

Então levou um susto ao ouvir uma saraivada de tiros de canhão.

Com certeza não restava ninguém vivo a bordo daqueles brulotes, mas suas peças de artilharia pareciam estar disparando como por magia. Estaria Satã a bordo, carregando os canhões enquanto o fogo dançava ao seu redor para ajudar os hereges? Rollo então entendeu que as peças de artilharia haviam sido pré-carregadas e tinham disparado quando o calor inflamara a pólvora.

O resultado foi uma carnificina. Contra o brilho laranja-vivo do fogo, ele viu a silhueta dos homens a bordo das pinças se sacudir, como demônios enlouquecidos pulando no inferno, quando eles foram crivados de balas. Os canhões deviam estar carregados com balas ou pedras. Os homens pareciam gritar, mas não se ouvia nada a não ser o rugido das chamas e o estouro dos canhões.

A tentativa de capturar e desviar os brulotes fracassou quando as tripulações despencaram no convés, mortas ou feridas, e caíram no mar. Levados pela maré, os navios de fogo seguiram avançando, implacáveis.

Nessa hora, os espanhóis não tiveram escolha senão fugir.

A bordo do *San Martín*, o duque de Medina-Sidonia disparou uma arma sinalizadora para dar a ordem de levantar âncora e sair dali, mas foi desnecessário. Em todos os navios que Rollo podia ver à luz alaranjada, homens subiam pelos mastros para içar velas. Na pressa, muitos não puxaram as âncoras, simplesmente cortaram com machadinhas as cordas grossas como braços e deixaram suas âncoras no fundo do mar.

No início, o *San Martín* se moveu com uma lentidão angustiante. Como todos os outros navios, fora ancorado de frente para o vento por motivos de estabilidade, portanto precisou primeiro ser virado, uma operação vagarosa quando executada com velas pequenas. Para Rollo, pareceu inevitável que o galeão pegasse fogo antes de conseguir se afastar, e ele se preparou para pular no mar e tentar nadar até a costa.

Sem se sobressaltar, o duque mandou que uma pinça levasse a toda a frota a ordem para que navegassem rumo ao norte e se reagrupassem, mas Rollo desconfiou que muitos fossem desobedecer. A presença de brulotes era tão aterrorizante que a maioria dos marinheiros não conseguia pensar em nada a não ser fugir.

Quando os navios foram manobrados e o vento por fim inflou suas velas, tiveram de se contentar em escapar sem bater uns nos outros. Assim que saíram da formação, a maioria fugiu tão depressa quanto o vento e a maré foram capazes de carregá-los, independentemente da direção.

Então um brulote passou perigosamente perto do *San Martín* e centelhas de fogo fizeram as velas de proa espanhola se incendiarem.

Rollo olhou para a água negra lá embaixo e hesitou em pular.

Mas o navio estava preparado para combater incêndios. No convés havia barris de água salgada e pilhas de baldes. Um marinheiro pegou um balde e jogou água na lona em chamas. Rollo pegou outro e fez o mesmo. Mais homens se juntaram ao esforço, e eles logo extinguiram o incêndio.

Então, por fim, o galeão conseguiu pegar o vento e se afastou do perigo.

Dali a um quilômetro e meio, o *San Martín* parou. Rollo olhou para trás por cima da popa. Os ingleses não estavam fazendo nada. Ao abrigo das chamas por estarem contra o vento, podiam se dar ao luxo de assistir. A armada de Filipe continuava tomada pela confusão e pelo pânico. Embora nenhum dos navios espanhóis houvesse pegado fogo, o perigo fora tão grande que os homens só pensaram em salvar a própria pele.

Por enquanto, o *San Martín* estava sozinho... e vulnerável. Como era noite, nada mais podia ser feito. Mas os navios tinham sido salvos. Pela manhã, Medina-Sidonia teria de enfrentar a difícil tarefa de refazer a formação da esquadra. Mas era possível. E a invasão ainda poderia prosseguir.

viii

Quando o dia raiou em Calais, Barney Willard viu, do convés do *Alice*, que os brulotes tinham fracassado. Seus restos fumegantes coalhavam o litoral da cidade, mas nenhuma outra embarcação pegara fogo. Apenas uma carcaça de navio era visível, o *San Lorenzo*, que flutuava à deriva em direção aos penhascos.

Mais ou menos um quilômetro e meio para o norte, Barney distinguiu a silhueta do *San Martín*, a nau capitânia espanhola, e de quatro outros galeões. O restante da estupenda frota estava fora do seu campo de visão. A formação de

batalha se rompera e os navios tinham sido espalhados, entretanto continuavam intactos. Enquanto Barney olhava, os cinco galeões que ele podia ver viraram para o leste e aumentaram a velocidade. O duque de Medina-Sidonia ia reunir suas naus. Na sequência, poderia voltar para Calais com força total e depois se encontrar com o duque de Parma.

No entanto, Barney pensou que os ingleses agora tinham uma ínfima chance. Enquanto sua disciplina estivesse abalada e seus navios, dispersos, a armada ficaria vulnerável. Os navios poderiam ser atacados um a um ou dois a dois.

Se ao mesmo tempo eles pudessem ser empurrados em direção aos bancos de areia holandeses, melhor ainda. Barney tinha navegado muitas vezes por aqueles bancos no caminho para a Antuérpia, e Drake também os conhecia, mas para a maioria dos navegadores espanhóis eram riscos não cartografados. Havia uma oportunidade ali... embora não por muito tempo.

Para sua profunda satisfação, lorde Howard chegou à mesma conclusão.

O *Ark Royal* disparou um tiro de sinalização e o *Revenge* de Drake respondeu levantando âncora e içando velas. Barney gritou ordens para sua tripulação, que esfregou os olhos sonolentos e entrou em ação toda de uma vez só, como um coro bem-treinado que inicia um madrigal.

A marinha inglesa partiu veloz no encalço dos cinco galeões.

Barney se mantinha de pé e equilibrado no convés sem nenhuma dificuldade. Era um mês de agosto com vento constante, que mudava de força e direção o tempo todo, sem falar nas chuvas intermitentes e na visibilidade limitada que eram comuns no Canal da Mancha. Barney adorava a sensação de correr por cima da água, de ter a maresia em seus pulmões, a chuva fria resfriando seu rosto e a perspectiva de uma pilhagem.

Os navios ingleses eram mais velozes que os galeões, mas a fuga dos espanhóis não foi inútil, pois, quando saíram dos estreitos e adentraram o mar do Norte, eles conseguiram se juntar a mais alguns integrantes de sua armada. Mesmo assim, continuaram em desvantagem numérica em relação aos ingleses, que chegavam ainda mais perto.

Eram nove da manhã e, pelos cálculos de Barney, eles estavam a cerca de 10 quilômetros da cidade holandesa de Gravelines, quando Medina-Sidonia decidiu que era inútil continuar fugindo e virou-se para encarar o inimigo.

Barney desceu para o convés de artilharia. Seu mestre artilheiro era um africano do norte de pele escura chamado Bill Coory. Barney lhe ensinara tudo o que sabia e agora Bill era tão bom no ofício quanto ele, talvez melhor. Ordenou-lhe que preparasse a equipe de artilharia do *Alice* para um combate.

Observou o *Revenge* de Drake aproximar-se do *San Martín*. Os dois navios estavam prestes a passar um pelo outro, costado contra costado, como acontecera centenas de vezes naqueles nove dias sem grandes efeitos. Só que dessa vez foi diferente. Barney ficava cada vez mais apreensivo à medida que o *Revenge* mudava de curso e chegava perigosamente perto do navio espanhol. Drake sentira cheiro de sangue – ou, quem sabe, de ouro –, e Barney temeu pela vida do herói da Inglaterra quando ele chegou a 100 metros de seu alvo. Se o homem fosse morto no primeiro confronto da batalha, isso poderia desmotivar os ingleses por completo.

De repente os dois navios dispararam seus canhões de proa. Eram armas pequenas e incômodas, capazes de desconcertar e causar pânico na tripulação inimiga, mas não de inutilizar um navio. Então, quando as duas poderosas embarcações chegaram à mesma altura, a vantagem do vento se tornou patente. O navio espanhol, posicionado a favor do vento, inclinou-se para fora, o que fez seus canhões, mesmo na elevação mais baixa, apontarem para o céu. Já o navio inglês, posicionado contra o vento, inclinou-se para dentro em direção ao inimigo, e àquela distância tão curta seus canhões ficaram apontados para o convés e para o casco exposto do galeão espanhol.

Os dois adversários começaram a atirar. Os canhões de cada navio produziam barulhos diferentes. O *Revenge* disparava de forma cadenciada, como batidas de um tambor, e cada canhão do convés atirava ao atingir a melhor posição com uma disciplina que alegrou o coração de artilheiro de Barney. Já o barulho do *San Martín* era mais grave, porém mais irregular, como se os artilheiros poupassem munição.

Ambos os navios subiam e desciam nas ondas feito rolhas, mas agora estavam tão próximos que, mesmo com o mar agitado, era quase impossível errarem o alvo.

O *Revenge* foi atingido por várias balas grandes. Por causa do ângulo, os tiros acertaram as velas, mas até isso poderia inutilizar um navio caso os mastros

se partissem. Já o *San Martín* sofreu danos de outro tipo. Alguns dos canhões de Drake disparavam diversos projéteis não convencionais: punhados de pequenos cubos de ferro que dilaceravam a carne; pares de balas de canhão presas unidas por correntes, que atravessavam rodopiando o velame e derrubavam as vergas; e até mesmo estilhaços letais feitos com restos de metal e capazes de estraçalhar velas.

A cena então foi obscurecida pela fumaça. Entre um estrondo e outro, Barney podia ouvir os gritos dos homens mutilados, e o cheiro de pólvora enchia seu nariz e sua boca.

Os navios se afastaram disparando seus canhões de popa. Quando saíram do meio da fumaça, Barney entendeu que Drake não ia diminuir a velocidade para dar meia-volta e atacar o *San Martín* outra vez, mas seguir direto para cima do outro navio espanhol mais próximo. Com alívio, deduziu que o *Revenge* não fora seriamente danificado.

O segundo navio da linha inglesa, o *Nonpareil*, atacou o *San Martín*. Seguindo o exemplo de Drake, o comandante chegou bem perto da nau inimiga, embora não a ponto de os espanhóis poderem agarrar seu navio e subir a bordo. Os canhões tornaram a ribombar. Dessa vez Barney achou que os espanhóis tivessem disparado menos balas e desconfiou que seus artilheiros fossem lentos para recarregar as peças.

Já observara por tempo suficiente: estava na hora de participar. Era importante que o *Alice* fosse visto atacando os navios espanhóis, pois isso dava a ele e sua tripulação o direito de participar dos saques.

O *San Felipe* era o galeão seguinte na linha espanhola e já estava cercado por navios ingleses que o atacavam sem dó. Barney pensou num bando de cães investindo contra um urso na diversão favorita do povo inglês. Os navios chegaram tão perto um do outro que Barney viu um inglês ensandecido pular para o convés do *San Felipe* e ser imediatamente despedaçado pelas espadas dos espanhóis. Em nove dias, tinha sido a única vez que alguém subira a bordo de um navio inimigo, um indício de quanto os ingleses vinham conseguindo impedir que os espanhóis usassem sua tática predileta.

Quando o *Alice* partia para o ataque no rastro de um navio de guerra chamado *Antelope*, Barney olhou para o horizonte e, para sua consternação, viu

um novo grupo de naus espanholas surgir e se aproximar depressa para entrar na briga. Socorrer uma frota em desvantagem numérica exigia coragem, mas isso, pelo visto, os espanhóis tinham de sobra.

Cerrando os dentes, ele berrou para seu timoneiro e mandou que chegasse a 100 metros do *San Felipe*.

Os soldados do galeão dispararam seus mosquetes e arcabuzes. Estavam tão perto que acertaram vários tiros nos homens aglomerados no convés do *Alice*. Barney se ajoelhou e escapou ileso, mas meia dúzia de seus tripulantes desabaram sangrando no convés. Então Bill Coory começou seu trabalho e os canhões do *Alice* ribombaram. Pequenos projéteis fustigaram o convés do galeão, derrubando marinheiros e soldados, enquanto as balas maiores perfuravam a madeira do casco.

O galeão revidou com uma bala grande os oito tiros de calibre menor do *Alice*. Quando o projétil arrombou a popa, Barney sentiu o impacto no fundo do estômago. O carpinteiro do navio, que aguardava esse momento no convés, correu para baixo para tentar reparar o estrago.

Barney participara de batalhas antes. Não era destemido – homens sem medo não duravam muito no mar –, mas constatara que, uma vez iniciado o combate, havia tanto a fazer que ele só pensava no perigo depois. Possuído por uma animação esfuziante, gritava instruções para a tripulação, corria de um lado para outro do navio para ter uma visão melhor e descia ao convés de artilharia a cada poucos minutos de modo a gritar ordens e incentivos para os artilheiros suados. Tossia por causa da fumaça, escorregava no sangue do chão e tropeçava nos corpos dos mortos e feridos.

Fez o *Alice* passar por trás do *Antelope* e seguiu o navio maior, dessa vez disparando os canhões de bombordo. Praguejou quando um tiro do galeão acertou seu mastro traseiro. Uma fração de segundo depois, sentiu uma forte e dolorida ardência no couro cabeludo. Levou a mão até lá e sentiu a umidade do sangue, mas era só um filete, e percebeu que havia se safado apenas com um arranhão.

O mastro não desabou, e o carpinteiro se apressou em firmá-lo com escoras.

Quando o *Alice* se livrou da fumaça sulfurosa, Barney reparou que a armada se reposicionava na formação de lua crescente. Ficou abismado com o fato de

comandantes e tripulações conseguirem ter tamanha disciplina sob um ataque infernal. Os navios espanhóis estavam se mostrando preocupantemente difíceis de afundar, e agora a chegada de reforços era iminente.

Fez o *Alice* dar meia-volta para mais uma investida.

ix

A batalha durou o dia inteiro, e no meio da tarde Rollo já estava desesperado.

O *San Martín* fora atingido centenas de vezes. Três dos grandes canhões do galeão tinham sido arrancados dos berços e inutilizados, mas ainda restavam vários outros. O navio cheio de rombos era mantido à tona pelos mergulhadores, os mais corajosos de todos, que pulavam no mar com placas de chumbo e fibras de cânhamo para remendar o casco enquanto os tiros ecoavam. No entorno, Rollo via mortos e feridos, muitos clamando para que Deus ou seu santo de devoção os libertasse da agonia. O ar que ele respirava tinha cheiro de sangue e fumaça de canhão.

O *María Juan* sofrera danos tão terríveis que fora incapaz de se manter flutuando. Rollo testemunhava em desespero o magnífico navio afundar, lenta mas inexoravelmente, nas ondas cinzentas do frio mar do Norte, até sumir de vista para sempre. O *San Mateo* estava próximo do fim. No esforço de mantê-lo à tona, a tripulação jogava no mar tudo o que conseguia mover: peças de artilharia, madeira partida e até mesmo companheiros mortos. O *San Felipe* estava tão avariado que não havia como manejar seu leme; flutuava à deriva para longe da batalha e em direção aos bancos de areia.

A desvantagem numérica atual não era o único problema dos espanhóis. Eles eram soldados valentes e hábeis marinheiros, mas venciam as batalhas abalroando o inimigo e subindo a bordo, e os ingleses haviam entendido como impedi-los de agir dessa forma. Assim, a frota espanhola fora forçada a travar um combate de artilharia mesmo em desvantagem. Os ingleses possuíam técnica suficiente para executar disparos rápidos, algo que os espanhóis não conseguiam igualar. Os canhões do rei Filipe, mais pesados, eram difíceis de recarregar, e às vezes exigiam que os artilheiros se pendurassem em cordas do lado de fora do casco para inserir a bala no cano, o que era quase impossível no auge de uma

batalha.

O resultado fora desastroso.

Como para tornar a derrota mais certa, o vento virara e agora vinha do norte, fazendo com que não houvesse fuga possível nessa direção. Ao leste e ao sul havia apenas bancos de areia, e os ingleses os atacavam do oeste. Os espanhóis tinham sido encurralados. Resistiam bravamente, mas com o tempo iriam afundar sob os canhões ingleses ou encalhar nos bancos de areia.

Não restava esperança.

X

Às quatro da tarde, o tempo mudou.

Uma rajada inesperada soprou do sudoeste. No convés do *Ark Royal* de lorde Howard, Ned Willard foi fustigado por fortes ventos e encharcado pela tempestade. Podia aguentar isso sem reclamar, mas o que o incomodava era que a armada espanhola agora estava escondida atrás de uma cortina de chuva. A frota inglesa se moveu com cuidado até o ponto em que os espanhóis deveriam estar, mas eles haviam sumido.

Certamente não iriam escapar agora, iriam?

Meia hora depois, tão depressa quanto chegara, o temporal passou. Sob o abrupto sol vespertino, um consternado Ned viu que as naus espanholas estavam a cerca de 3 quilômetros para o norte e avançando depressa.

O *Ark* desfraldou as velas e partiu atrás do inimigo, e o restante da frota foi atrás, mas eles levariam tempo para recuperar a distância perdida, então Ned entendeu que não haveria mais batalha antes de anoitecer.

As duas frotas permaneceram próximas do litoral leste da Inglaterra.

A noite caiu. Ned estava exausto e decidiu ir para seu catre dormir, mas se manteve inteiramente vestido. No dia seguinte, quando raiou a aurora, olhou para a frente e viu que os espanhóis continuavam à mesma distância, ainda seguindo em direção ao norte o mais depressa que podiam.

Em seu posto habitual no convés do tombadilho, lorde Howard saboreava uma cerveja fraca.

– O que está acontecendo, almirante? – indagou Ned com educação. – Parece

que não estamos ganhando terreno.

– Não precisamos ganhar terreno – respondeu Howard. – Veja: eles estão fugindo.

– Para onde?

– Boa pergunta. Até onde posso ver, serão obrigados a dar a volta pelo norte da Escócia, em seguida virarão para o sul no mar da Irlanda... para o qual, como o senhor sabe, não existem cartas náuticas.

Isso Ned desconhecia.

– Passei todas as horas dos últimos onze dias na sua companhia, almirante, mas mesmo assim não entendo como isso aconteceu.

– A verdade, sir Ned, é que é muito difícil conquistar uma ilha. O invasor fica numa terrível desvantagem. Não pode ser reabastecido, fica vulnerável quando tenta embarcar e desembarcar tropas e se perde em território desconhecido ou em mares com os quais não está familiarizado. O que fizemos foi sobretudo importunar o inimigo até ele ser vencido pelas dificuldades já esperadas.

Ned assentiu.

– E a rainha Elizabeth teve razão de gastar dinheiro com a Marinha.

– Verdade.

Ned olhou para a armada espanhola que batia em retirada pelo mar.

– Quer dizer que nós vencemos – falou.

Mal conseguia acreditar. Sabia que deveria ficar radiante – e certamente ficaria quando por fim assimilasse a informação –, mas por ora se sentia apenas aturdido.

Howard sorriu.

– Sim – respondeu o almirante. – Nós vencemos.

– Ora – falou Ned. – Quem diria.

CAPÍTULO 27

Pierre Aumande foi acordado por seu enteado, Alain.

– Reunião de emergência do Conselho Privado – disse o rapaz.

Parecia nervoso, sem dúvida por ter de atrapalhar o sono do patrão temperamental.

Pierre se sentou na cama e franziu o cenho. Aquela reunião era inesperada, e ele não gostava de surpresas. Como não ficara sabendo daquilo antes? Qual seria a emergência? Coçou os braços enquanto pensava, fazendo pedaços de pele seca caírem sobre a colcha bordada.

– O que mais você sabe?

– Recebemos uma mensagem de D’O – respondeu Alain.

François d’O era o superintendente financeiro do rei Henrique III.

– Ele quer que o senhor se certifique de que o duque de Guise compareça à reunião.

Pierre olhou para a janela. Ainda estava escuro e ele não conseguia ver nada lá fora, mas podia ouvir a chuva torrencial que tamborilava no telhado e molhava as janelas. Não descobriria nada ficando na cama. Levantou-se.

Faltavam dois dias para o Natal de 1588. Estavam no *château* real de Blois, mais de 150 quilômetros a sudoeste de Paris. O castelo era imenso, com pelo menos cem cômodos, e Pierre ocupava magníficos aposentos do mesmo tamanho dos de seu patrão, o duque de Guise, e quase tão grandes quanto os do rei.

Assim como o rei e o duque, Pierre levava consigo algumas de suas luxuosas peças de mobília, entre elas a confortável cama e a simbolicamente imensa escrivaninha. Possuía, além disso, um bem valiosíssimo: um par de pistolas com acabamento de prata, presente do rei Henrique III. Tinha sido seu primeiro e único presente dado por um rei. Guardava-as sempre ao lado da cama, prontas para o uso.

Dispunha de um séquito de criados encabeçado por Alain, agora com 28 anos, que ele domara por completo e transformara num útil assessor. Com ele também estava sua servil amante, Louise de Nîmes.

Pierre transformara Henrique de Guise num dos homens mais importantes da Europa, mais poderoso do que o rei da França. E o próprio status crescera junto com o do patrão.

Assim como a mãe, a rainha Catarina, o rei Henrique III era um pacificador. Tentara tratar com brandura os protestantes franceses, conhecidos como huguenotes. Pierre enxergara o perigo nisso desde o princípio. Incentivara o duque a fundar a Liga Católica, uma união de confrarias radicais destinada a combater a propagação da heresia. O sucesso da Liga superara seus sonhos. Ela era agora a força política dominante na França e controlava Paris e outras cidades importantes. Seu poder era tal que a Liga expulsara o rei de Paris, motivo pelo qual ele agora se encontrava em Blois. Além disso, Pierre conseguira fazer o duque ser nomeado lugar-tenente do Exército real, afastando assim o rei do controle das próprias Forças Armadas.

Os Estados Gerais, o parlamento nacional francês, estavam reunidos em Blois desde outubro. Pierre aconselhara o duque de Guise a posar como representante do povo nas negociações com o rei, embora ele na realidade fosse o líder da oposição ao poder do monarca e o verdadeiro objetivo de Pierre fosse garantir que o rei cedesse a todas as exigências da Liga.

Preocupava-lhe um pouco o fato de a arrogância do patrão estar indo longe demais. Uma semana antes, num banquete da família Guise, o irmão do duque Henrique, Luís, cardeal da Lorena, fizera um brinde a “meu irmão, o novo rei da França!”. A notícia do insulto naturalmente chegara sem demora aos ouvidos do monarca. Pierre não achava que Henrique III tivesse estofo para fazer qualquer tipo de retaliação, mas por outro lado se vangloriar assim era provocar o destino.

Pierre vestiu um gibão branco caro com fendas que deixavam à mostra um forro de seda dourado. A cor disfarçava a abundante caspa que caía de seu couro cabeludo ressecado.

A luz da aurora relutou a chegar naquele dia de meio do inverno e só revelou um céu negro e uma chuva que não dava trégua. Levando consigo um laçao para carregar uma vela, Pierre percorreu os corredores e saguões escuros do

imenso *château* até os aposentos do duque Henrique.

O capitão da guarda noturna do duque, um suíço chamado Colli que Pierre tinha o cuidado de subornar, cumprimentou-o de modo agradável e disse:

– Ele passou metade da noite com madame De Sauves. Voltou às três.

A energicamente promíscua Charlotte de Sauves era a atual amante do duque. Ele decerto queria dormir até mais tarde nesse dia.

– Preciso acordá-lo – falou Pierre. – Mande trazer uma caneca de cerveja. Ele não terá tempo para mais nada.

Pierre entrou no quarto. O duque estava sozinho; prestes a dar à luz o décimo quarto filho do casal, sua esposa ficara em Paris. Pierre sacudiu o duque pelo ombro. Henrique não havia completado 40 anos e ainda era um homem vigoroso; acordou depressa.

– O que é tão urgente, me pergunto, para que o conselho não possa esperar um homem fazer o desjejum? – resmungou o duque enquanto vestia um gibão de cetim cinza.

Pierre não quis confessar que não sabia.

– O rei está preocupado com os Estados Gerais.

– Eu fingiria que estou doente, mas outros poderiam se aproveitar da minha ausência para conspirar contra mim.

– Não apenas *poderiam*. Eles o *fariam*.

Aquele era o preço do sucesso. A fragilidade da monarquia francesa, iniciada com a morte prematura do rei Henrique II trinta anos antes, proporcionara oportunidades enormes aos Guises, mas, sempre que seu poder crescia, outros tentavam tirá-lo.

Um criado entrou com uma caneca de cerveja. O duque a esvaziou com um grande gole e deu um arroteo bem alto.

– Melhor assim – falou.

Como seu gibão de cetim não era quente e fazia frio nos corredores do palácio, Pierre lhe estendeu uma capa para ser usada no trajeto até a sala do conselho. O duque pegou um chapéu e luvas, e os dois saíram.

Colli seguiu na frente. O duque não dispensava um guarda-costas nem mesmo quando ia de um aposento a outro do palácio. No entanto, como não era permitida a entrada de homens armados na sala do conselho, Colli permaneceu

no alto da grande escadaria enquanto o duque e Pierre entravam.

Um fogo alto ardia na lareira. O duque Henrique tirou a capa e sentou diante da mesa comprida junto com os outros conselheiros.

– Traga-me uvas de Damasco – falou para um criado. – Não comi nada.

Pierre foi se juntar aos assessores em pé junto às paredes, e o conselho começou a debater impostos.

Henrique III convocara os Estados Gerais porque precisava reforçar suas finanças. Os prósperos negociantes que formavam o Terceiro Estado – depois da aristocracia e do clero – relutavam em lhe dar mais de seu dinheiro ganho a duras penas. Num ato de insolência, haviam mandado contadores examinarem as finanças reais, em seguida declararam que o monarca não precisaria aumentar os impostos contanto que administrasse melhor seus recursos.

O superintendente financeiro, François d’O, foi direto ao ponto.

– O Terceiro Estado precisa chegar a um acordo com o rei – falou, olhando na direção do duque Henrique.

– E vai chegar – respondeu o duque. – Dê tempo a eles. O orgulho não lhes permite ceder de imediato.

Aquilo era bom, pensou Pierre. Quando o acordo acontecesse, o duque seria o herói da vez por tê-lo articulado.

– Só que não se trata mais de algo *imediato*, não acha? – insistiu D’O. – Eles estão desafiando o rei há dois meses.

– Vão mudar de ideia.

Pierre coçou as axilas. Perguntou-se por que o Conselho Privado fora reunido com tanta urgência. Aquela era uma discussão antiga, e pelo visto nada de novo acontecera.

Um criado ofereceu um prato ao duque.

– Não há uvas, Vossa Graça – desculpou-se. – Trouxe-lhe ameixas da Provença.

– Dê-me aqui – respondeu o duque. – Estou com tanta fome que comeria olhos de ovelha.

D’O não se deixou distrair.

– Quando dizemos ao Terceiro Estado que eles devem ser sensatos, sabe o que eles respondem? – continuou. – Dizem que não precisam chegar a acordo

nenhum porque têm o apoio do duque de Guise.

Ele fez uma pausa e correu os olhos pela mesa. O duque tirou as luvas e começou a enfiar ameixas na boca.

– Vossa Graça, o senhor alega ser o intermediário entre o rei e o povo, mas se tornou um obstáculo ao acordo – afirmou D’O.

Pierre não gostou daquela frase. Era quase um veredito.

O duque Henrique engoliu uma ameixa. Por um instante, pareceu não saber o que dizer.

Enquanto hesitava, uma porta que dava para os aposentos reais se abriu e Revol, o secretário de Estado, surgiu. Aproximou-se do duque Henrique.

– Vossa Graça, o rei deseja lhe falar – disse, numa voz baixa e nítida.

Pierre ficou estarelecido. Aquela era a segunda surpresa da manhã. Algo que ele desconhecia estava acontecendo, e ele pressentiu perigo.

O duque reagiu ao recado do rei com uma audaciosa falta de urgência. Tirou do bolso uma caixa de doces folheada de prata no formato de uma concha e pôs dentro dela algumas ameixas para levar consigo, como se pudesse fazer um lanche enquanto conversava com o rei. Então se levantou e pegou sua capa. Com um meneio brusco de cabeça, ordenou que Pierre o seguisse.

Um esquadrão de guarda-costas reais estava de prontidão no cômodo contíguo, tendo como líder um homem chamado Montséry, que encarou o duque com um olhar hostil. Aqueles guardas de elite regamente pagos eram conhecidos como os Quarenta e Cinco, e o duque Henrique, instado por Pierre, propusera que eles fossem extintos para poupar dinheiro – e, é claro, para enfraquecer ainda mais o rei. Não fora uma das melhores ideias de Pierre. A sugestão fora rejeitada, e agora os Quarenta e Cinco odiavam o duque.

– Espere aqui caso eu precise de você – ordenou Henrique a Pierre.

Montséry foi abrir a porta seguinte para o duque.

Henrique de Guise andou até a porta, então parou e tornou a se virar para Pierre.

– Pensando bem, volte para a sala do conselho – falou. – Assim pode me contar o que disseram na minha ausência.

– Muito bem, Vossa Graça – concordou Pierre.

Antes que Pierre saísse, Montséry abriu a porta e o rei Henrique III apareceu

de pé do outro lado. Agora com 37 anos, ocupava o trono havia quinze. Tinha o rosto cheio e sensual, mas irradiava uma autoridade tranquila. Olhou para o duque Henrique e falou:

– Então ei-lo aqui, o homem a quem chamam de novo rei da França.

Em seguida se virou para Montséry e deu um meneio de cabeça breve porém inconfundível.

Nesse momento, Pierre entendeu que uma catástrofe estava prestes a acontecer.

Com um movimento rápido e suave, Montséry sacou uma adaga comprida e apunhalou o duque.

A lâmina afiada atravessou com facilidade o fino gibão de cetim e se cravou fundo no peito musculoso de Henrique.

Pierre ficou paralisado.

A boca do duque se abriu como se ele fosse gritar, mas nenhum som saiu, e Pierre entendeu na hora que o ferimento devia ser fatal.

Aquilo, porém, não bastou para os guardas, que cercaram o duque e o apunhalaram repetidas vezes com facas e espadas. O sangue saiu pelo nariz, pela boca, o corpo todo.

Pierre ainda passou mais um segundo encarando, tomado por uma horrenda paralisia. O duque Henrique caiu, sangrando por vários ferimentos.

Pierre ergueu os olhos para o rei, que observava calmamente.

Por fim, conseguiu recobrar os sentidos. O patrão fora assassinado, e ele poderia muito bem ser o próximo. Rápida e silenciosamente, virou as costas e tornou a atravessar a porta de volta à sala do conselho.

Os conselheiros ao redor da mesa comprida o encararam mudos, e ele entendeu num segundo que eles deviam ter sabido o que iria acontecer. A reunião “urgente” era um pretexto para pegar o duque de Guise desprevenido. Aquilo era uma conspiração, e eram todos cúmplices.

Queriam que Pierre dissesse alguma coisa, pois não sabiam se o assassinato já fora cometido. Ele tirou vantagem dessa incerteza momentânea para fugir. Atravessou o recinto depressa sem dizer nada e saiu. Atrás de si, ouviu o início de um burburinho que foi interrompido pela porta batendo.

Colli, o guarda-costas do duque, encarou-o sem entender, mas Pierre o

ignorou e desceu correndo a luxuosa escadaria. Ninguém tentou detê-lo.

Estava estarecido. Respirava em arquejos curtos e, apesar do frio, suave. O duque estava morto, fora assassinado... morrerá por ordem do rei. O duque Henrique se tornara excessivamente confiante. Pierre também. Tivera certeza de que o fraco Henrique III jamais demonstraria tamanha coragem ou decisão... e cometera um erro desastroso e fatal.

Tinha sorte de não ter sido morto também. Lutou para conter o pânico enquanto atravessava, apressado, o *château*. O rei e seus colaboradores decerto não haviam planejado nada além do assassinato em si. Agora que o duque morrerá, porém, começarão a pensar em como consolidar seu triunfo. Primeiro iriam querer eliminar os irmãos de Henrique de Guise: o cardeal de Lorena e o arcebispo de Lyon. Em seguida voltariam sua atenção para Pierre, o principal conselheiro do duque.

Nos minutos seguintes, porém, reinariam o caos e a confusão, de modo que ele dispunha de uma breve oportunidade para se salvar.

Enquanto passava por um corredor, Pierre se deu conta de que Carlos, o filho mais velho de Henrique, era agora o novo duque de Guise. O menino tinha 17 anos, idade suficiente para assumir o lugar do pai; o próprio Henrique tinha apenas 12 quando se tornara duque. Se Pierre ao menos conseguisse sair dali, faria exatamente o que fizera com Henrique: tentaria cair nas graças da mãe dele, viraria o conselheiro indispensável do jovem, alimentaria em ambos a semente da vingança e um dia tornaria o novo duque tão poderoso quanto o antigo.

Já sofrera revezes antes e sempre ressurgira mais forte do que nunca.

Chegou ofegante a seus aposentos. Alain estava na saleta.

– Sele três cavalos – ordenou Pierre. – Leve apenas dinheiro e armas. Precisamos sair daqui em dez minutos.

– Para onde? – quis saber Alain.

O estúpido rapaz deveria ter perguntado “por quê?”, não “para onde?”.

– Ainda não resolvi, apenas *ande logo!* – berrou Pierre.

Entrou no quarto. Ajoelhada no genuflexório, de camisola, Louise rezava um terço.

– Vista-se depressa – disse Pierre. – Se não estiver pronta, vou embora sem você.

Ela se levantou e foi até ele, com as mãos ainda unidas como numa prece.

– Você está com problemas – falou.

– É claro que estou com problemas, por isso vou fugir – respondeu ele, impaciente. – Vista suas roupas.

Louise abriu as mãos e revelou uma adaga curta, que usou para abrir um talho no rosto de Pierre.

– Meu Deus!

Ele gritou de dor, mas o pior foi o espanto. Não poderia ter ficado mais surpreso se a faca o houvesse atacado por vontade própria. Aquela era *Louise*, o camundongo aterrorizado, a mulher indefesa de quem ele abusara só por diversão; ela o *cortara...* e não era só um arranhão, mas um talho fundo na bochecha que agora fazia o sangue escorrer profusamente pelo queixo e o pescoço.

– Sua puta, vou cortar sua garganta! – guinchou ele, e partiu para cima dela tentando pegar a faca.

Ágil, ela deu um passo para trás.

– Seu demônio, está tudo acabado, eu agora estou livre! – berrou ela.

Então o esfaqueou no pescoço.

Sem acreditar, Pierre sentiu a lâmina penetrar na carne provocando uma dor excruciante. O que estava acontecendo? Por que ela achava que estivesse livre? Primeiro um rei fraco assassinara o duque, e agora uma mulher fraca o apunhalara. Pierre estava chocado.

Mas Louise era uma assassina incompetente. Não entendia que o primeiro golpe tinha de ser fatal. Havia estragado tudo, e agora iria morrer.

Os movimentos de Pierre foram guiados pela raiva. Cobrindo com a mão direita a garganta ferida, ele usou a esquerda para afastar a mão dela que segurava a arma. Estava machucado, mas vivo, e iria matar Louise. Jogou o corpo na direção dela e lhe deu uma trombada antes que ela pudesse desferir outro golpe. A marquesa perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Na queda, soltou a adaga.

Pierre a pegou. Tentando ignorar a dor dos ferimentos, ajoelhou-se com uma perna de cada lado de Louise e ergueu a lâmina. Deteve-se por um instante, hesitando em onde golpeá-la. No rosto? Nos seios? Na garganta? Na barriga?

Então um soco potente no ombro direito o derrubou. Por alguns segundos, seu braço perdeu a força, e foi a sua vez de largar a adaga. Ele desabou pesadamente e rolou de cima de Louise para ficar de costas no chão.

Ao olhar para cima, viu Alain. O rapaz lhe apontava as pistolas que Pierre ganhara de presente do rei.

Pierre passou alguns instantes encarando as armas, impotente. Já as disparara várias vezes, tinha certeza de que funcionavam bem. Não sabia se a mira de Alain era boa, mas, a apenas dois passos de distância, seria difícil que ele errasse.

Num segundo de silêncio, Pierre escutou o tamborilar da chuva. Deu-se conta de que o enteado sabia de antemão sobre o assassinato do duque... por isso lhe perguntara “para onde?”, não “por quê?”. Louise também sabia. Os dois haviam conspirado para matar Pierre em seu momento de fraqueza. E conseguiriam se safar, também: todos imaginariam que ele fora morto por ordem do rei, assim como o patrão.

Como aquilo podia estar acontecendo com ele, Pierre de Guise, mestre manipulador durante três décadas?

Olhou para Louise, depois de volta para Alain, e viu nos dois rostos a mesma expressão. Era ódio misturado com outra coisa: júbilo. Aquele era o seu momento de vitória, e eles estavam felizes.

– Não tenho mais utilidade para você – disse Alain.

Seus dedos se contraíram sobre as compridas alavancas que se projetavam da parte inferior das pistolas.

O que significava aquilo? Pierre sempre usara Alain, não o contrário, certo? O que ele deixara escapar? Mais uma vez, ficou perplexo.

Abriu a boca para gritar por ajuda, mas nenhum som saiu de sua garganta ferida.

As duas pistolas emitiram centelhas e então dispararam com um estrondo duplo.

Pierre teve a sensação de ter sido atingido no peito por um martelo. A dor foi insuportável.

Ouviu Louise falar como se estivesse muito longe:

– Agora volte para o inferno, de onde você saiu.

Então a escuridão se fez.

ii

O conde Bartlet batizara de Swithin o primeiro filho, em homenagem ao bisavô do menino, e o segundo de Rollo, em homenagem ao tio-avô do bebê. Seus dois parentes haviam lutado com coragem contra o protestantismo, e Bartlet era um católico fervoroso.

Margery não gostara de nenhum dos nomes. Swithin fora um sujeito execrável e Rollo a enganara e traíra. No entanto, à medida que a personalidade dos dois meninos começou a se afirmar, seus nomes se transformaram. Swithin engatinhava tão depressa que a família o apelidou de Swifty, “rapidinho”, e o rechonchudo Rollo se tornou Roley, “roliço”.

De manhã, Margery gostava de ajudar Cecilia, esposa de Bartlet. Nesse dia, serviu um ovo mexido para Swifty enquanto a nora amamentava Roley. Cecilia tinha tendência a ser ansiosa em relação aos filhos, e Margery era uma influência que a acalmava. Provavelmente era assim com todas as avós, pensou.

Roger entrou no quarto das crianças para ver os sobrinhos.

– Vou sentir falta desses dois quando for para Oxford – disse o rapaz.

Margery reparou em como a jovem babá Dot se empertigava toda vez que Roger aparecia. O rapaz tinha um jeito tranquilo e charmoso e um sorriso travesso muito atraente. Dot sem dúvida teria ficado feliz em fisgá-lo. Talvez fosse bom que ele estivesse prestes a ir para a universidade. Dot era uma boa menina e tinha jeito com as crianças, mas seus horizontes eram estreitos demais para Roger.

Pensar isso fez Margery se perguntar o que o próprio filho vislumbrava em seu futuro.

– Já pensou no que pode fazer depois de Oxford? – perguntou ela.

– Quero estudar direito – respondeu Roger.

Aquilo era interessante.

– Por quê?

– Porque é muito importante. São as leis que regem o país.

– Então na verdade o que lhe interessa é o governo?

– Acho que sim. Sempre fui fascinado pelo que meu pai contava ao voltar das sessões do Parlamento: as manobras e negociações, como as pessoas tendiam para um lado ou para outro.

O próprio conde Bart nunca achava o Parlamento muito interessante e só participava das sessões da Câmara dos Lordes por obrigação. Mas o verdadeiro pai de Roger, Ned Willard, era um político nato. Era fascinante como a característica paterna se notava nele.

– Quem sabe você se torna o representante de Kingsbridge no Parlamento e participa das sessões da Câmara dos Comuns?

– Isso não é raro para o caçula de um conde. Mas o representante de Kingsbridge é sir Ned.

– Mais cedo ou mais tarde ele vai se aposentar.

E ficaria feliz em fazê-lo, supôs Margery, caso pudesse passar o cargo para o filho.

De repente, todos ouviram um vozerio no andar de baixo. Roger saiu do quarto e voltou com a novidade.

– Tio Rollo acabou de chegar.

Aquilo foi surpresa para Margery.

– Rollo? – indagou ela, sem acreditar. – Ele não vem a New Castle há anos!

– Bem, está aqui agora.

Margery ouviu exclamações de satisfação no salão nobre quando Bartlet cumprimentou seu herói.

Com uma voz alegre, Cecilia falou para os dois filhos:

– Venham conhecer seu tio-avô Rollo.

Já Margery não estava com pressa para cumprimentar o irmão. Entregou Swifty para Roger.

– Irei me juntar a vocês mais tarde – falou.

Saiu do quarto das crianças e subiu o corredor até os próprios aposentos. Seu mastim Maximus a seguiu de perto. Bartlet e Cecilia haviam naturalmente se mudado para os melhores cômodos, mas a condessa viúva dispunha de um agradável conjunto de quarto de dormir e *boudoir*. Ela entrou no *boudoir* e fechou a porta.

Sentia uma raiva fria. Após descobrir que Rollo usava sua rede para

fomentar uma insurreição violenta, enviara-lhe uma curta mensagem em código dizendo que não iria mais ajudar a levar padres para a Inglaterra. Ele não respondera, e os dois jamais tornaram a se comunicar. Margery passara muitas horas preparando o discurso indignado que faria caso um dia tornasse a vê-lo. Agora que ele estava ali, porém, de repente não sabia o que lhe dizer.

Maximus deitou em frente à lareira. Margery se postou junto à janela e ficou olhando para fora. Era dezembro; criados atravessavam o pátio envoltos em pesadas capas. Do lado de fora dos muros do castelo, os campos eram pura lama, fria e dura, e as árvores desfolhadas apontavam seus galhos para o céu cinza-chumbo. Ela quisera ter aquele tempo para si de modo a recuperar o autocontrole, mas continuava a se sentir estupefata. Pegou seu rosário para se acalmar.

Ouviu o barulho dos criados transportando pesadas bagagens pelo corredor em frente à sua porta e imaginou que Rollo fosse usar o antigo quarto dele, situado em frente ao que ela ocupava agora. Pouco depois, ouviu uma batida a sua porta e o irmão entrou.

– Voltei! – anunciou ele, alegre.

Ele estava careca agora, constatou Margery, e tinha a barba grisalha. Ela o encarou com um semblante pétreo.

– O que veio fazer aqui?

– É um prazer rever você também – disse ele com sarcasmo.

Maximus rosnou baixinho.

– Que diabo você esperava? – respondeu Margery. – Você mentiu para mim durante anos. Sabe o que eu penso em relação a cristãos matarem uns aos outros por questões de doutrina... e mesmo assim me usou com esse fim. Você transformou minha vida numa tragédia.

– Eu fiz a vontade de Deus.

– Duvido. Pense em todas as mortes que a sua conspiração causou... entre elas a de Maria, rainha da Escócia.

– Ela agora é uma santa no céu.

– De toda forma, não vou mais ajudá-lo e você não pode usar New Castle.

– Acho que o tempo da conspiração passou. Maria da Escócia está morta, e a armada espanhola foi derrotada. No entanto, há outros lugares além de New

Castle caso surja uma nova oportunidade.

– Eu sou a única pessoa na Inglaterra que sabe que você é Jean Langlais. Poderia entregá-lo a Ned Willard.

Rollo sorriu.

– Poderia, mas não vai – falou, confiante. – Você pode me trair, mas eu também posso trair você. Mesmo que não quisesse entregá-la, provavelmente o faria sob tortura. Você vem escondendo padres há anos, e isso é um crime punido com a morte. Você seria executada... talvez do mesmo modo que Margarida Clitherow, que foi esmagada lentamente.

Margery encarou o irmão horrorizada. Seu raciocínio não fora tão longe assim.

– E não é só você – prosseguiu Rollo. – Tanto Bartlet quanto Roger ajudaram a esconder os padres. Então, se você me traísse, iria causar a execução de seus filhos, entende?

Ele tinha razão. Margery estava encurralada. Embora Rollo fosse mau, não lhe restava alternativa senão protegê-lo. Sentiu uma frustração louca, mas não havia nada que pudesse fazer. Passou vários instantes encarando a expressão de superioridade dele.

– Maldito seja! – falou. – Espero que vá para o inferno!

iii

No dia da festa da Epifania do Senhor, houve um grande almoço em família na casa dos Willards em Kingsbridge.

A tradição da peça de teatro anual em New Castle já não existia. O conde de Shiring se tornara cada vez menos rico ao longo dos anos de discriminação contra os católicos e não tinha mais como arcar com suntuosos banquetes. Assim, os Willards faziam a própria festa.

Eram sete em volta da mesa. Barney estava de volta, radiante com a vitória contra a armada espanhola. Sentado à cabeceira, tinha Helga, sua esposa, à direita. Alfo ocupava o lugar à esquerda do pai, e Sylvie reparou que a prosperidade estava deixando o rapaz rechonchudo. Valérie, sua esposa, segurava no colo um bebê, uma menininha. Ned estava sentado à outra

extremidade, perto de Sylvie. Eileen Fife serviu uma imensa travessa de carne de porco assada com maçãs, e todos beberam o vinho de Helga.

Barney e Ned ficaram rememorando episódios da grande batalha naval. Sylvie e Valérie conversaram em francês. Valérie amamentou a filha enquanto comia carne de porco. Segundo Barney, a menina iria ficar parecida com a avó Bella. Era improvável, pensou Sylvie, pois apenas um dos oito bisavós da criança era africano, e no momento ela exibia uma pele clara e levemente rosada. Alfo contou a Barney sobre as melhorias que planejava fazer no mercado coberto.

Cercada por sua família tagarela, com a mesa cheia de comida e um fogo aceso na lareira, Sylvie se sentia segura. Os inimigos da Inglaterra tinham sido derrotados por ora, ainda que sem dúvida sempre fosse haver outros. E Ned ficara sabendo por um espião que Pierre Aumande fora assassinado no mesmo dia que o duque de Guise. Havia justiça no mundo.

Correu os olhos pelos rostos sorridentes ao redor da mesa e entendeu que o sentimento que a preenchia era felicidade.

Depois de almoçar, eles vestiram casacos pesados e saíram. Para substituir a peça em New Castle, a taberna Bell Inn mandara chamar uma trupe de atores para se apresentar num palco temporário montado no grande pátio do estabelecimento. Os Willards pagaram seus *pence* e se juntaram ao restante do público.

A peça, chamada *Gammer Gurton's Needle*, era uma comédia sobre uma velha que perdera a única agulha e não podia mais costurar. Os outros personagens incluíam um farsante chamado Diccon, que fingia invocar o Diabo, e um criado chamado Hodge, que, de tanto medo, borrava as calças. Os espectadores se acabavam de tanto rir.

Ned estava feliz, e ele e Barney saíram do pátio para ir até o interior da taberna comprar uma jarra de vinho.

No palco, a velha Gammer iniciou uma hilária troca de socos com a vizinha, Dame Chat. O olhar de Sylvie foi atraído pelo único homem no pátio que permanecia sério. Ela sentiu na hora que já vira aquele rosto antes. Tinha o olhar sombrio do fanatismo que ela não conseguiria esquecer.

O homem cruzou olhares com ela e não pareceu reconhecê-la.

Sylvie então se lembrou de uma rua em Paris e de Pierre Aumande em pé diante da porta de sua pequena casa, dando instruções a um padre de cabelos ralos na testa e barba arruivada.

– Jean Langlais? – murmurou, incrédula.

Seria mesmo possível aquele ser o homem que Ned passara tanto tempo caçando?

Ele virou as costas para a peça e saiu do pátio.

Sylvie precisava ter certeza de que era ele. Sabia que não podia perdê-lo de vista. Não podia permitir que ele desaparecesse. Jean Langlais era inimigo da religião protestante e de seu marido.

Ocorreu-lhe que o homem talvez fosse perigoso. Ela procurou Ned, mas ele ainda não retornara da taberna. Quando voltasse, o homem que ela pensava ser Langlais talvez já tivesse sumido. Ela não podia esperar.

Sylvie jamais hesitara em arriscar a vida por aquilo em que acreditava.

Foi atrás dele.

iv

Rollo havia decidido voltar para Tyne Castle. Sabia que não podia mais usar New Castle para nenhum objetivo secreto. Margery não o trairia de propósito, pois isso acarretaria a execução dos filhos, mas sua vigilância poderia falhar, e ela seria uma ameaça à segurança dele. Melhor que não soubesse de nada.

Ele continuava na folha de pagamento do conde de Tyne e ainda executava uma ou outra tarefa jurídica para o conde de modo a dar credibilidade à sua fachada. Não sabia ao certo que deveres clandestinos poderia haver para ele cumprir agora. A insurreição católica fracassara. No entanto, ele torcia com fervor para que mais cedo ou mais tarde houvesse uma nova tentativa de levar a Inglaterra de volta à verdadeira fé e para que ele pudesse participar disso.

A caminho de Tyne, parou em Kingsbridge, onde se juntou a um grupo de viajantes que seguiria para Londres. Por acaso era o dia da Epifania do Senhor e havia uma peça sendo encenada no pátio da Bell Inn. Iriam assistir ao espetáculo e partir na manhã seguinte.

Rollo assistira por um minuto, mas achara a peça vulgar. Num trecho em que

a plateia ficou particularmente descontrolada, ele cruzou olhares com uma mulher baixinha de meia-idade que o encarava como se tentasse identificá-lo.

Nunca a vira antes nem fazia ideia de quem fosse, mas não gostou do jeito que ela enrugou a testa, como se estivesse tentando se lembrar dele. Vestiu o capuz da capa, deu as costas e saiu do pátio.

Na praça do mercado, ergueu os olhos para a fachada oeste da catedral. Eu poderia ter sido bispo aqui, pensou, com amargura.

Pesaroso, entrou. Sob o domínio dos protestantes, a igreja se tornara um lugar descorado e apático. As esculturas de santos e os anjos em nichos de pedra haviam sido decapitados para evitar a idolatria. Nas paredes, por baixo de uma fina camada de cal, percebiam-se as sombras das antigas pinturas. Por mais incrível que fosse, os protestantes haviam deixado intactos os esplendorosos vitrais, talvez porque substituí-los custasse muito caro. Contudo, suas cores não estavam tão valorizadas naquela tarde de inverno.

Eu teria mudado tudo isto aqui, pensou Rollo. Teria dado às pessoas uma religião cheia de cores, vestes e joias preciosas, não esse puritanismo frio e racional. Sentiu o estômago queimar quando imaginou tudo o que perdera.

A igreja estava vazia. Todos os padres deviam ter ido assistir ao teatro, pensou ele. No entanto, ao se virar, olhou para o início da nave e viu que a mulher que o encarara durante a peça o seguira. Quando cruzaram olhares de novo, ela lhe falou em francês, e suas palavras ecoaram nas abóbadas do teto como a voz da condenação:

– *C'est bien toi, Jean Langlais?* É você mesmo, Jean Langlais?

Com os pensamentos em turbilhão, Rollo lhe deu as costas. Corria um perigo terrível. Fora reconhecido como Langlais. A mulher pelo visto não sabia que ele era Rollo Fitzgerald... mas demoraria a descobrir. A qualquer momento iria identificá-lo como Langlais a alguém que o conhecia como Rollo... alguém como Ned Willard... e seria o fim da vida dele.

Precisava escapar.

Avançou apressado pelo corredor sul da igreja. Lá ficava uma porta que conduzia ao claustro, mas nesse dia, quando ele tentou acionar a maçaneta, ela não se mexeu. Compreendeu que aquela saída devia ter sido inutilizada quando o pátio externo fora transformado em mercado por Alfo Willard.

Ouviu os passos leves da mulher correndo pela nave. Supôs que ela quisesse vê-lo de perto, para confirmar sua identificação. Precisava evitar isso.

Disparou pelo corredor até o cruzamento com o transepto à procura de uma saída, na esperança de conseguir desaparecer cidade adentro antes que ela conseguisse dar outra olhada nele. No transepto sul, na base da imensa torre, havia uma portinha na parede. Ele imaginou que seria uma passagem para o mercado novo, mas, quando a escancarou, só o que viu foi uma estreita escada que subia em caracol. Tomando a decisão numa fração de segundo, passou pela porta, fechou-a atrás de si e começou a galgar os degraus.

Torceu para que a escada tivesse uma porta para a galeria que margeava o corredor sul, mas depois de subir mais um pouco percebeu que não teria essa sorte. Ouviu passos atrás de si. Não teve alternativa senão continuar subindo.

Começou a ficar ofegante. Estava com 53 anos; subir escadarias era mais difícil do que antes. No entanto, a mulher em seu encalço não era muito mais jovem.

Quem seria ela? E como o conhecia?

Era francesa, sem dúvida. Pela forma como se dirigira a ele, usando o pronome *toi* em vez do *vous*, dera a entender que o conhecia bem, o que não era verdade. Ou então ela apenas não o considerava digno do respeitoso *vous*. Já o devia ter visto, provavelmente em Paris ou em Douai.

Uma francesa em Kingsbridge era quase com certeza uma imigrante huguenote. Havia na cidade uma família chamada Forneron, mas eles eram de Lille, e Rollo nunca passara por lá.

Ned Willard era casado com uma francesa, porém.

Devia ser essa a mulher que ofegava na escada atrás de Rollo. Ele recordou seu nome: Sylvie.

Continuou a subir, na esperança de que logo depois de alguma curva surgisse um arco saindo da escada para uma das muitas passagens feitas na alvenaria maciça, mas, como num pesadelo, a espiral parecia não ter fim.

Estava ofegante e exausto quando os degraus por fim deram numa porta baixa de madeira. Escancarou-a e foi fustigado por uma rajada de ar frio. Abaixou-se para passar por sob o lintel e saiu. O vento bateu a porta atrás dele. Estava numa estreita passarela com piso de pedra no alto da torre que se erguia

acima do cruzamento entre nave e transepto. Uma mureta que não ultrapassava a altura de seus joelhos era tudo o que se punha entre ele e uma queda de centenas de metros. Ele olhou para baixo em direção ao distante telhado do coro. À sua esquerda estava o cemitério; à direita, o pátio quadrado do antigo claustro, agora coberto para abrigar o mercado. Atrás dele, oculta pelo largo pináculo, ficava a praça do mercado. O vento agitava sua capa.

A passarela contornava a base do pináculo. Lá em cima, na ponta, ficava o imenso anjo de pedra que, visto do chão, parecia ter o tamanho de um homem. Ele deu a volta depressa na passarela, torcendo para talvez haver outra escadaria, uma escada de madeira ou um lance de degraus que lhe permitissem sair dali. Do lado oposto, olhou para a praça do mercado, quase deserta agora que todos estavam na Bell Inn assistindo à peça.

Não havia como descer. Quando ele completou a volta na passarela, a mulher saiu pela porta.

O vento soprava seus cabelos nos olhos. Ela afastou as mechas do rosto e o encarou.

– É *mesmo* você – falou. – Você é o padre que eu vi com Pierre Aumande. Eu precisava ter certeza.

– Você é a esposa de Willard?

– Ele está atrás de Jean Langlais há anos. O que está fazendo em Kingsbridge?

A suposição dele estava correta: ela não fazia ideia de que ele era Rollo Fitzgerald. Seus caminhos nunca haviam se cruzado na Inglaterra.

Até aquele dia. E agora ela conhecia seu segredo. Ele seria preso, torturado e enforcado por alta traição.

Então percebeu que existia uma alternativa simples. Deu um passo na direção da mulher.

– Sua tola – falou. – Não sabe o perigo que está correndo?

– Não tenho medo de você – disse ela e partiu para cima dele.

Rollo a segurou pelos braços. Ela gritou e se debateu. Ele era maior, mas ela era uma mulher cheia de energia e não parou de se contorcer e chutar. Conseguiu livrar um dos braços e tentou atingir seu rosto, mas ele se esquivou.

Rollo então a empurrou até um canto da passarela, de modo a deixá-la de

costas para a mureta baixa, mas a mulher deu um jeito de rodeá-lo. Ele então ficou de costas para o abismo e Sylvie o empurrou com toda a força. Mas ele era forte demais para ela e a obrigou a recuar. Ela gritava por socorro, mas o vento levava embora seus gritos, e ele teve certeza de que ninguém podia escutá-los. Puxou-a para que perdesse o equilíbrio, em seguida passou para o outro lado dela e quase conseguiu jogá-la por cima da mureta, mas ela o tapeou jogando-se no chão. Então se contorceu para se desvencilhar dele, arrastou-se para longe, ficou de pé e correu.

Rollo foi atrás, correndo desabalado pela passarela e fazendo as curvas a toda a velocidade, arriscando-se a dar um passo em falso e sofrer uma queda fatal. Não conseguiu alcançá-la. Sylvie chegou à porta, mas o vento havia tornado a fechá-la e ela teve de parar para abri-la. Nessa fração de segundo, ele a alcançou. Segurou-a pela gola com uma das mãos, com a outra agarrou-a pela parte inferior do casaco, então a arrastou de volta até a passarela.

Sylvie agitava os braços e seus calcanhares tentavam se fincar no piso de pedra. Tentou deixar o corpo flácido, porém isso apenas facilitou que ele a puxasse. Rollo chegou à quina da torre.

Pôs um dos pés sobre a mureta e tentou arrastá-la por cima. A mureta tinha buracos no nível do chão para escoar a água da chuva, e Sylvie conseguiu enfiar a mão num deles e se segurar na borda. Rollo chutou seu braço e a fez soltar.

Conseguiu puxá-la até ela ficar com metade do corpo para fora da mureta. Com o rosto virado para baixo, Sylvie olhava para a queda e gritava, tomada por um pânico mortal. Rollo soltou sua gola e tentou empurrá-la pelos tornozelos. Segurou um, mas não conseguiu pegar o outro. Levantou o pé dela o mais alto que conseguiu. Já quase do outro lado, ela se segurava no alto da mureta com as duas mãos.

Rollo agarrou um dos braços dela e arrancou sua mão da mureta. Ela se desequilibrou para fora, mas no último segundo agarrou o pulso dele. Rollo quase despencou para o outro lado, mas Sylvie não conseguiu mantê-lo preso e o soltou.

Por um segundo, Rollo lutou para recuperar o equilíbrio, girando os braços. Então conseguiu dar um passo para trás e ficar em segurança.

Já Sylvie se desequilibrou na outra direção e, com uma lentidão de pesadelo,

despencou do parapeito. Com um misto de triunfo e horror, Rollo ficou observando enquanto ela caía lentamente, dando várias cambalhotas, seus gritos um débil lamento carregado pelos ares.

Ouviu o baque quando ela se chocou contra o telhado do coro. Seu corpo quicou e tornou a cair, com a cabeça num ângulo estranho, e ele supôs que o pescoço houvesse se quebrado. Ela rolou pelo declive, despencou pela borda, bateu no alto de um contraforte voador, caiu sobre o telhado do corredor norte e despencou dali também até finalmente parar, um amontoado sem vida, dentro do cemitério.

Não havia ninguém no cemitério. Rollo olhou na direção oposta, mas avistou apenas telhados. Ninguém presenciara a luta.

Ele passou pela porta baixa, fechou-a atrás de si e desceu a escada em caracol o mais rápido que pôde. Tropeçou duas vezes e quase caiu, mas tinha de se apressar.

Lá embaixo, parou e escutou atrás da porta. Não conseguiu ouvir nada. Abriu uma fresta. Não ouviu nenhuma voz, nenhum passo. Espiou lá fora. A catedral parecia vazia.

Saiu para o transepto e fechou a porta depois de passar.

Subiu depressa o corredor sul ao mesmo tempo que se cobria com o capuz da capa. Chegou à extremidade oeste da igreja e entreabriu a porta. Havia pessoas na praça do mercado, mas ninguém olhava na sua direção. Ele saiu. Sem fazer nenhuma pausa, seguiu andando em direção ao sul e passou pela entrada do mercado coberto, tomando o cuidado de não olhar em volta; não queria cruzar olhares com ninguém.

Deu a volta por trás do palácio do bispo e seguiu em direção à rua principal.

Passou-lhe pela cabeça sair da cidade na hora e nunca mais voltar. No entanto, várias pessoas sabiam que ele estava ali e que planejava ir embora no dia seguinte junto com um grupo de viajantes. Caso partisse de maneira precipitada, com certeza levantaria suspeitas. A guarda da cidade poderia até mandar cavaleiros para alcançá-lo e trazê-lo de volta. Melhor seria ficar e agir como se fosse inocente.

Ele dobrou em direção à praça do mercado.

A peça terminara e a plateia começava a sair do pátio da Bell Inn. Ele viu

Richard Grimes, um próspero construtor de Kingsbridge que fazia parte do conselho municipal.

– Boa tarde, conselheiro – cumprimentou-o, educado.

Grimes se lembraria de ter visto Rollo subir a rua principal vindo da direção do rio, sem aparentemente ter passado nem perto da catedral.

Grimes se surpreendeu ao vê-lo depois de tantos anos e estava prestes a iniciar uma conversa quando ambos ouviram gritos de horror e consternação vindos do cemitério. O homem foi na direção do tumulto e Rollo foi atrás.

Uma multidão já começava a se reunir em volta do corpo. Sylvie jazia no chão com os braços e pernas quebrados, e um dos lados da cabeça era uma horrível massa ensanguentada. Alguém se ajoelhou ao seu lado e tentou escutar o coração, mas era óbvio que ela estava morta. O conselheiro Grimes abriu caminho entre as pessoas.

– Essa é Sylvie Willard – falou ele. – Como isso aconteceu?

– Ela caiu do telhado.

Quem falou foi Susan White, antiga paixão de Rollo, outrora uma menina bonita com o rosto em formato de coração, agora uma matrona grisalha na casa dos 50.

– A senhora a viu cair? – indagou-lhe Grimes.

Rollo se tensionou. Tivera certeza de que ninguém assistira. Contudo, se Susan tivesse olhado para cima, decerto o teria reconhecido.

– Não, não vi, mas é óbvio, não? – respondeu ela.

A multidão se abriu, e Ned Willard apareceu.

Passou alguns segundos encarando o corpo estendido no chão, então gritou feito um touro ferido:

– Não!

Caiu de joelhos junto a Sylvie. Com delicadeza, levantou sua cabeça e viu que parte do rosto fora esmigalhada. Então começou a chorar, ainda repetindo “não, não”, só que baixinho, entre soluços vindos do fundo do peito.

Grimes olhou em volta.

– Alguém a viu cair?

Rollo se preparou para correr. Mas ninguém disse nada. O assassinato não tivera testemunhas.

Ele conseguira se safar.

v

Em pé junto ao túmulo de Sylvie, Margery viu o caixão ser baixado na cova. O dia estava parado e frio, com um fraco sol de inverno a se esconder e ressurgir entre as nuvens, mas ela sentia como se estivesse no meio de um tornado.

Estava com o coração partido por Ned. Sem conseguir falar, ele chorava num lenço. Barney estava em pé à sua direita, Alfo à esquerda. Margery o conhecia, sabia que ele amava Sylvie. Acabara de perder sua alma gêmea.

Ninguém sabia por que Sylvie decidira subir na torre. Margery sabia que Rollo estivera na cidade naquele dia e lhe ocorreu que ele talvez pudesse responder à pergunta, mas o irmão fora embora no dia seguinte. Perguntara casualmente a várias pessoas se tinham visto Rollo antes de ele partir e elas lhe deram respostas do tipo: “Sim, na peça, ele estava em pé ao meu lado.” Segundo Ned, a esposa sempre quisera conhecer a vista da torre; talvez não estivesse gostando da peça e houvesse aproveitado o momento para ir lá em cima. Pensando bem, talvez fosse a explicação mais plausível.

A agonia de Margery era ainda maior porque, além de ver Ned sofrer, ela sabia que a tragédia poderia, no fim das contas, lhe dar aquilo que desejava havia trinta anos. Pensar nisso lhe causava uma vergonha profunda, mas ela não podia deixar de ver que Ned era agora um homem solteiro, livre para se casar com ela.

Mesmo que isso acontecesse, porém, será que poria fim ao seu tormento? Ela teria um segredo que não poderia lhe revelar. Se traísse Rollo, condenaria os próprios filhos. Será que iria guardar o segredo e decepcionar o homem que amava? Ou será que iria ver os filhos mortos na forca?

Enquanto as preces eram ditas no funeral de Sylvie, Margery pediu a Deus que jamais a obrigasse a fazer essa escolha.

vi

Foi uma amputação. Eu nunca iria recuperar a parte de mim que se foi quando Sylvie morreu. Era como tentar andar sem uma das pernas. Eu nunca poderia

me livrar do sentimento de que algo deveria estar ali, onde o membro faltante sempre estivera. Havia um buraco na minha vida, uma cavidade imensa e profunda que jamais poderia ser preenchida.

Mas os mortos continuam vivos na nossa imaginação. Acho que isso é que são os fantasmas. Sylvie partira deste mundo, mas na minha cabeça eu a via todos os dias. Ouvia sua voz, também. Ela me alertava em relação a algum colega indigno de confiança, zombava de mim quando eu admirava as curvas de alguma jovem, ria junto comigo de um conselheiro pomposo e chorava por causa da doença de alguma criança.

Com o tempo, o turbilhão de dor e raiva perdeu força e fui tomado por uma calma e triste resignação. Margery entrou outra vez em minha vida como uma velha amiga que retorna de além-mar. Nesse verão, ela foi para Londres e se mudou para Shiring House, na Strand, e logo nos víamos todos os dias. Aprendi o significado da expressão “alegria triste”, o gosto ácido da perda e o mel da esperança misturados num mesmo fruto. Assistíamos a peças, cavalgávamos nos campos de Westminster, fazíamos passeio de rio e piqueniques em Richmond. E fazíamos amor... às vezes pela manhã, às vezes à tarde, às vezes à noite; de vez em quando, em todos os três momentos.

Walsingham no início desconfiou de Margery, mas ela o desarmou com uma combinação de flerte e inteligência que ele achou irresistível.

No outono, o fantasma de Sylvie me disse para desposá-la. “É claro que eu não me importo”, falou. “Eu tive o seu amor enquanto vivi. Margery pode ficar com ele agora. Só quero olhar do céu e ver você feliz.”

Nós nos casamos na catedral de Kingsbridge no Natal, quase um ano após a morte de Sylvie. Foi uma cerimônia discreta. Casamentos costumam ser para gente jovem, que está começando a vida, mas o nosso mais pareceu um final. Walsingham e eu tínhamos salvado a rainha Elizabeth e lutado por seu ideal de liberdade religiosa; Barney, eu e os marinheiros da Inglaterra tínhamos vencido a armada espanhola; e Margery e eu estávamos enfim juntos. Parecia-me que todos os fios de nossas vidas tinham se unido.

Mas eu estava errado. Ainda não terminara. Não por completo.

PARTE CINCO
1602 A 1606

CAPÍTULO 28

Rollo Fitzgerald passara a última década do século XVI tomado por uma fúria feita de decepção e frustração. Nada do que tentara dera certo. A Inglaterra era mais protestante do que nunca. Sua vida fracassara.

Então, com a virada do século, percebeu que havia uma última esperança.

A rainha Elizabeth tinha 66 anos quando o novo século começou. Era uma idade avançada, e ela se tornava cada vez mais cansada, pálida e melancólica. Recusava-se a olhar para o futuro e considerava traição o simples fato de levantarem a questão de quem a sucederia no trono. “Os homens sempre veneram o sol nascente mais do que o poente”, dizia, e não estava errada. Apesar da proibição, todos cogitavam o que iria acontecer quando ela morresse.

No final do verão de 1602, um visitante de Roma foi conversar com Rollo em Tyne Castle. Era Lenny Prive, que frequentara a Faculdade Inglesa com ele na década de 1570. O jovial rapaz de faces coradas daquela época era agora um senhor grisalho de 55 anos.

– A Igreja tem uma missão para você. Queremos que vá a Edimburgo.

Estavam os dois em pé no alto de uma das torres do castelo, diante de campos cultivados que se estendiam até o mar do Norte. Rollo sentiu a pulsação se acelerar ao ouvir as palavras de Lenny. A Escócia era governada pelo rei Jaime VI, filho de Maria Stuart.

– Missão? – repetiu Rollo.

– A rainha Elizabeth não tem herdeiros – disse Lenny. – Nenhum dos três filhos de Henrique VIII teve descendentes. Assim, o rei Jaime é o candidato mais provável para suceder Elizabeth no trono da Inglaterra.

Rollo aquiesceu.

– Ele publicou um livro explicando seu direito ao trono.

Jaime acreditava no poder da palavra escrita, filosofia útil para o rei de um país pequeno e pobre como a Escócia.

– Ele vem claramente executando algumas manobras. Está buscando apoio... Então Roma acha que agora é a hora de extrair uma promessa dele.

Rollo sentiu uma onda cálida de esperança, mas se forçou a ser realista.

– A mãe era católica, porém Jaime foi tirado de Maria Stuart com 1 ano de idade, e a partir de então o veneno do protestantismo foi destilado diariamente em seus ouvidos.

– Mas tem uma coisa que você não sabe. Quase ninguém sabe, na verdade, e você não deve contar a ninguém – ressaltou Lenny e, embora estivessem sozinhos, baixou a voz para prosseguir. – A esposa de Jaime é católica.

Rollo ficou pasmo.

– Ana da Dinamarca, a rainha da Escócia, é católica? Mas ela foi criada como protestante!

– Deus mandou um homem devoto para lhe falar, e ela viu a luz.

– Quer dizer que alguém a converteu?

– Ela foi recebida na Igreja – confirmou Lenny, quase num sussurro.

– Deus seja louvado! Isso muda tudo.

Lenny ergueu uma das mãos num gesto de cautela.

– Não achamos que ela vá conseguir converter o marido.

– Ele não a ama?

– Difícil dizer. Nosso informante na Escócia diz que os dois se gostam. E eles têm três filhos juntos. Mas dizem também que Jaime é um perverso.

Rollo arqueou uma das sobrancelhas, intrigado.

– Com rapazes – explicou Lenny.

Homens que amavam outros homens cometiam um grave pecado, embora muitos deles fossem padres, e Rollo não ficou surpreso.

– Jaime sabe que a esposa se tornou católica e aceita esse fato – prosseguiu Lenny. – Como não temos a expectativa de que ele faça a Inglaterra voltar ao catolicismo, talvez possamos ao menos esperar que haja tolerância.

A palavra *tolerância* fez Rollo se encolher. Para ele isso era uma imoralidade, um sinal de regressão, erro e decadência. Como a Igreja Católica podia agora estar exigindo *tolerância*?

Lenny não reparou.

– Temos de aproveitar essa situação, e é aí que você entra. Precisa levar um

recado da Igreja Católica da Inglaterra até Edimburgo. Se Jaime nos prometer liberdade de culto, não nos oporemos a uma reivindicação dele ao trono.

Rollo viu na hora que essa era a coisa certa a fazer, e seu coração se encheu de otimismo. Mas havia um empecilho.

– Não sou importante o suficiente – falou. – O rei da Escócia não vai me receber.

– Mas a rainha vai – garantiu Lenny. – Ela agora é uma de nós, de modo que podemos organizar o encontro.

– Ela está comprometida a esse ponto?

– Sim.

– Que maravilha! – disse Rollo. – É claro que eu irei.

– Que bom! – disse Lenny.

Seis semanas mais tarde, Rollo estava no Palácio de Holyrood, em Edimburgo. A construção ficava no sopé de um morro chamado Arthur's Seat. A oeste, a estrada avançava por quase 2 quilômetros até outro morro, sobre o qual ficava o Castelo de Edimburgo, uma moradia bem menos confortável. O rei Jaime e a rainha Ana preferiam morar em Holyrood.

Rollo pôs as vestes clericais e pendurou um crucifixo no pescoço. Foi até a ala oeste do palácio e deu o nome Jean Langlais a um assistente, junto com um suborno adequado. Foi conduzido até um cômodo pequeno e agradável com janelas altas e uma grande lareira. A Escócia não era tão ruim se a pessoa fosse rica, pensou. Com aqueles ventos frios, contudo, a experiência seria bem diferente para as crianças descalças que ele vira na cidade.

Uma hora transcorreu. Era sabido que todos os criados reais fingiam ser influentes para poderem pedir subornos, quer tivessem algum poder de verdade ou não. Mas Rollo não confiava apenas no suborno que oferecera. Ficara combinado, também, que o padre que havia convertido a rainha Ana ao catolicismo lhe diria que ela deveria encontrar Rollo. Mesmo assim, ela primeiro precisava ser avisada de que Jean Langlais estava no castelo.

A mulher que entrou não foi a rainha de 27 anos, mas sim uma graciosa senhora de mais de 60 que lhe pareceu familiar.

– Bem-vindo à Escócia, padre Langlais – disse ela. – Lembra-se de mim? Faz quase vinte anos.

Quando ela falou, ele a reconheceu como Alison, a amiga de longa data de Maria Stuart. Tinha agora os cabelos grisalhos, mas os mesmos olhos azuis alertas. Ele se levantou e a cumprimentou com um aperto de mão.

– Lady Ross! – exclamou.

– Sou lady Thurston agora.

– Eu não esperava vê-la.

– A rainha Ana tem sido muito boa comigo.

Rollo entendeu o que acontecera. Após a execução de Maria Stuart, Alison retornara à Escócia e tornara a se casar. Havia se mostrado útil para com a rainha Ana e virara sua dama de companhia. Sem dúvida fora Alison quem apresentara a rainha ao padre católico responsável por sua conversão.

– Imagino que tenha sido a senhora quem sugeriu esta minha missão de hoje – disse Rollo.

– Talvez tenha sido.

Aquela era uma boa notícia. Aumentava as chances de sucesso de Rollo.

– Obrigado pela ajuda.

– Eu lhe devo muito – respondeu Alison, calorosa, e passou pela cabeça de Rollo que ela talvez tivesse um fraco por ele.

Todavia ele nunca se interessara por romance. O amor era um sentimento que não parecia afetá-lo. Ele estava pensando no que responder a Alison quando a rainha entrou.

Ana tinha um rosto oval comprido, a testa alta e cabelos castanho-claros encaracolados. Seu corpo era gracioso, e ela usava um vestido decotado que valorizava o busto generoso.

– É uma grande satisfação vê-lo, padre Langlais – falou, agradável.

Rollo fez uma medida profunda.

– Vossa Majestade me concede uma imensa honra.

Ela o corrigiu.

– Eu honro a Igreja que o senhor representa.

– Claro.

A etiqueta real era enlouquecedoramente complexa.

– Peço perdão – desculpou-se.

– Mas vamos nos sentar e conversar – convidou a rainha.

Ela se acomodou, depois Rollo e Alison fizeram o mesmo. A rainha o encarou com um ar curioso, esperando que ele iniciasse a conversa.

Rollo foi direto ao ponto:

– Sua Santidade, o papa Clemente VIII, acredita que Vossa Majestade talvez venha a se tornar rainha da Inglaterra em breve.

– Claro – disse ela. – O direito de meu marido ao trono inglês é incontestável.

Não era bem o caso. Maria Stuart fora executada como traidora, e costumava ser consenso que filhos de traidores não podiam herdar títulos.

– Mesmo assim, talvez haja homens que se oponham a ele – continuou Rollo, com tato.

A rainha aquiesceu. Ela conhecia os fatos.

– Sua Santidade instruiu os católicos ingleses a apoiarem a reivindicação do rei Jaime – prosseguiu Rollo. – Contanto apenas que ele prometa nos conceder liberdade de culto.

– Sua Majestade, meu marido, é um homem de grande tolerância – disse ela.

Rollo deixou escapar um grunhido de desagrado ao som da odiada palavra “tolerância” e teve de abafar o ruído fingindo tossir.

A rainha Ana pareceu não notar.

– O rei Jaime aceitou minha conversão à verdadeira fé – prosseguiu ela.

– Isso é maravilhoso – murmurou Rollo.

– Ele permite a presença de teólogos católicos em sua corte e muitas vezes participa de debates com eles.

Rollo percebeu que Alison assentia discretamente para confirmar isso.

– Posso lhe garantir, sem a menor dúvida, que, quando ele se tornar rei da Inglaterra, concederá a nós, católicos, a liberdade de culto – disse a rainha Ana com firmeza.

– Isso me causa grande alegria – falou Rollo com sinceridade.

Em sua mente, porém, ouviu Lenny Price perguntar: *Mas será que isso é verdade?* Precisava ouvir aquela garantia vinda do próprio rei.

Foi então que a porta se abriu e Jaime entrou.

Rollo se levantou com um pulo e fez uma profunda reverência.

O rei estava com 36 anos. Tinha o rosto gorducho e redondo de um homem

dado aos prazeres físicos, e seus olhos de pálpebras pesadas exibiam uma expressão dissimulada. Ele beijou a esposa no rosto com carinho.

– Padre Langlais veio nos dizer que Sua Santidade, o papa, apoia sua reivindicação do trono na Inglaterra – contou-lhe a rainha.

Jaime sorriu para Rollo e disse, com um forte sotaque escocês:

– Obrigado, padre, por nos trazer essa boa notícia.

Ele falava meio cuspindo, como se a língua fosse grande demais para a boca.

– Eu estava garantindo a ele que você concederia liberdade de culto aos católicos ingleses – prosseguiu Ana.

– Esplêndido – disse o rei. – Minha mãe era católica, padre Langlais, como o senhor sabe.

– *Requiescat in pace* – disse Rollo, usando a versão latina de “Descanse em paz” preferida pelos católicos.

– Amém – disse o rei Jaime.

ii

Ned Willard chorou quando Elizabeth morreu.

A rainha faleceu no Palácio de Richmond, no dia 24 de março de 1603, nas primeiras horas de uma quinta-feira chuvosa. Ned estava no quarto, lotado de cortesãos, clérigos e damas de companhia; rainhas eram importantes demais para morrerem sossegadas.

Ned estava com 63 anos. Seus dois protetores, William Cecil e Francis Walsingham, haviam morrido anos antes, mas a rainha continuara precisando de um serviço secreto, portanto Ned continuara a fornecê-lo. Junto ao seu leito de morte, ficou ao lado de Robert Cecil, o diminuto e corcunda secretário de Estado de Elizabeth, que tinha 40 anos e era o filho mais novo do grande William. “Meu pigmeu”, era como a rainha costumava chamá-lo, com a crueldade casual dos monarcas. Mas ela o escutava, pois Robert era tão brilhante quanto o pai. Sobre os dois filhos, o velho William tinha dito: “Thomas mal é capaz de governar uma quadra de tênis, mas Robert poderia governar a Inglaterra.”

Somos todos pigmeus agora, pensou Ned com tristeza. Elizabeth era a gigante, nós só fazíamos lhe servir.

A rainha passara três dias acamada. Durante a maior parte desse tempo, não conseguira falar. Pegara no sono por volta das dez horas da noite anterior. Agora eram três da manhã, e ela simplesmente parara de respirar.

Ned não conseguia controlar os soluços. A mulher que dominara sua vida tinha partido. Pela primeira vez em anos, recordou quando surpreendera a jovem princesa Elizabeth recém-saída do banho. Foi traspassado por uma dor quase física ao pensar que aquela bela jovem era agora a casca sem vida deitada na cama à sua frente.

Robert Cecil saiu do quarto assim que os médicos declararam o óbito, e Ned foi atrás, enxugando o rosto com a manga do casaco. Nenhum dos dois tinha tempo para prantear sua morte. Havia muito a fazer.

No escuro, pegaram uma barca aflitivamente vagarosa até Londres. Apesar da proibição real de discutir a sucessão, o conselho havia concordado tempos antes que Jaime da Escócia deveria ser o próximo rei da Inglaterra. No entanto, era preciso agir depressa. Os católicos radicais sabiam que a rainha estava à beira da morte e poderiam ter os próprios planos.

Apesar de não haver nenhum rival plausível para Jaime em relação ao trono, a sucessão talvez fosse prejudicada de outras formas. O cenário mais provável era os católicos tentarem raptar Jaime e o príncipe Henrique, seu filho mais velho. Eles então matariam Jaime ou o forçariam a abdicar, em seguida proclamariam seu filho rei... da mesma forma que levara Jaime ao trono da Escócia ainda bebê. O príncipe tinha apenas 9 anos, então um adulto teria de governar como seu regente – e este, é claro, seria um dos nobres católicos importantes, talvez até o enteado de Ned, conde Bartlet de Shiring.

Os protestantes então reuniriam um exército, a guerra civil eclodiria e a Inglaterra veria todo o horror e derramamento de sangue das guerras religiosas da França.

Ned e Cecil haviam passado os últimos três meses tomando providências para evitar essa terrível situação. Ned fizera uma lista dos católicos mais poderosos e, com a aprovação de Cecil, pusera todos na cadeia. Uma guarda armada fora montada no Tesouro. Canhões haviam sido testados no palácio de White Hall.

Ned pensou que as três grandes mulheres do século XVI agora estavam

mortas: Elizabeth; Catarina de Médici, da França; e Margarida de Parma, que governara os Países Baixos. Todas tentaram impedir que as pessoas se matassem por religião. Em retrospecto, pareceu-lhe que suas conquistas foram lamentavelmente limitadas. Homens maus sempre frustravam os esforços dos que defendiam a paz. Sangrentas guerras religiosas haviam assolado a França e os Países Baixos durante décadas. Apenas a Inglaterra permanecera mais ou menos em paz.

Tudo o que Ned queria fazer com o que lhe restava de vida era manter essa paz.

Ainda estavam no rio quando o dia raiou. Chegando a White Hall, Cecil convocou o Conselho Privado.

O conselho concordou em fazer uma proclamação, e Robert Cecil a escreveu de próprio punho. Os conselheiros então saíram para o parque em frente ao Tiltyard, onde uma multidão se reunira, decerto após ouvir boatos. Um arauto leu o anúncio dizendo que Elizabeth falecera e Jaime da Escócia era agora o rei.

Depois disso, eles foram a cavalo até a cidade, onde também havia multidões reunidas nos locais em que as proclamações eram feitas. O arauto fez o anúncio em frente à catedral de St. Paul, depois de novo em Cheapside Cross.

Por fim, o conselho foi até a Torre de Londres e assumiu formalmente o controle da fortaleza em nome do rei Jaime I da Inglaterra.

A reação dos londrinos foi discreta, observou Ned, aliviado. Elizabeth era popular, e eles estavam tristes. Comerciantes de Londres haviam prosperado sob o reino dela e seu principal desejo era que nada mudasse. Jaime era uma incógnita: um rei estrangeiro, embora escocês fosse melhor do que espanhol; protestante, mas que não antipatizava com a fé católica; homem, mas que os boatos diziam ter modos femininos.

O funeral da rainha ocorreu enquanto Jaime ainda fazia a longa viagem saindo de Edimburgo.

Mil pranteadores oficiais acompanharam a carruagem fúnebre em seu curto trajeto até a abadia de Westminster, e Ned calculou que ao menos 100 mil pessoas assistiam ao cortejo. O caixão estava coberto de veludo roxo e encimado por um modelo de cera colorido representando Elizabeth em trajes formais.

Ned tinha lugar marcado no cortejo, mas quando o grupo adentrou a catedral

ele conseguiu se afastar e ir ao encontro de Margery. Segurou sua mão durante os ritos e tirou forças dela como quem absorve o calor do fogo. Ela também estava triste, pois passara a compartilhar a convicção do marido de que a paz entre cristãos era mais importante do que disputas doutrinárias, e Elizabeth simbolizava essa crença capaz de salvar vidas.

Quando o caixão foi baixado na cova na capela, Ned chorou outra vez. Pensou em tudo por que estava chorando. Em parte era por causa do idealismo de Elizabeth, que fora também o seu. Chorava pelo fato de esses ideais terem sido comprometidos de forma tão suja, ao longo dos anos, pelas demandas da política, pois no final Elizabeth causara a morte de quase tantos católicos quanto a rainha Maria Tudor de protestantes. Maria os condenava por causa de suas crenças e Elizabeth, por terem cometido traição, mas nem sempre essa fronteira era nítida. Elizabeth era um ser humano com falhas, e seu reinado tinha sido uma colcha de retalhos. Mesmo assim, Ned a admirara mais do que a qualquer outra pessoa.

Margery lhe passou um lenço para secar as lágrimas. O tecido era bordado com um desenho de bolotas de carvalho, e ele reconheceu, com uma leve surpresa, que era o mesmo que ele lhe passara para o mesmo fim quase meio século antes. Enxugou o rosto, mas foi como tentar secar a praia em Combe Harbour: as lágrimas continuaram a rolar, incessantes como o avanço da maré.

Os principais oficiais da casa real cumpriram o ritual de partir os cetros brancos de seus cargos e jogar os pedaços no túmulo por cima do caixão.

Quando a congregação começou a sair da catedral, Ned se deu conta de que sua vida valera a pena por causa das pessoas que o haviam amado, e entre essas as mais importantes eram quatro mulheres: sua mãe, Alice; a rainha Elizabeth; Sylvie e Margery. Dominado pela tristeza pela morte da terceira delas, ele se segurou firme em Margery enquanto os dois se afastavam juntos da grande catedral, pois entendeu que ela era tudo o que lhe restava.

Um ano após a morte da rainha Elizabeth, Rollo Fitzgerald jurou que mataria o rei Jaime.

Jaime quebrara sua promessa aos católicos. Renovara as leis de Elizabeth contra o catolicismo e as aplicava com selvageria ainda maior, como se nunca houvesse prometido tolerância ou liberdade de culto a ninguém. Se os esforços da rainha Ana tinham sido sinceros, Rollo jamais viria a saber, mas desconfiava que não. Juntos, Jaime e Ana o haviam ludibriado, bem como a toda a comunidade católica inglesa e ao próprio papa. A raiva de Rollo vinha da consciência de ter sido enganado e usado como instrumento para enganar outras pessoas.

Mas ele não iria desistir. Não iria conceder a vitória ao mentiroso Jaime e aos venenosos puritanos, aos blasfemos e aos que se rebelavam contra a verdadeira igreja. Aquilo ainda não acabara.

A ideia de baleiar ou apunhalar Jaime era arriscada: chegar perto do rei apresentava um risco grande demais de ser interceptado por guardas ou cortesãos antes que o feito se concluísse. No alto da torre em Tyne Castle, Rollo ficou imaginando como o assassinato poderia ser levado a cabo. Conforme pensava, sua sede de vingança se aguçou e seu plano se tornou ambicioso. Muito melhor seria eliminar também a rainha Ana. E quem sabe os filhos do casal: Henrique, Isabel e Carlos. E os cortesãos mais importantes, sobretudo Ned Willard. Desejou poder atirar em todos eles com um canhão duplo como os usados contra a armada espanhola. Lembrou-se dos brulotes e imaginou se poderia pôr fogo num palácio quando estivessem todos reunidos.

Devagar, um plano começou a se formar em sua cabeça.

Foi até New Castle apresentá-lo ao conde Bartlet e seu filho mais velho, Swifty, de 20 anos. Quando menino, Bartlet venerava Rollo como se o tio fosse um herói, e ele ainda possuía forte influência sobre o sobrinho. Desde que tinha idade suficiente, Swifty vinha escutando que a fortuna do conde de Shiring encolhera no reinado de Elizabeth. Pai e filho estavam muito decepcionados por Jaime dar continuidade à perseguição de sua antecessora aos católicos.

Roger, o caçula de Bartlet, não estava presente. Agora trabalhava em Londres para Robert Cecil e não morava mais em New Castle, o que era bom. Muito influenciado pela mãe, Margery, e pelo padrasto, Ned Willard, Roger talvez reprovasse o plano de Rollo.

– Na abertura do Parlamento – disse Rollo quando os criados saíram e os três

ficaram sozinhos depois do almoço. – Conseguiremos pegá-los todos juntos: o rei Jaime, a rainha Ana, o secretário de Estado Robert Cecil, sir Ned Willard e os membros daquele Parlamento herege e blasfemo... e matar todos eles com um golpe só.

– É um projeto tentador, claro – disse Bartlet, mas emendou com uma expressão de dúvida: – Porém não consigo imaginar como poderia ser feito.

– Eu consigo – garantiu Rollo.

CAPÍTULO 29

Em estado de alerta, Ned Willard correu ansioso os olhos pela capela, analisando os convidados do casamento e à espreita de qualquer sinal de perigo. O rei Jaime era aguardado, e Ned temia tanto pela vida do rei quanto costumava temer pela de Elizabeth. O serviço secreto nunca podia relaxar a vigilância.

Corria o ano de 1604, três dias depois do Natal.

Ned não gostava muito de Jaime. O novo monarca se revelara menos tolerante do que Elizabeth, não só em relação aos católicos. Tinha obsessão por bruxas, assunto sobre o qual chegara a escrever um livro, e baixara rígidas leis em relação a elas. Para Ned, tratava-se apenas de velhas inofensivas. Mesmo assim, para impedir a guerra civil que tanto temia, ele estava decidido a proteger Jaime.

O noivo era Philip Herbert, de 20 anos, filho do conde de Pembroke. Philip chamara a atenção do rei do jeito constrangedor que rapazes charmosos muitas vezes caíam nas graças do soberano de 38 anos. Segundo uma língua ferina da corte, “Elizabeth era rei, agora Jaime é rainha” – um gracejo que fora repetido por toda a cidade de Londres. Como se tentasse provar que seu interesse pelo jovem era inocente, James incentivara Philip a se casar, mas ninguém se iludira.

A noiva era Susan de Vere, neta do falecido William Cecil e sobrinha do secretário de Estado Robert Cecil, amigo e colega de Ned. Sabendo que Jaime devia aparecer, os noivos ficaram esperando no altar, pois o rei tinha de ser o último a chegar. Estavam todos numa capela dentro do palácio de White Hall, onde seria muito fácil algum assassino agir.

Ned vinha escutando boatos de seus espões em Paris, Roma, Bruxelas e Madri: ingleses católicos exilados por toda a Europa conspiravam para se livrar do rei Jaime, que, na sua opinião, os traía. Mas Ned ainda não ficara sabendo detalhes de nenhum complô específico, de modo que a única coisa a fazer, por ora, era manter os olhos abertos.

Se na juventude um dia Ned tivesse contemplado como seria sua vida aos 65 anos, não teria se imaginado ainda naquele trabalho. Ou ele e Elizabeth teriam sido vitoriosos – e a Inglaterra seria o primeiro país do mundo a ter liberdade de culto – ou ele teria fracassado. Nesse caso, os ingleses estariam de novo sendo queimados na fogueira por causa de suas crenças. Nunca previra que a luta pudesse estar ainda mais acirrada quando ele estivesse velho e Elizabeth, morta; que o Parlamento mantivesse a perseguição a católicos; que católicos continuassem tentando matar o soberano. Será que aquilo nunca acabaria?

Olhou para Margery ao seu lado, com um chapéu azul-vivo pousado de lado sobre os cachos grisalhos. Ela o encarou.

– O que houve? – perguntou ela.

– Não quero que o noivo a veja – murmurou Ned num tom de provocação. – Ele talvez queira se casar com você em vez da noiva.

Ela deu uma risadinha.

– Eu sou uma velha senhora.

– A velha senhora mais bonita de Londres.

Era verdade.

Ned correu os olhos pelo recinto, nervoso. Reconhecia a maioria dos presentes. Era íntimo dos Cecils havia quase meio século e conhecia quase tão bem a família do noivo. Alguns dos convidados mais jovens nos fundos da capela lhe pareciam apenas vagamente familiares, e ele supôs que fossem amigos do feliz casal. À medida que os anos passavam, achava cada vez mais difícil distinguir um jovem de outro.

Ele e Margery estavam perto da frente, mas, como Ned não se sentia à vontade ali e não parava de olhar por cima do ombro, acabou deixando a mulher sozinha e indo para os fundos da capela. Dali podia vigiar todo mundo, feito a mamãe pombo que observa as outras aves em busca do corvo que poderia comer seus filhotes.

Todos os homens portavam espadas, como era o costume – o que significava que todos eram assassinos em potencial. Essa suspeita generalizada era inútil, de forma que Ned tentou pensar em como poderia descobrir mais alguma coisa.

O rei e a rainha enfim chegaram, sãos e salvos, e ele sentiu alívio ao ver que vinham escoltados por uma dezena de soldados. Um assassino teria dificuldade

para passar por uma guarda pessoal daquelas. Ned se sentou e relaxou um pouco.

O casal real não se apressou na subida até o altar, cumprimentando amigos e favoritos e recebendo com elegância as medidas dos presentes. Quando chegaram à frente da capela, Jaime meneou a cabeça para que o sacerdote comesse.

Quando a cerimônia estava no meio, um novo convidado entrou na capela, e o instinto de Ned fez soar um alarme.

O recém-chegado se posicionou nos fundos do recinto. Ned o estudou, sem se importar se o homem perceberia ou não que estava sendo encarado. O recém-chegado tinha 30 e poucos anos, era alto e tinha ombros largos, com a atitude de um soldado. Apesar disso, não parecia estressado, nem sequer tenso. Apoiou-se na parede e ficou observando o rito enquanto cofiava o bigode comprido. Irradiava uma segurança arrogante.

Ned decidiu ir falar com ele. Levantou-se e foi até os fundos. Quando se aproximou, o recém-chegado lhe deu um meneio de cabeça casual.

– Bom dia, sir Ned.

– O senhor me conhece...

– Todos o conhecem, sir Ned.

O comentário era um elogio com um quê de zombaria.

– Mas eu não conheço o senhor – emendou Ned.

– Fawkes – disse o homem. – Guy Fawkes, ao seu dispor.

– E quem o convidou?

– Sou amigo do noivo, se é que o senhor se importa com isso.

Um homem prestes a matar o rei não seria capaz de manter uma conversa com aquele nível de ironia. Mesmo assim, Ned tinha um mau pressentimento em relação a Fawkes. Algo na sua frieza, no seu desrespeito mal disfarçado e no seu tom satírico sugeria inclinações subversivas. Ele o pressionou mais um pouco.

– Nunca o encontrei antes.

– Sou de York. Meu pai era *proctor* no tribunal consistório de lá.

– Ah.

Um *proctor* era um advogado, e consistórios eram tribunais eclesiásticos. Para ter um cargo desses, o pai de Fawkes precisava ser um protestante irrepreensível e ter prestado o juramento de fidelidade que os católicos

abominavam. Fawkes era quase certamente inofensivo.

Mesmo assim, enquanto voltava para seu lugar, Ned decidiu ficar de olho nele.

ii

Rollo Fitzgerald foi fazer um reconhecimento em Westminster à procura de pontos fracos.

Uma série de grandes e pequenos edifícios se aglomerava em torno de um pátio chamado Westminster Yard. Caminhar por ali deixava Rollo nervoso, mas ninguém parecia prestar muita atenção nele. O pátio era um quadrado sombrio onde prostitutas espreitavam. Outros vícios desprezíveis sem dúvida ocorriam ali após o anoitecer. O complexo era cercado por um muro e portões, mas eles raramente eram fechados, mesmo à noite. Dentro de seus limites ficavam todas as estruturas do Parlamento, além de várias tabernas, uma padaria e um comerciante de vinho com vastas adegas.

A Câmara dos Lordes, onde o rei abria a sessão parlamentar, era um edifício cuja planta formava um H atarracado. Seu maior recinto, o salão nobre dos lordes, era a barra da letra H. Uma das linhas superiores era a Câmara do Príncipe, usada como quarto de vestir, a outra era a Câmara Pintada, destinada a reuniões de comitês. Mas esses três recintos ficavam no andar de cima. Rollo estava mais interessado nos cômodos do térreo.

Abaixo da Câmara do Príncipe ficavam o quarto de um serviçal e os aposentos do tesoureiro do guarda-roupa real. Ao lado, um corredor estreito conduzia a um cais, situado na margem esquerda do Tâmisa.

Rollo foi até uma taberna próxima e se fez passar por um negociante de lenha em busca de espaço para estocar suas mercadorias e disposto a pagar bebidas para qualquer um que lhe fornecesse informações. Lá coletou dois dados importantes: primeiro, que o tesoureiro não precisava dos próprios aposentos e estava disposto a alugá-los; e, segundo, que o lugar tinha uma adega. No entanto, conforme lhe disseram, os aposentos eram reservados para cortesãos e não estavam disponíveis para comerciantes comuns. Rollo fez sua melhor cara de decepção e disse que, nesse caso, teria de procurar outra coisa. Os outros clientes

agradeceram as bebidas e lhe desejaram sorte.

Ele já havia recrutado um cúmplice: o cortesão Thomas Percy. Por ser católico, Percy jamais se tornaria conselheiro do rei, mas Jaime o nomeara para sua guarda cerimonial. O apoio de Percy tinha um valor relativo, pois ele era dono de um temperamento instável, ora tomado por uma energia frenética, ora paralisado pelo pessimismo, não muito diferente de seu antepassado Hotspur, personagem de uma bastante conhecida peça de teatro sobre a juventude de Henrique V. Naquele momento, porém, ele se mostrou útil. Por sugestão de Rollo, Percy procurou o tesoureiro do guarda-roupa real e disse precisar de um lugar que abrigasse a esposa enquanto ele estivesse na corte. Após demoradas negociações, conseguiu alugar os aposentos.

Foi um grande passo à frente.

Oficialmente, Rollo estava em Londres por causa de um arrastado processo judicial em que o conde de Tyne e um vizinho disputavam um moinho d'água. Era uma história de fachada. Seu verdadeiro objetivo era matar o rei. Para isso, ele precisava de mais homens.

Guy Fawkes era justo o tipo que ele procurava. O pai, protestante convicto, morrera quando Guy tinha só 8 anos, e ele fora criado pela mãe e pelo padrasto católicos. Apesar de ser um rapaz rico, Fawkes rejeitara uma vida de ócio, vendera a propriedade herdada do pai e partira em busca de aventura. Deixara a Inglaterra e fora lutar pela Espanha, contra os rebeldes protestantes, nos Países Baixos. Lá, durante os cercos, aprendera sobre engenharia. Agora em Londres, já não tinha o que fazer, de modo que estava pronto para qualquer emoção.

Infelizmente, Fawkes era vigiado.

Nessa tarde, ele estava no Globe Theatre, no lado sul do rio Tâmesa, assistindo a uma nova peça chamada *Medida por medida*. No mesmo banco que ele, dois lugares adiante, estava sentado um homem discreto, vestido com roupas comuns, que Rollo sabia ser Nick Bellows, um dos agentes de Ned Willard.

Rollo se manteve de pé junto com a plateia na área onde não havia assentos. Acompanhou o espetáculo com reprovação. A história sobre um governante forte e hipócrita que violava as próprias leis era sem dúvida destinada a incentivar o desrespeito pela autoridade.

Rollo buscava um jeito de abordar Fawkes sem atrair a atenção de Bellows,

mas não estava sendo fácil. De forma discreta, o agente seguira seu alvo toda vez que Fawkes se levantara, primeiro para comprar uma caneca de vinho, depois para urinar no rio.

Rollo ainda não conseguira falar com ele quando a peça acabou e os espectadores começaram a sair. A multidão abarrotou a passagem, e as pessoas avançavam devagar. Rollo conseguiu ficar atrás de Fawkes e lhe falou em voz baixa:

– Não olhe em volta. Faça o que fizer, apenas escute.

Talvez Fawkes já houvesse participado de atividades clandestinas, pois fez o que Rollo mandou e deu apenas um meneio de cabeça quase imperceptível para mostrar que compreendera.

– Sua Santidade, o papa, tem um trabalho para o senhor – disse Rollo, no mesmo tom baixo. – Mas o senhor está sendo seguido por um dos espiões do rei Jaime, então primeiro precisa se livrar dele. Vá até uma taberna e peça uma caneca de vinho para me dar uma chance de tomar a dianteira. Então siga o rio na direção oeste, para longe da ponte. Aguarde ali até haver apenas um barco na praia, então alugue-o para fazer a travessia, deixando seu perseguidor para trás. Do outro lado, vá depressa até a Fleet Street e me encontre na taberna York.

Fawkes tornou a menear a cabeça, uma vez apenas.

Rollo se afastou. Atravessou a ponte de Londres e, num passo acelerado, cruzou a cidade e deixou seus muros para chegar à Fleet Street. Ficou parado em frente à York, do outro lado da rua, pensando se Fawkes iria ou não aparecer. Supôs que ele não fosse conseguir resistir ao chamado da aventura, e estava certo. Logo surgiu o andar cadenciado característico de Fawkes que fazia Rollo pensar num lutador. Observou por mais uns dois minutos, mas nem Bellows nem qualquer outra pessoa vieram atrás.

Entrou na taberna.

Fawkes estava num canto com uma jarra de vinho e dois cálices. Rollo se sentou em frente a ele, de costas para o salão; esconder o rosto era agora um hábito arraigado.

– Quem estava me seguindo? – quis saber Fawkes.

– Nick Bellows. Um homem baixo de casaco marrom, sentado a dois lugares de distância do seu.

– Não reparei.

– Ele faz certo esforço para não ser notado.

– Claro. O que o senhor quer comigo?

– Tenho uma pergunta simples a lhe fazer – falou Rollo. – O senhor tem coragem de matar o rei?

Fawkes o encarou com intensidade, avaliando-o. Aquele olhar teria intimidado muitos homens, mas Rollo era páreo para Fawkes em matéria de autoestima, de modo que o sustentou.

– Sim – respondeu Fawkes afinal.

Rollo aquiesceu, satisfeito. Aquele era o tipo de linguagem clara que ele queria.

– O senhor já foi soldado, entende o que é disciplina – começou.

– Sim – disse Fawkes apenas, mais uma vez.

– Seu novo nome é John Johnson.

– Não é um nome um pouco óbvio?

– Não discuta. O senhor será o zelador de um pequeno aposento que aluguei. Vou levá-lo até lá agora. Não pode mais voltar para onde está hospedado, talvez o lugar esteja sob vigilância.

– Há um par de pistolas no meu quarto que eu lamentaria ter de deixar para trás.

– Mandarei alguém buscar seus pertences quando tiver certeza de que o caminho está livre.

– Certo.

– É melhor irmos agora.

– Onde fica esse aposento?

– Em Westminster – respondeu Rollo. – Na Câmara dos Lordes.

iii

Já havia escurecido e chovia naquele início de noite, mas as tabernas e lojas de Londres estavam iluminadas por lampiões e tochas, por isso Margery não teve a menor dúvida quando avistou o irmão do outro lado da rua. Ele estava em pé diante de uma taberna chamada White Swan, aparentemente despedindo-se de

um homem alto que lhe pareceu familiar.

Fazia anos que Margery não via Rollo. A situação lhe convinha: ela não gostava de pensar que o irmão era Jean Langlais. Por causa desse terrível segredo, quase rejeitara Ned fazia quinze anos. Caso houvesse recusado seu pedido de casamento, contudo, jamais poderia ter lhe dito por quê. Ela o amava muito, mas no fim das contas o fator decisivo não fora seu amor por ele, e sim o dele por ela. Ned a queria, ela sabia disso, e caso ela houvesse lhe dito não sem uma explicação plausível, ele teria passado o resto da vida confuso e magoado. Margery tinha influência sobre a vida dele e fora incapaz de resistir à tentação de fazê-lo feliz.

Não conseguia viver em paz com seu segredo, mas era como a dor nas costas que a afligia desde o nascimento de Roger: nunca parava de doer, mas ela aprendera a conviver com isso.

Atravessou a rua. Quando o fez, o outro homem foi embora e Rollo se virou para voltar à taberna.

– Rollo! – chamou ela.

O irmão parou de repente à porta e, por um instante, pareceu tão amedrontado que ela ficou preocupada. Então ele a reconheceu.

– É você – falou, desconfiado.

– Não sabia que você estava em Londres! – disse ela. – Aquele com quem estava falando não era Thomas Percy?

– Era, sim.

– Bem que achei. Reconheci pelos cabelos grisalhos.

Margery não sabia qual religião Percy seguia, mas alguns membros de sua prestigiosa família eram católicos, e ela ficou desconfiada.

– Não está metido numa daquelas suas antigas tramoias, está, Rollo?

– Certamente não. Isso acabou.

– Espero que sim. – Margery não ficou cem por cento convencida. – O que está fazendo aqui, então?

– Cuidando de um demorado processo na justiça para o conde de Tyne. Ele está disputando um moinho d'água com um vizinho.

Isso Margery sabia que era verdade. Seu filho Roger comentara a respeito.

– Roger falou que os honorários e subornos já custaram mais do que três

moinhos ao conde.

– Meu sobrinho é inteligente. Ele tem razão. Mas o conde é teimoso. Venha, vamos entrar.

Os dois entraram e se sentaram. Um homem de nariz vermelho grande trouxe uma caneca de vinho para Rollo sem lhe perguntar nada. Seu ar de autoridade sugeriu a Margery se tratar do proprietário.

– Obrigado, Hodgkinson – disse Rollo.

– Algo para a senhora? – indagou ele.

– Um copo pequeno de cerveja, por favor – respondeu Margery.

Hodgkinson se afastou, e ela perguntou ao irmão:

– Está hospedado aqui?

– Sim.

Ela ficou intrigada.

– O conde de Tyne não tem uma casa em Londres?

– Não. Apenas aluga uma quando o Parlamento está reunido.

– Você deveria usar Shiring House. Bartlet adoraria deixá-lo hospedar-se lá.

– A casa não tem criados, apenas um zelador, a não ser quando Bartlet vem a Londres.

– Ele ficaria feliz em mandar uma ou duas pessoas de New Castle para cá servi-lo caso você lhe pedisse.

Rollo pareceu irritado.

– Nesse caso, eles gastariam o dinheiro de Bartlet em carne e vinho para si e me alimentariam com toucinho e cerveja. E, se eu reclamasse, diriam a Bartlet que sou difícil e exigente demais. Francamente, prefiro uma estalagem.

Margery não entendeu se ele se irritara com ela ou com os possíveis criados desonestos, mas decidiu deixar o assunto de lado. Se o irmão queria ficar numa taberna, era direito dele.

– Mas como você está, afinal? – perguntou ela.

– Como sempre. O conde de Tyne é um bom patrão. E você? Ned vai bem?

– Ele está em Paris agora.

– É mesmo? – indagou Rollo, interessado. – O que foi fazer lá?

– O trabalho dele – respondeu Margery, vaga. – Não tenho muita certeza.

Rollo sabia que ela estava mentindo.

– Espionando católicos, imagino eu. É esse o trabalho dele, como todos sabem.

– Ora, Rollo, a culpa é sua por ter tentado assassinar a rainha dele. Não venha se fazer de indignado.

– Está feliz com ele?

– Estou. Deus, em sua sabedoria, me deu uma vida estranha, mas nos últimos quinze anos eu fui feliz de verdade.

Ela reparou que os sapatos e meias de Rollo estavam cobertos de lama.

– Como conseguiu se sujar tanto?

– Tive de caminhar pela margem do rio.

– Por quê?

– É uma longa história. E tenho um compromisso.

Rollo se levantou.

Margery entendeu que estava sendo dispensada. Beijou o irmão no rosto e saiu da taberna. Não chegou a perguntar que compromisso era aquele e, ao se afastar do lugar, questionou-se por quê. A resposta lhe veio na mesma hora: porque não achava que ele fosse dizer a verdade.

iv

Rollo impôs uma segurança estrita nos aposentos do tesoureiro do guarda-roupa real. Todos chegavam antes do nascer do sol para não serem vistos entrando. Cada um trazia a própria comida, e ninguém saía durante o dia. Iam embora depois de escurecer.

Como estava com quase 70 anos, ele deixava o trabalho mais pesado a cargo dos mais jovens, como Fawkes e Percy, mas até mesmo eles tinham dificuldade. Todos eram filhos de famílias nobres e ricas, e nenhum tinha escavado grande coisa antes.

Primeiro tinham demolido a parede de tijolos da adega, depois passaram a remover a terra atrás dela. O túnel precisava ser grande o suficiente para abrigar vários barris de 150 litros de pólvora. Economizaram tempo não cavando mais do que o necessário, mas a desvantagem era que tinham de trabalhar curvados ou deitados; além do mais, fazia calor naquele espaço confinado.

Durante o dia, viviam à base de peixe salgado, carne curada e uvas-passas. Rollo não lhes permitia mandar buscar o tipo de refeição com o qual estavam acostumados por medo de atraírem atenção.

Trabalhavam em meio à lama, motivo pelo qual ele estava constrangedoramente sujo em seu encontro inesperado com Margery. A terra removida do túnel precisava ser transportada até o térreo, em seguida levada embora durante a noite, passando pelo longo corredor para chegar ao cais, de onde podia ser lançada no rio. Rollo ficara perturbado quando a irmã perguntara sobre suas meias sujas, mas ela parecera aceitar sua explicação.

Os escavadores eram discretos, mas não eram invisíveis. Mesmo à noite, às vezes passantes com lampiões os viam. Para desviar a suspeita, Fawkes deixara vaziar a informação de que tinha operários trabalhando nos aposentos para fazer algumas alterações exigidas pela esposa do patrão. Rollo torceu para ninguém reparar na grande e improvável quantidade de terra sendo retirada por causa de uma simples reforma.

Eles então esbarraram numa dificuldade tão séria que Rollo temeu que pudesse pôr todo o plano a perder. Depois de escavarem a terra por vários metros, toparam com um sólido muro de pedra. Os dois andares construídos acima da adega possuíam alicerces, entendeu Rollo; já deveria ter previsto isso. O trabalho se tornou mais árduo e mais lento, mas eles precisavam prosseguir, pois ainda não estavam tão diretamente abaixo do plenário a ponto de garantir que a explosão matasse todos lá dentro.

Os alicerces de pedra revelaram ter vários metros de espessura. Rollo teve medo de que eles não fossem dar conta do trabalho antes da cerimônia de abertura. Então a sessão do Parlamento foi adiada devido a um surto de peste em Londres e os escavadores tiveram seu prazo estendido.

Mesmo assim, Rollo estava apreensivo. O progresso deles era muito vagaroso. Quanto mais tempo levassem, maior o risco de serem descobertos. E existia outra ameaça. Conforme eles avançavam, enfraquecendo a estrutura do prédio, Rollo passou a se preocupar com a possibilidade de um desmoronamento. Fawkes providenciou grossas escoras de madeira para sustentar o teto, como explicou terem feito ao escavar sob muros de cidades em cercos nos Países Baixos, mas Rollo não tinha certeza de quanto aquele soldado

de fato sabia sobre escavações. O túnel poderia simplesmente desabar e matar todos eles. Poderia até mesmo fazer ruir o edifício inteiro, o que não traria nenhum benefício caso o rei não estivesse lá dentro.

Certo dia, durante um intervalo, eles começaram a conversar sobre quem estaria no plenário quando a pólvora explodisse. O rei Jaime tinha três filhos. Os príncipes Henrique, de 11, e Carlos, de 4 anos, decerto acompanhariam os pais à cerimônia.

– Imaginando que ambos morram, a herdeira seria a princesa Isabel – disse Percy. – Ela vai completar 9 anos.

Rollo já havia pensado na princesa.

– Precisamos estar prontos para nos apoderarmos dela – falou. – Quem tiver a princesa comandará o trono.

– Ela mora na abadia de Coombe, em Warwickshire – disse Percy.

– Ela vai precisar de um lorde protetor, que vai ser, é claro, o verdadeiro governante da Inglaterra.

– Proponho meu parente, o conde de Northumberland.

Rollo aquiesceu. Era uma boa sugestão. Northumberland era um dos grandes pares do reino, além de simpatizante católico. Mas ele tinha uma ideia melhor.

– Sugiro o conde de Shiring.

Os outros não se entusiasmaram. Rollo sabia o que pensavam: Bartlet Shiring era um bom católico, mas não tinha a mesma relevância de Northumberland.

Educado demais para denegrir o sobrinho de Rollo, Percy mudou a direção da conversa:

– Precisamos planejar levantes em todas as partes do país em que os católicos sejam fortes. Não deve haver oportunidade para os protestantes levarem um rival ao trono.

– Posso garantir isso no condado de Shiring – disse Rollo.

– Muita gente vai morrer – falou alguém.

Rollo não tinha paciência para homens que se preocupavam com mortes. Uma guerra civil seria uma purificação.

– Os protestantes merecem a morte – retrucou. – E os católicos irão direto para o céu.

Nesse exato momento, ouviu-se um barulho estranho. No início pareceu água correndo acima deles. Então se transformou num ronco de pedras se deslocando. Na mesma hora, Rollo pensou em desabamento. Os outros também deduziram isso, pois todos subiram correndo a estreita escada de pedra que conduzia da adega aos aposentos no térreo, como se tentassem se salvar.

Ali, pararam e apuraram os ouvidos. O barulho continuou, intermitente, mas o chão não tremia, e Rollo percebeu que eles haviam exagerado na reação. A construção não estava prestes a desabar. Mas *o que* estaria acontecendo?

Apontou para Fawkes.

– Venha comigo – falou. – Vamos investigar. Vocês todos, fiquem quietos.

Ele conduziu Fawkes até o lado de fora e eles contornaram o prédio. O barulho cessara, mas Rollo calculou que devia ter vindo mais ou menos do lugar por onde passava o seu túnel.

Nos fundos do prédio, uma fileira de janelas percorria o andar de cima para iluminar o plenário. No meio dessa fileira, uma portinhola dava para uma escada de madeira externa; como a entrada principal ficava do outro lado, aquela escada não era muito usada. Debaixo dela, no nível do chão, havia uma porta de madeira dupla na qual Rollo mal reparara antes. Se houvesse prestado atenção, teria imaginado que conduzisse a algum tipo de depósito onde jardineiros guardassem ferramentas. Agora, pela primeira vez, viu as portas escancaradas. Um cavalo esperava do lado de fora.

Rollo e Fawkes entraram pela porta.

Era de fato um depósito, só que imenso. Rollo calculou que devia ter o mesmo comprimento e largura do plenário logo acima. Não teve certeza absoluta, pois ali não havia janelas e o ambiente era iluminado sobretudo pela luz que vinha de fora. Pelo que podia ver, aquilo parecia a cripta de uma igreja, com imensos pilares que subiam em curva até um teto de madeira baixo que devia formar o piso do recinto no andar superior. Entendeu, consternado, que os escavadores do túnel provavelmente vinham destruindo a base de um daqueles pilares. O risco de desabamento era ainda maior do que ele imaginara.

O espaço estava quase vazio, com um ou outro pedaço de madeira ou saco vazio jogado e uma mesa quadrada com um rombo no tampo. Rollo viu na hora a explicação do barulho: um homem com o rosto preto de fuligem manjava uma

pá, transferindo carvão de uma pilha para uma carroça. Era essa a origem do ruído.

Olhou de relance para Fawkes e percebeu que a mesma ideia acabara de ocorrer a ambos. Se usassem aquele recinto, poderiam pôr sua pólvora mais perto ainda do rei... e parar de cavar o túnel.

Uma mulher de meia-idade observava o trabalho do carroceiro. Uma vez o veículo carregado, ele contou umas moedas com as mãos encardidas que entregou a ela, obviamente em pagamento pelo carvão. Ela levou as moedas até perto da porta para examiná-las na luz, em seguida agradeceu ao homem. Então, enquanto o carroceiro buscava o cavalo e o atrelava à carroça, a mulher se virou para eles dois e disse, com educação:

– Bom dia, cavalheiros. Posso ajudá-los com alguma coisa?

– Que recinto é este? – perguntou Rollo.

– Acredito que antes fosse a cozinha, na época em que eram servidos banquetes na grande câmara do piso superior. Hoje é o meu depósito de carvão. Ou melhor, era: a primavera está chegando, e estou me livrando do estoque. Talvez os senhores queiram comprar um pouco. É o melhor carvão das margens do rio Tyne, esquento muito quando queima...

Fawkes a interrompeu:

– Não queremos carvão, mas estamos à procura de um lugar para armazenar uma grande quantidade de madeira. Meu nome é John Johnson, sou o zelador dos aposentos do tesoureiro do guarda-roupa real.

– Sou Ellen Skinner, viúva e vendedora de carvão.

– Prazer em conhecê-la, Sra. Skinner. Este local está disponível para locação?

– Está alugado para mim pelo resto do ano.

– Mas a senhora disse que está se livrando do estoque devido à chegada da primavera. Pouca gente compra carvão nos meses quentes.

Ela parecia astuta.

– Pode ser que eu tenha outro uso para o espaço.

A mulher fingia relutar, mas Rollo pôde ver a ganância em seus olhos. Seus argumentos não passavam de negociação. Ele começou a ficar esperançoso.

– Meu patrão pagaria bem – disse Fawkes.

– Eu cederia meu contrato por 3 libras – respondeu ela. – E, além disso, os senhores teriam de pagar o proprietário... 4 libras por ano, é o que ele me cobra.

Rollo reprimiu o impulso de comemorar aquele preço. O valor não tinha importância, mas se eles parecessem esbanjar dinheiro iriam atrair atenção e, talvez, suspeita.

Para manter as aparências, Fawkes negociou:

– Ah, minha senhora, me parece muito caro. Seu contrato vale 1 libra no máximo, com certeza.

– Talvez eu fique com o espaço. Vou precisar de um depósito de carvão quando chegar setembro.

– Divida a diferença – disse Fawkes. – Que tal 1 libra e 10 xelins?

– Se o senhor conseguisse chegar a 2, eu fecharia negócio agora.

– Certo, está bem – concordou Fawkes e lhe estendeu a mão.

– É um prazer, Sr. Johnson – respondeu a mulher.

– Garanto-lhe que o prazer é todo meu, Sra. Skinner – disse Fawkes.

v

Ned fora a Paris numa tentativa desesperada de descobrir o que estava acontecendo em Londres.

Continuava a escutar boatos sobre complôs católicos contra o rei Jaime. E sua desconfiança aumentara depois de Guy Fawkes despistar o homem que o vigiava e desaparecer. No entanto, para sua frustração, todos os boatos careciam de detalhes.

Vários complôs de assassinato reais tinham nascido em Paris, muitas vezes com a ajuda dos católicos radicais da família Guise. A rede protestante de espiões montada por Sylvie continuava ativa na cidade. Ned torcia para que algum deles, mais provavelmente Alain de Guise, pudesse preencher as lacunas.

Após os assassinatos simultâneos do duque Henrique e de Pierre Aumande, ele temera que Alain deixasse de ser uma fonte de informação sobre os católicos ingleses exilados. Para sua surpresa, porém, o enteado absorvera parte da obstinação do padrasto. Fizera-se útil para a viúva e ficara amigo do jovem duque, e assim continuara a morar no palácio dos Guises em Paris e a trabalhar

para a família. Como os Guises tinham a confiança dos conspiradores ingleses, Alain conseguia descobrir muita coisa sobre os planos deles e passava as informações para Ned por meio de cartas codificadas enviadas por canais secretos antigos e confiáveis. Muitas das conversas dos exilados não davam em nada, mas várias vezes ao longo dos anos as dicas de Alain tinham conduzido a prisões.

Ned lera todas as suas cartas, mas torcia para descobrir mais com uma visita. Nas conversas presenciais, detalhes aleatórios às vezes podiam surgir e se revelar importantes.

Apesar da preocupação, a ida à França era nostálgica para ele. Fazia-o lembrar da juventude; do grande Walsingham, com quem trabalhara por duas décadas; e, acima de tudo, fazia-o se lembrar de Sylvie. A caminho do encontro com Alain, passou pela Rue de la Serpente e ficou parado algum tempo em frente à papelaria em que ela morara, recordando o dia feliz em que fora convidado para almoçar lá e a beijara na salinha dos fundos, depois o terrível dia em que Isabelle fora morta ali.

O lugar agora era um açougue.

Atravessou a ponte até a Île de la Cité, entrou na catedral e fez uma prece de agradecimento pela vida de Sylvie. A igreja era católica e Ned, protestante, mas havia tempos ele acreditava que Deus pouco se importava com essas distinções.

E o atual rei da França pensava o mesmo. Henrique IV assinara o Édito de Nantes, que concedia liberdade religiosa aos protestantes. O novo duque de Guise ainda era criança, e a família dessa vez não conseguira sabotar a paz. Assim, quarenta anos de guerra civil tinham chegado ao fim. Ned também agradeceu a Deus por Henrique IV. Talvez a França, assim como a Inglaterra, estivesse aos poucos seguindo em direção à tolerância religiosa.

Os cultos protestantes ainda eram discretos e, em geral, celebrados fora dos muros da cidade para não provocar os católicos mais fervorosos. Ned percorreu a Rue Saint-Jacques, atravessou o portão da cidade e saiu para os subúrbios. Um homem sentado na beira da estrada, lendo, era o sinal de que ali ficava a trilha que cruzava a floresta até um pavilhão de caça. Aquela era a igreja informal que Sylvie frequentava antes que Ned a conhecesse. O lugar fora denunciado por Pierre Aumande e a congregação se dispersara, mas agora era novamente um

local de culto.

Alain já estava presente, sentado junto da esposa e dos filhos. Com ele também estava a amiga de longa data, Louise, marquesa viúva de Nîmes. Ambos se encontravam no *château* de Blois quando o duque Henrique e Pierre foram assassinados, e Ned desconfiava que houvessem participado do complô, embora ninguém se atrevesse a investigar nenhuma das mortes, por conta do suposto envolvimento do rei. Ned viu também Nath, que assumira o negócio de livros clandestinos de Sylvie: ela se tornara uma próspera senhora de chapéu de pele.

Foi se sentar ao lado de Alain, mas só lhe dirigiu a palavra na hora dos hinos, quando todos estavam cantando alto demais para ouvir sua conversa.

– Todos detestam esse Jaime – murmurou Alain para ele, em francês. – Dizem que ele não cumpriu suas promessas.

– E não estão errados – reconheceu Ned. – Mesmo assim, preciso impedir que o matem. Caso contrário, a paz e a prosperidade que Elizabeth conquistou a tão duras penas serão destruídas pela guerra civil. O que mais tem escutado?

– Querem matar a família real inteira, todos menos a princesa, que vão declarar rainha.

– A família inteira – repetiu Ned, horrorizado. – Que brutos sanguinários!

– E ao mesmo tempo vão matar todos os principais ministros e lordes.

– Devem estar planejando incendiar um palácio ou algo assim. Poderiam fazê-lo enquanto estivessem todos sentados num banquete ou então assistindo a uma peça.

O próprio Ned era um dos ministros mais importantes. De repente, a questão se tornara salvar a própria vida, além da do rei. Ele sentiu um arrepio.

– Onde vão agir? – indagou.

– Não consegui esclarecer esse detalhe.

– Você já escutou o nome Guy Fawkes?

Alain fez que não com a cabeça.

– Não. Um grupo veio falar com o duque, mas não sei quem eram.

– Nenhum nome foi mencionado?

– Nenhum nome verdadeiro.

– Como assim?

– O único nome que escutei era falso.

- Que nome foi esse?
- Jean Langlais.

vi

Margery estava incomodada com Rollo. As respostas do irmão às suas perguntas tinham sido todas plausíveis, mas mesmo assim ela não confiava nele. No entanto, não via o que podia fazer para diminuir seu incômodo. Poderia ter contado a Ned que Rollo era Jean Langlais, é claro, mas não conseguia se forçar a condenar o irmão à forca só porque ele estava com as meias enlameadas.

Enquanto Ned estava em Paris, decidiu levar o neto Jack, filho de Roger, para uma visita a New Castle. Sentia que era o seu dever. O que quer que Jack acabasse fazendo da vida poderia ser ajudado pelos parentes aristocratas. Não precisava gostar deles, mas tinha de conhecê-los. Ter um tio conde às vezes era melhor do que ter dinheiro. E, quando Bartlet morresse, o conde seguinte seria seu filho Swifty, primo de Jack.

O neto era um garoto de 12 anos curioso e combativo. Entrava energicamente em discussões com Roger e Ned, adotando sempre o ponto de vista contrário ao do adulto com quem conversasse. Segundo Ned, Jack era igual a Margery naquela idade, mas ela não acreditava que pudesse ter sido tão pretensiosa. Jack era pequeno, como a avó, além de ter os mesmos cabelos escuros encaracolados. Era uma criança bonita agora, mas dali a um ou dois anos começaria a virar homem e seu aspecto iria endurecer. O prazer e o fascínio de ver filhos e netos crescerem e mudarem era para Margery a grande alegria da idade avançada.

Naturalmente, Jack discordava da avó quanto à necessidade daquela visita.

– Quero ser um aventureiro como tio Barney – disse ele. – Nobres não têm nada a ver com comércio... só ficam sentados recebendo arrendamentos.

– A nobreza mantém a paz e aplica as leis – argumentou ela. – Não seria possível fazer negócios sem regras e padrões. Quanta prata há numa moeda de 1 *penny*? Qual a largura de 1 metro de tecido? O que acontece quando homens não pagam suas dívidas?

– Eles fazem essas regras porque são convenientes – argumentou Jack. – De

toda forma, quem garante os pesos e medidas é a guilda, não o conde.

Margery sorriu.

– Em vez de aventureiro, talvez você devesse se tornar um homem de Estado, como sir Ned.

– Por quê?

– Suas ideias sobre governo são muito fortes. Você poderia *ser* o governo. Alguns dos homens mais poderosos da corte foram garotos inteligentes como você.

O menino ficou pensativo. Estava naquela idade deliciosa em que qualquer coisa parecia possível.

No entanto, Margery queria que ele se comportasse em New Castle.

– Seja educado – falou quando os dois se aproximaram. – Não discuta com tio Bartlet. Você está aqui para fazer amigos, não inimigos.

– Está bem, vó.

Ela não podia ter certeza se o menino levava o alerta a sério, mas tinha feito o melhor que podia. Uma criança será sempre o que é, pensou, não o que se quer que ela seja.

Seu filho, o conde Bartlet, os recebeu. Agora na casa dos 40, tinha o rosto sardento como o pai de Margery, mas tivera por modelo Bart, que pensava ser seu verdadeiro pai. Milagrosamente, o fato de Bartlet ser fruto de um estupro não envenenara por completo a relação entre mãe e filho. Enquanto Jack explorava o castelo, Margery se sentou no salão com ele e tomou um copo de vinho.

– Espero que Swifty e Jack passem a se conhecer melhor – falou.

– Duvido que eles venham a ser próximos – disse Bartlet. – Oito anos é uma diferença grande de idade.

– Esbarrei com seu tio Rollo em Londres. Ele está hospedado numa estalagem. Não sei por que não usa Shiring House.

Bartlet deu de ombros.

– Eu acharia ótimo se usasse. Assim meu zelador preguiçoso trabalharia um pouco, para variar.

Um criado serviu mais um pouco de vinho para Margery.

– Você também vai a Londres mais para o final do ano, para a abertura do

Parlamento – comentou ela.

– Não necessariamente.

Margery se espantou.

– Por que não?

– Vou dizer que estou doente.

Todos os condes tinham de assistir às sessões do Parlamento. Quando queriam se livrar dessa obrigação, precisavam dizer que estavam doentes demais para viajar.

– Mas qual é o verdadeiro motivo?

– Tenho muitas coisas a fazer aqui.

Aquilo não fazia sentido para Margery.

– Você nunca faltou a uma sessão do Parlamento desde que virou conde. Nem seu pai, nem seu avô. É para isso que você tem uma casa em Londres.

– O novo rei não se interessa pelas opiniões do conde de Shiring.

Aquele comportamento não era típico de Bartlet. Assim como Bart e Swithin, ele em geral manifestava sua opinião, em alto e bom som, sem perguntar se alguém estava interessado em escutá-la.

– Não quer se opor a qualquer outra legislação que desfavoreça os católicos?

– Acho que perdemos essa batalha.

– Nunca vi você tão derrotista.

– É importante saber quando continuar a lutar... e quando desistir. – Bartlet se levantou. – Imagino que a senhora queira se acomodar no seu quarto antes do almoço. Tem tudo de que precisa?

– Sim, acho que sim.

Ela lhe deu um beijo e subiu. Estava intrigada. Talvez, no fim das contas, Bartlet não fosse igual a Bart e Swithin. O orgulho daqueles dois nunca teria lhes permitido dizer coisas como “Acho que perdemos essa batalha”. Eles jamais admitiriam que pudessem ter errado.

Talvez Bartlet estivesse crescendo.

A parte mais difícil e perigosa do plano de Rollo era comprar 36 barris de

pólvora e levá-los até Westminster.

Junto com dois de seus cúmplices mais jovens, ele atravessou o rio e foi a pé até Rotherhithe, um bairro de cais e estaleiros. Lá entraram num estábulo e disseram a um estribeiro que desejavam alugar uma carroça resistente e dois cavalos para puxá-la.

– Precisamos levar a madeira de um navio velho desmontado – disse Rollo. – Vou usá-la para construir um celeiro.

A madeira dos navios muitas vezes era reaproveitada dessa forma.

O estribeiro não estava interessado na história. Apenas lhe mostrou uma carroça e dois cavalos parrudos.

– Ótimo, é exatamente do que eu preciso – comentou Rollo.

– Meu funcionário Weston vai conduzir o senhor – falou então o estribeiro.

Rollo franziu o cenho. Isso ele não podia aceitar. O condutor testemunharia tudo.

– Prefiro conduzir eu mesmo – rebateu, tentando não soar agitado. – Tenho dois ajudantes.

O estribeiro fez que não com a cabeça.

– Se Weston não for com o senhor, será preciso pagar um depósito. Do contrário, como vou saber que trará a carroça de volta?

– Quanto? – perguntou Rollo, para manter as aparências, porque estava disposto a pagar praticamente qualquer valor.

– São 5 libras cada cavalo e 1 pela carroça.

– O senhor vai precisar me dar um recibo.

Uma vez concluída a transação, eles saíram do pátio do estábulo e foram até um fornecedor de lenha chamado Pearce. Lá Rollo comprou galhos irregulares amarrados em feixes, além de pedaços de lenha mais regulares, também presos por cordas. Os três puseram toda a madeira na carroça.

Pearce achou curiosa a insistência de Rollo para que empilhassem meticulosamente os feixes nas bordas da carroça, deixando um espaço vazio no meio.

– O senhor deve buscar outra carga que deseja manter escondida – comentou.

– Nada de valor – retrucou Rollo, como se temesse ladrões.

Pearce fez um gesto de quem compreendia.

– Não precisa dizer mais nada.

Eles levaram a carroça até Greenwich, onde Rollo tinha um encontro com o capitão Radcliffe.

Guy Fawkes calculara a quantidade de pólvora necessária para que a Câmara dos Lordes fosse destruída e todos lá dentro morressem. Um cavaleiro que possuísse uma pistola ou um arcabuz poderia comprar uma caixa de pólvora para uso pessoal, e ninguém lhe faria nenhuma pergunta. Contudo, Rollo não tinha como comprar de forma legítima a quantidade de que necessitava sem despertar suspeitas.

A solução foi procurar um criminoso.

Radcliffe era um intendente corrupto, responsável pela compra de materiais para a Marinha Real. Metade do que ele adquiria nunca chegava a embarcar nos navios: era vendida por ele, que embolsava os lucros. O maior problema de Radcliffe era esconder a própria riqueza.

Do ponto de vista de Rollo, a vantagem de fazer negócios com ele era que Radcliffe não poderia dizer nada em relação à venda da pólvora, já que, caso o fizesse, seria enforcado por roubar do rei. Para salvar a própria pele, ele tinha de ficar calado.

Rollo e Radcliffe se encontraram no pátio de uma taberna. Carregaram a carroça com oito barris de pólvora, que empilharam de dois em dois no meio do quadrado de lenha. Um observador casual imaginaria que transportassem cerveja.

– O senhor deve estar esperando uma guerra – comentou Radcliffe.

Rollo preparara uma resposta.

– Somos marinheiros mercantes – falou. – Precisamos nos defender.

– De fato – concordou Radcliffe.

– Não somos piratas.

– Não – disse Radcliffe. – É claro que não.

Assim como Pearce, Radcliffe teria tendência a acreditar no que quer que Rollo negasse.

Depois de alojados os barris, o quadrado foi completado com madeira e eles foram cobertos com lenha, de modo que a carga secreta não pudesse ser vista nem de uma janela alta.

Rollo então guiou a carroça de volta até Westminster. Conduziu com cuidado. Acidentes entre veículos de rodas eram frequentes, e em geral se tornavam trocas de socos entre os condutores ou mesmo se transformavam em brigas de rua generalizadas. A população londrina, sempre pronta para aproveitar uma oportunidade, muitas vezes roubava as cargas das carroças enquanto os condutores estavam distraídos. Se isso acontecesse com ele, o plano seria descoberto. Ele guiou com tanta cautela, sempre deixando as outras carroças passarem na frente, que os outros condutores começaram a encará-lo desconfiados.

Conseguiu voltar a Westminster sem incidentes.

Fawkes estava à sua espera e abriu as portas duplas quando eles se aproximaram para que Rollo pudesse entrar com a carroça no depósito sem precisar parar. Então fechou as portas, e Rollo relaxou de alívio. Tinha conseguido.

Só precisava fazer a mesma coisa mais três vezes.

Fawkes apontou para uma porta nova na parede, quase invisível à luz de um lampião.

– Abri uma passagem daqui para os aposentos do tesoureiro do guarda-roupa – contou ele. – Agora podemos passar de um lado para outro sem precisar sair e correr o risco de sermos vistos.

– Muito bem – disse Rollo. – E a adega?

– Fechei o túnel com tijolos.

– Quero ver.

Os dois passaram pela nova porta que conduzia aos aposentos, em seguida desceram a escada até a adega. Fawkes preencheria o buraco que eles tinham aberto na parede, mas o conserto era perceptível até mesmo à luz de velas.

– Pegue lama ou fuligem e suje os tijolos novos – instruiu Rollo. – E fure-os um pouco também com uma picareta, quem sabe, para parecer que foram danificados pelo tempo.

– Boa ideia.

– Quero que esta parte da parede fique igual ao resto.

– Claro. Mas ninguém vai descer aqui, de toda forma.

– Só por garantia – disse Rollo. – Tomar cuidado nunca é demais.

Eles voltaram para o depósito.

Os outros dois cúmplices estavam descarregando os barris de pólvora e rolando-os até o fundo do recinto. Rollo os instruiu a pôr a madeira na frente dos barris e a arrumar os feixes com cuidado para garantir a estabilidade da pilha. Um dos jovens subiu na mesa quebrada, tomando cuidado para não enfiar o pé no buraco, e o outro lhe passou os feixes a serem posicionados por cima.

Depois de tudo pronto, Rollo examinou com cuidado o trabalho. Ninguém desconfiaria que aquilo fosse outra coisa senão uma pilha de lenha. Estava satisfeito.

– Mesmo que alguém revistasse este lugar, provavelmente não encontraria a pólvora – falou, com satisfação.

viii

Ned e Margery moravam em St. Paul's Churchyard, em uma casa geminada com uma pereira no quintal dos fundos. Não era um imóvel grandioso, mas Margery o deixara aconchegante com tapetes e quadros, e eles queimavam carvão na lareira para aquecê-lo no inverno. Ned gostava dali porque podia olhar para fora e ver a catedral, o que o fazia pensar em Kingsbridge.

Voltou de Paris tarde da noite, cansado e aflito. Margery lhe preparou um jantar leve, e os dois foram para a cama e fizeram amor. Pela manhã, ele lhe contou sobre a viagem. Ela ficou transtornada com o que ouviu e lutou para esconder as emoções. Felizmente, Ned estava com pressa para contar tudo a Robert Cecil e saiu logo após o desjejum, deixando-a livre para pensar em paz.

Havia um plano para matar a família real, todos exceto a princesa, e ao mesmo tempo todos os principais ministros, o que decerto significava incendiar um palácio, dissera Ned. Só que Margery sabia mais. Bartlet faltaria à sessão de abertura do Parlamento pela primeira vez desde que se tornara conde de Shiring. Ela ficara intrigada com essa decisão, mas agora fazia sentido. Os conspiradores iriam agir em Westminster.

Faltavam dez dias para a cerimônia de abertura.

Como Bartlet sabia daquilo? Ned descobrira que Jean Langlais estava envolvido, e Margery sabia que Jean Langlais era Rollo. Seu filho fora alertado

pelo tio para ficar longe.

Ela agora compreendia tudo, mas o que iria fazer? Poderia denunciar Rollo a Ned, e talvez fosse isso que precisasse fazer no final, embora estremecesse de horror ao pensar em mandar o irmão para a forca. No entanto, talvez houvesse um jeito melhor. Margery poderia falar com Rollo. Sabia onde ele estava hospedado. Poderia lhe dizer que descobrira tudo, depois ameaçar revelar o complô a Ned. Quando Ned soubesse do plano, ele estaria condenado. Rollo não teria escolha senão desistir.

Ela vestiu uma capa pesada, calçou botas resistentes e saiu para o outono londrino.

Foi a pé até a taberna White Swan e localizou o dono de nariz vermelho.

– Bom dia, Sr. Hodgkinson – falou. – Estive aqui faz algumas semanas.

O proprietário estava mal-humorado, talvez por ter bebido demais do próprio vinho na noite anterior. Encarou-a com indiferença.

– Não tenho como lembrar de todo mundo que compra uma caneca de vinho aqui.

– Pouco importa. Quero falar com Rollo Fitzgerald.

– Não tem ninguém com esse nome aqui – respondeu o homem, abrupto.

– Mas ele estava hospedado aqui!

Hodgkinson a encarou com um olhar hostil.

– Posso saber quem é a senhora?

Margery adotou um ar de superioridade aristocrática.

– Sou a condessa viúva de Shiring, e seria bom o senhor se comportar.

Ele mudou de tom. Ninguém queria brigar com uma aristocrata.

– Peço-lhe desculpas, milady, mas não consigo me lembrar de nenhum hóspede com o nome que a senhora mencionou.

– Imagino então se algum dos amigos dele se hospedou aqui. Jean Langlais, por exemplo?

– Ah, sim! – disse Hodgkinson. – Um nome francês, embora ele falasse como um inglês. Mas ele já foi embora.

– O senhor sabe para onde?

– Não. Monsieur Langlais não é homem de fornecer informações desnecessárias, milady. Ele não fala muito.

É claro que não.

Margery saiu da taberna. O que iria fazer? Não tinha ideia de onde Rollo poderia estar. Agora pouco adiantava denunciá-lo para Ned, pois o marido também não conseguiria encontrá-lo. Esforçou-se para raciocinar. Pessoas iriam cometer uma atrocidade, e ela precisava detê-las.

Será que poderia dar o alerta? Talvez conseguisse fazer isso sem condenar Rollo à morte. Considerou uma carta anônima. Poderia escrever para Ned disfarçando a caligrafia e se fazendo passar por um dos conspiradores. Não precisava dizer nada sobre Rollo. A carta apenas alertaria Ned que não comparecesse à abertura do Parlamento se quisesse viver.

Só que aquilo era pouco plausível. Por que um conspirador católico iria querer salvar a vida de um famoso cortesão protestante?

Por outro lado, se a carta fosse enviada para um católico, ele talvez aprovasse o complô e guardasse a notícia para si.

O que ela precisava era de um intermediário: alguém que fosse leal ao rei, mas suficientemente simpático aos católicos para que estes não quisessem matá-lo. Havia diversas pessoas assim na corte, e Margery pensou em lorde Monteagle, um católico que desejava estar em paz com seus conterrâneos protestantes. Pessoas como Rollo e Bartlet o tachavam de hesitante e fraco, mas Margery o achava sensato. Se ele fosse alertado, daria o alarme.

Decidiu lhe escrever uma carta.

Saiu, foi até uma das muitas papelarias de St. Paul's Churchyard e comprou um pouco de papel de um tipo que não costumava usar. Em casa, afiou uma pena. Usando a mão esquerda para disfarçar a caligrafia, começou:

Caro lorde, pelo amor que nutro por alguns de seus amigos, também prezo pela sua segurança.

Estava adequadamente vago, pensou.

Assim sendo, eu lhe aconselharia, caso valorize a vida, a inventar algum pretexto para cancelar sua participação na abertura do Parlamento.

A formulação era inconfundível: a vida de Monteagle corria perigo. O que Rollo diria numa mensagem dessas? Algo religioso, talvez.

Pois Deus e os homens se uniram para punir a maldade destes tempos.

Isso lhe pareceu ter o tom apocalíptico adequado.

E não seja leviano em relação a este aviso, mas recolha-se à sua região, onde poderá aguardar em segurança o acontecimento.

Precisava dizer alguma coisa sobre o modo como se dariam as mortes. No entanto, só o que sabia era o que Ned pensava: eles planejavam incendiar o prédio. Deveria aludir a algo desse tipo.

Embora não haja indícios de nenhuma perturbação, afirmo que eles irão sofrer um golpe terrível nesse Parlamento. No entanto, não irão ver quem os atingiu.

No que mais um conspirador pensaria? Em destruir as provas?

Este conselho não deve ser condenado, uma vez que talvez lhe faça bem e não pode lhe fazer mal, pois o perigo cessará assim que o senhor tiver queimado esta carta.

E como deveria concluir? Com algo sincero, decidiu.

E espero que Deus lhe conceda a graça de fazer bom uso dela, e o recomendo à Sua santa proteção.

Dobrou a carta e selou-a pressionando uma moeda na cera mole e agitando-a um pouco para tornar a impressão ilegível, como se um sinete houvesse sido aplicado com descuido.

Agora precisava entregá-la.

Como provavelmente seria vista por pessoas na casa, talvez pelo próprio Monteagle, que a conhecia, precisava de um disfarce.

Margery e Ned tinham uma empregada, que estava naquele momento lavando lençóis no quintal. Margery lhe disse para tirar o resto do dia de folga e lhe deu 6 *pence* para ir a uma briga de cães contra um urso.

Foi até o guarda-roupa de Ned. Colocou uma calça do marido, enfiou o vestido dentro do cóis para dar volume, então pôs um velho gibão puído. Ned era um homem esbelto, mas mesmo assim as roupas ficaram grandes nela. No entanto, seria natural um simples mensageiro estar malvestido. Ela calçou um par de sapatos velhos do marido e os recheou com trapos para fazê-los caber. Viu que tinha os tornozelos finos demais para um homem. Prendeu os cabelos e pôs um chapéu mais antigo de Ned.

Seria esquisito se ele chegasse em casa agora. Mas o marido quase com certeza passaria o dia inteiro fora: o trabalho devia ter se acumulado sobre sua mesa durante a estada em Paris. E ele jantaria na casa de Cecil. A probabilidade de uma surpresa era pequena... assim ela esperava.

No espelho, não se achou muito parecida com um homem. Era bonita demais e tinha mãos miúdas. Enfiou uma pá de carvão na chaminé e fez cair bastante fuligem, que então usou para sujar as mãos e o rosto. Melhor, informou-lhe o espelho. Agora ela passaria por um idoso encardido que alguém encarregara de entregar uma mensagem.

Saiu de casa pela porta dos fundos e se afastou depressa, torcendo para que nenhum vizinho a reconhecesse. Foi até o portão de Ald Gate e saiu de Londres. Atravessou os campos e chegou ao vilarejo de Hoxton, onde Monteagle tinha uma casa de subúrbio rodeada por um grande jardim. Dirigiu-se até a porta dos fundos, como faria um mensageiro sujo.

Um homem com a boca cheia de comida veio atender. Ela lhe entregou a carta e disse, com sua voz mais rascante e grave:

– Para lorde Monteagle, pessoal e muito importante.

O homem mastigou e engoliu.

– E quem é o remetente?

– Um cavalheiro que me deu 1 *penny*.

– Certo, bom velho, tome aqui outro.

Margery estendeu a mão, pequena porém suja, pegou a moeda e deu as costas.

ix

Ned Willard e a maior parte do Conselho Privado estavam sentados em volta da mesa de Robert Cecil quando um criado entrou dizendo que lorde Monteagle precisava falar com urgência com o dono da casa.

Cecil pediu licença e disse para Ned acompanhá-lo. Monteagle aguardava num cômodo lateral, com o semblante nervoso, segurando uma folha na mão como se o papel pudesse explodir. Começou com uma frase que obviamente havia sido preparada:

– O autor desta carta parece pensar que eu sou um traidor – falou. – Mas espero provar que não ao trazê-la ao senhor, o secretário de Estado, menos de uma hora após tê-la recebido.

Ned achou uma ironia o alto e forte lorde Monteagle ter tanto medo do diminuto Cecil.

– Sua lealdade não está posta em dúvida – murmurou Cecil, num tom pacífico.

Não era de todo verdade, pensou Ned, mas Cecil estava sendo educado.

Monteagle lhe entregou a carta, e o secretário a pegou. Sua testa se enrugou quando ele começou a ler.

– Pela santa missa, mas que letra horrível!

Ele leu até o final, em seguida passou a carta para Ned. As mãos de Cecil eram longas e tinham os ossos finos, como as de uma mulher alta.

– Como isso chegou até o senhor? – indagou ele a Monteagle.

– Meu criado me trouxe durante o jantar. A carta lhe foi entregue por um homem que apareceu na porta dos fundos. Meu criado deu 1 *penny* ao mensageiro.

– Depois de ler a carta, o senhor mandou alguém chamar o mensageiro de volta?

– Claro, mas ele tinha sumido. Para ser franco, desconfio que meu criado

talvez tenha terminado sua refeição antes de me levar a carta, embora ele jure que não. De toda forma, não conseguimos encontrar o mensageiro quando o procuramos. Então selei o cavalo e vim direto para cá.

– O senhor fez bem.

– Obrigado.

– O que acha, Ned?

– Está claro que tudo não passa de uma farsa – respondeu Ned.

Monteagle se espantou.

– É mesmo?

– Olhe aqui. O autor diz que se importa com a sua proteção pelo amor que nutre por alguns de seus amigos. Parece improvável.

– Por quê?

– Esta carta é uma prova de traição. Se um homem fica sabendo sobre um complô para matar o rei, seu dever é alertar o Conselho Privado. Do contrário, ele pode ser condenado à morte. Um homem poria em risco a própria vida pelo bem do amigo de um amigo?

Monteagle ficou confuso.

– Não pensei nisso – falou. – Aceitei a carta sem questionar.

Cecil deu um sorriso experiente.

– Sir Ned nunca aceita nada sem questionar – disse ele.

– Na verdade, desconfio que o autor conheça o senhor muito bem ou, pelo menos, conheça alguém para quem o senhor pudesse mostrar a carta – continuou Ned.

Mais uma vez, Monteagle pareceu não entender.

– Por que diz isso?

– Ninguém escreve deste jeito a não ser uma criança em idade escolar que ainda não sabe controlar direito a pena. No entanto, a formulação é a de um adulto. Portanto, a caligrafia foi disfarçada de propósito. Isso sugere que alguém que pudesse ler a carta conhece o remetente bem o suficiente para reconhecer sua letra.

– Que terrível! – disse Monteagle. – Quem poderia ser?

– A frase sobre a maldade da nossa época é mera retórica – continuou Ned, pensando em voz alta. – O essencial da mensagem está na frase seguinte. Se

Monteagle for ao Parlamento, poderá morrer. Essa parte eu desconfio que seja verdade. Ela se encaixa com o que eu descobri em Paris.

– Mas como vai acontecer a matança? – perguntou Cecil.

– Essa é a pergunta-chave. Acredito que o autor da carta não saiba. Observe como os termos são vagos. “Eles irão sofrer um golpe terrível... Não irão ver quem os atingiu.” Isso sugere um perigo distante, talvez por tiros de canhão, mas nada muito específico.

Cecil aquiesceu.

– Ou então, é claro, a coisa toda poderia ser apenas fruto da imaginação de um louco.

– Acho que não – disse Ned.

Cecil deu de ombros.

– Não há indícios concretos, nem nada que possamos verificar. Uma carta anônima é apenas um pedaço de papel.

Cecil tinha razão, os indícios eram tênues... mas o instinto de Ned lhe dizia que a ameaça era real.

– Seja o que for que estivermos pensando, o rei precisa ver esta carta – falou, aflito.

– É claro – concordou Cecil. – Ele está caçando em Hertfordshire, mas isto vai ser a primeira coisa que verá ao voltar para Londres.

X

Margery sempre soubera que aquele dia terrível chegaria. Conseguira esquecer isso, até mesmo por anos a fio, e fora feliz, mas no fundo entendia que o dia do juízo iria chegar. Passara décadas enganando Ned, mas mentiras sempre acabam vindo à tona, mais cedo ou mais tarde, e sua hora havia chegado.

– Eu sei que Jean Langlais está planejando matar o rei – disse Ned, preocupado e frustrado. – Mas não posso fazer nada a respeito porque não sei quem é Langlais nem onde encontrá-lo.

Margery sentiu-se crucificada pela culpa. Sabia que o homem esquivo que Ned passara a maior parte da vida caçando era Rollo, mas guardara essa informação para si.

Contudo, agora tudo indicava que Rollo iria matar o rei, a rainha e seus dois filhos, além de todos os ministros mais importantes, entre eles o próprio Ned. Isso ela não podia permitir que acontecesse. No entanto, ainda não tinha certeza sobre o que fazer, pois, mesmo que revelasse o segredo, talvez isso não salvasse ninguém. Sabia quem era Langlais, mas não onde ele estava, e não fazia ideia de como ele planejava matar a todos.

Ela e Ned estavam sozinhos em casa. Haviam feito um desjejum de ovos de galinha com cerveja fraca e Ned já estava de chapéu, prestes a sair para encontrar-se com Robert Cecil. A essa hora do dia, muitas vezes tirava um tempo para, em pé junto à lareira, compartilhar seus temores com a mulher.

– Langlais é muito, muito cuidadoso... sempre foi – comentou Ned.

Margery sabia que era verdade. Os padres que ela ajudara Rollo a levar ilegalmente para a Inglaterra o conheciam como Langlais e nenhum deles fora informado de que ela era sua irmã. Isso também valia para todas as pessoas com quem ele conspirara para libertar Maria Stuart e torná-la rainha da Inglaterra: todas o conheciam como Langlais, nenhuma como Rollo Fitzgerald. Ao ser tão cauteloso, ele se diferenciava da maioria dos cúmplices nas conspirações. Os outros encaravam suas missões com espírito de aventura; Rollo, por outro lado, sempre soubera com que tipo de pessoa estava lidando, em especial Ned, e nunca assumira riscos desnecessários.

– Você não pode cancelar a abertura da sessão do Parlamento?

– Não. Podemos adiá-la ou transferi-la para outro local. Mas isso por si só seria bem ruim: os inimigos de Jaime diriam que o rei é tão odiado pelo povo que tem medo de abrir o próprio Parlamento e ser assassinado. Então quem vai tomar a decisão é o próprio rei. Mas a cerimônia terá de acontecer alguma hora, em algum lugar. O país precisa ser governado.

Margery não pôde mais suportar.

– Ned, eu fiz uma coisa terrível – confessou.

No início, ele não soube como interpretar aquilo.

– Que coisa?

– Não menti para você, mas escondi um segredo. Pensei que devesse esconder. Ainda penso que devia ter escondido. Mas você vai ficar muito zangado.

– Que conversa é essa?

– Eu sei quem é Jean Langlais.

Ned ficou estarelecido, o que não era comum.

– O quê? Como você poderia... Quem é?

– Rollo.

Foi como se Ned tivesse recebido a notícia da morte de alguém. Ele empalideceu e sua boca se escancarou. Ele então cambaleou e sentou-se pesadamente.

– E você sabia? – indagou por fim.

Margery não conseguiu responder. Teve a sensação de estar sendo estrangulada. Percebeu que lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Assentiu.

– Há quanto tempo?

Ela deu um arquejo, soluçou e conseguiu dizer:

– Desde sempre.

– Mas como pôde esconder isso de mim?

Quando ela encontrou as palavras, elas lhe jorraram da boca:

– Pensei que ele estivesse só levando padres inofensivos para a Inglaterra para ministrar os sacramentos aos católicos, aí você descobriu que ele estava conspirando para libertar Maria Stuart e matar a rainha Elizabeth e ele saiu do país, então voltou depois da armada espanhola, mas disse que estava tudo acabado e que não iria mais conspirar e que, se eu o traísse, iria revelar que Bartlet e Roger tinham ajudado a trazer os padres.

– Foi você quem escreveu a carta para Monteagle.

Ela aquiesceu.

– Queria avisar você sem condenar Rollo.

– Como você descobriu?

– Bartlet comentou comigo que não virá à abertura do Parlamento. Ele nunca faltou antes. Rollo deve ter lhe avisado.

– Tudo isso estava acontecendo e eu não sabia. Eu, o espião-chefe, enganado pela própria esposa.

– Ai, Ned!

Ele a encarou como se ela fosse a mais vil das criminosas.

– E Rollo estava em Kingsbridge no dia em que Sylvie morreu.

Aquelas palavras foram como uma bala, e ela constatou que não conseguia mais ficar em pé. Desabou de joelhos sobre o tapete.

– Você quer me matar, percebo isso – falou. – Vamos, pode matar, eu não posso mais viver.

– Eu ficava tão bravo quando os outros diziam que eu já não era digno de confiança para trabalhar para a rainha Elizabeth depois que me casei com uma católica... Que tolos, eu pensava. Agora está claro que o tolo fui eu.

– Não foi, não.

Ele lhe lançou um olhar tão cheio de raiva que o coração dela se partiu.

– Ah, fui, sim – falou.

Então saiu.

xi

Ned e Cecil falaram com o rei no dia 1º de novembro. Ele os recebeu em White Hall, na Galeria Longa, que ia dos aposentos pessoais até o pomar. Além de quadros, a galeria era decorada com tapeçarias de valor inestimável em brocados de ouro e prata, exatamente o tipo de coisa de que o rei Jaime gostava.

Ned sabia que Cecil questionava a autenticidade da carta de Monteagle e desconfiava que ela talvez houvesse sido escrita apenas para causar problemas. Seu chefe continuou acreditando nisso mesmo quando Ned lhe contou que o conde Bartlet, um nobre católico, planejava faltar à abertura do Parlamento sem qualquer motivo plausível e provavelmente fora alertado do perigo.

O plano do secretário de Estado era tomar todas as precauções possíveis, mas sem reagendar a cerimônia. Ned tinha outras intenções.

Ele queria fazer mais do que impedir os assassinatos planejados. Em um número excessivo de ocasiões, seguira o rastro de traidores apenas para vê-los fugirem amedrontados e depois fomentarem outro complô. Dessa vez queria prender os conspiradores. Queria finalmente prender Rollo.

Cecil entregou ao rei a carta enviada a Monteagle.

– É claro que ninguém jamais esconderia uma coisa dessas de Vossa Majestade – falou Cecil. – Por outro lado, talvez a carta não mereça ser levada a sério. Não há fatos que a validem.

– Não há nenhum fato, Majestade, mas há indicações que sustentam o que a carta diz – argumentou Ned. – Eu escutei boatos em Paris.

Jaime deu de ombros.

– Boatos – disse apenas.

– Não se pode acreditar neles, tampouco ignorá-los – ressaltou Ned.

– Exato.

Jaime leu a carta segurando-a junto ao lampião, pois a luz de inverno que entrava pelas janelas era fraca.

O rei não se apressou para terminar a leitura, e enquanto isso Ned pensou em Margery. Não a via desde sua revelação. Estava dormindo numa taberna. Não podia suportar a ideia de vê-la ou de falar com ela; era doloroso demais. Sequer conseguia identificar a emoção que o sufocava: se era raiva, ódio ou pesar. Tudo o que conseguia fazer era desviar o olhar e ocupar a mente com outra coisa.

O rei deixou a mão cheia de anéis que segurava a carta pender junto ao corpo e passou cerca de um minuto parado, fitando o nada. Havia um brilho de inteligência em seus olhos e uma expressão decidida nos lábios, percebeu Ned, mas um viés de indulgência transparecia na pele marcada e nos olhos inchados. Era difícil ser disciplinado e comedido quando se tinha o poder absoluto, supôs.

O rei leu a carta outra vez, então perguntou a Cecil:

– O que você acha?

– Poderíamos reforçar Westminster Yard com guardas e canhões agora mesmo. Então fecharíamos os portões e vasculharíamos o recinto de cima a baixo. Depois disso teríamos como controlar todo mundo que entrasse e saísse até a abertura do Parlamento transcorrer sem incidentes.

Era o plano preferido dele, mas tanto ele quanto Ned sabiam que precisavam dar ao rei opções, não instruções.

Por mais que se referisse ao direito divino dos reis, Jaime era sempre consciente de sua imagem.

– Precisamos tomar cuidado para não alarmar o público devido a algo que pode não ser nada – falou. – Isso faria o rei parecer fraco e assustado.

– O mais importante é a segurança de Vossa Majestade. Mas sir Ned tem outra sugestão.

Jaime encarou Ned com um ar indagador.

Ned estava pronto.

– Considere o seguinte, Majestade. Se houver um complô, então talvez os preparativos ainda não tenham sido concluídos. Sendo assim, se agirmos agora, talvez não encontremos o que estamos procurando. Pior: podemos encontrar preparativos incompletos, o que só nos proporcionaria provas questionáveis em caso de julgamento. Nesse caso, os católicos diriam que as acusações foram deturpadas como pretexto para perseguição.

Jaime ainda não estava entendendo.

– Precisamos fazer alguma coisa – falou o rei.

– De fato. Para capturar todos os conspiradores e reunir a maior quantidade possível de provas incriminatórias, precisamos agir na última hora. Isso protegerá Vossa Majestade tanto agora quanto no futuro, o que é igualmente importante.

Ned prendeu a respiração: aquele era o ponto crucial.

O rei olhou para Cecil.

– Acho que talvez ele tenha razão.

– Cabe a Vossa Majestade julgar.

O rei tornou a se virar para Ned.

– Muito bem. Aja no dia 4 de novembro.

– Obrigado, Majestade – disse Ned, aliviado.

Ned e Cecil se afastavam fazendo medidas quando algo ocorreu ao rei na última hora.

– Temos alguma ideia de quem está por trás dessa maldade? – perguntou ele.

Todo o descontrole de Ned com Margery voltou a dominá-lo como um maremoto e ele se esforçou para impedir o corpo de tremer.

– Sim, Majestade – respondeu, com uma voz que mal conseguiu controlar. – Um homem chamado Rollo Fitzgerald, de Shiring. Envergonha-me dizer que ele é meu cunhado.

– Nesse caso, pelo sangue de Deus, é melhor você pegar esse porco – disse Jaime, com mais do que uma sugestão de ameaça na voz.

CAPÍTULO 30

No domingo, 3 de novembro, quando os conspiradores ficaram sabendo da carta enviada a Monteagle, começaram a acusar uns aos outros de traição. A tensão tomou conta do ambiente nos aposentos do tesoureiro do guarda-roupa.

– Um de nós fez isso! – acusou Guy Fawkes, beligerante.

Rollo temeu que aqueles jovens agressivos comessem a brigar.

– Pouco importa quem seja – disse. – Ele foi mais tolo do que traidor.

– Como você pode ter certeza?

– Porque um traidor teria revelado os nossos nomes. Esse idiota só quis alertar Monteagle.

Fawkes se acalmou.

– Faz sentido, eu acho.

– A pergunta importante é quanto estrago foi feito.

– Exato – disse Thomas Percy. – Podemos continuar com o plano ou devemos abandoná-lo?

– Depois de tudo o que fizemos? Não.

– Mas se Cecil e Willard sabem...

– Ouvi dizer que a carta foi vaga em relação aos detalhes e Cecil não sabe o que fazer em relação a ela – disse Rollo. – Ainda temos uma grande chance. Não podemos desistir assim tão fácil... O sucesso está ao nosso alcance!

– Como podemos nos certificar?

– Você poderia fazer isso – disse Rollo a Percy. – Amanhã de manhã, quero que saia numa expedição de reconhecimento. Vá visitar o conde de Northumberland. Pense em algum pretexto... pedir-lhe um empréstimo, talvez.

– Com que objetivo?

– É só uma história de fachada, para ele não adivinhar que você na verdade está tentando descobrir quanto o Conselho Privado sabe.

– E como vou conseguir saber isso?

– Pela atitude dele com você. Se você estiver sob suspeita de traição, o conde quase com certeza já deve ter ouvido algum boato. Ele ficará nervoso na sua presença e ansioso para fazê-lo ir embora da casa dele o mais depressa possível. Talvez até lhe conceda o empréstimo só para se livrar de você.

Percy deu de ombros.

– Está bem.

O grupo se dividiu e Fawkes ficou responsável pelo recinto. Na manhã seguinte, Percy foi visitar Northumberland. Quando voltou, Rollo foi encontrá-lo numa taberna perto do portão de Bishop's Gate. Seu cúmplice tinha o semblante alegre.

– Encontrei-me com ele em Syon Place – falou.

Rollo sabia que essa era a casa de campo do conde, não muito distante do oeste londrino.

– Ele se recusou de imediato a me conceder um empréstimo, disse que eu era um esbanjador. Depois me convidou para almoçar.

– Então ele não desconfia de nada.

– Ou isso ou tem mais talento como ator do que Richard Burbage.

– Bom trabalho.

– Não chega a ser conclusivo.

– Mas é bastante sugestivo. Vou dar a boa notícia a Fawkes.

Rollo iniciou a travessia de Londres. Não se sentia seguro. Longe disso: Ned Willard estava perto demais para que isso fosse possível. No entanto, o cervo ainda tinha uma vantagem sobre os cães de caça, embora pequena. E ele só precisava se manter à frente mais um pouco... por algumas horas. No dia seguinte, naquele mesmo horário, tudo estaria feito.

Quando chegou perto o suficiente para ver a Câmara dos Lordes, contudo, sofreu um terrível baque.

Na parte de trás do prédio, onde ficava o acesso para o depósito, vários homens bem-vestidos saíam pela porta dos fundos da câmara no andar superior e desciam a escada externa de madeira. Rollo não se lembrava de algum dia ter visto alguém usar aquela porta.

Reconheceu o homem que liderava o grupo. Era o conde de Suffolk, que, por ocupar o cargo de lorde camareiro, tinha de tomar providências para a abertura

do Parlamento.

Junto com ele estava lorde Monteagle.

Rollo praguejou. Aquilo era ruim.

Recuou um passo e se escondeu atrás de uma quina. Reprimiu a vontade de fugir dali. Precisava descobrir o que estava acontecendo. O que quer que aqueles homens estivessem fazendo, era um perigo terrível para seu plano. Ficou observando, meio escondido, pronto para correr a qualquer instante.

O grupo desceu a escada e foi até a porta dupla do depósito onde estava escondida a pólvora. Rollo notou que estavam todos silenciosos e alertas. Suffolk tentou abrir a porta e constatou que estava trancada. Após algum debate, ordenou a um criado que a arrombasse.

Então isso é uma equipe de busca, pensou Rollo, com um peso no coração. Era de enlouquecer. Seu plano não poderia ser frustrado com tamanha facilidade, poderia?

O criado de Suffolk empunhou um pé de cabra. Rollo não tinha reforçado a porta; aquilo era um depósito, não uma tesouraria, e a instalação de barras de ferro ou trancas complexas teria chamado atenção. Assim, a porta se abriu sem grande dificuldade.

O grupo entrou.

Rollo foi depressa até os aposentos do tesoureiro do guarda-roupa e se esgueirou às pressas pelo corredor feito por Fawkes. Sem fazer barulho, abriu a porta que dava para o depósito e espiou lá dentro. O recinto estava na penumbra, como sempre: os lampiões da equipe de busca de Suffolk só iluminavam debilmente seu interior.

Mas eles tinham visto Guy Fawkes.

Que Deus nos salve, senão estamos perdidos, rezou Rollo em silêncio.

Fawkes estava em pé mais afastado para um dos lados, de capa e cartola, segurando um lampião. Pelo visto, Suffolk acabara de vê-lo, pois Rollo ouviu o conde dizer com espanto:

– Quem é você, homem?

Rollo prendeu a respiração.

– John Johnson, senhor – respondeu Fawkes.

Sua voz saiu calma: ele era um soldado, já tinha enfrentado o perigo antes.

Rollo desejou que o cúmplice não tivesse um nome tão obviamente inventado.

– E que diabo está fazendo aqui, Johnson?

– Meu patrão é inquilino deste depósito e dos aposentos anexos. Eu sou o zelador, por assim dizer, quando ele está ausente.

A história fazia sentido, pensou Rollo, esperançoso. Haveria algum motivo para Suffolk não aceitá-la?

– E com que finalidade seu patrão usa este espaço?

– Para armazenar lenha, como o senhor pode ver.

Os integrantes do grupo olharam para a pilha de lenha como se até então não a tivessem notado – o que era bem possível, considerando a luz fraca.

– E essa lenha toda só para uma residência? – estranhou Suffolk.

Fawkes não respondeu à pergunta retórica. Consternado, Rollo se deu conta de que deixara passar esse detalhe pouco plausível.

– Quem é seu patrão, afinal? – quis saber Suffolk.

– Thomas Percy.

A equipe de busca reagiu com murmúrios. Deviam saber que Percy era da guarda cerimonial do rei e que tinha parentes católicos.

A apreensão de Rollo foi tanta que o deixou nauseado. Aquele era o momento de maior perigo. Será que alguém teria a ideia de olhar *dentro* de uma pilha de lenha? Lembrou-se de ter feito o comentário leviano: “Mesmo que alguém revistasse este lugar, provavelmente não encontraria a pólvora.” Estava prestes a descobrir se era verdade. Sentia-se tenso a ponto de rebentar.

Suffolk chamou Monteagle de lado, e os dois chegaram mais perto de onde Rollo se posicionara, atrás da porta entreaberta. Ele ouviu Monteagle dizer, agitado:

– Isso envolve o conde de Northumberland!

– Fale baixo – retrucou Suffolk com mais calma. – Não podemos acusar um dos grandes pares do reino com base num estoque exagerado de lenha.

– Precisamos fazer alguma coisa!

– Não precisamos fazer nada a não ser informar o Conselho Privado sobre o que vimos.

Rollo deduziu que Suffolk não tinha pensado em revistar a pilha de lenha...

ainda.

– Sim, claro, tem razão, me perdoe – falou Monteagle, acalmando-se. – Tenho medo de vir a ser culpado por tudo isso só por ter recebido uma carta anônima.

Rollo ousou esperar que o nervosismo de Monteagle houvesse distraído Suffolk da busca.

O conde deu alguns tapinhas no ombro do colega.

– Entendo.

Os dois tornaram a se juntar aos outros.

Após alguma conversa superficial, a equipe de busca foi embora. Fawkes fechou como pôde a porta quebrada.

Rollo entrou no depósito.

– Eu ouvi tudo – falou. – Estava atrás da porta.

Fawkes o encarou.

– Que Jesus nos salve! – disse ele. – Foi por um triz.

ii

A vida de Margery se transformara num poço de infelicidade. Ela perdera o chão. Depois que Ned saiu de casa, ela passou uma semana bebendo pouco e sem comer nada. Não via motivo para sair da cama de manhã. Quando se forçava a levantar, ficava apenas sentada junto à lareira, chorando, até escurecer lá fora e ela poder voltar a dormir. Sua vida tinha acabado. Ela poderia ter ido para a casa do filho Roger, mas nesse caso seria obrigada a lhe explicar o motivo, e isso não conseguiria suportar.

Dois dias antes da abertura do Parlamento, porém, foi tomada pela ansiedade. Ned teria capturado Rollo? A cerimônia seria mantida? Ned estaria presente? Será que iriam todos morrer?

Vestiu um casaco e subiu a Strand até White Hall. Não entrou no palácio: ficou do lado de fora, meio escondida pela penumbra de uma tarde de inverno, esperando para ver o marido. Cortesãos chegavam e entravam usando seus chapéus de pele. Fraca de fome, teve de se apoiar numa parede para se manter de pé. Uma névoa fria subia do rio, mas ela já estava se sentindo tão abatida que

mal deu atenção.

Desejava de todo o coração não ter guardado o segredo de Rollo por tanto tempo. Deveria ter contado a verdade a Ned anos antes. Qualquer que fosse o momento escolhido, teria sido um terremoto, mas aquele era o pior de todos, porque Ned se tornara uma parte tão importante dela mesma que era impossível conceber a vida sem ele.

Por fim, Margery o viu. Ele chegou com um pequeno grupo de homens trajando casacos pesados, talvez membros do Conselho Privado. Tinha uma expressão sombria. Talvez fosse ilusão, mas ele parecia ter envelhecido muito em uma semana: rugas de preocupação lhe vincavam o rosto, e as faces pálidas exibiam uma barba grisalha por fazer.

Margery deu um passo para se pôr na sua frente, e ele parou. Ela observou o rosto dele, tentando adivinhar seus sentimentos. No início ele demonstrou apenas surpresa. Então a expressão mudou e ele pareceu zangado. O instinto de Margery lhe disse que ele vinha tentando esquecê-la e esquecer o que ela fizera e que não gostara de ser lembrado de nada daquilo. Será que havia algum sinal de abrandamento, algum indício de misericórdia? Não teve certeza.

Fez a pergunta que a levava até ali.

– Encontrou Rollo?

– Não – respondeu Ned, então passou por ela e entrou.

Margery foi soterrada pela tristeza. Ela o amava tanto...

Afastou-se dos portões do palácio. Imersa em pesar, foi andando sem rumo até a beira lamacenta do Tâmis. O rio era afetado pela maré, e naquele momento uma forte correnteza agitava e encrespava a superfície.

Pensou em entrar na água. Já estava quase escuro; era provável que ninguém a visse. Margery nunca aprendera a nadar: sua vida terminaria em poucos minutos. Ela sentiria frio e haveria longos instantes de arquejos e pânico, mas sua agonia teria fim.

Era pecado, um pecado mortal, mas o inferno não poderia ser pior do que aquilo. Ela pensou numa peça a que assistira, na qual uma moça se suicidava por afogamento após ser rejeitada pelo príncipe da Dinamarca e uma cômica dupla de coveiros debatia se ela deveria ter um enterro cristão. Não haveria enterro para Margery caso ela entrasse no rio. O corpo seria levado pela forte correnteza,

talvez até o mar, onde ela flutuaria suavemente até as profundezas para se juntar aos marinheiros mortos durante a batalha contra a armada espanhola.

E quem iria rezar a santa missa por sua alma? Protestantes não acreditavam em preces pelos mortos, e católicos não rezavam por suicidas. Além de morta, ela estaria amaldiçoada.

Passou muito tempo ali, dolorosamente puxada em sentidos opostos: de um lado a ânsia pela paz que a morte traria, do outro o horror de provocar a ira eterna de Deus.

Por fim, teve a impressão de avistar sua tia-avó, irmã Joan, vindo na direção dela por cima da lama, não como a conhecera, mas caminhando ereta, sem o auxílio de bengalas. Embora estivesse escuro, pôde ver seu rosto, que estava mais jovem e lhe sorria. A visão não disse nada, apenas segurou seu braço em silêncio e a afastou do rio com delicadeza. Quando elas chegaram perto de White Hall, Margery viu dois rapazes caminhando juntos, gargalhando de alguma coisa. Virou-se para perguntar a Joan se eles também podiam vê-la, mas a tia-avó não estava mais ali, e ela se viu sozinha de novo.

iii

Na tarde da segunda-feira, 4 de novembro, Rollo estava sentado com Guy Fawkes no meio do depósito, dando ao cúmplice as últimas instruções.

Pegou um estopim comprido feito de madeira apodrecida seca, altamente inflamável, depois uma caixinha com acendalha, pederneira e uma peça metálica. Sacou sua faca e fez na madeira várias marcas separadas pela largura de seu polegar.

– Fawkes, acenda o estopim, depois reze o pai-nosso, nem depressa nem devagar, do mesmo jeito que faria na igreja – instruiu ao outro.

Fawkes pôs fogo no estopim.

– *Pater Noster* – começou e recitou a oração inteira em latim.

Quando terminou, o estopim queimara quase até a primeira marca. Rollo o apagou.

– Então, quantos pais-nossos você demora para sair daqui e chegar bem longe? – indagou Rollo.

Fawkes enrugou a testa.

– Para sair daqui, fechar as portas e caminhar até o rio, dois pais-nossos – respondeu. – Para subir no barco, desamarrar a corda e soltar os remos, mais dois. Outros seis, talvez, para remar até longe o suficiente de modo a estar a salvo da explosão. Dez no total, digamos.

– Nesse caso, você deve cortar o estopim com o comprimento de dez polegares.

Fawkes aquiesceu.

Rollo se levantou.

– Hora de preparar a pólvora.

Fawkes puxou a mesa mais para perto, subiu nela e começou a retirar feixes de lenha do topo da pilha. Em vez de jogá-los no chão, foi passando para Rollo, pois eles seriam necessários para reconstruir a barreira... só por garantia, caso houvesse uma nova busca.

Rollo sentiu algo estranho no fundo do estômago. Tudo estava enfim acontecendo de verdade. Eles iriam matar o rei.

Após alguns minutos, abriram uma passagem na lenha até os barris.

Rollo tinha trazido um pé de cabra e uma ferramenta de jardinagem que parecia uma pequena pá. Removeu a tampa de um dos barris e o inclinou, fazendo o pó cinza-escuro se derramar no chão. Com a pá, criou uma trilha de pólvora do barril até a frente da pilha. Aquilo seria a espoleta. Tomara o cuidado de escolher uma pá de madeira: qualquer ferramenta de ferro poderia produzir faíscas nas pedras do chão e fazer tudo explodir num piscar de olhos.

O plano agora era real, e ele sentiu o corpo inteiro se animar ao pensar isso. Ali estavam a pólvora e o estopim; lá em cima estava o plenário; o dia seguinte seria a data. A explosão abalaria o reino e poria fim ao protestantismo inglês. O triunfo que ele vinha buscando fazia meio século estava ao seu alcance. Dali a poucas horas, o trabalho de uma vida inteira estaria concluído.

– Temos de recolocar a lenha no lugar com cuidado – falou. – O final da trilha de pólvora precisa estar bem debaixo do feixe da frente.

Juntos, os dois reconstruíram a pilha e a ajeitaram até Rollo ficar satisfeito.

– Hoje à noite, o restante de nós vai partir para o interior, de modo a estar pronto para o início do levante.

Fawkes assentiu.

– Amanhã de manhã, assim que tiver certeza de que o rei está no plenário, você simplesmente acende o estopim, põe no chão com a ponta apagada espetada bem firme na trilha de pólvora, depois vai embora.

– Sim – disse Guy Fawkes.

– Você vai conseguir ouvir a explosão no rio.

– Sim – repetiu Fawkes. – Vão conseguir ouvir a explosão em Paris.

iv

Na Galeria Longa de White Hall, a poucos minutos a pé de Westminster Yard, tudo estava calmo, mas os instintos de Ned disparavam um alarme alto e insistente.

Apesar de considerar Thomas Percy indigno de confiança, Robert Cecil não via nada de mau numa pilha de lenha. O conde de Suffolk estava preocupado com os problemas políticos que poderiam advir de uma acusação falsa contra o conde de Northumberland. Ned, contudo, tinha certeza de que alguém pretendia matar o rei e sabia que essa pessoa ainda não fora encontrada.

Felizmente, o rei Jaime compartilhava aquela sua sensação premente de perigo. Tinha uma camisa feita de ferro, que vestia em situações nas quais se sentia vulnerável, e decidiu usá-la no dia seguinte para a cerimônia de abertura do Parlamento. Essa precaução não bastou para Ned, e tarde da noite ele convenceu o rei a autorizar uma segunda busca na Câmara dos Lordes.

Os integrantes do Conselho Privado, ainda preocupados em não causar alarme desnecessário, insistiram para que o grupo fosse liderado por um juiz de paz de Westminster chamado Thomas Knevet e para que ele fingisse estar à procura de vestes cerimoniais do rei sumidas. A Ned pouco importava o que alegassem, contanto que ele fizesse parte do grupo.

Os outros levaram lampiões, mas ele empunhou uma tocha acesa, fazendo os que se preocupavam com a discrição franzirem o cenho.

– Busca é busca – falou, teimoso. – Quem não consegue ver direito não encontra nada.

Enquanto o grupo percorria a curta distância do palácio de White Hall até

Westminster Yard, com os lampiões a lançar sombras inquietas, Ned pensou em Margery. A esposa não lhe saía da cabeça, mesmo enquanto ele lutava para salvar a vida do rei. Estava extremamente bravo com ela, mas sentia sua falta de modo brutal. Detestava ir a uma taberna ruidosa todas as noites e dormir sozinho numa cama desconhecida. Queria conversar com Margery e pedir as opiniões dela. Seu coração doía de saudade. Secretamente, ter de administrar aquela emergência tão grande lhe causava certa satisfação, pois ocupava sua cabeça e o distraía da própria infelicidade.

O grupo entrou na Câmara dos Lordes pela porta principal e vasculhou o grande salão e os dois cômodos anexos, a Câmara do Príncipe e a Câmara Pintada.

Infelizmente, Ned não sabia o que procurava. Um assassino escondido? Um canhão dissimulado? Não encontraram nada.

Como vou me sentir, pensou, se for mesmo um alarme falso? Ficarei com cara de bobo, mas o rei continuará vivo, e é isso que importa.

No térreo havia diversas residências. Eles vasculharam o alojamento do porteiro e os aposentos do tesoureiro do guarda-roupa alugado por Thomas Percy. Então entraram no depósito, passando pela mesma porta dupla arrombada antes por Suffolk. Ned se espantou com o tamanho do espaço, mas, tirando isso, o lugar correspondia à descrição do conde, inclusive em relação ao criado de capa encarregado de vigiá-lo.

– Você deve ser Johnson – disse Ned ao sujeito.

– Ao seu dispor, senhor.

Ned franziu o cenho. Johnson lhe parecia familiar.

– Já o encontrei antes?

– Não, senhor.

Ned não tinha tanta certeza, mas, à luz tremeluzente da tocha, era difícil dizer.

Virou-se para a pilha de lenha. Havia bastante madeira. Será que Thomas Percy pretendia causar um incêndio? O fogo lamperia depressa o teto de madeira do depósito, que devia ser o piso do plenário da Câmara dos Lordes. Mas seria uma estratégia de assassinato pouco confiável. Muito provavelmente alguém sentiria o cheiro de fumaça, e a família real seria retirada do prédio em segurança

muito antes que o fogo se alastrasse. Para constituir um perigo sério, um incêndio precisaria arder depressa, com alcatrão e terebintina, como um brulote, de modo a transformar o prédio num inferno de labaredas antes que qualquer um pudesse sair. Havia alcatrão ou terebintina ali? Ned não estava vendo nada disso.

Chegou mais perto da pilha. Ao fazê-lo, ouviu Johnson reprimir um protesto. Virou-se e o encarou.

– Algum problema?

– Perdoe-me, senhor, mas sua tocha está soltando centelhas. Por favor, tome cuidado para não pôr fogo na lenha.

Johnson estava desnecessariamente nervoso.

– Se a madeira pegar fogo, você pode abafá-lo – disse Ned, descartando o perigo, e chegou mais perto ainda.

A madeira estava arrumada de forma meticulosa. Algo bem lá no fundo da memória de Ned se esforçava para vir à tona. A cena o fez pensar em outra, bem distante em seu passado, mas ele não conseguia identificá-la. Sentia que já passara por uma situação como aquela antes – estar de pé num depósito escuro, diante de uma pilha de alguma coisa –, mas não conseguia atinar quando nem onde.

Deu as costas para a pilha e viu que todos o observavam em silêncio. Achavam-no louco. Ele não se importava.

Tornou a olhar para o zelador de Percy e reparou que o homem estava de esporas.

– Vai a algum lugar, Johnson? – perguntou.

– Não, senhor.

– Então por que está de esporas?

– Andei a cavalo mais cedo.

– Hum. Suas botas parecem incrivelmente limpas para alguém que cavalgou neste clima de novembro.

Sem esperar resposta, Ned tornou a se virar para a lenha.

Uma mesa velha com um buraco no tampo estava posicionada perto da pilha, e ele calculou que alguém houvesse subido nela para posicionar com cuidado os feixes de cima.

De repente, a lembrança lhe voltou.

Fora na terrível noite do massacre de São Bartolomeu, em Paris. Ele e Sylvie tinham se refugiado no armazém da Rue du Mur, onde ela guardava o estoque secreto de livros proibidos. Ficaram escutando os sons abafados do motim na cidade, os gritos roucos dos homens lutando e os lamentos dos feridos, o estouro dos tiros e o badalar enlouquecido de centenas de sinos de igreja. No armazém, à luz de um lampião, ele havia observado uma pilha de barris que parecia preencher o espaço do chão até o teto e de um lado a outro.

Só que alguns dos barris podiam ser removidos para revelar caixas de literatura proibida.

– Pela santa missa – falou baixinho.

Entregou a tocha para outro segurar e subiu na mesa, tomando cuidado para não afundar o pé no buraco.

Uma vez em pé com relativa firmeza, esticou o braço e retirou o feixe de gravetos que estava por cima. Jogou-o no chão, depois pegou outro.

Ouviu um som de atrito e se virou. John Johnson tentava fugir, correndo em direção aos fundos do depósito.

Ned gritou um alerta, mas um de seus companheiros já estava agindo. Viu que era Edmund Doubleday que saía correndo atrás de Johnson.

O zelador chegou a uma porta na parede dos fundos que a luz débil não lhes permitira ver anteriormente e a escancarou.

Nessa hora, Doubleday saltou. Chocou-se contra Johnson, num baque que os demais puderam escutar. Ambos desabaram no chão.

Johnson se esforçou para se pôr de pé, mas Doubleday o segurou pela perna. Johnson lhe deu um chute na cara. Os outros então os cercaram. Quando Johnson tentou se erguer, tornaram a derrubá-lo. Alguém sentou em cima dele. Outro segurou seus braços, e um terceiro sentou em cima das pernas.

Johnson parou de se debater.

Ned atravessou o recinto e baixou os olhos para ele. Seu rosto agora estava claramente visível, à luz de vários lampiões.

– Agora o estou reconhecendo – disse Ned. – Você é Guy Fawkes.

– Vá para o inferno – retrucou Fawkes.

– Amarrem as mãos dele atrás das costas e prendam os tornozelos de modo que ele consiga andar, mas não correr.

– Não temos corda – lembrou alguém.

– Tirem a calça dele e a rasguem em tiras.

Um homem sem calça não iria muito longe.

Algo havia provocado a súbita fuga de Johnson.

– Do que você está com medo? – perguntou-lhe Ned, num tom de quem raciocina.

Não houve resposta.

Foi quando eu joguei no chão o segundo feixe de gravetos, pensou Ned. Qual seria o significado disso?

– Revistem os bolsos dele – falou.

Doubleday se ajoelhou ao lado de Johnson e o revistou. Seu rosto exibia uma grande marca vermelha do chute e já começava a inchar, mas ele ainda não parecia ter notado.

De dentro da capa de Johnson ele tirou um estopim feito de madeira apodrecida seca e também uma caixinha com acendalha, pederneira e uma peça metálica para produzir fagulhas.

Então ele ia atear fogo em alguma coisa, deduziu Ned. O estopim estava todo marcado, como para medir o tempo que levaria para se consumir... talvez para que a pessoa que a acendesse pudesse fugir antes de...

Antes do quê?

Ned olhou para a pilha de lenha, em seguida para o homem que segurava sua tocha acesa, e uma possibilidade aterrorizante lhe ocorreu.

– Leve minha tocha lá para fora agora mesmo, por favor, e apague o fogo – falou, conseguindo com grande esforço manter a voz calma. – Agora.

O homem a quem ele entregara a tocha se retirou depressa. Ned ouviu o silvo do fogo sendo apagado em água, decerto em algum cocho de cavalo ali perto, e respirou um pouco mais aliviado.

O interior continuava iluminado pelos lampiões dos outros integrantes da equipe de busca.

– Agora vejamos se esta parede de lenha esconde o que penso – disse ele.

Os mais jovens começaram a retirar os feixes. Quase de imediato, Ned viu um pó cinza-escuro no chão. Tinha quase a mesma cor das pedras do piso. Parecia pólvora.

Estremeceu ao pensar em quanto chegara perto dali carregando uma tocha acesa soltando centelhas. Não era de espantar que Johnson tivesse ficado nervoso.

Atrás dos feixes havia um espaço, igualzinho ao do armazém de Sylvie. Só que ali não eram Bíblias que estavam escondidas, e sim barris... dezenas de barris. Um deles fora inclinado para despejar um punhado de pó no chão. Ele ergueu um lampião para enxergar melhor e ficou abismado. Havia pelo menos trinta barris de tamanhos diversos... pólvora mais do que suficiente para arrasar a Câmara dos Lordes e matar todos lá dentro.

Inclusive Ned Willard.

Ficou surpreso com a raiva que sentiu ao pensar que Rollo planejava matar, além da família real, do restante do Conselho Privado e da maioria dos integrantes do Parlamento, também a ele.

Não foi o único a se sentir assim.

– Iam assassinar todos nós! – gritou Doubleday.

Várias outras vozes expressaram concordância.

Um dos homens em pé junto a Fawkes lhe deu um chute na virilha, e ele se contorceu de dor.

Apesar de entender aquele impulso, Ned fez cessar a violência.

– Precisamos dele consciente e falando – afirmou. – Ele vai nos dar os nomes de todos os colaboradores.

– Que pena! – disse um dos homens. – Minha vontade é matá-lo a pancadas.

– Não se preocupe – avisou Ned. – Daqui a algumas horas ele vai estar esticado no cavalete. Vai gritar e agonizar antes de trair os amigos. E depois disso vai ser enforcado, desmembrado e esquartejado.

Ele passou vários instantes encarando o homem caído no chão.

– Isso deve bastar como punição – falou por fim.

Rollo viajou a noite inteira, trocando de cavalo quando podia, e chegou a New Castle na manhã da terça-feira, 5 de novembro. Lá, ele e o conde Bartlet ficaram aguardando ansiosos o mensageiro de Londres que lhes traria a feliz notícia da

morte do rei.

Na capela que integrava o complexo do castelo havia dezenas de armaduras, espadas e armas de fogo. Assim que soubesse que o rei estava morto, Bartlet iria convocar e armar os católicos leais e marchar com eles rumo a Kingsbridge, onde Rollo rezaria a santa missa em latim na catedral.

Caso algo saísse errado e a notícia de Londres não fosse a que ele esperava, Rollo traçara um plano alternativo. Um cavalo veloz fora preparado e dois alforjes foram carregados com uns poucos itens de primeira necessidade. Ele iria até Combe Harbour e pegaria o primeiro navio para a França. Com sorte, conseguiria escapar antes que Ned Willard fechasse os portos ingleses em sua caça aos conspiradores que puseram a pólvora em Westminster.

Era quase impossível que alguma notícia lhes chegasse ainda na terça, mas mesmo assim ele e Bartlet ficaram acordados até tarde. Rollo teve uma noite agitada e acordou na quarta-feira com a primeira luz da aurora. Será que o mundo mudara? Será que a Inglaterra estava no meio de uma revolução? Com certeza teriam as respostas antes do pôr do sol.

Ficaram sabendo ainda cedo.

Rollo fazia o jejum com Bartlet e sua família quando eles ouviram o som de cascos no pátio. Todos se levantaram com um pulo, atravessaram a casa apressados e saíram correndo pela porta principal, loucos de ansiedade para saber o que acontecera.

Uns dez homens e cavalos ocupavam o pátio. Por alguns instantes, não ficou claro quem estava no comando. Rollo correu os olhos pelos rostos em busca de alguém conhecido. Estavam todos fortemente armados, alguns com espadas e adagas, outros com armas de fogo.

Foi então que viu Ned Willard.

Rollo congelou. O que significava aquilo? Será que o plano tinha saído errado? Ou será que a revolução começara e Ned fazia parte de uma reação desesperada por parte dos frangalhos do governo protestante?

Ned forneceu a resposta na hora.

– Encontrei sua pólvora – disse ele.

As palavras atingiram Rollo feito balas. Ele teve a sensação de ter levado um tiro no peito. O complô fracassara. Sentiu a raiva ferver dentro de si ao pensar

em como Ned o frustrara tantas e tantas vezes ao longo dos anos. Queria agarrá-lo pelo pescoço e esganá-lo até a morte.

Tentou conter as emoções e raciocinar direito. Então Ned encontrara a pólvora... mas como sabia que fora Rollo quem a pusera lá?

– Minha irmã me traiu? – indagou ele.

– Ela guardou seu segredo por três décadas a mais do que deveria.

Traído por uma mulher. Jamais deveria ter confiado nela.

Pensou no cavalo que preparara. Será que tinha uma ínfima chance de escapar daquele bando de homens jovens e fortes, chegar ao estábulo e fugir?

Ned pareceu ler seu pensamento.

– Vigiem-no com cuidado – ordenou aos outros, apontando para Rollo. – Ele vem escapando por entre os meus dedos há trinta anos.

Um dos homens ergueu um arcabuz de cano comprido e mirou no nariz de Rollo. Era uma arma antiga, com estopim, e ele viu que estava aceso e pronto para ser encostado na pólvora se preciso.

Nessa hora Rollo compreendeu que estava tudo acabado.

O conde Bartlet começou a protestar, indignado, mas Rollo estava impaciente pelo fim. Tinha 70 anos, e não lhe restava nenhum motivo para viver. Passara a vida inteira tentando destruir a monarquia herege da Inglaterra, mas fracassara. Não teria outra chance.

Matthewson, neto do representante da rainha que Rollo recordava da sua juventude, dirigiu-se a ele com uma voz firme, porém calma.

– Por favor, senhor, sem confusão – disse ele. – Não vai ajudar ninguém.

Tanto o tom sensato do homem quanto os protestos de Bartlet pareciam apenas um ruído de fundo para Rollo. Com a sensação de estar num sonho ou talvez numa peça de teatro, ele levou a mão até dentro do gibão e sacou a adaga.

– Largue essa faca! – ordenou, com pânico na voz, o guarda que apontava o arcabuz para ele.

A arma tremia na sua mão, mas ele conseguiu continuar apontando para a cara de Rollo.

Fez-se silêncio e todos olharam para o padre.

– Eu vou matar você – disse Rollo ao guarda.

Não tinha a intenção de fazer isso, mas ergueu a faca bem alto, tomando o

cuidado de não mexer a cabeça e estragar a mira do rapaz.

– Prepare-se para morrer – falou.

Atrás do guarda, Ned se mexeu.

O jovem puxou o gatilho, e o estopim aceso encostou na pólvora. Rollo viu um clarão e ouviu um estouro. Compreendeu na mesma hora que tinham lhe roubado a chance de uma morte fácil. No último segundo, o cano fora desviado por Ned. Ele sentiu uma forte dor na lateral da cabeça e sangue na orelha: a bala o atingira de raspão.

Ned agarrou seu braço e lhe tirou a faca.

– Ainda não terminei com você – falou.

vi

Margery foi convocada para falar com o rei.

Não seria a primeira vez que encontraria o rei Jaime. Nos dois anos desde o início de seu reinado, ela comparecera a várias festividades reais com Ned: banquetes, cortejos e peças de teatro. O marido considerava Jaime um homem interessado sobretudo nos prazeres sensuais, mas Margery julgava que ele tinha um viés cruel.

Rollo devia ter confessado tudo sob tortura, portanto teria contado sobre a participação dela ao acolher padres ilegais na Inglaterra. Supôs que seria acusada, presa e executada junto com o irmão.

Pensou em Maria Stuart, corajosa mártir católica. Queria morrer com dignidade como a rainha morrera. Mas Maria era da realeza e, misericordiosamente, fora decapitada. As traidoras mulheres eram queimadas na fogueira. Será que ela conseguiria manter a dignidade e rezar por seus algozes quando estivesse morrendo? Ou será que iria gritar e chorar, amaldiçoar o papa e implorar clemência? Não sabia.

Para ela, o pior era a possibilidade de Bartlet e Roger terem o mesmo destino.

Vestiu suas melhores roupas e foi até White Hall. Para sua surpresa, Ned a aguardava na antessala.

– Vamos entrar juntos – disse ele.

– Por quê?

– Você vai ver.

Ele estava tenso, todo contraído, e Margery não soube dizer se ainda sentia raiva dela.

– Eu vou ser executada? – perguntou.

– Não sei.

Margery ficou tonta e teve medo de desmaiar. Ned a viu cambaleando e a amparou. Por um instante, ela afundou nos seus braços, aliviada demais para se manter em pé. Então se afastou. Não tinha direito ao abraço dele.

– Vou ficar bem – garantiu.

Ned ainda segurou seu braço mais um pouco, então soltou, e ela conseguiu se sustentar. No entanto, ele continuou a encará-la com o cenho franzido de raiva. O que significava aquilo?

Não teve muito tempo para refletir a respeito, pois um criado real meneou a cabeça para Ned indicando que eles deveriam entrar.

Os dois adentraram a Galeria Longa lado a lado. Margery ouvira dizer que o rei Jaime gostava de fazer reuniões ali porque podia olhar os quadros quando ficava entediado.

Ned se curvou, Margery fez uma mesura e Jaime falou:

– O homem que salvou minha vida!

Ele babava um pouco ao falar, uma pequena deselegância que parecia condizente com alguém dado aos prazeres sensuais.

– Vossa Majestade é muito gentil – comentou Ned. – E é claro que já conhece lady Margery, condessa viúva de Shiring e minha esposa há dezesseis anos.

Jaime aquiesceu, mas não disse nada. Pela frieza do rei, Margery deduziu que ele conhecia suas convicções religiosas.

– Tenho um favor a pedir a Vossa Majestade – falou Ned.

– Minha tentação é dizer: “Seja o que for que me pedir, eu lhe darei, até a metade do meu reino”, porém essa frase tem um histórico ingrato – retrucou Jaime.

Ele se referia à história de Salomé, que pedira a cabeça de João Batista numa bandeja.

– Não acho que eu algum dia tenha pedido qualquer coisa a Vossa Majestade, embora talvez meus serviços tenham me valido a sua estima.

– O senhor me salvou daqueles demônios malvados da pólvora... eu, minha família e todo o Parlamento – falou Jaime. – Vamos, diga logo... o que deseja?

– Durante o interrogatório de Rollo Fitzgerald, ele fez determinadas acusações sobre crimes cometidos muitos anos atrás, nas décadas de 1570 e 1580, durante o reinado da rainha Elizabeth.

– A que tipo de crimes estamos nos referindo?

– Ele confessou ter trazido padres católicos para a Inglaterra.

– Vai morrer enforcado, de toda forma.

– Ele alega ter tido colaboradores.

– E quem eram esses colaboradores?

– Bart, finado conde de Shiring; sua então esposa Margery, hoje casada comigo; e os dois filhos do casal, Bartlet, atual conde, e lorde Roger.

A expressão do rei se tornou sombria.

– É uma acusação grave.

– Peço a Vossa Majestade que leve em consideração que uma mulher pode ser controlada por um marido determinado e por um irmão igualmente dominador e que ela e os filhos não são de todo culpados de crimes cometidos sob uma influência masculina tão forte.

Margery sabia que não era verdade. Ela fora a líder, não a seguidora. Poderia ter dito isso caso a sua vida fosse a única em jogo. Mas mordeu a língua.

– Peço a Vossa Majestade que poupe a vida deles – disse Ned. – É a única recompensa que peço por ter salvado a sua.

– Não posso dizer que esse pedido me agrade – respondeu o rei.

Ned permaneceu em silêncio.

– Contudo o senhor afirma que esses padres foram trazidos para a Inglaterra muito tempo atrás.

– Na época da tentativa de invasão pela armada espanhola. A partir de então, Rollo Fitzgerald parou de envolver a família em seus crimes.

– Eu sequer consideraria esse pedido não fossem os serviços notáveis que o senhor prestou à Coroa inglesa durante tantos anos.

– Durante a minha vida inteira, Majestade.

Apesar da cara mal-humorada, o rei por fim assentiu.

– Muito bem. Os colaboradores de Fitzgerald não serão levados a julgamento.

– Obrigado.

– Podem ir.

Ned se curvou, Margery fez uma mesura e ambos se retiraram.

Foram caminhando juntos sem dizer nada pela sequência de antessalas até saírem do palácio e chegarem à rua. Então viraram os dois na direção leste. Passaram pela igreja de St. Martin-in-the-Fields e a Strand. Só o que Margery conseguia sentir era alívio. Todas as mentiras e dissimulações haviam chegado ao fim.

Passaram pelos palácios situados à margem do Tâmis e entraram na menos abastada Fleet Street. Ela não sabia o que passava pela cabeça de Ned, mas teve a impressão de que iria para casa com ela. Ou seria demais esperar uma coisa dessas?

Eles entraram na cidade pelo portão de Lud Gate e começaram a subir a encosta. À sua frente, no alto da colina, a catedral de St. Paul se erguia, monumental, acima das fileiras de casas baixas com telhado de sapê, qual uma leoa junto aos filhotes. Embora Ned continuasse sem dizer nada, Margery sentiu que a disposição dele havia mudado. O rosto foi relaxando aos poucos, os vincos de tensão e raiva pareceram se dissolver, e surgiu até um esboço daquele seu antigo sorriso de ironia. Encorajada, ela estendeu a mão e segurou a dele.

Por vários instantes, Ned a deixou segurar sua mão sem reagir, mantendo-a inerte. Então, por fim, Margery o sentiu apertar seus dedos, um aperto delicado porém firme, e soube que tudo iria ficar bem.

Nós o enforcamos em frente à catedral de Kingsbridge.

Margery e eu não queríamos nos juntar aos espectadores, mas tampouco poderíamos estar ausentes, de modo que ficamos assistindo pela janela da casa antiga. Ela irrompeu em prantos quando Rollo foi trazido do salão da guilda até a praça do mercado pela rua principal e conduzido até o cadafalso.

Quando o apoio foi tirado de baixo dos pés dele, Margery começou a rezar por sua alma. Como protestante, nunca acreditei em orar pela alma dos mortos, mas, por ela, me juntei à prece. E, também por sua causa, eu providenciara algo mais. Rollo deveria ter sido tirado da forca e estripado ainda vivo, em seguida esquartejado, mas eu subornara o carrasco, de modo que o deixaram sufocar antes que seu corpo fosse mutilado – para decepção do público, que desejava ver o traidor sofrer.

Depois disso, aposentei-me da vida na corte. Margery e eu voltamos para Kingsbridge e lá fixamos residência. Roger, que nunca descobriu ser meu filho, assumiu meu lugar como representante na Câmara dos Comuns do Parlamento. Meu sobrinho Alfo se tornou o homem mais rico da cidade. Eu permaneci senhor de Wigleigh; nutria uma forte afeição pelos habitantes de meu pequeno vilarejo.

Então Rollo foi o último dos homens que mandei para o patíbulo. Mas resta ainda uma parte da história a ser contada...

EPÍLOGO

1620

Aos 80 anos, Ned passava muito tempo dormindo. Tirava cochilos à tarde, ia se deitar cedo e às vezes pegava no sono após o desjejum na saleta.

Sua casa vivia cheia. Alfo, filho de Barney, e Roger, filho de Ned, tinham filhos e netos. Roger comprara o imóvel ao lado, e as crianças tratavam as duas residências como um só lar.

Alguém tinha lhes dito que vovô Ned sabia tudo, e seus bisnetos muitas vezes entravam correndo na saleta cheios de perguntas. Ele nunca deixava de se intrigar com o que desejavam saber: quanto tempo se leva para chegar ao Egito? Jesus teve uma irmã? Qual é o maior número que existe?

Ned observava as crianças com imenso prazer, fascinado ao notar como as características da família eram distribuídas de forma aleatória entre elas: uma possuía o mesmo charme malandro de Barney; outra, a determinação incansável de Alice; e uma menininha em especial o deixava com os olhos rasos d'água ao sorrir igualzinho a Margery.

Os traços herdados se manifestavam também de outras formas. Alfo era prefeito da cidade, como seu avô Edmund tinha sido. Roger integrava o Conselho Privado do rei Jaime. Em New Castle, o conde Swifty, infelizmente, era um homem truculento e arrogante como tinham sido Swithin, Bart e Bartlet.

A família crescera feito uma árvore que estendesse seus galhos, e Ned e Margery tinham assistido juntos a essa evolução até a vida dela se encerrar em paz, fazia três anos. Quando estava sozinho, Ned às vezes ainda conversava com ela. “Alfo comprou a taberna Slaughterhouse”, dizia ele ao se deitar no final do dia. Ou então: “O pequeno Eddie já está da minha altura.” Pouco importava que Margery não respondesse: sabia o que ela teria pensado. “O dinheiro gruda nos dedos de Alfo feito mel”, ela teria dito, ou: “Mais dia, menos dia, Eddie vai começar a correr atrás das garotas.”

Fazia muitos anos que Ned não ia a Londres, e nunca mais o faria. Por mais estranho que pudesse parecer, não tinha saudades da animação de perseguir espiões e traidores, nem dos desafios e intrigas do governo. O que mais lhe fazia falta era o teatro. Adorava peças desde o dia em que vira a história de Maria Madalena ser encenada em New Castle naquela festa da Epifania do Senhor, tantas décadas antes. Mas uma peça de teatro era um acontecimento raro em Kingsbridge: as companhias itinerantes só apareciam uma ou duas vezes por ano, para se apresentarem no pátio da Bell Inn. O consolo de Ned era ter algumas de suas peças favoritas em formato de livro, e assim poder lê-las. Havia um escritor de quem gostava em especial, embora nunca conseguisse recordar o nome do sujeito. Esquecia muitas coisas ultimamente.

Estava com um livro no colo agora e pegara no sono enquanto lia. Perguntando-se o que o fizera acordar, ergueu os olhos e deparou com um rapaz de cabelos escuros e encaracolados iguais aos de Margery: era seu neto Jack, filho de Roger. Sorriu. Jack tinha outras características em comum com Margery: era bonito, charmoso e espevitado... e dedicado demais à religião. Seu extremismo fora na direção oposta à da avó, e ele era agora um puritano. Isso causava discussões acaloradas com seu pragmático pai.

Jack tinha 27 anos e era solteiro. Para surpresa da família, decidira virar construtor e prosperara. Havia construtores famosos no passado da família; talvez aquilo também fosse uma herança.

Sentando-se de frente para o avô, o rapaz falou:

- Tenho uma notícia importante, vovô. Estou indo embora.
- Por quê? Você tem um negócio de sucesso aqui em Kingsbridge.
- O rei torna a vida desconfortável para quem leva a sério os ensinamentos da Bíblia.

O que Jack queria dizer era que ele e seus amigos puritanos insistiam em discordar da Igreja inglesa em relação a vários pontos da doutrina, e o rei Jaime se mostrava tão intolerante com eles quanto com os católicos.

– Eu ficaria muito triste em ver você partir, Jack – disse Ned. – Você me lembra a sua avó.

– Ficarei triste em me despedir. Mas nós queremos viver num lugar em que possamos cumprir a vontade de Deus sem interferência.

– Passei minha vida inteira tentando fazer da Inglaterra um país assim.
– Só que não é, certo?
– Até onde eu sei, é mais tolerante do que qualquer outro lugar. Para onde você iria em busca de mais liberdade?

– Para o Novo Mundo.
– Pelo corpo de Deus! – disparou Ned, no susto. – Não pensei que fosse tão longe assim. Perdoe os termos, você me espantou.

Jack meneou a cabeça para aceitar as desculpas. Reprovava quase tanto quanto os católicos as exclamações blasfemas que Ned aprendera com a rainha Elizabeth; no entanto, não disse nada a respeito.

– Um grupo nosso decidiu navegar até o Novo Mundo e fundar uma colônia.
– Que aventura! É o tipo de coisa que sua avó Margery teria adorado fazer.

Ned invejou a juventude e a coragem de Jack. Ele próprio nunca mais voltaria a viajar. Por sorte, tinha fartas lembranças: de Calais, de Paris, de Amsterdã. Recordava cada detalhe dessas viagens, mesmo quando não conseguia saber em que dia da semana estavam.

– Embora Jaime em teoria continue sendo nosso rei, esperamos que se interesse menos pela forma como decidirmos cultuar a Deus, já que será impossível para ele fazer valerem suas leis tão longe – contou Jack.

– Você tem razão, ousou dizer. Desejo-lhe tudo de bom.
– Reze por nós, por favor.
– Rezarei. Diga-me o nome do navio para eu pedir a Deus que o proteja.
– O navio se chama *Mayflower*.
– *Mayflower*. Preciso tentar não esquecer.

Jack foi até a mesa de escrever.

– Vou anotar para o senhor. Quero que estejamos nas suas preces.
– Obrigado.

O fato de Jack se importar tanto com as preces de Ned era estranhamente comovente.

O rapaz escreveu num pedaço de papel e pousou a pena.

– Agora preciso deixá-lo... tenho muito a fazer.
– Claro. Estou mesmo me sentindo cansado. Talvez tire um cochilo.
– Durma bem, vovô.

– Que Deus o acompanhe, meu menino amado.

Jack saiu, e Ned olhou pela janela para a grandiosa fachada oeste da catedral. Dali podia ver um pedacinho da entrada do cemitério onde tanto Sylvie quanto Margery estavam sepultadas. Não baixou os olhos para o livro. Estava feliz com os próprios pensamentos. Eles muitas vezes lhe bastavam, agora.

Sua mente parecia uma casa que ele passara a vida inteira mobiliando. As mesas e camas eram as canções que sabia cantar, as peças às quais assistira, as catedrais visitadas e os livros lidos em inglês, francês e latim. Compartilhava essa casa imaginária com os membros de sua família, os vivos e os mortos: os pais, seu irmão, as mulheres que amara, as crianças. Havia quartos de hóspedes para visitas importantes como Francis Walsingham, William e Robert Cecil, Francis Drake e, naturalmente, a rainha Elizabeth. Os inimigos também estavam lá: Rollo Fitzgerald, Pierre Aumande de Guise, Guy Fawkes... mas ficavam trancados na adega, pois não podiam mais lhe fazer mal.

Os quadros nas paredes retratavam as ocasiões em que ele fora corajoso, ou inteligente, ou gentil. Tornavam sua casa um lugar feliz. E as coisas ruins que ele fizera – as mentiras que contara, as pessoas que traíra e os momentos em que fora covarde – estavam rabiscadas em garranchos na parede do barracão do quintal.

Sua memória formava a biblioteca da casa. Ele podia pegar qualquer livro e, na mesma hora, ser transportado para outro lugar e outra época: a escola de Kingsbridge durante sua infância inocente, o Palácio de Hatfield no emocionante ano de 1558, as margens do Sena na sangrenta noite de São Bartolomeu, o Canal da Mancha durante a batalha contra a armada espanhola. Estranhamente, o personagem Ned que morava nessas histórias não era sempre o mesmo. Parecia-lhe às vezes que uma pessoa diferente aprendera latim, que outro homem sucumbira ao feitiço da jovem princesa Elizabeth, que um personagem distinto esfaqueara um homem sem nariz no cemitério da igreja de Saint-Julien-le-Pauvre e que outro ainda vira os brulotes dispersarem os galeões espanhóis perto de Calais. Mas é claro que todos eram apenas versões diferentes dele próprio, o dono daquela casa.

E um dia, em breve, a casa iria ruir, como acontece com as velhas construções, e então, bem depressa, tudo iria virar pó.

Com esse pensamento, ele pegou no sono.

FIM

AGRADECIMENTOS

Meus consultores históricos para *Coluna de fogo* foram: Mercedes García-Arenal, para os assuntos relacionados à Espanha; o já falecido Roderick Graham, para os assuntos relacionados à Escócia; Robert Hutchinson, para os assuntos relacionados à Inglaterra; Guy Le Thiec, para os assuntos relacionados à França; e Geoffrey Parker, para os assuntos relacionados aos Países Baixos.

Também fui auxiliado por: Anne-Laure Béatrix e Béatrice Vingtrinier, do Louvre, em Paris; Dermot Burke, de Hatfield House; Richard Dabb e Timothy Long, do Museu de Londres; Simon Lennox, Trisha Muir e Richard Waters, do Castelo de Loch Leven; Sarah Pattinson, do Castelo de Carlisle; Les Read, em relação ao teatro inglês quinhentista; e Elizabeth Taylor, da National Portrait Gallery, de Londres.

Meus editores foram: Cherise Fisher, Leslie Gelbman, Phyllis Grann, Neil Nyren, Brian Tart e Jeremy Trevathan.

Amigos e parentes que deram conselhos incluem: John Clare, Barbara Follett, Emanuele Follett, Tony McWalter, Chris Manners, Charlotte Quelch, John Studzinski, Jann Turner e Kim Turner.

Todos vocês me ajudaram a escrever um livro melhor, e eu lhes agradeço do fundo do coração.

QUEM É REAL?

Os leitores às vezes me perguntam quais dos personagens de um romance são figuras históricas reais e quais são fictícias. Para quem estiver curioso em relação a isso, eis uma lista de quem é real em Coluna de fogo.

Inglaterra

Maria Tudor, rainha da Inglaterra

Elizabeth Tudor, sua meia-irmã e mais tarde rainha

Tom Parry, tesoureiro de Elizabeth

Sir William Cecil, conselheiro de Elizabeth

Robert Cecil, filho de William

Sir Francis Walsingham, chefe do serviço secreto

Robert Dudley, conde de Leicester

Sir Nicholas Throckmorton

Nicholas Heath, chanceler

Sir Francis Drake, capitão de navio

Sir John Hawkins, comandante naval, que dizem ter sido também pirata

Sir Francis Throckmorton

George Talbot, conde de Shrewsbury

Bess de Harwick

Sir Amias Paulet

Gilbert Gifford, espião

William Davison, secretário de Estado interino da rainha Elizabeth

Anthony Babington, traidor

Margarida Clitherow, mártir católica

Charles Howard, almirante e segundo barão Howard de Effingham

Philip Herbert, quarto conde de Pembroke e primeiro conde de Montgomery

Edmund Doubleday

Guy Fawkes
Thomas Percy

França

Francisco, duque de Guise
Henrique, filho de Francisco
Carlos, cardeal da Lorena, irmão de Francisco
Maria de Guise, irmã de Francisco e mãe de Maria, rainha da Escócia
Luís de Guise, cardeal apelidado de Garrafas
Ana d'Este, duquesa de Guise
Henrique II, rei da França
Catarina de Médici, rainha da França
Diane de Poitiers, amante do rei Henrique II
Filhos de Henrique e Catarina:
 Francisco II, rei da França
 Carlos IX, rei da França
 Henrique III, rei da França
 Margarida, rainha de Navarra
Maria Stuart, rainha da Escócia
Antônio, rei de Navarra
Henrique, filho de Antônio, mais tarde rei Henrique IV da França
Luís, príncipe de Condé
Gaspard de Coligny, almirante da França
Charles de Louviers, assassino
William Allen, líder dos católicos ingleses exilados
Ambroise Paré, cirurgião real
Jean de Poltrot, assassino
Jean de Hangest
Jean Le Charron, preboste de Paris

Escócia

James Stuart, meio-irmão ilegítimo de Maria, rainha da Escócia
Jaime Stuart, filho de Maria, mais tarde rei Jaime VI da Escócia e rei Jaime I
da Inglaterra
Ana da Dinamarca, rainha da Escócia
John Leslie, bispo de Ross
Sir William Douglas
Lady Agnes, sua esposa
George, meio-irmão de sir William
Willie Douglas, filho ilegítimo de sir William

Espanha

Rei Filipe II
Conde de Feria, diplomata
Álvaro de la Quadra, bispo
Bernardino de Mendoza, embaixador em Londres
Alonso Pérez de Guzmán, sétimo duque de Medina-Sidonia, almirante da
armada espanhola

Países Baixos

Margarida de Parma, governadora dos Países Baixos, meia-irmã ilegítima do
rei Filipe II
Pieter Titelmans, inquisidor-geral

SOBRE O AUTOR



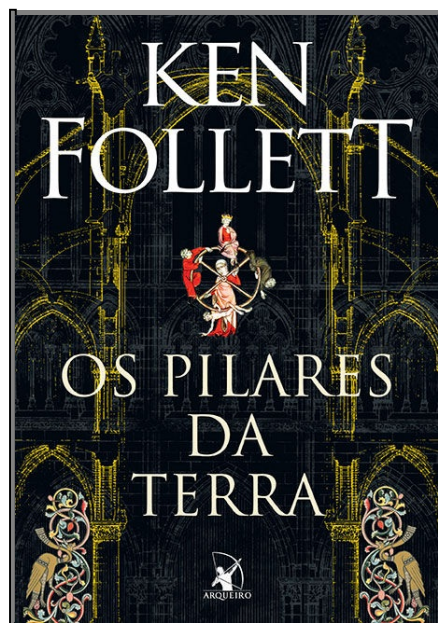
Ken Follett irrompeu no cenário da literatura aos 27 anos, com *O buraco da agulha*, thriller premiado que chegou ao topo das listas de mais vendidos em vários países. Depois de outros sucessos do gênero, surpreendeu a todos com *Os pilares da terra* – publicado em e-book pela Arqueiro –, um romance que até hoje, mais de 25 anos após seu lançamento, continua encantando o público mundo afora.

Suas obras já venderam mais de 150 milhões de exemplares. *Eternidade por um fio*, último volume da série “O Século” (composta também por *Queda de gigantes* e *Inverno do mundo*), foi direto para a primeira posição das listas de mais vendidos de vários países. Dele, a Editora Arqueiro publicou também *Mundo sem fim*, *Um lugar chamado liberdade*, *Noite sobre as águas*, *As espiãs do Dia D*, *O homem de São Petersburgo*, *A chave de Rebecca* e *O voo da vespa*.

O autor vive na Inglaterra com a mulher, Barbara Follett.

Para mais informações, visite o site www.ken-follett.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



OS PILARES DA TERRA (somente em e-book)

Emocionante e pontilhado de detalhes históricos, *Os Pilares da Terra* já vendeu mais de 18 milhões de exemplares e conquista novos leitores há mais de vinte anos ao traçar o retrato de uma época turbulenta, marcada por conspirações, violência e o surgimento de uma nova ordem social e cultural.

Na Inglaterra do século XII, Philip, um fervoroso prior, acredita que a missão de vida que Deus lhe designou é erguer uma catedral à altura da grandeza divina. Um dia, o destino o leva a conhecer Tom, um humilde e visionário construtor que partilha o mesmo sonho. Juntos, os dois se propõem a construir um templo gótico digno de entrar para a história.

No entanto, o país está assolado por sangrentas batalhas pelo trono, deixado vago por Henrique I, e a construção de uma catedral não é prioridade para nenhum dos lados, a não ser quando pode ser usada como peça em um intrincado jogo de poder.

Os Pilares da Terra conta a saga das pessoas que gravitam em torno da construção da igreja, com seus dramas, fraquezas e desafios.



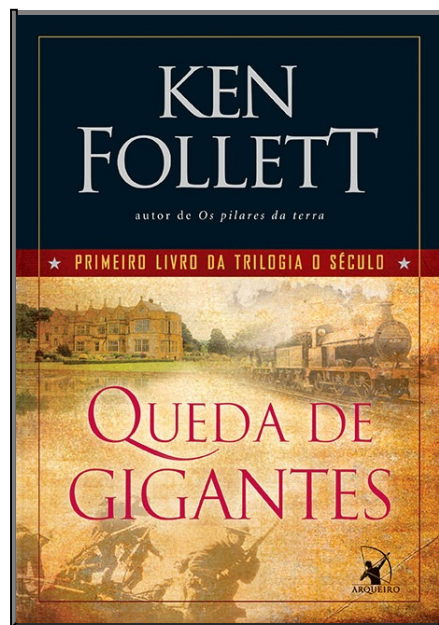
MUNDO SEM FIM

Uma guerra que dura cem anos. Uma praga que devasta um continente. Uma rivalidade que pode destruir tudo.

Na Inglaterra do século XIV, quatro crianças se esgueiram da multidão que sai da catedral de Kingsbridge e vão para a floresta. Lá, elas presenciam a morte de dois homens. Já adultas, suas vidas se unem numa trama feita de determinação, desejo, cobiça e retaliação. Elas verão a prosperidade e a fome, a peste e a guerra. Apesar disso, viverão sempre à sombra do inexplicável assassinato ocorrido naquele dia fatídico.

Ken Follett encantou milhões de leitores com *Os pilares da Terra*, um épico magistral e envolvente com drama, guerra, paixão e conflitos familiares sobre a construção de uma catedral na Idade Média.

Agora *Mundo sem fim* leva o leitor à Kingsbridge de dois séculos depois, quando homens, mulheres e crianças da cidade mais uma vez se digladiam com mudanças devastadoras no rumo da História.



QUEDA DE GIGANTES

Cinco famílias, cinco países e cinco destinos marcados por um período dramático da história. *Queda de gigantes*, o primeiro volume da trilogia “O Século”, do consagrado Ken Follett, começa no despertar do século XX, quando ventos de mudança ameaçam o frágil equilíbrio de forças existente – as potências da Europa estão prestes a entrar em guerra, os trabalhadores não aguentam mais ser explorados pela aristocracia e as mulheres clamam por seus direitos.

De maneira brilhante, Follett constrói sua trama entrelaçando as vidas de personagens fictícios e reais, como o rei Jorge V, o Kaiser Guilherme, o presidente Woodrow Wilson, o parlamentar Winston Churchill e os revolucionários Lênin e Trótski. O resultado é uma envolvente lição de história, contada da perspectiva das pessoas comuns, que lutaram nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, ajudaram a fazer a Revolução Russa e tornaram real o sonho do sufrágio feminino.

Ao descrever a saga de famílias de diferentes origens – uma inglesa, uma galesa, uma russa, uma americana e uma alemã –, o autor apresenta os fatos sob

os mais diversos pontos de vista. Na Grã-Bretanha, o destino dos Williams, uma família de mineradores de Gales do Sul, acaba irremediavelmente ligado por amor e ódio ao dos aristocráticos Fitzherberts, proprietários da mina de carvão onde Billy Williams vai trabalhar aos 13 anos e donos da bela mansão em que sua irmã, Ethel, é governanta.

Na Rússia, dois irmãos órfãos, Grigori e Lev Peshkov, seguem rumos opostos em busca de um futuro melhor. Um deles vai atrás do sonho americano e o outro se junta à revolução bolchevique. A guerra interfere na vida de todos. O alemão Walter von Ulrich tem que se separar de seu amor, lady Maud, e ainda lutar contra o irmão dela, o conde Fitz. Nem mesmo o americano Gus Dewar, o assessor do presidente Wilson que sempre trabalhou pela paz, escapa dos horrores da frente de batalha.

Enquanto a ação se desloca entre Londres, São Petersburgo, Washington, Paris e Berlim, *Queda de gigantes* retrata um mundo em rápida transformação, que nunca mais será o mesmo. O século XX está apenas começando.



INVERNO DO MUNDO

Depois do sucesso de *Queda de gigantes*, Ken Follett dá sequência à trilogia histórica “O Século” com um magnífico épico sobre o heroísmo da Segunda Guerra Mundial e o despertar da era nuclear.

Inverno do mundo retoma a história do ponto exato em que termina o primeiro livro. As cinco famílias – americana, alemã, russa, inglesa e galesa – que tiveram seus destinos entrelaçados no alvorecer do século XX embarcam agora no turbilhão social, político e econômico que começa com a ascensão do Terceiro Reich. A nova geração terá de enfrentar o drama da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial, culminando com a explosão das bombas atômicas.

A vida de Carla von Ulrich, filha de pai alemão e mãe inglesa, sofre uma reviravolta com a subida dos nazistas ao poder, o que a leva a cometer um ato de extrema coragem. Woody e Chuck Dewar, dois irmãos americanos cada qual com seu segredo, seguem caminhos distintos que levam a eventos decisivos – um em Washington, o outro nas selvas sangrentas do Pacífico.

Em meio ao horror da Guerra Civil Espanhola, o universitário inglês Lloyd

Williams descobre que tanto o comunismo quanto o fascismo têm de ser combatidos com o mesmo fervor. A jovem e ambiciosa americana Daisy Peshkov só se preocupa com status e popularidade até a guerra transformar sua vida mais de uma vez. Enquanto isso, na URSS, seu primo Volodya consegue um cargo na inteligência do Exército Vermelho que irá afetar não apenas o conflito em curso, como também o que está por vir.

Como em toda obra de Ken Follett, o contexto histórico pesquisado com minúcia é costurado de forma brilhante à trama, povoada por personagens que esbanjam nuance e emoção. Com grande paixão e mão de mestre, o autor nos conduz a um mundo que pensávamos conhecer e que a partir de agora não parecerá mais o mesmo.



ETERNIDADE POR UM FIO

Durante toda a trilogia “O Século”, Ken Follett narrou a saga de cinco famílias – americana, alemã, russa, inglesa e galesa. Neste livro que encerra a série, o destino de seus personagens é selado pelas decisões dos governos, que deixam o mundo à beira do abismo durante a Guerra Fria.

Esta inesquecível história de paixão e conflitos acontece numa das épocas mais tumultuadas da história: a enorme turbulência social, política e econômica entre as décadas de 1960 e 1980, com o Muro de Berlim, assassinatos, movimentos políticos de massa, a crise dos mísseis de Cuba, escândalos presidenciais e... rock 'n' roll!

Na Alemanha Oriental, a professora Rebecca Hoffmann descobre que durante anos foi espionada pela polícia secreta e comete um ato impulsivo que afetará para sempre a vida de sua família, principalmente a de seu irmão Walli, que anseia atravessar o muro e fazer carreira como músico no Ocidente.

Nos Estados Unidos, o jovem advogado George Jakes, filho de um casal mestiço, abre mão de uma carreira promissora para trabalhar no Departamento de Justiça do governo Kennedy e acaba se vendo no turbilhão pela luta em prol

dos Direitos Civis.

Na Rússia, Dimka Dvorkin, jovem assessor de Nikita Krushev, torna-se um agente primordial no Kremlin, enquanto os atos subversivos de sua irmã gêmea, Tanya, a levarão de Moscou para Cuba, Praga, Varsóvia – e para a História.

Do extremo sul dos Estados Unidos à vastidão da Sibéria, da isolada Cuba ao ritmo das ruas da Londres dos anos 1960, *Eternidade por um fio* encerra com maestria a história de pessoas que acreditaram em seus sonhos e, assim, mudaram o mundo.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

[Créditos](#)

[Elenco de personagens](#)

[Prólogo](#)

[PARTE UM](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[PARTE DOIS](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[PARTE TRÊS](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[PARTE QUATRO](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[PARTE CINCO](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Quem é real?](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos do autor](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)